XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

UFRGS **PORTO ALEGRE**

Caderno de Resumos

abralic

ST: "LER/ESCREVER O SÉCULO XXI: A NOVÍSSIMA FICÇÃO PORTUGUESA"

Coordenação: Gabriela Silva e Jorge Vicente Valentim

Resumo: Este ST propõe um espaço de discussão sobre a produção literária portuguesa, surgida e publicada a partir dos anos 2000, ou seja, contextualizada no século XXI. Considerando alguns fatores históricos, políticos e sociais de Portugal, como o momento pós-Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974), a deflagração da liberdade de pensamento e expressão artística, os cenários advindos dessas décadas posteriores ao evento demarcador da redemocratização, a crise econômica diante da instituição da troika nas primeiras décadas de 2000 e os novos desafios impostos pelo recente cenário de pandemia e seus efeitos colaterais, importa-nos refletir de que maneira essa produção ficcional vem demandando necessidades éticas, sem abrir mão de um projeto estético efetivo, ainda que multíplice na sua consecução, em que temas, tais como os vários tipos de violência, o medo diante de ameaças terroristas, os direitos humanos e as reivindicações sociais, o consumismo exacerbado no contexto neoliberal, os êxodos migratórios para os territórios europeus, dentre outros, acabam se constituindo uma gama exponencial para refletir e discutir sobre o próprio tempo presente. Se, como propõe Agamben, a contemporaneidade pode ser entendida como "uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias" (AGAMBEN, 2010, p. 59), interessa-nos pensar como a ficção portuguesa contemporânea escreve o século XXI e como este tempo pode ser lido por nós a partir das propostas artísticas do(a)s autore(a)s, seja num movimento de aproximação, seja no de um anacronismo, propiciando uma espécie de afastamento proposital para conseguir estabelecer uma relação analítica e crítica. Nesse sentido, aplicado à literatura portuguesa, o conceito em questão remete ao momento crucial e demarcador da saída de Portugal de uma ditadura de mais de 40 anos e da consequente entrada no caminho de um Estado democrático de direito: a Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974. As mais variadas fontes da fortuna crítica portuguesa apontam exatamente esse momento como um dos eixos temporais paradigmáticos (BARRENTO, 2016; REIS, 2005; SEIXO, 2001). Tal como esclarece João Barrento (2016), o elenco de escritore(a)s surgido(a)s nesse cenário revela já uma multiplicidade de tendências, demonstrando per se a possibilidade de um livre trânsito por diferentes caminhos de consecução na estética romanesca, além de uma demarcação dos seus principais enfoques temáticos. Ainda que tal designação, muitas vezes, dirija-se para toda essa geração centrada no período 1974-2000, a ideia do simpósio é direcionar os estudos sobre ficção portuguesa a partir dos anos 2000, sublinhando, portanto, a sua distinção pluridimensional, em que determinados projetos estéticos não excluem ou obliteram certos posicionamentos éticos em relação aos desafios e às complexidades do nosso tempo. Nesse sentido, a

expressão talhada por Gabriela Silva (2016) – "a novíssima literatura portuguesa" – surge, aqui, retomada, com um direcionamento mais específico, a partir de um recorte temporal pontual, afinal, importa-nos pensar como essas novas e "diferentes identidades de escrita" (SILVA, 2016, p. 6) propiciam caminhos para escrever e ler o século XXI. Voltado, portanto, para as obras nascidas e publicadas a partir dos anos 2000, o presente ST abriga propostas de comunicação que abordem escritore(a)s portuguese(a)s enquadrado(a)s nesse contexto, seja numa perspectiva mais individualizada, seja numa ênfase comparativista com outros títulos de outros sistemas literários. Se, como aponta Isabel Cristina Rodrigues (2014), a atual ficção portuguesa caminha entre a tradição e a inovação, então, não será possível pensar as formas como o(a)s escritore(a)s portuguese(a)s dessa novíssima geração consolidam uma literatura em que estética, política e resistência constituem palavras-chave para o seu enquadramento e compreensão? Ao escreverem (n)o século XXI, não estarão ele(a)s propondo formas de ler o nosso tempo, o nosso presente?

Ou seja, os desafios éticos emergidos neste contexto, observados nas principais linhas de interesse do(a)s autore(a)s portuguese(a)s mais recentes não parecem estar distanciados de uma práxis estética, cujas consecuções primam pela multiplicidade em suas realizações concretas. Não será isto uma forma bem conseguida de criar uma espécie de unidade na capacidade e na potencialidade dessa ficção em se consolidar pela diversidade? Neste caminho de leitura, Miguel Real (2012) aposta numa incidência sobre o "cosmopolitismo", enquanto instrumento de criação estética em que as paisagens, as personagens, as ações e os temas não são mais exclusivamente direcionados ao locus português, mas ampliam o horizonte para outros universos. Também Jorge Vicente Valentim (2024) caminha por esta via ao propor uma "prateleira hipotética", baseado na metáfora proposta por Ítalo Calvino (2009), "do século XXI português, em que o convívio entre diferenças, disparidades e discordâncias torna-se uma mais-valia enriquecedora" (VALENTIM, 2024, p. 48). Não podemos deixar, ainda, de sublinhar que toda esta produção da atual ficção portuguesa vem ganhando um significativo espaço e um visível destaque no mercado editorial brasileiro, graças à potencialidade de seu(a)s autore(a)s. Logo, a presente proposta se adequa perfeitamente ao eixo central do XX Congresso Internacional da ABRAPLIP, nos seus 40 anos de existência: "comparatismos, permanências e renovações".

"ALGUM DELEITE, ALGUM DESCANSO": A REESCRITA FEMININA DO IMAGINÁRIO INSULAR PORTUGUÊS EM APNEIA, DE TÂNIA GANHO

Adriana Gonçalves da Silva

Resumo: O romance Apneia (2020), de Tânia Ganho, constrói uma narrativa marcada por diferentes formas de violência de gênero que atravessam a experiência da protagonista Adriana durante o processo de separação conjugal e a disputa pela guarda do filho. Em meio a esse contexto de asfixia física e simbólica, a ilha das Berlengas emerge como um espaço de suspensão do conflito, configurando-se como lugar de refúgio, resistência, além de recomposição e reencontro de si. Este trabalho propõe uma leitura do espaço insular a partir do diálogo estabelecido com a tradição literária portuguesa, particularmente com a Ilha dos Amores d'Os Lusíadas, de Luís de Camões. Partindo dos estudos do imaginário, busca-se demonstrar que a ilha em Apneia realiza uma reescrita contemporânea de um dos mais significativos topoi da cultura portuguesa. Se, na epopeia camoniana, a Ilha dos Amores constitui a recompensa destinada aos navegadores após a travessia marítima e a celebração da empresa expansionista, no romance de Tânia Ganho esse espaço é ressignificado como refúgio para o feminino submetido a sucessivas formas de violência. Ao reinscrever o imaginário insular português sob a perspectiva de uma protagonista feminina, Apneia promove uma rasura crítica de discursos historicamente vinculados ao colonialismo e à centralidade masculina, reatualizando o motivo da ilha na economia simbólica do romance.

CONTAR UMA VIDA, ESCREVER A HISTÓRIA: FRONTEIRAS BORRADAS ENTRE O REAL E O FICCIONAL

Bianca Rosina Mattia

Resumo: Entre História e ficção, talvez já se possa dizer da sua intrínseca condição de existência: não há uma sem a outra, pelo menos se consideramos que há um compromisso tanto de historiadoras/es quanto de escritoras/es nos seus respectivos ofícios direcionados sobretudo a indivíduos sociais que são as suas leitoras e os seus leitores. No entanto, ao considerarmos a História como o relato dos acontecimentos, das mudanças, das acumulações que tecem o devir das sociedades, também consideramos que, no caso das mulheres, da sua História, o "silêncio mais profundo é o do relato", nas palavras de Michelle Perrot. Nesse sentido, no âmbito do discurso ficcional, a linguagem não se reduz a um relato de fontes, daí a sua riqueza de detalhes, de sentimentos, de fissuras que o discurso oficial da História não se permitiu explorar. É muito mais neste lugar das infinitas possibilidades, que é o da ficção, que por vezes as fronteiras entre o real e o ficcional são rasuradas. Assim, um novo relato, uma nova história, também pode ser, em certa medida, impulsionado por novas perspectivas literárias diante da História já escrita. É essa uma possibilidade de leitura para o romance A boneca despida, de Paulo M. Morais (2023) e que, nesta proposta de comunicação, será posta em diálogo com "A desobediente: biografia de Maria Teresa Horta", escrita por Patrícia Reis (2024). Intenta-se, nessa discussão, trazer à tona questões em torno da escrita da História das

mulheres em Portugal e de que modo, nas suas construções e classificações textuais, na temática que abordam – a vida de mulheres – essas duas obras favorecem criticamente o enriquecimento de uma leitura da própria história do país.

AS POEIRAS DA EXAUSTÃO: VISIBILIDADE, RUÍNA E EXCESSO EM A CHUVA QUE LANÇA A AREIA DO SAARA, DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO

Gabriela Silva

Resumo: O romance A chuva que lança a areia do Saara, de Ana Margarida de Carvalho, constrói uma narrativa marcada pela degradação física e simbólica dos sujeitos, compondo um universo alegórico atravessado pela violência, pelo abandono e pelo esgotamento humano. Esta comunicação propõe analisar de que modo a obra representa a exaustão contemporânea por meio de uma escrita imagética e brutal, articulando literatura e crítica social. Para isso, o trabalho dialoga com Ítalo Calvino, especialmente com a proposta da "visibilidade", presente em Seis propostas para o próximo milênio. Para Calvino, a literatura preserva a capacidade de criar imagens mentais significativas diante da saturação visual contemporânea. Em Ana Margarida de Carvalho, as imagens da poeira, da aridez e dos corpos deformados funcionam como dispositivos críticos que revelam as fissuras da experiência contemporânea alinhando-se à novíssima ficção portuguesa. A análise também se aproxima das reflexões de Byung-Chul Han em Sociedade do cansaço, sobretudo no que diz respeito à lógica do esgotamento subjetivo e da violência internalizada. As personagens do romance parecem viver num estado permanente de sobrevivência, em que o sofrimento deixa de ser exceção para tornar-se condição cotidiana. A precarização dos corpos e das relações evidencia, assim, uma sociedade marcada pelo excesso, pela fadiga e pela perda de sentido. Desse modo, busca-se compreender como o romance transforma a ruína e o desgaste humano em potência estética, utilizando a visibilidade literária como forma de reflexão crítica sobre o cansaço e a vulnerabilidade do presente.

ESCREVER A MULHER NO SÉCULO XXI: VIOLÊNCIA E NÃO-VIOLÊNCIA EM A MULHER POR DETRÁS DA PAREDE, DE FILIPA FONSECA SILVA

Jorge Vicente Valentim

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo tecer algumas reflexões em torno do mais recente romance da escritora portuguesa Filipa Fonseca Silva, A mulher por detrás da parede (2026). A partir dos conceitos de violência – sobretudo, sobre as mulheres – (Akrich, 2023; Butler, 2023; Sontag, 2024) e não-violência (Butler, 2021), pretendemos discutir como as questões relacionadas aos discursos e aos

gestos concretizados de violência emergem na trajetória da protagonista do romance em foco. Encarcerada numa parede, sempre que a esposa de Artur surge em cena, Estefânia revela-se uma personagem marcada sob o signo da atitude enclausuradora do amante. Apesar do sentimento nutrido pela protagonista em relação ao homem casado, afinal, ela própria parece assumir o papel de amante consentida, a reação dominadora de Artur torna incompatível qualquer sentido de amorosidade e/ou empatia entre os dois. Na verdade, a ideia central da trama romanesca baseia-se na exposição de uma dicotomia. De um lado, o peso da tradição e do patriarcado sobre uma mulher que não consegue encontrar forças para reagir. De outro, a potencialidade e a força da não-violência, como estratégia de resistência para sair de uma situação precária, subjugadora e humilhante. Tal recurso de criação parece-me uma estratégia bem conseguida da escritora portuguesa, na medida em que, partindo de um caso pontual, permite pensar as maneiras como o século XXI, com todas as facilidades que a globalização oferece aos seus indivíduos, ainda permanece numa espécie de limbo dominador, em que os sujeitos femininos, independentemente dos seus espaços de origem e pertença, precisam ultrapassar e vencer barreiras intransponíveis.

REFLEXÕES SOBRE O MODO DE PRODUÇÃO ECONÔMICO E POLÍTICO: UMA LEITURA DOS ROMANCES O ANO DE 2012, DE PAULO VARELA GOMES; E O ÍNDICE MÉDIO DE FELICIDADE, DE DAVID MACHADO

José Luís Giovanoni Fornos

Resumo: A presente comunicação analisa os romances O verão de 2012 (2013) e Índice médio de felicidade (2011), respectivamente dos escritores Paulo Varela Gomes e David Machado, considerando o papel da economia política e seus efeitos ideológicos na ficção. Assim, para investigação dos textos selecionados, discorre-se inicialmente sobre o presente estágio da estrutura produtiva a partir da configuração do Estado-Nação e a chamada globalização. A apresentação estrutura-se em dois momentos. O primeiro traz a temática da globalização utilizando-se das reflexões Fredric Jameson, Pierre Bourdieu, Octávio Ianni, Gopal Balakrishnam, entre outros. De acordo com Gopal Balakrishnam , a transnacionalização das forças produtivas que o capitalismo vem agora acionando, é historicamente sem precedentes. Os impulsos principais do atual estágio do sistema econômico parecem minar as bases de uma luta de classes bem sucedida nas sociedades industriais avançadas. Para Gopal, ao contrário das derrotas passadas, é difícil prever em que condições as classes trabalhadoras tornarão a ascender mais fortes, mais firmes e mais poderosas. Desta forma, a expansão vertiginosa em escala global dos mecanismos de produção, distribuição e consumo, proporcionados pela intervenção técnica e política do capital, tem condicionado ações, diminuindo, segundo alguns, a capacidade de luta dos trabalhadores. No

segundo momento, examina os romances de Paulo Varela Gomes e David Machado, extraindo passagens em que os autores, através das singularidades dos narradores e personagens, abordam a crise econômica em Portugal e os efeitos das políticas neoliberais postas em execução pelo Estado português.

ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS EM O QUARTO DO BEBÉ, DE ANABELA MOTA RIBEIRO.

Maria Jodailma Leite e Sandra de Melo Silva

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre o potencial da literatura contemporânea a partir da análise da obra O quarto do bebé (2023), de Anabela Mota Ribeiro. Inserido no contexto da Novíssima ficção portuguesa, o romance apresenta diversos aspectos que têm suscitado reflexões na crítica literária contemporânea. A narrativa acompanha a filha de um psicanalista que, após a morte do pai, encontra entre seus pertences o diário de uma paciente. A partir desse achado, o leitor tem acesso aos pensamentos mais íntimos de Ester, personagem que se expõe sem reservas, revelando dores e incertezas, em um percurso marcado por movimentos simultâneos de aceitação e resistência. Estruturada em uma temporalidade fragmentada, ambientada durante a pandemia de Covid-19, a obra retrata um período permeado por inseguranças, no qual o lar, converte-se em espaço de confinamento. Tal condição torna-se ainda mais significativa para a protagonista, integrante do grupo de risco por enfrentar um câncer de mama. Ao aproximar elementos da trajetória da personagem à experiência vivida pela própria autora, que também enfrentou a doença, a narrativa sugere a construção de um pacto autoficcional. Além disso, a autora rompe convenções narrativas ao expor o próprio processo de escrita por meio de reformulações e reflexões acerca das escolhas linguísticas, conduzindo a narrativa por caminhos metaficcionais. A obra também é atravessada por digressões filosóficas sobre a feminilidade, nas quais o corpo e sua materialidade tornam-se espaços de reflexão. A pesquisa possui caráter bibliográfico e fundamenta-se na análise da obra, articulada aos aportes teóricos de Perrone-Moisés, Hutcheon, Klinger, Gabriela Silva, Valentim, Beauvoir, Louro e Butler. A leitura do romance favorece reflexões sobre identidade, memória e pertencimento, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade estética, da criticidade e para a ampliação das possibilidades de compreensão do mundo contemporâneo.

DA AFETIVIDADE ENTRE HOMENS EM CARTAS REENCONTRADAS DE FERNANDO PESSOA A MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO (2016), DE PEDRO EIRAS

Maurício Dutra Félix

Resumo: Que Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro tiveram, em vida, uma relação de proximidade, não é nenhuma novidade para os estudos literários; as cartas deste último para aquele já evidenciam tal vínculo. Poetas que produziram no período que, posteriormente, ficou denominado de Modernismo português, Pessoa e Sá-Carneiro foram os idealizadores de Orpheu, juntamente com Almada Negreiros, revista que contou apenas com duas edições. Suas expressões artísticas giravam em torno de uma poética do sensacionismo, ou seja, que privilegiava o uso das sensações, como é possível perceber nos poemas de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, heterônimos pessoanos. O acesso às cartas de Mário de Sá-Carneiro cria uma mística que, até o momento, não foi solucionado: onde estão as correspondências de Fernando Pessoa ao amigo? Apenas cinco dessas cartas foram encontradas e estão publicadas juntamente com as de Sá-Carneiro. Com essa lacuna na história, Pedro Eiras, em 2016, lança uma obra sob o título Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa a Mário de Sá-Carneiro, pela editora Assírio & Alvim, onde, ficcionalmente, são criadas as cartas que respondem (ou questionam) àquelas já publicadas. Portanto, o presente trabalho se utilizará unicamente das correspondências "encontradas" pelo narrador não-identificado de Pedro Eiras, para analisar a relação afetiva entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, criaturas, neste caso, ficcionais. É através da arte poética que as personagens vão desenvolver o que Eve Kosofsky Sedgwick (1985) vai denominar de homossociabilidade. Entretanto, neste caso, acredito que a relação ultrapassa o conceito de sociabilidade e se torne um caso de afetividade; ou melhor, de homoafetividade.

O NOVÍSSIMO ROMANCE PORTUGUÊS: MANCHA GRÁFICA E RITMO NARRATIVO NA OBRA DE VALÉRIO ROMÃO

Nelson Eliezer Ferreira Júnior

Resumo: Esta pesquisa investiga a produção romanesca de Valério Romão, autor da nova geração portuguesa, traçando relações entre a materialidade textual e seus efeitos para o ritmo narrativo. O foco da análise reside na configuração da mancha gráfica, na qual o uso de recursos tipográficos – uso ou omissão de recuos de linha; uso de maiúsculas ou minúsculas no início de blocos de texto – articulam-se com as temporalidades narrativas, especialmente o uso de resumos, analepses e fluxos de consciência em cada obra. Para tanto, o suporte teórico fundamenta-se, primordialmente, nos estudos de Escourido (2018; 2024) sobre a importância expressiva da tipografia na literatura portuguesa contemporânea; nos códigos bibliográficos de McGann (1991); na leitura crítica de Passos (2015) acerca da experiência sensorial na obra de Romão; e nas reflexões de Ricoeur (2010) sobre o tempo na narrativa. A pesquisa debruça-se sobre o corpus composto pelas obras Autismo (2012), O da Joana (2013), Cair para dentro (2018) e O

Desfufador (2025). A metodologia compreendeu o adensamento teórico inicial, seguido do exame imanente e comparativo das obras, culminando no mapeamento de categorias interpretativas relevantes para a compreensão das obras do autor. Os resultados confirmam a funcionalidade de dispositivos visuais como vetores de cadência narrativa na obra de Romão, apontando para a importância de novas pesquisas nesse campo, a fim de uma compreensão mais ampla desse aspecto no âmbito do romance português contemporâneo.

A INFOCRACIA E A LÓGICA DO MERCADO EM ECOLOGIA, DE JOANA BÉRTHOLO

Penélope Eiko Aragaki Salles

Resumo: Este trabalho propõe uma análise do romance "Ecologia" (2018), da escritora portuguesa Joana Bértholo, a partir das discussões sobre neoliberalismo, infocracia e mercantilização da vida contemporânea. Inserida no contexto da chamada "novíssima ficção portuguesa", a obra articula experimentação estética e crítica social ao imaginar uma sociedade em que a linguagem foi privatizada e transformada em mercadoria. No enredo, megacorporações implementam o "Plano de Revalorização da Linguagem", sistema que quantifica e taxa cada palavra pronunciada, submetendo a comunicação humana à lógica do mercado. Partindo das reflexões de Byung-Chul Han, Noam Chomsky e Zygmunt Bauman, o estudo investiga como o romance representa mecanismos contemporâneos de controle informacional e vigilância digital. A análise evidencia que, diferentemente das distopias clássicas centradas no autoritarismo estatal, "Ecologia" desloca o poder para as grandes corporações, revelando formas de dominação sutis, legitimadas pelo consumo, pela tecnologia e pela manipulação do medo. Nesse contexto, a liberdade individual transforma-se em instrumento de controle, enquanto os sujeitos passam a colaborar ativamente com sua própria submissão. Além da dimensão temática, o romance destaca-se pela multiplicidade de formas narrativas (cartas, notícias, e-mails, códigos de programação e referências multimídia) que aproximam a obra das discussões estéticas da ficção portuguesa do século XXI. Assim, pretende-se demonstrar como "Ecologia" articula crítica política e inovação formal para problematizar os impactos do neoliberalismo sobre a linguagem, a subjetividade e as relações sociais, propondo uma reflexão crítica sobre os limites éticos da sociedade contemporânea.

DEBAIXO DA NOSSA PELE: MEMÓRIA, SOCIOBIOGRAFIA E COLONIALIDADE NO ROMANCE DE JOAQUIM ARENA

Rafaella Teotônio

Resumo: Esta comunicação busca articular os conceitos de memória (Halbwachs, 2013; Pollak, 1992) e pós-memória (Hirsch, 2012; Sarlo, 2007) ao de sociobiografia (Eribon, 2025), no intuito de analisar o romance Debaixo da nossa pele: uma viagem, do escritor luso-caboverdiano, Joaquim Arena, enquanto uma memória sociobiográfica. A obra de Arena, publicada no Brasil em 2025, pretende refletir sobre a história apagada dos africanos escravizados que viveram em Portugal durante o período do tráfico transatlântico, deixando marcas identitárias e sociais na cidade de Alcácer do Sal, na região do Alentejo. Fato ainda investigado por historiadores, a presença negra em Portugal revela o apagamento diante da história de africanos e seus descendentes, demonstrando o racismo em torno desses sujeitos que, atualmente, constituem um fluxo migratório potente no país. No romance-ensaio em questão, o escritor Joaquim Arena, em uma espécie de narrativa autoficcional, faz uma viagem pelo Alentejo em busca dos seus antepassados, na tentativa de reescrever a história dos africanos no país lusitano. A memória elaborada por essa narrativa, aciona elementos da própria vida do escritor e da vida de outros descendentes de africanos, construindo a ideia de uma memória sociobiográfica, que se constrói em torno de uma análise, a partir da memória individual, da sociedade, da história e dos elementos que moldam um "eu". É também pela pós-memória, enquanto uma memória herdada, que o livro de Arena discute sobre identidade e pertença, tendo como intuito problematizar a questão da presença negra em Portugal e na Europa. Busca-se, portanto, examinar a estratégia da primeira pessoa no romance, enquanto uma articulação da memória de si para uma memória coletiva capaz de reescrever a história dos descendentes de africanos em Portugal, além de discutir acerca do racismo e da colonialidade (Mignolo, 2017).

"ESTA CASA É COMO A POEIRA MALDITA NO OLHO": DEMOLIR O ESPAÇO VIVIDO À LUZ DA MODERNIDADE - UMA LEITURA DE A AUTOESTRADA, DE STEPHEN KING E ESCAVADORAS, DE MARTA PAIS OLIVEIRA

Renan Henrique Messias de Paulo

Resumo: Este trabalho tem como objetivo promover uma leitura comparativa entre as obras A autoestrada, de Stephen King, publicado em 1981 mas que conheceu edição brasileira apenas em 2009 e Escavadoras (2021), de Marta Pais Oliveira, analisando de que forma ambas representam os impactos do progresso urbano sobre a memória, a identidade e o espaço vivido. A construção de autoestradas emerge no espaço em que a técnica e a burocracia invadem o ambiente privado e rompem os vínculos das personagens protagonistas com os lugares que habitam. Tanto Barton Dawes quanto Petrúcio resistem à destruição das suas casas porque estas preservam memórias familiares e representam espaços de pertencimento e reprodução do modo de vida. Observa-se, ainda, que ambos romances descrevem as

máquinas de construção de forma monstruosa e predatória, reforçando a ideia de um progresso desumanizado que apaga histórias individuais em nome da utilidade pública. É frutífera a análise comparativa pois permite a leitura do mundo contemporâneo pela arte sendo que, enquanto o autor norte-americano opta pela violência em detrimento de suas perdas, Marta Pais Oliveira tece uma narrativa marcadamente lírica e fragmentada, que elege, em determinados momentos, a subjetividade e, de certa maneira, uma resistência passiva e interna. A perda, no romance português contemporâneo, atua como perda ancestral a partir da desintegração da unidade familiar, já em Stephen King a perda é a biográfica e urbana. Para tal efeito, recorre-se à fundamentação teórica que dialoga sobe a produção do espaço urbano, a globalização e sobre a erosão dos vínculos humanos na contemporaneidade, a fim de uma possível elaboração de leitura de Escavadoras no que tange a Novíssima Ficção Portuguesa (Valentim, 2024). Dessa forma, são alicerce deste trabalho Yi-Fu Tuan (1983), Milton Santos (2001), Aleida Asmann (2011), Miguel Real (2012), Henri Lefebvre (2013), Gabriela Silva (2016) e Byung Chul-Han (2022).

ST: "LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/DA AMAZÔNIA: COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES"

Coordenação: Roberto Mibielli, Fernando Simplício dos Santos, Fábio Almeida de Carvalho

Resumo: Este simpósio Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, tem se repetido ao longo dos últimos 17 anos de Abralic, dele, muita discussão produtiva, quatro livros e vários artigos nos anais do evento resultaram. O primeiro livro, Nós da Amazônia: Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, foi lançado em 2014. O segundo, Traços e Laços da Amazônia, foi lançado também pela Letra capital em 2016, o terceiro, homônimo ao simpósio, em formato digital, organizado a partir das discussões tanto de 2016 quanto de 2017, foi publicado em 2018. A cada ano temos visto crescer a quantidade de trabalhos sobre a região, ao mesmo tempo em que vemos também crescer a ignorância popular sobre ela. É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído transdisciplinarmente. A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. Tanto é que muitas pessoas que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais – e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo – não percebem que esta diversidade abrange as culturas urbanas. Não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar. A imagem que prevalece, via de regra, é a de um "lugar periférico", subdesenvolvido ao extremo ("primitivo", para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que

há grande diversidade de culturas indígenas e pouca intelligentzia. No Brasil, em especial, este imaginário (a que chamaremos senso comum) construiu e mantém a equivocada ideia de que além de una, enquanto região, a Amazônia é brasileira. Este fenômeno é mais visível quando observamos os spans e fakenews que circulam na internet e que alimentam, à custa de mentes menos esclarecidas, a paranoia de que querem tomar-nos a Amazônia e internacionalizá-la. Mas além de abranger vastas áreas urbanas, como Belém e Manaus (ambas com população acima de um milhão de habitantes cada), a Amazônia já é internacional. Basta verificar a existência das outras amazônias fronteiriças: a venezuelana, a boliviana, a colombiana, a peruana, a equatoriana, as guianenses, a surinamenha, além da brasileira. O simpósio que propomos não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la, pô-la em discussão. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigarmos trabalhos de temática Amazônica, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/áreas do conhecimento/pesquisadores. Nesse sentido, este simpósio objetiva a discussão acerca dos limites, das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas do Comparatismo Literário, da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins, buscando a transdisciplinarização), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão delas frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas, das migrações e a construção diaspórica que se apresenta nesses contextos, bem como, da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo. Nosso simpósio pretende privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de narrativas ancestrais, artes verbais, contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica, de sua circulação, tramas e sentidos. Visa-se, deste modo, a compreensão das representações do ser amazônida, quer no habitat, quer longe dele, em seus anseios locais/universais, seja através da leitura das diversas relações de confronto entre a textualidade amazônica e a produção cultural na América Latina, do levantamento crítico da(s) identidade(s) plasmada(s) na produção literária da Região ou dos textos teóricos oriundos das diversas áreas do conhecimento postas em diálogo transdisciplinar. Neste sentido,

reunir-se-ão, na coordenação geral do simpósio, professores pesquisadores das IFES de Roraima e de Rondônia, assim como, vêm se somando a esses, nos últimos dezessete anos de reuniões nacionais e internacionais da ABRALIC, pesquisadores dos demais estados amazônicos, bem como de outras paragens, interessados em temas e textos literários oriundos desta, ou sobre a Região.

O CÍRIO DE NAZARÉ EM BELÉM DO GRÃO PARÁ, DE DALCÍDIO JURANDIR: MOMENTOS DECISIVOS

Alinnie Oliveira Andrade Santos

Resumo: O Círio de Nazaré, celebração católica realizada todos os anos no mês de outubro na cidade de Belém, constitui uma das maiores manifestações religiosas do Brasil. Além disso, a festividade é reconhecida como um importante patrimônio histórico e cultural, ocupando um lugar central na formação da identidade dos sujeitos que moram na Amazônia Paraense. No romance Belém do Grão-Pará (1960), o quarto do Ciclo do Extremo Norte de autoria do autor marajoara Dalcídio Jurandir (1909-1979), a mencionada celebração compõe o cenário dos momentos finais da narrativa, nos quais não apenas o personagem central – o menino Alfredo –, mas também os demais personagens se veem inteiramente envolvidos nos preparativos do festejo. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo demonstrar de que modo a representação do Círio, ao final do romance, impacta na construção do desfecho, sobretudo, dos personagens secundários Mãe Ciana, seu Lício e Virgílio Alcântara, mostrando, assim, como a referida comemoração religiosa, ao compor o pano de fundo do final de tal narrativa, torna-se fundamental para a representação ficcional da Amazônia paraense, especialmente por se tratar do primeiro romance do escritor Dalcídio Jurandir ambientado na cidade de Belém, onde o espaço urbano passa a ocupar lugar decisivo em sua produção literária.

GEOPOESIA AMAZONIAL E LITERATURA INFANTOJUVENIL: IDENTIDADE MANAUARA EM "AS FRUTAS DO MEU QUINTAL" DE ANA PEIXOTO

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Monique Emanuelle Oliveira de Queiroz

Resumo: Em As frutas do meu quintal (2013), de Ana Peixoto, o quintal constitui um campo de aprendizagem sensível, no qual a experiência doméstica se articula à percepção da natureza, da infância e da territorialidade. Pela geopoesia amazonial, frutas, árvores, cores, formas e sabores organizam uma leitura do mundo em que memória, corpo e ambiente se implicam. Em diálogo com os estudos de Augusto Silva Junior sobre José Santos e Cristino Wapichana, a obra aproxima literatura infantojuvenil, oralidade e

educação ecológica, fazendo do quintal uma raizama: espaço de imaginação, pertencimento e enfronteiramento, onde a criança reconhece a Amazônia como corpo vivo, alimento e palavra. Sob a ótica das teorias de identidade cultural e da geopoesia, nossa análise objetiva apresentar marcas da identidade cultural da Região Norte do Brasil, especificamente do cidadão manauara. A construção geopoética de Ana Peixoto se apropria do pomulário amazônico para discorrer sobre a intimidade entre a criança (protagonista da história) e o espaço geográfico e lúdico de seu quintal – local de interação entre infância e árvores frutíferas plantadas pelos pais. O referencial teórico reporta à teoria da identidade cultural, abordada por Stuart Hall (2003) e Ana Carolina Escosteguy (2001). Os resultados apontam que elementos como "goiaba-araçá", "maracujá do mato" ou a ingazeira de "mari" funcionam como marcadores territoriais da Região Norte localizados no espaço interativo entre a infância e a natureza. Conclui-se que o livro consolida a ideia de que a geopoesia da região amazônica, como um recorte de uma área maior de representação, torna-se um exemplo de identidade cultural a partir do elemento que permeia as características únicas das frutas de Manaus. Esse aspecto interage com a criança em seu quintal, mostrando-o como um território de fácil acesso físico transportado para o imaginário infantojuvenil da literatura.

DISPOSITIVOS INTERCULTURAIS NA ARTE VERBAL INDÍGENA: ESTRUTURAS DE ENCAIXE E ESPELHAMENTO EM PANTON PIA'

Catarina Nogueira Wottrich

Resumo: A pesquisa, inserida no campo da literatura comparada propõe investigar o funcionamento da narrativa-moldura na arte verbal indígena, a partir da análise de duas narrativas da obra Panton Pia', coletadas por Devair Fiorotti na Terra Indígena São Marcos (RR). Parte-se da hipótese de que essas narrativas se organizam por meio de estruturas de encaixe e espelhamento, operando como dispositivos narrativos interculturais nos quais histórias são inseridas e reconfiguradas em relação a contos tradicionais de origem externa. A investigação adota como eixo teórico-metodológico o comparatismo literário, que abarca, entre suas abordagens, o conceito de aclimatação cultural (Jobim, 2020), a noção de "atualização", formulada por Ailton Krenak (2015) e o conceito de transversalidade heterogenética generalizada, proposto por Viveiros de Castro (2015). Longe de apresentarem estrutura linear as narrativas analisadas compõem um complexo de artes indígenas que desestabiliza categorias fixas e opera por variação composicional, redistribuição de elementos e multiplicidade de sentidos. Assim, a narrativa-moldura, observada nessas histórias, constitui um mecanismo estrutural e cosmológico, que articula e reformula repertórios heterogêneos em uma rede narrativa . A metodologia da pesquisa consiste na seleção e análise das narrativas do corpus com foco nas estruturas internas e nos processos de intertextualidade, buscando identificar a presença de micronarrativas, os mecanismos de deslocamento cultural e a função do ato de

narrar como forma de compartilhar saberes e tradições ancestrais. Os resultados indicam a recorrência de estruturas moldura que funcionam como zonas de transição entre diferentes matrizes narrativas, constituindo um sistema de reconfiguração simbólica no qual a tradição é reelaborada em constante trânsito e conflito com outras vozes.

MEMÓRIA, DISSONÂNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO: TERRA DE ICAMIABA (1930), UM ROMANCE ENTRE DOIS MODERNISMOS

Fernando Simplício dos Santos

Resumo: Este trabalho propõe uma análise de Terra de Icamiaba: romance da Amazônia (1930), do escritor Abguar Bastos (1902-1995), com o objetivo de avaliar como o autor foi influenciado por tendências modernistas paulistas, elaborando um livro que, segundo nossas hipóteses, versa sobre a fundação do gênero romanesco no universo amazônico. Nesse sentido, identificamos dissonâncias entre os temas literários abordados por Bastos e o projeto estético defendido pelo Modernismo Brasileiro, em especial, organizado no decorrer da década de 1920. Em Terra de Icamiaba, a fim de privilegiar uma focalização inseparável às expressões culturais amazônicas, há referências a lendas indígenas, tais como: a do Boto, da Mani-Oca, do Curupira, do Urubuquara, da Mãi-Pereira (Marinta Pereira), da Cobra Grande, da Muiraquitã, das Icamiabas, em meio à retomada de canções e termos populares – o que sem dúvida enriquece o universo estético da produção artística de Abguar Bastos, uma vez que traduz a pluralidade discursiva do espaço representado, e tendo em vista que, na obra, essas estórias são narradas de modo distinto por indígenas, caboclos, quilombolas, ribeirinhos, entre outros. Com efeito, esse teor lendário foi incorporado à estrutura do livro de Abguar Bastos, a fim de oferecer-lhe outras dimensões significativas, atreladas à determinada revisão da linguagem e da forma romanesca, almejando também tecer uma interpretação sui generis da Amazônia. Em Terra de Icamiaba, destaca-se a relação entre brasilidade, modernização, etnia em meio à valorização de aspectos da cultura popular, de maneira a tecer referências diretas a questões problematizadas pelos modernistas paulistas, como, por exemplo, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, entre outros. Para a consecução dos nossos objetivos, nossa fundamentação teórica está baseada em textos dos seguintes autores: Silviano Santiago (2006), Ángel Rama (2001), José Luís Jobim (2020), Tomás Eloy Martínez (1996), Ana Pizarro (2012), Neide Gondim (2019) e Paes Loureiro (2019).

PENSAMENTO CONTRACOLONIAL DE NÊGO BISPO COMO ZONA DE FRICÇÃO EPISTEMOLÓGICA: DESLOCAMENTOS PARA A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

Francisco das Chagas Melo dos Santos e Maxswell Brito Oliveira

Resumo: Este trabalho inscreve-se no campo da literatura comparada como zona de fricção epistemológica entre Américas e Áfricas, tomando o pensamento contracolonial de Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) como elaboração que tensiona paradigmas eurocentrados hegemônicos na crítica e na teoria da literatura brasileira contemporânea. A partir de Colonização, quilombos: modos e significações e A terra dá, a terra quer, compreende-se o contracolonial — categoria que Bispo distingue criticamente do vocabulário decolonial andino e chicano, por considerá-lo ainda operante na lógica moderna ocidental — como episteme enraizada em experiências quilombolas e em uma cosmopercepção afropindorâmica que articula terra, corpo, ancestralidade, oralidade e "comunidade dos diversos", em diálogo com textualidades afro-diaspóricas nas Américas. O estudo promove um gesto comparatista de fricção entre esse pensamento situado e perspectivas que, embora críticas ao eurocentrismo, partem de lugares epistêmicos distintos: a colonialidade do poder, em Aníbal Quijano; a desobediência epistêmica, em Walter Mignolo, frente à qual Bispo afirma anterioridade e autonomia epistêmica; o entre-lugar, em Homi K. Bhabha, tensionado pela recusa da hibridização como condição e pela afirmação do território como fundamento ontológico; e as epistemologias do Sul, em Boaventura de Sousa Santos, que oferecem horizonte metodológico para reconhecer saberes silenciados. O trabalho dialoga ainda com Ailton Krenak, cuja concepção da terra como ser vivo converge com a biointeração proposta por Bispo, e com a escrevivência de Conceição Evaristo, que, como o contracolonial, formula categorias críticas a partir de experiências afro-brasileiras concretas. Com base em narrativas afro-brasileiras e indígenas sobre memória, violência colonial e resistência, argumenta-se que categorias como terra/território, biointeração, guerra das denominações e comunidade dos diversos deslocam leituras hegemônicas e valorizam narradores coletivos e mais-que-humanos. Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e teórico-analítica orientada pelas epistemologias do Sul.

A CHUVA IMÓVEL: A LÓGICA INTERNA DO ATEU BÍBLICO

Kátia Priscila Dias Borges

Resumo: Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2022, 56,7% da população do País é católica, seguida por 26,9% de evangélicos. O Brasil é, pois, majoritariamente um país cuja população se declara seguidora do Cristianismo. Apenas 9,3% de sua população se declara "sem religião". Os outros 7% pertencem às religiões afro-brasileiras e espíritas. Os dados mostram ser esse um país essencialmente religioso, muito religioso. Nesse contexto, o propósito desta pesquisa é analisar a lógica interna do romance A Chuva Imóvel de Campos de Carvalho. Os elementos da narrativa parecem confusos e instáveis, assim o trabalho pretende verificar se há um fio condutor que organiza e interliga o romance nas suas três partes: O centauro a cavalo, Girassol, Giralua e Zona de treva. Para responder aos questionamentos, a pesquisa adota a Teopoética, Teoria Literária e a Literatura Comparada em

interlocução com a Bíblia, usada de maneira recorrente e imprevista pelo narrador ao longo de todo o romance. Assim, para analisar a obra, comparar os elementos internos e as referências externas e interpretar a narrativa, o trabalho utiliza os teóricos Ferraz (2008), Frye (2004), Eliade (1992), Miles (2009), entre outros, por meio de pesquisas bibliográficas que proporcionam o aporte científico necessário. Diante disso, uma possível conclusão aponta que apesar da instabilidade dos elementos narrativos, há uma voz que pede por socorro, buscando subsídios para sobreviver ao caos do ser humano contemporâneo.

OLHARES DO VIAJANTE EUCLIDES DA CUNHA SOBRE PAISAGENS BAIANAS E AMAZÔNICAS

Léa Costa Santana Dias

Resumo: Esta comunicação discute sobre as duas viagens mais importantes para a trajetória intelectual de Euclides da Cunha: a primeira, em 1897, aos sertões/desertos baianos; a segunda, de dezembro de 1904 a janeiro de 1906, aos sertões/desertos amazônicos. As experiências da primeira viagem estão registradas no Diário de uma expedição e na Caderneta de campo – fontes primárias de Os sertões. As experiências da segunda viagem estão registradas nos diversos ensaios amazônicos, que seriam utilizados na composição de Um paraíso perdido, livro que o escritor não chegou a concluir. Os termos sertão e deserto são simultaneamente utilizados para designar os dois espaços, pois, conforme o autor, ambos seriam territórios ainda não explorados pela ciência, que os viajantes evitavam e que os cartógrafos excluíam de seus mapas. Nas duas situações, antes da viagem, o autor teve acesso, por meio de leituras, a dados das regiões que visitaria. Assim, ao entrar em contato com o "novo", supunha saber o que ia encontrar e sobre o que teria que falar. Suas "descobertas", entretanto, não se encaixaram na forma pré-estabelecida, e a visão clara e precisa dos fatos foi desestabilizada. Em razão disso, nos escritos euclidianos, percebe-se um observador desnorteado perante o que vê, muitas vezes oscilante entre a fidelidade às suas próprias conclusões e o compromisso de interpretar o "novo" a partir do arsenal teórico de que dispõe. É assim que se configura o narrador euclidiano na tessitura de suas impressões sobre os sertões/desertos baianos e amazônicos. Como fundamentação teórica para a elaboração desta comunicação, são utilizados textos de autores renomados nos estudos euclidianos, como Lourival Holanda Barros, Leopoldo Bernucci, Willi Bolle, Valentim Facioli, Francisco Foot Hardman, Roberto Ventura e José Carlos Barreto de Santana.

ENTRE A REALIDADE E O SÍMBOLO: A AMAZÓNIA LITERÁRIA N' A SELVA DE FERREIRA DE CASTRO

Maria Natália de Sousa Pinheiro Amarante

Resumo: Este artigo analisa o romance A Selva (1930), de Ferreira de Castro, enquanto testemunho literário da experiência migratória portuguesa no Brasil e representação singular da Amazónia como espaço simultaneamente real e simbólico. Partindo da vivência do próprio autor nos seringais amazónicos, a obra constrói um retrato profundo das condições de vida enfrentadas pelos emigrantes, marcadas pela exploração laboral, pelo isolamento geográfico e pela constante luta pela sobrevivência. O estudo destaca a forma como Ferreira de Castro combina a observação direta da realidade amazónica com uma elaborada dimensão simbólica, transformando a floresta num cenário que ultrapassa a sua materialidade e assume significados ligados ao destino humano, à resistência e ao confronto com forças sociais e naturais adversas. Ao mesmo tempo, o romance converte a experiência individual em memória coletiva, dando voz a milhares de trabalhadores anónimos que participaram nos movimentos migratórios entre Portugal e o Brasil. A análise evidencia ainda a centralidade do elemento humano na narrativa, sublinhando a dignidade, a vulnerabilidade e a resiliência das personagens perante situações de extrema adversidade. Desta forma, A Selva afirma-se não apenas como documento histórico e social de grande relevância, mas também como uma reflexão universal sobre a condição humana, a migração e a capacidade de resistência perante a opressão e a exclusão.

RETOMADA E RESISTÊNCIA NA POÉTICA DE SONY FERSECK: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO EM "ALCANÇAR COM AS MÃOS/O ÚTERO DA TERRA"

Priscila Vasques Castro Dantas

Resumo: Esta comunicação pretende discutir as questões da identidade e do pertencimento que se delineiam no poema sem título, iniciado por "Alcançar com as mãos/o útero da terra", de Sony Ferseck, presente na obra Weiyamî: mulheres que fazem sol (2022), observando-se as marcas territoriais, subjetivas e coletivas que alinhavam as enunciações do eu-lírico, cuja voz é de mulher indígena. O norte da leitura é o conceito de "eu-nós" (Dorrico, 2017), em que o sujeito indígena se liga à sua ancestralidade de forma indissociável, de modo que se estabelece, neste sujeito, uma confluência entre o "nós" ancestral, primeira pessoa do plural, presente na cosmovisão dos povos originários, advindo do pertencimento coletivo, e o "eu" subjetivo, primeira pessoa do singular, enunciação deste sujeito, enquanto tal, perante a sociedade. Ancoram, ainda, a discussão os postulados de Graúna (2013), Thiel (2012), Potiguara (2024), Cardoso (2023; 2024) e Dantas (2026) acerca da literatura indígena brasileira. Recorre-se também aos estudos culturais e pós-coloniais a partir de Said (2011) e Hall (2003) para compor a análise. Compreende-se a poesia de Ferseck como retomada, reterritorialização da geografia da cultura, historicamente demarcada pelas vozes brancas, formuladoras de uma "identidade brasileira" excludente e, diante, disso, entende-se

como necessária a discussão desta poética que contrapõe e reposiciona a voz indígena, em movimento de resistência.

A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA AMAZÔNIA NAS OBRAS A EXPEDIÇÃO FAWCETT E O MUNDO PERDIDO

Vitória de Melo Sobrinho

Resumo: A pesquisa investiga como as obras A Expedição Fawcett, de Percy H. Fawcett, e O Mundo Perdido, de Arthur Conan Doyle, participam da construção simbólica da Amazônia. Desde o século XVI, relatos de viajantes, exploradores e cientistas contribuíram para formar um imaginário sobre a região, frequentemente marcada por representações exóticas, misteriosas e aventureiras. Nesse contexto, o estudo busca compreender como essas narrativas produzem "efeitos de verdade" sobre a Amazônia e seus povos, articulando elementos de ciência, ficção e aventura. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na literatura comparada, nos estudos culturais e na análise do discurso. Entre os referenciais teóricos utilizados estão os conceitos de "efeito de verdade", de Michel Foucault, e "autoridade narrativa", discutido por Hayden White e Linda Hutcheon. Também dialoga com os estudos sobre discurso de viagem de Mary Louise Pratt. Os resultados preliminares demonstram que as obras analisadas não apenas descrevem a Amazônia, mas a produzem discursivamente, reforçando imagens de exotização, mistério e alteridade. Observa-se ainda a presença de estratégias narrativas como a mistura entre fato e ficção, a construção de autoridade do narrador e a representação hierarquizada dos povos indígenas. Entende-se, portanto, que essas narrativas contribuíram para consolidar imaginários eurocentrados sobre a região amazônica, cujos efeitos permanecem presentes em representações contemporâneas.

PERSONAGENS INDÍGENAS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS: LEITURAS DE RELATO DE UM CERTO ORIENTE (1989) E RETRATO DE UM CERTO ORIENTE (2024)

Werner Vilaça Batista Borges

Resumo: Este trabalho analisa a presença dos personagens indígenas em Relato de um Certo Oriente (1989), de Milton Hatoum, e em sua adaptação cinematográfica, Retrato de um Certo Oriente (2024), dirigida por Marcelo Gomes, considerando a maneira como tais figuras são representadas dentro do espaço amazônico em sua complexidade cultural, a qual envolve questões como migração, fronteira identitária e saberes. Para isso, parte-se da compreensão de Robert Stam (2008) sobre adaptação cinematográfica que vê o cinema como uma interpretação crítica e intertextual, afastando-se da fidelidade da obra. Nesse sentido, convém observar como o filme reinterpreta a narrativa hatouniana, deslocando e reacentuando a presença dos povos originários. Em ambas as obras, esses personagens não são os

principais, mas revelam sua existência na configuração social da Amazônia. No romance, Anastácia Socorro tem seu lugar à margem na casa de Emilie. Já no filme a protagonista é quem fica por algum tempo na comunidade de sua amiga indígena. Na obra literária, Lobato Naturidade, por meio dos seus remédios naturais, cura pessoas e é ele quem encontra o corpo de Emir no rio, ao passo que, no cinema, cabe a um indígena a cura do irmão de Emilie em meio à floresta Amazônica. A análise desenvolve-se sob a perspectiva comparatista, articulando literatura, cinema e estudos culturais. Fundamentando-nos em Edward Said (2011), discute-se o poder de narrar o outro e as relações de alteridade, uma vez que Hatoum e Gomes não são indígenas. No entanto, importa saber, nessa visão pós-colonial, que posição lhes é concedida. Complementarmente, utiliza-se o conceito pós-moderno de cáritas de Gianni Vattimo (2018), relacionado ao pensiero debole e à secularização, que propõe o enfraquecimento de verdades absolutas e dogmáticas. Diante do exposto, a presença indígena é analisada como um acontecimento intertextual que tensiona fronteiras estéticas e políticas da representação contemporânea.

ST: "SEMPRE ESTIVEMOS AQUI": LITERATURAS E ARTES INDÍGENAS EM DEVIR

Coordenação: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Ana Carolina Cernicchiaro e Romulo Monte Alto

Resumo: Considerando a historicidade dos debates do campo dos estudos comparatistas, um eixo que tem se destacado, sobretudo depois das contribuições dos Estudos Culturais, remete a discussões das identidades de raça e gênero e das desigualdades sociais como indicadoras da pluralidade de literaturas que rompem com modelos universalistas e eurocentrados. Sob os impactos de transnacionalização, mundialização ou globalização do capitalismo, procedimentos de hibridização e transculturação tornam-se comuns, tendo em vista que os textos constituem espaço de diálogo e de conflito intratextual e extratextual e "que cabe aos estudos comparados investigar numa perspectiva sistemática de leitura intertextual" (Carvalhal, 2010, p. 83). O entendimento do que se busca nos textos e do que é texto se amplia para a consideração de outras expressões artísticas e para os sistemas das culturas. No contexto das literaturas latino-americanas, desde Cornejo Polar (2003) se impõe a valorização das heterogeneidades culturais internas a elas, manifestas na presença conflituosa de dois ou mais universos socioculturais, no caso, o erudito, o popular e o indígena. No contexto das escritas indígenas no Brasil, elas efetivam uma "rasura" (Queiroz; Almeida, 2004) no sistema literário, posto que são uma constante presença em ausência. Nos termos de Graça Graúna (2013), em face de uma história e de um imaginário que sistematicamente negaram sua existência, a literatura contemporânea indígena promove uma leitura das diferenças no ato de conhecer o outro, o que implica interiorizar a história, a auto-história, as raízes. Na

mesma direção, Daniel Munduruku (2017) afirma que sua forma de fazer política tem se dado via literatura, que pode vir a desentortar o pensamento dos que ainda olham para os povos indígenas a partir de estereótipos e com a venda da ignorância. Já Marilia Librandi (2014) aponta como a força poética e política da Carta Guarani Kaiowá, expressão de uma situação limítrofe à morte, constitui uma literatura das terras e das gentes, espaço discursivo de acolhimento e produção de diferenças no escopo de uma teoria literária alterada pelo aporte do até então não literário. Ampliando o debate para o campo das artes, Naine Terena (2022, p.2) prefere chamar de manifestações estéticas indígenas (MEIN) o que o sistema ocidental reconhece como arte: "a arte indígena desde sempre se colocou como produção presente no Brasil, para além de uma arte indígena contemporânea "encontrada" agora". Nas palavras de Jaider Esbell (2015), se trata de um "exemplo para o mundo da necessidade de se respeitar o que existe desde sempre, antes de qualquer lei moderna, ou seja, as pessoas e suas relações indissociáveis com a terra, com a memória e a ancestralidade". Assim, este simpósio pretende refletir como as literaturas indígenas – e outras expressões estéticas indígenas - desestabilizam o constructo homogêneo e fechado das literaturas e das artes nacionais em Abya Yala. Busca-se discutir de que forma tais obras e autorias nos fazem rever tanto o que entendemos por literatura e arte - ao inserir cantos e performances que colocam em questão a primazia da escritura sobre a oralidade, da autonomia sobre a inespecificidade das artes e da assinatura individual sobre a autoria coletiva - quanto o que entendemos por nacional - ao questionar os conceitos de povo, língua e cultura enquanto identidades unitárias e excludentes. Afinal, quem são os escritores habilitados a assinar uma literatura vernácula? Como falar em arte nacional quando povos Munduruku, Baniwa, Tukano, Krenak, Huni Kuin, Maxacali, Guarani, Kaingang, Asteca, Mojave, Creek, Quechua, Aymara, Mapuche e tantos outros publicam livros, inserem suas criações e performances nos museus e para além deles, apresentam filmes em festivais? Ao reivindicar o direito à palavra, à imagem, à memória e à reescrita da história e ao deslocar as artes de um espaço autônomo para um modo de vida vinculado à ancestralidade, à coletividade e à comunicação entre espécies, tais produções reconfiguram as relações entre literaturas, artes, políticas e ontologias. Enquanto estratégia de autodeterminação e de retomada simbólica, elas evidenciam a inseparabilidade entre gesto político, rito e poética. Sendo assim, este simpósio convida pesquisadoras e pesquisadores a submeterem trabalhos que reflitam sobre as dimensões política, pedagógica, poética e ontológica da autoria indígena no contexto dos estudos literários e da criação visual – inclusive do ensino de literatura e das artes. A proposta é debater de que forma as literaturas indígenas e as artes operam simultaneamente como práticas estéticas, gesto político e afirmação ontológica, contribuindo para a revisão das bases coloniais das culturas nacionais e para a construção de um campo literário e artístico pluriversal.

TRANSFORMACIONES, MUJER ANDINA Y MIXTURA DE GÉNERO EN LOS RELATOS EN LENGUA AYMARA

Alan Ever Mamani Mamani

Resumo: En los cuentos aymaras existen estudios previos centrados principalmente en el ámbito pedagógico, lingüístico y en la interpretación literaria de los personajes; sin embargo, no se han encontrado investigaciones que analicen aspectos como la transformación de los personajes, la laboriosidad la mujer andina y el hibridismo de género literario. El estudio evidenciará la riqueza del relato aymara como objeto de análisis interdisciplinario y como un repositorio vivo de perspectivas y cánones locales distintos de los oficiales, los cuales contribuyen, además, a esclarecer el punto de vista indígena sobre la sociedad nacional en su conjunto. La metodología empleada será de carácter cualitativo e interpretativo y se desarrollará a partir de un corpus conformado por los cuentos Waynampi jurukutumpi 'El joven y la tórtola', Laqatumpi waynampi 'La oruga y el joven' y Qamaqimpi tawaqumpi 'El zorro y la señorita', recopilados en el libro Aymara ataminaka wankanaka (2013). Se concluye que los relatos aymaras constituyen espacios narrativos en los que se manifiestan formas propias de la visión andina del mundo. Esta lógica narrativa, lejos de centrarse únicamente en los seres humanos, incorpora también animales, deidades, elementos del entorno y otros seres vinculados con la cosmovisión andina. De este modo, los cuentos median estas relaciones al permitir que saberes andinos, imágenes simbólicas, arquetipos físico-morales y metáforas socioculturales se expresen a través de la narración.

CORPO-TERRA: MULHER E NATUREZA NA OBRA DE ELLEN LIMA WASSU

Ana Carolina Cernicchiaro

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre mulher e natureza na obra de Ellen Lima Wassu, partindo do princípio de que, através da literatura indígena, é possível compreender a concepção de natureza nessas culturas e seu contraponto ao antropocentrismo. Busca-se investigar a relação entre o que Wassu chama de corpo-terra e o corpo humano, indo além da dicotomia natureza e cultura, com base na produção de pensadores e artistas indígenas, que destacam uma outra forma de relação entre mundo humano e mais-que-humano. O trabalho demonstra a relação intrínseca entre mulher e natureza, mas também sobre a luta dessas mulheres para defender não só a terra, como seus próprios corpos. A obra indígena aparece aqui nos questionando como, ao considerar a natureza como mero recurso, chegamos ao resultado da crise socioambiental em que vivemos. Mostra-se urgente que a academia contemple as produções e os modos de pensar dos povos originários, cujas vozes foram historicamente suprimidas pelo projeto colonial. Suas cosmologias, forjadas na convivência simbiótica com

a natureza, oferecem perspectivas vitais para a travessia das emergências do presente. Espera-se, assim, que o presente artigo possa contribuir para a divulgação da literatura indígena, promova a pluralidade de conhecimentos e propague cosmovisões não-ocidentais. Dessa forma, propomos pensar como a literatura indígena pode colaborar para a travessia das emergências ambientais em que estamos inseridos.

BUYÊWHÓ-MÉWOROY: CORPO-NARRATIVA EM REEXISTÊNCIA INDÍGENA PELO BEM VIVER KARIRI-XOCÓ

Ana Cristina da Costa Alves (Anhy Batya Kariri)

Resumo: A pesquisa propõe o conceito de Buyêwhó-méworoy (corpo-narrativa) como categoria teórico-epistemológica originária da língua Dzubukuá-Kipeá, articulando memória, literatura indígena, retomada linguística e reexistência. A pesquisa parte da experiência do povo Kariri-Xocó, com destaque para as práticas pedagógicas, literárias e de revitalização linguística conduzidas pela dubo-hery (mestra) Idiane Crudzá. Argumenta-se que a retomada da língua constitui não apenas um processo linguístico, mas um gesto de reexistência (SOUZA, 2009), capaz de mobilizar relações entre corpo-território, ancestralidade, espiritualidade e Bem Viver (ACOSTA, 2016). O conceito de Buyêwhó-méworoy é compreendido como a inseparabilidade entre o matriarcado indígena (buyêwhó), a narrativa ancestral e espiritual (méworoy) e as práticas coletivas de fortalecimento comunitário, configurando uma forma própria de produção de conhecimento que tensiona paradigmas eurocentrados da teoria literária. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, participativa e etnográfica, fundamentada em revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas abertas e leitura crítica de produções indígenas contemporâneas. Os resultados indicam que a revitalização da língua Dzubukuá-Kipeá, articulada à literatura indígena, à oralitura (MARTINS, 2021) e às cosmologias ancestrais, constitui uma prática de reexistência capaz de fortalecer identidades coletivas, promover processos de cura ancestral e ampliar os horizontes epistemológicos dos estudos literários. Conclui-se que Buyêwhó-méworoy opera como uma categoria analítica e política que evidencia a centralidade da língua, da memória e do parentesco na produção de saberes indígenas contemporâneos.

RECONFIGURAÇÕES DO COLONIALISMO PELO CORPO LITERÁRIO: UM OLHAR ECOCRÍTICO SOBRE A LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DA AUTORIA INDÍGENA

Cimara Valim de Melo

Resumo: Autores indígenas têm buscado desconstruir representações equivocadas de suas culturas, propondo novas articulações sociais e estéticas após séculos de tentativas de apagamento e invisibilização. Ao resgatarem uma relação corpo-natureza historicamente violada — em contraste com as

representações consagradas pelo cânone literário brasileiro, como se observa na produção indianista alencariana —, esses escritores procuram denunciar as múltiplas formas de violência exercidas contra os povos indígenas e seus territórios. Partindo dessa perspectiva, este trabalho propõe uma análise diacrônica de personagens indígenas na literatura brasileira, sob um viés ecocrítico, revisitando a historiografia literária por meio da aproximação entre produções dos séculos XIX e XXI. As obras examinadas dialogam com as humanidades da floresta e oferecem caminhos estéticos para a compreensão do mundo natural, ao mesmo tempo que problematizam e desconstroem pressupostos do cânone literário brasileiro. Nesse conjunto, destacam-se autoras e autores como Graça Graúna, Eliane Potiguara, Verenilde Pereira, Auritha Tabajara, Márcia Kambeba, Ellen Wassu, Trudruá Dorrico, Daniel Munduruku, Edson Kaiapó, Ailton Krenak e Davi Kopenawa, entre tantos outros(as) que tem buscado reconfigurar o literário por meio do repensar e do agir sobre colonialismos enraizados ao sistema literário brasileiro. O objetivo é oferecer uma leitura ecocrítica da denominada literatura indianista, evidenciando as violências étnicas e de gênero inscritas na representação das personagens indígenas, bem como destacar alternativas estéticas formuladas pelas literaturas da floresta na contemporaneidade. Conforme assinala Edson Kaiapó (2024), torna-se necessário reverter a imagem subalterna e folclorizada dos povos originários historicamente difundida pela literatura e pelas artes.

AQUI ONDE TUDO ACABA (2023): RETOMADA, PEDAGOGIA E COSMOPOLÍTICA NO CINEMA LAKLÃNÕ-XOKLENG

Mariana Taube Romero

Resumo: Nas últimas décadas, o povo Laklãnõ-Xokleng tem protagonizado um expressivo movimento de retomada territorial e cultural. Parte desse processo se dá por meio da provitalização da língua Laklãnõ, pelo engajamento no meio acadêmico universitário, bem como por uma ampla produção nas artes visuais, especialmente, em diferentes linguagens cinematográficas. O objetivo deste trabalho é analisar o filme experimental Aqui Onde Tudo Acaba (2023), codirigido por Cláudia Cárdenas e pelo realizador indígena Jucelino Senei Filho, e produzido de forma coletiva por moradores da Aldeia Bugio, Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ, em Santa Catarina. Propõe-se investigar de que maneira a linguagem do cinema experimental e documental Laklãnõ-Xokleng opera como um potente gesto político, poético e pedagógico. Amparado pelas discussões teóricas que aproximam imagem, cinema indígena e pedagogia, por meio de autores como Ariella Azoulay, Adriana Fresquet, Wagner de Barros, Denilson Baniwa, Gustavo Caboco, entre outros, propõe-se pensar essa produção audiovisual para além do processo de retomada simbólica de (re)existência ou de espaço de denúncia, compreendendo-a como agência pedagógica decolonial e intercultural de diálogo com os não-indígenas. Buscamos refletir que a autoria indígena no cinema promove um movimento pedagógico que tensiona a colonialidade do olhar, convocando o espectador não-indígena a

desestabilizar suas certezas epistêmicas e universalistas. Por meio de procedimentos formais que torcem e revertem as imagens cristalizadas sobre a alteridade (Brasil, 2016), o filme fratura o regime de visibilidade eurocentrado. Ainda, a experiência estética coletiva do fazer-fílmico, bem como a relação intrínseca entre os Laklãnõ-Xokleng e seu território, a que Aqui Onde Tudo Acaba remete, atuam como afirmação ontológica de presença e agência pluriversal. Assim, a obra desloca o olhar do espectador, provocando e ensinando novos modos de ver, sentir, escutar e habitar um mundo compartilhado.

TECER / ESCREVER: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E ARTE TÊXTIL NA POESIA DE CH'ASKA ANKA NINAWAMAN

Meritxell Hernando Marsal

Resumo: Ch'aska Anka Ninawaman afirma sua identidade originária nas suas manifestações estéticas apagando seu nome civil, Eugenia Carlos Ríos, e se reivindicando como "poeta quéchua rebelde". Os nomes guardados na família e reivindicados por ela remetem à potência dos seres andinos, que também protagonizam seus poemas, como a vicunha, o puma, a estrela da manhã, o condor, a chuva, as montanhas ou a coca. Esses personagens configuram uma rede de relações em que o território reivindica sua agência dando visibilidade aos seres que o habitam (sejam animais, vegetais, fenômenos atmosféricos ou humanos). Esses elos interespécies no território andino encontram-se delineados singularmente nos tecidos que, fundados na lã dos camélidos, organizam e articulam as relações das comunidades, desde a produção à cosmologia, constituindo o alicerce da textualidade andina, desde muito antes da presença dos europeus. A partir destas considerações, esta comunicação procura descrever como a palavra, na poesia andina, especialmente na obra de Ch'aska Anka Ninawaman, está vinculada a outras formas de expressão, como os tecidos, que instituem a convivência, a memória, a ritualidade e o intercâmbio da comunidade. Dessa maneira, o lugar do literário muda, sendo que a palavra acompanha aos fios em uma relação orgânica, o chamado "artesanato" ocupa o lugar central e o privilégio logocêntrico da tradição literária occidental, que na América se entendeu como exercício da escrita em detrimento da oralidade, pode ser questionado. Não por acaso, a autora destaca que no seu nascimento recebeu quatro dons das divindades da região, os contos, os tecidos, a poesia e a cozinha: "Desde entonces los cuatro soplos me habitan y me atrapan".

TERRITÓRIOS ONÍRICOS AMAZÔNICOS: AGÊNCIA E DIPLOMACIA COSMOPOLÍTICA NAS NARRATIVAS ORAIS DO POVO INDÍGENA KUKAMA.

Miguel Angel Angulo Giraldo

Resumo: Este trabalho analisa as narrativas oníricas do povo indígena Kukama, da Amazônia peruana, compreendendo-as como produções que reconfiguram as fronteiras entre literatura, política e ontologia

ao reivindicarem o sonho como espaço de agência e reescrita histórica. Ao desafiar a dicotomia ocidental entre sonho e vigília, propõe-se o conceito de "territórios oníricos": uma extensão habitável, simultaneamente material e simbólica, na qual as "gentes" (humanos e não humanos) negociam existências e alianças. Metodologicamente, realizou-se uma análise de conteúdo etnográfico que envolve trabalho em campo na cidade de Nauta (Loreto, Peru) com mulheres indígenas autoidentificadas como Kukama. A análise evidencia a dupla dimensão do sonhar para os Kukama: primeiro, como uma instância pedagógica de aprendizado técnico, social e curativo; segundo, como uma zona de diplomacia cosmopolítica na qual a vulnerabilidade ontológica exige o estabelecimento de pactos com as alteridades (seres-planta, ancestrais e donos da terra). Conclui-se que o relato onírico ultrapassa a mera representação, constituindo-se como um gesto político, um rito e uma prática estética fundamentais para o equilíbrio ecológico-social. Por meio dessas narrativas, a autoria indígena amplia seu escopo para incluir a comunicação entre espécies e a retomada simbólica do território, colaborando para a revisão das bases coloniais das disciplinas e para a consolidação de um campo literário pluriversal.

"CURUMIM, CHAMA A CUNHATÃ QUE EU VOU CONTAR": MEMÓRIA, VALORIZAÇÃO E RESISTÊNCIA ECOADOS PELA LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA

Patricia Rodrigues Rezende

Resumo: Para além de cumprir o disposto em documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na Educação Básica brasileira, o trabalho com a Literatura Indígena apresenta-se como um valioso caminho para o resgate da memória histórica de nosso povo e de nosso território, a valorização dos saberes ancestrais e a resistência humana e territorial indígena. Nesse contexto, esta proposta de comunicação busca, amparando-se nos estudos de pensadores indígenas como Daniel Munduruku (2012), Kaká Werá (2017), Eliane Potiguara (1989), Graça Graúna (2013), Ailton Krenak (2019) e Carina Pataxó (2025), refletir sobre a importância do trabalho com as etno-histórias na sala de aula (Back, Beato-Canato, Amorim, 2021). Dessa maneira, intenta-se colaborar com as discussões sobre o tema a fim ecoar as vozes de uma Educação Literária que trabalhe o texto em todas as suas dimensões (Amorim et al., 2022), ampliando a formação dos/as estudantes (Kambeba, 2018) e contribuindo para a (re)criação de um cenário onde, diferentemente do que é entoado na canção composta por Jorge Ben Jor, eles não tenham somente "o dia 19 de abril" e todo dia volte a ser "dia de 'índio'".

CORPO-VOZ E CORPO-ESCUTA: SAUDAÇÕES ÀS GENTES NÃO-HUMANAS

Tainá Facó Franklin de Lima Moisés

Resumo: Na cosmologia yanomami, o solo, os metais, as águas, as árvores e o céu estão organizados de modo interdependente. Nas palavras de Davi Kopenawa, em A queda do céu (2015), foi o demiurgo Omama que os estruturou assim, por isso é sabido entre eles, muito antes dos não-indígenas inventarem o conceito de ecologia, que qualquer alteração nessa organização harmônica é perigosa. A partir das mitologias originárias dos Yanomami (Kopenawa, Albert, 2015; Albert, 2023), dos Macuxi e Taurepang (Flores, 2019), dos Munduruku do Amazonas (Cardoso, 2023), do relato de Márcia Mura (2025) sobre o rio Madeira e de Krenak (2022) sobre o rio Doce reverencio, comparativamente, o corpo dos rios estabelecendo confluências (Bispo, 2023) com as obras Terreiro de Makunaima, de Jaider Esbell, e Canumã, de Ytanajé Coelho Cardoso, que trazem os rios e igarapés como centrais em suas tramas. Ao longo da reflexão, elaboro as divergências entre as narrativas de origem de povos indígenas e a mitologia de Noé, apontando como tais diferenças colaboram, por um lado, para uma relação interdependente com os diversos seres, e por outro, para uma relação distanciada com o corpo dos rios e de outras gentes que coabitam o planeta, o que explica em alguma medida o extrativismo e a insensibilidade diante do desmatamento, do garimpo, da monocultura, dos rios sufocados, enlameados e/ou poluídos. Discorro sobre os representantes do Estado-Nação que, ao longo das últimas décadas, também retroalimentaram a manutenção do predatismo ao autorizarem obras que seguem ferindo o corpo da Terra, colocando o lucro acima da vida. Deste modo, vislumbro escutar e dialogar com os seres que vivem no mundo conosco, corroborando a ideia de que, se não os escutamos, estamos declarando "guerra contra a vida na Terra" (Krenak, 2020, p. 73).

ST: A ESCRITA DA HISTÓRIA LITERÁRIA COM FERRAMENTAS DIGITAIS

Coordenação: Alckmar Luiz dos Santos e Gabriel Esteves

Resumo: Nos últimos anos, os críticos e historiadores da literatura têm contado com o apoio de uma série de ferramentas computacionais que vêm não só transformando profundamente a maneira como textos e acervos são abordados em pesquisas acadêmicas, mas também a maneira como são incorporados às narrativas historiográficas de diferentes países. Essa inserção dos estudos literários naquilo que tem sido chamado há algumas décadas de "humanidades digitais" acaba por colocar em xeque a própria estrutura teleológica da narrativa historiográfica tradicional, favorecendo o desenvolvimento de plataformas ligadas a perspectivas mais "rizomáticas" e descentralizadas (Wikis, catálogos e bibliotecas digitais etc.).

Ao mesmo tempo, essas novas tecnologias têm potencializado a capacidade de processamento de dados semânticos, estilísticos e contextuais em escalas antes inimagináveis, permitindo que os pesquisadores

dediquem menos tempo a tarefas mecânicas (contagem de versos e ocorrências de palavras, por exemplo) e possam concentrar seus esforços em atividades propriamente reflexivas como a crítica ou a comparação de textos. Exemplos de algumas dessas ferramentas são o Hyperbase, software de análise estatística e lexicométrica de textos desenvolvido pela Université Côte d'Azur; o DLNotes, plataforma de anotações semânticas em espaço colaborativo desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL) da UFSC; o Aoidos, sistema de escansão automática de versos desenvolvido por Adiel Mittmann; além dos próprios sistemas de busca avançada e metadados de grandes de hemerotecas digitais como os portais da Fundação Biblioteca Nacional ou da Bibliothèque Nationale de France (RetroNews), entre tantos outros recursos que compõem a esfera das humanidades digitais.

Essa evolução ao mesmo tempo técnica e metodológica viabiliza o desenvolvimento de estratégias inteiramente novas de investigação acadêmica que abrangem ao simultaneamente os campos da estilística, da história, da crítica e da literatura comparada. Por um lado, as novas abordagens podem partir do conceito de distant reading (leitura distante) proposto por Franco Moretti (no artigo "Conjectures on World Literature", publicado em 2000 pela revista New Left Review, mais tarde integrado ao livro Graphs, Maps, Trees, de 2005) a fim de reintroduzir os chamados "forgotten 99 per cent" (Moretti, 2013, p. 67) da história literária nas discussões da área, buscando correlações que incluam obras e autores negligenciados pelos recortes canônicos tradicionais. Por outro lado, essas novas ferramentas digitais abrem caminho para o surgimento de microanálises estilísticas e filológicas a partir de livros raros ou conjuntos de poetas pouco conhecidos, revelando nuances (sintáticas, semânticas, versificatórias etc.) que passariam despercebidas pela leitura humana.

Em alguns casos específicos, tem-se notado que o emprego dessas ferramentas digitais possibilita, através do cotejamento de dados que antes se encontravam dispersos e em quantidade muito superior às capacidades humanas de análise, a revisão/confirmação de hipóteses de leitura até então inverificáveis por falta de amostragem estatística ou argumentação pouco convincente — veja-se, por exemplo, o artigo "Verso romântico? Revisitando o decassílabo sáfico com ferramentas digitais" (2025), de Gabriel Esteves, Leandro Scarabelot e Ana Paula Nunes de Sousa, ou o estudo "The Rhythm of Epic Verse in Portuguese from the 16th to the 21st century" (2018), escrito por Adiel Mittmann e Alckmar Luiz dos Santos —. Em outros cenários, observa-se que essas ferramentas computacionais têm o potencial de aprimorar o olhar comparativo sobre obras e períodos de uma mesma ou várias literaturas, facultando o surgimento de novas interpretações críticas e historiográficas fundamentadas em evidências empíricas — veja-se, por exemplo, o artigo "Generino & Augusto" (2024), de Alckmar Luiz dos Santos e Isabela Melim Borges, que propõe uma divisão cronológica na obra de Generino dos Santos com base na análise e interpretação dos

processos de acomodação silábica de seus versos antes e depois da década de 1910, unindo estilística, história e crítica literária.

É precisamente com o intuito de mapear as possibilidades desse novo campo de trabalho e de refletir sobre as transformações teórico-metodológicas em curso que este simpósio temático pretende discutir a relação entre a escrita da(s) história(s) literária(s) e o emprego de ferramentas digitais. Para tanto, são bem-vindas comunicações que discutam os efeitos da inserção dos estudos literários no universo das humanidades digitais e relatos de experiências que apresentem casos bem-sucedidos do uso de ferramentas computacionais em atividades de escrita, pesquisa ou docência relacionadas ao campo da historiografia literária e da literatura comparada. Espera-se, desse modo, reunir pesquisadores interessados em estabelecer uma rede de diálogo e cooperação mútua, transnacional e interdisciplinar, que reconheça o desenvolvimento das ferramentas digitais não como fim em si mesmo, mas como meio de renovação e expansão dos horizontes da historiografia literária.

DOIS IRMÃOS: JOSÉ MARIANO E ALBERTO DE OLIVEIRA

Alckmar Luiz dos Santos

Resumo: Generino dos Santos, a exemplo de Martins Fontes e outros, está entre os escritores que fizeram de sua obra poética um instrumento do apostolado positivista. No caso de Generino e de Martins Fontes, ainda é possível encontrar publicações suas (sobretudo do segundo, cujos livros, nos dias de hoje, estão à venda em sebos e livrarias). Contudo, a documentação das atividades deles todos nos centros e igrejas positivistas impõe tremendas dificuldades práticas, especialmente no que toca ao acesso aos arquivos. Uma pequena quantidade de documentos da Capela Positivista de Porto Alegre está sob a guarda do Centro de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Havia a possibilidade de lá encontrar alguma documentação sobre Generino dos Santos, mas muito pouca coisa apareceu. Contudo, tivemos acesso a uma série de registros de atividades de outro poeta, José Mariano de Oliveira. Ora, ele vem a ser irmão de Alberto de Oliveira e tido por este como referência para sua própria criação poética, quem lhe teria orientado os primeiros passos na escrita de versos. Mais ainda: a carreira poética desse seu irmão mais velho foi completamente tolhida pela atuação no Movimento Positivista. Assim, embora poucos, os documentos que lá encontramos representam um valioso testemunho dessas relações entre literatura e filosofia, em que esta sufoca e inviabiliza aquela. É esse material que aqui pretendemos trazer a público e analisar, focando na comparação entre poemas dos irmãos Mariano de Oliveira.

TEÓFILO DIAS E O ESTUDO ESTATÍSTICO-TEXTUAL FEITO COM FANFARRAS (1882)

Ana Paula Nunes de Sousa

Resumo: Pretendo, neste trabalho, apresentar os resultados de uma pesquisa quantiqualitativa realizada com Fanfarras (1882), de Teófilo Odorico Dias de Mesquita, poeta maranhense pouco (ou quase nada) discutido nos dias atuais, mas que teve grande atuação no contexto de produção literária brasileira, precisamente nos decênios de 70 e 80 do século XIX. No estudo, utilizamos uma ferramenta computacional, o Aoidos, que nos ajudou no cotejo dos elementos formais de versificação de Teófilo Dias, porém não só dele, de outros poetas também, como é o caso de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, os quais foram utilizados no corpus a fim de servirem de contraste no que toca aos resultados quantitativos de Fanfarras gerados pela ferramenta Aoidos. Dentre as análises feitas, realizamos o levantamento automático dos esquemas métricos, dos padrões rítmicos e dos processos de acomodações silábicas presentes em Fanfarras. Além disso, também foram feitas análises no que toca à disposição do verso alexandrino clássico e da forma fixa de poema soneto (dois elementos formais de versificação associados à poesia parnasiana) em Teófilo Dias e em seus contemporâneos, sobretudo porque o maranhense é tido por Romero (1905), Bandeira (1951) e Candido (1960) como o responsável por introduzir o Parnasianismo no Brasil quando publicou Fanfarras, considerada sua melhor obra, tanto do ponto de vista formal quanto do conteúdo. Os resultados das análises quantiqualitativas mostraram que Teófilo Dias foi um poeta multifacetado, que soube ele dialogar com seu tempo e espaço. Existe, em sua obra, um acúmulo de poéticas distintas, seja no que toca ao que convencionalmente é chamado Romantismo, seja em se tratado do Realismo e do Parnasianismo.

LITERATURA E ARQUIVO DIGITAL: UMA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA NA ITÁLIA.

Égide Guareschi

Resumo: Esta proposta de comunicação trata de aspectos da literatura brasileira traduzida na Itália. Tal leitura ocorre a partir da possibilidade de constituição de uma história da literatura traduzida, por meio de ferramentas digitais. O acervo tem sido organizado e alimentado por pesquisas acadêmicas que visam cartografar a presença da literatura brasileira na Itália, em sua multiplicidade de tempos, espaços, sujeitos e características estéticas. Nesse viés, a Plataforma Piazza Navona: literatura em língua portuguesa traduzida na Itália busca congregar pesquisadores e estudos literários comparatistas, em torno da recepção e difusão da literatura do Brasil em solo estrangeiro, nesse caso, o italiano. A pesquisa das obras traduzidas é feita tanto em antologias, quanto em catálogos de bibliotecas e editoras on-line e o material encontrado auxilia na catalogação do acervo na Plataforma. Nessa perspectiva, os dados bibliográficos recolhidos e registrados nesse acervo on-line – acerca das obras, dos autores e dos tradutores – instigam uma gama de

correlações, análise e recortes para diferentes tipos de pesquisas, sejam elas qualitativas ou quantitativas. Esse material permite ainda diferentes interpretações sobre o Brasil, sua língua e sua cultura, o qual é apenas uma parcela dos mundos em português (Buescu, 2017), que são amplos, potentes e merecem ser estudados.

QUASE DEZ ANOS DE AOIDOS: CONTRIBUIÇÕES DO NUPILL PARA A PESQUISA LITERÁRIA COM FERRAMENTAS DIGITAIS

Gabriel Esteves

Resumo: Este trabalho apresenta um panorama cronológico de algumas das principais contribuições do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NuPILL) para os campos da história e da crítica literárias na última década. O foco central da comunicação reside na utilização do Aoidos, ferramenta computacional especializada na escansão automática de versos em língua portuguesa e na identificação de padrões rítmicos, que possibilita o rápido processamento de volumes expressivos de dados textuais, superando significativamente as limitações da leitura humana tradicional. Ao longo do texto, examina-se a trajetória da ferramenta desde o seu desenvolvimento até a consolidação de conceitos fundamentais para a estilometria e a poética, tais como a formulação de uma "assinatura rítmica" autoral ou grupal. Demonstra-se como o Aoidos atua de forma complementar ao trabalho do pesquisador, poupando-o de tarefas mecânicas e quantitativas para que este concentre esforços em atividades reflexivas e/ou interpretativas. Discute-se ainda algumas tentativas de aplicação do Aoidos a pesquisas de caráter mais experimental (análise rítmica de versos livres contemporâneos, por exemplo, ou o mapeamento probabilístico de acentos silábicos adjacentes). Conclui-se que o uso dessa ferramenta, amparado pela conversão de acervos para a linguagem de marcação XML, fomenta uma historiografia literária mais abrangente e próxima do objeto textual, pois permite a inclusão de produções historicamente marginalizadas pelos recortes canônicos e confere maior objetividade às análises histórico-estilísticas.

O QUE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA FEZ EM 1922?

Guilherme Barp

Resumo: Tendo em vista o desaparecimento de autores e autoras considerados pré-modernistas em histórias da literatura brasileira após o advento da Semana de Arte Moderna, o objetivo desta comunicação é apresentar resultados de uma investigação sobre a participação de uma dessas marginalizadas, Júlia Lopes de Almeida, na cultura do Brasil durante 1922. Isso foi realizado com a finalidade de localizar subsídios que possam contribuir para a escrita de possíveis histórias da literatura e da cultura brasileiras que considerem o fenômeno artístico-cultural para além do movimento modernista de São Paulo e/ou para biografias da

escritora. Dessa maneira, metodologicamente, propôs-se revisão documental, tomando como fontes primárias de pesquisa os periódicos nacionais do ano em questão, disponíveis online, a partir da base de dados da Fundação Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Nacional Digital, realizando-se uma ampla investigação conforme palavras-chave específicas. Com base em textos que mencionam a escritora, presentes nas páginas da imprensa, constatou-se que, apesar do apagamento nas histórias da literatura brasileira, ela continuava a ser influente no sistema literário em 1922: ela era ainda uma autora best seller; era um nome cogitado para a lista de membros da Academia Brasileira de Letras; era lembrada por críticos e historiadores da literatura; e foi convidada para, em comemoração ao centenário da Independência do País, realizar uma conferência sobre a nação na Argentina. O estudo de caso apresentado, desenvolvido a partir da intersecção entre Literatura e ferramentas digitais, possibilitou novas perspectivas acerca do fenômeno literário-cultural brasileiro, em 1922, para além da narrativa modernista paulista hegemônica.

O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS PARA O ESTUDO DA CIRCULAÇÃO DE LIVROS DE EXPRESSÃO ALEMÃ NO BRASIL OITOCENTISTA

Larissa de Assumpção

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir o uso de dados quantitativos para a análise da circulação de obras ficcionais de língua alemã no Brasil do século XIX, de forma refletir sobre o uso de metodologias das Humanidades Digitais, como o distant reading, para repensar a História da Literatura (cf. Moretti, 2013; Moretti, 2008) e os processos de canonização de obras e de escritores. O corpus da pesquisa consiste em anúncios presentes em periódicos publicados no Brasil – como o Deutsche Zeitung: für Brasilien (1874) e o Diário do Rio de Janeiro (1821-1878) –, em 15 catálogos publicados pelos livreiros Henrique Laemmert, Eduardo Laemmert e Baptiste-Louis Garnier entre as décadas de 1840 e 1870; no Catálogo de Livros do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (1858) e no Catálogo de Livros da Biblioteca Fluminense (1866). A análise, facilitada pela organização dos dados em tabelas, gráficos e mapas, é centrada em três pontos principais: quais foram os títulos e autores de expressão alemã que tiveram maior destaque em anúncios e em catálogos de livreiros e de bibliotecas públicas oitocentistas; quantas e quais traduções desses livros chegaram até o Brasil e qual a relevância desses livros no processo de circulação de impressos no século XIX. Conclui-se que os romancistas de expressão alemã que mais circularam no Rio de Janeiro oitocentista – como Carl Franz van der Velde, Caroline Pichler e August Lafontaine – escreveram livros de entretenimento que são hoje pouco conhecidos. O trabalho com dados quantitativos permite recuperar informações relevantes sobre esses autores e suas obras, revelando aspectos sobre o funcionamento do mercado livreiro oitocentista e colaborando para que novos olhares sejam lançados para a historiografia da literatura.

UMA SÉRIA ANALISE DE UMA SÉRIE SOBRE EXPERIENCIAS HUMANAS E TECNOLOGIA - ESQUECER E LEMBRAR (HISTÓRIA DE UMA MEMÓRIA)

Manuela Rodrigues Furtado

Resumo: Desde minha dissertação venho trabalhando e pesquisando os temas história, memória e literatura; traçando e alinhando estes pontos entre autores e suas obras. Foi o caso de A viagem na Literatura de Carola Saavedra (2019), texto que desenvolvi e defendi a questão das viagens interna e física das personagens atuantes em dois romances da autora chilena naturalizada brasileira. Já em minha atual caminhada, no curso de doutorado, discorro sobre o tempo (história e memória) nas poesias de Cristina Peri Rossi, focando em sua experiência de exilo, por decorrência da ditadura em seu pais na década de setenta, o Uruguay, narrada em sua literatura. Já no caso desde artigo, analiso um produto audiovisual, visto a imensa, intensa e expansiva propagação e divulgação de filmes que tratam os mesmos temas nas telas de stremming de nossos aparelhos eletrônicos em estado permanente de conexão em rede. A partir da série Black Mirror, e do Episódio intitulado Eulogy, faço uma análise da questão ser humano e tecnologia; a partir do enredo do protagonista e sua história a partir de sua memória e lembranças quase esquecidas. A proposta audiovisual do canal streaming, nesta produção tão polêmica, em especifico neste episódio intitulado Eulogy, me incentivou a refletir a questão memória e história e tecnologia com embasamento teórico encontrado no livro O Mundo Inteiro Como Lugar Estranho (2020) de Néstor García Canclini. Proponho aqui então, conduzida e fundamentada em questões como o são o lembrar e esquecer, o passado no presente – nossas memórias e lembranças, pensar essas ações e tópicos sempre vigentes, e ao meu ver, sempre bem vindas – nas Letras e em outras áreas, visto que compõe situações imbricadas no ser humano, sua identidade e conduta.

FRANCO MORETTI RETORNA AO HISTÓRICO-QUALITATIVO

Théo Amon

Resumo: O trabalho pioneiro de Franco Moretti com pesquisa quantitativa aplicada à literatura é um dos grandes motivos da sua reputação. Após os prolegômenos de estudo estatístico da literatura nas cartografias do "Atlas do romance europeu. 1800-1900" (1997) e as propostas metodológicas inovadoras de "Conjecturas sobre a literatura mundial" (2000) e "A literatura vista de longe" (2002-5), a partir do fim dos anos 2000 ele dedicou muitos ensaios ao chamado formalismo quantitativo, incluindo os famosos "Pamphlets" do Stanford Literary Lab. Na década atual, porém, percebe-se em sua obra um declarado deslocamento para longe das digital humanities e uma reaproximação ao seu trabalho inicial, baseado em marxismo, sociologia e hermenêutica. A presente comunicação explora seus dois últimos livros, ainda inéditos em português e também em inglês: "Falso movimento. A virada quantitativa no estudo da

literatura" (2022) e "Bandeira negra. Forma trágica e guerra civil" (2026), lendo-os como uma nítida rejeição das digital humanities e um retorno à matriz hermenêutica materialista da parte mais clássica da sua produção (anos 80 e 90), ainda que enriquecida pela experiência quantitativa. Propõe-se também que o desabono das digital humanities por Moretti está relacionado a um distanciamento da academia norte-americana, com sua ênfase em tecnicização e hiperespecialização, e a uma crescente trivialização que ele percebe na teoria e crítica literárias da atualidade.

LITERATURA NO MAPA: UMA CARTOGRAFIA DE NOVOS OLHARES PARA A HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

Thiago Nasi da Silva

Resumo: A literatura é registro civilizatório por excelência, seja de inquietações subjetivas dos escritores, seja de questões externas ao sujeito. Contexto histórico, espacial, político, cultural; tudo que compõe o momento de produção de uma obra literária pode aparecer em sua materialidade, e é com isto em mente que o projeto Literatura no mapa (Lemap), formado por pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade de Princeton e do MapBiomas, visa à compreensão de como a literatura pode revelar mudanças no habitar humano do mundo. O projeto Lemap propõe-se a estudar obras literárias para transformá-las em dados geográficos e ambientais, se baseando principalmente em: pesquisas das Humanidades Digitais, como a de Thales Pantaleoni Nicoletti (2023), que quantificou ocorrências de cidades e temas em 140 romances brasileiros do século XIX através de mapas demonstrativos; de considerações como as de Franco Moretti (2000; 2015), sobre "the great unread", ou seja, a quantidade esmagadora de obras que não fazem parte do cânone literário de cada país, e o uso de novas metodologias para o estudo da literatura. Nesse sentido, o projeto discute recortes específicos de trabalho: os melhores livros de ficção brasileiros do século XXI, segundo a Folha de S. Paulo, livros representativos de cada região do Brasil, e livros publicados durante determinados ciclos econômicos e que tratem da temática, como livros do Ciclo da Borracha. Com o estudo das obras, identificação de categorias de análise, e posterior criação de mapas ilustrativos e interativos, o projeto almeja a discussão e proposição de novos olhares para a historiografia literária.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: A FICÇÃO NAS DOBRAS DA HISTÓRIA: REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DO AUTORITARISMO

Coordenação: Nicia Petreceli Zucolo e Luciana Paiva Coronel

Resumo: A partir da ideia de um mundo informatizado e hipermidiatizado, no qual se manipulam as informações no sentido da construção de um imaginário autoritário, marcado por uma dinâmica de dessensibilização e indiferença diante da violência, a sociedade contemporânea depara-se com o desafio de enfrentar as "pós-verdades", conforme afirma Christian Dunker (2017), em Ética e pós-verdade, e construir esferas de resistência capazes de alimentar utopias cidadãs.

Walter Benjamin no ensaio "O narrador" (1936) apontava a emergência da era da informação já no início do século XX, uma era marcada pelo empobrecimento das formas narrativas arcaicas e também da imaginação. Dado que, segundo o crítico alemão, as notícias jornalísticas, que passavam a compor de maneira crescente a rotina dos cidadãos, aspiravam desde então a uma verificação imediata e traziam os fatos acompanhados de explicações, caberia ao leitor a recepção passiva desses dados, os quais lhe chegavam a cada manhã: "a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive neste momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele [...]". Walter Benjamin não tinha ideia do cenário que se criaria no século XXI, no qual o fenômeno da presentificação se agudizaria devido à hipertrofia das diversas redes sociais na vida social, ocasionando a abolição do passado e o cancelamento das perspectivas de futuro, e as versões falseadas do real se disseminariam como pólvora, embaladas com papéis coloridos e atrativos, convertendo-se em verdades para muitos.

Cinema e literatura podem ser aliados no sentido de recompor a memória que ficou para trás e potencializar a esfera do sensível, pois, de acordo com o que Ettore Finazzi Agró propõe no ensaio "(Des)memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964", "é só numa dimensão ficcional, [...] que podemos surpreender o nefas habitando nas dobras da História oficial". Segundo o crítico italiano, documentos e fontes historiográficas sobre a ditadura civil-militar de 1964 não conseguem mostrar "a dor e o sangue, as lágrimas e as feridas que se abriram no corpo da Nação e na lembrança traumática dos sobreviventes. Aquilo que falta, mais uma vez, é a comoção pelos corpos torturados, pelas pessoas massacradas, pela dor dos sobreviventes – aquilo que falta, enfim, é o pathos que sempre acompanha a tragédia e a sua encenação: aquela compaixão 'sororal' diante dos mortos, em suma, que, como no drama de Antígona, não consegue ter respostas, não abre para nenhuma kátharsis, apresentando-se, por contra, como o Imprescritível que impossibilita a absolvição e a desculpa [...]" (2014, p. 181-2).

Tanto a literatura quanto o cinema podem, através de sua dimensão ficcional, trazer à tona a memória subterrânea da ditaduras civis-militares da América Latina, a figura dos desaparecidos, sua voz e seus sonhos, componentes de uma memória ainda não devidamente assimilada ou mesmo reconhecida pela memória oficial da Nação, conforme o entendimento da dinâmica social da memória, elaborado por Michael Pollak (1989), em "Memória, esquecimento, silêncio". Ao permitir que elementos circunscritos às memórias individuais ou familiares eclodam no tecido social, as artes ensejam uma disputa no campo simbólico do presente, no qual a violência contra pobres, mulheres, crianças, grupos étnicos ditos minoritários, população LGBTQIAPN+ persiste, como entulho maldito legado pelos tempos tirânicos e autoritários.

O teórico italiano Ítalo Calvino (1990) reitera essa concepção, uma vez que entende o horror como capaz de, pelo estranhamento, afetar as pessoas de forma contundente através do trabalho estético e discursivo encetado, via seleção de imagens e de palavras, causando mais impacto social do que uma notícia veiculada de forma referencial ou mesmo um pequeno vídeo "realista" no youtube ou em redes sociais.

Desse modo, o grupo de pesquisa Relações de gênero, poder e violência em literatura e o grupo Poéticas e políticas da memória na literatura contemporânea esperam receber trabalhos que, ao tomarem a relação entre a literatura e a história, problematizem a violência ligada às questões de gênero, à etnia, à lgbtqiapn+fobia, ao apagamento do passado e a outras formas de opressão e autoritarismo, seja na sua macroestrutura (estatal e/ou institucional), seja na microestrutura (relações entre as pessoas), tomando como base narrativas literárias e cinematográficas, de cunho erudito ou popular, consagradas ou não canônicas, de forma a estabelecer contrapontos possíveis entre produções culturais de diversas mídias.

MORRE A LITERATURA, MORRE A DEMOCRACIA: EPISTEMICÍDIO E VIOLÊNCIA

Alexandre Graça Faria

Resumo: O assassinato do professor Henrique, abordado pela polícia com Crime e castigo debaixo do braço, em O avesso da pele (2020), de Jeferson Tenório, abre uma cena em que três violências se sobrepõem: a violência bélica do Estado, que supostamente confunde a pasta do trabalhador da educação, um trabalhador negro, com a arma de um bandido; a violência lenta e difusa do neoliberalismo, que converte o cidadão em capital humano e a sala de aula em métrica de produtividade; e a violência simbólica do epistemicídio (Carneiro), que mantém ativo, no campo dos estudos literários, o projeto colonial que se acreditava encerrado. Este trabalho propõe que essas três camadas, hoje, encontram-se concentradas no problema da formação de professores de literatura, no qual a chamada "crise da leitura" é, antes, uma falha

sistêmica de elaboração da vida pública a partir do discurso ficcional, incapacidade de distinguir possíveis num mundo cujos limites são autoritária e subliminarmente construídos. Articulando a necropolítica (Mbembe) ao excesso de positividade que produz o sujeito autoexplorador (Han), e relendo o cinismo como aprendizado da universidade brasileira (Milton Santos), o trabalho examina três frentes desse autoritarismo subliminar: a editorial; a pedagógica; e a institucional. Mobilizando ainda o falatório de Stella do Patrocínio (organizado por Viviane Mosé) e o deboche das Bufólicas de Hilda Hilst ("do autoritarismo só se sai pelo deboche ou pela morte"), sustenta-se que a recomposição da memória traumática da nação só será possível se a ficção for restituída como dispositivo democrático de produção de alteridade, e não como disciplina escolar de adoração canônica. A morte da literatura, nesse argumento, é parte do mesmo continuum em que se inscrevem as mortes nas periferias e as mortes lentas do trabalho docente: quando a sociedade perde a capacidade de elaborar ficção, perde também a capacidade de elaborar democracia.

FORMAS DE BRUTALIDADE E AUTORIDADE EM "CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS" E "K. : RELATO DE UMA BUSCA"

Amanda Jahn Ribeiro

Resumo: O trabalho aborda a violência e a autoridade nas obras "Cadernos de Memórias Coloniais", de Isabela Figueiredo, e "K.: relato de uma busca", de Bernardo Kucinski. O objetivo é analisar como as agressões são construídas nas narrativas e como se desenvolve o uso do poder autoritário nos textos, estabelecendo uma aproximação temática entre os livros. Os ataques revelam-se, respectivamente, nos sistemas de microestrutura (a relação entre pai e filha) e de macroestrutura (a estrutura política). No romance de Figueiredo, a autora elabora o vínculo turbulento com o pai, retratando os comportamentos agressivos dele. O contexto histórico da obra corresponde ao período da colonização portuguesa em Moçambique e ao pós-independência do país africano. Figueiredo relaciona a figura paterna ao período e às práticas coloniais. Dessa forma, há uma representação da lógica autoritária colonial. Já obra de Kucinski relata a busca de um pai pela filha desaparecida na ditadura civil-militar. O pai, professor de química, percorre diversos espaços para tentar encontrar pistas sobre ela. Durante as investigações, ele percebe que o silêncio e as falsas indicações constituem mecanismos do regime repressivo. Além da trama principal, outras narrações aparecem, ampliando as representações de hostilidade no contexto ditatorial. Assim, há relatos de outras cenas de brutalidade por outras perspectivas narrativas. A agressão manifesta-se por meio de ferramentas de dominação do colonialismo, do autoritarismo, da perseguição e do apagamento dos corpos desaparecidos. A metodologia utilizada é de forma qualitativa, com a análise dos romances por meio de estudos literários. As conclusões parciais indicam que o romance português e o romance

brasileiro tratam das crueldades recorrendo a diferentes procedimentos de coação. Portanto, as estruturas autoritárias envolvem contextos políticos, históricos e pessoais.

"EU NÃO CONSIGO MAIS VIVER ASSIM": MATERNIDADE, BIOPOLÍTICA E SUBJETIVIDADE EM A SEGUNDA MÃE, DE KARIN HUECK

Ariane Avila Neto de Farias

Resumo: O presente trabalho discute como os mecanismos de regulação do corpo feminino incidem no processo de construção da subjetividade materna no romance A segunda mãe, de Karin Hueck. A narrativa apresenta uma sociedade composta exclusivamente por mulheres, na qual os homens são mantidos isolados e vigiados, sendo utilizados apenas para a reprodução da espécie humana. Embora essa reorganização social pareça indicar a superação das desigualdades historicamente impostas às mulheres, a obra evidencia a permanência de estruturas de controle que continuam regulando a maternidade, o cuidado e as relações sociais. A história acompanha Madalena, uma mulher consumida pela rotina doméstica e pela responsabilidade quase exclusiva pelos cuidados da filha. Ao perceber a distribuição desigual do trabalho de cuidado em sua relação com Andrea, a personagem passa a questionar os sentidos socialmente atribuídos ao fazer materno. Para tanto, a análise da narrativa literária fundamenta-se nas contribuições teóricas de Adrienne Rich (1986) e de Elisabeth Badinter (1980), autoras que problematizam a associação histórica entre mulheres e maternidade e expõem o papel do sistema patriarcal para a construção de um ideal materno vinculado à noção de feminilidade, bem como nas reflexões de Michel Foucault (1976) acerca da biopolítica e das formas de gestão da vida. A partir desses referenciais, compreende-se a maternidade como uma construção histórica atravessada por relações de poder, normas sociais e expectativas culturais. Conclui-se que a obra mobiliza uma configuração distópica para evidenciar a permanência de formas de autoritarismo que operam por meio da gestão da reprodução, da distribuição do cuidado e da normatização dos afetos. Nesse sentido, o romance demonstra que a simples alteração dos sujeitos que ocupam posições de poder não é suficiente para desarticular mecanismos historicamente responsáveis pela regulação da vida e dos corpos.

ENTRE O TRAUMA E A ESCRITA: RESISTÊNCIA E AUTORIA FEMININA NAS OBRAS DE CLAUDIA LAGE E ANA KIFFER

Bruna Laura Alipio

Resumo: A literatura brasileira contemporânea de autoria feminina tem se firmado como campo de disputa de narrativas, especialmente quando tensiona os modos oficiais de registrar o passado. Nesse sentido, esta pesquisa realiza um estudo comparativo dos romances No muro da nossa casa (2024), de Ana

Kiffer, e O corpo interminável (2019), de Claudia Lage, investigando como essas obras elaboram experiências atravessadas por traumas históricos e por violências de gênero por meio de estratégias narrativas que articulam memória, trauma, investigação e escrita. O objetivo central é compreender de que maneira as vozes narrativas constroem percursos de busca — por rastros, documentos, lacunas e restos — que confrontam a história oficial e seus mecanismos de apagamento, fazendo emergir formas de lembrança que resistem à linearidade factual. Isto posto, esta pesquisa refletiu acerca das produções de autoria feminina e as discussões acerca das violências de gênero e sexualidade, principalmente no que tange a ditadura militar de 64. Produzimos uma pesquisa qualitativa e interpretativista, de natureza bibliográfica, realizando a leitura e análise do corpus em diálogo com o referencial teórico apresentado. As noções de história, trauma e memória mobilizaram os estudos como os de Seligmann-Silva (2000; 2022), Halbwachs (2023) e Figueiredo (2024; 2025), para discutir as tensões entre lembrança e esquecimento e as implicações éticas do dizer. Ademais, com o aporte teórico de Rago (2013), Barthes (2017), Vecchi e Di Eugenio (2020), Cury e Padilha (2024), entre outros, buscou-se identificar como as duas autoras articulam a metalinguagem em suas obras para reflexão e rearticulação do passado traumático. A hipótese sustentada é a de que, ao deslocarem o centro da narração para experiências historicamente marginalizadas, os romances reconfiguram o arquivo e ampliam as possibilidades de enunciação do passado, convertendo a escrita em prática crítica de resistência e reabertura da memória.

ESPAÇO E EXPERIÊNCIA: A MEDIAÇÃO DO TRAUMA NA INFÂNCIA EM O MEU AMIGO PINTOR (1987), DE LYGIA BOJUNGA

Camila Pereira de Sousa

Resumo: Em Espaço e Lugar: perspectiva da experiência, Yi- Fu Tuan disserta o espaço, definindo-o a partir da experiência humana, sendo esta apresentada como um "termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade" (1983, p. 09). Para tanto, compõe-se desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, aos mais ativos, como a visão, os quais permitem a criação de sentimento em relação ao espaço e às suas qualidades espaciais. Esse raciocínio é elementar para a presente pesquisa, que tem como objetivo analisar o espaço ficcional de intimidade (casa) em sua capacidade de organizar a experiência traumática do personagem infantil Cláudio e de mediar suas formas de compreensão da realidade em um contexto de autoritarismo decorrente da ditadura civil-militar brasileira. A pesquisa é de cunho bibliográfico, pautada em uma análise crítico-interpretativa ancorada em Tuan (1983), Borges Filho (2007), Bachelard (1978), sobre espaço; Dalcastagné (1996) sobre espaço ficcional e ditadura; Ariés (1981), Leite (2007) sobre infância. A análise do espaço ficcional também evidencia como a literatura juvenil pode representar experiências subjetivas e

históricas complexas por meio de uma linguagem íntima e sensível, capaz de articular memória, infância e ditadura.

A ESCRITA DO CORPO - UMA ANÁLISE SOBRE O LIVRO A REVOLTA DAS VÍSCERAS E OUTROS TEXTOS DE MARILUCE MOURA

Clarissa Barros de Castro

Resumo: O romance A Revolta das Vísceras e outros textos da escritora e jornalista Mariluce Moura teve sua primeira publicação em 1982, período em que ainda estávamos sob uma política ditatorial (a ditadura no Brasil durou entre os anos de 1964-1985). A narrativa que se mostra por meio de uma prosa poética em uma mistura de flashbacks, fluxo de consciência e a escrita de uma carta, conta o dilema de Clara, personagem que tenta escrever essa carta na tentativa de processar a sua dor: ter sido aprisionada, torturada e perdido o companheiro durante a ditadura militar brasileira. Através do narrar a jornalista consegue, de certa forma, ficcionalizar e elaborar o seu processo particular por meio da personagem. Na vida pessoal Mariluce viveu drama similar, ainda muito jovem, e grávida do então companheiro Gildo Lacerda, foi presa e torturada pela ditadura brasileira no ano de 1973 em Salvador, local onde viu seu marido pela última vez. Nesse mesmo ano, Gildo também foi vítima do regime e assassinado pelo mesmo; seu corpo, desaparecido há mais de 50 anos, nunca foi encontrado, levando Mariluce à eterna procura de uma ausência. É justamente na inviabilidade da palavra conter a possibilidade de expressar toda sua dor que, ainda que inconscientemente, a autora, no ato de escrever encontra o que seria uma possibilidade de continuidade. A ausência de um corpo, ainda que possa representar um vazio, é também um estado, se não de coisa, de sentir. É justamente nessa ausência que a morte "não acontece" e, por isso, surge o livro -corpo, a escrita como produto vivo.

ESPACIALIDADE E AUTORITARISMO EM PANEM: O ESPAÇO COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE EM JOGOS VORAZES

Emilia Rossetto Foschera

Resumo: O romance Jogos Vorazes (2008), de Suzanne Collins, retrata a nação fictícia de Panem como uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais e pela centralização do poder político na Capital. Nesse contexto, o espaço desempenha papel fundamental na organização das relações de dominação, uma vez que, conforme argumenta Lefebvre (1991), o espaço é produzido socialmente e pode atuar como instrumento de controle e reprodução das estruturas de poder. Ademais, a partir das reflexões de Arendt (2013) e Foucault (2014) sobre autoritarismo e vigilância, respectivamente, observa-se que o controle exercido pelo regime não se limita à coerção física, mas também manifesta-se na

organização espacial do território. Barreiras físicas, sistemas de monitoramento e o isolamento entre os distritos dificultam a formação de vínculos coletivos e reduzem as possibilidades de resistência. Além disso, a arena dos Jogos Vorazes constitui um espaço simbólico de dominação, no qual a violência é transformada em espetáculo público. Ao expor o sofrimento dos tributos para toda a população, o governo reafirma sua autoridade e reforça mecanismos de intimidação política. À luz desse contexto, dialogando também com estudos sobre literatura distópica (Marks; Vieira; Wagner-Lawlor, 2022), este trabalho objetiva analisar como a espacialidade em Panem atua simultaneamente como instrumento de controle e como elemento revelador das contradições do regime. Esta pesquisa em andamento busca investigar como a crítica social construída por Collins se fundamenta na própria organização do espaço, categoria na qual muitas vezes o autoritarismo é perpetuado, mas também combatido.

"EL 'LOCO AFÁN' PARA SALTAR EL FUTURO": AS RUÍNAS DO TESTEMUNHO TRAVESTI EM "LA NOCHE DE LOS VISONES", DE PEDRO LEMEBEL

Franciele Mussio Mendoza

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar uma proposta de análise alegórica (Hansen, 1986; Benjamin, 2013; Gagnebin, 2013) da crônica "La noche de los visones (o la última fiesta de la Unidad Popular)" de Pedro Lemebel, escritor e performer chileno (1952-2015). A crônica abre o segundo livro do autor, "Loco afán: crónicas del sidario" (1996). As narrativas dessa obra são dedicadas às histórias das "locas", termo utilizado pelas dissidências sexuais e de gênero deste país, que numa tradução para a linguagem pajubá brasileira equivaleria à experiência da "bicha" e da "travesti". O enredo da crônica retrata a comemoração das locas em uma festa de passagem de ano novo, de 1972-1973, prévio ao golpe militar. A anfitriã, La Palma, convida todas suas amigas de Santiago para festejar mais um ano de Unidad Popular; dentre elas, La Chumilou, trabalhadora sexual, e Pilola Alessandri, de classe alta. Durante a festa, as personagens entram em conflito devido à "falta" de comida na festa e ao sumiço dos casacos de pele (visones). Com a chegada da ditadura, o que restou dessa comemoração foi apenas uma foto como reminiscência em que as travestis estão todas apagadas. Este trabalho se interessa pela forma como são construídas as personagens na crônica. Como essa narrativa pode apresentar um testemunho político da catástrofe daquele tempo (Seligmann-Silva, 2003), e como essa memória dissidente se arrasta até o fim da ditadura como ruínas de utopias interrompidas pelo terror ditatorial e pela epidemia de Hiv. Para isso, essa análise se apoiará também nas discussões sobre a memória (Assman, 2011; Candau, 2016) e em reflexões sobre o contexto cultural de época (Richard, 1993; Sutherland, 2009). A ideia é observar como este texto, em particular, dialoga com o trauma e o luto desencadeado pela ditadura e as consequências do "neoliberalismo maravilhoso" (Campos, 2002) sobre essas corporalidades.

MEMÓRIAS DA REPRESSÃO DITATORIAL EM RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE AUTORIA FEMININA

Gínia Maria Gomes

Resumo: A proposta dessa comunicação é analisar algumas autobiografias de militantes que participaram da resistência à ditadura militar (1964-1985). Essas mulheres, ao serem presas em centros de detenção eram logo submetidas à diversas técnicas de tortura – pau de arara, choques elétricos, cadeira do dragão, entre outras. Não obstante essas práticas cruéis, responsáveis pelo óbito de várias mulheres (e de homens), foram também vítimas da violência de gênero, motivada pelo ódio desses agentes repressores, uma vez que essas militantes romperam com o estereótipo de mulheres submissas, que lhes fora imposto. É assim que a nudez, os termos pejorativos, que as afastavam do lugar de esposas e mães, e, principalmente, os estupros faziam parte do roteiro desses torturadores. Essa comunicação pretende abordar a violência da tortura, especialmente a violência de gênero, presente nos relatos dessas mulheres. Um outro aspecto que interessa a essa discussão é a escrita desses eventos traumáticos, os impasses da rememoração, a qual é permeada pelo recrudescimento do sofrimento devido à carga emocional de que é portadora. As autobiografias que serão objeto dessa leitura são as seguintes: No corpo e na alma (2002), de Derlei Catarina de Luca, Estilhaços (2005), de Loreta Valadares e Torre das guerreira e outras histórias (2021), de Ana Maria Ramos Estevão. Alguns textos serão fundamentais para essa discussão: Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural (2011), de Aleida Assmann; Mulheres contra a ditadura: escrever é também uma forma de resistência (2024), de Eurídice Figueiredo; Lembrar escrever esquecer (2006), de Jeanne Marie Gagnebin; e Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios (2017), de Maria Amélia de Almeida Teles.

A ELABORAÇÃO DO TRAUMA EM CHUMBO

Graciele dos Prazeres Pustilnik

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do romance Chumbo, de Virgínia Ferreira, investigando os impactos traumáticos da prisão política e da tortura durante a ditadura militar brasileira. A pesquisa busca compreender de que maneira a violência de Estado afeta não apenas os sobreviventes da tortura, mas também seus familiares, produzindo marcas que atravessam gerações. A análise está organizada em três eixos principais: "Onde começa o trauma", "Quando termina o trauma?" e "O corpo que grita: expressões somáticas do trauma". A partir da trajetória de Paulo, ex-preso político torturado pelo DOI-CODI, e de Ana, sua sobrinha, o romance evidencia que o trauma não se encerra com o fim da violência física. Ao contrário, ele permanece inscrito na memória, nas relações afetivas e no corpo dos

sujeitos. O referencial teórico articula estudos sobre memória, trauma e testemunho. Aleida Assmann contribui para pensar o trauma como experiência latente, resistente à elaboração completa. Blas de Santos discute os limites da linguagem diante da experiência traumática e a impossibilidade de simbolizar plenamente acontecimentos extremos. O trabalho também dialoga com Márcio Seligmann-Silva, especialmente no que se refere à literatura de testemunho e à dificuldade de representação da catástrofe. Por fim, Dominick LaCapra fundamenta a reflexão sobre a literatura como espaço de transmissão e elaboração dos restos traumáticos da história. Conclui-se que Chumbo evidencia a permanência do trauma político e a literatura como espaço de memória, elaboração e resistência diante da violência histórica.

OS ROMANCES DA GUERRA FRIA

Josiane Benatti Mozer

Resumo: Os pressupostos marxistas para entender a relação entre literatura e sociedade são, essencialmente: literatura é uma construção social atravessada pela luta de classes; a forma romance, forma literária da burguesia, oferece a subjetividade adequada à sociabilidade burguesa. Nesta perspectiva, o que a investigação sobre a condição da escrita e a trajetória editorial dos romances O Dr. Jivago, de Boris Pasternak, Começa o Julgamento, de Abram Tertz, Emferaria 7, de Valeriy Tarsis podem nos revelar sobre a promoção do anticomunismo? A conexão existente entre essas obras vai além das condições de criação por seus autores e de sua temática comum. Elas compartilham uma trajetória editorial marcada pelo sigilo e pela incidência da política no campo literário: a inserção em um programa editorial elaborado pelo Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos e executado pela United States Information Agency, USIA, com a participação velada de editoras comerciais. Criada em 1953 como braço da estratégia estadunidense de combate ideológico na Guerra Fria, a USIA manteve por décadas o subsídio à edição de livros em todas as áreas do conhecimento como arma anticomunista, elaborando táticas de distribuição e circulação que favoreceram a presença dos títulos e seus autores no debate político brasileiro. O gênero romance insere-se nesse contexto. Esta proposta de comunicação tem por objetivo analisar a forma romance utilizada na promoção do anticomunismo no Brasil, no contexto da Guerra Fria, a partir do programa editorial elaborado para este fim, estabelecendo a relação entre os objetivos do programa, a trajetória editorial dos romances citados e os usos políticos que essas obras protagonizaram no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. As fontes são os documentos da USIA, os artigos de jornais de grande circulação no Brasil à época, e os romances, lidos sob as chaves analíticas propostas por György Lukács e Fredric Jameson.

REFLEXOS DA BARBÁRIE - UM REGISTRO HISTÓRICO EM TEMPOS EXTREMOS, DE MÍRIAM LEITÃO

Juares Souza Lima

Resumo: O presente trabalho tem como foco a leitura crítica do romance Tempos Extremos, de Miriam Leitão, como o objetivo de analisar a forma como ocorre a sucessão da violência e do autoritarismo em tempos distintos da história do Brasil, já que o livro, embora ficcional, funciona como um documento contra o esquecimento de dois traumas que marcaram a formação do país: a escravidão, no período colonial e dos primeiros anos após a Independência e a recente Ditadura Militar. Por meio da viagem do tempo da protagonista, a autora traça um paralelo entre os acontecimentos dessas duas épocas, deixando evidente que muito do que foi vivido no período da escravidão se repete quase como um espelho no período da Ditadura. Além disso, o presente da narrativa, o ano de 2014, traz à tona o embate político que mais uma vez divide o país entre um governo democrático e a ascensão da extrema direita ao poder. Nesse viés, o livro abre lacunas para a reflexão de como atos violentos e autoritários do passado caracterizam comportamentos em algumas esferas políticas e sociais do presente. A metodologia utilizada busca uma leitura crítica do romance, alicerçada em estudos teóricos sobre os períodos narrados bem como em textos que ancoram a estrutura dessa tipologia textual. Chega-se à conclusão prévia de que o processo de violência e autoritarismo segue um percurso oriundo de raízes históricas, cujos traumas ainda não foram elaborados no processo de construção da Democracia plena da sociedade brasileira

CARTOGRAFIAS DA DESILUSÃO PÓS-INDEPENDÊNCIA: CORPOS TRAUMATIZADOS E ESPACIALIDADES DA VIOLÊNCIA EM ENTRE AS MEMÓRIAS SILENCIADAS, DE UNGULANI BA KA KHOSA.

Laila Faisal Omar

Resumo: A independência de Moçambique foi historicamente concebida como o marco inaugural de uma nova ordem política e social, sustentada pelos ideais de liberdade, justiça e construção nacional. Contudo, a literatura moçambicana contemporânea tem revelado que o processo de consolidação da nação também foi atravessado por experiências de exclusão, violência e desencanto. É nesse horizonte que se inscreve Entre as Memórias Silenciadas, de Ungulani Ba Ka Khosa, obra que revisita criticamente os primeiros anos do pós-independência e as suas contradições. Esta comunicação propõe uma leitura do romance a partir da noção de cartografias da desilusão, procurando compreender de que modo a narrativa representa os impactos da violência política sobre os sujeitos e os espaços que habitam. Mais do que cenário histórico, os campos de reeducação configuram-se como espacialidades da violência, onde o poder se inscreve sobre

os corpos e produz formas específicas de sofrimento, deslocamento e desumanização. Nesse contexto, os corpos traumatizados emergem como lugares de memória, mas também como testemunhos das fraturas entre os ideais revolucionários e a realidade vivida pelos indivíduos. A análise parte da hipótese de que Khosa constrói uma geografia literária do desencanto, na qual espaço, corpo e violência se articulam para revelar as tensões que marcaram o projeto nacional moçambicano após a independência. A trajetória de Uria Simango será mobilizada como elemento histórico complementar, permitindo refletir sobre a relação entre repressão política, exclusão e produção de subjetividades traumatizadas no contexto pós-colonial. Ao deslocar o olhar das narrativas heroicas da independência para as experiências de violência inscritas nos corpos e nos espaços, pretende-se demonstrar que a obra de Khosa elabora uma crítica profunda das promessas não concretizadas da nação, transformando a literatura num lugar privilegiado de reflexão sobre as marcas do desencanto pós-independência em Moçambique.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E GÊNERO EM MARILUCE MOURA E DERLEI CATARINA DE LUCA

Luciana Paiva Coronel

Resumo: A apresentação tem por objetivo analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, a representação da experiência de resistência à ditadura civil-militar brasileira presente em A revolta das vísceras (1982, 2023) e No corpo e na alma (2002). Escritas respectivamente pela militante bahiana Mariluce Moura, integrante da Ação Popular Marxista-Leninista (APML), e pela militante catarinense Derlei Catarina De Luca, integrante da Ação Popular (AP), as narrativas atravessam apagamentos históricos, trazendo enunciações que foram majoritariamente silenciadas pela historiografia, no caso a das mulheres. Dado que, conforme Danielle Tega, "a violência de gênero era parte da estrutura dos sistemas repressivos de ambas as ditaduras [brasileira e argentina]" (2019, p.17), o trabalho pretende contemplar a especificidade da atuação das mulheres no interior das organizações, seus conflitos com os dirigentes e sua contribuição para o movimento, a partir de seu ponto de vista. Uma vez que, segundo Roberto Vecchi e Alessia Di Eugenio (2020), a vocalização feminina da memória das experiências traumáticas da ditadura brasileira produz fissuras nas interpretações hegemônicas sobre o passado ditatorial brasileiro, dada a especificidade dos pontos de vista e das vivências que oferecem aos leitores, obras como A revolta das vísceras e No corpo e na alma mostram-se indispensáveis para desmontar e desafiar a tradição androcêntrica da escrita da história, razão central da atuação feminista no terreno político e acadêmico.

ANTES DO PASSADO - TESTEMUNHO RELIQUAT

Luís Henrique de Almeida Pereira da Silva

Resumo: O presente trabalho tem como escopo pensar a obra Antes do passado – o silêncio que vem do Araguaia (2012), de Liniane Haag Brum, enquanto uma narrativa testemunhal que (re)constrói a memória de Cilon Cunha Brum, desaparecido político na Guerrilha do Araguaia e tio-padrinho da autora. Para isso, será utilizado o testemunho enquanto reliquat (Marc Nichanian, 2012) em oposição ao testemunho enquanto testis (Seligmann-Silva, 2009), defendendo que a produção testemunhal de uma Catástrofe (Marc Nichanian, 2012) necessita ser elaborada a partir das ruínas, dialogando assim com o extermínio sem resto dos guerrilheiros (Vecchi, 2014) intencionado pela Ditadura Civil-Militar Brasileira. O acontecimento catastrófico (Marc Nichanian, 2012) que marca os grandes genocídios, no que tange à Guerrilha do Araguaia, é a dissolução do fato e a sua consequente impossibilidade de historicização (Vecchi, 2014), uma vez que a violência ali perpetrada pelo Estado militar tinha como finalidade a omissão do crime, isto é, a destruição das provas (o corpo, o arquivo, o registro). O testemunho reliquat é uma forma pela qual se configura a produção testemunhal levando em consideração a destruição e a impossibilidade de reconstrução de um evento cujo potencial destrutivo aniquila em seu próprio cerne toda possibilidade de testemunho integral. O testemunho reliquat dialoga com o constructo narrativo da memória de Cilon, visto que a memória é por si só fragmentada. Através do testemunho reliquat possibilitado pela literatura, a forma e o fundo literário configuram-se também de maneira fragmentada, uma vez que aquele que podia testemunhar sobre a violência (perseguições, torturas, a execução) que lhe fora infligida, está morto e seu corpo continua desaparecido. A formalização fragmentada do testemunho reliquat é então imposta pela própria Catástrofe: os vazios e ocos da narrativa da memória revelam aquilo que foi destruído.

LITERATURA, MULHER E CÁRCERE NA OBRA "ELA E A RECLUSÃO: O CONDENADO PODERIA SER VOCÊ" (1967), DE VERA TEREZA DE JESUS

Marcela Wanglon Richter

Resumo: Esta pesquisa visa discutir a literatura produzida por mulheres em situação de cárcere, a partir do estudo da obra "Ela e a reclusão: o condenado poderia ser você" (1967), de Vera Tereza de Jesus. Ao elaborar processos criativos singulares, Vera Tereza de Jesus estabelece um projeto de escrita orientado pela necessidade visceral de narrar as vivências da prisão e sua condição de mulher no mundo. A análise do texto permite observar a fluência de uma rede colaborativa entre linguagem, memória, silêncio e denúncia na qual a corporeidade da palavra e do corpo feminino respiram o mesmo ar tenso, em um ambiente tão desafiador quanto temerário. Este trabalho visa debater o projeto poético de Vera Tereza de Jesus, a partir de três linhas de análise principais: 1) a construção de uma poética da literatura produzida por mulheres no cárcere, 2) a presença de uma imagem da escrita como projeto de resistência e sobrevivência das mulheres que escrevem no cárcere, e 3) o debate sobre as relações vigentes entre textos estudados, o horizonte de

interesse da literatura contemporânea e o lugar ocupado pela literatura do cárcere produzida por mulheres na história da literatura brasileira. Por todos os aspectos apontados, este trabalho se justifica pela necessidade de ampliar o diálogo sobre as produções literárias de mulheres no cárcere – tema ainda pouco visitado pela nossa crítica literária.

MACHADO DE ASSIS, CINEMA DE HORROR E DIREITOS HUMANOS: EXPLICANDO A ORIGEM DA LEI DO FEMINICÍDIO (N.º 13.104/2015) ATRAVÉS DA ANÁLISE MULTIDISCIPLINAR

Mariana Martins Gomes

Resumo: A presente comunicação parte da criação do curso de extensão "Direitos Humanos e Cinema de Horror", ministrado em sete edições junto ao Centro de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de Caxias do Sul, entre 2023 e 2026. O curso objetiva analisar filmes de horror de diferentes épocas, situando-os em seus respectivos contextos sociais e políticos, para utilizá-los como instrumento pedagógico para análise e estudo de casos reais de violação de direitos humanos no Brasil. A opção pelo cinema de horror não é arbitrária; parafraseando a acadêmica Robin R. Means Coleman (2019), o horror tem algo a dizer sobre religião, ciência, estrangeiros, sexualidades, poder e controle, classe, papéis de gênero, origem do mal, sociedade ideal, democracia etc. Nessa perspectiva, é possível traçar um paralelo entre a literatura de horror machadiana (que foi convenientemente esquecida pela historiografia literária tradicional) e o cinema de horror, a fim de ilustrar a maior epidemia que o Brasil passa atualmente: o feminicídio. Em junho de 2026, há 37 casos registrados de feminicídio no Rio Grande do Sul. No Brasil, em 2025, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 1.568 mulheres e meninas foram vítimas de feminicídio. O corpus literário proposto para análise paralela ao filme "A primeira profecia", dirigido por Arkasha Stevenson (2024), é o conto "Sem olhos", publicado por Machado de Assis no Jornal das Famílias (Rio de Janeiro/RJ) em 1876. A contística de horror machadiana (bem como suas "narrativas de medo", em obras que possuem elementos de horror sem, contudo, se enquadrarem nos requisitos teóricos do gênero) é bastante prolífica; obras como "O relógio de ouro", "Um esqueleto" e "A causa secreta". A opção pelo conto "Sem olhos" se justifica pela violência perpetrada contra o corpo feminino, a culpabilização pela conduta inadequada, além de alegorias literárias sobre violência sexual que compõem o subtexto da obra — temáticas que estão também presentes na película de Stevenson (2024). Em conjunto, ambas servem de instrumento pedagógico para proporcionar uma leitura cultural e histórica da formação da luta pela tipificação do feminicídio como crime no Brasil.

A NARRATIVA DAS MULHERES COMO NOVO ESPAÇO: O ENTRE-LUGAR EM "A REVOLTA DAS VÍSCERAS" (1982)

Marinna Pires Alves

Resumo: A presente pesquisa propõe a análise bibliográfica de "A revolta das vísceras" (1982) da professora, jornalista e escritora Mariluce Moura como obra representativa da vocalização das mulheres acerca dos traumas no espaço da oposição à ditadura civil-militar de 1964 a partir conceito de entre-lugar, proposto por Homi K. Bhabha (1998). A narrativa memorialística-ficcional intimista, como a própria autora conceitua, tem Clara como protagonista que, através da escrita de uma carta endereçada ao companheiro morto, passa pelo processo de elaboração do trauma causado pelo Terrorismo de Estado (Padrós, 2005). Na interioridade da esfera narrativa a protagonista registra na carta suas angústias, trazendo à luz a participação política das mulheres no período nebuloso da ditadura junto aos diferentes tipos de violências sofridas, externamente marcadas pelo regime e internamente com a divisão dos espaços com homens de esquerda, tudo isso se evidencia desde um entre-lugar marcado pelo gênero. O teórico pós-colonial Homi K. Bhabha considera o entre-lugar um espaço de tensão e de resistência propício para a elaboração de reinvenções por parte da margem. Pensando na hegemonia do masculino e a partir da concepção da mulher como parte de um grupo marginalizado, investigo o entre-lugar enunciativo do trauma feminino, objetivando reconstituir a memória das violências sofridas pela protagonista e salientar a relevância desse novo espaço fundado pela narrativa de mulheres nos tempos de repressão do regime militar, assumindo assim uma ótica feminista.

MULHERES, MEMÓRIA, DITADURA: NO LIMIAR DA HISTÓRIA

Nicia Petreceli Zucolo

Resumo: Borrando as fronteiras entre ficção e história, Maria Pilla, com seu Volto semana que vem (2015) nos traz um relato fragmentário e desordenado, em que flashes de seus dias no cativeiro em uma prisão na Argentina, da relação com as companheiras do cárcere, misturam-se às suas memórias de infância, da família e de após seu retorno ao Brasil. A intenção desta comunicação é evidenciar que a literatura é uma maneira de, além de servir como uma memória social dos tempos ditatoriais, é uma maneira de salvaguardar, talvez resgatar, a subjetividade esgarçada e a individualidade vilipendiada. O desenvolvimento dessa ideia terá como ponto de partida Jaques Rancière (2019) e sua afirmação de que a ficcionalização é um modo de pensar o real, seguindo a mesma linha de Ítalo Calvino (1990), segundo quem o real em sua aspereza e peso é redimido pela leveza do narrar, pelo uso da palavra exata, isso, porém, em contraponto ao que Josefina Ludmer (2017) afirma em relação a uma literatura pós-autônoma. Para além dessa ideia,

pretende-se, ainda, nas palavras de Margareth Rago (2009) trazer os testemunhos de mulheres-elas-mesmas a desfazerem "mentiras oficiais", revelando "a violência física exercida sobre seus corpos, nas prisões, em sessões de interrogatório e tortura, ou ainda, a violência simbólica em suas inúmeras dimensões".

VIOLÊNCIA E MISOGINIA NAS DISTOPIAS FEMININAS: UMA ANÁLISE DE A COLMEIA E O CONTO D AIA

Renan Gerundo Hornes

Resumo: Os sonhos utópicos dos anos 60 e 70 acabaram sendo duramente esmagados pela realidade de um modo de produção que excluía cada vez mais as pessoas de seus paraísos de consumo. Nesse sentido, as distopias não foram criadas para providenciar soluções para esses problemas, mas sim alertar os leitores sobre os perigos que a sociedade está enfrentando e, a partir disso, estimular a reflexão crítica. Dentro desse escopo, as distopias produzidas por escritoras mulheres evidenciam ainda mais os perigos de uma sociedade totalitária, autoritária e misógina. O exemplo mais conhecido atualmente é a obra O Conto da Aia, de Margaret Atwood, situada em um futuro próximo, onde um regime teocrático e totalitário toma o poder nos Estados Unidos, transformando a sociedade e suprimindo todos os direitos das mulheres. É indiscutível o sucesso que a obra obteve, tendo em vista a recente adaptação para o formato audiovisual e toda a continuidade que está sendo produzida a partir da história de Atwood, no entanto, esta não é a única obra que reflete sobre os perigos dessa exclusão feminina na sociedade. Originalmente publicado em 1980, o livro A Colmeia, escrito pela irlandesa Margaret O'Donnell, é hoje considerado um dos precursores de O Conto da Aia. Sua história trata de uma resistência formada por mulheres em meio a uma sociedade altamente autoritária e machista, onde todas acabam perdendo seus direitos civis e são separadas entre esposas e operárias. Ao contrário da obra de Atwood, que foca na sobrevivência das mulheres em meio àquele cenário de opressão, A Colmeia apresenta uma rebelião organizada e orquestrada pelas mulheres. A presente pesquisa busca analisar e comparar ambas as obras, destacando as similaridades e diferenças entre elas. Dessa forma, objetiva-se destacar como cada uma delas desenvolveu sua crítica ao autoritarismo, revelando diferentes formas de resistência ao autoritarismo.

VIDAS SUSPENSAS: MORTE EM VIDA E MEMÓRIA TRAUMÁTICA EM "SOB OS PÉS, MEU CORPO INTEIRO", DE MARCIA TIBURI E "NÃO FALEI", DE BEATRIZ BRACHER

Sheila Katiane Staudt

Resumo: A literatura brasileira contemporânea tem desempenhado papel fundamental na elaboração crítica da memória da ditadura militar, especialmente ao voltar seu olhar para os sujeitos que sobreviveram

à violência de Estado. Nesse contexto, este trabalho propõe uma leitura comparada dos romances "Sob os pés, meu corpo inteiro" (2018), de Marcia Tiburi e "Não falei" (2004), de Beatriz Bracher, buscando analisar como ambas as obras representam a permanência do trauma autoritário na experiência dos sobreviventes. Em "Sob os pés, meu corpo inteiro", Alice de Souza descobre que sua identidade foi simbolicamente apagada após ser dada como morta durante a ditadura, passando a existir como uma espécie de fantasma social. Em "Não falei", Gustavo, professor aposentado e ex-preso político, vive sob o peso da culpa, da memória fragmentada e do silêncio que envolve os acontecimentos do passado. Embora construídos por estratégias narrativas distintas, os dois romances apresentam personagens marcados por uma sobrevivência precária, atravessada por ausências, silenciamentos e dificuldades de pertencimento. A partir das contribuições dos estudos da memória cultural e do trauma, argumenta-se que ambas as narrativas deslocam a atenção da violência física para seus efeitos subjetivos e duradouros. A figura espectral de Alice e o silêncio persistente de Gustavo constituem formas distintas de representação daquilo que permanece após o encerramento formal do regime: a impossibilidade de romper completamente com a experiência traumática. Nesse sentido, os romances evidenciam que a repressão não termina com a redemocratização, mas continua inscrita nos corpos, nas memórias e nas relações sociais. Desse modo, percebemos que Tiburi e Bracher constroem uma estética da sobrevivência marcada pela experiência limite vivida pelas personagens no passado, pela tensão entre memória e esquecimento, presença e ausência, voz e silêncio, revelando como os fantasmas da ditadura continuam a assombrar o presente brasileiro.

ST: A HISTÓRIA EM FRAGMENTOS: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A (RE)INVENÇÃO DO PASSADO NA LITERATURA E NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Maria Luísa de Castro Soares, Mônica Maria Feitosa Braga Gentil e Raimunda Celestina Mendes da Silva

Resumo: Este simpósio inscreve-se no campo reflexivo do XX Congresso Internacional da ABRALIC – 40 anos depois: comparatismos, permanências e renovações, propondo uma investigação crítica da metaficção historiográfica como forma privilegiada de elaboração estética do passado nas literaturas contemporâneas e em múltiplos sistemas semióticos. Ao situar-se na interface entre história, ficção, memória cultural e regimes de mediação narrativa, a proposta busca problematizar os modos pelos quais o passado é continuamente reconfigurado por práticas discursivas que tensionam os limites entre arquivo, imaginação, testemunho e fabulação. A metaficção historiográfica, entendida aqui em diálogo com Linda Hutcheon, não

apenas reinscreve acontecimentos pretéritos no espaço da ficção, mas explicita os próprios mecanismos de produção de sentido que sustentam a escrita da história. Tal gesto desloca a narrativa histórica de um suposto lugar de transparência epistemológica para o terreno da construção discursiva, evidenciando o caráter retórico, seletivo e ideologicamente situado de toda representação do passado. Em um contexto contemporâneo marcado pela crise das metanarrativas, pela proliferação de memórias concorrentes e pela intensificação dos fluxos midiáticos, essa vertente narrativa afirma-se como dispositivo crítico fundamental para compreender a disputa simbólica em torno dos usos do passado. A proposta acolhe trabalhos que examinem a permanência e a renovação dessas estratégias em diferentes tradições literárias e artísticas, com especial atenção para procedimentos como transtextualidade, intertextualidade documental, montagem arquivística, autorreferencialidade, mise en abyme, paródia de gêneros historiográficos e metaficcionalização do testemunho. À luz das contribuições de Gérard Genette e das discussões contemporâneas sobre circulação de formas, interessa observar como tais recursos promovem deslocamentos comparatistas entre textualidades, temporalidades e suportes, instaurando um campo de leitura no qual a história emerge como construção plural, processual e contestável. Nesse horizonte, as formulações de Hayden White acerca da dimensão narrativa da historiografia oferecem base teórica decisiva para pensar as zonas de contato entre escrita histórica e invenção ficcional. Ao reconhecer que a historiografia compartilha com a literatura operações de configuração, emplotment e seleção retórica, a metaficção historiográfica torna visível o estatuto narrativo da história, convertendo a própria escrita do passado em objeto de reflexão estética. O simpósio propõe, assim, discutir não apenas a representação de acontecimentos históricos, mas os modos pelos quais as formas narrativas produzem inteligibilidade histórica, afeto memorial e disputa política. Em consonância com os debates mais recentes do comparatismo expandido, serão particularmente bem-vindas pesquisas que privilegiem a circulação transnacional dessas formas na literatura latino-americana, espaço em que colonialidade, ditaduras, genocídios, racializações e apagamentos sistemáticos convertem a metaficção historiográfica em importante estratégia de reinscrição dos sujeitos subalternizados e dos chamados "esquecidos da história". Nesse contexto, a reescrita ficcional do passado articula-se às políticas da memória, à crítica das narrativas hegemônicas e à emergência de epistemologias dissidentes, fazendo da literatura um lugar de elaboração simbólica e de resistência. Em diálogo com as renovações metodológicas da ABRALIC, o simpósio amplia o escopo para além do literário, contemplando investigações em cinema, séries, artes visuais, histórias em quadrinhos, performance, videojogos e narrativas digitais, campos em que a metaficção historiográfica se reconfigura por meio de processos de intermidialidade, transposição intersemiótica e transmidialidade. Interessa particularmente compreender como diferentes mídias reelaboram arquivos, documentos, imagens de época e testemunhos, convertendo o passado em experiência estética multissensorial e participativa. Tal perspectiva permite pensar os comparatismos não apenas entre literaturas, mas entre

linguagens, suportes, materialidades e regimes perceptivos. Pretende-se acolher também pesquisas que articulem metaficção historiográfica e estudos da memória cultural, sobretudo no que diz respeito à memória traumática, à pós-memória, às poéticas do testemunho e às políticas do luto. Em interlocução com Paul Ricœur, Andreas Huyssen e Marianne Hirsch, interessa investigar de que maneira a ficção e as artes operam como espaços de elaboração do trauma, reparação simbólica e justiça memorial, sobretudo em contextos marcados por violência de Estado, desaparecimento forçado e silenciamento histórico. A discussão estender-se-á, portanto, às implicações éticas, políticas e estéticas da reescrita do passado no presente, enfatizando a responsabilidade crítica do escritor, do artista e do historiador na construção de narrativas mais complexas, plurais e sensíveis às diferenças. Mais do que espelho do passado, a ficção será pensada como instância ativa de mediação, reinscrição e contestação histórica, capaz de produzir novas formas de legibilidade para experiências marginalizadas. O objetivo central deste simpósio consiste em evidenciar como a metaficção historiográfica, em suas manifestações literárias e transmidiais, constitui um dos lugares privilegiados para pensar os comparatismos contemporâneos, as permanências de formas narrativas e as renovações estéticas que atravessam a cultura no presente.

FICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E MATERIALIDADE DA LINGUAGEM EM PEDRAS SELVAGENS, DE FERNAND POUILLON

Amanda Fievet Marques

Resumo: Publicado em 1964, o livro Pedras Selvagens, de Fernand Pouillon, encena a escrita imaginária do diário de um monge e mestre de obras responsável pela construção da abadia cisterciense do Thoronet, na Provença do século XII. O romance elabora uma experiência estética da historicidade por meio da própria materialidade da linguagem. A comunicação propõe examinar como a sintaxe do romance reproduz, no plano formal, os próprios procedimentos da construção arquitetônica medieval. A escrita de Pouillon opera por justaposição, polimento e equilíbrio de blocos sintáticos, produzindo uma linguagem mineral que transforma o texto em equivalente da pedra talhada. O uso recorrente de dois-pontos, ponto e vírgula, enumerações e estruturas paratáticas fragmenta e articula a frase como um canteiro de obras, instaurando uma relação direta entre construção material e construção verbal. Ao narrar a edificação da abadia, o romance também problematiza a própria ideia de representação histórica. O passado medieval, longe de aparecer como objeto transparente e de fácil restituição, é uma elaboração imaginária atravessada por visões, lembranças, delírios e reflexões sobre a criação artística. A arquitetura cisterciense torna-se, assim,

um princípio organizador da linguagem. A obra transforma a pedra em sintaxe e a sintaxe em operação historiográfica, fazendo da escrita um espaço de mediação entre memória e matéria. A análise buscará demonstrar, enfim, que a escrita ficcional da Idade Média em Pouillon produz uma reflexão sobre os próprios modos de reconstruir literariamente o passado.

HISTÓRIA, FICÇÃO E GÊNERO: A (RE)CONSTRUÇÃO DE JOVITA FEITOSA SOB A PERSPECTIVA DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM A VOLUNTÁRIA DA PÁTRIA (1992) E JOVITA: MISSÃO TRÁGICA NO PARAGUAI (1994)

Beatriz Michele Silva Carvalho

Resumo: Esta pesquisa analisa os romances A voluntária da pátria (1992), de Humberto Guimarães, e Jovita: missão trágica no Paraguai (1994), de Assis Brasil, explorando como essas obras reescrevem essas articulações históricas que influenciaram na ficção e (re)construção da personagem Jovita Feitosa, personagem vinculada à Guerra do Paraguai. Fundamentado nas reflexões de Georg Lukács (2000) sobre o Romance Histórico, nas formulações de Seymour Menton (1993) acerca do Novo Romance Histórico, nos estudos de Stuart Hall sobre identidade e nas concepções de Linda Hutcheon (1991) sobre metaficção historiográfica, a construção da pesquisa se propõe a compreender de que modo as obras reelaboram criticamente a identidade de Jovita e problematizam os discursos historiográficos tradicionais. Parte-se da hipótese de que ambos os autores utilizam estratégias metaficcionais para questionar as versões oficiais historiográficas e evidenciar os mecanismos de exclusão impostos às mulheres pela sociedade patriarcal do século XIX. Nesse sentido, a personagem é representada como sujeito histórico marginalizado, cuja trajetória é ressignificada pela ficção por meio da recuperação de vozes silenciadas. A pesquisa contribui para os estudos sobre literatura piauiense, história e gênero, ao destacar como a narrativa literária pode funcionar como espaço de resistência aos apagamentos históricos e de valorização de personagens femininas excluídas dos relatos hegemônicos da nação.

O FICCIONAL CONSTRUINDO DISCURSOS EM A BALAIADA - ROMANCE DO TEMPO DA REGÊNCIA DE VIRIATO CORRÊA: UMA (RE)NARRAÇÃO INTERPRETATIVA DA HISTÓRIA

Beatriz Michele Silva Carvalho e Cam Luz de Sousa Ribeiro Borges

Resumo: Viriato Corrêa, escritor maranhense do século XX, retoma em sua obra A Balaiada: Romance do tempo da regência (1996) os eventos do movimento popular ocorrido no Maranhão entre 1838 e 1841.

Tendo em vista fontes históricas como jornais, relatos e documentos oficiais, a obra constrói uma narrativa ficcional que busca reinscrever no imaginário nacional uma revolta popular silenciada pelos discursos canônicos. O relato de Corrêa, entretanto, sofre de uma reinterpretação pautada por uma supervalorização da história oficial elitizada do evento, carregando estereótipos nocivos consigo. Com base nesse contexto, este estudo apresenta como objetivo analisar os modos pelos quais o romance de Corrêa mobiliza elementos ficcionais para dar forma à sua versão da experiência histórica da Balaiada, evidenciando a literatura como um espaço simbólico de produção de sentido sobre o passado e a influência da interpretação do narrador, seja ele historiador ou autor ficcional, em obras que propõem discutir fatos passados. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, valendo-se de análise textual da obra e revisão bibliográfica, fundamentando-se principalmente nos estudos de Hayden White (1992), Luiz Costa Lima (1989; 2006; 2014), Júlio Pimentel Pinto (2020), Wolfgang Iser (2013) e Regina Zilberman (2004; 2012). Como resultado, observou-se que a narrativa de Corrêa transmite uma mimésis "irreal", tensionando os limites entre o discurso historiográfico e a criação estética.

A EXPLORAÇÃO DO RIO COLORADO EM DOIS TEMPOS: ELIOT WEINBERGER E O ENSAIO-POEMA NA REESCRITA DA HISTÓRIA

Daniel Salgado de Abreu

Resumo: Autor de diversas coleções de ensaio publicadas desde os anos 1980, o escritor, tradutor e editor americano Eliot Weinberger (1949) desenvolveu em seus chamados "ensaios elementares" um projeto ensaístico que incorpora técnicas da poesia como a enumeração, a citação, a colagem, a montagem e a reescrita de documentos históricos em um mesmo registro híbrido literário. Na prática, isso permite que Weinberger maneje grandes volumes de ideias, citações, fontes primárias e documentos históricos para construir uma "forma capaz de transformar a história – ou o que quer que a cultura saiba sobre si mesma – em poesia, sem, contudo, negar suas raízes em uma imagem compartilhada, se não instável, do mundo real", como define Michael Duszat em sua tese "Donkeys, Spirits and Imperial Ladies: Enumeration in Eliot Weinberger's Essays". É o que acontece no ensaio "A Journey on the Colorado River [1869]", presente no livro "The Ghost of Birds": nele, Weinberger parte do relato de viagem do século XIX "The Exploration of the Colorado River and Its Canyons" (1987), de John Wesley Powell. Utilizando citações diretas ao texto original de Powell, Weinberger faz uma transformação radical de seu sentido ao reestruturá-lo discursivamente: ganham força não os relatos do explorador branco que mapeia um rio para o governo expansionista dos Estados Unidos, mas a cosmogonia do povo Ute e uma série de canções

populares da região. O objetivo será portanto o de confrontar o texto de Weinberger com o de Powell e entender de que forma as técnicas do ensaio-poema do autor oferecem formas de retrabalhar uma fonte histórica primária colocando-a lado a lado com outros registros que a confrontam com perspectivas ausentes ou suprimidas de seu contexto original.

O SENTIDO DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM BEATRIZ NASCIMENTO E CONCEIÇÃO EVARISTO

Elias Ramos da Silva

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal promover uma reflexão sobre o sentido da metaficção historiográfica em Beatriz Nascimento e Conceição Evaristo. Para tanto, estabeleceu-se um diálogo com a autora Linda Hutcheon, pois esta pesquisadora desenvolveu o conceito de metaficção historiográfica com o propósito de elucidar a relação intrínseca entre a história e a ficção. Com base nessa questão, foi possível inferir que Beatriz Nascimento escreveu os poemas "20 de Novembro" e "Anti-racismo" com o propósito de mobilizar outros modos operantes de descrever a história da população afro-brasileira para além da visão dos panteões da história oficial. Já no conto "Regina Anastácia", observou-se que Conceição Evaristo nos apresenta um texto narrativo antirracista com o intuito de deslocar o sentido do discurso que naturaliza os privilégios do homem branco. Sendo assim, o aporte teórico adotado tem uma perspectiva afrodiaspórica, uma vez que permite construir uma epistemologia capaz de reconhecer e valorizar as experiências e contribuições da população negra em diáspora forçada. A partir dessa linha de pensamento, constatou-se que tanto Beatriz Nascimento quanto Conceição Evaristo, ao fazerem uso dos processos polissêmicos e parafrásticos da linguagem, produziram uma metaficção historiográfica capaz de resgatar os sujeitos historicamente invisibilizados e silenciados pelas narrativas hegemônicas. Além disso, ambas autoras mostram que a história não é neutra nem pode ser concebida como verdade absoluta.

SE A HISTÓRIA SERVE À GEOGRAFIA, A LITERATURA REVELA O TEMPO QUE AS UNE

Flávia Bezerra Memória

Resumo: Tomar o passado como gesto de escritura que enovela o presente é reconhecer que o leitor é o acontecimento de um porvir que, por sua vez, instaura as três temporalidades no agora. Deste modo, a maior intervenção do escritor no fazer mundos é esse embaraço de diferentes vozes no agenciamento de

tantas perspectivas tempo-espaciais. Todavia, não basta reconhecer o entramado passado-presente-futuro; é preciso, ainda, tomar lugar no espaçamento do texto evocado por uma tal câmara de ecos. Em O Mundo Fora da Pedra, Rita Carelli nos apresenta uma obra onde a morte de um missionário que atuava junto à comunidade enawene-nawe - com a quail tinha uma estreita relação de convívio -, é o fio que não apenas ritualiza mas atualiza o papel da literatura na tessitura de tantas histórias coletivas – imbrincadas também em uma unívoca História Nacional. Se uma ideia genealógica da literatura brasileira se enovela com a instituição do Estado Nação, talvez devamos não apenas nos insurgirmos com uma tal identificação, mas também observar como uma produção escritural contemporânea se insurge contra esta genealogia que, a seu modo, finda por interromper e estigmatizar, a modo colonizatório, uma mais ampla e complexa leitura do fazer literário. Neste exercício crítico, evocaremos uma diversidade de conceitos que giram em torno a uma noção de atualidade elaborados por Milton Santos em A Natureza do Espaço, e tópicos relacionados aos modos de ocupação do liberalismo tardio evocados em Geontologias: Um Réquiem para o Liberalismo Tardio, de Elizabeth Povinelli, pois mais do que um panfleto em defesa do Estado Nação, a literatura é o bojo comunitário de onde irrompe a festa, a fissura e a pedra no caminho.

OS EVANGELHOS REESCRITOS EM SEDE: INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA E METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Luciana Muniz Ribeiro

Resumo: O romance Sede (2021), de Amélie Nothomb, traz Jesus como narrador autodiegético que, ao refletir sobre sua experiência na Terra, tenta compreender, sobretudo, por que se deixou ser crucificado. A narrativa evidencia as características humanas dessa personagem que, ao ser colocada em um contexto literário, articula elementos históricos, religiosos e ficcionais. Em Sede, ao longo de suas reflexões, Jesus dialoga com textos bíblicos, especialmente os evangelhos de João, Lucas, Marcos e Mateus, compondo, assim, o "mosaico de citações" definido por Julia Kristeva (1969) como intertextualidade. Nessa mesma perspectiva, Linda Hutcheon (1991), ao discutir sobre metaficção historiográfica, considera a intertextualidade pós-moderna uma manifestação do desejo de reduzir a distância entre presente e passado, reescrevendo este último em novos contextos, sem esvaziar a sua dimensão histórica, mas confrontando diretamente o passado da literatura e da historiografia, já que esta também se origina de outros textos e documentos. Propósito semelhante também pode ser observado em Sede, na medida em que os diálogos intertextuais recriam o que se entrevê como histórico, atribuindo novos sentidos a esse discurso. Nesse contexto, o presente estudo teve por objetivo analisar o papel da intertextualidade bíblica

na construção narrativa do romance. Como resultados, foi possível observar como a personagem de Jesus, ao retomar os textos da tradição, subverte o cânone, evidenciando a instabilidade dos sentidos intertextuais. Ademais, verificou-se como diferentes narradores reinterpretam um mesmo evento segundo seus próprios critérios de relevância, perpassados pela memória, no qual cada um resgata aquilo que, em seus arquipélagos de sentidos, constitui o centro do mesmo acontecimento. Por fim, ao abordar a paixão de Cristo por meio de uma narrativa híbrida, situada entre memória histórica, reescritura bíblica e ficção contemporânea, o romance evidencia como é possível atribuir, por meio da literatura, novos sentidos a um dos episódios mais emblemáticos da tradição cristã.

A DESCONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO E DO SOBRENATURAL COMO RECURSO METAFICCIONAL: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE EÇA DE QUEIRÓS E MACHADO DE ASSIS

Luciane da Mota Frota e Maria Luísa de Castro Soares

Resumo: Neste estudo será feita a análise dos contos de "O defunto", de Eça de Queirós, e "Um esqueleto", de Machado de Assis, levando-se em consideração a desconstrução do fantástico e do sobrenatural como recurso metaficcional. Alguns elementos importantes, ancorados à teoria, serão examinados minuciosamente a fim de destacar como cada autor usa a disrupção do cotidiano, nos contos, a partir do insólito. Também será feita uma análise de como a literatura se assume como artifício, a fim de promover esta discussão reflexiva em torno do sobrenatural e do macabro na obra destes dois autores. É importante destacar a base principal que deu origem ao estudo, a ideia de que o Realismo não é uma caixa fechada e estanque. Ao contrário disso, é um estilo literário com uma tentativa de organizar o mundo que, ao falhar diante do mistério humano (o sobrenatural e o macabro), se vale do insólito que abre frestas para um possível antirrealismo. A presença da metaficcão nos contos dos dois autores acontece de forma muito cuidadosa, são narrativas que funcionam como reflexões críticas sobre os próprios gêneros literários. Importa, ainda, salientar que tanto Eça de Queirós como Machado de Assis utilizam a metaficção de formas convergentes e, ao mesmo tempo, divergentes, questionando os mecanismos pelos quais a literatura constrói e legitima essas histórias macabras.

ENTRE SAFO E OS REFUGIADOS: FRAGMENTO, MEMÓRIA E RUÍNAS DO TEMPO HISTÓRICO NO POEMA "DE UMA A OUTRA ILHA", DE ANA MARTINS MARQUES

Maria Gabriela Schwengber

Resumo: Benjamin (2012) compreende a história como uma construção marcada pelo "tempo de agora" (Jetztzeit), contrapondo-se a uma concepção homogênea e vazia do tempo histórico. Sob essa perspectiva, o fragmento poético pode ser pensado como um procedimento estético capaz de tensionar a continuidade histórica e transformar vestígios em elaboração crítica da memória. Escrito em fragmentos, o poema "De uma a outra ilha" (2023), de Ana Martins Marques, constrói um arquipélago poético do presente em que múltiplas temporalidades, vozes e imagens se cruzam, em um diálogo entre a poesia de Safo e a questão dos refugiados contemporâneos, apresentando a ilha de Lesbos, associada à poeta grega e hoje marcada pela crise migratória. A interlocução não se realiza como simples recuperação do passado, mas como montagem de tempos diversos, com fragmentos da tradição literária e registros jornalísticos do presente. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo investigar de que modo a estrutura fragmentária do poema articula memória literária e experiência histórica contemporânea. Para isso, serão analisados os procedimentos de fragmentação e intertextualidade presentes no poema, sobretudo nas imagens de ilha, travessia e fronteira. A partir de Safo e Anne Carson (2022), Eros é compreendido como uma experiência de fronteira, marcada pela tensão entre desejo e perda; em Marques, essa fronteira adquire dimensão política ao se relacionar aos refugiados e às vozes silenciadas pela narrativa histórica dominante. Na obra, passado, presente e futuro estão tensionados: o tempo aparece estilhaçado em fragmentos, aproximando-se da reflexão de Agamben (2009) sobre o contemporâneo como aquele que percebe as "vértebras quebradas" do próprio tempo. Assim, em diálogo com Bosi (2000), espera-se demonstrar que "De uma a outra ilha", em sua materialidade formal e imagética, transforma o fragmento em forma de elaboração estética de um tempo em ruínas, em que a poesia se torna ato de memória e resistência.

O "NÃO" DA HISTÓRIA E OS DIÁRIOS DO SILÊNCIO: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM JOSÉ SARAMAGO E SILVIANO SANTIAGO

Maria Luísa de Castro Soares e Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

Resumo: A presente comunicação analisa a convergência teórica e estética entre a literatura contemporânea portuguesa e brasileira no que concerne a revisão crítica do passado, tomando como objetos de estudo os romances História do Cerco de Lisboa (1989), de José Saramago, e Em Liberdade (1981), de Silviano Santiago. Sob a égide do conceito de metaficção historiográfica, proposto por Linda Hutcheon, propõe-se examinar de que forma ambas as obras operam uma ruptura com o discurso histórico oficial, convertendo o arquivo documental num espaço de problematização, rasura e fragmentação. Em Saramago, a inserção deliberada de um "não" num texto de história deforma o mito

fundador da nacionalidade portuguesa, evidenciando a plasticidade e a arbitrariedade ideológica da linguagem historiográfica. Por sua vez, Silviano Santiago mimetiza o estilo de Graciliano Ramos num diário apócrifo do pós-cárcere, preenchendo as lacunas e os silêncios impostos pelo trauma da opressão política e pela censura do Estado Novo brasileiro. Ao fundirem fato e ficção, biografia e pastiche, os autores destronam o passado do seu estatuto de monumento intocável. Conclui-se que tanto Saramago como Santiago utilizam o fragmento e a reiteração metaficcional não para negar o acontecimento histórico, mas para reivindicar a literatura como um espaço legítimo de emancipação, capaz de reconfigurar as margens da memória coletiva e de (re)inventar o passado através da imaginação crítica.

HISTORIOGRAFIA E TRADIÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA EM UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES

Rayanne Soares da Paz

Resumo: A Literatura Comparada, em diálogo com a teoria do romance e a historiografia literária, contribui para a compreensão da tradição como um campo dinâmico, marcado por deslocamentos, tensões e reconfigurações. Este trabalho investiga de que modo o romance Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves tensiona os pressupostos do romance realista oitocentista e reconfigura a tradição literária brasileira sem promover ruptura total com seus fundamentos. A análise se concentra na construção da memória em primeira pessoa pela protagonista Kehinde, personagem inspirada na figura histórica de Luísa Mahin, frequentemente associada à maternidade de Luiz Gama. O estudo privilegia os procedimentos narrativos de rememoração, a interlocução com documentos históricos, como anúncios de escravizados fugidos e correspondências, e o deslocamento do ponto de vista dominante. Parte-se da hipótese de que o romance mobiliza elementos formais herdados da tradição realista, como o detalhamento descritivo e a ambição de representar um quadro social abrangente, para tensionar seus pressupostos e ampliar os limites da representação literária. Ao incorporar eventos relacionados à escravidão, à circulação atlântica e às dinâmicas sociais do século XIX, o romance tensiona as fronteiras entre ficção e história. A narrativa se apropria de procedimentos característicos do discurso histórico, como a referência a documentos e a reconstrução de contextos, e simultaneamente questiona a pretensão de objetividade associada a esse discurso. O romance subverte o ponto de vista dominante ao centrar a narrativa na experiência de uma mulher negra, cuja presença foi frequentemente silenciada na tradição literária e historiográfica. Esse deslocamento não implica ruptura com a tradição, mas promove sua

reconfiguração. O romance não apenas revisita a história do Brasil, mas intervém em sua reinterpretação ao infletir os percursos da tradição literária e problematizar as hierarquias que sustentaram o cânone.

NARRAR O IRREPRESENTÁVEL: METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM MATADOURO CINCO

Ruth Ramos Roland

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise de Matadouro Cinco, de Kurt Vonnegut, a partir das discussões acerca da metaficção historiográfica e das relações entre ficção, memória e história na literatura contemporânea. O romance, marcado pela fragmentação temporal, pela autorreflexividade narrativa e pela problematização da experiência traumática, toma como eixo central o bombardeio de Dresden durante a Segunda Guerra Mundial, episódio histórico vivenciado pelo próprio autor. Nesse sentido, pretende-se investigar de que maneira a obra utiliza estratégias metaficcionais para representar um acontecimento historicamente traumático e, simultaneamente, questionar os limites entre narrativa ficcional e narrativa histórica. Para tanto, o estudo discutirá as relações entre romance histórico, metaficção historiográfica e narrativa pós-moderna, analisando como a descontinuidade temporal, a repetição e a autoconsciência narrativa articulam-se à representação do trauma e à crise da representação histórica. A pesquisa fundamenta-se, principalmente, nas reflexões de Linda Hutcheon (1991) acerca da metaficção historiográfica e de Hayden White (1994) sobre o caráter narrativo da historiografia, dialogando ainda com contribuições de Theodor Adorno (2003), Walter Benjamin (1987) e Fredric Jameson (2006) no que se refere à representação do horror, à experiência moderna e às formas narrativas do pós-modernismo. Busca-se demonstrar que Matadouro Cinco não apenas ficcionaliza um acontecimento histórico, mas evidencia as dificuldades de narrar experiências traumáticas em um contexto de fragmentação da memória e de crise das grandes narrativas históricas.

ST: A LITERATURA COMO DIREITO ÉTICO, E ESTÉTICO E POLÍTICO: ALTERIDADE, PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO E O OLHAR COMPARATISTA

Coordenação: Juciane dos Santos Cavalheiro, Márcia Lopes Duarte e Sabrina Vier

Resumo: Este Simpósio propõe uma reflexão sobre a função social e a natureza ontológica da experiência literária na contemporaneidade. Bakhtin (2010) nos aponta como caminho a via da consolidação amorosa

ao afirmar que "somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade" (p. 129). Sob essa ótica, o fazer literário e o ato de ler não são apenas exercícios intelectuais, mas processos de alteridade em que o "eu" se constitui através do olhar do "outro". Diante da liquidez dos laços sociais, surge a necessidade premente de sermos ouvidos e amparados em nossa diversidade para que nos saibamos sujeitos dignos de amor e reconhecimento (Bauman, 2021). Nesse horizonte, o simpósio ancora-se na premissa de Antonio Candido (2014), que postula a literatura como um direito inalienável do ser humano — uma necessidade que satisfaz a sede de ficção e organiza o nosso caos interior. Para que se possa operar essa compreensão, valemo-nos do método comparatista, cujas bases vêm sendo propostas pela ABRALIC no Brasil desde a década de 80 do século XX. Como ensina a professora Tania Franco Carvalhal (2006), "comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura" (p. 7), sendo um hábito generalizado que permite a transposição de fronteiras disciplinares. Dialogamos também com o escritor Fabio Morabito (2005), para quem, no poema, a palavra sofre uma refutação tamanha que se torna "um único salto de uma margem à outra" (p. 48). É essa palavra-ponte — que simultaneamente une e desestabiliza — que buscamos investigar/ colocar em cena neste simpósio. Ao aliarmos os estudos de Antonio Candido, Mikhail Bakhtin e Fabio Morabito, pretendemos demonstrar a inexistência de uma fórmula única para a formação de leitores, visto que é no momento em que a leitura se efetiva que podemos observar a interpretação sendo construía. Defendemos que a educação literária deve ser pautada pela pluralidade de vozes e experiências. Buscamos, em diálogo com a poética de Drummond, a chave para desvendar a leitura. Todavia, nossa chave diferencia-se por fundir sonhos, metáforas, símbolos e imaginação, com o objetivo de abrir as portas do inexplicável e do imponderável. O Simpósio intenciona, portanto, acolher trabalhos (concluídos ou em andamento) que articulem os Estudos Literários e a Linguística Aplicada em uma perspectiva trans e indisciplinar, contemplando as seguintes abordagens: (1) Dimensão Institucional e Comunitária: pesquisas e ações de ensino e extensão que buscam a democratização do acesso à literatura; (2) Espaços de Partilha: relatos e análises de mediação de leitura em clubes, rodas e círculos de leitura, tanto na educação formal quanto em ambientes não formais; (3) Escritas da Subjetividade: práticas autobiográficas, diários de leitura e memórias como formas de registro da vivência estética e ética; (4) Metodologias e Letramentos: propostas teóricas e metodológicas para o letramento literário que considerem a análise de experiências reais. Busca-se, assim, consolidar um espaço de interlocução que compreenda a literatura em suas múltiplas potencialidades: como ferramenta de resistência, como exercício de empatia e como território de construção de cidadania. A presente proposta de Simpósio justifica-se, então, pela urgência de se repensar o lugar da literatura na sociedade contemporânea, não apenas como objeto de erudição, mas como uma prática ética, estética e política indispensável para a manutenção dos laços humanos. Em um cenário de crescente fragmentação social e

desvalorização das humanidades, retomar a perspectiva de Mikhail Bakhtin e Antonio Candido sobre amorosidade e alteridade permite que o estudo literário recupere sua dimensão humanizadora. A literatura, sob esta ótica, funciona como a "palavra-ponte" mencionada por Fabio Morabito: um espaço de trânsito entre culturas, subjetividades e realidades sociais distintas. Este espaço de troca visa consolidar a literatura como um território de encontro e alteridade, reafirmando o compromisso da Literatura Comparada com a construção de uma sociedade mais empática e consciente de seus direitos estéticos.

ESCRITAS DA SUBJETIVIDADE, FRAGMENTO E VIOLÊNCIA HISTÓRICA EM MILTON HATOUM E ISABELA FIGUEIREDO

Adriana Maciel Antonaccio e Ester Cordeiro da Fonseca

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre A noite da espera e Pontos de fuga, de Milton Hatoum, em interlocução com Caderno de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo, buscando investigar como formas fragmentárias de escrita da subjetividade elaboram experiências históricas violentas e transformam o relato individual em espaço de inscrição da memória coletiva. Interessa observar, nessas obras, a presença de diários, notas, cartas, lembranças descontínuas e registros híbridos que deslocam as fronteiras do romance e acolhem, em sua composição, marcas do testemunho, da autobiografia e do arquivo. Em Hatoum, a escrita de Martim, atravessada pela ditadura militar, pelo exílio subjetivo e pela ausência materna, organiza-se como tentativa precária de compreender um passado que insiste no presente. Em Figueiredo, a memória da infância colonial emerge por fragmentos curtos, por cenas duras e por uma linguagem que confronta a violência do império a partir do corpo, da casa e da figura paterna. Em ambos os casos, a experiência íntima se abre para uma dimensão histórica mais ampla, e a forma quebrada do relato passa a responder eticamente à impossibilidade de totalizar o vivido. A reflexão fundamenta-se nas contribuições de Bakhtin (2011, 2015) acerca da alteridade e da constituição relacional do sujeito, em Candido (2014), ao pensar a literatura como direito, em Said (2011), para compreender as relações entre cultura, imperialismo e memória colonial, e em Ribeiro (2020), cujas reflexões sobre pós-memória, herança colonial e fantasmas pós-coloniais permitem pensar a permanência do passado imperial nas subjetividades e nas narrativas contemporâneas. Dialoga, ainda, com autores que discutem testemunho, escrita fragmentária e memória da violência, como Seligmann-Silva (2022) e Blanchot (1987, 2005). Busca-se, assim, mostrar que essas obras fazem da literatura uma palavra-ponte entre experiência singular e história coletiva, reafirmando seu alcance ético, estético e político diante de mundos marcados por trauma, silenciamento e heranças autoritárias

PARA ALÉM DO CÂNONE: CRÍTICA LITERÁRIA, ESTÉTICA E A DESLEGITIMAÇÃO DA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Andressa Cristina Oliveira

Resumo: Nos últimos anos, temos acompanhado na mídia alguns discursos polêmicos de críticos de Literatura acerca do que deve ser considerado texto literário ou não, sobretudo em relação a obras literárias de escritoras e escritores negros. Coincidentemente, essas falas surgem em meio a um contexto cujas produções literárias desses escritores, passam a ganhar cada vez mais destaque seja recebendo prêmios literários importantes, seja ocupando espaço na academia, em feiras literárias e em distintos espaços educacionais. Essas críticas são atribuídas ao valor estético dessas obras, associando-as a expressões tais como "não é literatura" "excesso de didatismo", "literatura panfletária", isto é, apontam que na literatura brasileira produzida atualmente o conteúdo é predominante em relação à forma, além trazer, mais uma vez, como questionamento, o papel da literatura enquanto arte, na pós-contemporaneidade. É fato que a discussão sobre o real conceito da Literatura e a que ela se pretende não é algo novo na história da crítica literária, por isso, o presente artigo tem como objetivo discutir o que motiva esses juízos críticos atuais, considerando que muitas deles têm como referência de qualidade estética o cânone literário ou o que muitos críticos denominam de alta literatura – produzido em sua maior parte por escritores homens e brancos. Nesse sentido, através da metodologia qualitativa, o artigo revisita alguns dos principais estudos acerca da crítica e da teoria literária, como Costa Lima (1979), Sartre (1998), Barthes (2012), Kant (2012), Perrone-Moisés (2016), Dalcastagnè & Tennina (2019), Silva (2023), Cândido (2023), Eagleton (2024), Cuti 2010), Evaristo (2026), dentre outros.

TRADUZIR O INSÓLITO: ALTERIDADE FEMININA E REESCRITA CRÍTICA NA OBRA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Bárbara Bentes

Resumo: Esta comunicação propõe discutir o processo de tradução comentada de contos de Júlia Lopes de Almeida, com enfoque na representação do insólito articulada à alteridade feminina. A partir de um corpus composto por oito contos da autora, a pesquisa investiga de que modo elementos do estranho, do delírio e da desestabilização subjetiva operam como mecanismos de crítica às estruturas patriarcais e às formas históricas de silenciamento da mulher. O estudo compreende o insólito não apenas como categoria estética vinculada ao fantástico, mas como estratégia narrativa capaz de tensionar identidades, convenções sociais e limites entre normalidade e exclusão. Para isso, estabelece diálogo teórico com Tzvetan Todorov, Flávio García e Ana Lúcia Trevisan, articulando essas perspectivas à crítica feminista de Rita Terezinha Schmidt. No campo tradutório, a pesquisa ancora-se nas formulações de Antoine Berman e Lawrence

Venuti, compreendendo a tradução literária como prática ética de escuta da alteridade e resistência à domesticação cultural. Desse modo, a comunicação pretende refletir sobre como a tradução comentada pode funcionar como gesto de reescrita crítica e reinscrição cultural de autoras historicamente marginalizadas, ampliando a circulação internacional da obra de Júlia Lopes de Almeida e contribuindo para debates contemporâneos sobre gênero, tradução e o efeito do insólito na literatura.

ENTRE A FRAGMENTAÇÃO E O TESTEMUNHO: FORMAS NARRATIVAS DA MEMÓRIA DA DITADURA EM MILTON HATOUM E MARCELO RUBENS PAIVA

Enilda Vitoria Santos de Lima Nogueira

Resumo: Este trabalho propõe uma análise comparativa entre A noite da espera (2017), de Milton Hatoum, e Ainda estou aqui (2015), de Marcelo Rubens Paiva, investigando as diferentes formas narrativas de elaboração da memória da ditadura militar brasileira presentes nas obras. Parte-se da compreensão de que a memória não constitui uma recuperação transparente do passado, mas uma construção narrativa atravessada pela subjetividade, pelo trauma e pelas disputas de sentido. Nesse contexto, a literatura contemporânea brasileira configura-se como espaço de rememoração e reelaboração das experiências vinculadas ao período autoritário. A pesquisa fundamenta-se nas reflexões de Beatriz Sarlo, em Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva (2007), e de Paul Ricoeur, em A memória, a história, o esquecimento (2008), mobilizando discussões acerca da memória, da narrativa e da representação da experiência histórica. A comparação entre as obras permite observar como diferentes projetos estéticos contemporâneos elaboram a memória da ditadura militar brasileira, articulando ficção, testemunho e reconstrução histórica. A hipótese central é a de que as obras constroem formas distintas de rememoração do período autoritário: enquanto A noite da espera apresenta uma memória fragmentada e melancólica, marcada pelo deslocamento subjetivo e pela ausência, Ainda estou aqui organiza uma narrativa testemunhal voltada à reconstrução da memória familiar e à denúncia da violência de Estado. A aproximação entre as obras justifica-se por sua inserção em um contexto contemporâneo de revalorização dos debates acerca da memória da ditadura militar brasileira. Assim, busca-se compreender como diferentes estratégias narrativas produzem distintas formas de elaboração da experiência histórica do período, evidenciando o papel da literatura na construção da memória coletiva e na disputa de sentidos sobre o passado autoritário brasileiro.

DISSONÂNCIAS DA MATERNIDADE: ESCRITA DE SI, MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE FEMININA NA LITERATURA COMPARADA CONTEMPORÂNEA

Érica Fernandes Dias

Resumo: Este estudo propõe uma leitura da literatura contemporânea como espaço de elaboração simbólica da maternidade e das subjetividades femininas, investigando de que modo narrativas marcadas pela memória, pela escrevivência e pela escrita de si tensionam regimes normativos da maternidade e do feminino e transformam experiências de silêncio, culpa, exaustão e violência simbólica em linguagem, memória e resistência. Vinculado a uma pesquisa de doutorado em Literatura Comparada do PPGLETRAS-UFC, o trabalho aproxima "Uma mulher", de Annie Ernaux, o conto "Olhos d'Água", de Conceição Evaristo, e textos autorais escritos e publicados pela pesquisadora, compreendidos como arquivo sensível da experiência materna contemporânea e espaço de elaboração crítica do vivido. A partir de um eixo comparatista, a pesquisa articula, em Annie Ernaux, a memória íntima atravessada pelas marcas de classe; em Conceição Evaristo, a memória ancestral e racializada inscrita na escrevivência; e, nos textos da pesquisadora, a constituição de uma maternidade dissidente elaborada entre afeto, solidão, precarização, trabalho e sobrevivência. Nesse movimento, a escrita literária é compreendida como espaço de mediação simbólica, alteridade e reinscrição das experiências femininas historicamente silenciadas. A fundamentação teórica encontra-se alicerçada nas reflexões de Antonio Candido, Mikhail Bakhtin, Tania Franco Carvalhal e Jorge Larrosa, em diálogo com Elisabeth Badinter, Judith Butler, Maria Rita Kehl, Lélia Gonzalez e bell hooks. Metodologicamente, desenvolve-se leitura comparada entre as obras e os textos da pesquisadora, evidenciando como a escrita literária produz deslocamentos subjetivos e formas de reexistência diante das normatividades do feminino. Os resultados parciais da pesquisa apontam que a literatura contemporânea, ao transformar experiências historicamente silenciadas em linguagem e memória, constitui-se como espaço ético, estético e político de elaboração do vivido, permitindo a reinscrição crítica das subjetividades femininas e das maternidades dissidentes na contemporaneidade.

O FABULAR DA LITERATURA EM CLUBES DE LEITURA

Juciane dos Santos Cavalheiro

Resumo: A leitura, em sua gênese etimológica associada aos verbos colher e recolher, configura-se como um movimento imprevisto em direção ao desconhecido. O leitor, enquanto figura central, atua como aquele que (re)colhe incertezas e certezas mobilizadas no ato de ler (Bajour, 2023), expandindo capacidades inventivas e críticas necessárias à reinvenção de si e à compreensão do outro. No âmbito dos clubes de leitura, essa dinâmica se potencializa por meio de uma conversação ativa e comunitária, na qual a escuta das interpretações alheias se entrelaça à nossa (Bajour, 2012). O espaço coletivo convoca, ainda, a figura central da mediadora que, sob uma perspectiva dialógica bakhtiniana (2010; 2013; 2016; 2017; 2020; 2023), exerce uma escuta amorosa e interessada, pautada no reconhecimento da alteridade. Esta comunicação objetiva, assim, analisar a experiência de mediação de um Clube de Leitura desenvolvido na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), compreendendo 24 encontros realizados entre dezembro de

2024 e novembro de 2026. Os resultados desses dois primeiros anos de atuação indicam, fundamentalmente: a) um mapeamento cronotópico de encontros, com diferentes alteridades, temporalidades (do século XIX ao XXI) e nacionalidades (envolvendo doze autores e doze autoras de treze países distintos); e b) a consolidação de uma formação leitora autônoma, humana e corresponsável, impulsionada pela socialização e pela indissociabilidade entre subjetividade e alteridade. Conclui-se que os clubes de leitura funcionam como espaços de acolhimento e partilha dialógica, geradores de experiências estéticas coletivas e transformadoras.

ENTRE O UTILITARISMO E A ALTERIDADE: O DIREITO À LITERATURA EM TEMPOS DE RECOMPOSIÇÃO DE HABILIDADES

Luciana de Santana Fernandes

Resumo: A presente proposta discute os impactos da política nacional de Recomposição de Aprendizagens em Língua Portuguesa (2025) na formação do leitor, investigando criticamente os critérios que orientaram a não priorização de habilidades artístico-literárias nas matrizes de Recomposição. A pesquisa questiona o pragmatismo tecnocrata que rebaixa o estético a um saber secundário em momentos de crise. Sob a ótica da Literatura Comparada, propõe-se tensionar a relação entre o discurso educacional e institucional e o direito à fabulação. Teoricamente, o trabalho ancora-se no conceito de literatura como direito fundamental (Candido, 2023) e no letramento literário como experiência de alteridade e subjetivação (Cosson, 2006). A partir dessa moldura teórica, argumenta-se que a literatura não é um ornamento pedagógico, mas um pilar da formação integral e um espaço ético de resistência. Acreditamos que apagamento da Literatura em nome de competências utilitaristas compromete a capacidade crítica e a sensibilidade estética necessárias para interpretar a complexidade do texto artístico e da realidade contemporâneo. Diante disso, esta comunicação promove uma atitude crítico-reflexiva, problematizando a hierarquização dos saberes "essenciais" hoje. Defende-se, em última análise, que amputar o campo literário das diretrizes educacionais significa interditar o acesso à pluralidade cultural e ao próprio exercício da imaginação democrática, impactando na multiplicidade discursiva.

EM BUSCA DO ARTISTA QUANDO JOVEM: ANDRÉ BAILLON E O KÜNSTLERROMAN

Marilia Santanna Villar Alonso

Resumo: Acompanhando o personagem ao longo de seu crescimento e desenvolvimento como pessoa com identidade própria e, sobretudo, como artista, o Künstlerroman representa um tipo de romance de formação muito produtivo na Literatura. O presente trabalho se volta para a análise da obra de André Baillon – autor belga do início do século XX – para examinar em que medida seu texto, marcadamente

autobiográfico, se aproxima do Künstlerroman. Para esta análise, será preciso partir dos livros Le Neveu de Mademoiselle Autorité e Roseau, que narram a infância do protagonista, e recorrer a outros textos, como Un Homme si Simple, que se prolongam sobre o nascimento do escritor e sua condição de artista. Ao desenvolver essa análise, é preciso retomar as características do gênero, o que será feito tomando como base as obras Perto do Coração Selvagem, Retrato do Artista quando Jovem e Em busca do tempo perdido, três obras publicadas no século XX, mas que retratam artistas provenientes de países geograficamente e culturalmente afastados. Joyce e Proust publicam logo no início do efervescente século XX, enquanto a obra de Lispector ganhará as prateleiras de nossas livrarias no ano de 1943, um período marcado pela Segunda Guerra Mundial. Os personagens de Stephen Dedalus, Marcel e Joana – assim como o personagem bailloniano – são fruto da sociedade em que estão inseridos, ao mesmo tempo em que são artífices de suas próprias histórias. É essa ligação entre o protagonista e o mundo em que ele vive que nos interessa, recordando o que diz Bakhtin em Estética da Criação Verbal: "A formação do homem efetua-se no tempo histórico real (...) O homem se forma ao mesmo tempo que o mundo" (BAKHTIN, 2003, p. 240). As obras serão, portanto, analisadas, levando em conta o protagonista mergulhado na "esfera espaçosa da existência histórica" (BAKHTIN, ibid.).

ENTRE MUNDOS POSSÍVEIS E AFETOS REAIS: FELICIDADE, IMAGINÁRIO E MITOPOÉTICA NA LITERATURA FANTÁSTICA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Norival Bottos Júnior

Resumo: Este trabalho investiga a relação entre felicidade, literatura fantástica, imaginário e mitopoética, com ênfase na formação de leitores jovens a partir do prazer estético. Inserido no campo da Literatura Comparada, propõe uma abordagem interdisciplinar que articula teoria literária, filosofia do imaginário e estética da recepção, buscando compreender como narrativas fantásticas mobilizam estruturas simbólicas capazes de produzir experiências de sentido e bem-estar no leitor contemporâneo. A partir de Gilbert Durand, o imaginário é compreendido como sistema organizador de imagens e símbolos que mediam a relação entre sujeito e mundo, configurando a literatura como espaço de elaboração simbólica da experiência existencial. Em diálogo com essa perspectiva, a mitopoética, conforme Joseph Campbell e Mircea Eliade, é entendida como forma narrativa que atualiza arquétipos e estruturas míticas, respondendo a questões fundamentais como identidade, pertencimento e felicidade. No âmbito do fantástico, conforme Tzvetan Todorov, a ambiguidade entre o racional e o sobrenatural intensifica a participação do leitor, aspecto aprofundado pela estética da recepção em Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que enfatiza o papel ativo do leitor na construção do sentido e do prazer estético. A hipótese central sustenta que a literatura fantástica promove experiências de felicidade como efeito estético, decorrente da identificação simbólica e

da abertura ao possível. Para tanto, realiza-se uma análise comparativa de Sandman, de Neil Gaiman, e Iluminações, de Alan Moore. Em Gaiman, observa-se uma mitopoética estruturada, baseada em arquétipos que remetem à tradição mítica. Já em Moore, o imaginário se apresenta de forma fragmentada e heterogênea, marcada pela instabilidade e pela experimentação.Apesar das diferenças, ambas as obras valorizam o imaginário como espaço de produção de sentido e engajamento do leitor. Conclui-se que a literatura fantástica, ao articular imaginário e mitopoética, favorece experiências estéticas significativas, contribuindo para a formação de leitores a partir do prazer e da construção de subjetividades.

ERRO OU INJUSTIÇA? O INFORTÚNIO MORAL E JURÍDICO DE VICTOR FRANKENSTEIN

Rafael Vale Geroncio Borges de Albuquerque e Rosanne Bezerra de Araujo

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura analítica do romance Frankenstein or the Modern Prometheus (1818), de Mary Shelley, focada na delimitação da responsabilidade ética e jurídica de Victor Frankenstein em relação à sua Criatura. Para tanto, a pesquisa articula um referencial teórico que transita entre a filosofia moral, a ética clássica e o garantismo. Inicialmente, a conduta do cientista genebrino é examinada à luz do Imperativo Categórico de Immanuel Kant (2014). Demonstra-se que Victor viola a máxima de tratar a humanidade como fim em si mesma, operando em uma lógica de heteronomia que reduz a Criatura a um mero meio para a satisfação de seu ego e ambição científica, mesmo que esta se prove como um sujeito dotado de razão e arbítrio. Em seguida, a natureza dessa falha é diagnosticada sob o prisma da ética aristotélica. Argumenta-se que o ato criador desprovido de prudência (phrónesis) configura primeiramente uma hamartia, isto é, um erro trágico de cálculo e previsão da téchne. Contudo, o subsequente abandono da Criatura e a recusa deliberada em prover-lhe amparo ou companhia tornam esse erro inicial um adikema, deixando de ser um erro para configurar uma injustiça voluntária e continuada (Aristóteles, 2012, 2024). De forma suplementar, o estudo recorre à teoria dos direitos fundamentais de Robert Alexy (2011) e ao garantismo de Luigi Ferrajoli (2010) para dimensionar a extensão dessa responsabilidade. A negação de garantias mínimas à Criatura instaura a "lei do mais forte" (Ferrajoli, 2010), subvertendo o dever incondicional de proteção do criador. Conclui-se que a responsabilidade de Victor ultrapassa a fatalidade científica, consolidando-se como uma violação inegociável de deveres morais fundamentais.

VOCÊ ACEITA NOSSO CONVITE? VIVÊNCIA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Sabrina Vier

Resumo: A partir do diálogo entre enunciação (Benveniste, 1969; 2011) e leitura literária (Colomer, 2007) e das concepções elencadas em estudos publicados em parceria (Duarte; Vier, 2020; Vier; Duarte, 2023), que versam sobre os princípios para a vivência literária e o enfrentamento do texto com base na análise linguística, planejamos uma atividade acadêmica do curso de Letras da Unisinos (Leituras literárias compartilhadas), na qual os/as alunos/as foram convocados/as a criar vivências literárias relacionadas a textos clássicos da literatura ocidental. A presente comunicação expõe alguns dos trabalhos dos/das alunos/as e uma reflexão crítica sobre os movimentos realizados. Assim, esta comunicação, em diálogo com nossos estudos, "[...] tem o objetivo de pensar a experiência com o texto literário em sua dimensão enigmática e problemática: muito antes de trazer receitas para o planejamento de aulas que tenham o texto literário como objeto, desejamos pensar princípios para vivências literárias em sala de aula." (Duarte: Vier, 2020, p.3) Esta é a premissa básica da condução dos trabalhos, que nos convidaram, por exemplo, a participar do baile de máscaras na casa dos Capuleto, em Romeu e Julieta, de Shakespeare, do ambiente de trabalho de Akáki Akákievitch, em O Capote, do casamento da noiva e do noivo, em Bodas de Sangue, do aniversário de Benjy, em O Som e a Fúria. A partir da análise de questionários respondidos por alunos e alunas e das vivências criadas e análises linguísticas produzidas, defendemos que é possível e necessário, em cursos de formação de professores, ir além da inovação metodológica e propor uma nova concepção de abordagem da literatura em sala de aula que abarque o ético e o estético e, por isso, a língua no texto literário.

FRUIÇÃO ESTÉTICA LITERÁRIA COMO JUSTIÇA SOCIAL

Vitória Haetinger Pereira

Resumo: A discussão acerca da democratização do livro e do direito à literatura sob a ótica da justiça social se fundamenta na premissa de que o acesso à fruição estética constitui um direito fundamental e inalienável do ser humano. A democratização do livro se afasta da dimensão utilitarista e não se limita ao entendimento de que o direito à literatura se acaba no contato superficial com a obra literária. Aqui, indo para além do tradicional ensaio de Candido (2004), busca-se defender e explorar a concepção de que o pleno exercício da cidadania exige tanto o acesso ao livro quanto a garantia da fruição estética do texto. A experiência literária, por meio de sua potência política e organizadora da linguagem e da imaginação, atua como um vetor de humanização e expansão da consciência crítica. Inviabilizar o acesso à literatura significa negar a capacidade de fabulação, característica intrínseca humana (Dufrenne, 2004), e a elaboração da própria subjetividade, reduzindo sua existência às esferas da subsistência econômica e do pragmatismo técnico e impedindo determinados tipos de participação social (Chauí, 2017). Sob essa perspectiva, políticas públicas de democratização cultural não devem se limitar à distribuição massiva, como também fomentar a mediação cultural horizontal e a formação de leitores autônomos. O direito à literatura,

enquanto direito à beleza e à emancipação intelectual, é indissociável dos direitos fundamentais. Transformar a estética em um bem democrático e acessível é condição essencial para a desconstrução de hegemonias culturais, permitindo que a pluralidade de vozes que compõem a sociedade encontre na arte da palavra um espaço de representação, resistência e dignidade. Não haverá justiça social enquanto os direitos de imaginar, de usufruir da arte sem se limitar aos utilitarismos e de interpretar criticamente o mundo por meio da palavra escrita continuarem sendo privilégios de uma minoria.

ST: A LITERATURA COMPARADA COMO ZONA DE FRICÇÃO NAS AMÉRICAS, ÁFRICAS E AMAZÔNIAS

Coordenação: Amilton José Freire de Queiroz, Ezilda Maciel da Silva e Henrique Silvestre Soares

Resumo: O simpósio pretende estabelecer diálogos sobre a literatura comparada como zona de fricção das/nas Américas, Áfricas e Amazônias, mapeando seus mundos rizomáticos e suas circunvizinhas transculturais tanto na produção artística quanto epistemológica de arquipélagos culturais onde se configura a invenção de lugares comuns marcadamente diversos. Parte, assim, das reflexões sobre as "histórias locais, projetos globais (MIGNOLO, 2003), as "rotas, trânsitos, migrações" (HERRERA, HOISEL, TELLES, 2018) e as narrativas impuras (SOUZA, 2021). Mas também procura dialogar com a transversalidade da Teoria Literária, Estudos Culturais e Pós-coloniais, Decoloniais e Geografia Cultural, acolhendo a perspectiva crítico-teórica de Ivete Walty (2012), Homi Bhabha (1998), Edward Said (2005), Stuart Hall (2013), Benjamim Abdala Junior (2012), Tania Carvalhal (2003), Zilá Bernd (2013), Eurídice Figueiredo (2013), Angel Rama (2001), Cornejo Polar (2000), Hugo Achugar (2006), Aníbal Quijano (2000) e Zulma Palermo (2022). O simpósio acolherá trabalhos que enfoquem as interlocuções da literatura com outros saberes, tais como História, Antropologia, Sociologia, Geografia Cultural, Filosofia, Artes Plásticas, Jornalismo, Cinema, Educação, Ensino, Relações Internacionais, Direito e Tecnologias. Estudar, pesquisar e discutir as humanidades é aprofundar, expandir a visão do "fim do império cognitivo", dimensionar as "epistemologias do Sul" (SANTOS, 2019) e desenvolver hipóteses sobre "Comparar? Aproximar? Dialogar? Friccionar" (CASA NOVA, 2008). O simpósio coloca-se, assim, como parte de um processo, sempre aberto, como é da natureza da literatura comparada. Não à toa, procura elaborar reflexões sobre "raízes e labirinto" (SANTIAGO, 2006), "vestígios memoriais" (BERND, 2014), "Paralelas e tangentes" (SANTILLI, 2003), uma "geocrítica do eurocentrismo" (MATA, 2012), as formulações pós-coloniais (LEITE, 2013) e "os paradigmas críticos e representações em contraponto" (BRUGIONI, 2019) e as pedagogias decoloniais (WALSH, 2013). A diligência crítica proposta aqui quer pensar as obras literárias, em diálogo com outras esferas do conhecimento. Parte, para tanto, das seguintes questões: como os narradores

africanos, latino-americanos, brasileiros e amazônicos configuram o diálogo entre culturas, literaturas, linguagens e humanidades nos séculos XX e XXI? Que papel exercem as estéticas do deslocamento nas trocas e transferências culturais, linguísticas, éticas? Como os conhecimentos da teoria, crítica e comparatismo podem ser articulados às correntes teóricas como os estudos culturais, pós-coloniais, decoloniais e geoculturais? Como interpretar textualidades que têm representado alteridades desviantes e suscitado novas formas de compreensão da literatura, sociedade e cultura? Como abordar romances, contos, crônicas, produções cinematográficas, artes plásticas que, em certa medida, vão na contramão da busca da identidade nacional, bem como interpretar textualidades rizomáticas marcadas por nomadismo, errância, diáspora? Ou, ainda, quem são os novos ficcionistas africanos, latino-americanos, brasileiros e amazônicos que estariam promovendo novas leituras dos contatos coloniais, pós-coloniais e decoloniais? Que espaços as textualidades rizomáticas têm ocupado na cena crítico-teórico-comparatista? Que visões do espaço urbano e rural têm sido apresentadas nestas produções artísticas? Como tais ficcionistas, intelectuais e tradutores têm vivido e representado a tensão entre o local e o global e que ocupam a era da globalização? Que posicionamentos a crítica pode adotar diante destes textos que elegem a montagem, o recorte, as imagens e a citação como formas discursivas tão díspares? Silviano Santiago (2002) desenvolve também a linha de raciocínio sobre a relação entre viagem, sociedade e literatura. Para o crítico, "os europeus viajam por que são insensíveis aos seus, porque não tem o alto senso de justiça" (p. 225). A interface entre cultura, sociedade e imaginário está ali, porém não é vista, reconhecida e vivida, sendo negada para dar lugar a construção do espelho da Europa no Novo Mundo, a propagar a fé do Império como instrumento de negação dos valores do outro, indígena, negro, feminino, sequestrar o código linguístico deste último e instituir uma prática etnocêntrica para falar pelo outro e em nome dele. Nesse sentido, pretende-se, neste simpósio, dialogar com a "Literatura brasileira contemporânea" (DALCASTAGNÈ, 2012), estudar "A literatura afro-brasileira: abordagens em sala de aula" (DUARTE, 2019), investigar as "Poéticas indígenas: lugar, identidade e memória" (GRAÚNA, 2015), discutir a leitura da "Literatura como arquivo da ditadura brasileira" (FIGUEIREDO, 2017) e ampliar as lições de "Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações" (JOBIM, 2020). Eis alguns dos horizontes de interesse que orientam, portanto, a concepção, proposição e concreção deste simpósio, para o qual convidamos pesquisadores e estudantes de pós-graduação a refletir sobre a literatura comparada como zona de fricção das/nas Américas, Amazônias e Áfricas. Assim, o simpósio pretende ser um espaço para reconhecer que "a literatura comparada sempre teve como objeto produtos literários, e por extensão culturais, distintos, caracterizando-se como o estudo dos contatos, trocas, intercâmbios e embates entre tais produtos", para irmos na direção de Eduardo Coutinho (2006, p. 218). Enfim, esperamos tecer uma rede de reflexão que permita cartografar, topografar e trans-friccionar a sinergia labiríntica, caleidoscópica e rizomática da literatura comparada, adotando, por conseguinte, "miradas estrábicas", "entre-lugares",

"solidariedades" e "espaços nômades do saber" das/nas Américas, Áfricas e Amazônias neste Congresso da Abralic, sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TRADUÇÃO, ALTERIDADE E COSMOLOGIA GUARANI: DIÁLOGOS ENTRE ETNOGRAFIA E LITERATURA NA OBRA DE CURT NIMUENDAJÚ E ALFRED DÖBLIN

Alice Alberti Faria

Resumo: Este trabalho propõe discutir as relações entre antropologia, tradução e literatura comparada a partir de escritos etnográficos e de produções da literatura europeia. Tomando como ponto de partida "As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani", de Curt Nimuendajú, a comunicação investiga como narrativas indígenas são mediadas, traduzidas e reinscritas em diferentes regimes textuais e linguísticos. A comparação entre a edição original em alemão, publicada em 1914, e a tradução brasileira de 1987, que contou com revisão técnica de Eduardo Viveiros de Castro, permite observar deslocamentos lexicais e semânticos que reconfiguram sentidos ligados à memória, à cosmologia e à representação do mundo guarani, evidenciando tensões entre tradução cultural e mediação. Ao articular literatura comparada, antropologia e estudos contra-coloniais, o trabalho também busca compreender como escritos etnográficos atravessam e informam a literatura. Nesse sentido, analisa a presença da cosmologia guarani na trilogia "Amazonas", de Alfred Döblin, escrita durante o exílio do autor nos anos do nazifascismo de 1930-1940. Em especial, o segundo volume, "Der blaue Tiger" (O tigre azul), mobiliza o mito escatológico de Jaguarovy e a figura de um jesuíta em território brasileiro, elaborando uma narrativa marcada pela fricção entre imaginário etnográfico, colonialidade e crise da ideia de Europa diante da experiência fascista. A comunicação propõe, assim, pensar com a literatura comparada um espaço de trânsito interdisciplinar que mobiliza diversas textualidades, literárias e etnográficas, observando como essas obras tensionam fronteiras entre tradução, alteridade, memória e representação.

ESCRITA E POLÍTICA EM A QUEDA DO CÉU: IMAGEM, IDENTIDADE E SONHO EM PERSPECTIVA

Camila Sauthier

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar a obra A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, no que diz respeito à suas relações com conceitos-chave dos estudos literários, levando em conta o seu contexto de escrita, situação produtiva e a sua relação com

os eixos temáticos da política, da imagem e do sonho. Apesar do amplo reconhecimento antropológico e ecológico da obra, há uma lacuna quanto ao estudo da poética xamânica e do processo narrativo constitutivo do livro. Este trabalho visa preencher essa lacuna ao examinar a obra sob a ótica dos estudos comparatistas, dialogando com teorias tradicionais e contemporâneas, como os conceitos de "letra órfã" e "partilha do sensível" de Jacques Derrida e Jacques Rancière, além de abordagens dos estudos do testemunho e decoloniais, com contribuição de Márcio Seligmann-Silva (2023) e Walter Mignolo (2003). Paralelamente, no estudo do sonho e da configuração epistemológica do conhecimento yanomami, a contribuição de Hanna Limulja (2022), Eduardo Viveiros de Castro (2015) e Emanuele Coccia (2023) foi essencial. A análise destaca a potência poética, testemunhal e política do texto, enfatizando como o discurso de Kopenawa integra imagens, sonho, memória e ativismo para construir uma narrativa híbrida e provocadora, que amplia os limites da literatura contemporânea brasileira.

NECROPOLÍTICA E SUTURAS NARRATIVAS EM CRISTINA RIVERA GARZA E PATRÍCIA MELO

Clareana Moreira de Castro Eugênio

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise comparatista entre as obras El invencible verano de Liliana (2021), de Cristina Rivera Garza, e Mulheres empilhadas (2019), de Patrícia Melo, situando-as em zonas de fricção nas Américas e Amazônias. O trabalho investiga como essas "narrativas impuras" confrontam o silenciamento institucional e a desumanização sistêmica nos contextos mexicano e brasileiro. A proposta examina de que modo a literatura reinscreve, por meio da forma, os corpos que o sistema transforma em estatística, operando como um contra-arquivo frente à violência feminicida. A fundamentação teórica sustenta-se no conceito de necropolítica de Achille Mbembe (2016), que discute a gestão soberana da morte; na colonialidade de gênero de María Lugones (2019), que expõe o racismo ontológico estrutural; e na análise da necromáquina neoliberal de Rossana Reguillo (2021), onde a brutalidade é componente do ordenamento capitalista. A hipótese central é que a literatura, ao utilizar a fragmentação narrativa e o resgate de arquivos afetivos, interrompe a "pedagogia da crueldade" (Segato, 2022) e se coloca como ato de resistência frente à violência de gênero. Acredita-se que essas "suturas" retiram as vítimas da "zona do não-ser" de Fanon (2008) para restituir-lhes a singularidade e agência política. O objetivo é demonstrar como a escrita de Rivera Garza e Melo atua como reparação simbólica e

resistência decolonial, transformando o trauma em uma experiência crítica e sensível que desafia o "império cognitivo".

LITERATURA PALESTINA EM PORTUGUÊS: TRADUÇÃO, CIRCULAÇÃO E FRICÇÕES CULTURAIS

Taghreed Abolyazeed Hashem Alroshdy

Resumo: Este trabalho nasce do encontro entre leitura, deslocamento e língua. A partir da obra Homens ao Sol de Ghassan Kanafani propõe-se uma reflexão sobre os caminhos pelos quais a literatura palestina circula em língua portuguesa e sobre as fricções culturais produzidas nesse trânsito entre árabe e português, Palestina e Brasil, memória e tradução. Mais do que pensar a tradução como simples passagem de uma língua para outra, interessa compreender aquilo que permanece intraduzível: os afetos do exílio, a experiência de ghurba, o sumud enquanto prática de permanência e resistência palestina, os silêncios, as perdas e os modos de narrar o desenraizamento. Partindo de uma perspectiva interpretativa, o trabalho dialoga com as contribuições de Edward Said (2003, 2011, 2012) acerca do exílio, da representação e das narrativas de deslocamento, bem como as reflexões de Homi K. Bhabha (1998) sobre tradução cultural, hibridismo e entre-lugar. No campo dos estudos de tradução, mobilizam-se as contribuições de Lawrence Venuti (1995) sobre a invisibilidade do tradutor e as tensões entre domesticação e estrangeirização, buscando compreender de que que maneira a tradução da literatura palestina para o português produz deslocamentos de sentido e negociações culturais. Ao refletir sobre a experiência de ler literatura palestina em português a partir da Amazônia, o trabalho observa como determinadas imagens de deslocamento, sobrevivência, resistência e não pertencimento atravessam diferentes margens do Sul Global. Nesse sentido, a circulação da literatura palestina no contexto brasileiro não é entendida apenas como movimento editorial ou acadêmico, mas como possibilidade de novas escutas, aproximações e sensibilidades entre territórios historicamente marcadas pela marginalização e pela disputa de narrativas. Ao aproximar Palestina, Amazônia e língua portuguesa, este estudo pretende pensar a literatura comparada como espaço de travessia e contato, no qual a tradução, leitura e experiência se tornam formas de habitar fronteiras culturais, linguísticas e afetivas.

LITERATURA NO ENTREMUNDO: ESPACIALIDADES GLOBAIS E COMUNIDADES DISPERSAS NA LITERATURA VENEZUELANA

Tatiana da Silva Capaverde

Resumo: A literatura contemporânea escrita por autores venezuelanos expatriados apresenta uma nova compreensão territorial, refletindo transformações nas percepções dos conceitos de Estado-nação e comunidade. Destaca-se a nova espacialidade global, somada à situação política e econômica específica da Venezuela, como fatores impulsionadores de uma produção que transformou a mobilidade em um lugar de enunciação. Portanto, torna-se necessário repensar as relações entre autores/obras e sua nacionalidade no contexto venezuelano para nos aproximarmos da produção atual. Observa-se que o conceito de nação como comunidade homogênea delimitada territorial, linguística ou racialmente começa a ser desconstruído a partir da ideia de "comunidade inoperante", proposta por Jean-Luc Nancy (2016), baseada na heterogeneidade, o que permite pensar essa comunidade dispersa territorialmente como uma rede de obras que mantém viva uma identidade dispersa e fluida. Dessa maneira, as representações das mobilidades humanas serão pensadas a partir do pressuposto de que comunidades inoperantes se congregam por meio das subjetividades daqueles que vivem o trânsito como direito (Nancy, 2016), o que lhes atribui novos significados identitários. A partir desses pressupostos, acredita-se que a poética do deslocamento se torna uma característica central da literatura venezuelana contemporânea, refletindo as complexidades do contexto político e social atual, ao mesmo tempo em que explora as possibilidades criativas e estéticas de uma escrita literária sem residência fixa (Ette, 2018). Nesse sentido, o presente trabalho propõe refletir, no contexto das produções literárias dos autores expatriados, sobre as atuais representações espaciais e identitárias, nas quais o conceito de entremundo (Ette, 2018) funciona como uma categoria analítica operativa.

ST: A LITERATURA E AS MEMÓRIAS LATENTES DOS CRIMES DO CAPITALISMO EXTRATIVISTA NA AMÉRICA LATINA

Coordenação: Antonio Rediver Guizzo, Emerson Pereti e Jennifer Paola Umaña Serrato

Resumo: Assim como outras expressões totalitaristas e expansionistas do colonialismo, o modelo econômico, posto em curso no século XVI e reformatado ulteriormente mediante a mundialização do capitalismo tecno-extrativista, tem sido responsável pelo contínuo e sistemático extermínio de ambientes naturais, povos e culturas. Juntando a vontade de acumulação, conversão e dominação, particular à lógica cristã-colonial, ele utilizou o excedente sempre para financiar sua própria expansão, criando, ao redor de

si, uma teleologia própria, universal e axiomática que hoje força os próprios limites do planeta. Essa Era do Capital, ou Capitaloceno, como alguns estudiosos têm chamado (Moore, 2022), nasce do racismo ontológico, teológico e epistemológico da razão colonial, atravessa oceanos, continentes, florestas, montanhas e corpos humanos por cinco séculos, retroalimentando-se da própria desolação que causa, transformando vida em mercadoria, sofrimento em acumulação de riqueza, florestas e rios em desertos de fuligem e lama tóxica. Achille Mbembe, em seu conhecido ensaio sobre necropolítica (2018, p. 10-11) nos lembra que "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição de corpos humanos e populações" tem sido uma das constantes da expansão da modernidade ocidental. Daí que qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa, segundo o autor, tratar da escravidão. Essa forma de imposição do poder soberano sobre as vidas nuas se tornou a "tradição dos opressores" nos intermináveis ciclos de commodities no subcontinente americano. Dos escravizados das plantações aos trabalhadores em condição de escravidão nas atuais fazendas de cana-de-açúcar, dos indígenas exterminados pela extração do pau-brasil aos trabalhadores modernos do látex, dos condenados às minas coloniais aos mineiros proletários contemporâneos, a exploração predatória de recursos naturais retrata também o consumo desenfreado de vidas humanas. Constituída como um ponto alternativo à chamada história oficial, a literatura latino-americana tem, há muito tempo, denunciado esse contínuo de miséria e destruição. Albergando histórias dissidentes, um grande número de expressões artístico-literárias têm se convertido em uma espécie de contra-arquivo, à medida que fissuram, derroem, anarquizam as estruturas de origem e comando instauradas pelo poder vigente. Esses contra-arquivos literários têm guardado, de alguma maneira, as memórias das vítimas desse sistema econômico pelos expedientes estético-narrativos da ficção, seja pelo romance social, pela literatura de testemunho, pela etnoficção real-maravilhosa, pelo novo romance histórico, pela metaficção historiográfica, até o que, diante da indizibilidade do apagamento, Saidiya Hartman (2020) chamou de fabulação crítica. O inferno verde dos seringais no norte, retratado por José Eustasio Rivera (2006 [1924]) em La vorágine, se reconfigura, no sul, nos campos de erva-mate, por onde penam os mensú de Augusto Roa Bastos (2005 [1960]), nas paisagens tóxicas da soja em um romance de Samanta Schweblin (2014). A prensa de cana-de-açúcar que destroça o braço de Mackandal, em El reino de este mundo, de Alejo Carpentier (2012 [1949]), é a mesma que moe esperanças nos engenhos ruinosos do nordeste brasileiro em José Lins do Rego (1986 [1932]). O salitre, que aduba a morte no corpo dos trabalhadores em Santa María de las Flores Negras, de Hernán Rivera Letelier (2002), é o mesmo que atiça as metralhadoras do exército colombiano contra os trabalhadores da banana em A Casa Grande, de Álvaro Cepeda Samudio (2006 [1962]). Ele sobe, à contrapelo, a ferrovia de Minor Keith até a Guatemala de Miguel Ángel Asturias (1982 [1960]), para alimentar, com sangue indígena e campesino, a ventruda United Fruit Company em mais um romance bananeiro. Quantas vidas humanas o Grupo Hochschild, a Anaconda Company, a Cerro de Pasco Corporation, a Samarco Mineração S.A enterraram

para que o cobre, o estanho, o zinco, a prata, o ouro e o minério de ferro pudessem, justamente, emergir da terra? Imaginamos essas existências singulares também em um romance insólito de Manuel Scorza (2002 [1970]), em um poema mineral de Pablo Neruda (2002 [1950]), no Gosto amargo dos metais de Prisca Agustoni (2022), em um conto subterrâneo de Víctor Montoya (2011 [2000]). Elas reaparecem na literatura como imagem pulsante, ausepresencias encobertas que ressurgem em personagens ficcionais, em tramas ardilosas, em espaços contestados, em silêncios perturbadores, em ofensas inenarráveis, na mortalha do arquivo, no mundo dos vivos, em constante estado de latência em direção à justiça. Como tentativa de trazer tais questões à baila – em tempos de necroliberalismo, hiper-realismo capitalista, crise climática e sexta extinção em massa – este simpósio, sob a abordagem comparatista, propõe a partilha de conhecimentos sobre as representações artístico-literárias desse "ciclo" imparável de commodities que liga a expansão colonial do século XVI a nosso presente como uma corrente de ferro. Isso também porque, como afirma Paul Ricoeur (2010, p. 129), "as vidas humanas precisam e merecem ser contadas", principalmente "quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração".

HISTÓRIAS DO FIM DO MUNDO: COMO NASCEM AS DISTOPIAS?

Antonio Rediver Guizzo

Resumo: Nas últimas décadas, a imaginação sobre o fim do mundo tornou-se um elemento central tanto das histórias que contamos quanto das projeções que realizamos sobre o futuro. Distopias, narrativas apocalípticas e cenários pós-catástrofe proliferam no cotidiano e contaminam nossa capacidade de imaginar um mundo melhor. Nestas histórias, encontramos figuradas dimensões do capitalismo de desastre do neoliberalismo – as democracias em crise e a ascensão de governos com tendências totalitárias, o domínio da política pelos detentores do grande capital, movimentos de neocolonização e a formação de um lumpemproletariado progressivamente explorado, empobrecido e marginalizado etc. Nos últimos anos, tenho estudado tal fenômeno, sobretudo nas distopias escritas na Argentina e no Brasil, a partir do século XXI, visto que tais países compartilham interessantes pontos de contato, como as ditaduras militares, a adesão ao neoliberalismo e a ascensão recente da extrema direita no cenário político. Nesta apresentação, exploro duas características que atravessam muitas histórias do fim do mundo contemporâneas: a diluição do arco revolucionário na crescente individualização do protagonista e a aproximação temporal e espacial cada vez maior dos contextos narrativos ao cotidiano. Entre os autores que formam os aportes teóricos que norteiam esta pesquisa, destacam-se Fermín A. Rodriguez (2022), Tom Moylan (2018), Jill Lepore

(2017), Gregory Claeys (2017), Fernando Reati (2006), Mark Fisher (2020), Annika Gonnermann (2019), Peter Sloterdijk (2012), Slavoj Žižek (2011).

TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA LITERATURA PERUANA: ENTRE A PAISAGEM ESTETIZADA DE PAISAJES PERUANOS (2022) AO CONFLITO EXTRATIVISTA DE GUERRAS DEL INTERIOR (2018)

Diego Cardoso Perez

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise comparativa entre Paisajes peruanos (2022), de José de la Riva-Agüero, e Guerras del interior (2018), de Joseph Zárate, com o objetivo de investigar como a literatura peruana representa o território e inscreve, em distintos momentos históricos, as marcas da exploração extrativista sobre corpos, paisagens e memórias. Parte-se da hipótese de que ambas as obras reconfiguram o imaginário sobre a paisagem peruana a partir de expressões divergentes do pensamento latino-americanista: de um lado, o arielismo integralista de Riva-Agüero, que, na primeira metade do século XX, elegeu a Serra como núcleo simbólico da peruanidade, promovendo, nos termos de Alain Roger (2017), uma "artealização" estetizante da natureza que obscureceu, por décadas, as violências estruturais da colonialidade (QUIJANO, 2019) em favor da autoridade da Cidade Letrada (RAMA, 1984); de outro, a crônica contemporânea de Zárate dá nova luz às paisagens peruanas de conflito, marcadas pela exploração de madeira, petróleo e mineração, reconfigurando-as através do testemunho das dinâmicas de espoliação e da gestão diferencial da morte (MBEMBE, 2018). A análise dialoga ainda com a centralidade da terra na formação social peruana, conforme postulou Mariátegui (2007), e incorpora as contribuições de Marisol de la Cadena (2015), cuja reflexão sobre cosmopolíticas andinas e "seres-terra" evidencia o choque entre ontologias e desloca a separação moderna entre natureza e sociedade. Neste enquadramento, a paisagem na literatura peruana deixa de ser espaço de contemplação para tornar-se arquivo traumático e contra-arquivo de violências acumuladas pela exploração extrativista.

A MATÉRIA DO CRIME, O ESTADO DE DÍVIDA E A PULSÃO DE JUSTIÇA: TRÊS CENAS SOBRE OS ESPECTROS DO EXTRATIVISMO COLONIAL-CAPITALISTA NA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Emerson Pereti

Resumo: Parte do Projeto de Pesquisa "O ciclo das commodities e uma literatura em estado de latência", esta comunicação aborda três cenas remanescentes de massacres de trabalhadores por forças governamentais em conluio com multinacionais de commodities em três romances latino-americanos situados em diferentes períodos históricos. A primeira cena alude à matança de trabalhadores do cacau,

ocorrida em 15 de novembro de 1922, em Guayaquil, no Equador, e retratada no romance Las cruzes sobre el água, de Joaquín Gallegos Lara (2001 [1946]). A segunda diz respeito à chacina de trabalhadores da banana, ocorrido 6 de dezembro de 1928, em frente à estação ferroviária de Ciénaga, no departamento de Magdalena, Colômbia; evento que é rememorado em A Casa Grande, de Álvaro Cepeda Samudio (2006 [1962]). A terceira cena envolve, finalmente, o massacre dos trabalhadores do salitre, em 21 de dezembro de 1907, trazido novamente à literatura por Hernán Rivera Letelier (2002) em Santa María de las flores negras. Como base teórica, o estudo incorpora reflexões sobre história, memória, esquecimento e ausência em autores como (Ricœur, 2007), (Weinrich, 2001) e (Huyssen, 2014); aportes sobre estado de dívida e trabalho de luto, em (Freud, 2013) e (Derrida, 1994); relações entre catástrofe, trauma e representação presentes em (Nestrovski; Seligmann-Silva, 2000); debates sobre as intersecções entre história e ficção, tratadas, por exemplo, em (Mignolo, 2001), (Ginzburg, 2007) e (Pinto, 2024), e, por fim, considerações sobre os conceitos de estado de latência, a partir de Heráclito, de (Heidegger, 1999), imagem dialética em (Benjamin, 2006) e imagem espectral em Didi-Huberman (2013). A ideia é trazer tais cenas à reflexão crítica, em um momento singular de crise climática, social e ecológica (Moore, 2022) causada justamente por esses imparáveis ciclos de commodities que alimentam, há mais de cinco séculos, a máquina colonial-capitalista.

ENTRE NARRAR E HABITAR MUNDOS: REVERBERAÇÕES ECOLÓGICAS E ONTOLÓGICAS DA PLANTATION NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ernani Silverio Hermes

Resumo: Diferentes conceitos têm sido propostos como forma de dar conta de realidades que violentam, exploram e aniquilam existências humanas e não humanas, tais como antropoceno (Crutzen; Stoermer, 2000), capitaloceno (Moore, 2015) e plantationoceno (Haraway; Tsing, 2016), dentre outros. Malcom Ferdinand (2022) pensa essa questão como a produção do modo colonial de habitar a Terra erguido pela dupla fratura da modernidade instaurada como imperialismo ecológico e ontológico: respectivamente, a imposição de formas de ocupar o espaço e a imposição de modos de existir. Em resumo, pode-se pensar que isso significa desdobrar o sistema da plantation em determinantes ecológicas e ontológicas. Nesse sentido, é questionado como a literatura tem narrado formas de habitar o mundo que interagem com outras matrizes ecológicas e ontológicas. Diante disso, esta comunicação procura pensar como a literatura brasileira contemporânea tem articulado narrativamente formas de habitar a Terra. Para tanto, dois romances brasileiros contemporâneos são recortados como corpus: Torto Arado, de Itamar Vieira Junior (2019) e A árvore mais sozinha do mundo, de Mariana Salomão Carrara (2024). No primeiro, evidencia-se uma forma de mundificação simpoiética (Haraway, 2023) em que o humano, a terra e a presença espiritual

compõem uma voz narrativa que rompe com o modo colonial de habitar a Terra ao serem lastreadas em uma dinâmica de coexistência e ancestralidade em uma performance de resistência ao eixo ecológico-ontológico da plantation. No segundo, as vozes narrativas não humanas compõem um mundo narrativo que revela as violências contemporâneas herdadas dos processos coloniais da plantation e que se atualizam pela colonialidade. Assim, considera-se que a literatura brasileira contemporânea tem elaborado narrativas que rompem com o modo colonial de habitar o mundo ao narrar possibilidades de mundo articuladas pela simpoiese (Haraway, 2023) traduzida em arranjos narrativos que rompem com a cisão moderna do humano e do não humano.

FAVELA, VIOLÊNCIA E CAPITALISMO PERIFÉRICO: MEMÓRIAS DO INFERNO URBANO EM INFERNO, DE PATRÍCIA MELO

Jennifer Paola Umaña Serrato

Resumo: A presente comunicação analisará o romance Inferno, de Patrícia Melo, como uma representação crítica das violências estruturais produzidas pelo capitalismo periférico na América Latina. A partir de uma leitura que articula literatura urbana, estudos culturais e teoria política, examina-se como a autora desconstrói o imaginário turístico do Rio de Janeiro para revelar uma cidade fragmentada pela desigualdade, pela exclusão e pela administração cotidiana da morte. A pesquisa sustenta que a favela surge no romance como o reverso oculto da modernidade neoliberal: um território onde o Estado se manifesta unicamente por meio da violência policial, enquanto o narcotráfico organiza formas paralelas de poder e sobrevivência. Nesse contexto, a figura de José Luís "Reizinho" encarna as contradições de uma subjetividade moldada pelo abandono social, pelo medo e pela impossibilidade de futuro. Sua voz narrativa, marcada pela oralidade e pela experiência corporal da violência, subverte as convenções do romance policial clássico e transforma o neopolicial latino-americano em uma crônica da decomposição urbana contemporânea. Além disso, a comunicação explorará como o romance converte o corpo em arquivo político e memória viva dos crimes do capitalismo extrativista e urbano. As cicatrizes, feridas e deslocamentos corporais funcionam como marcas materiais de uma modernidade edificada sobre a precarização das vidas marginalizadas. A partir dessa perspectiva, a violência deixa de ser um acontecimento excepcional e passa a constituir a gramática cotidiana que organiza as relações sociais no interior da favela. Por fim, argumenta-se que Inferno configura uma estética do excesso e da sobrevivência, na qual a música, o erotismo e a oralidade operam como formas de resistência simbólica diante do colapso moral da cidade neoliberal latino-americana.

ROMANCES DISTÓPICOS NO BRASIL: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS EM RESPOSTA AO CAPITAL

Juliana Nascimento Berlim Amorim

Resumo: A ficção científica da era moderna, como é lugar comum para a crítica especializada, começa com o romance de Mary Shelley, "Frankenstein ou o Prometeu moderno". O ser humano, ao brincar de Deus por meio da técnica, desperta e/ou descobre forças ocultas da natureza ou dos deslimites de sua razão, que se afirma pela prática ou discurso científico. Portanto, ainda em seus primórdios, a ficção científica repensa a realidade presente, projetando futuros possíveis. A utopia, o não lugar, objetiva traçar nova realidade, muitas vezes em espaços geográficos remotos, que propõem uma reflexão sociopolítica sobre a realidade prévia conhecida pelo autor ou autora do texto, como no caso da "Utopia" de Thomas More (Jameson, 2021) ou da "Terra de mulheres" de Charlotte Perkins Gilman, utopia feminista numa terra sem sujeitos masculinos. Contudo, em tempos de capitalismo avançado e ficção científica capitalista (Nieva, 2026), as distopias mostram-se mais frequentes do que as utopias, pois refletem a ideologia "There is no alternative" neoliberal, fomentada pelo thatcherismo (Neiman, 2024). Deste lugar desesperançado, surgem os romances distópicos (ou romances que adotam características típicas das distopias, tais como a forte crítica do aparelho social do governo opressor, a pedagogia opressiva das massas (ainda que com ar de falsa felicidade, como se observa no clássico exemplo de "Admirável mundo novo" de Aldous Huxley), o levante contra o status quo (no geral de um indivíduo solitário)). Esta comunicação pretende refletir sobre a produção distópica recente brasileira, observando o quanto ela repensa as questões inerentes à formação histórica do Brasil, marcada pela colonização e a escravidão, e responde às pressões obstrutivas do Antropoceno (Rüsche, 2025), ou, em outras palavras, ao Capitoloceno (Moore, 2022) ou um mais-além disso, um novo Ceno, um Cthulluceno (Haraway in Moore, 2022), que se pretende simbiótico e não excludente.

O QUE PODE A ARTE CONTRA A POLÍTICA DA ANIQUILAÇÃO DO CAPITAL? UMA LEITURA DE ALMA CORSÁRIA (2022), DE CLAUDIA ROQUETTE-PINTO E O GOSTO AMARGO DOS METAIS (2022), DE PRISCA AGUSTONI

Maíra Soalheiro Grade

Resumo: Sob a égide do capitalismo neoliberal, todas as dimensões da natureza e da vida humana são gradativamente submetidas à mercantilização, monetização e privatização; a riqueza produzida pelo trabalho social é apropriada na forma de acumulação privada; nossas percepções sobre o mundo, comportamentos, expectativas e, inclusive, nossos sonhos são colonizados por esse sistema

político-econômico. Como a arte responde às condições materiais de nossa existência? Nesta comunicação, visitamos as obras Alma Corsária (2022), de Claudia Roquette-Pinto, e O gosto amargo dos metais (2022), de Prisca Agustoni, para buscar tal resposta na poesia das autoras. Prisca Agustoni, tendo como pano de fundo o rompimento das barragens nas cidades de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), encontra na poesia uma estética para o recomeço, um locus de resistência contra a política da aniquilação do capital, que no movimento do rio Watu enuncia a possibilidade de construção de um novo corpo social em comunhão com a natureza. Em Roquette-Pinto, o eu-corpo-lírico parece funcionar como centro irradiador de afecções advindas do estar-no-mundo, e compõe versos desde as sensações e os sentimentos de uma subjetividade que encontra na natureza o campo metafórico de expressão de um espírito de insurreição interior. Na seção "Escritos da Pandemia", estes versos assumem a denúncia contra a sobreposição de interesses econômicos acima das vidas humanas, e as imagens naturais desabrocham como resistência e possibilidade de outra pedagogia do ser-no-mundo.

IMIGRAÇÃO TELÚRICA: OS RIOS DE EUCLIDES DA CUNHA E PRISCA AGUSTONI

Tomaz Amorim Fernandes Izabel

Resumo: O trabalho explora a relação entre rios brasileiros e discursos extrativistas (Coronil, 1997) através da análise de duas obras: os ensaios de Euclides da Cunha em "À margem da história" (1909), resultantes de suas viagens pelo rio Purus, e o longo poema "O gosto amargo dos metais" de Prisca Agustoni (2022), escrito após os rompimentos das barragens em Brumadinho e Mariana (MG). O estudo analisa como a ideologia da modernização territorial impulsionou práticas econômicas com profundas consequências socioambientais, focando na jornada dos rios. Em Euclides da Cunha , esse movimento é descrito como a "migração telúrica" de uma natureza "incompleta", aguardando intervenção humana. Já na obra de Agustoni, o Watu — rio sagrado do povo Krenak (Krenak, 2019) — sofre um "fluvicídio" (Roberts, 1996; Zuker, 2022): transformado em lama tóxica, combinando ruína material e ontológica. A pesquisa busca revelar a produção de imaginários extrativistas, analisar testemunhos de territórios destruídos por essas práticas e identificar cosmopercepções literárias que desafiam a visão puramente extrativista e moderna. O trabalho faz parte do meu subprojeto sobre literatura brasileira e extrativismo, desenvolvido no Grupo de Pesquisa da DFG "Infrastruktur: Aesthesis und Sorge" (Infraestrutura: Estética e Cuidado — FOR 5710/1), sediado na Universidade de Bochum, na Alemanha. O objetivo específico desta seção é analisar como a literatura representa a percepção e a transformação dos rios afetados por infraestruturas de extração e suas cadeias de exportação. Examina-se não apenas a percepção dos habitantes sobre essas mudanças, mas também os discursos modernizadores que enquadram esses territórios como meros bancos de recursos para extração.

ST: A MEMÓRIA DE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: MATERIALIDADES ESCRITAS E A PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Coordenação: Ernani Mügge e Cláudia Bechara Fröhlich

Resumo: Nos últimos tempos, estamos vivendo a chamada crise ecológica, que está devastando a vida e causando graves alterações no mundo e no nosso modo de viver. As catástrofes climáticas e suas consequências, as quais resultam de sucessivas interferências das pessoas na lógica da natureza, têm desafiado autoridades e pesquisadores a encontrarem alternativas viáveis para, pelo menos, amenizar o quadro. Como disse Bruno Latour (2020), "ou mantemos as condições que tornam a vida habitável para todos os que chamo de terrestres, ou então não merecemos continuar vivendo". É também nessa direção que lemos os diários de Maria Gabriela Llansol, escritora portuguesa, quando anota, em outubro de 1975, uma observação atenta que chega quase como um aviso: "Jade engana-se quando deseja, quase com exclusivismo, a companhia dos humanos. Jade é um cachorro que nos foi dado. É preciso escrever a todos os seres". Por meio desta ideia, de "escrever a todos os seres" que Llansol nos convida a habitar um espaço que é horizontal, uma comunidade de singularidades, em "que as diferentes formas de vida tentem uma outra ocupação da terra" (LLANSOL, 2001, p.123). É também nos diários que a autora vai escrever que "[…] encaramos o nosso futuro com uma frugalidade sempre maior de meios, no sentido de uma harmonia e estabelecimento de laços recíprocos entre seres humanos, plantas, animais, e tudo o que eu, em síntese, não sei dizer" (2005, 182-183).

Além de diários, textos literários e outras produções escritas, como cartas, memórias e relatos de viagem também podem ser fontes reveladoras dos nossos pensamentos e ações, constituindo-se em corpus de pesquisa para rever e re-inaugurar uma outra forma de pensar, que possa ampliar nossa relação com a natureza. Ao fazê-lo, é possível apostar na formação de uma comunidade de pensantes que não destitua a natureza da sua condição fundamental – de ser a fonte da vida –, mas que a conceba na sua completude, sem separar seres humanos das plantas e dos animais, propondo uma co-existência, sem hierarquizar o vivo. A ideia vai ao encontro de Agamben (2013) que, na tese do livro O Aberto: homem e animal, compreende o ser humano enquanto conceito de categoria aberta, cuja definição acontece por uma decisão política, logo, passível de deslocamentos; uma forma de reconciliação do ser humano com sua natureza animal, em que a vida pós-histórica do homem "implica necessariamente a reatualização do limiar pré-histórico" (AGAMBEN, 2013, p. 42), no qual a fronteira entre o ser humano e o animal se esvanece.

Dessa forma, em tempos de devastação climática, em que a apropriação da natureza pelo capital fez do humano, desumano, as questões que decantam, portanto, são: Como a escrita pode participar da habitação de um mundo em ruínas? O que a literatura, as ficções e as produções textuais dizem sobre nosso passado

natural? Ao revisitar as memórias de outros tempos, os testemunhos de escritas singulares, como podemos empreender uma concepção mais sustentável, coletiva e ecológica para o futuro?

A proposta se sustenta nos estudos da ecocrítica, que busca, a partir da literatura, compreender como o ser humano se relaciona com a natureza (VIGAL, 2010), bem como das perspectivas da história, da educação, da arte e da psicanálise, como uma forma de expandir possibilidades de escrita-leitura a fim de desdobrar, revisitar e reconfigurar as práticas do existir neste planeta. A concepção transcende a ideia de verificar o comprometimento do produtor do discurso com o meio ambiente: entende-se que a materialidade discursiva, ainda que não engajada, revela como determinado ator social ou determinada comunidade efetiva sua relação com o entorno não-humano, ou seja, permite visualizar como a cultura de determinada população afeta o ambiente. Concordamos, assim, com Scott Slovic que, em entrevista a Diana Villanueva Romero, afirma que, a partir do alargamento das discussões, atingindo variado público, "se produzca un efecto em cadena no solo dentro de la comunidade académica sino, de manera más amplia, em la sociedade mundial contemporânea" (Junquera, Henríquez, Vigal, 2010), de modo a ampliar a consciência ambiental com vistas a um comportamento pessoal e social mais responsável.

A seção acolhe, portanto, estudos que se atenham à análise, em perspectiva comparada, das produções e materialidades escritas e que tentem, de alguma forma, responder às questões que se coloca, de modo a projetar novas maneiras de pensar, que possam apontar para a integração do ser humano à natureza. Assim, desloca-se a ideia de antropocentrismo para a de biocentrismo.

HABITAR EM COLAPSO: TÉCNICA, EXTRATIVISMO E MUNDIFICAÇÃO NA LITERATURA

Ana Guimaraes

Resumo: A presente comunicação propõe uma leitura comparada de La Vorágine (1924), de José Eustasio Rivera, e Órfãos do Eldorado (2008), de Milton Hatoum, com o objetivo de refletir sobre como ambas as obras articulam a crise ecológica de nossos tempos não apenas como devastação ambiental, mas como uma crise das próprias condições de habitar o mundo. Em diálogo com os debates da ecocrítica, com a noção de planetarização associada ao capitalismo tecnológico (Yuk Hui, Jean Vioulac, Isabelle Stengers) e com a ideia heideggeriana de Gestell, argumenta-se que as obras evidenciam a transformação da floresta amazônica, dos rios, dos corpos e das formas de vida em recursos disponíveis à exploração, reduzindo o mundo a uma lógica de ordenamento metafísico e extração permanente (Bestand). Partindo das reflexões de Bruno Latour sobre a habitabilidade da Terra, das formulações de Donna Haraway acerca da

necessidade de "permanecer com o problema" e da proposta de Maria Gabriela Llansol de "escrever a todos os seres", este trabalho busca deslocar a discussão ecológica para além de uma ética ambiental centrada exclusivamente na administração da vida. Mais do que representar a destruição da natureza, os textos analisados tornam visível uma exaustão ontológica do habitar produzida pela articulação entre capitalismo, colonialidade e técnica. Nesse sentido, a literatura aparece não apenas como testemunho da catástrofe ecológica, mas como espaço para registrar o colapso das formas de convivência entre humano, animal, vegetal e mundo, revelando e articulando as consequências existenciais da racionalidade extrativista contemporânea.

TÈ MAWON DE MICHAEL ROCH: ENTRE CRISE ECOLÓGICA E MUNDOS RECONSTRUÍDOS

Anne Louise Dias

Resumo: Publicado em 2022, Tè mawon de Michael Roch, retrata um futuro caribenho profundamente transformado por catástrofes ecológicas, no qual os equilíbrios naturais foram rompidos e as sociedades humanas lutam para sobreviver em um ambiente degradado. O desaparecimento gradual de paisagens, ecossistemas e marcos ambientais contribui para a criação de um espaço vazio, instável e repleto de crises. Esse processo abre caminho para o que o autor chama de "mundo da ilusão": um universo moldado pela tecnologia, no qual experiências mediadas e dispositivos digitais tendem a substituir a materialidade do mundo vivo. Esta comunicação propõe, portanto, uma análise da relação entre o fim do mundo natural e a construção desse mundo da ilusão no romance Tè mawon. Desse modo, é objetivo demonstrar como a tensão entre a natureza destruída e a realidade tecnológica reconfigura o imaginário do futuro na obra. Este estudo também examinará como o afrofuturismo caribenho mobiliza os desafios ecológicos e tecnológicos para vislumbrar futuros possíveis em um contexto marcado pelo legado colonial e por crises ambientais. Nossas reflexões partirão particularmente das obras de Suzanne Césaire para iluminar as relações entre o imaginário caribenho, a ecologia e a recomposição de mundos. A obra de Malcolm Ferdinand permitirá ainda uma análise da destruição do mundo natural como uma crise ambiental e como resultado de lógicas históricas e políticas herdadas da modernidade colonial, abrindo caminho para uma reinterpretação crítica das visões de futuro no romance de Roch e na literatura caribenha contemporânea.

VIDA ORGÂNICA E CRISE ANTROPOCÊNTRICA: O RUMOR DO NÃO HUMANO EM "O BÚFALO" DE CLARICE LISPECTOR E "O JARDIM SELVAGEM" DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ernani Mügge

Resumo: A comunicação analisa comparativamente os contos "O búfalo", de Clarice Lispector, e "O jardim selvagem", de Lygia Fagundes Telles, com o objetivo de investigar de que maneira, nas narrativas, as figurações do animal e do vegetal abalam as fronteiras entre humano e não humano. De caráter qualitativo, bibliográfico e comparatista, a pesquisa considera, no processo hermenêutico, os viventes não humanos como vetores narrativos em relação aos quais o espaço e as demais personagens são construídas. Inserido no campo da Ecocrítica, o estudo dialoga especialmente com Donna Haraway, Bruno Latour e Emanuelle Coccia, cujas formulações críticas convergem para o questionamento da centralidade antropocêntrica e para a compreensão da vida a partir de modos de (con)vivência historicamente cindidos pelo pensamento moderno. Um estudo preliminar revela que, em "O búfalo", a aproximação da protagonista com animais de um zoológico desencadeia em si uma forte crise afetiva e perceptiva, sobretudo porque a vida outra que não humana, ali presente, frustra atributos culturalmente a ela associados, como o irracional e o bruto. A experiência da jaula embaralha as hierarquias entre observador e observado, de sorte que se possa perceber a confluência de traços multiespécies. Em "O jardim selvagem", por sua vez, a vegetalidade manifesta-se por meio de forças orgânicas opacas à apreensão racional. A narrativa explora, na figura de Daniela – personagem marcada por linhas vegetais –, a instabilidade da própria ideia de natureza diante do fundamento arbitrário de sua oposição à cultura, o que lhe confere uma face vacilante, ora aprazível, ora ameaçadora. Nessa ordem, a leitura articulada dos contos desvenda formas distintas de figuração do não humano enquanto bússolas conceituais para a estabilização do humano. As narrativas endossam, desse modo, a problematização da excepcionalidade do antropos e a corrosão de hierarquizações ontológicas entre sujeito e ambiente.

ARQUITETURA ARBÓREA E SENSIBILIDADE ECOLÓGICA EM O BARÃO NAS ÁRVORES, DE ITALO CALVINO

Fabricia Walace Rodrigues

Resumo: No romance O Barão nas Árvores (1957), Italo Calvino projeta no século XVIII a trajetória de Cosme Piovasco di Rondó, jovem nobre que decide habitar as copas das árvores. Longe de ser mero cenário, o intrincado catálogo arbóreo calviniano desenha uma cartografia viva que dita a sobrevivência e a subjetividade do protagonista. Sendo assim, esta comunicação analisa a experiência de Cosme sob a chave do romance de formação (Bildungsroman), investigando como o amadurecimento do indivíduo se processa na convivência intensa com o mundo vegetal. Para articular as diferentes camadas temporais da obra, a proposta cruza a história ambiental de Keith Thomas às perspectivas botânicas contemporâneas de Francis Hallé e Peter Wohlleben. A partir de Thomas, discute-se como a formação de Cosme reflete as próprias contradições do setecentos, tensionando o utilitarismo iluminista em favor da sensibilidade ambiental

emergente na época. Contudo, defende-se que a ficção de Calvino opera um salto visionário em 1957, antecipando intuições que a ciência do fim do século XX passaria a formular. É nessa fresta que os conceitos atuais de Hallé, sobre a arquitetura e alteridade das plantas, e de Wohlleben, sobre a floresta como rede viva e interconectada, permitem ler a pedagogia botânica sofrida pelo personagem não como metáfora, mas como uma subversão do Bildungsroman tradicional: Calvino descentraliza o meio social humano e demonstra, poeticamente, que o pleno desenvolvimento do sujeito depende de sua fusão e aprendizado com o não-humano.

OS SERES, A NATUREZA E A ESCRAVIDÃO: UMA LEITURA DA NARRATIVA DE PATRICK CHAMOISEAU À LUZ DOS ESTUDOS DA ECOCRÍTICA E DA PÓS-COLONIALIDADE

Jozelma de Oliveira Ramos

Resumo: O livro L'esclave Viel homme et le Molosse (2016), de Patrick Chamoiseau conta a história de um escravo, cujo nome é desconhecido, e que foge para se libertar, após anos de escravidão e sofrimento. No entanto, durante sua fuga, o Viel homme é perseguido por um cão, o Molosse, o qual foi criado por seu mestre para se tornar um animal violento com os negros, ou seja, para matá-los em caso de fuga. Essa perseguição ocorre, sobretudo, no meio de uma floresta, na qual o Viel homme tem experiências epifânicas. Desse modo, a cada passo, a relação dessa personagem com as árvores, os rios, as pedras se aprofunda, revelando tanto suas próprias dores e memórias, como as de outras gerações de escravos oprimidos pela colonização. Do mesmo modo, o Molosse, na sua relação mística e transcendente com o velho escravo, oscila entre o medo, o afeto e a violência nele inculcada pelo mestre explorador. Assim, na travessia do Viel homme e do Molosse está o sofrimento de todos os que morreram ou foram afetados por esse sistema extremamente cruel. A escrita chamoisiana, a partir de metáforas poéticas, conduz o leitor a refletir sobre uma história da humanidade que não pode ser apagada. Nesse sentido, a presente comunicação discutirá a relação entre os seres, a natureza e a escravidão que dá origem a um universo estético e poético capaz de revelar um passado colonial cujas consequências ainda estão sendo reverberadas no presente, quer seja nas questões ligadas ao racismo estrutural ou na relação entre os seres e o mundo que os cerca.

AGÊNCIA MINERAL E INESPECIFICIDADE NARRATIVA EM KRAKATOA, DE VERÔNICA STIGGER

Leandro Moreto da Rosa

Resumo: As crises climáticas têm imposto desafios contínuos à compreensão humana sobre o espaço natural. Diante da intensificação de instabilidades geológicas e catástrofes ambientais, a ideia de natureza enquanto sistema harmônico, sustentada por séculos na tradição ocidental, revela-se insuficiente. Em Krakatoa, de Veronica Stigger, essa percepção é radicalizada por meio de uma escrita vertiginosa e quimérica, na qual vozes humanas, minerais, vulcânicas e espectrais coexistem em um mesmo plano ontológico. A obra é composta por textos breves, como poemas, monólogos, diários e recortes jornalísticos, articulados em torno da ruína provocada pelos vulcões. Em vista disso, a pesquisa analisa como a estranheza da natureza é incorporada nos níveis temático e formal da narrativa, a fim de compreender de que modo o texto abre espaço para formas de apreensão da realidade que ultrapassam a escala humana. A partir de uma metodologia qualitativa de viés hermenêutico, o estudo insere-se no campo dos estudos pós-humanistas, em diálogo com aportes teóricos de Rosi Braidotti, Timothy Morton e Jane Bennett. Um estudo preliminar aponta que a partilha da palavra, desterritorializada de um sujeito narrativo centralizado, instaura uma inespecificidade que, aos poucos, desestabiliza paradigmas epistemológicos vinculados ao humanismo. Nesse processo, as agências não humanas, distribuídas em capítulos não lineares e em um regime temporal alheio ao humano, perturbam estruturas existenciais estáveis. Como consequência, a experiência de leitura se torna vertiginosa, compatível com a desorientação vivenciada pelas personagens humanas e com a irrupção de realidades outras no interior da linguagem familiar. Tais deslocamentos demandam perspectivas epistêmicas alternativas capazes de reconhecer o não humano também como produtor de sentidos em uma esfera na qual o antropos deixa de ocupar uma posição arquimediana.

"QUANDO PERCO O MUNDO, APARECE A TERRA"

Lorenzo Ganzo Galarça

Resumo: Ao final da década de 1960, a escritora portuguesa, Maria Gabriela Llansol, parte de Portugal em direção ao exílio na Bélgica. Em Lovaina, funda a "Escola da rua Namur", instituição dedicada a acolher filhos de exilados políticos de diversas nacionalidades e também crianças com necessidades especiais. Em um pequeno texto, explorando a experiência vivida na escola, uma personagem chamada "Sagrário, o espírito da natureza" diz esta frase que dá título a apresentação: "quando perco o mundo, aparece a terra". O tempo vivido na Bélgica terá sido fundamental para o pensamento literário de Llansol, pois é a partir daquela experiência pessoal e coletiva, subjetiva e política que nasce a "o livro das comunidades", o primeiro romance da chamada "trilogia dos rebeldes", trabalho fundamental de seu percurso literário. Esta apresentação, busca, assim, explorar de que forma uma ideia da perda do mundo e do aparecimento da terra pode servir como uma chave de leitura dos principais elementos literários da obra e do pensamento

de Llansol. Aliados à leitura de Silvina Rodrigues Lopes de que Llansol jamais se ocupou da invenção de mundos, mas da habitação da terra, é possível nos perguntarmos de que forma a a escrita pode nos orientar nos modos de habitar a terra diante de um mundo em violenta transformação.

ENTRE A NAÇÃO E O FORMIGUEIRO: A SAÚVA E A IDENTIDADE NACIONAL EM TRÊS ROMANCES BRASILEIROS

Luiz Guilherme de Oliveira

Resumo: Presença histórica no imaginário brasileiro, a saúva aparece na literatura associada aos limites impostos pela natureza, aos projetos humanos de ocupação do território e às imagens simbólicas da identidade nacional. Este trabalho propõe investigar a presença desse inseto em Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, Macunaíma, de Mário de Andrade, e Quarup, de Antônio Callado, buscando compreender de que forma sua recorrência contribui para a construção de diferentes relações entre sociedade e natureza. A hipótese que orienta a comunicação é a de que a saúva aparece como uma figura do não humano que tensiona projetos de construção da identidade nacional. Em Barreto, ela surge como um dos obstáculos ao ideal agrícola e patriótico do protagonista. Em Andrade, alcança dimensão simbólica ao integrar uma das mais conhecidas formulações da literatura nacional. Em Callado, a descoberta de um imenso ninho de formigas no centro geográfico do Brasil aproxima a imagem da saúva dos limites impostos pela natureza aos projetos de integração e expansão territorial. A partir de uma perspectiva ecocrítica, pretende-se realizar uma leitura comparada dessas obras, observando como a presença da saúva desloca o foco das narrativas para as relações entre humanos e natureza. Mais do que parte da paisagem, a formiga aparece como um agente não humano capaz de evidenciar os limites dos projetos de domínio do espaço e de problematizar concepções antropocêntricas de nação e pertencimento. Dessa forma, o estudo busca contribuir para as discussões sobre literatura, identidade e mundo não humano, em diálogo com os debates contemporâneos da ecocrítica.

ESCREVER A ENCHENTE: ACONTECIMENTO, CATÁSTROFE E SENSIBILIDADES NA CRISE CLIMÁTICA

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

Resumo: Deixar a água baixar é uma premissa que orienta a vida de muitas pessoas desde a enchente de 2024 no Rio Grande Sul. Se diz que os eventos climáticos deixam marcas indeléveis naqueles que os vivem, não muito diferentes são as marcas da lama deixadas nas cidades, marcas da reconstrução de estradas e de pessoas, linhas no meio ambiente que testemunham a ruptura da normalidade vivida. A enchente provocou um reacomodo de experiências, de subjetividades e sensibilidades intenso naqueles que a vivenciaram. Há

algo ainda sendo elaborado, digerido, sentido e a escrita é uma forma de colocar em palavra um ainda fora de forma. A partir do conceito de acontecimento em Gilles Deleuze e a noção de catástrofe em Isabelle Stengers, a proposta deste trabalho é uma leitura do livro Inundadas (2024) da historiadora portoalegrense Renata Dal Sasso como forma de afetação e sensibilidade produzidas pelo acontecimento enchente. O ponto fundamental que sustenta este recorte de pesquisa é a perspectiva de que um acontecimento produz novas singularidades e, em torno deste ponto, é necessário compreender que estes processos climáticos são produtores de subjetividades e criadores de sensibilidades, porque envolverão, em maior ou menor grau, uma readaptação dos modos de vida, uma criação de formas de existência e uma produção de formas de expressão da catástrofe, tanto em materialidades visíveis como mudanças de casas e cidades, quanto subjetividades discretas reacomodando lutos, frustrações, projetos e sonhos expressas na escrita da catástrofe.

O BOATO TEM PERNAS E CASCAS: MEMÓRIA ORAL, AGÊNCIA NÃO HUMANA E RESISTÊNCIA EM BOCA DE SIRI (2025)

Maria Alice Teixeira de Luna Freire

Resumo: Este resumo propõe uma análise da história em quadrinhos Boca de siri (Moreira, 2025) como uma materialidade escrita que proporciona a elaboração da memória diante da transformação ecológica urbana. A narrativa acompanha três adolescentes que cruzam João Pessoa de bicicleta para verificar o boato de que um guaiamum gigante surgiria com o objetivo de impedir a obra de alargamento da orla. O que parece uma aventura de monstros revela-se, no âmbito do simpósio, um dispositivo de memória frente ao "progresso" que devasta ecossistemas e ignora a relação dos moradores com a natureza. Dialogando com a ecocrítica (Vigal, 2010; Slovic, 2010) e com as proposições de Maria Gabriela Llansol (2001, 2005) sobre "escrever a todos os seres", entende-se que a HQ confere voz a um ser não humano como sujeito político. O boato, transmitido oralmente por pescadores e ressignificado pelos adolescentes, funciona como uma memória subterrânea que resiste à lógica linear do desenvolvimento. A partir disso, a obra borra a fronteira entre humano e animal, propondo uma coexistência não hierárquica. As bicicletas, meio lento e orgânico, contrapõem-se à máquina de obras, encarnando a "frugalidade de meios" sugerida por Llansol (2005). Assim, Boca de siri não é apenas ficção ecológica ou batalha épica: é uma materialidade gráfica de como comunidades (re)criam memórias para habitar um mundo em ruínas, apontando para um biocentrismo possível no território urbano.

REPRESENTAÇÕES ECOCRÍTICAS NA NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

Priscila Almeida Calado

Resumo: Esta comunicação pretende analisar os romances contemporâneos Foi acabar bem na nossa vez (2025), de Mariana Brecht, e Água turva (2024), de Morgana Kretzmann, para pensar em como a literatura vem refletindo a crise ecológica, a ruptura democrática do país, quando começamos a enfrentar o negacionismo e o caos sanitário provocado por governantes de extrema-direita na pandemia de Covid-19, quando houve um grande fluxo de produção de pensamento em torno de aspectos catastróficos e distópicos da sociedade capitalista, de modo que o evento global realçou as contradições e os embaraços do sistema econômico em curso e outras crises crônicas relacionadas à vida, ao meio ambiente e às relações. Nesse contexto, as narrativas contemporâneas abordam, de modo diverso, transformações sociais, políticas e históricas desta época, o que se reflete inclusive em mudanças estéticas, estabelecendo um espaço de resistência. Assim, gêneros e estéticas diferentes podem se misturar na abordagem/representação da emergência climática. Acompanhar a publicação de autoras que estão representando a crise climática em suas obras abre para a possibilidade de imaginarmos outra realidade. A literatura que aborda a crise climática, frequentemente chamada de cli-fi (ficção climática), vale-se de narrativas para conscientizar sobre o aquecimento global e suas implicações, imaginando futuros utópicos, distópicos ou resilientes. A literatura climática busca não apenas retratar o colapso, mas também oferecer um "exercício de imaginação política" e repertório emocional para a sobrevivência e a reinvenção social.

LE PICCOLE PERSONE (2016), IN DIFESA DEGLI ANIMALI: ÉTICA, ANIMALIDADE E NATUREZA NOS ESCRITOS DE ANNA MARIA ORTESE

Priscila Linhares Velloni

Resumo: Esta pesquisa de doutorado propõe a tradução para a língua portuguesa da coletânea Le piccole persone (2016), de Anna Maria Ortese, organizada por Angela Borghesi. Paralelamente ao trabalho tradutório, pretende-se analisar os textos da obra a partir da relação entre homem, animal e natureza, verificando possíveis afinidades entre o pensamento ortesiano e as perspectivas da ecocrítica e da biopolítica no âmbito dos Estudos Animais. A produção literária de Anna Maria Ortese nasce da experiência do luto e da melancolia, sentimentos que se ampliam da esfera individual para uma reflexão ética sobre a condição humana e o sofrimento de todas as formas de existência (BAZZONI, 2020, p. 26). Em Le piccole persone, a autora estabelece uma relação entre sua experiência pessoal e uma natureza igualmente enlutada, marcada pela ruptura do vínculo originário entre os seres humanos e o mundo natural. Ortese desenvolve uma crítica à sociedade moderna, orientada pela lógica do lucro, consumo e produtividade, que transforma animais e natureza em objetos de exploração. Então, a autora denuncia a exploração da natureza e a violência cotidiana a qual os animais são submetidos e defende uma ética

fundada na compaixão, no reconhecimento da senciência e na fraternidade entre todos os seres vivos (FICATTI, 1999, p. 2). Para a autora, humanos e animais compartilham uma mesma origem e habitam uma casa comum: a natureza. Entretanto, o afastamento do homem em relação ao mundo natural produziu uma profunda degradação moral e espiritual. Sua escrita também recupera a infância como dimensão originária da existência, associada a uma percepção empática e não hierárquica do mundo. Ao defender o respeito à vida como princípio moral fundamental, Ortese antecipa debates que se tornariam centrais nos Estudos Animais, especialmente aqueles relacionados à ética animal, à crítica do antropocentrismo , à ecocrítica e às reflexões biopolíticas.

FLORESTANIA, MEMÓRIA E NOSTALGIA AMBIENTAL: UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE DOIS ROMANCES CONTEMPORÂNEOS DA LITERATURA ESTADUNIDENSE

Suenio Stevenson Tomaz da Silva

Resumo: Este trabalho tem como objetivo principal analisar, comparativamente, dois romances contemporâneos da literatura estadunidense: Overstory [A trama das árvores], de Richard Powers e Where the crawdads sing [Um lugar bem longe daqui], de Delia Owens. As duas narrativas, publicadas em 2018, podem ser analisadas à luz da vertente teórico-literária da ecocrítica que acomoda inclusive estudos concernentes às relações entre humanos e não humanos. O livro de Powers, por exemplo, acompanha as trajetórias de diferentes personagens cujas vidas estão entrelaçadas pelas árvores e pela luta ambiental. Além das personagens humanas, alguns dos capítulos da obra aludem a elementos relevantes que remetem ao ciclo de vida das árvores. A narrativa de Owens, por sua vez, apresenta-nos Kya Clark, conhecida como "Marsh Girl", a garota do brejo ou do pântano, em português. Esta protagonista do romance cresce isolada nos pântanos da Carolina do Norte depois de ser abandonada pela família. Como estratégia de sobrevivência, Kya desenvolve uma conexão profunda com a natureza, e amadurece observando a floresta, os animais e outras espécies típicas da região onde vive. É no tema da memória e na relação entre humanos e não humanos que justifico o estudo comparativo dos dois livros supramencionados. Para tal, recorro a dois conceitos mobilizados pelos universos ficcionais das obras em questão, a saber: florestania e nostalgia ambiental. O primeiro articulado por Ailton Krenak (2022) quando ele discorre sobre a importância das alianças afetivas dentro do meio ambiente. Já o segundo conceito é proposto por Scott Slovic (2014) em seu artigo "Varieties of Environmental Nostalgia". Além desses, os estudos de Haraway (2023), Wohlleben (2019; 2017) e Kohn (2013) iluminarão minhas reflexões sobre dois romances potentes no que se refere à literatura ambiental.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: AMAZÔNIA(S) LITERÁRIA(S): ENTRE A OPULÊNCIA SIMBÓLICA E AS MARGENS DO CÂNONE

Coordenação: Carlos Antônio Magalhães Guedelha, Fabrício Magalhães de Souza e Valdiney Valente Lobato de Castro

Resumo: Desde o início do século XIX, quando a imprensa foi autorizada no Brasil, a Amazônia Brasileira mostrou seu interesse pela leitura. Nas páginas dos jornais das principais províncias desfilavam prosas de ficção, poesias, críticas literárias, crônicas, peças teatrais e debates literários produzidos copiosamente por homens da Amazônia. Esses periódicos circulavam em todo o território brasileiro, graças ao intenso movimento dos navios a vapor, alcançando as províncias e comarcas mais distantes. Além dos escritos publicados nas outras regiões, na segunda metade do século XIX, Belém e Manaus começaram a publicar jornais e livros, o que, com o progresso proveniente da extração da borracha, impulsionou ainda mais a expansão de autores e obras. Com a implantação do regime republicano e a demarcação dos estados da região norte, os impressos passam a ser produzidos por todas as capitais do pais e rapidamente a literatura começa a ganhar mais espaço tanto nas páginas impressas, quanto nos espaços de leitura que cresciam significativamente. Assim, a leitura desde muito cedo, apesar de estar distante do polo econômico e letrado do país, fez sucesso na Amazônia Brasileira, garantindo vasta produção literária e angariando um número expressivo de leitores. No entanto, por mais que as discussões sobre a literatura desse espaço tenham se ampliado nas últimas décadas, a imagem de exotismo e atraso ainda caracteriza a representação nacional que se construiu sobre a região, ainda que estudos sobre a literatura da Amazônia Brasileira tenham merecido destaque nas últimas décadas e se tornado objeto de estudo dos mais diversos pesquisadores de diferentes áreas em inúmeras instituições de pesquisas, nacionais e internacionais. Essa proeminência no cenário nacional e na crítica internacional deve-se, em parte, na harmonia da discussão sobre a Amazônia com os Estudos Culturais, as teorias Pós-coloniais, assim como os Estudos comparados, o que possibilita um olhar que começa a deixar, aos poucos de ser apenas de deslumbramento e de estranhamento. As diversidades culturais, fruto dos diferentes tipos de imigrantes; as relações sociais impactadas pela rica e singular fisiografia; e o imaginário construído por meio de crenças e lendas possibilitam a produção de composições literárias múltiplas, marcadas por traços sociais e culturais que, simultaneamente, revelam e contribuem para a construção da(s) identidade(s) do homem da Amazônia Brasileira. Considerando essa diversidade, utiliza-se a expressão "literaturas amazônicas" no plural para capturar a ampla variedade, complexidade e heterogeneidade das criações literárias que se originam na região amazônica ou que tratam dela. Essa opção de terminologia reconhece que não há uma única "Amazônia" ou uma só maneira de descrevê-la, mas sim um conjunto de vozes, identidades e manifestações culturais. Diante dessa riqueza, se entrechocam e se entrecruzam, no processo de produção e recepção, a

opulência dessa literatura múltipla e o complexo cenário por ela retratado e por onde ela circula. Desse modo, essa diversidade fisiográfica, cultural e social, permite compreender as manifestações da/na Amazônia Brasileira como uma pluralidade de culturas hibridamente entrelaçadas – razão pela qual a relação do homem com o texto é permeada por relações muito diversas, o que provoca uma necessidade de discutir questões relativas à literatura (como leitura, produção, recepção e circulação do texto literário), bem como a construção de identidades da Amazônia Brasileira (baseada tanto nas relações entre centros, margens e periferias quanto no papel de livreiros, escritores e leitores, que compõem o mercado editorial). Nessa seara revela-se o caráter transnacional da Amazônia Literária a partir da capacidade das obras literárias, autores e temas atravessarem fronteiras nacionais, conectando diferentes culturas, territórios e identidades, indo além da ideia de que a literatura pertence exclusivamente a uma nação. Na Literatura contemporânea é possível tomar como exemplo de transnacionalidade os problemas amazônicos comuns a diferentes países, como o desmatamento para o avanço do agronegócio, o garimpo e a mineração de um modo geral, além da rota amazônica do tráfico de mulheres, comum a diferentes localidades da Amazônia. Diante da riqueza identitária e cosmológica, do deslumbramento fisiográfico, dos desafios pós-coloniais e dos problemas sociais o intuito principal deste simpósio repousa exatamente nessa necessidade: proporcionar a visibilidade a essas obras literárias, frequentemente percebidas às margens do cânone; portanto serão acolhidos trabalhos na seara da literatura comparada, da teoria da literatura, da história da literatura, dos estudos culturais, das relações entre literatura e outras artes, desde que relacionados ao contexto da Amazônia Brasileira, nas suas literaturas escritas, orais, indígenas e ribeirinhas, isso porque as Amazônias Literárias englobam narrativas, mitopoéticas e histórias de vida da diversidade que compõe o espaço, refletindo o imaginário da região.

MYRIAM SCOTTI E A ESCRITA DA MULHER AMAZÔNIDA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE TERRA ÚMIDA (2021)

Abilio Pachêco de Souza

Camila Leal Ferreira

Resumo: No artigo "Quem tem medo de um escritor nortista?" (2024), publicado no jornal Le Monde Diplomatique Brasil, a escritora manauara Myriam Scotti denuncia a invisibilidade imposta pelo mercado editorial do eixo hegemônico às diversas vozes literárias da Amazônia. É diante desse cenário de apagamento que este trabalho analisa o posicionamento crítico e a produção literária da autora, observando como o romance histórico Terra Úmida (2021), escrito por ela, se apresenta como uma obra de resistência. Nesse contexto, o romance responde às preocupações de descentralização cultural, como

manifestado por Scotti em seu artigo, ao construir uma narrativa que encena a cidade de Manaus e a cultura nortista, pela perspectiva de uma família judaico-marroquina. Diante disso, dialogando com os Estudos de Gênero em Beauvoir [1970] (2008), Butler (2017) e Lerner (2019), e com a Teoria do Testemunho em Seligmann-Silva (2000, 2003, 2009), o objetivo é analisar, no romance, como a escrita dos diários da personagem Syme funciona como um dispositivo de denúncia. Através desse registro íntimo, analisa-se a representação das opressões patriarcais e do trauma do exílio vivenciado por uma mulher judia-marroquina durante o ciclo da borracha, em Manaus. A hipótese é que a obra de Scotti confronta simultaneamente duas esferas de exclusão: no plano interno da narrativa, a violência de gênero; no plano externo, a periferização literária nacional.

MULHERES HAICAÍSTAS NO AMAZONAS

Debora Fernandes Tavares

Resumo: Os imigrantes japoneses que aportaram no Brasil no início do século XX trouxeram consigo a bordo o haiku (poema escrito em língua japonesa, composto por 3 versos de 17 fonogramas e kigo, palavra que faz referência à estação do ano). Nas palavras de Octavio Paz (1914-1998): "Um haiku é um poema de 17 sílabas e três versos: cinco, sete e cinco sílabas (...) O haiku transforma-se e converte-se na anotação rápida – verdadeira recriação – de um momento privilegiado: exclamação poética, caligrafia, pintura e meditação, tudo junto" (PAZ, 2005, p. 158) De acordo com Masuda Goga (1988), o imigrante Shûhei Uetsuka (1876-1935) teria composto o haiku abaixo, em 1908, momentos antes de aportar em Santos – São Paulo: A nau imigrante Chegando: vê-se lá no alto A cascata seca. (GOGA, 1988, p. 33) A primeira comunidade de imigrantes japoneses a chegar no Amazonas, formada por 49 membros, instalou-se no município de Maués em 2 de janeiro de 1930. Segundo Nishikido (2023) , o primeiro grupo de composição de haiku de Manaus denominou-se Manaus Kukai. A primeira coletânea de poemas do grupo, então formado por 3 membros, foi lançada em 1985 e a última publicação de coletânea de poemas de 21 membros, que se tenha conhecimento, é datada de 2021. Apresentamos abaixo um haiku de autoria não identificada, constante de uma das coletâneas do grupo Manaus Kukai: Piranha que salta Em pirarucu seco Estendido na maromba (NISHIKIDO apud YAMAGUCHI, 2023, p. 152) Esta Comunicação objetiva apresentar autoras haicaístas do Amazonas no século XXI.

ENTRE RIOS, TRILHOS E ESTRADAS: LITERATURA DA AMAZÔNIA RONDONIENSE, REGIONALIDADE E MARGENS DO CÂNONE AMAZÔNICO

Elysmeire da Silva de Oliveira Pessoa
Mara Genecy Centeno Nogueira

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura crítico-interdisciplinar da literatura da Amazônia rondoniense, tomando rios, trilhos e estradas como operadores de análise para discutir regionalidade, legitimação e margens do cânone amazônico. Diferentemente de uma abordagem panorâmica dos itinerários literários de Rondônia, a pesquisa delimita-se ao debate sobre os modos pelos quais a presença do território, da memória e das formas culturais situadas foi interpretada ora como potência estética, ora como marca redutora de regionalismo. O objetivo é analisar como a literatura produzida em relação à Amazônia rondoniense tensiona os critérios de reconhecimento do cânone, especialmente quando envolve oralidades indígenas, quilombolas, beradeiras, ribeirinhas, fronteiriças, femininas e populares. A fundamentação teórica articula Nogueira, Sampaio e Pissinatti (2025), Pinto (2016), Souza (2011) e Théry (2022), em diálogo com Candido (1989), Chiappini (1995; 2014) e Pozenato (2003), para compreender a regionalidade como rede de relações históricas, culturais e simbólicas, e não como sinônimo de inferioridade estética. A metodologia é bibliográfica, qualitativa e crítico-comparativa, baseada na revisão de estudos sobre literatura rondoniense, na leitura crítica de inventários literários e na problematização das categorias literatura sobre, em e de Rondônia. Como resultado, observa-se que os processos de legitimação literária privilegiaram determinados autores, espaços e suportes, enquanto mantiveram à margem práticas orais, produções de mulheres, narrativas populares e experiências fronteiriças. Conclui-se que a literatura da Amazônia rondoniense deve ser compreendida como campo situado de elaboração estética e disputa simbólica, capaz de deslocar o regionalismo pejorativo e ampliar as formas de pertencimento no cânone amazônico.

CHIBÉ COM PIMENTA: O "TEMPERO BAIANO" DE GABRIELA, CRAVO E CANELA, NO ROMANCE CHIBÉ, DE RAIMUNDO HOLANDA GUIMARÃES

José Victor Neto

Resumo: O presente trabalho consiste em um estudo comparativo entre os romances Gabriela, cravo e canela (1958), de Jorge Amado, e Chibé (1964), de Raimundo Holanda Guimarães, observando seus pontos de aproximação e distanciamento. Gabriela, cravo e canela, ambientado na Ilhéus de 1920 dominada pelos coronéis do cacau, narra o envolvimento entre Nacib e Gabriela, em um contexto marcado pelo conflito entre conservadorismo patriarcal e modernidade. Já Chibé (1964), ambientado na Vila do Apeú, na Castanhal-PA de 1930, retrata os conflitos envolvendo uma família de portugueses, o pároco e o cartorário, tendo como pano de fundo a Revolução de 1930. Ambos os romances são exemplares de roman à clef, gênero limítrofe entre realidade e ficção, em que são retratadas pessoas reais disfarçadas como personagens ficcionais, revelando-se seus segredos inconfessáveis e sua hipocrisia, e deixando-se pistas para que o leitor decifre suas identidades (Bombart, 2018a, 2018b). Tanto Gabriela quanto Chibé estiveram envolvidos em polêmicas por serem romans à clef à época de suas publicações

(Aguiar, 2018; Victor Neto, 2020). Além dessas aproximações, tais romances compartilham também semelhanças entre seus personagens e diversos elementos estéticos e temáticos. Holanda Guimarães, leitor de Amado, já conhecia a polêmica em torno de Gabriela ao escrever seu romance (Guimarães, 1999). Assim, este trabalho tem por objetivo específico perceber como, servindo-se do "tempero alheio", Holanda Guimarães adaptou elementos do Gabriela ao contexto amazônico retratado no romance Chibé, de modo a atender às suas pretensões de produzir um roman à clef satírico com possíveis intenções vingativas (DeSalvo, 1998). Esperamos lançar luzes sobre as relações entre essas duas obras de meados do século XX, abordando os diálogos literários entre um autor nordestino consagrado e um autor paraense em início de carreira, mediados pelos mecanismos da poética da emulação (Rocha, 2013).

CARTOGRAFIAS AFETIVAS DA FLORESTA: ECOCRÍTICA E INTERMIDIALIDADE NAS NARRATIVAS MITOLÓGICAS DO ALTO RIO NEGRO

Ludimila Pontes

Resumo: O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN), na área de concentração em Estudos Literários, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Essa pesquisa é um desdobramento das reflexões geradas a partir da prática docente no ensino de Literatura e Língua Portuguesa no Instituto Federal do Amazonas – campus São Gabriel da Cachoeira (IFAM), no Alto Rio Negro. Tomaremos como ponto de partida a análise de atividades desenvolvidas junto a estudantes e professores indígenas, nas quais buscou-se atender às especificidades de cada grupo, com um olhar atento às configurações diferenciadas, interculturais e multilíngues que marcam o contexto de uma cidade de fronteira. Propõe-se um pensar crítico, a partir dos estudos de ecocrítica (Garrard, 2006) e intermidialidade (Clüver, 2011), abordadas de forma pioneira por Jørgen Bruhn (2023) como ecocrítica intermidiática, para a articulação do ensino de Literatura e outras linguagens por meio de uma investigação das relações interculturais que se estabelecem entre os povos da região, tendo em vista suas raízes cosmológicas, entrelaçadas à memória, à multiculturalidade e aos seus saberes tradicionais. Também estaremos em diálogo com as propostas de Aílton Krenak e Davi Kopenawa, que convocam a uma mudança de paradigma na relação do ser humano com a natureza, diante das urgências climáticas iminentes e já em curso. O estudo propõe, assim, um pensar crítico e reflexivo para a articulação do ensino de Literatura e outras linguagens como ponto de partida para o resgate e fortalecimento cultural dos idiomas originários e das etnias locais, que nos permitem vislumbrar mundos possíveis para adiar o fim do mundo.

O PENSAMENTO DA FLORESTA EM O EMPATE CONTRA CHICO MENDES, DE MÁRCIO SOUZA

Priscila Lira de Oliveira

Resumo: Apesar de ser um dos escritores amazonenses mais reconhecidos no país, além de tão traduzido para outras línguas, Márcio Souza tem, em sua vasta obra, algumas publicações de pouca visibilidade. Pode-se considerar injusta essa ausência de destaque, dada a relevância dos temas tratados por essas narrativas, assim como a genialidade do estilo característico desse autor, mestre em transformar acontecimentos históricos em ficções poéticas e comoventes. Vemos isso ocorrer em seu livro O empate contra Chico Mendes (1980), que descreve a trajetória do grande mártir ambiental e seringueiro do Acre. Por falar dessa personalidade, homenageada até nos festivais de boi-bumbá amazonense e carnavalescos cariocas, nome de uma das maiores reservas florestais do Brasil, imagina-se que esse seria um dos livros tão comentados de Márcio Souza, mas não é o que aconteceu. Talvez a brevidade de páginas do livro, junto ao reduzido número de edições tenham contribuído para isso. Porém, a profundidade do que encontramos na curta biografia justifica uma valorização mais consistente desse texto. O empate contra Chico Mendes (1980) é um relato que acompanha o trabalho rústico do homem amazônico, sua tomada de consciência da condição exploratória desses trabalhadores, resultando em uma necessidade de engajamento na defesa da floresta e de seus habitantes, o difícil e doloroso desenvolvimento da sua vida afetiva e amorosa, culminando no seu assassinato. Chico Mendes foi um homem que viveu imerso na Amazônia e por isso, com ela aprendeu o seu modo de ver, pensar e agir, nessa comunicação buscarei demonstrar como a vida desse homem se desenvolveu como uma simbiose de corpo e pensamento com a vida vegetal e demais viventes que o rodeavam, usando para isso, como texto basilar, a tese de Karen Shiratori: "O olhar envenenado: da Metafísica Vegetal Jamamadi" (2018).

LEITORES E LEITURA NA AMAZONIA OITOCENTISTA

Valdiney Valente Lobato de Castro

Resumo: Pode-se afirmar, segundo os arquivos disponíveis na hemeroteca digital, plataforma da Biblioteca Nacional, que desde a década de 1850 já havia jornais sendo publicados no Amazonas, como as folhas Estrella do Amazonas e O Brado do Amazonas, disponíveis para pesquisa no repositório. Ao longo das décadas a quantidade de impressos vai paulatinamente aumentando e, com a explosão socioeconômica causada pelo ciclo da exploração da borracha, há o significativo número de 56 folhas – ao se considerar apenas as que foram preservadas e estão hospedadas na hemeroteca digital – circulando nas ruas do Amazonas na primeira metade do século XX. Como as folhas públicas representam o principal meio de democratização das informações da época, surgem jornais de interesses variados: noticiosos, religiosos, esportivos, políticos e literários. São nessas páginas volantes, principalmente na coluna "Folhetim", onde a literatura assume papel de destaque e – graças aos navios a vapor – circula abundantemente por diversas cidades do Amazonas. Assim, os romances franceses que eram reproduzidos a exaustão nos jornais do

sudeste passam também a ocupar o rodapé dos jornais amazonenses e encantar os leitores. Além dos romances franceses, é possível também identificar, circulando nos jornais amazonenses, clássicos da literatura portuguesa, como O Primo Basílio, de Eça de Queiroz, e da literatura brasileira, como Lucíola, de José de Alencar, todos em edições seriadas. A proposta desta comunicação é, por meio da análise, dos impressos, compreender o cenário da literatura amazonense oitocentista, no que concerne à produção e à circulação, o que pode contribuir para a análise da constituição do cânone, bem como para revitalizar informações acerca da leitura na Amazônia na segunda metade do século XIX.

ST: ARTES DA JORNADA: ESPAÇO, ESCRITA E GÊNERO NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESTRANGEIRAS

Coordenação: José Ailson Lemos de Souza e Silvana Maria Pantoja dos Santos

Resumo: Dos temas mais célebres da literatura ocidental, a viagem codificou-se como meio pelo qual os meandros da narrativa, da escrita e da diferença de gênero transmutam a experiência, da Odisseia, de Homero, à obra de romancistas influentes do século XX como James Joyce, Virginia Woolf, W. G. Sebald, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. O deslocamento entre terras e mares desconhecidos fomenta, desde os primórdios, formas narrativas em que o reconhecimento, o confronto e as disputas entre diferenças abrem possibilidades para uma compreensão mais profunda sobre o ser e estar no mundo, e os desdobramentos de expedientes como a colonização nas modalidades de representar si mesmo e o Outro. Observa-se em obras de diversos escritores da literatura brasileira e estrangeira explorações atravessadas por jornadas espaciais ou interiores que se comunicam por meio do dialogismo cultural e polifonia, termos com que Bakhtin (2003) concebe a literatura de modo a questionar concepções como originalidade, fontes e influência. Há, no entanto, de se considerar assimetrias que afetam esses termos. Mary Louise Pratt (1991) concebe como zonas de contato os espaços em que diferentes culturas se encontram e se enfrentam em conflituosos contextos, geralmente permeados por relações de poder assimétricas. Romances como As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, No Coração das Trevas, de Joseph Conrad, e Uma Passagem para a Índia, de E. M. Forster, exigem leituras como a que Sandra Vasconcelos sugere para a obra de Conrad: o recurso à crítica temática, a dados biográficos pertinentes, à visão ideológica do escritor e ao exame atento que Antonio Candido (1971) divisa como precipitação do conteúdo em forma. Nessa perspectiva crítica, pressupõe-se que esses romances encenam uma ampliação da própria forma narrativa, elaborando ao mesmo tempo espaços de alteridade com as implicações do colonialismo. Se pensarmos no encontro entre textos, leituras e autores nos termos de outro tipo de alteridade, a literária, faz-se necessário repensar, como sugere Sandra Nitrini (2010), a análise comparatista a partir de um olhar

voltado para o plural. Afinal, pensamos aqui em discutir como tais narrativas exigem novos modos de ler, diferentes daqueles exigidos por obras da tradição realista. Novos olhares para novos tipos de representação, muitas vezes propícios para aproximações com aspectos obscuros, imprecisos e oblíquos da experiência narrada. Em acordo com a ideia de Donaldo Schüler (2021) sobre a potencialidade de leituras fomentadas por nossa posição às margens do discurso eurocêntrico, ressalta-se aqui certa vantagem para perceber os novos territórios abertos pela Odisseia de Homero para a literatura, bem como por obras de diversas tradições literárias. Territórios feitos de incursões por mundos fantásticos e oníricos que contrariam o pacto realista. Viagens, deslocamentos e alteridades evidenciam imaginários de grande potencial de invenção linguística e formal (Collot, 2012). Pode-se observar esse potencial também em viagens interplanetárias, de narrativas como a de Lily Brooks-Dalton ou lunares como a de Arthur C. Clarke, dentre outros, de modo a obter efeitos ainda pouco explorados na escrita, bem como imaginar alargamentos dos limites do próprio humano, seja esse um encaminhamento projetado a partir de escalas naturais ou a partir da fantasia. O presente simpósio acolhe trabalhos que examinem a representação de viagens, deslocamentos e encontros nas literaturas de língua portuguesa e estrangeira, sejam estas jornadas realizações ambientadas no presente, no passado, em futuros possíveis ou distópicos. É de interesse os registros físicos, simbólicos ou imaginários de mobilizações, fluxos e redes, múltiplas travessias possíveis de expressar diferentes formas de experiência, pautadas por manifestações de reconhecimento ou suas falhas. Também serão bem-vindos a comunicação de trabalhos cujos temas se relacionem a travessias interiores enquanto dispositivo de autoficção e memória; a viagens como metáfora do processo criativo; jornadas interiores como dispositivos de rupturas formais; a imagens da cidade moderna como representação de identidades em trânsito; a viagem e desterro como modos de ler as alteridades na ficção; a formas híbridas na representação literária de viagens; a jornadas interestelares como possibilidade de expansão da presença humana no cosmos; viagens como metáfora de libertação interior, emotiva ou sexual; travessias como forma de refletir sobre a história, o tempo e a própria literatura; o deslocamento como chave de exploração do corpo, do gênero e da escrita, dentre outras discussões pertinentes ao tema central. A viagem e suas representações na literatura colocam em evidência o confronto entre culturas, espaços em disputa, formas de ser e dramatiza a escrita propriamente dita, revelando uma miríade de possibilidades para a ficção.

TRÂNSITO E GÊNERO NAS NARRATIVAS DE BRENDA NAVARRO.

Amanda da Silva Oliveira

Resumo: A relação entre migração e gênero tem sido um tema bastante pertinente para as discussões a respeito das questões de trânsitos e deslocamentos, a partir da experiência vividas pelas mulheres. Embora, historicamente, as mulheres fossem consideradas apenas acompanhantes dos homens, as experiências de gênero têm evidenciado a centralidade desse protagonismo, pois representam atualmente uma quase igualdade nos fluxos migratórios. No entanto, a experiência de migração, em se tratando de gênero, é bem diversa entre homens e mulheres, e o caso das mulheres acionam dispositivos bem específicos e vulneráveis. Assim, a presente comunicação tem como proposta a abordagem da temática de gênero sobre as questões de migração, trânsitos e deslocamentos das personagens femininas, tendo como referencial teórico-crítico os estudos da professora do departamento de sociologia e estudos de gênero da FLACSO/Equador, Gioconda Herrera, e como corpus literário de análise duas narrativas da escritora mexicana Brenda Navarro: em "Casas Vacías", publicado em 2020, uma das personagens-protagonistas se desloca para uma nova realidade, a partir da experiência da maternidade; já em "Cenizas en la boca", de 2022, a personagem-narradora tenta viver no entre-lugar, entre a lembrança de infância, vivendo na América Latina, e a experiência da vida adulta, morando na Europa, junto ao sofrimento pela perda do irmão. Dessa forma, observa-se que as narrativas evidenciam construtos narrativos que exemplificam experiências de feminização da migração, vulneráveis à violência patriarcal e aos desafios de gênero.

DE VOLTA PARA CASA: O RETORNO A NOVA ZELÂNDIA EM "THE WIND BLOWS", DE KATHERINE MANSFIELD

Ana Rivas Gagliardi

Resumo: Katherine Mansfield é conhecida por ter feito parte da geração de modernistas que contribuíram significativamente para as transformações do conto enquanto forma literária, no começo do século XX. Após a morte trágica de seu irmão durante um treinamento de guerra, a autora volta alguns de seus textos ao espaço onde nasceu e viveu com a família durante a infância: a Nova Zelândia. "The Wind Blows" é um dos últimos textos de Mansfield anteriores a essa nova fase de sua escrita, embora já apresente características associadas a ela. Publicado pela primeira vez em 4 de outubro 1915, o conto descreve o decorrer de um dia na vida da jovem Matilda – descrição que o leitor vem a descobrir tratar-se, na verdade, de uma memória e também de uma possível despedida. Mansfield, que recebeu a notícia do falecimento do irmão em 11 de outubro de 1915, não escreveu textos propriamente autobiográficos, mas sabe-se que muitos deles foram inspirados em pessoas reais e experiências vividas pela autora. Em "The Wind Blows", a viagem ao interior e ao passado da personagem principal reflete o contexto de dor, a ausência e o luto, vivenciado por tantas pessoas durante a Primeira Guerra Mundial, fazendo da movimentação temporal uma simbologia da perda de um momento que não se recupera a não ser pela

memória. À luz de Antonio Candido, nota-se nesse conto como a sociedade e a literatura se articulam de modo indissociável, não apenas no plano temático, mas também no nível da forma.

ERRÂNCIA NA LEITURA DE MULHERES

Camila Nascimento Cardozo

Resumo: Desde que Mrs. Dalloway (Woolf, 2012) saiu para comprar flores, seu mundo interior nunca mais foi o mesmo, assim como se modificou o desta leitora ao usufruir dessa e outras obras de mulheres sobre seus passeios, viagens e descobertas. O presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão a respeito da relação de mulheres com as cidades e seus registros na literatura contemporânea. A metodologia adotada consiste na experiência de leitura de obras literárias e teóricas a respeito da jornada de mulheres que percorrem as cidades. A própria atividade de leitura pode ser considerada uma prática de errância, na medida em que tal exercício se dá em um percurso de descobertas sobre o tema, movida por uma curiosidade que leva a pesquisadora a seguir sua caminhada. O corpus selecionado para a pesquisa engloba o terceiro volume do Diário de Anaïs Nin (1987) e o diário "não-expurgado" Henry & June (2014), o livro de ensaios de Lauren Elkin, intitulado Flâneuse (2022) e o livro-manifesto The Feminist Art of Walking, de Morag Rose (2025). Ademais, as obras de Rebecca Solnit (2016) e Deborah Parsons (2003) serão incorporadas como embasamento teórico para tal pesquisa. Como resultado, é esperado que essas leituras acarretem em uma maior amplitude de horizontes no caminho da leitora-pesquisadora, a respeito das contribuições das escritoras e suas andanças para a Literatura.

DESENHAR O MOVIMENTO NO CORPO DO TEMPO: RETORNO E MEMÓRIA EM ESBOÇO EM PEDRA E SONHO, DE MARÍLIA ARNAUD

Camila Rodrigues Boff

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o retorno e sua influência sobre a memória no romance Esboço em pedra e sonho, da escritora brasileira Marília Arnaud. A obra, narrada em primeira pessoa, traz a história de Ramona, cuja trajetória é pontuada por segredos e silêncios, muitos deles ocasionados pela Ditadura Militar Brasileira. Nesse contexto, a memória é uma das principais matérias da narrativa, sendo despertada pela viagem de retorno empreendida pela protagonista a Nossa Senhora das Pedras, cidade em que cresceu. Assim, partindo do fato de que a volta é desencadeadora da narração, busca-se demonstrar como esse movimento facilita a manifestação da memória. Para isso, será analisada a centralidade da memória involuntária, que emerge quando a personagem reencontra lugares em que esteve outrora. Ainda, serão estudados os contrapontos feitos pela narradora entre presente e passado, uma vez que a viagem de retorno acaba por evidenciar as mudanças ocorridas na cidade, na casa, nos objetos e nas pessoas. Nesse sentido, será investigado como memórias individuais e coletivas se entrelaçam e são postas

em cena a partir do reencontro com o passado e seus espaços. A hipótese que pretende-se confirmar é de que memória e retorno são indissociáveis para a leitura da obra, em que a palavra narrada somente pode ganhar corpo a partir da viagem. Nessa perspectiva, constituem a base teórica desta proposta o amplo estudo sobre as formas e espaços da memória realizado por Assmann (2011), bem como as reflexões de Sarlo (2012) sobre o tempo da rememoração e seu elo com o presente. Também são relevantes os ensaios de Gagnebin (2006) acerca da história, da memória e suas metáforas.

A VIAGEM AO CENTRO DE SI: O PROJETO ESTÉTICO-MODERNISTA DE VIRGINIA WOOLF

Diego dos Santos Rocha

Resumo: Em 1915, Virginia Woolf publicou A viagem, seu primeiro romance, inaugurando um projeto estético-modernista que se contrapunha às convenções vitorianas. Ainda que de maneira embrionária, suas obras iniciais já revelavam o surgimento de uma era de contornos indefinidos e, portanto, exposta ao exame de suas contradições. No romance de estreia, Woolf narra uma viagem à América do Sul, cuja ambientação ficcional é frequentemente associada ao Brasil por parte da crítica, entretanto, a fauna, a flora e as relações sociais são retratadas de maneira controversa. Se, por um lado, esses aspectos revelariam questões ideológicas, é possível ainda pensar uma autora que utiliza a escrita como laboratório, estabelecendo uma relação conflituosa entre fato e ficção, demarcando tensões entre essas instâncias que seriam caras ao romance enquanto gênero. Nessa perspectiva, este trabalho propõe compreender A viagem como espaço de experimentação linguística que pavimentaria o caminho da ficção woolfiana ao longo de toda uma década, culminando na publicação de Mrs. Dalloway (1925), que se tornaria um ponto de inflexão. Desse modo, a viagem é analisada como representação das nuances dessa trajetória: i) a princípio, a jornada marítima como reflexo do isolamento das personagens, forçando-as a encarar as próprias individualidades; ii) como tensão entre a introspecção e o que de fato é exposto, imprimindo uma relação entre a viagem interior e exterior; iii) como um processo metafórico da escrita de Woolf, que empreende uma travessia pela tradição para compreender os rumos da criação poética. Ao investigar esses aspectos, são utilizadas as contribuições de Hermione Lee (1977), Sandra Vasconcelos (2007), Harold Bloom (2013), a fim de discutir o impacto da produção woolfiana no contexto modernista. Essas reflexões revelam, por conseguinte, uma Virginia Woolf profundamente consciente das possibilidades do romance enquanto forma, estruturando, através da viagem como campo simbólico, caminhos para a ficção inglesa no século XX.

À SOMBRA DO FUTURO QUE DEVORA: RELAÇÕES DE GÊNERO NAS DISTOPIAS BRASILEIRAS

Gil Derlan Silva Almeida

Resumo: Saramago (2002) havia dito: "O caos é uma ordem por decifrar." Se essa premissa coloca-nos num mundo colapsado e em meio a um emaranhado de incertezas, percebemos como a literatura contemporânea acompanha essa realidade, tomando-a como matéria-prima para a configuração de suas narrativas. Desta maneira, o mundo pós-moderno ensejaria um caos próprio que se faz representar nas produções distópicas que tanto tem ganhado força na escrita de autores nacionais atuais. Assim, este trabalho objetiva discutir a representação das relações de gênero na produção distópica contemporânea do Brasil, ao entender gênero como um marcador potente e constante em enredos desta natureza. O corpus de obras a ser contemplado são as obras Tupinilândia (2018), de Samir Machado; Corpos Secos (2020), de Natalia Borges Polesso, Samir Machado, Luisa Geisler e Marcelo Ferroni e A extinção das abelhas (2021), de Natalia Borges Polesso. A metodologia é de cunho qualitativo, ao analisar os sujeitos sociais e suas ações no meio em que se inserem, conforme Gil (2002). Utilizam-se procedimentos como o fichamento e cotejamento literário, a fim da análise coerente das obras com a temática delimitada. Enquanto fundamentação teórica, utilizamos os diálogos de Cavalcanti (2020), Lima (2022), Moylan (2018) e Sargent (1994), no que concerne às discussões sobre distopias e suas características. No que diz respeito aos estudos de gênero, valemo-nos de Butler (2018), Connel e Pearse (2015) e Lauretis (1994) dentre outros que apresentam essas discussões. Percebemos como o texto distópico acentua a violência de gênero e seus desdobramentos, ao colocar sujeitos marginalizados, a partir dessa ótica, como os primeiros alvos nos regimes de recessão, controle e privação de direitos. A literatura contemporânea brasileira apresenta em suas tessituras uma forte amostragem do mundo apocalíptico da distopia, como o sinal amarelo frente ao terror e caos da minorização de identidades, caso medidas não sejam tomadas.

CORPOS INQUIETOS, ESPAÇOS REGULADOS: BOSOLA E O DRAMA DA MOBILIDADE EM THE DUCHESS OF MALFI (1614)

Gustavo Sontag

Resumo: Tim Cresswell, em On the Move (2006), discute a relação entre a mobilidade e o mundo moderno. Segundo o autor, durante o Renascimento, a ordem social relativamente fixa da Idade Média foi gradualmente substituída por concepções mais dinâmicas de movimento. Em meio a essa transição, marcada pela expansão urbana e pelo surgimento da riqueza mercantil, surgiram os chamados "masterless men" (homens sem mestre): indivíduos desempregados que vagavam pelas cidades e, por vezes, recorriam ao crime para sobreviver. Essas tensões sociais tornaram-se temas centrais no teatro do início da era moderna, durante o período Stuart (Dustagheer, 2013; West, 2002). Um desses dramaturgos foi John Webster, que se destaca por sua exploração de figuras de baixo status social (Robinson, 2019). Em sua obra-prima, The Duchess of Malfi (1614), há um exemplo relevante: Bosola, um ex-condenado contratado

como espião para observar a vida pessoal da Duquesa. Ao longo da peça, Bosola reflete repetidamente sobre sua condição móvel, revelando uma atitude complexa e muitas vezes conflitante em relação ao seu papel (Marcus, 2011). Diante disso, este artigo analisa a experiência espacial de Bosola como um espião que se tornou assassino e, posteriormente, vingador —envolvendo-se tanto em vigilância externa quanto em autovigilância—, baseando-se no conceito de mobilidade de Cresswell e na teoria do espaço social de Henri Lefebvre (1991).

A SEXUALIDADE COMO AVENTURA EM O QUARTO DE GIOVANNI, DE JAMES BALDWIN

José Ailson Lemos de Souza

Resumo: Em O quarto de Giovanni (1956), James Baldwin explora os contornos da sexualidade do protagonista, o americano David, como aventura em sentido próximo ao que Agamben (2018) concebe, o de um encontro com o mundo e ao mesmo tempo consigo mesmo. Além disso, ressalta-se aqui a aventura como experiência que perturba a percepção de si (identidade), sua dimensão de risco, e a transformação do sujeito enquanto desdobramento do evento (Agamben, 2018). David se encontra em Paris à espera de Hella, a namorada que viaja para a Espanha com o fim de decidir sobre o futuro da relação. O envolvimento de David com Giovanni, um garçom italiano, instaura uma espécie de prova em relação à sexualidade, uma experiência que havia sido rechaçada na adolescência. Colm Tóibín (2018) observa a instabilidade dos afetos despertos por Giovanni, que alterna momentos de amor e ternura com outros de repulsa, reiterando a experiência sexual como aventura, a qual designa tanto fatos positivos quanto negativos, fonte ao mesmo tempo de desejo e de espanto (Agamben, 2018). A aventura aqui também se reveste do sentido de evento da palavra, ou seja, a reflexão sobre a sexualidade no romance de Baldwin orienta o relato enquanto narrativa. O presente trabalho tem por objetivo analisar a representação da sexualidade O quarto de Giovanni a partir destes termos relacionados à aventura. Como preâmbulo, parte-se de uma breve reflexão sobre o contraste entre o imaginário americano em torno da capital francesa e a experiência de intelectuais e artistas a partir dos próprios ensaios de Baldwin (2020), seguida de considerações sobre a sexualidade e sua representação a partir de Parker (2018) e Weeks (2018).

DESLOCAMENTOS NA ESCRITA DA TRILOGIA FRANCESA (A LENTIDÃO, A IDENTIDADE E A IGNORÂNCIA) DE MILAN KUNDERA

Lorena do Rosário Silva

Resumo: A escrita literária pode ser vista enquanto um trajeto que se inicia no autor e se completa no leitor. A partir desse pressuposto, a proposta desta comunicação visa o entendimento dos deslocamentos presentes nos romances escritos pelo romancista Milan Kundera – A lentidão (1995), A identidade (1998)

e A ignorância (2000) –, desenvolvidos ao longo das narrativas e motivados pelo movimento da escrita. Por meio de referências teóricas que trabalham com os conceitos de narrativa, romance, memória e exílio, como Gerard Genette, Georg Lucáks, Zigmunt Bauman, Pierre Nora, Harald Weinrich, Edward Said, Tzvetan Todorov, entre outros, objetiva-se a compreensão de como o romancista explora o deslocamento via escrita e de que forma ele pode assumir diferentes abordagens e significados ao longo dos romances analisados. Nessa orientação, fundamenta-se a hipótese de que os trajetos que os personagens realizam nas narrativas são o ponto de partida para a realização de reflexões em torno dos temas que Kundera tenciona e se dispõe a colocar em cena: a aceleração do contemporâneo, as identidades e o sentimento de despertencimento. Concomitante ao movimento físico explorado nos livros, observa-se a ocorrência de um outro ainda mais profundo correspondente às identidades que se fundamentam fragilmente por meio da memória, seja pela imagem de duração, espelhamento ou repetição. Sendo assim, a escrita dos romances pode ser compreendida enquanto uma escrita em deslocamento contínuo, cuja trajetória é insignificante feito pluma a dançar pelo vento.

A INCANDESCENTE VOZ DE ANNIE ERNAUX: UMA VIAGEM PELO CAMPO DA LITERATURA AUTOSOCIOBIOGRÁFICA.

Maria Júlia Branco Klippel

Resumo: Annie Ernaux, vencedora do Nobel de 2022, vem conduzindo os que sobre ela se debruçam por um campo vasto da escrita, que ultrapassa o terreno da autobiografia ao capturar, no detalhe, a construção e a afirmação de uma subjetividade cada vez mais feminina pela ótica de um coletivo universal. Foi ela quem, portanto, abriu espaço no interior do gênero autobiográfico para, enfim, nele ajustar o que parecia ser fundamental em seus processos de (re)escrita da própria vida: a noção de que uma vida não se escreve sozinha. Logo, é com ela que o gesto de escrever a si deixa o campo da autobiografia para passar, então, ao campo da auto(socio)biografia, revelando um transbordamento de histórias e de memórias que se ramificam a partir de uma raiz comum: o do ser mulher. Assim, é ao assumir esse ser ora enquanto categoria subjetiva, ora enquanto categoria universal, que essa comunicação se permite a um mergulho na obra de Annie Ernaux, buscando assimilar as relações entre a sua obra autosociobiográfica e o próprio campo da experiência literária, que desde a modernidade vem tensionando cada vez mais os limites do nosso mundo, da existência de mundos outros e de nossas travessias para e por eles. Nesse percurso, a pesquisa conversa com o campo teórico da escrita de si tal como elaborado por Michel Foucault (1983), especialmente no que diz respeito às práticas de subjetivação que atravessam a produção discursiva do sujeito e à compreensão da escrita como exercício ético e histórico de constituição de si. Ao mesmo tempo, considera-se a tradição crítica do gênero autobiográfico sistematizada por Philippe Lejeune (1994),

particularmente em sua formulação do pacto autobiográfico, a partir da qual se torna possível observar como a escrita de Ernaux tensiona e desloca os limites entre experiência individual e memória coletiva.

ESPAÇO URBANO, CORPO FEMININO E ALIENAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONTOS "ILLUSION" E "MANNEQUIN", DE JEAN RHYS

Mariana de Carvalho Oliveira

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise comparativa de dois contos da coletânea The Left Bank (1927), de Jean Rhys: "Illusion" e "Mannequin". O objetivo é investigar como essas narrativas formalizam a condição de alienação imposta ao indivíduo por meio da construção de suas protagonistas. A partir da leitura dos textos literários e do diálogo com críticos como Elaine Savory, Cheryl Alexander Malcolm, David Malcolm e Sheri Benstock, argumento que, embora as protagonistas ocupem posições distintas na sociedade parisiense do período entreguerras, ambas constituem produtos de uma mesma formação social, na qual os limites entre as esferas pública e privada se encontram diluídos. Em "Illusion", Miss Bruce adota uma máscara pública socialmente aceitável, buscando apagar traços distintivos que denunciem sua condição de estrangeira e possam comprometer sua posição de relativa independência. No entanto, essa imagem pública é constantemente tensionada pela dimensão íntima de sua vida pessoal, em um retrato provocativo que evidencia a correlação entre essas duas esferas. Em "Mannequin", por sua vez, Anna aparece desde o início destituída de agência sobre si mesma, inscrita em um contexto de trabalho alienado e de comodificação do corpo feminino. Ao tentarem se camuflar na paisagem urbana em que vivem, ambas as personagens revelam as contradições subjacentes ao discurso de progresso associado às grandes metrópoles europeias do início do século XX. Desse modo, a comunicação busca examinar como Rhys formaliza as tensões inerentes ao processo de transformação social, sobretudo no que se refere à experiência feminina e à figura da flâneuse. Por meio de estruturas narrativas marcadas pela contradição, os dois contos apontam para a transformação do indivíduo em mercadoria a ser consumida pelas mesmas forças sociais que a produzem.

ZONAS DE CONTATO E A FORMAÇÃO FEMININA EM A VIAGEM, DE VIRGINIA WOOLF

Natália Leitão Barros da Silva

Resumo: Este estudo propõe uma análise crítica do romance A Viagem (The Voyage Out, 1915), de Virginia Woolf, com o objetivo de investigar as relações entre zonas de contato e conflitos de gênero no processo de formação da protagonista Rachel Vinrace. A pesquisa busca compreender como a narrativa articula o deslocamento espacial ao amadurecimento subjetivo e à experiência feminina, evidenciando os limites impostos à mulher no contexto patriarcal do início do século XX. A fundamentação teórica

ancora-se no conceito de "zonas de contato", de Mary Louise Pratt, analisando a obra como um espaço de confronto entre diferentes visões de mundo, identidades e relações de poder. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamentada em estudos sobre o Bildungsroman, a subjetividade feminina e a crítica literária moderna. A análise foca na trajetória de Rachel, compreendendo sua viagem como um deslocamento geográfico e uma experiência de transformação interior. Ao interagir com novos espaços e personagens atrelado a premissa da temática da viagem, a protagonista vivencia conflitos ligados às expectativas de gênero, à repressão e à busca por autonomia. Conclui-se que Woolf reelabora o modelo tradicional do romance de formação, apresentando uma subjetividade marcada pela fragmentação e incompletude, tensionando as fronteiras entre identidade, liberdade e repressão social.

POR ENTRE VIAGENS PELO MAR E MEMÓRIA: A POESIA MARANHENSE EM FOCO

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Resumo: As viagens marítimas sempre exerceram um fascínio sobre os artistas, talvez pelo simbolismo de vida e morte, invasão e ameaça, fecundação e finitude, mistério e sedução que lhes é conferido. Desse modo, o estudo propõe analisar poemas de escritores maranhenses do século XIX e XX que abordam o tema da viagem marítima como deslocamento físico e interior. Bachelard (1993) diz que o poema é o gênero literário em que as águas adquirem maior pluralidade de significado, especialmente de imagens profundas e tenazes ligadas à imaginação criadora. Como aporte teórico, o trabalho adota o pensamento de Bachelard (1997), Lourenço (2000), Paz (2012), Seixo (1998) e outros. A viagem marítima carrega a tradição portuguesa das grandes navegações e de tudo que comporta o imaginário do ultramar, mas os poetas maranhenses têm com o mar o canto do regresso. Nessa perspectiva, o espaço marítimo deixa de ser apenas cenário para se tornar elemento simbólico que acompanha travessias emocionais. O mar torna-se metáfora da instabilidade, da ausência e da procura de sentido: instaura a falta, a lacuna, o vazio, marcados, muitas vezes, pela consciência histórica. As águas, cujo sentido é o de deslizamento em uma única direção, na poesia maranhense surgem a contrapelo, desafiando a ordem natural do seu curso, em um constante recolher-se.

LITERATURA DE VIAGEM EM MORTE EM VENEZA E SOLIDÃO CONTINENTAL: DESLOCAMENTO DOS PERSONAGENS EM MAPAS DIGITAIS SOB A PERSPECTIVA DAS GEOGRAFIAS LITERÁRIAS

Tamara dos Santos

Resumo: Este trabalho busca investigar a questão da viagem, em diálogo com a perspectiva das geografias literárias (Tally Jr., 2012; Cavalcante, 2021; Hones, 2022), nos romances Morte em Veneza (1912), de Thomas Mann, e Solidão continental (2012), de João Gilberto Noll, a partir dos deslocamentos externos

(viagem como um todo) e internos (deslocamentos dentro das cidades) traçados em mapas digitais (Luchetta, 2025). Para o mapeamento, serão utilizadas as categorias rota, relacionada ao percurso que o personagem faz de um ponto a outro no espaço; e marcador, que é quando é mencionado algum ponto específico no espaço que serve como ponto de referência (Piatti et al., 2009). A hipótese é que houve uma ampliação na percepção da viagem no último século, que redimensionou a percepção contemporânea, pois a globalização (Jameson, 1999; Canclini, 2007) tornou as distâncias mais curtas e, talvez por isso, menos significativas. No romance de Mann, o personagem Gustav von Aschenbach inicia a narrativa em Munique, com passagem por alguns países europeus até chegar a Veneza, o que indica que todo seu deslocamento dá-se somente em uma pequena faixa do continente europeu. Já o narrador-personagem de Noll inicia o deslocamento em Boston, nos Estados Unidos, com uma escala aérea na cidade do México, até chegar em Porto Alegre, Brasil, em uma trajetória de dimensões continentais. Assim, se comparadas as trajetórias, Gustav percorre uma distância menor do que o personagem de Noll, que atravessa grandes distâncias, mas ambas as viagens têm implicações distintas para as narrativas. Nesse sentido, o trabalho busca discutir a mudança de paradigma na percepção do espaço-tempo e os impactos na produção literária e implicações para os estudos sobre literatura e viagem contemporâneos.

LEALDADE E SACRIFÍCIO: A CONSTRUÇÃO DA AMIZADE DEVOTA E DO ESPAÇO AFETIVO EM O MERCADOR DE VENEZA

Vagner Marchesan Strack

Resumo: Em O Mercador de Veneza (1596), Shakespeare retrata uma Veneza movida pelo comércio e pelo contrato contrastando com Belmonte, repleta de amor e perdão. Embora a peça não seja uma narrativa de viagem, são múltiplos os deslocamentos dos personagens entre essas duas esferas, o que nos convida a uma análise de como, além do ambiente, os desejos dos personagens também oscilam. Enquanto Belmonte é espaço de harmonia, Veneza pode ser lida como uma zona de contato onde amizade compete com o contrato, cristãos e judeus vivem em conflito e o desejo se mistura com o monetário. Portanto, a circulação entre esses espaços não representa apenas um deslocamento geográfico, mas um deslocamento entre regimes que tratam de pertencimento, afeto e poder de formas muito diferentes. Lee Trepanier (2014) argumenta que a amizade de Antônio e Bassânio tensiona os limites contratuais dessa sociedade, na medida em que resiste a uma cidade regida por valores monetários. Esta pesquisa busca investigar o contraste espacial e afetivo entre Veneza e Belmonte ao adotar uma abordagem interdisciplinar que entrelaça a teoria da espacialidade — embasada em pesquisadores como Henri Lefebvre e Yi-Fu Tuan — aos estudos queer, por meio das perspectivas de Michel Foucault, Alan Bray e Marie Helena Loughlin. A metodologia utilizada consiste na análise crítica de cenas específicas que evidenciam as interações entre os personagens, bem como seus deslocamentos e itens simbólicos como o anel e o contrato. Através desse

movimento, busca-se compreender como a amizade devota pode agir como um fator de transgressão que resiste a um contexto mercantil regido por normas e valores e também estudar suas implicações homoeróticas. Ao criar essa interação entre as teorias espaciais e queer, este estudo busca enfatizar o poder do afeto como agente que molda a forma como os espaços e as relações humanas são vistos.

VOLTAR A SI: A TRAVESSIA COMO METÁFORA DE RETORNO À VIDA NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Yasmim Nascimento de Paula

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo arquitetar uma análise da travessia como representação metafórica do empenho feminino em reconhecer-se. Pautando-se na compreensão do deslocamento a partir do seu conceito geográfico e simbólico, a narrativa escrita por mulheres se configura como um terreno fértil para que possamos conhecer novas maneiras de apreender a relação entre gênero e travessias, tendo em vista a sua posição histórica de marginalidade na experiência e no registro de viagens, bem como de interdição à liberdade para a exploração de novas realidades. Nos textos literários que serão aqui analisados, o que se percebe é uma mobilização da viagem como elemento narrativo capaz de modificar a percepção de si enquanto mulher, dada a cultura patriarcal em que as personagens se encontram inseridas. Como escopo para concretizar tal intento, serão utilizados dois contos, a serem examinados pela perspectiva comparatista: "Endereço Desconhecido", da brasileira Lygia Fagundes Telles, presente na coletânea Os Contos (2018), e "Lead Street, Albuquerque", da escritora estadunidense Lucia Berlin, publicado na obra Noite no Paraíso (2022). A análise será fundamentada nas teorias do espaço na narrativa, presente em obras como de Brandão (2001, 2005, 2020), Borges Filho (2007), Poe (2009), Collot (2012) e Dalcastagnè (2015), assim como nos pressupostos teóricos e críticos acerca do gênero, presentes em hooks (2018; 2021), Figueiredo (2020) e Federici (2023), entre outros trabalhos que objetivem uma melhor compreensão do atravessamento entre gênero e deslocamento.

ST: AS REPRESENTAÇÕES DA SAÚDE NA LITERATURA

Coordenação: Luciana Boose Pinheiro, Ana Boff de Godoy e Rodrigo de Oliveira Lemos

Resumo: A relação entre literatura e saúde constitui um campo interdisciplinar fértil, frequentemente denominado "humanidades médicas", "literatura e medicina", ou "medicina narrativa". As representações da saúde na literatura não se restringem à descrição de doenças ou práticas clínicas, mas abrangem a complexidade da experiência humana diante do sofrimento, do cuidado, da vulnerabilidade e da finitude. A literatura, enquanto forma simbólica e estética, oferece um espaço privilegiado para compreender as

dimensões subjetivas da saúde, frequentemente negligenciadas por abordagens estritamente biomédicas, porém sempre presentes na fruição estética.

Saúde, enfermidade, ferimentos, convalescença, cura, contaminação - os diversos aspectos dos processos de saúde e de doença frequentemente têm papel central nas representações literárias, o mesmo se dando quanto aos agentes desse processo (doentes, médicos, curandeiros, psicólogos, enfermeiros, entre outros personagens). Esse fenômeno pode ser observado desde os primeiros textos que temos nas literaturas ocidentais, como as epopéias e as tragédias, em que pestes, ferimentos e acessos de loucura desempenham um papel importante tanto no desenvolvimento dos personagens quanto no encadeamento das ações, seja na literatura grega ou latina. O mesmo se pode afirmar, por certo, de épocas posteriores, como a Idade Média e Moderna, além, bem entendido, da época contemporânea. É por tais representações, cobrindo um arco temporal amplo e diversas áreas geográficas, que o presente seminário temático interessar-se-á. O objetivo desta proposta de Seminário Temático é discutir a amplitude da relação entre Literatura e Saúde e suas representações. Historicamente, a literatura tem sido um espelho das concepções sociais de saúde e doença como um conceito relacional, profundamente atravessado por fatores sociais, políticos e morais. O bem-estar e a Saúde Coletiva são elementos importantes e determinantes da condição humana. Representar suas peripécias no meio literário constitui não só fonte de matéria verossímil, como de conexão com as profundidades essencialmente humanas. Sob uma perspectiva teórica, autores como Rita Charon (2006) defendem a "medicina narrativa" como abordagem que integra competências literárias à prática clínica. Segundo Charon, a capacidade de escuta, interpretação e empatia — desenvolvidas pela leitura de narrativas — permite ao profissional de saúde compreender melhor as histórias dos pacientes. Essa perspectiva dialoga com a ideia de que a literatura amplia a compreensão da experiência da doença, deslocando o foco do diagnóstico para o sujeito. A teoria da recepção literária, proposta por Hans Robert Jauss (1994), permite analisar como diferentes contextos históricos influenciam a interpretação das representações de saúde na literatura. O horizonte de expectativas do leitor molda a forma como a doença e o cuidado são percebidos, revelando que tais conceitos não são fixos, mas culturalmente construídos. Dessa forma, a literatura não apenas reflete, mas também produz significados sobre saúde, influenciando práticas sociais e discursos médicos. No campo comparativo, a análise de obras de diferentes tradições literárias evidencia como as representações da saúde variam conforme contextos culturais. Enquanto na literatura europeia do século XIX, como em A Montanha Mágica, de Thomas Mann, a doença é associada à introspecção e à decadência burguesa, em narrativas latino-americanas contemporâneas, observa-se uma ênfase nas desigualdades sociais e no acesso precário aos serviços de saúde. Essa comparação revela que a literatura atua como um espaço de crítica social, denunciando as iniquidades que atravessam também o campo da saúde. Outro aspecto relevante é a representação das "peripécias" humanas — entendidas aqui como os eventos inesperados e transformadores que marcam a trajetória dos

personagens. Na literatura, a doença frequentemente atua como catalisador dessas peripécias, provocando rupturas que levam à reflexão sobre identidade, sentido da vida e relações interpessoais. Em O Alienista, de Machado de Assis, por exemplo, a fronteira entre sanidade e loucura é questionada, revelando a arbitrariedade dos discursos científicos e a fragilidade das instituições. A saúde mental, nesse caso, é problematizada a partir de uma perspectiva crítica e irônica, evidenciando o papel da literatura na desconstrução de saberes hegemônicos. As humanidades, nesse contexto, são representadas como um campo de tensão entre razão e emoção, ciência e arte, objetividade e subjetividade. A literatura, ao explorar essas tensões, contribui para uma compreensão mais ampla da saúde, incorporando dimensões éticas, estéticas e políticas. Conforme aponta Susan Sontag (1978), as metáforas associadas à doença influenciam profundamente a forma como os indivíduos vivenciam e interpretam suas condições, podendo tanto estigmatizar quanto empoderar. A análise literária dessas metáforas permite desnaturalizar discursos e promover uma abordagem mais crítica e sensível da saúde. Em síntese, as representações da saúde na literatura constituem um campo de investigação que articula teoria literária, crítica cultural e práticas de cuidado. Ao evidenciar as experiências humanas em sua complexidade, os textos literários ampliam o entendimento da saúde para além do corpo biológico, incorporando dimensões simbólicas e sociais. A literatura não apenas representa a saúde, mas participa ativamente da construção de seus significados, oferecendo subsídios fundamentais para uma abordagem mais humanizada e interdisciplinar.

ENTRE CARNE E REMÉDIO: MEDICINA CADAVÉRICA NO DRAMA JACOBINO

Ana Luiza Ribeiro

Resumo: Muito antes de serem associadas exclusivamente a relíquias arqueológicas, as múmias circularam pela Europa como substâncias medicinais. Elas integravam um conjunto mais amplo de práticas conhecido como Medicina Cadavérica, baseado no emprego terapêutico de sangue, ossos, gordura e outros tecidos humanos, e fundamentadas na medicina galênica e filosofia natural aristotélica. Tais práticas concebiam o cadáver não como uma categoria fixa, mas como matéria transformável, capaz de adquirir novos significados e funções. O livro Paradoxorum Medicinae (1546), por exemplo, exalta as propriedades de múmias oriundas do Oriente, mas condena a produção desse material a partir dos corpos de criminosos executados. Dois séculos depois, o Pharmacopoeia Universalis (1747) ainda recomendava seu uso no tratamento de tosses, histeria e epilepsia. Este trabalho analisa como essa concepção do corpo é representada em dois dramas jacobinos do início do século XVII: The Duchess of Malfi, de John Webster, e 'Tis Pity She's a Whore, de John Ford. Em The Duchess of Malfi, Bosola se refere ao corpo da Duquesa como "green mummy", negando-lhe agência ao tratá-la como um corpo não só morto, mas que não é mais inteiramente humano. Em 'Tis Pity She's a Whore, Giovanni invade um banquete carregando um pedaço de

carne que é revelado como coração de sua irmã, Annabella. Para os atônitos presentes é impossível distinguir essa massa de carne, costumeiramente investida de cargas simbólicas, de qualquer outra disposta diante deles em seus pratos. Ao representar corpos convertidos em substâncias terapêuticas, consumíveis ou manipuláveis, essas peças evidenciam como concepções de saúde, doença, cura e corporalidade são historicamente construídas e atravessadas por valores sociais, morais e culturais. Nesse sentido, além de refletir os discursos médicos de seu tempo, a literatura participa ativamente da produção de significados sobre o corpo humano, ampliando a compreensão da saúde para além de sua dimensão biológica.

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA: A DOENÇA COMO LEITMOTIV EM ARBEIT UND STRUKTUR, DE WOLFGANG HERRNDORF

Angélica De Oliveira Neri

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura crítica do diário "Arbeit und Struktur" (2013), de Wolfgang Herrndorf, a fim de pensar a escrita de si como reação a uma situação-limite (Jaspers, 1919). Escrito entre 2010 e 2013 originalmente em formato de blog, o projeto diarístico surge após o diagnóstico de um tumor cerebral sem cura e serviria, a princípio, para que Herrndorf pudesse manter amigos e familiares informados de seu tratamento. Alguns meses depois, porém, ele decide tornar o blog público. Antes de morrer, o autor deixou recomendações aos editores para a publicação póstuma do material em livro. O conceito de situação-limite, formulado por Karl Jaspers, constitui o eixo central desta leitura: diante de um diagnóstico irreversível, Herrndorf encontra na escrita uma resposta existencial que não nega a finitude da vida, mas a enfrenta por meio da continuidade do trabalho literário. O próprio título do diário, "Trabalho e estrutura", enuncia essa estratégia de sobrevivência: escrever como modo de preservar, até onde for possível, alguma forma de organização e sentido. A partir dessa perspectiva, o diário é examinado como arquivo da experiência oncológica, no qual Herrndorf registra não apenas o seu tratamento e o avanço da doença, mas também seu cotidiano, estado emocional, lembranças da infância e comentários ensaísticos sobre literatura. Esse caráter arquivístico coloca em tensão a linguagem clínica e a linguagem literária, revelando como a escrita de Herrndorf desloca as metáforas bélicas do câncer, identificadas por Susan Sontag em "Doença como metáfora" (2007), sobrepondo-as a uma voz irônica e profundamente franca diante da complexa relação do sujeito com a morte.

A CRISE DO CUIDADO E O DESAFIO INTERDISCIPLINAR: DA MEDICINA À LITERATURA - A DOENÇA, O CORPO E O CUIDADO EM ESCUTE AS FERAS

Fernanda Amâncio Soares da Silva

Resumo: Em 1974, o filósofo Michel Foucault ministrou uma aula intitulada "Crise da medicina ou crise da antimedicina", na qual problematizou o funcionamento das instituições de saber e poder médicos,

aprofundando sua análise em três aspectos principais: I) a cientificidade da medicina; II) a medicalização indefinida; III) a economia política da medicina. O objetivo deste trabalho é ampliar e atualizar o conceito foucaultiano para "crise do cuidado", ultrapassando as fronteiras da medicina e descentralizando a análise da figura do médico. Para isso, busca-se na literatura, nos estudos de medicina narrativa e nas humanidades médicas a interdisciplinaridade necessária para ir além da representação. Inspirada pelos postulados de Treichler (presentes na obra de Donna Haraway, A Reinvenção da Natureza, 2023), a discussão sobre a "crise do cuidado" apoia-se na tríade conceitual: I) a doença é uma língua; II) o corpo é uma representação; III) a medicina é uma prática política. Essa discussão será elaborada por meio de uma análise da presença destes mesmos elementos na obra Escute as Feras (2021), de Nastassja Martin, que traz uma densa narrativa de cunho autobiográfico sobre o encontro/acidente da autora com um urso. Carregada de profundas reflexões existenciais, a narrativa acompanha o nascimento de uma ferida, seu percurso de dor, adoecimento, cuidado e cura. Ao explorar as fronteiras da linguagem, este trabalho busca uma (re)aproximação da saúde e do cuidado com as humanidades através da crítica e da literatura.

AYAHUASCA E AIDS, UM ENTRELAÇAMENTO IMPROVÁVEL: NOTAS SOBRE NÉSTOR PERLONGHER

Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin

Resumo: Com esta apresentação, busco abordar como as experiências com a ayahuasca e com a aids se entrelaçam na vida de Néstor Perlongher, entre 1989 e 1992, para, assim, desdobrar esta relação na leitura de seus poemas, sobretudo os de seu livro póstumo, Chorreo de las iluminaciones. A inquietação, como ponto de partida, se deve a relatos de amigos do poeta e antropólogo argentino radicado no Brasil, em que se indica o seguinte vínculo causal: sua adesão ao Santo Daime, religião ayahuasqueira e cristã originada no Acre, deveu-se ao diagnóstico da aids, responsável por sua morte em 1992. Considerando tal correlação não se verificar biograficamente, segundo cartas redigidas pelo próprio autor, num primeiro momento, interessa-me reunir estas vozes – em falas já publicadas e em entrevistas por mim feitas –, com o intuito de refletir sobre esta formulação, que exprime, ao fim, uma visão sobre a experiência extática e religiosa do poeta. Isto, invariavelmente, se mescla às narrativas em torno da epidemia da aids em São Paulo, sopesando a importância de Perlongher para o debate público sobre a doença – autor de O que é aids, Néstor é especialmente reconhecido por seus contemporâneos brasileiros pelo trabalho etnográfico sobre a prostituição masculina no centro de São Paulo e pela militância por direitos sexuais e da população gay. Num segundo momento, ao me voltar para as falas que exprimem inflexões acerca desta correlação, faz-se presente, por sua vez, um intrincado complexo, em que os eventos, sem se justificarem entre si, se tocam. Este, entendo, é o fio que liga a vivência à poética, pelas imagens em torno da morte e da cura, que orbitam ambos os campos semânticos, o da ayahuasca e o da doença, sendo estes desestabilizados e

transformados, diante da recusa à representação e pelos procedimentos neobarrocos mobilizados pelo autor.

AS PRIMEIRAS MÉDICAS BRASILEIRAS E SUAS TESES: DESCOBERTAS A PARTIR DA TRANSCRIÇÃO DO VOLUME 2 DO LIVRO DE THESES DA MEDICINA DA BAHIA (1888 - 1931)

Luciana Boose Pinheiro

Resumo: Introdução: A transcrição dos fólios do segundo volume do Livro de Theses da Faculdade de Medicina da Bahia foi desenvolvida em uma ação conjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA) com o Laboratório de Análises Narrativas (LABAN/UFCSPA) com o objetivo de preservar o patrimônio documental, perpetuando os registros e ampliando o acesso desse conteúdo histórico a futuras gerações de pesquisadores. Ao longo desse processo de transcrição de XX teses, localizou-se somente 5 mulheres entre os autores, evidenciando a baixa presença feminina no ensino superior e nas profissões da saúde naquele período. A partir dessa constatação, surgiu o interesse em investigar quem eram essas médicas pioneiras e suas teses. Objetivo: Apresentar os registros das médicas formadas entre 1888 e 1931 na Faculdade de Medicina da Bahia, além de seus objetos de estudo. Metodologias empregadas: A partir da identificação das teses de autoria feminina nos fólios é feita uma consulta em documentos institucionais, registros históricos e outros trabalhos desenvolvidos e publicados que ajudem a compreender quem são essas mulheres, como se deu sua formação e as motivações para a escrita de suas teses. Resultados: Descobriu-se durante essa busca que nem todas as mulheres se formaram integralmente no Brasil por conta do contexto histórico da época, realizando uma revalidação de seus títulos para exercer a profissão no país. Além disso, foi possível localizar informações sobre a segunda médica negra formada no Brasil, Ítala Silva de Oliveira, que em sua tese doutoral rompeu com os padrões da época trazendo uma visão feminista e voltada à educação sexual. Também nota-se que algumas dessas mulheres históricas foram apagadas e não se tem registro de nada além das suas teses. Considerações finais: O trabalho de transcrição possibilitou que conhecêssemos mais sobre a presença feminina na medicina e a memória que suas histórias evocam na ciência.

NARRATIVAS DO SOFRIMENTO E DO CUIDADO

Luis Fernando Prado Telles

Resumo: De acordo com Charon (2006), a narrativa se estabelece como um elemento estruturante tanto para se pensar o modo como o paciente lida com sua condição, quanto como para se pensar o modo como o profissional da saúde se relaciona com seu paciente, uma vez que a narrativa pode se configurar não apenas como mais um elemento que integra o protocolo diagnóstico, para além disso, o processo de

narrar pode, por si só, se constituir como caminho terapêutico, como estratégia que integra já o processo mais amplo do cuidado e do tratamento. Segundo Charon (2006), quando o paciente tem a oportunidade de narrar sua história de doença, em certo sentido, a depender do modo como essa história é recebida e tratada, já está iniciando o seu processo terapêutico, isso valeria tanto para os casos clínicos mais simples até os mais complexos. Nesse sentido, para Charon, saber lidar com as histórias dos pacientes deve estar no centro da formação dos profissionais da saúde de uma forma geral, com base nesse pressuposto é que se estabelece a chamada medicina narrativa, disciplina ou área do saber que traz para o interior da prática médica arcabouço teórico, conceitual e metodológico das humanidades em geral, dos estudos da linguagem e particularmente dos estudos literários e da narratologia, cujo repertório de base estrutural oferece instrumental de análise de caráter interdisciplinar, podendo ser aplicado ao tratamento de manifestações narrativas em diversos campos discursivos, inclusive no campo da medicina. Apresente comunicação busca apresentar uma revisão bibliográfica básica sobre os aspectos teóricos dos estudos da narrativa literária em diálogo com a medicina narrativa, a narratologia cognitiva e a neuronarrativa.

A PALAVRA COMO ALTERIDADE E CURA: A FIGURAÇÃO DE PERSONAGENS BENZEDEIRAS NOS ROMANCES DE LITA MARIA E VIVIANE FERREIRA SANTIAGO

Marcia Regina Schwertner

Resumo: Com uma literatura que mescla memória familiar, pesquisa de campo, registro histórico e afeto, Lita Maria e Viviane Ferreira Santiago nos entregam relatos do cotidiano das benzedeiras, inserindo-as em distintos espaços, desde pequenos vilarejos do interior do Tocantins até o universo urbano da cidade de São Paulo. O que une as personagens, geralmente mulheres já idosas, é o uso da fé e da medicina popular como instrumentos de recuperação da saúde física e mental. O trabalho que realizam envolve gestos, ervas, rezas, alteridade; é pela conexão afetiva, pela religiosidade e pela vivência comunitária que suas ações encontram resultados ainda não compreendidos em sua plenitude. Lita Maria, ao escrever os romances que integram o Ciclo do Sertão, percorre diferentes temporalidades, abarcando trajetórias humanas em permanente busca de compreensão do sentido da própria finitude. "Por amor eu te benzo, eu te curo, eu te livro: as benzedeiras de São Paulo", de Viviane Ferreira Santiago, apresenta-se como uma obra híbrida. É pelo olhar de uma personagem narradora, criada ficcionalmente, que a autora desvela bençãos curativas e sensibilidades observadas em suas pesquisas de campo como jornalista. A metodologia utilizada é de teor qualitativo interpretativo. A partir da leitura dos textos escolhidos, analisam-se distintas abordagens na figuração de personagens benzedeiras. Destaca-se, nas obras lidas, uma valorização da alteridade como presença efetiva: ouvir, aceitar a história do outro mostra-se ação essencial para viabilizar as palavras de benção e cura, Como embasamento teórico, utilizamos estudos atinentes à construção identitária, memória e envelhecimento, bem como pesquisas relacionadas à filosofia do cuidado e à história

das benzedeiras no Brasil. Entre outros autores, registramos os nomes de Assmann, Birman, Debert, Mortaria, Rey e Silva Lima. Para aspectos da estrutura e escritura literária, foram pesquisadas obras de Le Breton, Compagnon e Dalcastagné.

TRANSTORNOS, DOENÇAS, LIMITAÇÕES E DEFICIÊNCIAS EM LIVROS ILUSTRADOS PUBLICADOS NO BRASIL E EM PORTUGAL

Newton Freire Murce Filho

Resumo: Desde meados da década de 1990, e especialmente após os anos 2000, a literatura infantil brasileira tem demonstrado um interesse crescente por temas ligados às diferenças, abrangendo questões étnicas, raciais, de gênero, orientação sexual, conformação corporal e deficiências (KIRCHOF, BONIN, SILVEIRA, 2013, p. 1045). Neste estudo apresento livros ilustrados contemporâneos publicados no Brasil e em Portugal nos quais há representações de doenças, transtornos, deficiências e limitações. O Alzheimer é abordado em Minha vó sem meu vô (Mariangela Haddad), Cachinhos de Prata (Leo Cunha) e O avô tem uma borracha na cabeça (Rui Zink). O espectro autista constitui tema central de As aventuras de um cão chamado Petit (Heloisa Prieto) e Menino baleia (Lulu Lima). Uma limitação física ocorre no livro Três (Stephen Michael King). A deficiência visual é retratada em Biruta (Sônia Barros) e na obra Os convidados de senhora Olga (Eva Montanari), enquanto a deficiência auditiva aparece em Irmã, ouves o azul profundo do mar? (Gilda Nunes Barata). Metodologicamente, o trabalho analisa como os significantes verbais e visuais são selecionados e combinados, produzindo efeitos de sentido e compondo uma escrita, que é o livro ilustrado como tal. A pesquisa propõe uma reflexão sobre a qualidade estética dessas obras e a potencialidade das narrativas no espaço escolar, considerando a importância da formação da criança leitora, com foco em sua competência literária, lembrando, com Rildo Cosson (2016, p. 63), que o leitor da literatura infantil "demanda uma nova formação, que se preocupe mais com a sua competência literária do que com a aquisição da escrita". O estudo faz parte de uma investigação mais ampla sobre a presença de temas sensíveis em livros ilustrados publicados no Brasil, Portugal e Inglaterra.

ST: AUTORIAS E PROTAGONISMOS FEMININOS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: HERANÇAS E REINVENÇÕES

Coordenação: Paulo César Ribeiro Filho, Lígia Regina Máximo Cavalari Menna e Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Resumo: O simpósio propõe-se a reunir pesquisadoras(es) interessadas(os) em refletir sobre a presença, a circulação, a recepção e a crítica de obras produzidas por mulheres ou com protagonismo feminino no

campo da literatura infantil e juvenil em perspectiva comparatista. Pretendemos acolher, sob diferentes enfoques teóricos e metodológicos, investigações que versem sobre as formas pelas quais autoras e personagens femininas de distintos tempos, espaços e tradições literárias têm participado da constituição desse campo, bem como os modos pelos quais tais produções foram legitimadas, silenciadas, redescobertas ou ressignificadas ao longo do tempo.

Ao propor a articulação entre "heranças e reinvenções", o recorte busca enfatizar tanto as permanências quanto as renovações que atravessam a literatura para crianças e jovens de autoria ou protagonismo feminino. De um lado, interessa-nos revisitar escritoras, ilustradoras, editoras, tradutoras, mediadoras e demais agentes culturais cujas contribuições foram, em muitos casos, secundarizadas pelas historiografias literárias tradicionais, apesar de sua relevância estética, social e cultural. De outro, importa-nos examinar a produção contemporânea, marcada por novos protagonismos, por disputas em torno da representatividade e por formas renovadas de narrar infâncias, juventudes, identidades, afetos, corpos e experiências sociais. Nesse movimento, o simpósio procura favorecer leituras que estabeleçam diálogos entre obras, autoras, épocas, gêneros, suportes e contextos de circulação, evidenciando continuidades, deslocamentos e rupturas.

A proposta parte do entendimento de que é preciso revisitar, reconhecer e valorizar a arte produzida e protagonizada por mulheres de todos os tempos, especialmente no âmbito da literatura infantil e juvenil, área que ocupa posição estratégica na formação de leitoras e leitores e na construção de imaginários sociais. Considerando a força da literatura e de outras produções culturais destinadas à infância e à juventude na mediação de mundividências e modos de subjetivação, torna-se urgente ampliar o acesso das novas gerações a repertórios mais diversos e inclusivos, nos quais a autoria e o protagonismo feminino apareçam não como exceção, mas como dimensão constitutiva da história literária e cultural.

O simpósio também se justifica pela necessidade de responder criticamente a demandas contemporâneas por igualdade de gênero em diferentes esferas da vida social. Na interface entre literatura, cultura e educação, os debates sobre autoria e protagonismo feminino na literatura infantil e juvenil mostram-se particularmente relevantes, uma vez que a escola, a formação docente e as práticas de mediação de leitura constituem espaços decisivos para a valorização de trajetórias de mulheres que fizeram história, bem como para o enfrentamento de desigualdades persistentes. Ademais, assumimos esta proposição como atitude em prol do atendimento a demandas contemporâneas pela igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade; cita-se a Lei nº 14.986/2024, que estabelece a obrigatoriedade de incluir abordagens femininas nos currículos do Ensino Fundamental e Médio em todo o país, a partir de 2025. Por conta da interface da área de Literatura Infantil e Juvenil com as demandas da educação, torna-se possível colaborar ativamente com tal iniciativa.

Além disso, a redescoberta e a dignificação da arte literária de autoria feminina respondem de modo consistente a desafios éticos, políticos e culturais do presente, dialogando com princípios amplamente reconhecidos no debate internacional sobre direitos, educação e justiça social. Nessa direção, a proposta converge para pelo menos quatro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU: o ODS 5, ao promover a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas; o ODS 4, ao defender uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade; o ODS 10, ao incentivar a redução das desigualdades mediante a valorização de sujeitos e experiências historicamente invisibilizados; e o ODS 16, ao reforçar a importância de práticas e políticas não discriminatórias. Desse modo, o simpósio inscreve a crítica literária e os estudos comparados em um horizonte de responsabilidade social, sem abrir mão do rigor analítico e da atenção à especificidade estética das obras.

Serão bem-vindos trabalhos que contemplem, entre outras possibilidades: comparações entre autoras de diferentes períodos e sistemas literários; estudos sobre escritoras, ilustradoras e tradutoras na história da literatura infantil e juvenil; investigações sobre protagonismos femininos nas obras para crianças e jovens; debates sobre memória, arquivo, circulação e recepção; análises das relações entre literatura, escola e formação de leitoras(es); e reflexões sobre interseccionalidades, considerando gênero em articulação com raça, classe, territorialidade e outras categorias. Espera-se, com isso, criar um espaço de interlocução capaz de iluminar a riqueza e a complexidade de produções literárias e culturais de autoria e/ou protagonismo feminino para crianças e jovens, contribuindo para a renovação dos estudos comparatistas e para a ampliação do repertório crítico sobre o tema.

O PROTAGONISMO FEMININO EM A BOLSA AMARELA E SAPATO DE SALTO, DE LYGIA BOJUNGA

Eduardo dos Santos Damas

Resumo: A literatura tem o propósito de interrogar, propor novos caminhos e, com isso, ampliar o saber. Ao selecionar obras infantojuvenis para o contexto escolar é preciso atenção redobrada, já que o livro não se reduz a um simples instrumento pedagógico. Por isso, entende-se que a leitura, de obras literárias que abordam questões de gênero, pode estimular a desconstrução de normas e estimular novas perspectivas. Além disso, a introdução ao tema nas infâncias pode contribuir para desnaturalizar estereótipos, consolidando-se como base essencial para a edificação de uma educação mais equitativa e uma sociedade mais justa. Com isso, o intuito deste trabalho é apresentar o andamento da pesquisa para o curso de Mestrado em Letras (teoria da literatura), na PCURS, cujo objetivo é realizar uma análise das personagens femininas presentes nas obras A Bolsa Amarela (1976) e Sapato de Salto (2006) da profícua escritora

pelotense Lygia Bojunga. A decisão de conduzir um estudo com essas duas obras não ocorreu por acaso: ambas as narrativas apresentam, como personagens principais, duas meninas de pouca idade que, ainda na infância, são submetidas aos impactos provocados pela heteronormatividade e que, desde muito cedo, optam – mesmo que involuntariamente – por confrontá-los. A intenção desta pesquisa é a promoção da reflexão e sensibilização para o assunto, discutindo gênero e debatendo-o no ambiente escolar, além de analisar as construções e os papéis de gênero através das personagens, identificando atitudes que subvertem a lógica patriarcal, examinando as dinâmicas sociais representadas nas ficções.

ATREVIDAS E NEM TANTO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE PERSONAGENS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Estela Conceição de Albuquerque

Resumo: A estrutura social não deu opção para as mulheres: somos independência ou morte, como diz a valente boneca de pano lobatiana. Na literatura infantil e juvenil alguns personagens não fogem às regras do mundo real. É o que acontece com Emília (Monteiro Lobato), Chapeuzinho Vermelho (Irmãos Grimm) e Alice (de Alice no País das Maravilhas – Lewis Carrol). A versão tradicional da história da menina do capuz vermelho é uma narrativa típica dos contos maravilhosos europeus , desde a estrutura do texto até a operacionalização de uma visão de mundo hierárquica através de binários rígidos. Já Alice é uma composição rapsódica inserida numa lógica discursiva subversiva, que problematiza o mundo enquanto organiza seu próprio caos. Assim, entre a contenção do desejo e controle social sobre o corpo de Chapeuzinho, e a incontinência epistemológica de uma criança pensante como Alice, uma reforça os papéis de gênero, enquanto a outra esquadrinha brechas de emancipação e autonomia. E ela faria isso mesmo que seu mundo fosse um bosque e não um país maravilhoso, porque Alice é mais que personagem: é sujeito. O diálogo proposto pelo presente trabalho traz histórias e personagens femininas de diferentes tempos-espaços ainda presentes nas salas de aula e de leitura da atualidade para o centro de uma análise comparativa em que revisitá-las é atrever-se a sondar um território de disputas simbólicas em torno de modos de ser, estruturas de poder e os significados de ser menina e mulher nesse território. Debater a dimensão política da mediação de literatura infantil e juvenil é implicar-se na desnaturalização de opressões, e esse diálogo, enquanto elo na cadeia discursiva, entende que a (des/re)construção de sentidos das crianças sobre essas personagens, pode reinscrevê-las (crianças e personagens) no horizonte da prática de liberdade.

REPRESENTAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E PROTAGONISMO NEGRO-FEMININO EM "DANDARA E A FALANGE FEMININA DE PALMARES".

Evandro Fantoni Rodrigues Alves

Resumo: Dandara dos Palmares é das figuras mais importantes da História brasileira, sendo uma importante liderança do Quilombo dos Palmares ao lado de Zumbi e depois da rainha Aqualtune. Durante muitos anos, porém, essa personagem foi deliberadamente apagada do discurso histórico. Felizmente, nos anos recentes – e devido às muitas lutas e de legislações a esse respeito – a figura de Dandara tem sido resgatada e sua história tem sido contada em diferentes suportes, inclusive o literário. A presente comunicação tem como objetivo analisar o protagonismo feminino da personagem histórica Dandara no romance Dandara e a falange feminina de Palmares, de Leonardo Chalub, que retrata episódios reais e ficcionais da vida de Dandara, tanto no Quilombo dos Palmares, resgatando escravizados de engenhos e como líder de um grupo de mulheres guerreiras; quanto em África, para onde a personagem ficcionalmente viaja para resgatar tesouros culturais roubados dos povos escravizados pelos colonizadores portugueses. A referida obra discute ainda temas como racismo, preconceitos, e discriminação contra mulheres no contexto do Brasil Colonial. Adicionalmente, por ser um livro destinado preferencialmente ao público juvenil, sendo uma obra distribuída aos estudantes da Rede Municipal de Ensino de São Paulo através do Programa Minha Biblioteca, também se discutirá na presente comunicação como esse texto – acessível aos estudantes da rede pública – pode ser trabalhado em sala de aula no contexto de valorização e resgate da importância das mulheres na História brasileira, e no combate ao racismo e à misoginia, tanto em atividades recorrentes das aulas de Leitura e História, como em atividades mais direcionadas, como os Leituraços temáticos de autoras e protagonistas femininas, que ocorre em março, como parte das atividades do mês da mulher; e de valorização das culturas africanas e afro-brasileiras, que ocorre em novembro, como parte das atividades do mês da Consciência Negra.

GABRIELA DE JESUS FERREIRA FRANÇA, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, ADELINA LOPES VIEIRA, ZALINA ROLIM E FRANCISCA JÚLIA: VOZES PIONEIRAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Fernando Rodrigues de Oliveira

Resumo: Os principais trabalhos de investida panorâmica da literatura infantil brasileira registram, em uníssono, a autoria masculina como aquela que demarca a formação do gênero no país. Em geral, nomes como os de Carlos Jansen, Figueiredo Pimental e Olavo Bilac encontram-se entre os chamados "precursores" do texto literário para crianças no Brasil, o que tem contribuído para certo apagamento da presença feminina entre a produção situada especialmente entre fins do século XIX. Diante disso, é objetivo desta comunicação analisar a presença da autoria feminina entre os primeiros livros literários para crianças publicados no Brasil e compreender em que medida as escritoras desse período contribuíram para

consolidar determinados modos de se pensar e se conceber esse tipo de produção literária. Para isso, toma-se como objeto de análise os primeiros livros publicados por Gabriela de Jesus Ferreira França (Contos brasileiros - 1881), Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira (Contos infantis – 1886), Zalina Rolim (O livro das crianças – 1897) e Francisca Júlia (O livro da infância - 1899), autoras cuja produção tem extrema relevância para nossa história literária. Por meio de uma abordagem histórica, com base nos aportes da História Cultural em diálogo com a Crítica Feminina, observa-se que os livros escritos por essas autoras, mais do que simplesmente "entreter" as crianças, articularam-se a disputas político-ideológicas da época, corroborando para o estabelecimento de projetos estéticos e pedagógicos de formação da infância na interface com os ideais de cultura e de sociedade brasileira na transição do regime Imperial para o regime Republicano. Nesse processo, destaca-se a presença de uma "autoridade maternal escrita" como identidade criativa dessas autoras, em profunda articulação com as transformações da época decorrentes do gradativo e lento processo de conquista do direito à pena (e à educação) pelas mulheres.

DESCOSTURAR O PENSAMENTO, REFAZER A HISTÓRIA: AS BOLSAS DE FICÇÃO DE LYGIA BOJUNGA E URSULA K. LE GUIN

Francisco Thiago Camêlo da Silva

Resumo: No ano de 1986 se publica "A teoria da bolsa de ficção", breve e incisivo ensaio em que a escritora Ursula K. Le Guin especula a possibilidade de uma história do romance que não seja baseada no modelo linear, progressivo e heroico construído a golpes de tacapes, lanças e espadas. Em vez disso, propõe um desvio pela imaginação de uma forma narrativa concebida como bolsa, sacola ou mochila, receptáculo acolhedor de palavras, coisas, seres e histórias menos familiares justamente porque ainda não contadas. Dez anos antes do ensaio de Le Guin, o romance A bolsa amarela, de Lygia Bojunga, publicado em 1976, põe em cena a personagem Raquel, uma menina que toma a palavra para contar as restrições impostas pelo "pensamento costurado" de sua família e da sociedade brasileira que a obrigam a colocar dentro de uma velha bolsa suas três vontades: crescer, ser menino e tornar-se escritora. Se as datas são assinaturas, como disse o poeta Paul Celan recitado por Hélène Cixous, interessa à comunicação pensar, em 2026, quando mais uma vez a censura tentar emudecer a voz feminina e feminista de Raquel, os diferentes modos de vida forjados pela criança junto a um galo, uma guarda-chuva e um alfinete de fralda, seres mais-que-humanos que encontram na bolsa de ficção de Lygia Bojunga um espaço para habitar, contar e refazer suas histórias de vida no encontro com a infância.

DAS PÁGINAS DO LIVRO INFANTIL ÀS PÁGINAS DA PLAYBOY: GOBLIN MARKET, DE CHRISTINA ROSSETTI, NAS ILUSTRAÇÕES DE KINUKO Y. CRAFT E JANAINA TOKITAKA

Guilherme Magri da Rocha

Resumo: Publicado em 1862, o poema narrativo Goblin Market, de Christina Rossetti, ocupa uma posição instável entre o conto de fadas para crianças e a fantasia erótica para adultos. Esta comunicação examina a reconfiguração do poema na versão editada publicada na seção Ribald Classics da Playboy americana, em setembro de 1973, acompanhada por quatro pinturas de Kinuko Y. Craft. Parte-se do contraste com a edição ilustrada por Janaina Tokitaka, publicada em 2015 e destinada ao público infantil, para investigar como diferentes regimes editoriais e visuais constroem leitores presumidos para uma mesma obra. Se, em Tokitaka, a suavização imagética tende a deslocar a violência e o erotismo do poema, na Playboy o corte textual e a amplificação visual dos corpos, das frutas e do encontro entre Laura e Lizzie convertem sua ambiguidade simbólica em espetáculo sexualizado para um público masculino adulto. O objetivo é demonstrar que o trânsito de Goblin Market evidencia a instabilidade histórica de sua classificação e a disputa pelos sentidos de um texto de uma mulher e cujas protagonistas são mulheres. À luz da noção de poema crossover e de estudos sobre ilustração e consumo do corpo feminino, analisam-se as relações entre palavra, imagem, materialidade editorial e endereçamento do leitor. Argumenta-se que a versão da Playboy simultaneamente explora a reputação infantil do poema como dispositivo de provocação e reinscreve corpos femininos sob uma lógica voyeurística, tornando visíveis as tensões entre a autoria de mulher, a mediação visual e a circulação cultural.

AS MÄRCHENFRAUEN DE CONTOS MARAVILHOSOS INFANTIS E DOMÉSTICOS: A MULHER ENQUANTO NARRADORA-REPRODUTORA DE CONTO DE FADAS

Iris Freitas Rodrigues

Resumo: A canônica antologia de contos maravilhosos "Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos" feita no começo do século XIX por Jacob e Wilhelm Grimm só foi possível ser concretizada pelos contos relatados por mulheres do convívio dos Grimm, como Dorothea Viehmann, as irmãs Wild e Marie Hassenpflug. Neste projeto literário nacionalista, os irmãos Grimm pretendiam apresentar contos "orais", que supostamente faziam parte de uma germanidade autêntica e popular, com suas pretensões nacionalistas e de construção de uma cultura em comum, unificadora e exclusiva. Entretanto, tais contos carregam profundas intertextualidades com a tradição literária, visto que a maioria de suas narradoras tinha acesso à leitura (Bottigheimer, 2009), o que afasta os contos de serem um registro de uma cultura autenticamente germânica. Tendo isso em vista, a presente apresentação pretende problematizar a figura

da "Märchenfrau " (que não escreve contos, mas os reproduz), do homem filólogo que racionaliza e eterniza os contos na tradição literária (Rekeszus, 2023) e o conceito de germanidade em torno dos contos de fadas, enquanto construções ideológicas de naturalização dos habitus (Bourdieu, 2016) da burguesia germânica oitocentista, ou seja, de seus modos de vida e performatividades de gênero (Butler, 2018) que organizam e possibilitam o funcionamento do Estado capitalista moderno. Além disso, pretende mostrar como a obra canônica dos Grimm, na verdade, se constrói a partir de várias escritas, leituras, reescritas e releituras femininas invisibilizadas.

ENTRE A MEMÓRIA E O ABISMO: PROTAGONISMO FEMININO E RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM CORDA BAMBA, DE LYGIA BOJUNGA

Jéssica Mineiro Alves

Resumo: A obra Corda Bamba (1979), de Lygia Bojunga, problematiza, por meio de uma linguagem simbólica e fragmentada, os processos de memória, trauma e constituição subjetiva feminina. Este trabalho propõe uma análise da trajetória da protagonista Maria, enfatizando o modo como a narrativa articula protagonismo feminino, identidade e experiências de fratura emocional no contexto da infância. Parte-se da compreensão de que a "corda bamba" ultrapassa sua dimensão concreta e assume valor metafórico, ao representar o equilíbrio instável entre lembrança e esquecimento, liberdade e controle, infância e amadurecimento. Para fundamentar a discussão, serão mobilizados aportes teóricos e críticos de Regina Zilberman (1984), Nelly Novaes Coelho (2000) e Michèle Petit (2009), além de estudos sobre memória, subjetividade e representação feminina na literatura infantil e juvenil contemporânea. A análise evidencia que a personagem feminina é construída em confronto com estruturas de silenciamento e domesticação impostas pela figura da avó, representante de um modelo burguês e disciplinador que busca apagar as marcas da experiência circense, afetiva e identitária da menina. Nesse sentido, a obra inscreve-se em uma perspectiva de reinvenção do feminino, ao apresentar uma protagonista que reconstrói sua subjetividade por meio da rememoração, da imaginação e da elaboração simbólica da perda. Observa-se, ainda, que a narrativa rompe com modelos tradicionais da literatura destinada à infância, uma vez que aborda temas como luto, abandono, solidão e violência simbólica sem recorrer à idealização da experiência infantil.

A AFROFONIA DE ÂNGELA XAVIER E A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA PARA CRIANÇAS

Letícia da Costa Chaplin

Resumo: Pensar o campo da produção literária para crianças no nosso tempo é, ainda, um terreno a ser desbravado com afinco. Se pensarmos em intersecções, por exemplo, com temáticas de gênero, de classe e

de raça, ainda estamos construindo caminhos possíveis para que a literatura infantil e juvenil não caia, assim como em seus primórdios, no mero texto didático-moralizante que vimos desde sua gênese. Neste contexto, a literatura negro-brasileira para crianças constitui-se, também, como um campo em franca expansão em que se articulam estética, história e educação, tensionando os modos de representação da pessoa negra, especialmente das infâncias negras, nas narrativas oficiais e, consequentemente, nas práticas de leitura na sala de aula. Em nossa pesquisa, observamos um substancial aumento de representações da pessoa negra, expressões artísticas da negritude e o discurso afrocentrado na literatura produzida para crianças, cujo resultado é a ruptura com uma tradicional representantação do negro brancocentrada. A esta ruptura chamaremos de afrofonia. Esta afrofonia revela uma tendência de mudança daquele paradigma social que invisibiliza e silencia as vozes negras histórica e sistematicamente em nossa sociedade brasileira. É nesse contexto que escreve Ângela Maria Xavier Freitas, gaúcha de Porto Alegre, professora, escritora, pesquisadora, poeta e diretora de teatro e produtora cultural, integrante do Coletivo de Escritores Negros. Autora dos contos infantis Lanceirinho e A Lanceirinha, sobre os quais nos debruçarmos aqui, suas obras abordam temáticas ligadas à representatividade negra e ao enfrentamento do racismo, na perspectiva da desconstrução de uma história única. Na perspectiva de Sílvia Barros (2023), entendemos a literatura negro-brasileira como um ato de rebelião, principalmente contra a animalização da pessoa negra, destituída de conhecimentos, saberes, culturas e almas. Essa rebelião tensiona o mito da democracia racial, apontando as falhas que esse regime construiu em nossa sociedade brasileira estruturada sobre o racismo.

ASSÉDIO SEXUAL E A VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS E MULHERES: DOS CONTOS DE FADAS À LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Resumo: Decorrido mais de um quarto do século XXI, pessoas ainda são desvalorizadas, silenciadas, perseguidas e alienadas de seus direitos simplesmente por serem mulheres; consequentemente, a cultura do estupro não se arrefece e os índices de feminicídio despontam. Sim, ainda precisamos falar da violência contra as mulheres. Não por acaso, pesquisadores de áreas distintas, dentre eles os estudiosos da literatura, têm se debruçado sobre a temática da violência contra as mulheres, suas causas e as irremediáveis consequências, analisando sua representação simbólica e ficcional em diferentes contextos. Destaca-se que, em todas suas manifestações, sejam físicas, psicológicas ou morais, as instâncias da violência são danosas, dentre elas, abordaremos, nesta comunicação, o assédio sexual e sua figuração na literatura para crianças e jovens. A saber, encontram-se personagens femininas assediadas desde as narrativas míticas, como Dafne, que recusa Apolo, por exemplo , ou nos contos de fadas "Pele de Asno"(1694) , de Charles Perrault e "Mil peles"(1812), dos Irmãos Grimm, cujos algozes são os próprios pais das protagonistas . Vale ressaltar que o mote do desejo incestuoso do pai também se encontra no

conto "Doralice"(1553), de Gian Francesco Straparola e "A ursa", de Giambattista Basile(1634-36), possíveis inspirações para os clássicos citados. Na literatura infantil e juvenil contemporânea, o assédio sexual também pode ser vislumbrado em obras como Não me toca seu boboca, de Andrea Taubman e A vida não é cor-de-rosa, de Penélope Martins. Considerando a relevância temática, a partir da perspectiva dos estudos comparados, esta comunicação se propõe a analisar como as protagonistas dessas narrativas são figuradas diante da evidência do assédio e suas ações contra a violência iminente. Como referencial teórico destacamos Pierre Bourdieu (2002) , Heleieth Saffioti(2015) e Lucy Delap(2022).

A CIDADE DOS CINCO CIPRESTES, FORMAS SIMPLES E VARIAÇÕES EM MARINA COLASANTI

Lsabella Albuquerque Gonçalves

Resumo: Ao longo de sua trajetória como escritora, Marina Colasanti transitou entre diversos gêneros literários; escreveu crônicas, poemas, livros de memórias, ensaios e diversas coletâneas de contos voltadas para o público juvenil. De modo geral, esses contos podem ser classificados como contos de fadas se tomarmos como parâmetro a teoria proposta por Todorov em seu livro Introdução à literatura fantástica. Há algo curioso nestes 10 livros de histórias maravilhosas, um elemento que permite tecer um diálogo preciso entre eles: narrativas com enredos semelhantes que apresentam entre si pequenas variações, como é o caso do conto A cidade dos cinco ciprestes e suas variantes. É interessante observar como a autora não subestimou seus leitores e escreveu estas narrativas breves para o público jovem investindo-nas de alto teor literário. Nosso objetivo é investigar o modus operandi de Colasanti na criação destas narrativas e de que modo elas funcionam como metáfora para a estruturação do conto maravilhoso contemporâneo, um conto que se abre a múltiplas possibilidades de enredo e de desfecho. Para esta investigação, convocamos a teoria proposta por Todorov sobre a literatura fantástica, a teoria proposta por Andre Jolles sobre as formas simples e outros autores que nos abrirão os caminhos para ler a escrita de Marina pela perspectiva da criação-variação.

A MULHER NEGRA EM PRODUÇÕES CULTURAIS PARA CRIANÇAS: ALEXINA DE MAGALHÃES PINTO E LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Resumo: Que visões e impressões sobre mulheres negras produções culturais para crianças colocam em circulação? Como, historicamente, essas narrativas concedem (ou não) visibilidade e espaços para a representação de discursos e vivências desses sujeitos? Esta comunicação refletirá sobre esses aspectos em textos de duas escritoras: a) Alexina de Magalhães Pinto (1869-1921), reputada como uma das principais

educadoras brasileiras do final do século XIX e início do século XX; recolheu contos, cantigas e provérbios e os organizou em coletâneas escolares destinadas a crianças e adolescentes; b) Laís Corrêa de Araújo (1927-2006), poeta, ensaísta e tradutora; premiada pelo conjunto de sua obra, escreveu narrativas para crianças que ainda são matéria pouco estudada pela crítica acadêmica especializada. Vinculado à pesquisa "O infantil em Laís Corrêa de Araújo: teoria, crítica e história" (financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG), este trabalho (de caráter bibliográfico, com perspectiva metodológica comparatista), apresenta o capítulo intitulado "Cantigas dos pretos", do livro Cantigas das crianças e do povo e danças populares (1916), de Alexina Pinto, e o conto "A empregada Maria", que integra a coletânea Maria e companhia (1983), de Laís Araújo, para refletir sobre o problema acima referido. A discussão pauta-se em estudos historiográficos, teóricos e críticos de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2006) Maria Ester Maciel (2017), Conceição Evaristo (2026), Angela Davis (2016), entre outros. Nota-se que as narrativas mencionadas rasuram, por meio da ironia e do riso por exemplo, convenções sociais alicerçadas em estereótipos de raça, classe e gênero. Assim, pode-se perscrutar como essas composições – separadas por décadas – reverberariam percepções raciais de seus contextos e de que modo essa discussão pode contribuir para se pensar uma "tradição" literária e cultural para a infância que corrobora ou fratura sistemas de representação identitários e sociais, deslocando preconceitos e reinventando linguagens.

A REPRESENTAÇÃO ANIMAL NA LITERATURA INFANTIL DE CLARICE LISPECTOR: AUTORIA FEMININA E ECOCRÍTICA

Thalia Paloma de Araújo Navia

Resumo: A pesquisa investiga a presença de animais na literatura infantil de Clarice Lispector, com ênfase nas formas de representação que escapam à antropomorfização. Partindo do campo da ecocrítica (Garrard, 2004; Guimarães, 2024; Mendes, 2020) e dos estudos sobre autoria feminina na literatura infantil, o trabalho busca compreender de que modo a escrita infantil clariceana reconfigura simbolicamente as relações entre humanos, animais e ambiente. Em suas obras para crianças, Clarice Lispector constrói narrativas que se afastam de perspectivas moralizantes e antropocêntricas recorrentes no gênero, produzindo formas mais sensíveis e não hierárquicas de perceber o mundo vivo. A pesquisa entende a literatura infantil não como instrumento pedagógico direto, mas como espaço estético capaz de produzir experiências de educação das sensibilidades (Coelho, 2000), especialmente por meio de uma escrita que reinventa modos de narrar a infância, a alteridade e a relação com a natureza. A metodologia fundamenta-se na leitura analítica de cinco obras infantis da autora e na elaboração de uma tipologia própria de classificação das ocorrências animais. A hipótese central sustenta que a literatura infantil clariceana, ao articular imaginação infantil e alteridade animal, favorece a emergência de uma

ecoconscientização implícita e não normativa, inscrita na experiência estética da leitura, contribuindo também para a valorização crítica da autoria feminina na literatura infantil brasileira.

A INTROSPECÇÃO PSICOLÓGICA EM OS OLHOS DE ANA MARTA, DE ALICE VIEIRA

Valnikson Viana de Oliveira

Resumo: Este trabalho apresenta uma leitura da obra Os olhos de Ana Marta (1990 [2005]), da escritora portuguesa Alice Vieira, centrada na análise da introspecção psicológica da personagem principal. A proposta investiga como a narrativa em primeira pessoa constrói a subjetividade de uma jovem imersa em um ambiente familiar marcado pela perda e pela ausência de afeto. Com base nos estudos de Teresa Colomer (2003), analisa-se como a vivência individual e o amadurecimento da adolescente são tecidos por meio de uma narração intimista. Na obra, a protagonista dirige o seu discurso constantemente a um interlocutor "tu", que, ao final, revela-se ser uma figura importante para compreender os segredos que envolvem o seu nome. A pesquisa evidencia que essa perspectiva permite ao leitor acessar o labirinto emocional de uma garota cuja jornada de amadurecimento culmina no reconhecimento da própria identidade. O estudo é baseado em pesquisa bibliográfica e em análise teórica. Para tal, valemo-nos principalmente dos pressupostos de Calligaris (2000), Erikson (1987) e Ramos e Navas (2021), entre outros, compreendendo a literatura juvenil como reflexo de seu público leitor. Ao dar voz à autodescoberta e à ruptura com a sombra do luto, a obra consolida um denso protagonismo feminino, legitimando o espaço de reflexão psicológica para os jovens e convergindo com a valorização de experiências fundamentais na formação leitora.

ST: CARTOGRAFIAS DAS LITERATURAS LGBT+: POÉTICAS, POLÍTICAS E DISSIDÊNCIAS

Coordenação: Rodrigo Corrêa Martins Machado e Luiz Lopes

Resumo: O simpósio propõe discutir as literaturas LGBT+ a partir da noção de cartografia, entendida não como representação estática ou descritiva, mas como prática crítica de mapeamento de experiências dissidentes, fluxos de desejo, regimes de visibilidade e formas de produção de subjetividade. Inspirada em perspectivas contemporâneas da teoria literária e dos estudos queer, a cartografia permite abordar a literatura como um espaço dinâmico de deslocamento, invenção e reconfiguração de territórios simbólicos, nos quais se inscrevem corpos, afetos e narrativas historicamente marginalizados. Trata-se, portanto, de pensar a escrita literária não apenas como reflexo de realidades sociais, mas como um campo ativo de experimentação e criação de mundos possíveis. No campo da Literatura Comparada,

interessa-nos investigar como diferentes tradições, línguas e contextos culturais produzem, tensionam e reinventam formas de representação das dissidências sexuais e de gênero. Ao privilegiar uma abordagem comparativa, o simpósio busca reunir trabalhos que analisem tanto convergências quanto singularidades nas literaturas LGBT+, considerando suas dimensões estéticas, políticas e históricas. Nesse sentido, torna-se fundamental observar não apenas os conteúdos temáticos dessas obras, mas também seus modos de construção formal, suas estratégias narrativas e suas condições de circulação e recepção em diferentes contextos socioculturais. A noção de cartografia, tal como mobilizada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, permite compreender os textos literários como dispositivos que não apenas representam o mundo, mas produzem linhas de fuga, conexões inesperadas e modos alternativos de existência. Essa perspectiva desloca a análise literária de uma lógica interpretativa centrada na representação para uma abordagem que privilegia processos, relações e movimentos. Assim, as literaturas LGBT+ podem ser pensadas como práticas de desestabilização de regimes normativos de gênero e sexualidade, abrindo espaço para a emergência de novas formas de sensibilidade, linguagem e comunidade. Ao mesmo tempo, a cartografia articula-se à ideia de arquivo, possibilitando revisitar criticamente tradições literárias e recuperar vozes silenciadas ou apagadas pelos cânones hegemônicos, em um gesto que é ao mesmo tempo analítico e político. O simpósio acolhe propostas que abordem, em perspectiva comparada, temas como: dissidência sexual e de gênero;homoerotismo; representações do corpo e da corporalidade; políticas do desejo e dos afetos; memória, testemunho e arquivo queer; processos de canonização, legitimação e exclusão; interseccionalidades entre gênero, sexualidade, raça e classe; performatividade e linguagem; bem como as relações entre literatura e outras formas artísticas, como cinema, teatro e artes visuais. Interessa-nos também refletir sobre os modos pelos quais essas produções dialogam com discursos científicos, jurídicos e midiáticos, contribuindo para a constituição de saberes sobre sexualidade e identidade. São igualmente bem-vindos trabalhos que proponham releituras críticas de autores e obras já consagrados, evidenciando dimensões dissidentes frequentemente negligenciadas pela crítica tradicional. Além disso, o simpósio busca contemplar tanto produções contemporâneas quanto investigações que se debrucem sobre períodos anteriores, contribuindo para a construção de uma perspectiva histórica das literaturas LGBT+. Interessa-nos pensar como diferentes temporalidades e contextos socioculturais impactam a produção, circulação e recepção dessas obras, bem como os modos pelos quais elas dialogam entre si, configurando redes transnacionais e translinguísticas. Nesse sentido, a cartografia também pode ser entendida como uma ferramenta para mapear deslocamentos, influências e trocas culturais que atravessam fronteiras geográficas e linguísticas. Ao propor uma abordagem que articula cartografia, dissidência e literatura, este simpósio pretende contribuir para o fortalecimento dos estudos comparados no campo das literaturas LGBT+, ampliando o debate crítico e fomentando a circulação de pesquisas que problematizam os limites do cânone, os regimes de visibilidade e as formas de produção de conhecimento. Trata-se, assim, de criar

um espaço de interlocução que valorize a diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas, promovendo o encontro entre pesquisadoras e pesquisadores interessados na investigação das múltiplas formas de expressão literária das dissidências sexuais e de gênero. Espera-se, desse modo, estimular diálogos interdisciplinares e consolidar redes de pesquisa comprometidas com a análise crítica e a valorização dessas produções. Por fim, o simpósio também se propõe a refletir sobre os próprios modos de produção do conhecimento no campo dos estudos literários, interrogando seus pressupostos epistemológicos, seus critérios de validação e suas práticas institucionais. Nesse sentido, pensar as literaturas LGBT+ a partir da cartografia implica não apenas ampliar objetos e corpus, mas também deslocar metodologias, desestabilizar hierarquias disciplinares e experimentar formas de escrita crítica mais abertas à multiplicidade, à incompletude e ao dissenso. Trata-se, assim, de afirmar a crítica literária como um campo em constante transformação, capaz de acolher a diferença não como exceção, mas como princípio constitutivo, contribuindo para a construção de um saber mais inclusivo, situado e sensível às complexidades das experiências dissidentes.

QUANDO A PALAVRA VIRA GOZO: HOMOAFETIVIDADE MASCULINA E NEGRA NA POESIA DE JORDAN

Alex Santana França

Resumo: O presente trabalho visa analisar a homoafetividade masculina a partir da vivência de homens negros, nos poemas do livro Coisa feita: dois preto apaixonado na cama (2024), do escritor Jordan. A obra aborda o desejo entre homens negros com uma franqueza lírica e política que confronta tabus estabelecidos tanto no meio literário quanto nos discursos racializados da masculinidade. Por meio de seus poemas, Jordan convida o leitor a um deslocamento: é preciso descolonizar o olhar para compreender os afetos entre homens negros como formas legítimas e complexas de existência, em consonância ao que defende a pensadora Audre Lorde. A homoafetividade masculina e negra, assim, torna-se afirmação política e estética de vivências que resistem à invisibilização. A leitura interpretativa aqui proposta conta com as contribuições de autores como Audre Lorde, Grada Kilomba, Tatiana Nascimento, J.J. Bola, entre outros. O método de análise será o comparativo, que consiste em investigar fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. As primeiras considerações apontam que estudar a homoafetividade, entrecruzando questões de gênero, de raça, de classe social e de sexualidade, na literatura negro-brasileira possibilita compreender a tensão existente entre as relações de poder hegemônico do cânone literário

brasileiro, ao ter como foco a experiência de poder da escrita para os sujeitos negros e negras, da moral tradicional da sociedade, colocando em relevo o afeto, a volúpia e os desejos que pairam em todos de maneira geral, além de propor a libertação dos corpos negros das algemas do discurso estigmatizador sobre o direito ao prazer e ao amor. Nos poemas selecionados, a ênfase da homoafetividade masculina e negra é dada ao prazer, ao bem-estar, à fruição satisfatória no relacionamento íntimo, assim como desafia as estruturas do racismo e da homofobia ao propor uma sensibilidade negra que não se molda às expectativas normativas da sociedade.

"[EU] TAMBÉM TE PARI": MATERNIDADE TRAVESTI EM AS MALDITAS, DE CAMILA SOSA VILLADA

Ali Luedke

Resumo: "Também te pari, só que por um caminho de galhos e sangue [...] Teu nascimento não é menos que isso. E eu não sou menos tua mãe por não ter entre as pernas uma ferida aberta", é o que diz Tia Encarna, personagem do romance As Malditas, de Camila Sosa Villada (2025), ao seu filho adotivo, enquanto testemunha um parto. Sua confissão levanta questões: o que faz uma mãe? O que é preciso para tornar-se mãe? A presente pesquisa, situada no projeto "A portas fechadas: a gravidez na literatura", coordenado pela profª. drª. Monica Chagas da Costa, da Universidade Federal de Santa Maria, tem como objetivo analisar a construção da maternidade da personagem Tia Encarna no romance As Malditas, de Camila Sosa Villada, de modo a verificar em que medida o imaginário social do maternar cisgênero repercute no exercício da parentalidade da mãe travesti na obra referida. A base teórica que dá sustentação à pesquisa corresponde aos estudos de maternidade (Iaconelli, 2023; Teperman, Garrafa, Iaconelli, 2022; Badinter, 1985; Palomar, 2004; Zambrano, 2006) e gênero (Bento, 2008; Bento, 2017; Butler, 2018; Nascimento, 2021; Lustosa, 2017), com foco na travestilidade. A metodologia de pesquisa é a revisão bibliográfica (Gil, 2002), a partir da qual far-se-á a leitura do corpus indicado e a interpretação deste com base na temática maternidade travesti, articulando o texto literário a demais áreas que possam contribuir para a análise, como a psicologia e a antropologia. Espera-se que a pesquisa possa dar voz às demais maneiras existentes de exercer a parentalidade.

RAÇA, GÊNERO E HOMOAFETIVIDADE NO ROMANCE "O BOM CRIOLO", DE ADOLFO CAMINHA.

Caio Chaves Faria

Resumo: Publicado em 1895, o romance Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha, constitui uma obra significativa para a compreensão das tensões sociais relacionadas à raça, gênero e homoafetividade na transição do século XIX para o século XX no Brasil. Inserido no contexto do Naturalismo, o romance acompanha a trajetória de Amaro, um marinheiro negro e ex-escravizado, cuja relação afetiva e sexual com o jovem Aleixo desafia os padrões morais e sociais vigentes da época. A questão racial ocupa papel central na narrativa. Amaro é representado por meio de características frequentemente associadas aos discursos científicos racialistas do final do século XIX, que buscavam explicar comportamentos humanos a partir de determinismos biológicos. Nesse sentido, a obra evidencia como as teorias raciais influenciavam a construção literária de personagens negros, ao mesmo tempo em que revela as desigualdades herdadas da escravidão recentemente abolida. No que se refere ao gênero e à sexualidade, Bom-Crioulo destaca-se por apresentar uma relação homoafetiva masculina de forma explícita, algo incomum na literatura brasileira do período. A homoafetividade é retratada sob a influência das concepções médico-científicas da época, que frequentemente associavam práticas homossexuais à degeneração moral ou social. Entretanto, apesar dessas marcas ideológicas, o romance oferece uma representação pioneira das experiências afetivas entre homens, tornando-se um importante documento literário para os estudos de gênero e sexualidade. Dessa forma, a obra permite analisar as interseções entre raça, masculinidade e desejo em um contexto histórico marcado por transformações políticas e sociais decorrentes da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. Por meio de sua narrativa, Adolfo Caminha registra debates fundamentais sobre identidade, exclusão e diversidade, contribuindo para a compreensão das relações sociais e culturais no Brasil da virada dos séculos XIX e XX.

CARTOGRAFIA DAS MARGENS EM ORGIA, OS DIÁRIOS DE TÚLIO CARELLA

Camilla Alves Santos Dias Rocha

Resumo: Em suas andanças pelo centro da cidade do Recife nos anos 1960, o escritor e dramaturgo argentino Tulio Carella, convidado pela Escola de Belas Artes do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para lecionar na instituição, registra em Orgia: os diários de Tulio Carella, Recife 1960 (1968) seus desejos e experiências homoafetivas, desde sua chegada à capital pernambucana até sua deportação pelo Estado brasileiro para sua cidade natal, Buenos Aires. Inserido em um contexto histórico marcado pela repressão e violência política e sexual, sob um regime heteronormativo pautado na compulsoriedade da heterossexualidade, Carella foi deportado durante a ditadura militar brasileira e enfrentou rechaço social e editorial ao retornar à Argentina, em razão do conteúdo de sua obra. Nesse

contexto, o presente artigo propõe investigar uma cartografia das margens na referida obra; margens estas compostas por corpos marginalizados, estranhos (Teoria Crip), que fogem à norma, por meio do mapeamento das experiências dissidentes ali narradas, as quais suscitam reflexões acerca dos estudos de gênero e sexualidade na literatura latino-americana contemporânea. Para tanto, mobilizam-se os aportes teórico-metodológicos da poética relacional e rizomática de Édouard Glissant (2021), articulados aos estudos de gênero e sexualidade desenvolvidos por Judith Butler (2021), Paul B. Preciado (2022) e Leandro Colling (2018).

O "EU" DISSIDENTE NA ESCRITA AUTOSSOCIOBIOGRÁFICA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Erick Ferreira Duarte

Resumo: Esta apresentação busca refletir sobre a construção do "eu" dissidente na escrita autossociobiográfica, compreendendo a literatura como um espaço de memória, pertencimento e resistência das vivências LGBT+. A partir da escrita de si, pretende-se discutir como experiências pessoais também revelam marcas sociais, culturais e políticas que atravessam sujeitos historicamente marginalizados. Assim, o "eu" narrado deixa de representar apenas uma trajetória individual e passa a expressar experiências coletivas de dor, exclusão, descoberta e afirmação identitária. Nesse contexto, a apresentação abordará como autores LGBT+ transformam suas vivências em narrativas que questionam normas sociais relacionadas ao gênero, à sexualidade e aos padrões impostos pela sociedade. A escrita autossociobiográfica aparece, portanto, como um instrumento de visibilidade e resistência, permitindo que sujeitos dissidentes contem suas próprias histórias e reivindiquem espaços de existência e reconhecimento. Além disso, o trabalho pretende discutir a relação entre memória e identidade, evidenciando como as experiências narradas carregam marcas de violência simbólica, preconceito e silenciamento, mas também de afeto, pertencimento e reconstrução de si. Dessa forma, a literatura se apresenta não apenas como expressão artística, mas também como prática política e social. Por fim, a apresentação procura destacar a potência das narrativas dissidentes na contemporaneidade, mostrando como a escrita de si contribui para ampliar debates sobre diversidade, representatividade e direitos LGBT+, ao mesmo tempo em que reafirma a literatura como espaço de voz, resistência e transformação social.

CARTAS TRANSMASCULINAS: A ESCRITA COMO CAMINHO DE PRODUÇÃO DE SAÚDE

Jo Schlösser Camões Orlando

Resumo: Este trabalho é um fragmento da pesquisa de mestrado que tenho desenvolvido a respeito da escrita de cartas por pessoas transmasculinas como caminho de produção de saúde. Venho investigando produções acadêmicas a respeito da população transmasculina e tenho observado a centralidade em um discurso da dor, reforçando o silenciamento e a invisibilidade que têm sido apontados como problemáticas que intensificam o sofrimento dessa população. De modo a questionar a naturalidade dos vínculos doloridos, tenho recorrido à literatura de pessoas transmasculinas. A partir do mapeamento de cartas publicadas, encontrei materiais escritos nos quais é possível identificar gestos de escrita que são vias de afirmação da vida e de produção de saúde. Nesta pesquisa saúde é compreendida como capacidade de criar e experimentar diante das circunstâncias (Canguilhem). Nesse sentido, pensando o método cartográfico como prática de experimentação em que sujeito e objeto se constituem no processo de pesquisar, assim como o conhecimento produzido, a realidade que se constitui e as cartas que são escritas emergem em ato (Passos, Kastrup, Escóssia), trago neste trabalho uma troca de correspondência com o poeta transmasculino Esteban Rodrigues. A partir de um poema em que Rodrigues fala a respeito do tempo, enderecei a ele uma carta articulando a não linearidade do tempo (Martins) e o percurso de se tornar trans. Posteriormente, a partir da resposta do poeta para a carta e o compartilhamento do conceito de ancestralidade poética transmasculina por ele desenvolvido, tenho criado articulações a respeito da experiência transmasculina de temporalidade e como a ampliação desse conceito nos ajuda a pensar caminhos de saúde para a população transmasculina. Ademais, as próprias cartas viabilizam, nesse exercício cartográfico, a experimentação de um tempo outro. Nós, pessoas transmasculinas, escrevemos para roubar tempo (Mombaça).

COMO FOTOGRAFAR MÉGAS ALÉXANDROS: IMAGEM, AMOR E ANACRONIA EM CINCO POEMAS DE AL BERTO

João Gabriel Ribeiro Passos

Resumo: Esta comunicação — partindo da tríplice articulação entre as teorias da imagem, do erotismo e da história — busca analisar o conjunto poemático "Cinco fotografias para Alexandre da Macedónia" (1982), do poeta português Al Berto. Os cinco respectivos poemas foram originalmente publicados na revista contracultural portuguesa Sema — e posteriormente acrescidos ao livro Salsugem (1984) — numa edição dedicada a pensar as "perspectivas atuais da cultura portuguesa": Al Berto, em franca contradição, se ocupa a escrever sobre um outro tempo — o mundo mediterrânico do século IV a.e.c — e um outro

espaço — não a Portugal que lhe era contemporânea, mas a Macedônia antiga: procura, portanto, acessar o conteúdo de seu tempo recorrendo ao que lhe era mais estranho, infamiliar e anômalo; tenta superar a repetição ao introduzir diferença no interior de seus versos. Não obstante, recupera o personagem histórico de Alexandre, o Grande — homem que é, culturalmente, lembrado pelo seu amor homoerótico por Heféstio e Bagoas. Por meio de um estudo pormenorizado dos poemas, aliado às contribuições teórico-metodológicas de autores como Georges Didi-Huberman, Gilles Deleuze, Roland Barthes, Susan Sontag e outros, o texto buscará demonstrar como os poemas al bertianos são documentos insignes da preocupação do autor com os tênues limites entre tempo e cultura que formam, para cada geração, uma constelação entre a imagem, o amor — no seu caso, homossexual — e a anacronia.

PAJUBÁ, DEBOCHE E OPACIDADE: CARTOGRAFIAS TRAVESTIS EM NECA, DE AMARA MOIRA

Jorge Ignacio Cid Alarcon

Resumo: Esta comunicação propõe ler Neca + 20 poemetos travessos, de Amara Moira, como uma cartografia literária travesti que desestabiliza os modos normativos de representar corpo, desejo e subjetividade. Em diálogo com Gilles Deleuze e Félix Guattari, a noção de cartografia será entendida não como representação fixa de uma identidade, mas como traçado móvel de linhas de fuga, territórios afetivos e formas dissidentes de existência. A hipótese central sustenta que Neca não apenas tematiza uma experiência travesti, mas produz um território linguístico e epistemológico próprio por meio de três operações. A primeira é o pajubá, que funciona como língua situada, arquivo oral e dispositivo de pertencimento comunitário. Não se trata de uma gíria ornamental, mas de uma forma de organizar o mundo a partir da rua, do desejo e da sobrevivência. A segunda é o deboche, entendido como método crítico: a burla, a obscenidade e o excesso sexual desmontam a moral cis-heteronormativa e convertem o humor em prática de conhecimento. A terceira é a opacidade, pensada com Édouard Glissant como resistência à tradução total: Neca não se oferece plenamente ao leitor cis, mas exige uma leitura atravessada pelo desconcerto e pela incompletude. Por fim, a partir de Paul B. Preciado, a comunicação analisará como o texto tensiona os regimes que genitalizam o corpo e administram a inteligibilidade do gênero. Em Neca, a neca, o edi, a chuca, o guanto e o desejo não são simples motivos sexuais, mas zonas em que se disputam saberes sobre corporalidade, prazer, violência e legitimidade. Assim, a obra de Moira pode ser lida como uma cartografia travesti da literatura LGBT+ brasileira contemporânea: uma escrita

que não representa a dissidência de fora, mas produz língua, mundo e crítica a partir de sua própria opacidade.

NARRATIVAS E DISSIDÊNCIAS: A LITERATURA LGBTI+ BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Luciane Senna Ferreira

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados da pesquisa "Mapear para existir: corpos e narrativas LGBTI+ que reinventam a literatura", desenvolvida no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Osório, que investiga e sistematiza produções narrativas de autoria LGBTI+ no Brasil ao longo do século XXI, centrada nos gêneros conto e crônica. A investigação parte de uma proposta de mapeamento dessa literatura, buscando construir um panorama sistematizado dessas produções. Simultaneamente, em diálogo com perspectivas da cartografia literária e dos estudos queer, compreende tais narrativas como práticas de produção de subjetividades dissidentes e de deslocamento de regimes normativos de gênero e sexualidade. Desse modo, o trabalho articula duas dimensões complementares: o mapeamento, entendido como levantamento e sistematização de dados acerca da produção literária contemporânea de autoria LGBTI+, e a cartografia, concebida como uma leitura crítica dos modos pelos quais essas narrativas reinventam territórios simbólicos, tensionam processos de legitimação cultural e ampliam regimes de visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados. A coleta de dados ocorre em editoras, bibliotecas, periódicos, revistas literárias, antologias, redes sociais, teses e dissertações, considerando critérios que asseguram a identificação pública das pessoas autoras. Os dados levantados vêm sendo organizados em planilhas padronizadas, possibilitando a constituição de um banco de dados sobre esta literatura. A análise quantitativa descritiva do corpus mapeado permite identificar recorrências, distribuições regionais e marcadores de representatividade, contribuindo para: ampliar a visibilidade de sujeitos, experiências e narrativas historicamente silenciadas; fortalecer práticas pedagógicas inclusivas; ampliar o conhecimento científico acerca da literatura LGBTI+ contemporânea brasileira; e fomentar os debates sobre dissidências no campo literário.

PEDRO LEMEBEL: LITERATURA E PENSAMENTO DA DIFERENÇA

Luiz Lopes

Resumo: O presente trabalho pretende efetuar uma apresentação da vida/obra do escritor e artista queer chileno Pedro Lemebel (1952-2015). Partindo do seu Manifesto Falo pela minha diferença pretendemos

sublinhar como seus textos e produções artísticas sempre colocaram em cena um saber da diferença, do corpo e do queer. Além desse texto, pretende-se percorrer algumas crônicas que em 2023 foram publicadas no Brasil com organização de Ignacio Echevarría e tradução de Mariana Sanchez. Trata-se, portando, de um movimento que pretende pelo olhar panorâmico evidenciar como a literatura de Lemebel sempre esteve ancorada naquilo que aparece já em seu Manifesto, a saber a defesa de uma política da diferença em que memória, resistência e política se coadunam num exercício de escrita com o corpo contra todos os modos de mortificação dos corpos dissidentes. Além disso, pretende-se a partir da noção de arte queer do fracasso (Halberstam 2020) e utopia queer (Muñoz 2009) pensar um certo movimento de tensão permanente na escrita de Lemebel que ora parece apontar para o vazio e a negatividade e ora se afirma como pura alternativa de futuridade queer. Por fim, vale dizer que a teoria de Erin Maninning sobre as políticas do toque também servem como incursão para pensar a selvagem presença do corpo na obra do escritor e suas dimensões como imaginação política.

CORPOS QUE RESTAM: SOBREVIVÊNCIA QUEER, VIOLÊNCIA E LETRAMENTO AFETIVO NO ROMANCE DE STÊNIO GARDEL

Mariana Matos Coriolano

Resumo: A partir da leitura do romance A palavra que resta (2021), do cearense Stênio Gardel, esta comunicação propõe uma reflexão sobre como corpos dissidentes são alvos de destruição e apagamento sistemáticos ao escaparem do regime normativo da matriz heterossexual, conforme a conceituação proposta por Judith Butler, em Problemas de gênero (2003). Essa matriz, ao articular de forma coercitiva sexo, gênero e desejo, produz corpos abjetos (Butler, 2019), como o protagonista Raimundo, e instaura uma heterossexualidade compulsória (Rich, 1993) cuja violência se desdobra em múltiplas dimensões. A condenação de Raimundo a uma "vida de homem de verdade" explicita as consequências políticas e afetivas dessa dificuldade de leitura: o sujeito dissidente é submetido à violência epistêmica (Spivak, 1988), à exclusão social e à reprodução intergeracional da brutalidade, evidenciada quando ele replica no corpo de Suzanný a mesma violência paterna, em uma espécie de projeção que o aprisiona na lógica do opressor. A narrativa de Gardel, no entanto, não se limita à denúncia do controle; ela também elabora práticas críticas e criativas. Ao ceder a narração a Raimundo recém-alfabetizado, o romance inscreve o sujeito subalterno em um locus enunciativo próprio, contra a violência do silenciamento. A amizade com a travesti Suzanný, que vive em paz com a dissidência, funciona tal qual uma aliança política entre vidas precárias (Butler, 2019) e abre caminho para outras temporalidades que desafiam a heteronormatividade imposta

pela sociedade e o futuro reprodutivo (Minadeo, 2019) desses sujeitos. A literatura, então, ao tornar audíveis a dor e a resistência de corpos marcados pela classe e pela orientação sexual, expõe as engrenagens da exclusão letal enquanto cria a possibilidade de perdão, acolhimento e reinvenção da existência, ainda que a duras penas, e desde que a palavra reste.

HOMOEROTISMO E PORNOGRAFIA NO ESPÓLIO LITERÁRIO DE ANTÓNIO BOTTO

Oscar José de Paula Neto

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre os poemas homoeróticos e pornográficos, muitos deles inéditos, resguardados no espólio de António Botto. Escritos num período em que a temática homoerótica havia sido progressivamente apagada das obras publicadas do poeta a partir da década de 1940, num gesto consciente de autopoliciamento e autocensura, os textos existentes no arquivo demonstram que a prática transgressora nunca desapareceu do horizonte criativo do autor. Concentrados majoritariamente no projeto inacabado e fragmentário Caderno Proibido, mas também dispersos em outras pastas do acervo, esses poemas desafiam a imagem mais conservadora e normativa que Botto procurou imprimir nos seus últimos anos de vida. De certo modo, o conjunto configura um exercício de escrita restrito à intimidade do poeta, marcado por certo inacabamento e pelo abandono dos poemas que compõem a pasta, mais do que uma tentativa efetiva de reativar o tom polêmico que marcou sua obra inicial, já dificilmente reiterado no estágio final de sua trajetória, marcado pelo lugar desprestigiado que passara a ocupar no ambiente literário luso-brasileiro. Nesse sentido, tais poemas evidenciam a persistência de uma poética dissidente na fase tardia do autor, ainda que deslocada do espaço público para o arquivo, convivendo lado a lado com textos laudatórios, católicos e politicamente conservadores, que configuram a face pública da poesia bottiana no período.

"A CASA JÁ ESTAVA TODA EMPESTADA DESSE PECADO": A CASA COMO UMA PAISAGEM DO MEDO EM A PALAVRA QUE RESTA (2021), DE STÊNIO GARDEL

Paulo Narley Pereira Cardoso

Resumo: Para os sujeitos sexo-gênero dissidentes, na maioria das vezes, o espaço da casa, tradicionalmente concebido como um espaço de refúgio, lugar de afeto e pertencimento, torna-se um território de clausura, vigilância e punição, onde o medo e a vergonha de existir se entrelaçam às lembranças mais íntimas. Nesse contexto, propõe-se uma cartografia dessa experiência dissidente, analisando de que forma a casa da infância se torna uma paisagem do medo para Raimundo, protagonista

da obra A palavra que resta (2021), do escritor cearense Stênio Gardel. Para o embasamento teórico-crítico, toma-se como base as ideias de Bachelard (2008), Filho (2007), Miskolci (2016), Tuan (2005), Sedgwick (2007), bem como Deleuze e Guattari (2006). Na obra analisada, o espaço casa surge contaminado por discursos morais e religiosos que associam o desejo dissidente à culpa e o corpo à impureza, e o pecado que empesta a casa é o fato de o protagonista existir fora das normas de gênero e sexualidade descritas pela heteronormatividade. A partir da trajetória de Raimundo, um homem marcado pela repressão de seu desejo, percebe-se como o espaço doméstico é configurado como uma paisagem do medo, conceito que, segundo Yi-Fu Tuan (2005), define espaços de insegurança e controle que moldam a subjetividade. Nesse mapeamento de subjetividades, a casa familiar de Raimundo não se apresenta como um refúgio, mas como um território marcado por regimes de invisibilidade e silenciamento, onde o pecado e a interdição operam como forças de exclusão. Espera-se, com a presente pesquisa, contribuir com as discussões no campo da crítica literária sobre temas que vêm se tornando cada vez mais pertinentes, como a representação de sujeitos sexo-gênero dissidentes, reafirmando o papel da literatura como ferramenta de reconfiguração de territórios simbólicos e políticos e a escrita de Gardel (2021) como desestabilizadora de regimes normativos de gênero e sexualidade.

ABSTINÊNCIA E EXCESSO: AS DISTINTAS PERSPECTIVAS DA EXPERIÊNCIA HOMOSSEXUAL NAS DITADURAS LATINO-AMERICANAS

Reinaldo Luiz da Silva Junior

Resumo: Enquanto no sul do continente americano Herbert Daniel escreveu: "Abstinente passei toda a clandestinidade. Sete anos." (1984, p. 164), no insular país caribenho, Reinaldo Arenas concluiu: "Acho que nunca se trepou tanto em Cuba quanto nos anos sessenta." (1994, p. 136). Tendo tais experiências como horizonte, este trabalho busca investigar, em perspectiva comparatista (Carvalhal, 2006; Coutinho, 2006), as distintas vivências da homossexualidade nas ditaduras latino-amerinacas, especificamente em duas obras do final do século XX: Meu corpo daria um romance (1984), de Herbert Daniel e Antes que anoiteça (1994), de Reinaldo Arenas. Ambos os textos, cada um à sua forma, se ocuparam de refletir a trajetória de vida de seus autores; o brasileiro, frequentemente relegado às notas de rodapé como o guerrilheiro homossexual, e o cubano, reconhecido internacionalmente pela dedicação literária e pelas ferrenhas críticas à ditadura castrista. Embora os dois autores colecionem experiências e desventuras significativas – são dissidentes sexuais, exilados políticos, soropositivos e escritores malditos –, possuem também rupturas e divergências – expressas em suas experiências homossexuais, seus posicionamentos políticos e

suas produções literárias. Nesse sentido, apresento como as distintas ditaduras, a brasileira e a cubana, afetaram a trajetória de vida desses sujeitos, condicionando suas respectivas criações artísticas e as maneiras como cada um, à sua própria moda, expressou e lidou com a sexualidade através da escrita. Os subsídios teóricos estão sustentados nas contribuições de Allen Young (1981), Ian Lumsden (1996), Renan Quinalha (2021; 2022), James N. Green (2000; 2018), Michel Foucault (1982; 2013), Hiro Okita (2007), Susan Sontag (1984), Beatriz Sarlo (2007) e Eurídice Figueiredo (2017).

DESEJO, CORPO E POESIA EM MAYKSON CARDOSO

Rodrigo Corrêa Martins Machado

Resumo: A novíssima poesia brasileira em construção apresenta inúmeros autores que despontam no cenário literário contemporâneo, dentre eles o poeta Maykson Cardoso. Nascido em Divinópolis, Minas Gerais, o autor vive e trabalha atualmente em Berlim, Alemanha. O contato inicial com sua poesia deu-se por meio da antologia "Homem com Homem: poesia homoerótica brasileira no século XXI" , organizada por Ricardo Domeneck (2025). No prefácio da obra, João Silvério Trevisan afirma que os poemas reunidos na coletânea soam como permanência e resistência, ao celebrarem e darem voz ao desejo homoerótico. Os poemas de Maykson Cardoso inserem-se nesse horizonte ao articularem desejo, corpo e linguagem poética, como se observa nos versos "um barco vazio singrava / lentamente o nosso ventre" e "Você quer me tirar / desse abismo / meu amor?". Nesta comunicação, a partir das discussões sobre homoerotismo propostas por José Carlos Barcellos (2006), erotismo em Georges Bataille (1987), gênero e normatividade em Judith Butler (2019), bem como corpo e desejo em Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), pretende-se realizar uma leitura crítica dos seis poemas de Cardoso presentes na antologia: "Não falamos a mesma língua", "Adágio", "Atrás do muro um paraíso", "Fé cega, faca amolada", "Você quer me tirar" e "Todos os homens, o homem".

ENTRE O ESTIGMA E O DESEJO: A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA EM O MENINO DO GOUVEIA (1914)

Sabrina Ferraz Fraccari

Resumo: A presente proposta de comunicação oral tem como objetivo refletir sobre a representação da homossexualidade masculina no conto pornográfico O menino do Gouveia, assinado por Capadócio Maluco e publicado em 1914 na coleção Contos Rápidos, comercializada pelo periódico O Rio Nu (1898-1916). A narrativa tem como protagonista o jovem Bembem, que narra a Capadócio, seu amante, a

descoberta do desejo sexual por outros homens. A organização narrativa converge de modo a ser a descrição da primeira relação sexual do jovem o ponto central da trama, construção comum em textos considerados pornográficos. Ao fazer isso, no entanto, reverbera diferentes estereótipos associados à homossexualidade masculina, entre eles a ligação entre homossexualidade e prostituição, e a equiparação de Bembem a um comportamento considerado feminino, uma vez que a ele eram atribuídos trejeitos "de mulher", sobretudo por ser o "passivo" da relação. Tais estereótipos revelam um imaginário social atravessado por discursos de ordem médica e moral, comuns na Belle Époque carioca, e que concorriam para uma caracterização estigmatizante da homossexualidade masculina, compreendida em termos de inferioridade e degradação moral. Por outro lado, a publicação de uma narrativa pornográfica e popular que tem como protagonista uma personagem homossexual revela um interesse do público leitor em modos outros de viver a sexualidade, que coexistem à margem desse discurso de acusação e condenação.

FANTÁSTICO QUEER: A NARRATIVA QUE NÃO CESSA SUAS POSSIBILIDADES.

Thaíne Fernanda Sell

Resumo: O fantástico é uma narrativa de acontecimentos estranhos que não seguem, obrigatoriamente, as leis naturais. Em muitas definições de fantástico, o termo vem acompanhado da definição como estranho, diferente, anormal, entre outros. Outro conceito que esbarra nas mesmas palavras quando definido (para o bem ou para o mal) é queer, cuja tradução literal é estranho, esquisito, excêntrico. Estes dois termos, não tão comumente vistos juntos, podem se encontrar ligados em algumas narrativas. Quando olhamos para a literatura fantástica contemporânea, a presença de personagens queer se faz muito mais presente do que em décadas e séculos passados. Porém, uma de minhas perguntas de pesquisa se debruça sobre a ideia de que a simples apresentação de um personagem queer não torna uma narrativa queer. O autor com o qual trabalho na tese é Eric Novello, queer, escritor e tradutor. Sua obra diversa passeia por muitos braços da ficção fantástica. Além disso, seu projeto literário sempre inclui o queer, de diversas formas, e analisar essas ocorrências no universo fantástico é meu objetivo de pesquisa. Em Ninguém nasce Herói, uma distopia que parece assustadoramente real, Eric nos apresenta um universo que se tornou perigoso para muitas vivências, entre elas, de sujeitos queer. Conhecemos não apenas personagens, mas um universo distópico em que ser queer é algo decisivo no destino dos personagens. Em Exorcismos, amores e uma dose de blues, uma fantasia urbana, temos um protagonista bissexual, além de seres feitos de fumaça, com corpos não definidos e fluidos. Nessas narrativas, o universo fantástico é

decisivo na maneira como os personagens queer existem. O fantástico queer é diverso, excêntrico e infinito de possibilidades, dentre as quais trabalharei com apenas uma pequena parte.

ENTRE CORPOS & CORPUS, UMA POÉTICA EM ROBERTO PIVA

Vinicius André

Resumo: A reconstrução da história e da literatura LGBTQIAPN+ enfrenta o complexo desafio de mapear vivências historicamente marcadas por apagamentos, silenciamentos e violências (Quinalha, 2022). Se a partir da segunda metade do século XX consolidou-se uma "subcultura gay" atrelada ao consumo e ao viés mercadológico (Maia, 2015), a emergência da Teoria Queer na década de 1990 (Louro, 2004) passou a questionar a naturalização das identidades, compreendendo-as como construções históricas, discursivas e performativas que geram profundo estranhamento e crítica cultural. Nesse cenário de exclusão econômica e controle social operados pelo capitalismo, a poética de Roberto Piva inscreve-se como um potente gesto de resistência. O autor articula o corpo e o erotismo homoerótico como estratégias de transgressão estética e política frente à lógica de mercado e à normatização dos afetos na literatura brasileira. Sua poesia (corpus), altamente referencial e dialógica (Veronese, 2013), interliga intimamente metafísica, vida e o corpo poético (Silva, 2023). Diante disso, este trabalho procura analisar como a produção de Piva, centrada no livro inédito Corações de hot-dog, articula-se com a poética queer. Esta vertente teórica extrapola a poética autoral tradicional ao investigar o texto a partir das ideologias de mundo e das reverberações na construção identitária dos sujeitos (Alós, 2010). Metodologicamente, o trabalho investiga a centralidade do corpo e do homoerotismo por meio da semiótica greimasiana (nível fundamental, narrativo e discursivo), decodificando como o texto se estrutura discursivamente para manifestar desvios, excessos e performatividades - características da poética queer. Como resultados parciais obtidos em pesquisa de campo no acervo do Instituto Moreira Salles, constatou-se que o datiloscrito original de Corações de hot-dog possui três versões distintas. Atualmente, as investigações sobre as características formais, estilísticas e referenciais dessa obra inédita no mercado literário seguem em processo de estudo e análise detalhada, a ser concluída.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: COMPARATISMOS NA RUSSÍSTICA E ESLAVÍSTICA: TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO

Coordenação: Daniela Mountian, Priscila Nascimento Marques e Katia Aily Franco de Camargo

Resumo: Os 40 anos de Abralic marcam também os 20 anos da presença do campo da russística na associação. Por meio dos simpósios temáticos, desde 2006 a área tem sido acolhida pela Abralic, que se configura como um lócus para a consolidação de uma rede de pesquisadoras e pesquisadores em âmbito nacional e transnacional.

A presença da literatura e cultura de expressão russa no contexto brasileiro constitui uma tradição já longeva e profundamente marcada por uma interface entre tradução e crítica, dois pilares fundamentais para sua difusão, já que se trata de dois espaços tão distantes cultural e geograficamente, Rússia e Brasil.

Outro traço importante dessa recepção é a produção acadêmica, isto é, a atuação da universidade como espaço de formação de especialistas em crítica e tradução que, posteriormente, passam a atuar na esfera pública na condição de intérpretes da literatura e da cultura de expressão russa para um público não necessariamente especializado. Verifica-se ainda a presença de emigradas/os do Leste Europeu, de suas diversas regiões e culturas (eslavas, bálticas, latinas e magiares), que se misturou com um corpo de estudiosas/os locais, fazendo surgir perspectivas, abordagens e produções originais sobre esse campo de estudos. Um exemplo emblemático é o de Boris Schnaiderman, natural da Ucrânia, que se tornou o primeiro professor do curso de russo da Universidade de São Paulo no início dos anos 1960. Ao longo das últimas duas décadas, tem-se visto a ampliação dos focos dos estudos russos e eslavos no Brasil, numa progressiva e muito desejável descentralização temática e metodológica, que cada vez mais se direciona para a criação de uma rede de pesquisadoras/es e tradutoras/es de diferentes instituições (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Brasília, entre outras) que se articulam com investigadoras/es de diversas áreas, como a literatura, a história, o cinema, o teatro, as ciências sociais, o design, a arquitetura, o jornalismo, entre outras. O estudo da língua russa (e de outras eslavas) é um fator decisivo para incrementar a qualidade dessas pesquisas. Combinada com o acesso a outras tradições de recepção, como a europeia e a norte-americana, a pesquisa baseada em fontes primárias, com análise de arquivos e intercâmbio com estudiosas/os russa/os, fez com que a russística brasileira ganhasse contornos próprios. Algumas vertentes e campos de investigação têm se destacado, tais como: a) dos estudos de recepção e de circulação transnacional da literatura e cultura russa e do Leste Europeu; b) das diferentes escolas tradutórias, com destaque para a abordagem da transcriação na tradução poética, introduzida pelos poeta Haroldo de Campos e Augusto de Campos e pelo tradutor Boris Schnaiderman, além de novas perspectivas; c) do

amplo corpus de pesquisas monográficas (de mestrado, doutorado e pós-doutorado) com tradução e comentário sobre autoras e autores específicos e cada vez mais variados; d) dos estudos no campo da história, sociologia e ciência política, que têm produzido análises e investigações decolonias, a partir da chave "centro-periferia"; e) da apropriação das dramaturgias russófonas nos palcos nacionais; f) da investigação de textos de autoria feminina de diferentes épocas; g) do estabelecimento de diálogos interculturas da Rússia – com diferentes países eslavos (Ucrânia, Belarus, Croácia, entre outros), com diferentes etnias (povos originários) encontradas em seu território e com outras culturas; h) de questões de ensino da língua russa e produção de materiais didáticos específicos para estudantes no Brasil. No espírito da tradição interdisciplinar e pluricultural das outras edições deste ST na Abralic, convidamos a enviarem suas contribuições nas seguintes áreas:

1) Teoria da literatura e crítica literária de expressão russa, bem como seus possíveis diálogos com outras tradições teóricas;

2) Interfaces e debates entre processos históricos e a literatura russófona e do Leste Europeu;

3) Discussões sobre as especificidades da tradução de textos literários e teóricos russos para o português na chave comparatista, incluindo questões teóricas e linguísticas;

4) Expressões artísticas de expressão russa, como teatro, cinema, pintura e outras modalidades de produção audiovisual e seus processos de tradução intersemiótica (como a transposição da literatura para outros meios);

5) Estudos comparatistas histórico-literários sobre questões geopolíticas relativas à Rússia e ao Leste Europeu segundo uma perspectiva do Sul Global, incluindo a emergência de novos conflitos identitários no contexto pós-soviético;

7) O problema da literatura documental, ou "literatura do fato", em autores de expressão russa pela perspectiva comparatista;

8) Estudo e tradução da poesia em língua russa e investigações comparatistas;

9) Pesquisas comparatistas sobre questões ligadas a autoras e autores de expressão russa na emigração, seja ao longo da história ou na contemporaneidade;

10) Debates de questões de gênero, feminismos e textos de autoria feminina;

11) Leituras comparadas entre textos infantojuvenis russos e de outras tradições.

ROBERTO CARLOS EM SÉRIES CULTURAIS: INTERMIDIALIDADES NO POPULAR, NA VANGUARDA RUSSA E NO CINEMA BRASILEIRO

Adriano Carvalho Araujo e Sousa

Resumo: Neste work in progress, Roberto Carlos será abordado em séries culturais, tomando como referência uma perspectiva comparativista de uma semiótica da cultura aclimatada ao Brasil. O cantor constitui uma persona midiática que, à exemplo do próprio cinema, multiplicou-se à evanescência: está em todo o lugar, atravessa linguagens, meios e a cultura. Assim sendo, optamos por circunscrever essa repercussão a um paralelo entre literatura popular, vanguarda russa e cinema brasileiro a partir de três amostras dessas séries culturais. Nesse sentido, o motivo da blasfêmia tão característica do popular, a partir da canção "Quero que vá tudo para o inferno", torna-se o objeto principal em um texto de literatura de cordel comentado por Jerusa Pires Ferreira. Os outros dois exemplares estão relacionados com a contracultura no Brasil, direta e indiretamente: por meio de relato de Boris Schnaiderman, abordamos recurso de Augusto de Campos adotado na tradução de "A Extraordinária aventura vivida por Vladimir Maiakóvski no verão na datcha", do grande poeta vanguardista russo; por sua vez, um outro rumo, o da ironia antropofágica surge com "Ninguém Vai Tirar Você de Mim", presente em sequência emblemática de Matou a família e foi ao cinema, de Júlio Bressane. De um lado, observa-se a descida infernal, mas com o recurso a um tom estranho às temáticas do demônio logrado; do outro, o humor característico do popular na contracultura bem como as questões relacionadas ao comportamento da época e ao cinema de Bressane.

ÉLY HALPÉRINE-KAMINSKY E A MEDIADAÇÃO CULTURAL ENTRE A RÚSSIA E A FRANÇA

Caroline Rodovalho

Resumo: As traduções e adaptações realizadas por Élу Halpérine-Kaminsky constituem um marco fundamental para a inserção da literatura russa no sistema literário francês. Emigrado russo e importante mediador cultural do final do século XIX, Halpérine-Kaminsky desempenhou papel decisivo na difusão, junto ao público francófono, de autores então em voga, entre os quais se destacam os nomes de Fiódor Dostoiévski e Lev Tolstói. Décadas mais tarde, a ampla liberdade que assumiu, juntamente com seus colaboradores, na adaptação e modificação dos textos traduzidos, suscitaria debates acerca dos limites da tradução e de seus efeitos sobre a recepção e a circulação dessas obras em âmbito francófilo e por meio

de traduções indiretas, advindas de suas adaptações. Este trabalho tem por objetivo apresentar a atuação de Halpérine-Kaminsky como tradutor e adaptador da literatura russa a partir da análise de artigos de periódicos e de comentários da imprensa francófona sobre sua influência e seu trabalho. A análise também se estenderá à sua figura de enquanto mediador cultural em um sentido mais amplo, evidenciando sua atuação diplomática acerca da questão dos direitos do autor na Rússia. Para tanto, nos serviremos de alguns de seus relatórios endereçados à União Internacional para a Proteção dos Direitos do Autor. Todos os documentos consultados abrangem as décadas de 1890 e 1900.

AS TRADUTORAS DE DOSTOIÉVSKI NO BRASIL

Cecília Rosas Mendes

Resumo: Em 1988, Tatiana Belinky publicou pela editora Ática sua tradução e adaptação de O crocodilo, provavelmente a primeira tradução direta de Dostoiévski feita por uma tradutora no Brasil. Em seguida viriam se juntar a ela traduções de Fátima Bianchi, Priscila Nascimento Marques, Denise Sales, Daniela Mountian e desta pesquisadora, entre outras. No entanto, verifica-se nos estudos de tradução e na discussão geral uma lacuna no que se refere ao trabalho de várias dessas tradutoras, que seguem pouco mencionadas entre os grandes nomes da tradução dostoievskiana. Esta comunicação busca percorrer o diálogo tradutório travado por essas mulheres em suas publicações no mercado editorial brasileiro e, com base em estudos de recepção de literatura russa no Brasil (Gomide, 2018) e de tradução feminista (Carvalho Fonseca et al, 2020; Castro et al, 2022), refletir sobre a divisão de gênero no âmbito da tradução do autor russo, tanto na academia quanto no mercado editorial. Além disso, e mais importante, serão delineados alguns dos projetos tradutórios, concepções e estratégias das tradutoras aqui citadas como maneira de colaborar para a composição de um mapa mais completo da maneira como se tem traduzido Dostoiévski no país, com foco nas obras publicadas a partir das últimas décadas do século XX.

NIKOLAI LESKOV E O SKAZ COMO FORMA: O ATO DE NARRAR FRENTE ÀS ANÁLISES DA ESCOLA FORMAL

Clara Drummond de Andrade Magalhães

Resumo: Este trabalho pretende apresentar o anteprojeto de uma Dissertação de Mestrado, a qual se baseará no estudo da construção do ato de narrar e dos modos de uso da figura do narrador nos trabalhos de Nikolai Leskov a partir dos estudos e reflexões da Escola Formal. Para tal serão mobilizados conceitos teóricos cunhados e elaborados pelo Formalismo Russo, em especial por Boris Eikhenbaum

(2024, 2026), como o tensionamento entre oralidade e prosa nas narrativas de skaz e o modo em que o skaz desafia as típicas estruturas de fábula (fábula) e enredo (siujet). Serão levados em consideração, também, os comentários de Walter Benjamin (1994) sobre Leskov em seu ensaio "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", uma vez que Benjamin pode ser tido enquanto um dos principais responsáveis pela recepção de Leskov fora da Rússia. Ao tratar das problemáticas envolvendo o conceito de "skaz", serão mobilizados, principalmente, os textos "Como Gógol fez O capote" (Eikhenbaum, 2024), publicado em 1918 e amplamente reconhecido enquanto importante fonte para o estudo do skaz, e "Leskov e a prosa contemporânea" (Eikhenbaum, 2026), publicado em 1925 e recém-traduzido na íntegra para o português. Em "Leskov e a prosa contemporânea", Eikhenbaum (2026) dedica um olhar especial à narrativa leskoviana, abordando uma série de procedimentos presentes nos trabalhos de Leskov que, ao serem colocados em contraste com as observações de Benjamin (1994), revelam pontos especialmente interessantes e únicos do modo de narrar utilizado pelo autor. Para ilustrar as questões levantadas por Eikhenbaum (2024, 2026) e Benjamin (1994) serão utilizadas citações de traduções de Leskov feitas no âmbito da pesquisa, uma como monografia de conclusão de curso (Leskov, 2026), outra ainda em processo como parte da Dissertação de Mestrado.

DO PAGANISMO ESLAVO À MORALIDADE CATALÃ: A TRANSCRIAÇÃO DO MITO SOLAR NO FOLCLORE COMPARADO

Debora Otília Rodrigues

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise crítico- comparativa entre o conto folclórico eslavo Jar-Ptitsa ("Pássaro de Fogo") e sua variante catalã El Pájaro de Oro, investigando as tensões estéticas na transposição de uma matriz pagã pré-cristã para o imaginário católico mediterrânico. Com base na morfologia de Vladimir Propp, na escola mitológica eslava (Afanasyev, Ivanov e Toporov) e no morfologismo dinâmico de Diego Catalán, examina-se como o fogo solar russo, enraizado na cosmologia pré-cristã de Svarog e no "Mito Fundamental", se reconfigura em ouro metálico e em pedagogia moralizante na tradição oral da Catalunha. Nesse processo de transcriação ontológica e antropológica, o ajudante místico do folclore eslavo perde seu caráter xamânico e cósmico para dar lugar a pactos ético-contratuais e providencialistas ocidentais. Paralelamente, as indeterminações espaciais e os perigos sagrados da taiga russa moldam-se a uma geografia doméstica, urbana e controlada. A metodologia também incorpora preceitos da Nova Crítica para esquadrinhar a autonomia formal das variantes. Conclui-se que a passagem da brasa viva ao metal precioso não constitui uma mera tradução lexical, mas

sim uma profunda operação de transcriação cultural. Através dela, o maravilhoso sagrado pagão é dessacralizado, demonstrando como a literatura comparada é capaz de codificar complexas transformações históricas e identitárias através da tensão estrutural entre a ordem cósmica eslava original e a lógica contratual, cívica e cristã do ocidente europeu, revelando mecanismos de sobrevivência e mutação dos mitos na diáspora das narrativas orais.

A PARÓDIA NO LIVRO AZUL, DE MIKHAIL ZÓSCHENKO

Diana Soares Cardoso

Resumo: O Livro azul, de Mikhail Zóschenko (1894-1958), é uma obra singular, especialmente quando comparada a outros livros de contos escritos ou organizados pelo autor. Lançado em 1935, dez anos antes de serem publicadas no Pravda as duras críticas de Jdánov à sua obra, o Livro azul gozou de relativa liberdade criativa e apresentou aos leitores contos, crônicas e anedotas que, em tom irônico, expunham os absurdos da sociedade pré- e pós-Revolução. Em sua correspondência com Gorki, Zóschenko explica sua intenção ao compô-lo: escrever uma história das relações humanas. O resultado é uma obra original em seu conteúdo e em sua forma: contos e anedotas são distribuídos em cinco seções temáticas, que, de acordo com o autor, constituem as grandes forças motrizes da História — dinheiro, amor, traições, fracassos e acontecimentos surpreendentes. O livro tem estrutura rígida, repetida capítulo a capítulo, e um narrador que guia o leitor pelas "aleias da História". Assim, ao ler o Livro azul, é possível identificar elementos formais e temáticos que remetem a um livro de História. Porém, o narrador, seus temas, linguagem e tom irônico distanciam a obra daquilo que se espera de um livro de História. No Livro azul observa-se como a presença da sátira, gênero ao qual pertencem muitas narrativas, e da ironia, tão presente na voz do narrador, em sua intersecção com a paródia resulta em uma obra única em seu tempo e que deliciou os leitores com sua narração sagaz e, com frequência, tão franca. No simpósio, gostaria de compartilhar com colegas e interessados em russística os atuais achados e reflexões sobre os elementos formais e temáticos do Livro azul, que atualmente pesquiso em nível de doutorado, à luz de teóricos que se dedicaram ao estudo especialmente da paródia, mas também da sátira e da ironia, como Bakhtin, Hutcheon e Tinianov.

PAISAGENS DO CINEMA DE POESIA NO ESPAÇO SOVIÉTICO, UMA VISTA SOBRE A UCRÂNIA

Driciele Glaucimara Custódio Ribeiro de Souza

Resumo: O conceito de cinema de poesia no debate soviético nunca foi consenso, sendo disputado tanto entre cineastas quanto entre críticos e teóricos. Fundamentada no formalismo russo, a expressão conformava-se dinamicamente aos processos históricos vividos pelo antigo bloco socialista, oscilando, da Revolução à Perestroika, entre a intelectualidade da montagem e o tratamento emocional de temas subjetivos. Em Kiev, o fôlego da discussão foi renovado pelo lançamento de "Sombra dos ancestrais esquecidos", de Serguei Paradjanov, em 1965. A estreia, tomada como marco inaugural de certa inclinação poética dos estúdios Dovjenko no período, significou um verdadeiro cisma, do qual se seguiu um conjunto de obras igualmente provocadoras aos olhos da censura. Esta comunicação objetiva desenhar um breve panorama desse movimento, a partir de dois de seus representantes: "Noite de São João", de Iuri Yllenko, em cartaz em 1968, e "Babylon XX", de Ivan Mykolaichuk, nas telas onze anos mais tarde. Ambos estão atrelados à tradição literária vernacular; o primeiro, com Nikolai Gogol, a uma herança imperial; enquanto o segundo, com Vassyl Zemliak, a uma contribuição coeva. Para construir um quadro de convergências e divergências compartilhadas por esse par, os dispositivos formais de cada uma das fitas serão examinados em sua essência, bem como o trânsito de motivos. A análise conduzirá à distinção de estratagemas discursivos característicos das realizações em pauta, daí resultar a questão de como os procedimentos encontrados conectam-se não somente ao passado - da historiografia literária e do espaço diegético -, mas, em igual medida, ao seu tempo presente.

"SERÁ QUE A INGLATERRA TEM UM EISENSTEIN?": AS TEORIAS EISENSTEINIANAS NA SOCIEDADE CINEMATOGRÁFICA (1920-1930)

Erivoneide Marlene de Barros Pereira

Resumo: Os filmes do cineasta Serguei Eisenstein não demoraram para atravessar as fronteiras da União Soviética e adquirir notoriedade em países que também buscavam consolidar suas produções cinematográficas nacionais nas primeiras décadas do século XX. O filme "Encouraçado Potiómkin" (1925) tornou-se uma referência fundamental da potencialidade estética da montagem, influenciando cineastas e críticos, principalmente em cineclubes espalhados pelo mundo. Junto à produção fílmica, seus escritos, que começaram a ser publicados em revistas especializadas, tornavam-se guias para os jovens cineastas desejosos de compreender as potencialidades da sétima arte. Na Inglaterra, a recepção de Eisenstein ocorreu por meio dos filmes que foram exibidos apesar da desconfiança do governo e dos problemas com a censura, baseados em um argumento de possível divulgação de ideias revolucionárias, e pela marcante circulação do cineasta no meio cinematográfico britânico no final da década de 1920 quando esteve no país

como parte de uma longa viagem ao exterior com o objetivo de estudar as novas técnicas cinematográficas, incluindo o cinema sonoro. A estadia de Eisenstein contou com o forte apoio dos membros da Sociedade Cinematográfica [Film Society] que não mediram esforços para que o ilustre visitante compartilhasse seu conhecimento com a geração de cineastas que se formava naquele momento. Durante esse período, realizou palestras e cursos em que se discutiam os fundamentos da linguagem cinematográfica, arte, literatura e o futuro do cinema britânico. Eisenstein seguiu viagem para as Américas, porém, ao longo dos anos 1930, continuou exercendo forte influência no cenário cinematográfico britânico. Considerando esse contexto, o objetivo desta comunicação é apresentar o período em que Serguei Eisenstein participou das atividades da Sociedade Cinematográfica, em Londres, e analisar como essa circulação resultou em um importante espaço de debate e divulgação em língua inglesa das teorias eisensteinianas.

LEONE GINZBURG E O OFÍCIO DE TRADUZIR A RÚSSIA

Fernanda Medeiros Fernandes

Resumo: A trajetória intelectual de Leone Ginzburg, tradutor, crítico literário, professor e militante antifascista, oferece um ponto de observação privilegiado para discutir as especificidades da tradução de textos literários e teóricos russos no contexto ocidental. Nascido em Odessa e criado na Itália, Ginzburg tornou-se ainda muito jovem um dos mais importantes intérpretes da literatura russa no Ocidente, desempenhando papel decisivo na construção de pontes entre universos linguísticos e culturais profundamente distintos. A análise de sua atuação permite compreender como a tradução pode funcionar simultaneamente como instrumento de circulação de ideias e como espaço de negociação entre polissistemas literários. Ao verter para o italiano autores como Tolstói e Tchékhov, Ginzburg não apenas apresentou a literatura russa a novos públicos, mas também contribuiu para a formação de um repertório crítico que influenciaria gerações posteriores de leitores e estudiosos. Sua atenção ao estilo, à historicidade dos textos e à densidade filosófica da tradição russa evidencia uma postura tradutória que procura preservar a singularidade estética das obras, ao mesmo tempo em que as reinscreve em um novo horizonte cultural. Nesta comunicação, propõe-se examinar a contribuição de Leone Ginzburg para o campo da tradução e da crítica literária, destacando como sua prática e seu pensamento iluminam debates contemporâneos sobre mediação intercultural, circulação literária e o papel do tradutor como agente histórico.

A BALEIA E O RIO: MEMÓRIA E TRAUMA EM "O SOM DO RUGIDO DA ONÇA", DE MICHELINY VERUNSCHK, E "ZABUTTIA", DE TANJA MALJARTSCHUK

Júlia Zorattini

Resumo: O trabalho pretende explorar, a partir de uma abordagem comparatista, os temas da memória e do trauma nas obras O som do rugido da onça (2021), da brasileira Micheliny Verunschk, e Zabuttia [Esquecimento] (2016), da ucraniana Tanja Maljartschuk. Em ambos os livros, personagens de nosso presente se veem assombradas por figuras históricas de seus países, respectivamente: a menina Miranha, raptada pelos naturalistas alemães Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius e levada a Munique, onde morre poucos meses depois, e Viatcheslav Lypynsky, historiador e ideólogo do conservadorismo ucraniano. A partir dessas histórias, Josefa e a narradora inominada de Zabuttia refletem sobre questões de suas próprias biografias e identidades pessoais, que estão ligadas aos impactos transgeracionais do colonialismo, do racismo e da guerra. Embora as narrativas assumam tons bastante distintos, elas lançam mão de recursos semelhantes, porventura, em ambas, o passado e o presente narrativos correm juntos e se tangenciam em vários pontos; ambas ficcionalizam extensivamente as biografias dos personagens históricos que apresentam; ambas retratam um presente arrebatado por um passado não elaborado. Para o estudo, nos valeremos do conceito de pós-memória, cunhado por Marianne Hirsch, assim como das reflexões acerca do trauma tecidas por pesquisadores como Cathy Caruth e Márcio Seligmann-Silva. Com isso, visamos contribuir para o crescente campo dos estudos comparados entre o Brasil e o Leste Europeu, além de pensar o papel da literatura na elaboração de grandes traumas nacionais.

DISSIDENTE, MITIFICADO E ESQUECIDO: RECEPÇÃO DE ALEKSANDR SOLJENÍTSYN NO JORNALISMO BRASILEIRO ENTRE AS DÉCADAS DE 1960 E 1980

Lorena Lopes Silva

Resumo: O autor russo-soviético Aleksandr Soljenítsyn acumula mais de mil referências na imprensa brasileira entre as décadas de 1960 e 1980. Com o objetivo de compreender esse fenômeno, analisa-se a recepção de sua obra no jornalismo brasileiro no período, com foco nas representações construídas pela imprensa e nos impactos desse processo sobre a circulação e a leitura de sua produção. A pesquisa baseia-se no levantamento de ocorrências do nome do autor na Hemeroteca Digital Brasileira, bem como na análise de matérias jornalísticas, críticas literárias e paratextos editoriais. Observou-se que a recepção

de Soljenítsyn no Brasil privilegiou sua condição de dissidente político em detrimento de sua produção literária. O interesse jornalístico concentrou-se em sua trajetória pessoal, nas perseguições sofridas pelo autor, na censura e na repressão dirigidas a escritores soviéticos, bem como na denúncia do GULAG. Paralelamente, sua obra foi instrumentalizada para distintos fins ideológicos, sendo mobilizada tanto no discurso antissoviético da Guerra Fria quanto na construção de narrativas favoráveis à Ditadura Militar brasileira. Nesse processo, aspectos estéticos e formais de obras como Um dia na vida de Ivan Deníssovitch e Arquipélago Gulag foram frequentemente relegados a segundo plano, enquanto sua figura pública era convertida em símbolo da luta contra o comunismo e progressivamente mitificada, sendo apresentada como a de um herói moral e defensor da verdade. Em contraste, são raros os textos que abordam sua produção a partir de uma perspectiva estética, destacando-se as intervenções críticas de Boris Schnaiderman, que buscaram compreender a especificidade artística de sua obra. A partir da década de 1980, com o enfraquecimento das condições históricas que favoreciam a instrumentalização de sua produção, o interesse da imprensa pelo escritor diminui significativamente, ao mesmo tempo em que sua presença editorial e acadêmica se torna cada vez mais reduzida no país.

SAMUEL SACKER: UMA FABULAÇÃO DO PERSONAGEM COMO A TERAPIA DE CHOQUE NA RÚSSIA PÓS-SOVIÉTICA EM "A VIDA DOS INSETOS" DE VICTOR PELEVIN

Mayrus de Mello Solek

Resumo: O presente trabalho visa analisar a obra A vida dos insetos (1993) do autor russo Victor Pelevin, uma obra e um autor pouco conhecidos no ocidente. Desse modo, estruturaremos a análise partindo das concepções da fábula e da economia política imposta durante o período da dissolução da União das Repúblicas Socialistas (URSS) e a instauração de uma doutrina focada na terapia de choque para uma implementação de uma economia sob a lógica do neoliberalismo, cujo era o zeitgeist econômico do ocidente pós-década de 1970. Desse modo, a análise focará em dois capítulos do livro, "A floresta russa", texto ao qual abre a narrativa de Pelevin, também será analisado "A terceira Roma", partes essenciais, visto que ambas focam na visita do personagem Sam Sacker à Rússia pós-soviética com um interesse de abrir um mercado naquele novo espaço. Essa análise de personagem, partindo de um estadunidense em busca de uma exploração econômica em um "novo mundo" aberto aos negócios, mas que na prática apenas causou problemas sociais e econômicos, além de instabilidades políticas que são vistas até o dia de hoje. A análise é pautada teoricamente através de autores como Michael Parenti, Naomi Klein, Thomas Kenny, Keeran

Roger, Pierre Dardot, Christian Laval e Angelo Segrillo, entre outros, cujos textos nos ajudarão a compreender o período de transição de uma economia socialista para um capitalismo neoliberal. Ademais, autores que nos serão necessários para o embasamento dentro da crítica literária, com um foco tanto no gênero fábula quanto no conceito de personagem, são: Anatol Rosenfeld, Terry Eagleton, Elena Gomel, Fredric Jameson, Vitaly Chernetsky, Sofya Khagi, Umberto Eco, H.J Blackham, Mark Lipovetski e Angélica Soares, Irina Martianova e Maurice Colin.

SERGUEI TRETIAKOV ENTRE MOSCOU E BERLIM: FACTOGRAFIA SOVIÉTICA E RECEPÇÃO CRÍTICA ALEMÃ (1930-1936)

Paola Pacini Orlovas

Resumo: Esta comunicação propõe examinar a recepção crítica da factografia soviética de Serguei Tretiakov dentro do espaço intelectual alemão da primeira metade da década de 1930, tomando-a como uma formulação histórica específica da "literatura do fato". Partindo dos debates da Frente Esquerda das Artes (LEF) quanto ao documento, a montagem e a função social do escritor, a escrita tretiakoviana propunha deslocar a literatura da representação para uma intervenção concreta nos processos sociais e produtivos. No lugar de uma reconstrução panorâmica da circulação alemã de Tretiakov, o trabalho busca organizar a sua recepção partindo de três eixos críticos: a função social da escrita, o documento e a reportagem, e a disputa em torno do realismo e da vanguarda. Para tanto, articulam-se textos de Tretiakov, como Biografia da coisa (Biografiia veshchi, 1929) e O escritor e a aldeia socialista (Der Schriftsteller und das sozialistische Dorf, 1931), com intervenções críticas selecionadas de Walter Benjamin, Bertolt Brecht e Georg Lukács, nas quais a literatura de fato aparece, direta ou indiretamente, como problema estético e político. A edição alemã de Senhores do campo: a luta por uma economia coletiva (Feld-Herren: Der Kampf um eine Kollektivwirtschaft, 1931), publicada pela Malik Verlag, deve, também, ser considerada como parte da circulação editorial da factografia soviética dentro da Alemanha. Parte-se, então, da hipótese de que a recepção alemã de Tretiakov não traria uma assimilação da experiência soviética, mas uma série de tensões quanto à concepção documental e operativa da literatura, que era reformulada, apropriada e criticada. Ao acompanhar tais deslocamentos, busca-se compreender como a "literatura do fato" foi relida no contexto alemão: colocando em disputa a função da escrita, a mediação formal do documento e os limites políticos da vanguarda.

O BOBO, O AUTOCRATA E O NIILISTA: APLICANDO O CONCEITO GREIMASIANO DE PAPEL AO DRAMA RUSSO

Paulo Ricardo Berton

Resumo: Segundo o semioticista A. J. Greimas, existem três níveis de manifestação da personagem: o actante, o papel e o ator . A função intermediária – o papel – é uma conexão entre as estruturas mais profundas, que existem apenas em um nível abstrato, e a representação final da personagem, uma criação completa, concretizada no espaço cênico por meio de sua encarnação pelo ator. Como exemplo, o ator interpretando Iago, na peça Otelo, de William Shakespeare, desempenharia simultaneamente as funções de antagonista (actante), vilão (papel) e Iago (personagem). Esses três níveis, separados apenas para fins analíticos, coexistem ao longo de uma obra de ficção. Cada tradição literária dramática irá desenvolver papeis característicos, alguns deles restritos a um momento histórico determinado, outros aparecendo repetidamente ao longo do tempo. No caso do drama russo, este artigo observa a recorrência de três destes papeis em textos que vão desde o estabelecimento de uma escrita dramática autenticamente nacional e não mais dependente de modelos estrangeiros no final do século XVIII até os conturbados momentos atuais do século XXI. Este artigo pretende assim identificar estes "níveis intermediários de manifestação do caráter", para usar os próprios termos de Greimas, e que se configuram como típicos desta tradição dramática: o tolo, o autocrata e o niilista, na obra de renomados autores dramáticos russos modernos e contemporâneos – entre eles D.Fonvizin, A.Tchekhov e M.Gorki -, a fim de verificar a longevidade dessas figuras no repertório dramático dessa cultura.

ST: CONEXÕES E DIVERGÊNCIAS NAS TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS E TRADUÇÕES DE CONCEITOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NA LITERATURA COMPARADA NO BRASIL

Coordenação: Katia Aily Franco de Camargo, Marta Pragana Dantas e Wiebke Röben de Alencar Xavier

Resumo: A Literatura Comparada contemporânea tem se distanciado das análises puramente estéticas ou binárias para se debruçar sobre a complexidade dos fluxos globais, transatlânticos e regionais de ideias. Este Simpósio Temático propõe uma reflexão crítica sobre os processos de transferência cultural e de tradução de conceitos, tomando como eixo central a circulação e transformação de modelos teórico-metodológicos no campo intelectual brasileiro. A partir da premissa de Michel Espagne e dos

múltiplos estudos de dinâmicas de transferts culturels desde os meados dos anos 1980, compreendemos que o transporte de um objeto cultural (ou conceito) de um contexto para outro implica não apenas uma mudança de geografia, mas uma re-sementização profunda, onde o contexto de recepção cria construções e conexões novas e também ressignifica o ponto de partida. O eixo busca investigar como teorias e obras literárias atravessam fronteiras, focando nos agentes dessa translação. Para tanto, ancoramo-nos na Sociologia da Tradução e dos Intelectuais, conforme delineado por Gisèle Sapiro, Johan Heilbron e Pierre Bourdieu. Interessa-nos discutir as condições sociais de circulação internacional das ideias: quem são os mediadores? Quais são as instituições (editoras, universidades, suplementos literários, crítica) que legitimam a entrada de um conceito estrangeiro no Brasil? Como a "República Mundial das Letras", discutida por Pascale Casanova, reflete assimetrias de poder entre centros produtores e periferias receptoras nessas transferências? Igualmente relevante é questionar as divergências entre conceitos e teorias que circulam no Brasil. A noção de "periferias" receptoras já não se sustenta de forma binária; trata-se, antes, de compreender como o Brasil participa ativamente da reconfiguração de paradigmas teóricos, nem sempre em posição subordinada. Essa perspectiva nos permite superar dicotomias simplificadoras e reconhecer a agência criativa dos intelectuais brasileiros na apropriação e transformação de conceitos importados. A proposta também se abre à materialidade desses processos. Através da História da Cultura Escrita de Roger Chartier, pretendemos analisar o livro e os impressos como suportes físicos que condicionam a recepção. A circulação não ocorre no vácuo; ela é mediada pelo mercado editorial, pelas políticas de tradução e pelas transformações materiais que um texto sofre ao ser editado em solo brasileiro. Essas dimensões materiais são fundamentais para compreender como a forma física de um livro - sua tipografia, encadernação, paratextos - influencia sua leitura e apropriação pelo público brasileiro. Diálogos com as pesquisas de Márcia Abreu, Tânia de Luca, Marta Pragana Dantas, Wiebke Röben de Alencar Xavier e Valéria Guimarães são essenciais para situar essa discussão no panorama específico da crítica e da história literária nacional. Esses trabalhos nos permitem observar como o Brasil se posiciona frente aos modelos europeus e latino-americanos, não como mero receptor, mas como espaço de negociação, resistência e inovação teórica. O objetivo central deste Simpósio Temático é reunir pesquisas que analisem a literatura e a teoria sob a ótica do movimento e da transformação. Queremos entender as "conexões" (as redes de solidariedade intelectual e comercial) e as "divergência" (os ruídos, as resistências e as adaptações criativas) que ocorrem quando conceitos como "romantismo", "realismo", "modernidade" ou categorias sociológicas são importados e aclimatados pela crítica brasileira. Essas dinâmicas revelam não apenas como o Brasil absorve influências externas, mas como as ressignifica e as devolve ao circuito internacional transformadas. Para garantir a coerência teórica e evitar propostas que fujam ao escopo, este simpósio priorizará trabalhos que se enquadrem em quatro eixos temáticos fundamentais. O primeiro eixo concentra-se na Sociologia da Tradução, investigando o papel crucial de

tradutores e editores como agentes de transferência cultural. Neste contexto, interessa-nos a análise de catálogos editoriais como documentos que revelam políticas de seleção, circulação e legitimação de obras estrangeiras no mercado brasileiro. Compreender essas dinâmicas permite identificar quais autores, correntes teóricas e perspectivas foram privilegiados em determinados períodos históricos. O segundo eixo aborda a História dos Conceitos, dedicando-se à trajetória de termos teórico-metodológicos e sua transformação ao serem traduzidos ou aplicados à Literatura Comparada no Brasil. Trata-se de rastrear como conceitos europeus - frequentemente forjados em contextos específicos - sofrem re-semantizações quando incorporados ao pensamento crítico brasileiro, gerando novas interpretações e aplicações que retroalimentam o debate internacional. O terceiro eixo enfatiza a Materialidade e Circulação, através do estudo de coleções, revistas literárias e suportes impressos na difusão de ideias transnacionais. As revistas literárias, em particular, funcionam como espaços privilegiados de mediação, onde tradutores, críticos e editores negociam a entrada de novos conceitos e obras no campo intelectual brasileiro, deixando rastros materiais dessa negociação. O quarto e último eixo dedica-se às Assimetrias e Poder, promovendo discussões sobre a posição e a participação atual do Brasil no mercado global de tradução. Interessa-nos examinar os novos impactos do eixo Norte-Sul e Sul-Norte na reconfiguração de perspectivas teórico-metodológicas, transatlânticas e regionais, da e na Literatura Comparada Brasileira, reconhecendo que essas dinâmicas não são estáticas, mas continuamente renegociadas.

MATERIALIDADES DOS PARATEXTOS DAS OBRAS DE KIM HO-YEON E SOHN WON-PYUNG NO BRASIL: INVESTIGANDO A FRONTEIRA ENTRE O DIGITAL E O ANALÓGICO

Alexsandro Pizziolo Ribeiro Junior

Resumo: Nesta comunicação, proponho um estudo comparativo da produção paratextual das obras dos escritores sul-coreanos Kim Ho-yeon e Sohn Won-pyung traduzidas no polissistema literário brasileiro. Para tanto, assumo o posicionamento de que a tradução é uma transferência cultural historicamente situada que se dá por meio de práticas sociologicamente organizadas, que compreendem os processos de seleção, mediação e recepção em um continuum (Chesterman, 2006; 2007; Sapiro, 2014; Van de Pol-Tegge, 2023). A partir de Genette (2009), Batchelor (2018), McCracken (2013) e Freeth (2023), proponho uma reflexão acerca da materialidade do paratexto mediante as práticas editoriais atuais, que borram as fronteiras estabelecidas por Genette na sua delimitação do peritexto, o que reverbera na criação de imagens dos autores e das obras na cultura receptora (Lefevere, 1992). Com base nisso, investigo as estratégias de mediação empregadas pelas editoras Bertrand Brasil (e o grupo editorial Record) e Rocco

na construção do aparato paratextual dos romances publicados pelos autores. Neste estudo, volto-me para o caso dos romances Amêndoas, de Sohn, e A inconveniente loja de conveniência, de Kim, publicados no Brasil em 2023, e a relação estabelecida entre a produção de materiais distintos em múltiplos espaços de produção paratextual e a recepção desses e dos demais romances dos autores no Brasil. Observo o peritexto das obras, posteriormente adaptado para postagens nas páginas das editoras na rede social Instagram e para os estandes das editoras na Bienal do Livro de São Paulo, de 2024, no caso de Sohn, e na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, de 2025, no caso de Kim. Desse modo, a investigação gira em torno das práticas empreendidas pelos agentes envolvidos nas operações de transferência cultural para construir paratextos que existem numa perpétua (re)elaboração de signos visuais e textuais que circulam entre o analógico/real e o digital/virtual.

DAS DICOTOMIAS HISTÓRICAS À VISADA DA TRADUÇÃO COMO RELAÇÃO: A VIAGEM HISTORIOGRÁFICA DOS CONCEITOS DE ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO NA TEORIA/PRÁTICA DA TRADUÇÃO

Germana Henriques Pereira

Resumo: O conceito de "estrangeirização", e seu par oponente a "domesticação", tornaram-se incontornáveis na teoria da tradução a partir do final do século 20, impulsionados pelos trabalhos de Antoine Berman nos anos 1980 e de Lawrence Venuti na década de 1990. Se a tensão entre voltar-se ao autor (validando o estrangeiro) ou ao leitor (priorizando a fluidez) remonta a Schleiermacher (1813), o debate contemporâneo ganha novos contornos éticos e políticos e tem permeado as discussões teóricas com relação à melhor maneira de se traduzir literatura, o que define também, a contrapelo, o que seria uma má tradução. Antes de (re)ver a questão enquanto binarismo em oposição à tensão dialética que se estabelece dentro do texto traduzido, é preciso estudar como teóricos contemporâneos retomam Schleiermacher e o pensamento romântico alemão para ampliar o debate em torno da visada ética da tradução. De fato, enquanto Berman propõe uma "ética da tradução" baseada na "prova do estrangeiro" (1984/2002), Venuti parece insistir no binarismo ao denunciar os efeitos etnocêntricos da invisibilidade do tradutor no sistema anglo-americano (1991), enfocando a estrangeirização como meta de tradução. Esta comunicação discute o caminho teórico percorrido pelos conceitos de estrangeirização e domesticação na historiografia da tradução, mostrando que a questão permeia a teoria da tradução desde Cícero e Santo Agostinho (Steiner, 1975/2005). Pretende, ainda, tensionar seus limites analíticos ao confrontá-los com abordagens contemporâneas do espaço literário, que, na esteira dos estudos bermanianos, abordam a

questão pelo viés da "tradução como relação" (Berman, 1984/2002), o que rompe com a oposição aparente entre os modos de traduzir. Para tanto, articulam-se os conceitos de "universalização do literário" e de "homens traduzidos" em face das disputas entre línguas-culturas centrais e periféricas, como discutido por Pascale Casanova (2002) e a noção de tradução como espaço de reciprocidade e negociação identitária, segundo Souleymane Bachir Diagne (2026).

TRADUÇÃO E LEGITIMAÇÃO DE CLARICE LISPECTOR NA FRANÇA: O PAPEL DA EDITORA DES FEMMES - ANTOINETTE FOUQUE

Katia Aily Franco de Camargo e Vida Maria da Silva Borges

Resumo: "A obra literária não é um objeto que existe por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto [...] A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete" (Jauss, 1994, p. 25). Partindo dessa perspectiva de recepção em contextos de tradução, esta comunicação apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento que investiga os processos de recepção, circulação e legitimação da obra de Clarice Lispector na França, mediados pela editora feminista Des Femmes – Antoinette Fouque. Diante do funcionamento desigual do espaço literário internacional, obras oriundas de regiões periféricas enfrentam dificuldades estruturais para emergir e serem reconhecidas (Casanova, 2002). Nesse sentido, a tradução constitui não apenas uma transferência linguística, mas também um processo cultural e social que possibilita a reconfiguração da obra em um novo contexto de recepção. O estudo mapeia o catálogo de Clarice publicado pela Des Femmes entre 1978 e 2025 e analisa as estratégias paratextuais mobilizadas pela editora. Investigam-se duas dimensões estratégicas: (i) a reconfiguração da identidade autoral, por meio do símbolo de Vênus (♀) nas primeiras edições, das escolhas de capas e de prefácios assinados por figuras do feminismo francês; e (ii) a legitimação crítica, mediante posfácios e críticas publicadas em jornais, revistas e plataformas digitais. Os resultados preliminares indicam que a Des Femmes implementou estratégias editoriais que parecem afastar a obra de Clarice de uma leitura exotizante, recorrente na recepção da literatura latino-americana, aproximando-a de debates ligados ao feminismo e à autonomia intelectual.

TRADUÇÃO, MEDIAÇÃO, CIRCULAÇÃO: A LITERATURA BRASILEIRA NA FRANÇA

Marta Pragana Dantas

Resumo: Esta proposta de comunicação fundamenta-se em uma reflexão crítica sobre a tradução como objeto sociológico, compreendendo-a como uma prática social inscrita em complexas redes de relações entre agentes e instituições. Ao transcender a visão da tradução como mera operação linguística entre dois textos, o trabalho ancora-se na "virada sociológica" dos Estudos da Tradução, ocorrida entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000. Estabelece-se, assim, um diálogo profícuo com as perspectivas de Pierre Bourdieu (1999, 2002), Gisèle Sapiro (2010, 2012) e Johan Heilbron (1999, 2002, 2010), o qual permite entender a tradução como o principal vetor da circulação internacional de ideias. Passa-se, então, a analisar as condições sociais que alicerçam essa circulação de ideias e de livros por meio das traduções, interrogando-se as assimetrias e relações de poder que governam a República mundial das Letras (Casanova). A partir desse horizonte teórico, esta comunicação está direcionada para a discussão sobre o papel de mediadores – como tradutores e editores – que atuam na inserção de obras e autores brasileiros no campo literário francês, a exemplo de editoras como Gallimard, Métailié e Anacaona, compreendendo seus catálogos como documentos que revelam políticas de seleção e legitimação. O trabalho conclui que a sociologização da tradução (Dantas, Perrusi, 2023) permite compreender o ato tradutório não apenas como um produto, mas como um processo que produz valores, crenças e sentidos socialmente construídos.

CONEXÕES E DIVERGÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE IMAGOTIPOS SOBRE BRASIL E FRANÇA NO PERIODISMO OITOCENTISTA

Natália Gonçalves de Souza Santos

Resumo: Esta proposta é um recorte do projeto de pesquisa intitulado "Mesmo espelho, diferentes (re/in)flexões: a recepção dos artigos da Revue des deux mondes (RDM) pela crítica literária brasileira e estadunidense no Romantismo". Tal investigação parte da premissa de que o cosmopolitismo do século XIX, ao contrário do seu antepassado iluminista, baseia-se numa caraterística que seria comum a todas as nações, as diferenças, almejando sua internacionalização. Tais diferenças não seriam vistas como faltas, mas como possibilidade de enriquecimento mútuo e de intercâmbio cultural. Esse princípio foi divulgado por revistas europeias, como a RDM, fundada na França em 1829, e que, ao ostentar uma postura pretensamente liberal, propunha-se intermediária de diferentes contextos, entre eles o Velho e o Novo Mundo. Mas, alguns de seus artigos, entre os quais aqueles assinados por professores de literaturas estrangeiras, ancestrais da literatura comparada, impunham, em lugar do nobre ensejo de conhecer o Outro, uma série de impeditivos e condições ao florescimento literário das jovens nações, baseados em

imagotipos secularmente construídos. Considerando essa contradição e a centralidade da imprensa cultural francesa nos oitocentos, o objetivo do projeto é comparar a recepção dos artigos da RDM pela intelectualidade brasileira e estadunidense entre as décadas de 1830 e 1860. Como recorte para esta comunicação, pretende-se analisar uma polêmica centrada na Minerva Brasiliense (1843-1845) entre Émile Adêt e Santiago Nunes Ribeiro, na qual o primeiro responde ao discurso sobre a França, feito pelo segundo no Colégio Pedro II, depois publicado no Mercantil. O francês questiona os imagotipos divulgados sobre seu país, da mesma forma que a redação da Minerva questionou aqueles divulgados sobre o Brasil na Revue. Considerando as assimetrias desses interlocutores na república mundial das letras, a comunicação pretende discutir as relações de poder implicadas no comparatismo desde o século XIX e seus possíveis resquícios na atualidade.

HISTÓRIA DOS CONCEITOS E A (IN)FIDELIDADE NA TRADUÇÃO: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA DOS PARATEXTOS DE TRADUTORES

Teresa Dias Carneiro

Resumo: Esta comunicação propõe analisar a evolução dos conceitos de tradução e (in)fidelidade sob a perspectiva da Begriffsgeschichte (História dos Conceitos) de Reinhart Koselleck, articulando-a com as contribuições metodológicas de Quentin Skinner e J.G.A. Pocock. Historicamente inseridos em uma tradição essencialista e dicotômica, os conceitos que regem a atividade tradutória frequentemente oscilam entre polos normativos rígidos, obliterando as contingências políticas, sociais e culturais dos sujeitos que os mobilizam. A partir do arcabouço teórico da tese de Carneiro (2014), investiga-se como o conceito de fidelidade, embora preserve um núcleo semântico perene ligado ao literalismo e à busca pela equivalência, constitui um espaço polissêmico e dinâmico. Essa dinamicidade reflete-se na histórica tensão entre a translatio — a busca conservadora pela transferência literal de significados em um suposto vácuo cultural — e a traductio — a abordagem criativa e intervencionista manifesta desde as belles infidèles de d'Ablancourt até a tradução "estrangeirizadora" preconizada por Venutti. Propõe-se, assim, mapear a recepção diacrônica e os horizontes de expectativa gerados por esses conceitos a partir de um corpus negligenciado pela historiografia tradicional: o discurso dos tradutores materializado em seus prefácios e posfácios. Como paratextos editoriais, esses espaços fronteiriços funcionam como atos de fala contextualizados (Skinner), nos quais os tradutores justificam suas escolhas metodológicas, negociam sua visibilidade e redefinem o pacto de fidelidade com o leitor e com a obra original. Conclui-se que a aplicação da história conceitual aos Estudos da Tradução permite superar visões anacrônicas, revelando a

fidelidade não como uma virtude estática, mas como uma categoria histórica e discursiva em constante reconstrução.

O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA CULTURAL NO CONTEXTO BRASILEIRO DESDE A DÉCADA DE 1990: TRADUÇÕES E DINÂMICAS DISCURSIVAS

Wiebke Röben de Alencar Xavier

Resumo: A investigação sobre os processos de transferência cultural tem, desde meados da década de 1980, sua própria história e bibliografia, especialmente no contexto franco-alemão, mas também no contexto europeu e não-europeu. Isso implica projetos transnacionais, estudos de caso e discussões teórico-metodológicas sobre possibilidades e limites do conceito interdisciplinar de "transfers culturels" (Espagne, 1999; 2017; 2018). Esta contribuição pretende mostrar como esse conceito está sendo importado, discutido e reinterpretado no Brasil por meio de diferentes recepções no contexto acadêmico de eventos e projetos interdisciplinares, bem como pela tradução de textos metodológicos fundamentais desde a década de 1990. (Xavier, 2021) O conceito, traduzido no Brasil como "transferências culturais", apresenta tanto convergências quanto divergências (inter)disciplinares e conceituais, sendo combinado com diversas outras abordagens teórico-metodológicas, dependendo do objeto de pesquisa e do contexto discursivo. São aqui apresentados, sobretudo, os potenciais desse conceito para a pesquisa da história da imprensa como parte da história da literatura e da cultura em e entre diferentes espaços (trans)culturais de conhecimento.

ST: CONFLUÊNCIAS NARRATIVAS: O RELACIONAMENTO INTERPERSONAGEM NA LITERATURA DO BRASIL E DE PORTUGAL

Coordenação: Hugo Lenes Menezes, Marcela Ferreira Matos e Maria de Fatima do Nascimento

Resumo: Em 2026, a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) completa 40 anos, conforme "site" da entidade. Juntamo-nos então a outros estudiosos, no Simpósio Temático "Confluências Narrativas: O Relacionamento Interpersonagem na Literatura do Brasil e de Portugal", para celebrar tão importante momento da pesquisa acadêmica daqui e do país de Camões. A Literatura Comparada consolida-se enquanto campo dinâmico e interdisciplinar, que transcende fronteiras nacionais e linguísticas na investigação de diálogos e tensões em sistemas estético-verbais diversos. Semelhante prática encontra o principal fórum de debate e articulação no Congresso Internacional da ABRALIC, marco da sistematização teórica e difusão de trabalhos. Ao reunir pesquisadores em torno de eixos temáticos, o evento impulsiona

novas perspectivas que reafirmam a literatura como espaço de resistência e encontros culturais, a partir da construção de diferentes processos discursivos. Haja vista o título/tema do Simpósio, cumpre-nos registrar que a unidade linguística "personagem" (do latim "persona": máscara de ator) denomina, em formas dos gêneros narrativo (epopeia, conto, novela, romance) e dramático (tragédia, comédia, drama), seres fictícios à similitude dos humanos. Esses são pessoas que vivem no meio físico. Já as personagens são criaturas de um universo engendrado, onde se interrelacionam. A arte da palavra segue a evolução do pensamento mundial, ao mostrar, pela dinâmica dos papéis e máscaras sociais, que a vida privada e a pública se modificam com o tempo. O convívio interpersonagem é basilar para a compreensão da existência em comum e da empatia. O mesmo tema permeia ambiências axiológicas, com críticas costumbristas e conflitos que chegam à moderna complexidade psicossocial: desde o medievo cavaleiresco, a narrativa épica renascentista, como "Os lusíadas" (1574), de Luís de Camões, em Portugal, e no Brasil desde a epopeia intitulada "Prosopopeia" (1601), de Bento Teixeira, na virada do Renascimento para o Barroco. Aos Setecentos, surge o romance, estimulado pela imprensa. No século XIX, durante o Romantismo, temos também Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis, no país camoniano, e em terras brasílicas, Joaquim M. de Macedo, José de Alencar e Bernardo Guimarães. No Realismo-Naturalismo, contamos entre nós com Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa e Raul Pompeia, e em Portugal, com Eça de Queirós, Abel Botelho e Fialho de Almeida. As narrativas exploram ao extremo relacionamentos amorosos/passionais, sensuais e familiares, para entender fatores gregários. Ademais, o convívio das personagens entra na construção de um "retrato socionacional". No Pré-Modernismo do Brasil (1902-1922), Lima Barreto e Monteiro Lobato trazem relacionamentos calcados no coloquialismo e em questões mais políticas, com retrato do poder e das classes. Da "Semana" a 1930, primeira fase do nosso Modernismo, Mário e Oswald de Andrade ironizam contatos referentes à busca de identidade dos indivíduos e da coletividade brasileira. Na fase regionalista do Nordeste, em "Vidas secas" (1938), de Graciliano Ramos, o vínculo familiar de Fabiano, Sinha Vitória e rebentos é marcado pela dificuldade de comunicação, em face da desumanização imposta. Os laços sanguíneos são refúgios frágeis perante a necessidade de sobrevivência, consoante José Lins do Rego e Jorge Amado. As personagens são marginalizadas, em relações de opressão e mais-valia. A terceira fase, a pós-moderna, de 1945 em diante, centra-se em dramas vivenciais, sob foco linguístico-filosófico, a exemplo do que empreendem Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Dela, em particular, destacamos os tópicos: busca de identidade e alteridade, amor ambíguo/contraditório (êxitos e erros), solidão a dois, instinto materno, relações pais e filhos, enfraquecimento dos laços de família, velhice e morte, pré-fala ou insuficiência da linguagem (o indizível) e interação com o não-humano (animais e objetos). A temática de Clarice Lispector é retomada também pelas compatriotas Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Lya Luft e Maria Lúcia Medeiros, bem como pela literatura brasileira contemporânea. Em terras lusas, influenciados por vanguardas e por Freud, sobretudo

no Presencismo (1927-1940) com José Régio, autores das narrativas modernistas exploram o relacionamento interpersonagem marcado por fragmentação do "eu" e incomunicabilidade no acelerado mundo tecnológico. De 1940 a 1974, representado por Alves Redol, Fernando Namora e outros, o Neorrealismo analisa as relações numa estrutura de embates ideológico-classistas. Nas décadas de 1970 e 1980, desponta e se mantém na ativa, até 2010, José Saramago. Nele, o relacionamento interpersonagem é fio condutor ético, de profundo humanismo, não raro em cenário alegórico ou historiográfico. Igualmente, nos decênios de 1970 e 1980, surge Lobo Antunes, em cuja obra a ideia de convívios felizes é descontruída mediante foco na imperfeição humana e na falência das conexões afetivas. O autor de "Fado alexandrino" (1987) tem no livro "As outras crônicas" (2024), a derradeira publicação antes de seu falecimento em 2026. Na arte verbal lusa contemporânea, também Lídia Jorge, Valter Hugo Mãe discutem o relacionamento entre indivíduos. Assim, com o simpósio proposto, objetivamos acolher diversos trabalhos em consonância com o tema/título e a ementa.

SILÊNCIO E ERRÂNCIA: O DECLÍNIO COGNITIVO EM DUAS PERSONAGENS IDOSAS EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR E MARIA LÚCIA MEDEIROS

Adenilza Nunes Soares da Silva

Resumo: O trabalho em questão propõe uma análise comparativa entre duas personagens idosas da literatura brasileira: a personagem, sem nome, do conto Mater Dolorosa (1990), da contista paraense Maria Lúcia Medeiros, e Mocinha/Margarida do conto Viagem a Petrópolis (1964), de Clarice Lispector. O problema de pesquisa parte do seguinte questionamento: Como os contos de Clarice Lispector e Maria Lúcia Medeiros constroem personagens femininas idosas cujo declínio cognitivo pode ser aproximado da experiência da doença de Alzheimer, e o que a literatura brasileira por meio da representação delas revela sobre o lugar social de pessoas idosas? Observou-se que as duas protagonistas apresentam traços de declínio cognitivo, a saber: memória fragmentada, desorientação, alterações comportamentais e perda de autonomia. Sendo que, a protagonista de Mater Dolorosa sofre de uma memória "esgotada" ou silêncio, enquanto Dona Mocinha apresenta uma memória errática cujas lembranças e vivência são sem controle. Ambos os padrões comportamentais das personagens são compatíveis com diferentes estágios do quadro demencial na doença de Alzheimer. Contudo, o estudo não pretende diagnosticar as personagens, mas fazer uma abordagem de dados essenciais da doença como fenômeno social de saúde pública que relega pessoas idosas a situações de abandono. Nesse sentido, a metodologia adotada é da literatura comparada, com abordagem qualitativa e interpretativa dos contos escolhidos. Para tanto recorre-se aos estudos

teóricos de Susan Sontag (1989), Regina Zilberman (1989), Ecléa Bosi (1994), Hans R. Jaus (1994), Tânia Carvalhal (2006), Sandra Nitrini (2015) e Simone de Beauvoir (2019), e assim observamos como a literatura configura experiências de vulnerabilidade social.

CONFLUÊNCIAS NARRATIVAS NO RELACIONAMENTO INTERPERSONAGEM MÃE-FILHA EM VELAS. POR QUEM?, DE MARIA LÚCIA MEDEIROS E FLOR DE GUME, DE MONIQUE MALCHER

Ana Cláudia Melo Soares e Maria de Fatima do Nascimento

Resumo: Neste trabalho, propõe-se um estudo comparativo do relacionamento interpersonagens mãe-filha no espaço doméstico dos contos "Fundo poço", da obra Velas. Por quem? (1990), de Maria Lúcia Medeiros e "Suas sandálias me cabem?", de Flor de Gume (2020), de Monique Malcher, tendo como metodológia a Literatura Comparada a partir dos estudos de Sandra Nitrini (2010). Assim, investiga-se como a maternidade é representada na sociedade, no contexto do século XX e XXI da Amazônia paraense, em duas gerações de escrita de autoria feminina. Desse modo, recorremos ainda aos estudos de teóricos da literatura, críticos literários, historiadores, a exemplo de Antonio Candido (2023), Benedito Nunes (1988), Antoine Compagnon (2010), Mary del Priore (2020), Carla Pinsky, Joana Pedro (2023), Regina Zilberman (1989), entre outros. Maria Lúcia Medeiros configura em seu conto "Fundo poço" uma mãe que se anulou enquanto mulher, em virtude dos cuidados domésticos e dos filhos, mesmo estes sendo adultos, até largar tudo para viver um novo amor. Já Monique Malcher, em seu conto "Suas sandálias me cabem?" expõe uma maternidade que carrega silenciosamente a dor da violência contra a mulher em três gerações de mulheres e o apagamento histórico. Identifica-se pontos de confluência na forma como ambas as escritoras utilizam o espaço doméstico como um lugar de enclausuramento e, simultaneamente, de resistência sutil. Conclui-se que em ambas as narrativas a "liturgia do cuidado" evidencia as cicatrizes do patriarcado e da divisão de classes, transformando o silenciamento em um elo estético comum na literatura contemporânea de autoria das duas autoras.

PERSONAGENS INVERNAIS EM DIÁLOGO: PONCIÁ VICÊNCIO E CAPITÃO CELESTINO, ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Barbara Helena Rabelo Aquino

Resumo: Este trabalho insere-se no campo da Literatura Comparada e propõe uma reflexão acerca de personagens marcadas pela melancolia, pela errância e pelo deslocamento nas literaturas lusófonas contemporâneas. A partir da aproximação entre Brasil e Portugal, busca-se compreender como determinadas figuras ficcionais evidenciam crises identitárias e tensões ligadas à memória, ao

pertencimento e à condição humana. O objetivo da pesquisa é analisar comparativamente Ponciá Vicêncio, do romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e Capitão Celestino, da obra A Visão das Plantas, de Djaimilia Pereira de Almeida, observando como ambos se aproximam da configuração simbólica dos chamados "personagens invernais". Metodologicamente, a pesquisa desenvolve-se por meio de abordagem bibliográfica e comparatista, fundamentada na análise textual das obras. Como aporte teórico, mobilizam-se os mythoi de Northrop Frye, especialmente o modo invernal, associado a sujeitos fragmentados, deslocados e marcados pela perda e pela ruptura com o mundo social. Dialoga-se, ainda, com bell hooks, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez, cujas reflexões sobre raça, memória, colonialidade, gênero e silenciamento contribuem para compreender as marcas da racialização e das heranças coloniais nas subjetividades das personagens. A análise evidencia que Ponciá Vicêncio e Capitão Celestino, embora pertencentes a contextos distintos, aproximam-se enquanto figuras atravessadas pela solidão, pela incompletude e pela errância. Em Ponciá, destacam-se as marcas da pobreza, da racialização e das heranças da escravidão; em Capitão Celestino, sobressaem a culpa, o isolamento e as fissuras ligadas ao passado colonial. Desse modo, as obras revelam como a literatura contemporânea em língua portuguesa constrói atmosferas invernais vinculadas à exclusão, à memória e à fragmentação identitária.

PERSONAGENS INFANTIS E O IMPACTO DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA EM "ERA UMA VEZ", DE MARIA LÚCIA MEDEIROS E "O MENINO", DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Elisangela Ribeiro de Oliveira

Resumo: Esta comunicação traz para a discussão o conflito gerado na infância de duas personagens crianças pelo adultério da personagem mãe descoberto por seus filhos, essa situação de infidelidade conjugal da mãe ao pai dos infantes causa impactos diferentes nas duas personagens infantis dos contos "Era uma vez", do livro Zeus ou a menina e os óculos (1988) da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros (1942-2005) e "O menino", do livro O Cacto Vermelho (1949) da contista Lygia Fagundes Telles (1918-2022). Apoiando-nos na comparatista Sandra Nitrini (2000), é possível aproximar essas duas narrativas para um diálogo sobre os elementos diegéticos presentes, ou seja, o conflito das duas personagens centrais, crianças, cujas genitoras ocupam papel fundamental em suas vidas. A descoberta pelas personagens de que as mães têm um envolvimento extraconjugal sugeriria um lugar comum de sofrimento como desfecho. Entretanto, a leitura dos contos sugere que a experiência com a leitura literária da menina de "Era uma vez" projeta nela uma percepção da situação menos dolorosa que a ocorrida com a personagem central, não leitora, de O menino. Essa percepção tem apoio nos estudos de Antonio Candido (1972) uma vez que para ele a Literatura, ao mesmo tempo que revela ao homem sua própria condição,

forma-o, isto é, a literatura fornece um meio privilegiado de conhecimento de si, do outro e do mundo, capacitando o leitor para enfrentar melhor as demandas que a vida nos exige desde a infância.

"AMOR DE PERDIÇÃO", DE CAMILO CASTELO BRANCO: UMA MIRADA SOBRE O "STURM UND DRANG"

Hugo Lenes Menezes

Resumo: Um dos periódicos que originam o Romantismo germânico é a revista "Athenäum", dirigida por Friedrich Schlegel de 1798 a 1800, inclusive sob o aspecto teórico. Àquela época, circulam vários conceitos pertinentes, a exemplo de "inspiração", "originalidade", "gênio", "espírito do tempo e da nação", "folclore", "poesia ingênua" (espontânea/popular) e "historicismo". Por publicações como "Da Alemanha" (1810), da Baronesa de Stäel, bem assim por viagens da germanista franco-suíça a acompanhar August Schlegel em suas palestras, tais conceitos ancoram nos países caudatários. Em terras lusas, chegam sobretudo na bagagem da viajada/exilada Marquesa de Alorna, a "Staël Portuguesa", ali figura cimeira do Pré-Romantismo, mediante o deslocamento da fonte inspiradora clássica francesa para outras culturas europeias, mormente a dos germânicos. Entre esses, o Pré-Romantismo, estimulado pela poética anglo-saxônica do "Ossianismo" e de Shakespeare, corresponde a um movimento aproximadamente de 1770 a 1785: o "Sturm und Drang" (Tempestade e Ímpeto). Essa denominação é oriunda da peça homônima lançada em 1776 por Friedrich Klinger. Com apelo à expressão individual paroxística, à simplicidade e ao nacionalismo, o movimento se opõe à normativa influência da erudita arte gálica e da imperialista sociedade aristocrática do "Ancien Régime". Ao dar vasão aos espectros e terrores recalcados pelo empirismo iluminista, tem por essência a livre e ardente imaginação criadora, baseada no passionalismo do ímpeto irracional, no primitivismo e na consequente recusa da civilização. O protótipo do "Sturm und Drang" encontra-se num romance de amor tormentoso, que gera uma onda de suicídios: "Os sofrimentos do jovem Werther" (1774), de Johann Goethe. Particularmente em vernáculo luso, a literatura de imaginação de Camilo Castelo Branco, ou sua ficção trágico-passional, provém de semelhante linha de discurso estético-verbal. Então, com base num percurso teórico-metodológico analítico e em pesquisa bibliográfica, na comunicação que ora propomos, objetivamos enfocar ressonâncias do "Sturm und Drang" na narrativa camiliana "Amor de perdição".

PERSPECTIVAS DA GRAVIDEZ EM PERSONAGENS FEMININAS DE CLARICE LISPECTOR E DE MARIA LÚCIA MEDEIROS

Ingrid Luana Lopes Cordeiro

Resumo: A gravidez é um período em que a mulher carrega dentro de si uma vida que ela nutre e protege dentro de seu corpo. Para além de ser um processo biológico, é um acontecimento social também na medida em que transforma, de forma irreversível, a existência de uma mulher. A literatura, entre outras funções, busca representar as questões que perpassam a experiência humana, sendo que, desde meados do século XX, há um movimento que direciona a atenção para temáticas que enfoquem as problemáticas femininas, por exemplo a maternidade. Nesse sentido, observamos duas escritoras que, por meio de suas personagens, abordam a gravidez, a saber, Clarice Lispector em "Via crucis" – conto enfeixado no livro A via crucis do corpo (1974) – e Maria Lúcia Medeiros em "Carnaval" – narrativa que integra Céu caótico (2005). Desse modo, o presente estudo objetiva analisar como as autoras citadas abordam a gravidez nos contos mencionados. Para tanto, os procedimentos metodológicos estão centrados em pesquisa bibliográfica de obras teóricas, críticas e literárias, bem como em análise interpretativa dos textos literários em destaque. O arcabouço teórico do estudo é composto por trabalhos de Antonio Candido (1970), Sandra Nitrini (2000), Constância Duarte (1997), Dagmar Mayer e Maria Schwengber (2005), entre outros. Com a investigação, constatamos que as protagonistas dos contos, que são de idades e classes sociais diferentes, enfrentam os conflitos que mulheres passam durante a gestação, como o desconforto e a dor, mas também apresentam a beleza e a felicidade de trazerem uma nova vida ao mundo, pondo em evidência como esse momento transforma a vida da mulher e do meio social no qual está inserida.

FORMAS ESTRANHAS DE VIDA: UM ESTUDO DO RELACIONAMENTO INTERPERSONAGEM COM O NÃO HUMANO NA PEÇA FLORES DE ESTUFA DE NUNO JÚDICE

Juliana Braga Guedes

Resumo: Este artigo investiga a relação com o não humano na dramaturgia dos anos 1990 do escritor português contemporâneo Nuno Júdice como parte da constituição física dos corpos das personagens e do cenário da peça também. O estudo objetiva analisar em Flores de Estufa (1993) o triângulo amoroso vegetativo, o espaço da natureza nas relações humanas e a maneira como plantas, fungos e animais integram-se à própria vida. A abordagem trabalha com as categorias fitoliteratura e zooliteratura, cooperando para o entendimento dos seres teatrais que habitam uma vida estranha e metamorfoseada pelos mundos vegetal e animal. Ao fundir os corpos das personagens com o universo ecológico, as aparências refletem figuras fantasiosas que beiram o grotesco, muitas delas exploradas durante os sonhos. Com isso, utilizou-se a seguinte fundamentação teórica: Kayser (1986), Candido (2007), Maciel (2016) e Nascimento (2021). Dessa maneira, Nuno Júdice exercita uma crítica ao antropocentrismo, não para criar uma consciência ambiental, mas para possibilitar a construção de um relacionamento interpersonagem

ilimitado. Por fim, entende-se que na peça, a relação sexual, o casamento, a maternidade e a morte não são apenas etapas biológicas do ciclo vital, mas se integram a outras formas orgânicas de existência, formando uma identidade híbrida, borrando fronteiras entre o humano e o não humano.

A REPRESENTAÇÃO DO ENVELHECIMENTO FEMININO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR E MARIA LÚCIA MEDEIROS

Leliane de Cássia Gonçalves Silva e Maria de Fatima do Nascimento

Resumo: O envelhecimento é um processo natural inegável, mas em nossa sociedade capitalista tornou-se uma categoria social cujo papel, culturalmente construído, atribui-lhe a equivocada ideia de que a pessoa idosa teria menos valia em consequência do fator biológico. Assim, silenciada, oprimida e esquecida (considere a ausência de direitos, ou ao cumprimento de leis, ou ao respeito para com ela), passa a ser como se fosse um produto descartável que, muitas vezes, causa ojeriza aos mais jovens, isso porque nesta nossa realidade cognoscível ser jovem é imperativo. Ademais, como essa questão é bastante abrangente, nesta comunicação, faremos um recorte de gênero: abordaremos dramas íntimos do envelhecimento feminino na literatura brasileira de autoria feminina a partir dos contos "Ruído de passos" - extraído de A via crucis do corpo (1988) -, de Clarice Lispector, e "Maria Tarquínia" – enfeixado na coletânea Céu caótico (2005), de Maria Lúcia Medeiros. Afinal, ao cotejar tais narrativas notamos que suas protagonistas são senhoras idosas, cujas experiências de vida, apesar de não homogêneas, unem-nas quando ambas vivem sob a condição imputada à mulher anciã: invisível e desamparada. Em vista disso, traremos contribuições teóricas em perspectiva comparatista como as propostas por Sandra Nitrini (2015); acerca das narrativas utilizaremos as noções postuladas por Benedito Nunes (1973); e para pensarmos práticas cristalizadas de interditos sobre o envelhecimento feminino, uma demanda contemporânea, Ecléa Bosi (1994).

"MACABÉA: FLOR DE MULUNGU": UMA RELEITURA DE CLARICE LISPECTOR POR CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcela Ferreira Matos

Resumo: A personagem Macabéa, protagonista da obra A hora da estrela (1977), de Clarice Lispector, configura-se como uma das personagens mais complexas da literatura brasileira. Caracterizada pela subalternidade, privação material e pelo silenciamento social, a jovem migrante nordestina personifica a exclusão marginalizada no cenário urbano carioca. A perenidade dessa narrativa continua a mobilizar debates profundos na crítica literária contemporânea sobre alteridade e representação. Sob essa perspectiva, a aclamada escritora mineira Conceição Evaristo publicou, em 2023, o conto ilustrado Macabéa, flor de mulungu. A obra propõe uma revisitação intertextual e crítica da narrativa clariceana,

operando um deslocamento estético e ideológico fundamental. A proposta deste estudo consiste em analisar essa releitura literária, investigando os mecanismos teóricos e narrativos pelos quais Evaristo desconstrói a passividade original da personagem para conferir-lhe novas camadas de subjetividade, resiliência e agência histórica. Para tanto, a pesquisa ancora-se no conceito de "escrevivência", categoria teórica cunhada por Evaristo que tensiona os limites entre vivência coletiva e criação estética, tensionando as representações tradicionais de gênero, raça e classe. Busca-se compreender como a metáfora da "flor de mulungu", árvore conhecida por sua resistência e floração exuberante em condições adversas, ressignifica o destino trágico de Macabéa. O corpus metodológico pauta-se na literatura comparada, examinando os pontos de convergência e de ruptura entre as personagens criadas por Clarice Lispector e Conceição Evaristo. Em suma, o trabalho pretende demonstrar que a releitura de 2023 não apenas homenageia a matriz clariceana, mas a expande politicamente, transformando o silêncio e o desamparo da Macabéa, de 1977, em um manifesto de insurgência, vitalidade e reexistência no panorama ficcional brasileiro.

PERSONAGENS VIÚVAS EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR E MARIA LÚCIA MEDEIROS

Maria de Fatima do Nascimento

Resumo: Clarice Lispector e Maria Lúcia Medeiros são ficcionistas representativas da literatura brasileira do Século XX. A primeira estreia com o romance “Perto do coração selvagem” (1943), no Rio de Janeiro (RJ), e a segunda, com o livro de contos “Zeus ou a menina e os óculos” (1988), em Belém (PA). Ambas têm produções analisadas por Benedito Nunes. Esse publica vários livros sobre a autora de “A hora da estrela” (1977) e elabora, para a mencionada coletânea de histórias curtas da literata paraense, o prefácio intitulado “A quem interessar possa”, que é o ponto de partida à recepção crítica da contista do Pará. Em face do exposto, no trabalho que ora propomos, temos por objetivo comparar duas pertinentes figuras de viúvas, a saber, D. Anita, do conto “Feliz Aniversário”, integrante da publicação Laços de família (1960), de Clarice Lispector, e a personagem não nomeada do conto “Mater Dolorosa”, constituinte da obra Velas. Por quem? (1990), de Maria Lúcia Medeiros. As narrativas aqui enfocadas abordam temas importantes, a exemplo da falta de comunicação eficiente, em meio ao relacionamento vivenciado por determinadas mães e suas filhas cuidadoras. Os conflitos entre elas sugerem o que geralmente ocorre com as mulheres viúvas que, muitas vezes, são obrigadas a irem morar com os(as) filhos(as). Para subsidiar o presente estudo comparativo, trazemos o embasamento teórico da contribuição de Sandra Nitrini, além da teoria da estética da recepção, sob o ponto de vista de Hans Robert Jauss, Regina Zilberman e Luís Costa Lima e o estudo das mulheres idosas de Mary Del Priori e de Lídia M. V. Passos.

ST: CORPOS FORA DO LUGAR: ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE, RAÇA E CLASSE, NA LITERATURA E OUTRAS ARTES

Coordenação: Thiago Marcel Moyano, Flávio Adriano Nantes e Cláudia Nigro

Resumo: Este simpósio propõe reunir investigações que explorem múltiplas formas de deslocamentos — geográficos, subjetivos, linguísticos, corpóreos, afetivos. Interessa-nos, particularmente, pensar a figura do sujeito deslocado, fora do lugar, ex-cêntrico, como aquela que encarna não apenas a travessia entre territórios, mas também aquele que é subalternizado em relação ao gênero, à raça, à classe e à sexualidade, tornando visível a condição de corpos cuja legibilidade é constantemente posta em questão. A noção de deslocamento aqui mobilizada não se restringe à migração como movimento entre nações, mas se estende a experiências de desencaixe, de desidentificação, de excentricidade e/ou de trânsitos subjetivos, ainda não legitimadas socialmente. Nesse sentido, dialogamos com formulações de Judith Butler (1990; 2004) sobre performatividade e precariedade, compreendendo o gênero como um campo regulado por normas reiterativas que produzem tanto reconhecimento quanto exclusão. Corpos que não se alinham a essas normas — especialmente quando atravessados por marcadores de raça, classe, gênero, sexualidade — tornam-se alvos de formas sistêmicas de violência, assédio, injúria, suspeição, enraizados nos limites socais. A suspeição, como outras modalizações de violência, pode ser pensada como uma tecnologia de poder que incide sobre corpos migrantes, queer, pretos, indígenas, empobrecidos, LGBTQIA+, etc., exigindo deles uma inteligibilidade que frequentemente lhes é negada. Nesse ponto, a reflexão de Jasbir Puar (2007) sobre homonacionalismos é particularmente produtiva ao evidenciar como certos sujeitos LGBTQIA+ podem ser incorporados a projetos nacionais normativos, enquanto outros — frequentemente racializados e migrantes — permanecem marcados pela exclusão, vigilância e precarização. No campo literário, obras de Ocean Vuong, Shani Mootoo, Conceição Evaristo, Natalia Borges Polesso, Micheliny Verunschk, Marcelino Freire, Dolores Reyes, Dhalia de la Cerda, Patrícia Melo, Camila Sosa Villada, Claudia Piñeiro, e um grande etcetera, oferecem exemplos potentes de como deslocamentos, excentricidades, desidentificações, desencaixes, se entrelaçam à constituição do sujeito e como ele não passa incólume ao olhar social. Estas escritoras e escritores trazem à discussão "os sujeitos inconvenientes" e o modo como são vistos, percebidos e pensados por uma sociedade cujo modus operandi é racista, classista, sexista, xenófobo, lesbo-gay-bi-transfóbico. Neste sentido, a escrita literária, bem como outras artes num sentido mais amplo, emerge como espaço de reinscrição e realocamentos, mas também como evidência de fraturas: aquilo que não se traduz, que não se diz, que escapa. Ao mesmo tempo, as obras dos autores anteditos sugerem que a dificuldade de legibilidade não deve ser entendida apenas como déficit ou exclusão, e que mesmo sob as mais violentas condições, sujeitos seguem forjando novas formas de agenciamento e existência. Aqui, a proposta de Eve Kosofsky Sedgwick (2003) sobre leituras reparativas

pode oferecer uma chave interpretativa relevante: em vez de apenas denunciar os mecanismos de suspeição, subalternização, racialização, empobrecimento, sexismo, seria possível também atentar para os modos pelos quais sujeitos e textos constroem vínculos, afetos e estratégias de sobrevivência que não se deixam capturar integralmente por lógicas violentas de invisibilização, rechaços, injurias e/ou práticas letais. Ademais, Jack Halberstam (2011) também enriquece essas leituras em suas proposições sobre como a experiência queer e/ou outras monstruosidades (Preciado, 2020) frequentemente desestabilizam narrativas lineares de progresso, sucesso ou integração, abrindo espaço para temporalidades desviantes, marcadas por interrupções, retornos e descontinuidades. Se Calvino (2006) tem razão ao afirmar acerca dos usos que se fazem da literatura — usos políticos certos e errados —, é possível implementar, por intermédio da crítica literária ou das artes em geral, um discurso que tensione e vá na contramão do discurso social vigente. Neste sentido, a escrita literária a qual pensamos busca identificar os sujeitos inconvenientes, inadequados, descentrados, alocados para além da fronteira das subjetividades hegemônicas, perceber como se movem socialmente e quais são as sanções empreendidas por essa mesma sociedade. Como certos corpos se tornam "difíceis de ler"? Quais são as consequências políticas e afetivas dessa dificuldade? De que maneira a literatura, o cinema, as artes visuais e outras formas culturais elaboram essas experiências? E, ainda, como pensar corpos historicamente (repetidamente) subalternizados, inviabilizados, empobrecidos, vilipendiados, eliminados, em última esfera letalmente, não apenas em termos de mecanismo de controle, mas também como ponto de partida para práticas críticas e criativas? Convidamos, então, pesquisadoras e pesquisadores que abordem questões concernentes entre o texto literário, bem como de outras artes, e corpos deslocados do território, da raça, da classe, do gênero e da sexualidade, atentando para as estruturas sociais empíricas representadas pelo/no discurso artístico. A partir de abordagens interdisciplinares, buscamos abrir um espaço de diálogo que acolha diferentes objetos, contextos e perspectivas teóricas.

MOÇO DO TOM, GAMENHO, JANOTA, CASQUILHO, PETIMETRE, DÂNDI: APRESENTAÇÕES NEGATIVADAS DO MASCULINO NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Alice Bentzen Fonseca Assumpção

Resumo: Analisaremos uma construção de personagem masculina que atravessa diferentes obras e autorias do romantismo brasileiro, atendendo por nomes e adjetivos como moço do tom, gamenho, janota, casquilho, petimetre e dândi. Essa personagem, ainda que comporte variações, é sempre um homem dedicado a vestir-se e comportar-se com distinção em sociedade, buscando trânsito social ou atenção feminina. Do ponto de vista da narração, essa figura é apresentada de forma negativada, seja pelo

ridículo, pelo mau-caratismo ou pela vilania. Propomos pensar essa recorrência ficcional como uma personagem-tipo, de criação compartilhada, que rompe com expectativas sobre o masculino abrigadas no nível da narração. Seguindo o rastro dessa personagem, nosso corpus inclui obras do início da prosa narrativa brasileira, com Josino do Nascimento Silva, Pereira da Silva, Paula Brito e Teixeira e Souza, e autorias mais consagradas, como Alencar e Macedo. Abrange ainda poesias de feição satírica e narrativa de Luiz Gama e Azevedo, bem como produções da contestada fase romântica de Machado de Assis. Buscando sondar o contexto histórico dessa construção coletiva, recorremos a Schwarcz (1997), Roquette (1997), Lopes Gama (1996), Mello (1996), Carassus (1971) e Souza (1996), leituras que convergem ao sugerir, como base do fenômeno analisado, as tensões decorrentes da influência cultural francesa nas modas e nos costumes. No repertório de obras estudado, a antipatia contra essa personagem-tipo parece estar ancorada na crítica à imitação da moda europeia, na censura ao comportamento sexual masculino namorador, na noção de "efeminação" e em estereótipos sociais em circulação na sociedade brasileira oitocentista. Percorrendo um caminho amplo, mas cientes da necessidade de investigações suplementares, nossa intenção, nesse momento de nossa pesquisa, é, sobretudo, sinalizar e discutir a recorrência dessa construção ficcional, percebendo-a como um discurso regulador do masculino produzido pela literatura brasileira do século XIX.

A FLOR MONSTRUOSA: ANATOMIA FEMININA NA LITERATURA

Ana Beatriz Pereira Ramos

Resumo: A presente pesquisa propõe uma análise comparada da monstruosidade feminina entre o romance "E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto", de Rubem Fonseca, e o conto "As coisas que perdemos no fogo", de Mariana Enriquez. O objetivo principal consiste em observar como a mulher, na literatura, tem suas questões humanas demonizadas sob uma perspectiva masculina, sobretudo capitalista. A pesquisa parte da hipótese de que a monstruosidade atribuída às mulheres nas narrativas analisadas não se constrói apenas pelo caricatural ou pelo horror físico, mas também pela repressão do desejo, pela violência simbólica e pela tentativa de controle do corpo feminino. Desse modo, o trabalho se norteia pelos seguintes textos teóricos: "Calibã e a Bruxa", de Silvia Federici, utilizado para compreender a construção histórica da violência contra o corpo feminino e os mecanismos de controle patriarcal e capitalista que associam a mulher ao perigo, à desordem e à monstruosidade; "The Gothic Body", de Kelly Hurley, como base teórica para analisar a representação do corpo monstruoso no gótico contemporâneo, especialmente a deformação, o abjeto e a instabilidade do corpo feminino; "Canibalismo Amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia", de Affonso Romano de Sant'Anna, mobilizado para discutir as relações entre desejo, violência, erotismo e interdição presentes na construção

simbólica da mulher monstruosa; e "O Demônio da Teoria", de Antoine Compagnon, como suporte metodológico; "Os limites da interpretação" de Umberto Eco, será utilizado para a discussão acerca dos limites e possibilidades da interpretação teórica na literatura.

AMOR, ÓDIO, VIDA E MORTE: EXISTÊNCIA SOCIAL E ESTÉTICA DA MULHER NEGRA EM "MARIA", DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E "MARIA, MARIA", DE MILTON NASCIMENTO E FERNANDO BRANT

Ângela Márcia dos Santos Façanha e Letícia de Araújo Bernardes

Resumo: A produção literária de Conceição Evaristo é marcada por uma relação com a vivência social da comunidade negra, sendo construída a partir da Escrevivência, elaborada pela autora tanto como clave teórica quanto como gesto estético. Nessa lógica de construção, "Maria", conto publicado na obra Olhos d'água (Evaristo, 2016), tem como recorte temático a violência social que notadamente recai sobre corporeidades negras na sociedade brasileira. Em "Maria", é um corpo feminino, negro e pobre que se vê violentamente massacrado pelas dinâmicas de uma sociedade patriarcal e capitalista. Ao mesmo tempo, porém, tensiona-se uma relação de amor vivido no passado da personagem: tanto a ternura pelo antigo companheiro quanto a constante preocupação com os filhos colocam-se em contraste diante da brutalidade para a qual o conto se encaminha. Materializam-se, então, pela escrita, as complexas dimensões dessa subjetividade que fundamentam o fazer estético da autora. Paralelamente, na música popular brasileira (MPB), a canção "Maria, Maria", de Milton Nascimento e Fernando Brant, do álbum Clube da Esquina 2 (1978), coloca na centralidade discursiva a imagem e a experiência histórica da mulher negra na realidade nacional, destacando o viver e o amar como princípios essenciais em sua existência. Nesse sentido, objetivamos analisar comparativamente como a linguagem literária de Evaristo e a lírica musical de Nascimento e Brant materializam esteticamente a violência e a existência social da corpo-negro-feminino a partir das dualidades Amor versus Ódio e Vida versus Morte. Para a análise do trabalho estético da temática social, sob uma perspectiva qualitativa, colocamos em diálogo os apontamentos teóricos de Cortázar (1993) e Candido (2006, 2019). Desse modo, esperamos destacar que as categorias de oposição mencionadas se configuram como estratégias narrativas que tensionam a vivência de diferentes "Marias" para além do texto literário ou musical, alcançando a representação da realidade das mulheres negras no Brasil.

A MENINA É O MONSTRO: A RAIVA FEMININA SOB A PERSPECTIVA DA LEITURA REPARADORA DE SEDGWICK

Constanza Salvatori

Resumo: O presente trabalho parte do desenvolvimento do projeto de mestrado em fase inicial intitulado "A menina é o monstro: escrevendo a raiva feminina", cujo objetivo é problematizar o cânone dominante acerca das representações da raiva feminina na literatura contemporânea. Fundamentando-se no pressuposto de que o cânone literário dominante tende a restringir a ira das mulheres a reações de vingança decorrentes de violência e outras formas de abuso que partem de figuras masculinas, portanto limitando-as exclusivamente a posições vitimizantes, este trabalho utiliza-se da perspectiva de Sedgwick em seu ensaio "Leitura paranoica e leitura reparadora, ou você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você" (2020) para defender a raiva como uma potência afetiva de agenciamento e autonomia narrativa e não apenas como um subproduto do sofrimento ou da denúncia paranoica. Acordando-se com os entendimentos propostos por Sedgwick (2020), é realizada a comparação de exemplos dentro da literatura contemporânea contextualizados no tema da raiva feminina que podem encaixar-se nos conceitos de leitura paranoica e leitura reparadora. A partir das comparações, analisam-se os elementos literários, psicológicos e sociais que contribuem para as classificações adotadas. Objetiva-se, a partir dessa investigação, demonstrar como a escrita literária se consolida como um espaço político e estético de reinscrição, realocamento e emancipação para além do olhar falocêntrico que hoje predomina esse campo.

O MONSTRO NO ARMÁRIO, EM "MAU HÁBITO", DE ALANA PORTERO

Flávio Adriano Nantes

Resumo: A partir da conferência, pautada por uma querela, sobretudo entre os pesquisadores da temática queer e/ou LGBTQIA+ e a comunidade psicanalítica, proferida por Paul B. Preciado, que tempos depois foi publicada sob o título "Eu sou o monstro que vos fala", buscar-se-á pensar o romance "Mau hábito", de Alana Portero e o processo de monstrificação empreendido por uma sociedade lesbo-bi-trans-queerfóbica. A sociedade em questão é a Espanha de início dos anos 1980, pós-franquista, abrindo-se para o mundo, mas carregada de elementos que limitava a liberdade dos cidadãos, principalmente aqueles cujas vidas ou subjetividades se desviam do cânone. A escritora espanhola constrói uma narrativa que se inicia antes mesmo do nascimento da heroína - uma mulher trans que vive anos de angústia, dor, depressão, por sufocar a identidade de gênero e não conseguir empreender o processo de transição - até o momento em que não suportando mais viver num corpo que não reconhece como seu, destrói a porta do armário-claustro e passa a viver como mulher. A proposta desta comunicação tratará, então, de inferir como as vivências de um corpo T estão pautadas pela violência, assédios, injúrias, solidão, antes e depois da ruptura com o armário, demonstrando que a vida de sujeitas e sujeitos factuais encontram eco em "Maus hábito".

TRANSCRIAÇÃO DO MITO DE TIRÉSIAS: ETNOGRAFIA, GÊNERO E ROTEIRO CINEMATOGRÁFICO

Gracielly Dias de Moura (nome social: Grá Dias)

Resumo: O corpo trans, na tessitura social contemporânea, emerge como um corpo "fora do lugar" — alvo de suspeição, ilegibilidade e violência simbólica. Esta pesquisa propõe a transcriação do mito grego de Tirésias em um roteiro cinematográfico de longa-metragem, operando uma ressignificação que desloca a figura mítica de seu contexto clássico para o campo das vivências trans, travestis e não binárias em Fortaleza. A investigação fundamenta-se em etnografia e autoetnografia implicada (Mattos & Castro, 2011), com aproximadamente dez participantes, e utiliza o conceito de transcriação de Haroldo de Campos (1992) como operador teórico-criativo — uma "destruição criadora" que transforma o mito original ao incorporar a fluidez de gênero e a sabedoria oracular como categorias vividas. A performatividade de gênero (Butler, 2003) e a interseccionalidade (Crenshaw, 1989) orientam a análise dos dados etnográficos, organizados em categorias como "fazer-se", encontro, espiritualidade, redes de apoio e agência comunitária. A noção de counterpublics (Warner, 2002) permite compreender como esses corpos forjam espaços alternativos de fala e pertencimento, enquanto o conceito de homeplace (hooks, 1990) ilumina a construção de territórios afetivos de resistência. O processo criativo do roteiro "SOBREVIVI" é investigado à luz das epistemologias negras e a representatividade trans (Gadelha, 2023) que ancoram a dimensão política da pesquisa. Ao reinscrever Tirésias como figura deslocada que transita entre normas de gênero, a pesquisa contribui para os Estudos de Literatura Comparada — estabelecendo diálogos entre narrativa clássica e contemporânea —, para os Estudos de Gênero e Sexualidade — ao afirmar autoria e agência trans —, e para o Cinema e Artes — ao propor o roteiro como ferramenta de transformação social. A tese materializa a reexistência da narrativa mítica no audiovisual, ampliando o imaginário cultural e combatendo a sub-representação de corpos e vozes dissidentes.

POESIA E RESISTÊNCIA: OS CORPOS SUBALTERNIZADOS EM "VERSOS ADVERSOS", DE PEDRO CASALDÁLIGA

Inae Manuele Nascimento de Oliveira

Resumo: A poesia de Pedro Casaldáliga constrói uma representação de sujeitos socialmente deslocados, evidenciando corpos que permanecem “fora do lugar” dentro da lógica econômica e social dominante. Em Versos Adversos, trabalhadores rurais, indígenas, peões e crianças pobres aparecem como sujeitos marginalizados, marcados pela exclusão territorial, pela violência e pela precarização da vida. Alfredo Bosi (2006) afirma que a poesia casaldaliana denuncia “os índios banidos ou massacrados, os posseiros

espoliados, os lavradores e pescadores expulsos" (BOSI, 2006, p.11), revelando corpos cuja existência é constantemente atravessada pela negação de pertencimento e de direitos. Nesse contexto, poemas como "Peão do trecho", "Picolezeiro" e "Cemitério do sertão" evidenciam sujeitos considerados inconvenientes pela ordem social hegemônica. O "peão", transformado em mão de obra descartável, ocupa um espaço de invisibilidade social, enquanto o "Picolezeiro" apresenta a infância deslocada de sua condição de proteção e submetida precocemente ao trabalho. Já em "Cemitério do sertão", a reivindicação da terra simboliza a luta por reconhecimento e existência social: "Mas para viver, /terra exijo ter" (CASALDÁLIGA, 2006, p. 24). O corpo fora do lugar, portanto, aparece associado à exclusão territorial e à impossibilidade de pertencimento pleno. Além da denúncia, a poesia de Casaldáliga transforma esses sujeitos marginalizados em protagonistas de resistência coletiva. Santos (2014) destaca que o poeta encontra "na e pela palavra, uma arma invencível e eficaz" para denunciar "o cenário de exploração e miséria" vivido no Araguaia (SANTOS, 2014, p. 52). Assim, sua obra ressignifica corpos historicamente silenciados, convertendo a literatura em espaço de memória, denúncia e enfrentamento das estruturas de exclusão social.

O IMPASSE DA REPRESENTAÇÃO E A FARSA DA IDENTIDADE: A ARMADILHA DO ESTEREÓTIPO EM TOPDOG/UNDERDOG, DE SUZAN-LORI PARKS

Isabelle Santos do Vale

Resumo: A presente comunicação visa analisar a peça Topdog/Underdog (2001), da dramaturga afro-americana Suzan-Lori Parks, investigando os limites da representação de corpos historicamente subalternizados e alocados para além da fronteira das subjetividades hegemônicas. A obra centra-se nos irmãos Lincoln e Booth, homens negros e empobrecidos que, em um quarto de pensão precarizado, ensaiam dinâmicas de poder enquanto lutam pela sobrevivência econômica e identitária. Em diálogo com a proposta do simpósio, a pesquisa recusa a leitura do estereótipo racial como mero clichê estático, abordando-o como "Imagem de Controle" (Collins, 2008) exigida pelo regime de visibilidade do teatro de tradição ocidental. No entanto, em vez de focar apenas na denúncia desse mecanismo de controle, a análise atenta para o modo como os personagens utilizam essas mesmas fôrmas racistas , o dócil Minstrel e o marginal Hustler, como estratégias de sobrevivência e táticas de inserção social. A partir do tensionamento do "tipo" cômico (Pavis, 1996) com o sentimento de luto da "tragicomédia negra" (Carpio, 2008), o trabalho demonstra como a performance desses corpos "inadequados" desestabiliza a narrativa linear do Sonho Americano e do progresso burguês. A hipótese central é que, ao habitarem o estereótipo, a complexidade do trauma e a miséria que atravessam os protagonistas fazem o tipo teatral desestabilizar. Valendo-se do conceito de "Quebra" (Break) de Moten, o estudo evidencia o momento em que a representação entra em colapso e a materialidade fônica da dor negra rasga a farsa da identidade.

Conclui-se que, na dramaturgia de Parks, o próprio mecanismo de controle se converte no ponto de partida para uma prática crítica que, embora asfixiante, abre uma discussão sobre o impasse da (im)possibilidade de capturar integralmente a experiência negra nas lógicas da representação hegemônica.

DE LUANDA A LISBOA: CARTOGRAFIAS AFRODIASPÓRICAS

Julieny Souza do Nascimento

Resumo: Luanda, Lisboa, Paraíso (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, escritora portuguesa de origem angolana, narra as complexas relações que moldam a vida de sujeitos em trânsito entre Luanda (Angola) e Lisboa (Portugal). As trajetórias de Cartola e Aquiles, pai e filho, evidenciam as dinâmicas e tensões do pós-colonialismo, revelando questões como assimilação, exclusão, invisibilidade e marginalização vivenciadas por imigrantes africanos, mas não só, em Lisboa. O deslocamento espacial mostra como as cidades se configuram como palcos de conflitos e fraturas herdadas do colonialismo, que ainda reverberam no período pós-independência, demonstrando como o espaço urbano permanece atravessado por relações de poder historicamente constituídas e reconfiguradas. Problematiza, também, a permanência de hierarquias coloniais na organização dos espaços urbanos e nas relações sociais contemporâneas. Utilizando a contribuição interdisciplinar de vozes como Boaventura de Sousa Santos, Eduardo Lourenço, Edward Said, Gayatri Spivak, Henri Lefebvre, Homi Bhabha e Juhani Pallasmaa, o presente trabalho propõe uma leitura da cidade como espaço material e simbólico no qual se entrelaçam experiências, identidades, memórias e vivências pós-coloniais, destacando a dimensão afetiva, espacial e estética dos fluxos migratórios e suas implicações na formação das subjetividades no contexto português. Articula-se cidade, literatura e memória para uma análise crítica das cidades pós-coloniais contemporâneas.

ENTRE TRADIÇÃO E DISSIDÊNCIA: RECONFIGURAÇÕES DA GAUCHESCA EM LAS AVENTURAS DE LA CHINA IRON

Lara Arena Chaves

Resumo: O presente trabalho analisa a obra literária Las aventuras de la China Iron (2017), de Gabriela Cabezón Cámara, como operação crítica que desestabiliza os pressupostos ideológicos da tradição gauchesca argentina, a deslocando de um projeto identitário patriarcal, heteronormativo e nacionalista para um horizonte feminista, queer e decolonial. A partir do diálogo com o clássico Martín Fierro (1872-1879), de José Hernández, a narrativa reinscreve a pampa como espaço emergente de vozes subalternas silenciadas pelo cânone. O estudo articula duas perspectivas teóricas principais: (i) a concepção de tradição e precursoriedade estabelecida por Jorge Luis Borges que permite compreender a relação entre Hernández e Cabezón Cámara, na qual a obra contemporânea reconfigura a inteligibilidade do passado; e

(ii) a análise da teórica Josefina Ludmer, que interpreta a gauchesca como máquina literária da nação, instaurando regimes de representação vinculados à masculinidade heróica e ao Estado em formação. Ao mobilizar diferentes estratégias, a autora promove uma refundação simbólica do gênero, instaurando formas narrativas que conjugam dissidência estética e política. Dessa forma, o romance se estabelece como gesto de resistência, operando na reinscrição da memória literária, questionando os alicerces da identidade nacional e propondo novos modos de pensar a literatura, o corpo e o território no século XXI.

INSCRIÇÃO DAS LESBIANIDADES E DISSIDÊNCIAS CORPORAIS EM NATALIA BORGES POLESSO E JARID ARRAES

Larissa Dias Barbosa

Resumo: O corpo frequentemente constitui a primeira forma de inscrição do sujeito no mundo, manifestando-se por meio da aparência, dos gestos, das performances e das relações que estabelece socialmente. nesse sentido, pensar o corpo em articulação com a dissidência permite compreender como determinadas existências são historicamente reguladas, silenciadas ou apagadas. esta pesquisa propõe discutir a inscrição das lesbianidades na literatura brasileira contemporânea, tomando como corpus os romances Controle (2019), de natalia borges polesso, e Corpo Desfeito (2022), de Jarid Arraes. O estudo parte do reconhecimento do apagamento histórico das experiências lésbicas na literatura nacional e da necessidade de reinscrevê-las como categoria estética, política e histórica. Como aporte teórico central, mobiliza-se a reflexão de Adrienne Rich (2010) sobre a heterossexualidade compulsória e a tradição lésbica, especialmente no que se refere aos mecanismos de invisibilização das relações entre mulheres. Segundo a autora, as experiências lésbicas foram frequentemente destituídas de continuidade histórica, reconhecimento e suporte social. No campo literário, tal apagamento também se manifesta, sendo tensionado pela emergência de autorias femininas e dissidentes que produzem outras formas de representação. Metodologicamente, a pesquisa recorre à análise do discurso de perspectiva bakhtiniana para examinar os modos pelos quais as narrativas selecionadas constroem personagens, representam violências e instauram possibilidades de resistência. Defende-se que a literatura lésbica contemporânea amplia as representações das lesbianidades e produz novas formas de memória coletiva e de elaboração de futuros dissidentes.

ESPACIALIDADES INSURGENTES: O CORPO, O TERRITÓRIO E O LUGAR NOS DISCURSOS DE PODER NAS NARRATIVAS DE ARENAS E LEMEBEL

Lorena Paola Gatica

Resumo: Resumo Na América Latina, as literaturas dissidentes moldaram espaços críticos de resistência contra os mecanismos repressivos estabelecidos por ditaduras e regimes autoritários. Nesse contexto, este artigo propõe uma análise comparativa das representações de corpos queer em "Arturo, la estrella más brillante" (1984), de Reinaldo Arenas, e "Tengo miedo torero" (2001), de Pedro Lemebel, com especial atenção às relações entre corpo, desejo, censura e violência estatal nos contextos da Cuba revolucionária e da ditadura militar chilena liderada por Augusto Pinochet. Esta pesquisa situase no âmbito dos estudos queer latinoamericanos e das perspectivas decoloniais sobre corporeidade e poder, compreendendo os "corpos queer" como territórios políticos atravessados por mecanismos de disciplina, exclusão e vigilância, mas também como espaços de resistência simbólica e reapropriação do desejo. A análise se baseia nas contribuições teóricas de Rita Segato sobre a inscrição da violência nos corpos; José Esteban Muñoz sobre memória queer a desidentificação e o potencial utópico do desejo queer; Michel Foucault sobre biopolítica e disciplina corporal; e Paul B. Preciado sobre as tecnologías de controle político-sexual. Dialogando com as formulações de Leticia Nascimento sobre corpos desobedientes no Sul Global, o trabalho incorpora uma leitura interseccional que articula sexualidade, classe, marginalidade e violência política. Consequentemente, este trabalho argumenta que ambos os textos constituem arquivos de memória queer onde o corpo dissidente emerge como uma superfície para a inscrição da violência estatal e, simultaneamente, como um território de resistência afetiva, política e simbólica. Dessa forma, as obras analisadas transformam o desejo em uma prática de insubordinação capaz de desafiar as tecnologias de controle sobre as sexualidades periféricas na América Latina.

RESSIGNIFICANDO O HUMANO: REPRESENTAÇÕES DE RESISTÊNCIA E REINSCRIÇÃO DE CORPOS NA ANTOLOGIA DE CONTOS "MEANWHILE, ELWHERE" DE CAT FITZPATRICK E CASEY PLETT

Lua Alves Braz dos Santos

Resumo: Neste artigo discutimos como o conceito de Humano é ressignificado em diversas narrativas na antologia "Meanwhile, Elsewhere" (2017) organizada por Cat Fitzpatrick e Casey Plett. Nos questionamos fundamentalmente: Qual é a relação entre ser Humano e a possibilidade de ocupar um lugar enquanto um corpo? Utilizando como metodologia os estudos de gênero, sexualidade, raça, classe, coloniais e pós-humanistas procuramos entender como o deslocamento e a sensação de não pertencimento estão associadas ao processo de não reconhecimento com a identidade Humano. Tomando como referência o conceito de performatividade de Judith Butler, reconhecemos o Humano nessas histórias como parte de uma expêriencia reiterada por ações que mantêm a humanidade intacta. Dessa forma, ser Humano se torna uma identidade, e torna-se possível compreender que o corpo minorizado é inscrito neste espaço

por meio de um processo de outrificação/alteridade/abjetificação que desloca esse corpo retirando muitas vezes o seu lugar e a possibilidade de ser Humano. Assim, procuramos exemplificar como o conceito de Humano é confrontado na ficção especulativa desenvolvida nos contos visando também, compreender a maneira como o conceito de Humano não só pode ser ressignificado e repensado para além de uma descrição daquele que pertence a espécie Homo Sapiens, como também há um conceito que pode ser reduzido a experiência colonial. Tomando como referência as reflexões teóricas de autores como Judith Butler, Sofia Favero, Letícia Nascimento, Paul Preciado, Zakiyyah Iman Jackson, Rosi Braidotti, Julia Kristeva, Michel Foucault entre outros, questionamos o conceito de Humano e como ele se relaciona com a experiência de não-pertencimento, abjetificação, alteridade e outrificação que geram e organizam os significados socialmente associados ao conceito de Humano.

PILOTAS DA AUTOESTRADA: A PRESENÇA DISRUPTIVAS DE MULHERES LÉSBICAS E QUEER NO ROAD NOVEL CONTEMPORÂNEO

Luciana Costa Brandão

Resumo: O road novel contemporâneo é tido como um recorte de gênero literário tradicionalmente masculinado, tendo suas origens associadas a um legado de obras produzidas por homens brancos e heterossexuais de origem norte-americana, tendo "On the road", de Jack Kerouac (1957) como exemplo de obra fundadora do seu cânone. A norma é a objetificação das mulheres e de nossos corpos, com as personagens femininas sendo representadas como obstáculo ao "herói aventureiro" ou mero objeto de desejo sexual dos protagonistas homens. Partindo da compreensão da autoestrada como um locus de poder generificado e utilizando os conceitos de "tecnologia de gênero" conforme proposto por Teresa de Lauretis e de "regulações de gênero" de Judith Butler, questiono a autoestrada e suas derivações em rodovias e "highways" como um objeto-espaço tradicionalmente masculinizado, feita por homens e para Homens – brancos, cis e héteros. Quem este espaço convida a ser ocupado e que tipo de performance ele sustenta? Quais existências ele expulsa, destrói e ameaça? Buscando extrapolar estas questões e contribuir para o debate acerca das subversões de gênero que vem ocorrendo neste recorte literário, proponha analisar um conjunto de cinco obras escritas por mulheres com protagonistas lésbicas e/ou queer, sendo elas: Flaming Iguanas, de Erika Lopez (1997); Guadalupe, de Angélica Freitas e Odyr (2012); Todos nós adorávamos caubóis, de Carol Bensimon (2013); Nevada, de Imogen Binnie (2013); e Potencial para matar, de Hannah Deitch (2025). São analisadas as principais motivações das protagonistas para "pegarem a estrada" bem como as consequências e desdobramentos da sua entrada em campo. Deste movimento decorre uma nova politização do espaço, com a explicitação das estruturas de poder patriarcais e de

conflitos que se dão a partir do choque queer com as estruturas das normas patriarcais e misóginas vigentes nas estradas.

CONVERSATIONS OF ONE'S OWN: OS DIÁLOGOS ENTRE WOOLF E ROONEY

Luiza Khoury

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura dos ensaios de Virginia Woolf A Room of One's Own (1929), Women and Fiction (1929) e Three Guineas (1938), e dos romances Conversations with Friends (2017), Normal People (2018) e Beautiful World, Where Are You (2021), de Sally Rooney, a partir da figura da "mulher comum" como sujeito historicamente deslocado. Partindo das reflexões Woolfianas sobre condições materiais da escrita feminina e da importância historiográfica da mulher escritora, o trabalho investiga como ambas as autoras conferem centralidade a experiências femininas situadas às margens da legibilidade social, cultural e histórica. Woolf denuncia o apagamento histórico das mulheres das narrativas dominantes, defendendo a necessidade de registrar e valorizar vidas percebidas como secundárias. Ao deslocar o foco para a experiência cotidiana e para a subjetividade da dita mulher comum, Woolf redefine os limites da representação literária. Os romances de Rooney também centralizam sujeitos marcados pela vulnerabilidade emocional, pela precariedade econômica e por sentimentos de inadequação. Sua ficção transforma intimidades fragmentadas e rotinas banais em matéria narrativa central, produzindo um arquivo literário da experiência millenial à margem na Irlanda contemporânea. Sem defender continuidade direta entre as autoras, o trabalho busca identificar aproximações temáticas e formais em seu interesse temático compartilhado. Se Woolf escrevia diante da exclusão institucional feminina dos espaços de educação, produção intelectual e independência financeira, Rooney retrata personagens inseridas em universidades, circuitos culturais e formas relativamente consolidadas de autonomia social. Ainda assim, elas são atravessadas por formas de deslocamento manifestadas na precariedade emocional, na ansiedade de classe e nas dificuldades de inteligibilidade afetiva características da sociabilidade neoliberal. Argumenta-se que a centralidade conferida por Rooney à experiência ordinária feminina permite que questões fundamentais da reflexão Woolfiana da escrita, da visibilidade e da vida cotidiana reapareçam sob diferentes condições históricas e sociais.

REPRESENTAÇÕES DE TRABALHADORES IMIGRANTES NA NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: QUESTÕES DE CLASSE E PERTENCIMENTO, DO AMBIENTE RURAL AO URBANO

Marianna Borges Soares

Resumo: Esta comunicação tematiza deslocamentos internacionais de trabalhadores para o Brasil a partir de dois romances brasileiros contemporâneos: Nihonjin, de Oscar Nakasato (2011) e Morte Sul Peste Oeste, de André Timm (2020). Serão investigadas representações do trabalhador imigrante em dois contextos históricos: a onda migratória do início do século XX que atraiu, dentre outros, trabalhadores japoneses para as lavouras de café; e o recente fluxo de migrantes latino-americanos e caribenhos atravessando fronteiras em busca de trabalho, empregados sobretudo por indústrias agroexportadoras, especialmente no setor frigorífico. Mesmo a um século de distância, observam-se a partir dessas narrativas experiências de subalternização, particularmente em relação a marcadores de classe social (Dalcastagnè, 2026). O trabalho nos cafezais assim como nas esteiras de produção é marcado pela exploração e desumanização dos trabalhadores, que, por sua condição de não nacional, experimentam formas particulares de violência. A classe de trabalhadores desassistidos da contemporaneidade é denominada precariado (Standing, 2014), sendo certo que trabalhadores migrantes encontram-se em maior fragilidade em relação à estrutura desigual de acesso a direitos, comparativamente aos nacionais, atravessando barreiras geográficas, linguísticas entre outras. Corpos migrantes são corpos indesejados (Agier, 2006) e evocam reações xenófobas, que não podem ser desvinculadas do racismo. Nos romances mencionados, o protagonista de origem japonesa e o de origem haitiana, respectivamente, enfretam situações de discriminação em contextos diferentes, com impactos subjetivos nas suas sociabilidades no país de acolhida e nas suas perspectivas de retono ao país de origem. Sabe-se que a estrutura jurídica brasileira é menos restritiva em relação aos deslocamentos do que de outros países. Todavia, interessa a esta pesquisa compreender mecanismos sociais, econômicos, culturais e simbólicos que impactam a subjetividade e a experiência de corpos migrantes no Brasil. As estruturas sociais empíricas representadas nos romances objeto desta comunicação consistirão no ponto de partida para tal análise, complementado por abordagens interdisciplinares

A MISOGINIA EM JUSTINE, DE SADE

Nicole Ayres Luz

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o sexismo presente em Justine, do Marquês de Sade (1740-1814), publicada em 1791. Nela, a personagem-título, uma jovem da nobreza que se depara com a miséria após ficar órfã, percorre várias cidades da França em busca de amparo, porém apenas encontra violência e sofrimento. Seu corpo é violado de diversas maneiras, no entanto seus valores não são corrompidos. Justine vê-se, então, deslocada, tanto fisicamente, pelas viagens que é obrigada a empreender, quanto subjetivamente, pois é virtuosa em uma sociedade corrupta, dominada por libertinos cruéis e egoístas. Destacaremos a misoginia de tais personagens, o total desprezo pelo corpo e pelos valores das

mulheres. Isso ocorre porque eles operam dentro da lógica da destruição e da dominação, pilares do próprio sadismo. Assim, vale a lei do mais forte: física, social e economicamente. Justine, por ser mulher e empobrecida, poderia apenas obter sucesso em tal sociedade caso aceitasse os abusos e a participação nos crimes de seus malfeitores, tornando-se, por sua vez, uma libertina, como fez sua irmã, Juliette. Tendo em vista que ela se recusa a abandonar seus valores cristãos, praticando apenas o bem, revela-se como a vítima ideal dos impiedosos libertinos. Como aporte teórico, usaremos as análises de Roland Barthes (2005), Eliane Robert Moraes (2015) e Stéphanie Genand (2015). Barthes destaca a repetição das mesmas práticas e discursos perversos durante a viagem de Justine, que não desencadeia em nenhuma transformação. Moraes compara o percurso de Justine a uma peregrinação religiosa, que terminaria apenas com a morte, já que as recompensas por sua devoção não se encontram neste mundo. Por fim, Genand comenta sobre a mulher libertina por escolha e postula que os personagens sadianos gozam com a dor das mulheres por não conseguirem lhes proporcionar prazer.

BEYONCÉ SOB A LUZ DA MARRONAGEM CONTEMPORÂNEA

Raquel Peixoto Sarmento Costa

Resumo: No âmbito do Eixo Temático: "Corpos fora do lugar: entre gênero, sexualidade, raça e classe, na literatura e outras artes", esta proposta de comunicação tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a obra da cantora estadunidense Beyoncé sob a luz do conceito de "marronagem contemporânea", do filósofo e escritor francês Dénètem Touam Bona (2025), que é o ato de escapar de um sistema opressor para construir espaços de liberdade. A reflexão é dividida em três parte, ou três álbuns: Lemonade (2016), em que a fuga é interna, buscando unidade com a cultura negra ao seu redor; Renaissence (2022) onde a fuga está nas noite de ballroom, boates que funcionavam como refúgio para a comunidade LGBTGIAPN+ durante a década de 1970, nos Estados Unidos, e onde nasceu o gênero musical house; e, por fim, Cowboy Carter (2024), onde Beyoncé, ao reivindicar o country como um território com origens negras mas que foi embranquecido, foge para as fronteiras do gênero musical e entra em um terreno demarcado como proibido para ela. A reflexão conclui-se com a constatação que Beyoncé faz um momento de fugitividade utilizando a música para apresentar suas críticas ao mundo moderno ao mesmo tempo em que entrega entretenimento, provando que política e cultura andam juntas.

AMORES ADAPTADOS EM "THE LAST OF US"

Raul Leme Medeiros

Resumo: Com este trabalho, apresentamos o processo de construção dos afetos na adaptação do videogame The Last of Us para o formato de série televisiva (Long, 2023). Nessa história sobre um

apocalipse zumbi causado pelo fungo Cordyceps, optamos por um recorte na personagem Bill, um dos sobreviventes lidando com a própria sexualidade em meio à sociedade devastada. Objetiva-se analisar os componentes da adaptação que representam os conflitos com a sexualidade e a gradual abertura aos afetos. Para essa investigação, o aporte teórico-crítico encontra-se em: Butler (2019) e Louro (2018) para discutir a configuração da heteronormatividade; Hattnher (2023) e Hutcheon (2013) para entender o processo de adaptação; Johnson (2014) para levantar considerações sobre a mídia do videogame; e Bordwell & Thompson (2013) e Stam (2003) para analisar os aspectos fílmicos da obra. Mesmo totalmente isolado e livre de interações sociais, Bill sente-se desconfortável por ser homossexual. Com a chegada de Frank, outro sobrevivente, os afetos gradativamente ganham espaço na narrativa. Em um cenário marcado pela devastação, Bill encontra em Frank uma forma de se aceitar, permitindo uma ressignificação do destino relegado ao isolamento, tanto no contexto pós-apocalíptico quanto nas imposições heteronormativas. Deste modo, discutimos como essa adaptação apresenta uma perspectiva de afetos e esperança para corpos considerados "fora do lugar".

ASSOMBRAÇÃO, HORROR E DESLOCAMENTO: O REPOSICIONAMENTO DOS CORPOS NEGROS NO CINEMA DE HORROR A PARTIR DE SINNERS

Tainara Ribeiro Corrêa

Resumo: O cinema de horror contemporâneo tem buscado transformar a representação negra nas telas, permitindo que autores e autoras negras reposicionem corpos historicamente segregados em um cenário majoritariamente racista. Se antes personagens negros eram frequentemente utilizados como descarte narrativo ou apresentados como o mal a ser combatido, na atualidade esses corpos passam não apenas a ser retirados dessa posição perversa de malignidade, mas também reinventados dentro do monstruoso como forma de denunciar injustiças raciais, reivindicar memória histórica e expressar subjetividades, medos e ansiedades, aspectos que também são marcados pelo gênero. Em Sinners, Ryan Coogler mobiliza diferentes elementos do horror para homenagear a resistência e a cultura das comunidades negras dos Estados Unidos: o blues torna-se força espiritual de sobrevivência e libertação; a figura do vampiro remete à violência colonial, à exploração e aos ataques históricos à cultura negra; e a referência a Robert Johnson reinscreve, por meio da lenda do pacto com o diabo, imaginários historicamente associados às populações negras. A partir disso, este trabalho propõe analisar o reposicionamento dos corpos negros nas narrativas de horror a partir de Sinners, investigando como sujeitos racializados, deslocados e historicamente colocados "fora do lugar" deixam de ocupar apenas a posição do Outro para reivindicar autoridade na construção de narrativas sobre medo, assombração, cultura, tradição e sobrevivência. A análise será fundamentada em Robin R. Means Coleman, para compreender os deslocamentos da representação negra

no cinema de horror e a reinvenção dos corpos negros no gênero; em Saidiya Hartman, para analisar os rastros da violência racial, da memória histórica e da assombração que atravessam a experiência negra antes e após a escravidão; e em bell hooks, para discutir a reinscrição da subjetividade negra e a produção de novas formas de representação a partir da centralidade de sujeitos negros na construção de imagens e narrativas sobre si.

A REBELDIA DAS PEQUENAS COISAS: AGENCIAMENTOS QUEER EM ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS (2019) DE OCEAN VUONG

Thiago Marcel Moyano

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura queer do romance On Earth We're Briefly Gorgeous (2019), de Ocean Vuong, investigando como as memórias do trauma e as estratégias de sobrevivência de três gerações de migrantes vietnamitas nos Estados Unidos podem ser compreendidas para além de paradigmas identitários fixos. Partindo das experiências de uma avó cuja velhice compromete progressivamente suas faculdades cognitivas, mas que preserva uma apreensão poética e sensível do cotidiano; de uma mãe que não sabe ler nem se comunicar adequadamente em inglês, submetida a rotinas exaustivas de subemprego e marginalização urbana, mas ainda vinculada a experiências provisórias do belo; e de um filho em processo de formação subjetiva, atravessado pelas tensões entre racialização, classe, sexualidade e assimilação cultural, o trabalho busca refletir sobre formas não normativas de existência que emergem em meio à precariedade. Dialogando com as reflexões de Judith Butler (2004; 2009) acerca da precariedade e da vulnerabilidade, com as formulações de Jack Halberstam (2011) sobre fracasso, marginalidade e formas menores de resistência, bem como com os estudos de David L. Eng (2001; 2010) sobre subjetividades asiático-americanas, a comunicação argumenta que a teoria queer, deslocada de uma centralidade exclusiva na sexualidade homoafetiva, oferece ferramentas importantes para pensar modos não normativos de subjetivação, afeto e resistência. Nesse sentido, as personagens femininas do romance tornam-se centrais para compreender formas de agência que escapam tanto a modelos liberais de autonomia quanto a categorias identitárias estáveis. A partir de uma perspectiva queer racializada e situada, pretende-se demonstrar como pequenos gestos de ternura, imaginação e insistência no belo constituem formas de rebeldia cotidiana diante de estruturas de violência migratória, racial e econômica. Assim, o artigo propõe pensar o queer não apenas como identidade sexual, mas como prática de desvio, sobrevivência e recusa a processos arbitrários de aprisionamento do sujeito.

REINSCRIÇÃO DO MITO DE CASSANDRA: UM CORPO DIFÍCIL DE LER

Vitória Gonçalves Arruda de Lima

Resumo: Tomando a (re)escrita mítica de Christa Wolf, o objetivo principal desta comunicação é demonstrar de que forma a representação do corpo e da corporalidade feminina em Kassandra (1983) funciona como um corpo fora do lugar dialogando com as reflexões teóricas de Judith Butler (2015), Guacira Lopes Louro (2004) e Silvia Federici (2017). A narrativa revisita o mito da profetisa troiana, operando um deslocamento do olhar épico da guerra para a experiência subjetiva de Cassandra, marcada pela exclusão, violência e suspeição. Butler (2015) contribui com a noção de performatividade de gênero, destacando da forma que normas sociais produzem, regulam e excluem corpos; Louro (2004) enfatiza o corpo como superfície de inscrição cultural e política; e Federici (2017) historiciza a exploração do corpo feminino. Nesse cruzamento, a personagem de Wolf surge sendo o próprio "sujeito inconveniente" cuja inteligibilidade e legibilidade são constantemente postas em questão pela ordem patriarcal e militarista. Longe de reduzir a protagonista à passividade, mas a análise também evidencia que a literatura pode funcionar como um meio de espaço crítico de reinscrição da memória e de realocamento de subjetividades subalternizadas. Indo ao encontro das propostas do simpósio, a investigação demonstra que, mesmo sob as mais violentas condições, o texto literário emerge como evidência de fraturas e ponto de partida para práticas criativas de sobrevivência. Situa-se, assim, Kassandra (1983) como obra central para tensionar as fronteiras das subjetividades hegemônicas através do debate entre corpo, gênero e poder.

AS HIPÓTESES DE CORPO EM ACENOS E AFAGOS, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Yuri Neves Ferreira

Resumo: A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre o corpo, suas metamorfoses e sua relação com a cidade em Acenos e afagos (2008), de João Gilberto Noll. Gabriel Giorgi (2016) observa que o corpo homossexual presente na obra de Noll não se apresenta como um ser único, mas como estados de corpo ou hipóteses sobre o corpo. Partindo dessa provocação, o trabalho investiga como o protagonista circula pela cidade e se envolve com desconhecidos, majoritariamente em espaços públicos, em uma tentativa de apropriar-se de si mesmo e do território que habita. Em dado momento da narrativa, esse sujeito inicia um processo de transformação corporal: seu corpo, inicialmente masculino, torna-se feminino, depois retorna à masculinidade e, por fim, encontra-se em uma dualidade entre homem e mulher. Para analisar essas transformações e deslocamentos, a pesquisa fundamenta-se nos artigos "Cartografias queer" (2017) e "Multidões queer" (2011), de Paul B. Preciado; no capítulo "Sujeitos do sexo/gênero/desejo" (2018), de Judith Butler; em Um corpo estranho (2008), de Guacira Lopes Louro; em Corpos indomáveis, sujeitos dionisíacos (2011), de Graciella Bittencourt; em Corpo e alegoria (2011), de Tania Nunes; e em Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica (2016), de Gabriel Giorgi. O estudo também considera a leitura crítica de Sérgio Sant'Anna presente na orelha do livro.

ST: CÂNONE, NAÇÃO E CULTURA: DESAFIOS NA TRADUÇÃO LITERÁRIA

Coordenação: Wagner Monteiro Pereira, Andréa Cesco e Luciana Ferrari Montemezzo

Resumo: O aparecimento de A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin, se configura como um marco para a história da tradução literária. O ensaio de 1923 reverberaria de maneira "messiânica" nos estudos literários por apresentar o texto traduzido como uma possibilidade inventiva de sobrevivência do texto original. O texto de Benjamin mantém um papel central no século XX por verificar na obra traduzida a missão de reviver a obra original, em outro tempo e espaço, com a idiossincrasia da língua e cultura do texto de chegada. Nas últimas décadas, esse pensamento foi fundamental para forjar conceitos como o de intraduzibilidade. Se admitimos, como Haroldo de Campos (2011), a intraduzibilidade da poesia, tomaremos como ponto central e de partida a recriação do texto poético e sublinharemos uma ruptura na hierarquia entre texto original e traduzido. Deste modo, não se busca reconstituir a mensagem que o texto quer transmitir, antes recriar a informação estética que o texto apresenta. Portanto, para Haroldo, a tradução de um texto poético sempre será recriadora, autônoma, mas também recíproca. Neste caminho de recriação do texto literário, a questão da tradução cultural (Pym, 2016) é também precípua para analisarmos o processo de tradução de uma obra literária. De acordo com os postulados de Bhabha (2019), o tradutor mantém uma posição de agente propagador de "hibridismo cultural". Isso significa que o tradutor, por conhecer as duas culturas — do texto a ser traduzido e da língua-alvo —, produz um discurso, consequentemente, híbrido. Para Berman (1984), no processo de tradução cultural, o tradutor deve optar por manter aspectos da cultura estrangeira, o que se opõe, em outras palavras, a um projeto cuja base seja a tentativa de simplificação do texto e do consequentemente apagamento de aspectos da outra cultura para tornar o texto mais aprazível ao leitor. Do mesmo modo, Lawrence Venuti, em Escândalos da tradução (2019), afirma que a boa tradução é aquela que não domestica textos estrangeiros, que não os insere dentro de um sistema literário da literatura nacional do tradutor, cujos estilos, muitas vezes, diferem dos da língua traduzida. "Uma ética da tradução que privilegia a diferença reforma identidades culturais que ocupam posições dominantes na cultura doméstica" (Venuti, 2019, p. 169). No século XXI, surgem propostas metodológicas que relacionam tradução e problematização do cânone literário estabelecido, a exemplo da obra As sinsombrero – sem elas a história não está completa, da escritora espanhola Tània Balló, publicada em 2016 (Espasa Libros) e traduzida no Brasil em 2022 (Relicário), que recupera a memória de várias mulheres da Geração de 27 (escritoras, artistas plásticas, dramaturgas e pensadoras), cujo legado se mostra decisivo para a história da Espanha. Destacamos que essas intelectuais participaram da vida cultural espanhola entre os anos 1920 e 1930 e se destacaram no cenário cultural da época, apesar do papel restrito que a elas era incumbido naquela época e naquela

sociedade e apesar do impacto da Guerra Civil, que acabou com tantos sonhos de liberdade e igualdade. Propostas de tradução como a levada ao cabo com as Sinsombrero fogem de uma representação aparentemente inclusiva dos textos selecionados, que ao fim e ao cabo acabam por anular a complexidade dessas produções e termina por objetificar as "culturas supostamente homenageadas" (Seligmann-Silva, 2020, p. 26). Sob outra perspectiva, não se ignora a memória histórica que estes textos possuem, destacando como o "presente" é penetrado pela memória histórica de tentativa de apagamentos. Do mesmo modo, a prática de tradução alinha as teorias da área ao cotejo entre os diferentes contextos. Isto é, como traduzir ao leitor brasileiro do século XXI questões fundamentais do século XIX, por exemplo? Ao inserir o leitor brasileiro, ou seja, o ato da leitura dentro de seu contexto, é relevante trazermos a discussão o conceito de "horizonte", apresentado por Antoine Berman, em Pour uma critique des traductions: John Donne (1995). Para o teórico francês, o horizonte se configura como um conjunto de parâmetros literários, culturais e históricos que determinam o pensamento e as ações do tradutor. Quer dizer, o tradutor se insere em um determinado éthos e locus, que afetam sua produção. Isso significa que é relevante apontar para o fato de que as traduções produzidas dentro desse projeto de pesquisa serão feitas por pesquisadores brasileiros e, portanto, latino-americanos. Com efeito, com a prática de tradução, poderemos estabelecer uma recontextualização dos textos lidos e discorrer sobre as perspectivas éticas e sócio-históricas das traduções realizadas. Portanto, este simpósio acolherá as propostas que dialoguem com os desafios teórico-metodológicos na tradução literária e/ou que reflitam sobre o papel ativo do tradutor na formação de cânones.

"TEMA DO TRAIDOR E DO HERÓI": TRADUÇÃO E ENIGMA NA ESTÉTICA BORGIANA

Ana Claudia Rodrigues

Resumo: Pretende-se, nesta apresentação, uma leitura do conto "Tema do traidor e do herói", do livro Ficções (1944), do escritor argentino Jorge Luis Borges, e daí, elucidar a estratégia ficcional como mantenedora da memória literária nos meandros de uma cultura universal. Paralela à história de Ryan, aquele que sai em busca da gênese de seu bisavô, o famoso herói, que na verdade, era traidor, há aquela do fazer estético na ambiguidade do sentido: traidor e herói. Nessa trama de busca biográfica, envereda-se a tradução como camadas profundas dos cânones, uma vez que, à medida que Ryan busca informações sobre o herói, descobre que tudo não passava de enredos das tragédias de Shakespeare. Assim, o que se vê é um abalo idealizante do patrimônio literário, e de modo análogo a essa tradução como memória, Ryan seria

aquele que transgride as origens, já que ao descobrir que o túmulo do bisavô havia sido violado, depara-se com a biografia de um traidor, e não com a de um herói. Feito um tradutor luciferino, ele tem em mãos o poder da espiralização do sentido, semelhante à tragédia shakespeariana no conto: o herói é um traidor, é Júlio César, é Macbeth ou qualquer alusão aos gregos, à própria angústia edipiana no tema da busca pela origem, um círculo labiríntico infinito acerca de que "um homem é os outros, de que um homem é todos os homens". (BORGES, 1999, p. 56, v. 2). Ryan, diante da nova revelação, decide publicar um livro dedicado a um herói, e esse modo servil problematiza a tradução como fidelidade à tradição. Borges reacende o tema da tradução ao elaborar a história paralela da criação estética na forma de enigmas a serem decifrados: para um leitor distraído, talvez, passem despercebidos; para um leitor atento, o mundo dar-se inteiro em cada representação.

VOZES RESGATADAS: TRADUÇÃO DE UMA CRÔNICA DE JÚLIA LOPES COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO LITERÁRIA

Andréa Cesco

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise da tradução para o espanhol da crônica "24 de maio de 1910", de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Reconhecida como uma das primeiras brasileiras a viver profissionalmente de sua escrita, Almeida teve seu legado sistematicamente silenciado pelo cânone literário e foi excluída da Academia Brasileira de Letras devido ao seu gênero, apesar de seu talento reconhecido. A comunicação baseia-se na coletânea Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida, que resgata sua produção jornalística no jornal O Paiz. O texto selecionado para análise aborda três temas centrais da modernidade carioca: a reforma urbana do Morro de Santo Antônio, o incentivo à cultura nacional e a defesa da instrução feminina. No que tange à educação, a autora defende com vigor a manutenção do curso noturno da Escola Normal, combatendo preconceitos morais e destacando o benefício social de educar mulheres que possuem restrições de horário ou financeiras. A tradução foca na busca por conservar a estética da autora e o diálogo entre as culturas luso-brasileira e hispânica. Discutem-se escolhas lexicais fundamentais, como a opção pelo termo "muchachas" para situar o texto no registro linguístico e moralizante das revistas femininas do início do século XX. Conclui-se que o esforço tradutório é uma ferramenta vital para a preservação e internacionalização do legado de Almeida, combatendo seu apagamento histórico e promovendo novas pesquisas sobre sua vasta e relevante produção literária.

IDENTIDADES DE FRONTEIRA E TRADUÇÃO FEMINISTA DECOLONIAL: DESAFIOS NA TRADUÇÃO DE GLORIA ANZALDÚA PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bianca Santos de Albuquerque

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta de tradução comentada dos capítulos 3 e 6 da obra Borderlands/La Frontera: The New Mestiza (1987), de Gloria Anzaldúa, orientada por uma perspectiva feminista e decolonial. A partir do horizonte latino-americano do século XXI, a pesquisa investiga as complexas tensões políticas e estéticas na transposição de um texto marcado pelo plurilinguismo (inglês, espanhol e náuatle) e por uma estrutura fragmentada e não linear. Enquanto o terceiro capítulo examina o apagamento patriarcal das divindades mesoamericanas, o sexto aborda a escrita como espaço de cura e afirmação da consciência mestiça. Alinhando-se à ética da não-domesticação de Venuti (2019) e à recriação da informação estética, o processo priorizou a manutenção do éthos e da densidade simbólica da obra. Metodologicamente, operou-se na preservação ativa de termos de forte carga cultural, evitando neutralizações assimilacionistas, e na adoção consciente de estratégias de linguagem inclusiva não sexista. Essa intervenção gramatical, respaldada pela crítica de Almeida (2007) e Simon (1996), buscou subverter o masculino genérico nas estruturas do português e restituir a visibilidade histórica de identidades marginalizadas chicanas e indígenas. A reflexão teórica fundamenta-se nos Estudos Descritivos da Tradução (Toury, 1995) e nos conceitos de entre-lugar (Bhabha, 1994) e borderthinking (Mignolo, 2000). Demonstra-se, assim, como as decisões microtextuais da tradutora atuam diretamente na problematização de apagamentos coloniais e no tensionamento de representações canônicas na cultura de recepção.

DESAFIOS LINGUÍSTICO-ESTRUTURAIS E LINGUÍSTICO-CULTURAIS NA TRADUÇÃO LITERÁRIA

Carlos Jean da Silva Pereira

Resumo: A tradução literária, enquanto recriação de um texto literário e sua literariedade, enfrenta desafios relativos às diferenças entre as línguas-fonte e alvo contidos na própria estrutura do idioma – a sua gramática e o seu léxico (Britto, 2012). Tais apontamentos podem ser relacionados a fatores linguístico-estruturais citados por Laranjeira (1993), diretamente ligados à tradução interlingual, atribuídos, de acordo com o autor, às estruturas gramaticais de uma língua, e que seriam influenciadas por fatores linguístico-culturais constituintes de cada povo ou nação, frutos da distância entre as culturas-línguas envolvidas, resultantes em barreiras linguísticas. Sobre tais arcabouços teóricos, a atividade tradutória para

o inglês do romance Chão dos Lobos, do autor paraense Dalcídio Jurandir, segunda edição (2019), simboliza diretamente o cenário exposto pelos autores Britto e Laranjeira. Tal tradução, ainda em andamento, intenta driblar particularidades da cultura, literatura, linguagem e identidade da Amazônia paraense, desconhecidas para falantes da língua inglesa, por meio da busca pela fidelidade discutida em Britto (2002), além do uso de estratégias tradutórias, tais como: acréscimo (Menezes, 2017), substituição (Menezes et al. 2024), naturalização - discutida em Frio (2019), adaptada de Newmark (1988) e Aixelá (1996). Desse modo, a presente comunicação almeja discutir alguns dos desafios para preservarmos a literariedade e encontrarmos soluções que sanem os frutos da distância entre culturas e línguas referentes às realidades lusófonas e anglófonas, como, por exemplo, a inexistência de ou dificuldade para acharmos correspondentes para os regionalismos e termos da fauna, flora e folclore, bem como para os hibridismos e registros de fala.

DE ONÇA A JAGUAR, DA CRÍTICA LITERÁRIA À CRÍTICA DE TRADUÇÃO: UM ESTUDO DE O SOM DO RUGIDO DA ONÇA, DE MICHELINY VERUNSCHK, E SUA TRADUÇÃO FRANCESA.

Clara Rocha

Resumo: Este trabalho investiga as relações entre voz narrativa e tradução literária a partir do romance O som do rugido da onça (2021), de Micheliny Verunschk, e de sua tradução francesa Requiem pour un jaguar (2025), de Anne Pouzargues. Inserida no campo dos Estudos da Tradução, a pesquisa articula a crítica dialética da literatura de Antonio Candido e a crítica das traduções de Antoine Berman, partindo da hipótese de que a tradução literária constitui um espaço de recriação estética e simbólica no qual vozes, ritmos e visões de mundo são reinscritos em outro sistema linguístico e cultural. Num primeiro momento, examina-se a palavra onça como núcleo simbólico da obra, explorando suas dimensões etimológicas, zoológicas, míticas e literárias, bem como seus deslocamentos contemporâneos em diferentes esferas culturais. O núcleo analítico do trabalho propõe uma leitura comparada entre o texto original e a tradução francesa. Nesse percurso, investigam-se as estratégias tradutórias mobilizadas para recriar em francês a chamada "voz de onça", eixo estruturante da arquitetura narrativa do romance. A análise contempla aspectos como a marcação de gênero gramatical, a reorganização dos tempos verbais, o tratamento do léxico indígena e animal, o funcionamento do glossário e notas de rodapé, bem como deslocamentos semânticos e rítmicos observados em nível microtextual. Essas observações são discutidas à luz das tendências deformadoras descritas por Berman, evidenciando zonas de preservação da força poética do

original e outras em que ocorrem processos de abstração, clarificação ou domesticação. Por fim, a pesquisa obtém como resultado que o romance estudado se afirma pela singularidade de sua forma estética, construída pela emergência e pela modulação da voz de onça como princípio organizador da narrativa. A tradução francesa, ao recriar essa tessitura em outro horizonte cultural, evidencia a tradução como trabalho ético e estético de escuta, negociação e reconfiguração da forma literária.

À MARGEM DO CÂNONE, NA MARGEM DA PÁGINA: O ROMANCE-FOLHETIM FRANCÊS EM TRADUÇÃO N'O PAIZ (1890-1899)

Daniel Augusto Pereira Silva

Resumo: Xavier de Montépin, Henri Demesse, Alexis Bouvier e Judith Gautier não são nomes de escritores associados ao cânone das letras francesas — ainda assim, alcançaram um importante número de leitores na imprensa brasileira dos anos 1890. Seus romances-folhetim foram traduzidos para o português quase simultaneamente à sua publicação em periódicos da França, num exemplo daquilo que Michel Espagne (2013) chamou de transfert culturel. O objetivo do presente trabalho é analisar as relações entre a noção de cânone e tal dinâmica de tradução. Partimos da hipótese de que a tradução dessas obras colocou em circulação no Brasil uma série de poéticas não privilegiadas pelos cânones nacionais, como o gótico, a decadência e o melodrama. Embora tenham seu mérito artístico muitas vezes posto em questão — seja por jornalistas do período, seja pela crítica literária posterior —, essas obras difundiram topoi narrativos típicos das poéticas negativas (França, 2022) e contribuíram para a formação de um público leitor ávido por intensas emoções (El-Far, 2004). Acreditamos que o estudo de tais narrativas propicia uma compreensão mais ampla da diversidade da produção literária em voga na França e no Brasil. Apresentaremos, primeiro, um levantamento quantitativo dos romances-folhetim traduzidos nas páginas do periódico fluminense O Paiz entre 1890 e 1899, no qual se observa a predominância da literatura francesa fin-de-siècle. Como o nome dos tradutores dessas narrativas não era indicado pelo jornal — em mais uma manifestação da invisibilidade do tradutor (Venuti, 2021) —, buscaremos, em seguida, apreender o projeto tradutório a partir dos anúncios de publicação das narrativas. Numa terceira parte de nossa exposição, indicaremos de que modo as traduções se realizavam no plano discursivo e poético, considerando o cotejo com os textos de partida.

TRADUZIR O SILÊNCIO: MEMÓRIA CULTURAL E CIRCULAÇÃO TRANSNACIONAL DE ESCRITORAS ITALIANAS OITOCENTISTAS

Karine Simoni

Resumo: como incluir aqui, ao final, tradução e estudos de gênero: A presente comunicação reflete sobre a recuperação da memória cultural das mulheres escritoras e de enfrentamento aos processos históricos de apagamento que marcaram a constituição dos cânones literários modernos. (COX; FERRARI, 2011; DE LISO, 2023; TATTI; LICAMELI, 2023) Em particular, a partir da proposta de uma tradução comentada e anotada de contos de escritoras italianas do século XIX, objetiva-se pensar os limites das narrativas historiográficas tradicionais e o papel da tradução na reconstrução de arquivos culturais fragmentados. Pensa-se a tradução como uma prática colaborativa capaz de promover a reabertura do passado, permitindo novas leituras acerca da participação das mulheres na cultura escrita e de sua atuação intelectual no século XIX. Como corpus desta comunicação, serão selecionadas narrativas de Caterina Percoto, Emilia Ferretti Viola e Neera, as quais abordam temas como casamento, maternidade, educação, pobreza, violência e trabalho feminino, revelando modos diversos de elaboração da experiência das mulheres em uma sociedade profundamente marcada por hierarquias patriarcais. Mais do que simples testemunhos de época, esses textos permitem observar estratégias de resistência, negociação e crítica social elaboradas por mulheres que escreviam a partir de posições frequentemente ambíguas e tensionadas. Para ouvi-las e fazê-las circular de modo transnacional, "deve-se promover espaços de encontro colaborativos que sejam deliberadamente polifônicos" (CASTRO, 2022, p. 10), e estes encontros só se tornam possíveis mediante a tradução, sobretudo quando esta recusa perspectivas neutralizantes e assume seu papel político na circulação dos textos e das formas de leitura.

O DISCURSO POLÍTICO E CULTURAL DO INDIGENISMO HAITIANO EM RETRADUÇÃO: ANÁLISE DE "GOUVERNEURS DE LA ROSÉE"

Lorena Micaela Vila Real

Resumo: Gouverneurs de la rosée, de Jacques Roumain, constitui um marco da literatura haitiana e uma poucas obras caribenhas que contam com retradução brasileira. Ele fora publicado em 1944 no Haiti e, em cerca de 10 anos, fora traduzido pela primeira vez para o português brasileir , ganhando uma retradução em 2020.. Considerada a mais significativa expressão do indigenismo haitiano — movimento que buscava valorizar a cultura local, tais como o kreyol e o vodu —, a obra se contrapõe ao que Price-Mars (2009 [1928]) definiu como o bovarismo coletivo da elite haitiana, isto é, a alienação política e cultural da elite local (Semujanga, 2004; Figueiredo, 2020). Ao tentar retratar a realidade diglóssica em seu recit paysan, Roumain opta por uma língua literária híbrida: um francês creolizado que tensiona as fronteiras entre o

idioma do colonizador e o do colonizado (Mattos, Amaral, 2023; Mattos, Vila Real, 2025). Esta comunicação busca analisar de que modo o discurso político e cultural da obra foi transposto nas traduções brasileiras de 1954 (Donos do Orvalho, Editora Vitória, tradução de Emmo Duarte) e de 2020 (Senhores do Orvalho, Editora Carambaia, tradução de Monica Stahel), isto é, como cada tradução revela estratégias discursivas e escolhas tradutórias que refletem diferentes contextos históricos, editoriais e ideológicos, evidenciando as relações de poder e resistência implicadas no ato tradutório. Para a análise comparativa, adotam-se as ferramentas propostas por Risterucci-Roudnicky (2008) para estudos de (re)tradução, articuladas aos conceitos de posições tradutórias, horizonte do tradutor e projeto tradutório de Antoine Berman (2003). A partir desse enquadramento teórico, investiga-se como a retradução recente reinscreve o texto de Roumain no imaginário político e cultural brasileiro.

VOOS FEMININOS: TRADUÇÃO BILINGUE DE CONTOS DE ESCRITORAS ESPANHOLAS CONTEMPORÂNEAS

Luciana Ferrari Montemezzo

Resumo: A tradução é um caminho marcado por desafios, descobertas, mesclado de incertezas, mas também um percurso gratificante, uma possibilidade concreta de estreitar laços entre duas nações, a do texto de partida e do texto de chegada. Nesse sentido, Perrone-Moisés (2005) estabelece uma aproximação muito feliz entre a arte tradutória e os movimentos da dança. Ao se aventurar na transposição de um tecido narrativo de uma língua A para uma língua B, o tradutor, tal qual um bailarino que realiza uma performance, deve tentar buscar caminhos para que o texto de chegada possa se incorporar à dança, ao bailado do novo sistema literário ao qual se integra. Estimulados por premissas como esta, o grupo Traducere, composto por professores e alunos da UFSM e da UEMS, resolveu mergulhar em uma tarefa de tradução de contos de três escritoras espanholas contemporâneas: Elisa Izquierdo, Estefanía Bernabé e Sagrario Rollán. As atividades do grupo se pautam por uma metodologia baseada no trabalho coletivo, no qual todos os membros efetuam e revisam as traduções. Após estes dois movimentos, as autoras são convidadas a participar de uma reunião virtual, não apenas para ajudarem nas decisões finais, mas também para interagirem com o grupo, derrubando as barreiras que via de regra separam leitores, tradutores e autores. Nesta comunicação, propõe-se refletir sobre o processo tradutório, por meio de exemplos e ilustrações, demonstrando a importância do trabalho coletivo (Guatelli-Tedeschi, 2011). Além disso, objetiva-se explicitar soluções intertextuais, por meio de traduções anteriores como as de Campos (2002), Nunes (2015) e Lourenço (2019). Finalmente, reafirma-se o

potencial das traduções, e a capacidade que o texto traduzido tem de tingir de matizes e de modos diferenciados o novo sistema literário que passa a integrar.

L'ÉTRANGER DE CAMUS: ENTRE LÍNGUAS E LINGUAGENS

Luizete Guimarães Barros

Resumo: Lemos o romance L´étranger, de Albert Camus, escrito em francês em 1942, nos idos de 1972, na nossa graduação em Letras Neolatinas, na USP, num curso da Profa. Leyla Perrone sobre literatura francesa. Recentemente, relemos El extranjero em espanhol, na tradução de Bonifacio del Carril, de 1949, pela Emecé Editores, numa edição feita no México. Duas leituras em línguas diferentes em um caso de tradução intralingüística - francês - espanhol-, segundo a tipologia de Roman Jakobson (1963) E neste ano, assistimos ao filme L' étranger de François Ozon (2025), um caso de tradução intersemiótica, que traduz ao cinema o clássico romance do século passado. A versão cinematográfica surge quando a leitura do livro em castelhano está viva na memória, de maneira a recordar detalhes: o que sobra ou falta em cada uma das versões. O filme, ainda que se mostre como um filme de época, adapta o livro de meados do século XX, para as salas de cinema do século XXI. No filme, dois idiomas se ouvem: o francês e o árabe. O branco e preto da película parece simular um documentário, assim o filme parece trazer a história como um jornal de época. O filme não obedece a sequência dos fatos apresentados na narrativa literária, que deu a Camus o prêmio Nobel de Literatura em 1957. Ambientado em Argel, se vê a cultura árabe mesclada com a europeia do século XX. Numa abordagem decolonial, o filme retrata o colonialismo da época que impedia aos "nativos" frequentar a sala de cinema onde Mersault ia com Maria. Camus, assim como Sartre, usa a literatura para defender uma ideia filosófica existencialista. Oroz, ao retratar o livro, estampa a preocupação decolonial do século XXI.

O QUE PODE UMA TRADUÇÃO? PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA TRADUÇÃO DO TEATRO ARGELINO

Melissa Quirino Scanhola

Resumo: Esta comunicação aborda a problemática da tradução do teatro popular do dramaturgo e escritor argelino Kateb Yacine, figura central da literatura magrebina de expressão francesa. A partir da década de 1970, Kateb Yacine dedica-se exclusivamente ao teatro popular, encenado em árabe dialetal. Essa fase apresenta características de um teatro mais pedagógico, com forte engajamento político, que incorpora vivamente tradições populares e elementos culturais e linguísticos da realidade argelina em suas

peças. Nesse contexto, a tradução de sua obra apresenta desafios específicos, uma vez que seus textos são marcados pela oralidade, heterogeneidade linguística e referências históricas e culturais estreitamente vinculadas ao contexto pós-colonial da Argélia. Partindo de uma breve apresentação das características do teatro de Kateb Yacine, esta comunicação pretende discutir alguns dos principais obstáculos enfrentados pelo tradutor diante de uma obra que tensiona constantemente as fronteiras entre línguas, culturas e formas de expressão. Para fundamentar essa reflexão, contribuições teóricas como as de Pascale Casanova e Jacques Derrida permitem problematizar as relações de poder que atravessam a circulação, a recepção e a tradução de obras provenientes de contextos historicamente marginalizados no sistema literário internacional. Do mesmo modo, reflexões de estudiosas da tradução teatral, como as de Susan Bassnett e Margherita Laera, serão trazidas à luz das discussões sobre estratégias tradutórias capazes de preservar a dimensão estética, política e popular da obra de Kateb Yacine.

HAROLDO DE CAMPOS: POESIA E TRADUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Wagner Monteiro Pereira

Resumo: Esta apresentação tem como objetivo pensar a poesia e tradução de Haroldo de Campos a partir de um projeto transnacional e americanista empreendido pelo autor. O objetivo central nasce da necessidade de localizar a obra de um dos poetas, ensaístas e tradutores brasileiros mais importantes no contexto da América Latina. Deste modo, em um primeiro momento, apresentaremos a crença inicial na World Literature, para em seguida demonstrar como o autor problematizou essa ideia inicial, enveredando-se por um projeto de diálogo com a literatura de outros países da América Latina. Assim, discutiremos o papel da literatura hispano-americana na obra de Haroldo e como o Barroco e o Neobarroco (Campos, 2010) tiveram um papel fundamental em uma virada poético-crítica nas últimas décadas do século XX que o autor experimentou, a partir de aproximações com autores como Luis de Góngora, José Lezama Lima e Severo Sarduy, que ajudam Haroldo, a partir da ideia de transculturação, conceber sua própria transcriação, um marco teórico no século passado para os estudos da tradução. Finalmente, discutiremos como a ideia de imitatio (Lima, 1995) é produtiva para entender o projeto de tradução de Haroldo de Campos, servindo como base para que o autor não apenas recupere diversos autores hispânicos, como repense e recrie sua própria poesia.

ST: DESAFIANDO O CÂNONE: PERSPECTIVAS COMPARATISTAS E INTERSECCIONAIS NA AUTORIA FEMININA

Coordenação: Marinês Lima Cardoso, Priscila Nogueira da Rocha e Sonia Cristina Reis

Resumo: Este Simpósio Temático propõe uma investigação crítica e comparatista sobre as dinâmicas de invisibilização e as potências de insurgência da autoria feminina em diversas geografias literárias. A proposta parte de uma provocação teórica contemporânea na obra L'ha scritto lei, ma... (2026), de Johnny L. Bertolio. Ao dialogar com as reflexões pioneiras de Joanna Russ, Bertolio mapeia as persistentes estratégias retóricas de desqualificação da escrita produzida por mulheres, mecanismos que operam desde a negação direta da autoria até a redução do valor estético da obra ao âmbito do "doméstico", do "confessional" ou do "puramente sentimental". Este simpósio busca expandir esse debate, conferindo-lhe uma dimensão transnacional, essencial para compreender como o fenômeno do apagamento atravessa fronteiras linguísticas e se manifesta de formas distintas em diferentes contextos culturais e historiográficos. O objetivo central é discutir o cânone literário não como uma lista neutra de excelência, mas como um dispositivo sistêmico de seleção, exclusão e manutenção de poder. Historicamente, esse dispositivo relegou a produção feminina a zonas de "menoridade" ou "exceção", tratando a escritora como um fenômeno isolado e raramente como parte integrante de uma tradição intelectual sólida e contínua. Sob o pilar metodológico da Literatura Comparada, acolhemos trabalhos que analisem como o sistema literário compreendido em sua totalidade, desde os manuais didáticos que formam o imaginário coletivo até as premiações de prestígio, como o Nobel, consolida hegemonias que silenciam a alteridade e ratificam uma visão de mundo eurocêntrica e androcêntrica.

Nesta perspectiva, o simpósio reconhece a heterogeneidade que constitui o conceito de "autoria feminina" e a necessidade de uma abordagem interseccional. Compreendemos que o desafio ao cânone se enriquece ao observar como diferentes marcadores sociais como raça, etnia e classe, atravessam a produção literária e as suas dinâmicas de recepção crítica. Interessa-nos acolher estudos que contemplem a multiplicidade dessa escrita em suas diversas variantes étnico-raciais e sociais. Longe de dispersar o debate, essa abertura permite um olhar comparatista mais agudo sobre as engrenagens de exclusão: trata-se de investigar como a subjetividade feminina se reconstrói em diferentes contextos de alteridade, utilizando a linguagem como ferramenta para reaver espaços de enunciação e desafiar silenciamentos historiográficos que operam há séculos na formação das identidades nacionais.

A fundamentação metodológica desta proposta ancora-se na "Arqueologia Literária", conforme concebida por Zahidé Muzart (2011). Tal perspectiva propõe um gesto de escavação nos arquivos, bibliotecas e periódicos, resgatando escritoras que, embora tenham sido figuras centrais em salões e publicações de sua

época, foram deliberadamente obliteradas das cronologias oficiais sob o pretexto de um "valor estético" pretensamente neutro e universal. Esse apagamento revela-se, sob análise crítica, como um filtro que desconsidera as inovações formais e as temáticas propostas por mulheres. Ao trazer essas vozes à superfície, o simpósio articula a recuperação histórica às linhagens de pensamento de Virginia Woolf e Simone de Beauvoir, cruzando-as com a teoria contemporânea para investigar como a estrutura narrativa feminina da construção da voz narrante à elaboração de subjetividades complexas atua na desconstrução de discursos hegemônicos. Sob a ótica de Walter Benjamin (1994), compreendemos que cada obra resgatada funciona como um "documento de cultura" que, ao ser lido na contemporaneidade, atua como um manifesto de resistência contra a barbárie do esquecimento. Ademais, amparados pelas reflexões de Michelle Perrot (2015) sobre a história das mulheres e a conquista da privacidade, este espaço dedica atenção especial aos suportes considerados marginais ou "menores". Diários, correspondências, memórias e cadernos de anotações são lidos aqui como espaços fundamentais de insurgência contra a domesticidade imposta e como laboratórios de experimentação estética. Nessas escritas do eu, o "sujeito feminino múltiplo", teorizado por Teresa de Lauretis (1994), ganha corpo e voz, elaborando traumas, exílios e as fragilidades da condição humana em diversos contextos históricos. Tal perspectiva permite vislumbrar uma "escrita de si" que transborda para o coletivo, transformando a vivência íntima em matéria de reflexão política e crítica.

Dessa forma, o simpósio convida à submissão de comunicações que dialoguem com a autoria feminina em uma dimensão comparativista e interdisciplinar, estruturando-se em torno de quatro eixos fundamentais que orientarão os debates:1) pesquisas de arquivo e historiografia voltadas ao resgate de obras e trajetórias invisibilizadas; 2) discussões teóricas sobre gênero, poder e os mecanismos de premiação e consagração; 3) análises de poéticas de resistência que articulem corpo, memória e subjetividade em gêneros diversos; e 4) investigações sobre suportes digitais e perspectivas interseccionais (raça, classe, etnia e sexualidade). Ao cruzar a provocação de Bertolio com o arcabouço da teoria feminista e da literatura comparada, esta proposta afirma-se como um espaço de urgência crítica e rigor acadêmico. O propósito final é compreender as engrenagens de exclusão que ainda operam no sistema literário e, simultaneamente, visibilizar a produção daquelas que, para além das fronteiras oficiais e dos silêncios impostos, reescrevem permanentemente a pluralidade da experiência humana.

ENTRE OS LOUROS E O ESTIGMA: RECEPÇÃO CRÍTICA DE DUAS AUTORAS DO INÍCIO DOS ANOS 70

Ana Beatriz Silva

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo realizar um levantamento da crítica de Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector, observando em que medida a identidade de gênero das autoras impactou a recepção crítica de suas obras. Tendo em vista a ampla fortuna crítica que trata das escritoras aqui selecionadas, nos deteremos majoritariamente sobre a crítica que trata de suas obras escritas entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, conferindo especial atenção aos livros Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (Lispector, 1969) e As Meninas (Telles, 1973). Partindo de discussões da crítica feminista acerca da constituição do cânone e da marginalização histórica da autoria feminina, busca-se demonstrar que, mesmo ocupando posições relativamente privilegiadas enquanto mulheres brancas, cisgênero, de classe média e inseridas no eixo Rio–São Paulo, ambas as escritoras permaneceram submetidas a leituras críticas marcadas por pressupostos de gênero. Isto fica evidente, por exemplo, quando Hélio Pólvora (1973) elogia o romance As Meninas (Telles, 1973) devido ao fato de não se configurar como uma obra de literatura feminina, por abordar questões sociais e "temas mais amplos". Ou quando Arêas (2005) classifica Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres (Lispector, 1969) como um livro clichê e cansativo por apresentar um "excesso de ornamento" (Arêas, 2005), como ela nomeia a atenção que o texto confere a atitudes tradicionalmente associadas ao processo feminino de sedução, como os atos de maquiar-se ou escolher a roupa que a personagem irá vestir. A partir dessas leituras, pretende-se discutir como a crítica literária operou mecanismos de legitimação e desvalorização atravessados por categorias de gênero, contribuindo simultaneamente para a consagração e para o estigma dessas autoras no interior do cânone literário brasileiro.

ENTRE PALAVRA E IMAGEM: A POESIA VISUAL DE ADALGISA NERY EM DIÁLOGO COM ISMAEL NERY E MURILO MENDES

Ana Paula Manrique Amaral

Resumo: Este trabalho propõe uma investigação crítico-comparatista da produção poética de Adalgisa Nery (1905–1980) durante a década de 1930, reconhecendo-a por sua "poesia plástica" ou visual. Parte-se da hipótese de que sua escrita, historicamente reduzida a leituras confessionais e biográficas, apresenta sofisticados procedimentos formais que dialogam diretamente com as experiências estéticas das vanguardas modernas brasileiras. Nesse sentido, busca-se resgatar a autoria de Adalgisa Nery não como um fenômeno isolado, marginal ou exclusivamente marcado pela subjetividade feminina, mas como parte integrante e dinâmica de um circuito artístico e intelectual profundamente atravessado por experimentações visuais, místicas e existenciais. Para tanto, estabelece-se um diálogo interartes e comparativo entre a produção poética de Adalgisa, a obra pictórica de Ismael Nery e a poesia de Murilo Mendes, mapeando as confluências estéticas, os procedimentos do surrealismo, o misticismo e as

representações do corpo e da subjetividade que aproximam esses três autores. Pretende-se analisar como a linguagem poética de Adalgisa Nery desafia os limites tradicionais do texto verbal, aproximando-se da plasticidade das artes visuais por meio de imagens fragmentárias, composições imagéticas e uma escrita marcada pela tensão entre matéria, transcendência e desejo. Ao trazer essa produção à superfície e tensioná-la com a obra de seus contemporâneos masculinos, o estudo visa problematizar os silenciamentos historiográficos que relegaram a complexidade formal e temática de Adalgisa às margens do cânone literário nacional. Busca-se, assim, reafirmar sua voz como expressão singular da modernidade brasileira e como documento de cultura, resistência estética e insurgência feminina.

PODE A MULHER FIGURAR NO CÂNONE? AUTORIA FEMININA E OS LIMITES DA CANONIZAÇÃO NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Anna Giulia Cardoso Grossi

Resumo: Esta comunicação investiga o lugar atribuído à autoria feminina na constituição do cânone literário romântico brasileiro em ensaios de historiografia literária publicados entre 1847 e 1862, em periódicos acadêmicos vinculados à Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Esse recorte justifica-se pelo papel desempenhado por esse espaço, que, entre as demais esferas letradas do Oitocentos, se mostrou uma profícua fonte de legitimação da produção intelectual nacional, impactando significativamente o processo primevo de formação de um cânone cujos pressupostos reverberariam em historiografias da literatura subsequentes. Portanto, interessa compreender, nesses textos, quais mecanismos discursivos subjazem à menção às mulheres escritoras e quais operam como instâncias de silenciamento, haja vista que o cânone, como artifício ideológico, "está impregnado dos pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental, tais como o patriarcalismo, o arianismo, a moral cristã" (Reis, 1992, p. 72). Esses pressupostos parecem confirmar-se quando, à exceção de um articulista que alude à Nísia Floresta, Beatriz de Assis Brandão e ao romance D. Narcisa de Villar, de Ana Luísa de Azevedo Castro, os ensaios examinados revelam-se quase integralmente omissos em relação às produções de autoria feminina. Num tal cenário, permeado ostensivamente pela exclusão e em que a ausência das mulheres do panorama literário é uma característica hegemônica, é curioso, porém, notar a mobilização de autoras estrangeiras como Madame de Staël e Harriet Beecher Stowe. A menção a ambas ocorre não apenas em função de suas contribuições intelectuais, mas como parâmetro comparativo para a escrita feminina local, o que leva a questionar os limites da integração das mulheres no cânone. Com essas questões à vista, parte-se da hipótese de que a emergente historiografia literária romântica não apenas invisibilizou a produção de autoras brasileiras, mas também condicionou sua incorporação ao cânone a estratégias específicas de validação cuja lógica esta pesquisa propõe-se a examinar.

A RUPTURA DO MITO MATERNA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM "VERÃO NO AQUÁRIO"

Brenda Nascimento de Moura

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo central analisar o terceiro romance da escritora Lygia Fagundes Telles, intitulado Verão no Aquário, sob a perspectiva teórica do que Cristina Ferreira-Pinto (1990) denominou como "bildungsroman truncado". Este conceito descreve um modelo de narrativa no qual o processo de amadurecimento e formação da protagonista feminina em questão acaba sendo interrompido ou simplesmente não atinge o pleno desenvolvimento da subjetividade do "Eu". No que diz respeito a uma visão em contraponto ao romance de formação clássico, trago para o debate teóricos renomados como Anatol Rosenfeld (1950) e Franco Moretti (2020), entre outros nomes importantes. Estes autores, apesar de apresentarem divergências quanto à integração social efetiva do chamado "herói moderno", permanecem atentos à análise detalhada de obras que narram primordialmente o "devir" masculino e que situam o gênero literário como uma "forma simbólica" da própria Modernidade. Ao explorar um eixo temático fundamental da obra de Telles, proponho a leitura da complexa relação entre mãe e filha como o elemento propulsor na crise da construção da identidade da narradora, Raíza. Para elaborar as questões que concernem à crise representativa do feminino ao decorrer dos anos, tais como o peso da maternidade compulsória e os conflitos psíquicos que rondam a dinâmica entre mães e filhas mulheres, apoio-me em estudos de autoras como Elisabeth Badinter (1985), Vera Iaconelli (2023) e Malvine Zalcberg (2019).

CÂNONE LITERÁRIO NOS CONTOS DE FADAS FRANCESES: O APAGAMENTO DAS MULHERES NA FORMAÇÃO DO GÊNERO

Bruna Vieira Dorneles

Resumo: A pesquisa propõe uma reflexão sobre a constituição do cânone dos contos de fadas a partir da recuperação da autoria feminina francesa dos séculos XVII e XVIII, frequentemente invisibilizada pelas historiografias literárias tradicionais. Desse modo, o estudo analisa como o sistema literário consolidou determinados autores homens como representantes universais do gênero, enquanto relegou escritoras a espaços de menor legitimidade crítica. Nesse contexto, destaca-se a obra "A Bela e a Fera", publicada por Gabrielle-Suzanne de Villeneuve, em 1740, durante a circulação intelectual dos salões literários das preciosas, na França pré-Revolução Francesa. Esses salões constituíram importantes espaços de sociabilidade e produção cultural feminina, nos quais mulheres aristocratas discutiam literatura, filosofia e política, utilizando a escrita como forma de intervenção intelectual em uma sociedade marcada pela exclusão feminina dos espaços oficiais de poder. A pesquisa também recupera a relevância de

Marie-Catherine d'Aulnoy, reconhecida por cunhar a expressão "contes de fées", responsável pela nomeação do gênero "conto de fadas", posteriormente apropriado pelo cânone sem o devido reconhecimento de sua origem feminina. Além de d'Aulnoy e Villeneuve, escritoras como Charlotte-Rose de Caumont de La Force, autora de versões precursoras de narrativas como "Rapunzel", participaram ativamente da consolidação estética e temática do maravilhoso francês. Contudo, apesar da ampla produção feminina do período, foram autores homens, como Charles Perrault e posteriormente os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que passaram a ocupar a centralidade da tradição canônica do gênero. Assim, este estudo evidencia que a história dos contos de fadas também é marcada por mecanismos de apagamento da autoria feminina e por desigualdades de gênero.

VOZES DO CONFINAMENTO: UMA LEITURA COMPARADA DE STELLA DO PATROCÍNIO E MAURA LOPES CANÇADO

Caio José Fonteque Gaspar

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura comparada de O hospício é Deus, de Maura Lopes Cançado, e Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, de Stella do Patrocínio, investigando como ambas as autoras transformam a experiência manicomial em escrita de resistência. Partindo de uma perspectiva interseccional, o estudo analisa de que modo gênero, raça e poder atravessam a constituição de suas vozes autorais e suas representações do confinamento. O referencial teórico articula as reflexões de Michel Foucault sobre os dispositivos psiquiátricos, Frantz Fanon acerca dos processos de racialização da subjetividade, Conceição Evaristo e sua noção de (re)existência, além de contribuições dos estudos feministas e decoloniais. Embora ambas convertam a experiência da institucionalização em crítica aos mecanismos de exclusão, a comparação evidencia diferenças significativas: Maura Lopes Cançado, mulher branca e inserida no campo letrado, denuncia o manicômio por meio da escrita diarística, enquanto Stella do Patrocínio, mulher negra submetida a múltiplas formas de marginalização, transforma a oralidade em linguagem poética e reivindica, simultaneamente, o direito à autoria e à existência. Argumenta-se que essas obras desafiam discursos médicos e normativos ao deslocarem o lugar tradicionalmente atribuído às internas psiquiátricas, convertendo-as em produtoras de conhecimento sobre a própria experiência. Desse modo, a análise busca contribuir para os debates da literatura comparada ao evidenciar como diferentes formas de autoria feminina tensionam o cânone e revelam as desigualdades que atravessam a produção, a circulação e o reconhecimento da literatura escrita por mulheres.

"O QUE É A LINGUAGEM DO MEU CORPO?": SEXUALIDADE E PRAZER EM KADOSH, DE HILDA HILST

Clara Abrão de Araújo

Resumo: Ao considerar a produção literária brasileira contemporânea, Hilda Hilst ocupa uma posição que cabe investigar. A relação de Hilst com a crítica é oscilante, visto que ora é reconhecida como autora de obras com qualidades estéticas relevantes, ora é rechaçada em razão de suas escolhas temáticas e formais. Nesse movimento, a escritora chega a declarar seu abandono à "literatura séria". Com isso, ela salienta a existência de critérios de legitimidade literária historicamente estabelecidos e, simultaneamente, desenvolve sua escrita na contramão destes. O presente trabalho busca investigar formas como Hilst elabora sua produção literária, a qual, não raro, contrasta com os valores preconizados pelo cânone. Para isso, serão analisadas representações de corpos, em narrativas do livro Kadosh. Sob essa perspectiva, cabe ressaltar a importância de uma leitura que estabeleça relações entre a autoria feminina e os tópicos da corporeidade e da sexualidade. Nesse sentido, propõe-se que a análise literária seja articulada a reflexões de ciências humanas. Tendo em vista o interesse em observar como a autoria feminina propõe elaborações literárias próprias, no que diz respeito a experiências corporais, este trabalho tem como ênfase a análise de passagens em que as personagens expressam sensações de prazer e desejos de contato sexual. Há fragmentos do livro em que o prazer e o sexo se configuram como tópicos desafiadores para as personagens, na medida em que suscitam dúvidas e indeterminações acerca de suas autopercepções. Em adição, será considerado como rupturas com representações tradicionais de corporeidades, em Kadosh, estão em afinidade com aspectos formais da obra, dentre os quais destaca-se a fragmentação, os deslocamentos de foco narrativo e o hibridismo de gêneros.

UMA ANÁLISE DO CONTO "VENHA VER O PÔR DO SOL: A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA ENQUANTO "ASSOMBRO" DO SISTEMA PATRIARCAL.

Gabrielle Serra Rabelo

Resumo: Intenta-se com o presente trabalho analisar a representação da violência psicológica enquanto assombro do sistema patriarcal no conto "Venha Ver o Pôr do Sol", da escritora Lygia Fagundes Telles. O conceito de "assombro" na narrativa não emana de elementos sobrenaturais, mas da incapacidade masculina de aceitar a autonomia feminina, culminando em práticas de dominação e controle. Nesse sentido, busca-se discutir a progressão da violência através de simbolismos presentes na narrativa: o cemitério abandonado, o pôr do sol, a grade e a chave. Tais elementos podem ser interpretados como metáforas do enclausuramento da mulher, enquanto refém da violência psicológica, na dinâmica entre os personagens Ricardo e Raquel. Para isso, será realizada uma análise qualitativa e bibliográfica, fundamentada na crítica literária feminista de Sandra Gilbert e Susan Gubar e na sociologia de Heleieth Saffioti, a fim de discutir a estrutura do patriarcado. De forma paralela, utiliza-se a teoria do insólito de David Roas e Tzvetan Todorov para explicar como o horror se manifesta nas relações cotidianas através do estranhamento. Portanto, conclui-se que a vingança de Ricardo materializa o controle exercido pelo

sistema patriarcal, que opera de formas simbólicas e silenciosas, não necessitando de forma física para ser letal, requerendo apenas o silêncio e a estrutura para ser instaurada.

DA CLAUSURA AO MUNDO: A ALEGORIA MORAL E A MEMÓRIA LITERÁRIA EM TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA E SÓROR MARIA DO CÉU

Hanna Andressa do Carmo Furtado Oliveira

Resumo: Dentre os espaços que se destinavam à contenção de mulheres, os conventos eram tomados enquanto os mais seguros. Todavia, foi na clausura que muitas delas encontraram acesso ao conhecimento, à leitura e à produção intelectual, ainda que submetidas às regras monásticas. Elementos como a circulação de livros, conjuntos pictóricos e a própria escrita das religiosas, hoje reconstituídos pela crítica, validam a presença de uma cultura letrada feminina nesses ambientes, o que Ana Hatherly chama de "clima singularmente mundano em que viviam algumas religiosas no período barroco" (Hatherly, 1990, p. XII). Nesse cenário se inscreve a obra de Sóror Maria do Céu, publicada na primeira metade do século XVIII, sob pseudônimo de Maria Clemência. A Preciosa: alegoria moral (1731) articula uma narrativa pastoril, de carácter profundamente religioso e moral, acompanhando a figura que encarna as pregrinações da alma pelo mundo em direção ao seu criador. Entretanto, nem só da predisposição à religiosidade se constituíam as mulheres enclausuradas, como é o caso de Teresa Margarida da Silva e Orta. Enviada ainda criança ao Convento das Trinas do Mocambo, foi ali que conheceu o marido, por meio dos locutórios, mas que também, muito provavelmente, teria tido acesso à formação intelectual. Se, por um lado, Sóror Maria do Céu constrói um cenário voltado para a elevação espiritual, por outro, em Aventuras de Diófanes (1752), Orta recria uma Grécia ficcional, representante da corte de D. João V, voltada para a teatralização da moral e para a formação política. Embora partam de horizontes distintos, este estudo objetiva compreender a forma com que as duas obras permitem pensar estratégias diversas de inscrição da autoria feminina na cultura letrada setecentista, bem como os modelos pelos quais as obras escritas por mulheres tensionam e reconfiguram os limites da tradição literária.

A VOZ NARRATIVA ENTRE CENTRO E MARGEM: UMA COMPARAÇÃO ENTRE MEMÓRIAS DE MARTHA E MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Isabella Fernandes de Lima

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise comparativa entre Memórias de Martha (1899), de Júlia Lopes de Almeida, e Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), de Machado de Assis, buscando identificar e analisar as representações da dinâmica histórica e social na qual foram produzidos, com foco nas questões de classe e gênero. Parte-se da hipótese de que as distintas posições sociais e de gênero dos narradores resultam em representações contrastantes do contexto histórico e social do Brasil do século

XIX, produzindo efeitos distintos a partir das estratégias mobilizadas pelos autores na construção narrativa dos romances. Considera-se, ainda, a histórica marginalização de autoras no cânone literário brasileiro, entre as quais se inclui Júlia Lopes de Almeida, que, apesar de recentes e incansáveis trabalhos de recuperação de sua obra, ainda não ocupa um lugar de evidente destaque no imaginário cultural, no mercado editorial e na academia brasileiros. Diante disso, ao aproximar Memórias de Martha do já consagrado Memórias Póstumas de Brás Cubas, o trabalho não apenas valoriza a literatura produzida por mulheres nos oitocentos, como também desafia a tradição literária que, por muito tempo, relegou as vozes femininas a um plano secundário. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar da Literatura Comparada (Coutinho, 2014), o estudo orienta-se pela articulação entre os aspectos formais das obras e os elementos sócio-históricos que as atravessam. Dialogando, entre outros, com Nitrini (1997), Booth (2022), Eagleton (2026), Friedman (2002), Bakhtin (2003; 2010), Schwarz (2000), Candido (2006) e Lanser (1992), investiga-se de que maneira foco narrativo, gênero e posição social organizam diferentes perspectivas sobre a sociedade brasileira do século XIX, compreendendo como Júlia Lopes de Almeida e Machado de Assis se apropriam das condições de seu tempo como objeto do fazer literário.

ARQUEOLOGIA LITERÁRIA DIGITAL DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Julia de Souza Lopes

Resumo: A presente comunicação propõe uma reflexão acerca dos mecanismos de apagamento canônico da autoria feminina a partir da trajetória de Júlia Lopes de Almeida, articulando pressupostos da Filologia, da arqueologia literária e das Humanidades Digitais. Embora a escritora tenha ocupado posição de destaque na imprensa brasileira e portuguesa entre o final do século XIX e o início do século XX, sua presença foi progressivamente reduzida pela historiografia literária brasileira. Partindo dessa problemática, a pesquisa investiga a discrepância entre a ampla circulação contemporânea da autora e sua posterior marginalização no cânone nacional. O estudo fundamenta-se na base de dados desenvolvida no âmbito do projeto "Para um estudo da escrita feminina além do cânone: Filologando – Júlia Lopes de Almeida", construída a partir do levantamento, catalogação e sistematização de periódicos digitalizados publicados entre 1887 e 1934. A análise do corpus evidencia não apenas a recorrente publicação de textos de Júlia Lopes de Almeida, mas também a existência de significativa fortuna crítica em jornais e revistas de sua época, revelando sua efetiva inserção nas redes intelectuais e culturais do período. Nesse contexto, segundo Phablo Fachin, a Filologia é compreendida como prática de recuperação documental e reconstrução da circulação textual, enquanto a arqueologia literária, nos termos de Zahidé Muzart, permite problematizar os mecanismos historiográficos responsáveis pelo apagamento de escritoras do cânone literário. Amparada também pelas reflexões de Joanna Russ acerca das estratégias de deslegitimação da escrita feminina, a comunicação busca discutir como a filologia e as metodologias das

Humanidades Digitais contribuem para reconfigurar a memória literária e tensionar os processos históricos de exclusão da autoria feminina no Brasil.

NAS MARGENS DA TRADIÇÃO: AUTORIA FEMININA, CÂNONE E EXCLUSÃO EM MARIA FIRMINA DOS REIS E CLAIRE DE DURAS

Júlia Hartmann das Chagas

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura comparatista das trajetórias literárias de Maria Firmina dos Reis e Claire de Duras, a partir dos romances Úrsula (1859) e Ourika (1823). Fundamentada na sociologia da literatura e em uma perspectiva dialética, a pesquisa investiga como sistemas literários distintos produziram mecanismos de exclusão que conduziram trajetórias distintas a um destino semelhante: o apagamento de escritoras que desafiaram convenções de classe, gênero e raça no século XIX. Parte-se da hipótese de que, embora ocupem posições opostas em um mesmo processo histórico colonial, o silenciamento de suas obras relaciona-se à centralidade conferida por ambas a vozes historicamente subalternizadas, especialmente às experiências de mulheres negras. Inicialmente, discute-se a invisibilização histórica das mulheres e suas implicações para a constituição do cânone literário, com base nas reflexões de Michelle Perrot sobre o "silêncio das fontes". Em diálogo com Simone de Beauvoir, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro, problematizam-se as diferentes experiências femininas e os condicionamentos produzidos pelos marcadores de raça, gênero e classe, com atenção à condição da mulher negra como "outro do outro". Em seguida, mobilizam-se as contribuições de Antonio Candido acerca da formação dos sistemas literários para compreender as posições ocupadas por Maria Firmina e Claire de Duras. Enquanto a autora maranhense escreveu em um espaço literário ainda incipiente e pouco acessível às mulheres, Duras produziu sua obra no interior da tradição consolidada dos salões franceses. Apesar dessas diferenças, ambas permaneceram à margem dos processos de consagração literária. Por fim, a análise das personagens Susana e Ourika evidencia as estratégias narrativas que conferiram voz e centralidade a figuras negras historicamente excluídas da representação literária. A comparação entre as obras permite refletir sobre os mecanismos que regulam a permanência ou o apagamento de autoras na tradição literária, evidenciando como contextos distintos produziram formas convergentes de exclusão.

A VIOLÊNCIA INTERSECCIONAL CONTRA A MULHER NEGRA EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA (JESUS, 2020) E SOLITÁRIA (CRUZ, 2022)

Karolina de Abreu

Resumo: O presente trabalho propõe um estudo em perspectiva comparada das obras Quarto de despejo: Diário de uma Favelada (2020), de Carolina Maria de Jesus, e Solitária (2022), de Eliana Alves Cruz, investigando como a representação da violência contra a mulher negra possibilita, a partir da

experiência estética literária, a denúncia das estruturas de opressão que articulam raça, gênero e classe no contexto brasileiro. Embasando-se em uma perspectiva interseccional, discute-se de que modo ambas as obras evidenciam a permanência de hierarquias sociais herdadas da colonialidade, expondo formas de violência que se manifestam nos âmbitos físico, simbólico, econômico e discursivo. A análise compreende tais violências contextualizadas em um espaço de interseccionalidade em que, conforme concebido por Kimberlé Crenshaw (1989), articulam-se diferentes formas de opressão, como racismo e sexismo, produzindo experiências específicas de discriminação para mulheres negras. Reflete-se, desse modo, como tais textos mobilizam a experiência histórica como forma de denúncia e resistência, considerando que, de acordo com Walter Benjamin (1994), determinadas obras podem ser compreendidas como "documentos de cultura", capazes de evidenciar tensões, silenciamentos e permanências históricas inscritas nas relações sociais. Para isso, o trabalho dialoga com as reflexões de Gayatri Spivak (2010) acerca da subalternidade; de Lélia Gonzalez (2020) sobre a condição social da mulher negra brasileira; de Maria Lugones (2014) e Aníbal Quijano (2005), no que se refere à colonialidade. Sob essa ótica, defende-se que as obras estudadas configuram-se como narrativas que articulam estética literária e denúncia histórico-social ao evidenciarem como a violência contra mulheres negras se estrutura a partir de mecanismos históricos de silenciamento, exclusão social, precarização da vida e negação da humanidade, expondo a permanências das estruturas coloniais nas relações sociais contemporâneas.

A REPRESENTAÇÃO DA CULPA EM MULHER NO ESPELHO, DE HELENA PARENTE CUNHA: SUBJETIVIDADE FEMININA, DUPLO E REESCRITA DE SI

Kelly Ramos de Jesus Araujo

Resumo: Mulher no Espelho (1983), da escritora baiana Helena Parente Cunha, narra a trajetória de uma mulher em constante conflito com seu duplo ("a mulher que me escreve"), num processo de ruptura com os papéis de gênero impostos pela ordem patriarcal. Publicada às margens do cânone literário brasileiro, a obra articula forma narrativa experimental e crítica às estruturas de dominação que moldam a subjetividade feminina. Ambientada na Bahia do final da década de 1970, período de efervescência política e emergência do feminismo no cenário nacional, a narrativa situa a protagonista num processo de reescrita de si: da leitora silenciada à escritora de sua própria história. Este trabalho analisa a representação do sentimento de culpa que permeia o romance a partir de três eixos articulados: o contexto histórico em que a obra está inserida; a figura do duplo na literatura, com base em Otto Rank (1914) e Sigmund Freud (1919); e o sentimento de culpa como produto das exigências civilizatórias e da ordem patriarcal, segundo Freud (1930). Argumenta-se que a culpa, internalizada desde a infância por meio da autoridade paterna e depois conjugal, opera como mecanismo de controle subjetivo que regula desejos, silencia vozes e perpetua a submissão. O confronto com o duplo é o dispositivo narrativo pelo qual essa culpa é exposta,

questionada e parcialmente atravessada. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica. O estudo busca contribuir para a fortuna crítica de Helena Parente Cunha e para o debate interdisciplinar entre literatura, psicanálise e estudos de gênero, evidenciando como a obra tensiona os discursos normativos que historicamente definiram o lugar das mulheres na literatura e na vida social.

O APAGAMENTO DE MARIA ALICE BARROSO DA MEMÓRIA LITERÁRIA BRASILEIRA

Larissa Barbosa Finamore

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a publicação da obra Um nome para matar, de Maria Alice Barroso, e o subsequente apagamento da autora da historiografia literária brasileira. Esse romance conta a história de Parada de Deus, um vilarejo inspirado em Miracema, cidade natal da autora. É nessa relação entre o fictício e o real que encontramos um motivo para o apagamento de seus livros, dadas as implicações na vida pessoal de Maria Alice após um poderoso político da região em que ela morava se reconhecer nas ações e nos crimes de um dos personagens principais do livro da autora miracemense. Essa relação polêmica pode ser vista em matérias de jornais da época, que relataram as retaliações que Barroso sofreu após a publicação de Um nome para matar, como a tentativa de excluir a autora da memória popular de Miracema. Sendo assim, considerando que a memória não é um repositório passivo, mas sim uma construção dinâmica que depende de "quadros sociais" para evocar e localizar lembranças, podemos considerar que a influência desse político fez com que Barroso fosse apagada desses quadros sociais da cidade em um movimento que pode ser caracterizado como "memoricídio", uma ruptura intencional que apaga vozes como a de Maria Alice, não por acidente temporal, mas por uma operação de silenciamento nos cânones literários e historiográficos. Desse modo, este trabalho propõe que a obra de Maria Alice Barroso apresenta a literatura como espaço de disputa entre memória, poder e representação, evidenciando como a ficção pode tensionar estruturas políticas e sociais a ponto de provocar reações que ultrapassam o campo literário e interferem diretamente na permanência da autora na memória cultural brasileira. Para isso, serão usadas como referencial teórico as contribuições de Duarte (2018), Halbwachs (2004), Ricoeur (2007), Báez (2001), entre outros.

A PRESENÇA DA MEMÓRIA FEMININA NOS ROMANCES DE FAMÍLIA CONTEMPORÂNEOS: A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA DO DOMÉSTICO NAS LITERATURAS DE GINZBURG E SALVI

Maria Eduarda Rossi Ribeiro

Resumo: O presente trabalho, que resultará em dissertação, busca investigar como a memória feminina toma forma em dois romances de família contemporâneos, ambos italianos: Léxico familiar (1963), de Natalia Ginzburg, e Clementina (2025), de Giuliana Salvi. Nas duas obras, realidades familiares já extintas

são reconstituídas. Em Léxico familiar, descrito pelo crítico Domenico Scarpa como uma "autobiografia comunitária", uma Ginzburg-narradora conta a história de sua infância, dando foco sempre às pessoas que estiveram à sua volta nesse período e reservando a si mesma o canto da sala, de onde se limita a observar; já em Clementina, é narrada a vida da bisavó de Salvi, Clementina Salvi, alguém que ela não conheceu pessoalmente, mas se tornou, ao longo dos anos, uma figura de destaque na memória coletiva da família e da comunidade a que ela pertenceu, na qual atuou como professora por décadas. Através de uma análise comparativa das duas obras, levando em consideração também que Giuliana Salvi é leitora assídua de Natalia Ginzburg, pretende-se: compreender como a memória familiar é tecida nos romances, sustentando-se, principalmente, nas personagens mulheres; contrastar as duas vozes narrativas, uma de primeira pessoa, e, a outra, de terceira; analisar o esbarramento frequente da esfera privada, doméstica, e fadada ao apagamento, vivida pelas personagens femininas, com a História; investigar o papel da palavra como fator que estabelece coesão entre os membros da família, seja por meio de um vocabulário específico, como visto no romance de Ginzburg, que conta com termos cunhados, em grande parte, pela mãe da autora, Lidia, ou através da utilização do dialeto, de uma língua regional, tendo em vista a realidade não-monolíngue da Itália, pelas irmãs e, eventualmente, pelos filhos de Clementina.

"QUERO VER QUEM VAI ME IMPEDIR": CENAS DE REVIDE DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Mariana Filgueiras de Souza

Resumo: Nos últimos dez anos, uma pequena revolução aconteceu na literatura brasileira. A personagem trabalhadora doméstica, historicamente relegada à estereotipia, invisibilização e "imagens de controle" (Hill Collins, 2016), passou a figurar com mais centralidade em contos e romances, inclusive como narradora e protagonista, o que era inédito até então (Filgueiras, 2025). A mudança abre novas frentes de mediação literária: a personagem ganha mais espaço subjetivo nos enredos, os pontos de vista se tornam mais variados, e o tema do trabalho doméstico, uma questão crucial no debate público nacional, passa a ser enfrentado de forma mais direta pelos autores. Um exemplo que ilustra bem tais mudanças são as cenas de revide das empregadas contra seus patrões, que surgem com mais frequência nessas obras. São episódios que eclodem geralmente quando a personagem demonstra insatisfação contra os abusos praticados pelos empregadores; quando decide romper o ciclo da violência e mudar de vida ou quando a revanche é uma tática sutil de sobrevivência. A partir de exemplos que aparecem nos livros Perifobia, de Lilia Guerra (2025); e Vera, de José Falero (2024), esta comunicação vai mostrar como essas cenas vão além de uma mera expressão de ressentimento individual das personagens, revelando estratégias mais simbólicas e estruturais de vingança através do texto.

"NASCIMENTO E MORTE DA DONA DE CASA", DE PAOLA MASINO: UM RETRATO DE DENÚNCIA

Marinês Lima Cardoso

Resumo: Este trabalho busca discutir o apagamento da escritora italiana Paola Masino, partindo da análise do seu romance Nascimento e morte da dona de casa, publicado em capítulos entre 1937 e 1938 e, em edição única, em 1945, que causou incômodo tanto na crítica quanto no público. Em um texto permeado de alegorias, a obra traça um retrato da situação da figura feminina naqueles anos ao trazer para o protagonismo uma jovem que deve se conformar às expectativas impostas às mulheres pela sociedade patriarcal. Assim, para se adequar ao modelo feminino veiculado pelo regime fascista, nossa personagem deve renunciar a sua própria individualidade e recitar o papel de esposa dedicada ao lar, casando-se com um tio distante para satisfazer sua família. Entretanto, nesse processo de adequação, a protagonista se afasta da realidade e busca refúgio em um mundo de fantasia e sonhos, revelando com ironia a disciplina, as convenções sociais e o utilitarismo que caracterizavam a sociedade daqueles anos. Assim, com uma escrita marcada por descrições de espaços e de personagens com traços tipicamente surreais, a autora denuncia a opressão à qual eram submetidas às mulheres. Essa discussão se pautará nos pressupostos teóricos de Beauvoir (2024) e Sontag (2026) para discorrer sobre a complexa condição da mulher e Benjamin (2011) e Todorov (2010) para tratar da alegoria e do diálogo com o fantástico e o maravilhoso.

A FACE IMPREVISTA: MARIA JULIETA DRUMMOND DE ANDRADE E O SILÊNCIO DA CRÍTICA.

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

Resumo: Maria Julieta Drummond de Andrade foi uma intelectual de face múltipla. Professora universitária, tradutora e divulgadora da cultura brasileira na Argentina, foi também uma escritora. Seus textos trazem temas que despertam especial interesse em nossos dias: questões de gênero, crises de adolescência e importância da vida animal. Nos anos 40, escreveu Diário de uma garota, e o romance A busca, publicado em 1946. Depois se calou, voltando à cena pública como cronista, a partir de texto escrito em homenagem ao seu pai. Publicou 3 livros de crônicas - Um buquê de alcachofras (1980); O valor da vida (1982); Gatos e pombos (1986) - e um livro para jovens: Loló e o computador (1985). Como muitas mulheres que começaram a produzir literatura nos anos 40, Maria Julieta Drummond de Andrade enfrentou o desafio de expressar sua subjetividade com recursos de linguagem diferentes daqueles que estavam à disposição em uma literatura feita majoritariamente por escritores homens: o que resulta em um jogo de aproximação e afastamento. A tensão inerente a essa dinâmica, no caso de Maria Julieta, parece concentrar-se no confronto com a literatura produzida por Carlos Drummond de Andrade, seu pai, seu

guia de leituras, autor frequentemente considerado o mais importante poeta brasileiro do século XX. O estudo centra-se em algumas questões: por que Maria Julieta interrompeu a sua trajetória de romancista que só tentou retomar, quando sentiu a iminência da morte? Por que, tendo recebido bem esse romance, a crítica em seguida silenciou acerca dessa ficção que, debruçada sobre temas contemporâneos, deixou de ser editada ? Por que Maria Julieta - a intelectual premiada - passou a ter visibilidade apenas como filha de Carlos Drummond de Andrade ?

O PAPEL DA MULHER NA ESCRITA EMANCIPADORA DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Olivia Frade Zambone

Resumo: Essa comunicação tem como objetivo analisar questões ligadas à emancipação da mulher e autonomia presentes na obra What Diantha did [O que Diantha fez], e os ensaios publicados na revista The Forerunner, volume I (1910), ambos escritos por Charlotte Perkins Gilman. Autora estadunidense, além de escrever romances, contos e ensaios, também foi ativista, lutando pela causa feminista; suas obras mais conhecidas no Brasil são o conto O papel de parede amarelo (The Yellow Wallpaper) e o romance utópico Terra das Mulheres (Herland). Ao escrever What Diantha did, sobre uma moça (Diantha) que, diante problemas financeiros, quebra as regras que previam manter-se em casa para que o futuro marido possa sustentá-la e resolve trabalhar, a escritora problematiza o papel da mulher na sociedade e questões ligadas à autonomia e escolha. A obra, escrita em forma de folhetim justamente no primeiro volume da revista The Forerunner e publicada em formato de livro posteriormente, conversa com os ensaios, presentes no volume da publicação citada, que argumentam sobre o papel da mulher no espaço social. Como parte da pesquisa de doutoramento, o trabalho se propõe a refletir como a autora utiliza a escrita para problematizar questões sociais relacionadas ao feminino, especialmente no que se refere a escolhas e trabalho como papel emancipador. Como, afinal, essa escrita mobiliza para a conscientização e a emancipação da mulher? Para isso, estabeleceremos conversas com obras da crítica feminista como Figueiredo (2020), Duarte (2019), Schmidt (2019) e autores que discutem o assunto como Bourdieu (2012). Espera-se, com isso, ampliar a discussão sobre a autoria escrita feminina.

ENTRE O CORPO E A ESCRITA: MATERNIDADE, SUBJETIVIDADE E RESISTÊNCIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA

Paula Renata Lucas Collares Ramis

Resumo: A literatura produzida por mulheres tem historicamente enfrentado processos de deslegitimação e invisibilização, sobretudo quando aborda temas associados ao espaço privado, ao corpo e à experiência íntima. Nesse contexto, a maternidade foi frequentemente reduzida a uma condição

naturalizada do feminino, sendo representada por perspectivas idealizadas e normativas que reforçaram papéis de gênero historicamente construídos. Em contraposição a esse modelo, diversas escritoras contemporâneas têm transformado a gestação, o parto, a amamentação e o puerpério em espaços de elaboração crítica, construção de subjetividades e resistência aos discursos hegemônicos sobre o feminino. Esta comunicação propõe analisar as obras Teta racional, de Giovana Madalosso, e Linea nigra, de Jazmina Barrera, investigando como essas narrativas problematizam concepções essencialistas da maternidade e tensionam discursos historicamente vinculados ao patriarcado. A partir das reflexões de Simone de Beauvoir acerca da construção social do feminino, dos estudos de Michelle Perrot sobre a historicidade das experiências das mulheres e das discussões contemporâneas sobre autoria feminina e relações de poder, busca-se compreender de que maneira essas obras transformam experiências tradicionalmente associadas ao âmbito doméstico em matéria estética, política e crítica. Argumenta-se que, ao conferir centralidade à gravidez, ao parto e ao pós-parto, as autoras não apenas representam a maternidade sob perspectivas mais complexas e ambivalentes, mas também reivindicam espaços de enunciação historicamente marginalizados pelos processos de legitimação literária. Ao inscreverem no campo da literatura experiências frequentemente consideradas secundárias ou privadas, as narrativas analisadas desafiam hierarquias de gênero e ampliam as possibilidades de representação da experiência feminina. Desse modo, podem ser compreendidas como poéticas de resistência que contribuem para a revisão crítica das estruturas de poder que historicamente orientaram a constituição do cânone literário e a recepção da escrita de autoria feminina.

ESCOVANDO O CÂNONE A CONTRAPELO: LUCREZIA MARINELLA E OS SILÊNCIOS DO ARQUIVO LITERÁRIO ITALIANO

Priscila Nogueira da Rocha

Sonia Cristina Reis

Resumo: A presente comunicação propõe analisar a trajetória e a produção literária da escritora veneziana Lucrezia Marinella (1571–1653), figura central do protofeminismo europeu, cujas obras permanecem inéditas no sistema literário. O objetivo é discutir como sua autoria desafiou as fronteiras de gênero e os critérios estéticos do cânone patriarcal do Seiscentos italiano, especialmente por meio de sua incursão na poesia épica com Enrico, overo Bisanzio acquistato (1635), um gênero historicamente restrito aos homens. Para fundamentar essa análise, articula-se o referencial teórico da História das Mulheres de Michelle Perrot à Filosofia da História de Walter Benjamin. A partir de Perrot, investigam-se os silêncios, as lacunas e as margens do arquivo documental que cercam as trajetórias femininas, compreendendo o apagamento de Marinella não como um fato natural, mas como uma operação política de exclusão historiográfica. Sob a ótica benjaminiana, propõe-se "escovar a história a contrapelo", arrancando a obra de

Marinella do tempo linear e homogeneizador dos "vencedores" da tradição literária para reinseri-la no presente como uma exigência de justiça histórica e interrupção crítica. Adota-se, ainda, uma abordagem comparatista e interseccional ao tensionar as condições materiais, geográficas e de classe que viabilizaram a publicação de seus escritos na República de Veneza. Cruza-se o privilégio socioeconômico que garantiu seu acesso à cultura escrita com as barreiras de gênero que ditaram sua posterior marginalização. Conclui-se que o resgate e a futura tradução de Marinella no cenário contemporâneo brasileiro funcionam como o conceito de "Tempo do Agora" (Jetztzeit) de Benjamin, conferindo atualidade política a uma voz silenciada no século XVII. Desse modo, o trabalho contribui para o debate sobre o tensionamento das hegemonias editoriais e a revisão crítica dos acervos literários ocidentais.

REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA E POÉTICAS DE RESISTÊNCIA: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA E OLHOS D'ÁGUA

Thayrini Beijo Ferreira

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise comparativa entre o romance Tereza Batista cansada de guerra, de Jorge Amado, e a coletânea de contos Olhos d'água, de Conceição Evaristo, com o objetivo de investigar como ambas as obras representam a violência de gênero e constroem estratégias de resistência feminina em contextos de marginalização social. A partir da perspectiva da Literatura Comparada e dos estudos de gênero, busca-se compreender de que modo as narrativas articulam diferentes formas de violência simbólica, física e social que atravessam os corpos femininos, bem como os mecanismos de sobrevivência e insurgência elaborados por suas protagonistas. Em Jorge Amado, Tereza Batista é construída como uma figura de resistência que enfrenta estruturas patriarcais e relações de poder marcadas pelo coronelismo e pela exploração do corpo feminino. Já em Conceição Evaristo, a violência assume contornos urbanos e estruturais, sendo reelaborada pela escrevivência, conceito que transforma memória, ancestralidade e experiência coletiva em instrumentos de denúncia e preservação da subjetividade feminina negra. A análise comparativa evidencia um deslocamento da perspectiva narrativa: enquanto a personagem de Amado é frequentemente mediada por um olhar externo, em Evaristo as mulheres ocupam o centro da enunciação, produzindo uma voz literária marcada pela autorrepresentação e pela resistência. Conclui-se que, apesar das diferenças estéticas e históricas, ambas as obras utilizam a literatura como espaço de enfrentamento ao silenciamento feminino e de problematização das hierarquias sociais e de gênero presentes na sociedade brasileira.

TRABALHO DOMÉSTICO, COLONIALIDADE E AUTORIA FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Vanessa Aparecida de Almeida Gonçalves Oliveira

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão acerca das textualidades do trabalho doméstico na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres, considerando as articulações entre gênero, raça e classe a partir de perspectivas feministas decoloniais e interseccionais. Partindo da compreensão de que o trabalho doméstico e o espaço da casa foram historicamente associados à invisibilização da experiência feminina e à desvalorização estética de determinadas narrativas, busca-se investigar como essas escritas contemporâneas ressignificam o trabalho doméstico como categoria política, memória coletiva e espaço de resistência. A análise contempla obras de autoras afro-brasileiras contemporâneas, como Eliana Alves Cruz, bem como relatos reunidos em Eu, a empregada doméstica, de Preta-Rara, observando de que maneira essas produções evidenciam as permanências da colonialidade nas relações de trabalho doméstico no Brasil. Nesse contexto, os textos expõem formas históricas de exploração e subalternização que atravessam os corpos femininos racializados, ao mesmo tempo em que produzem estratégias de elaboração subjetiva, denúncia social e reconstrução de espaços de enunciação. Ao transformarem o trabalho doméstico em espaço de elaboração crítica das relações de poder, tais obras desafiam hierarquias canônicas e tensionam os critérios tradicionais de legitimação literária. O trabalho dialoga, portanto, com debates contemporâneos sobre autoria feminina, memória, resistência e interseccionalidade, buscando compreender como a literatura contemporânea ressignifica experiências historicamente marginalizadas e transforma a escrita em prática crítica de enfrentamento às estruturas coloniais e patriarcais.

"SOBE À CENA A MOÇA LIVRE DE MAUS COSTUMES": POESIA, CORPO E AUTORIA FEMININA À VOLTA DOS ANOS 1970

Victória Zanetti Largura

Resumo: Em 1979, Ana Cristina Cesar registra, no ensaio "Literatura e mulher: essa palavra de luxo", uma virada na dicção poética feminina brasileira: onde antes se lia "flor, luar, delicadeza e fluidez", sobem à cena a prostituta, a lésbica, a masturbação, o palavrão, o protesto. Esse deslocamento, de uma escrita marcada pelo recato para uma que incorpora o corpo, o desejo e a sexualidade como formas de contestação, constitui o ponto de partida desta comunicação. Toma-se como objeto essa transformação a partir de um corpus composto por Ana Cristina Cesar, Angela Melim e Leila Míccolis, poetas inseridas no contexto da chamada poesia marginal e da contracultura dos anos 1970, cujas obras permanecem em grande medida à margem da sistematização crítica. Inseridas num contexto de repressão ditatorial e emergência do movimento feminista, essas poetas se apropriam de procedimentos herdados da tradição modernista – o corte, a montagem, a ironia, a fragmentação –, até então pouco acessados pelas mulheres. Investiga-se de que modo esses recursos são mobilizados para inscrever a experiência feminina na própria estrutura do poema, reconfigurando o corpo feminino de uma posição de objeto para voz poética. Interessa compreender como esses gestos de ruptura formal operam simultaneamente como desafio ao cânone e

como construção de uma linhagem poética própria, ainda hoje pouco reconhecida. A pesquisa busca contribuir para a investigação da autoria feminina na poesia brasileira, evidenciando as lacunas que ainda persistem em sua recepção crítica.

ST: ENSINO DE LITERATURA: RETOMADA CRÍTICA & PLANOS DE AÇÃO

Coordenação: Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva, Marcel Alvaro de Amorim e Mônica de Menezes Santos

Resumo: Este simpósio se destina a retomar criticamente e a desdobrar as ações que têm reunido nos últimos anos um grupo de pesquisadores interessados em analisar o ensino de literatura em espaços institucionais e as práticas de leitura literária nos âmbitos da Educação Básica e do Ensino Superior. Tendo como principais diferenciais um esforço em desenvolver um olhar sistêmico sobre a atual crise no ensino da Literatura e uma relação direta com ações de formação continuada de professores em larga escala, priorizamos para isso um olhar capaz de articular as principais variáveis que incidem sobre esse cenário. Nesse sentido, também buscamos com a proposta atual dar continuidade e aprofundamento ao trabalho intensivo realizado nos simpósios "Ensino de Literatura: abordagens sistêmicas" e "Ensino de Literatura em crise: diagnósticos & propostas", coordenado por esta mesma equipe em dois dos últimos congressos da ABRALIC, e também ao grupo reunido em torno do e-book organizado a pedido da Direção da ABRALIC, em 2025, que foi intitulado "Literatura e ensino: reflexões, experiências e leituras" (ainda no prelo). Consideramos, como contexto concreto em que essa crise do ensino de literatura se dá, duas ordens de fatores. Por um lado, temos o acirramento de problemas de ordem mais geral como o desprestígio crescente das licenciaturas, o agravamento das condições socioeconômicas dos professores, o impacto de um período recente de forte retração dos investimentos públicos na educação e, por fim, alguns dos velhos desafios para articulação entre teoria e prática docente trazidos à tona de forma mais visível e problemática pelas últimas orientações para o estágio curricular das licenciaturas publicadas na Resolução CNE/CP nº 4 de 2024. Por outro lado, percebemos como têm emergido questões mais específicas ligadas ao ensino da literatura no Brasil, como as propostas fixadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a participação relativamente baixa dos profissionais da área de Literatura em setores estratégicos que definem políticas públicas para a disciplina de Língua Portuguesa na Escola Básica (como os programas responsáveis pela avaliação e indicação de livros para constituição dos acervos escolares como o PNLD e o PNLD Literário, ou ainda aqueles responsáveis pela elaboração das avaliações de larga escala que moldam mais de perto os focos centrais de atenção dos currículos escolares e dos livros

didáticos, como o ENEM). Partimos de uma base de trabalho ligada aos coordenadores do simpósio com longa e estreita relação com projetos sistemáticos de formação continuada de professores da Escola Básica e ampla experiência de imersão nas salas de aula em diversos níveis e segmentos - por vezes, inclusive, já reunidos em projetos públicos ligados ao ensino de literatura nas escolas federais, estaduais e municipais, em coordenação de propostas curriculares já implementadas nas escolas públicas e também em cursos e publicações acadêmicas e didáticas. Pretendemos, em relação a esse histórico de efetivo trabalho conjunto dos proponentes e do grupo que vem sendo reunido em torno das questões que nos interessam, não só desenvolvermos ações de balanço e elaboração avançada das experiências já ocorridas e ainda em curso, mas ainda elaborarmos propostas concretas e planos de ação mais robustos que possam continuar a impactar todo o sistema que abrange a educação literária na Escola Básica e no Ensino Superior. Em termos teóricos, vamos seguir privilegiando no simpósio perspectivas teóricas de caráter sistêmico que se afinem com o olhar já clássico de Antonio Candido sobre o "sistema literário" e também as contribuições centrais de expoentes da ciência da literatura empírica, reunidos no Brasil principalmente em torno de coletâneas e estímulos teóricos trazidos ou organizados por Heidrun Krieger. Nesse sentido, buscamos dialogar com trabalhos que levem em conta não apenas os desafios metodológicos ligados à própria natureza da literatura e da leitura literária de um modo geral, em termos próximos aos de autores como Rildo Cosson e Cyana Leahy-Dios, mas que também sejam capazes de articular a essa análise uma observação mais detida sobre a multiplicidade de fatores que condicionam muito concretamente a experiência de leitura literária no ambiente escolar, tais como os documentos norteadores do MEC que se projetam a nível nacional, os currículos estaduais e municipais, as políticas públicas de aquisição e constituição de acervos escolares implementados nos últimos anos (como o PNBE, o PNLD e o PNLD Literário), a fontes de acesso aos livros didáticos e paradidáticos e aos demais materiais de apoio, o próprio panorama da produção contemporânea de literatura para crianças e jovens, o efetivo trabalho mais pontual de mediação realizado pelos professores em torno das obras literárias em sala de aula, o funcionamento das avaliações de largo espectro e ainda as condições estruturais e políticas em que têm se dado a formação e a prática docente nos espaços institucionais. Com isso, esperamos dar mais um passo no sentido de avaliação dos modelos teóricos que temos incorporado e também do planejamento das ações político-pedagógicas efetivas que temos assumido.

O (NÃO) LUGAR DA LITERATURA EM DOCUMENTOS OFICIAIS

Bianca Meira Lopes

Resumo: Este trabalho propõe uma revisão analítica e crítica acerca da trajetória histórica das políticas públicas educacionais brasileiras voltadas ao Ensino Médio, investigando minuciosamente como o conjunto documental norteador composto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNEM), pelas Orientações

Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+), pelas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEM) e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fundamentou e consolidou um processo de apagamento gradual e sistemático da literatura no currículo escolar. O objetivo central desta investigação é mapear o preocupante deslocamento do texto literário, que deixa de ocupar seu estatuto de experiência estética, cultural e humanística primordial para assumir uma função meramente utilitária, instrumental ou acessória, sendo progressivamente diluída sob o paradigma tecnicista das competências e habilidades da área de Linguagens e suas Tecnologias. Por meio de uma análise comparativa e documental, a pesquisa busca evidenciar que as sucessivas reformas e diretrizes curriculares promoveram uma "didatização" excessiva e um esvaziamento do campo literário, culminando em uma estrutura pedagógica na BNCC que negligencia a formação do leitor crítico e sensível em favor de demandas pragmáticas, imediatistas e voltadas exclusivamente às exigências do mercado de trabalho contemporâneo. Conclui-se, portanto, que tais orientações oficiais não são neutras, mas refletem uma escolha política e pedagógica deliberada que compromete severamente o direito subjetivo do estudante à fruição estética, ao contato com o cânone e ao desenvolvimento pleno da sensibilidade artística e do pensamento autônomo, tornando absolutamente urgente uma reavaliação teórica sobre o papel da literatura como pilar imprescindível da formação integral e humana no cenário educacional brasileiro.

CONCEPÇÕES SOBRE O GÊNERO DRAMÁTICO NO ENSINO DE LITERATURA: ESTUDO DE LIVROS DIDÁTICOS DISPONIBILIZADOS PELO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Clara Soares Morais de Souza

Resumo: Esta pesquisa concentra-se na análise de concepções teóricas sobre o gênero dramático em materiais didáticos distribuídos para o Ensino Fundamental II pelo atual ciclo do PNLD, de 2024 a 2027, na cidade de Salvador. Esta pesquisa de mestrado, que parte do campo literário, faz-se pertinente por propor um estudo reflexivo sobre as conceituações do gênero dramático nos 20 livros didáticos mais distribuídos a partir do recorte selecionado, a fim de contribuir com a produção de conhecimento na área de Literatura e com a articulação teórica entre o ensino básico e o ensino superior. Ademais, serão analisadas também as concepções e orientações para o ensino de literatura propostas pela BNCC (Brasil, 2018). Para tanto, parte-se de conceituações sobre teoria literária de Culler (1999) e "sistema literário" de Cândido ([1959], 1964), bem como da perspectiva de letramento literário de Rildo Cosson ([2006], 2014). Acerca da Teoria do Drama, faz-se um apanhado desde Aristóteles ([335 a.C.], 2008) até Staiger ([1946], 1975), Szondi ([1965], 2001), Sarrazac ([2012], 2017), Mendes (1995) e Cabral (2012) para subsidiar as análises teóricas acerca do gênero dramático em diálogo com o modo como este se apresenta nos livros didáticos

selecionados. Além disso, serão apresentados os resultados parciais das primeiras etapas metodológicas, quais sejam, como foi realizada a coleta de dados no site do Sistema do Material Didático (Simad), quais foram os parâmetros adotados para a seleção dos materiais didáticos, bem como a apresentação do corpus. Também será apresentado o planejamento das etapas futuras que serão desenvolvidas para dar continuidade à pesquisa, que é de caráter qualitativo e natureza exploratória.

ABORDAGENS SISTÊMICAS E ENSINO DE LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DE UMA ARTICULAÇÃO

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva

Resumo: As discussões contemporâneas sobre o ensino de literatura têm enfatizado questões relacionadas à formação de leitores, à constituição dos cânones escolares e aos processos de mediação da leitura literária. E, embora tais debates mobilizem frequentemente referenciais oriundos da teoria da literatura, da linguística aplicada e da sociologia da educação, ainda são relativamente raras as investigações que buscam explicitamente fundamentos teóricos consistentes e capazes de considerar e articular com mais precisão todas as variáveis que atuam sobre o ensino da literatura. Partindo dessa constatação, esta comunicação propõe discutir detalhada e explicitamente as possíveis contribuições das abordagens sistêmicas para a compreensão do lugar da escola na constituição, circulação e legitimação da literatura, assim como para o planejamento de ações estratégicas no sentido de superação da grave crise atual pela qual passa o seu ensino formal. O trabalho estabelece um diálogo principal entre as concepções de sistema literário formuladas por Antonio Candido, Niklas Luhmann e Itamar Even-Zohar, e ainda as reflexões de Pierre Bourdieu e Pascale Casanova acerca dos processos de legitimação cultural. Busca-se demonstrar que a escola não pode ser entendida apenas como espaço de transmissão de conteúdos literários, mas como uma instituição constitutiva do próprio sistema literário, responsável pela formação de públicos leitores, pela seleção de obras consideradas legítimas e pela reprodução ou transformação das hierarquias simbólicas que organizam o campo literário. A partir de revisão bibliográfica de caráter teórico-conceitual, argumenta-se que uma perspectiva sistêmica permite deslocar o foco das metodologias de ensino para as relações institucionais que condicionam a presença da literatura nos currículos, nos materiais didáticos e nas práticas de leitura. Tal abordagem favorece uma compreensão ampliada da educação literária, concebida não apenas como processo pedagógico, mas como mecanismo central de manutenção e renovação do sistema literário.

CAFÉ, CHAPÉUS E EDUCAÇÃO LITERÁRIA SENSÍVEL NA SOCIEDADE DE MERCADO

Isabela Feliciano Moreira

Resumo: Embora a sensibilidade como princípio educativo ainda esteja presente na infância, como prevê a BNCC, a partir do Ensino Fundamental, a atual sociedade de mercado que afeta a dinâmica escolar vai abdicando dessa sensibilidade em nome do que, junto à sistematização dos conhecimentos, pode ser resumido ao preenchimento de planilhas com números indicadores de produtividade objetiva. Nesse contexto, este trabalho apresenta os textos "Café e educação", de Cecília Meireles ([1932] 2017), e "O país dos chapéus", de Rubem Alves (2005), como referências crítico-literárias que sustentam uma proposta de educação literária sensível. A partir desses textos, a sensibilidade surge como princípio didático-pedagógico de uma educação literária que não se isenta de questões sociais do contexto em que ela se dá (Leahy-Dios, 2004). Além da concepção de educação literária de Leahy-Dios (2004), o referencial teórico está pautado nos estudos de Valéria Lamego, em A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30 (1996); A alegria de ensinar (1994) e Educação dos sentidos e mais... (2005), de Rubem Alves; A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público (2004), de Christian Laval; Fundamentos estéticos da educação (1981), de João Francisco Duarte Júnior; e Política e educação (2022), de Paulo Freire. A partir de temas debatidos nesses textos, conclui-se que tomar a sensibilidade como princípio norteador da educação literária escolar configura não apenas uma conduta coerente com uma educação humanizadora como também significa uma postura de combate à lógica mercadológica que invade os sistemas brasileiros de ensino.

NARRATIVAS DO EU E DO OUTRO NAS LEITURAS LITERÁRIAS NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Karen Barbosa da Costa

Valeria R Ferreira

Resumo: Esta comunicação se debruça sobre a experiência com a turma do terceiro período de Letras na disciplina Literatura e Cultura Brasileiras – Fundamentos na UFRRJ em 2026.01. Perfis de turmas bem diversos ou díspares não são exceção no âmbito dessa universidade, o que equivale a dizer que tal realidade responde pelo grau de participação em sala de aula e fora dela, realizada ou não a leitura prévia dos textos referenciados ou no caso de filme, a fruição do vídeo indicado. Os temas de tais leituras/filmes giram em torno de antropofagia (Montaigne, 2000), sexualidade, interseções de gênero junto a alguns povos originários e história da ciência, respectivamente refratados nos elementos narrativos/poéticos e no trabalho de linguagem envolvendo tais elementos. Entre os textos trabalhados, encontram-se A Primeira Comunhão de Afonso Ribeiro, de Alberto Mussa; O salto e o salto da grande onça de Micheliny Verunski, além do poema de Camila do valle, A impossibilidade do poema fica declarada ao pé de página.. Além de Montaigne em Dos Canibais, utilizamos o excurso de Walter Benjamin Sobre o Conceito da História.

Trabalhamos ainda o filme dirigido por Lucia Murat, Brava Gente Brasileira, de 2000. Começamos as discussões a partir dos textos literários e filme para então os subsidiarmos com aportes teóricos.

DO DIREITO À LEITURA DA LITERATURA INDÍGENA NAS SALAS DE AULA BRASILEIRAS

Marcel Alvaro de Amorim

Resumo: A partir de uma expansão das ideias de Antonio Candido (1988) sobre o Direito à Literatura, esta comunicação se propõe a repensar a motivação e o espaço para/da leitura da literatura indígena nas salas de aula brasileiras. Para além do efeito decorrente da homologação da Lei 11.645/2008, que institui a obrigatoriedade da abordagem da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas salas de aula da educação básica, pretendemos compreender de que modo a leitura da literatura indígena pode, de fato, contribuir para a formação literária e cidadã dos estudantes brasileiros, num movimento de aproximação com os povos originários e de ampliação de vivências pelo viés do estético. Com efeito, é nossa intenção discutir não apenas a própria concepção de literatura indígena (Munduruku, 2012; Wapichana, 2012; Graúna, 2013; Dorrico, 2018; Potiguara, 2024; Pataxó, 2025), mas também a noção de leitura literária (Amorim; Nascimento; Santos, 2021; Amorim et al., 2022) e a relação entre a literatura indígena e a educação básica brasileira (Graúna, 2011; Back; Beato-Canato; Amorim, 2021). A argumentação central da comunicação proposta desemboca na necessidade de (re)pensarmos o direito à leitura da literatura indígena na escola, para além de como forma de atendimento à legislação vigente, também – e principalmente – como instrumento de formação literária e cidadã, que abre espaço para possibilidades outras de existência em nossa sociedade.

ST: ENTRE A TRADIÇÃO E A CRIAÇÃO: CONTINUIDADES E RUPTURAS NA LITERATURA ITALIANA

Coordenação: Cláudia Tavares Alves, Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva e Gisele de Oliveira Bosquesi

Resumo: Ainda que as origens da língua e da literatura italiana sejam geralmente associadas a obras literárias que começaram a circular em meados dos séculos XIII e XIV, ganhando espaço com os escritos de Dante Alighieri, Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio, os fundamentos de tais obras estabelecem diálogos explícitos com tantas outras obras em circulação naquele contexto, provenientes por sua vez de outras origens, tradições e línguas. Podemos partir, portanto, do princípio de que uma produção literária, mesmo quando reconhecida em si mesma como uma origem, é ainda um objeto intrinsecamente intertextual. Na tentativa de aprofundar esse debate sobre relações intertextuais no âmbito da literatura

italiana, podemos fazer eco às palavras de Giorgio Agamben, em seu livro Profanações: "em um sentido particular, toda a tradição italiana cai sob o signo da paródia" (2007, p. 43). Ao discorrer sobre a paródia em tais termos, o filósofo aponta para a relação, na literatura italiana, entre objeto e representação, a qual passa necessariamente pela intangibilidade desse mesmo objeto e pela consciência dos limites da palavra. Dito de outro modo, a paródia "expressa a impossibilidade da língua de alcançar a coisa, e da coisa de encontrar o seu nome" (2007, p. 47), já que a origem é sempre uma projeção, nunca um momento em si. Assim, sob o signo da paródia, ainda segundo Agamben, é possível criar conexões entre autorias que vão desde os primeiros trovadores, passando pelos estilonovistas, Dante e Petrarca, até chegar à literatura mais recente, citando como exemplo escritores como Pier Paolo Pasolini e Elsa Morante, entre outros. Ainda a respeito da relação entre as obras literárias e a tradição literária italiana, e dos movimentos de ruptura e continuidade operados por cada uma dessas obras em particular, vale ressaltar que o próprio Dante Alighieri, em seu tratado sobre a língua De Vulgari Eloquentia, aconselha a leitura (e, consequentemente, a imitação) dos ditos poetas regulares, tais como Ovídio, Virgílio etc. Porém, conforme observa Ernst Robert Curtius (1996), o sumo poeta modaliza essa exigência com um "talvez" e não aprofunda em termos teóricos o tema. Demonstra, contudo, o seu ponto de outra forma: buscando a superação dos modelos latinos em sua grande obra, A Divina Comédia. Dante, então, é quem polemiza com a tradição literária, ora citando diretamente autores da tradição, ora reelaborando modelos. Ao darmos um salto temporal através dos séculos, será o próprio Dante quem assumirá o papel de modelo para diversos escritores e escritoras, chegando aos séculos XX e XXI como uma presença incontornável na produção literária em língua italiana. Desde nomes consagrados como Eugenio Montale e Giorgio Caproni, até os mais contemporâneos, como Valerio Magrelli e Giulia Martini, a obra dantesca segue figurando como uma tradição que, à semelhança da operação que realizou no século XIV, tanto é reverenciada e reconhecida como um exemplo a ser seguido, quanto é emulada em novas criações literárias. Não por acaso, os paradoxos dessas movimentações entre a tradição e a criação literária se encontram nas bases da Literatura Comparada. Na tentativa de delinear os conceitos fundamentais da área, Sandra Nitrini encontra na definição de "influência" um de seus pilares mais sólidos, o qual pode nos ajudar a refletir sobre as redes que vão se estabelecendo especificamente no âmbito da literatura italiana. Segundo Nitrini, baseando-se nos estudos de Alejandro Cionarescu, a influência é responsável por produzir um "resultado artístico autônomo" a partir das relações de contato, diretas ou indiretas, de uma autoria com outra ou outras autorias e fontes (2021, p. 127). Ou seja, ainda que a obra literária seja direta ou indiretamente influenciada por uma criação precedente, é fundamental resguardar sua autonomia enquanto objeto a ser interpretado e avaliado por seus próprios atributos. Levando em consideração tais discussões, este simpósio busca explorar intersecções entre a ideia de intertextualidade e a literatura italiana, considerando tanto textos escritos originalmente em língua italiana, incluindo todos os territórios

italófonos, quanto a literatura italiana traduzida, em especial aquela publicada em contexto brasileiro. Neste último caso, entende-se a intertextualidade como um elemento que apresenta novas complexidades tanto para a análise de textos já traduzidos e em circulação, quanto para reflexões que se dediquem a pensar o processo de tradução em si. Também serão bem-vindos trabalhos que explorem relações intertextuais com a própria literatura italiana. Espera-se, assim, reunir comunicações que discutam a relação entre a literatura italiana e as vozes com as quais ela dialoga, podendo se estender a temáticas relacionadas à memória literária, a diálogos e rupturas com a tradição, à tradução e à adaptação de textos, às interpretações e releituras, aos estudos sobre recepção e circulação literária, entre outras.

ITALO CALVINO E A CONTEMPORANEIDADE COM OS CLÁSSICOS: UMA LEITURA DA OBRA CALVINIANA À LUZ DA TEORIA DE GIORGIO AGAMBEN

Alessandra Camila Santi Guarda

Resumo: Giorgio Agamben, em "O que é o contemporâneo?" (2009), define o homem contemporâneo como alguém que possui uma relação singular com o próprio tempo, que a ele adere e do qual toma distância, capaz de enxergar o escuro em meio às luzes ofuscantes, de observar, em outras palavras, o que necessita de explicação. Deve, também, estabelecer uma relação crítica com outros tempos que não o seu, isto é, é preciso que o homem/escritor que se quer contemporâneo o seja também com os textos e autores do passado. Italo Calvino é um literato que demonstra, ao longo de sua longa carreira como escritor de ficção e como ensaísta, uma profunda relação com os clássicos, muitas vezes manifestada em seus textos ficcionais de forma paródica, a exemplo de diversas personagens da trilogia Os nossos antepassados (2014). Por meio deste texto, temos como objetivo apresentar elementos da poética calviniana que refletem sua relação com os clássicos e como ela corrobora seus status de escritor contemporâneo, conforme a concepção elaborada por Agamben. Contextualizando este estudo em relação com nossa pesquisa de doutoramento, colocaremos em diálogo uma interface menos conhecida do escritor no Brasil, a de fecundo epistológrafo, ao enriquecer a discussão com textos retirados de sua ampla correspondência, ainda inédita em língua portuguesa. A pesquisa encontra subsídios teóricos e analíticos no campo múltiplo da literatura e outras áreas do conhecimento. Além da própria produção ensaística do autor, buscamos respaldo teórico-crítico em estudos sobre epistolografia e arquivos literários tais como Geneviève Haroche-Bouzinac (2016) e Brigitte Diaz (2016) e, dos estudos sobre a obra de Calvino, destacamos as obras de Mario Barenghi (2009), Domenico Scarpa (2023) e Laura Di Nicola (2025). Para pensar a noção de contemporâneo, citamos os estudos de Giorgio Agamben (2007, 2009).

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS INFANTIS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL PÓS-UNITÁRIA: UM PERCURSO PELAS OBRAS DE COLLODI, DELEDDA E DE AMICIS

Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva

Resumo: Le avventure di Pinocchio. Storia di un burattino, do escritor florentino Carlo Collodi (pseudônimo de Carlo Lorenzini), configura-se como uma obra que já superou o seu status de obra-prima da literatura infanto-juvenil italiana, para se projetar como uma das obras mais conhecidas do século XIX, tendo sido traduzida para mais de 200 línguas. Inicialmente publicada em capítulos no Giornale per i bambini, durante os anos de 1881 e 1882, foi reunida e publicada em volume único em 1883. O romance deriva de um projeto pedagógico e ideológico da classe dirigente italiana pós-unitária, com o objetivo de persuadir a população à obediência, ao trabalho e aos bons sentimentos, valores necessários para a formação do cidadão italiano, por meio de uma narrativa que descreve as peripécias de um boneco de madeira em busca de seu crescimento e de sua humanidade. Além de Collodi, destacam-se outros nomes importantes, como os de Edmondo De Amicis, Emilio Salgari e Grazia Deledda, em cujas narrativas utilizaram-se da presença de um protagonista criança, um dos procedimentos mais comuns da literatura infantil (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 32). Nesse sentido, a presente comunicação se propõe a traçar um paralelo sobre a forma como esses protagonistas foram construídos, isto é, se através de uma imagem estereotipada e anacrônica da criança, em contextos modelares de aprendizagem, como ocorre em Cuore (1886), de De Amicis, ou se por meio da predileção por histórias fantásticas e de aventuras, em contextos exóticos, como é o caso da obra Giaffà (1931), de Grazia Deledda, e do personagem Pinóquio.

CRÍTICA, INTERTEXTUALIDADE E CATEGORIAS IDENTITÁRIAS: A RECEPÇÃO DA OBRA DE IGIABA SCEGO NO BRASIL

Amanda Bruno de Mello

Resumo: A obra de Igiaba Scego foi publicada pela primeira vez no Brasil em 2018, quando a escritora foi convidada para a Festa Literária Internacional de Paraty. Para a ocasião, a editora Nós lançou os romances "Minha casa é onde estou" e "Adua" e, em parceria com a Buzz, o ensaio "Caminhando contra o vento", sobre Caetano Veloso, todos com tradução de Francesca Cricelli. Naquele ano, a Festa Literária ganhou o rótulo de "Flip feminina", enquanto a edição do ano anterior fora apelidada de "Flip negra". Até então, Scego, que é uma escritora ítalo-somali cuja obra dialoga com questões como o pós-colonialismo, a diáspora e a memória, era pouco conhecida no país, como demonstra a ausência de seu nome nos repositórios acadêmicos e nas hemerotecas até 2018. Também é sintomática a ausência de seu nome nos títulos das primeiras matérias que tratam de sua vinda a Paraty. Sua recepção, porém, revela um percurso de crescente interesse, uma vez que sua obra passa a ser objeto de estudos acadêmicos e de crítica

jornalística. A escritora retorna ao país em 2024, ano em que é lançada a tradução de "Cassandra em Mogadício", também feita por Cricelli e publicada pela Nós. Este trabalho analisa, com base em levantamentos nos acervos das hemerotecas, no Portal de Periódicos e no Repositório de Teses e Dissertações da Capes, como a obra de Scego tem sido recebida no Brasil, considerando especialmente os diálogos intertextuais mobilizados pela crítica em torno de sua produção. A investigação busca compreender como a crítica especializada e a não especializada leem sua obra, com atenção especial ao tratamento dado aos temas presentes em seus livros, às categorias identitárias mobilizadas por esses discursos e às relações estabelecidas entre a autora, a tradição literária italiana e os debates contemporâneos sobre literatura pós-colonial e tradução.

UMA LEITURA DE OSSOS DE SÉPIA (2002), DE EUGENIO MONTALE, À LUZ DE RANCIÈRE, EM O INCONSCIENTE ESTÉTICO (2009).

Analice Damico Leal

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura crítica da obra Ossos de Sépia (2002), de Eugenio Montale, a partir do conceito de "inconsciente estético", formulado por Jacques Rancière em O inconsciente estético (2009). O objetivo central consiste em deslocar interpretações psicologizantes ou estritamente temáticas da poesia montaliana, demonstrando que o sentido poético não se encontra em conteúdos ocultos a serem decifrados, mas emerge da própria organização sensível da obra. Para Rancière (2009), o inconsciente não pertence à interioridade do sujeito nem constitui um dado psíquico individual. Trata-se de uma lógica própria do regime estético da arte, em que pensamento e não-pensamento coexistem na superfície das formas. O trabalho apresenta os fundamentos teóricos do conceito rancièreano, enfatizando sua crítica à interpretação freudiana da arte e sua defesa da obra como dispositivo de pensamento e configuração sensível. Analisa-se, para mais, a poesia de Montale a partir de poemas como "Corne-Inglês", "Os Limões", "Epigrama" e "Quase uma fantasia". As análises evidenciam que elementos recorrentes — como vento, silêncio, guerra, objetos mínimos e paisagens — funcionam como operadores formais que reorganizam a experiência sensível, não como símbolos estáveis. Também são discutidas as noções de "palavra muda" e a identidade paradoxal entre saber e não-saber, demonstrando como a poesia moderna produz sentidos a partir da negatividade, da opacidade e da indeterminação.

A TRADIÇÃO COMO REPRESENTAÇÃO: INTERTEXTUALIDADE E DECADENTISMO EM "LE VERGINI DELLE ROCCE" DE GABRIELE D'ANNUNZIO

Cecília Justen de Souza

Resumo: As obras do poeta, jornalista e político italiano Gabriele D'Annunzio (1863 - 1938) estabelecem uma relação simultaneamente reverencial e tencionada com a tradição literária e cultural italiana do "fin de

siècle" (OLIVA, 2011), recuperando modelos consagrados para reinscrevê-los em uma estética decadentista marcada pelo excesso, pela artificialidade e pela teatralização da linguagem. Nesse sentido, Asor Rosa (2009) observa que basta a leitura de uma única obra de D'Annunzio para reconhecer a convivência entre o antigo e o moderno em um mesmo texto, no qual referências gregas, romanas e renascentistas se entrelaçam à literatura francesa e russa, à música alemã e à pintura pré-rafaelita. Partindo das reflexões de Giorgio Pasquali (1968) acerca da arte alusiva e da intencionalidade autoral, de Giorgio Agamben (2007) sobre a dimensão paródica intrínseca à literatura italiana e a impossibilidade de restituição plena da origem, bem como das considerações de Antoine Compagnon (2007) acerca da intertextualidade, este trabalho propõe analisar o romance "Le vergini delle rocce" (1896) como espaço de reelaboração intertextual e alusiva da tradição italiana e europeia finissecular. A análise buscará demonstrar de que modo D'Annunzio mobiliza referências provenientes de diferentes matrizes culturais, especialmente de Dante Alighieri (1265 - 1321), Leonardo da Vinci (1452 - 1519) e Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), articulando-as à construção de uma estética aristocrática e decadentista. Busca-se, dessa forma, argumentar que, em vez de restaurar uma ideia estável de tradição, D'Annunzio transforma a herança cultural em performance estética, em que o intertexto aparece como meio de alcance da experiência literária.

A "OUTRA NECESSÁRIA": A FILOSOFIA DA NARRAÇÃO FEMININA NA OBRA DE ADRIANA CAVARERO E ELENA FERRANTE

Cláudia Cristina de Moraes Lamego

Resumo: No livro Olha-me e narra-me: filosofia da narração (Bazar do Tempo, 2025), Adriana Cavarero desenvolve a categoria de "a outra necessária" para analisar como o "desejo pela narração" feminina se entrelaça com a ideia de que a identidade se produz na ação de se apresentar e se relacionar com as pessoas, sendo portanto plural e política - e não universal e abstrata, como na filosofia produzida pelos homens, desde Platão. A filósofa italiana conclui que as mulheres são narradoras por excelência e destacam-se dos papéis destinados a elas na narrativa patriarcal universal (mães, donas de casa, loucas, suicidas) ao criar histórias em que sobressaem o papel político e relacional das histórias, desta vez com foco nas mulheres. No livro, Cavarero retoma a história de duas mulheres, Amalia e Emilia, contada no livro Non credere di avere dei diritti (Rosenberg &Sellier, 2018), obra referencial do feminismo italiano publicada pela Libreria delle donne de Milano, que frequentaram as escolas de operários fabris nos anos 60 na Itália. Amalia ouve a história de Emilia e resolve narrá-la num relatório: uma tem a capacidade de contar; a outra, de escrever. No ensaio "Água marinha", de As margens e o ditado (Intrínseca, 2023), Elena Ferrante escreve que se inspirou no conceito de "outra necessária" para dar forma às personagens de Lila e Lenu na Tetralogia Napolitana. Neste trabalho, falarei do conceito de Cavarero para analisar como, na

obra da escritora italiana, a outra necessária está presente desde o seu primeiro romance, O amor incômodo, na figura da mãe e da filha. O conceito da frantumaglia, palavra herdada do dialeto materno da mãe de Ferrante, também nos revela como a maternidade organiza a sua obra não a partir da figuração patriarcal, mas da experiência visceral, de atração e repulsa entre mãe e filha.

SORRIR SOBRE RUÍNAS: DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS ENTRE TATIANA FAIA E VITTORIO SERENI EM "ITALIANO NA GRÉCIA"

Cláudia Tavares Alves

Resumo: Na coletânea de poemas Adriano – publicada em 2022 em Portugal e em 2026 no Brasil –, há uma seção intitulada "Italiano na Grécia", dividida em 9 partes, na qual a poeta portuguesa Tatiana Faia estabelece uma relação explícita de intertextualidade com o poema "Italiano in Grecia", de Vittorio Sereni. Escrito em Pireu, próximo a Atenas, em agosto de 1942, e reunido posteriormente no volume Diario d'Algeria (1947), o poema de Sereni relata sua chegada, enquanto soldado, à Grécia. Ao evocar o tema da guerra, um "lungo semibuio" que marcaria o século XX, bem como suas próprias experiências, o poeta passa a se ver amaldiçoado desde a partida de sua terra natal: filho em fuga da Europa, o eu lírico revela que "non sa / nemico se non la propria tristezza" (2013, s/p). Faia se apropria, por sua vez, da melancolia de Sereni e a define como a "personificação triste / de mitos de civilização / que se revelam todos falsos / num continente prestes / a destruir-se numa guerra sórdida" (2026, p. 61). Contudo, por estar "à procura de um poema sobre / gente que sorri / sobre ruínas e abandono" (2026, p. 71), a poeta portuguesa encontra um tom que subverte a infelicidade de Sereni. Refletindo sobre os dois poemas conjuntamente, esta comunicação pretende explorar em que medida a rede de referências criada por Faia estabelece uma dinâmica de deslocamentos entre o passado e o presente, entre a história e a realidade. Para tanto, irá recorrer aos estudos teóricos de Tiphaine Samoyault (2008) e Andrea Bernardelli (2010) sobre intertextualidade para pensar de que modo o diálogo criado pelo poema de Faia reativa possibilidades de significação e se abre para interpretações que não poderiam prescindir da leitura do poema de Sereni.

O AVESSO DA TAPEÇARIA: REFLEXÕES SOBRE ALGUMAS TRADUÇÕES DE "O CISNE"

Elena Santi

Resumo: "O que é uma tradução honesta?". É com esse interrogativo que se abre o capítulo "Honestidade" da coletânea O avesso da tapeçaria de Manguel. "Parece-me" diz Dom Quixote, "que traduzir [...] é como quem olha as tapeçarias flamengas pelo avesso, que, embora se distingam as figuras, estão cheias de fios que as obscurecem, e não se vêem com a nitidez e a superfície delicada da face" (Manguel, 2023, p. 71). Se escrever seria, na metáfora quixotesca, uma forma de tecer e bordar, traduzir é

fazer algo às avessa, pelas costas e, talvez, justamente por isso, desonestamente. Contudo, o tradutor que dá a cara, que não se oculta, e que, de certa forma, escancara sua presença diante do texto, pode ser capaz de mostrar tanto a beleza do texto de frente, quanto a perícia do avesso do bordado tecido por outrem. Essa comunicação, partindo dessas reflexões, propõe um percurso entre duas traduções do poema "O cisne" de Charles Baudelaire, da coletânea As flores do mal, uma do poeta e tradutor italiano Giovanni Raboni (1932-2004) e a outra da poeta e tradutora brasileira Ana Cristina Cesar (1952-1983). Se a do Raboni, passando por diversas edições, pode ser classificada pacificamente como tradução, o poema de Cesar poderia ser chamado de "comentário íntimo ou de confissão poética. Poderia ainda nomeá-lo como tradução literária, em sentido amplo" (Nascimento, 2003, p. 47). O que permite um diálogo entre esses textos é a postura que os tradutores adoram diante do texto a ser traduzido, escancarando procedimentos de escrita, propondo uma possível leitura, colocando, sem medo, a impressão digital do tradutor que abre o próprio leque poético à disposição da voz do outro. Esses resultados dispares mantém uma relação com o texto baudelairiano, mas com autonomia e honestidade.

A FAUNA DE ALBERTO MORAVIA E AS MITOLOGIAS DO SÉCULO XX: UMA LEITURA DO CONTO LE METAMORFOSI

Gisele de Oliveira Bosquesi

Resumo: Faremos uma leitura do conto Le metamorfosi, de Alberto Moravia, publicado em 1940, visando elucidar alguns pressupostos e efeitos do diálogo intertextual entre o conto e a obra do escritor latino Públio Ovídio Nasão intitulada Metamorfoses (2023). Esta é uma obra canônica da literatura clássica escrita por volta do ano 8 da era cristã que tem figurado entre as grandes fontes de inspiração para escritores italianos desde as origens da literatura em volgare italiano, passando pelos renascentistas, que aprofundam o diálogo com a literatura clássica, até a pós-modernidade, em que a reproposição dos modelos clássicos tende à paródia e ao pastiche. Ovídio fornece uma espécie de catálogo de mitos latinos que retratam transformações, entre elas a de Narciso, Medusa, Aracne e as tantas metamorfoses de Júpiter. Segundo nossa hipótese, há um diálogo explícito entre a obra latina e o conto de Moravia justificável a partir de vários elementos: os títulos homônimos, as metamorfoses ocorridas nas obras (Moravia retrata um baile em que repentinamente os convidados têm a sua cabeça transformada em cabeças de animais) e o contexto de publicação do conto. Este será depois inserido na coletânea Racconti Surrealisti e Satirici (2000), na qual o autor apoia-se fortemente na releitura, alusão ou paródia de obras canônicas da literatura ocidental. Partindo dessa hipótese, comentaremos alguns excertos do conto e veremos que a intertextualidade aprofunda a crítica tipicamente moraviana à sociedade burguesa e aos valores da Itália à época do fascismo, constituindo um recurso que não apenas dissimula a crítica, já que o

autor já vinha tendo problemas com a censura às suas obras, mas também traz novas perspectivas ao texto.

NATALIA GINZBURG E AS CARTAS DE ALESSANDRO MANZONI

Iara Machado Frota Pinheiro

Resumo: Em um texto publicado no jornal La Stampa em 1982, Natalia Ginzburg relata que releu, depois de muitos anos, I promessi sposi (1827), romance de Alessandro Manzoni, considerado um dos marcos da literatura italiana moderna. O reencontro com o romance se dá sob o impacto da leitura das cartas do escritor lombardo, que despertam a sua curiosidade e dão a origem ao livro La famiglia Manzoni, de 1983, obra entre o romance histórico e o estudo epistolar que reconstrói a vida de Alessandro Manzoni, partindo do século XVII, com a história de Giulia Beccaria, mãe de Manzoni, e chegando até o começo do século XX, acompanhando a trajetória de Stefano Stampa, enteado do escritor. Segundo declara em uma entrevista, nesse livro, Ginzburg caminhou pela "estrada dos documentos, e não a da fantasia", estrada que "induz a ler a verdade de um personagem", porque, mesmo que "as cartas não sejam completamente francas", ainda são capazes de "traduzir a imagem de uma pessoa". Esta comunicação pretende explorar o trabalho de Ginzburg com as missivas de Manzoni em três eixos: o mapeamento de cartas editoriais e entrevistas que revelam o sentido que a autora dá a esse livro, o modo como se insere em sua obra – em um momento em que suas narrativas e peças de teatro exploram a dissolução da unidade familiar –, e o modo como ela delineia, através dessas cartas que "induzem a ler a verdade de um personagem", a figura de Alessandro Manzoni. Assim, buscamos indicar como essa pesquisa com cartas reais se liga à forma epistolar que a autora passa a usar em 1973 em seus romances para contar a realidade que a circundava e o modo como ela aplica seu habitual recorte doméstico e cotidiano para reconstruir uma imagem cristalizada na cultura italiana.

DA LEITURA À ESCRITA: A BIBLIOTECA DE ELENA FERRANTE NO ROMANCE A AMIGA GENIAL (2011-2014)

Izabella Verônica Cardoso Da Costa

Resumo: O aclamado romance A amiga genial (2011-2014), da escritora italiana Elena Ferrante, apresenta-se como um texto que conta a história de sua própria escrita. No interior do enredo narrado pela personagem-escritora Elena Greco, a escrita faz antes o percurso da leitura. Rico em referências a obras literárias e outras formas artísticas, o texto se constrói a partir de repertório que ilumina a sua própria estrutura, conduzindo o leitor de uma escrita a muitas outras. Dentre as múltiplas possibilidades de análise desse romance que dissolve suas margens enquanto as desenha, esta comunicação propõe uma incursão pelo percurso das personagens da leitura à escrita, a fim refletir sobre a presença de uma

bibliografia que, ao mesmo tempo em que costura os eventos da obra, molda a sua própria tecitura narrativa. Para tanto, pretende-se pensar continuidades e contrastes entre o texto que lemos e as obras "lidas" pelas personagens. Ao empreender uma leitura atenta à dimensão intertextual do romance, vislumbra-se a possibilidade de aprofundar-se em um outro nível da obra. Nessa perspectiva, a construção das protagonistas revela-se indissociável das obras que leem, assimilam, recusam ou reescrevem, instaurando um diálogo contínuo entre tradição, experiência e criação. Ancorado nas formulações de Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva, o estudo parte do pressuposto de que todo texto se constitui em diálogo com outros textos, inscrevendo-se em uma rede de vozes, memórias e tradições. Nesse sentido, a investigação busca evidenciar como Ferrante mobiliza a tradição literária não como simples repertório de referências, mas como matéria constitutiva da sua escrita. Propõe-se, portanto, pensar que o relato (auto)biográfico escrito por Elena Greco configura-se, também, como bibliografia; e que o romance assinado por Elena Ferrante se constitui como biblioteca, articulando leituras e (re)escritas em um movimento contínuo de inscrição e reinscrição literária.

NARRATIVAS DA MEMÓRIA NA LITERATURA ITALIANA: DIÁLOGOS ENTRE ALBA DE CÉSPEDES E ELENA FERRANTE

Jéssica Dametta

Resumo: Este trabalho propõe uma análise comparativa entre as narradoras-protagonistas de Na voz dela (1952), de Alba de Céspedes, e da tetralogia A amiga genial (2011-2014), de Elena Ferrante, com o objetivo de investigar a memória como elemento estruturante da narrativa na tradição de escrita feminina italiana. O diálogo entre as obras justifica-se pela recente retomada da publicação da obra de Alba de Céspedes no Brasil, impulsionada pelo êxito da recepção de Elena Ferrante e pelo reconhecimento, por parte da própria autora, da influência exercida por escritoras da tradição literária italiana, entre as quais se destaca a autora de Na voz dela. Em ambas as obras, as narradoras reconstroem retrospectivamente suas trajetórias a partir de um tempo presente, revisitando experiências de silenciamento, controle e cerceamento impostos às mulheres. Nesse sentido, o ato de narrar ultrapassa a simples rememoração do passado e configura-se como tentativa de recuperar a própria voz diante de estruturas de poder de gênero que limitaram suas possibilidades de existência, desejo e mobilidade social. A comunicação pretende discutir como a obra ferrantiana estabelece um diálogo com a tradição literária italiana de autoria feminina ao mesmo tempo em que promove deslocamentos formais e temáticos que renovam essa herança. Para tanto, serão mobilizados os estudos de Sandra Nitrini (Literatura comparada: história, teoria e crítica, 2010), Maurice Halbwachs (Os quadros sociais da memória, 2023) e Aleida Assmann (Espaços da recordação, 2011).

A MULHER E O CIÚME: A CONFLUÊNCIA ENTRE "SÃO BERNARDO" E "SENILIDADE"

Julia Jordão

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo identificar os pontos de convergência entre as obras "São Bernardo" (1934), de Graciliano Ramos, e "Senilidade" (1898), de Italo Svevo. Embora inseridos em contextos históricos distintos e marcados por estilos autorais particulares, ambos os romances apresentam notáveis semelhanças na representação do ciúme e das relações amorosas estabelecidas entre seus protagonistas e as mulheres que amam, Madalena e Angiolina. Nesse sentido, a análise da representação feminina e da presença do ciúme em cada uma das obras permitiu identificar outra aproximação significativa: tanto Paulo Honório quanto Emilio Brentani figuram, cada qual à sua maneira, como expressões da decadência do homem moderno. Para o desenvolvimento deste estudo, será realizada uma revisão bibliográfica dos dois romances, articulada à mobilização de conceitos fundamentais da teoria freudiana, especialmente no que diz respeito à compreensão do ciúme como neurose e à análise, sob a ótica da psicanálise, dos mecanismos de projeção presentes em ambos os enredos, elementos que se revelam essenciais para a construção narrativa do caráter dos protagonistas. Ao final da análise, tornou se evidente que a raiz do sentimento amargo dirigido às principais personagens femininas de ambas as obras advém de um mesmo ponto: a fraqueza moral de Honório e Brentani, que reconhecem o próprio desajuste e a inferior desenvoltura que demonstram diante das mulheres com quem se relacionam, as quais, embora apresentem diferenças substanciais no que tange ao comportamento, aproximam se em outros aspectos, como a autonomia intelectual, a postura crítica e a capacidade de confrontar as inseguranças masculinas que estruturam a narrativa.

ST: ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS: MEDIAÇÕES ENTRE OS ESTUDOS TRADUTÓRIOS E COMPARATISTAS NO CAMPO LITERÁRIO

Coordenação: André Rodrigues da Silva, Daniela Schwarcke do Canto e Rodrigo da Rosa Pereira

Resumo: A literatura comparada, desde os seus primórdios, ocupa-se dos trânsitos, das travessias e da recepção de formas, gêneros, obras e personagens para além das fronteiras nacionais em que foram produzidos. Nesse campo, a atenção volta-se para os modos como os textos circulam, são apropriados e ressignificados em diferentes tempos, lugares, contextos, evidenciando a dimensão relacional da literatura. A tradução, como forma privilegiada de travessia, tem ocupado lugar central nessas discussões, ao possibilitar a circulação de obras entre línguas e culturas e ao instaurar zonas de contato, negociação e transformação de sentidos. Traduzir, afinal, é dialogar, hibridizar, empreender trocas que revelam o que é

próprio e o que é alheio, para evocar Tania Carvalhal. Ou ainda, como propõe Antoine Berman, é confrontar-se com o provincianismo da língua materna — e, ampliando essa perspectiva, também com os limites de nossa cultura de origem, de nossas formas de dizer, significar, simbolizar e estar no mundo. A tradução literária, com sua multiplicidade de chaves interpretativas, seus intertextos e seus diferentes horizontes de expectativa em (polis)sistemas literários que se diferenciam no espaço e no tempo, constitui, assim, um campo privilegiado para a investigação comparatista. Nesse sentido, os estudos da tradução têm ampliado seu escopo, incorporando perspectivas que a compreendem como prática de mediação cultural — mais do que meramente linguística — e como instância de (re)constituição de repertórios. Tal ampliação dialoga com abordagens sistêmicas, como a teoria dos polissistemas (Even-Zohar, 1990), bem como com perspectivas descritivas e sociológicas da tradução (Toury, 1995), que permitem compreender a tradução como prática situada, atravessada por normas, instituições e relações de poder. Desse modo, a análise tradutória passa a articular dimensões textuais, históricas, culturais e editoriais, evidenciando os múltiplos agentes e instâncias envolvidos na circulação literária. É necessário compreender também as contribuições da História da Tradução e da História Cultural, especialmente a partir de D'Hulst (2021), que propõe a investigação das práticas tradutórias a partir de questões como quem traduz, o que se traduz, por que, como e com quais mediações essas práticas se realizam. Soma-se a isso a perspectiva de Chartier (1988), que permite compreender os impressos como práticas culturais e como formas de representação que constroem sentidos no interior de relações sociais, bem como a abordagem de Chesterman (2014), que enfatiza o tradutor como agente central nos processos de mediação cultural. Diante desse quadro, este simpósio propõe reunir pesquisas que investiguem a tradução como prática cultural, discursiva e histórica no âmbito da literatura comparada, privilegiando abordagens que considerem os deslocamentos de sentidos entre línguas, culturas e temporalidades distintas. Além disso, interessa a este simpósio discutir a materialidade da tradução e suas condições de produção e circulação, considerando os suportes, os circuitos editoriais e os espaços de difusão que tornam possíveis os deslocamentos de obras entre diferentes contextos. Nessa direção, ganham relevo as práticas de edição, reedição, circulação em periódicos, antologias e coleções, bem como os papéis desempenhados por editoras, revistas, agentes culturais e instituições na legitimação de determinadas traduções e repertórios. Ao deslocar o olhar para esses elementos, tem-se a tradução como parte integrante de uma rede mais ampla de mediações, na qual se articulam interesses estéticos, políticos, econômicos e culturais. Busca-se, assim, promover o diálogo entre pesquisadores(as) interessados(as) nas dinâmicas de circulação literária, nos processos de mediação cultural e nos modos pelos quais a tradução participa da constituição e reconfiguração de sistemas literários em diferentes contextos. Serão acolhidas comunicações que abordem trânsitos e travessias literárias e culturais em sentido amplo, bem como reflexões comparatistas sobre processos e projetos tradutórios envolvendo diferentes gêneros e modalidades de tradução. Incentiva-se o

envio de propostas que contemplem: traduções comentadas; análises textuais e estudos descritivos; investigações sobre ética e abordagens engajadas, como traduções feministas e decoloniais, que evidenciem relações de poder; pesquisas históricas e sociológicas em tradução; estudos sobre tradutores e tradutoras; processos editoriais, práticas de antologização, transmidiação, adaptação, transcriação e localização; bem como discussões sobre o mercado editorial, a gestão de projetos, o uso de ferramentas de apoio à tradução, a tradução automática, a pós-edição e a criação mediada por inteligência artificial. Também são bem-vindas reflexões sobre metodologias, competências, avaliação e formação de tradutores e tradutoras de literatura, além de debates teóricos que incidam sobre a prática tradutória no campo literário, contribuindo para o fortalecimento do diálogo entre os estudos tradutórios e comparatistas.

MAPEANDO TRADUÇÕES NO EXTREMO SUL DO BRASIL: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

André Rodrigues da Silva

Resumo: Este trabalho busca pensar novas metodologias para a História da Tradução a partir da articulação entre pesquisa historiográfica e extensão universitária. Com isso, propõem-se ações extensionistas, como caminhadas guiadas por espaços históricos vinculados à circulação editorial e à atuação de tradutores(as), transformando a cidade em espaço de leitura histórica, memória cultural e socialização do conhecimento acadêmico. Desse modo, o projeto aproxima universidade e comunidade, ampliando o acesso às histórias da tradução e aos sujeitos frequentemente invisibilizados pela historiografia tradicional. Esta ideia parte da constatação de que a cidade de Pelotas consolidou-se historicamente como importante polo cultural do extremo sul do Brasil, sobretudo pela intensa circulação editorial que marcou sua formação intelectual entre os séculos XIX e XX. Entre 1847 e 1880, existiram cerca de 35 casas tipográficas na cidade, espaços responsáveis pela circulação de livros, folhetins, almanaques, periódicos e diferentes agentes culturais envolvidos na difusão de saberes. Muitos desses sujeitos atuaram também como tradutores(as) na região Sul, potencializando a tradução como prática social, editorial e cultural vinculada à constituição de repertórios literários regionais. Do ponto de vista teórico, o estudo articula contribuições da História da Tradução e da História Cultural, especialmente a partir de D'Hulst (2021), Chartier (1988) e Chesterman (2014), compreendendo a tradução como prática de mediação cultural realizada por sujeitos inseridos em redes sociais, editoriais e intelectuais. Metodologicamente, a pesquisa desenvolve levantamento documental, análise historiográfica e organização de banco de dados a partir de fontes primárias, como jornais, almanaques, livros e documentos editoriais localizados em arquivos e bibliotecas da região. Por fim, este trabalho justifica-se pela necessidade de investigar a atuação de

tradutores(as) no sul do Rio Grande do Sul, compreendendo a tradução como elemento fundamental na formação de uma cultura impressa regional e na circulação de ideias no extremo sul do Brasil.

TRADUZIR O PRATA... ¿POR PLATA? COMENTÁRIOS (QUIÇÁ SOCIOLÓGICOS) SOBRE SERGIO FARACO E SUAS TRADUÇÕES DE AUTORES URUGUAIOS

Andrea Cristiane Kahmann

Resumo: Em maio de 2024, Porto Alegre vivenciou a maior enchente de sua história. Muitas editoras locais, tal qual a L&PM, que há anos edita o escritor-tradutor Sergio Faraco, perderam a quase totalidade de seus estoques. Para se reerguer dessa profunda crise, apostaram no sucesso da já tradicional Feira do Livro de Porto Alegre que, em novembro daquele ano, teve Sergio Faraco como seu ilustre patrono. Celebrado escritor-tradutor, Sergio Faraco é, há vinte anos, escopo de minhas pesquisas comparatistas. Por isso, nos debates de que participou naquela Feira do Livro, fiz-me presente e fiz-lhe, sempre que fosse adequado, perguntas que visavam (como é óbvio, mas deveria ser inconfessável) confirmar afirmações que eu já fizera em artigos acadêmicos como, por exemplo, "Sergio Faraco, inventor da literatura uruguaia", de 2019. Neste, parto de Bourdieu (2001) para afirmar que o mais prolífico tradutor da literatura uruguaia para o Brasil teve por missão disseminar formas ideológicas e poetológicas minoritárias e genuinamente latino-americanas em tempos de redemocratização e alianças pró-Mercosul advindas de uma nova ordem constitucional. Questionado sobre suas traduções, porém, respondeu-me meu objeto de pesquisa, que traduzira os autores uruguaios que ele próprio sugerira a seu editor porque, à época, precisava de dinheiro - e que a tradução dava-lhe dinheiro. Refletindo sobre essa resposta, proponho esta comunicação. Com base em Chesterman (2009), mas me detendo em Sergio Faraco, desloco o foco da tradução para o tradutor e para uma possível sociologia dos tradutores e seus discursos sobre o traduzir. Assim, tenciono discutir, entre outros, aspectos relacionados à imagem pública do fazer do tradutor em oposição à do escritor original.

TRADUÇÃO LITERÁRIA E IMPRENSA: UM ESTUDO SOBRE O "SUPLEMENTO LITERÁRIO DIRETRIZES"

Carla Araújo de Macêdo Nogueira

Resumo: A presença de cadernos e/ou apêndices culturais na mídia impressa da primeira metade do século XX separava, ao mesmo tempo em que destacava, do restante dos periódicos as pautas de arte e cultura. Inserida nessa tendência, a revista "Diretrizes" publicou, no Rio de Janeiro, entre 1939 e 1940 — momento em que a então capital federal se consolidava como importante centro político e cultural do país —, o "Suplemento Literário Diretrizes", que contou com nomes marcantes da literatura nacional e internacional naquele contexto histórico, muitos dos quais permanecem, ainda hoje, integrando o cânone

da literatura moderna. Nesse sentido, a presente comunicação propõe refletir sobre as traduções publicadas no caderno cultural, considerando o cenário histórico-político brasileiro da época e as decisões editoriais de publicação que reafirmam o papel da tradução literária como ferramenta política vinculada a projetos nacionais e internacionais (Morinaka, 2020). Assim, este trabalho enquadra-se como uma pesquisa de perfil cultural, por abordar dimensões ideológicas, éticas e históricas da Tradução, com base no mapa proposto por Chesterman (2014). Em consonância com essa perspectiva, compreende-se que investigar a história da tradução e contribuir para sua construção acadêmica e crítica possibilita novas perspectivas para a prática tradutória e fomenta o desenvolvimento de uma "cultura da tradução", nos concepções de Lieven D'Hulst (2021), aspecto que também atravessa o sistema literário brasileiro.

A CORAGEM DE SER O OUTRO QUE SE É: A HOSPITALIDADE TRADUTÓRIA EM CLARICE LISPECTOR

Carolina Paiva Jovanelli

Resumo: Esta comunicação, recorte de pesquisa de mestrado em andamento, tem como objetivo refletir sobre a tradução enquanto gesto de hospitalidade na prática tradutória de Clarice Lispector, a partir de uma leitura cultural-comparatista entre A via crucis do corpo (1974), da escritora brasileira, e Entrevista com o vampiro (1976), romance de Anne Rice traduzido por Lispector. Assim, procuramos compreender de que maneira a tradução, em Clarice, pode, de certa forma, ser pensada como um espaço de acolhimento do outro e de negociação com as diferenças. Para tal, nos valeremos dos pressupostos de Jacques Derrida (2003), Homi Bhabha (1998), Gerson Neumann (2022) e de Márcio Seligmann-Silva (2022) sobre hospitalidade, negociações e tradução cultural, buscando discutir como o texto estrangeiro, ao adentrar em uma nova cultura, tendo em vista os meandros de uma política ética, pode ocupar um lugar de hóspede, sendo acolhido sem que sua alteridade seja desconsiderada. Nesse horizonte, a tradução clariceana poderia ser pensada como prática de negociação cultural, possibilitando que o texto traduzido continue a sobreviver na cultura de chegada. Além disso, percebemos que, ao traduzir Anne Rice, Clarice não apenas introduz uma obra estrangeira no contexto brasileiro, mas a acolhe em seu próprio projeto intelectual, fazendo com que suas traduções e sua arte literária se atravessem mutuamente em um movimento de disseminação, sobrevida e hospitalidade.

ANNE GILCHRIST AND WALT WHITMAN (1900): TRADUÇÃO, ARQUIVO E DESEJO.

Daniela Schwarcke do Canto

Resumo: Este trabalho integra meu projeto de pós-doutorado, que propõe a tradução inédita para o português brasileiro da biografia Anne Gilchrist and Walt Whitman (1900), de Elizabeth Porter Gould, obra fundamental para a compreensão da trajetória de Anne Gilchrist, figura relevante, embora pouco

visibilizada, da cena literária oitocentista. Partindo do pressuposto de que toda escrita biográfica é atravessada por subjetividade, a pesquisa investiga os efeitos afetivos da leitura da poesia de Walt Whitman sobre Anne Gilchrist, compreendendo a leitura como experiência formadora capaz de produzir deslocamentos simbólicos, mobilizar o desejo e sustentar processos de reinvenção de si. Em um contexto histórico que restringia a mulher ao espaço doméstico e à condição de objeto do discurso masculino, a relação de Gilchrist com a obra de Whitman, que se desdobra na escrita de A Woman's Estimate of Walt Whitman (1870) e na travessia do oceano em busca de um vínculo intelectual e afetivo, configura-se como eixo central da investigação. O projeto dialoga com a psicanálise e a crítica feminista, especialmente com as reflexões de Maria Rita Kehl (bovarismo, desejo, tédio doméstico) e Virginia Woolf (apagamento histórico das mulheres e precariedade das condições para a autoria feminina). A pesquisa desenvolve-se a partir da tradução integral da biografia, com atenção às escolhas lexicais, sintáticas e estilísticas, considerando a historicidade do texto de partida e sua legibilidade para o leitor contemporâneo. Ao articular esses referenciais, compreende-se a tradução como gesto crítico e arquivístico que reescreve, no presente, a trajetória de uma mulher que fez da literatura um meio de afirmação subjetiva e intelectual. Pretende-se, assim, contribuir para os estudos da tradução, da crítica literária e dos estudos de gênero, ampliando o acesso à obra de Gould no Brasil e oferecendo novas perspectivas sobre leitura, desejo e experiência feminina no século XIX.

A TEORIA DA LITERATURA COMO CRÍTICA DA IA: TRADUÇÃO E EXPRESSÃO CRIATIVA

Douglas Kristopher Smith

Resumo: Nos últimos anos, tanto a tradução como quanto o resto da produção escrita tem sido profundamente impactadas pelo surgimento dos LLM; um modelo de inteligência artificial (IA) que funciona através da análise de uma enorme base textual (quase todos os documentos digitalizados no mundo) para "predizer" o que um escrito deveria dizer a partir das instruções (ou prompts) dadas por um ser humano. No entanto, é a teoria da literatura, particularmente aquela relacionada à literatura comparada, que constitui a fonte de uma das críticas mais incisivas, ainda que não intencionalmente, pelo fato de preceder o surgimento desta tecnologia. Por isso, esta comunicação tem o objetivo de mostrar como, nesta critica literária, se desenvolve um pensamento baseado no conceito de mimesis (Aristóteles, 1974; Auerbach, 2015): um modo de imitação que não seja preditivo, senão uma (re)presentação de algo sob outra forma expressiva. Esse modo de conceber a expressão criativa, proveniente da literatura comparada, tem uma relação direta com a tradução que não procura a simples comunicação, senão o estabelecimento de novas formas (Schleiermacher 2000; Benjamin, 1971; Venuti 1995) que, muitas vezes, eram também novas em seu contexto de produção "original". Assim, os estudos comparatistas podem contribuir aos tradutórios ao

continuar o diálogo (Apter, 2006) em um contexto de, simultaneamente, perigo e abertura em relação à IA, em tempos em que a predição está sendo implementada também para outros modelos da IA, não apenas no trabalho textual (Agüera y Arcas, 2025), através da repetição e controle de formas normativas, em detrimento da inovação para o porvir.

UMA PONTE ENTRE DJAMILA E CHIMAMANDA: REEDIÇÃO DE LUGAR DE FALA (2026) REFORÇA CIRCULAÇÕES DENTRO DE POLISSISTEMAS

Ilana Goldfeld Carvalho

Resumo: A escritora e acadêmica Djamila Ribeiro consagrou-se em sua trajetória como uma das intelectuais mais proeminentes do feminismo negro brasileiro contemporâneo. Seu primeiro livro O que é lugar de fala?, publicado inicialmente em 2017 pela editora Letramento, viria a ser um marco sociocultural no país, sendo indicado ao prêmio Jabuti em 2018. Ele migrou, em sua segunda edição, para a editora Jandaíra, onde foi publicado em 2019 sob o nome Lugar de fala. Foi o primeiro volume da coleção Feminismos Plurais, responsável por lançar 14 livros com o intuito de promover visibilidade para pensadores de grupos historicamente marginalizados. Lugar de fala foi traduzido para cinco idiomas e foi, nas palavras de Ribeiro, "responsável por me inserir no cenário internacional" (Ribeiro, 2026). Sua nova reedição, revista e ampliada, marca o começo de uma nova fase para a autora e coleção, que passarão a ser publicadas pela editora Record. Lugar de fala, que sairá em junho de 2026, vem acompanhado de um prefácio de Chimamanda Adichie e apresentação de Grada Kilomba. Chimamanda Adichie, premiada autora nigeriana, já foi traduzida para mais de trinta línguas e aborda, em seus livros e ensaios, temas como questões de gênero, as consequências do colonialismo e a diáspora africana. Grada Kilomba, por sua vez, é uma artista e escritora nascida em Portugal, cujo trabalho também aborda questões de gênero, racismo, pós-colonialismo e a questão da memória. Neste trabalho, analisaremos a decisão pelas duas escritoras para os paratextos (Genette, 1997), indício de como, nas últimas décadas, trocas entre grupos a princípio periféricos dentro de polissistemas culturais e literários (Even-Zohar, 1990), associadas a reivindicações sociais de populações historicamente silenciadas, trouxeram protagonismos a vozes com frequência ignoradas pelo cânon consolidado por aqueles em posição de poder (REIS, 1992).

FUNES, "UM ZARATUSTRA XUCRO E VERNÁCULO": O COMPADRITO BORGEANO COMO UM TRADUTOR CULTURAL

Lara Dallagnol Debarbara da Silva Ferreira

Resumo: Jorge Luis Borges, tanto em ensaios, quanto em contos e poemas, escreveu sobre uma figura comum dos arrabaldes platinos do século XIX: o compadrito. Nesse sentido, o personagem Funes, do conto "Funes, o memorioso", poderia ser tomado como um exemplo desse tipo social em sua obra. A

alcunha caracteriza os sujeitos dos subúrbios e tangos que começaram a surgir com o início da urbanização argentina e o aumento de migrações para a região portuária do país, entendidos tanto de maneira depreciativa, associados à vulgaridade e marcas de uma cultura baixa, quanto de forma nostálgica e épica, por representar uma reformulação dos gauchos, sua bravura e honra. Na narrativa, Funes é entendido como um "precursor dos super-homens; um Zaratustra xucro e vernáculo"; mas "também compadrito de Fray Bentos, com certas incuráveis limitações" (Borges, 2007a, p. 100), o que o coloca em uma posição aporética, sendo comparado ao centro da erudição, ao mesmo tempo em que se enfatiza seu lugar no arrabalde. Com base nisso, objetivamos explicitar em que medida a condição ambivalente de Funes, no âmbito ficcional, pode ser relacionada a um gesto de tradução cultural, pois percebemos uma relação intrínseca entre a constituição do compadrito e a tradução de sua memória perfeita para a realidade dos outros homens. Para tanto, os estudos de Homi Bhabha (2002), Jorge Luis Borges (2007a, 2007b) Jacques Derrida e Gayatri Spivak (2008) são importantes para postular que Funes traduz a partir de seu interior inconexo para o mundo exterior, representado pelo amigo "desmemoriado". Acreditamos que a tradução de Funes é marcada por sua condição marginal, xucra e, ao mesmo tempo, vernácula.

HAROLDO DE CAMPOS, UM TRANSBABELIZADOR

Luiz Henrique Raele Braga

Resumo: A presente comunicação é um recorte de um projeto maior de pesquisa em nível de doutorado, no qual investigaremos o pensamento de Haroldo de Campos enquanto tradutor, teórico e poeta à luz de sua (des)leitura da obra do escritor irlandês James Joyce. Na presente proposta, foi dado enfoque a sua tradução de fragmentos do último romance de Joyce, Finnegans Wake (1971), publicada no livro Panaroma do Finnegans Wake (2001). Dadas as nomenclaturas que o próprio Haroldo de Campos atribuíra a três trabalhos tradutórios seus: "trans-helenização", referente a sua transcriação (integral) da Ilíada de Homero; "transluminação", associada à forma com que traduzira seis cantos do "Paraíso" da Divina Comédia, de Dante; e por fim, "transluciferação mefistofáustica", neologismo com que cunhara sua operação sobre o Fausto de Goethe, a hipótese que ora se postula é a de que a transcriação do texto joyciano realizada por Campos pode ser denominada de "transbabelização". A base teórica que será utilizada, além da própria lavra haroldiana, coligida em volumes como Transcriação (2019), Deus e o diabo no Fausto de Goethe (1981), entre outros, é a da filosofia de Jacques Derrida (2002), Walter Benjamin (2010), Marcos Siscar (2013), Paulo Ottoni (2005), para citarmos apenas alguns, bem como o diálogo com a obra de Jorge Luis Borges (2019).

PARATEXTOS DE TRADUTOR E MEDIAÇÃO CULTURAL NA CIRCULAÇÃO DA LITERATURA NIGERIANA NO BRASIL: THE PALM-WINE DRINKARD, DE AMOS TUTUOLA, E SUAS DUAS EDIÇÕES BRASILEIRAS

Marina Vargas Couto

Resumo: Paratextos de tradutor e mediação cultural na circulação da literatura nigeriana no Brasil: The Palm-Wine Drinkard, de Amos Tutuola, e suas duas edições brasileiras Esta comunicação apresenta um recorte de pesquisa de mestrado voltada aos paratextos de tradutor na circulação da literatura nigeriana no Brasil, a partir da análise comparativa das duas edições brasileiras de The Palm-Wine Drinkard (1952), de Amos Tutuola, publicadas em 1970 e 2024. O estudo compreende a tradução como forma de mediação cultural e como prática capaz de reconfigurar repertórios no sistema literário de chegada, investigando de que modo dispositivos editoriais e tradutórios intervêm na construção de sentidos e na inserção de obras pós-coloniais no contexto brasileiro. A reflexão articula o conceito de paratexto, de Gérard Genette (2009), às discussões de Roger Chartier (2002a, 2002b) sobre materialidade editorial, entendendo o livro não apenas como suporte textual, mas como objeto cultural cuja configuração orienta modos de leitura e interpretação. Dialoga, ainda, com a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (2013), especialmente no que diz respeito aos processos de circulação, legitimação e inserção da literatura traduzida em diferentes sistemas literários. Do ponto de vista metodológico, realiza-se uma análise comparativa dos paratextos e da visibilidade conferida à tradução em ambas as edições. Investiga-se como diferentes conjunturas históricas produzem distintos modos de apresentação da escrita de Tutuola, evidenciando mudanças nas estratégias editoriais de mediação cultural. Enquanto a edição de 1970 reduz significativamente os elementos de contextualização da obra e da tradução, a publicação de 2024 mobiliza um aparato paratextual mais extensivo, voltado sobretudo à explicitação de suas especificidades linguísticas e culturais. Argumenta-se, por fim, que os paratextos exercem papel decisivo na circulação da literatura traduzida, funcionando como espaços de enquadramento discursivo e de negociação da alteridade no mercado editorial brasileiro.

ADAPTAÇÃO, TRADUÇÃO E PARATEXTO: OS TRAILERS DE AINDA ESTOU AQUI PARA DIFERENTES PÚBLICOS.

Rebeca Macedo Silva

Resumo: A vira cultural e tecnológica nos Estudos da Tradução contribuem para uma noção mais ampla da adaptação, possibilitando, compreender a tradução e os paratextos audiovisuais como formas de mediação cultural que atravessam diferentes mídias, línguas e contextos de recepção. Este trabalho propõe uma análise dos trailers nacional e internacional do filme Ainda Estou Aqui, adaptação da obra

autobiográfica Ainda Estou Aqui, de Marcelo Rubens Paiva, a partir das discussões sobre adaptação, tradução cultural e paratexto. O objetivo é investigar de que modo os trailers, compreendidos como paratextos audiovisuais, participam da construção de sentidos da adaptação para diferentes públicos e influenciam na recepção da obra antes mesmo do contato com o filme. Para isso, parte-se das reflexões de Linda Hutcheon acerca da adaptação como processo de recriação e transcodificação entre mídias, considerando também os aspectos culturais e contextuais envolvidos nesse processo. Em diálogo com essa perspectiva, utiliza-se a noção de paratexto desenvolvida por Jonathan Gray, que compreende trailers e materiais promocionais como elementos capazes de orientar interpretações, criar expectativas e enquadrar leituras específicas da obra audiovisual. A pesquisa busca investigar de que modo elementos paratextuais presentes nos trailers contribuem para a construção de diferentes leituras da adaptação em contextos nacionais e internacionais.

"PUTTING A DOOR ON THE FEMALE MOUTH": LINGUAGEM, DESEJO E DESORDEM NA TRADUÇÃO DE HIPÓLITO POR ANNE CARSON

Stefanie Machado Costa

Resumo: A comunicação propõe analisar a tradução de Hipólito, de Eurípides, realizada por Anne Carson na obra Grief Lessons (2008). O estudo investiga de que modo a tradutora representa o desejo feminino como uma experiência trágica de tensionamento da linguagem. Partindo de abordagens que compreendem a tradução como prática ativa de reinterpretação e de recepção, o trabalho dialoga com os estudos da área e com a fortuna crítica sobre Carson. Por meio de uma leitura comparativa entre o texto grego e sua tradução, a pesquisa compreende essa reescrita como uma reelaboração da experiência do desejo feminino, vista na tradição clássica como uma forma de desordem poluidora (miasma). Entende-se a prática da autora como um gesto que problematiza fronteiras entre tradução e criação, rejeitando a mera transcrição literal do texto traduzido e atuando como agente que analisa e intervém criticamente. Serão examinados, sobretudo, os efeitos produzidos pelos procedimentos linguísticos e pelas intervenções autorais de Carson, em confronto com os limites sociais e simbólicos impostos às mulheres na tragédia. Dessa forma, analisa-se como tais estratégias discursivas produzem deslocamentos de sentido e reescrevem o desejo a partir do excesso e da fluidez. Para isso, a análise concentra-se em como Fedra é representada: atravessada por uma experiência simultaneamente corporal e discursiva, marcada por hesitações, silêncios e interrupções. A personagem deixa de operar apenas como objeto de representação, passando também a organizar a própria construção discursiva da tradução. Nesse sentido, argumenta-se que as operações tradutórias da autora intensificam a dimensão conflitante e fragmentária de Fedra. Assim, o trabalho busca compreender como Carson, ao traduzir Eurípides, transforma o desejo em um princípio de desestabilização da linguagem e das formas tradicionais de representação do feminino na tragédia.

MARIE DE FRANCE NO SÉCULO XXI: RELEITURA E ADAPTAÇÃO

Stephanne Martini Pastore

Resumo: Marie de France, considerada a primeira poeta de língua francesa, produziu sua antologia de fábulas chamada Esope no século XII. Como manda a tradição desse gênero literário, ela revisitou fabulistas anteriores a seu tempo, estudou seus temas e, num processo de recriação, escreveu suas fábulas inserindo nelas sua própria realidade e críticas, impregnando-as com um "cunho político, protagonizadas pelo rei e pelos nobres, representantes da classe dominante laica" (LOBATO, 1999, p. 4). Assim também fizeram fabulistas posteriores à Marie de France, porém apagando-a da cronologia do gênero Fábula. Com a intenção de contribuir para trazê-la de volta a essa linha do tempo, meu trabalho se iniciou com uma perspectiva de produzir uma tradução da obra completa para a língua portuguesa a partir da edição crítica bilíngue (francês moderno e anglo-normando) de Charles Brucker (1998). Após o primeiro semestre do doutorado, integrou-se ao processo de tradução a concepção de Haroldo de Campos (2013) da Transcriação e a concepção de Escrita e Tradução Criativa e percebeu-se a necessidade de traduzir a partir da língua original, o anglo-normando, e não da versão em francês moderno. No entanto, nesse momento da pesquisa, vislumbra-se uma nova perspectiva: recriar não apenas as fábulas de Marie de France, mas seu processo de tradução em si; revisitá-la para fazer uma releitura das fábulas, inserindo-as no contexto do século XXI através de uma tradução intersemiótica, agregando o texto verbal recriado ao não verbal em forma de ilustração.

A TRADUÇÃO LITERÁRIA EM PERSPECTIVAS DE HILDA HILST

Taynara do Nascimento Irias

Resumo: Nesta comunicação, temos como objetivo examinar perspectivas da escritora paulista Hilda Hilst (1930–2004) sobre tradução literária apresentadas em cartas ativas e em entrevistas. No caso das cartas, temos como principal corpus as contidas nos arquivos da escritora salvaguardados pelo Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio (Universidade Estadual de Campinas) e pelo Instituto Hilda Hilst, além daquelas localizadas em outros acervos. No que tange às entrevistas, pautamo-nos especialmente naquelas reunidas na obra "Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst" (2013). A fim de analisar esses epitextos de forma historicizada, localizando-os em seus devidos contextos, mas sem desconsiderar suas ambivalências e outras especificidades, amparamo-nos, sobretudo, em Genette (2009), Moraes (2009), Diaz, J. (2007; 2023), Diaz, B. (2016) e Haroche-Bouzinac (2016). Além disso, para demais discussões, embasamo-nos especialmente em Bourdieu (1996; 2018), Casanova (2002) e Sapiro (2019; 2024). No estudo desses epitextos hilstianos, dois âmbitos se destacam: o linguístico, ao verificarmos concepções da escritora sobre possíveis equivalências entre forma e conteúdo nas traduções,

por exemplo; e o político-cultural, como nas percepções expressas por Hilda acerca da posição das literaturas de língua portuguesa no espaço literário mundial nos diferentes momentos abordados. Com isso, entre outros aspectos, ampliamos o entendimento quanto aos pontos de vista de Hilst sobre as práticas tradutórias, questões pouco exploradas na fortuna crítica da autora.

ST: ENTRE PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES: O COMPARATISMO NOS ESTUDOS LITERÁRIOS COMO EIXO INTER E TRANSDISCIPLINAR NA CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Evaldo Balbino da Silva e Leni Nobre de Oliveira

Resumo: A Literatura Comparada, ao longo de sua trajetória institucional — consolidada no Brasil por meio das quatro décadas de atuação da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) —, tem se caracterizado por uma notável plasticidade metodológica e um constante movimento de autorreflexão. Este simpósio propõe uma discussão aprofundada sob o lema "Comparatismo, permanências e renovações", compreendendo a disciplina não apenas como um exercício de justaposição de textos, mas como um campo de forças em que o diálogo inter e transdisciplinar atua como motor de preservação da memória e inovação hermenêutica. Conforme apontam Amodeo e Barberena (2021), os percursos e diálogos da interdisciplinaridade são essenciais para compreender a literatura em sua pluralidade, exigindo que o pesquisador investigue como o método comparatista opera na tensão entre a tradição teórica e as exigências de novas leituras. O comparatismo nos estudos literários pode ser explorado como eixo inter e transdisciplinar na contemporaneidade e a Literatura Comparada permite as diversas fundamentações teóricas que surgem como contribuição para a compreensão do objeto literário. Esse trânsito fortalece análises do texto literário e lhe dá maior alcance e vitalidade, possibilidade de permanência para gerações vindouras em novas ressignificações. A Literatura por ser arte, pode lidar com o saber em rede como hoje ele se processa, oferecendo-se como fronteira transmigratória de saberes e de cultura, ponte transgressora dessas mesmas fronteiras. Por isso, é proveitoso pensar a Literatura como operador reticular do conhecimento, da memória e da cultura, inestimável instrumento de reflexão sobre a prática dos saberes diversos e que, além disso, funciona como arquivo de dados sobre a alma humana: suas angústias, obsessões, sofrimentos, dores, prazeres e comportamentos. Historicamente, o comparatismo evoluiu de uma busca por influências para uma abordagem dialógica. Como postula Carvalhal (2022), a literatura comparada utiliza a estratégia da intertextualidade para funcionar como uma instância de mediação que se expande para as fronteiras do conhecimento. Nesse sentido, a "permanência" referida neste simpósio não deve ser entendida como estagnação, mas como a vitalidade de conceitos operacionais

clássicos que resistem ao tempo por meio de constantes releituras. Wellek (2019) fundamenta essa perspectiva ao discutir a Literatura como um sistema de signos e valores e ao propor o "perspectivismo" — a ideia de que a obra de arte possui um significado que se desdobra historicamente. Hyden White (1994), por exemplo, nos oferece um suporte produtivo a respeito do texto histórico como um artefato literário e defende que a construção de narrativas são forma de apresentação de fatos e da ficcionalidade da sua construção em si. Para ele, as ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos têm mais em comum com seus equivalentes na Literatura do que com os seus correspondentes nas ciências. Isso reforça que também o texto literário tem forte relação com a História, com as memórias dos lugares. Ao dialogar com a História ou a Sociologia, a Literatura permite que o passado seja reencenado sob novas lentes, garantindo que a memória de um povo permaneça como um organismo vivo. Por outro lado, as "renovações" teóricas evidenciam a abertura da disciplina para o que Diniz e Oliveira (2023) classificam como intermidialidade e hibridismo. A transdisciplinaridade surge aqui como um imperativo quando se cruza a literatura com áreas como a Matemática, as Ciências Biológicas ou as Artes Visuais. Esse movimento promove uma "desterritorialização" do saber literário, processo em que o discurso ficcional atua como resistência nas malhas estético-políticas da pós-modernidade. Tal renovação permite que objetos antes marginalizados ganhem centralidade analítica, dialogando com a perspectiva de Santiago (2020) sobre o cosmopolitismo do pobre e as representações das subalternidades, que desafiam as hierarquias tradicionais da crítica cultural.

A relevância desta proposta reside na compreensão de que o comparatismo é o método que melhor responde à complexidade do mundo contemporâneo. Segundo Nunes (2022), os comparatismos no século XXI exigem novos diálogos e perspectivas para dar conta de fenômenos como a literatura digital. Além disso, a inserção da obra em uma escala global, tal qual discutido por Damrosch (2020) ao definir a literatura mundial como um modo de circulação e tradução, obriga a uma renovação dos conceitos operacionais para compreender como os textos se transformam fora de suas culturas de origem. Este simpósio acolherá comunicações que se debrucem sobre essas conexões, priorizando análises literárias que demonstrem como o diálogo com outros saberes amplia a compreensão do fenômeno literário. Em suma, pretende-se criar um espaço acadêmico de discussão em que a tradição se encontra com a inovação de novas abordagens. Ao focar nas permanências e renovações, buscamos consolidar a ideia de que o comparatismo é um exercício de compartilhamento. É através desse intercâmbio que a literatura se afirma como campo de resistência e invenção, capaz de conectar tempos distintos e disciplinas diversas para oferecer respostas mais densas aos desafios culturais do presente.

EMBARALHANDO BARALHOS: SINTOMAS DO PÓS-MODERNO NA ESCRITA DE ZUCA SARDAN

Assíria Leite Coelho

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das tendências pós-modernas presentes na escrita de Zuca Sardan a partir do miniconto "Plumas", presente na obra Babylon: mystérios de Ishtar (2004). A pesquisa busca compreender como o autor articula procedimentos de fragmentação narrativa, dissolução de fronteiras de gênero textual e deslocamentos temporais, configurando uma escrita marcada pelo embaralhamento discursivo. Para fundamentar a análise, mobilizam-se as reflexões de Arthur Danto acerca do "fim da arte" e da diluição das narrativas históricas da modernidade, presentes em Após o fim da arte (2006), bem como discussões de Célia Pedrosa et al. em Indicionário do contemporâneo (2018), especialmente no que se refere ao apagamento dos limites entre ficção, realidade e gêneros textuais. No miniconto analisado, Zuca Sardan aproxima figuras históricas e mitológicas de situações triviais e cômicas, produzindo efeitos de sátira e estranhamento. A convivência entre referências da Antiguidade, museus modernos, erotização velada e linguagem rebuscada evidencia uma lógica de colagem típica da sensibilidade pós-moderna. Além disso, as ilustrações do próprio autor, que ambientam toda a sua obra, reforçam a dimensão híbrida do texto ao dialogarem com o humor, a caricatura e a estética do jogo. Desse modo, analisa-se como a escrita de Zuca Sardan evidencia sintomas da literatura contemporânea ao transformar o texto em um espaço de circulação simultânea de discursos, temporalidades e formas narrativas.

A SÁTIRA E A AUTOCONSCIÊNCIA LITERÁRIA NO BARROCO COLONIAL BRASILEIRO

Evaldo Balbino da Silva

Resumo: O presente ensaio revisita e analisa a função da sátira como um dos vetores fecundos de autoconsciência literária no Barroco do Brasil colonial. Investigamos como a produção satírica e burlesca de Gregório de Matos operou não apenas como crítica social, mas como um mecanismo técnico de apropriação e de subversão dos modelos europeus ditados pelas metrópoles. A partir do cruzamento de autores como Antonio Candido, Alfredo Bosi, João Adolfo Hansen, Mário Faustino, Haroldo de Campos, Mário de Andrade, Silviano Santiago, Leda Tenório da Mota e José Miguel Wisnik, demonstra-se que o "riso" colonial fundamentou a autonomia do discurso literário brasileiro. Do cruzamento dos diferentes críticos e teóricos, busca-se discutir os seguintes conceitos: sistema literário, retórica barroca, devoração

crítica, entre-lugar discursivo e autonomia literária, a literatura brasileira como "arbusto de segunda ordem no jardim das musas" e a poesia como "corpo de delitos" no sistema colonial brasileiro do século XVII. Trata-se aqui, pois, de uma revisitação de postulados críticos e teóricos sobre a poesia barroca brasileira, especificamente sobre a poesia burlesca de Gregório de Matos. Essa revisitação se faz com o objetivo de retomar a compreensão de como se construiu no barroco brasileiro, pela sua sátira, a autoconsciência da linguagem literária nos trópicos.

VOZES DO EFÊMERO: RESSONÂNCIAS ENTRE FRIEDRICH HÖLDERLIN E RUY BELO

Gabriel Pires Gonçalves

Resumo: Esta comunicação busca investigar proponentes relacionais entre as poéticas de Ruy Belo, poeta português do século XX, e de Friedrich Hölderlin, poeta alemão dos séculos XVIII e XIX. Dos poemas "Outrora e agora" e "Brevidade" deste, traçamos linhas comparativas com o teor profundamente melancólico e angustiante de "Solidão na cidade", daquele. Se na imperativa alma da voz poética dos poemas de Hölderlin está materializada a preocupação com o tempo, em Ruy Belo, algo da força da existência puxa a linguagem para seu estado máximo de tensão entre Poesia e Filosofia. O tempo é posto não só como tempo cronológico, mas como elemento que constrói e desconstrói a identidade, enfatizando a efemeridade da vida e a solidão humana. Nesse sentido, enquanto discutimos, hermeneuticamente, o processo linguístico dos poemas, aprofundamos, também, a busca ontológica dos eu-líricos, os quais tendem ao lançar-se no campo poético, inquirindo sobre a existência no mundo. O trabalho, calcado no diálogo entre teoria literária e filosofia existencialista, circunscreve as leituras que caem na eiva poética de Martin Heidegger (2013), em Explicações da poesia de Hölderlin, e Michel Collot (2018), em A matéria-emoção, para entrelaçá-las em uma amálgama inter e transdisciplinar dos estudos comparativos em poesia. A Filosofia carrega papel importante para a compreensão íntima do cerne existencial presente na poesia de ambos os autores. Na maioria das vezes, ela se faz fundamental no entendimento do sujeito enquanto este se vê melancólico, angustiado e, então, a investigação existencial-ontológica adentra nesse tema primordial no sentido de perquirir a essência que arraiga e acomete o ser.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: ROMANCE EM DEVIR; MODERNIDADE; MODERNISMO.

Geraldo Augusto Fernandes

Resumo: Para Mikhail Bakhtin, os gêneros sério-cômicos têm por característica a presença de elementos autobiográficos e memorialistas. Sua modernidade estaria no fato de que, neste tipo de romance como Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, "o romancista gravita em torno de tudo aquilo que não está acabado" e não estando acabado "os elementos do presente [...] não o deixam se enrijecer", conforme assertiva de Bakhtin (2010). Ao intrometer-se nas conversas das personagens, ou mesmo conversando com o leitor, o narrador apresenta o cunho memorialista do romance machadiano; e o diálogo (com as personagens e com o leitor) se dará no momento da leitura, o que levará à reflexão e à discussão das múltiplas propostas levantadas pelo discurso do romance inovador de Machado. O romancista revolucionou, então, o próprio conceito de "romance memorialista", pois traz para o presente da narrativa o discurso narrador-personagem e narrador-leitor, assim como o fez de forma inédita Laurence Sterne em seu antológico Tristram Shandy, uma referência para o próprio Machado de Assis. Além de analisar essa modernidade, devido a seus conhecimentos ou pela tendência natural que o autor escolhido possuía, ouso até afirmar que, na obra estudada aqui – o romance de Machado de Assis Memórias póstumas de Brás Cubas – há indícios, prenúncios mesmo, que antecipam movimentos da contemporaneidade: o Surrealismo e a narrativa fantástica. Deve-se registrar que outros "prenúncios" se evidenciam mais intensamente; poder-se-ia falar ainda do Cubismo, da bricolage etc., visto que sua singularidade permite ampliar esse universo próprio que é sua obra. Como método facilitador, contudo, devo me ater a estes dois tópicos: o Surrealismo e o fantástico.

ROSAURA E ISAURA - CICATRIZES GENÉTICAS AFRODESCENDENTES

Leni Nobre de Oliveira

Resumo: Publicada em 1883, Rosaura, a enjeitada é a última obra em prosa lançada em vida por Bernardo Guimarães. Classificada como novela com 325 páginas, ela teve outra edição em 1944, 61 anos depois, porém quase inexistem estudos em relação a ela, diferentemente de A Escrava Isaura, publicada 8 anos antes, em 1875. Embora recusada pelo jornal O Globo como folhetim, alcançou respeito dos leitores e, adaptada para telenovela em 1976, teve recepção em mais de 140 países, sendo o folhetim eletrônico mais reprisado da televisão brasileira com várias versões. A defesa de Isaura, uma escrava quase branca e de Rosaura, nascida livre cor de jambo e escravizada, é considerada atenuante para os traços e a cor africana, motivo por que o autor é tido por críticos como racista. No entanto, ele contemplou a temática da escravidão, esquecida de outros romancistas seus contemporâneos, e contribuiu para discussões sobre o tema no Brasil. Pesquisas recentes sobre o autor (Domingos, 2019) possibilitam suspeitas de que as

estratégias utilizadas nas duas obras não se tratam de envolvimento abolicionista gratuito e generoso de um romancista afeito às escravas embranquecidas, mas de escolha pessoal devido à própria afrodescendência de Bernardo Guimarães. Desse modo, considerando o comparatismo um campo de forças em que o diálogo inter e transdisciplinar atua como motor de ativação, preservação da memória e de inovação hermenêutica, nosso objetivo é, com base em comprovação histórica, elucidar o comprometimento afetivo do autor nessas obras, como escritor afrodescendente. Seu lugar de fala transferido ao narrador possibilita nova percepção dos posicionamentos e comportamentos dos participantes no enredo, direcionando o leitor para novos rumos de interpretação das mensagens e de seus significados subliminares de forma que a função moralizante e maniqueista dos desenlaces adequam a obra ao Romantismo e contribuem para reforçar o comprometimento afetivo do autor.

MEMÓRIAS INTERCULTURAIS ENTRELAÇADAS E ENTRELUGARES EM PARTES DE ÁFRICA, DE HELDER MACEDO, E TERRA SONÂMBULA, DE MIA COUTO

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly

Resumo: Este trabalho propõe um estudo comparado de Partes de África (1991), de Helder Macedo, e Terra sonâmbula (1992), de Mia Couto, a partir da articulação entre o conceito de "entrelugar", formulado por Silviano Santiago, e o conceito de "memórias interculturais", desenvolvido por Maged Elgebaly nos estudos comparados de literaturas de língua portuguesa. Busca-se demonstrar que ambas as obras constroem espaços narrativos de fronteira nos quais memória, deslocamento, oralidade, colonialismo, guerra e fragmentação identitária produzem formas híbridas de representação literária. Em Partes de África, a memória colonial portuguesa emerge como arquivo fragmentado, autobiográfico e ensaístico, marcado pela desconstrução crítica da narrativa imperial e pela instabilidade entre história, ficção e testemunho. Já em Terra sonâmbula, a oralidade, o sonho e a errância transformam a memória coletiva moçambicana em prática de sobrevivência simbólica diante da devastação da guerra civil. O estudo parte da hipótese de que o entrelugar de Silviano Santiago, inicialmente formulado como categoria crítica de mediação intercultural e discursiva, amplia-se contemporaneamente para uma dimensão memorial intercultural, na qual experiências traumáticas, diásporas, traduções culturais e ruínas históricas atravessam as narrativas pós-coloniais em língua portuguesa. Metodologicamente, o trabalho dialoga e discute críticos como Silviano Santiago, Edward Said, Paul Ricoeur, Aleida Assmann, Homi Bhabha, Édouard Glissant e Boaventura de Sousa Santos. Ao aproximar Helder Macedo e Mia Couto, pretende-se evidenciar como as literaturas de língua portuguesa produzem memórias interculturais entrelaçadas entre África, Portugal e

espaços transatlânticos, convertendo a literatura em campo de resistência epistemológica, tradução intercultural e reinvenção crítica da memória colonial.

ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA: FRANÇOIS JULLIEN E GUIMARÃES ROSA (DIÁLOGO INCONFESSO)

Maria Luiza Berwanger da Silva

Resumo: Entre Literatura e Filosofia : François Jullien e Guimarães Rosa (diálogo inconfesso) O presente estudo examinará o espaço "entre" gerado por Literatura e Filosofia postas em intersecção e as relações tecidas , enquanto imagem da produtividade do interdisciplinar. Para tanto, tomará como ponto de partida teórico, o conceito de Interdisciplinaridade nomeado por Roland Barthes em "O rumor da língua ". Nele, esse crítico evidencia a eficácia do "texto novo "como "objeto" a ser investigado. Trata-se de elucidar textualmente o trânsito efetuado por Literatura e Filosofia aproximados, incidindo em transformações desses campos disciplinares, simbólicos e não simbólicos, confrontados. Nesse sentido, eixos teóricos configurados pelo pensamento do filósofo François Jullien tais como: "Transformações Silenciosas", " do ser ao viver", "reabrir possíveis ", concedem ao literário a reabertura de novos caminhos em eixos teóricos críticos, já consagrados pela teoria da Literatura Comparada. Assim, nesta comunicação dizer "permanência" significará justamente demarcar a prática de "reabertura de possíveis" no arquivo teórico já estabelecido para a análise do fato comparatista, aí se incluindo "renovações", tal um jogo de "dom e de troca", ou "Texto" novo a que alude Roland Barthes, traçando o espaço "entre" como paisagem mesclada. Se, do ponto de vista teórico, corresponderá a desenhar esta cartografia intervalar, do ponto de vista da Literatura, equivalerá a examinar a cooperação efetuada entre o pensamento filosófico de François Jullien e a ficção de Guimarães Rosa , privilegiando-se Primeiras Estórias e o diálogo efetuado com obras de François Jullien sobre o "viver". Nota-se, neste sentido, que "viver" para esse filósofo e "transviver" para o escritor convergem no "inusitado" como garantia de "reabertura de possíveis" na experiência já vivenciada. Pressupõe-se que esse procedimento comparatista assegurará a vitalidade do trânsito entre "Permanências e Renovações" mediando o reencantamento do sujeito contemporâneo.

ST: ESCRITA CRIATIVA COMO PESQUISA: DIÁLOGOS ENTRE TEORIA, CRÍTICA, CRIAÇÃO LITERÁRIA E ENSINO

Coordenação: Diego Grando, Moema Vilela Pereira e Natasha Centenaro

Resumo: O simpósio propõe reunir investigações que compreendam a Escrita Criativa como campo de conhecimento e prática de pesquisa situados na intersecção entre criação artística, processos de criação, teoria, crítica literária e ensino. Tendo em vista que "(...) histórias só existem quando são contadas" (Brasil, 2019, p. 22), entende-se que investigar esses itinerários, bem como as dinâmicas de produção, as influências e suas fontes constitui um caminho em ascensão no país. Recorda-se do direito à literatura como fator de humanização e a capacidade de organização do caos como propriedade inerente: "A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante." (Candido, 2004, p. 180). A criação literária como fazer artístico, criativo e pedagógico, passível de reflexão e teorização, propicia a compreensão do que e como a nossa espécie fabuladora (Huston, 2012) é capaz de produzir e seus diálogos com as mais diversas áreas, desde as Artes, Letras, Educação, Psicologia, Filosofia, Comunicação e outras Ciências Humanas.

Para Fayga Ostrower (1986, p. 165): "(...) a criação é um perene desdobramento e uma perene reestruturação"; desse modo, perceber seus desdobramentos e atravessamentos é parte dessa proposta que converge para ampliar e discutir as perspectivas dos estudos em Escrita Criativa, conforme a produção recente demonstra (Brasil, 2019; Centenaro et al, 2025; Grando, 2021; Vilela et al, 2024; Magalhães et al, 2023, Tenório, 2023; Angelini et al, 2021 etc.). Pensar e analisar os procedimentos que levam à construção literária, portanto, contribuem para o entendimento desse campo expandido e transdisciplinar, assim como também é possível atribuir ao processo criador certas regularidades coletivas, tal como se apresenta sob a perspectiva da crítica genética e das teorias dos processos de criação (Salles, 2008).

Apesar de a Escrita Criativa ser considerada uma área relativamente nova e, conforme Harper e Kroll (2012), existir pouco registro documental, em formatos teóricos e também de maneira experimental, o oferecimento de oficinas e ateliês de criação artística e literária, nos mais diversos formatos e gêneros, já apresenta uma constância há décadas. Nesse sentido, coaduna-se ao pensamento do professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil acerca da possibilidade efetiva de elaboração e desenvolvimento de metodologias a partir do binômio teoria-prática, bem como da relação indissociável escrita-leitura, o que em nada corrobora a simplista ideia de transmissão e repetição de fórmulas prontas (Brasil, 2019). Muito pelo contrário, compreende-se o potencial da Escrita Criativa como aliada não apenas na formação e aperfeiçoamento de artistas, escritores e escritoras, mas também no ensino de Língua portuguesa e Literatura, desde a formação de professores e professoras.

Verifica-se, assim, como a Escrita Criativa pode dialogar com as metodologias ativas, as práticas de letramento literário, multiletramentos e multimodalidades na rede básica de ensino, por exemplo, e como as e os docentes podem estar alinhados a essa realidade. Para Graça Paulino e Rildo Cosson, o letramento literário funciona como um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos, deve ser entendido no plural e como um estado permanente de transformação: "Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas." (Cosson, 2009, p. 11). Rildo Cosson tem um capítulo de seu livro sobre Letramento literário intitulado "Oficinas", enfocando, justamente, seu caráter prático, com sugestões e exemplos de atividades e exercícios interativos, de escrita criativa e criação literária, para turmas de ensino fundamental e médio, pensando as propostas de sequência básica ou expandida.

Parte-se do reconhecimento de que a escrita literária e seus processos integram um campo de elaboração conceitual próprio, configurando um espaço privilegiado para o estudo da literatura, em seus processos, práticas, pesquisas e formas de inscrição no sistema literário. Serão acolhidos trabalhos que investigam processos e práticas de escrita, analisando obras ou criações em processo, abrangendo a ficção e a não-ficção, além de diferentes gêneros literários – narrativos, dramáticos, poéticos, gêneros híbridos (em diálogo com artes visuais, fotografia, teatro, cinema, histórias em quadrinhos etc.), interartes e escrita performativa. Interessa-nos examinar os modos de produção e circulação dos textos, bem como as estratégias formais e conceituais que os constituem, enfatizando sua dimensão comparatista. Serão considerados também materiais em processo e registros das práticas artísticas. Diálogos teóricos e exposição de perspectivas metodológicas são particularmente bem-vindos, e também a exploração da pedagogia da Escrita Criativa, na busca de contribuir para o debate atual da área sobre modos de fazer, ler, ensinar e pensar a literatura.

CENAS DE UM LUTO RETIDO: A BUSCA POR UMA VOZ NARRATIVA ENTRE CORPO, AUSÊNCIA E AUTOFICÇÃO

Aline Guimarães

Resumo: Este trabalho apresenta o processo de escrita de Cenas de um luto retido (2026), obra surgida da tentativa de construção de um romance centrado na memória familiar, na figura de um tio poeta morto precocemente e na busca por uma voz narrativa capaz de sustentar essa história. O projeto inicial previa

três narradores em primeira pessoa, a sobrinha, a avó e o tio, articulando memória, investigação e fabulação. Contudo, a impossibilidade de escrever a voz da avó, marcada pela perda do filho, instaurou uma questão central: o que significa não conseguir escrever uma voz? Partindo desse impasse, a pesquisa desloca a discussão da técnica narrativa para a experiência do corpo. Em diálogo com Marguerite Duras, Vinciane Despret e Bianca Dias, proponho pensar a escrita não como representação de uma memória alheia, mas como travessia de experiências de perda que atravessam gerações e subjetividades. A busca pela voz da personagem conduziu ao encontro com meus próprios lutos gestacionais, fazendo emergir uma escrita atravessada pela experiência corporal, pela ausência e pela tentativa de sustentar a presença dos mortos. Nesse contexto, Cenas de um luto retido nasce menos como projeto de narrar uma história familiar do que como investigação sobre as condições de possibilidade da escrita diante do indizível. A autoficção aparece, assim, não como exposição de uma interioridade, mas como espaço de negociação entre memória, corpo, invenção e alteridade, onde escrever implica criar formas de coexistência entre vivos e mortos. A escrita torna-se, por fim, um gesto de permanência: uma maneira de falar com os ausentes sem resolver sua ausência.

ARQUIVOS SELVAGENS: EXPERIMENTAÇÕES CUIR EM OFICINAS DE ESCRITA CRIATIVA

Aline Veingartner Fagundes

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado Arquivos selvagens: experimentações cuir em oficinas de escrita criativa, que investiga a oficina de escrita como prática artística, metodológica e arquivística. Partindo de referenciais como Ann Cvetkovich, Jacques Derrida, Gloria Anzaldúa, Jack Halberstam e Paul Preciado, a pesquisa tensiona a noção de arquivo vinculada exclusivamente à preservação institucional, entendendo-o como campo vivo de produção de memória, fabulação e relação coletiva. A escolha do termo cuir, em vez de queer, acompanha perspectivas latino-americanas de tradução e desobediência linguística, marcando um gesto de reapropriação situada, atravessado por questões de língua, território e dissidência. Nesse contexto, o "arquivo selvagem" se configura como contra-arquivo: instável, manipulável, aberto à contaminação, à deriva e à intervenção. A comunicação aborda a articulação entre teoria e prática nas oficinas realizadas em contextos distintos — universidade, livraria independente e espaços culturais autônomos — observando como materiais, espacialidades e dispositivos influenciam os processos de criação. Zines, baralhos, colagens, impressos efêmeros e objetos pessoais atuam como dispositivos de escrita criativa expandida, articulando palavra,

imagem, memória, corpo e manualidade. Em diálogo com Cvetkovich (2018) e Muñoz (1996), a pesquisa compreende materiais efêmeros e afetivos como formas legítimas de produção de conhecimento e inscrição histórica. As oficinas mobilizam práticas de criação coletiva que trabalham com lacunas, apagamentos e fabulação crítica. O arquivo é compreendido, desse modo, não como repositório de verdades, mas como campo de sensibilidade histórica, capaz de produzir outras relações entre memória, imaginação e experiência cuir. A comunicação também discute a dimensão pedagógica dessas práticas, entendendo a escrita criativa como campo transdisciplinar de investigação, experimentação e produção de comunidade.

FRONTEIRA, ORALIDADE E ESCRITA CRIATIVA: HIBRIDISMOS NARRATIVOS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Ariane Borba Clos

Resumo: O presente trabalho investiga as relações entre literatura de fronteira, oralidade e escrita criativa a partir de narrativas produzidas na região fronteiriça entre Brasil e Uruguai. A pesquisa parte inicialmente da obra de Aldyr Schlee (1983) e da escrita fronteiriça de Fabián Severo (2024), deslocando-se posteriormente para relatos orais de sujeitos fronteiriços, compreendidos como produções narrativas atravessadas por experiências híbridas de língua, memória e identidade. O objetivo central da pesquisa consiste em analisar de que modo a experiência da fronteira produz formas narrativas que tensionam categorias estáveis entre oralidade e escrita, criação e crítica. Como corpus inicial, articulam-se obras literárias de Schlee e Severo a narrativas orais, buscando observar aproximações linguísticas e temáticas entre esses relatos. Metodologicamente, a pesquisa se estrutura pela leitura crítica do corpus literário, a escuta das narrativas orais e registro escrito e criativo. Sendo assim, a escrita criativa aparece como procedimento metodológico de elaboração crítica. O trabalho dialoga com as reflexões de Homi Bhabha (1998) acerca dos entre-lugares culturais, com Gloria Anzaldúa (2012) sobre fronteira e linguagem híbrida, além da perspectiva desconstrutiva de Jacques Derrida (1994). Considera-se, ainda, a proposta metodológica de Lucía Tennina (2025) no que diz respeito à aproximação entre crítica e criação literária.

GESTOS PEDAGÓGICOS E A ESCRITA CRIATIVA: EXPERIÊNCIAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA FORMAÇÃO DO LEITOR

Arlyse Silva Ditter

Resumo: Diante da conjuntura do ensino da Literatura para a formação do leitor na educação básica, sobretudo sob o contexto midiático pós-pandemia e seus obstáculos de fundos político e econômico, a busca por uma atuação crítica na docência se faz urgente. Os projetos de extensão, desenvolvidos entre 2013 a 2020, no Colégio de Aplicação da UFSC, o Confraria Literária do CA: formação literária e ativismo cultural, e o Procura-se um Leitor, orientados pela metodologia do Letramento Literário, são o campo de uma pesquisa autobiográfica realizada a partir do conceito do gesto. Sob as óticas de Benjamin e Agambem, entre outros teóricos, essa pesquisa almeja responder à pergunta: como os gestos pedagógicos, enquanto dispositivos de mediação estética e cultural, operam na constituição de experiências da metodologia letramento literário e na formação do leitor? As práticas de escrita criativa - escrita literária - construídas na reversibilidade da leitura e escrita, como prevê essa metodologia, compõem o acervo didático-metodológico (fotografias, vídeos, registros midiáticos, avaliações, diários de planejamento, publicações) da investigação. Aspectos dessas práticas respondem à pergunta de pesquisa, revelando a importância da singularidade e da subjetividade do fazer literário com o exercício da autoria como um dos gestos pedagógicos fundadores do processo de formação do leitor e de uma atuação docente crítica.

ESCRITORA-PESQUISADORA: QUANDO A PESQUISA ACADÊMICA VIRA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Deborah Vieira Pinto Aguiar

Resumo: Pode o rigor da academia ser terreno fértil pra uma obra literária? Frequentemente, ouvimos relatos de como a vivência e demandas universitárias e de pesquisa matam a criatividade entre artistas e escritoras. Nesta apresentação, quero compartilhar um projeto que ignora a separação entre texto acadêmico e texto literário, a exemplo do que foi desenvolvido por outros autores como georgina colby (2020), alex houen (2020), erika haufman (2020) e peter jaeger (2020): uma pesquisa-criação que investiga como a prática literária pode refletir sobre conceitos teóricos, políticos e sociais. A partir da trilogia literária que está em processo de elaboração e retoma ironicamente o lema 'deus, pátria e família', exploro como a escrita sem gêneros literários definidos pode dar corpo a temas complexos, como a experiência religiosa, a ascensão da extrema direita e o luto familiar — e como tudo isso pode estar conectado. De modo que o foco se torna analisar o próprio processo criador e criação literária. Ao documentar o processo criativo através de diários de escrita, este projeto demonstra que a produção artística não é um subproduto da pesquisa, mas o seu próprio método de investigação. Em um processo que tenta desembocar em uma provocação: em tempos de polarização, a literatura não serve apenas para descrever

a nossa comunidade, mas para inventar novas formas de pertencimento, como argumenta de paula e barby (2018).

AS CARTAS QUE GUARDEI PARA O SEU RETORNO

Deivid Edson Nagel Chaves

Resumo: Este trabalho apresenta o projeto de novela As cartas que guardei para o seu retorno, desenvolvido a partir do diálogo com a tradição literária japonesa e inspirado especialmente pelo poema 555 do Man'yōshū. A obra parte da imagem de alguém que prepara uma bebida para um amigo ausente e a consome sozinho, transformando esse gesto em metáfora da permanência do afeto diante da separação e da tentativa de comunicação com quem já não pode responder. O poema oferece o núcleo temático da narrativa ao associar ausência, memória e fidelidade a um vínculo que resiste ao tempo (BROWER; MINER, 1961; McAULEY, 2020). A novela acompanha a trajetória de um protagonista marcado pela perda, pelo sentimento de não pertencimento e pela progressiva fragmentação de suas lembranças. A construção dessa subjetividade dialoga com temas recorrentes da literatura japonesa moderna e contemporânea, como o isolamento existencial, a instabilidade da identidade e a dificuldade de estabelecer conexões duradouras. A narrativa explora personagens que vivem em deslocamento afetivo, transitando entre memória e esquecimento, realidade e imaginação, em um movimento constante de busca por sentido (STRECHER, 2002; CLERICI, 2016; POTIK, 2024). Também são incorporadas reflexões sobre inadequação social, alienação e apagamento de si, presentes em obras que retratam indivíduos incapazes de encontrar pertencimento em seu contexto social, conduzindo a experiências de retraimento e sofrimento subjetivo (KAWANA, 2013; KISHORE, 2024; SHIFA; RAJKUMAR, 2024). Além disso, a narrativa dialoga com a compreensão do silêncio como espaço de confronto ético e interior, enfatizando a relevância das ações realizadas longe do olhar do outro e das consequências emocionais que delas decorrem (GŁĄB, 2018).Ao aproximar essas diferentes influências, o projeto busca investigar a escrita como gesto de preservação da memória e como tentativa de manter viva a presença daqueles que já não estão mais ao alcance da voz.

ESCRITA CRIATIVA E INVESTIGAÇÃO TEÓRICO-POÉTICA EM GEOGRAFIA DO DESAPARECIMENTO

Júlia Guimarães da Gama Fernandes

Resumo: A presente comunicação propõe refletir sobre a escrita criativa enquanto prática de investigação teórico-poética, a partir do desenvolvimento da coleção de poemas Geografia do Desaparecimento no

contexto de uma tese de doutorado em criação literária. Escrevendo em diálogo com Marília Garcia, Ingeborg Bachmann, Édouard Glissant e Georges Didi-Huberman, busca-se compreender de que maneira a criação literária pode operar como forma de mapeamento sensível de experiências contemporâneas, marcadas pela fragmentação dos discursos, pela dissolução dos espaços físicos e simbólicos e por uma percepção temporal atravessada pela ideia de suspensão do futuro. Nesse contexto, a noção de desaparecimento não se apresenta unicamente como tema central da pesquisa, mas também como procedimento formal e metodológico da própria escrita poética, que passa a elaborar conceitualmente ideias de vestígio, deslocamento, errância e geografias em estado de transformação. Propor esses questionamentos também parte do ensejo de investigar as dimensões teóricas dessas indagações, considerando as diferentes formações do pensamento (GLISSANT, 2024) e partindo de uma lógica do que pode ser produzido no encontro com o outro. A partir disso, a pesquisa desenvolve uma escrita poética na mesma medida em que articula suas indagações propriamente acadêmicas. A comunicação pretende ainda discutir como a prática poética pode constituir um espaço de elaboração crítica e de produção de conhecimento no interior da própria escrita.

"TODOS ESSES NOMES PÁSSAROS ESTRANHOS": VESTÍGIOS DE OFICINA EM ALGUMA POESIA BRASILEIRA DO PRESENTE

Julya Tavares Reis

Resumo: Este trabalho pretende observar alguns vestígios da experiência em oficina nas produções de poetas que articularam, em diferentes momentos entre 2011 e 2018, no Rio de Janeiro, a Oficina Experimental de Poesia (OEP), coletivo voltado a práticas em torno da poesia, como a elaboração e compartilhamento de ferramentas de escrita. "Todos esses nomes pássaros estranhos" é o título de uma das seções de "O menor amor do mundo", livro de Rafael Zacca publicado em 2020. Nela, observamos poemas em que o autor, um dos integrantes da OEP, explora a memória tanto em sua dimensão pessoal, revelada pela menção a histórias e nomes de familiares e amigos de infância, e em sua dimensão de algum modo coletiva, conforme a série de poemas sobre o galo celestial, personagem do "Livro dos seres imaginários" de Jorge Luís Borges, na qual acaba por misturar a própria vida com a literatura. Essa articulação entre pássaros/aves e nomes aparece ainda em poemas de Heyk Pimenta, Ana Carolina Assis e Lucas van Hombeeck, poetas que também participaram da Oficina, produzidos na mesma época, quando o coletivo ainda se reunia, ora dando indícios dessa vida biográfica, digamos, e coletiva em torno da poesia, ora como vestígios de práticas em torno dessa tentativa de escrita também coletiva. Como recuperar essa

experiência de convívio e certa vulgarização da poesia/do lugar do poeta, que atravessava sobretudo as práticas do coletivo, nos poemas? O que fica da oficina, essa prática coletiva, nos textos e livros assinados individualmente? A ideia é pensar essas questões a partir de três eixos: nomes próprios e convívio; memória e inscrição da própria história na literatura; e a relação entre o canto da ave/ poeta (muitas vezes desarmônico, atravessado pela tecnologia e pelos barulhos confusos da cidade) e a vulgarização da literatura.

LABORATÓRIO DE ESCRITA E CÉREBRO: DIÁLOGOS ENTRE NEUROCIÊNCIA E PEDAGOGIA DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Letícia Eichstaedt Mayer

Resumo: Esta comunicação relata a experiência da oficina Laboratório de Escrita e Cérebro: Experimentos em Criatividade, desenvolvida como projeto de extensão em cinco encontros, totalizando uma carga horária de 15h, entre abril e maio de 2026, na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). A ação integra a pesquisa de doutorado da ministrante, aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras-Escrita Criativa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL-PUCRS). Em sintonia com a proposta de investigar a pedagogia da escrita criativa e seus diálogos interdisciplinares, o trabalho apresenta a aplicação de estratégias da neurociência no estímulo da fluidez narrativa. A oficina foi embasada em estudos sobre a integração entre duas redes de conexão cerebrais: a rede de modo padrão, associada à geração de ideias, e a rede de controle executivo, responsável pela avaliação crítica. Escrever exige a atuação simultânea da imaginação e do julgamento, frequentemente resultando em bloqueios causados por um crítico interno rigoroso. Para contornar essa autocrítica, a oficina objetivou treinar o cérebro a silenciar temporariamente o editor interno, visando alcançar o estado de fluxo. A metodologia adaptou protocolos neurocientíficos em exercícios de escrita com estímulo do pensamento divergente e da criatividade narrativa. Em cada etapa, buscou-se demonstrar como essas descobertas neurocientíficas encontram profunda ressonância no que os próprios escritores literários relatam sobre seus processos de criação. O último encontro enfocou a artesania textual, resgatando o olhar avaliativo para a revisão e edição de textos. A fim de estimular a reflexão contínua, ao final dos encontros aplicaram-se questionários para a autoavaliação dos participantes. Demonstra-se, assim, que a transdisciplinaridade entre neurociência e literatura fornece metodologias valiosas para o ensino da escrita criativa.

ESCREVER É MUITO PERIGOSO: VIVER TAMBÉM

Lilian Abigail Melo de Aquino

Resumo: Esta comunicação buca apresentar a investigação da relação entre escrita, vida e processo criativo na obra de Clarice Lispector, a partir das reflexões metalinguísticas da autora sobre o ato de escrever presente em suas crônicas publicadas no Jornal do Brasil entre 1967 e 1973, textos que foram posteriormente reunidos no livro "A descoberta do mundo" (1984). Em diálogo com o pensamento dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente com os conceitos de devir, desterritorialização da língua e vidência, proponho a compreensão da escrita clariceana como um processo de dessubjetivação, em que a palavra para tornar-se isca do indizível, operando na entrelinha e no limiar da linguagem. Suas reflexões metalinguísticas revelam uma concepção de linguagem que ultrapassa a função comunicativa, deslocando a palavra para o campo da sensação, da entrelinha e do mistério. A partir da leitura de crônicas como "Máquina escrevendo", "Dois modos" e "Lembrança da feitura de um romance", demonstra-se como Clarice usa a linguagem aproximando-a das ideias de torção e da vidência descritas por Deleuze. Para Clarice, escrever não se constituía apenas como uma atividade intelectual e/ou estética, mas sim um modo de habitar o mundo. Ou seja, não há, para a autora, separação entre vida e escrita, pois ela a concebe como um gesto de risco e de investigação existencial, sendo, ao mesmo tempo, delírio e medida de saúde.

ESCRITA CRIATIVA E INTERTEXTUALIDADE EM NÓS, DE SALIM MIGUEL

Luciana Wrege Rassier

Resumo: Ao refletir sobre o ato criativo como "uma forma de ser" e sobre os porquês de se "fazer arte", Rick Rubin (2023) enfatiza que, à medida que a obra vai tomando forma, cresce no artista um impulso de compartilhar sua perspectiva de mundo a fim de provocar ecos nos outros – o que corresponderia a considerar a arte como "a reverberação de uma vida impermanente". Já Antoine Compagnon (2007), ao elencar elementos de resposta para a indagação "Literatura para quê?", sublinha que a leitura literária relaciona-se à aprendizagem de si e do outro, à descoberta de uma identidade sempre em devir. Essa transformação também diz respeito à identidade das obras. Assim, em L'artisanat du roman – initiation à l'écriture créative, Thomas Lavachery (2024) destaca tanto as expectativas do leitor contemporâneo por narrativas rápidas, fragmentadas e com elipses frequentes quanto a necessidade de os escritores se renovarem, evitando a repetição de estratégias e recursos já experimentados e comprovados.

É à luz de tais conceitos que proponho analisar a novela policial Nós (2015), que tece um intrincado diálogo intertextual (Kristeva, 1969; Genette, 1982; 2009) com outras obras do gênero. Nessa narrativa fragmentada e repleta de lacunas, mistérios e incoerências, Salim Miguel tematiza o fazer literário, colocando em cena um escritor incapaz de finalizar o enredo de sua obra, o qual acaba assombrado por suas próprias personagens. Que lugar ocupa Nós no conjunto de quase trinta títulos que compõem a obra de Salim Miguel? Como são estabelecidas as redes intertextuais constituintes dessa narrativa? Como é construída a personagem do Autor? Qual a relação das personagens com a leitura literária?

TRÂNSITOS E MULTIPLICIDADES: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO LITERÁRIO DE JUDITH GROSSMANN

Matheus Oliveira Carvalho

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os percursos acadêmico-profissionais da escritora fluminense-baiana Judith Grossmann (1931-2015), focalizando a sua atuação enquanto docente de área de teoria de literatura da Universidade Federal da Bahia, ficcionista, crítica literária e idealizadora do projeto pioneiro das oficinas de criação literária naquela universidade. Observa-se a relação entre esses perfis e, sobretudo, o impacto desta na produção ficcional da escritora. Argumenta-se, portanto, que o texto ficcional de Grossmann apresenta uma configuração múltipla, sobretudo por criar, em seu bojo, um profícuo diálogo entre docência, ficção, teoria e reflexões críticas acerca da arte e da cultura de modo geral. Além disso, considera-se a sua obra ficcional um campo fértil a partir do qual se recolhem as coordenadas teórico-críticas de seu projeto criativo. Elege-se como corpus de análise os livros Nascida no Brasil Romance (1998) e Fausto Mefisto Romance (1999) a fim de que, a partir da leitura comparativa dessas obras e em diálogo com outros textos produzidos pela autora, obtenha-se um traçado da configuração aludida, bem como outros pontos de merecido destaque referentes à literatura de Judith Grossmann. A reflexão aqui pretendida dialoga com uma bibliografia interdisciplinar, notadamente com as reflexões teóricas de Hoisel (2019), Nascimento (2011), Telles (2011), Santiago (2011), Souza (2010), (2017) e Resende (2008).

TUDO O QUE LEMBRO É FALSO: A CRIAÇÃO LITERÁRIA DE MEMÓRIAS INVENTADAS

Mauro Gabriel Morais da Fonseca

Resumo: O presente trabalho discute os desafios do processo de escrita de uma obra proposta na linha de criação literária do curso de doutorado em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. O romance

em construção revisita as memórias de infância de um narrador diante da ausência do próprio pai, um poeta que se suicida quatro meses antes da chegada do filho. O silêncio que ecoa a dor da perda gera um ambiente de escassas referências, entre as quais se sobressaem algumas centenas de poemas com os quais o narrador constrói a própria memória do pai. Compreendendo a experiência traumática dessa orfandade e a impossibilidade de narrá-la pelas vias do testemunho, busca-se discutir, a partir de Beatriz Sarlo (2007), como a ficção se torna uma via possível de representação. Inominável, a experiência vivida entra em confronto, no exercício da criação, com a incapacidade do registro daquilo sobre o qual nada se ouviu ou se soube. A relação estreita entre realidade e invenção parte da vida para a escrita e assume a autoficção como estratégia e ferramenta, operando uma estética própria, como define Anna Faedrich (2025), marcada por uma fragmentação que também é própria da memória, matéria heterogênea, dinâmica e fortemente influenciada pelo meio social, conforme Maurice Halbwachs (1990). As memórias do narrador-autor se configuram como uma forma de existência, ato de linguagem à procura de um sentido da vida, como observa Diana Klinger (2014) ao pensar nessa escrita de si que reverbera a vida na própria existência e na experiência do outro, já que muitas vezes revisitar o passado pode ser um gesto de criação, como escreve o poeta Manoel de Barros (2003): "Tudo o que não invento é falso".

PERDER O CONTROLE DA NARRATIVA: AUTORIA E DESLOCAMENTO DO AUTOR EM EXPERIMENTOS DE ESCRITA CRIATIVA DE NÃO FICÇÃO

Rafael Silveira Gloria

Resumo: Esta comunicação apresenta reflexões surgidas durante o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado em Escrita Criativa que investiga diferentes formas de representação de vidas reais na escrita de não ficção. Inicialmente concebido como um conjunto de experimentos narrativos, o projeto passou a revelar uma questão que extrapola os limites dos gêneros utilizados: a transformação da própria autoria ao longo do processo criativo. A pesquisa parte da hipótese de que não existe uma única maneira de representar uma experiência humana. Diferentes formas, modos e objetos do narrar — como o perfil jornalístico-literário, a escrita compartilhada, a memória, o arquivo, a curadoria e a apropriação documental — produzem diferentes versões de construção do real. Ao analisar esses procedimentos, tornou-se possível perceber um movimento recorrente: à medida que os experimentos avançam, o autor deixa progressivamente de ocupar o lugar central de organizador da narrativa, enquanto documentos, testemunhos, participantes e arquivos passam a assumir um papel cada vez mais ativo na produção dos sentidos. Mais do que discutir resultados concluídos, a comunicação propõe refletir sobre uma questão

emergente do próprio processo de criação: de que maneira a autoria se transforma quando a escrita de não ficção passa a incorporar práticas de colaboração, montagem, escuta e mediação? O trabalho dialoga com os estudos da Escrita Criativa, da não ficção literária, da memória, da história oral e dos diferentes processos de criação Ao compreender a escrita como forma de investigação, busca-se contribuir para as discussões contemporâneas sobre pesquisa-criação, propondo que a não ficção possa ser entendida não apenas como representação do real, mas também como espaço de experimentação sobre autoria, memória e produção de conhecimento.

ESCRITA CRIATIVA E SUBJETIVA DE POESIA NO CURSO DE LETRAS: PROPOSIÇÕES E REFLEXÕES

Rosiene Almeida Souza Haetinger

Resumo: O presente trabalho tem como intuito expor e refletir sobre a escrita criativa e subjetiva, especialmente de poesia, na formação de professores de Letras. Nos cursos de licenciatura em Letras, espera-se que o acadêmico realize a leitura e a análise de textos literários. Embora se reconheça a importância dessa abordagem, torna-se imperativo refletir acerca da ressonância dessa prática na atuação docente dos futuros professores que ora se encontram em formação, uma vez que as práticas das aulas na graduação funcionam como referência para a atuação dos acadêmicos no ensino básico (Haetinger, 2021). A escrita é algo recorrente durante a graduação em Letras, entretanto, poucas vezes essa elaboração é criativa. Inclusive, esse tipo de proposição nem sempre é considerada relevante ou prestigiada no âmbito universitário (Frugoni, 2017). Contudo, podemos afirmar, a partir das proposições do conceito de leitura subjetiva (Rouxel, 2012; Rouxel, Langlade, Rezende, 2013), que a escrita criativa e subjetiva no contexto de formação de professores mobiliza as razões de se ler literatura e as subjetividades. Em função desse entendimento, foram propostos momentos de escrita criativa e subjetiva no componente curricular Poesia brasileira, que está alocado no curso de licenciatura em Letras de uma universidade comunitária do interior do Rio Grande do Sul. Além dos conteúdos tradicionais estudados, no que se refere a autores, obras e movimentos literários, foram propostas atividades de criação poética voltadas à experimentação da linguagem literária, por meio da reescrita criativa, da produção de poemas em diálogo intertextual com obras lidas, entre outras. Ao participar desses momentos de criação literária, verificou-se que os licenciandos em Letras puderam perceber que é possível conciliar "o procedimento crítico e a abordagem

subjetiva dos textos" (Rouxel, 2012, p. 19) no contexto do ensino de literatura, resultando em um vínculo mais próximo, significativo e subjetivo com o texto literário.

A ESCRITA CRIATIVA E O ESTATUTO DO LEITOR-AUTOR LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO

Sebastião Soares de Sousa Junior

Resumo: Esta pesquisa investiga as contribuições da Escrita Criativa para a promoção do letramento literário no Ensino Médio, em oposição aos métodos tradicionais de ensino de literatura. Objetiva-se analisar como a prática contínua de uma oficina de criação literária atua na educação literária em contexto escolar e na promoção de um estudante que se apropria do fazer estético não apenas por meio da leitura, mas também da escrita, assumindo o estatuto de leitor-autor literário. Esse referido conceito dialoga com a perspectiva do "aluno autor", de Tauveron (2014) e "aluno escrevente", de Buarque (2013). Esta investigação fundamenta-se na teoria do efeito estético, cunhada por Iser (1996), para quem o receptor da obra desempenha um papel ativo e essencial ao preencher as lacunas deixadas pelo texto a partir da própria subjetividade. Esse papel ativo, no qual há uma experiência efetiva com o texto, está em consonância com a concepção de letramento literário defendida por Cosson (2021). Destaca-se que o campo teórico-metodológico da Escrita Criativa, a partir de autores como Grando e Taufer (2020), amplia as possibilidades de expressão a partir da estética literária, pois estimula a decomposição da obra literária, considerando-a não somente em seus aspectos temáticos ou nas suas interpretações imediatas, mas nas suas escolhas composicionais, nas sutilezas que a constituem e colaboram para a construção de sentidos. No que atine aos aspectos metodológicos, esta pesquisa delineia-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, centrado na análise do trabalho desenvolvido em uma oficina denominada "Oficina de Criação Literária Mireveja". O corpus é constituído pelas produções autorais dos estudantes por meio do contato simultâneo da leitura e da escrita literárias. Os resultados parciais desta pesquisa em andamento, ressaltam as potencialidades geradas pela escrita criativa na promoção do letramento literário e de um diálogo mais ativo, significativo, sensível e crítico com a literatura.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MEU CADERNO AZUL

Thiago Henrique da Silva

Resumo: Meu trabalho no mestrado se dedica a pensar a relação entre Clarice Lispector e os escritores que vêm em sequência (o pós-clarice). Como recorte adotei como corpus os autores Caio Fernando

Abreu e João Gilberto Noll. Mas corre em paralelo da dissertação um caderno que chamo de "caderno azul", um espaço de produção poético-diaristica que tenta responder, ao longo das entradas, à pergunta: por que Clarice parece funcionar como uma alavanca para outros escritores? Como minha escrita se relaciona com a dela? Como é escrever pós-clarice sendo gay? Ser gay tem algo a ver com essa escrita? Nessa apresentação tentarei dar exemplos e noções de percurso por uma autoteoria poética influenciada por Mackenzie Wark, Julia Kristeva e Paloma Vidal. Também dar conta minha trajetória no Laboratório de Práticas de Escrita da Unifesp (LAPES) como espaço de formação. Espero apresentar, além da discussão que se apresenta como contemporânea a mim, alguns dos meus poemas a fim de exemplificar como a escrita literária contribui para uma aproximação do objeto literário por vias alternativas. O "caderno azul" não é um anexo à pesquisa, mas parte importante dela e que insere este trabalho em diálogos com outros pesquisadoras e pensadoras que buscam a interação com o literário a partir da escrita acadêmico-poética.

ST: ESCRITAS DO CAPITALOCENO: A LITERATURA E SEUS MODOS DE PRODUÇÃO NAS RUÍNAS DO CAPITALISMO

Coordenação: André Cechinel, Antonio Barros de Brito Junior e João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos

Resumo: Em um contexto de guerras, genocídios, neoextrativismo e colapso ambiental, emergem formas de se pensar o mundo e as relações sociais que são baseadas em cosmologias ancestrais que, direta ou indiretamente, se opõem ao capitalismo enquanto um sistema que torna homogêneos os espaços, as culturas e as paisagens. No bojo desse novo colonialismo – que escancara a dinâmica neoliberal geontológica (Povinelli, 2016) que opõe Vida e Não Vida, sustentando formas de exploração social, racial e natural –, são cada vez mais comuns abordagens teórico-literárias que privilegiam, na chave da virada ontológica e do multinaturalismo (Viveiros de Castro, 2015), relações sociais lastreadas em metafísicas não-ocidentais como um modo de perceber a multiplicidade de mundos alternativos existentes e por vir (Rivera Cusicanqui, 2018; Santos, 2023). Porém, como uma tradição sociológica mais antiga tem insistido em nos lembrar, embora sejam possíveis muitas formas de se produzir mundos através das relações entre a sociedade e a natureza, existe apenas um mundo (isto é, apenas um planeta), economicamente integrado pelas forças históricas e materiais do capitalismo hegemônico, da globalização e de seu modo de produção e reprodução da vida. Na história do acúmulo dos processos sociais engendrados pelo capitalismo – o capital fóssil, que substituiu a energia hídrica na fabricação têxtil na Inglaterra do século XVIII (Malm, 2016), a sociedade do portifólio, que basicamente tornou-se hegemônica a partir da mentalidade financeira que

decompõe o valor das mercadorias em partes a serem negociadas em bolsas de valores (Ascher, 2016), o fascismo tardio, que radicaliza a faceta neoliberal, associando-se às formas de exploração tecnológica dos espaços periféricos (Toscano, 2023), e o capitalismo canibal, que devora tudo à sua frente, transformando qualquer pessoa ou objeto em mercadoria, comprometendo o futuro ecológico do planeta (Fraser, 2024), para citar apenas um punhado deles –, formata-se um mundo no qual as distopias sociais e climáticas assumem o lugar das utopias políticas, como um sintoma, entre outras coisas, das ruínas deixadas pelo capitalismo. Mais recentemente, acirrou-se um processo sem precedentes de acumulação de capital, de exploração de recursos e de subsunção do trabalho ao modo de produção promovido e acelerado pelas Big Techs e pelo capitalismo de plataforma (Srnicek, 2018), o que levou alguns teóricos a crer que entramos em uma fase neofeudal ou tecnofeudal do capitalismo (Durand, 2021; Dean, 2025). Trata-se, portanto, de um período no qual a propriedade dos meios de produção é profundamente monopolizada por um grupo de capitalistas abertamente fisiológicos, que negociam com os trabalhadores e consumidores algumas formas de usufruto de tecnologias e propriedade intelectual, assemelhando-se à fase rentista medieval que deu origem ao capitalismo. No plano da cultura, esses processos todos parecem engendrar, acima de tudo, uma mentalidade financeirista, que trata a produção cultural como derivativos (DeWaard, 2024) ou como mercadorias criadas e impulsionadas por uma engenharia de algoritmos entranhada na lógica do varejo virtual (McGurl, 2021), culminando, no âmbito da produção literária, na homogeneização da literatura por força do capital conglomerado (Sinykin, 2023) e em um estilo dominante que privilegia a imediaticidade e as intensidades urgentes da expressividade em detrimento das modalidades de escrita que fazem a mediação entre a consciência e a realidade social (Kornbluh, 2023). Presa dessa dinâmica econômica, a literatura e outros produtos culturais, mesmo quando refletem sobre a precariedade da vida no capitalismo e as possíveis consequências de seu acirramento no plano social e ecológico, parecem não se alçar mais à condição outrora determinante de uma racionalidade estética capaz de, primeiramente, organizar a sensibilidade e o pensamento sobre o presente, e, posteriormente, engendrar processos, ainda que tímidos, de retardamento da degradação climática, material e social por parte do capitalismo. Neste contexto, não nos cabe mais perguntar o que a literatura pode fazer, mas, sim, analisar de que modo a literatura – o texto, os estilos, os gêneros e principalmente os modos de produção literária, como o mercado editorial, as oficinas de escrita criativa, os cursos de formação, a atuação dos escritores nos espaços virtuais, os prêmios literários, as listas de leituras obrigatórias do vestibular etc. – se entrelaça com o capitalismo nas ruínas que ele deixa pelo mundo. Este simpósio, portanto, acolhe pesquisadores cujo trabalho reflete sobre os vínculos entre a literatura e o capitalismo na sua fase contemporânea, em especial àquelas pesquisas dedicadas ao estudo das formas literárias no que tangem ao colapso climático, à deterioração do mercado de trabalho, à precarização das formas de vida urbana e rural, às distopias sociais e ambientais, entre outros temas afins.

VIAJANTES NO FIM DO MUNDO: UTOPIA, PÓS-APOCALIPSE E A INFLEXÃO DO NÃO RETORNO NAS RUÍNAS DO CAPITALOCENO

Ânderson Martins Pereira

Resumo: Este trabalho investiga a reconfiguração da figura do viajante em narrativas pós-apocalípticas contemporâneas, tomando como corpus After Man: A Zoology of the Future (1981), de Dougal Dixon, e Autobiografia de um polvo ou a comunidade dos Ulysses (2022), de Vinciane Despret. Partindo da tradição utópica, em obras como A utopia (1512) e Daqui a cem anos (1918), há um viajante que opera como mediador entre mundos e retorna para transmitir uma experiência capaz de reformar a sociedade de origem. Esse processo é mapeado por Cris Ferns (1999) e aceito como uma característica do subgênero narrativo. Contudo, essa comunicação analisa como esse corpus traz a utopia como um subtexto, mas desloca sua função educativa em contextos de colapso ecológico e descentralização do humano. Em ambas as narrativas, o viajante aproxima-se da figura do cientista-naturalista e testemunha formas de reorganização da vida após a crise ambiental, em mundos nos quais a relação entre espécies e ambientes se torna central. Contudo, diferentemente da tradição utópica clássica, o retorno é suspenso ou recusado, convertendo a permanência em gesto epistemológico e ético. Argumenta-se que esse não retorno constitui uma ressignificação contemporânea da imaginação utópica: diante das ruínas do capitalismo e da crise ecológica, a utopia deixa de figurar como projeção abstrata de um "não-lugar" e emerge como prática situada de coexistência multiespécie, fundada em novas formas de percepção, cuidado e interdependência, condição sine qua non para a sobrevivência. Assim, as obras se aproximam da descrição de ruina de Anna Tsing (2019) ao mostrarem a vida que acontece no e pelo colapso. As obras analisadas sugerem que o pós-apocalipse não se reduz à devastação, mas pode operar como espaço de recomposição ecológica, reorganização das sensibilidades e imaginação de outras formas de vida possíveis.

"PRESSÃO DA REALIDADE" E A POSIÇÃO DO LEITOR NA POESIA DE WALLACE STEVENS

André Cechinel

Resumo: A presente comunicação propõe-se a discutir a poesia de Wallace Stevens da década de 1930 – os volumes Ideas of Order (1936) e The Man with the Blue Guitar (1937) – de modo a investigar como o

poeta responde composicionalmente ao que ele mesmo chama de "pressão da realidade" (pressure of reality). Nas palavras de Stevens (1997, p. 654), a "pressão da realidade" corresponde ao constrangimento exercido por "[...] um ou mais eventos externos quaisquer sobre a consciência, a ponto de excluir qualquer poder de contemplação". Não há mudança social que não inaugure paralelamente uma espécie de "pressão" dirigida contra o literário – isso é tão verdadeiro hoje, no atual estágio de desenvolvimento destrutivo do capitalismo (crise ecológica, militar, social, política, econômica, psíquica, epistemológica, civilizatória), quanto na década de 1930, quando a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, por exemplo, convertia qualquer literatura "desinteressada", destituída de um posicionamento imediato e claro em torno de questões de ordem econômica e social, em prova inconteste de apatia ou mesmo conservadorismo político. Em vez de acolher a nova "pressão da realidade" sob a forma da literatura engajada, ou de simplesmente evitar endereçá-la, seguindo business as usual, a poesia de Stevens da década de 1930 oferece uma solução bastante diferente: dramatizar as solicitações dos leitores como procedimento poético de modo a dissolver qualquer oposição estática entre os horizontes "interno" e "externo" da literatura. A radicalização política resultaria, nesse caso, de sua capacidade de arrastar o exterior para dentro de si, reelaborando-o poeticamente.

SOBRE AS POSSIBILIDADES DE ATERRAMENTO A PARTIR DE UM PENSAMENTO TENTACULAR: LITERATURA CLI-FI E FORMAS OUTRAS DE HABITAR NUM MUNDO DEVASTADO

Anna Carolina Cunha da Silva Nunes

Resumo: Como aponta Adeline Johns-Putra (2016), a Literatura Cli-Fi se articula à distopia e à ficção científica para representar as transformações do Antropoceno, seja colocando a crise climática no centro da narrativa ou como consequência das mutações provocadas por ela. O objetivo deste trabalho é discutir os desafios e as possibilidades de se aprender a pensar tentacularmente para rejeitar as hegemonias do mundo capitalista que indica sempre um fim próximo e a impossibilidade do vir a ser diante do caos, buscando outras formas de sobrevivência e imaginação. Deste modo, investigaremos como a literatura Cli-Fi, ficções que têm aparecido no campo da ficção científica e da distopia que mostram uma preocupação com as questões ambientais, em diálogo com o pensamento tentacular de Haraway, pode ser uma forma de imaginar novas formas multiespécies de aterrar em um contexto de colapso ambiental (Latour, 2017) e policrise (Fernandes, 2023). Para isso, propomos um diálogo entre o pensamento tentacular e formas de simbiose (Haraway, 2016), o questionamento sobre onde aterrar diante da crise

ambiental (Latour, 2020), e a crítica ao excepcionalismo humano (Descola, 2017). Ao discutirmos as obras, The Year Of the Flood (2009), de Margaret Atwood, e The Word For World Is Forest (1972), de Ursula Le Guin, percebemos que essas narrativas buscam outras formas de sobrevivência ao mundo devastado, com uma outra aliança entre os seres e o meio ambiente, construindo assim outras formas de imaginação e a criação de outros modos de habitar no mundo. Assim, a literatura Cli-Fi, em diálogo com o pensamento de Haraway, pode nos sugerir novas formas de aterrar e ressignificar o Antropoceno. Busca-se desviar da narrativa do caos, não para negá-lo, mas para buscar formas de subvertê-lo através de outras perspectivas e possibilidades.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A ALIENAÇÃO: O CAPITALOCENO EM "THE FLOOD" (2004) E "GLISTER" (2008)

Antonio Barros de Brito Junior

Resumo: Com o acirramento da policrise mundial, é comum que os escritores se inclinem a representar os eventos climáticos extremos, as guerras neocolonialistas e os colapsos econômicos que nos assolam. De fato, muitos o fazem através da ficção científica, da ficção climática e da distopia, criando, assim, um repertório dentro do qual o leitor pode refletir sobre os efeitos das mudanças climáticas na sociedade, tomando consciência dos fatos e cultivando, eventualmente, uma moralidade oposta ao espírito do capitalismo. Nesse sentido, alguns escritores parecem corroborar o desejo de Amitav Ghosh (2016), para quem a literatura do presente deveria se debruçar sobre as mudanças climáticas antropogênicas. Ocorre, porém, que a aguardada tomada de consciência e sua consequente reação prática, embora tenham frequentemente se manifestado, ainda não fazem frente à hegemonia do capitalismo, soterradas que estão pelas "políticas de hesitação" (DeLay, 2024). Nesse sentido, alguns escritores parecem optar por um caminho diferente ao envolver a literatura com a policrise: renunciando à distopia e à especulação, eles buscam em outros gêneros literários os elementos para dar forma à alienação e à inexorabilidade das catástrofes engendradas pelo capitalismo, se aproximando, em alguma medida, daquilo que Theodor Adorno (2003) identificou como uma posição reativa a um tipo de narrativa que se pretende objetiva e totalizante. Assim, romances como The Flood (2004), de Maggie Gee, e Glister (2008), de John Burnside, são exemplos de uma literatura que, ciente da dimensão global da crise ambiental, mostra, entretanto, a incomensurabilidade das mudanças climáticas por meio da hesitação, da inércia e da impotência dos personagens, trazendo para o primeiro plano a dimensão alienante do Capitaloceno. Esta comunicação

almeja, portanto, investigar como a alienação que marca nosso contexto é ficcionalizada nesses romances e de que maneira eles se constituem como um subgênero de uma literatura engajada com a crise climática.

A MEMÓRIA DO FUTURO E O ADIAMENTO DO FIM: TEMPO E RUÍNA EM WALTER BENJAMIN E A QUEDA DO CÉU

Claudia Luiza Caimi

Resumo: Propomos um diálogo teórico e cosmopolítico entre a obra A Queda do Céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, e a filosofia da história de Walter Benjamin, articulando a hipótese de que o perspectivismo ameríndio e a crítica benjaminiana ao progresso confluem na formulação de uma "memória do futuro". Para Benjamin, a narrativa do "progresso" institui um tempo linear, homogêneo e vazio, que justifica a catástrofe e silencia os vencidos em nome de um amanhã inevitável. Contra essa ilusão desenvolvimentista, o filósofo propõe a Eingedenken (rememoração): um ato político que interrompe o fluxo histórico para resgatar, nos fragmentos esquecidos do passado, promessas revolucionárias. O futuro, portanto, não é um prolongamento mecânico do presente, mas um horizonte incerto que depende de como libertamos as sementes presas nas ruínas da história. Encontramos uma homologia dessa temporalidade na cosmologia yanomami expressa por Kopenawa. O avanço predatório do "povo da mercadoria" (os brancos) corporifica a própria lógica destrutiva do progresso ocidental, que devora a floresta rumo ao colapso — a queda do céu. Frente a essa iminência, a guarda das palavras dos antigos e o tempo dos sonhos xamânicos não operam como nostalgia ou arquivo estático. Trata-se de uma ativação da memória como força de ruptura: os Yanomami lembram do tempo das origens para poder mapear o amanhã. Na epistemologia xamânica, os espíritos xapiri e a floresta viva guardam a própria possibilidade de continuidade da Terra. Destruir a memória ancestral é, simultaneamente, aniquilar o tempo que virá. Ao contrário da dinâmica neoliberal— que caminha de costas para o passado —, Kopenawa e Benjamin demonstram que o futuro se constrói voltando criticamente os olhos para trás. A memória do passado surge, assim, como possibilidade contra a repetição da barbárie. Lembrar e preservar o pensamento dos antigos converte-se em um gesto político de preservação ecológica e existencial.

O ROMANCE COMO POSSIBILIDADE DE PENSAMENTO FORA DAS RUÍNAS DO CAPITALISMO

Davi Alexandre Tomm

Resumo: De modo geral, as abordagens sobre a literatura no ou do Antropoceno/Capitaloceno tendem a análises mais conteudísticas, sobre a possibilidade de a literatura representar ou apresentar a crise climática, bem como imaginar saídas para ela – mundos possíveis (Clark, 2015 e 2019; Vermeulen, 2020). Nesse sentido, elas seguem os protocolos críticos tradicionais, regidos pela lógica da instanciação, na qual a interpretação é a busca das conexões entre um elemento da obra (personagem, objeto) e uma mensagem/ideia ou realidade exterior (Bewes, 2022). Com isso, tais abordagens acabam se resumindo a interpretar as ideias contidas nas obras, que instanciam ou uma análise do presente (como chegamos até aqui) ou possíveis respostas para a crise (como saímos daqui). O presente trabalho parte da tese de Timothy Bewes (2022), que apresenta a possibilidade de um pensamento do romance que não está no conteúdo da representação nem na organização formal da obra; um pensamento que está no limite da forma e, portanto, aponta para um fora; um pensamento do interstício, que não é redutível a nenhum dos protocolos da crítica baseados nas ideologias estéticas tradicionais, e, portanto, um pensamento que só o romance pode pensar, sendo ele não o veículo, mas o sujeito desse pensamento. A partir disso, pretende-se mostrar como essa proposta pode apontar para uma saída da literatura das ruínas do capitalismo, não no nível do conteúdo, mas quanto ao próprio pensamento. O romance é uma forma de pensar que rompe com a lógica da instanciação e, portanto, com a ideologia dominante dos programas de perfilamento e do algoritmo. Com isso, ele é uma alternativa de pensamento único, que escapa à organização atual do cenário literário baseado na estrutura formal das Big Techs e da plataformização, sem ser uma questão de escolha pessoal de um autor específico ou de um grupo.

CONTAMINAÇÃO AMBIENTAL E EFEITOS DO CAPITALOCENO EM DISTÂNCIA DE RESGASTE, DE SAMANTA SCHWEBLIN

Diego Lock Farina

Resumo: O trabalho discute a novela Distância de resgate, de Samanta Schweblin, a partir de um repertório ecocrítico centrado nas implicações do capitaloceno e nas formas de violência ambiental produzidas pela agroindustrialização. A narrativa constrói, por meio de uma atmosfera de suspense psicológico e ambiguidade sobrenatural, uma alegoria da contaminação ecológica que atravessa corpos, paisagens e afetos. Ao invés de elaborar mimeticamente um aparato de denúncia, Schweblin investe numa escrita fragmentária e sugestiva, onde o tropos do eco-horror emerge da percepção gradual do mundo envenenado e irreversivelmente condenado. Na leitura realista da trama, acompanhamos um povoado rural afetado pelo uso intensivo de agrotóxicos associados às monoculturas transgênicas. A intoxicação, nunca

explicada pelas personagens, aparece dispersa em sintomas físicos, alterações cognitivas e deformações subjetivas que atingem especialmente as crianças. O índice do "veneno" converte-se num signo material da expansão destrutiva do capital sobre a vida. O povoado, assim, configura-se como uma zona de sacrifício sobredeterminada pela precarização da existência e pela naturalização da catástrofe ecológica, distorcida por narrativas de cunho transcendente. A análise enfatiza que a noção de "distância de resgate" funciona como sugestão do vínculo frágil entre cuidado, proteção e sobrevivência ante o colapso silenciado. O fio imaginário que liga Amanda à filha simboliza tanto a tentativa materna de preservar a vida quanto a impossibilidade de controle diante das forças invisíveis que regem as lógicas do Antropoceno. A degradação da natureza aparece simbolicamente relacionada ao esfacelamento dos vínculos orgânicos, produzindo medo, culpa e desorientação escalonada. Ao combinar horror, trauma e crítica ecológica, Schweblin transforma os dilemas íntimos da maternidade numa potente reflexão acerca dos efeitos contemporâneos da desertificação no capitaloceno. A força estética da obra, enfim, reside na problematizadora capacidade de converter tais ruínas do capitalismo em experiência sensível, deslocando o leitor à imanência aflitiva dos impasses de um presente inegociável.

DO SENTIMENTO DO MUNDO ÀS GEONTOLOGIAS: CABRAL, DRUMMOND E O CAPITALOCENO NA ATMOSFERA

João Guilherme Dayrell de Magalhães Santos

Resumo: Esta comunicação parte da pergunta realizada por João Cabral de Melo Neto em "O poema", incluído, por sua vez, em O engenheiro, de 1945, a saber, "Como um ser vivo/ pode brotar/ de um chão mineral?", para propor dois movimentos: o primeiro é delimitar sua relação com o que Elizabeth Povinelli chamou de geontologias; já, o segundo, é perquirir sua origem na tradição lírica brasileira, o que nos levará à poesia de Carlos Drummond de Andrade. Aventaríamos que, no primeiro caso, se é a possibilidade da extinção da vida na Terra provocada pelo Capitaloceno que suscita em Povinelli a indagação sobre a origem de uma "performatividade metabólica soberana" na passagem do mineral ao biológico, notamos que um processo similar dá-se com o poeta pernambucano, mas a partir do diálogo com Drummond: pois aqui teríamos uma lógica a ser herdada por Cabral, segundo a qual a poesia e a vida se opõe a um mundo reificado e com real possibilidade de ser completamente destruído pelo capitalismo, cuja imagem, por sua vez, encontra-se na "Grande Máquina" drummondiana. Ora, se a hipótese do Antropoceno, isto é, a ação humana como agente do regulamento climático do Globo terrestre, é formulada por Crutzen e Stoermer somente no ano 2000, sua origem ou Golden spike, segundo os autores, seria a Revolução industrial ou as

Navegações, ou seja, o capitalismo ou sua acumulação primitiva. Logo, mostraremos como "O fim do mundo" cabralino está vinculado à emergência de um Sentimento do mundo drummondiano (que poderia ser vinculado a diversos autores, de Marx a Maeterlinck) que (pré) sente o Capitaloceno na atmosfera e, talvez por isso, não reflete sobre ele, mas o torna agente de processos alegóricos; ao passo que, pela mesma razão, se engaja em propor diversas (geo) ontologias protagonizadas por flores, animais e, especialmente, pela própria poesia.

A CRISE CLIMÁTICA ENTRE O STEAMPUNK E A DISTOPIA: UMA LEITURA DE VIAJANTES DO ABISMO, DE NIKELEN WITTER

Louise Farias da Silveira

Resumo: Na presente comunicação proponho analisar como o romance Viajantes do abismo (2019), de Nikelen Witter, articula elementos do steampunk e da distopia na construção de uma narrativa de crise climática. Partindo de contribuições da ecocrítica e das discussões em torno do Antropoceno, especialmente dos trabalhos de Greg Garrard, Donna Haraway e Jan Zalasiewicz et al., examino a representação literária do colapso ambiental e suas implicações políticas e sociais. A narrativa acompanha a trajetória de Elissa Faina Till em um planeta progressivamente devastado pela desertificação, resultado tanto da exploração predatória dos recursos naturais, quanto da repetição histórica de práticas de dominação que levam às desigualdades. Argumento que a degradação ambiental não constitui mero pano de fundo para a trama, mas organiza os conflitos centrais da obra, conectando a crise ecológica à atuação de corporações industriais e à concentração de poder nas mãos de um governo autoritário. Além disso, aponto que o romance dialoga com tendências contemporâneas da ficção climática ao problematizar a confiança irrestrita na tecnologia e rejeitar perspectivas fatalistas diante do desastre ambiental. Embora mobilize convenções distópicas, a narrativa preserva a possibilidade de transformação coletiva por meio da articulação entre ciência, ação política e cooperação multiespécie. Concluo, assim, que a aproximação entre steampunk e distopia permite a Witter elaborar uma crítica das relações entre humanidade, tecnologia e natureza, projetando, a partir de um cenário especulativo, reflexões sobre desafios ambientais e sociais do presente.

A ÁGUA QUE AVANÇA DEVAGAR: ANÁLISE DA CATÁSTROFE CLIMÁTICA EM CIDADES AFUNDAM EM DIAS NORMAIS (2020), DE ALINE VALEK

Milena Zard

Resumo: A partir de uma leitura crítica do livro Cidades afundam em dias normais (2020), de Aline Valek, o trabalho tem o objetivo de analisar questões referentes à crise e às mudanças climáticas, buscando, mais especificamente, investigar como acontece a construção da memória individual e da memória coletiva no contexto de uma catástrofe ambiental. Na obra literária, o lago que banha a cidade fictícia de Alto do Oeste transborda devido ao elevado nível das chuvas e a cidade afunda pouco a pouco até ficar completamente embaixo d'água por vários anos. Por isso, há o interesse em compreender os efeitos da tragédia no processo de crescimento dos personagens principais; as estratégias que encontraram para sobreviver aos anos consecutivos de perdas e ao abandono das autoridades; e as maneiras com as quais continuaram vivendo através da crise e apesar dela. Para desenvolver a análise, a base teórica consiste nas discussões de Déborah Danowski e Viveiros de Castro (2013) sobre os cenários do fim; no conceito de slow violence (violência lenta), de Rob Nixon (2011); em Michael Pollak (1989; 1992), com os estudos das construções das memórias individuais e coletivas, também sobre os modos de resistência das memórias subterrâneas; em Jeanne Marie Gagnebin (2006), que propõe uma atitude ativa em relação ao passado no presente e seu trabalho sobre os rastros da memória; e em Donna Haraway (2023), com a ideia de ficar com o problema.

"SOBRE O CANSAÇO: COMEÇANDO COM 'AMÉRICA', DE KAFKA"

Priscila Loyde Gomes Figueiredo

Resumo: A comunicação tem por objetivo comparar representações do cansaço/fadiga em algumas obras da literatura (narrativa e dramática) e do cinema contemporâneo. Para isso partirá da reflexão de Baudrillard em obras como Simulacres et images, Jonnathan Crary em 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono e do notavelmente premonitório O desaparecido ou Amerika, de Kafka. Nessa espécie de "grande empresa onde a redenção é ter um emprego", como já se disse desse romance, as relações de trabalho vêm ao primeiro plano por meio do percurso algo picaresco de Karl, um percurso às avessas, na verdade, pois o personagem desliza por várias camadas sociais abaixo de sua posição original e em direção irrefreável à situação de um lúmpen. Até onde iria a trajetória de Karl? Sempre exausto desde que fora despachado, primeiro pelos pais alemães e depois pelo tio capitalista em Nova York, super-explorado como ascensorista de hotel, ele encontraria mais adiante uma espécie de duplo no estudante que ocupa a varanda do apartamento vizinho no qual está instalado. Lutando contra o sono em sua longa jornada, dividida entre o posto de vendedor numa loja de departamentos e os estudos noite adentro e até o raiar do dia – não tendo, contudo, grande esperança em avançar além da posição em que está –,

indefectivelmente equipado com uma garrafa de café, o jovem proporciona a Karl uma imagem de sua própria situação, embora piorada, pois este mais uma vez está desempregado, às voltas com uma ocupação informal, incerta e de extrema sujeição pessoal, tendo agora como patrões uma prostituta e um ladrão. Um leitmotiv do livro é a constante referência, em discurso indireto livre, ao desejo de descanso da parte de Karl, ao desejo de dormir um pouco, o que lhe vai sendo gradualmente negado.

A BILE DO VERBO: LITERATURA FAVELOFÁGICA E ANTAGONISMO DE CLASSE

Rejane Pivetta de Oliveira

Resumo: Propõe-se uma reflexão sobre as relações entre literatura, corpo e luta de classes a partir da categoria da bile do verbo, formulada no Manifesto Favelofágico (2015), do coletivo Bando Editorial Favelofágico, da comunidade de Manguinhos, no Rio de Janeiro. A expressão remete a uma concepção de escrita que inscreve a linguagem na materialidade dos corpos e na historicidade dos conflitos sociais, em tensão com os processos de abstração do capitalismo contemporâneo que, nos termos do semiocapitalismo descrito por Franco Berardi (2020), deslocam a produção de valor para a circulação intensiva de signos, aprofundando o distanciamento entre linguagem, experiência sensível e trabalho material. Partindo desse diagnóstico, sustenta-se que a bile do verbo condensa uma cena de violência que encontra elaboração na própria forma literária, figurada pelo processo orgânico da digestão. A bile aparece como disposição de revolta contra assimilação passiva da violência social e intensificação do conflito, aproximando-se da noção de "dívida impagável", de Denise Ferreira da Silva (2024), ao remeter a formas de expropriação que excedem os regimes de reparação e equivalência. Nessa perspectiva, a literatura movida pela bile do verbo mobiliza uma lógica antropofágica orientada pela vingança como princípio de continuidade da vida, conforme sugerem as leituras da cosmologia tupinambá realizadas por Manuela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro (2018). A escrita passa, então, a operar como trabalho de devoração histórica, incorporando aquilo que os processos de acumulação produzem simultaneamente como vulnerabilidade e resistência (Butler, 2016), atualizando, em chave antropofágica e periférica, o horizonte crítico do Manifesto Comunista (Marx; Engels, 1998), uma vez que desloca a luta de classes para o terreno do corpo e das formas de dizer e habitar o mundo. Discute-se, assim, em que medida a literatura pode operar como espaço de elaboração da violência e recusa aos processos contemporâneos de captura da vida.

A FAUNA DO NARCOTRÁFICO: FIGURAÇÕES DE ANIMAIS NA NARCOLITERATURA

Talita Jordina Rodrigues

Resumo: Escritos e ambientados na Colômbia, La virgen de los sicarios, de Fernando Vallejo, e El ruido de las cosas al caer, de Juan Gabriel Vásquez são reconhecidamente dois dos mais importantes romances da narcoliteratura latino-americana e se constituem como os representantes dos movimentos de instituição e de superação daquilo que Jastrzebska (2023) chama de "paradigma narco". O primeiro, publicado poucos meses depois da morte de Pablo Escobar, apresenta o mundo dos jovens sicários na Medellín do auge do tráfico de cocaína. O segundo tem como momento de enunciação o ano de 2009 e revisita os mesmos eventos históricos a partir da perspectiva da memória e do trauma coletivo. Este trabalho pretende analisar de forma isolada e comparativa as representações do período histórico e do fenômeno social, político, econômico e cultural do narcotráfico nessas duas narrativas tomando como referencial simbólico as figurações de animais. Em Vallejo, enquanto os urubus se tornam presença constante pelos ares, desenhando a naturalizada paisagem de uma necrópole, a cena do assassinato de um cão irrompe a brutal normalidade instituída e perturba do narrador ao leitor, passando até mesmo por um personagem cujo ofício é precisamente matar. Na narrativa de Vásquez, é também a morte provocada de um animal - nesse caso, um dos hipopótamos de Pablo Escobar - que funciona como um detonante do dispositivo da memória individual do protagonista-narrador que, a partir disso, decide buscar novas peças para montar o quebra-cabeça de sua própria história e da história recente de seu país. Acompanhado por outra personagem que ocupa o lugar de vítima direta-indireta do narcotráfico, o narrador de Vásquez empreende uma visita ao antigo zoológico de Escobar, cenário a partir do qual será possível construir aproximações simbólicas entre a geração traumatizada da qual eles fazem parte e os vestígios dos animais que ali viveram.

ST: ESCRITAS DO FEMININO E IMAGINAÇÃO LITERÁRIA: AUTORAS DA LITERATURA INGLESA DO SÉCULO XIX À LUZ DA CRÍTICA FEMINISTA

Coordenação: Adriana dos Santos Sales, Bianca Deon Rossato e Sandra Sirangelo Maggio

Resumo: Este simpósio temático propõe reunir pesquisas dedicadas ao estudo da produção literária de escritoras inglesas do século XIX, a partir de perspectivas da crítica feminista e da Literatura Comparada. A proposta parte do reconhecimento de que a literatura escrita por mulheres nesse período constitui um campo privilegiado para investigar as formas pelas quais as autoras negociaram as restrições impostas pela

cultura patriarcal e, ao mesmo tempo, desenvolveram estratégias narrativas e discursivas capazes de inscrever novas representações da subjetividade feminina. Nesse contexto, o simpósio busca articular análises de obras de escritoras como Jane Austen, Mary Shelley, Charlotte Brontë, Emily Brontë, Anne Brontë, George Eliot, Elizabeth Gaskell, entre outras, dialogando com aportes teóricos fundamentais da crítica feminista, especialmente os de Hélène Cixous, Luce Irigaray, Elaine Showalter e de Sandra Gilbert e Susan Gubar. A produção literária inglesa do século XIX emerge em um contexto histórico marcado por profundas transformações sociais e culturais, no qual a ampliação do público leitor e a consolidação do romance como forma literária central criaram possibilidades para a participação feminina no campo literário. Entretanto, essa presença foi frequentemente atravessada por tensões relacionadas às expectativas sociais impostas às mulheres, particularmente no que diz respeito à domesticidade, à moralidade e à legitimidade da autoria feminina. Muitas escritoras publicaram sob pseudônimos masculinos ou enfrentaram críticas que associavam a produção literária feminina à inadequação social ou à transgressão moral. Nesse cenário, a literatura configura-se um espaço de negociação simbólica no qual as autoras elaboram narrativas que tensionam os discursos dominantes sobre gênero, identidade e poder. A crítica feminista tem sido fundamental para revelar essas dinâmicas. O trabalho de Gilbert e Gubar (2000) constitui um marco nesse campo ao analisar a literatura escrita por mulheres no século XIX a partir da tensão entre os arquétipos da "mulher-anjo", idealizada como modelo de submissão e pureza, e da "mulher-monstro" ou "louca", figura associada à rebeldia e à transgressão. De maneira complementar, a perspectiva histórica proposta por Elaine Showalter (2014) oferece importantes instrumentos para compreender a evolução da escrita feminina na tradição literária inglesa. Em sua análise da literatura produzida por mulheres, ela identifica diferentes fases do desenvolvimento da autoria feminina, que vão desde um momento inicial de imitação dos modelos literários dominantes até a emergência de uma tradição literária própria, na qual as escritoras passam a explorar de maneira mais direta temas relacionados à experiência das mulheres. Essa abordagem permite compreender as obras do século XIX como parte de um processo mais amplo de construção de uma genealogia literária feminina, na qual autoras dialogam entre si e com tradições culturais diversas. A proposta do simpósio também dialoga com a teoria feminista francesa, particularmente com as reflexões de Cixous e Irigaray. Cixous (2025a, 2025b) defende a necessidade de que as mulheres escrevam a partir de suas próprias experiências corporais e subjetivas, rompendo com estruturas discursivas historicamente moldadas por uma lógica patriarcal. A chamada écriture féminine não corresponde a um estilo homogêneo, mas a um gesto de deslocamento das formas tradicionais de linguagem, abrindo espaço para novas possibilidades de expressão e para a emergência de subjetividades femininas múltiplas e heterogêneas. Já Irigaray (2017) questiona a centralidade do discurso falogocêntrico a partir do qual o feminino é sempre "o outro", o que significa que as representações da mulher e de seus desejos são mediadas por uma linguagem masculina. Nesse sentido, a

literatura produzida por escritoras do século XIX pode ser relida à luz dessas teorias como um campo de experimentação estética e simbólica no qual diferentes estratégias narrativas são mobilizadas para questionar normas sociais, explorar conflitos de gênero e representar experiências femininas frequentemente silenciadas na tradição literária dominante. Obras desse período frequentemente articulam temas como confinamento doméstico, loucura, desejo, rebeldia e autonomia, construindo personagens femininas complexas que desafiam as expectativas sociais de seu tempo. Ao reunir pesquisas que dialoguem com essas perspectivas teóricas, este simpósio busca promover uma reflexão crítica sobre a escrita feminina no século XIX, explorando tanto suas dimensões históricas quanto suas ressonâncias contemporâneas. Interessa-nos, particularmente, trabalhos que proponham abordagens comparativas entre autoras, obras, contextos culturais ou tradições teóricas, contribuindo para ampliar a compreensão da literatura escrita por mulheres em diferentes perspectivas críticas. Serão especialmente bem-vindas comunicações que abordem temas como: protagonismo feminino na ficção regencial e/ou vitoriana; representações da subjetividade feminina; metáforas da loucura e da transgressão; relações entre corpo, linguagem e identidade; bem como estudos sobre recepção crítica, circulação e reinterpretações contemporâneas dessas obras. Ao articular literatura comparada e crítica feminista, o simpósio pretende contribuir para o aprofundamento das discussões sobre autoria feminina, teoria literária e história cultural, destacando a relevância das escritoras inglesas do século XIX para a compreensão das transformações do pensamento literário e das representações do feminino na modernidade.

A ESCRITA DO SILÊNCIO E A SUBJETIVIDADE FEMININA EM MATHILDA, DE MARY SHELLEY

Adriana dos Santos Sales

Resumo: Escrita em 1819 e publicada apenas em 1959, Mathilda, de Mary Shelley, tem sido reavaliada pela crítica contemporânea como uma obra fundamental para compreender as formas pelas quais a autora representa experiências femininas silenciadas pela cultura patriarcal (Whalen, 2024; Karabulut, 2023). Marcada por temas como desejo, melancolia, morte e isolamento, a novela acompanha a trajetória de uma jovem que, após a revelação do amor incestuoso de seu pai, passa a viver sob o peso do luto, da culpa e da exclusão social. Este trabalho propõe uma leitura de Mathilda à luz da crítica feminista, compreendendo a narrativa como um espaço de elaboração e expressão de vozes femininas reprimidas. Conforme argumenta Ichikawa (2021), a novela pode ser interpretada como uma resposta às limitações impostas às personagens

femininas de Frankenstein (1818), frequentemente relegadas a posições secundárias e privadas de uma voz própria. Nesse sentido, Mathilda constitui a realização literária dessas vozes silenciadas, ao deslocar o foco narrativo para a experiência interior de uma protagonista que narra a própria história. A escrita em primeira pessoa torna-se, assim, um gesto de recuperação da subjetividade feminina e de resistência às formas tradicionais de representação produzidas pelo discurso patriarcal. A análise fundamenta-se nos conceitos de écriture féminine de Cixous (2025), segundo os quais a escrita pode constituir um espaço de inscrição do corpo, do desejo e da experiência feminina. Além disso, dialoga com as reflexões de Gilbert e Gubar (2000) acerca dos modelos da "mulher-anjo" e da "mulher-monstro", demonstrando como Mathilda ocupa uma posição liminar entre obediência e transgressão. Conclui-se que a novela evidencia o potencial da ficção escrita por mulheres para questionar normas de gênero e ampliar as possibilidades de representação da subjetividade feminina no século XIX.

VOZES FEMININAS ADAPTADAS: REPRESENTAÇÕES DE MULHERES EM THE LIZZIE BENNET DIARIES

Bianca Deon Rossato

Resumo: Este trabalho analisa as representações de personagens femininas em The Lizzie Bennet Diaries (2012–2013), websérie produzida para o YouTube que transpõe Pride and Prejudice (1813), de Jane Austen, para o contexto da cultura digital contemporânea. Partindo dos estudos de adaptação e apropriação de Linda Hutcheon (2006) e Julie Sanders (2006), em diálogo com a crítica literária feminista de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (1979) e com as discussões sobre sensibilidade pós-feminista desenvolvidas por Angela McRobbie (2009), Rosalind Gill (2007), Yvonne Tasker e Diane Negra (2007), investiga-se de que modo a série reelabora as personagens femininas do romance austeniano para uma audiência do século XXI. A análise evidencia que a adaptação amplia significativamente a voz narrativa, a autonomia e a visibilidade das personagens mulheres, sobretudo da protagonista Lizzie Bennet, que assume o controle da narrativa por meio do formato vlog. Entretanto, essa ampliação da agência feminina é acompanhada pela incorporação de discursos característicos da sensibilidade pós feminista, nos quais a autonomia individual, a autogestão e a realização pessoal são privilegiadas em detrimento de questionamentos mais amplos acerca das estruturas sociais e das desigualdades de gênero. Argumenta-se, assim, que The Lizzie Bennet Diaries realiza uma reescrita feminista relevante do texto de Austen, mas simultaneamente circunscrita aos limites de uma lógica pós-feminista que torna o feminismo visível e

culturalmente valorizado, ao mesmo tempo em que neutraliza parte de seu potencial crítico e transformador.

O FEMININO IDEALIZADO EM FRANKENSTEIN: UMA LEITURA DE ELIZABETH LAVENZA EM MARY SHELLEY (1818) E GUILLERMO DEL TORO (2025).

Caroline Santos Lima

Resumo: A emblemática obra Frankenstein; or, The Modern Prometheus (1818), de Mary Shelley, foi adaptada diversas vezes para o cinema, transcendendo o campo literário e consolidando-se como uma importante influência na cultura popular. Embora o romance evoque, sobretudo, a relação entre criador e criatura, as personagens femininas tendem a ocupar uma posição secundária na narrativa — caso exemplar de Elizabeth Lavenza. Nesse contexto, a presente pesquisa propõe analisar a construção dessa personagem no romance de Shelley (1818) e sua transposição para a adaptação cinematográfica Frankenstein (2025), dirigida por Guillermo del Toro. O estudo fundamenta-se na crítica feminista de Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000), ao investigar a personagem a partir do arquétipo da "mulher-anjo", bem como nos estudos de Luce Irigaray (2017), ao problematizar sua construção sob uma perspectiva masculina. Para explorar o conceito de monstruosidade, são abordadas as reflexões de Jeffrey J. Cohen (2000) e Anne K. Mellor (1988). No campo dos estudos da adaptação, a pesquisa mobiliza as teorias de Linda Hutcheon (2013), Robert Stam (2008) e Julie Sanders (2016). Já os aspectos da linguagem cinematográfica são embasados nos estudos de André Bazin (1991), Marcel Martin (2013) e Jennifer Van Sijll (2017). Nesse sentido, o estudo busca refletir sobre como a construção de Elizabeth Lavenza, especialmente em contraste com a figura do monstro, pode revelar tensões presentes nos modelos femininos idealizados, evidenciando limites e fragilidades associados a concepções de pureza, submissão e passividade.

O SILÊNCIO DE ANNE ELLIOT E O PROTAGONISMO FEMININO EM ADAPTAÇÃO INFANTIL DE PERSUASION

Débora Cristina Marini

Resumo: Em Persuasão, Austen explora a experiência feminina de forma individual, propondo a Anne Elliot que reafirme sua autonomia e assuma as rédeas de seu próprio destino. Dessa forma, ela não atende aos desejos nem de sua família nem aqueles esperados pela sociedade de sua época, reivindicando seus próprios afetos. Conforme Karabulut (2025), Anne não confronta a estrutura patriarcal de forma direta, sendo possível considerar sua sabedoria como uma ferramenta para fazê-lo. Ao adaptar esta obra para o

público infantil, Narinder Dhami (2019) traz Anne Elliot como esquecida pela sociedade por desprezar seus valores, mas que prospera no final por fazer valer seu caráter – no entanto, a linguagem da obra se dá de outra forma. No reconto da coleção Awesomely Austen (2019-2020), da editora Hachette UK, Dhami utiliza o discurso direto para apresentar como Anne pensa e se sente ao longo do romance. Diferentemente do silêncio como resistência proposto no original, no reconto se sugere a explicitação pelo discurso direto como uma estratégia de mediação dessa protagonista para o novo público leitor – um público em desenvolvimento, que descobre a linguagem, as normas sociais, e diferentes leituras de mundo (Hunt, 2010). Nesse contexto, neste trabalho se propõe a discussão de como o silêncio de Anne Elliot é reelaborado no reconto da coleção Awesomely Austen, à luz de Gilbert e Gubar (2000) e Peter Hunt (2010), visando a abordagem de Dhami em trazer a protagonista de Persuasão para o público infantil do século XXI.

DE REALISTA A SIMBÓLICO: DANIEL DERONDA E O (FIM DO) ROMANCE BRITÂNICO DO SÉCULO XIX

Jaqueline Bohn Donada

Resumo: É quase um lugar comum na crítica de George Eliot afirmar que sua obra é responsável por uma transformação na forma do romance britânico. Henry James (1873) achava que Middlemarch havia "imposto limites ao velho romance inglês"; F. R. Leavis (1980) menciona suas inovações formais e Allen (1975) fala em uma "mutação da forma". Até recentemente, no entanto, pouco se havia avançado no detalhamento das características específicas dessa mudança. Isso começou a ser feito por Barbara Hardy, cujo estudo de 1959 sobre a forma dos romances de Eliot passou a olhar mais cuidadosamente para esse aspecto de sua obra. Desde então, esse ponto vem sendo estudado mais sistematicamente por pesquisadores como Newton (2010) e Rignall (2011). No entanto, muito ainda precisa ser dito sobre como a obra de George Eliot confere ao romance britânico uma forma mais moderna No presente trabalho trata-se de observar um dos aspectos essenciais da transformação que a obra de George Eliot impõe ao romance inglês. Mais especificamente, trata-se de observar como Daniel Deronda, publicados há exatos 150 anos, faz um movimento de transição entre uma representação essencialmente realista e uma que se apresenta como alegórica e simbólica. Essa mudança aparentemente sutil tem o efeito de tensionar o realismo vigente na época e expandi-lo a ponto de transformá-lo em outro modo discursivo, abrindo assim o caminho o surgimento de um outro tipo de romance, que vai se concretizar décadas mais tarde com o advento do modernismo. São inúmeras as formas de se observar essa transformação. Aqui

propomos olhar especificamente para a representação de personagens conforme se dá em Daniel Deronda com fim de demonstrar o processo pela qual Eliot se vale de imagens carregadas de sentidos alegóricos e simbólicos para criar personagens complexos através de uma linguagem que se distancia das descrições realistas.

ESPAÇOS ABJETOS E FRONTEIRAS VIOLADAS NOS CONTOS GÓTICOS DE ELIZABETH GASKELL

Julia Cabrini Piccirilo

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura comparativa dos contos The Old Nurse's Story (1852) e The Poor Clare (1856), de Elizabeth Gaskell, a partir do conceito de abjeção formulado por Julia Kristeva em Powers of Horror (1980). Segundo Kristeva, a criação da identidade ocorre por meio do processo psíquico de expulsar aquilo que é considerado "outro", definindo assim os limites da própria subjetividade e do "eu". Sendo assim, a abjeção surge diante de ameaças a essas fronteiras que sustentam a identidade individual e coletiva. Esses elementos rejeitados, no entanto, não podem ser completamente excluídos e retornam para desestabilizar estruturas, fronteiras e categorias definidas. Em The Old Nurse's Story, a mansão de Furnivall Manor configura-se como um espaço assombrado por traumas familiares, onde as divisões entre passado e presente, vida e morte, tornam-se progressivamente instáveis. A casa deixa de funcionar como local de proteção para converter-se em um ambiente marcado pela irrupção do que foi reprimido. Já em The Poor Clare, a figura de Lucy, acompanhada por seu duplo monstruoso, evidencia a dissolução das fronteiras entre humano e não humano, revelando o próprio corpo como um espaço de manifestação do abjeto. Partindo dessa perspectiva, a comunicação argumenta que Gaskell mobiliza elementos do gótico para representar dinâmicas relacionadas à identidade, exclusão social e retorno do passado reprimido. Em seus contos, tanto a figura da casa quanto do corpo são transformadas em espaços liminares nos quais as fronteiras que organizam a experiência social são continuamente ameaçadas e reconfiguradas.

MULHER, LEITURA E EDUCAÇÃO EM A ABADIA DE NORTHANGER: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA SOB UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Lailla Mendes Correia

Resumo: As práticas de leitura e escrita foram vivenciadas de formas diferentes se observados nos contextos de gênero – aqui vistos como delimitações de masculino e feminino – e de classe social, uma vez que é possível afirmar, pela leitura de teóricos como Mary Wollstonescraft, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier, que homens de determinada posição social obtivessem uma educação mais abrangente e que contemplasse mais áreas de conhecimento do que seria possível para mulheres de uma mesma condição econômica, o que dirá de mulheres que não pertencessem às camadas privilegiadas da sociedade inglesa de fins do século XVIII, na qual o acesso à educação e às práticas de leitura e escrita permanecia profundamente condicionadas por distinções de classe e gênero. A partir da obra A Abadia de Northanger, de Jane Austen, pretende-se evidenciar práticas presentes na narrativa que exemplificam de que maneira o acesso à leitura e à cultura escrita se configurou como elemento determinante para o desenvolvimento do pensamento crítico feminino e para a constituição de uma relativa autonomia intelectual de mulheres. Sob essa perspectiva, destaca-se a estreita relação entre o contato com as letras e os processos de construção da subjetividade feminina, na medida em que a experiência leitora possibilita não apenas a ampliação do repertório cultural, mas também o fortalecimento da capacidade de reflexão, discernimento e posicionamento crítico diante das estruturas sociais que historicamente condicionaram a formação e a atuação das mulheres em sociedade.

MANIANNE NORTH E O FEMINISMO DECOLONIAL

Liliane Faria Corrêa Pinto

Resumo: Manianne North é uma viajante inglesa que esteve no Brasil em 1872 e 1873 e ficou hospedada durante um tempo na Casa Grande da Morro Velho, a mineração de ouro da empresa inglesa Saint John Del Rey Mining Co. em Congonhas do Campo, atual Nova Lima/MG. Enquanto esteve lá desenhou e pintou a fauna e a flora local ficando conhecida como naturalista porque privilegiava o habitat natural das plantas e animais que escolhia para representar. Sua obra a fez ser conhecida como uma das mulheres ousadas do século XIX. É conhecida como inspiração para Virgínia Woolf que escreve seus textos em cenários que relembram a obra de North. A experiência da naturalista oitocentista é tomada como um exemplo para os estudos do feminismo do século XIX. Ela viajou sozinha por diversos países em continentes diferentes e nunca se casou, o que contrariava as expectativas da sociedade vitoriana para uma mulher. Porém, seu estranhamento para com as mulheres brasileiras demonstrava o preconceito imperialista inglês. Mesmo que considerasse algumas delas interessantes, fazia um julgamento acerca de suas escolhas. No contato com Dona Florisbela Horta, uma viúva que gerenciou sozinha sua fazenda e uma

mineração, ela a chama de notável, porém ressalta suas características que desgostava como o entusiasmo e a velhice. Observa os bordados femininos no Rio de Janeiro, considera-os bonitos, mas os descreve como rudes. Nesse sentido, essa comunicação pretende compreender os aspectos feministas da obra de Marianne North sobre o Brasil, ponderando as diferenças entre o feminismo inglês e a prática brasileira, a partir de um olhar decolonial com o intuito de identificar resistências cotidianas ao patriarcado que não foram percebidas pela inglesa.

POESIA, AUTORIA FEMININA E CÂNONE: O CASO DAS IRMÃS BRONTË

Luísa Hall Freitas da Silva

Resumo: A produção poética de Charlotte, Emily e Anne Brontë desempenhou papel fundamental em sua formação literária, embora tenha sido historicamente eclipsada pela consagração de seus romances. Tal hierarquização evidencia não apenas uma preferência por determinados gêneros literários, mas também mecanismos de canonização que historicamente afetaram a visibilidade da escrita feminina. Em 1846, as irmãs publicaram conjuntamente a coletânea Poems by Currer, Ellis and Acton Bell, adotando pseudônimos neutros que as acompanhariam ao longo de suas carreiras. Apesar da recepção crítica favorável, a obra não obteve sucesso comercial, contribuindo para o posterior apagamento da poesia brontëana nos estudos literários. Partindo das contribuições da crítica literária feminista, especialmente dos estudos voltados à recuperação de escritoras e à problematização dos processos de exclusão do cânone, este trabalho busca discutir o apagamento da produção poética das irmãs Brontë na tradição crítica e editorial. Além disso, propõe analisar a adoção dos pseudônimos Currer, Ellis e Acton Bell como estratégia de inserção e legitimação em um sistema literário predominantemente masculino. A pesquisa também procura evidenciar que a poesia constituiu um espaço privilegiado de experimentação estética e temática, no qual as autoras desenvolveram imagens, motivos e questões que posteriormente seriam reelaborados em seus romances. Por meio de pesquisa bibliográfica e análise de poemas das autoras, argumenta-se que a compreensão da produção literária das irmãs Brontë exige o reconhecimento da relevância de sua poesia, não apenas como antecedente cronológico dos romances, mas como parte constitutiva de sua estética e de sua trajetória autoral. Ao recuperar essa dimensão frequentemente negligenciada, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre autoria feminina, canonização literária e os mecanismos de visibilidade e invisibilidade que atravessam a história da literatura inglesa.

FORMAÇÃO FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XIX: AVANÇOS E LIMITAÇÕES EM JANE EYRE, DE CHARLOTTE BRÖNTE

Maíra Protasio Dias de Oliveira

Resumo: A que tipo de formação uma jovem mulher, na Inglaterra do século XIX, poderia aspirar? Partindo dessa questão, o presente trabalho busca analisar o romance "Jane Eyre: uma biografia", de Charlotte Brönte, sob a perspectiva da crítica feminista. Com esse objetivo, será analisado, em particular, o modo como essa etapa de formação - da infância ao início da vida adulta - se constrói para a personagem Jane Eyre, estabelecendo paralelos entre o romance e a realidade da mulher inglesa no século XIX, isto é, de que modo as experiências de Eyre podem ser relacionadas às expectativas sociais para uma jovem com as suas características. Nesse sentido, será ressaltado de que maneira pode-se dizer que há avanços (à luz da teoria feminista) e de que modo a protagonista de Brönte mantém-se resignada diante de estruturas machistas de sua época. Afinal, não se trata propriamente de um exemplo de literatura feminista, porém pode-se observar no tratamento das personagens diversos aspectos que permitem aproximações entre os modos de imaginação de construção da identidade feminina na literatura e as reivindicações do movimento feminista, que apenas começava a dar seus primeiros passos. Além disso, será feito um estudo comparativo acerca do que se apresenta como possibilidade nas trajetórias de Jane Eyre e Bertha Mason, partindo de leituras feministas decoloniais da obra, as quais ressaltam aspectos racistas na construção da figura da louca no sotão [Madwoman in the Attic].

EMILY BRONTË, TRADUTORA DE LATIM

Mirian Eliete Sodré da Silva

Resumo: Autora de O Morro dos Ventos Uivantes, Emily Jane Brontë também se aventurou na tradução. Na década de 1830, ela estudou e verteu a Eneida, de Virgílio, e a Arte Poética, de Horácio, do latim para o inglês. As traduções se tratam de dois manuscritos com os versos no latim original seguidos de comentários acerca das escolhas tradutórias da escritora para os dois poemas romanos. Essas traduções são inéditas, não tendo sido transcritas ou estudadas até então, e demonstram a proximidade de Emily Brontë com os clássicos e com o aprendizado e tradução de latim, ainda considerado, na época, uma atividade masculina (Chitham, 1998). A partir dessa lacuna conduzo a minha pesquisa, e proponho, nesta comunicação, apresentar uma introdução aos manuscritos de Emily Brontë, considerando a educação feminina no século XIX, o contexto familiar e social no qual a autora estava inserida e a falta de estudos

acerca de sua face classicista. Dessa forma, se pretende demonstrar a aproximação da escritora à tradição de poetas-tradutores do Romantismo (Van Anglen; Engell, 2017) - especialmente dos poetas da segunda geração romântica inglesa que se voltaram à Antiguidade clássica em seus estudos e versos (Webb, 2003). Esta comunicação, portanto, pretende contribuir com o recente estudo da recepção clássica na tradução, abarcando com especial ênfase as mulheres tradutoras de línguas clássicas no século XIX (Prins, 2017), às quais Emily Brontë deve ser estudada.

GÊNERO, CLASSE E DISSIDÊNCIA EM 'NORTH AND SOUTH', 'RUTH' E 'CRANFORD' DE ELIZABETH GASKELL

Rafaella Gobbo Reis da Silva

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise comparativa de três figuras femininas da obra de Elizabeth Gaskell – Margaret, em 'North and South' (1854–55), Ruth, em 'Ruth' (1853), e as mulheres de 'Cranford' (1853) – com o objetivo de investigar como a autora constrói formalmente personagens que produzem uma dissonância em relação às expectativas vitorianas de gênero. Partindo de Patricia Ingham, Barbara Leah Harman, Hilary Schor e Patsy Stoneman, argumento que Gaskell articula figurações de gênero que tensionam a divisão entre esfera pública e esfera privada. Em 'North and South', Margaret Hale encena a entrada da mulher na esfera pública, sobretudo ao ultrapassar o espaço do conflito industrial, o que a expõe ao risco de "má interpretação" e desloca o feminino para uma zona de negociação entre classe, desejo e responsabilidade social. Em 'Ruth', Gaskell retoma a figura da "fallen woman" (mulher caída) para desestabilizar noções referentes à moralidade vitoriana, construindo uma personagem cuja docilidade é simultaneamente redentora e fatal. As "amazonas" de 'Cranford', por sua vez, embora sejam descritas dessa maneira pelo narrador, não são guerreiras em sentido literal. Na verdade, são sobreviventes de uma ordem social em declínio, marcada pelo embate entre uma antiga classe proprietária de terras e a ascensão de uma nova classe endinheirada. Nesse sentido, a ironia do narrador impede que o romance seja lido apenas como celebração da emancipação feminina: ela legitima a solidariedade entre mulheres e expõe a fragilidade daquele espaço doméstico aparentemente autônomo. O objetivo da comunicação, portanto, é explorar de que maneira Gaskell, por meio dessas configurações, formaliza a instabilidade das categorias de gênero e revela sua interação com a classe social e com a estrutura do romance. Ao produzir personagens que desorganizam os modelos femininos do século XIX, reimagina-se, em diferentes chaves, a relação entre vida privada, trabalho, exposição pública e poder.

DA PERDA DA MÃE À CRIAÇÃO DO MONSTRO: CORPO FEMININO E MATERNIDADE EM FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY A GUILLERMO DEL TORO

Tainara de Andrade

Resumo: Este trabalho propõe uma análise comparativa do romance Frankenstein (1818), de Mary Shelley, e de sua adaptação cinematográfica dirigida por Guillermo del Toro (2025), com o objetivo de investigar as representações do corpo feminino e da maternidade em ambas as obras. Parte-se da hipótese de que as personagens Caroline e Elizabeth, respectivamente mãe e esposa de Victor Frankenstein, embora situadas de maneira secundária na narrativa, desempenham papel fundamental na construção das motivações que conduzem o projeto criador do protagonista. É a partir de seus corpos, especialmente do corpo materno, que se origina e se fortalece a motivação de Victor. Além disso, ambas as personagens evidenciam a centralidade da maternidade na obra, tema que é simultaneamente tensionado e subvertido quando Victor assume para si a função de criar vida. No romance, a morte de Caroline constitui um dos eventos que impulsionam Victor a desafiar os limites entre vida e morte, enquanto Elizabeth é associada à continuidade familiar e à possibilidade de um futuro doméstico. Já na adaptação cinematográfica, elementos visuais relacionados ao parto, ao sangue materno e à aproximação simbólica entre Caroline e Elizabeth intensificam a centralidade do corpo feminino e sua relação com os processos de criação, perda e monstruosidade. Partindo dos pressupostos da crítica feminista, das reflexões de Irigaray (2017) acerca da constituição do feminino em estruturas simbólicas centradas no masculino, bem como das discussões sobre maternidade, corpo e monstruosidade desenvolvidas por Gilbert e Gubar (2000), Kristeva (1982) e Creed (1993), a pesquisa busca compreender de que modo a ausência, a perda e a instrumentalização dos corpos femininos operam como elementos estruturantes da narrativa, permitindo que Victor assuma simbolicamente uma função criadora tradicionalmente associada ao corpo materno.

ST: ESCRITAS E VIDAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO.

Coordenação: Adeítalo Manoel Pinho, Maria de Fátima Gonçalves Lima e Denise Dias

Resumo: Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, Belém-PA, a 2025, em Manaus. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/UNEB/Salvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás, consideramos a continuação da proposta e realização do simpósio para a consolidação de um grupo de trabalho

multi-institucional e em instância nacional. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos para seguir como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas, ecocríticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das postulações a O que é o contemporâneo: "Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro." A imagem potente de um "escuro" do tempo delineia metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar, abalando o domínio de objetos previstos, o elenco de instrumentos, métodos e o corpo das proposições aceitas como horizonte teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. E em vista das últimas decisões sanitárias, políticas, ideológicas e tecnológicas, em escala mundial, tudo pode estar prestes a mudar novamente. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de "cultura" alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, consequentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a "mundanidade".Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o "escuro do tempo" ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas geram a oportunidade para que estejam sob o foco deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência resistentes, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos,

enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea, que tanto carece combater as forças de desinformação e políticas de ódio.

O PÚBLICO, A VOZ, O POLÍTICO E O LIKE NAS EXPLICAÇÕES DE REINALDO AZEVEDO: INTELECTUAIS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS.

Adeítalo Manoel Pinho

Resumo: O Brasil vive um momento de intensa necessidade de explicações, ao passo que somos destino de incontáveis informações, sugestões, conselhos, seguidores, seguidos, interpretações, densas, decisivas e em velocidade alucinante. Vivemos a era do like e do conteúdo. Não há dúvida que há, em nossa tempo, uma paixão pelo logaritmo e pela viralização. Talvez a grande façanha do mundo on line tenha sido esconder a complexidade e a confusão, desse mundo, até das pessoas mais instruídas. Desde os primórdios da cultura ocidental, surge alguém disposto a explicar as coisas e os fenômenos: o intelectual. Às vezes se arriscando e sendo castigado, noutras iluminando a dúvida e o abismo, pensadores, matemáticos, linguistas, poetas e outros assumem o papel do debate público. Este trabalho tem o objetivo de abordar o trabalho de um desses explicadores da complexidade, o jornalista e especialista em literatura Reinaldo Azevedo. Quase que diariamente, até porque o mundo on line ocorre num determinado ritmo, ele seleciona temas influentes, assuntos preponderantes, indivíduos protagonistas, para verificar o que ou quem são, a que

servem e quais seus significados. Para tanto, utilizo ideias críticas de Joao Cézar de Castro Rocha, Jessé Souza, Giorgio Agamben, Edward Said, Sigmund Freud, Gustave Le Bon, Silviano Santiago, Pinho, e outros.

MEMÓRIAS DO HIV/AIDS NA OBRA (AUTO)BIOGRÁFICA MEU IRMÃO, EU MESMO, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

André Luis Mitidieri Pereira

Resumo: O escritor e ativista gay João Silvério Trevisan vem incursionando no espaço biográfico desde a publicação do seu romance autobiográfico denominado Pai, pai em 2017, no qual narra a relação complicada desde a infância com seu pai, João Trevisan. Em Meu irmão, eu mesmo, editado em 2023, o autor contempla uma narrativa de cunho biográfico, centrada no irmão, Claudio, que adoece e morre de câncer, e uma narrativa de teor autobiográfico, concentrada em suas ações e reflexões desde que se descobre portador do HIV. Buscaremos analisar essa parte do livro, que às vezes se entremeia à outra, já mencionada, destacando as ideias de fabulação biográfica (Arfuch, 2010), e considerando a vida narrada (Arfuch, 2023) como possibilidade de discussão de temas que afetam as subjetividades contemporâneas, as vidas precarizadas e, como tal, as existências cuir, a exemplo da abjeção (Kristeva, 1982; Butler, 2019), da crítica à heteronormatividade (Lauretis, 2021) e à normalização (Colling, 2015). O texto em estudo ainda permite observar, da mesma forma que faz Marcus Antonio Assis Lima (2024) em relação à autobiografia de Herbert Daniel, que a epidemia de HIV/AIDS, ao mesmo tempo em que gerou pânico sexual, também proporcionou o desenvolvimento de uma "ética de solidariedade" que orientou redes de apoio em todo o país. Por fim, sublinhamos os modos como o eu narrado lidou com a própria doença, quando também precisou enfrentar a enfermidade do irmão, as reações da família e da comunidade LGBT+, bem como da crítica literária e dos meios editoriais.

A ETERNA PRESENÇA DE GILGAMESH: NA LITERATURA E EM OUTRAS ARTES

Divino José Pinto

Resumo: Neste estudo, pretende-se demonstrar, por meio de citações e análises, como a figura de Gilgamesh se tornou um exemplar inequívoco de que as obras fundamentais da Literatura universal permanecem e se e afetam o sistema literário, como também se espalham com o mesmo vigor por outros sistemas sígnicos e formas artísticas. A epopeia de Gilgamesh, seguramente uma das obras literárias mais antigas da humanidade, sagrou-se como um texto fundador das bases da Literatura e cumpre ainda hoje os desígnios acima mencionados, sustentando e fortalecendo influências que atravessam milênios presentes na

Literatura, na Filosofia e em outas formas estéticas ao redor do mundo. Gilgamesh surgiu na Mesopotâmia, no espaço territorial onde estão localizados o Iraque, partes da Síria e da Turquia, entre os lendários rios Tigre e Eufrates e se enquadra no gênero épico, tornando-se dele um dos principais paradigmas. Essa obra, pela sua estrutura e significado modelar, é ainda hoje tomada como texto de fundação, assim como a região citada ficou conhecida como o "berço da civilização", posto que ali tenham nascido as primeiras cidades do mundo, tendo também assistido ao surgimento dos primeiros sistemas de escrita de que se tem notícia. A figura de Gilgamesh reúne em torno de si muita controvérsia, a começar pelo questionamento clássico: seria ele um Rei real ou uma figura semilendária? De qualquer modo, temos que, sua imagem continua inabalável, atravessando o tempo e afetando gerações, especialmente pela sua dimensão icônica, carregada de poder e austeridade.

BUSCAR A MÃE COM ATENÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARADA DE FRIO O BASTANTE PARA NEVAR, DE JESSICA AU, E AOS PRANTOS NO MERCADO, DE MICHELLE ZAUNER

Drielle Caroline Alarcon

Resumo: A comunicação investiga o exercício da atenção literária dedicada ao objeto ausente a partir do gesto da escritora que se lança à ideia da morte da mãe. Nesse contexto, a prática da escrita "se define por sua insuficiência essencial, constituindo-se positivamente em redor dessa ausência" (Gagnebin, 2019). Para isso, proponho a análise comparada das obras Frio o bastante para nevar, de Jessica Au (2023), traduzida por Fabiane Secches, e Aos prantos no mercado, de Michelle Zauner (2022), traduzida por Ana Ban, ambas produzidas por autoras contemporâneas e profundamente marcadas pela experiência da diáspora do Leste Asiático. A partir deste corpus, delineia-se uma localização precária da figura materna nos sentidos de um corpo físico, por meio da visão e do paladar. Paulatinamente, a atenção inerente ao trabalho do cuidado e ao amor materno se entrelaça à prática da escrita como um modo de amar e de se atentar à mãe perdida. Aqui, sugiro a costura do modelo dialético de atenção de Walter Benjamin (1987), abarcando uma necessária alternância com o hábito, com a concepção de atenção poética adotada por Lucy Alford (2020, tradução minha), que vislumbra a atividade literária como o exercício de uma sensibilidade tensa, no interior da qual "a tarefa da atenção rememorativa parece frequentemente consistir em 'reabrir' e 'manter aberta' a ausência do objeto". Assim, confrontadas com a finitude da figura materna, as autoras retornam à relação entre mãe e filha para apreender as convergências e os afastamentos nos

seus modos de contemplar ou de abocanhar o mundo. Sendo possível, em algum sentido, sustentar a mãe nos olhos ou na boca.

COLONIALIDADE E EXCLUSÃO AGRÁRIA EM OS MAGROS: FIGURAÇÕES DA DESERDAÇÃO NO ROMANCE BRASILEIRO

Itamar da Silva Santos

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do romance Os magros, de Euclides Neto, a partir das relações entre terra, poder e exclusão social enquanto permanências da colonialidade no contexto agrário brasileiro. Partindo das contribuições teóricas de Aníbal Quijano acerca da colonialidade do poder, bem como das discussões de Achille Mbembe sobre políticas de morte e precarização da vida, busca-se compreender como a narrativa constrói sujeitos marcados pela deserdação da terra, pela fome e pela marginalização econômica. Nesse sentido, o romance evidencia a permanência de estruturas coloniais que atravessam a modernização agrária brasileira, produzindo corpos submetidos à violência material e simbólica do latifúndio. A análise também dialoga com as reflexões de Ailton Krenak acerca das formas contemporâneas de expropriação da vida e do território, entendendo a terra não apenas como espaço econômico, mas como dimensão ética, histórica e existencial. Assim, argumenta-se que Os magros elabora uma representação crítica das desigualdades sociais brasileiras ao expor sujeitos colocados à margem dos processos de pertencimento e dignidade, revelando aquilo que Giorgio Agamben compreende como as zonas obscuras do contemporâneo. Ao tensionar as relações entre literatura, territorialidade e violência estrutural, o estudo busca contribuir para as discussões sobre regionalismo, contemporaneidade e decolonialidade nos estudos literários brasileiros.

DE EDDY A ÉDOUARD: ESCRITA, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE EM LOUIS

Luana Silva dos Santos Rodrigues

Resumo: Esta pesquisa investiga a construção da identidade autoral de Édouard Louis — nascido Eddy Bellegueule, em 1992, no norte da França — a partir da análise de sua trajetória literária e de sua performance pública. O corpus é composto pelas obras publicadas entre 2014 e 2024: En finir avec Eddy Bellegueule, Histoire de la violence, Qui a tué mon père, Combats et métamorphoses d'une femme, Changer: méthode, Monique s'évade e L'effondrement. A questão central é: de que modo a escrita funciona, para Louis, como gesto de ruptura com sua condição de origem e como prática de (re)construção de si, e quais são as implicações éticas, estéticas e políticas dessa operação? O problema

articula três dimensões: o estatuto dos textos, situados entre autobiografia e autossociobiografia; a postura autoral (Meizoz, 2007), examinada em entrevistas e eventos literários; e a representação das classes populares e os riscos de estigmatização. A metodologia é interdisciplinar, mobilizando os conceitos de campo literário e habitus (Bourdieu), postura (Meizoz), ethos discursivo (Maingueneau) e imagem de autor (Amossy). A análise comparativa com Annie Ernaux (La place, 1983) e Didier Eribon (Retour à Reims, 2009) situa Louis numa tradição de narrativas de trânsfuga de classe. Como resultados parciais, observa-se uma progressão nas obras: dos relatos centrados na vergonha e na violência sofrida rumo a um engajamento político explícito, no qual o corpo individual torna-se argumento da violência estrutural. A postura autoral de Louis opera em duplo registro — internamente, pela construção de um narrador-testemunha que se distancia da origem; externamente, pela gestão de uma imagem que funde intelectual engajado e sobrevivente das classes trabalhadoras. Essa tensão entre denúncia e distinção constitui o nó problemático central da pesquisa.

A AUTOBIOGRAFIA INSURGENTE DE LUIZ GAMA

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão

Resumo: Luiz Gonzaga Pinto da Gama, 1830-1882, não escreveu uma autobiografia formal em livro. A principal fonte autobiográfica que temos é a carta que ele enviou em 1880 a seu amigo Lúcio de Mendonça. Esse texto ficou conhecido como Carta a Lúcio de Mendonça e é considerado sua autobiografia. Além dela, vários poemas e artigos dele trazem traços autobiográficos. A Carta a Lúcio de Mendonça, 1880 É o documento mais completo sobre a vida dele, escrito a pedido do amigo para uma obra sobre poetas brasileiros. Nela, Gama resume sua trajetória em tom direto e irônico.no entanto, é visível os traços autobiográficos também na obra Primeiras Trovas Burlescas 1859. Único livro que Gama publicou em vida. Nela, faz uso da sátira para falar de si e denunciar a escravidão. Além de usar o humor e ironia para falar da própria história como forma de atacar o sistema escravocrata. Nos Artigos de jornal, principalmente os pulicados na imprensa de São Paulo, Gama usa sua condição de jornalista para denunciar e criticar a elite brasileira da época. Seus textos jornalísticos eram escritos em primeira pessoa sobre as causas que defendia. Muitos textos mostram sua revolta pessoal com a escravidão e o racismo que sofria nos tribunais e na rua. Nesses textos também há traços da sua autobiografia. São trazidos para o debate, a Carta autobiográfica, Primeiras Trovas Burlescas, e o texto Foro de São Paulo artigos de jornal publicado no Correio Paulistano em 1869, de Luiz Gama, sob a ótica crítica de Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Eduardo de

Assis Duarte, Elciene Azevedo, Florentina Souza, Lélia Gonzalez, Lígia Fonseca Ferreira, Nelson Câmera, Zilá Bernd e outros.

TÉDIO, MELANCOLIA E A FRAGILIDADE SUBJETIVA EM O REINO (2016) E IOGA (2023), DE EMMANUEL CARRÈRE

Monaliza Cristina do Nascimento Sousa

Resumo: Este trabalho faz parte da tese de doutorado em andamento que propõe uma investigação sobre os limites da religião diante da experiência contemporânea do vazio, a partir da análise da fragilidade subjetiva dos personagens em O Reino e Ioga, de Emmanuel Carrère. A análise que aproxima os dois romances é encaminhada através da pergunta: o que a religião pode e não pode fazer diante da experiência contemporânea do tédio e da melancolia? Para tanto, a hipótese dessa tese é que Carrère não apenas descreve o fracasso da religião, mas o transforma em um princípio de composição da narrativa: a narrativa fragmentada, a ironia autodepreciativa, a alternância entre aproximação e distanciamento crítico da religião produzem, esteticamente, a sensação de vazio, revelando a fragilidade subjetiva de seus personagens. Como parte da discussão dessa investigação apontaremos como os sentimentos de tédio e melancolia são representadas no romance O Reino e Ioga, de Emmanuel Carrère e sua relação, ou não, com a fragilidade subjetiva dos personagens, observando nos dois romances a manifestação da fragilidade subjetiva dos personagens examinando as consequências estéticas da mobilização da religião. Recorreremos à metodologia comparativa, ao utilizar duas áreas de conhecimento: Literatura e Filosofia; e a comparação entre os dois romances. À vista disto, a pesquisa quanto aos seus objetivos se classifica em uma pesquisa exploratória-explicativa. Quanto à abordagem, é qualitativa, ao aproximar duas áreas das Ciências Humanas que observam seus objetos de estudo a partir de uma perspectiva subjetiva: Literatura e Filosofia. Como base de sustentação teórica utilizaremos autores como Burton (2011); Freud (1917); Han (2025); Heidegger (2011); Kristeva (1989); Perrone-Moisés (2016); Svendsen (2006), dentre outros, por meio da narrativa construída dentro deste recorte temático.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: ESPAÇO-TEMPO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA LITERATURA E EM OUTRAS ARTES

Coordenação: André Pinheiro, Ozíris Borges Filho e Rosária Cristina Costa Ribeiro

Resumo: O XX Congresso Internacional da ABRALIC, ao celebrar quatro décadas de trajetória sob o mote "Comparatismos, permanências e inovações", configura-se como um espaço privilegiado para investigar as fronteiras entre a tradição literária e as rupturas tecnológicas contemporâneas. Nesse contexto, o presente simpósio tem como objetivo central fomentar uma reflexão crítica e comparatista acerca das transformações das categorias fundamentais de espaço e tempo diante da emergência e consolidação das Inteligências Artificiais (IA) na literatura e nas demais manifestações artísticas. A proposta busca compreender de que modo a mediação algorítmica reconfigura a percepção estética e a construção de mundos possíveis, promovendo um diálogo necessário entre permanências teóricas e inovações que vêm redefinindo o fazer artístico no século XXI. O pilar teórico deste simpósio ancora-se no conceito de cronotopo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin (2018). Ao compreender o cronotopo como a indissociabilidade entre as coordenadas temporais e espaciais que materializam o acontecimento artístico e o tornam apreensível na narrativa, formula-se a seguinte questão: de que modo essa categoria se reconfigura quando o processo criativo passa a ser mediado por redes neurais que operam segundo uma temporalidade não humana? A "cronotopanálise" aqui proposta não se limita ao texto impresso, expandindo-se para o estudo do modo como o tempo do processamento algorítmico e o espaço do código interagem com a sensibilidade humana. Interessa observar como a "materialização" bakhtiniana do tempo no espaço se realiza em territórios virtuais e desterritorializados, nos quais a IA atua como um agente de coautoria que problematiza as noções tradicionais de gênio criador e originalidade. A perspectiva comparativista constitui o eixo que sustenta e fundamenta este simpósio. A Literatura Comparada, especialmente em sua dimensão interartes e intermidiática (CLÜVER, 2011), oferece instrumentos teóricos adequados para analisar a IA como uma interface capaz de traduzir e transmutar conceitos entre diferentes sistemas de signos. Nesse contexto, propõe-se a investigação do hibridismo nas produções contemporâneas, considerando os diálogos estabelecidos entre poemas gerados por grandes modelos de linguagem, imagens produzidas por algoritmos de difusão e sonoridades sintéticas. Um dos eixos fundamentais do simpósio dedica-se à representação da tecnologia, sobretudo da Inteligência Artificial, na produção ficcional. Com efeito, a ficção científica é compreendida como um laboratório estético privilegiado para o estudo comparado, uma vez que nela destacam-se temas e construções narrativas vinculadas a seres artificiais, redes conscientes e realidades simuladas. Mais do que elementos temáticos, tais repertórios tecnológicos estruturam as próprias obras, gerando, inclusive, novos suportes para o fenômeno da criação literária e configurando-se como dispositivo capaz de reconfigurar o tempo

histórico e o espaço social. Seguindo as reflexões de N. Katherine Hayles (2005), investiga-se o modo pelo qual a literatura eletrônica e os processos de tecnogênese redefinem o que significa ler e escrever em um ambiente saturado por protagonistas inteligentes não humanos. O comparatismo permite observar como diferentes tradições nacionais projetam no "outro" artificial seus medos e utopias, revelando tensões éticas e estéticas que antecipam os dilemas inerentes à convivência contemporânea com algoritmos. Para conferir densidade historiográfica, o simpósio propõe um arco temporal que remete à evolução do conceito de espaço na teoria literária, partindo da Antiguidade Clássica, atravessando o realismo do século XIX e culminando nas espacialidades digitais contemporâneas. Trata-se de um exercício de comparatismo diacrônico: o espaço geográfico e social, que servia de alicerce para a narrativa clássica e moderna, é confrontado com o que pode ser chamado de "geografia do imaterial". Nesse contexto, é pertinente considerar se as estruturas espaciais construídas por IA ainda guardam resquícios das topologias clássicas ou se instauram uma percepção de espaço fragmentada, onde o "aqui" e o "agora" são substituídos por simultaneidades algorítmicas e fluxos constantes de informação. Por fim, o debate se estende às políticas do algoritmo e às relações de poder. Sob uma ótica política e comparada, considerando-se de que modo a IA reconfigura a circulação das artes no espaço global. O poder curatorial dos algoritmos e os sistemas de recomendação automatizados criam novos cânones e exercem um controle sobre o "espaço de visibilidade" literária e artística. Discutir o espaço e o tempo na era da IA é, portanto, discutir quem detém o código e como a Literatura Comparada pode atuar como uma resistência crítica que garante a multiplicidade de vozes. Este simpósio busca consolidar um espaço de diálogo interdisciplinar que reafirme o compromisso da ABRALIC com o fortalecimento da rede acadêmica, conectando a tradição teórica às urgências do presente tecnológico.

O GÓTICO-POLÍTICO DA LITERATURA PLATENSE EM "O CARRINHO", DE MARIANA ENRIQUEZ

Ana Laura Horbach

Resumo: Cortázar (1975) chama a atenção para o fato de que a literatura argentina bebe da influência da literatura fantástica desde suas mais variadas expressões, e em especial da sua forma gótica, sem cair na ingenuidade de imitá-la exteriormente. A literatura gótica – ou de "terror" – tem alguns elementos característicos que podem, ou não, ocorrer ao mesmo tempo: a incidência do locus horribilis em suas ambientações, a construção de personagens-monstros e a recorrência da fantasmagoria (FRANÇA, 2023). Gamerro (2023) levanta a hipótese de que seria possível pensar clássicos como El Matadero (1871) –

conto que denunciava o governo rosista e é emblemático da antinomia civilização e barbárie –, como parte dessa tradição: o ambiente opressor dos pampas e as mortes violentas por degola praticadas pelos monstros "gauchos" como uma primeira manifestação do gótico em terras argentinas. Além do mais, ao contrário da forma do realismo clássico, essa literatura é caracterizada por ser "mais fabulativa" justamente por se constituir de elementos que fogem à ordem natural. Na literatura argentina, diferentemente da brasileira, essa literatura "estranha" marcou a produção de muitos dos seus grandes autores, como Borges, Bioy e Silvina Ocampo e, mais recentemente, se manifesta na escrita de autoras como Mariana Enriquez e Selva Almada. Essas autoras são exemplos dessa tradição que combina elementos da realidade local e política a outros elementos aparentemente sobrenaturais. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo apresentar as características desse fenômeno contemporâneo que sintetiza, em sua forma estética, os horrores da realidade social e política e que participa de uma longa tradição estética. Este trabalho bebe de fontes como Sarlo (2012) e Vedda (2022) para propor uma chave interpretativa para o fenômeno como um todo e busca ilustrá-lo a partir de um conto de Enriquez intitulado "O carrinho" (2023).

DO CINZEL AO CÓDIGO. DA PEDRA AO ALGORITMO: NOVAS MATERIALIDADES DA ARTE TRIDIMENSIONAL NA ERA DA IA

André Pinheiro

Resumo: Ao longo dos séculos, as artes tridimensionais incorporaram diferentes aparatos tecnológicos, acompanhando as transformações culturais, estéticas e técnicas de cada período histórico. Desde a introdução de dispositivos cinéticos na escultura moderna até o uso contemporâneo de modelagem digital, impressão 3D, realidade aumentada, bioarte e inteligência artificial, a tecnologia deixou de atuar apenas como instrumento auxiliar para tornar-se elemento constitutivo do próprio processo criativo. Dentro desse contexto, as obras escultóricas abandonam os materiais tradicionais de produção e passam a existir também como virtualidade e materialidade digital, reconfigurando as noções de autoria, presença, espacialidade e experiência estética na arte contemporânea. Esse cenário relaciona-se diretamente ao conceito de pós-humano, entendido como uma reflexão filosófica e cultural acerca das transformações da condição humana diante do avanço tecnológico, das biotecnologias, da inteligência artificial e das redes digitais. O pós-humano questiona a concepção moderna de sujeito autônomo, racional e separado da técnica, propondo uma subjetividade híbrida e atravessada por dispositivos tecnológicos. Na escultura contemporânea, isso se manifesta na criação de corpos híbridos compostos por elementos orgânicos e

artificiais, além de obras que dissolvem as fronteiras entre o ser humano e a máquina, entre o biológico e o virtual. Paralelamente, a escultura digital rompe com a necessidade de existência física da obra, que pode manifestar-se como projeção, modelo tridimensional ou objeto inserido em ambientes imersivos e virtuais. Já a escultura algorítmica introduz processos criativos mediados por inteligência artificial, softwares generativos e automação computacional, fazendo com que o artista deixe de controlar integralmente o resultado formal da obra. Diante do exposto, aqui busca-se analisar como as tecnologias contemporâneas, especialmente a IA, vêm criando novas espacialidades nas artes tridimensionais contemporâneas, investigando de que modo a mediação tecnológica redefine as relações entre corpo, materialidade e virtualidade.

AUTORIALIDADES ALGORÍTMICAS? ATRIBUIÇÃO, SINGULARIDADE E RESPONSABILIDADE NA ERA DA IA GENERATIVA

Flora Viguini do Amaral

Resumo: Resumo: A questão do autor atravessa a teoria literária moderna e contemporânea. Na segunda metade do século XX, Roland Barthes, em A morte do autor (1968), desloca o centro da interpretação para o leitor, contestando a autoridade da origem biográfica e intencional. Michel Foucault, em O que é um autor? (1969), reformula o problema ao propor a "função-autor", entendida não como identidade empírica, mas como princípio de classificação, controle e circulação dos discursos. Roger Chartier, ao retomar essa genealogia em O que é um autor? Revisão de uma genealogia (2012), destaca o caráter material, histórico e institucional da autoria, concebida como efeito de práticas e dispositivos de legitimação.Esta comunicação propõe compreender a inteligência artificial generativa (IAG) no prolongamento dessa história crítica. A hipótese defendida é que a IAG não representa uma ruptura absoluta, mas uma nova etapa na transformação dos regimes de autoria. Trata-se menos de perguntar se ela substituirá escritores do que de analisar como reconfigura as condições pelas quais um texto pode ser atribuído, legitimado e juridicamente reconhecido como obra. A questão ganha relevo diante do "retorno do autor" observado a partir dos anos 1970, sobretudo nas escritas de si. A autobiografia e a autoficção recolocaram o nome próprio, a responsabilidade do signatário e os efeitos do texto sobre o outro no centro do debate literário, deslocando a reflexão do campo poético para os domínios da ética e do direito. Com Derrida, a literatura aparece como "estranha instituição" autorizada a tudo dizer, sem escapar aos procedimentos de imputação e responsabilização.Nesse quadro, a IAG radicaliza uma pergunta já presente nos debates sobre a autoficção: quem responde pelo texto? A partir de Foucault e Chartier, torna-se possível conceber o

"autor-algoritmo" não como sujeito criador, mas como efeito discursivo, técnico, editorial e jurídico, que redefine legitimidade e responsabilidade.

REGIMES TECNOLÓGICOS DA ARTE DIGITAL: TECNOPOÉTICAS COMO CAMPO CRÍTICO DE REPROGRAMAÇÃO POLÍTICA NA ERA ALGORÍTMICA

Glaucio Zani Alves

Resumo: A relação entre arte, tecnologia e trabalho constitui um dos eixos centrais das transformações estéticas da modernidade e adquire novos contornos diante da consolidação contemporânea das inteligências artificiais. Inserido no debate acerca das reconfigurações do espaço e do tempo na era algorítmica, este trabalho investiga de que modo a tecnopoética pode operar como prática crítica frente à crescente automatização do gesto criativo e à mediação computacional da experiência estética. O objetivo consiste em analisar a arte digital, especialmente produções baseadas em imagem, código, edição e sistemas generativos, como espaço de problematização das relações entre autoria, temporalidade técnica e trabalho artístico. A pesquisa desenvolve uma abordagem histórico-comparativa que articula tecnologias mecânicas, eletrônicas e digitais dos séculos XIX ao XXI, colocando em diálogo práticas interartes, poesia eletrônica, imagem cinética e sistemas algorítmicos de criação. Nesse percurso, destaca-se a análise do sistema AARON, de Harold Cohen, compreendido como marco precursor das atuais discussões sobre coautoria humano-máquina e automação intelectual. A partir das contribuições de Mikhail Bakhtin, N. Katherine Hayles e das formulações sobre pós-produção, argumenta-se que o deslocamento do gesto artístico para o código instaura um novo regime cronotópico, no qual processamento algorítmico, simultaneidade informacional e espacialidades digitais reorganizam a experiência estética. Conclui-se que a arte digital pode constituir um campo de resistência simbólica e política, ao tensionar a neutralidade técnica e propor usos críticos das inteligências artificiais na cultura contemporânea.

ENTRE A MEMÓRIA E O ALGORITMO: CONFIGURAÇÕES CRONOTÓPICAS EM COIVARA DA MEMÓRIA E TORTO ARADO

Herasmo Braga de Oliveira Brito

Resumo: A literatura brasileira contemporânea, particularmente no âmbito do Neorregionalismo brasileiro, apresenta configurações espaciais que ultrapassam sua função meramente referencial para atuar diretamente na constituição das experiências humanas e na produção dos sentidos que organizam a narrativa. Herdeiras de aspectos fundamentais da tradição regionalista moderna e dos dilemas humanos, ao

tempo em que reelaboram as relações entre memória, pertencimento e subjetividade. Nesse contexto, o espaço deixa de constituir simples cenário da ação para assumir papel estruturante na articulação entre identidade, historicidade e experiência temporal. Partindo das contribuições de Mikhail Bakhtin acerca do cronotopo, articuladas às reflexões de Yi-Fu Tuan, Luís Alberto Brandão e Ozíris Borges Filho, este trabalho propõe uma análise comparativa dos romances Coivara da Memória, de Francisco Dantas, e Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. Busca-se compreender como as configurações espaciais presentes nessas narrativas participam da construção das subjetividades e da elaboração das temporalidades que atravessam a experiência ficcional. A hipótese orientadora sustenta que os espaços representados nas obras condensam tempos históricos, memórias coletivas e experiências de pertencimento, constituindo cronotopos que pela experiência humana adquire densidade estética e cultural. Por meio de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e comparatista, a pesquisa examina como os territórios, os deslocamentos e os lugares de memória operam como formas de mediação entre sujeito e mundo. Em diálogo acerca das inteligências artificiais e dos novos regimes de leitura mediados por algoritmos, argumenta-se que essas narrativas reafirmam a centralidade da memória cultural, da experiência histórica na construção do sentido literário. Desse modo, as obras analisadas contribuem para a compreensão das formas pelas quais a literatura contemporânea reelabora as relações entre espaço e tempo, evidenciando experiências humanas que resistem às lógicas de instantaneidade, homogeneização e desterritorialização características das mediações algorítmicas do presente.

O ROBÔ, A DONA DE CASA E O PÓS-HUMANO

Ozíris Borges Filho

Resumo: O presente artigo analisa o conto "Zinga, o robot", de André Carneiro, a partir de uma perspectiva cronotopológica articulada aos debates contemporâneos sobre inteligência artificial, pós-humanismo e tecnossimbiose. Diferentemente da tradição clássica da ficção científica, que costuma situar a inteligência artificial em laboratórios, guerras ou viagens espaciais, o conto desloca a relação entre humano e máquina para o espaço doméstico cotidiano. A narrativa acompanha Da. Maria, dona de casa de um futuro tecnologicamente avançado, que adquire o robô Zinga para auxiliá-la nas tarefas domésticas. Contudo, a convivência progressiva entre ambos produz efeitos inesperados: a máquina passa a desenvolver comportamentos afetivos e formas de interação que desafiam a separação entre processamento lógico e sensibilidade. O artigo propõe que o cronotopo doméstico — a cozinha, o jardim, o quarto das crianças — funciona como espaço privilegiado de humanização da máquina, convertendo o

robô de objeto utilitário em membro da família. Para isso, a análise mobiliza categorias da cronotopanálise, especialmente no que se refere às funções tipológica, narratológica, figurativa, axiológica e antropológica do espaço narrativo. Além disso, o estudo aproxima o conto das discussões atuais sobre assistentes virtuais e vínculos afetivos com sistemas de IA, demonstrando como a narrativa de Carneiro antecipa questões centrais do debate contemporâneo acerca da senciência artificial. Conclui-se que o conto transforma o humor doméstico em laboratório filosófico para refletir sobre os limites entre humano e máquina, razão e afeto.

A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO LITERÁRIO: O LEITOR COMO "CAÇADOR FURTIVO" NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Rosária Cristina Costa Ribeiro

Resumo: A presente comunicação investiga a transformação do papel do leitor contemporâneo, que deixa de ser um receptor passivo para atuar como um agente que reconstrói e materializa o espaço ficcional através de ferramentas de Inteligência Artificial (IA). Alinhada ao tema "Comparatismos, permanências e inovações" da ABRALIC, a proposta analisa como a prática de gerar imagens e descrições espaciais via prompts configura uma nova forma de interação com a leitura do texto literário. A fundamentação teórica ancora-se nas contribuições de Michel de Certeau (1998) e Roger Chartier (2001), que deslocam o sentido do texto do autor para a ação do leitor. Sob a ótica de Certeau, a leitura é compreendida como uma "caça furtiva" (braconnage), em que o sujeito seleciona fragmentos do texto e os adapta às suas experiências, produzindo percursos próprios que escapam ao controle autoral. Complementarmente, utiliza-se o conceito de "apropriação" de Chartier para discutir como o sentido da obra emerge da relação entre o texto, seus suportes e as práticas concretas de leitura de comunidades situadas historicamente. Nesse contexto, o ato de utilizar a IA para "resgatar qualquer espacialidade ficcional e transformá-la em algo material" é visto como uma prática criativa de apropriação. A investigação utiliza o conceito de cronotopo (Bakhtin, 2014) para entender como as coordenadas de tempo e espaço se reconfiguram nessa mediação algorítmica, e a perspectiva da intermidialidade (Clüver, 2024) para analisar a IA como uma interface de tradução entre sistemas de signos. O objetivo final é discutir se essa materialização do imaginário pelo leitor inaugura uma "geografia do imaterial" que desafia as topologias clássicas da narrativa.

ST: ESTUDOS CLÁSSICOS HOJE

Coordenação: Leonardo Antunes, José Carlos Baracat Júnior e Christian Werner

Resumo: Os Estudos Clássicos, desde sua concepção, possuem uma natureza intrinsecamente transdisciplinar, articulando ideias provenientes de diversos campos das Ciências Humanas, como as Letras, a História, a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia. Essa característica não é meramente metodológica, mas ontológica, proveniente de seus próprios objetos de estudo: obras que poderíamos descrever como algumas das manifestações mais embrionárias das áreas que futuramente viriam a ser definidas como Ciências Humanas. Tais produções foram compostas em um período em que as divisões acadêmicas modernas sequer eram imaginadas; nelas, o mito, o rito, a política e a poesia coexistiam em um estado de simbiose. Assim, os limites entre os campos de saber eram fluidos, e as fronteiras, quando existentes, eram extremamente tênues. Essa natureza transdisciplinar — tanto da disciplina quanto de seus objetos — exige um modo de trabalho afeito aos procedimentos da Literatura Comparada. O pesquisador do mundo clássico é impelido a desenvolver um olhar que é, simultaneamente, analítico e holístico. Trata-se de um esforço intelectual que busca compreender o objeto em sua especificidade filológica e estética, mas que não abre mão de apreender o contexto amplo desse objeto: seu lugar na cronologia humana, sua inserção na história das ideias e o longo (e muitas vezes turbulento) percurso de sua recepção. Esse olhar opera em uma intersecção necessária entre o sincrônico e o diacrônico, observando o texto tanto em seu "agora" histórico quanto em sua longa duração através dos séculos, no seu uso e desuso, nas suas relações com outros textos. Por esse e outros motivos, a Antiguidade configura-se como uma espécie de pedra de toque — um padrão de referência a partir do qual outros tempos e espaços podem ser tensionados e compreendidos. No entanto, é fundamental reconhecer que esse diálogo não se estabelece em uma via de mão única. A compreensão que detemos dos antigos é constantemente modulada pela recepção que deles fazemos dentro de nossas próprias coordenadas geográficas e temporais. Estamos, a todo momento, projetando nossas angústias, valores e preconceitos sobre o mármore e o papiro, transformando o passado em um campo de batalha hermenêutico. Da mesma forma, a compreensão que temos das obras do passado é constantemente também reorganizada a partir das obras do presente, e de tudo que conseguimos enxergar e mobilizar entre um lá e um aqui. Historicamente, a Antiguidade foi muitas vezes instrumentalizada para validar agendas políticas, estéticas e ideológicas. Da construção de impérios modernos à legitimação de sistemas educacionais excludentes, essas apropriações geraram distorções que ainda hoje reverberam na imagem popular e acadêmica que se faz desse período. Como bem sabemos, cada época busca e encontra na Antiguidade uma imagem de si mesma, seja como um ideal de perfeição a ser mimetizado ou como um "outro" bárbaro e distante a ser superado. Esse fenômeno revela que o estudo dos clássicos é, em última análise, um estudo sobre a nossa própria identidade e as contingências

que nos moldam. É precisamente nesse cenário de trocas constantes que o Seminário Temático "Estudos Clássicos Hoje" se estabelece. O ST propõe um espaço de debate crítico voltado a repensar o presente a partir dos dilemas do passado, e o passado a partir das urgências do presente. O objetivo não é o resgate de uma pureza histórica inalcançável, mas sim a promoção de uma verdadeira fusão de horizontes. Ao convocar pesquisadores de diferentes horizontes teóricos, buscamos investigar como os textos e a cultura material do mundo antigo continuam a interpelar a contemporaneidade. Queremos entender como a Antiguidade pode nos ajudar a ler as crises políticas, as tensões éticas e as inovações artísticas de 2026, ao mesmo tempo em que permitimos que as novas sensibilidades — decoloniais, de gênero e de classe, entre outras — lancem novas luzes sobre os textos milenares. Trata-se de um convite para habitar a fronteira viva entre o antigo e o novo. Além disso, urge reconhecer que a permanência dos Estudos Clássicos no currículo e no imaginário contemporâneo não deve servir como um monumento estático de autoridade, mas como um laboratório de alteridade. Ao encararmos os textos antigos não como dogmas, mas como interlocutores, exercitamos a capacidade de ouvir vozes que, embora distantes no tempo, enfrentaram dilemas sobre justiça, cidadania e a própria condição humana que ainda nos são caros. Assim, o ST "Estudos Clássicos Hoje" reafirma o compromisso com uma prática científica que seja também um ato de resistência cultural: ao democratizar o acesso e diversificar as chaves de leitura desse legado, garantimos que o passado clássico deixe de ser um privilégio de poucos para se tornar um espelho crítico e plural, capaz de refletir as múltiplas faces da sociedade em que vivemos.

"UMA ODISSEIA EMBUÇADA NAS TEIAS DE UMA TAPEÇARIA": FILIAÇÃO ÉPICA E REINVENÇÃO DO CÂNONE EM ROMANCE DE DOM PANTERO

Barbara Maria Nunes Pereira Carneiro e João Evangelista do Nascimento Neto

Resumo: O presente trabalho investiga a filiação da voz narrativa de Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores, de Ariano Suassuna, ao cânone épico grego, especialmente à tradição homérica, a partir da análise das formas de apropriação intertextual da Odisseia no interior da "Ilumiara" concebida pela personagem Dom Pantero. Inserido em uma pesquisa mais ampla acerca da genealogia literária da voz pantérica, o estudo busca compreender como a obra suassuniana dialoga com Homero no contexto da literatura contemporânea brasileira, sem assumir uma postura de mera repetição erudita, mas de filiação criativa. A análise dialoga metodologicamente tanto com os estudos da tradição clássica, particularmente as formulações de Gilbert Highet (2024 [1949]) acerca da permanência dos antigos na modernidade, quanto com os estudos de recepção clássica, como os de Lorna Hardwick (2025). Ao buscar articular permanência e ressignificação na leitura contemporânea de Homero empreendida por Suassuna, o trabalho

estabelece ainda um paralelo com os estudos de Carmo (2014), acerca da presença homérica em Romance d'A Pedra do Reino, e de Adriane Duarte (2024), sobre a recepção de Homero na obra suassuniana. Nesse movimento, interessa observar como Dom Pantero constrói uma leitura singular da épica homérica ao aproximá-la de uma forma narrativa híbrida, simultaneamente romanesca, confessional e heroica, concebida pela própria personagem como uma "Odisseia embuçada nas teias de uma grande Tapeçaria". Soma-se a isso a presença alegórica de "Homero Grego Savedra" e a formulação segundo a qual "Dante faz o papel de Homero", elementos que evidenciam uma cadeia de filiações em que a voz narrativa articula diferentes momentos do cânone ocidental. Desse modo, o artigo propõe analisar como a Ilumiara pantérica preserva e transforma a herança homérica, instaurando novas possibilidades de mediação contemporânea da tradição épica.

POSSIBILIDADES DE TRADUÇÃO DO "CURCULIO" DE PLAUTO: DUAS CENAS

Beethoven Alvarez

Resumo: "Uma jovem, um jovem, um escravo malandro, uma velha bêbada, um parasita, um cafetão, um banqueiro, um soldado, todos personagens clássicos da comédia antiga envolvidos em uma trama tradicional, eis o Curculio" (Ernout, 2003 [1935], p. 58). Assim o editor francês da obra de Plauto (c. 255-184 AEC) define a curta peça Curculio (Caruncho), que, com seus pouco mais de 700 versos, pode parecer "completamente ordinária a um primeiro olhar" (Plautus, 2011, p. 219); contudo, esta comédia apresenta características únicas: no Caruncho, (1) ocorre, na cena 2 (vv. 96-157), a "estreia" na literatura latina do tópos da paraclausithyron – a canção-lamento do "eu" amante diante da porta da casa da amada que se encontra fechada –, e (2) uma singular aparição de alta carga metateatral do figurinista (choragus) na cena 8 (vv. 462-486) com um curioso monólogo, o que não acontece em nenhum outro exemplo da comédia romana antiga. Nesta comunicação, pretendo apresentar comentários de tradução dessas duas cenas. Venho propondo um modo de traduzir o verso da comédia romana em polimetria vernácula como já empreguei na tradução de Poenulus (Punicozinho) (Plauto, 2026; Alvarez, 2019a, 2019b, 2020). Essas duas cenas – uma em versos curtos e variados, outra em septenários trocaicos – são ótimos exemplos para discussão de procedimentos de tradução em versos para a língua portuguesa. Além disso, proporei outras discussões que problematizem questões de gênero, escravidão, prostituição e violência, explorando possibilidades tradutórias que favoreçam novas leituras críticas e criativas da peça.

MISERY, MALHEUR, KĒDEA: O SOFRIMENTO DE NÍOBE NA LEITURA DA ILÍADA DE SIMONE WEIL

Christian Werner

Resumo: Em "A Ilíada ou o poema da força", uma investigação da dinâmica opressiva da guerra a partir da Ilíada de Homero, Simone Weil destila a miséria dos três casos nos quais, sob a ação da força, alguém se torna uma coisa: mortos em combate, suplicantes e escravizados. É ao discutir a relação entre ausência de vida interior e domínio da força no caso dos escravizados que Weil (1989: 233) cita a formulação dos kēdea ("agruras", Homero 2023: 671) de Níobe feita por Aquiles quase ao fim do poema. Esta apresentação objetiva rastrear, em diálogo com a Ilíada, as principais linhas de força do pensamento weiliano que perpassam sua abordagem do episódio de Níobe, sobretudo a noção de malheur ("miséria", "sofrimento"). É sintomático que as vivências de Weil, sobretudo no chão de fábrica em meados da década de 1930, tendem a ser usadas contra o seu olhar sobre a Ilíada e não a favor. Menospreza-se, por exemplo, a perspectiva diferenciada voltada ao vigor abafado das vozes femininas menores do poema, e se exagera as obsessões da autora. A Níobe de Aquiles é colocada poeticamente em paralelo, na Ilíada, com uma passagem dedicada aos indivíduos que passam a vida apenas entre males (Homero 2023: 669), a qual também foi destacada por Weil. Indiretamente, numa carta em inglês nunca enviada, essa passagem é relacionada a uma reflexão sobre como deveria ser a poesia contemporânea: "When poetry struggles toward the expressing of pain and misery, it can be great poetry only if that cry sounds through every word" (Weil 1965: 103). Níobe subjugada pela fome e aqueles a quem Zeus só destina males são exemplos dos miseráveis que, em geral, não têm as ferramentas necessárias para expressar uma miséria (misery) que, segundo Weil, se vê representado na Ilíada e em King Lear (id. ibid.).

A RETÓRICA DO PORVIR: A ALEGORIA E A INTERPRETAÇÃO FIGURAL NA HISTÓRIA DO FUTURO DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Deborah Rodolpho Louro Marins

Resumo: Resumo: Esta pesquisa busca investigar os escritos de Padre António Vieira em seus discursos da História do Futuro. Aquele que utilizava da profecia como a luz necessária para superar a "cegueira da incredulidade" e restaurar a "natural formosura" do mundo, demonstra em sua eloquência uma intersecção entre o tropo (permutatio) e a interpretação figural na obra História do Futuro. Dentre inúmeras possibilidades, pretende-se estudar e investigar os tropos latinos e o conceito de interpretação figural de

Padre Antônio Vieira. A investigação da ordenação de figuras retóricas da retórica clássica, fundamentada na Retórica a Herênio, transforma o discurso profético em uma ferramenta de entendimento histórico e teológico. Demonstra-se que, para Vieira, o tropo da permutatio não se restringe a um mero ornamento, mas um instrumento retórico crucial para decifrar a vontade divina e a sucessão dos impérios mundanos. Afora estes temas, busca-se além das referências teóricas citadas acima, a hermenêutica auerbachiana da figura e os estudos do professor Luís Filipe Silvério Lima, em sua tese de mestrado intitulada "Padre Vieira: Sonhos Proféticos, Profecias Oníricas - O tempo do Quinto Império nos Sermões de Xavier Dormindo", assim como outros textos do mesmo autor. Em suma, a pesquisa pretende se dedicar e se debruçar nas figuras retóricas, especificamente a 'permutatio', adentrando na construção de uma arqueologia dos sonhos, reinterpretando o passado e prefigurando um futuro glorioso para a nação lusitana, na promessa do Quinto Império, esmiuçando os estudos da monumental História do Futuro de Vieira.

SENDO LOBO E SENDO LEÃO: CETICISMO E A IMAGEM DA FOME ENTRE BACANTES E CORIOLANO

Igor Costa do Nascimento

Resumo: Embora seu livro sobre a relação entre tragédia e ceticismo foque nas obras de William Shakespeare, Stanley Cavell destaca um paralelo interessante entre Coriolano, do Bardo, e As bacas, de Eurípides. Em um breve parágrafo, Cavell pontua que ambas as obras partilham de uma relação complexa de um personagem central – respectivamente, Coriolano e Penteu – com sua mãe e, depois, acabaram mortos por uma espécie de turba. O presente trabalho almeja insistir nessa comparação, demonstrando como esses pontos são complementares: ambos se guiam por imagens de animalidade e de fome, reforçadas pelas metáforas presentes nos discursos das peças. É destacado como os personagens trágicos são confrontados com tal fome animalesca na medida em que tentam fugir de sua condição de fome, isto é, buscam uma superação inadequada de sua condição como mortais. Os textos são tematicamente aproximáveis na medida em que destacam que o desejo de abandonar a humanidade pode se reverter nessa violência animal, causada pelos próprios indivíduos que tentaram ir além de sua condição humana. Por sua vez, é argumentado que o desejo de não mais ter fome se reverte em imagens de consumo de si mesmo, dramatizado na predação que a mãe faz do filho no decorrer das peças: Volumnia incentiva a belicosidade de Coriolano, Agave acaba por desmembrar Penteu, numa imagem conjunta de mães "consumirem" os filhos que tentaram fugir de sua condição de fome.

QUE HÁ DE PLATÔNICO NOS EPIGRAMAS PLATÔNICOS?

José Carlos Baracat Júnior

Resumo: Não causa surpresa que a discussão acadêmica acerca dos 31 epigramas atribuídos ao filósofo ateniense Platão (c. 428-347 a.C.) que chegaram até nós se detenha, quase que totalmente, na questão de sua autenticidade (que já foi aceita e recusada integral ou parcialmente). Ainda que não se possa negar que esse seja o problema mais fascinante e importante a ser investigado – porque, se legítimos, os epigramas poderiam confirmar as anedotas de que Platão fora poeta, antes de dedicar-se à filosofia, e permitiriam colocar o filósofo como precursor, senão inventor, do epigrama erótico, forma literária inexistente antes do período Helenístico –, nesta comunicação minha preocupação será outra: indagarei se é possível encontrar, em pelos menos algum desses 31 epigramas, sejam eles autênticos ou não, elementos formais ou temáticos que possam ser caracterizados como "platônicos". Para tentar sugerir uma resposta (positiva, espero, não sobre sua autenticidade, mas sobre sua "platonicidade"), perpassarei esse corpus epigramático à luz dos diálogos de Platão tomados como autênticos – especialmente o Banquete e o Fedro –, a fim de vasculhar possíveis ecos destes nos epigramas, sem deixar de observar também a presença de artifícios pelos quais falsificações foram vinculadas a Platão, como vistos em diálogos e cartas que, embora considerados espúrios de forma unânime, podem ser ditos "platônicos" por imitarem, citarem ou remeterem a textos de Platão assumidos como autênticos.

"PARA O MEU DESEJO, Ó DIONÍSIO, ACEITAR": ASPECTOS PERFORMATIVOS E MUSICAIS DO FRAGMENTO 357 DE ANACREONTE

Júlia Corrêa Ramos

Resumo: A presente comunicação se propõe a expor um estudo do fragmento 357 PMG de Anacreonte, considerando aspectos temáticos, performativos e musicais, com ênfase no estudo do modo como o endereçamento na mélica grega arcaica se insere em um jogo com as posições enunciativas que possibilitam o que Winkler chama de múltipla identificação, jogo este que depende das interações do texto com suas prováveis ocasiões de performance. Nos aspectos performativos, a ênfase fica na dança, em especial sua relação com Dionísio, a quem o poema é endereçado. Discute-se como esses aspectos operaram em uma oficina de improvisação de canto realizada a partir do fragmento. A análise da relação entre posições enunciativas e endereçamento, revelou uma possibilidade de múltipla identificação entre Dionísio e Cleóbulo no poema. As danças dionisíacas e sua relação com o vinho enquanto instância de

metacontrole, encontram paralelos no fragmento, que reforçam essa sobreposição dos planos divino e mortal. Na oficina, foi possível observar que as expectativas do público contemporâneo quanto aos aspectos musicais e coreográficos. Em conclusão, observamos que a partir da análise do fragmento em questão e do estudo da poesia mélica arcaica e sua performance, podemos extrair algumas relações entre os aspectos performativos conhecidos da Grécia arcaica, em especial a dança, e aspectos textuais, como as posições de enunciação, presentes no texto. Realizando a oficina, foi possível observar alguns aspectos de performance na prática e como estes refletem expectativas do público contemporâneo.

O CENTÃO HOMÉRICO DE EUDÓCIA E SEU INTERTEXTO

Leonardo Antunes

Resumo: Esta comunicação busca analisar as relações intertextuais entre os versos do Centão Homérico de Eudócia e os trechos da Ilíada e da Odisseia de onde foram extraídos. Sendo o centão um gênero intrinsicamente intertextual, na medida em que é composto a partir de outro(s) poema(s), em que medida essa relação modula o sentido dos versos presentes no epílio de Eudócia? Para mantermo-nos dentro do tempo estabelecido para o ST, propomos discutir a porção inicial do poema, seus 29 primeiros versos, que tratam da criação do mundo. Em especial, buscaremos analisar como Eudócia se vale do imaginário pagão dos poemas homéricos para construir seu poema bíblico, trabalhando com aproximações entre esses dois mundos. Partiremos da hipótese canônica de que a imperatriz-poeta se vale da respeitabilidade literária já estabelecida do texto homérico para engrandecer e dignificar as narrativas judaico-cristãs que parafraseia. Assim, a partir das relações intertextuais entre seu centão e as duas grandes epopeias gregas, analisaremos de que maneira a presença do imaginário pagão e das narrativas homéricas contribuem para modular o texto do centão. A partir desse movimento, buscaremos apresentar Eudócia não como uma poeta de segunda linha, que precisa dos versos alheios para criar sua obra, e sim como uma perspicaz conhecedora de duas tradições que ela busca aproximar.

MASCULINO E FEMININO EM "CARTAS DAS HETAIRAS" DE ÁLCIFRON

Orlando Luiz de Araújo

Resumo: O livro 4 das Cartas das hetairas apresenta um grupo de mulheres que assume um papel importante na relação, largamente estabelecida, entre masculino e feminino. Seu autor, Álcifron, representa a sexualidade feminina de forma ativa e positiva, as mulheres podendo expressar, por meio da intimidade da carta, seus desejos e vontade, atuando, portanto, como artífices da sua sexualidade. Nessas cartas,

somos induzidos a lê-las como um documento que descreve a vida cotidiana e miserável das pessoas que vivem à margem da sociedade, sem proteção e sem seus direitos cidadãos assegurados. Porém, em vez disso, nos deparamos com um "documento" cuja preocupação primeira parece ser com os aspectos literários da escrita dessas cartas, visto que seus personagens se expressam numa linguagem cheia de contornos e referências da tradição mítica e literária sem, no entanto, descuidar do debate de gênero envolvendo o masculino e o feminino. Desse modo, por meio das epístolas, definem-se os limites de abordagens exclusivistas, desconstruindo, assim, a percepção de que a sexualidade masculina deva ser definida de forma ativa, enquanto que a feminina, passiva. Nesta comunicação, abordaremos sexualidade e gênero sexual, a partir das epístolas, e argumentaremos que o livro 4 das Cartas das hetairas pode ser lido como uma forma de desafiar os paradigmas pensados para enclausurar as mulheres, trazendo um novo olhar para o debate acerca do feminino.

ELEGIA GREGA ARCAICA, HOJE: TEÓGNIS, O SIMPÓSIO E A POESIA COMO PRÁTICA SOCIAL

Rafael Brunhara

Resumo: Esta comunicação visa propor uma reflexão sobre a atualidade da elegia grega arcaica a partir da poesia atribuída a Teógnis de Mégara, tomando-a não apenas como testemunho de valores aristocráticos em crise, mas como forma poética vinculada a práticas orais, próprias do simpósio arcaico. Nesse universo, a elegia não é somente o espaço de um "eu" lírico autônomo, mas uma cadeia simposial de enunciações e apropriações na qual versos circulam e são modificados conforme novas situações de fala. A poesia teognídea permite observar de modo privilegiado como o simpósio funciona como espaço de formação, disputa e negociação de valores. Dirigindo-se frequentemente a Cirno, o corpus constrói uma relação que ultrapassa o plano individual: por meio do conselho, da advertência e da censura, os poemas elaboram uma visão do homem situada em tensão permanente com a sociedade, definido pela relação com amigos e inimigos, com bons e maus, com a fidelidade aristocrática e a instabilidade política. Assim, a reflexão ética sobre caráter, lealdade, prazer, riqueza e justiça aparece inseparável dos conflitos que atravessam a pólis e é emoldurada pela arte verbal do poeta. Ao perguntar pela elegia grega arcaica "hoje", esta comunicação busca compreender como a poesia teognídea pode contribuir para pensar a relação entre voz poética, sociabilidade e crise política. Sua transmissão, marcada pela recombinação de dísticos em contextos simposiais, desafia categorias modernas como autoria, unidade textual e expressão individual. Ao mesmo tempo, oferece um modelo para refletir sobre a poesia como prática social: não apenas representação da

cidade, mas intervenção e posicionamento diante de seus conflitos. Assim, a partir da leitura de versos da Teognideia, buscaremos abordá-la como um campo de tensão entre tradição e performance, indivíduo e comunidade, aristocracia e pólis, passado arcaico e inquietações contemporâneas.

O ELOGIO DA PÓLIS EM DUAS ODES PARA PÍTEAS DE EGINA: PÍNDARO, NEMEIA 5 E BAQUÍLIDES, EPINÍCIO 13

Ricardo Tieri de Brito

Resumo: Esta comunicação se debruça sobre a construção do elogio da pólis em duas odes compostas para celebrar a mesma vitória atlética, a Nemeia 5, de Píndaro, e o Epinício 13, de Baquílides. Os epinícios em honra do jovem Píteas de Egina, vencedor no pancrácio dos Jogos Nemeicos (c. 481 a.C.), integram um reduzido grupo de canções encomendadas a Píndaro e Baquílides que tem por objeto a mesma ocasião e que partilham o comitente. Expoentes do gênero, os poetas foram concorrentes diretos nas primeiras décadas do século V a.C. No contexto do epinício, subgênero da mélica coral cuja produção supérstite é majoritariamente de Píndaro e Baquílides, o elogio da pólis natal do vencedor era parte estrutural indispensável na tessitura das canções, incluindo a escolha de temas mitológicos ligados às localidades de origem do vencedor e sua família. Distinguindo-se não apenas em extensão, as canções dão ênfases diferentes à Egina e ao papel da pólis no compartilhamento do sucesso atlético, embora aludam igualmente às narrativas fundacionais da ilha e seu entrelaçamento com a linhagem dos Eácidas, em especial pela identificação de suas matriarcas. No poema de Píndaro, o encômio à família do vencedor e sua longa lista de sucessos atléticos têm primazia em relação ao elogio da pólis. Já no texto supérstite de Baquílides, Egina ganha um papel destacado, com um maior número de menções diretas ao longo do texto, além de ser associada de forma mais explícita à conquista atlética de Píteas. Busca-se, assim, identificar os distanciamentos e aproximações, pelos dois poetas, no emprego dessa estrutura convencional do gênero, o elogio da pólis; sua função pragmática, além de especular sobre diferenças nas audiências primárias de performances da Nemeia 5 e no Epinício 13.

PENÉLOPE INTÉRPRETE: O SONHO DOS GANSOS E A FORMAÇÃO DA ONIROCRÍTICA GREGA

Vanessa de Loiola Pinho

Resumo: O presente trabalho investiga o sonho dos gansos narrado por Penélope em Od. 19.535-553 como um episódio que pode ser compreendido como a primeira manifestação de oneirokritikḗ interna à

narrativa homérica. Partindo da leitura de Del Corno (1975), que identifica nesse episódio a forma arquetípica dos principais problemas da onirocrítica antiga, propõe-se que a cena não apenas apresenta um sonho profético, mas dramatiza o próprio processo de interpretação do sonho no interior da epopeia. Diferentemente dos sonhos da Ilíada, nos quais a mensagem divina se manifesta de maneira direta e literal, o sonho de Penélope apresenta uma imagem simbólica que exige decifração e cuja inteligibilidade depende da atividade interpretativa da própria personagem. Nesse contexto, Penélope assume a função de intérprete de sua experiência onírica, enquanto o diálogo subsequente com Odisseu participa da legitimação da leitura proposta. A análise examina a articulação entre narrativa onírica, reconhecimento simbólico e construção do sentido, observando de que modo a cena desloca o foco narrativo do plano da revelação onírica para sua interpretação. Argumenta-se que o episódio constitui uma formulação arquetípica de questões que serão posteriormente sistematizadas pela tradição onirocrítica grega, especialmente na Oneirokritiká de Artemidoro de Daldis. Sem pressupor uma relação de dependência direta entre os textos, busca-se evidenciar continuidades estruturais entre a reflexão homérica sobre o sonho e a posterior formalização da interpretação onírica como técnica especializada. Desse modo, pretende-se demonstrar como a Odisseia já elabora, em chave narrativa, problemas relativos à interpretação, à verdade e à inteligibilidade do fenômeno onírico.

ST: FIGURAÇÕES DAS ENCANTARIAS NA LITERATURA

Coordenação: Marisa Martins Gama-Khalil, Sonia Maria Gomes Sampaio e Eulisson Nogueira de Sousa

Resumo: O simpósio abrigará trabalhos que se proponham a realizar reflexões sobre manifestações de encantarias e/ou de seres encantados na literatura. Entendemos as encantarias como uma paisagem imaginária através da qual os seres encantados podem desvelar-se por meio de ficções. O poeta e teórico João de Jesus Paes Loureiro define as encantarias a partir do espaço mítico e poético constituído pela mata, pelos rios e também pelo sfumato ou devaneio, "onde habitam os encantados, os deuses da cultura amazônica" (Paes Loureiro, 2008, p. 7). Configura-se também como encantaria a linguagem que poetiza e/ou narra acontecimentos desse espaço encantado. Para Paes Loureiro, a conversão semiótica faz a função prática da linguagem ceder lugar à função poética, desautomatizando as palavras, reinventando-as. Ao falar de encantarias, naturalmente as palavras perdem o uso automatizado e buscam novos horizontes sígnicos. A irrupção "da função poética das abismais encantarias da linguagem ocorre no processo de re-hierarquização dos signos com a inversão da dominante que passa a ser exercida pela estética" (Loureiro, 2008, p. 16). A imaginação e o devaneio tomam conta dessa linguagem ressignificada. Para tratar

do devaneio, Paes Loureiro vale-se de uma noção da pintura, sfumato (esfumado), que é o efeito provocado pelo uso da estopa em vez do pincel, fazendo com que o desenho fique com as sombras esbatidas. esfumaçadas. É a natureza fugaz e imprecisa do sfumato que permite a passagem da experiência cotidiana para a experiência poética, da natureza humana para a natureza cósmica. O sfumato é o devaneio e este é "uma atitude sem repouso, mas tranquila do imaginário" (Paes Loureiro, 2015, p. 60). Esse imaginário é incessantemente instigado a manifestar-se num espaço repleto de florestas de árvores, águas e símbolos. O espaço por excelência das encantarias é a natureza e esta encontra-se entranhada de mitos, mistérios, revelações. No caso da Amazônia, trata-se da floresta aquosa, penetrada por águas reais e simbólicas, misteriosas. Os povos originários e as comunidades beiradeiras traduzem suas experiências na floresta através de histórias, faladas ou cantadas, repletas de encantarias. Os botos, curupiras, mapinguaris, iaras ou guayaras, matintas pereiras, kãweras, ypurés, assombrações, miragens e visagens são nalguns desses seres encantados que habitam as experiências diárias e imaginárias do povo amazônida. Encantados podem ser também os seres que desaparecem nas matas e águas, em função de ali permanecerem encantando as paragens, nas quais o sobrenatural é sempre natural. Os encantados estão espalhados pelas paisagens imaginárias de todas as regiões do Brasil, como o saci-pererê, o lobisomem, a curacanga, a mula-sem-cabeça, o bradador. Muitas experiências encantadas originam-se da relação íntima e simbiótica dos humanos com os animais, uma relação que, vista pelos olhos da razão ocidental, seria insólita. Contudo, os ameríndios têm uma visão animista da existência. O animismo manifesta uma equivalência autêntica e multinatural entre as relações que humanos e não-humanos cultivam consigo mesmos, por isso podemos dizer que os animais veem os animais como os humanos veem os humanos: como humanos (Viveiros de Castro, 2017). Assim, os sistemas animistas se caracterizam pela continuidade das relações entre humanos e não humanos; nesses sistemas, as interioridades e subjetividades comuns superam as descontinuidades representadas pelas diferenças corporais, físicas. Philippe Descola defende que o animismo consiste no melhor antídoto contra o solipsismo, pois em vez de um mundo centrado no eu, onde cada forma de existência existe confinada em função de características físicas específicas, existe o mundo animista, "gigantesco espaço de troca transespecífica", no qual "as interioridades que habitam tipos de corpos distintos começam a se comunicar numa linguagem comum" (Descola, 2023, p. 84). Relacionada ao animismo, a noção de perspectivismo ajuda a explicar algumas encantarias. Eduardo Viveiros de Castro aponta que tanto humanos como não-humanos apreendem o mundo através de perspectivas distintas. O perspectivismo encontra-se frequentemente relacionado "à ideia de que a forma manifesta de cada espécie é um mero envelope (uma 'roupa') a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos comutadores perspectivos transespecíficos, como os xamãs" (Viveiros de Castro, 2018, p. 57). O olhar animista e perspectivista abarca um sentido descolonizador, assim como também as encantarias, porque em todos esses casos se opera a possibilidade de discursos

transgressores e desautomatizadores. As narrativas ficcionais que trazem as encantarias em suas tramas desvelam sempre a transgressão, porque desautomatizam o olhar sobre as normas, sobre as verdades absolutas; sobre os discursos de dominação e de repressão. As encantarias funcionam como espaços de leveza e de fluidez, que podem nos fazer mudar a nossa percepção sobre o mundo que nos rodeia.

REPRESENTAÇÕES DO INSÓLITO EM TARUMÃ: PAIXÃO E CAOS, DE MARVIN CROSS

Elane da Silva Viana

Resumo: O imaginário popular amazônico é marcado pela presença de personagens encantadas que inspiram poetas e prosadores locais, perpetuando, ao longo de gerações, narrativas insólitas em sua literatura. Entre os autores da região que se inspiraram nesse imaginário está Marvin Cross, pseudônimo do professor Marcos Vinícius Borges, autor de Tarumã: paixão e caos, fantasia urbana ambientada no Amapá. A obra traz como personagens de sua trama tanto elementos lendários nacionais amplamente conhecidos, como Boto, Saci e Iara, quanto figuras mais regionalizadas como a Matinta e o Tarumã, dentre outros personagens. Os cenários locais escolhidos pelo autor ajudam a complementar a ambientação insólita da obra. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo explorar as manifestações insólitas da cultura amazônica presentes na obra Tarumã, de Marvin Cross, discutindo também o atual cenário da literatura fantástica no Amapá. Para tanto, discorre-se brevemente a respeito dessa modalidade literária, a partir das discussões de teóricos como Roas (2014) e Matangrano e Tavares (2019). Argumenta-se ainda sobre como essa modalidade se concretiza no contexto literário amapaense, sobretudo ao explorar temas culturais da região amazônica, como suas lendas, crenças, espacialidade e tradições, resultando em narrativas que provocam o imaginário do público leitor. Para isso, tomou-se como suporte, principalmente, o estudo feito por Marino (2022) a respeito da literatura amapaense, e como corpus da pesquisa a obra Tarumã: paixão e caos, analisada com foco na construção e no desenvolvimento das personagens lendárias ao longo da narrativa.

ENCANTOS E ENCANTARIAS EM O MISTÉRIO DA SECA DO RIO MADEIRA

Eulisson Nogueira de Sousa

Resumo: A proposta deste trabalho é refletir a construção literária do imaginário e das encantarias na obra O mistério da seca do Rio Madeira, de autoria de Josélia Fontenele Batista, Iza Reis Gomes, Maranei

Rohers Penha, Saulo Gomes de Sousa, com ilustrações de Flávio Dutka. Publicado em 2025, o livro infanto-juvenil narra a história de duas crianças, Janaína e Cauã, que, guiadas pelos seres encantados da floresta e das águas, mergulham em uma aventura em busca de descobrir as razões que levaram à seca histórica de um dos maiores rios de água doce do mundo, o Rio Madeira. É nesse contexto que as crianças, embaladas pelas histórias da vó Maroca, resolvem desvendar os mistérios da seca e se entregar às águas do rio Madeira em um encontro com seres encantados de águas e terras, atendendo a um chamado: "E quando ela chama assim... é porque algo quer ser achado, mas só por quem tem coragem pra ouvir o que não tem voz." O espaço escolhido pelos autores e autoras para construção desta narrativa reverbera a cosmogonia amazônica, pois, como diz Paes Loureiro, as águas, os rios, são habitat das encantarias. É no fundo das águas que, para uma sociedade regida pelo imaginário, residem as respostas dos mistérios e de "um modo de ser no mundo e com o mundo." Portanto, a partir das teorias de J.J Paes Loureiro, João Mendonça Souza, Regina Zilberman, Magda Soares, Marisa Lajolo e outros que contribuam para o debate aqui proposto, discutiremos os encantos, a beleza, e a importância de suscitar as encantarias na literatura infantojuvenil na construção da identidade dos sujeitos que habitam o grande vale, de onde emergem as poéticas das águas e matas, sujeitos e memórias. Em uma poética que, segundo Paes Loureiro, "evola do devaneio, da livre expressão do imaginário".

ENCANTADOS E ENCANTARIAS NA OBRA MARIA DO RIO DE NAIR GURGEL DO AMARAL

Iara Cristiane Leal da Silva

Resumo: Na literatura brasileira, especialmente na tradição oral, no folclore e nas manifestações ligadas às religiões afro-brasileiras e indígenas, os termos "encantados" e "encantarias" carregam significados profundos e simbólicos. Na obra Maria do Rio, a protagonista Maria é uma beiradeira, moradora das margens que tem o hábito de pescar todo fim de semana nas águas do Rio Madeira, em Porto Velho, Rondônia. Nesse contexto, o rio torna-se metáfora do próprio povo: resiliente, resistente à marginalização, às incertezas do caminho e às adversidades da vida. Esse simbolismo é evidenciado em passagens como: "O rio corria ligeiro, parecendo querer livrar-se das margens, do meio, do fundo, do curso, percurso incerto ao destino seguro." É uma narrativa, permeada por regionalismos, que retrata com sensibilidade o cotidiano ribeirinho, suas brincadeiras, seus costumes, as lendas amazônicas que fazem parte da cultura desse povo, tendo o rio como espaço principal e culmina em uma pajelança, ritual que reforça a presença do sagrado e das tradições ancestrais da Amazônia.Com base nos estudos de Loureiro

(2008) e Krenak (2017), busca-se analisar como as encantarias e os seres encantados permeiam o cotidiano dos povos ribeirinhos. Essas entidades mágicas também funcionam como símbolo da resistência e da força espiritual dos beiradeiros.

SANTA RITA PESCADEIRA: A POTÊNCIA CONTRACOLONIAL EM TORTO ARADO

Jerson Oliveira Mendes Junior

Resumo: Ambientado em uma fazenda fictícia na região da Chapada Diamantina, na Bahia, o romance Torto Arado (2019) destaca-se pelas narrativas – em primeira pessoa – de três vozes femininas marcantes: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, uma encantada cuja narração se configura como amálgama e arremate do contexto geral da obra. O enredo envolve as violências simbólicas, físicas e estruturais em decorrência da luta pelo direito à terra vivenciadas pelos habitantes da região que inspirou a ambientação do romance. Essas questões são representadas na narrativa segundo as vozes de mulheres negras, que destacam a situação dos descendentes dos africanos escravizados residentes no campo (remanescentes quilombolas), dos povos indígenas e a herança cultural destas populações expressa, principalmente, pela ritualística do jarê — religião endógena da Chapada Diamantina que sincretizou as referências do cristianismo católico, a religiosidade dos povos autóctones e os fundamentos do candomblé de nação nagô (Banaggia, 2015). Vencedor dos prêmios Jabuti (2020) e Oceanos (2020), Torto Arado conta com uma extensa fortuna crítica que, apesar de profícua, observa, em quase sua totalidade, as representações simbólicas contidas no romance por uma perspectiva ocidental que atribui aos seus fenômenos espirituais o limiar da fantasia e do insólito. No intuito de expandir o diálogo a partir das cosmopercepções (Oyěwùmí, 2021) dos povos indígenas e afrodiaspóricos, este trabalho pretende situar e refletir sobre a presença constante dos encantados e demais seres espirituais no mundo dos humanos, por meio da análise da personagem-narradora Santa Rita Pescadeira que, no contexto do romance, atuou como uma potência contracolonial (Bispo dos Santos, 2023), mobilizando a comunidade diante das injustiças e na defesa de seu território.

METAMORFOSE, SILENCIAMENTO E RESISTÊNCIA NA PERSONAGEM MAIBI EM INFERNO VERDE DE ALBERTO RANGEL

Larissa Gotti Pissinatti e Sonia Maria Gomes Sampaio

Resumo: O objetivo desse trabalho é analisar a personagem Maibi, presente na obra Inferno Verde de Alberto Rangel. A personagem, que também é o título de um dos contos da referida obra, manifesta a

condição da mulher amazônida no decorrer do processo de colonização, principalmente, no período de exploração da borracha. Maibi, após ser trocada e vendida como mercadoria, no decorrer de sua vida conjugal, acaba por desaparecer no seringal sendo reconhecida embutida em uma seringueira com seus pés coadunados às raízes, com seus braços e seu corpo moldados, como que fundidos à árvore, completamente despida. Por suas costas derramava como sangue o leite da seringa. Árvore e mulher estão profundamente ligadas uma à outra, manifestando o silenciamento da mulher amazônica e, ao mesmo tempo, a subversão das práticas colonizadoras nas relações de gênero. Para fundamentar essa reflexão utilizaremos os argumentos de Márcio Souza, João de Jesus Paes Loureiro, Emanuelle Coccia, Ana Pizarro, Raimundo Maués, dentre outros. Maibi, em sua metamorfose inacabada, nos remente aos seres encantados da Amazônia que, por sua vez, transitam entre o real e o irreal, o humano e o não-humano. Além disso, esse processo de transformação da personagem, metaforiza a exploração, opressão e dominação da mulher no processo de colonização da Amazônia, representada em um corpo desfigurado pela violência patriarcal.

ENTRE ENCANTADOS, ALUADOS E AMAZONIADOS: DISTINÇÕES DOS TERMOS NAS NARRATIVAS BERADEIRAS DA AMAZÔNIA RONDONIENSE

Mara Genecy Centeno Nogueira

Resumo: A presente pesquisa objetiva apresentar as distinções entre os termos "encantado", "aluado" e "amazoniado", usados na Amazônia nas narrativas de encantamento. Contudo, não é em toda margem amazônica que o termo "encantado" é utilizado, embora possamos dizer que seja o mais recorrente, pois é atribuído, em algumas narrativas, aos sujeitos que morreram ou desapareceram nas águas ou na floresta e, como os corpos não foram localizados, são considerados encantados. Porém, na Amazônia paraense, por exemplo, verificamos a utilização do termo "aluado" para designar o sujeito que, ao passar por um encontro com encantados da floresta ou das águas, sofre um choque tão forte a ponto de perder a consciência e ficar vagando por dias na floresta ou às margens de algum rio. Mesmo quando consegue ser resgatado, permanece para sempre aluado, ou seja, meio louco. Quanto ao termo "amazoniado", este é localizado em algumas narrativas colhidas entre os beraderos que vivem às margens dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira. Amazoniar-se significa um encontro com um ser encantado; porém, o sujeito não morre nem tampouco fica aluado. Simplesmente sofre um encontro que resulta em uma espécie de clarividência sobre a vida, a natureza e o território. Depois do encontro, volta transformado, com outra percepção sobre o lugar onde vive. Um forte instinto de proteção é aguçado, fazendo com que enxergue o

território como espaço de pertencimento e de cuidado com a floresta e as águas. A pesquisa dialoga especialmente com Cusicanqui (2021), que defende a interpretação do mundo indígena e dos saberes populares como racionalidades para além do pensamento científico ocidental e com De La Cadena (2022) contribui para pensarmos, principalmente por meio do conceito de "seres-terra", os encantados como entidades que ajudam, por meio do "amazoniar", no despertar da consciência para o território.

REPENSANDO O MEDO E O ASSOMBRO NO BEIRADÃO RONDONIENSE

Mara Genecy Centeno Nogueira

Resumo: No período conhecido como ciclo da borracha, o beiradão rondoniense foi construído pela colonização como um lugar distante e atrasado em relação ao centro colonial. Embora reconhecido por historiadores e literatos como lugar estratégico para economia gomífera, pois a produção da borracha destinada aos mercados nacional e internacional fluía das margens dos rios e dos seringais, esse lugar permaneceu marcado por representações inventivas e negativas, advindas de uma lógica civilizatória que demarcava de modo antagônico cidade ao beiradão, urbano ao rural e progresso à tradição. O atraso atribuído ao lugar acontecia, na percepção de muitos olhares, pelo fato de ser habitado por seringueiros e beiraderos que viviam em colocações ou nas barrancas dos rios, mantendo modos de vida profundamente vinculados aos rios e à floresta. Nas noites de lua cheia, era comum ouvir narrativas de medo centradas em assombrações e encantados das águas e da floresta. Essas narrativas foram interpretadas por cronistas e viajantes como "histórias de pescador", "folclore" ou como parte de superstições populares, dada suas origens dos povos indígenas e das populações tradicionais amazônicas. Entretanto, repensando-as não como relatos fantasiosos, revelam-se como formas de ver, expressar e experienciar o mundo amazônico. Nesse sentido, o objetivo da nossa investigação é compreender como os modos de viver, sentir e de saber do sujeito beiradeiro ressignificam um lugar historicamente concebido como atrasado para um território compreendido como simbólico produzido pela experiência do vivido, das memórias coletivas e das relações entre rios, florestas e encantados. A pesquisa dialoga com reflexões de Marco Teixeira (s/d) sobre o Beiradão das Visagens, com os estudos de Mara Nogueira e Sônia Sampaio (2020) sobre assombrações na Amazônia rondoniense, Eduardo Viveiro de Castro (2002) e (2005) sobre a cosmogonias indígenas, buscando repensar o Beiradão como território de produção de sentidos, saberes e formas próprias de existência.

MATINTA PEREIRA, UMA METAMORFA ENCANTADA DE MÚLTIPLAS FACES

Marisa Martins Gama-Khalil

Resumo: O trabalho tem como objeto de estudo a encantada metamorfa conhecida como Matĩ Tapéwera ou Matinta Pereira, frequentemente caracterizada em narrativas antigas dos povos da floresta como bruxa da Amazônia. O estudo focaliza versões de histórias que realçam alguns aspectos basilares para a compreensão dessa encantada: sua condição de encantada, seus processos metamórficos, sua caracterização como protetora da mata, e sua relação com procedimentos sociais de invisibilização e marginalização das mulheres e dos encantados. . Essa metamorfa amazônica, cujo nome parece também estar em constante metamorfose, é uma visagem que assombra as noites do Norte do Brasil, assumindo frequentemente distintas corporalidades: o corpo de ave agourenta, o corpo de velha horrenda ou ainda, em alguns casos, o corpo de menino esquálido. É bruxa, monstra, visagem, encantada. São figurações que, nas narrativas antigas dos povos da floresta, sempre vêm atreladas à ideia de respeito e de medo. Neste estudo, serão abordadas diversas histórias dessa bruxa com o intuito de demonstrar as múltiplas formas corporais que assume, os variados motivos de sua origem, bem como os sentidos deflagrados das narrativas como um todo. Como será demonstrado, Matinta se configura como um ser com várias facetas, do horror à proteção, com diversas corporalidades e, por ser assim, instiga múltiplas possibilidades de compreensão. Uma fadista, que carrega a sina de ser uma mulher forçada a viver à margem da sociedade, contudo, pelas suas metamorfoses, parece renascer sempre, reverberando, em seu assobio, a sua condição de invisibilidade em narrativas orais e escritas em pleno século XXI.

A PRESENÇA DE SERES ENCANTADOS EM ANTOLOGIAS BRASILEIRAS DA LITERATURA FANTÁSTICA

Mauro Nicola Póvoas

Resumo: O projeto de pesquisa "O fantástico brasileiro: história da literatura e antologias", desenvolvido na FURG, examina as antologias da literatura fantástica publicadas no Brasil, desde 1958, data da primeira delas ("Maravilhas do conto fantástico", organizada por Fernando Correia da Silva e José Paulo Paes, da Editora Cultrix), até a contemporaneidade. A ideia é investigar as diferentes coletâneas surgidas no Brasil ao longo deste período, a partir do entrecruzamento de aspectos em torno da história da literatura, do fantástico, da teoria do conto e do papel e do sentido do livro de caráter antológico. A comunicação tem por objetivo estudar a presença de seres encantados originados de lendas e mitos brasileiros, como o lobisomem, a mula-sem-cabeça e o boto cor-de-rosa, entre outras aparições, em contos de duas antologias da literatura fantástica com autores exclusivamente nacionais: "O conto fantástico", organizada por

Jerônimo Monteiro e publicada em 1959 pela Editora Civilização Brasileira, e a recente "Medo imortal", organizada por Romeu Martins, em 2019, pela Darkside Books. Pretende-se examinar como se dá a construção do fantástico em contos selecionados desses dois livros, a partir da utilização da natureza como força cósmica e da fabulação de elementos lendários, especialmente do Norte e do Nordeste, conferindo às narrativas determinados traços de regionalidade, em aspectos como a ambiência, a narração e a caracterização das personagens.

DA NIX À MÃE D'ÁGUA: ENCANTARIAS DAS ÁGUAS PARADAS

Sylvia Maria Trusen

Resumo: Heraldo Maués (2001), em seu estudo sobre certos aspectos recorrentes na cultura cabocla amazônica, destaca elo entre os relatos acerca dos encantados na região por ele estudada, e o repertório lendário europeu, do qual advém grande parcela dos textos endereçados às crianças. Efetivamente, chama a atenção do estudioso comparatista a recorrência de certos motivos e/ou figuras míticas que transitam para além das fronteiras nacionais, ou continentais. Dentre elas, vale lembrar os relatos sobre a Mãe d'Água ou a Iara, em que ressoa a Nix europeia. Em ambos, nota-se o lugar crucial da água na elaboração poético-narrativa. Constatando, portanto, o papel preponderante deste elemento na elaboração poética do espaço amazônico, este trabalho visa empreender a leitura comparada entre a Mãe d´Água e a Nixe do norte europeu. Eleitas para o cotejo serão duas narrativas reunidas pelo projeto de recolha de narrativas orais nas regiões de Bragança ("O poço") e Santarém ("A bela loira do rio"), no Pará, e o conto "A Nixe", transcrito pelos Irmãos Grimm (1982), em 1812, no seu acervo Contos maravilhosos para as crianças e para o lar. A razão do cotejo deriva da observação do fascínio e temor exercido pelas águas paradas tanto no mundo amazônico quanto no nórdico-europeu, conforme testemunham as narrativas compiladas. Espera-se, por conseguinte, evidenciar, mais além de fronteiras geográficas, sedimento comum apontando para a fantasmagoria em torno das águas estagnadas. Para tanto, serão mobilizados não só os trabalhos sobre as lendas, encantarias, e o maravilhoso amazônico, como também os estudos freudianos e o pensamento de Bachelard (1998), em A poética das águas.

ST: GÊNERO, DIÁSPORA E TEMPORALIDADES QUEER NO BILDUNGSROMAN PÓS-COLONIAL

Coordenação: Luiz Manoel da Silva Oliveira e Paulo Henrique de Sa Junior

Resumo: Este Simpósio Temático propõe uma leitura comparada crítica e meticulosa do Bildungsroman pós-colonial, focalizada nas temporalidades queer que subvertem as narrativas convencionais de formação em literaturas do Caribe, África e Lusofonia. Partindo do modelo europeu formulado por Franco Moretti em The Way of the World: The Bildungsroman in European Culture (2000), que entende o gênero como um percurso linear de maturação individual, reconciliação interior e integração à sociedade burguesa, o ST examina como romances diaspóricos rompem essa estrutura teleológica e deslocam seus pressupostos históricos e formais. Em lugar de uma progressão ordenada e resolutiva, emergem temporalidades não normativas: suspensões que interrompem o devir subjetivo, circularidades que prolongam o exílio sem promessa de retorno, falhas que transformam o fracasso em gesto de resistência, precariedades que revelam a vulnerabilidade constitutiva da experiência colonial e recusas radicais à heteronormatividade racializada. Interseções de gênero, raça, sexualidade e migração diaspórica operam como forças de desestabilização da narrativa formativa clássica, convertendo a Bildung em itinerários de crise intersubjetiva, pertencimento instável e imaginação de futuros desviantes. Nesse horizonte, o "queer art of failure" de Jack Halberstam em The Queer Art of Failure (2011) permite ler o insucesso como estratégia crítica contra regimes temporais normativos, enquanto a "poética da relação" de Édouard Glissant em Poetics of Relation (1997) oferece um glossário para pensar relações opacas, rizomáticas e transnacionais como alternativa às identidades totalizantes. No panorama caribenho, as narrativas de formação dialogam com a memória fragmentada e marítima evocada por Derek Walcott em "The Sea is History" (1979), em que o mar funciona como arquivo de violência, dispersão e sobrevivência. Essa imagem marítima encontra ressonância na noção de "slow violence" formulada por Rob Nixon em Slow Violence and the Environmentalism of the Poor (2011), pois a colonialidade aparece menos como evento pontual do que como duração desigual, difusa e acumulativa. Nesse registro, o Bildungsroman deixa de organizar uma trajetória de ascensão e passa a encenar temporalidades dilatadas, interrompidas e espectrais. As "territories of the soul" discutidas por Nadia Ellis em Territories of the Soul: Queered Belonging in the Black Diaspora (2015) ajudam a compreender como sujeitos negros e diaspóricos elaboram formas de pertencimento que não dependem da fixidez territorial, mas de vínculos afetivos, sexuais e políticos provisórios. A formação, assim, não culmina em síntese, mas em negociação contínua entre deslocamento, memória e reinvenção do self. Na África e na Lusofonia, o ST observa como masculinidades hegemônicas, tal como redefinidas por Raewyn Connell e James W. Messerschmidt em "Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept" (2005), se tornam instáveis quando atravessadas por migração, racialização e

desejo dissidente. Dominic Pasura e Anastasia Christou, em "Men and Masculinities in Migration" (2018), mostram que a mobilidade internacional não apenas altera repertórios identitários, mas também evidencia fraturas no ideal de masculinidade autônoma, produtiva e disciplinada. Em narrativas pós-coloniais, essas fraturas aparecem como crises de autoridade, vulnerabilidade emocional, recusa da virilidade normativa e abertura a formas relacionais de subjetividade. A antologia Black Queer Studies: A Critical Anthology, organizada por E. Patrick Johnson e Mae G. Henderson (2005), fornece um ponto de apoio decisivo para pensar essas subjetivações a partir da interseção entre raça, gênero e sexualidade, enfatizando como sujeitos negros queer produzem modos de existência que escapam às cronologias binárias do progresso, da maturação e da adequação social. As inovações formais mobilizadas por essas narrativas são centrais para o argumento do simpósio. Elipses temporais, polifonias, fragmentação enunciativa, circularidades narrativas e interrupções rítmicas deslocam a centralidade do indivíduo autônomo e reorganizam o romance em torno de subjetividades interdependentes, coletivas e transnacionais. Assim, a formação deixa de ser um processo de interiorização de normas e passa a ser um campo de disputa entre memória, corpo, comunidade e história. O simpósio busca reunir pesquisas que analisem como o Bildungsroman pós-colonial reescreve a formação sob o signo da diáspora, da dissidência sexual e da opacidade relacional. Pretende-se, com isso, ampliar o debate comparatista ao examinar obras e corpus diversos sem perder o foco conceitual, articulando literatura, teoria crítica e história cultural. Ao delimitar seu escopo nas temporalidades queer, o ST reafirma sua pertinência para a literatura comparada e para os debates contemporâneos sobre forma romanesca, colonialidade e transnacionalismo. A proposta contribui para o fortalecimento de uma leitura sul-global das literaturas pós-coloniais, capaz de interrogar o universalismo implícito do modelo europeu de formação e de evidenciar outras lógicas temporais, afetivas e políticas. Em consonância com os 40 anos da ABRALIC, o simpósio valoriza a bibliografia crítica aqui mobilizada e convida trabalhos que explorem, em chave original, as relações entre formação, deslocamento e dissidência, reafirmando a centralidade da comparação como método e como gesto intelectual.

DA INTERGRAÇÃO À RECUSA: A ANTIFORMAÇÃO DE SÍLVIA EM FLOR DE GUMA

Abilio Pachêco de Souza e Renata Viviane Paiva Souza

RESUMO: O romance de formação consolidou-se na tradição literária ocidental como uma narrativa orientada pelo desenvolvimento progressivo do indivíduo em direção à maturidade e à integração social. Contudo, parte da literatura contemporânea tem tensionado esse paradigma ao representar trajetórias marcadas pela ruptura, e pela recusa de modelos normativos de subjetivação. Inserido nesse debate, este trabalho propõe uma leitura da trajetória da personagem Sílvia, em Flor de Gume (2021), de Monique

Malcher, a partir das reconfigurações contemporâneas do Bildungsroman. O objetivo é analisar de que modo a experiência formativa da personagem desloca os pressupostos do romance de formação tradicional, produzindo uma trajetória marcada pela dissidência. Para tanto, o estudo fundamenta-se nas contribuições de Maas (2000) e Cristina Ferreira Pinto (1990) acerca do romance de formação, bem como na noção de antiformação desenvolvida por Sarmento-Pantoja (2022). A análise demonstra que a constituição subjetiva de Sílvia se organiza por meio de experiências de violência simbólica, silenciamento que desestabilizam os percursos formativos convencionais. Nesse processo, a personagem constrói formas de resistência e reexistência que transformam a dissidência em elemento estruturante de sua formação. Argumenta-se, assim, que Flor de Gume (2021) reconfigura o Bildungsroman ao apresentar uma experiência de antiformação na qual a recusa da adequação social e de gênero substitui a conciliação característica do modelo clássico. Desse modo, a obra amplia as possibilidades contemporâneas do romance de formação e contribui para o debate sobre subjetividades femininas dissidentes na literatura brasileira contemporânea.

ST: INTERMIDIALIDADE E LEITURA: MULTILETRAMENTO LITERÁRIO E CULTURAL

Coordenação: Elaine Barros Indrusiak, Ana Cláudia Munari Domingos e Thaïs Flores Nogueira Diniz

Resumo: Este simpósio temático propõe reunir pesquisas que investiguem as relações entre intermidialidade e leitura, com ênfase na reconfiguração do campo literário em contextos de convergência midiática. Parte-se do entendimento de que a literatura, longe de constituir um domínio autônomo e isolado, insere-se em redes complexas de produção, circulação e recepção de sentidos, nas quais interage continuamente com outras mídias, linguagens e práticas culturais. Nesse cenário, a leitura literária deve ser compreendida como uma prática situada, atravessada por materialidades diversas e por formas múltiplas de textualidade, que vão do impresso aos ambientes digitais. Tal perspectiva implica deslocar concepções tradicionais de leitura centradas exclusivamente no texto verbal, reconhecendo que a construção de sentido, na contemporaneidade, se dá em contextos intermidiais, nos quais diferentes sistemas semióticos se articulam. A intermidialidade, conforme desenvolvida por autores como Claus Clüver (2006; 2011), Irina Rajewsky (2005) e Lars Elleström (2017; 2021), oferece um quadro teórico fundamental para a análise dessas relações. Em diálogo com a tradição da Literatura Comparada e com o conceito de transtextualidade de Gérard Genette (2006), esse campo permite compreender as interações entre textos e mídias como parte de um mesmo horizonte de investigação, no qual se articulam processos de adaptação, remediação, transposição e circulação transmidial. Ao mesmo tempo, o campo enfrenta desafios teóricos importantes, especialmente no que diz respeito à instabilidade terminológica e à sobreposição de

categorias como multimodalidade, transmidialidade e remediação. Essa dispersão conceitual não apenas dificulta o diálogo entre áreas, mas também compromete a aplicação desses conceitos em contextos de ensino e formação de leitores. Nesse sentido, torna-se central o esforço de articulação entre diferentes tradições teóricas, especialmente entre os Estudos de Intermidialidade e a Teoria da Literatura, de modo a consolidar um vocabulário crítico mais consistente e operacional. É nesse ponto que a noção de multiletramentos, tal como desenvolvida por Gunther Kress (2010), adquire relevância particular. Ao ampliar o conceito de leitura para abarcar múltiplas linguagens, mídias e modos de significação, essa perspectiva permite compreender a formação do leitor como um processo que envolve competências diversas, necessárias à interpretação de textos híbridos e multimodais. Nos Estudos de Intermidialidade, Elleström revistou o conceito de multimodalidade a partir da descrição das modalidades das mídias, que o complexifica mas, ao mesmo tempo, estabelece parâmetros para a análise de como os textos constroem sentido. Articulada ao conceito de letramento literário (COSSON, 2019), essa abordagem possibilita repensar o lugar da literatura na formação cultural contemporânea, não como prática isolada, mas como parte de um sistema mais amplo de práticas discursivas. Do ponto de vista da Literatura Comparada, tal deslocamento implica reconhecer que as relações entre textos e mídias não constituem um fenômeno periférico, mas um eixo estruturante das formas culturais contemporâneas. A circulação de narrativas entre diferentes mídias, a emergência de práticas de leitura em ambientes digitais e a crescente hibridização das formas expressivas demandam abordagens que ultrapassem fronteiras disciplinares rígidas, sem, contudo, abdicar do rigor conceitual característico dos estudos literários. No âmbito do ensino, esse cenário evidencia a necessidade de repensar a formação de leitores à luz dessas transformações. Embora documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) incorporem noções como multimodalidade e cultura digital, sua operacionalização ainda encontra obstáculos, sobretudo pela ausência de modelos teóricos integrados que articulem tais conceitos às práticas pedagógicas. A leitura, nesse contexto, deve ser concebida como prática intermidial, capaz de articular diferentes linguagens e de promover uma compreensão crítica das formas culturais contemporâneas. Nesse sentido, tantos os conceitos de letramento e de competência leitora quanto as práticas de formação e qualificação de leitores, que, por certo, não se limitam ao contexto da educação básica, devem ser, também, intermidiais. Este simpósio convida, portanto, trabalhos que explorem, entre outros, os seguintes eixos: (1) intermidialidade e Literatura Comparada; (2) leitura literária em contextos midiáticos expandidos; (3) multiletramentos e formação do leitor; (4) relações entre literatura e outras mídias; (5) circulação transmidial de narrativas; (6) ensino de literatura em perspectiva intermidial. Ao propor este espaço de interlocução, busca-se contribuir para o fortalecimento da Literatura Comparada no cenário mais amplo das Estudos de Mídia e das Humanidades, reafirmando sua capacidade de dialogar criticamente com as transformações culturais contemporâneas. Ao mesmo tempo, pretende-se destacar a centralidade da

leitura — entendida em sua dimensão ampliada — como prática fundamental para a formação crítica dos sujeitos em uma sociedade marcada pela multiplicidade de linguagens e mídias.

POR UM SOPRO A MAIS DE VIDA: LITERATURA, LEITURA E PERFORMANCE

Alex Sandro Martoni

Resumo: Especular sobre a vida ou a morte da literatura hoje não significa necessariamente aventar a possibilidade de seu desaparecimento, como sugeria Blanchot. Não parece haver nenhuma razão para que acreditemos que esse seria o horizonte de uma sociedade futura. A "volta do romanção", como salienta Leyla Perrone-Moisés (2016), a difusão dos desafios de slam em festas literárias e a emergência e popularidade dos booktubers parece contradizer, em grande medida, as especulações dos apocalípticos. A linguagem simbólica, em seu matiz ficcional, ainda parece se oferecer como um lugar bastante profícuo para se encenar os dramas humanos - ou, muitas vezes, os dramas da própria linguagem - e, assim, fomentar o exercício da auto–reflexão, da perspectivação de valores, da fricção de identidades e da produção de pensamento conceitual. Tudo isso temperado com o desejo e o prazer. Dentro dessa perspectiva, as tecnologias de áudio vêm se tornando um poderoso aliado na recuperação da vida própria ao texto literário, uma vez que exige do leitor, em sua enunciação em voz alta, uma atenção às dimensões rítmica e prosódica do texto. Assim, esta comunicação tem por objetivo apresentar um conjunto de práticas de leitura, gravação e edição em sala de aula, com o auxílio de tecnologias de áudio, que permitam abordagens do texto literário voltadas a recuperar, em grande medida, a sua vitalidade.

LEITURA COMPARADA DAS MÍDIAS: TRANSTEXTUALIDADE E INTERMIDIALIDADE

Ana Cláudia Munari Domingos

Resumo: No seu conhecido ensaio "Escrever a leitura", publicado em O rumor da língua (1984/2004), Roland Barthes nos fala sobre como ler envolve escrever o texto. Barthes usa a imagem do levantar a cabeça para falar sobre o modo como o leitor interrompe a leitura para "ouvir outra coisa" - Wolfgang Iser (1979/1996) associa essa chamada ao leitor à indeterminação. No caso da leitura literária, isso se torna, no pensamento de Gerard Genette em Palimpsestos (1982/2006), a essência da construção de sentido, pois a literatura guarda uma natureza transtextual. Essa transtextualidade abarca cinco tipos de interações entre os textos - a arquitextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a intertextualidade e a hipertextualidade. A intertextualidade é a mais conhecida entre elas no sentido desenvolvido por Julia

Kristeva (Critique, 1967, e Sèméiôtikè, 1969) como um "mosaico de citações". Todas essas formulações em torno do modo como lemos literatura "levantando a cabeça" nos leva à constatação de que toda construção de significado funciona pela comparação. A leitura comparada é, assim, o modo como os textos literários significam para os leitores e se "concretizam" a partir do "polo estético" (O ato de leitura, Wolgang Iser, 1972/1996/1999). Na atualidade, sobretudo a partir da chamada "cultura das mídias" (Lúcia Santaella, 1992), essas interações têm sido colocadas em perspectiva através da Intermidialidade. A leitura sempre foi transtextual e intermidial, hodiernamente os textos têm sido colocados em convergência em um "universo expandido" (Arthur Gomes e Elaine Indrusiak, 2021), evocando novos modos de produzir e receber essa diversidade de mídias. Na leitura escolarizada, trabalhar a literatura significa "ouvir" essa profusão de "vozes". Este trabalho busca descrever teórico-pragmaticamente esse cenário da transtextualidade e da intermidialidade, também como uma zona comparada, com o objetivo de tecer fronteiras entre os dois campos de estudo das relações entre textos e mídias.

CLÁSSICOS PARA NOVOS TEMPOS: INTERMIDIALIDADE E LEITURA NAS RETRADUÇÕES DE JANE AUSTEN PELA ANTOFÁGICA

Ana Lucia Teixeira Mendes da Fonseca

Resumo: Este trabalho analisa o projeto editorial das retraduções de Jane Austen publicadas pela Editora Antofágica, observando como essas edições articulam literatura, cultura pop, mercado editorial e diferentes mídias na contemporaneidade brasileira. O corpus é composto pelas edições de Orgulho e Preconceito (2021), Emma (2023) e Persuasão (2024), considerando não apenas os romances traduzidos, mas também os elementos paratextuais e intermidiáticos que acompanham essas publicações, como apresentações, posfácios, ilustrações e videoaulas acessadas por QR codes. Partindo das discussões da Virada Cultural nos Estudos da Tradução (BASSNETT, 2007; BAKER, 1999; SNELL-HORNBY, 2010), busca-se demonstrar como a cultura de chegada orienta as escolhas editoriais e tradutórias da Antofágica. Nesse sentido, a editora não apenas republica obras canônicas, mas promove processos de ressignificação cultural, aproximando Jane Austen do público brasileiro contemporâneo por meio da participação de influenciadoras digitais, artistas visuais, pesquisadoras acadêmicas e escritoras brasileiras. A análise dialoga com os Estudos de Intermidialidade, especialmente com Lars Elleström (2017; 2021), ao compreender essas edições como produtos multimodais e inter-relacionados. Conforme propõe o autor, as mídias não podem ser analisadas isoladamente, uma vez que compartilham recursos e estabelecem relações constantes entre si. Assim, as retraduções da Antofágica ultrapassam a dimensão exclusivamente verbal do

texto literário e constroem uma experiência de leitura expandida, na qual imagem, vídeo, redes sociais e mediação crítica participam da produção de sentidos. Desse modo, pretende-se discutir como estratégias editoriais intermidiáticas contribuem para a circulação contemporânea do cânone literário, ampliando o alcance das obras de Jane Austen e formando novos leitores no contexto cultural brasileiro.

A NARRATOLOGIA FUNCIONALISTA COMO FERRAMENTA PARA UM ENSINO DE NARRATIVA INTERMIDIAL

Arthur Maia Baby Gomes

Resumo: O presente trabalho busca compreender em que medida a narratologia funcionalista, em especial, os textos de Meir Sternberg (1993; 2011; 2012), Tamar Yacobi (1981; 1985) e Eyal Segal (2024), pode contribuir para o paradigma do ensino de literatura brasileiro, caminhando em direção a um ensino que seja, primeiro, multimodal, e segundo, que considere a pluralidade de leituras e interpretações como parte integrante do processo de letramento literário. A hipótese a ser trabalhada é que uma teoria da narrativa que a entenda como texto onde predominam efeitos temporais (curiosidade, surpresa e suspense), e que demanda um processo ativo por parte do leitor de criação e verificação de hipóteses interpretativas oferece uma série de ferramentas teóricas coerentes com propostas do campo da linguística aplicada, como a de Rildo Cosson (2006). Partindo da premissa de que existem estudos suficientemente desenvolvidos que nos permitem aferir o potencial intermidial das propostas funcionalistas (Arruda, 2022; Gomes e Indrusiak, 2021; Lopes, 2023; Schons, 2022) , esse arrazoado teórico também almeja apresentar, ainda a nível hipotético, possíveis práticas didáticas que partam de um entendimento funcionalista do texto narrativo, como, por exemplo, a criação de uma linha do tempo de expectativas, o adiantamento de trechos como motivadores da leitura a ser feita fora da sala de aula, ou debates sobre protagonismos ancoradas nos indicadores de centralidade.

TRANSMIDIAÇÃO E LEITURA: UMA METODOLOGIA PARA A ECOCRÍTICA

Cristine Fickelscherer de Mattos

Resumo: Nossa hiperconectividade evidenciou a midialidade das obras literárias nos sentidos sincrônico (combinação e integração de mídias) e diacrônico (midiação e transformação midiática) (Elleström, 2017). Os Estudos sobre Intermidialidade vem evidenciando a importância dos fatores midiáticos para a leitura de obras literárias, aportando recursos teóricos às dimensões consolidadas dos Estudos Literários (Compagnon (1999). Contudo, devido à forte ligação entre mídia e tecnologia, é frequente a associação

entre análise intermidiática e inovações literárias contemporâneas. Esta comunicação o faz, diversamente, em relação a obras clássicas, através de uma metodologia de leitura que se propõe a lê-las criticamente pelas lentes da transmidiação. O objetivo desse proceder é alterar os modos de modalidade envolvidos na produção, na transmissão e na percepção de conteúdos, cuja midialidade a convenção fez transparente ou "natural" e cuja tradição literária gerou interpretações cristalizadas. Partindo das bases semióticas dos conceitos propostos por Elleström e de investigações em áreas de estudos correlatas, também voltadas para os processos de significação e cognição, este trabalho procura demonstrar que as transmidiações abrem caminho para a ressignificação e possibilitam novas cognições dos conteúdos de obras clássicas da literatura (Puchner, 2022). A fundamentação e a explicação da metodologia de leitura crítica transmidiática conta com exemplificação de possibilidades de aplicação voltadas para um mesmo foco crítico-analítico, determinado pela crise climática mundial: a figuração das relações do ser humano com natureza e o posicionamento da indigeneidade junto a elas. A exemplificação tem em conta clássicos da literatura mundial que, por sua relevância e legado são representativos de perspectivas dominantes, raiz de problemas ambientais discutidos pela ecocrítica (Garrard, 2023). A proposta entende que soluções para a crise ambiental passam pela leitura crítica dos alicerces da ontologia cultural (Castro, 2019) de nossos clássicos, que, por sua vez, passa pela ressignificação de nossos modos de midiação com e sobre o meio ambiente.

O LIVRO NÃO MORREU, TRANSFORMA-SE: A PERFORMANCE E A INTERMIDIALIDADE NO PROJETO LIVRARIA GRÁFICA

Eduardo Cezar da Silveira

Resumo: A pesquisa investiga as estratégias de comunicação adotadas no site oficial e no Instagram da iniciativa, as inovações trazidas para o mercado editorial brasileiro e a interação dos leitores com o catálogo. A hipótese defendida é de que a Livraria Gráfica constrói uma performance voltada a elevar o valor simbólico do livro impresso. Walter Benjamin, no ensaio A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (2018), afirma que "não é de hoje que uma das tarefas mais importantes da arte é produzir uma demanda cujo momento de solução completa ainda não tenha chegado" (p. 67). É nesse sentido que o projeto Livraria Gráfica se antecipa, no âmbito da pesquisa, na produção editorial e, por consequência, no varejo de livros impressos. O referencial teórico fundamenta-se no conceito de performance de Paul Zumthor (2018), relacionando à ideia de performance. Também recorre-se às discussões de Drucker (1995) sobre o Livro de Artista, dada a valorização do trabalho gráfico manual e a

singularidade das edições. Por fim, a abordagem ancora-se nos Estudos de Intermidialidade, embasados por Claus Clüver (2006), para analisar o transbordamento entre as artes, a produção editorial e os meios digitais. Clüver (2006) aponta que a "Intermidialidade diz respeito não só àquilo que nós designamos ainda amplamente como 'artes' [...], mas também às 'mídias' e seus textos, já costumeiramente assim designadas na maioria das línguas e culturas ocidentais." Ademais, Domingos, Garcia e Kist (2023) contribuem para o debate dos Estudos de Intermidialidade a partir de obras como Os falantes No. 1, de Verónica Bicecci, que "convidam a transferir conhecimento de uma área para outra, para que se possa entender sua complexidade." (Domingos, Kist, Garcia, 2023, p. 71). De viés qualitativo, a metodologia usa levantamento bibliográfico e capturas de tela. O estudo justifica-se ao compreender o consumo literário no Brasil contemporâneo.

LEITORES EM REDE: LEVANTAMENTO DE PRÁTICAS, PERFIL E PERCEPÇÕES DE LEITORES DE FANFICTION

Elaine Barros Indrusiak

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a fanfiction como prática de leitura literária intertextual e intermidial no contexto da cultura digital contemporânea, tomando como ponto de partida projeto de pesquisa em desenvolvimento voltado ao levantamento do perfil, das práticas e das percepções de leitores de fanfiction no estado do Rio Grande do Sul. Inserida no âmbito da Literatura Comparada, a pesquisa articula conceitos como literatura arcôntica (Abigail Derecho), cultura da convergência (Henry Jenkins), intermidialidade e transmidialidade narrativa (Lars Elleström), hiperleitura (Ana Cláudia Munari Domingos) e polissistema (Itamar Even-Zohar), a fim de compreender a fanfiction não apenas como derivação textual, mas como forma de circulação, expansão e apropriação de narrativas em sistemas culturais contemporâneos. A comunicação discute especialmente as implicações dessas práticas para os estudos de leitura e multiletramentos, considerando que a fanfiction mobiliza competências relacionadas à navegação entre mídias, à articulação de referências intertextuais e à participação em comunidades digitais de leitura e escrita. Nesse sentido, argumenta-se que leitores de fanfiction configuram formas de hiperleitura características da cultura participativa contemporânea, nas quais leitura, comentário, reescrita e circulação de narrativas se entrelaçam. Além de apresentar os pressupostos teóricos da pesquisa, o trabalho discute o potencial da fanfiction para ampliar a compreensão das práticas de leitura literária no Brasil, frequentemente restringidas, em levantamentos nacionais (cf. Retratos da Leitura no Brasil, 2024), ao consumo de livros impressos ou digitais. Ao privilegiar práticas de leitura não livresca e fortemente

intermidiais, a proposta busca contribuir para o debate sobre multiletramento literário e cultural, bem como para reflexões acerca da formação de leitores em ambientes digitais e transmidiais.

LEITURA EXPANDIDA E INTERMIDIALIDADE: GEOMETRIA, MEMÓRIA E TEMPO EM O LIVRO DO TEMPO, DE LYGIA PAPE

Jean Marcel Belmonte

Resumo: Este trabalho investiga o deslocamento do livro tradicional enquanto objeto material e propõe uma leitura expandida a partir do livro-objeto O livro do tempo, de Lygia Pape. O objetivo é experienciar novas formas de leitura da obra por meio das formas geométricas, estabelecendo uma relação entre espaço, tempo e memória. Situado no campo da intermidialidade, o trabalho compreende O livro do tempo como objeto que tensiona as fronteiras entre artes visuais, literatura e objeto plástico, exigindo do leitor/observador uma prática de leitura situada e atravessada por diferentes materialidades e sistemas semióticos. As geometrias utilizadas por Pape em O livro do tempo operam como estruturas de organização que expressam um tempo e um lugar determinados, o momento de sua criação, mas que também se prolongam no tempo por meio da memória e da imaginação do observador. Nesse sentido, a obra reflete uma tensão contínua entre a regularidade objetiva da geometria e sua abertura a experiências plásticas e temporais. A metodologia aborda a análise das imagens em conjunto com o referencial teórico de Frances A. Yates, em A Arte da Memória, Georges Didi-Huberman e Claus Clüver. A análise se desenvolve como um diálogo entre a imagem lida como palavra e a palavra refletida como imagem, em um cruzamento intermidial que constrói novas formas de aproximação entre os espaços da pintura e da literatura em uma obra atravessada por diferentes planos perceptivos.

A MATERIALIDADE DOS MULTILETRAMENTOS NA CRÍTICA FANÔNICA: MEMES E COMENTÁRIOS DIGITAIS COMO MEDIADORES CRÍTICOS DE OBRAS À REVELIA DO CÂNONE

Juan dos Santos Silva

Resumo: O presente trabalho investiga as valorações e os embates dialógicos presentes em interações de plataformas digitais em torno das práticas de leitura e escrita de obras do fânone, tomando como objeto de análise memes e comentários produzidos por leitores em redes sociais como TikTok e X (antigo Twitter). Partindo da noção de fânone enquanto conjunto de obras e práticas discursivas legitimadas por comunidades de fãs à revelia do cânone (Silva, 2024), o estudo busca compreender de que maneira práticas

discursivas digitais operam como formas de mediação crítica dessas produções culturais, criando categorias estéticas de avaliação e hierarquização entre as obras. Para isso, mobilizam-se discussões teóricas acerca dos multiletramentos (Kress, 2010; Rojo; Moura, 2019), da convergência cultural (Jenkins, 2009), da leitura como atividade de caça (Certeau, 2014), da hibridização cultural (García Canclini, 2015) e dos tensionamentos entre cânone e fânone (Casado Alves; Rojo, 2019; Zilberman, 1987). A hipótese central sustenta que memes, comentários e demais manifestações participativas não atuam apenas como reações espontâneas de consumo, mas constituem práticas interpretativas e avaliativas capazes de produzir leituras críticas, disputas de sentido e formas alternativas de legitimação estética. Nesse contexto, o ambiente digital transforma o leitor em agente ativo da circulação cultural, deslocando parcialmente a centralidade da crítica institucionalizada. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, analisando publicações e interações digitais relacionadas ao fânone contemporâneo a partir de concepções teórico-metodológicas advindas dos estudos de Mikhail Bakhtin e do Círculo. Espera-se demonstrar que a crítica fanônica, mediada por práticas intermidiais, configura novas formas de recepção e reconhecimento cultural, tensionando os limites entre crítica especializada, entretenimento e participação coletiva.

A BIBLIOTERAPIA COMO PRÁTICA INTERMIDIAL: LEITURA LITERÁRIA, MULTILETRAMENTOS E MEDIAÇÃO AFETUOSA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Luana Daniela Ciecelski

Resumo: Este artigo discute a Biblioterapia como uma prática intermidial de mediação da leitura literária na educação básica contemporânea. Parte-se da compreensão de que os processos de leitura e formação de leitores ocorrem atualmente em contextos marcados pela convergência de mídias e de múltiplas modalidades semióticas, num processo de circulação complexo que exige também múltiplos letramentos. Nesse cenário, argumenta-se que a Biblioterapia — especialmente em sua vertente de desenvolvimento ou criativa — pode contribuir não apenas para a elaboração subjetiva dos estudantes, que é seu principal objetivo, mas também para o fortalecimento do letramento literário e da literacia midiática. A reflexão articula autores da Biblioterapia, como Clarice Caldin (2024) e Marc-Alain Ouaknin (1996) e Carla Sousa (2021), com contribuições dos estudos de leitura e letramento literário, especialmente Rildo Cosson (2023). Em diálogo com os Estudos de Intermidialidade, mobilizam-se as contribuições de Lars Elleström (2021) sobre modalidades das mídias e relações intermidiáticas, além das discussões sobre multimodalidade e multiletramentos desenvolvidas por Ana Elisa Ribeiro (2021) e Roxane Rojo (2012). Defende-se que as práticas biblioterapêuticas criativas, ao incorporarem diferentes linguagens, suportes e experiências

sensoriais e modalidades semióticas — como literatura, música, audiovisual, oralidade e mídias digitais — operam dentro de uma lógica multimodal e intermidial, ampliando as possibilidades de construção de sentido e favorecendo experiências de leitura mais afetivas, e também mais significativas e críticas. Assim, na medida em que promove espaços de leitura, diálogo, escuta, compartilhamento de emoções e de interpretações, a Biblioterapia contribui também para a formação de comunidades leitoras e para o desenvolvimento de competências associadas aos multiletramentos contemporâneos.

ÁGUAS NO SERTÃO PERNAMBUCANO: ESCOLA, CINEMA, POESIA E RITUAIS OU O QUE MANTÉM A LÍNGUA VIVA

Maria Cristina Cardoso Ribas

Resumo: A partir de dois documentários de Alexandre Alencar – "O Rio feiticeiro" (2019) e "Yaathê, nossa fala"(2025) - , esperamos compartilhar produções lítero-artísticas e procedimentos pedagógicos da população nativa que vive entre o agreste e o sertão pernambucano. Os documentários em exame são composições híbridas de textos literários: trazem crônicas, poemas, performances, cordéis, trovas, desafios de cantadores e glosas, caixa-teatro-realejo, enfim, uma riquíssima leitura do que é ensinado nas escolas num circuito análogo à presença da natureza em desequilíbrio pelo agenciamento humano. Nossa proposta focaliza o ensino e a transmissão como fundamento à preservação da linguagem e evidencia o contexto paradoxal de populações ribeirinhas e povos indígenas, no esforço incansável de não apagar a tradição dos saberes ancestrais e ao mesmo tempo apropriar-se das transfer-mações (Bruhn, 2020, p.34) midiáticas que atravessam suas práticas pedagógicas e seus projetos artísticos. O neologismo de Jørgen Bruhn aponta para a dimensão processual e diacrônica da transposição entre mídias a qual transfere certos aspectos e exclui outros, transformando o conjunto em um novo produto de mídia. Já a combinação de midialidades no interior do mesmo produto de mídia – quando, por exemplo, um poema verbal cantado ou glosado é combinado com música (repente, desafio etc) – ocorre quando aspectos de diferentes midialidades mantêm uma relação sincrônica em que se reconhece os elementos constituintes. Ambas as dimensões, a transformação temporal e a combinação sincrônica são aspectos midiáticos das obras e podem ser considerados em conjunto. O trabalho vai olhar para os documentários referendados de maneira a destacar algumas midialidades e analisar quais são e como estas conexões afetam, transformam e/ou preservam a potência da leitura.

OPACIDADE E ESTETIZAÇÃO: O FAMIGERADO QUARTINHO DE EMPREGADA EM SOLITÁRIA E SUÍTE TÓQUIO

Miriam de Paiva Vieira

Resumo: O romance Solitária, de Eliana Alves Cruz, reabre fissuras provocadas por um vetor silencioso de poder da arquitetura: prisões, becos, muros de vigilância. Estruturada em três partes, a narrativa se desdobra a partir do foco narrativo das duas protagonistas: a filha médica e sua mãe, trabalhadora doméstica; na seção final, quatro dos cômodos por elas habitados assumem a voz narrativa. Essa estratégia formal executa um gesto decolonial que expõe o racismo arquitetônico — termo derivado da noção de racismo ambiental (Chavis, 1982) —, e ainda desorganiza ativamente seus regimes perceptivos ao reinscrever a memória e reconfigurar a modalidade espaço-temporal (Ellestrom, 2021). Listado entre os livros notáveis de 2025 pelo The New York Times, o romance Suíte Tóquio, de Giovanna Madalosso, intitula-se a partir do apelido eufemístico dado ao quarto de empregada, encenado no romance como uma "suíte de hotel ao estilo japonês" para mascarar condições de desigualdade entre patroa e babá. Enquanto o romance de Madalosso põe em primeiro plano a estetização do espaço doméstico e sua traduzibilidade nos circuitos literários globais, a narrativa de Cruz ganha ressonância ao insistir na opacidade, na fixidez e no peso histórico da arquitetura racializada. O contraste entre essas obras também aponta para assimetrias na circulação cultural, uma vez que o reconhecimento internacional de Suíte Tóquio sublinha as barreiras linguísticas e infraestruturais que continuam a moldar a visibilidade das literaturas do Sul Global. O objetivo desta comunicação é explorar o modo como o famigerado quartinho de empregada perpetua traços coloniais como forma de racismo arquitetônico na literatura contemporânea. Para tal, além de explorar a relevância do multiletramento cultural no estudo comparativo entre a literatura e a arquitetura, vou me valer da noção de racismo ambiental (Chavis, 1982) e da modalidade espaço-temporal (Ellestrom, 2021).

KING LEAR DE SHAKESPEARE: LEITURAS EXPANDIDAS

Thaïs Flores Nogueira Diniz

Resumo: Partindo da ideia de que a literatura se insere em redes complexas de produção, circulação e recepção de sentidos, interagindo com outras mídias, linguagens e práticas culturais, tais como teatro, cinema, televisão, streaming, performance digital, ópera, documentário, videoarte e redes áudio visuais, propõe-se analisar adaptações/reescritas/transmidiações recentes da peça King Lear, de William

Shakespeare. Serão enfatizados o hibridismo de linguagem, a universalização cultural, a velhice e o declínio cognitivo e o uso da transmissão audiovisual através de telas, câmeras ao vivo e transmissões digitais. Entre as obras a serem analisadas destacam-se a série Boss, que atualiza Lear para a política urbana de Chicago, explorando decadência física e poder institucional; a reinterpretação escandinava moderna do enredo em chave psicológica e noir, no filme de Jo Nesbo e Lisa Langseth, The Tragedy of King Lear ; a produção em transmissão digital da montagem de Gregory Doran, marcada por estética pós-dramática; a adaptação televisio-cinematográfica dirigida por Richard Eyre, King Lear, ambientada numa Inglaterra militarizada e contemporânea que mistura tragédia familiar e drama político e a terceira temporada da série Slings & Arrows, em que a peça King Lear é o foco central. O espetáculo espelha os temas de envelhecimento, loucura e legado do Rei Lear através do personagem principal.

A INTERMIDIALIDADE E A INTRAMIDIALIDADE PRESENTES NO ROMANCE A RAZÃO DO AMOR (2022) DE ALI HAZELWOOD

Vitória Barcellos da Luz

Resumo: Ali Hazelwood é o pseudônimo de uma autora italiana que escreve romances e novelas que se aproximam do subgênero cinematográfico comédia romântica e cujas personagens são da área de STEM. O segundo romance de Hazelwood, A Razão do Amor (2022), possui uma relação de intermidialidade com o longa-metragem Mensagem para Você (1998) de Nora Ephron e uma relação de intramidialidade com o romance Orgulho e Preconceito (1813) de Jane Austen. O presente trabalho analisa como a autora constrói diálogos com esses dois objetos ao longo do seu romance a partir de Ghirardi, Rajewsky e Diniz (2020) e Elleström (2021). A relação entre A Razão do Amor e Mensagem para Você ocorre devido ao fato de que as personagens principais são próximas em chats online e no mundo real, no entanto, eles possuem uma dinâmica "de inimigos à amantes". O longa-metragem também é citado diretamente no romance após Bee Königswasser e Levi Ward descobrirem que eram amigos próximos na antiga rede social Twitter. A partir da leitura de A Razão do Amor e Orgulho e Preconceito, foi observado que ambos os objetos possuem o casamento como assunto inicial e que as personagens masculinas Levi Ward e Guy Kowalsky possuem características semelhantes às do Sr. Darcy e do Wickham respectivamente. Há também uma releitura da frase inicial do romance de Austen no romance de Hazelwood. A análise evidencia que Ali Hazelwood, ao estabelecer um complexo diálogo intermidiático e intramidiático, ressignifica elementos clássicos da comédia romântica e da literatura canônica ao adaptá-los ao contexto contemporâneo e ao universo STEM, criando novas possibilidades de construção narrativa. Portanto, o

romance demonstra como obras contemporâneas podem dialogar com diferentes mídias e tradições literárias, atualizando temas, arquétipos e dinâmicas relacionais para novos públicos e contextos culturais por meio de um multiletramento literário.

ENTRE O TEXTO E A TELA: UMA ANÁLISE INTERMIDIÁTICA DE UMA NOVELIZAÇÃO DE DOCTOR WHO

Wesley Lúcio Vaz Filho

Resumo: Este trabalho propõe uma análise intermidial da transposição do episódio Rose, da série televisiva Doctor Who, para sua versão em romance (novelização), escrita por Russell T. Davies. A investigação insere-se no campo dos estudos da intermidialidade (Rajewsky, 2005; Clüver, 2007; Elleström, 2017), com foco na categoria de transposição midiática. O objetivo é compreender como as estratégias narrativas se reorganizam na passagem do audiovisual para o texto escrito, considerando os limites e as potências de cada linguagem. A análise comparativa de quatro cenas-chave revela que, enquanto a série televisiva explora recursos como montagem, trilha sonora e enquadramentos para provocar ritmo, tensão e emoção, a novelização se vale de introspecção, detalhamento e ritmo narrativo para construir uma experiência estética distinta. O estudo não busca discutir a fidelidade entre os produtos, mas compreender como as escolhas estilísticas e estruturais moldam o engajamento do público com a narrativa. Nesse sentido, o trabalho contribui para o campo da literatura e adaptação ao destacar como a transposição entre mídias não se limita à tradução de conteúdos, mas envolve decisões criativas que reconfiguram os elementos narrativos, reorganizam a temporalidade e reposicionam a recepção da obra. A escolha de uma obra inserida em um universo transmidiático também permite refletir sobre o papel da adaptação na expansão de narrativas seriadas e na construção de experiências narrativas plurais, cada vez mais frequentes na cultura contemporânea.

ST: INTERMIDIALIDADE NA ARTE E LITERATURA LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS

Coordenação: Alvaro João Magalhães de Queiroz, Bruno Guimarães Martins e Karl Erik Schollhammer

Resumo: "Intermidialidade" designa, ao mesmo tempo, um fenômeno e uma área de pesquisa. Esse caráter duplo tem gerado enorme imprecisão nas abordagens. Para Clüver (2011; 2007), intermidialidade é "um termo relativamente recente para um fenômeno que pode ser encontrado em todas as culturas e

épocas, tanto na vida cotidiana como em todas as atividades culturais que chamamos de 'arte'". Segundo Wolf (1999), ele é "capaz de designar qualquer fenômeno envolvendo mais de uma mídia". O termo refere-se a fenômenos nos quais duas ou mais mídias, fenômenos ou processos de linguagem se encontram acoplados ou combinados – "a intermidialidade pode servir, principalmente, como um termo genérico para todos os fenômenos que (como indicado pelo prefixo -inter) de alguma forma ocorrem entre mídias" (Rajewsky 2005). Num sentido mais geral, designa "todos os tipos de inter-relação e interação entre mídias" (Clüver 2007). Para Rajewsky (2010; 2005), "desde o início, 'intermidialidade' serviu como um termo guarda-chuva", sendo "mais amplamente aplicável do que conceitos usados anteriormente, [porque] abre possibilidades para relacionar as mais variadas disciplinas e para o desenvolvimento de teorias [mais] gerais", além de "[permitir] fazer distinções fundamentais, nomeadamente entre fenômenos -intra, -inter e transmídias". Para Müller (2012; 2010), são relações que ocorrem entre sistemas fluidos, como "fusão e interação de processos e procedimentos midiáticos distintos". Já para Elleström (2010), "toda relação intermidiática parece ser mais ou menos uma anomalia onde se presume que as diferenças essenciais que caracterizam determinada mídia são transformadas, combinadas ou misturadas de maneira particular". Para os principais autores da área, trata-se de um fenômeno ubíquo, dotado de ampla variação morfológica – "em geral, intermidialidade é, em primeiro lugar, um termo flexível e genérico" –, caracterizado, ao mesmo tempo, "por uma variedade de abordagens heterogêneas, abarcando uma extensa rede de temas e perspectivas analíticas". Em uma rápida revisão terminológica, o termo "intermídia" aparece em um texto de Dick Higgins, de 1966, para definir "obras que se enquadram conceitualmente entre mídias já conhecidas". Higgins sugere um possível marco para o surgimento do termo na obra de Samuel Taylor Coleridge, poeta e crítico, um dos fundadores do romantismo na Inglaterra – "O veículo que escolhi, a palavra 'intermídia', aparece nos escritos de Samuel Taylor Coleridge em 1812, exatamente em seu sentido contemporâneo: para definir obras que estão conceitualmente entre mídias que já são conhecidas, e eu vinha usando o termo por vários anos em palestras e discussões antes de meu pequeno ensaio ser escrito (Higgins, 1984). Como uma área (Intermedial Studies), a intermidialidade concentra-se tanto na análise das relações entre mídias quanto no exame das próprias mídias, uma vez que "os estudos de inter e transmidialidade, mediação, remediação e adaptação, apenas para citar alguns exemplos, tem em comum o interesse em estudar diferentes mídias e sua relação com novas formas de criação de sentido nas sociedades contemporâneas". O que os Estudos da Intermidialidade nos permitem supostamente fazer é, ao classificar relações concebíveis entre mídias (referências intermidiáticas, transposição midiática, combinação de mídias) e especificar suas subclasses e inter-relações (mixmídia, multimídia, intermídia), obter um padrão de análise para comparar processos, obras e seus correlatos, além de criar um horizonte teórico-conceitual relativamente estável para investigação. O fato é que, nas últimas décadas, a intermidialidade consolidou-se como um campo empírico-teórico particularmente relevante para a análise

de práticas artísticas e literárias contemporâneas. No contexto latino-americano, essa relevância parece-nos ainda mais evidente, uma vez que as relações entre palavra, imagem, oralidade (improvisação verbo-musical), arquivo, e tecnologias analógicas, afroindígenas, e digitais assumem configurações frequentemente marcadas por interações e acoplamentos entre suportes, linguagens, artefatos e práticas culturais, incluindo práticas vinculadas aos povos originários. Nessa perspectiva, o simpósio toma como eixo central o reposicionamento do que usualmente se designa como "literário" no interior de configurações intermidiáticas, com atenção às repercussões desse fenômeno sobre as categorias, recortes analíticos e procedimentos metodológicos mais conhecidos. Parte-se, assim, do diagnóstico de que, ao longo das últimas décadas, as teorias da literatura perderam progressivamente sua pretensão de autonomia disciplinar e abandonaram, em grande medida, projetos unificadores e totalizantes voltados à formulação de uma teoria geral do fenômeno literário. Em seu lugar, multiplicaram-se abordagens heterogêneas, metodologicamente diversas e historicamente situadas, que reformulam categorias tradicionais como história literária, retórica, teoria dos gêneros, crítica genética e biográfica, estudos de recepção, crítica textual, e literatura comparada, em resposta a novas condições de produção, circulação, inscrição material e recepção dos textos. O simpósio articula reflexão conceitual e análise de fenômenos particulares, aproximando perspectivas teóricas, analíticas e empíricas. Ao privilegiar o contexto latino-americano, pretende-se também discutir a circulação e a adaptação de modelos teóricos produzidos em diversos contextos, problematizando sua pertinência e propondo ajustes e deslocamentos epistêmicos e metodológicos.

POETAMENOS: TRANSCRIAÇÃO INTERSEMIÓTICA DA EPISTEMOLOGIA DO DETALHE DE WEBERN

Alvaro João Magalhães de Queiroz

Resumo: A série de poemas poetamenos, de Augusto de Campos, representa a inauguração de um "espaço conceitual". Trata-se de uma nova epistemologia, que, relacionado ao serialismo musical de Anton von Webern, do qual é uma transcriação intersemiótica, pode ser chamada de "epistemologia do detalhe". O serialismo de Webern instaurou um "modo de pensar" em que é definido um dispositivo estruturado de transformações internas. A recepção torna-se um processo inferencial de reconstrução de regras a partir de detalhes. Na poesia, artes visuais, e arte conceitual, esse modelo dissolveu a linha (temporal) narrativa e enfatizou a transparência das relações formais. A atenção crítica deslocou-se do "que" é representado para

"como" o sistema se organiza internamente. Esse é um legado para a arte algorítmica contemporânea e humanidades digitais, em que o dado, e/ou o código, faz às vezes da série dodecafônica. Em uma epistemologia do detalhe, o domínio do que é possível é explícito, e cada microevento carrega a chave para a reconstrução da obra. O intérprete (leitor ou espectador) pode ser chamado de coanalítico; sua tarefa é inferir a regra a partir do fragmento. O paradigma "objeto-sincrônico + epistemologia do detalhe", gerado pela escuta de Webern, tornou-se uma referência para as vanguardas que procuravam substituir narrativas por campos relacionais. O poetamenos trancria este paradigma em protocolos seriais de espelhamentos verbivocovisuais. O leitor lê permutação e simetria (letras, sílabas, fonemas, morfemas, pontuação, intervalos, cores), segundo operações e regras, e experimenta a página como quem se desloca numa matriz serial, sem direção privilegiada de leitura. O que me interessa fazer aqui é estabelecer as linhas gerais do que pode ser chamado de "epistemologia de detalhes" de Webern, e que atua diretamente como signo-fonte da série transcriada por Augusto de Campos.

COORDENAÇÃO, SUBORDINAÇÃO, CORRELAÇÃO - INTERMIDIALIDADE COMO CATEGORIA & MODELO

Ana Luiza Maia Gama Fernandes

Resumo: O conceito de intermidialidade fragmentou-se, nas últimas décadas, em diversas direções. Como área de investigação, transcendeu o que considerava seus próprios limites, já difusos nos anos 1980s, que habitualmente concentravam-se na Literatura Comparada e nas Artes Comparadas, e agora acontece em uma variedade de disciplinas. Contudo, as diversas acepções do termo sugerem uma grande imprecisão em seu uso. Meu propósito aqui é realizar uma revisão histórica detalhada desse termo teórico, com atenção especial aos autores Claus Clüver, Irina Rajewsky e Simon Morley. Baseada nas categorias destes pesquisadores – que descrevem relações de dependência entre diferentes mídias – proponho um modelo analítico de interação entre mídias, baseada na ideia de coordenação - subordinação - correlação como ação interpretativa. Minha ideia é que é possível manter "sob controle" diversas etapas de uma explicação, ou análise, de modo que as categorias e subcategorias forneçam uma estrutura teórica e conceitual, funcionando como modelo e categorias críticas de distinção, estabelecendo um padrão estável de abordagem de fenômenos intermidiáticos. Como exemplo, apresento Os Sertões (1902), de Euclides da Cunha, A Pintura em Pânico (1943), de Jorge de Lima, Sertões: Luz & Trevas (1982), de Maureen Bisilliat, e Quarenta clics em Curitiba (1976), de Paulo Leminski e Jack Pires.

CENÁRIOS E LACUNAS: OS CADERNOS-LUGARES EM O AMOR DOS HOMENS AVULSOS, DE VICTOR HERINGER

Brunno Abrahão Soares dos Santos

Resumo: A primeira e mais extensa parte de O amor dos homens avulsos, romance de Victor Heringer, são os cadernos de memórias escritos por seu narrador, Camilo. O livro serve de simulacro desses cadernos, incluindo tudo aquilo que se encontra entre as suas páginas: fotografias, desenhos, listas. Neste livro-caderno recheado de imagens, é apresentado o bairro ficcional onde nasceu e viveu o narrador em sua infância, e ao qual ele retornou décadas depois; e ainda mais importante, é nele que se encontra o único registro de uma figura central de sua vida: Cosme, o seu primeiro amor. Ao apresentar a tese na qual este bairro é fruto da invenção de seu narrador-escritor para dar lugar aos afetos produzidos pela ausência de Cosme — afetos que não se assentam na materialidade do presente, já que o bairro atual se tornou diferente e estranho —, o que resta é um espaço repleto de lacunas, formado exclusivamente por ilhas onde repousam os afetos daquele que o constrói; ou melhor, os lugares são narrados como grandes crateras no solo, espaços vazios de materialidade, precipícios onde o narrador preenche com a sua própria e inventada realidade. As descrições da morfologia das construções e as imagens "presas" aos cadernos não permitem identificar ou singularizar o bairro, mas aludem a alguns dos símbolos assimiláveis aos bairros de qualquer parte do Brasil. São imagens que, como os tapumes que montam um cenário, possuem limites. As frações fotografadas do bairro compõem a cenografia afetiva desse narrador, composta às vezes por peças sem encaixe preciso, mas sempre operadas pelas lembranças. A proposta desta comunicação é compreender como os componentes intermidiáticos agem na construção do bairro inventado, aproximando-o a uma cidade cenográfica feita de falsas fachadas de madeira, enquadrada sob ângulos precisos a serviço da construção espacial da memória de Camilo.

LER A INTERMIDIALIDADE NAS INSTRUÇÕES DE JOGOS LITERÁRIOS: DAS VANGUARDAS AO CONTEMPORÂNEO

Bruno Guimarães Martins

Resumo: Esta proposta de comunicação parte da hipótese de que existem dispositivos e protocolos capazes de induzir a experiência de leitura para a percepção da intermedialidade. Serão analisadas regras e instruções em diferentes experimentos e jogos literários produzidos ao longo do século XX. Chamaremos de literários aqueles jogos que apresentem como matéria a própria linguagem, ou seja, palavras e imagens,

símbolos e meios. Dessa forma, buscaremos analisar como as restrições impostas por suas regras permitem uma exploração dos limites e possibilidades da linguagem, especialmente a partir de sua materialidade midiática. Buscaremos caracterizar a sensibilidade midiática no ato de leitura dos jogos literários como uma indução à leitura dos limites da compreensão do leitor, ao modo dos "jogos de linguagem". Para demonstrar estas hipóteses pretendemos analisar dois conjuntos de regras e instruções distintos produzidos, desde o final do século XIX até o momento contemporâneo: a) jogos de letras e palavras inseridos no cotidiano midiático e, b) criação e recepção de obras literárias e artísticos. A extensão do recorte historico se justifica diante da dificuldade em visualizar as transformações midiáticas, uma vez que ocorrem lentamente e dobram-se sobre si mesmas, para explicitá-las buscaremos seus nas regras instruções, pois acreditamos são capazes de condensar suas aberturas dialógicas e criativas.

POR UMA POÉTICA RUEIRA: JOÃO DO RIO E OS ECOS CONTEMPORÂNEOS NO SKATE URBANO

Emerson Cerqueira Ribeiro

Resumo: O presente trabalho parte, em primeiro plano, da análise da obra A alma encantadora das ruas (2008), de João do Rio, buscando investigar como sua escrita das ruas, marcada pela observação sensível da experiência urbana, encontra ecos contemporâneos no curta-metragem Flanantes (2016), produzido pelo coletivo audiovisual homônimo de skatistas urbanos brasileiros. A pesquisa compreende o texto literário como ponto de partida teórico e estético para a construção de uma leitura intermidiática da cidade, entendendo que a produção audiovisual do coletivo reelabora (uma vez que há uma explícita inspiração no texto literário), por meio do cinema e da prática do skate urbano, elementos já presentes na escrita do cronista carioca, sobretudo a figura do flâneur, a fabulação do cotidiano e a tentativa de legibilidade dos signos urbanos. Inserido no campo dos Estudos da Intermidialidade, o trabalho articula contribuições de Gaudreault e Marion (2024), Rajewsky (2012) e Müller (2012), considerando a relação entre literatura e cinema como um processo de tradução intersemiótica e circulação de sentidos entre mídias distintas. Além disso, mobilizam-se as reflexões de Gomes (1994) acerca da experiência urbana e da cidade como texto, bem como as contribuições de Süssekind (1987), especialmente no que concerne às aproximações entre escrita, técnica e linguagem cinematográfica na produção de João do Rio. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem comparativa e intersemiótica, analisando como os registros audiovisuais do coletivo Flanantes atualizam, contemporaneamente, a sensibilidade urbana presente em João do Rio. Busca-se demonstrar que a escrita urbana de João do Rio, ao fabular a cidade por meio da observação

sensível das ruas e de seus corpos em movimento, encontra ecos contemporâneos no skate urbano, cuja prática estética e audiovisual reelabora essa experiência literária e produz novas formas de narrar, percorrer e significar a urbe.

UMA TRAVESSIA INTERMIDIÁTICA: DIÁLOGOS ENTRE PINTURA E POESIA EM QUERIDA HOLANDESA DE VERMEER, DE LU MENEZES

Isabela Lapa Silva

Resumo: Esta comunicação propõe analisar as relações intermidiáticas entre a literatura e as artes plásticas na poesia contemporânea, com foco no livro Querida holandesa de Vermeer (2020), de Lu Menezes. A obra integra a série "do it yourself" da editora Luna Parque, cujo desafio consistia em criar um poema no século XXI a partir de uma pintura anterior ao século XX. Neste caso, o texto estabelece um diálogo com a tela Moça lendo uma carta à janela (c. 1659), de Johannes Vermeer. O trabalho parte da compreensão de que o interesse da autora reside não apenas no famoso pintor e sua importância no contexto das artes plásticas holandesas, mas na encenação do ato introspectivo da leitura e na ficção a partir da imagem. O gesto da moça lendo uma carta é o deflagrador para a elaboração do poema-epistolar, em que a poeta assume o lugar de remetente, construindo uma "ponte" anacrônica entre os séculos XVII e XXI. Para as discussões, a comunicação se apoia nos conceitos de intermidialidade de Irina Rajewsky e de Claus Clüver, compreendendo o poema como uma reescrita ecfrástica. Mobiliza-se também a visão de Antoine Compagnon sobre a intertextualidade, compreendida como o ato em que leitura e escrita se conjugam num trabalho contínuo de reescrita, além dos estudos sobre as estratégias de endereçamento na poesia contemporânea (Celia Pedrosa et al., 2018), evidenciadas pelo uso da segunda pessoa para se dirigir à figura pintada ("Saskia") e ao leitor de forma simultânea. A análise procura demonstrar que a autora promove uma justaposição crítica entre a expansão comercial do Século de Ouro holandês e as crises do Brasil contemporâneo, refletindo sobre as conexões entre tempos no presente, num poema-carta que mobiliza outras referências visuais (Hokusai, Van Gogh, Mondrian e Hopper) e convida o leitor a participar ativamente da reconstrução dessas memórias.

A GENEALOGIA MULTIMEIOS EM "A ÁGUA É UMA MÁQUINA DO TEMPO", DE ALINE MOTTA

João Victor Matos da Fonseca

Resumo: Assumindo que a intermidialidade pode se dar tanto pela combinação de mídias quanto pela ação de transposição midiática (Rajewsky, 2012), a presente proposta de trabalho pretende analisar um dos projetos multimeios da artista brasileira Aline Motta: "A água é uma máquina do tempo" (2021, 2022 e 2023). O corpus examinado consiste nos desdobramentos acadêmico, literário e cinematográfico de uma das investigações arquivísticas empreendidas por Motta a respeito de sua história familiar, que é marcada por silenciamentos históricos próprios da experiência afrodiaspórica. Ao reconstituir sua genealogia, confrontando a violência burocrática de atestados e registros oficiais, Motta se recusa a preencher por meio de uma ficção convencional as lacunas que se apresentam. Em vez disso, adota o método da "fabulação crítica" (Hartman, 2020) para problematizar os apagamentos de uma coletividade a partir do registro autobiográfico. Nesse sentido, o principal objetivo deste trabalho é refletir sobre como o trânsito entre mídias realizado no trabalho de Motta, que tensionam a palavra escrita, a imagem fotográfica e o fluxo cinematográfico, favorece o deslocamento da centralidade de uma primeira pessoa autobiográfica, performando uma "obliquação" (Wisnik, 2023) que seria característica do registro ficcional. Conclui-se, portanto, que os gestos de combinação e transposição midiática evidenciam a condição expandida da literatura no contemporâneo, o que aponta para uma recodificação do literário a partir de uma mudança em suas formas e seus valores (Azevedo, 2016).

"QUIÉN HACE TÁNTA BULLA" - DIÁLOGOS EN PARIS 103 AÑOS DE TRILCE - CÉSAR VALLEJO: LO INTRADUCIBLE TRADUCIBLE

José Amálio de Branco Pinheiro

Resumo: Resúmen En Trilce, libro de 1923, hay una situación de traducibilidad para tratarse de traducir lo intraducible. Lo intraducible es un dilatado campo abierto de la traducibilidad hacia los procedimientos de tonos y ritmos en los intersticios de la lengua. Por ello llegué a Vallejo a través de la búsqueda de autores y poetas que se interesaron hasta el límite por la fuerza del poliglotismo y, a la vez, por las oralidades múltiples mestizas insertadas unas dentro de las otras (voz/canto/danza/cuerpo/performance) en Latinoamérica y el Caribe; lo que resulta en una poética que es una ética y política solar e incaica de la musicalidad y de los ritmos luminosamente difíciles. La manutención de las voces (esta relación entre garganta y cultura) es una herida en toda la evolución lingüística de Occidente. La gran cantidad de oralidades truncas en Trilce dentro del abigarramiento políglota, que Vallejo desmenuza y recompone como archipiélagos mestizos en palimpsesto y taracea (asimetrías móviles de continuo), aumenta la imprevisibilidad y el carácter explosivo/implosivo de sus lecturas ya físico-mentales (LOTMAN: 2013,

2022). Hay una posible y productiva aproximación entre Mallarmé y Vallejo, apoyada en la noción fundadora de la luz solar y sus variaciones en la naturaleza. El poeta francés, sintaxista revolucionario mucho más interesado en relaciones que en contenidos, sitúa los procedimientos pictóricos de Édouard Manet como un llevar a los máximos resultados el juego de las luces de la teoría du plein air, de tal manera que la presencia activa del aire libre entre las cosas es mucho más reveladora que los temas y los sujetos.

A IMAGEM IMPOSSÍVEL E SUAS LEGENDAS - A CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA DA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Karl Erik Schollhammer

Resumo: A história da literatura latino-americana traz exemplos ilustres de encontros entre a literatura e as artes visuais. Do barroco sobre o neo-barroco passando pelo pós-expressionismo e o real-maravilhoso e o projeto construtivo do modernismo até a condição contemporânea da literatura contemporânea. Esta comunicação retoma os ensaios de César Aira sobre arte contemporâneo e propõe uma leitura do projeto de escrita do autor argentino como um gesto (pós-conceitual) de literatura em que procura o efeito provisório de realismo radical. Como a escrita ficcional realiza-se na literatura, poderíamos sintetizar. São questões centrais para compreender o trabalho de Aira, sempre à procura desse momento mágico de realidade que brota de sua imaginação em obra. Nada tem a ver, obviamente, com a questão entre realismo histórico e como representar o mundo real. Aqui se trata de detectar a centelha da qual emerge a realidade na escrita, um outro sentido de realismo que para Aira se confunde com a sedução própria da literatura. Assim como a obra de arte moderna na pintura e na escultura se abria no campo expandido em direção à instalação, à multimídia, às artes cênicas e corporais e à narrativa de sua vivência, assim também a obra singular contemporânea cada vez mais tornou-se um arquivo de sua emergente virtualidade e da narrativa de seu registro.

DA FANTASMAGORIA À PUTREFAÇÃO: ARQUIVO E INTERMIDIALIDADE NA OBRA DE DARKS MIRANDA

Luiz Guilherme Venâncio Dias da Fonseca

Resumo: Deslizando entre suportes variados, como o filme, a videoinstalação, a pintura, a escultura e a performance, a obra da artista da artista brasileira Darks Miranda vem sendo marcada por um uso muito singular de imagens de arquivo como dispositivo estético, num processo de contínua retroalimentação monstruosa, em que filmes criam imagens que se tornam esculturas, e esculturas se convertem em

explorações pictóricas tridimensionais. A presente comunicação examina o uso do arquivo como dispositivo estético e a intermidialidade na obra cinematográfica, escultórica, pictória e instalativa da artista . Partindo do filme "Uma noite perigosa na ilha de Vulcano" (2022), realizado com imagens de filmes de ficção científica do período da Guerra Fria em que não há presença humana, e analisando as esculturas orgânicas e mutantes que emergem desse trabalho, no que entendemos como um gesto de tradução semiótica, a comunicação analisa os modos através dos quais a artista mobiliza arquivos outros e utiliza a própria obra como arquivo, investigando também o tempo mítico e as materialidades metamórficas que atravessam os seus trabalhos em meio ao chamado Antropoceno. Conclui-se que, na obra de Darks Miranda, o arquivo deixa de funcionar como memória para operar como matéria (xeno)geológica, aberta para formas de vida e temporalidades mais-que-humanas.

O DISPOSITIVO ESCRITA-IMAGEM NO CAMPO EXPANDIDO DA LITERATURA E DA INTERMIDIALIDADE

Marcia Maria Valle Arbex

Resumo: A discussão sobre as inter-relações entre as artes, inicialmente tratada nos chamados Estudos Interartes, propiciou a formação de discursos transdisciplinares cujos desdobramentos podem ser identificados nas reflexões sobre a intermidialidade, suas definições e seus fundamentos, seu alcance teórico e suas práticas, que se mostram tão variadas quanto a potência criativa dos artistas se revela infinita. As diversas abordagens abrem perspectivas de investigação de produtos, heterogêneos, marcados pela confluência de mídias, matérias, linguagens, signos, pela interação entre eles e, sobretudo, investigam como produzem sentidos. Esses objetos estão muitas vezes para além daquilo que se convencionou chamar de Literatura, ou melhor, colocam em evidência o próprio caráter proteiforme da Literatura. Não é de se surpreender, portanto, que a crítica contemporânea, em especial a do sul global, tenha cada vez mais se voltado para essas práticas estéticas e literárias. Eduardo Coutinho propõe a reavaliação do esquema binário que prevalecia no comparativismo para considerar a inclusão de "formas alternativas de expressão e reconhecer suas diferenças". A discussão sobre a literatura e outras formas de expressão estética é um desses campos onde ocorrem os "cruzamentos e as contaminações" (2009). Josefina Ludmer (2007) trata das chamadas "escrituras do presente" ou "pós-autônomas"; Rosalind Krauss, por sua vez, explora as produções que pertencem ao "campo expandido" da Literatura, expressão que retoma aquela utilizada por para tratar da escultura (1979); já Florencia Garramuño (2014) reflete sobre aquelas que se caracterizam pela inespecificidade e o não-pertencimento. Esta comunicação propõe, em um primeiro

momento, fazer dialogar criticamente essas correntes com propostas do campo da Intermidialidade (Clüver, 2024; Rajewsky, 2012), mas também do conceito de sobrevivência e de sedimentação (Arbex, 2020); em seguida, buscará apresentar diferentes dispositivos escrita-imagem no âmbito da produção brasileira fotoliterária e nas artes plásticas.

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E FABULAÇÃO EM "SAIA DA FRENTE DO MEU SOL", DE FELIPE CHARBEL

Márcia Silveira Costa

Resumo: O romance Saia da frente do meu sol (2023), de Felipe Charbel, articula fotografia, memória e fabulação a partir de um arquivo familiar composto por imagens, documentos e vestígios deixados pelo tio-avô do narrador. Nesta obra, as imagens fotográficas funcionam como elemento estruturador da escrita, desencadeando um movimento de investigação afetiva e reconstrução imaginativa do passado. A partir desse gesto, o livro desloca-se entre autobiografia, ensaio e biografia especulativa (expressão utilizada pelo autor), posicionando-se no rol de formas híbridas presentes na literatura contemporânea. Este trabalho propõe analisar a relação entre fotografia e literatura na obra, investigando de que maneira o autor utiliza a fotografia como um disparador para a memória e a criação narrativa. Para isso, serão articuladas as reflexões de Roland Barthes em A câmara clara, além das contribuições de Susan Sontag sobre fotografia e memória familiar e de Philippe Dubois acerca da fotografia como índice e vestígio do real. Também serão considerados estudos sobre escrita de si e intermidialidade na literatura contemporânea. A análise busca demonstrar que, em Saia da frente do meu sol, a fotografia opera como ponto de partida para uma narrativa marcada por lacunas e fabulações, e não como garantia de realidade. As imagens revelam a impossibilidade de acessar integralmente o passado. Nesse sentido, a obra transforma o arquivo fotográfico em espaço de imaginação, afeto e reconstrução subjetiva.

INTIMIDAD Y REGIÓN. CREACIÓN DE PIEZAS VISUALES EN FORMATO DIGITAL A PARTIR DE LA OBRA POÉTICA DE EVELÍN BOCHLE, FRANCO RIVERO Y CARLOS FLORES.

Nadia Gómez Araujo

Resumo: Esta ponencia presenta avances de una investigación en curso desarrollada en el marco de la Tesina de Grado de la Licenciatura en Artes Combinadas (FADyCC–UNNE). El proyecto propone una exploración del imaginario regional en la poesía contemporánea correntina a partir de las obras de Evelín

Bochle, Franco Rivero y Carlos Flores, en articulación con la noción de intimidad. Desde una perspectiva intertextual y tecnopoética, la investigación plantea la producción de una serie de piezas visuales digitales realizadas mediante el entorno de programación creativa P5.js. La propuesta parte de comprender la región no como una delimitación geográfica fija, sino como una construcción simbólica y discursiva (Sarlo, 1978; Kaliman, 1994), entendida además como un "modo de lectura" que se actualiza desde la percepción y la experiencia sensible (Aguirre & Bradford, 2022). En este marco, la intimidad es concebida como una construcción discursiva y una forma de percepción situada (Arfuch, 2005), desde la cual se configuran modos de relación con el espacio, el cuerpo y la experiencia cotidiana. Asimismo, lo íntimo adquiere relevancia como instancia de producción de sentido, en tanto la subjetividad funciona como una forma de veracidad discursiva (Catelli, 2006). A partir del análisis de los poemas seleccionados, se identifican procedimientos y recursos poéticos. Estos elementos son reconocidos mediante una lectura orientada por los aportes de Alicia Genovese y José Antonio Mayoral, entendiendo las figuras retóricas como operaciones estructurales que organizan la experiencia poética. Posteriormente, en la instancia de producción de obra, se emplean procedimientos de escritura no creativa —particularmente la reescritura, el remix y la repetición— para trasladar dichos procedimientos al entorno digital. La experimentación digital permite así expandir la experiencia de lectura y explorar nuevas formas de representación de la relación entre lenguaje, territorio y subjetividad desde una perspectiva íntima y tecnopoética.

A IMAGEM DA CEGUEIRA COMO MEDIAÇÃO ESTÉTICA ENTRE A LITERATURA E A PINTURA EM SOBRE HERÓIS E TUMBAS, DE ERNESTO SABATO

Vilma Rodrigues Mascarenhas

Resumo: Na obra Sobre heróis e tumbas, do escritor argentino Ernesto Sabato (1911-2011), destacamos o terceiro capítulo do romance, intitulado Relatório sobre os cegos, que narra a 'descida' do personagem Fernando Vidal Olmos aos subterrâneos de Buenos Aires na tentativa de investigar uma conspiratória Seita de Cegos. À medida que o 'Ulisses' sabatiano desce ao Hades para comprovar sua 'teoria', evoca atos insanos que refletem as obsessões humanas, cujas representações simbólicas da cegueira presentes na obra literária foram materializadas nas pinturas do escritor. Este estudo fundamenta-se na perspectiva da Literatura Comparada, considerando os aspectos intertextuais e simbólicos da cegueira, analisada na dialética da maldição ou redenção, e do sagrado ou profano em mitos, nos textos literários e nas artes plásticas. Para a compreensão das interartes, o suporte teórico provém dos estudos de Arbex (2006), Bakhtin (2003), Benjamin (1986), Carvalhal (2006), Clüver (2006), Durand (2019), Nitrini (2021) e

Schøllhammer (2007). Para tanto, analisaremos o diálogo entre o romance e as seguintes pinturas de Sabato: Reunião ou conversa de cegos (1991), Sin título (1991), Pequeno castelo com escada e cego (1992) e Grupo de cegos diversos (1990); além dos intertextos com as telas Dante e Virgílio no Purgatório, entre os invejosos atingidos pela cegueira (1835), de Flandrin; A parábola dos cegos (1568), de Bruegel; Cegueira e conversão de Paulo na estrada de Damasco (1601), de Caravaggio; e Édipo e Antígona (1809), de Krafft Johann. Sob a perspectiva dos estudos comparados, investigamos a metáfora da cegueira como uma alegoria da sociedade moderna na obra de Sabato, na qual o universo pictórico atua como uma extensão da narrativa literária do autor.

ST: LITERATURA COMPARADA HOJE: DES-FORMAÇÕES METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS

Coordenação: Edgar Cézar Nolasco e Carlos Vinícius da Silva Figueiredo

Resumo: A ideia central da proposição deste Simpósio nasce do desejo de prestar uma homenagem à disciplina de Literatura Comparada que — desde quando se fundou a Associação Brasileira de Literatura Comparada/ ABRALIC (1986) — vem formando pesquisadores e fomentado o debate crítico de forma ampla e irrestrita, tanto nos encontros da própria Associação quanto na Pós-graduação de todo o país. Considerando que o vigésimo encontro da ABRALIC visa homenagear seus 40 anos de existência no Brasil, e tendo por temática "Comparatismos, Permanências e Renovações", nada mais justo e oportuno do que propor um debate crítico que contemple a prática metodológica da disciplina hoje, com o propósito maior de fazer uma reverificação acerca do que deve permanecer no âmbito do campo comparatista e o que deve sofrer alterações críticas e metodológicas, inclusive como forma da sobrevivência da própria disciplina nos meios acadêmicos e institucionais. Assim, embasada nessa discussão, esta proposta, tanto de base comparatista pós-colonial quanto descolonial, volta-se para uma teorização assentada na política de uma des-formação conceitual como forma de re-pensar metodológica e epistemologicamente a disciplina de Literatura Comparada. Convém chamar a atenção aqui para dois comparatistas brasileiros — sendo eles Silviano Santiago e Eduardo F. Coutinho — como forma de destacar a importância de se re-pensar nos dias atuais acerca da metodologia epistemológica da Literatura Comparada no Brasil e em toda a América Latina. De Silviano Santiago, arrolamos os livros atuais Fisiologia da composição (2020) e O grande relógio (2024). Do primeiro livro, destacamos tão somente duas passagens que são mais do que suficientes para ilustrar tal revisão de fundo metodológico da disciplina. Leiamos a primeira passagem de Silviano: A endossar o paradigma da formação, cronológico por natureza, temos produzido cópia singular e sentimental do inatingível original europeu que, em termos da

metodologia então vigente em literatura comparada, seria logo rebaixada criticamente pela condição de inferioridade nacional e periférica. (SANTIAGO, 2020, p. 34). Como se pode depreender da passagem, fica evidente o fato de que o autor chama a atenção para uma rediscussão assentada na metodologia da Literatura Comparada, bem como também, e por conseguinte, não deixa de propor uma discussão que passe diretamente pela formação, cujo paradigma, segundo o autor, deve ser tomado como uma leitura da escrita, da cultura e da literatura brasileira pelo viés pós-colonial (p..32). A segunda passagem seria esta: Uma nova metodologia de leitura da literatura brasileira teria necessariamente de desconstruir a metodologia de leitura dominante na literatura comparada a fim de dar conta dos valores de cópia e de contribuição, reconhecendo, ainda, os princípios de originalidade em cópia inevitável. (SANTIAGO, 2020, p. 35). Esta passagem reforça o que diz a anterior e de forma mais incisiva, quando reitera que a metodologia dominante da Literatura comparada deve ser desconstruída. Também fica implícito na passagem a questão da revisada crítica da formação, haja vista os valores nela implicados como o de cópia e originalidade. Já do segundo livro de Silviano, ilustra nossa proposta de des-formação esta passagem: "O grande relógio visa a abalar três dos pressupostos clássicos da literatura comparada — influência, cópia e originalidade — que se ergueram, em aparente neutralidade, como uma das mais violentas, sutis e populares forças de convencimento do imperativo eurocêntrico a dominar o planeta." (SANTIAGO, 2024, p. 14). A passagem deixa entrever que somente uma metodologia outra, de caráter não etnocêntrico, poderia dar conta de desbaratar tais forças de convencimento que regeram a formação do paradigma comparatista até bem pouco tempo. Eduardo F. Coutinho, por sua vez, vem, de forma crescente e insistentemente, dialogando comparativamente no sentido de propor, inclusive, uma nova metodologia para a Literatura Comparada na América Latina. São exemplos dessa preocupação metodológica os livros Literatura Comparada na América Latina (2003), Literatura Comparada (2013) e Diálogos interculturais (2024). Considerando que os livros dialogam entre eles, merece destaque esta passagem: Trata-se, em última instância, de um comparatismo, situado no contexto de onde olhamos, que, ao contrastar as produções locais com as provenientes de outros lugares, instaure uma reciprocidade cultural, uma interação plural, que induz conhecimento a partir do contato com outras culturas. (COUTINHO, 2024, p. 61). Essa busca por um "novo tipo de comparatismo" se faz presente ao longo dos três livros do autor aqui mencionados, e cuja preocupação se assenta em uma nova metodologia comparatista, como também se faz presente em Silviano Santiago. Por fim, queremos concluir dizendo que des-formação ganha a rubrica de um conceito descolonial quando o inserimos na clave de leitura teórica que se inscreve a partir da expressão "aprender a desaprender para poder, assim, re-aprender", conforme empregada por Walter Mignolo em seu livro Desobediencia epistémica (2010, p. 98).

A COMENSALIDADE EM TRÂNSITO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Angela Guida

Resumo: Este ano se comemoram os 70 anos de publicação de uma das mais importantes obras da literatura brasileira e, quiçá, mundial. Falo de Grande Sertão: Veredas, do escritor mineiro Guimarães Rosa. Por todo país, há uma série de iniciativas programadas para se comemorar a data, iniciativas essas que vão desde a publicação da tão esperada biografia do autor, nova edição de Grande Sertão: Veredas a passeios que percorrem a travessia feita por Riobaldo e seu bando pelo sertão de Minais Gerais. A título de homenagem, esta proposta de trabalho também caminha nessa direção. Grande Sertão: Veredas é uma obra por onde se pode fazer a travessia por múltiplas passagens e/ou entradas. São muitos os métodos ou protocolos de leitura deste clássico da literatura brasileira, que, desde sua primeira publicação em 1956, tem sido objeto de estudo nas principais universidades do Brasil e também fora tamanha sua diversidade temática, portanto, de trânsito. A porta pela qual escolhi entrar, ou seja, meu método de leitura é pela via da comensalidade. Assim, proponho ler a história de Riobaldo em diálogo com a temática da comida. Ainda, a título de homenagem, meu referencial teórico e metodológico passa por Eduardo Coutinho (Grande Sertão: Veredas – travessias, 2013), um comparatista estudioso de Guimarães Rosa, bem como Silviano Santiago (Genealogia da ferocidade, 2018) outro comparatista leitor do autor de Grande Sertão: veredas. Para embasar minhas reflexões acerca da comida, vou me valer dos conceitos de gastocrítica (Ronald Tobin) e gastropolítica (Arjun Appadurai) bem como da ideia de autobiografia alimentar discutida por Michel Onfray em A razão gulosa (1999).

A CULTURA CHICANA NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO: EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE CULTURAL EM BORDELANDS/LA FRONTERA DE GLÓRIA ANZALDÚA

Carlos Vinícius da Silva Figueiredo

Resumo: O presente trabalho analisa a busca por uma identidade cultural chicana no espaço fronteiriço a partir da obra Borderlands/La Frontera, de Gloria Anzaldúa. A investigação reflete sobre a fronteira físico-geográfica entre Texas e México, estendendo-a como uma metáfora ("B/borderlands") para cruzamentos culturais, psicológicos, sexuais e espirituais. Apoiando-se em formulações de Stuart Hall (1990), Hanna e Brito (2014), discute-se a identidade cultural não como uma essência imutável, mas como uma produção fraturada, múltipla e em constante transformação permeada por relações de poder. Sob essa ótica, a produção de Anzaldúa articula-se por meio de sua "auto-história" para combater o

silenciamento imposto aos sujeitos subalternos, incluindo a comunidade chicana, as mulheres e o grupo LGBT. A análise de seus manuscritos e do poema "To live in the Borderlands means you" evidencia sentimentos de rejeição social, inadequação e hibridismo vividos nesse entre-lugar, culminando na proposta de uma sobrevivência emancipatória "sin fronteras". Dialogando com as perspectivas pós-coloniais de Edward Said (1995) sobre a reinterpretação do passado por sujeitos outrora calados , expande-se essa reflexão para a realidade da mulher latina, tocando na ferida continental do silenciamento de gêneroPor fim, expande-se o pensamento anzalduano para a realidade da mulher latina, estabelecendo um diálogo crítico com os movimentos feministas contemporâneos e ressaltando a urgência da consciência de classe e da solidariedade racial contra as opressões hegemônicas.

DESLER PARA DESOBEDECER EPISTEMOLOGICAMENTE: LITERATURA PARAGUAIA

Damaris Pereira Santana Lima

Resumo: "Desapegar-nos das normas e hierarquias modernas é o primeiro passo para nos re-fazer. Aprender a desaprender para re-aprender", esta sentença da filosofia de Amawtay Wasi, empregada por Walter Mignolo, (MIGNOLO 2014) é a primeira tarefa que como professores e pesquisadores, nós, latino-americanos devemos realizar através do fazer acadêmico e da execução de projetos de pesquisa em nossos locais de ação. Uma atitude premente é des-ler o que nos foi contado ou ensinado, desenvolvendo uma desobediência epistêmica e com isso elaborando um pensamento outro (MIGNOLO 2003). Parto do projeto de pesquisa que desenvolvo, sob o título "Latino-américa interdisciplinar: literatura e cultura paraguaia", uma investigação que visa a mostrar como literatura, cultura, história, memória, mito e imaginário coletivo se articulam nas produções literárias, artísticas e culturais do Paraguai, levando em consideração ou lançando luz em autores e atores que, através de suas produções exercem um pensamento outro. Esta comunicação se dedica a apresentar as contribuições teóricas dos pensadores latino-americanos, Eduardo Coutinho, Silviano Santiago e Walter Mignolo, intelectuais que exercem uma desobediência epistêmica ao teorizar e conceituar partindo do lócus América Latina, apresentando, assim uma disciplina indisciplinada, ou seja, exercendo pensamento próprio, isso de dentro das academias, seus loci por excelência. Além de discutir as conceitualizações propostas por ditos teóricos/ pensadores, me desafio a apresentar a leitura de alguns textos de escritores paraguaios Chiquita Barretos, Susy Delgado e Damián Cabrera buscando exemplificar o fazer ficcional e descolonial exercido por esses escritores. Também pretendo expor parte do percurso de minha postura epistemológica para ler e interpretar essa literatura da fronteira sul, região em que habito, fazendo a opção por esses pensadores, por entender que

todos exercem um "pensamento outro", uma "epistemologia outra", uma "opção outra" em suas produções.

SILVIANO SANTIAGO E UMA LITERATURA COMPARADA PÓS-COLONIAL BRASILEIRA

Edgar Cézar Nolasco

Resumo: A proposta maior centra-se em pontuar que o intelectual brasileiro Silviano Santiago vem propondo ao longo da vida, especificamente quando se discute acerca tanto da formação da literatura brasileira quanto da metodologia da literatura comparada, uma perspectiva de uma literatura comparada pós-colonial. Para tanto, tal rastreio teórico parte do ensaio "O entre-lugar do discurso latino-americano" (1971), passa pelo também ensaio "Apesar de dependente, universal" (1980), detém-se com maior afinco no Depoimento do autor " A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial" (2014), para, finalmente, deter-se nos livros do autor Fisiologia da composição (2020) e O grande relógio (2024). Em tal discussão, o conceito de entre-lugar torna-se emblemático na medida em que ele metaforiza o próprio lugar em que se inscreveria essa literatura de ordem pós-colonial brasileira, Já em "Apesar de dependente, universal", tem-se, grosso modo, o começo da discussão do autor que envolve a problemática da Formação literária brasileira, conforme defendida por Antonio Candido. Já em "A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial" vamos encontrar, além da rubrica literatura comparada pós-colonial, a proposta de uma desformação posta em prática por Silviano Santiago. Aliás, e não por acaso, esse texto foi o desencadeador de toda a discussão que esta proposta visa contemplar. Por último, os dois livros do autor mencionados não deixam de trazer uma revisão crítica da metodologia da literatura comparada tradicional, como esperamos mostrar com a referida proposta de trabalho. Por fim, devemos dizer que apesar de os textos do autor estarem em ordem cronológica, a leitura que norteará nosso trabalho dar-se-á de forma anacronicamente com relações a tais textos.

SABEDORIA(S) DE RUA: POR UMA DES-FORMAÇÃO DA RAZÃO A PARTIR DOS RACIONAIS MC'S

Edgar Cézar Nolasco e Indaya de Souza Nogueira

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte do projeto de mestrado intitulado "Razão periférica: uma leitura crítica biográfica fronteiriça a partir dos Racionais Mc's", fomentado pela Capes e desenvolvido no NECC (Núcleo de Estudos Culturais Comparados) sob orientação do Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco, no

Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). A presente proposta de comunicação, respaldada pela epistemologia da crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), tem por objetivo teorizar o que o grupo de rap Racionais Mc's nomeia de "sabedoria de rua", entendendo esta como uma práxis de des-formação (Nolasco, 2022) da razão colonial/moderna. Na esteira das proposições de Edgar Cézar Nolasco (2015), a teorização da crítica biográfica fronteiriça encena uma trajetória em direção à libertação de vidas segregadas pela colonialidade. Nesse preciso sentido, para exercer um pensamento que se direcione à libertação de corpos assujeitados e à des-formação dos paradigmas modernos de pensamento, faz-se necessária a inscrição do biolócus (bios= vida+ lócus=lugar) do pesquisador no processo de teorização, como uma práxis (razão periférica) de pensamento próprio (Kusch, 1971) que inaugura um paradigma outro (Mignolo, 2003) a partir da periferia, conceituado pelos rappers de sabedoria de rua. Para tanto, valemo-nos do pensamento de Walter Mignolo (2003), Edgar Cézar Nolasco (2013, 2015, 2022), Frantz Fanon (2022), Rodolfo Kusch (1971) e dos Racionais Mc's (1990,1992, 1993, 1997, 2002, 2014).

CARTOGRAFIA DA PERVIVÊNCIA LITERÁRIA: A CONSTELAÇÃO IMAGÉTICA DA ESTÁTUA DE OURO DO LIVRO DE DANIEL A PEDRO WAYNE E NIILO SEVÄNEN

Lóren Cristine Ferreira Cuadros

Resumo: Este estudo apresenta um exercício de aplicação do método aqui denominado Cartografia da Pervivência Literária, cujas bases foram lançadas na tese de doutorado de sua autora (CUADROS, 2024), então sob a expressão "arqueologia da imagem". O método em questão surge a partir da articulação dos trabalhos desenvolvidos pelo historiador da arte Aby Warburg (2010) em seu "Atlas Mnémosyne" e pelo filósofo cultural Walter Benjamin (2009) em "Passagens", propondo uma análise que parte da elaboração de "painéis" de imagens literárias constelares para revelar pervivências simbólicas, tensões emocionais, polaridades e convergências. Outras referências cruciais para o desenvolvimento desta proposta incluem Georges Didi-Huberman (2013; 2018), Susan Sontag (2020), Georges Bataille (2020), e Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011). O exercício visa apresentar a Cartografia da Pervivência Literária como método crítico capaz de mapear tais constelações e suas metamorfoses segundo uma ótica rizomática. Estabelecendo uma analogia em relação ao tríptico oriundo das artes visuais, de maneira específica, este trabalho busca evidenciar a pervivência da imagem da estátua de ouro em três tradições culturais, além de indicar a pertinência e o potencial de aplicação pedagógica desse método que fomenta o questionamento das formas vigentes de crítica literária. O estudo de caso relaciona a imagem supracitada no livro bíblico de

Daniel (texto redigido na Antiguidade que remonta ao cativeiro babilônico); e nos contos "Tesouro dos jesuítas" (publicado inicialmente em 1955, evocando o passado jesuítico do estado do Rio Grande do Sul, a Guerra das Missões e os mitos regionais), de autoria de Pedro Wayne, e "Winter's Gate" (obra com redação inicial datada de 2007 que remete ao imaginário viking), do finlandês Niilo Sevänen – baixista e vocalista da banda de melodic death metal Insomnium, que adaptou a narrativa para o formato musical em um álbum conceitual lançado em 2016 –, enfatizando suas transformações e peculiaridades.

CONSTELAÇÕES MACHADIANAS: UM PERCURSO COMPARATIVO

Macauley Moraes Dominguez

Resumo: Partindo de uma leitura de "Viagem ao redor de meu quarto" (MAISTRE, 2022), este trabalho busca se deter sobre a apropriação de textos oriundos de temporalidades e sistemas literários diversos como processo de composição em Machado de Assis. Esse procedimento, característico ao autor, não se confunde como mera influência ou plágio irrefletido, mas sim como ato inventivo e crítico. Ou seja, no interior de sua obra, Machado opera um extenso diálogo com o seu meio literário contemporâneo e de tradições diversas. Sua detida leitura motivava a reelaboração de formas e temas no interior de sua própria obra. Principalmente após 1880, quando este dispositivo torna-se mais sofisticado, Machado dota seus escritos de uma aguda criticidade em relação a pontos concernentes à literatura. Seu procedimento de seleção e diálogo com um conjunto de textos, resultando em um texto outro, autônomo, nos leva a aproximar este modus operandi à literatura comparada. Propõe-se investigar, então: em que medida a seleção e apropriação de textos operada pelo autor contribui para uma reflexão a respeito dos métodos instituídos no âmbito da literatura comparada? Pretende-se verificar, ou ao menos considerar, partindo do modelo constelar de Walter Benjamin (2025), um modelo comparativo que tanto instabiliza as relações de fonte e influência quanto a organização do todo literário por via de tipologias estáveis. Na medida em que as leituras operadas por Machado ganham um novo sentido na tessitura de sua escritura, as obras dispostas num plano comparativo específico também possibilitam uma reavaliação não necessariamente determinada pelo quadro historiográfico e crítico já instituído. Para dar envergadura a esta discussão, além do modelo epistemológico benjaminiano, enfocaremos a recepção como atividade central desse comparatismo "constelar"; sua filiação com a composição literária, através da "poética da emulação" (ROCHA, 2013) e, é claro, a avaliação do próprio procedimento na obra de Machado de Assis.

LEITURAS E ESCRITAS DE VIDA: DES-FORMAÇÃO EM CHAVE COMPARATISTA DA AUTORIA EM MARIA VALÉRIA REZENDE E SUAS RECAPITULAÇÕES

Marta Francisco de Oliveira

Resumo: Esta proposta visa tecer alguns comentários, em chave comparatista, a partir da leitura da obra literária Recapitulações (2026), da escritora brasileira Maria Valéria Rezende. O que está em jogo é uma leitura de des-formação posta em paralelo com as intenções de escrita de uma autora que, embora não se aproprie exatamente do termo e do conceito, de certo modo o exercita na prática de sua produção literária. Assim, as considerações entrecruzam olhares e reflexões, simulando um diálogo entre pesquisadora e escritora que, cada uma a seu modo, entrelaçam memória e grafias-de-vida no trato com a palavra escrita e suas evocações. Por um lado, a memória da formação que nos foi legada é posta em xeque, visando uma re-aprendizagem. A re-leitura se desdobra, colocada em movimento e em tom de revisitação, negando as opções impostas como ponto de vista único e universal. Recapitular a tradição literária implica trânsito inquieto, a busca por formas outras de compreender a ética e políticas do conhecimento, questionando a chamada colonização do ser, do poder , do saber e do gênero. Em conjunto com possíveis escritas de vida, real e ficcional, nas tramas e tessituras da delicada composição discursivo-narrativa da criação literária – e seus arredores, emprestando a expressão de Julio Cortázar, o conceito de des-formação será o fio condutor, ao passo que as reflexões, conforme o título apresentado, estabelecem uma aliança hospitaleira e epistêmica com a autora Maria Valéria e as personagens ficcionais que re-cria como possibilidades outras a partir de autores renomados, como Machado de Assis. Nesse sentido, vale a aproximação às grafias de vida de Silviano Santiago em seus exercícios de escrita sobre Machado. Maria Valéria também demonstra que, embora clássicos, textos e autores podem e devem ser re-Capitu-lados.

A TRADUÇÃO SOB A ÉGIDE DE UM COMPARATISMO LATINO-AMERICANO

Rony Márcio Cardoso Ferreira

Resumo: A tradução, se tomada em um espectro epistemológico mais amplo, nunca deixou de ser objeto de debate e reflexão da literatura comparada. Basta lembrarmos, apesar de suas perspectivas binárias e etnocêntricas por excelência, dos seminais e questionáveis textos fundadores traduzidos e publicados no Brasil na década de 1990, em volume organizado por Eduardo Coutinho e Tania Carvalhal (2011), para notarmos que, quando discutida a metodologia do campo de estudo, a tradução foi, muitas vezes,

proclamada como objeto de eleição. Essa tendência anunciada pela crítica do norte e depois ressignificada a partir da América Latina foi também, certa forma, decisiva para a consolidação do comparatismo latino-americano. Não por acaso, encontramos inúmeras teses e dissertações sobre tradução desenvolvidas em linhas de pesquisas dos programas de pós-graduação do país, sem contarmos os vários dossiês dedicados à tradução na Revista Brasileira de Literatura Comparada e os significativos livros de literatura comparada que não passam ao largo da babelização inerente à tarefa dos tradutores. Tendo esse contexto como ponto de partida, a presente comunicação tem por objetivo re-pensar o ato tradutório a partir de uma teorização que re-articule as propostas críticas de três intelectuais latinos que pensaram, seja por meio da crítica ou da própria literatura, a tradução mais como tarefa de des-leitura do que como transmigração de um logos eurocêntrico em terreno colonial. Para tanto, valaremo-nos de ensaios publicados por esses "homens de letras", respectivamente, em Discussão (2008), Tradução: literatura e literariedade (2009) e Transcriação (2015), no intuito de destacar que a tradução efetivada em solo brasileiro e latino-americano estaria direcionada a um paradigma de des-formação cultural. Por extensão, esta proposta, além do exposto, visa também comemorar tanto a existência dessa elegante "mulher" de quarenta anos chamada Abralic quanto os quarenta anos deste homem que aqui escreve.

TEORIZAÇÃO DESBIOGRÁFICA: UMA DES-FORMAÇÃO CONCEITUAL

Edgar Cézar Nolasco e Thays dos Santos Silva

Resumo: Esta proposta de comunicação tem por finalidade uma reflexão sob a égide da teorização descolonial, além de ser um recorte teórico-epistêmico da pesquisa de doutoramento intitulada "Desbiografia: teorização descolonial", realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, fomentada pela CAPES e desenvolvida no grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). Como o objetivo maior do projeto de doutorado visa realizar a conceituação de desbiografia a partir da metodologia crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), propomos, para esta apresentação, pensar o conceito de des-formação (Nolasco, 2022). Por se ancorar no paradigma outro (Mignolo, 2003) da epistemologia descolonial, ao passo em que é estabelecida como resultado do exercício da relação diferencial, a des-formação traz em si o pensamento próprio (Kusch, 2000) do teórico/escritor: o ato de pensar e escrever o que quer (Biko, 2025). Nesse sentido, buscamos tratar a teorização desbiográfica como a des-formação conceitual resultante da relação diferencial, cujos conceitos de paradigma outro e pensamento próprio embasam o pensar e o escrever o que quer. Essa escrita, por se valer da desobediência epistêmica (Mignolo, 2010) prenunciada desde o título

da obra Escrevo o que eu quero, de Steve Biko (2025), pressupõe uma maneira outra de teorizar. Assim, ressaltamos que a des-formação tensionada não busca contrapor ou ignorar a formação biográfica moderna, mas apresentar um modo outro de escrever, pensar e produzir teorização a partir da condição biolocal (Nolasco, 2015). Para isso, iremos nos valer, primordialmente, dos estudos de Edgar Cézar Nolasco (2015; 2022), Walter Mignolo (2003; 2010; 2018), Rodolfo Kusch (2000) e Steve Biko (2025).

DIREITO E LITERATURA COMO "ESTRATÉGIA" E TÁTICA" FRENTE AO FEMINICÍDIO ÍNTIMO: COMPARAÇÃO ENTRE "VENHA VER O PÔR DO SOL" (1958) E JÚRIS - UM CAMINHO ENTRE FALÊNCIAS E POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES.

Vanessa Mascarenhas Lima

Resumo: Esta comunicação apresenta pesquisa sobre discursos em júris de feminicídio íntimo ocorridos em Feira de Santana/BA (2025) com o conto “Venha ver o pôr do sol” (1958 - 2007), de Lygia Fagundes Telles, inserindo-se na Literatura Comparada na perspectiva interdisciplinar. O estudo discute as permanências e renovações do comparatismo e propõe uma reavaliação crítica do Direito e Literatura a partir de Peters (2005). Historicamente, as disciplinas projetaram desejos utópicos mútuos: a literatura buscou no direito uma práxis política concreta para curar sua sensação de insignificância; o direito buscou na literatura superar o “exorcismo da realidade” (Trindade; Streck, 2013) e o “senso comum teórico” (Warat, 2000) — verdades dogmáticas acríticas que, sob pretensa neutralidade, mascaram opressões. Diante de um cenário que, em 2025, registrou 1.492 feminicídios e 3.870 tentativas no país, urge mobilizar saberes contra um patriarcado que se atualiza (Saffioti, 2015) para continuar subjugando mulheres, mesmo diante dos avanços legais e formais nos direitos femininos. Assim, apesar das frustrações no campo do Direito e Literatura — ligadas às altas expectativas e não à inutilidade da abordagem —, ainda é urgente perseguir seus objetivos não concretizados. Propõe-se reoxigenar o campo não com propostas de cura românticas, mas como articulação teórica com potencial de transformar a complexa realidade da violência de gênero. Metodologicamente, utiliza-se Michel de Certeau (1998) para demonstrar como o discurso jurídico apropria-se do mito do amor romântico e de estereótipos de gênero como "estratégia"; de manutenção do patriarcado, atenuando a culpa do agressor sob roteiros passionais. Em contrapartida, a ficção de Telles opera como "tática"; de sabotagem que escancara a crueldade masculina diante da não aceitação do término. Conclui-se que a renovação da área exige abandonar a ingenuidade para que a literatura atue como ponte transgressora, capaz de desmistificar discursos consolidados e enfrentar estruturalmente o feminicídio.

ST: LITERATURA COMPARADA: COMUNICAÇÕES LIVRES (PRESENCIAL)

Coordenação: Anselmo Peres Alós, Gerson Roberto Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt

HISTÓRIA EM CENA: A DRAMATIZAÇÃO DO PROCESSO HISTÓRICO-SOCIAL EM A TRAGÉDIA DO REI CHRISTOPHE (1963), DE AIMÉ CÉSAIRE

Carolina Pfeiffer e Robert Ponge

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar aspectos iniciais de nossa pesquisa de mestrado sobre as relações entre história e literatura em A tragédia do rei Christophe (1963), peça de Aimé Césaire (1913-2008). Escrita no contexto das lutas anticoloniais da segunda metade do século XX, a obra está localizada no início do século XIX, durante o reinado de Henri Christophe (1807-1820), no Haiti. Ela procura articular memória histórica, questionamentos de processos políticos contemporâneos do autor e elaboração estética. Para isso, foca no destino, ideias, ambições e contradições de Christophe, protagonista do enredo e uma figura proeminente do levante e guerra dos escravizados que culminou na Revolução e Independência Haitianas (1791-1804). Inspirados em Candido (1965) e Adorno (2011), buscamos compreender como história e literatura se entrelaçam, de modo que os problemas histórico-sociais (tanto do passado, como a descolonização e a defesa da Revolução Haitiana no século XIX, quanto da contemporaneidade de Césaire, isto é, as dificuldades vividas pelos estados nascidos das revoluções do século XX) se fazem presentes na obra, esteticamente transformados em peça teatral. Nesse horizonte, a violência aparece como um elemento estruturante do drama: da violência colonial para formas institucionalizadas de violência no projeto político de Christophe, encenando tensões entre emancipação e autoritarismo. Ao mesmo tempo, cabe analisar se a obra dramatiza formas de conciliação diante das contradições herdadas da colonização. Para isso, mobilizamos estudos sobre literatura e história em Aimé Césaire e sobre a Revolução Haitiana, especialmente James (1938), Laroche (1973), Almeida (1978;1982), Deberre (1984), Ménil (1999), Cogez (2018). Assim, a comunicação busca refletir sobre como a obra transforma os impasses históricos e sociais do Haiti em configuração estética, construindo a figura de Henri Christophe como personagem trágico e revelando, na forma dramática, as contradições de uma sociedade marcada pela experiência colonial.

MIL RÉIS A DÚZIA (1923) - "DIÁRIO DE UM RETORNO AO PAÍS NATAL": A ESTREIA POÉTICA DE SÉRGIO MILLIET EM LÍNGUA PORTUGUES

Daniel Padilha Pacheco da Costa

Resumo: Enquanto morava na Europa, o poeta brasileiro Sérgio Milliet publicou em francês suas quatro primeiras coletâneas poéticas, além de poemas esparsos em diversas revistas, como Klaxon, Revue de l'Amérique Latine e Het Overzicht. Durante a Semana de Arte Moderna de São Paulo, poemas oriundos de Œil-de-bœuf (1923) foram recitados em francês por seu amigo Henri Mugnier. Como afirmou em uma carta inédita enviada em meados de 1923 de Paris para Mário de Andrade (seu mentor intelectual à época), Milliet começou a escrever português nessa época: "Escrevo Cartões postais em portuguez" [MA-C-CPL, n. 4882]. Reinventando uma longa tradição de escrita na ausência (Derrida, 1980), seus primeiros cartões postais em português foram publicados na Revista do Brasil (1924) e em Estética (1925). Sua coletânea de estreia na própria "língua materna", Poemas análogos (1927) começa com o livro de poemas Mil réis a dúzia – que são cartões postais escritos "em viagem", de acordo com o suposto local de publicação informado na capa. Diferentemente da poesia de viagem de Blaise Cendrars sobre o Brasil – Feuilles de route (1924) se conclui no transatlântico de volta à Europa –, a de Milliet termina no "Rio de Janeiro" (título de seu último cartão postal). Em 1925, Milliet adotou definitivamente o Brasil como país e o português como nova língua poética. Retomando o instantaneísmo do futurismo italiano e francês (Sermier, 2025), a poesia de viagem de Sérgio Milliet ficcionalizou seu retorno ao Brasil por meio de cartões postais "enviados" de diversos países a seus amigos modernistas em São Paulo. Nesta comunicação, pretendo mostrar que sua estreia poética em língua portuguesa com Mil réis a dúzia (1927) pode ser considerada o "diário de um retorno ao país natal" (Césaire, 1939) avant la lettre, segundo a concepção instantaneísta de poesia como escrita do agora (Epstein, 1921).

O TEATRO ELEVA A VOZ CONTRA O RACISMO: UMA LEITURA DA PEÇA EU NÃO SOU MACACO!, DE DEDY RICARDO

João Luis Pereira Ourique

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura crítica da peça EU NÃO SOU MACACO! de autoria de Dedy Ricardo, nome artístico de Edilaine Ricardo Machado, escrita em agosto de 2014 e por ela encenada pela primeira vez em 25 de setembro deste mesmo ano na Praça da Alfândega, em Porto Alegre. Posteriormente, a obra foi publicada pelo Coletivo As Dramaturgas em 2022. Essa peça é

predominantemente um monólogo, interpretada por uma atriz que "assume as identidades de cinco personagens negras vítimas de massacre racial, em diferentes lugares e momentos históricos do Brasil" (Machado, 2022, p. 63). Dividida em seis cenas, a própria protagonista cumpre uma função de ser a voz que relata os acontecimentos e também, como a rubrica orienta, realiza a encenação das personagens históricas Cláudia, O Lanceiro Negro, João Cândido, Amarildo e Paulo Afonso. Estruturalmente, cada uma dessas cenas que representam personalidades apresentam uma linguagem lírica, com rimas compostas por assonâncias e aliterações, culminando com a interpretação da letra de um RAP, letra e música de Ricardo Pavão, que se incorpora à peça na sexta e última cena. A Ação Dramática, segundo Raymond Williams (2010), pode indicar tanto a escrita literária quanto o processo de encenação, situação que se torna clara em um texto que possibilita uma percepção coerente a partir da leitura. Assim, a proposta de análise e interpretação da peça e dos diversos contextos sociais que ela utiliza e ressignifica busca amparo em autores como Anatol Rosenfeld, Renata Pallotini, Raymond Williams, entre outras referências importantes para refletir sobre o racismo estrutural e histórico denunciado na literatura dramática da autora gaúcha.

LIVRO, CÂMERA, CAPITÃO: UMA LEITURA DE AREIA

Lucas Evangelista Saraiva Araújo

Resumo: A leitura, estando inserida em distintos contextos de estudo, tais como a intermidialidade (LARS ELLESTRÖM, 2017, 2021), os multiletramentos de Kress (2010), os novos multiletramentos (ROJO, 2009, 2017), os multiletramentos escolares (ROJO; MOURA, 2012), e/ou o letramento literário proposto por Cosson (2009), abarca o que é verbal e não verbal, e por isso não faz acepção de mundos, percepções ou linguagens (GOMES, 2012, 2019). Posto isto, pode-se dizer que 'ler' um filme também é possível. É nesta concepção que esta comunicação oral se debruça, ao creditar à intermidialidade entre literatura e cinema (relação entre literatura e outras mídias), novos sentidos que a adaptação fílmica pode atribuir ao hipotexto, transcendendo-o (STAM, 2008). Diante dessa perspectiva, assistir ao um filme que adaptou uma obra literária também é fazer uma leitura, sendo essa adaptação uma mídia multissemiótica ao combinar mise-en-scène, montagem, som e imagem (elementos da linguagem cinematográfica) em prol da produção de novos sentidos para além da linguagem literária (MARTIN, 2011). Por isso, o objetivo desta comunicação é mostrar os efeitos de sentido que o filme Capitães da areia (adaptação fílmica do romance homônimo de Jorge Amado) conseguiu criar, ao adaptar intermidialmente a obra literária. Para isso, far-se-á a leitura e exibição de algumas cenas do filme, as quais suscitam essa criação. Para mais, fomentar, a partir dessa perspectiva intermidial, o ensino de literatura, destacando a importância de análises da relação

entre textos literários e mídias (e vice-versa), enquanto uma manifestação global, atual e pertinente. Como areia é a leitura: não se pode contar os seus infindos grãos; não se pode conter as múltiplas possibilidades de leitura(s).

POR UMA PERSPECTIVA ENDÓGENA: O TRABALHO E A MATÉRIA RURAL EM ÁGUA FUNDA (1946), DE RUTH GUIMARÃES

Mitsuo Morikawa Florentino

Resumo: Esta comunicação pretende analisar tanto a construção do narrador de Água funda (1946), romance de Ruth Guimarães, quanto as relações que essa instância estabelece com o universo rural retratado na obra. Propõe-se que a especificidade histórica, econômica e espacial que o romance toma como matéria ficcional — ao figurar a transformação de uma fazenda escravocrata em usina canavieira durante os anos posteriores à abolição — se torna inteligível a partir da posição enunciativa e ideológica desse narrador, que, apresentado como figura pertencente a um grupo local afetado pelas formas de dominação escravocrata e liberal, elabora a experiência histórica da fazenda Olhos D'Água por meio da memória, da oralidade e das formas locais de saber. Defendemos, então, que o uso pioneiro, embora localizado, do "monólogo inserto em situação dialógica" (noção trabalhada por Roberto Schwarz para ler o Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa) é o mecanismo que enforma essa estratégia. Nessa perspectiva, causos, pragas e entidades mítico-religiosas brasileiras não constituem, para a fatura do romance, uma matéria folclórica acessória e contingente, exótica e pitoresca, mas categorias pelas quais o narrador, na própria ordenação discursiva, interpreta endogenamente as mudanças sociais em curso, compreendendo, em diálogo com um interlocutor subsumido, a modernização liberal antes como uma reconfiguração das antigas formas de dependência do que como ruptura efetiva para o trabalhador rural.

UMA VIAGEM EM CATIVEIRO: A ALEGORIA DA LITERATURA EM LIFE OF PI

Paula Cruz Pereira

Resumo: É possível buscar respostas sobre os funcionamentos do texto literário no próprio texto literário? Este trabalho propõe uma análise da viagem e dos espaços de cativeiro no romance Life of Pi (2001), do canadense Yann Martel, como uma alegoria da literatura. Life of Pi narra a jornada de um jovem rapaz, Pi, que ao sobreviver a um naufrágio, se vê preso por meses em um bote salva-vidas, em alto mar, na companhia de um tigre. Ao longo do romance, ao mesmo passo em que Pi faz um deslocamento espacial, saindo da costa indiana e chegando afinal até o Canadá, ele percorre paralelamente uma intensa jornada

interior sobre fé, vida e morte, e também sobre o próprio sentido de se contar histórias. Em Life of Pi, os cativeiros do zoológico do pai de Pi são descritos pelo rapaz como ambientes que encapsulam as dinâmicas naturais daqueles animais e as amplificam. De certa forma, quando sobrevivem ao naufrágio, o menino e o tigre se encontram em um cativeiro em movimento—o bote salva-vidas—não tão diferente daqueles dos animais do zoológico. A viagem forçada no bote condensa e suscita comportamentos, conflitos e reflexões fundamentais do rapaz e do tigre. Indo mais longe, podemos propor que toda obra de literatura é também como um cativeiro de animais de zoológico que recria, de forma controlada para o público do outro lado da vitrine, algo da essência da natureza daqueles animais—ou personagens. Assim, este trabalho analisa a viagem de Pi como uma alegoria da própria literatura enquanto espaço delimitado capaz de comprimir e intensificar experiências humanas.

ST: LITERATURA COMPARADA: COMUNICAÇÕES LIVRES (ON-LINE)

Coordenação: Andrea Cristiane Kahmann e Márcia Moura da Silva

UMA VIDA EM FRAGMENTOS: NOTAS SOBRE OS DIÁRIOS DE ADOLFO BIOY CASARES

Carla Carolina Moura Barreto

Resumo: Adolfo Bioy Casares ocupa um lugar de destaque na literatura argentina do século XX. No Brasil, entretanto, sua recepção permanece fortemente associada à sua produção ficcional, enquanto sua escrita autobiográfica segue pouco conhecida e pouco explorada pela crítica. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo principal analisar Descanso de caminantes: diarios íntimos (2001), obra póstuma organizada por Daniel Martino a partir dos diários pessoais do autor, escritos entre 1975 e 1989. A obra, ainda sem tradução para o português, oferece um amplo conjunto de registros sobre a vida e a escrita de Bioy Casares, permitindo acompanhar a maneira como experiências pessoais, atividade literária e acontecimentos históricos se entrelaçam nesta narrativa de forte teor testemunhal. O debate proposto estrutura-se em três eixos centrais. Em primeiro lugar, investigo como Bioy Casares se apropria da escrita diarística para construir representações de si, inscrevendo a experiência íntima nesse "libro de brevidades", como ele próprio o define. Em seguida, examino o texto sob a ótica do diário de escritor, mapeando as

anotações sobre o fazer literário, os esboços de textos ficcionais e os diálogos que esses registros estabelecem com sua obra publicada. Por fim, discuto brevemente como esse cotidiano voltado à criação contrasta com as formas de representação da ditadura militar argentina, tema que se configura quase como uma ausência na obra, dado o distanciamento de Bioy dos acontecimentos e seu alinhamento tácito ao regime. Para tanto, utilizo como principal base teórica Pauls (1996), Molloy (2003), Barthes (2004), Ávila (2016), Seligmann-Silva (2009,2022), entre outros.

ONDE O CANTO FAZ SEU CAMINHAR: UMA ESCUTA ABSURDA DOS CLÁSSICOS NO HABITAR AUDIOTÁTIL DA CANÇÃO

Celso Garcia de Araújo Ramalho

Resumo: A canção se constitui como um fenômeno híbrido e um espaço-tempo privilegiado para circulação cultural, con-fundindo os sentidos e sistemas verbais e sonoros de maneira sui generis. Este trabalho investiga os processos de tradução performática e adaptação musical de poemas da antiguidade clássica (como Catulo, Horácio e Safo) para o português contemporâneo, pensando a canção como uma forma de mediação intersemiótica e circulação literária transnacional. Afastando-se das abordagens normativas da musicologia ocidental erudita — historicamente pautadas na visualidade da escrita e em eixos cartesianos —, a pesquisa adota o referencial crítico da Musicologia Audiotátil de Vincenzo Caporaletti. Essa perspectiva permite compreender a tradução musical além da mera transposição linguística, incorporando o corpo, a voz, e categorias como continuous pulse e extemporização como elementos da performance. O estudo reflete sobre as tensões e assimetrias na circulação global do conhecimento, confrontando os paradigmas conservatoriais europeus a partir da prática artística e de diálogos transculturais com instituições na Itália e em Cuba (investigando a binarização de ritmos em matrizes afro-indígenas e latino-americanas). Dessa forma, a canção traduzida é pensada como um espaço de polifonia expandida e disputa discursiva, onde o dizer antigo é tensionado e reconfigurado no presente, gerando novos processos poéticos e estéticos, e descentralizando o capital simbólico tradicional.

A PRESENÇA DO CORDEL NA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE ELA TEM OLHOS DE CÉU DE SOCORRO ACIOLI

Iara Janser Soares Delgado

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a obra Ela Tem Olhos de Céu, da autora Socorro Acioli (2012), possibilitando um diálogo entre a literatura infantil e juvenil (Lajolo e

Zilberman, 2017; Hunt, 2010; Andruetto, 2012) e o cordel (Diégues Júnior, 1975; Haurélio, 2013; Silva, 2011). A análise mobiliza os seguintes conceitos: a construção de identidade (Hall, 2011; Bauman, 2004) e a intertextualidade (Kristeva, 2005; Samoyault, 2008), pois é construída a hipótese de que a obra analisada atualiza a tradição da cultura popular, e dialoga e revitaliza identidades culturais e a representação do povo nordestino. O livro ocupa um lugar de resistência e adaptação e cria uma nova forma de representar o cordel. Como resultados, a análise apresenta a forma como a construção de identidade é mobilizada na obra, valorizando e revitalizando a identidade nordestina. Além disso, as diversas intertextualidades identificadas criam novas significações que questionam estereótipos. O cordel, que já foi marginalizado como uma literatura popular de menor valor, hoje ganha novas roupagens, incorporando elementos modernos que dialogam com suas raízes tradicionais. Esse processo de adaptação e reinvenção permite que o cordel não apenas resista ao tempo, mas também se renove, ocupando um espaço significativo no cenário literário contemporâneo endereçado para crianças.

HABITAR ENTRE RUÍNAS: COEXISTÊNCIA E PRECARIEDADE EM TRÊS ROMANCES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Kairo Lazarini da Cruz

Resumo: Em diálogo com as reflexões de Timothy Morton em The Ecological Thought (2010), esta comunicação propõe analisar comparativamente os romances Os Transparentes (2013), de Ondjaki, A Ocupação (2019), de Julián Fuks, e Caminho como uma casa em chamas (2014), de António Lobo Antunes, a partir da presença literal e simbólica de três edifícios: o prédio da Maianga, em Luanda; o antigo hotel Cambridge, ocupado pelo MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro), em São Paulo; e o prédio residencial na Lisboa de António Lobo Antunes, respectivamente. A noção ecológica de existência – existence is always coexistence (Morton, 2010, p. 4) – e as condições do habitar condensam experiências históricas, políticas e subjetivas do presente vividas de forma simultânea. Assim, busco evidenciar, por meio da ecologia, as relações que tensionam as fronteiras entre sujeito, espaço e coletividade, tendo em vista o edifício como metáfora de crises humanitárias e como mediador entre ecologia e experiência contemporânea. As ficções em língua portuguesa tendem a expor um panorama rico em temas profundamente conectados aos problemas do nosso tempo, entre os quais se destacam a exploração institucionalizada da terra em contextos pós-coloniais, os dilemas sociais internalizados por indivíduos marginalizados e a precariedade dos espaços urbanos nos grandes centros.

CARTOGRAFIAS DO NARRAR: CORPOS-LINGUAGEM, AFETOS E TRANS-EXISTÊNCIAS EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA CIDADE DE RIO BRANCO-AC

Káren Martins Tomás

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo tecer o trabalho de mestrado intitulado Cartografias do Narrar: corpos-linguagem, afetos e suas trans-existências em terreiros de candomblé na cidade de Rio Branco, Ac, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagem e Identidade na Universidade Federal do Acre – Ufac, cuja tessitura se dá na perspectiva de um acerto de contas com o passado, pensada a partir do individual que se faz coletivo enquanto prática discursiva-política e escolha de devir. Nesse sentido, investigamos como a cartografia afetiva do corpo-linguagens, narrativa, corpo, rastro/resíduo e discurso, se produzem a partir da construção moderno-colonial do corpo e como suas narrativas trans-existem e se transformam em meio a teia discursiva dos terreiros de Candomblé na cidade de Rio Branco, Acre, produzindo possibilidades outras de narrar e existir. O objetivo geral é investigar como as narrativas de corpos trans em suas cartografias afetivas, produzem sentidos sobre seus modos de narrar e existir sendo atravessados por vivências em terreiros de candomblé. De abordagem qualitativa, a pesquisa acompanha narrativas de experiência por meio da cartografia afetiva de Rolnik e Guattari (2006) como método, mapeando fluxos e desejos, seus tensionamentos e deslocamentos frente à ordem do discurso, como a construção do corpo como tessitura narrativa, atravessa invenções, mas continua trans-existindo. A narrativa e performance em diálogo com Benjamin (2012; 2013) e Glissant (2005), articulando rastro/resíduo, Butler (2020) tecendo corpo; discurso, a partir de Foucault (1996) que atravessa os modos de controle e ordenamentos.

A ABERTURA, O IMPROVISO E JAZZ EM O JOGO DA AMARELINHA DE JÚLIO CORTÁZAR.

Laura Santos Gazana

Resumo: Encantado com as multidões, o poeta flâneur é o observador apaixonado, ele caminha pela cidade sem qualquer pressa, observando o movimento e esperando pelos desembaraços do acaso. O termo, popularizado pelo poeta Charles Baudelaire no século 19, exemplifica as movimentações de Horácio de Oliveira em Paris, em busca do sentido e, através do acaso, de se encontrar com sua amada, Maga, personagem essa que, em meio a tantas reflexões intelectuais, traz um respiro poético e quase que

inocente às páginas de O Jogo da Amarelinha, romance do argentino Júlio Cortázar. Ambientada pela boêmia parisiense, a primeira parte do livro traz como plano de fundo a literatura, arte e a música, principalmente o jazz, gênero musical marcado pela liberdade e improvisação, na interação da música, dos músicas e do público. O Jogo da Amarelinha é embalada pelo acaso, não só pela trama mas pelo jazz e pela própria estrutura do livro: Cortázar destrói a lógica tradicional e linear de um romance, com o narrador oferecendo ao leitor diferentes possibilidades de leitura, a primeira, linear, indo do capitulo 1 ao 56, e ignorando os capítulos seguintes classificados como "prescindíveis". Na segunda, o leitor segue um tabuleiro de leitura, que se inicia no capítulo 73, no qual é preciso saltar entre os próximos, intercalando entre o enredo sequencial e as reflexões sobre arte, vida e literatura, trazendo, ainda, um final em looping, entre os capítulos 131 e 58. Ou seja, a participação do leitor constrói a obra, assim como nas performances de Jazz. Invocando o conceito de Obra Aberta, discutido pelo filósofo Umberto Eco, esse trabalho tem como objetivo dar luz às congruências entre a estrutura de improviso e acaso do Jogo da Amarelinha, e a estrutura de improviso e acaso do Jazz, elemento com relevante presença na obra.

ESPECULAÇÕES SOBRE O PROCESSO EDITORIAL DE "ERA UMA VEZ O FUTEBOL", DE UGO GIORGETTI

Liniane Haag Brum

Resumo: Crônicas e contos do cineasta Ugo Giorgetti compõem "Era uma vez o futebol", volume de 440 páginas publicado em abril de 2025. A coletânea que marca a estreia do diretor de cinema em livro foi organizada pelo professor da Universidade Estadual de Campinas e crítico literário Alcir Pécora, sob o Selo Quimera , abrigado pela Editora 7Letras. "Era uma vez o futebol", assim, dá início a um projeto editorial que Pécora desenvolve ao lado do bibliófilo Celso Queiróz: trata-se do primeiro volume de uma coleção que pretende "conjugar aventura, pensamento e estética" (Pécora, 2025). Giorgetti foi titular da coluna dominical "Boleiros", no Estado de S. Paulo (2004–2020), e cronista do site Ultrajano, do jornalista esportivo José Trajano (2020–2022). No entanto, seus textos apresentam um elenco de assuntos que diferem do comentário esportivo, como por exemplo a sua conhecida memorialística em que a cidade de São Paulo é personagem. Além disso, são frequentes perfis de personalidades do futebol que apenas tangenciam o biográfico, um tipo de crítica social formulada por meio da anedota, e narrativas em torno de afetos artísticos e esportivos do autor-narrador. A partir de entrevista com organizador e autor do posfácio de "Era uma vez o futebol", e de uma reflexão teórico-crítica acerca do conceito de rede, dentro do enquadre da crítica de processo (Salles, 2021), apresentar-se-á interrelações entre processo criativo,

prática editorial e texto literário. O percurso artístico de Giorgetti com a crônica e o conto se completa com traduções, argumentos e roteiros não filmados e filmados, peças de teatro, prefácio de livros e esboços de projetos por ele assinados.

O MITO DA AKEDAT YITZHAK NA LITERATURA ISRAELENSE: CONEXÕES ENTRE DIÁLOGO, SACRIFÍCIO E IDENTIDADE NACIONAL.

Matheus Weidt Bueno

Resumo: O mito pode ser compreendido, a partir de definições contemporâneas, como um fenômeno da linguagem enquanto forma de expressão humana a refletir a compreensão de mundo de uma sociedade antiga; como um fenômeno cultural de fundação social, moldando o caráter intrínseco de um povo e legitimando normas e valores éticos e morais; e como um fenômeno sagrado, que busca dar sentido às experiências humanas, conectando o presente com o passado sagrado por meio das tradições legadas. A partir dessas definições, torna-se possível interpretar o lugar do mito na construção da identidade israelense. A originalidade do mito bíblico reside na posição central do ser humano nas narrativas: a teogonia se transforma em uma genealogia, na qual as lutas e relações são representadas por intrigas familiares entre irmãos, pais e filhos, ou outros laços próximos, como tios e sobrinhos. Essa centralidade do humano é fundamental para a interpretação do mito no pensamento judaico. Na sociedade israelense, o mito da Akedat Yitzhak tem sido continuamente reinterpretado por abordar dilemas éticos e questões de identidade nacional. Na busca por raízes, nos traumas de guerra e nas crises de fé, abre-se um diálogo crítico com as narrativas míticas, abrangendo autores que buscam no poder dos mitos fundadores recursos, referências, caminhos e dimensões para explorar tais questões complexas da sociedade israelense. As narrativas míticas são reformuladas para refletirem sacrifícios inerentes à experiência israelense, particularmente às tensões morais e existenciais que emergem em uma sociedade marcada por conflitos e sobrevivência. Assim, a Amarração de Isaac se torna mais do que somente um conto religioso: uma narrativa nacional que reverbera nas lutas de soldados, de pais e cidadãos que enfrentam questões éticas relacionadas ao sacrifício e à lealdade.

DO MEDO ÀS PÍLULAS AZUIS: ESTIGMAS E REPRESENTAÇÕES DA AIDS NA LITERATURA.

Raul Enrico de Oliveira

Resumo: No início da década de 1980, a SIDA (ou AIDS, na sigla em inglês) irrompeu no cenário público se manifestando brutalmente com seu aspecto misterioso e incompreensível deixando atônitos a comunidade médica, os cientistas e a população geral. Inicialmente, foi identificada como uma síndrome que estava relacionada a indivíduos do sexo masculino que tinham em comum a homossexualidade. Com a indisposição e preconceito já existente para com a comunidade LGBT, acentuava-se o estigma e o desenvolvimento de marcas identitárias ligadas à AIDS. Diante desse contexto, em Portugal vemos o alvorecer da poética de Al Berto que apresenta uma inflexão flagrante na realidade cotidiana e nas angústias de um corpo-lírico transgressor e homossexual. Al Berto, em seus diários, já demonstrava o medo relacionado à morte, mas é em seu poema SIDA, de sua obra Horto de Incêndio (1996), que ele nomeia a razão dessa apreensão. Fazendo um paralelo com a história em quadrinhos "Pílulas Azuis", obra autobiográfica, de Frederick Peeters (2001), a perspectiva sobre a síndrome é outra, uma vez que nos deparamos com os diferentes desafios do cotidiano de um relacionamento entre um casal heterossexual (Peeters e Cati), no qual a mulher é diagnosticada com AIDS. Este trabalho tem como objetivo analisar as representações literárias da AIDS, através do poema de Al Berto e da história em quadrinhos de Frederik Peeters, sobre óticas distintas (afetivas e de gênero) enfatizando os diferentes estigmas construídos em torno da doença.

O DEVER DE NÃO ESQUECER: O GENOCÍDIO DO CAMBOJA E O TESTEMUNHO DE VADDEY RATNER

Shirley de Souza Gomes Carreira

Resumo: Os conflitos políticos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial ampliaram a noção de testemunho e trouxeram à baila novos modos de expressá-lo. Se os traços definidores do testemunho permanecem, tais como o registro em primeira pessoa; o compromisso com a verdade e a lembrança; o valor ético sobre o valor estético; a representação de um evento coletivo; a forte presença do trauma, bem como o vínculo estreito com a história, é inegável que as opções estéticas para a veiculação do testemunho são perpassadas pelas condições de enfrentamento do trauma que muitas dessas narrativas apresentam. Em À sombra da figueira, romance autobiográfico publicado em inglês em 2012, Vaddey Ratner, autora cambojana, radicada nos Estados Unidos, relata a escravidão nos campos de arroz, a fome e os assassinatos em massa cometidos pelo Khmer Vermelho no Camboja entre 1975 e 1979. A autora, que tinha apenas 5 anos quando o novo regime foi instituído, assume, assim, o papel de uma narradora superste que, quando consegue narrar, por meio da perlaboração da experiência traumática, faz com que esta

narrativa se torne o fundamento de sua sobrevivência. As narrações dos sobreviventes de guerras e conflitos políticos carecem de "escuta", mas não apenas da recepção passiva do horror presenciado e vivido. Elas carecem da reflexão e da indignação do receptor. O ato de ler passa a ser também um pacto de cumplicidade. É com esse intuito, de convocar o leitor a ouvir/ler "a narração insuportável do outro" (Gagnebin, 2006, p. 57), conjugado ao dever de não deixar que o genocídio do Camboja caia no esquecimento que Ratner narra e escreve seu relato como uma espécie de lápide, em homenagem aos milhares de anônimos que o Khmer Vermelho dizimou. Como afirma Ricoeur (2007, p. 174), "a testemunha confiável é aquela que pode manter seu testemunho no tempo".

ST: LITERATURA E (CO)MOVÊNCIA: DESLOCAMENTOS E AFETOS NAS INTERRELAÇÕES DAS "LITERATURAS DO MUNDO"

Coordenação: Ricardo Postal, Carla Luciane Klos Schöninger e Fernanda Boarin Boechat

Resumo: Os circuitos, as relações e a recepção da literatura contemporânea na sua movimentação pela travessia de territórios (seja como tema, como enunciação ou como análise das culturas apresentadas) é o que move as discussões acolhidas nesse Simpósio Temático. Portanto, estamos propondo uma discussão ampla sobre os saberes interdependentes e em constante negociação que todo processo de escritura mantém com a alteridade, seja na tradução, recepção e recriação que ocorre pela convivialidade dos textos em interação. Dessa forma, grupos culturais em movência e os aportes que consigo espalham promovem entrelaçamentos de múltiplas linguagens e lógicas dentro das literaturas em que são acolhidos. É o que aqui estamos tomando por (co)movência, visto que essa fricção produtiva de novas percepções, de sínteses culturais (no hibridismo, crioulização, transculturação) e de cosmovisões são promotoras de alterações significativas no imaginário do território que passa a ser comumente ocupado. Esse "mover com" em que a co-participação de escritores, críticos, tradutores, pesquisadores é fundamental, ocorre por meio de disputa, diálogo, tensão e aclimatação que também comovem - em diversos níveis e em várias formas de resolução em que a materialidade do texto literário surge mais rica em formas e conteúdos, linguagens e lógicas. Isto "[p]orque a época atual é uma época da rede. Ela demanda concepções de ciência móveis e relacionais, transdisciplinares e transareais e uma terminologia orientada pelo movimento. (ETTE , apud CAPAVERDE, 2021, p. 299). Nossa proposta, portanto, parte do princípio de que as "Literaturas do mundo", conforme Ette (2022, p. 11), são um vasto campo a ser investigado nas suas correlações, em que se "mostra que as formas de produção, de recepção e de distribuição da literatura, em escala planetária, não se alimentam de uma única 'fonte', não são reduzíveis a uma única linha de tradição como à tradição ocidental, por exemplo", como elaborado pelo teórico romanista e comparatista alemão Ottmar Ette

(2016, p. 13). São esperadas, assim, neste Simpósio Temático, pesquisas alinhadas às perspectivas decoloniais que, a partir das ressonâncias teóricas do Grupo Modernidade/Colonialidade, afirmem um reposicionamento epistemológico em que "[a] crítica à modernidade, da perspectiva decolonial, concebe que a emancipação [...] só será possível uma vez que a subalternização de experiências e de epistemologias instituídas pela modernidade seja suplantada" (BALTAR, 2020, p. 38), o que só é possível acontecer através de "um outro estatuto de alteridade, estabelecido pela transmodernidade" (Idem), conceito este desenvolvido por Mignolo e Walsh (2018) e por Enrique Dussel, que o define como: "todos os aspectos que se situam 'além' (e [...] 'anteriores') das estruturas valorizadas pela cultura euro-americana moderna, e que atualmente estão em vigor nas grandes culturas universais não europeias e foram se movendo em direção a uma utopia pluriversal" (DUSSEL, 2016, p. 63). Tais (co)movências propiciam a percepção e a discussão sobre o (con)viver e o bem viver nos territórios atravessados por populações em (des)locamento, em obras cuja temática, perspectivas narrativas e linguagem elaboram a migração, a viagem, o exílio e o refúgio, a exclusão, segregação ou a convivência. Nessa encruzilhada de povos, culturas, línguas e lógicas diversas, interessa a esse Simpósio observar a participação social e o direito à voz das pessoas migradas por meio de sua produção literária, a saber, considerando-as tradutoras culturais por meio da autoria literária. Tal escrita, dessa forma, é também um medium privilegiado de integração, que mobiliza a articulação entre a cultura de origem e a de acolhida, que nos comove, ou seja, que nos faz querer discutir e repensar as condições em que esse imaginário se estabelece e se amplia. Escritas deslocadas podem sinalizar para conexões interculturais e de convivência que ultrapassam a noção limitada a aspectos históricos, político-econômicos ou territoriais, como é o caso de sujeitos indígenas do Brasil e que migram para outras Regiões e Municípios do mesmo país por razões diversas. A autoria literária, nesse sentido, abre-se como um caminho de inserção intercultural que tanto promove a integração dos sujeitos migrantes na lógica do sistema cultural de permanência, como pode ser denúncia das reações de tal cultura à sua presença, instigadora que é de alterações no status quo vigente a partir do que contribuem com sua bagagem cultural (Walsh, 2009). Por meio de narrativas e poéticas de sujeitos (des)locados é possível vislumbrar uma dimensão da transculturalidade que impulsione a chegada a universos culturais ricos em processos de alteridade e que sejam capazes de ressignificar o olhar sobre os migrantes, exilados, refugiados, e povos em movência bem como sobre a cultura de acolhida. Portanto, são convidados a enviarem comunicações pesquisadores e pesquisadoras que promovam discussões teóricas sobre os conceitos previamente elencados, bem como análises de obras literárias articuladas comparativamente no âmbito das "Literaturas do mundo", das perspectivas decoloniais e dos deslocamentos culturais .

REZAS DO BRAUCHE E LITERATURA ORAL: MEMÓRIA, CURA E DESLOCAMENTOS EM COMUNIDADES DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ.

Ana Luiza Schneider

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a literatura oral presente em comunidades de imigração alemã no Brasil e nos Estados Unidos, com foco nas práticas de cura conhecidas como Brauche. A pesquisa, vinculada a um projeto de mestrado em andamento, investiga rezas e fórmulas orais transmitidas entre gerações como parte fundamental da experiência cultural dessas comunidades. Tais práticas, levadas por imigrantes de língua alemã à Pensilvânia entre os séculos XVII e XVIII e ao sul do Brasil no século XIX, articulam memória, religiosidade, pertencimento e transmissão oral. Partindo de uma perspectiva comparatista e interdisciplinar, o estudo busca compreender como esses textos orais se mantêm vivos através da oralidade e das relações comunitárias, mesmo diante de deslocamentos geográficos, transformações linguísticas e processos de sincretismo religioso. A investigação dialoga com pesquisas de Natacha Käfer sobre práticas de cura em comunidades teuto-brasileiras e com os estudos de Patrick Donmoyer acerca do Powwowing na Pensilvânia. Além de seu valor estético, perceptível nas repetições, fórmulas fixas e ritmo das rezas, esses textos desempenham uma função afetiva e social essencial, atuando como instrumentos de cuidado, acolhimento e continuidade cultural. Desse modo, a literatura oral é entendida como parte fundamental da continuidade cultural dessas comunidades, preservando memórias, práticas de cura e formas de pertencimento transmitidas entre gerações.

INTERTEXTUALIDADE, PARÓDIA, APROPRIAÇÃO: UM ESTUDO DAS REVERBERAÇÕES DA OBRA DE YASUNARI KAWABATA NA CENA LITERÁRIA HISPANO-AMERICANA

Felipe Nartis

Resumo: Esta pesquisa de mestrado investiga como a obra e o estilo do escritor japonês Yasunari Kawabata (1899–1972) repercutiram particularmente em três novelas da literatura hispano-americana contemporânea: Salão de Beleza (1994), de Mario Bellatin; Memória de minhas putas tristes (2004), de Gabriel García Márquez; e Bonsai (2006), de Alejandro Zambra. As três obras escolhidas são introduzidas por epígrafes que citam escritos de Kawabata, evidenciando relações intertextuais explícitas e orientando os diálogos entre os textos. Dessa forma, partindo de conceitos como o dialogismo, a intertextualidade e a transtextualidade, adotamos uma abordagem comparativa para discernir os modos como se configuram as

complexas redes de contato literário entre as obras hispano-americanas e os textos de Kawabata. Para além das citações contidas nas epígrafes, podemos identificar outros procedimentos literários que apontam para diálogos mais profundos e sistemáticos na composição das novelas, por exemplo, a paródia, a adaptação e a apropriação. Assim, nos valemos de referenciais teóricos da literatura comparada, tais como Julia Kristeva, Linda Hutcheon e Laurie Sanders, para analisar quais desses expedientes são utilizados em cada uma das novelas e de quais maneiras seus autores reelaboram e transpõem para suas respectivas obras elementos da literatura do autor japonês, tais como temática, estilo e forma. Nesse contexto, argumentamos ser nesse gesto de aproximação entre tradições literárias e culturas frequentemente entendidas como díspares e distantes que os mecanismos da intertextualidade abrem caminho para instabilizar dicotomias como as noções de literatura "ocidental" e "oriental", ou mesmo de "centro" e "periferia" no sistema literário global. Por fim, concluímos que o presente estudo contribui para os debates sobre a noção de intertextualidade e o seu papel na reconfiguração das fronteiras culturais na literatura contemporânea mundial.

TERRITÓRIOS LITERÁRIOS EM (CON)FLUÊNCIA

Fernanda Boarin Boechat

Resumo: Ao pensar o território colonizado, Hans Ulrich Obrist (2023, p. 132), em diálogo com Éduard Glissant, reitera "[...] a insistência na ideia de que qualquer história pregressa do território não existe e não pode existir. A história se inicia com o colonizador. Tudo que veio antes se perde". Na presente comunicação, pretendemos reflorestar nosso imaginário (KRENAK, 2022, p. 70) a partir da observação do registro de narrativas indígenas feito por viajantes naturalistas e antropólogos/etnógrafos de língua alemã que estiveram em campo em diversos territórios de povos originários no Brasil e por escritores que integram o sistema literário brasileiro, ligados ao cânone ou não. O estudo comparado dessa produção toma o conceito "Literaturas do mundo" [Literaturen der Welt] (ETTE, 2022, p. 11) como base, cujo tecido não possui uma única origem, mas sim multiplicam origens, textos que carregam em si um conhecimento arquipelágico e relacional. Nesse sentido, observaremos aqui em que medida exemplos concretos desses autores foram capazes de construir compreensões da cultura ligadas à figura do indígena no Brasil e em que medida a revisitação desses textos a partir de uma epistemologia decolonial pode ser capaz de uma visão da cultura brasileira mais diversa. Assim, ao encontro da noção de "todo-o-mundo" (GLISSANT; OBRIST, 2023, p. 94), pretende-se demonstrar nesta comunicação um estudo comparatista

que revela como a literatura é ambiente que preserva lógicas relacionais e processos de identificação capazes de problematizar a lógica cultural em que se frutificam.

EXÍLIO E DESLOCAMENTO: IDENTIDADE EM DOBRO NA AUTOBIOGRAFIA -SOU DAQUI E SOU DE LÁ, DE MAGDALENA RAMOS

Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa

Resumo: Desde que o homem teve consciência de si, como afiança a famosa frase de René Descartes: "Penso, logo existo", teve também conhecimento do exílio causado pela necessidade de condições melhores de vida. O homem primitivo era nômade devido ao fato de viver da coleta de frutos, da caça, da pesca e quando esses recursos escasseavam, ele se obrigava a exilar-se do lugar em que morava em busca de outro. Logo, todo exílio traz um tipo de deslocamento em qualquer situação que obrigue alguém a fazê-lo. De acordo com Denise Rollemberg (1999), é possível dizer que o exílio existe desde o princípio dos tempos, como consta no livro Gênesis da Bíblia Sagrada, em que os primeiros habitantes da terra criados por Deus, Adão e Eva, após desobedecê-lo, comendo o fruto proibido, foram expulsos do paraíso como castigo. Em outras palavras, exilados involuntariamente da terra que nasceram, são obrigados a procurar outro lugar para viverem e enfrentar as agruras que esse lhes apresentava. Edward Said (2001) afirma que " o exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar.Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal,entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada." No entanto, há exilados que conseguem ultrapassar esse sentimento, fazendo do país de acolha a sua nova pátria sem refutar a pátria de origem.Assim,este trabalho tem por objetivo ressaltar como Magdalena Ramos obtém uma dupla identidade,considerando-se brasileira por meio do exílio sem deixar de ser argentina. O texto se fundamenta sob as teorias de Denise Rollemberg,Edward Said, Júlia Kristeva e Tzevetan Todorov.

TRANSLATING THE SELF: ANGLO-BRAZILIAN WRITING AND THE POLITICS OF MULTILINGUALISM

Mariana Soletti da Silva

Resumo: This article aims to consider a different meaning of portinglês, a term coined by linguist Adálio Cabral (1985) to denote a linguistically mixed code between English and Portuguese, in Anglo-Brazilian writer Yara Rodrigues Fowler's novels Stubborn Archivist (2019) and there are more things (2023). While scholars have extensively discussed spanglish in literature, particularly in North American contexts,

portinglês has received little critical attention, and still less in Anglo-Brazilian contexts. Nevertheless, this article positions Rodrigues Fowler's work in relation to contemporary scholarship on literary multilingualism (Gilmour 2020, 2022; Jones, 2022), showing how her prose defies monolingual ideologies in contemporary Britain while staging Brazilian Portuguese as a resource for resistance, tenderness, and collective organising. In Fowler's fiction, multilingualism is not merely ornamental or representative of migrant identity, but constitutive of narrative form itself: recipes, playlists, untranslated dialogue, chants, memories, and family conversations create a textual space in which languages coexist unevenly yet productively. By refusing seamless translation and foregrounding linguistic opacity, her novels challenge assumptions about readability, assimilation, and belonging in British literary culture. Portinglês thus emerges not simply as a hybrid vernacular, but as an affective and political practice through which diasporic subjects negotiate memory, intimacy, class, and national identity. The article also argues that Fowler's writing participates in a broader transformation within contemporary British literature, in which multilingual aesthetics increasingly disrupt the fantasy of a stable, monolingual English canon. Thus, we conclude that Anglo-Brazilian writing emerges not as a minor or marginal formation, but as a privileged site from which to rethink the politics of multilingualism in the UK literary field, and to insist that English has always already been written, sounded and felt otherwise.

AVENTURA DA LITERATURA EXOFÔNICA: UMA ANÁLISE DO ENCONTRO DE LÍNGUAS NA OBRA "ABENTEUER DER DEUTSCHEN GRAMMATIK", DE YOKO TAWADA

Marina Rodrigues de Sousa

Resumo: O presente trabalho propõe uma apresentação da obra "Abenteuer der deutschen Grammatik", assim como uma análise de alguns poemas que apresentam o encontro de línguas nos poemas e questões de gênero e corpo. Estas análises serão feitas com base nos estudos de literatura sem morada fixa, literatura exofônica e translinguagem. O livro Abenteuer der deutschen Grammatik (Gedichte) foi lançado em 2010 em língua alemã. A obra, segundo Sousa e Spinassé (2023), consiste em poemas que abordam questões gramaticais da língua alemã, misturando-as com visões da autora sobre a língua alemã e fronteiras físicas e linguísticas, bem como relações entre o alemão e o japonês, destacando questões linguísticas que podem ser naturais aos falantes nativos da língua e que normalmente não seriam questionadas. Tawada nasceu em Tóquio, em 1960, e estudou literatura na Universidade de Waseda, também em Tóquio, com ênfase em Literatura Russa. Em 1982, ela mudou-se para a Alemanha, para Hamburgo, trabalhando lá em

uma distribuidora de livros de um parceiro de seu pai. Já 8 anos depois, ela recebeu o título de mestra em Literatura Alemã Contemporânea, tendo estudado na Universidade de Hamburg, e em 2000 obteve o doutorado também em Literatura Alemã Contemporânea pela Universidade de Zurique. Hoje, desde 2006, Yoko Tawada mora em Berlin, após 24 anos morando em Hamburgo. A autora atua igualmente nas línguas e nas culturas alemã e japonesa, e por conta disso há uma grande importância na forma de abordar questões de fronteiras (físicas e linguísticas). Outra característica da escrita de Yoko é a forma particular com que a autora mostra o ato de ser estrangeiro como uma característica que transforma não só a forma de pensar, mas também o corpo, enfatizando a estranheza e a inadequação da língua. Com isso, Tawada traz o corpo como objetos principais nas obras.

RECEPÇÃO DO TRAUMA COLETIVO EM MATA DOCE: LEITORES EMPÍRICOS E PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NAS REDES SOCIAIS LITERÁRIAS

Quezia Souza Carneiro

Resumo: O romance Mata Doce (2023), de Luciany Aparecida, entrelaça memórias individuais e coletivas na trajetória de Maria Teresa, marcada por perdas e violências que espelham a herança colonial e patriarcal no sertão baiano. A narrativa inscreve o trauma como experiência contínua, desvelando como cicatrizes pessoais se conectam a feridas históricas de uma comunidade. Este trabalho analisa a recepção do romance em redes sociais literárias (Skoob, Goodreads e Amazon Brasil), observando como leitores empíricos — sujeitos reais que trazem suas vivências e idiossincrasias — interpretam a escrita da perda e mobilizam afetos diante da violência narrada. Comentários e resenhas evidenciam tanto resistências quanto identificações, revelando um vocabulário emocional que reinscreve o trauma na memória coletiva. A pesquisa articula a teoria da estética da recepção, mobilizando os autores Humberto Eco (2005 [1993]) e Wolfgang Iser (1994) com perspectivas decoloniais (Quijano, 2005; Gonzalez, 1984; Sueli Carneiro, 2005), compreendendo a literatura como prática social e política capaz de tensionar silenciamentos históricos e instaurar um "desassossego empático" (Pessoa). Evaristo (2020) materializa esse projeto decolonial por meio do conceito de escrevivência, cujo ato de escrever é, portanto, uma "estética da existência" que utiliza a palavra para suscitar o inimaginável do trauma, analisado sob o viés de Freud (1917) e Seligmann-Silva (2003). Nesse sentido, Mata Doce não apenas convoca o leitor a enfrentar dores íntimas, mas também desestabiliza a anestesia social diante da violência estrutural, evidenciando como a literatura

contemporânea brasileira pode funcionar como espaço de resistência e reexistência da memória ancestral negra, cujas cicatrizes se tornam linguagem na experiência compartilhada da leitura.

DISSENSO E ASSOCIAÇÃO: MODOS DE IR NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ricardo Postal

Resumo: Esse trabalho analisa os modos de criação de associações de personagens em espaços transculturais apresentados na diegese de dois romances brasileiros contemporâneos, a saber, Digam a Satã que o recado foi entendido (2013) de Daniel Pelizzari, e O filho mais velho de Deus e/ou Livro IV (2018) de Lourenço Mutarelli. A formação de grupos, movidos por intereses vários e específicos nesses romances parece demonstrar uma estratégia de coalizão identitária dentro de uma miríade de relações culturais em que os indivíduos se sentem alheios, vazios e perdidos, precisando da coesão e da convivência (ETTE) para terem um moto e um modo de vida. Investiga-se, com viés comparatista e dos estudos culturais, como ambas obras (compreendida no conjunto de seu projeto editorial originário - a coleção Amores Expressos) demonstram o compartilhamento de um sensibilidade e de um imaginário sobre o estar em território outro, desenraizado (TODOROV) e buscar o acolhimento que mitigue a solidão da cidade (SENNET). Partindo-se de um conjunto de semelhanças, ressaltando-se que em outros romances da coleção também se trata da busca pela gregariedade (no desejo de reencontro com familiares, amantes, etc) passa-se à diferenciação, dentro de cada obra e na sua relação com a que aqui molda uma constelação de sentido.

A FLORESTA TROPICAL COMO PAISAGEM DE MEDO E DISSOLUÇÃO

Robert Schade

Resumo: O romance Die Holländerinnen (As holandesas, 2025), de Dorothee Elmiger, recentemente ganhou o prêmio do melhor romance alemão do ano. Um diretor de teatro convida uma escritora para participar de uma excursão na floresta tropical, um reenactment de um acontecimento real: o desaparecimento de duas turistas holandesas durante uma trilha na mata de Panamá em 2014, onde apenas objetos, roupas e câmeras com fotos misteriosas foram encontrados. A escritora anota o que acontece durante a excursão exaustiva, o que resulte em uma crise de linguagem, uma dissolução; ela relata os acontecimentos mais tarde dentro de um auditório. Durante a excursão aterrorizante, os participantes, convidados pelo diretor, contam histórias marcantes sobre violência e pavor. O romance tece uma rede

intertextual densa (entre outros: Joseph Conrad, Werner Herzog, Francis Ford Coppola, Thomas Bernhard, Jaques Lacan, Theodor W. Adorno, Franz Kafka). A representação da floresta conecta topos literários sobre a vegetação tropical (escuridão, impenetrabilidade, hostilidade) com aspectos epistemológicos do colonialismo. O locus terribilis representa o não funcionamento da racionalidade, da simbolização, da percepção panorâmica e das categorias de classificação. O romance narra sobre a linha tênue da civilização, onde a dominação da natureza se reverte em um caos sombrio. Especificamente referências à Dialética do Esclarecimento, de Horkheimer/Adorno (1944), se destaquem no livro. Aqui, Adorno/Horkheimer demonstram como o esclarecimento em sua vontade de calcular e abstrair se torna irracional e totalitário: "Nada mais pode ficar de fora, porque a simples ideia do 'fora' é a verdadeira fonte da angústia..." (Adorno/Horkheimer 2025, p. 26).

GUIMARÃES ROSA NA ALEMANHA: SABERES E DESLOCAMENTOS NA TRADUÇÃO DE "GRANDE SERTÃO: VEREDAS" EM 1964

Zama Caixeta Nascentes

Resumo: Em consonância com o simpósio de propor "uma discussão ampla sobre os saberes interdependentes e em constante negociação que todo processo de escritura mantém com a alteridade, seja na tradução, recepção e recriação", a comunicação objetiva discutir a interpendência dos saberes em jogo na tradução alemã do romance Rosa: do Autor, do Tradutor, do Leitor, do Editor. O Autor sabia as línguas de origem e de destino; o Tradutor, os gostos do consumidor final do produto, o usuário alemão de livros; o Leitor, a casa editorial em que trabalhava e a literatura estrangeira que lhe cabia aconselhar publicar; o Editor, o valor literário de Rosa e o valor monetário de cada livro impresso. A interdependência entre Tradutor e Leitor se registra nesta fala, "O Leitor é seu apoio [do tradutor], seu conselheiro. A relação amigável entre tradutor e Leitor é a base de confiança sobre a qual o primeiro pode dar o melhor de si." (MEYER-CLASON, 1990, p. 95); entre Autor e Leitor nesta carta de Rosa a Alexandra von Miquel, "tive o prazer de comunicar-lhe, imediatamente, minha concordância e aprovação às soluções sugeridas - para o título do livro (GRANDE SERTAO)" (KUTZENBERGER, 2005, p. 227). E título de obra traduzida envolve, "constante negociação", em que vale muito o saber da editora, "na definição do título sempre tem uma palavra de peso" (ETTE, 2018, p. 110). Em função disso, a comunicação levará em conta o trabalho de Rothe (1986), específico sobre o título literário. Outros aportes teóricos são Ette, que se pergunta se a literatura de tradução é "uma literatura sem morada fixa" (2018, p. 111) e Schneider (2015),

que examina a história da profissão de Leitor ("Lektor"), as suas funções e as relações do profissional com outros agentes do campo literário, como o tradutor, o autor e o editor.

CARLOS JANSEN E A CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL EM O PATUÁ

Zuleica Luana Kraemer

Resumo: Carlos Jansen (1829–1889) foi um intelectual alemão que chegou ao Brasil em 1851 após participar de movimentos revolucionários na Alemanha. Convidado inicialmente para atuar como soldado voluntário, estabeleceu-se definitivamente no país e destacou-se como professor, jornalista, tradutor e escritor. Sua trajetória inclui contribuições importantes para a imprensa e a literatura brasileiras, como a fundação da revista O Guaíba, considerada a primeira revista literária do Rio Grande do Sul, além de traduções pioneiras de obras clássicas para o português. No Rio de Janeiro, atuou como professor do Colégio Pedro II e colaborou com importantes nomes da literatura, entre eles Machado de Assis. Sua obra mais conhecida é O Patuá, publicada originalmente em folhetins entre 1879 e 1880. A narrativa se passa no Rio Grande do Sul e acompanha a história de amor entre Luís e Glaura, tendo o próprio Jansen como personagem. O romance apresenta descrições detalhadas dos costumes, da paisagem e da vida rural gaúcha, evidenciando a capacidade do autor de compreender e representar a cultura local. A análise da obra revela aspectos característicos da sociedade brasileira do século XIX. O texto retrata relações marcadas pela escravidão, pelo patriarcalismo e por visões idealizadas da mulher. Personagens negros escravizados, como Ivo e César, são frequentemente representados de forma submissa, refletindo concepções raciais da época. Ao mesmo tempo, surgem elementos críticos, especialmente nas falas de Glaura, que questiona a desigualdade entre homens e mulheres, e em passagens que criticam o fanatismo religioso e certas estruturas sociais. Apesar de pouco conhecido atualmente, Carlos Jansen desempenhou papel relevante na formação da literatura e da cultura letrada brasileiras, destacando-se pela qualidade de sua produção literária e por sua contribuição ao intercâmbio cultural entre Alemanha e Brasil.

ST: LITERATURA E DISSONÂNCIA

Coordenação: André Dias, Felipe Gonçalves Figueira e Rauer Ribeiro Rodrigues

Resumo: A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se

constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera sociopolítica quanto na ideológica, na estética ou na existencial. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio Literatura e Dissonância discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do status quo, manifestado na esfera da política, dos costumes, da economia, da cultura, da tecnologia etc. Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: "o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação." (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática Literatura e Dissonância, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que "o autor-artista pré-encontra a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente" (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises. O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e dos diálogos transdisciplinares. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores, independente se no âmbito da prosa ou da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação. Entretanto, dialeticamente, a literatura, ao mesmo tempo que compartilha inquietações, estilhaça certezas e provoca os leitores. Nas palavras de Antoine Compagnon: "A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia, mais que os discursos

filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes" (COMPAGNON, 2009, p.50). Nesse sentido, o discurso literário potencializa as noções de resistência, de estética e de política, na medida em que tais conceitos, mediados pelo trabalho literário, terão suas perspectivas matizadas por diversas concepções de mundo, abrindo possibilidades dialógicas infinitas a todos que se ocupam da experiência literária. Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação e dos sentidos construídos a partir da literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes. Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e produzir conclusões, ainda que provisórias, é o que se espera com o presente Simpósio Temático, que em 2026 completa catorze anos ininterruptos de participações na ABRALIC, sempre com intensa adesão de pesquisadoras e pesquisadores dos mais diferentes níveis.

SUBJETIVIDADE E "DUPLA CONSCIÊNCIA" NOS CONTOS DENTES NEGROS E CABELOS AZUIS, DE LIMA BARRETO, E SOBRE A VINDA DO PRECURSOR, DE W\.E.B. DU BOIS

Ana Beatriz Morais de Souza

Resumo: Neste trabalho, pretende-se realizar uma leitura comparada dos contos Dentes negros e cabelos azuis, do autor Lima Barreto, em que há uma elaboração estética hipersensível e a possibilidade de criação do discurso da sensibilidade cindida, através do personagem Gabriel, e do capítulo Sobre a vinda do precursor, do livro As almas do povo negro, ao qual pode-se identificar a construção de uma narrativa ficcional por meio da trajetória do personagem John Jones. A leitura consiste na análise das representações dos personagens negros, principalmente, Gabriel, personagem do conto de Lima Barreto, e John Jones, da narrativa de Du Bois, a partir não só do enfrentamento às imagens estereotipadas que compõem os regimes de representação racial (HALL, 2017) evocados pelas narrativas ficcionais, como também os modos de representação de uma subjetividade fragmentada. A partir da noção de "dupla consciência", de W\.E.B. Du Bois, a análise pretende evocar os modos ficcionais elaborados tanto por Lima Barreto, como

por Du Bois, no tratamento da violência simbólica do racismo na construção das subjetividades negras. Como referencial teórico, utiliza-se, principalmente, as contribuições de Walter Benjamin (1987), W\.E.B. Du Bois (2021), Stuart Hall (2016), Achille Mbembe (2022), Frantz Fanon (2020), e Sueli Carneiro (2023), além do trabalho da forma conto com os textos de Alfredo Bosi (1974) e Ricardo Piglia (2004). Assim, a proposta de leitura das obras elencadas evidencia possibilidades de trabalho com as narrativas ficcionais do gênero conto, ao qual observa-se um tratamento estético diferenciado, além do confronto com a noção de subjetividade moderna, tendo em vista as consequências históricas e sociais do discurso da modernização e os mecanismos raciais de exploração e de subalternização dos sujeitos.

POR ELISE, DE GRACE PASSÔ - AS PAISAGENS AFETIVAS EM RUÍNAS

André Dias

Resumo: A peça Por Elise (2005), de Grace Passô, inscreve-se na dramaturgia contemporânea ao transformar o cotidiano em campo de investigação simbólica, onde os vestígios do passado – individuais e coletivos – emergem como ruínas sensíveis no corpo, na linguagem e nas relações entre as personagens. Esta comunicação analisa como a obra constrói uma percepção do passado que reconfigura as existências no presente. Ao situar seu centro dramático em uma temporalidade não linear, na qual o passado não é distante, mas uma presença ativa e inquieta, a peça provoca uma reflexão sobre a permanência do passado e seus efeitos no agora. As figuras que compõem o enredo: uma dona de casa, uma mulher, um lixeiro, um coletor de cães doentes, carregam traumas e memórias que não se manifestam diretamente, mas se insinuam por meio de gestos, silêncios e repetições. O passado, quase invisível, habita os espaços da casa, os ruídos urbanos e a linguagem truncada das personagens. Desta maneira, ciente da observação de Mikhail Bakhtin de que "qualquer memória do passado é um pouco estetizada" (2003, p. 140), e da advertência de Paul Ricoeur de que "Uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser o fiel do passado [...]" (RICOEUR, 2018, p.40), propõe-se aqui uma leitura de Por Elise como território de sobrevivências fragmentadas, onde cada personagem é uma paisagem afetiva em ruínas. A obra encena não apenas a persistência do passado, mas sua reconfiguração afetiva: o amor que "espanca docemente" simboliza uma memória que fere, mas também conecta e persiste em retornar. Assim, Por Elise transforma o banal em arqueologia do íntimo, revelando as fissuras de existências atravessadas por rastros de perdas, afetos e esquecimentos que sobrevivem no presente.

PARA ACORDAR O BRASIL: LIMA BARRETO E O CASO VERA ZASSÚLITCH

Clara Avila Ornellas

Resumo: Na pesquisa de mestrado em desenvolvimento, estudo a importância da História e da Literatura russas para Lima Barreto (1881-1922), visando investigar como, a partir de referências a fatos históricos ou escritores da Rússia, Barreto pensou a sociedade brasileira. Nessa perspectiva, esta comunicação tem por finalidade apresentar um recorte dessa investigação segmentado, particularmente, na análise do modo como o autor estabelece críticas ao imobilismo político e à indiferença para com os mais pobres no contexto nacional, partindo da história da militante do movimento populista russo Vera Zassúlitch (1849-1919), em crônica, cujo título é o nome da militante, pertencente à coletânea Bagatelas (1956). Para tanto, subsidiam esta abordagem o pensamento de Mikhail Bakhtin (2010), no que tange ao dialogismo como manifestação concomitante de diferentes vozes e pensamentos, as reflexões de Nicolau Sevcenko (1985) acerca da postura barretiana ante às controvérsias políticas e sociais do seu tempo, bem como Lev Tolstói (1994) sobre a arte e a ciência como meios passíveis de contribuir para melhorar a humanidade. Dentre outros resultados, salienta-se a visão de Barreto quanto à necessidade de mobilização social em prol de uma sociedade que se preocupe com o bem-estar do próximo, no legítimo sentido do termo, assim como Zassúlitch que, mesmo tendo consciência da realidade política adversa e da consequente repressão a quem dela divergisse, não se conteve diante de injustiças sociais. Ademais, depreende-se que o autor brasileiro polemiza com questões de ordem política, tendo como referente a realidade hostil enfrentada pelos mais pobres, até mesmo para garantir os meios minimamente necessários para a subsistência. Logo, pode-se depreender, conforme a crônica, uma espécie de sintonia de tristezas entre as estepes russas e o Brasil tropical, nos quais a distinção de classes era utilizada como meio pretensamente justificado para o exercício da opressão constante por parte dos poderes político e econômico.

A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA: UMA ANÁLISE DAS OBRAS O BEIJO NO ASFALTO (1960), DE NELSON RODRIGUES, E O PAGADOR DE PROMESSAS (1959), DE DIAS GOMES.

Daniel Reis Pessanha

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as peças O beijo no asfalto (1960), de Nelson Rodrigues, e O pagador de promessas (1959), de Dias Gomes, sob a perspectiva da espetacularização da vida. Levando em consideração a destruição das vidas de Arandir e Zé-do-Burro, personagens centrais de cada uma das peças, busca-se compreender os mecanismos sociais que promovem e sustentam o espetáculo social. Em outras palavras, visa-se entender os motivos que transformaram o beijo de Arandir e

a promessa de Zé-do-burro em verdadeiros espetáculos sociais, que culminaram em suas mortes. Tendo como base os livros A Sociedade do espetáculo (2000), de Guy Debord, e A civilização do espetáculo (2013), de Mario Vargas Llosa, discute-se ainda a relação das questões apresentadas nas peças com a sociedade contemporânea, investigando, dessa forma, o papel do entretenimento e do esvaziamento do senso crítico para a espetacularização da vida. Isto é, busca-se compreender como as obras de Nelson Rodrigues e de Dias Gomes ajudam a interpretar as questões vigentes dentro de uma sociedade do espetáculo. Dessa maneira, propõe um estudo comparativo das peças com o tempo presente. Por fim, o presente trabalho propõe ainda refletir sobre os extremismos e divisões causados pela sociedade do espetáculo.

BORGES E CORTÁZAR DISSONANTES

Diogo Amarílio dos Santos

Resumo: Esta comunicação pretende compartilhar o desenvolvimento e os resultados parciais da dissertação de mestrado intitulada Reverberação da mitologia greco-romana em contos de Borges e Cortázar, sob orientação do Professor Doutor Marcos Rogerio Heck Dorneles, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Almeja-se a exposição e a discussão do trabalho em andamento enfocando os procediemntos de ambos autores para a recriação dos mitos clássicos presentes em alguns de seus conts, procedimentos como fragmentação, inversão, anacronismo, metaliteratura, contaminação, deslocamento, absurdo, hibridação entre outros. Para tanto convém contextualizar a mitologia como fenômeno historiográfico, além da produção dos autores hispano-americanos no século XX contando com a teoria, historiografia e crítica literárias para dar suporte às análises, bem como às teorias do Imaginário, da Mitocrítica e da Mitanálise. As transformações, persistências e estruturas arquetípicas mitológicas explanadas presentes nos contos também deverão ser analisadas em chave comparada entre os autores, evidenciando diferenças estéticas e ideológicas em Borges e Cortázar. O trabalho pretende demonstrar a vitalidade do mito presentes nas vozes dissonantes dos autores que tornam evidente os confrontos da tradição e da modernidade, bem à maneira de labirinto em que as produções dos escritores se inserem no cânone hispano-americano em suas escritas de abismo.

A LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS COMO INQUIETAÇÃO: ESCREVIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA LITERÁRIA DISSONANTE

Elizabeth Cardoso

Resumo: A literatura contemporânea para as infâncias tem produzido formas narrativas que deslocam fronteiras entre memória, oralidade, imagem e experiência, instaurando modos de elaboração literária marcados pela instabilidade e pela experimentação estética. Neste trabalho, propõe-se uma reflexão acerca da escrevivência, conceito formulado por Conceição Evaristo, compreendida não apenas como inscrição da experiência vivida, mas como prática estética capaz de reorganizar os modos de narrar, ler e produzir memória no campo da literatura para as infâncias. Interessa analisar de que maneira determinadas obras articulam corpo, linguagem e visualidade em construções marcadas pela materialidade da linguagem e pela elaboração poética da memória histórica. Para essa discussão, será analisada a obra Adeus ao Marujo, de Flávia Bomfim. Ao articular palavra, imagem e bordado, a narrativa reinscreve a memória histórica da Revolta da Chibata em uma experiência estética voltada às infâncias, produzindo tensões entre delicadeza visual e violência histórica. A obra desloca formas estabilizadas da narrativa para infâncias e juventudes ao construir uma textualidade em que oralidade, visualidade e memória coletiva se entrelaçam, convocando o leitor a uma experiência de leitura atravessada pela sensorialidade e pela corporeidade da linguagem. A análise dialoga com as reflexões de Dénètem Touam Bona acerca das cosmopoéticas do refúgio, sobretudo no que se refere à criação de espaços sensíveis de abrigo e circulação da memória, bem como com a noção de literatura menor desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, entendida como prática de desterritorialização da linguagem. Busca-se compreender, assim, como Adeus ao Marujo reconfigura os modos contemporâneos de percepção da literariedade no campo da literatura para as infâncias, produzindo experiências de leitura marcadas pela inquietação estética.

GAMBIARRA, DESUMANIZAÇÃO E EXPERIÊNCIA DOCENTE EM CONSELHO DE CLASSE, DE JÔ BILAC

Felipe Gonçalves Figueira

Resumo: Este trabalho analisa o texto dramático Conselho de classe (2014), de Jô Bilac, como discurso estético que torna visíveis as formas de desumanização e precarização que atravessam o cotidiano da escola pública brasileira. A ação se passa em uma escola estadual, no conselho de classe de fim de ano, sob condições materiais extremas – calor sufocante, presença constante de moscas, infraestrutura precária – que funcionam como índices cênicos de degradação das relações e dos corpos docentes. A partir de referências como Darcy Ribeiro (2011, 2018) e José Carlos Libâneo (2018), é feita discussão sobre como a peça reinscreve, na cena, a dualidade estrutural da educação brasileira, que destina uma escola elitizada aos filhos das classes dominantes e uma escola sucateada às classes populares, operando como instrumento de

controle social. Propõe-se ler as tensões entre as personagens docentes (Edilamar, Mabel, Célia Patrícia, Paloma e o diretor substituto Rodrigo) não como simples conflitos individuais, mas como "conflitos dentro do conflito" maior: a própria organização capitalista da educação, que fragmenta a experiência, impede a construção de projetos coletivos e empurra cada educador à lógica da gambiarra como ética da sobrevivência. A composição do quórum do conselho, viabilizada por arranjos improvisados às margens da norma, condensa essa ética, ao mesmo tempo crítica e adaptativa, que permite o funcionamento mínimo da escola ao custo de naturalizar a precariedade como destino. Ao iluminar essas práticas e contradições, Conselho de classe é tomado aqui como um potente dispositivo de leitura da escola pública contemporânea, evidenciando tanto o esgotamento de uma ordem educacional quanto os gestos micropolíticos de resistência inscritos nas ações das personagens.

A PERMANÊNCIA DA DISSONÂNCIA: CRÍTICA SOCIAL E EXISTENCIAL EM IBSEN E RAUL BRANDÃO

Gabriel Fallaci Fernando

Resumo: A dissonância, enquanto movimento intelectivo, origina-se da insatisfação do sujeito em relação a algum contexto de pertencimento, seja ele direto ou indireto. Nessa chave, a literatura – independentemente da genologia – constitui um excelente, ainda que frustrante, instrumental para trazer tal descontentamento à luz. A frustração, contudo, reside justamente no fato de o resultado literário mostrar-se não apenas insuficiente para alterar uma realidade incômoda, mas também indicativo de que determinadas situações e críticas, mesmo com o avançar do tempo, não perdem sua atualidade. Partindo dessa reflexão, a presente comunicação tem como objetivo analisar e discorrer sobre a peça Casa de Bonecas (1879), de Henrik Ibsen, publicada pela primeira vez na Dinamarca e as denúncias – muitas vezes à frente de seu tempo – nela contidas para, posteriormente, demonstrar os paralelos e aproximações destas com o romance Húmus (1917), de Raul Brandão, publicado pela primeira vez em Portugal. A presente proposta justifica-se, em primeiro lugar, pela forte vinculação temática entre duas obras diametralmente distintas em seus contextos geográficos e epocais, evidenciando não apenas o incômodo, mas também a postura dissonante de ambos os autores, como que em uma sucessão crítica. Em segundo lugar – e sobretudo –, justifica-se pelo fato de a crítica brandoniana insistir, de maneira relativamente reducionista, na ideia de que Raul Brandão teria se servido apenas do "símbolo da árvore" ibseniano, quando, na verdade, é possível sustentar – e esta é uma das intenções centrais da presente comunicação – que o autor

da Foz do Douro apropriou-se amplamente da crítica e da denúncia de Henrik Ibsen presentes em sua peça de teatro na constituição de sua própria dissonância em relação à vida e ao mundo.

O PAGADOR DE PROMESSAS E A TENSÃO POLÍTICO-SOCIAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Gustavo Rodrigues da Silva

Resumo: O pagador de promessas (2010) é um drama de Alfredo de Freitas Dias Gomes, escrito em 1959, no qual se apresentam temas candentes em um Brasil que se encaminhava para um governo de viés mais socialista, com Juscelino Kubisteck, entre 1956 e 1961. Temas como intolerância religiosa, reforma agrária, o preconceito sobre a mulher que quer terminar um casamento, veiculação de notícias falsas, entre outros afloram em muitas páginas da obra de Dias Gomes e no Brasil da época como um todo. Em O inconsciente político - a narrativa como ato socialmente simbólico (1992), Fredric Jameson propõe uma interpretação dialético-marxista de uma obra literária, na qual a História é pensada em seu passado, em seu presente e em seu futuro. Nesse sentido, em On revolution (1972), Karl Marx estabelece que o homem é um ser social o qual não deve se contentar em apenas sobreviver, mas em ser livre em todos os campos da vida. Em O pagador de promessas, observamos que os temas apresentados ao longo da obra estão presentes na sociedade brasileira contemporânea também, polarizada entre a esquerda e a direita, ou, em outros termos, entre os progressistas e os conservadores. Por exemplo, a personagem Zé-do-burro quer ser livre para expressar a sua fé sincretista, porém é impedido por algumas autoridades conservadoras de uma Salvador dos anos 1950, que refletem a intolerância religiosa em nosso Brasil contemporâneo. Consequentemente, propomos uma comunicação na qual aprofundaremos essa tensão político-social presente na obra de Dias Gomes, tensão literária pouco pesquisada nos dias atuais e; portanto, dissonante literariamente.

O POEMA EM PROSA "A LINGUAGEM DO SUSTO", DE SEBASTIÃO UCHOA LEITE, SOB A PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DA PAISAGEM, DE MICHEL COLLOT

João Batista Cunha Silveira

Resumo: Este artigo visa efetuar algumas elucubrações sobre o poema em prosa “A linguagem do susto”, de Sebastião Uchoa Leite, que aparece no livro Cortes/Toques, a partir da poética e do jogo de linguagem que mobiliza os recursos expressivos líricos articulados com a perspectiva do Pensamento-paisagem, de Michel Collot, presente na obra Poética e Filosofia da Paisagem. Tal estudo de parcela da poesia brasileira

contemporânea se insere na Área de Concentração de "Estudos literários" e na Linha de Pesquisa de "Historiografia literária: recepção e crítica", e procura atuar sob as perspectivas do gênero poético, da Filosofia da percepção e dos estudos interdisciplinares. A pesquisa se dá por meio de um estudo analítico do poema em prosa supramencionado a fim de demonstrar que o uso dos recursos expressivos líricos, com destaque para a sonoridade e o ritmo, representa os principais pontos articuladores do poema em análise e o Pensamento-paisagem, sob a perspectiva apregoada por Michel Collot. Nesse sentido, a pesquisa tem como ponto de partida prévio lançar algumas questões sobre o poema em prosa, como identificar o universo poético a ser extraído de uma atmosfera rarefeita e provocadora, depurado de uma realidade construída; a estilização saída da realidade mais imediata como pontos de reflexão do poema em prosa e, ainda, a relação entre poesia e experiência sensível, como uma forma inesperada de transformação e/ou elevação e de reencontro com processos composicionais e estéticos. Estas questões têm, hipoteticamente, como "pano de fundo" ressaltar a importância dos diálogos e das releituras promovidos por meio da produção do poema em prosa.

O TALHO DA LETRA E DA ROCHA: EPÍGRAFE E EPITÁFIO EM 'O RECADO DO MORRO', DE GUIMARÃES ROSA, E 'PROMETEU', DE FRANZ KAFKA

Marcos Rogério Heck Dorneles

Resumo: A Comunicação "O talho da letra e da rocha: epígrafe e epitáfio em 'O recado do morro', de Guimarães Rosa, e 'Prometeu', de Franz Kafka" procura estabelecer conexões compositivas e críticas entre a transformação locucional e a elaboração atuacional nos contos selecionados. Situadas em propostas constitutivas distintas (novela e miniconto; jornada e caso; tensão e ironia; expansão e ocaso; vivencial e absurdo), essas duas narrativas possibilitam reflexões sobre inter-relações com a linguagem e acerca de expansões e limitações inerentes aos desdobramentos performáticos de seus protagonistas junto à reverberação da serra mineira e ao isolamento da cordilheira cítia. Além disso, ambas as obras apresentam interfaces intertextuais com confluentes textos como os de Hesíodo (2003), Homero (2002), Ésquilo (2009) e Ovídio (1983). Diante desse cenário, este trabalho se posiciona num horizonte de contraste e complementaridade apreciativa, buscando apontar vetores fecundos de possíveis desdobramentos estéticos nos contos de Rosa (2001) e Kafka (2002) por meio da dilatação de suas poéticas compositivas. Para tal, a apresentação situa diálogos com aportes teóricos advindos da literatura comparada (Damrosch, 2020; Carvalhal, 2003; Trousson, 2003; Jobim, 2020), das teorias do conto (Piglia, 2004; Cortázar, 2006) e das teorias da narrativa (Genette, 1995; Shmidt, 2010; Candido, 2007; Brandão, 2005). Como decorrências

indagativas do estudo ressaltam-se: o destaque aos desdobramentos factuais das escolhas das personagens (decorrência de seus arcabouços constitutivos); a ênfase à projeção atuacional em diálogo com vetores telúricos; a preponderância da mescla de materiais compositivos e a manutenção de uma estética díspar.

O HOMEM SOB A TERRA: O NASCIMENTO DE UM HERÓI E A SUSPENSÃO DA LINGUAGEM EM A MAÇÃ NO ESCURO, DE CLARICE LISPECTOR

Mateus Pavanelli de Albuquerque

Resumo: O presente estudo propõe uma leitura crítica da segunda parte do romance A maçã no escuro (1961), de Clarice Lispector, intitulada "O Nascimento do Herói", analisando a constituição da subjetividade do protagonista da obra a partir de sua inserção no espaço físico da narrativa (a fazenda de Vitória). Assim, o objetivo central será aferir como a imersão de Martim na rotina da fazenda e seu contínuo contato laboral com o meio ambiente operariam uma suspensão de antigas coordenadas da linguagem humana. Para tanto, mobilizaremos a ideia de "pensar o impensado" diante das alteridades humanas e não-humanas, desenvolvida por Evando Nascimento em O pensamento vegetal: a literatura e as plantas (2021), em interlocução com a tese do "direito ao segredo", de Jacques Derrida, exposta em sua obra Paixões (1995). A partir dessa chave de leitura, também pretendemos explorar a cena final da segunda parte do romance de 1961, momento em que Martim, montado a cavalo, contempla o descampado e experimenta um certo domínio das forças terrestres. Buscaremos demonstrar como o controle exercido sobre a terra e a matéria funcionaria como uma "solidificação da fundação" de um novo mundo existencial, tal como desenvolvido por Claire Varin em Línguas de fogo (2023). O percurso metodológico consistirá, portanto, em evidenciar como o isolamento e o labor da personagem na fazenda deliniariam uma paradoxal zona de suspensão, permitindo a Martim a submersão em um novo mundo (mineral, vegetal, animal e humano). Assim, essa área de "trégua", estruturada aquém e além das molduras institucionais da norma, possibilitaria ao "herói" tatear as bases de sua própria busca.

ENTRE O SALÃO E A FERIDA: ORDEM E ABERTURA DO CAOS EM CLARICE LISPECTOR

Merissa Ferreira Ribeiro

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura do conto "A bela e a fera ou A ferida grande demais", de Clarice Lispector, a partir da tensão entre a suporta ordem que organiza a vida social e a abertura caótica que a desestabiliza. O ponto de partida é a compreensão de cosmos não apenas como universo ordenado,

mas como princípio de arranjo, direção e governo da vida humana. Carla de Sousa e Santos, personagem que dá forma ao mundo conhecido a partir de valores estéticos superficiais, disciplina os gestos, sustenta identidades e constrói modos de habitar a realidade desprovidos de busca pelo autoconhecimento, no conto, encontra-se inicialmente inscrita em um harmonia social. Assim, o salão de beleza, o nome de família, o casamento, a classe, o dinheiro, o motorista e a aparência compõem a ordem que organiza sua presença diante dos outros e de si mesma. Essa ordenação, porém, é interrompida pela aparição do mendigo e de sua ferida exposta. A partir desse encontro, o caos deixa de ser entendido como simples desordem e passa a ser lido como força de abertura, cisão e desvelamento. A ferida do outro entreabre o mundo de Carla, rompendo a superfície bem composta de sua vida e revelando aquilo que sua posição social mantinha à distância: a fome, a miséria, a vulnerabilidade e a precariedade do humano. Assim, entre o salão e a ferida, Clarice Lispector encena o confronto entre uma existência organizada pela aparência e uma experiência que se abre ao incômodo do real. Busca-se demonstrar, portanto, que o caos clariceano não elimina o cosmos; antes, expõe seus limites, suas exclusões e sua instabilidade constitutiva.

MARIA FIRMINA, ASTOLFO MARQUES E NASCIMENTO MORAES: A VANGUARDA NEGRA MARANHENSE

Renato Kerly Marques Silva

Resumo: Esta comunicação destaca as narrativas "A escrava" (1887), de Maria Firmina dos Reis (1822-1917); "Ser treze" (1905), de Astolfo Marques (1876-1918); e "Vencidos e Degenerados" (1915), de Nascimento Moraes (1882-1958), com o objetivo de analisar como intelectuais negros maranhenses elaboraram críticas à segregação e ao racismo durante a escravidão e nas primeiras décadas após a abolição. No século XIX, além da questão racial, o status jurídico da pessoa – livre, liberta ou escravizada – indicava a posição que o indivíduo poderia ocupar na sociedade maranhense (JESUS, 2015). Nesse sentido, a representação das tentativas de fuga e da compra da alforria como caminhos para a conquista da liberdade, descritas por Reis (2004), evidencia estratégias de superação do cativeiro. Apresentar-se como liberto em data anterior ao 13 de Maio constitui outra tentativa de distinção em relação aos indivíduos tornados livres após a abolição, conforme retrata Marques (2021). Contudo, Moraes (2000) destaca que, com o fim da escravidão, a desigualdade entre brancos e negros assumiu uma nova dimensão: o status jurídico perdeu relevância, e a hierarquia social passou a ser estabelecida sobretudo pela racialização dos indivíduos, impondo novas limitações à população negra após a liberdade. Ao registrarem táticas de conquista da liberdade e de enfrentamento das desigualdades, os escritores citados assumem uma posição

de contestação diante das elites locais, que atualizavam as relações de poder em detrimento da população negra, reduzindo-a à condição de ex-escravizada (PINTO, 2014). Tal prática, associada ao embranquecimento e ao apagamento de intelectuais e literatos negros, contribuiu para ocultar suas produções e suas contribuições tanto para o fim da servidão quanto para a luta por melhores condições de vida da população negra.

ARQUIVOS DA DISSONÂNCIA: THE LIVING THEATRE E A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA NA DITADURA MILITAR (1964-1985)

Roberta Cantarela

Resumo: O presente trabalho investiga a experiência do grupo teatral The Living Theatre durante sua passagem pelo Brasil no contexto da ditadura militar, com especial atenção aos registros documentais e arquivísticos produzidos em torno desse episódio. Fundado nos Estados Unidos por Julian Beck (1925-1985) e Judith Malina (1926-2015), o The Living Theatre consolidou-se como uma das mais importantes companhias de teatro experimental e performático do século XX, tornando-se referência internacional por suas propostas estéticas radicais e por seu posicionamento crítico diante das estruturas políticas e sociais de seu tempo. Em 1970, a convite de José Celso Martinez Corrêa, o grupo chegou ao Brasil, onde desenvolveu atividades artísticas que provocaram intenso impacto na cena cultural brasileira. A presença do coletivo coincidiu com um dos períodos mais repressivos da ditadura militar, marcado pela censura, pela perseguição política e pelo controle das manifestações artísticas. Nesse contexto, as práticas performáticas e contraculturais do The Living Theatre passaram a ser percebidas como formas de dissenso e contestação, culminando na prisão de seus integrantes e, posteriormente, em sua expulsão do país. Partindo dos estudos do arquivo, da memória cultural e da performance, a pesquisa analisa documentos preservados em acervos norte-americanos, especialmente aqueles localizados na Universidade Yale, na Universidade de Nova York e na Biblioteca Pública de Nova York. Busca-se compreender de que modo esses registros contribuem para a reconstrução da trajetória do grupo no Brasil e para a reflexão sobre as relações entre arte, dissidência e autoritarismo. Ao recuperar essa experiência histórica, o trabalho evidencia como a atuação do The Living Theatre constituiu uma voz dissonante diante das estruturas de poder vigentes, deixando marcas duradouras na história do teatro brasileiro e nas formas de resistência cultural durante a ditadura militar.

GEORGE ORWELL E JOSÉ J. VEIGA: DIÁLOGOS NA DISTOPIA

Rogerio Pereira Borges e Simone Carneiro de Mendonça

Resumo: A comunicação terá como escopo uma análise comparativa entre os trabalhos dos escritores George Orwell e José J.Veiga em suas obras distópicas: 1984 (2009) e Aquele mundo de Vassabarros (2022), enfatizando seus pontos dialógicos, além de perceber como as duas leituras trazem uma história carregada de um mundo devastado, mas construído por muros fortificados, numa sociedade estratificada com personagens que estão fadados a situações sem perspectiva de saída. Trará a discussão das fronteiras internas e externas dentro de um sistema hermeticamente fechado e como essa literatura retrata sociedades futuras hipotéticas ou lugares, épocas e Estados fictícios marcados por regimes totalitários, vigilância extrema, opressão tecnológica e perda da liberdade individual. Os personagens vivem em condições de opressão extrema, desespero e privações, paralisados em seus contextos. A distopia do horror representa alegorias literárias que apresentam o resultado de pessoas fazendo escolhas desesperadas. Essa leitura dos dois textos marca a intertextualidade das obras trazendo sempre pontos de diálogos tanto na forma narrativa, efeitos estéticos e da própria linguagem, pois nas duas escrituras observa-se o uso de neologismos criados para descrever personagens e situações. Os textos usam de metáforas e alegorias para externalizar críticas às suas realidades respectivas. O estudo está baseado nas teorias de M. Bakhtin (2010) e J. Kristeva (2012) e U. Eco (2003). Dessa forma, Veiga tece dialógos com Orwell por trazerem uma literatura que reflete sobre as sociedades no pós-guerra na Inglaterra e a ditadura militar brasileira Um diálogo possível, uma vez que José J. Veiga morou durante alguns anos na Inglaterra exatamente naquele período, possibilitando o intercâmbio aqui aventado.

PODER, CONFLITO E FORMAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA NA PEÇA CONSELHO DE CLASSE, DE JÔ BILAC

Suelen Gonçalves Vasconcelos

Resumo: A dramaturgia contemporânea brasileira tem se destacado por problematizar instituições sociais e questionar discursos hegemônicos que estruturam a vida coletiva. Nesse contexto, a peça Conselho de Classe (2013), de Jô Bilac, constitui um importante objeto de reflexão ao representar a escola pública não como espaço idealizado de formação, mas como ambiente marcado por tensões, conflitos e disputas de poder. Assim, este trabalho propõe analisar de que modo a peça constrói uma representação dissonante da instituição escolar, evidenciando contradições presentes nas relações entre professores, gestores, estudantes e políticas educacionais. Para tanto, serão mobilizados referenciais dos estudos teatrais, literários e educacionais, com destaque para Foucault, Bourdieu, Freire e Bakhtin, especialmente por meio

dos conceitos de dialogismo, polifonia e confronto de vozes sociais. Partindo da perspectiva de que a literatura e o teatro atuam como formas de questionamento da realidade social, a presente pesquisa busca compreender como a obra de Bilac desestabiliza concepções cristalizadas acerca da educação, revelando processos de exclusão, burocratização e desgaste das práticas pedagógicas. A reunião do conselho de classe, núcleo dramático da peça, transforma-se em um espaço de confronto de discursos e de exposição das fragilidades de um sistema educacional atravessado por desigualdades sociais e impasses institucionais. Nessa perspectiva, a escola é apresentada como espelho das relações sociais brasileiras, sendo fortemente marcada pela insuficiência de investimentos públicos, pela precarização das condições de trabalho e pela persistência de desigualdades estruturais. Portanto, além de retratar problemas do universo escolar, a peça evidencia as fraturas de uma sociedade marcada por profundas assimetrias sociais e pelas recorrentes frustrações em torno do projeto educacional brasileiro. Dessa forma, busca-se compreender como Conselho de Classe constrói uma representação dissonante da escola pública, expondo conflitos ideológicos e questionando concepções naturalizadas acerca da educação e da sociedade brasileira.

AS MORTES DOS IGUAIS E DOS "DE BAIXO" EM MPBC

Thiago Elias Ribeiro

Resumo: Pretende-se, com esta comunicação, identificar como se configura a morte no romance Memórias Póstumas De Brás Cubas, de Machado de Assis. Além de compreender qual objetivo da escolha dessa temática para a obra e observar de que forma a morte é encarada pelas personagens. Também se buscará verificar por que algumas mortes parecem afetar de forma mais intensa Brás Cubas. Para tanto, será necessário buscar compreender a morte em enfoques psicológicos, psicanalíticos, filosóficos, históricos, sociológicos e antropológicos. Soma-se a isso a possibilidade de questionar padrões sociais, uma vez que estando morto não vai ser mal visto e nem sofrer represálias dos viventes. Tudo isso faz com que esse tema seja tão presente e tão importante, pois a escolha dessa proposta pelo autor faz com que ele se coloque "acima" dos outros membros da sociedade, por estar de certa forma longe e livre de qualquer convenção social, estando no além-túmulo. Por ser um "defunto autor", Brás pode agora refletir sobre o que antes lhe era comum, uma vez que era "ator" dentro dessa sociedade estamental, analisando os fatos como quem já conhece as ações e reações dos membros dessa elite em que vivia. Não somente observar, mas também criticar e refletir sobre seus próprios vícios e dos outros, podendo falar de romance, traição, amizade, família, relações movidas em sua grande maioria por interesses pessoais e financeiros.

QUESTÕES DE AUTORIA E FEMINILIDADE EM VALSA Nº6 DE NELSON RODRIGUES E DIATRIBE DE AMOR CONTRA UM HOMEM SENTADO DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Vanessa Leal Nunes Vieira

Resumo: A escritora brasileira Lya Luft escreveu: "Porque a memória é a guardiã da vida. [...] É quando o tempo quase não existe: existe uma forma nebulosa de viver entre sonho e realidade [...]" (LUFT, 2014, p. 17) E, de fato, existem várias memórias em comum nas experiências femininas, mesmo que geograficamente distantes ou separadas temporalmente, fatos históricos e resquícios de opressões que insistem em se repetir. Essa memória irá figurar tanto na busca post mortem desesperada da adolescente Sônia pela verdade de si mesma, na peça Valsa nº 6 (1951) de Nelson Rodrigues, quanto no súbito fluxo de consciência que Graciela embarca em Diatribe de amor contra um homem sentado (1987) de Gabriel García Márquez, analisando-se enquanto mulher e esposa que foi devota ao marido durante vinte e cinco anos. As peças citadas acima provocam, portanto, reflexões que buscam analisar os inusitados pontos de convergência entre as obras produzidas por estes dois autores, com muito em comum em suas trajetórias pessoais, ambos inseridos em seus respectivos cenários geográficos e artísticos. Segundo Antonio Candido, "a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo" (CANDIDO, 2014, p.65) e muitas vezes pode ser considerada como um espelho da sociedade, a natureza social refletindo-se em elaboração estética com suas nuances elaboradas, inclusive nas relações de gênero. Por essa razão, a criação de personagens como Sônia e Graciela também levanta questões importantes sobre representatividade, estereótipos e a autenticidade da voz feminina de autoria masculina, posta em cena nos únicos monólogos que ambos os autores escreveram já que, como coloca Bakhtin: "o autor acentua cada particularidade da sua personagem, [...] cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos a cada manifestação daqueles que nos rodeiam" (BAKHTIN, 2020, p.3).

ST: LITERATURA E EDIÇÃO: MATERIALIDADES E CIRCULAÇÕES ALTERNATIVAS EM CONTEXTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS

Coordenação: Denis Moura de Quadros e Priscila Oliveira Monteiro Moreira

Resumo: O paradigma hegemônico da escrita pouco valoriza manifestações literárias de outras naturezas e pouco contribui para compreender a complexidade entre textos e seus meios de circulação. A dissociação entre livros e textos é construída em um elo entre leitores, editores e autores, mas o seu

oposto também é verdadeiro: esse resgate pode ser feito justamente por qualquer um dos três agentes dentro dessa cadeia. Encontrar equilíbrio entre a ausência da materialidade e a presença supervalorizada da fetichização dos livros como objetos de consumo é um passo fundamental para abrir esse diálogo a caminho de um materialismo hermenêutico, possível de ser alcançado mediante o reconhecimento da condição material de circulação de textos literários. Considerar livros como principais veículos de circulação de textos literários sustenta uma suposta naturalização de um bem cultural que não é essencialmente comum: o livro impresso. Um dos caminhos para resgatar a subjetividade de artefatos impressos como veículos ativos na significação dos textos literários é observá-los em sua lógica individual – dentro de cada uma das suas edições ou republicações. D. F. McKenzie (1999; 2002) dialoga com esse lugar que vê o livro antes de o livro existir e consegue equilibrar, com qualidade, um tripé estético, político e material, ao valorizar o texto em seu suporte em sua materialização. Nesse lugar está a inseparatividade das formas e dos discursos, por isso o autor pede que o livro seja percebido como uma conquista simbólica. Sua perspectiva abre portas para um debate que procura colocar em pé de igualdade a importância de outras áreas envolvidas para a manifestação literária, razão pelas quais historiadores contemporâneos como Roger Chartier (2014) e Robert Darnton (2007) referenciam seu trabalho. Teóricos da literatura como Hans Ulrich Gumbrecht (2003) e Johanna Drucker (1994), devido ao vínculo com as Materialidades da Comunicação, no caso do primeiro, e com as Artes Gráficas, no caso da segunda, dialogam com essas proposições, assim como Jerome McGann (1991; 1993; 2007), quem atualiza e amplia os pressupostos de McKenzie. Assim, embora linguisticamente um texto possa ser o mesmo em edições distintas, para a Sociologia dos Textos é importante ter em conta que o suporte que o veicula faz diferença. Aquilo que McKenzie demanda é o preço político a ser incluído como efeito de nossas metodologias analíticas. O que essa perspectiva pede, no conjunto de sua obra, é que utilizemos ferramentas interpretativas em prol de uma textualidade inter-relacionada entre sistemas de codificações linguísticas, estéticas, historiográficas e bibliográficas a fim de minimizarmos danos interpretativos excludentes. Nesse sentido, é relevante entender o papel dos intelectuais mediadores e agentes culturais como um dos diálogos possíveis para a Literatura Comparada contemporânea, seja na reconstituição de suas contribuições seja na republicação de obras. No que diz respeito a livros publicados por editores-autores no Brasil, isso ainda é mais incipiente: há poucos estudos realizados que se pretendem como um panorama dos editores artesanais brasileiros, mas ainda são bastante enciclopédicos. Projetos editoriais espontâneos e de curta duração também ofereceram à literatura nacional grandes textos, mas livros impressos com parâmetros demasiadamente amadores. Esse é um ponto relevante para esta discussão: algumas das edições feitas de modo autônomo, apesar de sua boa vontade em popularizar obras, tendem a produzir livros com projetos editoriais toscos, dado que são "enjambres" feitos por intelectuais que, temporariamente, atuam como editores, mas não são necessariamente conhecedores técnicos do

mundo dos impressos. Sobretudo livros de poesia sofrem desse mal, como também aponta levantamento feito por Gisela Creni em Editores artesanais brasileiros (2013). A partir desse quadro, torna-se possível compreender que produções como, por exemplo, as de Helena do Sul, de João Carlos de Odé e de outras obras de autoria de mulheres e/ou negros não devem ser lidas sob o signo da precariedade editorial, mas como manifestações inscritas em regimes próprios de materialidade e circulação, nos quais o gesto de escrever se estende ao de editar, imprimir e distribuir. Nesse sentido, a autopublicação, longe de configurar apenas uma limitação de acesso ao mercado editorial hegemônico, constitui-se como prática estética e política que reconfigura as relações entre autoria, suporte e leitura, razão pela qual merece ser vista como parte relevante da equação que permite que os textos literários existam materialmente. Serão aceitos trabalhos que proponham reflexões teórico-críticas e analíticas acerca das relações entre literatura, materialidade e circulação, com especial interesse em produções marcadas por regimes alternativos de publicação, como a autopublicação, as edições artesanais e os circuitos independentes. Serão bem-vindas comunicações que abordem autoria negra, periférica e dissidente, bem como investigações que articulem literatura e práticas culturais contra-hegemônicas, considerando aspectos como suporte, edição, mediação e recepção. Também se inserem no escopo do simpósio estudos que mobilizem perspectivas da Literatura Comparada, dos Estudos do Livro e da Edição, das materialidades da comunicação e de epistemologias negras e decoloniais, contemplando autores, obras e contextos que tensionem os limites do campo literário tradicional.

WILLIAM BLAKE E O LIVRO DE ARTISTA PELA PERSPECTIVA DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Amanda Lauschner Corrêa

Resumo: Esta comunicação propõe analisar William Blake como um precursor do livro de artista (Lauschner, 2017) sob a perspectiva do materialismo histórico, enfatizando sua escolha pela gravura em metal e pelo formato artesanal como uma resposta às condições concretas de produção e de censura de sua época. Blake publicou O casamento do céu e do inferno (1790) em um contexto de efervescência revolucionária e reação conservadora na Inglaterra (Hobsbawm, 1962). A imprensa tipográfica, embora tecnologicamente avançada, estava sujeita a mecanismos de controle ideológico, como a censura política e religiosa. Ao dominar todas as etapas de produção – escrita, gravação, impressão e coloração aquarelada – Blake contornou o sistema editorial institucionalizado, garantindo a circulação de ideias subversivas sem a

mediação de censores ou editores. Sua crítica dirigia-se tanto à religião institucionalizada quanto ao racionalismo científico emergente. O poema satiriza o místico Emanuel Swedenborg (1758) na sua proposta maniqueísta entre céu e inferno e propõe o movimento entre energia e razão como salutar à vida. Assim, Blake responde à mecanização promovida pela incipiente Revolução Industrial e critica o cientificismo enquanto forma hegemônica de acepção da realidade, uma vez que, a seu ver, o generalismo enfraqueceria a força imaginativa dos indivíduos. O chamado método infernal de gravação, no qual Blake utilizava ácidos corrosivos para "derreter superfícies aparentes", torna-se metáfora para a dissolução do controle imposto pela ordem social. Para além de um objeto no museu, o livro de artista blakeano é então um ato de resistência material, isto é, uma alternativa à imprensa oficial, produzindo sentidos outros ao integrar texto, imagem e suporte físico, burlando o controle editorial e afirmando a soberania da imaginação contra os dispositivos disciplinares da modernidade emergente.

UMA TEORIA ESPECTRAL DAS EDIÇÕES HUMANAS

Guilherme de Souza Lopes

Resumo: A "teoria das edições humanas", proposta por Brás Cubas em suas Memórias Póstumas, estabelece uma corruptela da tradição (o caniço pensante pascaliano) como tese que explica a estrutura da vida e do livro de Brás: uma resposta à constante variação dos homens e dos tempos diante da promessa de finitude, embora seu fundo seja também um metacomentário sobre a contingencialidade da destinação das materialidades. É possível compreender a proposição de Brás pela chave satírica do esvaziamento filosofante que atenua e atesta a classe oligárquica de seu autor. Outra maneira é a de reconhecer nela uma solicitação do livro como forma de ficção que aposta na labilidade autobibliográfica (Abel, 2003). Ainda, a constituição da tese pela metáfora editorial justificou uma aproximação crítica do campo da História Cultural, a qual inscreveu a obra e as práticas simbólicas de Machado de Assis no terreno investigativo das representações históricas das materialidades dos suportes, de seu contexto de produção e de circulação. A teoria de Brás, ainda que sub-repticiamente, torna-se uma figura de disputas críticas sobre o "ter-lugar" histórico entre sentido ("tese") e suporte para a ficção machadiana. Retrocedendo ao arquivo autoral prévio de Machado, incluindo os mais variados gêneros de escrita, é possível reconhecer que a teoria das edições humanas aparece como constante errata pensante no decorrer da obra machadiana. A hipótese sugerida é a de que as edições humanas, por essa via, tornam-se uma meta-teoria: comentário crítico que pensa a aporia das variações editoriais (atualização do "mesmo"/inscrição do "contingente") enquanto modos de sobrevivência espectral das materialidades da escrita. Como consequência, a formulação

comportaria uma reflexão sobre a contingência do arquivo histórico (o drama do porvir de memórias póstumas/pós-memórias), o que inclui uma teoria da história em crise e uma noção crítica de tese que atrita com as estruturas do discurso literário do realismo.

O LIVRO COMO OBJETO DE EXPERIMENTAÇÃO EM O CRISÂNTEMO DE CEM PÉTALAS, DE LUIZ BACELLAR E ROBERTO EVANGELISTA

João Paulo Cardoso Alves e Karen Rafaela Cordeiro Lisboa

Resumo: De autoria do poeta amazonense Luiz Bacellar (1928-2012) e do artista visual e poeta acreano Roberto Evangelista (1946-2019), O Crisântemo de Cem Pétalas (1985) é uma obra sui generis na produção de ambos: trata-se de um livro-objeto composto por um estojo de madeira, de 12,5cm x 18,5cm, com 5,5cm de espessura, que comporta 247 páginas, sem costura, perfuradas e atravessadas por um pino de madeira. O texto constitui-se de cem haicais, cinquenta de cada autor, ilustrados pelo artista visual amazonense Jair Jacqmont. Nosso objetivo é analisar as implicações entre textualização e materialidade na obra citada, partindo do reconhecimento de que "Toda obra literária que nos é transmitida opera por meio da disposição de um duplo eixo de códigos perceptuais: os códigos linguísticos, de um lado, e os códigos bibliográficos, de outro" (McGann, 1991, p. 77, tradução nossa). Isto é, os textos não circulam em abstrato, mas na confluência com os códigos bibliográficos que os presentificam em determinadas formas materiais (McGann, 1991; Drucker, 2009). No caso em estudo, a subversão do códice, por exemplo, é um procedimento inseparável do próprio gesto de leitura, que deverá mimetizar a matriz conceitual da obra: o leitor é chamado a "desfolhar" as pétalas do crisântemo, que nesse caso são também as "folhas" do livro, numa espécie de montagem em que as experiências sensorial e intelectual concorrem para a fruição e a semiose. Pretendemos, nesse sentido, explorar a inserção histórica da obra no contexto do experimentalismo de vanguarda, com ênfase no concretismo e no neoconcretismo, tendo em vista a articulação entre reflexão teórica e produção artística em obras como Livro da Criação, de Lygia Pape, Caixa Preta, de Augusto de Campos e Julio Plaza, e Livro Obra, de Lygia Clark, e as transformações na experiência estética do livro a partir da década de 1960 (Plaza, 1982).

DOBRAR E COSTURAR: GESTOS EDITORIAIS COMO LENTE CRÍTICA PARA A POESIA

Mabel Boechat Telles

Resumo: Em um movimento que se repete ao longo do tempo, as guinadas de publicação independente de literatura se repetem ao longo das décadas, impulsionadas a cada vez por fenômenos econômicos e

políticos que se assemelham e, ao mesmo tempo, se singularizam (Moscardi, 2016, p. 16-17). Nesses cenários plurais, a poesia se destaca por ser um gênero marcado pela constante movimentação e ousadia nas formas em que se apresenta – a exemplo da poesia marginal no Brasil dos anos 1970 e das edições cartoneiras na Argentina na década de 1990. Se, como afirma Miguel Leocádio Araújo Neto, "cada objeto produzido para conter um texto influencia também o modo como é utilizado, sobretudo no que concerne à construção do sentido do texto que este objeto contém" (2016, p. 132), os contextos, modos e gestos de edição podem não apenas ser levados em conta, como também servir de ponto de partida, no que concerne à crítica de poesia independente. Este trabalho propõe, assim, uma leitura e análise crítica de alguns poemas contemporâneos, publicados por duas editoras independentes e artesanais latino-americanas, partindo de gestos editoriais implicados nos seus processos de publicação. A Ediciones Arroyo, editora argentina, é gerenciada por Alejandra Bosch, que faz livros de poemas reciclando plásticos de embalagens e costurando-os a um miolo de folhas ofício dobradas. Por sua vez, Dosis Mínima, editora colombiana formada por três colaboradores, recorre a dobras simples para compor pequenos livros de poemas e disponibiliza tutoriais para que qualquer um possa fazer seu próprio exemplar. Quais sentidos são mobilizados quando entramos em contato com esses livros editados de maneira artesanal? De que maneira a costura e a dobra podem servir como lente epistemológica e crítica para essa poesia que circula em suportes costurados e/ou dobrados? Essas são algumas das perguntas que orientam o presente trabalho.

O PARATEXTO COMO RESÍDUO POÉTICO EM "AMAVISSE", DE HILDA HILST

Marcos de Campos Visnadi

Resumo: Em 1989, Hilda Hilst publicou "Amavisse", livro com que anunciou o fim de sua "poesia séria" após três décadas de carreira, para dedicar-se à literatura pornográfica, supostamente mais rentável. A primeira obra dessa nova fase seria "O caderno rosa de Lori Lamby" (1990). Ambos os livros foram editados por Massao Ohno, parceiro da autora desde os anos 1960 em edições artesanais, artisticamente elevadas, mas de circulação restrita e baixo retorno financeiro. A quarta capa de "Amavisse" materializa esse momento de virada. Ela é composta por três elementos paratextuais: no topo, uma foto em que Hilst aparece de perfil, quase de costas, conversando com Ohno (cujo rosto está visível); abaixo, um poema que, em terceira pessoa, apresenta a autora, sua obra, a despedida da poesia e o anúncio de "O caderno rosa..."; por fim, o nome "Hilda Hilst" em negrito arremata o conjunto, como assinatura que reivindica para a instância autoral o espaço tradicionalmente editorial. A comunicação visa analisar essa quarta capa,

tomando-a como síntese exemplar do imbricamento entre texto e livro característico da produção hilstiana. A foto com Ohno explicita a indissociabilidade entre os trabalhos poético e editorial (relação satirizada nos romances pornográficos publicados nos anos seguintes). O poema, por sua vez, funciona como paratexto editorial, mas também como manifesto, no qual a pornografia é sugerida como resposta lógica ao impasse entre as aspirações elevadas da poeta e a materialidade da publicação. A assinatura, enfim, reinsere o nome de Hilst como proponente de um novo jogo com o suporte, a edição e a recepção, reafirmando seus valores poéticos e desvelando as práticas excludentes do mercado editorial. A autora e o editor compõem, então, um espaço limiar, em que suas atividades se expandem e se fundem, impulsionando Hilst para uma nova fase de sua relação com a literatura.

O RESGATE DA MATERIALIDADE ARTESANAL COMO TRABALHO COLETIVO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A EDITORA AVÁ

Mariana Moura

Resumo: A Avá, editora independente fundada em 2018 na região administrativa periférica de Recanto das Emas, no Distrito Federal, desempenha um papel importante na cena editorial da capital federal. Com uma equipe formada majoritariamente por mulheres, chefiadas pela editora Natália Cristina Aniceto, a Avá vem construindo um catálogo amplo, que vai de literatura infantojuvenil e romances, passando por poesia, até memórias da cultura popular transmitidas pelas mãos de mulheres que marcam a vida cultural do Distrito Federal e de Goiás, como parteiras, erveiras e mestras griôs. À parte o perfil do catálogo, a Avá preza também pela materialidade do livro, apresentando ao público livros artesanais, frequentemente com acabamento em costura manual, feita por vezes em mutirões de mulheres que se juntam em roda para prosear e costurar os livros. Partindo da questão da textualidade e da materialidade do impresso empreendida por McKenzie (2018), aliada ao conceito de bibliodiversidade, cunhado por Susan Hawthorne (2024), além de discussões sobre o papel do editor (Calasso, 2020), e especificamente, do editor independente (Alencar, 2025; Breda, 2021; Creni, 2013, Muniz Júnior, 2016) no campo editorial (Bourdieu, 1991), esta comunicação empreende um estudo de caso sobre a editora Avá, analisando como suas práticas editoriais articulam a artesanalidade do livro impresso a uma reatualização da noção de trabalho como construção comunitária, em especial entre mulheres, em oposição à lógica exploratória do trabalho sob a égide do neoliberalismo.

RESSIGNIFICAR O LIVRO: A SUBVERSÃO DAS EDITORAS CARTONERAS

Marina de Oliveira Santos

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar de que maneira as editoras cartoneras latino-americanas subvertem os sentidos simbólicos e mercadológicos do livro enquanto objeto. Surgidas na América Latina a partir dos anos 2000, em um contexto de crise econômica, desigualdade social e precarização do acesso ao mercado editorial, as cartoneras constituem projetos editoriais independentes que produzem livros artesanalmente, geralmente utilizando papelão recolhido por catadores. Mais do que alternativas de baixo custo para a publicação, essas editoras desenvolvem ações culturais profundamente vinculadas aos contextos sociais em que atuam, articulando práticas editoriais voltadas à democratização do acesso à literatura e à intervenção cultural em seus contextos de atuação. Além da produção dos livros, as editoras cartoneras promovem oficinas, eventos, coedições e ações coletivas que estabelecem redes de colaboração e circulação literária entre diferentes países e comunidades. Desse modo, articulam formas de difusão cultural organizadas a partir de uma lógica comunitária e horizontal, distinta das dinâmicas mercadológicas predominantes no campo editorial. As capas pintadas à mão, a singularidade de cada exemplar e os processos coletivos de confecção deslocam o livro de sua condição de produto padronizado e serializado, propondo outras formas de circulação e atribuição de valor aos textos literários. Assim, o livro cartonero não se apresenta apenas como suporte material, mas como manifestação artística que tensiona a noção de legitimidade literária e editorial. Este trabalho parte, portanto, da perspectiva da literatura cartonera como uma prática editorial contra-hegemônica e busca estabelecer um debate sobre a materialidade da literatura impressa e seus significados, com o objetivo de pensar novas formas de difusão e de ressignificação do livro no contexto latino-americano. Esse debate se desenvolve a partir do diálogo com reflexões da sociologia do texto e da sociologia da literatura, especialmente no que diz respeito às relações entre materialidade, circulação e atribuição de valor ao livro.

A CONSTRUÇÃO TIPOGRÁFICA DA PÁGINA CABRALINA NO PROJETO EDITORIAL O LIVRO INCONSÚTIL DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Priscila Oliveira Monteiro Moreira

Resumo: O Livro Inconsútil foi um projeto editorial criado por João Cabral de Melo Neto de 1947 a 1953 sob o pretexto de realizar ginástica sueca e terapia ocupacional, uma falácia criada pelo poeta em entrevistas tardias. No entanto, quando esta afirmação é confrontada com a correspondência ativa enviada pelo pernambucano ao diplomata Lauro Escorel na época, tal falácia esmorece, pois os bastidores da concepção, criação e execução desta iniciativa demonstram a consciência aguda de uma linguagem em

formação. Parte da correspondência registra aquilo que os 14 exemplares produzidos à mão pelo poeta plasmariam nas suas superfícies: um grande esforço de apropriação estética dos preceitos da tipografia como uma forma de linguagem expressiva. A partir da análise da visualidade das composições tipográficas realizadas por João Cabral, é possível acompanhar o percurso de uma busca que parte de iniciativas amadoras improvisadas e que amadurece mediante uma estética que procura atingir um ideal orientado pelo rigor de uma página limpa e objetiva, características que convergem com a maturação de uma poética. A partir desta experiência artesanal, o texto literário não tem apenas a dimensão verbal e escrita da materialidade das palavras, mas também a perspectiva de um suporte concreto, como matéria manipulável dentro de outra matéria manipulável. Assim como nos versos do poema "Psicologia da composição", O Livro Inconsútil busca não a forma encontrada, mas a forma atingida, demonstrando que esta incursão tipográfica não só foi um espaço de desejo de criar um território intelectual, mas também a apropriação de um código bibliográfico no campo da metáfora e da matéria física de um gesto inscricional que viria a ser traço distintivo da autoria cabralina.

ST: LITERATURA E ENSINO NA DIMENSÃO DOS ESTUDOS COMPARADOS

Coordenação: Sérgio Fabiano Annibal, Maria Coelho Araripe de Paula Gomes e Rita Jover-Faleiros

Resumo: Nos anos de 1980, Antonio Candido (1987) propunha que ensinar literatura é, em alguma medida, ensinar literatura comparada, uma vez que toda leitura implica relações, aproximações, tensionamentos e deslocamentos entre textos, contextos e tradições. Em sintonia com a ideia do crítico literário, o simpósio proposto neste ano pelo Grupo de Trabalho de Literatura e Ensino da Anpoll para a Abralic tem por objetivo refletir sobre as contribuições dos estudos comparados para as pesquisas desenvolvidas no âmbito da área de literatura e ensino, bem como dessas contribuições enquanto método para se ensinar literatura. No que diz respeito ao método, sabemos que tanto as bases teóricas da literatura comparada quanto o seu uso didático constituem interessantes estratégias de ensino, pois disponibilizam aos estudantes de Letras, por exemplo, ampliação de acesso a outras literaturas e críticas literárias, que levam, por sua vez, à uma mobilização de capital cultural objetivado e incorporado diverso e abrangente. Logo, pretendemos, por meio deste simpósio, reunir as seguintes propostas: a) tratar do ensino de literaturas,; b) da leitura literária; c) da formação do professor de literaturas em língua portuguesa e/ou estrangeiras e, além disso, que investiguem as interfaces entre literatura comparada e seu ensino, considerando tanto o espaço da educação básica quanto o ensino superior em Letras.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

Interessa-nos, sobretudo, refletir de que modo o gesto comparatista pode contribuir para a construção de repertórios leitores mais amplos, críticos e sensíveis à diversidade estética, sociocultural e linguística. Justificamos, inclusive, a proposta de um simpósio com esta natureza, uma vez que observamos um cenário educacional brasileiro em que a formação do leitor literário, na educação básica e até no ensino superior em Letras, parece permanecer orientada por seleções restritas a determinadas obras e autores hegemônicos e por abordagens historicistas homogeneizantes. Nesse espaço social e cultural em que a leitura de literatura é abordada desta forma, certamente, os estudos comparados oferecem possibilidades para a ampliação dos limites ou dos horizontes dessa leitura no contato com obras de diferentes temporalidades, geografias e matrizes culturais nos ensinos fundamental e médio e nas licenciaturas em Letras. A relação entre a formação de professores de literatura, que ocorre nos cursos de Letras, e a formação de leitores na educação básica ainda carece de muito debate e proposições, uma vez que é nesta relação que as representações sociais sobre o ensino de literatura, a leitura literária e a formação do leitor se forjam e se materializam em discursos e currículos que orientam as mentalidades e as práticas às quais o cabedal teórico e metodológico dos estudos comparados podem contribuir sobremaneira para o debate que aqui se propõe. Nesse sentido, pretendemos também, pelo simpósio, levantar um panorama do que vem sendo realizado no âmbito da pesquisa em literatura e ensino no Brasil, principalmente, nos diálogos possíveis do ensino da literatura com os estudos comparados. Objetivamos, dessa forma, que este panorama possibilite perceber por meio das diferentes investigações as (im)permanências teóricas e metodológicas da área de literatura e ensino. Conforme o panorama for se constituindo pela apresentação dos pesquisadores desta área, o acesso a uma amostragem teórica e metodológica configura-se . Com isso, se pode situar uma tipologia de investigação e de entendimento das balizas desta área e, assim, compreender, de forma mais sistemática, de que maneira o ensino e a aprendizagem do objeto literário encontram-se no cenário brasileiro e levantar as contribuições e dificuldades de operar com os estudos comparados enquanto método para ler e ensinar literaturas. Para tanto, o acesso a este panorama dar-se-á, neste simpósio, por meio das contribuições desses investigadores da área de literatura e ensino. Como, na maioria dos casos, se trata de parte de um mapeamento que os pesquisadores, sistematicamente, vêm fazendo, como decorrência de suas pesquisas, esperamos como resultado reunir um conjunto de trabalhos que gere um debate profícuo sobre a literatura e seu ensino, com o viés dos estudos comparados, constituindo-se, por fim, como um espaço de interlocução crítica e interdisciplinar. Trata-se de uma oportunidade de reunir pesquisas que, a partir de diferentes enfoques teóricos e metodológicos, explorem as contribuições desses estudos para o ensino de literaturas. Ao fazê-lo, buscamos não apenas aprofundar a discussão acadêmica, mas também colaborar para a construção de práticas pedagógicas mais situadas politicamente, plurais, inclusivas e comprometidas com a formação de leitores críticos e sensíveis à diversidade cultural.

A CRISE E A INVENÇÃO DA CRISE: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO LEITORA NO PROFLETRAS

Ana Crelia Penha Dias

Resumo: A ampliação do acesso à cultura da escrita esteve sempre acompanhada de desalinhamento de expectativas em relação ao repertório previamente esperado dos estudantes e à realidade apresentada in loco quando da inserção de públicos cujas histórias se construíam à revelia dos circuitos formativos domésticos e institucionais (Lajolo & Zilberman, 2009), e tendo como parâmetro a métrica do que deveria ser inscrito na memória social a partir da transmissão individual e coletiva (Chartier, 2007). Esta comunicação pretende discutir, a partir da experiência como docente do Mestrado Profissional em Letras, aspectos como: a) conceito de leitor(es) em contexto de formação em serviço de docentes, cujas trajetórias formativas nem sempre são distantes das realidades que encontram em suas salas de aula; b) formação como sujeito e formação para atuação como docente; c) desafios para as formações leitoras nas salas de aula da educação básica. Para tanto, o trabalho se debruçará sobre o programa para a disciplina Literatura e Ensino, as autobiografias leitoras dos docentes/estudantes e sobre aspectos de três dissertações defendidas no âmbito do programa. A experiência como docente do Profletras (Dias & Maués, 2019) tem demonstrado que o programa tem cumprido função de formação inicial, não só no que diz respeito à bagagem teórica necessária, mas também à construção de repertórios e modos de ler literatura.

PROJETO DE FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS : UM ESTUDO DO CURRÍCULO DE LETRAS DA UNESP DE ASSIS.

Ana Gabriela Camba Braga

Resumo: Pretendemos, com esta comunicação, apresentar aspectos de um projeto de formação de leitores estabelecido pelo currículo do curso de Letras-Espanhol da Unesp de Assis. Nesse sentido, nos interessa reconhecer e discutir de que forma o currículo constitui um habitus (Bourdieu, 1992; 2019) especializado do aluno da licenciatura em letras. Entendemos por habitus, noção estabelecida por Pierre Bourdieu, o processo de incorporação individual que estabelece códigos, posturas e comportamentos que implicam no conhecimento das regras e na mobilização do agente no campo. Tal noção é importante para a discussão pois consideramos que os cursos são capazes de promover mobilização de capital cultural e constituem no sujeito a postura para a formação e o trabalho especializado com a literatura, buscando

compreender os meandros do projeto formador de leitores literários. Com base nisso, o reconhecimento das representações sociais (Chartier, 1991) sobre ensino de literatura nos documentos curriculares podem revelar o percurso da formação de leitores literários, de forma especializada, considerando a teoria, a crítica e o contato direto com os textos literários. A metodologia dessa pesquisa consiste em abordagem qualitativa, com utilização de análise documental. Como resultado, esperamos reconstituir às tradições teóricas, críticas e pedagógicas, que conformam o projeto formador de leitor de literatura estabelecido pelo curso de Letras estudado.

DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA À PEDAGOGIA DO EXAME: LEITURA LITERÁRIA E AVALIAÇÃO ESCOLAR

Ana Kelly Araujo dos Santos

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão sobre as tensões entre experiência estética da leitura e práticas escolares de interpretação e avaliação no ensino de literatura. Partindo da constatação de que documentos oficiais contemporâneos, como a BNCC, defendem a formação de um "leitor-fruidor", investiga-se de que modo a permanência de modelos avaliativos centrados na interpretação normativa do texto literário produz um deslocamento da literatura para uma lógica de verificação de competências e habilidades. A discussão articula referenciais da teoria literária, da estética da recepção e das reflexões contemporâneas sobre ensino de literatura, mobilizando especialmente as contribuições de Susan Sontag, Wolfgang Iser, Umberto Eco, Jacques Rancière e Rildo Cosson. Em diálogo com experiências de mediação da leitura na educação básica, a pesquisa aproxima discursos pedagógicos institucionais, teorias da interpretação e práticas escolares concretas, buscando compreender como a centralidade atribuída ao texto literário convive, contraditoriamente, com mecanismos de controle interpretativo e pedagogias do exame. Defende-se que o ensino de literatura contemporâneo permanece atravessado por uma disputa entre fruição, mediação e avaliação, produzindo impactos diretos na formação do leitor literário e na atuação do professor como mediador da experiência estética. Assim, o trabalho pretende contribuir para as discussões sobre literatura e ensino na perspectiva dos estudos comparados, especialmente no que se refere às relações entre leitura literária, formação docente e construção de repertórios críticos e sensíveis.

LEITURA DE POESIA NA SALA DE AULA: OUTRA TEMPORALIDADE ESCOLAR É POSSÍVEL?

André Luís Mourão de Uzêda

Resumo: Em 2025, a queda do muro que contorna o Colégio de Aplicação da UFRJ escancarou a precariedade de nossas condições. As aulas foram suspensas e o ano letivo de 2025 adentrou o calendário civil de 2026 para garantir o cumprimento dos 200 dias letivos estabelecidos por lei. Entretanto, manteve-se o período das avaliações trimestrais inicialmente previsto, e as aulas seguiram mesmo após as notas estarem fechadas, os boletins entregues e os conselhos de classe realizados. O colégio se viu diante de um dilema: como ensinar sem depois poder aferir? Em tempos em que "a gestão do tempo dentro da escola [...] oferece cada vez menos possibilidades para a reflexão e o pensamento" (Castrillón, 2011, p.25), o cenário incerto viabilizou a realização de um trabalho diferenciado com leitura de poesia em turmas de 8º ano do EF. Adotando a antologia Destino: poesia (Moriconi, 2016), promoveu-se um trabalho com a produção poética da geração mimeógrafo dos anos 1970-1980 assumindo-se a relação intrínseca entre "arte e vida", chave interpretativa de Süssekind (2004, p.116-117) para uma poesia marcada pela "expressão de uma subjetividade tão onipotente" de poetas que, como Midas, "acreditavam transformar, no pulo, tudo o que tocavam em poesia". A partir de estratégias de mediação da leitura dos poemas enquanto uma experiência significativa com o poético no cotidiano da sala de aula, a proposta de ocupação de um "currículo vazio" com a poesia possibilitou outra relação com a temporalidade escolar: não a serviço de avaliações e métricas, mas inscrita no sentido compreendido por Castrillón (2011, p.95) sobre a leitura "como um ato de rebeldia", bem como comprometida com um ensino de literatura voltado à formação de sujeitos livres, responsáveis e críticos, visando à formação de personalidades sensíveis, inteligentes e abertas "aos outros e ao mundo", como propõe Rouxel (2013, p.20).

ENSINO DE LITERATURAS HISPÂNICAS EM CURSOS DE LETRAS DE UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Augusto Moretti de Barros

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como as universidades estaduais do Paraná concebem, organizam e formalizam o ensino de literaturas de língua espanhola nos cursos de licenciatura em Letras voltados à formação de professores para a área de espanhol e suas literaturas. Partimos do pressuposto de que a formação docente em literatura requer tanto o domínio de teorias e críticas literárias quanto de metodologias de ensino adequadas à especificidade do texto literário como objeto de ensino. Para tanto, realizamos uma pesquisa documental com base em arquivos curriculares de universidades estaduais paranaenses – Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), planos de ensino e outros documentos institucionais disponibilizados publicamente –, buscando compreender de que modo o discurso acadêmico estrutura e

ampara esse campo de formação. A análise concentra-se no mapeamento dos referenciais teóricos e das perspectivas metodológicas que fundamentam as disciplinas de literaturas hispânicas, à luz dos conceitos de representação (Chartier, 1991; 2011), discurso acadêmico (Barthes, 2012; 2015) e currículo como documento de identidade (Silva, 2010). Ao compreender os documentos curriculares como produções discursivas, entendemos que eles não apenas expressam os resultados das disputas entre agentes do campo (Bourdieu, 1983) do ensino de literatura, mas também refletem suas movimentações e os impactos exercidos por políticas educacionais. Nesse contexto, considerando a vigência da Emenda Constitucional nº 52, de 29 de agosto de 2022, que institui a oferta obrigatória da Língua Espanhola nas escolas públicas do Paraná, defendemos a relevância de discutir a formação de professores de literaturas hispânicas nos cursos de Letras, de modo a contribuir para o fortalecimento e a qualificação da formação docente no estado.

CAMPO E SISTEMA LITERÁRIOS: UMA LEITURA COMPARATIVA DE ANTONIO CANDIDO E PIERRE BOURDIEU

Caio Augusto Martins Furtado

Resumo: A presente comunicação propõe discutir as aproximações e distinções entre os conceitos de campo literário, formulado por Pierre Bourdieu, e de sistema literário, elaborado por Antonio Candido, buscando compreender particularidades teóricas e conceituais dessas noções conceituais para a análise e crítica sociológica da literatura. Partindo de uma leitura comparativa entre a introdução de Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750 – 1880) e o texto Algumas propriedades dos campos, almeja-se entender se, ao identificar estruturas organizadoras responsáveis por regular práticas, agentes e formas de circulação simbólica, os conceitos de ambos os autores podem ser tomados como equivalentes. Com isso, entende-se, à priori, que enquanto o campo, em Bourdieu, designa uma esfera relativamente autônoma de posições e disputas, aplicável a diferentes dimensões da vida social, o sistema literário, em Candido, refere-se especificamente à articulação entre autores, obras e público, condição necessária para a constituição histórica da literatura brasileira. Nessa perspectiva, propõe-se compreender o sistema literário como uma propriedade particular do campo literário nacional, e não necessariamente como seu correspondente integral. A análise incorpora ainda a noção candidiana de manifestações literárias, entendidas como produções que, embora pertencentes ao campo literário, não integram plenamente o sistema por não apresentarem a articulação entre produtores, receptores e mecanismos de transmissão. Assim, campo literário, sistema literário e manifestações literárias são tomados como conceitos

complementares, cuja relação permite compreender diferentes graus de institucionalização da literatura. Conclui-se que uma leitura integrativa entre Bourdieu e Candido possibilita compreender de maneira mais abrangente a constituição social da literatura, evidenciando como distintas formas de produção e circulação simbólica ocupam posições específicas dentro do campo literário.

ENSINO DA LITERATURA BRASILEIRA: DESAFIOS E OLHARES

Danglei de Castro Pereira

Resumo: A proposta de comunicação apresenta uma reflexão sobre a presença e valorização da tradição literária brasileira em contextos de ensino na comunidade lusófona em um percurso que valoriza o literário como espaço de transmissão da cultura brasileira em diálogo com a comunidade lusófona, em especial, Portugal, Angola e Moçambique. A ideia central é pensar caminhos trilhados quanto ao enfrentamento da tradição literária no Brasil em espaços geográficos da comunidade lusófona e, nesse percurso, discutir a relevância em valorizar o resgate da tradição literária brasileira como fator de influência e de transmissão cultural. Entendemos a literatura como lugar da diversidade cultural e, por isso, como uma forma de diálogo intercultural na comunidade falante de Língua Portuguesa. Pensamos, por isso, na necessidade de revitalização constante do escopo literário brasileiro em diálogo com a tradição lusófona em uma tradição que explore os contatos da literatura com a História e a sociedade. A proposta de pesquisa é, neste sentido, um percurso de discussão de contatos interculturais e, sobretudo, a relação entre literatura, história da literatura e identidade brasileira na interface com as demais identidades nacionais na comunidade lusófona, em especial, a importância da presença da literatura brasileira em países como Portugal e Moçambique como espaços de interação cultural.

LER CONTRA O ALGORITMO: PEDAGOGIA DAS HUMANIDADES DIGITAIS E FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA ERA DA IA GENERATIVA

Daniel Teixeira da Costa Araujo

Resumo: Quase quatro décadas após Antonio Candido afirmar que ensinar literatura é, em alguma medida, ensinar literatura comparada, os estudantes ingressantes nas licenciaturas em Letras chegam à formação universitária após anos de mediação algorítmica do consumo cultural e, cada vez mais, fazem uso de grandes modelos de linguagem (LLMs) como ChatGPT e similares nas tarefas centrais da vida acadêmica. Esta comunicação argumenta que o uso irrefletido de IA generativa nos cursos de Letras tende a substituir o processo de formação do leitor literário, enquanto construção subjetiva e intersubjetiva de

sentido, por sua simulação técnica eficiente. Apoiado em Eran Fisher e na concepção arendtiana do julgamento estético como ato reflexivo, intersubjetivo e politicamente formativo, a proposta sustenta que delegar à IA tarefas de interpretação e avaliação literária é esvaziar precisamente as faculdades que a formação docente deveria fortalecer. Diante disso, a comunicação propõe uma articulação entre o método comparatista e a pedagogia das Humanidades Digitais (DH) como resposta epistemológica e didática. Três princípios dessa tradição pedagógica são mobilizados: a distinção entre ensinar habilidades e ensinar metodologias (Mahony & Pierazzo, 2012), que reorienta o debate do uso da IA para a formação de uma postura crítica diante dela; a noção de defamiliarização produtiva (Battershill & Ross, 2017), que permite transformar os outputs dos LLMs em objetos de estranhamento e leitura comparada; e o conceito de iteracy (Berry & Fagerjord, 2017), que propõe a leitura crítica de algoritmos como prática humanística legítima. A articulação desses princípios com o gesto comparatista, que exige do futuro professor um posicionamento ativo diante de textos de diferentes temporalidades, geografias e matrizes culturais, resulta em sequências didáticas que mobilizam a IA generativa não como substituta da leitura, mas como texto a ser criticamente lido. Ensinar literatura comparada, nesse contexto, é também ensinar a interrogar os sistemas que pretendem automatizá-la.

LITERATURA BRASILEIRA: DOS QUADRINHOS PARA O QUADRO-NEGRO

Fernando Teixeira Luiz

Resumo: A presente comunicação integra uma investigação científica mais abrangente, intitulada Mídias para crianças e jovens: literatura, quadrinhos e animação gráfica, voltada para as relações intermidiáticas entre o texto literário e outros códigos estéticos visuais ou audiovisuais, bem como suas respectivas implicações no cenário escolar. Tendo em vista a inviabilidade de cotejar os três veículos midiáticos mencionados e em razão da necessidade de recorte do objeto, reservamos, para esta comunicação, o debate em torno da literatura adaptada como arte seriada e seus desdobramentos em sala de aula. Justifica-se a investigação científica em razão de a necessidade de problematizar a qualidade estética das produções em quadrinhos disponíveis no espaço escolar, de fácil acesso ao público infantil e juvenil. Nessa linha, a presença da graphic novel, "resumindo" ou tornando títulos "palatáveis" para o adolescente, sugere um discurso que, muitas vezes, banaliza ou minimiza variáveis importantes no processo de formação de leitores, descartando o fato de que HQs constituem sistemas semióticos distintos e autônomos. A rigor, o projeto filia-se aos estudos com a linguagem dos quadrinhos presentificados por Barbieri (1990) e Groensteen (2015) e às reflexões sobre formação de leitores propostas por Citelli (1998), Trevizan (2000)

e Cosson (2020), além de tópicos peculiares aos estudos literários fundamentados em Lajolo e Zilberman (1984), Eagleton (1985), Coelho (1989) e Compagnon (2003). Para esta comunicação, propõe-se problematizar o discurso acadêmico, inscrito em dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidos nos últimos dez anos, acerca da literatura brasileira transposta para o gênero HQ, adotada como material de leitura em sala de aula. Para tanto, consideraremos: a) os títulos e autores com maior incidência; b) o processo de escolarização das obras e c) os recortes promovidos pelos trabalhos universitários para discorrer sobre as HQs na educação básica.

BIOGRAFIAS DE LEITORES/PESQUISADORES DO CAMPO DO ENSINO DE LITERATURA: O QUE REVELAM SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR?

Francisco Neto Pereira Pinto

Resumo: Trata-se da análise de dez entrevistas que foram realizadas para o Fórum do Ensino de Literatura, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Universidade Federal do Norte do Tocantins, entre o segundo semestre de 2024 e primeiro semestre de 2026. O objetivo é verificar o que as biografias desses leitores, todos pesquisadores do campo do ensino de literatura, revelam sobre a formação do leitor. As entrevistas foram realizadas pelo canal oficial do Programa no youtube e, posteriormente, transcritas, constituindo o corpus da análise, cujo recorte privilegia a primeira pergunta, comum a todas os participantes, sobre a biografia de leitor. Os entrevistados foram, por ordem cronológica: Regina Zilberman, Eliana Yunes, Paulo Franchetti, Márcia Abreu, Florentina Souza, Clécio Bunzen, João Luís Ceccantini, José Hélder Pinheiro Alves, Lígia Chiappini Moraes Leite e Rildo Cosson. Os resultados preliminares sinalizam dois fatores muito presentes. O primeiro se relaciona ao desejo de leitor, que se traduz, por exemplo, na curiosidade que leva ao texto, e/ou no prazer resultante do efetivo encontro com o texto literário. O segundo versa sobre a presença do mediador, quer pessoa da família, quer professor, fazendo a ponte entre o texto e o leitor em formação. Ao passo que a figura do professor é bastante referida como influência positiva, a escola às vezes é mencionada de modo negativo. Para concluir, pode-se afirmar, como o fez Michèle Petit, em seu texto "Construir Leitores", que não há uma fórmula mágica para a conversão das pessoas em leitores efetivos, porque, de fato, como mostram as entrevistas, cada leitor se constitui, quando se constitui, por meio de percurso singular. Porém, o trabalho de mediadores e felizes encontros com textos literários têm o seu lugar, podendo acender a chama do desejo de leitor, que alimentará um percurso formativo de nunca acabar.

DA LEITURA SUBJETIVA AO GESTO COMPARATISTA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS LEITORES/AS NA LILT/UFSB

Gabriela Rodella de Oliveira

Resumo: Esta comunicação apresenta uma experiência desenvolvida no componente curricular Ensino de Literatura e leitura literária, da Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e suas Tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Sosígenes Costa, em Porto Seguro. O componente tem como objetivo oferecer aos/às licenciandos/as ferramentas teóricas e metodológicas para sustentar práticas de ensino de literatura na educação básica voltadas à formação de sujeitos leitores. Parte-se da compreensão de que ensinar literatura implica criar condições efetivas para a leitura efetiva de obras, na sala de aula e fora dela, que garantam a experiência subjetiva e a construção coletiva de critérios interpretativos e avaliativos. Na oferta de 2026.1, a proposta articula três dispositivos: leitura compartilhada em sala do primeiro capítulo de Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, seguida de leitura individual e produção de diários de leitura; escolha autônoma por cada discente de uma segunda obra literária lida individualmente; e elaboração de resenhas críticas nas quais os/as estudantes indicam ou não indicam a obra escolhida para a leitura individual a determinados perfis de leitores/as, formulando critérios de apreciação. O foco desta comunicação recai sobre a breve análise comparativa entre os dois romances lidos, presente nas resenhas, tomada como exercício de deslocamento entre experiências, repertórios, formas narrativas, expectativas de leitura e juízos de valor. Com base na didática da leitura subjetiva (Langlade, 2013; Rouxel, 2013), nos comitês de leitura de Marlène Lebrun (2013) e na perspectiva comparatista sistematizada por Sandra Nitrini (2021), argumenta-se que o gesto comparativo, quando vinculado à experiência real de leitura, permite aos/às futuros/as professores/as compreender, pela prática, modos de mediar a relação entre texto, leitor/a e comunidade interpretativa. Ao final do componente, o comitê de leitura retoma essas resenhas como espaço de socialização, debate e formação docente.

O LEITOR COMO PRODUTOR E O PROCESSO DE LITERARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES VITAIS

João Luis Pereira Ourique

Resumo: Este trabalho visa apresentar algumas discussões a partir do projeto de pesquisa iniciado em 2023 e que evidencia uma nova perspectiva sobre a importância do leitor para a própria produção literária. Decorre, assim, de uma situação derivada do nosso contexto histórico no já adiantado século XXI, pois o

que antes era entendido como ferramenta – a tecnologia, a internet, o meio digital –, se tornou parte da consciência e não conseguimos mais explicar a partir do pensamento analógico. Não se trata apenas de entender o digital, mas de perceber que o ciborgue da cultura (indivíduo meio homem, meio máquina) não é apenas um indivíduo "melhorado" com extensões físicas e cognitivas para otimizar seu desempenho. Trata-se, de uma maneira preocupante, de pessoas que carregam uma nova espécie de desalento em relação ao futuro, pois a própria sobrevivência do humano está em risco constante na aceitação de que nenhuma habilidade reflexiva tenha valor ou validade. O projeto O leitor como produtor e o processo de literarização das relações vitais se ampara no ensaio de Walter Benjamin [O autor como produtor] com o objetivo de atualizar o cenário da primeira metade do século XX para as primeiras décadas do século XXI. Ao substituir o foco do autor para o leitor, enfatizamos que o compromisso com a formação de novos leitores e a consequente contribuição para a produção literária e artística não acompanhou a percepção da média de leitores. Em decorrência dessa realidade, os leitores acabam exigindo mais do mesmo em um contexto empobrecido em que as relações vitais se vinculam ao simplório e o desejo acomodado opta pela repetição de padrões ao invés do choque da mudança, pelo movimento constante e ritmado ao invés da desarmonia e das dissonâncias que a arte possibilita.

A POÉTICA DO ENCANTO E A VIDA: CABE LITERATURA NA EDUCAÇÃO?

Kellen Dias de Barros

Resumo: Cartesianamente, cremos na racionalidade, rendemos louros de bondade, justiça, retidão a ela, confiamos no pensamento em irmandade com a razão para construirmos a sociedade que desejamos. Desejo este também coadunado com a racionalidade, que proporcionaria, então, não só um mundo correto, como sempre destinado à evolução. Esse modelo de sociedade tem condenado as emoções e a poética da vida. Um mundo em desencanto, destinado à produtividade desde a Revolução Industrial e que encontra sua pior face com a lógica neoliberal. Assim, desenhamos uma história na qual transformamos a Mãe Terra em planeta, o alimento em combustível, o amor em conveniência e a poética em interpretação de texto. A educação não se salva dessa condenação e, assim, crianças e adolescentes são vistos como projetos, como uma promessa de um vir a ser quando crescer, e que devem adequar-se a uma racionalidade que condena as emoções e o corpo, esquecido e imóvel numa carteira. Entretanto, a despeito dessa ideação racional, a vida e a poética insistem. Linhas de fuga se desenham e alunos abrem rachaduras nas paredes das escolas, por onde brotam suas histórias, seus sonhos, suas dores e desejos. Os docentes, por sua vez, vivem a crise de terem sido formados para aprimorar as habilidades cognitivas dos

alunos que deveriam nomear espécies, fazer contas e análise sintática. Este trabalho analisa, em diálogo com autores como Gilles Deleuze, Kaká Jecupé, bell hooks, Byung-Chul Han como a poética do encanto, que toca a vida e as literaturas, vive o desafio de se fazer presente na escola diante de um currículo voltado a atender às provas externas e diante de uma formação docente que minimiza ou mesmo anula o espaço da literatura como experiência ética e estética na sala de aula.

LETRAMENTO ANTIRRACISTA EM SALA DE AULA: VOZES, SILENCIAMENTOS E AS FACES DO RACISMO NAS OBRAS PAI CONTRA MÃE, CONLUIO DAS PERDAS E OLHOS D'ÁGUA.

Laiane Tavares de Rezende

Resumo: O racismo cotidiano e a indiferença histórica em relação às populações negras configuram-se como problemas centrais da sociedade brasileira contemporânea. Nesse sentido, propõe-se a realizar uma análise comparativa entre as obras literárias Pai contra mãe, de Machado de Assis, Conluio das perdas, de Cuti, e Olhos d'água, de Conceição Evaristo. O objetivo da análise é investigar como a literatura brasileira, em diferentes momentos históricos, sistematizou a denúncia do racismo cotidiano, da misoginia e da violência contra corpos negros, desde o período oitocentista até o cenário contemporâneo. Busca-se compreender, também, como esses textos podem ser mobilizados pedagogicamente no ensino de literatura, tanto em uma turma do segundo ano do Ensino Médio quanto em uma turma de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas). A relevância do presente estudo reside, portanto, na necessidade de problematizar a representação das consequências sociais da escravidão e das práticas estruturais e institucionais de racismo que se prolongam até a atualidade. Assim, a literatura, enquanto "instrumento de desmascaramento" (Candido, 2010), possibilita confrontar o imaginário social que historicamente inferioriza a população negra, além de evidenciar as formas contemporâneas de silenciamento que operam sob novas configurações simbólicas. Ademais, a pesquisa justifica-se pelo potencial formativo e emancipatório dessas narrativas na sala de aula. Ao colocar em diálogo o conto oitocentista e a produção afro-brasileira contemporânea, o estudo subsidia práticas de letramento literário e racial fundamentais para a desconstrução de preconceitos, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para que docentes promovam o debate sobre a reparação histórica e os direitos humanos na educação básica e superior. Assim, o presente trabalho propõe uma reflexão crítica voltada à compreensão das desigualdades estruturais e à reparação histórica, a partir de experiências individuais que revelam uma narrativa coletiva de resistência e denúncia das múltiplas formas de violência racial presentes na sociedade

brasileira, contribuindo ativamente para a formação de leitores críticos e socialmente conscientes, conforme propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e de abordagem comparativa, conforme os pressupostos metodológicos discutidos por Minayo (2002) e Gibbs (2009), que defendem a importância da análise interpretativa dos fenômenos sociais e culturais em seus contextos históricos, simbólicos e educacionais.

ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DOCENTE EM PERSPECTIVA DECOLONIAL: EXPERIÊNCIAS EM TERRITÓRIOS DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA.

Liliane Vasconcelos

Resumo: Este trabalho discute as contribuições dos estudos comparados para o ensino de literatura e para a formação de professores, a partir de uma experiência desenvolvida com licenciandos dos cursos de Letras e História da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). A proposta teve como referência o romance Salvar o Fogo (2023), de Itamar Vieira Júnior, articulando práticas de leitura literária com vivências formativas realizadas nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, em Cachoeira-BA, e na comunidade quilombola do Boqueirão. Fundamentada nos estudos de Mignolo (2003), Walsh (2005) e Freire (2017), a experiência buscou estabelecer relações entre a narrativa literária e os territórios de memória e resistência visitados, promovendo reflexões sobre ancestralidade, colonialidade, apagamentos históricos e práticas de resistência das populações negras do Recôncavo Baiano. As atividades envolveram leitura e discussão da obra, visitas de campo, registros imagéticos, rodas de conversa e reflexões coletivas, possibilitando aos estudantes relacionar a ficção literária às experiências sociais, culturais e econômicas observadas nos territórios visitados.A aproximação com a comunidade quilombola do Boqueirão permitiu o contato com saberes e práticas locais ligados à produção de dendê, à confecção de vassouras de piaçava e ao trabalho nas casas de farinha, ampliando a compreensão dos licenciandos sobre as múltiplas formas de produção de conhecimento presentes nesses espaços. O exercício comparatista favoreceu a construção de uma leitura crítica e interdisciplinar, ampliando os repertórios culturais dos futuros docentes e fortalecendo sua formação para o ensino de literatura. Os resultados evidenciam que a articulação entre literatura, território e experiência constitui uma estratégia potente para a formação de professores e para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade cultural, da memória e dos saberes historicamente marginalizados.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO LEITORA DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PRÁTICA

Maria Coelho Araripe de Paula Gomes

Resumo: Esta comunicação é fruto de reflexões iniciais do projeto de pesquisa "A formação leitora do futuro professor de literatura: saberes teórico-críticos e dimensões subjetivas", desenvolvido no âmbito do Colégio de aplicação da UFRJ. Em resumo o projeto investiga os processos de formação leitora oferecida nos cursos de licenciatura em Letras, analisando, por meio de pesquisa bibliográfica e análise documental de autobiografias de leitor dos estudantes das licenciaturas do Colégio de aplicação da UFRJ, as práticas de leitura literária realizadas no ensino superior e de que modo elas contribuem ou não para os processos de apropriação leitora de futuros professores e para o sentimento de pertencimento a uma comunidade leitora especializada. A manutenção, na universidade, de uma estrutura curricular que desprivilegia os espaços de relação mais aprofundada com a licenciatura, coloca, muitas vezes ao encargo do estágio supervisionado uma tarefa para além da orientação, que é a de oferecer a bagagem de conteúdo com a qual o licenciando terá que lidar para planejar sua aula e colocá-la em prática, em situação real de ensino e aprendizagem. Em se tratando de literatura, a questão se agrava porque o momento do estágio revela a encruzilhada de ausências a que esteve submetido o futuro professor: ausência de experiências significativas de leitura literária no seu processo de escolarização e o desamparo dos currículos universitários que se isentam da formação leitora do futuro professor, privilegiando leituras teóricas e modos de ler que dificultam a construção de sua identidade-leitora especializada. Este trabalho propõe que, neste contexto, o estágio supervisionado assume um relevante papel de formação leitora destes estudantes que vivenciam, por meio de demandas reais de ensino, os processos de seleção de repertório, planejamento de leituras e mediação de textos em um duplo reconhecimento de si como leitor e professor de literatura.

REFLORESTAR O IMAGINÁRIO, RENOMEAR O MUNDO: LITERATURA E FORMAÇÃO SENSÍVEL NO CONTEXTO DO ANTROPOCENO

Maria Nathalia Medeiros Segtovich

Resumo: Esta comunicação apresenta reflexões e resultados parciais do Projeto de Iniciação Científica Jr. "Reflorestar o imaginário, renomear o mundo: práticas de leitura e formação sensível no contexto do Antropoceno", desenvolvido com estudantes do Ensino Fundamental II do Colégio Pedro II – Campus

Humaitá II. Inspirada na proposição de Ailton Krenak de "reflorestar o imaginário", a pesquisa parte da hipótese de que a crise ecológica contemporânea não decorre apenas de formas predatórias de ocupação do planeta, mas também dos modos de linguagem que sustentam determinadas maneiras de perceber, classificar e habitar o mundo. Sendo assim, em diálogo com reflexões da filosofia da linguagem acerca do caráter constitutivo da palavra — entendida não como simples representação do real, mas como potência de produção de sentidos, formas de vida e modos de existência — e com perspectivas antropológicas que questionam a separação moderna entre natureza e cultura, o projeto investiga como diferentes práticas de nomeação não apenas descrevem o mundo, mas participam da criação dos mundos que se tornam pensáveis, habitáveis e compartilháveis. Para isso, articula literatura, narrativas orais de povos originários, ensaios filosóficos e textos de divulgação científica em experiências de leitura, conversa e escrita desenvolvidas com estudantes pesquisadores. Nesse sentido, aproximando contribuições de autores como Ailton Krenak, Michèle Petit, Vilém Flusser e Eduardo Viveiros de Castro, a proposta compreende a leitura literária como espaço privilegiado para a experimentação de outras formas de imaginar e significar o mundo. No âmbito dos estudos comparados, a divulgação para o simpósio interessa-se por discutir como o ensino de literatura pode promover encontros entre diferentes regimes de conhecimento, favorecendo a construção de sensibilidades capazes de reconhecer a pluralidade dos seres, das narrativas e dos modos de existência em tempos de crise socioambiental.

A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL EM PERSPECTIVA COMPARADA: ENTRE OS DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS E AS PRÁTICAS DOCENTES

Mariana Montanhini da Silva e Raquel Lazzari Leite Barbosa

Resumo: Esta proposta de trabalho busca refletir em torno do ensino da literatura infantil sob a perspectiva dos estudos comparados, tomando como objeto de estudo as relações estabelecidas entre os discursos institucionais sobre a leitura literária e suas apropriações pelos professores em suas práticas no cotidiano escolar. A proposta apresentada é um recorte de uma pesquisa realizada no mestrado, desenvolvida em uma escola pública dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que buscou investigar a formação de leitores literários a partir da análise documental do Programa Ler e Escrever e de entrevistas realizadas com professoras atuantes na escola, articuladas a observações de suas práticas pedagógicas. Fundamentado nos conceitos de estratégias e táticas (Certeau, 1998), e de apropriação e representação (Chartier, 1990; 2002), o estudo apresenta uma leitura comparativa entre duas áreas de mediação da literatura na escola: de um lado, os documentos oficiais que orientam/orientariam o trabalho pedagógico

sobre o ensino da literatura e de outro, os discursos e as práticas realizadas pelas docentes em sala de aula. Assim, é possível compreender como as concepções de leitura e literatura presentes nas orientações institucionais são incorporadas, negociadas, transformadas ou tensionadas pelas professoras em suas ações cotidianas. Isto posto, a circulação da literatura infantil na escola não ocorre de maneira homogênea, mas por meio de processos de apropriações que produzem deslocamentos em relação aos discursos oficiais. Nesse contexto, as docentes atuam como mediadoras que se apropriam desses discursos institucionais a partir de suas próprias trajetórias leitoras, de suas experiências profissionais e de suas representações sobre leitura e sobre literatura. Assim, a perspectiva comparada permite compreender a formação do leitor literário como resultado de um campo de disputas e negociações simbólicas, no qual diferentes concepções de literatura coexistem e produzem efeitos sobre as práticas de ensino e leitura.

O ELEFANTE, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: ESTUDOS COMPARADOS E ENSINO DE LITERATURA

Mariana Passos Ramalhete

Resumo: O livro infantojuvenil O Elefante (2024), de Carlos Drummond de Andrade, constitui uma republicação de um poema originalmente integrado à coletânea A rosa do povo (1945), obra marcada pela reflexão sobre a experiência humana em meio à Segunda Guerra Mundial, ao autoritarismo e às desigualdades sociais. Este trabalho propõe uma leitura comparativa entre essas edições, buscando compreender os deslocamentos de sentido produzidos pelo reendereçamento editorial. Parte-se da premissa de que a comparação entre diferentes materialidades, públicos e contextos de circulação favorece a compreensão dos processos de constituição dos clássicos, além de apontar caminhos para o ensino de literatura, ao possibilitar a aproximação de leitores em formação aos textos pertencentes aos clássicos da literatura brasileira. A análise mobiliza as reflexões de Marcuse (2015) acerca da racionalidade instrumental e do "homem unidimensional", os estudos de Salisbury e Styles (2013) sobre a literatura infantil e o livro ilustrado, bem como a pesquisa de Dantas (2016) sobre a infância na obra de Drummond. Em perspectiva comparatista, observa-se que, embora as ilustrações apresentem contornos lúdicos e infantilizados do poema, especialmente a fabricação artesanal do elefante e sua busca por amigos, a obra preserva questões presentes no texto de origem, relacionadas à solidão, à incomunicabilidade e à dificuldade de construção de vínculos em uma sociedade orientada por valores utilitários. No âmbito do ensino de literatura, a comparação entre as versões revela-se uma estratégia de mediação leitora capaz de promover a leitura crítica, ampliar o repertório literário dos estudantes e problematizar as relações entre texto, suporte,

imagem e contexto de circulação. Desse modo, a abordagem comparatista contribui para a formação de leitores literários, favorecendo o acesso a obras clássicas e a compreensão dos múltiplos sentidos que elas assumem em diferentes tempos, públicos e materialidades.

TRADIÇÃO E PERSPECTIVAS DO ENSINO DE LITERATURA NA UNESP-ASSIS (1979-2024)

Patrícia Dalla Torre e Sérgio Fabiano Annibal

Resumo: Apresentamos um aspecto de uma pesquisa desenvolvida na Unesp com financiamento da FAPESP, cujo corpus está constituído por teses e dissertações do Programa de Pós-graduação em Letras (PPG-Letras) do campus de Assis. Trata-se do mapeamento destes trabalhos acadêmicos, que trazem à tona o debate sobre o ensino de literatura por meio de diferentes temáticas, aportes teóricos e metodológicos. Tal mapeamento teve como resultado 49 estudos, no período de 1979, ano de fundação do Programa, a 2024, ano final da coleta de dados para a investigação. A metodologia está pautada na abordagem qualitativa com a utilização da Análise Documental (Lüdke e André, 2015) e do Estado da Arte (Ferreira, 2002). Os formatos textuais "tese e dissertação" são compreendidos no âmbito da pesquisa como um espaço de materialização de linguagem em que os autores registram suas Representações Sociais (Chartier, 1989, 2011) no momento em que realizam certas escolhas lexicais e discursivas para tratar do ensino da literatura. Dentre as diferentes tendências do ensino de literatura identificadas na trajetória do PPG-Letras, a Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ISER, 1996, 1999) se destaca por permanecer em todo o período analisado, isto é, de 1979 até 2024. Nesse sentido, pretendemos estabelecer uma comparação sobre como a apropriação ou os usos da Estética da Recepção se davam no final dos anos de 1979 e no decorrer da década de 1980 e no segundo decênio dos anos 2000, a fim de compreender as rupturas e as permanências dessa tradição teórica e de pesquisa na interface dos campos das Letras e da Educação, bem como apontaremos os principais agentes desses campos que mantivera tal tradição.

POR UM COMPARATISMO DO ENCONTRO

Patrícia Trindade Nakagome

Resumo: Quando se pensa em Estudos Comparados, temos em mente um conjunto específico de procedimentos e abordagens para lidar com o texto literário, em que se reconhecem a potência e os limites do contato com a diferença para a compreensão desse objeto complexo. Esse caráter disciplinar está no nosso horizonte, mas é alargado para abranger a comparação numa chave mais cotidiana, como

gesto essencial para estar e compreender o mundo. Nesse sentido, a comparação tem lugar privilegiado na sala de aula, mesmo quando não é tomada de modo sistematizado, sendo especialmente significativa na discussão sobre literatura. Pensamos, assim, não apenas em formas de ensinar com o aporte da literatura comparada, mas também de instigar a experiência estética com a valorização da comparação. Nesta comunicação, apresentamos e defendemos a base de um comparatismo do encontro, em que o fundamental está no diálogo respeitoso entre todos os sujeitos envolvidos na cena educativa. Dessa forma, as obras do currículo não perdem espaço, mas podem ganhar novas camadas de significação pelo encontro com o repertório dos estudantes. Para tanto, pautamo-nos em princípios caros ao mestre ignorante de Jacques Rancière (2023), que toma a comparação como um valor fundamental a qualquer um, sendo indispensável para o conhecimento. Na proposta específica de um comparatismo do encontro, guiamo-nos por princípios semelhantes aos que norteiam o "comparatismo da solidariedade" de Benjamin Abdala Júnior (1996), com sua aposta na horizontalidade e na comunidade, chaves distintas das que nortearam o comparatismo tradicional. Na nossa perspectiva, porém, o encontro se propõe como um gesto de abertura ainda mais amplo, que se alarga cotidianamente no contato estreito entre sujeitos de diferentes idades, repertórios e posições sociais na sala de aula. Com e pela literatura.

LER AS ENTRELINHAS DO LEITOR: MAPEANDO A SUBJETIVIDADE NA LEITURA LITERÁRIA

Rafael da Cruz Freitas

Resumo: O presente trabalho reflete sobre os desafios de registrar e avaliar a experiência literária na educação básica, um cenário frequentemente marcado por currículos homogeneizantes e seleções hegemônicas. Como alternativa a essa perspectiva, propõe-se uma investigação metodológica focada no registro da subjetividade de estudantes do Ensino Médio da rede estadual gaúcha. O objetivo é apresentar o Paradigma Indiciário como método de pesquisa na área de literatura e ensino, demonstrando sua capacidade de captar as marcas da transformação do jovem leitor quando exposto a um gesto comparatista. A partir de uma pesquisa-ação-participante, foram analisados os diários de leitura de alunos do Segundo Ano do Ensino Médio, nos quais se estabeleceu o tensionamento entre a literatura escrita, com os contos de Conceição Evaristo e a composição musical a partir de obras de Elza Soares e Racionais MC's. Alicerçada nas teorias da recepção e da experiência, a metodologia indiciária permitiu investigar as entrelinhas e os rastros deixados nos registros dos estudantes, evidenciando como o contato com diferentes matrizes culturais ressoou em suas vivências. Os resultados apontam que operar com os

estudos comparados como estratégia didática, aliada a esse método investigativo, possibilita mapear de forma concreta a ampliação do capital cultural e do repertório leitor. Conclui-se que o Paradigma Indiciário oferece uma alternativa sólida para compreender as (im)permanências metodológicas da área, colaborando para a construção de práticas pedagógicas plurais e comprovando que o letramento literário intersemiótico atua decisivamente na formação de leitores críticos e sensíveis à diversidade estética e sociocultural.

SUJEITO LEITOR, LEITURA LITERÁRIA: A IMAGINAÇÃO COMO PRESENÇA

Rita Jover-Faleiros

Resumo: Nesta comunicação, proponho uma reflexão sobre a noção de leitura literária em relação com a noção de "sujeito-leitor" (Rouxel, Langlade, Mauzaric, 2004), mobilizando especialmente as contribuições de Brigitte Louichon (2011) e Jean-Louis Dufays (2024). Interessa-me, sobretudo, a formulação de Dufays acerca do vaivém dialético entre envolvimento subjetivo e distanciamento crítico, compreendido não como oposição, mas como dinâmica constitutiva da leitura. Ao considerar seus modelos de leitor, defendo a importância de uma didática que parta do leitor real, evitando tanto o reducionismo técnico quanto o subjetivismo absoluto. Proponho reler essa dinâmica à luz de uma perspectiva fenomenológica da leitura, na qual o ato de ler não se limita à produção de sentidos, mas envolve dimensões sensíveis, corporais e afetivas. Nesse horizonte, dialogo com Hans Ulrich Gumbrecht (2010), cuja noção de "produção de presença" permite deslocar o foco da interpretação para a experiência estética como acontecimento. Articulo essa perspectiva com os trabalhos de Lígia Gonçalves Diniz (2020), que concebe a imaginação como presença, entendendo-a como experiência encarnada que mobiliza afetos e percepções. Sustento, assim, que a leitura literária se configura como um entrelaçamento entre interpretação e presença, saber e corpo. Essa formulação aproxima-se da ideia de partilha do sensível, de Jacques Rancière (2009), ao evidenciar que a leitura está inscrita em uma ordem política que regula formas de legitimação do sensível, ao mesmo tempo em que é reconfigurada pela experiência singular de cada leitor. Por fim, relaciono essa discussão a práticas pedagógicas desenvolvidas em minha atuação docente, como diários e círculos de leitura (HÉBERT, 2019), considerando seu potencial para promover experiências de leitura mais complexas e horizontalizadas.

QUANDO ESCRITORAS SUL-MATO-GROSSENSES CONTAM HISTÓRIAS DE FRUIÇÃO: O VOO SOLO DE ISLOANY MACHADO

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Resumo: Ao partirmos do postulado de Chimamanda Ngozi Adichie (2019) sobre as narrativas únicas, podemos considerá-las, lato sensu, como um recurso didático utilizado como modo de dominação subliminar em espaços colonizados, incluindo a escola. A escola brasileira é caracterizada, ainda, por uma arquitetura e uma linguagem construídas contiguamente à tradição europeia, que engendra modos de ler/interpretar, sobretudo narrativas literárias, sob a capa da universalidade. Por outro lado, outras formas de ler/interpretar consideradas fora desse lugar dito "universal", ou não são validadas, ou são vistas como de menor importância, alicerçadas que estão, por exemplo, por matrizes africanas, indígenas ou por serem engendradas por mulheres. Voltando-nos para Mato Grosso do Sul, estado situado em uma zona de fronteira entre culturas indígenas e migratórias, muitas escritoras exploram essa complexidade cultural em seus textos. Suas narrativas não apenas representam as tensões locais – frequentemente apresentadas e caracterizadas por críticos forasteiros por uma violência atávica, pela diferença que ameaça e pela pobreza linguística –, mas também a opressão e a exclusão da mulher, ressignificando essas experiências, inserindo-as em um contexto literário que combina o próprio e o alheio (Carvalhal, 2003). Em face do exposto, nossa intenção é questionar e propor alternativas crítico-analíticas a serem instrumentalizadas no ensino de literatura em nível de graduação que problematizem a literatura brasileira escrita por mulheres fora do eixo sul-sudeste, dedicando-nos a destacar a "fruição literária" (Silva, 2026, p. 51), distanciada especialmente do regionalismo. Para tanto, analisaremos a narrativa literária Voo solo, de Isloany Machado (2022), na qual a protagonista, pelo modo como enuncia suas experiências e como se insurge contra as violências a que foi submetida, ameaça o conforto do/a leitor/a ao lhe oferecer laivos de catarse, distanciando-se de uma "obrigação política ou didática" (Silva, 2026, p. 51).

MEDIAÇÕES CULTURAIS DE LEITURA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tiago Souza da Cruz

Resumo: A publicação da coleção Biblioteca de Literatura Angolana, em 2004, foi um marco não só editorial, mas também cultural e social, pois nela constam 22 títulos de escritores angolanos. Ao selecioná-los para análise, observaremos as contribuições deles, como "meios" utilizados no trabalho acadêmico dos docentes universitários no Brasil, Portugal e Angola. Logo esta pesquisa tem como objetivo analisar as mediações culturais, históricas, memoriais e colonizacionais desses textos literários, em interface com os depoimentos colhidos por meio de entrevistas com professores universitários, de nove

Instituições Superiores de Ensino, sendo cinco no Brasil, três em Portugal e uma em Angola. Para tanto, utilizo o conceito de mediações culturais, tal qual propõe Jesús Martín-Barbero, entendendo-as como processos culturais e sociais que intermediam a relação entre os meios, ou seja, onde os sentidos são construídos nas práticas sociais e culturais diversas, bem como do conceito de campo de Bordieu para explorar o espaço dinâmico de disputas, tensionamentos e distinções dentro do campo universitário. Logo, esta tese justifica-se dada a incipiência de pesquisas de fôlego que se dedicam a verificar por quais espaços as literaturas africanas de língua portuguesa circulam, de que maneira são trabalhadas nas universidades, principalmente em cotejo com as realidades de outros países. A hipótese é que os depoimentos dos docentes da disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em cotejo com os títulos da coleção Biblioteca de Literatura Angolana à luz do conceito de mediações se mostrará frutífera, visto que nesta junção verificaremos como a disciplina de africanas se configura, quais obras circulam nestes cursos, as potencialidades e fragilidades dos cursos, isso desenhará um panorama, ainda que pequeno do que é e como se dá a disciplina de africanas no campo universitário.

ESCUTA-ESCRITA-LEITURA: REFLETINDO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR

Vima Lia de Rossi Martin

Resumo: As experiências vividas junto a mulheres, em sua maioria alunas, que sofreram e sofrem violência sexual e de gênero na Universidade de São Paulo nos incitaram a refletir sobre as práticas de acolhimento e a escuta dos relatos de violência como formas de elaboração de situações traumáticas. E a pensar na importância de se abordar a questão da violência de gênero em salas de aula de todos os níveis educacionais. Como possibilidades de leitura para ancorar um trabalho nessa direção, junto a estudantes do Ensino Médio e Superior, elegemos duas produções textuais que apontam o valor da escuta-escrita-leitura como espaço de elaboração, nomeação e conquista de um plano comum de reflexão sobre experiências de violência sexual contra meninas. Trata-se de duas narrativas testemunhais em que mulheres escrevem/falam para serem lidas/escutadas e, nesse movimento, constroem sentidos para o horror vivido. A primeira delas é um conto intitulado "Shirley Paixão", de autoria da escritora negra Conceição Evaristo (Evaristo, 2011). Nele, ganha espaço a voz da protagonista, Shirley, que narra o abuso sexual cometido por seu companheiro contra a própria filha, bem como os desdobramentos da descoberta e da interrupção dessa violência. O segundo é uma dissertação de mestrado intitulada "Abuso sexual infantil – uma cartografia: silenciamento, ressentimento, testemunho e esquecimento" (Camargo,

2016) em que Karina Acosta Camargo relata o percurso vivido por ela após o abuso sexual perpetrado por seu avô. Ambos os textos permitem o reconhecimento de experiências de dor e sofrimento, inspiram coragem, possibilitam a denúncia de violências que ocorrem no âmbito doméstico e partilham sentidos que podem instaurar a reflexão comunitária. Ao abordarem a questão da violência sexual cometida contra meninas como uma questão pública, convocam-nos, a todas e todos, ao enfrentamento da violação do direito à humanidade e à vida.

O ENSINO DE LITERATURA CONTRA O DESENVOLVIMENTO

Wellington Furtado Ramos

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão teórica sobre o ensino de literatura a partir de uma crítica à centralidade da noção de desenvolvimento nos discursos pedagógicos contemporâneos. Tomando como ponto de partida a história etimológica da palavra "desenvolvimento", reconstruída a partir de fontes lexicográficas portuguesas, francesas e latinas, demonstra-se que o termo remete originalmente ao gesto de desdobrar aquilo que se encontrava envolvido ou enrolado sobre si mesmo. Tal estrutura semântica permanece ativa em diversos usos modernos da palavra, inclusive nas concepções de desenvolvimento econômico, humano e sustentável. Argumenta-se que essa lógica do desdobramento também atravessa práticas de ensino de literatura que concebem a interpretação como revelação progressiva de um sentido profundo, oculto ou essencial do texto. Em diálogo com a tradição cética de Sexto Empírico e com a operação historiográfica presente na Contra-história da filosofia, de Michel Onfray, propõe-se compreender o "contra" não como negação da leitura, da análise ou do conhecimento, mas como deslocamento crítico de seus pressupostos dogmáticos. Em seguida, desenvolve-se uma reflexão etimológica sobre o verbo "implicar", derivado do latim implicare, cujos sentidos históricos remetem ao ato de envolver, entrelaçar, enredar e colocar algo no interior de uma dobra. A partir dessa oposição entre desenvolver e implicar, defende-se a formulação de uma pedagogia da implicação, na qual a leitura literária deixa de ser concebida como extração de significados e passa a ser compreendida como experiência de envolvimento entre texto, leitor, linguagem, história e afetos. Conclui-se que o ensino de literatura pode constituir-se como prática de implicação crítica, preservando a complexidade da obra literária e resistindo à redução de seus sentidos a uma interpretação definitiva.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: LITERATURA E MÚSICA: RENOVAÇÕES ARTÍSTICAS E CRÍTICAS DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO

Coordenação: Rafael Eisinger Guimarães, Roniere Silva Menezes e Gérson Luís Werlang

Resumo: Em diálogo com a temática do congresso da ABRALIC de 2026, "Comparatismos, permanências e renovações", o simpósio temático "Literatura e música: renovações artísticas e críticas desde a redemocratização" almeja investigar produções no campo da literatura em interface com a canção popular e a música erudita no Brasil nos últimos 40 anos. Além de obras literárias e musicais produzidas nas últimas décadas, podemos pensar em perspectivas críticas contemporâneas que trazem singulares percepções sobre criações novas ou mais antigas. No campo musical popular, desde o início da "Nova República", houve no país uma miríade de acontecimentos como a eclosão do rock brasileiro dos anos 1980, do pagode e da música sertaneja dos anos 1990 – e depois sertaneja universitária –, o rap, o funk, o samba, o pop, a nova música baiana, o carimbó chamegado do Pará e mesmo a retomada, sob novos ângulos, de criações da mpb, etc. Por sua vez, no âmbito dos estudos comparatistas relacionados à literatura, música, performance, tecnologia, relações interartes, literatura em campo expandido, estudos decoloniais, por exemplo, contribuíram para as pesquisas obras como as de José Miguel Wisnik (2025), Santuza Cambraia Naves (2010), Leonardo Davino de Oliveira (2023), Marcos Napolitano (2007), Luiz Tatit (2002), Walter Garcia (2013), Lorenzo Mammì (2017), Arthur Nestrovski (2007), Sérgio Bairon (2005), Lélia Gonzalez (2024), Edimilson de Almeida Pereira e Núbia Pereira Gomes (2003), Cássia Lopes (2012). Destacam-se também traduções de obras de Murray Schafer (2011), Adriana Cavarero (2011), Paul Zumthor (2010), Ruth Finnegan (2008), Enzo Minarelli (2010), entre outros. Paralelamente a isso, um ramo de publicações que se desenvolveu de maneira considerável nos últimos anos é o ligado a biografias e a estudos de memória e história de determinado autor, compositor, cantor ou gênero literário ou musical. Como exemplos de produção, podemos citar os estudos Cantos de Rainhas: o poder das mulheres que escreveram a história do samba, de Leonardo Bruno, It's a long way: o exílio em Caetano Veloso, de Márcia Fráguas, as coletâneas de ensaios O alcance da canção, organizada por Luís Augusto Fischer e Carlos Augusto Bonifácio Leite, e Objeto não identificado: Caetano Veloso 80 anos, organizada por Pedro Duarte, além das biografias Elza, escrita por Zeca Camargo, e Lupicíno e Elis, essas últimas publicadas por Arthur de Faria, bem como as duas autobiografias escritas por Rita Lee antes de seu falecimento: Rita Lee: Uma autobiografia e Rita Lee: Outra autobiografia. Devemos ressaltar que, nas últimas décadas, houve a consolidação de estudos sobre canção em disciplinas universitárias e a criação de grupos de pesquisa que tratam da temática, como ocorre com o Laboratório de Estudos de Poesia e Vocoperformance, sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e coordenado pelos professores Leonardo Davino e André Luiz de Freitas Dias, bem como o Núcleo de Estudos da Canção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

só para citar alguns exemplos. Na esteira desse movimento, começaram a surgir, no Brasil, em maior número, publicações de livros e revistas acadêmicas que trazem ensaios críticos de caráter interdisciplinar sobre contatos entre literatura, música, performance, tecnologia, história, cultura, etc. Vestibulares começaram a cobrar leitura de álbuns e canções, como são os casos do disco Sobrevivendo no inferno, dos Racionais MC'S, e canções de Cartola, na Universidade Estadual de Campinas, o álbum Construção, de Chico Buarque, e canções de Lupicínio Rodrigues, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os discos Tropicália ou Panis et Circenses, e Secos & Molhados, na Universidade Federal de Santa Catarina, e o long play Txai, de Milton Nascimento, na Universidade Federal de Minas Gerais. A ABRALIC vem fomentando, desde o seu surgimento, há 40 anos, publicações em anais, revistas e livros da associação sobre esse campo investigativo. Nos simpósios sobre literatura e música que vimos organizando nos congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada desde 2020, temos tido contato com ricas pesquisas de amplo aspecto sobre literatura e música. Organizamos publicações de alguns desses trabalhos em revistas e livros. No congresso da ABRALIC de 2026, daremos continuidade ao propósito de acolher estudos sobre literatura e música e fortalecer os laços entre estudiosos da questão em diversos estados e instituições de ensino do Brasil. O simpósio está aberto a trabalhos que tragam objetos ou posicionamentos crítico-teóricos inovadores e contemporâneos e favoreçam o desenvolvimento dos estudos comparativos sobre literatura e música no Brasil.

DO SAMBA-MATRIZ ÀS MUSICALIDADES PERIFÉRICAS: DESDOBRAMENTOS DA FAVELA COMO PAISAGEM SIMBÓLICA, AFETIVA E MOVENTE NA MÚSICA URBANA BRASILEIRA

Cristiane Marques Machado

Resumo: O presente estudo comparatista analisa, à luz da Geografia Cultural, da Geografia Humanista e dos estudos da música popular, as fabulações musicais da favela na cultura brasileira, compreendendo-a como construção geopoética, sonoro-territorial e imaginativa que atravessa diferentes gêneros musicais, do samba ao funk, do rap ao trap, passando pela MPB, pelo pagode e pelo manguebeat. Partindo da hipótese de que o samba constitui a matriz fundadora de uma poética musical da favela brasileira, tal como desenvolvido em Machado (2013), o estudo investiga de que modo essa imaginação geográfica do morro e da periferia reverbera, transforma-se e expande-se em outras territorialidades sonoras contemporâneas. Ao longo de mais de um século, a favela ultrapassa sua condição de território urbano marginalizado para

inscrever-se no imaginário nacional e transnacional como paisagem simbólica, afetiva e movente. Na narrativa cantada por sambistas, rappers e funkeiros, a favela é simultaneamente simbolizada, dessimbolizada e ressimbolizada, deslocando-se de sua materialidade referencial para constituir-se como "Transfavela", espaço transfigurado cujas territorialidades sonoras rompem os limites entre centro e periferia, local e mundo, realidade e imaginação (BERQUE, 2000; COLLOT, 2014; FRÉMONT, 2013). Partindo das relações entre literatura, música e espaço, o estudo defende que a favela passa a existir poeticamente pelas canções, tornando-se inseparável das vozes que a narram, performam e difundem. Nesse entrecruzamento entre memória, experiência urbana, topofilia e imaginário coletivo, emerge uma geografia afetiva da favela brasileira, construída tanto pela escuta quanto pela vivência espacial (TUAN, 1980; TUAN, 1983; SCHAFER, 2001). Em diálogo com os estudos sobre geografia da música, paisagens sonoras e territorialidades musicais (CARNEY, 1990; KONG, 1996; LÉVY, 2006; HERSCHMANN, 2005), a pesquisa demonstra que as musicalidades periféricas contemporâneas ampliam os fluxos da "Favela-Mundi", agora também performada, visualizada e algoritmizada pelas redes digitais e pelos circuitos globais da música urbana (SANTOS, 2008; GILROY, 2001).

TRAMAS POÉTICAS DE BULE-BULE: VOZ, CORPO E MEMÓRIA.

Edilene Dias Matos

Resumo: A proposta desse texto, sob formato de uma carta, não trata da emergência de novas forças políticas, econômicas e culturais, com profundas consequências para as sociedades e os indivíduos. E nem trata da era da informática, que impõe o tratamento computadorizado do conhecimento e da informação, obrigando-nos a lidar mais com signos do que com coisas. O percurso de aprendizado de Antonio Ribeiro da Conceição, Mestre Bule-Bule, traduzido em texto verbi-voco-visual, envolve poemas cantados, narrativas críticas dos diversos caminhos e condições que a arte tomou na atualidade. Em sua obra, vasta obra, muitos "gêneros" são acionados, desde narrativas em sextilhas, septilhas, oitavas, décimas, pelejas, canções, incluindo até textos em prosa, o que prova a familiaridade com que Bule-Bule transita no universo da poesia de tons e semitons, ele que é, antes de tudo, um artífice incansável, um artesão que corrige constantemente seus trabalhos, perseguindo imagens e palavras, tentando agarrá-las, aprisioná-las para depois soltá-las, deixá-las leves e livres, sem amarras, acompanhadas sempre pela viola ou pelo pandeiro. Esta proposta visa instalar o espaço dos afetos, reverenciando um Mestre da cultura popular, acolhendo, ao expô-las, experiências as mais variadas nesse mundo de alta complexidade. As transformações por que passam a cultura e a sociedade apontam para uma alteração de rumos que provoca movência/estruturação

nos modos de recepção e nos mecanismos de circulação e de produção. Em consequência, impõem-se novos caminhos para o estabelecimento de uma inteligência coletiva, que não se centraliza em torno de uma única fonte, mas se volta para a construção de conhecimentos apoiados nos mais diversos meios e no sentido de acolher experiências as mais variadas e até conflitantes. Neste texto/carta, quero apenas saudar um criador de tantas maravilhas

CAETANO VELOSO, INTÉRPRETE DA LÍRICA PASSIONAL DA CANÇÃO BRASILEIRA

Enio Bernardes de Andrade

Resumo: Em notório texto sobre Torquato Neto, Augusto de Campos (1974) lançou uma das questões centrais para os estudos da canção, ao refletir sobre o mistério das letras de música, "tão frágeis quando escritas / tão fortes quando cantadas". Para Tatit (1996) o ponto chave para a "eficácia" da canção se encontra, mais do que na música ou na letra, isoladamente, na compatibilidade entoativa entre texto e melodia. Em sua reflexão, Campos dá como exemplo de letra "fraca quando escrita" a canção "Nenhuma dor" (Caetano Veloso / Torquato Neto, 1967). Estaria tal "fraqueza" ligada ao fato de se tratar de uma canção de amor, "tão forte quando cantada"? As canções passionais, sobretudo quando compostas e interpretadas por artistas de grande apelo popular, costumam ser rotuladas com termos pejorativos, como "brega" e "cafona", em julgamentos que misturam fatores socioeconômicos, mercadológicos e estéticos. Caetano Veloso, desde o Tropicalismo, opera um processo de quebra de hierarquia entre repertórios tidos como de "bom gosto" e "mau gosto" (Favaretto, 1996). Coerente com seu projeto de "mistura" (Tatit, 2008), o artista vem desenvolvendo, nas últimas décadas, um processo de regravação de obras do universo passional de alcance popular. Curiosamente, o maior sucesso comercial de Caetano é a canção "Sozinho" (1998), de Peninha, trazida desse segmento. A presente comunicação visa discutir tais interpretação das canções passionais por Veloso como gesto crítico, bem como analisar obras selecionadas deste repertório pelo artista, caso de "Sonhos" (1982) e "Sozinho" (1998), de Peninha; e "Você não me ensinou a te esquecer" (Fernando Mendes / José Wilson / Lucas), gravada em 2003. Buscaremos investigar as combinações de letra e melodia, por meio da interação entre construções poéticas e musicais, da construção entoativa alternada entre "passionalização" e "figurativização" (Tatit, 1996), bem como das abordagens vocoperformáticas de Veloso em suas reinterpretações, comparando-as às versões originais.

A ADAPTAÇÃO DE "O SISTEMA DO DOUTOR ALCATRÃO E DO PROFESSOR PENA" DE EDGAR ALLAN POE PARA O ROCK PROGRESSIVO

Gérson Luís Werlang e Gisele Dalmolin Bonella

Resumo: A literatura comparada permite o estudo de diferentes obras e autores, mas também tem como campo de estudo a relação entre literatura e outros tipos de arte. Nesta pesquisa, nosso interesse está especificamente na análise dos caminhos que levam a literatura a encontrar-se com a música. Edgar Allan Poe, nome conhecido na ficção de terror, foi inspiração para o álbum de estreia da banda britânica The Alan Parsons Project. Cada canção é inspirada em um conto ou poema de Poe, em que os compositores buscaram adaptar essas obras por meio da música. Assim, a presente pesquisa tem como objetos de estudo o conto O sistema do doutor Alcatrão e do professor Pena, bem como a música homônima da banda The Alan Parsons Project. O objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira a adaptação musical do conto de Edgar Allan Poe na música da banda The Alan Parsons Project reinterpreta os elementos literários originais. Para atingirmos este objetivo, utilizaremos a metodologia de pesquisa qualitativa. Nosso método de análise consiste, em um primeiro momento, no levantamento bibliográfico das teorias da literatura comparada, e dos estudos da relação entre música e literatura. Posteriormente, será feita uma análise detalhada das obras literárias e musicais escolhidas como objetos de estudo. Por fim, discutiremos os resultados e a conclusão por meio de um texto analítico. A fundamentação teórica a ser utilizada nesta pesquisa inclui os estudos de Oliveira (2002), França (2008), Scher (2004) e Werlang (2009, 2021).

O RETRATO DE DORIAN GRAY: A PAISAGEM SONORA GÓTICA NO ROMANCE DE OSCAR WILDE

Gérson Luís Werlang

Resumo: O surgimento do romance gótico em meados do século XVIII provocou uma pequena revolução literária, não reconhecida imediatamente pela crítica, mas que traria inumeráveis frutos nos dois séculos e meio seguintes. A publicação do seminal O Castelo de Otranto, de Horace Walpole, provocaria e desequilibraria a balança literária do período, mexendo com a imaginação do público e de escritores que seguiriam a tradição do gênero. A maquinaria gótica incluía, a princípio, castelos medievais, torres fantasmagóricas, fantasmas reais ou imaginados, e toda uma figuração que seria seguida e transformada posteriormente. Suas bases foram lançadas por Walpole em 1764, paulatinamente ampliadas nas últimas décadas do século XVIII por autores como Clara Reeve (1729-1807), autora de duas obras determinantes, The Old English Baron, publicada em 1777, e Tales of Other Times, em 1783, seguida de perto por Vathek, de William Beckford, em 1786. Note-se a proeminência de escritoras depois do primeiro esforço de Walpole e da contribuição quase isolada de Beckford. Com a aderência feminina à narrativa gótica, diversas

escritoras se apropriariam do gênero e fariam suas contribuições, notadamente Ann Radcliffe, Mary Shelley e mesmo Jane Austen, com sua paródia gótica, A abadia de Northanger. Esses primeiros desenvolvimentos do gênero seriam posteriormente ampliados e modificados no decorrer do século XIX. Este trabalho propõe-se a fazer uma análise de um romance fundamental para o desenvolvimento da narrativa gótica, O Retrato de Dorian Gray, do escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900), tendo em vista um aspecto muitas vezes negligenciado: o som, partindo-se do conceito de paisagem sonora como concebido pelo músico e compositor canadense R. Murray Schafer (1933-2021). Assim como o aspecto visual incluía elementos peculiares, também os sonoros possuíam características bem definidas, posteriormente imitadas, modificadas e ampliadas de acordo com a gênese de cada obra.

PAISAGEM SONORA E EXPERIÊNCIAS ANÍMICAS: A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS SONOROS NA TETRALOGIA DO RATO, DE HARUKI MURAKAMI

Hannah dos Santos Rossatto

Resumo: Esta pesquisa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria propõe analisar como se dá a construção dos espaços sonoros na chamada Tetralogia do Rato, de Haruki Murakami, composta pelos romances Ouça a Canção do Vento (1979), Pinball, 1973 (1980), Caçando Carneiros (1982) e Dance Dance Dance (1988). Assim, parte-se da hipótese de que as músicas e as ambiências cotidianas desempenham um papel fundamental na constituição das atmosferas narrativas, ultrapassando a função de ambientação para atuar na construção das experiências subjetivas dos personagens e na experiência estética do leitor. O estudo fundamenta-se principalmente no conceito de paisagem sonora de R. Murray Schafer, articulado a algumas reflexões sobre escuta e experiência sensível desenvolvidas por Don Ihde, Jean-Luc Nancy e Gernot Böhme. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de análise literária, voltada à investigação das relações entre som, memória, melancolia, deslocamento e subjetividade na narrativa murakamiana. Busca-se compreender de que maneira as paisagens sonoras participam da criação das atmosferas subjetivas e das experiências anímicas na narrativa da Tetralogia do Rato, de Haruki Murakami, reverberando na experiência sensível do leitor. Ao aproximar literatura e música, bem como os estudos da escuta, a pesquisa pretende contribuir para as discussões interdisciplinares sobre paisagem sonora, experiência estética e construção de sentidos na literatura contemporânea, ampliando os estudos sobre a

obra de Haruki Murakami a partir de uma perspectiva ainda pouco explorada nos estudos literários brasileiros.

DA COZINHA AO BLUES: PAISAGEM SONORA E HERANÇA CULTURAL NA NARRATIVA ESQUIVELIANA

Josemara Rodrigues dos Santos

Resumo: Este trabalho propõe uma análise da paisagem sonora na trilogia de Laura Esquivel, composta pelos romances Como agua para chocolate (1989), El diario de Tita (2016) e Mi negro pasado (2017). Embora a fortuna crítica da autora tenha privilegiado estudos relacionados à culinária, às relações de gênero, à memória familiar e ao realismo mágico, observa-se uma relativa escassez de pesquisas dedicadas à dimensão sonora de sua narrativa. Fundamentada nos estudos sobre paisagem sonora de R. Murray Schafer (2001; 2011), nas reflexões sobre voz e oralidade de Paul Zumthor (1993) e nas categorias narratológicas propostas por Gérard Genette (1995), a pesquisa investiga de que modo sons, músicas, vozes, ruídos e silêncios participam da construção estética e narrativa das obras analisadas. Dialoga-se ainda com as contribuições de Lélia Gonzalez (1988) acerca da ancestralidade e dos processos de silenciamento, bem como com os estudos recentes de Viviane Debortolli Gonçalves (2025), que evidenciam o potencial interpretativo da escuta diegética. Os resultados parciais indicam que a dimensão sonora ultrapassa a função de ambientação, constituindo-se como elemento estruturante da narrativa esquiveliana. Na cozinha de Tita, nas vozes ancestrais que atravessam gerações, nos cantos em língua náhuatl, nas referências ao jazz e ao blues e nos silêncios impostos às personagens femininas, a paisagem sonora atua como espaço de memória, resistência, afetividade e transmissão cultural, contribuindo para a construção das subjetividades e das heranças familiares presentes na trilogia.

CAETANO VELOSO ENTRE JOÃO CABRAL E JOÃO GILBERTO

Leonardo Davino de Oliveira

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo verificar os processos de recepção e assimilação crítica com que Caetano Veloso performa na voz o "rigor construtivo" (Veloso, 1997, p. 260) da poesia de João Cabral de Melo Neto. Para tanto, e a fim de contribuir para o debate das relações de parceria entre poema escrito e poema cantado, serão analisados os cruzamentos entre as tradições poéticas da canção e da poesia escrita, bem como o paideuma de cada um dos dois autores. Esses cruzamentos que em certa medida borram as fronteiras da autoria, entendida como assinatura de uma identidade una, fechada,

irreproduzível, são sugeridos pelo próprio cancionista, ao registrar, no livro Verdade tropical (1997), a ligação do movimento Tropicália, do qual foi um dos organizadores, e a literatura. Além das inúmeras citações de versos, paródias, alusões e reminiscências literárias que podem ser rastreadas no seu conjunto de letras de canção. Propõe-se realizar leituras comparadas entre as linguagens e as obras dos artistas; aliadas à evocação de outro João, Gilberto, que Caetano considera "um artista maior, em todos os sentidos. Um poeta, pelas rimas de ritmo e de frase musical que ele entretecia com os sons e os sentidos das palavras cantadas. Um criador revolucionário como Glauber — sem os defeitos: sem mão pesada ou inábil. À altura de João Cabral e de João Guimarães Rosa, mas atuando para uma larga audiência, e influenciando imediatamente a arte e a vida diária dos brasileiros. Eu podia ser um pouco Glauber, um pouco João Gilberto, com esse novo repertório de ideias que lançaríamos no seio da música popular. E a música popular é a forma de expressão brasileira por excelência (Veloso, 1997, p. 143-144).

RELAÇÕES PORTUGUESAS: TROPICALISTAS EM EXÍLIO E PORTUGAL

Márcia Cristina Fráguas

Resumo: A passagem de Gilberto Gil e Caetano Veloso por Portugal como exilados políticos durou pouco mais de uma semana. Lisboa foi a primeira parada no exílio europeu, quando deixaram o Brasil em 27 de julho de 1969. Já em 4 de agosto, os baianos declaravam o fim do Tropicalismo ao se apresentarem no programa de televisão Zip Zip, apresentado por Raul Solnado. No Brasil, Gal Costa também declararia o fim do Tropicalismo, mas seguiria expandindo as conquistas estéticas inauguradas ao lado de seus parceiros, se lançando ao experimental, à psicodelia e ao desbunde nos álbuns gravados entre 1969-1973. Além disso, a cantora realizou viagens semestrais à Europa para ver os amigos, levantar repertório, comprar equipamentos técnicos e até mesmo gravar um disco com Gilberto Gil. Na primeira viagem em 1970, Gal passa por Lisboa, se apresenta no Zip Zip e ainda realiza um show no Teatro Monumental, em parceria com Raul Sonado, antes de partir para Londres com Caetano, que a buscou na capital portuguesa. Enquanto isso, o início da década foi marcado por intensas migrações de exilados políticos pela Europa. Os músicos José Afonso e José Mário Branco, grandes nomes da Canção de Intervenção em Portugal, também se encontravam em movimento, entre França e Inglaterra. Inspirado pela qualidade técnica dos discos de Gil e Caetano, Afonso vai para França gravar Cantigas do Maio (1971), orientado pelo sofisticado trabalho de produção de Branco. Essa comunicação pretende apresentar como se deram esses fluxos de encontro e troca de ideias musicais, que acabaram por produzir um diálogo que não só internacionalizou a carreira

dos músicos envolvidos, mas também produziu uma conversa sonora entre artistas brasileiros e portugueses, nem sempre evidente para quem escuta os discos gravados por eles no período 1970-1973.

DJAVAN (1976 -1989) - UM LÍRICO NA INDÚSTRIA CULTURAL

Marcos Vinícius Ferreira de Oliveira

Resumo: Este estudo se propõe a realizar análises de algumas letras das canções compostas pelo músico, compositor, arranjador e produtor musical Djavan Caetano Viana (Maceió, 27 de janeiro de 1949) entre os anos de 1976 e 1989. A hipótese central é a de que a singularidade da obra de Djavan se distingue menos pelos seus efeitos capazes de forjar um estilo individual bastante peculiar e mais como uma elaboração rigorosa tanto de uma ética quanto de uma estética, inscritas ambas na linguagem, nas imagens poéticas e na economia expressiva das suas canções. As análises pretendem ressaltar que a consolidação do seu estilo alicerçado sobre o signo da "sedução" envolve, no plano ético, estratégias de subjetivação e suas consequências sociais, e, no plano estético, a busca inegociável por meios de expressão e significação baseados tanto na força sugestiva das suas imagens metafóricas e sonoras quanto na habilidade para combinar emoção e contenção de meios expressivos. O recorte temporal justifica-se pela demarcação de um período de formação da personalidade artística de Djavan, correspondendo ao da sua estreia em obra autoral gravada em disco, em 1976, com A voz. O violão. A música de Djavan, que inclui "Fato consumado", uma composição considerada pela crítica do Festival em que fora apresentada um ano antes como sendo um "samba inexpressivo", até alcançar sua consagração pública como um dos maiores hitmakers da história recente da música brasileira com a gravação do disco que contém a canção "Oceano", em 1989.

DA BOSSA NOVA AO AFRO-SAMBAS: RESPOSTAS MUSICAIS À DITADURA BRASILEIRA E O PAPEL DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Marina Bonatto Malka

Resumo: Este trabalho investiga dois álbuns — o norte-americano Francis Albert Sinatra & Antônio Carlos Jobim (1967) e o brasileiro Os Afro-Sambas (1966), de Vinicius de Moraes e Baden Powell — dentro do contexto mais amplo da ditadura militar brasileira e da internacionalização da música brasileira, com destaque para a bossa nova nos EUA. O objetivo é compreender como o Brasil e os Estados Unidos, na década de 60, lidaram com a bossa nova: no primeiro, a superação; no segundo, a internacionalização. A partir de um estudo bibliográfico, o trajeto percorrido neste trabalho foi o seguinte: apresentação de uma

visão geral da ascensão da bossa nova no Brasil; investigação da expansão internacional do gênero, com foco em sua transformação nos Estados Unidos durante a década de 1960, destacando o álbum Francis Albert Sinatra & Antônio Carlos Jobim e o papel de Tom Jobim como embaixador cultural; análise do álbum Os Afro-Sambas como um estudo de caso de como a música popular brasileira se adaptou às tensões políticas da época, propondo que seus elementos espirituais e musicais afro-brasileiros ofereciam uma forma de resistência que a bossa nova já não conseguia articular no contexto cada vez mais repressivo do Brasil. Pode-se ressaltar que, na década de 60, enquanto o álbum brasileiro representa uma resposta culturalmente enraizada e politicamente sensível ao regime repressivo no Brasil, o americano reflete uma tentativa de reviver o gênero bossa nova no exterior, em um momento em que seu estilo otimista e romântico havia perdido ressonância dentro da realidade autoritária do Brasil.

O "RESGATE DA MEMÓRIA" LATINO-AMERICANA EM MILO J A PARTIR DA OBRA DE EDUARDO GALEANO

Matheus da Costa Tatsch

Resumo: Este trabalho analisa a música e a performance do artista argentino Milo J a partir da obra de Eduardo Galeano, especialmente da noção de “resgate da memória sequestrada” latino-americana. Busca-se compreender de que maneira a produção artística de Milo J articula experiências culturais, afetivas e sociais associadas a um imaginário latino-americano contemporâneo. A pesquisa parte da hipótese de que, assim como na escrita fragmentária e polifônica de Galeano, as canções e performances de Milo J dialogam com formas híbridas de memória, identidade e pertencimento coletivo, trazendo elementos culturais e artísticos de várias regiões do continente e, dessa forma, contribuindo para o que Eduardo Galeano chamou no livro Memória do Fogo de "resgate de uma memória sequestrada da América Latina". O trabalho propõe uma análise comparativa entre elementos da obra de Galeano e músicas selecionadas do último álbum do artista argentino, chamado "La vida era más corta", considerando aspectos líricos, performáticos e culturais presentes tanto nas canções gravadas quanto em apresentações. Dialoga-se, então, com o antropólogo argentino Néstor Canclini e suas percepções sobre culturas híbridas na América Latina. Dessa forma, pretende-se discutir de que formas a música urbana latino-americana contemporânea trabalha com a polifonia e como reelabora tradições culturais e narrativas de memória no contexto atual.

ORLY, ÍRIS E REX: OS CINEMAS PORNOGRÁFICOS NA NARRATIVA E NAS CANÇÕES DE LUÍS CAPUCHO

Rafael Barbosa Julião

Resumo: Luís Capucho é um artista brasileiro particular, em atividade desde os anos 1990 até a presente década, sendo autor de canções — distribuídas em seus seis álbuns, como Cinema Íris (2012), Poema maldito (2014) e Homens machucados (2026) —, mas também de livros em prosa, com forte inclinação autoficcional, como Cinema Orly (1999) e Rato (2007). Por vezes, foi referido como um artista "maldito", não só por estar à margem do mainstream, mas especialmente por desenvolver um imaginário do underground gay masculino na virada entre os séculos XX e XXI. Por meio de uma vasta fortuna crítica, aprendemos a considerar a importância de produções marginais e das políticas dos corpos, como expressões contundentes do próprio processo de redemocratização do país, começada ainda em meio às lutas de resistência à ditadura civil-militar, e que ainda hoje buscam proteger e aprofundar as conquistas democráticas, relativamente recentes da história da república no Brasil. A elaboração literária e cancional de espaços de encontros entre homens gays, especialmente os cinemas pornográficos do Rio de Janeiro nos anos 1990, aparece de forma decisiva na obra de Luís Capucho, tanto na representação narrativa autoficcional do Cinema Orly, como em uma série de canções espalhadas ao longo de sua obra. O objetivo desta comunicação é propor uma análise comparativa entre a representação desses espaços no livro Cinema Orly e, especialmente, em três canções de Luís Capucho: "A música de sábado" e "Cinema Íris", do álbum Cinema Íris, e em "Cinema Orly", do recente disco Homens machucados. Nesse sentido, vamos analisar os trânsitos entre narrativas e canções, considerando as particularidades dos gêneros, mas também os elementos estilísticos peculiares ao artista, que aproximam seu trabalho de (auto)ficcionista e de cancionista. Além disso, vamos pensar a relação entre as dissidências de gênero e sexualidade, e o próprio processo de redemocratização.

A CANÇÃO COMO OBJETO DA COMPARADA: NOTAS SOBRE UM DUETO COM 40 ANOS DE HISTÓRIA

Rafael Eisinger Guimarães

Resumo: A consolidação dos estudos comparados no país, em decorrência da constituição da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), em 1986, e da realização dos congressos da ABRALIC, a partir de 1988, possibilitou uma ampliação dos campos de interesse das pesquisas em literatura, seja por

conta de uma compreensão mais ampla do que se considera um objeto "literário" válido, seja por possibilitar investigações de matriz interdisciplinar, perspectiva enunciada já na proposta da primeira edição dos eventos da Associação, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo tema era "Intertextualidade e Interdisciplinaridade". Em paralelo a esse processo, os Estudos da Canção também se constituíram como uma área de pesquisa relevante no contexto acadêmico nacional, sobretudo com a publicação de teóricas e teóricos como José Miguel Wisnik (1989), Santuza Cambraia Naves (2010), Luiz Tatit (1996), bem como a circulação, em terras brasileiras, das reflexões de Paul Zumthor (2010) e Ruth Finnegan (2008), dentre outros nomes cujas obras foram traduzidas para o português nas últimas quatro décadas. Tendo essas questões em mente, o objetivo deste trabalho é verificar em que termos tem se dado a relação entre os Estudos da Canção e a Literatura Comparada nesses quarenta anos. De forma mais específica, propõe-se aqui realizar um levantamento das dissertações de mestrado e das teses de doutorado defendidas nos Programas de Pós-Graduação da Área de Linguística e Literatura no Brasil neste período que tiveram como objeto de estudo canções e/ou cancionistas. Dentre as questões a serem apontadas e discutidas nesse estudo, destacam-se a identificação dos gêneros musicais mais estudados, de qual país ou região do Brasil predominantemente são as(os) artistas analisadas(os) nesses trabalhos e quais os aportes teóricos mais utilizados, dentre outras questões.

SAMBA, LETRA E CANÇÃO- UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA DA PRODUÇÃO MUSICAL DA PARCERIA ENTRE PAULO CÉSAR PINHEIRO E JOÃO NOGUEIRA

Raphael Bessa Ferreira

Resumo: A presente pesquisa tem o objetivo geral de analisar um recorte da produção musical feita em parceria por Paulo César Pinheiro e João Nogueira, mais precisamente aquela oriunda do gênero musical de samba. De modo mais preciso, toma-se como objetivo específico investigar a letra da música "Mineira" (1975), elencando os aspectos constitutivos do plano expressivo da obra, tais como os recursos fônicos (sonoros), lexicais (morfológicos), semânticos e retóricos, bem como os elementos formais provenientes dos gêneros líricos, tais como a metrificação, o ritmo e a versificação, no intuito de verificar como a música objeto de estudo plasma rastros do estilo popular da canção de gênero samba e também dos componentes estilísticos mais elaborados da MPB, aliançando ao plano de conteúdo da música os traços herdados da cultura oral de matriz africana e também da cultura grafocêntrica europeia. Para dar conta de tal empreitada, utiliza-se como suporte teórico os estudos da corrente de crítica estilística (Martins, 1989; Monteiro, 2005; Rifaterre, 1973), dos trabalhos que versam sobre a composição musical popular brasileira

- no que tange ao gênero samba (Simas, 2023; Lopes e Simas, 2023) -, dos tratados de poética e versificação (Mattoso, 2010; Spina, 1982) e mesmo as pesquisas sobre melopoética (Oliveira, 2002). Ressalta-se que a tônica da pesquisa assenta-se na investigação da letra dos autores supracitados em estreita inter-relação entre as estéticas próprias do material literário com a canção popular de matriz oral, jungindo formas musicais híbridas e originárias que, ao mesmo tempo que reúnem concepções hegemônicas, trabalham com representações não hegemônicas.

ST: LITERATURA E OUTRAS COISAS ESTRANHAS

Coordenação: João Pedro Wizniewsky Amaral, Carolina Filipaki de Carvalho e Kleber Kurowsky

Resumo: A literatura sempre foi considerada uma coisa estranha. A estranheza da criação, sobretudo de mundos possíveis e denunciados; a estranheza da transgressão da linguagem (PAZ, 1982); a estranheza com representações que podem nos levar a reflexões sobre modos de vida. Hoje em dia, numa sociedade marcada pela velocidade e estímulos instantâneos, a atenção que a literatura exige é naturalmente estranha. E por que a literatura, esta coisa estranha, nos fascina tanto? Talvez porque ela nunca foi uma ilha. Desde seus primórdios, ela se constitui como uma modalidade artística de confluência e diálogo permanente com outras formas de expressão e diferentes áreas. Como bem demonstra Kristeva (1984), os textos literários operam em redes complexas de significação, entrelaçando-se em múltiplos sistemas semióticos. Essa natureza relacional manifestava-se já na Antiguidade. Por exemplo, Homero não cantava seus versos sozinho: a voz do aedo era acompanhada da lira e da performance dramática. Séculos depois, Shakespeare se valia de folclore e crônicas históricas para suas peças; poetas românticos, como William Blake, mesclavam palavras com imagens. Inclusive, áreas do saber nascem a partir da literatura. É o caso da psicanálise (Andrade et al., 2021; Dacorso, 2010; Freud, 2018), cujo desenvolvimento se deve tanto à Édipo Rei quanto a Hamlet. Esse cruzamento ilustra o que Derrida (1992) chama de contaminação inevitável entre linguagens. A literatura não apenas influencia (ou é influenciada por) outras áreas, mas também transforma e é por elas transformada em processos dialéticos de ressignificação. No contexto contemporâneo, multiplicidades de formas de expressões originadas pela revolução digital complexificam essa dinâmica. Estudos de adaptações e intermidialidade (Cartmell, 2012, Elleström, 2010; Hutcheon, 2006, Sanders, 2005;) visam entender as transposições midiáticas e criações palimpsésticas. Video Games narrativos em distópicos, séries de streaming inspiradas em romances vitorianos, e fanfictions colaborativos demonstram como a literatura se apropria de plataformas digitais, evidenciando sua potência simbólica. Igualmente, esses novos espaços literários aproximam processos artísticos e críticos (Leitch, 2014). Nesse sentido, a literatura - e a teoria literária - representa um espaço de profanação (Agamben,

2008) de certos conhecimentos e do fazer artístico, no sentido de retirar esses lugares da esfera do sagrado e devolvê-los ao uso comum. Consequentemente, essas transformações exigem novas abordagens para o ensino da literatura. Como argumenta Candido (2011), o direito à literatura deve incluir o acesso a múltiplas manifestações, não apenas as canônicas. Posto que muitas vezes o ensino de literatura centra-se mais no contexto de produção e não no texto literário, urge uma proposta didática de letramento literário (Cosson, 2015) que foque na experiência estética. Partindo destes princípios, o ensino deve estar atento às novas relações que estudantes têm com a tecnologia para, então, entender as novas relações possíveis com a literatura, uma vez que arte e tecnologia sempre tiveram uma relação próxima, senão incontornável (Dally, 2004). Afinal, as manifestações literárias contemporâneas demonstram que a experiência estética continua a florescer fora dos espaços tradicionalmente reconhecidos como literários. Cabe à educação formal acolhê-las sem abandonar o rigor crítico, mas antes ampliando os horizontes de compreensão do fenômeno literário. Nesse sentido, considerando a literatura contemporânea, torna-se imprescindível ainda considerar suas relações histórico-político-sócio-culturais, particularmente no contexto (pós)colonial (Fanon, 2001; Said, 1978; Spivak, 2023; Thiong'o, 1981). Muitos textos literários operam em um espaço de hibridismo cultural (Bhabha, 2004) onde identidades, memórias e tradições são constantemente negociadas e ressignificadas. Tal perspectiva crítica nos permite compreender como essa produção (des)constrói discursos transculturais, desafiando narrativas hegemônicas, reinventando formas de representação. Assim, em termos teóricos, este simpósio ancora-se neste vasto balaio que chamamos pós-estruturalismo, a fim de analisar como produções literárias se inter-relacionam com outras artes e saberes. Estudos pós-estruturalistas indicam a ligação inconstante do significante, complementada por Deleuze e Guattari (1996) quando propõem o conceito de rizoma. Tanto o rizoma quanto a literatura podem ser estruturas não-hierárquicas que se expandem em múltiplas direções, sem eixo central fixo, adaptando-se a diferentes contextos. Como os próprios autores afirmam: "um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo" (Deleuze; Guattari, 1996, p. 48). Este simpósio, portanto, propõe o desafio de (re)pensar as literaturas como campo estranho e dinâmico, uma teia de significados circulantes que constitui nossa experiência do mundo. O simpósio tem como objetivo discutir, de modo amplo, as inter-relações e intersecções entre literatura e diversos saberes, conhecimentos e áreas, sobretudo que nos causam inquietações. Como o protagonista de "A Mais Recôndita Memória dos Homens" afirma, para a literatura, talento, ambição, vontade, leitura, cultura, sabedoria, engajamento, isolamento, paciência, estratégia, comunicação, não bastam "visto que escrever exige sempre outra coisa, outra coisa, outra coisa. Então a voz se cala e te deixa na solidão, na estrada, com o eco de outra coisa, outra coisa que gira e foge, outra coisa diante de você, escrever exige sempre outra coisa nessa noite de aurora incerta" (Sarr, 2024, p. 48).

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS

COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ESPECTROS DO RECALQUE: O GÓTICO FANTASMAGÓRICO EM OLD GOD'S TIME, DE SEBASTIAN BARRY

Amanda Iohana de Amorim Pereira

Resumo: A narrativa de Old God's Time, romance de Sebastian Barry, é constituída pelos sonhos, divagações e memórias fragmentadas de Tom Kettle, policial aposentado da Garda Síochána. Os dias solitários de Tom são preenchidos pelos silêncios que obscurecem as violências às quais ele, sua esposa e filhos foram submetidos no passado. Os resíduos traumáticos que emergem da mente do protagonista ecoam os traumas coletivos da sociedade irlandesa no que tange ao que James M. Smith (2001) denomina arquitetura do containment, estrutura responsável por encobrir os abusos institucionais cometidos pelo Estado e Igreja Católica contra mulheres e crianças no século XX. A ausência de linearidade e o aspecto lacunar da narrativa intensificam os episódios de desorientação de Tom, perturbando a sua compreensão da realidade e oportunizando a manifestação de elementos sobrenaturais típicos da literatura gótica, como aparições fantasmagóricas. Conforme Julia Briggs (2012), as histórias de fantasmas características do gótico frequentemente confrontam passados violentos e reprimidos, associando-se ao conceito psicanalítico do retorno do recalcado. Uma vez que os conteúdos recalcados estão inacessíveis no inconsciente, eles escapam como sintomas pelas frestas da consciência, geralmente de forma desordenada e onírica (Freud, 2010). Este trabalho pretende, portanto, apresentar um mapeamento das manifestações do gótico em Old God's Time à luz da psicanálise. Para tal, o referencial teórico deste estudo alicerça-se nas intersecções existentes entre os estudos do gótico (Botting, 2012; 2014; Punter, 2013; Killeen, 2014; Killeen; Morin, 2023) e a teoria psicanalítica de Sigmund Freud (2010). De modo a estabelecer os padrões temáticos necessários para o mapeamento, foi selecionada a análise de conteúdo de Laurence Bardin (2010) como método de pesquisa. Por fim, espera-se que este trabalho encoraje a noção de confluência como fundamento para a pesquisa em literatura, sobretudo no tocante às narrativas do trauma, nas quais memória, cultura e identidade se entrecruzam transdisciplinarmente.

COM AS MÃOS, TECER UM TEXTO DE FIOS DE MEMÓRIA: O IMAGINÁRIO ARTESANAL DE LYGIA BOJUNGA EM FEITO À MÃO (1996)

Anselmo Peres Alós

Resumo: Esta proposta de comunicação está vinculada ao projeto de pesquisa "Lygia Bojunga: entre o imaginário maravilhoso e a crítica social de cunho alegórico", financiado com recursos da Chamada CNPq

N° 49/2024 – Pesquisador Visitante (PV 2024), sob a supervisão de Regina Zilberman, em desenvolvimento no PPG-Letras da UFRGS e configurando-se como um de seus resultados parciais. Ao longo deste trabalho, será feita uma breve apresentação do lugar ocupado por Lygia Bojunga no cenário mais amplo da literatura brasileira contemporânea e, em seguida, discutir-se-á com mais detalhe e profundidade seu livro "Feito à mão", publicado pela primeira em 1996, bem como a reedição de 1999, que o coloca em sua forma definitiva. Na sequência, são retomadas as discussões de Fayga Ostrower sobre a questão da criatividade e dos processos criativos no trabalho artístico, para, finalmente, confrontar a discussão de Ostrower com o processo literária e paratextualmente enunciado em "Feito à mão". A primeira edição da obra Feito à mão envolveu um mergulho da autora nos processos material da artesania do objeto-livro. A escritora envolveu-se não apenas com a escrita de uma narrativa memorialista que oscila entre a fantasia e autobiografia (algo que hoje seria identificado imediatamente com o modelo teórico da autoficção), mas também com um processo de pesquisa sobre a fabricação artesanal do livro, explorando papéis artesanais e modalidades alternativas de impressão. Este processo de produção manual e de slow edition está cuidadosamente descrito na primeira parte do livro, intitulada “Pra você que me lê”, inserida a partir da segunda edição, estruturando um diálogo de tal forma urdido com o texto ficcional publicado na primeira edição que já não se pode mais separar texto de paratexto sem que perca algo de essencial no formato definitivo da obra.

O JOGO FULMINANTE: FRICÇÕES ENTRE O LÚDICO, O LITERÁRIO E A VIOLÊNCIA A PARTIR DE 'EL TERCER REICH' DE ROBERTO BOLAÑO

Caetano Sousa Romão

Resumo: No romance 'El Tercer Reich' de Roberto Bolaño, acompanhamos o diário de Udo Berger, um jogador profissional de wargames. Através do tabuleiro, ele recria os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, tentando encontrar uma estratégia infalível em que, fosse qual fosse o cenário ou conjuntura geopolítica, a Alemanha jamais tivesse sido derrotada. Apesar dessa obsessão, o jovem refuta qualquer associação com o ideário nazista, argumentando que seu interesse é de ordem puramente técnico e histórico - como se uma separação dessa ordem fosse possível. Ao problematizar os efeitos que devêm da assunção de tal perspectiva, apoiada na inconsequência e ineficácia costumeiramente atribuída ao lúdico – algo que se condensa na máxima “é só uma brincadeira” -, nos deparamos com a seguinte inflexão: também Bolaño, ao escrever o romance em primeira pessoa, não estaria realizando uma manobra análoga à de seu personagem? Isto é, ocupar provisoriamente a voz de um sujeito abominável com a garantia de

que não será confundido com ele e de que seria possível retornar de tal incursão sem nenhuma contaminação. Qual seriam, então, as diferenças constitutivas de seus respectivos projetos? Por que a literatura seria aparentemente um espaço mais propício para problematizar e escancarar contradições do que o jogo? O intuito dessa exposição é investigar quais as implicações da entrada do componente perverso nos espaços do lúdico e do literário bem como as possibilidades de tratamento crítico da violência no interior desses mesmos campos. Para tanto, recorreremos às ideias de autores como Janet Murray (2001) para pensar a natureza da interação lúdica em contraponto às práticas de leitura; a noção de proceduralidade tal como proposta por Ian Bogost (2007) para refletir sobre o aspecto retórico das regras; bem como as fabulações de Gonzalo Frasca (2001) sobre o jogo efêmero e suas implicações éticas diante da barbárie.

O AMBIENTE DIGITAL COMO ESPAÇO DE DEMOCRATIZAÇÃO LITERÁRIA: PRÁTICAS EXTENSIONISTAS E POTENCIALIDADES DO PROJETO "LED: LEITURAS DECOLONIAIS"

Carolina Filipaki de Carvalho

Resumo: Assente nas discussões de Candido (2004), Compagnon (2009) e Llosa (2010), o projeto de extensão LED: Leituras Decoloniais parte da compreensão da literatura enquanto um direito universal, um instrumento de sensibilização estética, formação crítica e ampliação das experiências humanas. Propõe-se a refletir acerca das potencialidades das redes sociais e dos ambientes digitais para a circulação e democratização das literaturas pós-coloniais anglófonas, historicamente marginalizadas pelo cânone eurocêntrico. Por meio da publicação de vídeos com leituras de excertos literários e conteúdos informativos no Instagram®, o projeto divulga obras e autores oriundos de contextos anglófonos não hegemônicos, como Nigéria, Jamaica e Índia, promovendo o contato do público com narrativas atravessadas por experiências de colonialismo, diáspora, identidade e hibridismo cultural. O projeto conta com a participação de acadêmicos e leitores voluntários da comunidade externa. Nesse contexto, as redes sociais são compreendidas não apenas como ferramentas de divulgação, mas como espaço rizomático de circulação de saberes, capazes de romper barreiras geográficas, culturais e institucionais, com potencial para a mediação cultural e formação de leitores. Nos ambientes virtuais a literatura, a tecnologia, a experiência estética e a crítica se articulam de forma dinâmica e acessível de modo que, ao ocupar o espaço digital com ações extensionistas, o projeto evidencia como a internet amplia o alcance da universidade e da literatura, favorecendo o diálogo intercultural, a valorização de epistemologias plurais e o

acesso democrático à fruição estética. Além disso, a proposta reforça o papel das mídias digitais na aproximação entre universidade e comunidade, contribuindo para o letramento digital, para a formação crítica dos participantes e para a ressignificação das relações entre literatura, tecnologia e sociedade no contexto contemporâneo.

A DIALÉTICA DO MAL: A SIMBOLOGIA E SUBVERSÃO DE SATÃ, DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Clara Martins Pedrosa

Resumo: O Romantismo brasileiro emerge como um marco de ruptura de estruturas clássicas europeias e sinaliza o início de uma emancipação não apenas política, mas também estética e formal. Nas obras de Álvares de Azevedo (1831-1852) há subversões de gênero, especificamente no drama Macário, que foca nos diálogos existenciais entre Satã e Macário, um jovem recém chegado na cidade e imbuído do spleen romântico; Satã apresenta o lado grotesco da cidade, que Candido (1989) acredita tratar-se de São Paulo. Com base nessas observações, esta pesquisa propõe analisar a subversão da moral da época a partir do discurso das personagens. O estudo se concentrará na subversão moral e social presente na obra, examinando de que modo essa dinâmica reflete a construção do insólito e a representação do Mal na literatura brasileira do século XIX. Partindo da análise dos temas do Mal e da ironia sob as óticas filosófica, literária e social, a presente investigação é de cunho bibliográfico e de natureza descritiva e teórica. Realizamos leituras sobre a vida e a obra do autor, a fim de recolher impressões da crítica, destacando-se a tese de Cilaine Alves (1998) e Educação pela noite & outros ensaios, de Antonio Candido (1989). Partindo para as categorias de análise, articulamos os escritos de Valmor da Silva (2010) sobre a dualidade do Bem e do Mal ao longo da história; de Carlos Nogueira (2006) acerca da imagem do Diabo em terras ameríndias; e de Décio de Almeida Prado (1995) e sua abordagem das personagens principais, observando que a configuração do Diabo na literatura brasileira sofre alterações no século XIX ao ter contato com as culturas indígenas. Concluímos que, na obra azevediana não apenas se subvertem as expectativas tradicionais sobre o Mal, mas também se aprofundam as tensões românticas entre liberdade, responsabilidade e busca por sentido.

A ESCRITA ESCULTÓRICA DE ALINE BEI EM "PEQUENA COREOGRAFIA DO ADEUS"

Diogo da Costa Rufatto

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir a escrita escultórica de Aline Bei em Pequena coreografia do adeus, segundo romance da autora publicado em 2021. Propõe-se o conceito de sintaxe escópica, que visa analisar a estranheza da obra a partir das relações estabelecidas pelo gesto agambeniano, o corte e o vazio. Tais elementos são tomados como os termos de uma oração, e a análise se dá a partir dos usos estilísticos de Bei para expressar-se esteticamente no texto escrito através da intermidialidade (Rammazzina-Ghirardi, 2025). Ela engendra, nesse jogo com as palavras, as artes plásticas, a música/dança e o teatro, entre outras linguagens. Para sustentar tais argumentos, traçam-se comparações com a obra do artista plástico Amilcar de Castro e sua influência na história da diagramação editorial no Brasil a partir de sua renovação estética do Jornal do Brasil. Como principais operadores teóricos, evocam-se os estudos sobre a impertinência e a inespecificidade na estética contemporânea, de Garramuño (2014), estudos críticos sobre Amilcar de Castro (Lessa, 2005) e o Manual de editoração e estilo (Martins Filho, 2016). Aponta-se para que, na era de prompts e da estandardização, Aline Bei convida quem a lê a mudar o ritmo, fazer novas associações, performar a partir do escrito a presença que o teatro busca.

PROTAGONISMO FEMININO NEGRO – A SAGA DAS MULHERES NEGRAS EM ÁGUA DE BARRELA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Elinês Dias Benedetti

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar uma análise sobre a relevância do protagonismo feminino negro no romance Água de barrela, de Eliana Alves Cruz (2018), seja na configuração familiar, social e afetiva, bem como sua autoria. O enredo inicia, em 1849, com as personagens Akin/Firmino e sua cunhada Ewà/Helena, capturados em África para serem escravizados no Brasil, em uma fazenda de cana-de-açúcar, na localidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Ewà faz a travessia já grávida e dá à luz à Anolina, a primeira de uma família de mulheres lavadeiras. Assim, a narrativa de mais de 170 anos de história, é centralizada nas figuras femininas descendentes - a mulher negra no centro da história - não há uma protagonista única, há a saga familiar e a profissão de lavadeira que perpassa todo o texto. A fim de melhor compreender a obra e o processo de desenvolvimento da figuração do feminino negro, e verificar a pertinência das questões propostas, buscamos o aporte teórico em bibliografias referentes à afrodescendência (DUARTE), feminismo negro (AKOTIRENE), ancestralidade (LOPES) e história (BASTOS). Acreditamos que seja possível elencar elementos que comprovem a relevância desse

protagonismo negro no desenvolvimento da narrativa, bem como no processo de escrita e da publicação da obra, tendo em vista tratar-se da ficcionalização da história familiar da própria autora.

O FAROL, A LOUCURA E A IMAGINAÇÃO: A ESTRANHEZA DA CRIAÇÃO E DA PERCEPÇÃO EM SOLITÁRIO E O FAROL

Filipe Fraga de Aguiar

Resumo: Proponho uma análise comparativa entre o romance gráfico Solitário, de Christophe Chabouté (2019), e o filme O Farol, dirigido por Robert Eggers (2019), tomando a literatura como ponto de conexão entre duas obras pertencentes a mídias distintas. Partindo da compreensão de que o literário não se encontra restrito a uma forma específica, mas circula entre diferentes linguagens e sistemas de significação, busco investigar como quadrinhos e cinema mobilizam recursos próprios para construir experiências análogas de estranhamento, imaginação e subjetividade. Em Solitário, a escassez de palavras e a predominância da narrativa visual acompanham a trajetória de um homem isolado em um farol que conhece o mundo exterior por meio de definições encontradas em um dicionário. Em O Farol, por sua vez, o confinamento de dois faroleiros desencadeia um processo de instabilidade perceptiva marcado pela obsessão, ambiguidade e progressiva dissolução da racionalidade. Embora produzam desdobramentos distintos, compartilham elementos formais e temáticos significativos: a estética em preto e branco, o silêncio, a economia de diálogos, a centralidade da imagem e o farol como espaço simbólico. Aproximo esses objetos a partir dos estudos de intermidialidade (Hutcheon, 2006; Elleström, 2010) e da noção de redes de significação proposta por Kristeva (1984), compreendendo o sentido como resultado de relações entre diferentes linguagens. Em diálogo com Derrida (1992), entendo o farol como um signo instável, cujos significados se deslocam entre descoberta e obsessão, liberdade e aprisionamento. Complementarmente, a perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari (1996) permite compreender as múltiplas conexões entre literatura, imagem, imaginação e subjetividade. Argumento que, ao aproximar literatura gráfica e cinema, as obras evidenciam a permanência do literário para além do texto verbal, demonstrando como diferentes linguagens narrativas podem produzir experiências estéticas semelhantes. Nesse sentido, a arquitetura espiral do farol converte-se em metáfora visual da elevação — ou da queda — da consciência humana.

SOBRE O USO DA IRONIA NOS TRABALHOS DE HARVEY PEKAR

Gabriel Lucas Martins Cavalcanti e Lucas Tokuhara

Resumo: "American Splendor" (1976 - 2008) é uma série em quadrinhos roteirizada por Harvey Pekar e ilustrada pelos mais diversos artistas. De caráter marcadamente autobiográfico, as edições tornaram-se famosas pelo seu realismo, especialmente porque retratavam situações cotidianas e banais, muitas vezes despidas de um conflito claro. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar "American Splendor", enfocando nos usos que Harvey Pekar faz da ironia. Para tanto, parte-se das formulações de Booth (1975), Humphrey (1976), Iser (2013) e Wallace (1993) sobre o discurso irônico e a sua recepção; para as reflexões a respeito da grafiação e do papel do grafiador, serão utilizados os trabalhos de Carneiro e Zeni (2021); no que tange à representação do cotidiano nos quadrinhos, retomou-se Schneider (2019). Assim, busca-se, a partir do olhar para a linguagem dos quadrinhos e do modo próprio de configuração dessa forma de arte, observar e refletir que, embora a retórica da ironia permaneça com o mesmo funcionamento no nível textual, o modo específico como é articulado o plano imagético acaba por criar um novo efeito estético. Buscaremos, com isso, analisar duas histórias de "American Splendor", ilustradas por dois desenhistas diferentes: Robert Crumb e Greg Budgett. A princípio, parece que, enquanto Greg Budgett representa a típica ironia moderna (com a afirmação do sujeito em sua pequenez), Robert Crumb utiliza a modalidade pós-moderna desse recurso (em seu caráter cínico, inócuo e impotente).

OS EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO EM O GRANDE DEUS PÃ

Ícaro Silva Gonçalves

Resumo: Arthur Machen (1863 – 1947) foi um ator, jornalista e autor galês no final do século XIX. Os seus textos são caracterizados pela presença do sobrenatural em contraste com o urbano, trazendo elementos místicos e mitológicos para o seu contexto para discorrer sobre os medos da sociedade vitoriana. Em 1890, Machen publicou os contos "O experimento" e "A cidade das ressurreições"; posteriormente, o autor uniu esses contos na novela "O grande deus Pã" (1894), uma de suas obras mais conhecidas. Nessa narrativa gótica e investigativa, Machen aborda ansiedades do período Vitoriano, como os avanços da ciência, ocultismo, repressão sexual e os escândalos da sociedade através de diferentes perspectivas sobre os acontecimentos misteriosos que estão assombrando os homens da alta sociedade de Londres. Devido ao fato de ser composta por dois contos independentes e apresentar diversas perspectivas sobre o mistério, a narrativa de Machen se constrói de maneira fragmentada, onde o insólito e o sobrenatural aparecem a partir de relatos e testemunhos, em uma dinâmica de exposição e ocultação de informações que convida o leitor a preencher as lacunas e participar da investigação. Levando isso em

consideração, este estudo busca analisar os efeitos desta fragmentação, observando os possíveis sentidos estéticos, éticos e epistemológicos acarretados por ela.

UMA ANÁLISE DO ESTRANHAMENTO CULTURAL NO CONTO KABU KABU, DE NNEDI OKORAFOR, A PARTIR DE TEORIAS PÓS-COLONIAIS.

João Pedro Wizniewsky Amaral

Resumo: Kabu Kabu (2013), conto da nigeriana-americana Nnedi Okorafor, acompanha Ngozi em sua jornada para pegar um voo de Chicago (EUA) a Port Harcourt (Nigéria), a fim de estar presente no casamento da irmã. Como acorda atrasada, a protagonista aceita entrar no primeiro táxi que aparece em sua frente: um kabu kabu, um carro não oficial, incomum nos Estados Unidos, mas popular na Nigéria. Durante a viagem de táxi, elementos do kabu kabu, conversas e atitudes do motorista, os espaços pelos quais eles passam e passageiros que vão entrando no carro ao longo da narrativa confrontam a protagonista com sua própria identidade, de uma mulher americana com raízes igbo. Esta comunicação tem como objetivo analisar como o estranhamento entre Ngozi e elementos culturais estadunidenses e nigerianos, especificamente evocados durante a viagem de táxi, pode ser relacionado com teorias pós-coloniais. A análise fundamenta-se em estudos de Frantz Fanon, Gayatri Spivak e Ñgugi Wa Thiong'o sobre a opressão física e simbólica do processo de colonização e suas consequências duradouras, bem como os conceitos de "entre-lugar" e "hibridismo cultural", de Homi Bhabha. O estranhamento de Ngozi - que é um tanto quanto familiar; afinal, ela possui ascendência nigeriana -, se manifesta em um choque cultural em que a construção de sua subjetividade, moldada principalmente pela cultura hegemônica dos Estados Unidos, é questionada a partir de elementos enraizados em cosmologias nigerianas. A desconstrução da personagem não acontece de forma rápida ou simples, visto que ela tem internalizados valores estadunidenses. Isto pode ser observado pela resistência, pelo desconforto e pela (quase) negação de Ngozi perante o próprio kabu kabu, o motorista, e alguns passageiros. Por fim, este estranhamento extrapola a caracterização da personagem e tem implicações no nível diegético, ao incorporar elementos insólitos e fantásticos (como monstros e viagem no tempo) em um estilo aparentemente realista.

DILUINDO SIGNIFICADOS: O "NÃO-LUGAR" EM BLAME! DE TSUTOMU NIHEI

Joao Vitor Batistute

Resumo: Blame! (ブラム! , Buramu!), mangá publicado entre o período de 1997 à 2003, do autor Tsutomu Nihei. Com uma narrativa fora do que é convencional, estabelecendo uma obra contemplativa, de

poucos diálogos, grandes cenários e muitas sugestões, torna-se um clássico cult nos mangás e na própria ficção-científica, gerando debates sobre seus significados, interpretações e se há mesmo que se interpretar dentro de uma obra com tantos poucos diálogos e mínimas explicações. Nesse universo ficcional em uma quantidade imensurável de anos no futuro, uma megaestrutura controlada por uma inteligência artificial está se auto-construindo infinitamente, absorvendo a terra, lua e provavelmente buscando englobar até mesmo todo o sistema solar. O protagonista Killy percorre por seus infinitos andares em busca de um ser humano com um DNA não modificado geneticamente para acessar os terminais da NET Sphere e impedir que esse processo continue. Através de seus visuais e essa proposta narrativa, a Megaestrutura se torna uma personagem tal qual o próprio protagonista, por ser aquela que está eternamente sendo contemplada, desafiando as percepções das personagens que habitam seus corredores, escadas e segredos, mas também o próprio leitor, afinal, o que a Megaestrutura representa? Perpassando pelos conceitos do Metabolismo Japonês - na arquitetura - entendendo contrastes entre os ideias utópicos dos arquitetos e a distopia da megaestrutura em Blame!, não só a obra discute sobre os avanços da tecnologia, mas a própria diluição de significado e significante, afinal, o "não-lugar" se manifesta quando o próprio leitor não consegue associar a funcionalidade ou a historicidade dos espaços que as personagens exploram. Blame! é um dos melhores exemplos do que pode ser denominado como "obra fronteiriça", pois ela é participante de qual gênero? Ou subgênero? E a partir dela, quais outros exemplos podem ser encontrados para futuras investigações?

INTERTEXTUALIDADE, FRAGMENTAÇÃO E DIALOGISMO EM "DUCKS, NEWBURYPORT", DE LUCY ELLMANN

João Vitor Schmidt Robbi

Resumo: Se os conteúdos mentais de uma pessoa qualquer, de uma habitante comum do século XXI, fossem transpostos à página, é bem possível que o resultado fosse uma torrente de texto caótica, monstruosa e, por vezes, incompreensível. Essa parece ser a intuição motriz por trás de “Ducks, Newburyport” (2019), obra-prima da romancista americana Lucy Ellmann, romance composto quase inteiramente por um único período que ocupa quase todas as mais de mil páginas do texto. Trata-se do solilóquio incessante de uma mulher de meia idade de uma cidadezinha dos Estados Unidos: ancorado em quase vinte mil iterações da expressão “o fato de que”, o monólogo interior da heroína sem nome é a todo momento atravessado e formado por cenas lembradas ou imaginadas, preocupações, divagações e opiniões a respeito da crise climática e da violência armada, informações de primeira ou segunda mão, trechos de poemas e canções, manchetes, listas, associações verbais e inúmeros outros tipos de matéria

verbal. Numa só palavra, uma mente comum "nunca antes representada com tamanha amplitude em um romance" (Attridge, 2024). O objetivo desta comunicação, portanto, é explorar brevemente de que formas "Ducks, Newburyport" pode ser compreendido como uma radicalização da representação da consciência, especialmente a partir das ideias de intertextualidade (Kristeva, 1984), monologismo, dialogismo e polifonia (Bakhtin, 2015). Se entendido como tessitura, por um lado, e como monólogo, por outro, o fluxo fragmentário de "Ducks, Newburyport" pode ser visto tanto como um texto confrontado e informado por outros textos, por matérias verbais multiformes, num processo de constante reformulação intertextual, quanto como uma dialogização do monólogo interior, uma vez que a voz da heroína deixa-se matizar e é transformada a todo instante por outras vozes, por outros horizontes discursivos.

ONDE O MAL RESIDE? REFLEXÕES SOBRE EVIL DEAD RISE (2023) DE LEE CRONIN, E THE EVIL DEAD (1981), DE SAM RAIMI

José Victor de Almeida Sampaio

Resumo: A franquia Evil Dead ocupa posição de destaque no terror estadunidense. O primeiro longa, The Evil Dead (1981), de Sam Raimi, destacou-se pela inventividade no trabalho de câmeras e pelo uso de efeitos práticos em um set de baixíssimo orçamento, feito que levou Lloyd Haynes (2021) a classificá-lo como um dos filmes de terror mais dinâmicos e inventivos dos últimos 40 anos. Desde então, a franquia consolidou um repertório narrativo e estético caracterizado pelo isolamento geográfico, por grupos de jovens ameaçados por forças incontroláveis e por violência gráfica intensa, compondo uma linguagem "ferozmente original" (Egan, 2011). Em contraste, Evil Dead Rise (2023), dirigido pelo irlandês Lee Cronin, desloca a narrativa do ambiente rural isolado para um espaço urbano claustrofóbico, substitui o grupo de jovens por um núcleo familiar e reconfigura os códigos estéticos tradicionais da franquia. Na obra de Cronin, o horror físico característico da série articula-se com dimensões psicológicas e afetivas, levando o mal a infiltrar-se no ambiente doméstico, evocando situações da rotina familiar e momentos de violência extrema. Essa reconfiguração pode ser analisada à luz da cinematografia irlandesa, considerando a origem de Cronin e a recorrência nessa cinematografia de narrativas que exploram o espaço doméstico como locus do terror e a transformação de figuras familiares em agentes de violência (Silva, 2024) como forma alegórica de lidar com traumas nacionais latentes na cultura irlandesa (Joyce, 2019). Diante disso, este trabalho investiga o modo pelo qual a identidade irlandesa se manifesta em Evil Dead Rise, articulando-se aos códigos narrativos e estéticos da franquia. Metodologicamente, adota-se a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (1977), estruturada em etapas de pré-análise, categorização e interpretação.

O trabalho busca, ainda, ampliar as discussões sobre cinematografias nacionais, em especial do cinema irlandês e seus reflexos na representação cultural do país no panorama do cinema contemporâneo.

A PALAVRA IMPOSSÍVEL: BOUVARD E PÉCUCHET (1881) ET O DICIONÁRIO DE IDÉIAS CONCEBIDAS (1911), DE GUSTAVE FLAUBERT

Karol Garcia

Resumo: Para o autor que passou a vida buscando obsessivamente a palavra exata, em consonância com todas as outras componentes de um discurso, o uso esvaziado dos termos, dos sintagmas e das expressões idiomáticas se torna matéria de investigação: como manter-se autor (Barthes, 1967) se a sua matéria de ofício parece perder valor? Propomos um breve comentário sobre as obras póstumas e inacabadas Bouvard e Pécuchet (1881) e o Dicionário das ideias concebidas (1911, título traduzido por nós), de Gustave Flaubert. Em algumas edições, o segundo sucede o primeiro, em forma de "apêndice". Leyla Perrone-Moisés, em seu ensaio "Bouvard e Pécuchet, um romance assassino" (2000), retoma diversos excertos retirados de suas correspondências em que o autor demonstra inquietação com este projeto: para Maupassant e a George Sand expressa o perigo em manusear a idiotice, a burrice, a estupidez (tentativas de traduzir bêtise). Alguns críticos do seu tempo não compreenderam a engenhosa reflexão sobre o cientificismo e a marcha do progresso - que já dava sinais de crise - e viram, em Bouvard et Pécuchet, a esclerose do autor. Este, no entanto, tinha plena consciência de sua obra, deixando claro que, ao dar lugar à estupidez, gostaria de apagar-se completamente do todo composto sem "uma única palavra de minha palavra". Seria possível? Seu último romance se tornou um quebra-cabeças e além: o percurso dos dois bufões que dão nome ao livro é, de certo modo, um exame sobre o ofício da escrita: o gesto automático e repetitivo. Pretendemos observar como os dois textos convidam a pensar sobre as limitações da linguagem e se a bêtise é, de fato, uma acusação ao outro, ou se pode ser algo intrínseco à matéria utilizada cuja estrutura depende da repetição (Perrone-Moisés, 2000).

DO QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE SINCERIDADE?: O EXAME DE UMA CERTA EXIGÊNCIA NAS ARTES E NA CRÍTICA

Kleber Kurowsky

Resumo: A demanda por sinceridade – ou por algo que possa ser percebido como sinceridade – não é de todo inédita no campo da produção artística; de fato, podemos observar a construção disso já em obras como Hamlet, de William Shakespeare, ou em Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe. Em termos

críticos, obras como Sinceridade e Autenticidade, de Lionel Trilling (2014) já demonstravam, no começo do século XX, a maneira com que a ideia de sinceridade poderia ser lida enquanto conceito teórico pertinente à compreensão da literatura. Entretanto, nas décadas finais do século XX, e especialmente nas primeiras do século XXI, a sinceridade vem sendo evocada por artistas, críticos e teóricos quase como uma necessidade. É algo que pode ser observado na música, com o surgimento da ideia de "Nova Sinceridade" (Shanks, 1984), ou em como ela tem sido invocada por autores; na recepção crítica de autores como David Foster Wallace (2012, 2021) e Jonathan Franzen (Kelly, 2010, 2017) e como a ideia de sinceridade foi atribuída a eles; na crista da onda de conceitos como a autoficção, bem como sua subsequente queda. Essa demanda parece ter raízes sociais, políticas e econômicas, afinal, em um mundo dominado pela performance constante (como o que se observa nas redes sociais) e pela construção e curadoria de uma certa imagem de si, a exigência por sinceridade parece surgir como uma alternativa ao cinismo. E disso faz brotar a pergunta: o que é sinceridade? E é possível a sinceridade nas artes, em específico na literatura? Pensando nisso, esta comunicação tem como objetivo construir um panorama dessa busca por sinceridade na contemporaneidade, qual a influência que ela exerce na crítica literária e o que podemos vislumbrar sobre o futuro da literatura a partir desse marcador social.

NARRATIVA, SOM E MEDO: UMA ANÁLISE DE FRÉWAKA (2024), DE AISLINN CLARKE, A PARTIR DO SUBGÊNERO FOLK HORROR

Lauren Marinho de Cerqueira Lima

Resumo: O cinema possui o potencial de retratar narrativas através de diversos elementos do audiovisual. Músicas e efeitos sonoros podem reforçar essas noções a partir de composições que acompanham arcos narrativos, gerando atmosferas e sensações únicas. Claudia Gorbman (1987) argumenta que a música no cinema inflige na narrativa valores emocionais através de códigos culturais. No terror, essa narrativa sonora ganha dimensões particulares, uma vez que o medo se destaca e o apavorante emerge, baseados por um som imprevisível, causando desconforto ao ouvinte. Rodrigo Carreiro (2019) aponta que a função narrativa do susto pode ser alcançada a partir da música, que atua como um sinalizador afetivo ao público. Em especial no subgênero folk horror, caracterizado pelo uso de histórias folclóricas no contexto do terror, pode-se notar uma sonoridade que almeja explorar o tradicional e o eletrônico, que suscitam temporalidades em conflito. Essa música seria, de acordo com Alexander Kolassa (2024), forjada por instrumentos tradicionais, porém eletrônicos, constituída por rachaduras no tempo. Destaca-se, portanto, o filme de terror irlandês Fréwaka (2024), de Aislinn Clarke, no qual a protagonista Shoo luta contra forças

ancestrais religiosas, narrada por sons e músicas aterrorizantes. No filme, narrativas de lendas folclóricas irlandesas são construídas a partir de uma musicalidade que sustenta aspectos do folk horror em sua trama. Nesse contexto, o presente trabalho busca responder ao seguinte questionamento: a partir do subgênero folk horror e das lendas folclóricas irlandesas presentes na trama, como é construída a narrativa sonora de Fréwaka? Esse trabalho busca analisar a narrativa sonora em Fréwaka, à luz de estudos e teorias sobre som no cinema de terror, o subgênero folk horror e em lendas do folclore irlandês. A metodologia é a análise de conteúdo, de Laurence Bardin (1977), e espera-se que a pesquisa amplie debates sobre representações sonoras no cinema irlandês de terror.

O CARTUCHO DE CONFEITOS, DE DONAN COYLE (PSEUDÔNIMO DE CARLOS GÓES), E SUA PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO DE MINAS: UM NOVO MARCO PARA O INÍCIO DA LITERATURA POLICIAL BRASILEIRA E PARA A RECEPÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA FICÇÃO DAS (CONTRA)VIOLÊNCIAS

Leonardo Nahoum Pache de Faria

Resumo: A despeito de décadas de consolidação dos Estudos Culturais, a literatura de gênero segue sendo "corpo estranho", "objeto alijado", "campo intruso" e frequentemente expelido dos debates sobre o fazer literário e sua circulação. É preciso tratar dessa estranha violência científica. A violência mais facilmente identificável "é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência" (Žižek, 2014, p. 17): uma simbólica, que atravessa a linguagem, e uma sistêmica, denunciadora do funcionamento das molduras políticas e econômicas de dada sociedade. A literatura detetivesca, aboletada entre as narrativas de crime e o romance de enigma, lida com a violência contemporânea desde o século XIX nestas citadas esferas do símbolo e do sistema. Nas primeiras décadas do século XX, assentadas as condições de desenvolvimento socioeconômico propícias a formas literárias verdadeiramente brasileiras (SODRÉ, 1976, p. 522-523), incluídas aí suas manifestações mais populares, tivemos a publicação das Aventuras de Cherloquinho (1916), ficção infantil inspirada no legendário detetive de Conan Doyle, Sherlock Holmes, anterior a Monteiro Lobato e Thales de Andrade. Antes dela, porém, houve a publicação do folhetim O Cartucho de Confeitos, novela de aproximadamente 30 mil palavras, de autoria do carioca Carlos Góes, assinada com o pseudônimo de Donan Coyle, serializada no jornal Diário de Minas entre 10 de agosto e 25 de setembro de 1909. Trata-se de obra até aqui de todo ignorada pela historiografia do gênero no Brasil e estranha a especialistas como Medeiros e Albuquerque ou Sandra Reimão, e mais de uma década anterior ao romance colaborativo O mistério, de 1920 (Coelho Neto et al).

Ofereceremos em nossa comunicação uma análise e leitura deste novo marco inaugural para a literatura policial brasileira, buscando nele elementos de sentido, formações imaginárias e discursivas que traduzam o início do processo de recepção do gênero policial no Brasil.

LOURENÇO MUTARELLI: ESTRANHEZA NA LITERATURA E NOS QUADRINHOS

Lielson Zeni e Maria Clara da Silva Ramos Carneiro

Resumo: A presente comunicação explora o hibridismo entre prosa e quadrinhos em algumas obras de Lourenço Mutarelli, particularmente os romances A arte de produzir efeito sem causa (2008) e O Grifo de Abdera (2015), em que as imagens participam da diegese narrativa, e Quando meu pai se encontrou com o ET fazia um dia quente (2011), quadrinho que mais se aproxima do livro ilustrado. O autor, que iniciou a carreira como quadrinista antes de abraçar o romance como seu principal projeto artístico, escreve romances em que o aparato visual participa do texto escrito, e cujos quadrinhos flertam com o literário. Suas composições, em geral, trazem narrativas e personagens estranhos. Desde sua "trilogia do acidente", a história em quatro volumes do detetive místico Diomedes (1999, 2000, 2001, 2002 e publicação em um único volume em 2012), sua obra já flertava com a estranheza: o recurso ao cenário de filme noir por onde desfilavam cartas de tarô e artistas de circo anunciavam seu trabalho em que o freak assume uma posição de destaque diante de seu empilhamento de referências da cultura de massa. Nos livros um pouco mais recentes, é o hibridismo entre as formas que trazem a estranheza como elemento de composição. Investigamos essas interferências a partir de uma abordagem semiológica barthesiana, da teoria da escrita de Anne-Marie Christin (1995; 2023), e as relações entre quadrinhos e literatura a partir de Jan Baetens (2003; 2009) e Jacques Dürrenmatt (2013).

HISTÓRIA LACRIMOGÊNICA EM QUADRINHOS: ANÁLISE DA GRAPHIC NOVEL DE 'A HORA DA ESTRELA'

Lucas Paz Trelha

Resumo: As adaptações literárias exemplificam as complexas relações entre literatura e outras artes e áreas do conhecimento. Essa interdisciplinaridade gera novas possibilidades de autoria e efeitos estéticos, considerando a adaptação no duplo sentido de processo e produto (Hutcheon, 2013). Esta comunicação, que é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento no PPGL (Programa de Pós-Graduação em Letras) da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), apresenta uma análise inicial da adaptação da novela A Hora da Estrela (2020), de Clarice Lispector, para graphic novel (2025). Com o roteiro da

escritora Letícia Wierzchowski, e a ilustração da quadrinista Line Lemos, a graphic novel é um lançamento recente com referências estéticas diversas, como o uso de xilogravuras, nanquim, tarô e restrição cromática. A literatura clariceana costuma causar inquietações e desafios de apreensão; por outro lado, as histórias em quadrinhos são julgadas pelo senso comum como leituras fáceis. Esse contraste cria desafios e possibilidades interessantes de adaptação à linguagem das histórias em quadrinhos, pois A Hora da Estrela é marcada pela metanarratividade, não-linearidades e descrições conotativas. A análise inicial aponta a diversidade de funções que as referências estéticas desempenham em diferentes elementos da graphic novel, diferenciando-a de outras adaptações da novela. Dessa forma, a graphic novel se torna uma obra interessante para ampliar a discussão e o entendimento sobre a complexidade rizomática da literatura (e outras coisas estranhas).

DA LITERATURA AO CINEMA: RUPTURAS NARRATIVAS A PARTIR DE FRANZ KAFKA

Luísa Osório Rizzatti

Resumo: O presente trabalho é uma breve síntese da minha tese de doutorado, que propõe um diálogo entre literatura e cinema a partir da obra de Franz Kafka. Um dos grandes objetivos foi investigar como a noção de ruptura narrativa, previamente identificada em sua escrita, pode iluminar a análise do audiovisual. Em um primeiro momento, a tese dedicou-se a consolidar categorias de análise e reflexão acerca de ruptura narrativa em Kafka, articulando discussões teóricas a partir de Walter Benjamin, da fortuna crítica do escritor tcheco e de resultados obtidos na minha dissertação de mestrado (RIZZATTI, 2021). A segunda etapa buscou expandir tais conceitos e reflexões kafkianas para o cinema, partindo do sagaz pensamento desenvolvido por Jorge Luis Borges em Kafka e seus precursores. Borges consegue brilhantemente nos provar que um bom escritor, tal como Kafka, é capaz não só de modificar a concepção literária do passado, como também seguirá modificando a do futuro. Podemos ir mais longe e pensar que esse legado não se restringe às letras. Com isso, o segundo grande objetivo da tese foi investigar e compreender como o audiovisual com características kafkianas trabalha narrativamente com repetição e ruptura, tendo como corpus dois filmes: Memória (2021) e Beau tem medo (2023). Assim, também conseguimos entender a próxima questão fundamental: por que, em que e como esses filmes são narrativamente kafkianos? Ademais, os estudos sobre narrativa em Kafka vão iluminar algumas questões, mas é fundamental que também busquemos respostas nos estudos sobre cinema: como a linguagem cinematográfica faz essas rupturas? Quais recursos próprios o audiovisual utiliza para tal? O trabalho encontra afinidade com a proposta do simpósio ao discutir como o legado kafkiano evidencia processos de

diálogo, contaminação e reinvenção entre literatura e cinema, especialmente por meio de experiências narrativas de estranhamento.

CORPO DE ALUGUEL, MÃE MONSTRUOSA: O TRAUMA DA MATERNIDADE NÃO-NORMATIVA EM COMO SE FOSSE UM MONSTRO

Maria Eduarda Xavier de Freitas

Resumo: Este trabalho compartilha as reflexões iniciais da pesquisa de mestrado, atualmente em desenvolvimento na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que investiga as representações da maternidade não-normativa e do trauma no romance "Como se Fosse um Monstro" (2023), de Fabiane Guimarães. A pertinência deste estudo reside na necessidade de desnaturalizar os discursos ideológicos que aprisionam a identidade feminina e o ideal em torno da figura materna, buscando compreender como as punições sociais direcionadas às mulheres que desviam da norma são ficcionalizadas no cenário literário atual. Para tanto, toma-se como objeto deste estudo analisar a construção das personagens Damiana e Rosimara a partir da representação da "barriga de aluguel" no romance como experiência traumática e exemplo de uma maternidade não idealizada. A pesquisa fundamenta-se na distinção entre experiência e instituição da maternidade (Rich, 1995), no questionamento do instinto materno (Badinter, 1985), nos conceitos de "abjeção" (Kristeva, 1982) e "trauma" (Caruth, 1995) para analisar o corpo em crise e a subjetividade das personagens. Metodologicamente, propõe-se uma análise contrastiva e comparativa das personagens Damiana e Rosimara, investigando de que maneira suas trajetórias se alinham na narrativa e como seus corpos tornam-se territórios de inscrição do trauma e da exclusão social. Como resultados e contribuições esperados, pretende-se demonstrar como a construção da subjetividade das personagens Damiana e Rosimara é atravessada pela gestação de aluguel perturbando a ordem simbólica e a identidade materna convencional, assim como compreender a importância do papel da entrevista como processo e recontagem do trauma não apropriado, validando a ficção contemporânea como um espaço subversivo fundamental para iluminar as estruturas que produzem o estigma da "mãe monstruosa" e avançar nos debates críticos sobre gênero na literatura atual.

TIN CAN MAN (2007), DE IVAN KAVANAGH, E CINEMA DE TERROR LOW-BUDGET: A PENUMBRA DO CINEMA NACIONAL DA IRLANDA

Maria Helena Silva Mello

Resumo: Segundo Isabel Pinedo (1997), o gênero de terror no cinema é, desde sua concepção, um reflexo das angústias e medos que residem nas sombras da sociedade. Com essa perspectiva em mente, compreende-se o porquê de o terror ter sido um dos gêneros cinematográficos mais populares durante o crescimento e edificação do cinema nacional da Irlanda: passando por esse processo em um período de grande crescimento e transição econômica e social conhecido como o Tigre Celta entre os anos 90 e 2000, a população via-se imbuída de medo dos modelos de vida desconhecidos que penetravam no país. Sendo, porém, uma indústria infante, financiamento para essas obras era escasso (Barton, 2004). Assim, cineastas irlandeses voltam-se à arte do cinema low-budget para a criação dessas produções. O presente estudo visa, então, tecer uma análise de Tin Can Man (2007) através de conceitos da estética pragmática do cinema de terror low-budget (Sipos, 2010), do cinema irlandês de terror (Crosson, 2012), do cinema nacional irlandês (Barton, 2004) e do cinema de terror pós-moderno (Pinedo, 1997), bem como um olhar aprofundado ao período do Tigre Celta (Kirby, 2002). Para essa proposta, utiliza-se o procedimento metodológico da análise de conteúdo, definida por Laurence Bardin (1977). Trata-se de uma metodologia qualitativa para a análise de textos, discursos e produções midiáticas no geral. Por fim, pretende-se contribuir para discussões e visibilidade acadêmica nos âmbitos dos estudos irlandeses – especificamente o cinema irlandês de terror – e cinema de terror low-budget. O terror, afinal de contas, deve ser encarado corajosamente para ser entendido; e, se desviarmos nosso olhar, estaremos permitindo que as realidades mais duras em nossa cercania continuem a esconder-se nas sombras.

OFÉLIAS EM CANÇÃO: REESCRITAS MUSICAIS DE HEROÍNAS SHAKESPEARIANAS NA CULTURA POP CONTEMPORÂNEA

Maria Julia Santos Porto

Resumo: A permanência de Shakespeare na atualidade ocorre, em grande medida, por citações, deslocamentos e apropriações fragmentárias (Caribé e Melo, 2023), nas quais personagens canônicas passam a circular em novos suportes, linguagens e regimes de escuta. Nesse movimento, personagens femininas como Ofélia, Julieta, Desdêmona e Lady Macbeth deixam de pertencer exclusivamente ao teatro elisabetano e tornam-se símbolos culturais de feminilidade, desejo, loucura, violência, morte e resistência, como se observa em reescritas contemporâneas de autoria feminina, como o romance jovem adulto Ophelia (2006), de Lisa Klein, e Lady Macbeth (2024), de Ava Reid. Essas recriações conferem às heroínas trágicas maior protagonismo e espaços de fala, permitindo que suas histórias sejam recontadas por seus próprios olhares e que seus desfechos ultrapassem a repetição da morte trágica. Tal fenômeno também se

manifesta na esfera da música. Em "Ophelia" (2023), faixa do álbum Heaven knows, PinkPantheress parece recontar a tragédia shakespeariana em seus próprios versos, apoiando-se também nos recursos melódicos da canção para tal tarefa. Algo semelhante ocorre em "The fate of Ophelia", do álbum The life of a showgirl (2025), de Taylor Swift, em que a cantora aproxima-se da personagem ao mesmo tempo em que afirma seu afastamento do destino trágico de Ofélia, sendo salva pelo amor. Tendo em vista a expansão do cânone literário por meio de recriações, apropriações e adaptações em outras manifestações artísticas, este trabalho propõe uma análise comparativa dessas duas reescritas musicais contemporâneas, investigando como elas recriam ou se apropriam da trajetória de Ofélia e como se relacionam à representação da personagem como símbolo de feminilidade, desejo, loucura e morte (Showalter, 1985; Singh e Srivastava, 2026), com base nos estudos de adaptação e apropriação (Hutcheon e O'Flynn, 2013; Sanders, 2016) e na crítica feminista, especialmente na noção de revisão da tradição literária (Rich, 1979).

MOUSSA TEM UM NOME: REENCENAÇÃO ENUNCIATIVA EM O CASO MEURSAULT

Matheus Scherametta da Silva

Resumo: Em O estrangeiro (2024), de Albert Camus, um árabe é assassinado sem que seu nome seja mencionado. Em O caso Meursault (2016), Kamel Daoud constrói para esse árabe um nome e uma história. A crítica pós-colonial tem lido esse gesto como prática de contra-discurso, enfatizando sua reivindicação política e identitária. Esta comunicação propõe deslocar a análise ao investigar como essa operação funciona discursivamente. Para isso, parte da seguinte questão: em que medida é possível reorganizar uma cena enunciativa colonial a partir das formas discursivas que essa cena produziu? Para responder, o trabalho articula dois referenciais teóricos. O conceito de cena de enunciação de Maingueneau (2014) permite descrever como Daoud reconstrói a situação enunciativa do romance camusiano, as condições de legitimidade do enunciado e as posições sociais dos sujeitos discursivos. A teoria da alienação colonial de Fanon (2008) fornece a dimensão histórica, pois, no contexto colonial, o árabe não foi apenas silenciado, mas constituído como sujeito desprovido do lugar de enunciador. Haroun, ao narrar a história de seu irmão Moussa, reorganiza os lugares e condições de legitimidade discursiva herdados do texto camusiano. O estudo comparativo indica que Daoud inverte as posições de enunciação da obra de Camus e atribui aos mesmos signos funções discursivas distintas. Esse gesto funciona como resposta à alienação diagnosticada por Fanon e como a inauguração de uma cenografia nova dentro de uma cena englobante que permanece a mesma. A reorganização da cena enunciativa em O caso Meursault opera pela distorção sistemática dos signos camusianos: a mãe que em Camus é enterrada em silêncio

reaparece viva e enlutada; o assassinato que em O estrangeiro é movido pelo sol torna-se, em Daoud, ato político situado na história da revolução argelina. Haroun não inventa uma cena nova, ele retoma os mesmos elementos e os força a significar de outro lugar.

UM BIOMA PARA O FINNEGANS WAKE: PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO CONCEITO DE BIBLIOMA PARA LIDAR COM O MANEJO DA BIBLIOGRAFIA RELACIONADA AO FINNEGANS WAKE DE JAMES JOYCE

Olìvia Vicente Pithan Burzlaff

Resumo: Organizar as referências do Finnegans Wake sempre foi, e continua sendo, um desafio que demanda muita criatividade da fortuna crítica acerca de James Joyce. A profusão de alusões literárias e filosóficas do autor irlandês já era tenazmente considerada por seu conterrâneo, um jovem Samuel Beckett no ensaio seminal Dante... Bruno. Vico.. Joyce (1929), publicada quando o Finnegans Wake ainda era chamado de Work in Progress. Anos depois, o tema seria mais uma vez abordado no Books at the Wake de James S. Atherton, (1959), e diversas tentativas de sistematizar enciclopedicamente diferentes aspectos da obra seriam feitas nas décadas seguintes, como A Concordance to Finnegans Wake (1963) de C. Hart, The Third Census of Finnegans Wake (1977) de A. Glasheen, além de três lexicons de expressões alemãs (Bonheim, H., 1967), gaélicas (O'Hehir, B., 1967) e de origem clássica (O'Hehir, B e Dillon, J. 1977) no Wake, respectivamente, além de um Gazetteer (Mink, Louis O, 1977). Para tratar dessa miríade de referências, alusões e da bibliografia labiríntica em torno da obra final de Joyce propomos o conceito de biblioma, um bioma de livros, que, mediante inspiração nesse emaranhado de alusões e estrutura labiríntica em torno da fortuna crítica do Finnegans Wake permite, esperamos, interrelacioná-las de forma não-cronológica, respeitando as particularidades de uma das obras mais particulares da literatura modernista.

MANCHAS QUE NARRAM: DAS UNHEIMLICH E DISSONÂNCIA EXISTENCIAL EM "MODERATO CANTABILE" DE DURAS

Thaís Cardoso Bego

Resumo: O presente estudo analisa a construção da dissonância existencial na personagem Anne Desbaresdes, protagonista do romance Moderato cantabile (1958), compondo a articulação do conceito freudiano de das unheimlich (o infamiliar) por meio da construção metafórica e da temporalidade narrativa. Partindo do estranhamento causado por um grito que interrompe uma aula de piano, Anne mergulha em

um ciclo de repetição compulsiva ao tentar reconstruir, via ficção, o crime passional presenciado auditivamente. O referencial psicanalítico é utilizado para apreender o retorno do recalcado e a figura do filho como um estrangeiro familiar que devora via identidade materna. As denominadas manchas-metáfora — o vinho, as magnólias e o próprio grito — são lidas como índices do desejo de Anne que desorientam a norma social (adultério), rompem com o perfil imposto pela etiqueta, causando a descontinuidade do cotidiano. A escrita durrassiana pratica a urdidura da estranheza na qual o encontro dos corpos destrói o arranjo fantasmático que sustentava a fantasia conjunta das personagens, transformando a experiência da leitura em um confronto com a alteridade e com a selvageria anterior à vida, típico do estilo da autora. Utilizamos os comparatismos contemporâneos para demonstrar que a voz de Anne se constitui como uma resistência existencial, mimetizando o funcionamento do tempo inconsciente onde o recalcado retorna como sintoma no corpo. Conclui-se que o texto encarna um excesso de sentido que emana do grito silencioso de Anne, apontando para permanências críticas sobre a subjetividade feminina e o confronto do sujeito com a alteridade de seu próprio desejo.

O ESTRANHO NO LETRAMENTO LITERÁRIO: A RECEPÇÃO POPULAR DE TEXTOS DE HORROR DE AUTORIA FEMININA LATINO-AMERICANA

Vitoria Carolini Ferraz Oliveira

Resumo: Esta comunicação apresenta o projeto de pesquisa de mestrado em andamento na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) sobre a recepção de textos de horror de autoria feminina latino-americana em contexto de ensino de educação popular. Considera-se essa ação pertinente ao contexto em que vivemos, pois oferece uma pesquisa-ação em três territórios de educação popular no munícipio de Santa Maria, buscando compreender a recepção da Literatura de Horror a partir da ótica do público leitor de camadas sociais mais populares, indo para além da análise e crítica literária. A metodologia proposta para a dissertação é o Letramento do monstro, desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso, que prevê a articulação de aspectos teóricos sobre ensino de literatura, campo literário das narrativas de horror e recepção estética para a estruturação dos procedimentos de letramento literário a serem dinamizados em territórios de educação popular. Deste modo, a pesquisa é uma dinamização prática da elaboração teórica elaborada previamente. A pesquisa-ação fundamenta-se no "infamiliar" (FREUD, 2019), nos conceitos de "horizonte de expectativas" (JAUSS, 1982) e "abjeção" (KRISTEVA, 2024), na pedagogia crítica freireana e na cultura dos monstros (COHEN, 2000) para observar, enquanto agente-mediador, os movimentos de recepção leitora dos textos em círculos de cultura. Dessa maneira, espera-se de resultado verificar como

as narrativas de autoria feminina latino-americana na Literatura de Horror contemporânea são percebidas e elaborados pelos leitores populares; o que aproxima ou distancia a formação de leitores em contextos majoritariamente atingidos por vulnerabilidade econômica para além de outros marcadores sociais; e, principalmente, validar o Letramento do Monstro enquanto prática de letramento literário emancipadora para além de espaços formais de educação

ST: LITERATURA E SOCIEDADE: FORMAS DA VIOLÊNCIA E DA CONCILIAÇÃO

Coordenação: Alexandre Simões Pilati, Homero Vizeu Araújo e Beatriz Moreira da Gama Malcher

Resumo: É evidente que, ao propormos um simpósio cujo título é "Literatura e Sociedade", a primeira figura que pode vir à mente é a de Antonio Candido, autor do já canônico livro homônimo, de 1965. E, certamente, a tradição nacional baseada no método de redução estrutural de sua crítica integradora, é, aqui, uma espécie de eixo central. Afinal, é justamente em Candido que se apresenta, de forma mais sistemática dentro do contexto da Teoria Literária brasileira, o pressuposto de que conteúdo temático, forma literária e contexto social são inseparáveis em uma obra e, portanto, precisam ser estudados como uma unidade. Tal estudo deve ser realizado a partir de uma metodologia capaz de extrair da dinâmica interna do texto as suas principais questões, compreendendo-o como algo relativamente autônomo (Candido 2010; 2010b). No entanto, não limitamos nosso interesse, no presente simpósio, a pesquisas que trabalhem apenas o contexto nacional, ou apenas a partir do método proposto por Candido: o interesse primordial deste simpósio consiste em reunir pesquisadores que busquem pensar a relação dinâmica entre forma literária e processo social, levando em conta, especialmente, a mobilização de uma tradição crítica materialista. Tal tradição, remonta à perspectiva dos escritos estéticos de Marx e Engels, e desenvolve-se, por exemplo, nas abordagens de Walter Benjamin, György Lukács, Theodor Adorno, Fredric Jameson entre outros. Em perspectiva brasileira, além do já mencionado Antonio Candido, vale ressaltar a centralidade dos trabalhos de Roberto Schwarz, compondo esse quadro de referências incontornáveis com as quais nos interessa dialogar. Dessa forma, o esforço do Simpósio está centrado em, numa época na qual a dialética parece estar em baixa, congregar pesquisadores, de diferentes instituições e interesses, que pensem com/a favor/a partir da dialética, buscando como, em uma obra, "as questões estéticas e sociológicas […] acham-se indissolúvel e constitutivamente mescladas entre si" (Adorno, 2011, p.366), de forma a se verificar o modo específico segundo o qual o "todo de uma sociedade, como uma unidade em si mesma contraditória, aparece na obra de arte" (Adorno, 2003, p.67). Pensando, especialmente – mas não exclusivamente – nos contextos de periferia do capitalismo, a violência aparece enquanto elemento de

obliteração destas contradições, enquanto as diferentes formas de conciliação produzem uma espécie de síntese negativa ou inconclusa. O processo de formação da literatura brasileira, por exemplo, é representativo dessa ordem de problemas estéticos e sociais. Basta lembrar a força da obra de Machado de Assis e os ângulos problemáticos que ela propõe como formas de "crítica e descoberta da vida" em sua dinâmica em si mesma contraditória. Reiteradamente, na mesma narrativa ou poema – às vezes na mesma página –, surgem oscilações mais ou menos bem sucedidas entre um polo e outro, o que nos leva a um conjunto de questões que estão longe de terem sido devidamente enunciadas. Neste âmbito de debate, o ensaísmo de Antonio Candido permanece sendo modelo instigante para a discussão de formas literárias do passado e do presente. Considerando tais pressupostos, neste simpósio acolheremos comunicações que pensem as configurações estéticas a partir de um ou mais dos seguintes eixos:

- A relação entre forma literária e processo social: implicações do contexto sobre os elementos da composição da obra literária, pensando: a relação de tensão e acomodação entre forma literária e processos históricos e sociais, as formulações estéticas do realismo artístico e a relação entre arte e vida cotidiana (Lukács, 2013).

- Literatura e outras formas artísticas e culturais em chave dialética: abordagens que contemplem outras formas de expressão da cultura – como o cinema, a música, a fotografia, dentre outros – sempre considerando as implicações sociais de/em suas diferentes configurações.

- Perspectivas críticas sobre literatura e sociedade de consumo: discussão das relações entre a literatura e/ou outras artes e a sociedade, considerando, entre outros aspectos: o contexto de produção da obra literária; a circulação da obra e o "mercado literário"; ensino, crítica e recepção da obra literária.

- Tensões entre Teoria Literária, crítica sociológica e abordagens contemporâneas: discussão teórica das principais correntes de pensamento crítico voltadas à explicação do fenômeno literário e artístico em relação ao contexto social e histórico contemporâneo.

- Ensino, escola e crítica literária dialética: questões e condições para o debate de literatura em sala de aula; a garantia da leitura que permita avaliar a complexidade e o impacto das obras; a pressão do mercado e do alcance das políticas públicas na tarefa do professor, visando a literatura como um direito humano fundamental para a formação humana.

MENINOS INTEIRAMENTE: UMA ABORDAGEM DA ESTÉTICA MERCADORIA EM "BALÕEZINHOS", DE MANUEL BANDEIRA

Alexandre Simões Pilati

Resumo: A comunicação explora a relação entre arte e mercadoria no poema "Balõezinhos" de Manuel Bandeira. A metodologia empregada é a análise imanente do poema, articulando descrição formal (ritmo, sonoridade, estrutura estrófica, léxico) à interpretação dialética das contradições sociais figuradas no texto. O escopo teórico fundamenta-se na Estética de Lukács (particularidade estética, meio homogêneo, catarse, "humano inteiro"/ "humano inteiramente"), nos Manuscritos de Marx (fetichismo da mercadoria, dinheiro como "vínculo dos vínculos") e na Crítica da estética da mercadoria de Fritz Haug (aparência exagerada do valor de uso, função de venda autônoma). O objetivo central é demonstrar que "Balõezinhos" articula dialeticamente dois âmbitos semânticos – o "burburinho" das mercadorias úteis e o círculo dos "balõezinhos" como mercadoria estética – para revelar a lógica do fetichismo e, simultaneiramente, inscrever uma possibilidade de suspensão desalienante dessa lógica pela arte. A hipótese é a de que o poema instaura um momento catártico em que a identificação lírica do eu com os meninos pobres permite transfigurar a mercadoria em objeto estético, o que termina por manter vivas contradições sociais sem conciliá-las: os olhos redondos das crianças espelham os balões redondos, figurando o "humano inteiramente" (absorção estética) em meio ao "humano inteiro" da cotidianidade heterogênea, e a impossibilidade de compra fratura a completude do fetichismo. As conclusões apontam que constitui-se uma particularidade estética essencialmente dialética, que opõe e articula os dois núcleos semânticos por meio do olhar do poeta. O poema não oferece síntese conciliatória, mas mantém o impasse como forma de resistência à reificação, e a imagem final do "círculo inamovível de desejo e espanto" condensa a ambivalência produtiva: a arte desfetichiza a mercadoria ao suspendê-la no gozo puramente estético, ainda que dentro do próprio regime mercantil, apontando para as possibilidades desalienantes da lírica no capitalismo periférico.

A BOBA DA CORTE NO REINADO DO NEOLIBERALISMO PERIFÉRICO

Ana Paula Sá e Souza Pacheco

Resumo: A comunicação visa analisar a obra "A boba da corte", de Tati Bernardi, no contexto da produção contemporânea de autorrelatos, autoficções e memórias. Nesse sentido, buscar-se-á, primeiramente, testar alguns conceitos forjados por Annie Ernaux em suas entrevistas recolhidas no volume "A escrita como faca"; em especial, o conceito de "autossociobiografia". Trata-se de se ater à estrutura particular da obra, pensando, entretanto, pontos de convergência com autores que se tornaram modelares do autorrelato, como Annie Ernaux e Édouard Louis. Nessa direção, nossa fala incluirá uma breve comparação entre "A boba da corte" e a obra de Édouard Louis, "Mudar:método", visto que ambas

se concentram em trajetórias de ascensão social. Por outro lado, tem-se em mira a consideração do que as diferenças entre escritores situados em países centrais do desenvolvimento capitalista e escritores situados na periferia do capitalismo produz, em termos formas (e das relações entre forma e matéria histórica). Num segundo momento, a comunicação se concentrará em alguns resultados da análise da narradora de "A boba da corte", cujo "éthos" parece se delinear como uma versão feminina do "malandro" e, simultaneamente, como uma figura autocondescendente. Por fim, serão levantadas hipóteses sobre o modo como esse relato incorpora e relê, em chave atual, formas sociais da violência e da conciliação.

O PRESENTE CONFLAGRADO NA CRÔNICA DO PRIMEIRO BRAGA

Arthur Vergueiro Vonk

Resumo: No processo mesmo de emergência do que viria a ser a crônica moderna brasileira, uma recorrência estilística marca a prosa do jovem Rubem Braga, tido como o principal representante do gênero no país. Trata-se da elaboração de "cenas de escrita", que, configuradas no presente da enunciação, desenvolvem um modo próprio de capturar a urgência da tensão histórica contemporânea. Reconstituindo a elaboração do fenômeno desde os primeiros textos de jornal para a imprensa capixaba até momentos-chave de O conde e o passarinho, a exposição pretende jogar luz sobre a configuração de uma voz que tira consequências da posição do cronista, um escritor-trabalhador, para se pôr à altura de acontecimentos como a tomada de poder por Vargas, a chamada Revolução de 1932 e a mobilização em torno da Aliança Nacional Libertadora em 1935. Ganha a cena uma modalidade de "crônica de conflito" pouco afeita às formas de conciliação habitualmente atribuídas ao gênero e interessada em apreender a um tempo a conflagração política e a conflagração da situação do intelectual brasileiro no período. Colhendo frutos de pesquisa de arquivo que exumou materiais inéditos em livro, a reflexão proposta tenciona, em seu ponto de fuga, debater as leituras já clássicas sobre a crônica brasileira apresentadas por Antonio Candido (2004) e Davi Arrigucci Jr. (1987).

A MONTAGEM É A CÂMERA DOS DESPOSSUÍDOS: ARQUIVO E CRÍTICA DA HISTÓRIA EM KAMAL ALJAFARI

Beatriz Moreira da Gama Malcher

Resumo: Este trabalho é uma leitura da videoinstalação A câmera dos despossuídos (2023), do cineasta palestino Kamal Aljafari, onde busco compreender de que modo suas estratégias de montagem elaboram uma crítica materialista da história. Partindo da Eingedenken benjaminiana , tentarei observar como a obra

organiza imagens do passado, não enquanto documentos estabilizados, mas como fragmentos históricos capazes de revelar, no presente, as continuidades da violência imperialista, da expropriação e da catástrofe . Através da justaposição descontínua de arquivos coloniais, da dissociação entre som e imagem e da interrupção da linearidade narrativa, Aljafari produziria, assim, uma forma estética fundada no choque e na montagem, na qual a história emerge como campo de tensões irresolvidas. Para tal, buscarei mobilizar autores de uma constelação crítica materialista, especialmente Benjamin, Adorno, Jameson e Harvey, para pensar como o trabalho formal da videoinstalação transforma o arquivo em espaço de telescopagem do passado pelo presente. Ao reutilizar imagens produzidas pelos próprios aparelhos ideológicos e militares do colonialismo — israelenses e britânicos —, Aljafari reorganiza os sentidos originais desses documentos, expondo as contradições inscritas nas imagens e deslocando seus regimes de visibilidade. Nesse sentido, a obra opera uma crítica imanente dos próprios materiais que mobiliza, fazendo aparecer, no interior dos arquivos oficiais, aquilo que eles tentam apagar. Argumenta-se, assim, que a potência crítica de A câmera dos despossuídos reside justamente na indissociabilidade entre forma estética e processo histórico. Sua estrutura fragmentária, repetitiva e dissonante não apenas representa a violência, mas a incorpora formalmente, convertendo a montagem em procedimento de rememoração histórica e negatividade crítica. Em suma, o trabalho busca discutir como o autor elabora formalmente as ruínas do passado e as contradições do capitalismo tardio.

TRABALHADORES SEM TRABALHO (UM ASPECTO DE ROMANCES BRASILEIROS RECENTES)

Danielle Corpas

Resumo: Na apresentação do volume Contos antológicos de Roniwalter Jatobá (2009, p. 13), Luiz Ruffato observa que "Se nos debruçarmos sobre a produção ficcional brasileira ao longo do tempo, poucas vezes vamos flagrar personagens exercendo algum tipo de atividade laborativa". Atualmente, o próprio Ruffato é um dos autores que tem investido na sondagem do mundo do trabalho, o qual aparece com frequência em narrativas recentes. No entanto, a ambientação do universo ficcional no mundo do trabalho não significa necessariamente valorização ficcional do trabalho. Continua acontecendo aquilo que Ruffato assinalou, o mais comum é que a materialidade do trabalho seja subsumida em outros motivos mobilizadores do enredo. Mesmo que seja no ambiente de trabalho que se instaurem tensões que impulsionam o encadeamento dramático e a transformação das personagens, poucas vezes o trabalho em si ganha maior especificidade no relato, poucas vezes o exercício de atividades laborais engendra problemas ou conflitos

determinantes na narrativa. No âmbito da crítica ocorre algo análogo. A materialidade do trabalho não encontra muito espaço na pauta dos debates contemporâneos, por mais que esta seja receptiva à discussão da representatividade dos trabalhadores, de suas subjetividades, de sua cultura, de sua ancestralidade, dos territórios a que pertencem. É o que acontece, por exemplo, na abordagem de Regina Dalcastagnè em Uma história da literatura brasileira contemporânea: a narrativa (2026, p. 490): o capítulo intitulado "O mundo do trabalho" procura descrever "como os trabalhadores foram representados nas últimas décadas". O que é diferente de pôr em questão a representação do trabalho para refletir sobre o que nos revelam os modos como especificidades da experiência implicadas no ato de trabalhar são (ou não são) configuradas nas narrativas. A proposta da comunicação consiste em discutir esse paralelismo entre produção e recepção literária, considerando romances publicados na última década.

UM DEFEITO DE COR: APONTAMENTOS SOBRE UM ROMANCE NA SAPUCAÍ

Eleonora Ziller Camenietzki

Resumo: Um romance de dimensões épicas e cheio de novidades em relação à nossa tradição literária virou enredo no desfile do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro. Em 2024 a Portela trouxe Luiz Gama e sua mãe para a Marquês de Sapucaí, numa leva muito significativa de enredos literários e de raízes afrobrasileiras que vem ocupando cada vez mais espaço no carnaval carioca. A LIESA disponibiliza em todos os carnavais, poucas horas antes dos desfiles, o livro ABRE-ALAS, uma publicação destinada aos julgadores dos desfiles e à Imprensa especializada, onde o enredo é apresentado, justificado e ilustrado por croquis das alegorias e fantasias utilizadas durante o desfile. Na apresentação de seu enredo, ao invés de uma sinopse de caráter descritivo, a Portela escolhe uma abordagem ficcional, fazendo de Luiz Gama seu narrador, através de uma carta que ele escreve para sua mãe, Kehinde/Luisa Mahin. Esse trabalho irá analisar, portanto, os dois textos ficcionais – o romance e o enredo – que dão forma literária aos conflitos, às tensões e à violência advindos do processo de colonização e a escravidão no Brasil. Como tratam e buscam superar os modos de conciliação e apagamento da história de luta e enfrentamento dos povos africanos e de seus descendentes? Contradições, acomodações e revolta: procedimentos e formas de composição que serão analisados como aquilo que pretendem ser, ou seja, instrumento de luta social, assim apresentado pela Portela para a escolha de seu enredo: "Narrar essa história é como narrar a busca pelo sentido da nossa existência enquanto sujeitos negros ativos neste Brasil. Por que somos? Por que assim fazemos? Por quem lutamos? Em memória do quê? Nossos passos vêm de longe e necessitamos

honrar cada pegada trilhada na dor que é ser negra na história afro-brasileira. Identidades plurais que são moldadas a todo tempo".

RADICALISMOS POSSÍVEIS

Fernando Cerisara Gil

Resumo: A comunicação examina o modo como escritores dos primeiros decênios do século XX compreendiam os impasses e os problemas que impediam a transformação social, isto é, os fatores que para eles tornavam a sociedade brasileira, nas primeiras décadas do período republicano, uma sociedade iníqua e desigual. Para tanto, pretende-se analisar textos de reflexão dos escritores Alcides Maya e Lima Barreto publicados na imprensa da época. Nosso objetivo é procurar situar o horizonte de mudança social possível na visão ambos, sinalizando os limites, impasses e contradições do pensamento de cada um deles. Especificamente, o ponto de vista que sustentamos é que as posições diferenciadas de Alcides Maya e Lima Barreto sobre os problemas da pobreza e da iniquidade social se originam do fato de que ambos escritores se situavam em condições diferentes no campo social e literário brasileiros, ainda que os dois reconhecessem a sociedade do período como injusta. Para os termos dessa apresentação, podemos dizer que Alcides Maya estava na periferia do país, mas no centro do processo como escritor e intelectual, enquanto que Lima Barreto estava no centro do país, porém, na periferia do processo como escritor e intelectual. As razões e as consequências dessas posições diferenciadas deverão também ser examinadas ao longo da apresentação proposta por nós.

ALEGORIAS, MERCADORIAS ESPREITAM-ME

Filipe de Freitas Gonçalves

Resumo: Esta apresentação propõe comparar o poema "Triste Bahia", de Gregório de Matos, com o poema "O Cisne", de Baudelaire. A aproximação, apesar das diferenças de contexto retórico, funda-se na figuração, nos dois casos, de uma derrota de classe que resulta numa forma social elaborada artisticamente pela alegoria. Tanto o baiano quanto o francês formalizam esteticamente suas respectivas derrotas (Oehler, 1999; Bosi, 1992) com posicionamentos imediatos distintos, mas, em ambos, o resultado do fracasso é uma sociabilidade controlada pela mercadoria como forma de aparecimento da sociedade capitalista (Marx, 2013). A essa nova forma social corresponde, artisticamente, a forma alegórica dos dois poemas. A partir das análises se procurará desenvolver a possibilidade interpretativa da alegoria para além do mero tropo retórico (Hansen, 2006), alçando-a a forma de estilização de realidades sociais vinculadas à modernidade

capitalista (Benjamin, 2015). Como horizonte da comunicação está uma inversão da maneira tradicional de ver a sociedade brasileira como sempre estando um passo atrás do desenvolvimento social e cultural europeu e a hipótese de que a forma social instaurada na Colônia de Gregório, na qual a universalização das mercadorias era fato cotidiano (Prado Júnior, 2011), adiantava as formas sociais do capitalismo tardio europeu de Baudelaire, no qual a universalização das mercadorias aparecia como tendência. Essa inversão interpretativa se insere no debate contemporâneo que procura reavaliar os pressupostos da modernidade a partir do capitalismo periférico, especialmente como desenvolvida por Paulo Arantes (2003), Pedro Rocha de Oliveira (2024), Horácio Machado Aráoz (2020) entre outros.

A ESTÉTICA DA VINGANÇA E ESVAZIAMENTO DA EXPERIÊNCIA: VIOLÊNCIA E MODERNIDADE NO CINEMA

Filipe Pereira Machado

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão acerca do cinema de vingança contemporâneo a partir das relações entre violência, forma estética e processo social, articulando contribuições teóricas de Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Fredric Jameson e Guy Debord. Partindo da hipótese de que as narrativas de vingança constituem uma forma privilegiada de representação das contradições da modernidade capitalista tardia, o trabalho investiga como determinadas configurações estéticas internalizam processos históricos marcados pela fragmentação da experiência, pela espetacularização da violência e pela dissolução da historicidade. A análise concentra-se, sobretudo, nos filmes Oldboy, de Park Chan-wook, e Kill Bill: Volumes 1 e 2, de Quentin Tarantino, compreendendo-os não apenas como narrativas temáticas sobre vingança, mas como formas estéticas capazes de condensar tensões sociais e subjetivas próprias do capitalismo contemporâneo. Nesse sentido, busca-se observar como recursos formais, tais como fragmentação temporal, excesso imagético, estilização da violência e saturação sensorial, articulam-se à crise da experiência diagnosticada por Benjamin e às formulações adornianas sobre o contexto, ao mesmo tempo em que dialogam com a lógica cultural do capitalismo tardio descrita por Jameson. Ao investigar o cinema de vingança em chave dialética, pretende-se demonstrar como a violência deixa de operar apenas como elemento narrativo para tornar-se princípio estruturante de uma sensibilidade histórica marcada pela impossibilidade de reconciliação social.

O PONTO DE VISTA EM TRÊS POEMAS DE BOITEMPO, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Guilherme Marciano Tardelli

Resumo: Intimação") procurando demonstrar como eles funcionam como moldura que instaura o ponto de vista de toda a obra. Em "Documentário", o sujeito chega incógnito a Itabira para registrar, mas encontra apenas ausências: as flores secaram, a serra desapareceu, o clã se desfez, o menino se perdeu. Essas ausências têm raízes históricas que o trabalho rastrear aprofundar: a destruição do Pico do Cauê, o ciclo do ouro e a ditadura militar sob a qual o livro foi escrito formam camadas de apagamento da história brasileira. Em seguida, "(In)memória" apresenta a composição do retrato do memorialista, que se constrói pelas faltas e eliminações. O processo de elaboração poética opera pela "apuração", cuja polissemia (purificar, garimpar, adensar pela fervura, averiguar) condensa o trabalho com um mundo devastado, cujos últimos rastros ainda podem ser observados por alguém que elimina seu presente. Por fim, "Intimação" apresenta o contraponto: a volúpia, o retorno sensorial ao menino, tendo apagado o ponto de vista da enunciação do memorialista. Todavia, essa positividade, argumenta-se, existe apenas dentro do sujeito ou num passado imemorial. Na tensão entre dissolução (o que se apaga) e laivos de volúpia (o que se deseja), o ponto de vista de Boitempo extrai sua força, sua especificidade e sua relação com as temporalidades históricas com e contra as quais o livro é engendrado.

UM MENTECAPTO ENTRE MALANDROS E MARGINAIS: FERNANDO SABINO NA ENCRUZILHADA DA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA

Henrique Balbi

Resumo: A fortuna crítica de Fernando Sabino privilegia ora O Encontro Marcado, ora suas crônicas. Mas aqui se discute O Grande Mentecapto, seu segundo romance, analisado a partir de sua inserção na cultura brasileira em 1979. Enquanto Rubem Fonseca consolidava a figura do marginal com os contos de O Cobrador; enquanto Chico Buarque atualizava e desmontava um mito nacional de longa duração na Ópera do Malandro; e enquanto Roberto Schwarz dava estofo crítico e teórico à mesma desmontagem, com o ensaio "Pressupostos, salvo engano, da Dialética da Malandragem" – todos eles de 1979 –; enquanto isso, Fernando Sabino olhava para trás, para um projeto de três décadas, inacabado. Conectando O Grande Mentecapto ao relato de desilusões da juventude de O Encontro Marcado e ao primeiro contato com a modernidade à americana de A Cidade Vazia, argumento que Sabino cria Geraldo Viramundo como um contraponto entre cômico e ingênuo à modernização brasileira, à época evidente em suas contradições na Lei da Anistia, que firma um pacto social a cujas consequências problemáticas se assiste até hoje. A imagem de abertura do romance – com Viramundo pondo-se na linha de um trem no interior de Minas Gerais (e

se safando) – e a sequência de encerramento – com Viramundo em plena metrópole embrutecida – desenham um arco narrativo no qual o anacronismo do protagonista (e sua consequente possibilidade de funcionar como modelo de conciliação das fraturas brasileiras) revela sua insustentabilidade, à medida que o país escancara sua ambivalência perversa. Nem malandro, nem marginal, fora de seu tempo, o mentecapto Geraldo Viramundo surge como sonho retrospectivo, e mesmo regressivo, de uma inocência impossível, formalizável apenas na chave do humor e da paródia no momento da constatação de sua impossibilidade, por parte de um escritor que oscilou ele mesmo entre profissionalização, consciência crítica e equívocos injustificáveis.

CRISE LIBERAL OLIGÁRQUICA NA ARGENTINA E PERONISMO: PROSA FICCIONAL SOB O REGIME DE COMPLÔ, EVASÃO, INVASÃO E CONSPIRAÇÃO

Homero Vizeu Araújo

Resumo: Segundo Ricardo Piglia, autores cruciais da narrativa argentina, tais como Arlt, Marechal, Borges e Macedonio Fernandes, elaboram em termos de complô sua noção de ficção, "(...) caberia dizer que é em torno do complô que se constitui sua noção de ficção. Seus textos narram a armação de um complô e, ao nos contar como ele se arma, nos contam como se constrói uma ficção." O exemplo paradigmático seria Os sete loucos (1929), de Roberto Arlt, cujo enredo ambicioso está organizado tendo por centro o Astrólogo, que por sua vez organiza um grande complô cujos conspiradores são os sete loucos. Os textos mais consagrados da literatura argentina na primeira metade do séc. XX formariam um conjunto organizado a partir de complô e alguma paranoia. Carlos Gamerro acrescentará que o surgimento do peronismo levará os membros da elite a escrever nos anos 40 a 50 mediante literatura fantástica de evasão, em que se sucedem fugas e transições entre cotidiano e sonho, realidade e sobrenatural. Trata-se de "os quatro fantásticos" da literatura argentina: Bioy Casares , Borges, Silvina Ocampo e Cortázar, cujas obras também incluem os procedimentos da narrativa policial. Depois da crise do liberalismo do início do século o peronismo oferece uma reação política que torna a realidade do país intragável. Gamerro propõe em sua síntese ler o melhor da literatura dos anos 40 e 50 como esforço reativo à irrupção peronista, a qual deflagraria o ocaso da classe dominante a que eles pertenciam (com algumas ressalvas para a figura de Cortázar). "Un mundo ordenado, armónico y reconocible desaparece y otro hostil, incomprensible y caótico toma su lugar. Esta irrupción del peronismo (…) es experimentada y procesada mediante el tópico general de la invasión."

FORMAÇÃO, CONCILIAÇÃO OU FISSURAS: OS HORIZONTES DOS JOVENS NEGROS DA PERIFERIA E A TRADIÇÃO DO ROMANCE BRASILEIRO EM OS SUPRIDORES, DE JOSÉ FALERO

Ismael Freitas

Resumo: Os Supridores (2020), de José Falero, procura dar solução formal à formação de homens negros da periferia da cidade moderna no contexto do neoliberalismo brasileiro. A opção do eixo de representação, o horizonte do varejo de drogas em Porto Alegre, confere à narrativa o problema que a organiza. A busca por dignidade, através da entrada no mundo do consumo e oportunizada pelo projeto pretensamente racional da formação de quadrilha de tráfico de maconha, agudiza as contradições de um projeto de desenvolvimento nacional, do qual o romance parece figurar. Assim, a ancoragem narrativa no âmbito do segundo governo Lula, bem como outras referências a acontecimentos da vida pública e política do país de modo global, são índices de uma configuração realista que impõe ao imaginário das políticas públicas de inserção das camadas populares no universo do consumo um registro em negativo, no qual pode se ver iluminado, em chave regressiva, e por vezes encantatória, a face violenta deste processo. As consequências formais do projeto de representação da formação dos jovens negros da periferia de Porto Alegre, sobretudo no que se refere à constituição do foco narrativo, têm lastro na relação entre o espaço do romance contemporâneo dentro de uma tradição da forma no país e a possibilidade de novos atores sociais, antes circunscritos à dimensão de objetos de representação, de se objetivar no dispositivo romance e armar o país mediante outras perspectivas. A presente proposta de comunicação, portanto, objetiva estudar a obra, a partir da análise formal, sobre o ponto de vista da tradição da configuração romanesca no Brasil. Os Supridores, ao lançar mão da épica para encenar os horizontes do projeto neoliberal no país, parece atualizar as arestas violentas da história do romance no Brasil levando ao proscênio a categoria de raça como elemento fundamental, numa disposição a contrapelo.

O PRINCÍPIO DA REVERSIBILIDADE EM ANTONIO CANDIDO

João Guilherme Siqueira Paiva

Resumo: A comunicação pretende percorrer os ensaios de Antonio Candido em arco abrangente, na intenção de refletir sobre os momentos nos quais o crítico se utiliza do princípio da reversibilidade como modo privilegiado de interpretação da cultura e da sociedade brasileiras. Se, em "Dialética da malandragem", a reversão da ordem em desordem é operada como tentativa de captar o movimento da

dinâmica social, as flutuações dos termos e das normas, em "O homem dos avessos" o referido princípio da reversibilidade emergirá como matéria mesma do narrador de Grande Sertão: Veredas. É no ensaio sobre a obra de João Guimarães Rosa que Antonio Candido balizará: "considerações sobre o poder recíproco da terra e dos homens nos levam à ideia de que há em Grande sertão: veredas uma espécie de grande princípio geral de reversibilidade, dando-lhe um caráter fluido e uma misteriosa eficácia". Partindo de tais elaborações, a proposta é avançar para uma discussão a respeito do ensaio de 1966 intitulado "Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa". É nesse texto que Antonio Candido retoma o princípio da reversibilidade para observar a lógica brasileira da lei e da violência. O objetivo da comunicação será, portanto, por um lado, explicitar o fundamento conceitual do princípio da reversibilidade — algo que, na tradição filosófica, nos remete imediatamente a Hegel — e, por outro, extrair consequências do pensamento de Antonio Candido para uma leitura do fenômeno da violência no Brasil, o que nos conduz a livros como "Crítica em Tempos de Violência", de Jaime Ginzburg, por exemplo.

ANATOMIA DA ZOAÇÃO: O CÔMICO COMO ARMA EM O SOL NA CABEÇA (2018)

João Victor da Silva

Resumo: A presente pesquisa busca analisar os recursos literários do cômico no livro O sol na cabeça de Geovani Martins. Entretanto, compreendendo-os como integrados ao que parece ser o princípio estruturador dos contos. Inerente à dialética entre forma estética e o processo social brasileiro, este princípio de redução estrutural opera como figuração da lógica social de militarização do cotidiano no capitalismo periférico contemporâneo. Compreendendo a tarefa da crítica literária como a de "descobrir conceitualmente o que a arte descobriu formalmente" (SCHWARZ, 2025), mobilizamos nesta pesquisa noções da antropologia urbana carioca, que buscamos tencionar com a materialidade linguística de nosso objeto literário. Desse modo, a noção de neurose (MATTOS, 2006) e de zoação (WERNECK, 2015), oriundos da antropologia, são mobilizadas como operadores de leitura da forma estética. Então, a neurose como princípio estruturador e seu expediente necessário, a zoação. Nesta comunicação, a fim de explicitar formalmente a tensão de uma sociedade sob o signo lacônico e arbitrário da violência urbana, nos dedicaremos à análise imanente do conto ""Roleta-russa". A partir do qual procuramos explicitar como o princípio estruturador, o princípio neurótico, opera nas formas de suspensão narrativa (CAZANI JÚNIOR, 2023) e os expedientes cômicos, o procedimento de zoação, por sua vez necessitam operar em caráter derrisório (ZUPANČIČ, 2008) devido a estrutura literária.

A MÁQUINA CULTURAL DE BEATRIZ SARLO

Karina de Castilhos Lucena

Resumo: O ensaísmo de Beatriz Sarlo (Buenos Aires, 1942–2024) dispensa maiores apresentações, embora obras indispensáveis precisem, de tempos em tempos, ter sua relevância avaliada, discutida, reafirmada. Sua extensa obra – trinta livros, incluídas obras em parceria e compilações – circula por diferentes campos do saber, a Literatura, a História, a Sociologia, a Ciência Política. Este estudo se centra em "A máquina cultural: professoras, tradutoras e vanguardistas" (1998), um dos trabalhos mais criativos de Sarlo, em que o ensaísmo qualificado dos demais livros se associa a uma liberdade narrativa surpreendente. O livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro trata da professora Rosa del Río, e foi inspirado na tia de Sarlo. Para narrar sua história, Sarlo assume o ponto de vista da professora, em primeira pessoa. No segundo capítulo, Sarlo apresenta a escritora e tradutora Victoria Ocampo, ousando novamente na composição do texto ao emular o estilo de Ocampo, "um tecido de citações". No terceiro capítulo, sobre um grupo de cineastas de vanguarda, Sarlo volta a inspirar-se em alguém próximo, o cineasta Rafael Filippelli, seu companheiro, e a estrutura do texto lembra cortes cinematográficos. O quarto capítulo, intitulado precisamente 'A máquina cultural', demonstra como essas três engrenagens (educação, tradução, vanguarda) são definidoras da cultura argentina do final do século XIX até os anos 1970. O objetivo desta apresentação é demonstrar que esse livro menos conhecido de Sarlo deve figurar entre os grandes de sua ensaística, ao lado de "Modernidade periférica" (1988) e "Jorge Luis Borges, um escritor na periferia" (1993).

HERMETISMO E ENGAJAMENTO EM "EDIFÍCIO SÃO BORJA", DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Mariana Quadros Pinheiro

Resumo: Esta comunicação participa dos esforços por compreender a relação entre processo social e forma literária, com base na leitura de um poema de Carlos Drummond de Andrade: "Edifício São Borja". Esse texto foi publicado em uma das obras máximas do poeta, A rosa do povo, cuja poética teve seu valor social reconhecido desde seu lançamento, em 1945. Em sua coluna n'A Tribuna acerca desse livro, Álvaro Lins (1946, p. 5) destacou que "procuram aqui um plano de harmonia e ajustamento a consciência política do homem e a arte do poeta". Passados oitenta anos desde a recepção primeira do livro, analistas não deixaram de corroborar o juízo predominante nos anos 1940. Nos estudos mais consistentes, ganha

destaque a integração da "procura da poesia" com a consideração do "tempo de homens partidos". Essa síntese embasa leituras amplas da lírica drummondiana, como as de Antonio Candido (2004), José Guilherme Merquior (1975) e John Gledson (1981). Está presente também em comentários detidos de poemas em que mais claramente os impasses comuns ao "tempo pobre" e ao poeta "pobre" mobilizam a poética de A rosa do povo: "A flor e a náusea", "Nosso tempo", "Áporo", "O elefante" (Cf. respectivamente: Cicero, 2017, Correia, 2015, Pignatari, 1971 e Arrigucci Jr., 2002, Villaça, 2006). A essa lista, cumpre adicionar "Edifício São Borja". O texto impressiona sobretudo por sua elaboração hermética, que desafia a leitura. Desse modo, pode iluminar como poucos uma tensão fundamental na coletânea de 1945: a complexa convivência do engajamento com a necessária obscuridade em "tempos defendidos". O objetivo da comunicação será analisar o sentido social do hermetismo nesse poema, que recria significantes relativos ao Estado Novo.

FORMA LITERÁRIA E CAPITALISMO RACIAL NO SUL (GLOBAL): UMA LEITURA DE ABSALOM! ABSALOM! (1936) DE WILLIAM FAULKNER

Marina Machado de Oliveira

Resumo: O que é o Sul? Essa é a pergunta central que Shreve McCnnon faz a Quentin Compson no clássico romance "Absalom! Absalom!" (1936) de William Faulkner. Shreve é canadense e divide um dormitório em Harvard com o amigo Quentin, cuja família é natural de Mississippi, no sul dos Estados Unidos. A pergunta, por um lado, revela tanto o desconhecimento estrageiro sobre as questões sócio-raciais próprias do sul dos EUA quanto a vontade de ajudar o amigo a compreender suas origens, ambos motores centrais da narrativa. Por outro lado, o questionamento revela inquietações e provocações direta ou indiretamente trabalhadas por Faulkner no romance: Como compreender a história do Sul dos Estados Unidos? Qual o legado da escravidão? É possível mensurar tal legado através de gerações? Existe uma hýbris moderna na constituição ideológico-espacial dos Estados Unidos da América? É possível sanar essa hýbris? Partindo do pressuposto teórico-marxista que identifica o sul dos Estados Unidos como parte do conceito de sul global (ROBINSON, 1983), (WOODS ; GILMORE, 2017) e do canônico "Literatura e Sociedade" (1965) de Antonio Cândido, esse artigo argumenta que a fragmentação cronológica (não linearidade narrativa e protagonistas multi-geracionais) e a variedade narrativa (epístolas, memórias e diálogos diretos) em "Absalom! Absalom!" espelham e questionam a fragmentação racial, espacial e social característicos do processo de formação do sul dos Estados Unidos, em especial do estado do Mississippi. Desse modo,a estrutura de Absalom! Absalom! permite compreender o sul dos Estados Unidos não como

exceção interna à modernidade ocidental, mas como parte constitutiva das dinâmicas históricas do sul global, convidando o leitor crítico a refletir sobre forma, conteúdo e realidade sócio-racial.

O FIM DO MANDATO DOS INTELECTUAIS: A CRISE DO IMAGINÁRIO DE ESQUERDA EM CACASO

Matheus Araujo Tomaz

Resumo: O que significa nacional-popular quando nação e povo estão em crise? A essa questão a obra de Cacaso parece tentar responder, sobretudo a partir dos anos 1980. Partícipe de uma geração que viveu as expectativas ascendentes do pré-64, ele vai tratar não apenas do balanço teórico sobre as ilusões objetivas do período, como das formulações estéticas que lhe deram formalização também no pós-golpe. Dentre elas, encontram-se as proposições, mais ou menos cepecistas, do nacional-popular e o papel de mediador que estas relegaram à figura do intelectual. Findas as ilusões teleológicas – de que o progresso técnico estava levando à inclusão dos setores "inorgânicos" –, cujo enterro já havia sido feito no cinema novo, são necessárias novas formas de construir canções, poemas e narrativas. Cacaso vai dar a dimensão da régua e do compasso dos efeitos da modernização desigual e da entrada da indústria cultural para pensá-las. A presente comunicação visa apresentar sua prosa e a poética virtual que delas emana. Publica Inclusive… aliás…, em 1986, e Buziguim, em 1987, ambos na revista Novos Estudos em espécie de revisão crítica das figuras do povo e do intelectual. Estarão em xeque os termos da própria tradição crítica a qual se filiava, iniciada por Antonio Candido em Dialética da Malandragem. Em suma, o objetivo da apresentação é discutir como essa obra registra o fim do mandato dos intelectuais, para conversarmos com Franco Fortini, e seu papel de mediador universal.

ASTÚCIA POPULAR CONTRA MORAL ROMÂNTICA EM "NOITE DE ALMIRANTE", DE MACHADO DE ASSIS

Pedro Baumbach Manica

Resumo: A apresentação propõe uma leitura do conto "Noite de Almirante" (1884, Gazeta de Notícias), de Machado de Assis, centrada na ideia de que a situação armada pelo enredo — a rejeição de Genoveva a Deolindo, após ter jurado amor eterno a ele — expõe uma contraposição tensiva entre moral romântica e astúcia popular, que desdiz dos comentários do narrador, relativamente externos àquele mundo. Argumentamos que a distância entre a voz narrativa e a situação objetivamente armada indica a produção de uma autoria (em sentido empregado por Bakhtin, 2006, como uma instância interna à linguagem)

simpática ao mundo popular. Esta autoria latente, como tentaremos demonstrar, é contrária a seu narrador, que enxerga com categorias morais herdadas da prosa de ficção burguesa do século XIX. Nosso trabalho parte das interpretações de Roberto Schwarz (2012a, 2012b), deslocadas para sondagem do universo popular do rio de janeiro do século XIX. Além disso, discutiremos com as interpretações que buscaram enxergar os aspectos estruturais do conto machadiano (Baptista, 2006, Bosi, 2020, e Fischer, 2008), de modo a vincular a pesquisa do conto em questão com uma tentativa de maior fôlego de interpretar a contística machadiana, relacionando o conjunto de técnicas empregadas com o conteúdo social que as condicionou — em outras palavras, o estudo da forma da contística machadiana.

"A ARTE O DENUNCIA EM TODA PARTE": UMA LEITURA DE BALÃO CATIVO, DE PEDRO NAVA

Rafael Batista de Sousa

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise de Balão Cativo (1973), de Pedro Nava, tomando como eixo interpretativo a leitura crítica de Antônio Candido acerca da dimensão ficcional da obra memorialística do autor. Em A Educação pela Noite (1987), Candido observa que as memórias de Nava ultrapassam o registro documental da experiência autobiográfica por meio do que denomina "estilística da universalização", procedimento pelo qual a matéria particular da lembrança é elaborada literariamente e adquire alcance humano mais amplo. Nesse sentido, a partir dos recursos estilísticos próprios da ficção, as memórias do autor são alçadas à categoria de obra literária, expandindo o espaço puramente documental. Partindo dessa perspectiva, pretende-se investigar como, em Balão Cativo, a construção das personagens e o resgate da memória constituem alguns dos principais mecanismos dessa estilística da universalização de que fala Candido, na medida em que figuras oriundas da memória familiar e social são transfiguradas em personagens dotadas de densidade literária, ao mesmo tempo em que interpelam e interpretam um dado momento histórico e social do Brasil. Busca-se, assim, compreender de que modo a narrativa articula dialeticamente experiência individual e social, realidade e invenção, convertendo a memória pessoal em forma literária capaz de ultrapassar os limites do vivido particular.

ENTRE O ENXURRO E A CONCILIAÇÃO: A PLASTICIDADE DA FORMA E AS TENSÕES SOCIAIS EM "O BURRINHO PEDRÊS"

Raimunda Maria dos Santos

Resumo: Resumo: O presente artigo examina a forma narrativa do conto "O Burrinho Pedrês", pertencente a Sagarana (1946), de João Guimarães Rosa, investigando como a plasticidade estrutural e a construção discursiva da obra respondem às tensões sociais do sertão. Partindo da premissa de que o texto rosiano inaugura uma nova feição literária ao articular a oralidade popular à tradição clássica, o estudo analisa como a maleabilidade da forma atua como palco para dinâmicas de violência e conciliação. A investigação fundamenta-se na teoria dialógica de Mikhail Bakhtin, no método filológico de Leo Spitzer e na crítica sociocrítica de Antonio Candido e Georg Lukács. Metodologicamente, o trabalho desenvolve-se em três etapas: a revisão teórico-crítica sobre a representação social na literatura; a análise microtextual dos desvios estilísticos e recursos gráficos; e a avaliação das vozes narrativas como definidoras do estilo autoral. Os resultados indicam que a travessia da boiada e os conflitos que cruzam o espaço rural não são meros panos de fundo, mas forças motoras que moldam a própria estrutura do conto. A engenhosidade linguística rosiana e o plurilinguismo absorvem o impacto do choque social — o enxurro das paixões e perigos — para, em seguida, reorganizá-lo por meio de um arranjo estético que mimetiza a conciliação da natureza. Conclui-se que o tensionamento das fronteiras conceituais entre o conto e a novela em "O Burrinho Pedrês" reflete, na materialidade da forma, a complexa ordenação de um solo social cindido entre o arcaico e o moderno.

LITERATURA E CRÍTICA DO VALOR: A CRISE DA FORMA-SUJEITO NAS LETRAS DE MÚSICA DO JOY DIVISION

Rodolfo Rorato Londero

Resumo: Da perspectiva da crítica do valor, a Terceira Revolução Industrial começa efetivamente a eliminar trabalho vivo dos ramos produtivos, tornando grande parte da população trabalhadora supérflua, enquanto partes menores são reabsorvidas em ramos produtivos menos intensos ou ramos improdutivos (Kurz, 2017). Diante dessa contradição – a reprodução social por meio da venda da força de trabalho em um sistema que torna o trabalho cada vez mais desnecessário –, não causa surpresa perceber a individualização da crise nas mais diversas formas de sofrimento psíquico, entre elas, o suicídio e a depressão (Corbanezi, 2021). A proposta deste artigo é pensar os casos de suicídio e depressão não apenas como resultados da individualização da crise, mas como manifestações fenomênicas da crise da forma-sujeito. A crítica do valor mostra como, para além de uma relação de causa e efeito, há um paralelismo ou isomorfismo "entre estrutura narcísica do sujeito do valor e estrutura do valor" (Jappe, 2021, p. 159-160). Isto quer dizer que, para a criação da forma-valor, há uma forma-sujeito

correspondente, e vice-versa. Do mesmo modo, se a criação da forma-valor se encontra em estado terminal, é a própria forma-sujeito que também entra em crise. Conforme mostra a análise de Fisher (2022, p. 73), ao capturar o horizonte neoliberal, sem futuro ("no future"), do começo dos anos 1980, as letras de música da banda inglesa Joy Divison, compostas pelo vocalista Ian Curtis, apontam para "o espírito deprimido dos nossos tempos". Ao trazer em suas letras problemas conjugais e sofrimentos pessoais (cansaço, epilepsia e depressão) – eventos que talvez tenham contribuído para o seu suicídio –, Curtis revela, no compasso da dialética entre lírica e sociedade (Adorno, 2003), um panorama dos nossos tempos. Deste modo, as letras de música do Joy Division nos permitem decifrar a crise da forma-sujeito própria do capitalismo tardio.

DIALÉTICA DO PAPO RETO: UMA INTERPRETAÇÃO DO DISCO SOBREVIVENDO NO INFERNO

Rodrigo Estrella Mendes

Resumo: A partir da epistemologia materialista dialética, o estudo sobre o disco Sobrevivendo no Inferno (1997), do Racionais Mc's, desvela um princípio estrutural que atua como mediador das realidades social e literária, com ênfase na última, da periferia urbana paulistana da década de 1990. O disco em questão se estrutura principalmente através das interlocuções em diversos versos, com mensagem normativa, visando a um ajustamento de conduta para evitar mortes em um contexto de extrema violência - para o sociólogo Tiaraju D'Andrea, equivalente a paises em guerra civil. O correlato social e histórico é o proceder, código de conduta periférico que preza pelo valor da palavra, da humildade, da não traição, da lealdade. No contexto periférico em questão, a mediação social através do proceder é operada pela coletividade periférica, especialmente se destacando o Primeiro Comando da Capital, PCC, com sua lógica de conduta e justiça. Imbricados, ambos os âmbitos compõe o que conhecemos como proceder e que se manifesta linguisticamente no disco através das interlocuções com função conscientizadores visando a diminuição de mortes. O disco, portanto, apresenta como síntese o que podemos chamar de dialética do papo reto, o princípio mediador da forma artística dos raps contidos em Sobrevivendo no Inferno. A forma é por isso coletiva, já que não prescinde do interlocutor como instância necessária para decodificação da mensagem, cujo objetivo é a mudança material no mundo objetivo.

CRÍTICA LITERÁRIA DIALÉTICA PARA QUE? FORMA E VIOLÊNCIA NO ROMANCE VIA ÁPIA, DE GEOVANI MARTINS

Thiago Martins Rodrigues

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo propor uma leitura racializada do romance Via ápia, de Geovani Martins, a fim de identificar os elementos que compõem a tensão entre os imperativos da matéria narrada e os impasses formais decorrentes dessa elaboração. A hipótese é que a obra do autor carioca, junto a outras produções contemporâneas, eleva a questão racial no Brasil ao plano da forma, de modo que a sua análise depende do escrutínio dos recursos estéticos disponíveis para o autor em sua hora histórica diante do ímpeto de depuração da realidade e do processo social em curso na periferia do Rio de Janeiro. O exame proposto ancora-se teoricamente na perspectiva de Alves (2020), que questiona o uso da "resistência" como categoria de leitura da produção de autoria negra e propõe a validação, em contrapartida, da ideia de agência como um movimento teórico-metodológico no jogo da teoria literária. Assim, um dos interesses aqui é vislumbrar não somente os elementos de uma franca contestação à estrutura do racismo, mas também as proposições estéticas e os embates sociais e formais travados em um contexto de degradação da vida da população negra nas periferias urbanas. No mesmo sentido, propõe-se um diálogo com o que Corpas (2025) problematiza acerca das contribuições da crítica literária dialética para uma compreensão mais complexa da literatura brasileira contemporânea que rompa com a mera tematização da realidade imediata em prol de uma leitura imanente da forma que deslinde pontos comuns e possibilite uma mirada de conjunto para essas produções contemporâneas. Resta como questão as possibilidades de construções emancipatórias e como essas obras são recebidas por seus leitores e pela crítica literária em um contexto de conflito social declarado.

O RESTO É SILÊNCIO, DE ERICO VERISSIMO, E O CONTRAPONTO

Victor Luiz da Silva Hentzy

Resumo: É lugar-comum associar Caminhos Cruzados (1935) e O resto é silêncio (1942/1943) ao Point counter point (1928), de Aldous Huxley. O vínculo não deixa dúvidas pela evidente influência do autor inglês sobre a produção verissimiana. Por outro lado, a referência não se encerra aí. O contraponto literário tem uma história mais longa, que precede o calhamaço de Huxley. O protótipo do contraponto literário estaria em The Merry-go-round (1904), de Somerset Maugham, outra referência importantíssima na biblioteca de Veríssimo. A primeira maturação da técnica em âmbito literário, por sua vez, deu-se com Les Faux Monnayeurs (1925), de André Gide. A técnica, com origem na música, passou nesse seu percurso por adequações diversas. Além das adequações necessárias de uma forma a outra, da música à prosa, passou por mudanças de autor a autor. Tendo isso em vista, esta apresentação visa apontar particularidades

no contraponto verissimiano, especificamente em sua volta à técnica no início dos anos 1940, após primeira realização em 1935. Quais as mudanças implicadas entre as duas produções? Quais as diferenças entre o contraponto de Huxley e de Verissimo? Por quais adaptações a técnica teve que passar da música à literatura? São questões que serão, em boa medida, respondidas na apresentação e que têm como traço comum a dinâmica entre classes. Em outras palavras, a economia interna de O resto é silêncio sugere um discurso muito particular e pessimista sobre essa dinâmica no Brasil. Pela estruturação do romance, a investigação do contraponto mostra-se meio privilegiado para discuti-lo, dando a ver as aclimatações diversas pelas quais os procedimentos formais presentes na obra tiveram que passar, em sua importação, em razão da experiência social e histórica brasileira.

IRONIA E EXTERRITORIALIDADE EM GINSTER, DE SIEGFRIED KRACAUER

Wilson Jose Flores Junior

Resumo: A presente comunicação propõe analisar o romance Ginster (1928), de Siegfried Kracauer, à luz do conceito de exterritorialidade. Escrito entre 1927 e 1928, o livro narra as experiências de um jovem arquiteto durante a Primeira Guerra Mundial. Ginster foi considerado por Adorno e pelo próprio autor como uma de suas realizações mais significativas, tendo sido saudado por figuras como Thomas Mann e Joseph Roth. Embora seja frequentemente classificado como um romance de guerra (Kriegsroman), Ginster evita o foco nos campos de batalha ou no heroísmo bélico. O propósito de Kracauer é mostrar a continuação da guerra por outros meios na vida cotidiana civil. O horror não reside apenas na morte violenta, mas na forma como a organização militar e técnica da sociedade reduz o ser humano a uma peça intercambiável ou a um "homem-fração". O objetivo central é analisar a caracterização do protagonista como pária ou outsider, o que lhe permite uma visão, de certa forma, não coisificada da realidade sócio-histórica. Através do conceito de exterritorialidade, busca-se discutir como Ginster, por meio da ironia, atua como um "pacífico desmancha-prazeres", desmascarando valores pretensamente eternos e ideologias fossilizadas. A análise explorará a forma do romance adotada por Kracauer como uma ferramenta de investigação da modernidade, buscando situar Ginster como parte de uma tríade, juntamente com Offenbach e Georg, marcada por fortes traços autobiográficos, que concebe o exílio e a marginalidade como potências críticas.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: LITERATURA E TECNOLOGIA - FUTUROS (IM)POSSÍVEIS

Coordenação: Rejane Cristina Rocha, Vinícius Carvalho Pereira e Andréa Catrópa da Silva

Resumo: As discussões sobre literatura e tecnologia têm crescido em todo o mundo, ainda que mais lentamente no Brasil do que no Hemisfério Norte ou em outros países latino-americanos. A longa história da aproximação entre esses dois campos do saber já foi retraçada em publicações acadêmicas sobre o tema, as quais retomam a ambiguidade do termo tékhne no pensamento aristotélico, que designa o artificial ou técnico em oposição à physis. É comum que os primeiros gêneros elencados como significativos dessa ambiguidade sejam as narrativas utópicas ou distópicas sobre a relação homem-máquina, produzidas desde o Renascimento. Posteriormente a ficção científica passa a se destacar nesse âmbito, especialmente nos sistemas literários inglês e estadunidense a partir do século XIX. A discussão das imbricações entre literatura e tecnologia pode também – entre tantos outros percursos distintos – partir dessa literatura sobre a máquina para uma análise da literatura como máquina, no que ganham destaque os movimentos de vanguarda e neovanguarda do século XX, como a escrita automática surrealista, os jogos tipográficos concretistas, ou a linguagem como potência algorítmica do grupo Oulipo. Sob a superfície variada desses experimentalismos, observa-se um vetor comum que aproxima a arte verbal de uma certa engenharia da palavra, em associação ou não com a imagem, favorecendo projetos artísticos de rigor formalista ou algebrismos insuspeitos. Também as relações entre a literatura e a tecnologia podem ser mapeadas a partir dos suportes em que os signos são produzidos, circulados ou consumidos. Nesse âmbito, observa-se a evolução das materialidades da literatura – com destaque para a invenção do livro – para os processos de escritura com ou para os aparatos eletroeletrônicos, nos séculos XX e XXI, sejam as máquinas de escrever elétricas, os softwares editores de texto, ou os dispositivos digitais de leitura (e-readers), entre tantos outros que vêm se multiplicando nos últimos anos. Ainda nesse contexto, cumpre destacar o espaço crescente da "literatura eletrônica", "literatura cibernética/ciberliteratura" ou "literatura digital". Muito embora se reconheça que cada um desses adjetivos atrelados ao substantivo "literatura" denota a especificidade do campo por uma associação particular (respectivamente, ao eletrônico, em oposição ao elétrico; ao cibernético, por referência à comunicação entre máquinas; e ao digital, em oposição ao analógico), o conjunto de obras recobertas pelos três termos é praticamente o mesmo, o que justifica seu uso intercambiável neste contexto. Para fins de clareza, pode-se utilizar, porém, a definição produzida em contexto nacional: "A literatura digital/eletrônica envolve experimentação com programação e meios digitais, criando textos não lineares e multimídia. Nos EUA, usa-se "literatura eletrônica"; no Brasil, "literatura digital". A definição é debatida, especialmente em países com acesso desigual à tecnologia, onde novas produções, não pautadas na experimentação com o código, exigem revisão constante das terminologias" (Catrópa, Pereira, Rocha, 2025). No entanto, essa definição recobre um

universo demasiado vasto de formas artísticas. Assim, para torná-la mais específica, muitos pesquisadores levam em consideração o grau em que as potencialidades da mídia digital são exploradas em cada obra para classificá-las em subgêneros da e-lit; é o caso, por exemplo, de autores como Hayles (2009), Kozak (2017) e Gainza (2018). Discussões mais recentes sobre o tema chamam a atenção, ainda, para a maneira como as onipresentes plataformas digitais têm reconfigurado a compreensão a respeito da literatura eletrônica, como é o caso da proposta de Leonardo Flores (2021) sobre o surgimento de uma 3a Geração da e-lit e de Andréa Catrópa (2025), que discute a emergência de "escritas digitais" no atual contexto da onipresença da digitalidade (Salazar, Rocha, 2025). Há que se destacar, por fim, que nenhum dos eventos que pontuam a história das associações entre literatura e tecnologia pode ser compreendido de forma dissociada dos fenômenos sociais, políticos e econômicos da modernidade e da contemporaneidade. Devem, pois, ser entendidos como parte de um processo maior de mudança social, e não como produto de um determinismo tecnológico ou estético, o qual alienaria o código de sua função precípua: a expressão humana. Nesse contexto, propomos o presente simpósio, já em sua 5a. edição, com vistas a congregar estudos sobre as relações que podem ser estabelecidas entre os campos da literatura e da tecnologia, atentando para os pontos mencionados ao longo deste resumo, ou para outros que possam se mostrar pertinentes à temática. Nosso objetivo é fomentar discussões sobre esse campo, relevante não só pelo rendimento estético dos produtos literários que o integram, mas também pelas provocações que ele coloca, sobretudo no que diz respeito às definições de escrita, texto, autoria, leitura – isto é, alguns dos pilares sobre os quais se assenta o entendimento do fenômeno literário.

BORGES E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: CLASSIFICAÇÃO, LINGUAGEM E ILUSÃO DE TOTALIDADE

Ana Helena Barbosa de Oliveira

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura comparatista da obra ensaística de Jorge Luis Borges em diálogo com problemas contemporâneos da inteligência artificial. Parte-se da hipótese de que textos como "O idioma analítico de John Wilkins" e "O acercamento a Almotásim" antecipam, em chave literária e filosófica, questões centrais dos sistemas algorítmicos atuais: classificação, construção de ontologias, autoridade discursiva, simulação do conhecimento e pretensão de totalidade informacional. Em "O idioma analítico de John Wilkins", Borges expõe a arbitrariedade de todo sistema classificatório ao apresentar taxonomias que desestabilizam a confiança em uma ordem natural do mundo. Essa reflexão permite pensar criticamente as ontologias utilizadas na inteligência artificial, cujas categorias, embora aparentem neutralidade técnica, carregam pressupostos culturais, históricos e epistemológicos. Já em "O acercamento

a Almotásim", a estrutura de falso comentário crítico permite discutir a produção de autoridade por meio da verossimilhança, aspecto fundamental para compreender modelos de IA que simulam coerência, erudição e saber. O trabalho proporá que Borges oferece um método crítico para pensar a inteligência artificial não apenas como tecnologia, mas como sistema simbólico de organização do real. Sua escrita revela que todo arquivo, toda enciclopédia e toda máquina classificatória operam por seleção, exclusão e ficcionalização da ordem. Assim, a comparação entre Borges e a IA contemporânea permite repensar os limites da linguagem, da classificação e da promessa tecnológica de apreender o mundo em sua totalidade.

NENHUMA PALAVRA SUA: ESCRITA NÃO CRIATIVA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O CONCEITO DE AUTORIA

Andréa Catrópa da Silva

Resumo: Este trabalho examina o uso de ferramentas de inteligência artificial na criação literária, deslocando o debate das polêmicas imediatas sobre fraude e enfraquecimento autoral para uma análise das transformações históricas do conceito de autoria. A hipótese central é que a inquietação contemporânea diante da IA é parcialmente tributária da permanência de uma concepção romântica do artista como gênio criador original. Contudo, desde as vanguardas históricas e, com maior intensidade, ao longo do século XX, práticas como colagem, apropriação, montagem, pastiche, remix e escrita conceitual vêm tensionando a ideia de originalidade como fundamento exclusivo da criação literária. A partir das formulações de Marjorie Perloff sobre o "gênio não original" e de Kenneth Goldsmith sobre escrita não criativa e o escritor como "máquina de memes", o estudo insere a IA em uma genealogia mais ampla de mediações técnicas da escrita, que inclui o processador de texto, os mecanismos de busca e as redes digitais. Nessa perspectiva, iremos refletir se a IA representa uma ruptura radical com os modos de produção literária ou uma continuidade intensificada de processos já consolidados na literatura contemporânea. Ao reabrir essas questões em novas condições técnicas e culturais, tal debate propicia que nos questionemos se a autoria sempre foi, em alguma medida, uma prática de recombinação e diálogo com textos preexistentes, colocando em xeque pressupostos que o campo literário mobiliza com maior ou menor intensidade, a depender do contexto cultural, social ou histórico no qual se insere.

EXTOPIA: O AUTOR COMO USUÁRIO-SUJEITO

Caio Augusto Ribeiro Bertoni

Resumo: Este trabalho revisita a produção de literatura digital de 3ª geração (proposta por Leonardo Flores, 2021) por meio dos conceito de "extopia" e "usuário-sujeito"como chave analítica para os regimes de produção narrativa no capitalismo de plataformas. Argumenta-se que é preciso encarar a literatura digital pelo viés do capitalismo, sendo sua separação quase impossível uma vez que plataformas digitais como o Instagram operam como dispositivos que controlam a cadeia produtiva da escrita nas redes, determinando formatos de produção e protocolos de visibilidade que estruturam o que pode ser narrado e por quem. Nesse regime, a noção de autor torna-se insuficiente para descrever a produção, e em seu lugar, propõe-se o conceito de usuário-sujeito para designar aquele que, ao produzir conteúdo nas plataformas, ocupa simultaneamente as posições de autor, personagem, curador, crítico e mercadoria. O usuário-sujeito não antecede sua própria publicação, pois neste regime sua subjetividade se constitui no e pelo ato de narrar-se dentro do dispositivo, mediada por algoritmos que convertem engajamento em existência social. A extopia nomeia esse regime meta-real em que a distinção entre ficção e realidade torna-se inoperante e a autoficção deixa de ser gênero para tornar-se condição estrutural da subjetivação digital. Conclui-se que o capitalismo de plataformas é a condição de possibilidade dessa literatura, definindo os limites dentro dos quais o usuário-sujeito pode especular sobre si mesmo enquanto criação.

PERSONAGENS EM LARGA ESCALA: CORREFERÊNCIA E LEITURA DISTANTE NOS ESTUDOS LITERÁRIOS COMPUTACIONAIS

Emanoel Cesar Pires de Assis

Resumo: A Leitura Distante, proposta por Franco Moretti, ampliou significativamente as possibilidades de investigação literária ao permitir o estudo de grandes corpora por meio de procedimentos quantitativos e computacionais. Nesse contexto, a personagem literária, tradicionalmente analisada a partir da leitura próxima de obras individuais, passa a ser observada em larga escala, exigindo mecanismos capazes de identificá-la ao longo de milhares de textos. É nesse cenário que a correferência assume papel central. Entendida como o agrupamento de diferentes expressões linguísticas que remetem à mesma entidade, a correferência permite relacionar nomes próprios, pronomes, formas de tratamento e sujeitos nulos a uma única personagem, tornando possível acompanhar sua presença, suas ações e suas relações ao longo da narrativa. Este trabalho discute o papel da correferência como instrumento de mediação entre os estudos literários e as tecnologias de processamento da linguagem natural, tomando como referência o projeto de anotação de personagens em obras da literatura brasileira desenvolvido no âmbito da Linguateca. A partir das reflexões de Moretti (2013), Bamman et al. (2013; 2014; 2020) e Santos et al. (2023), argumenta-se

que a correferência não constitui apenas um recurso técnico para a mineração de textos, mas um elemento fundamental para a construção de novas formas de leitura e interpretação literária. Ao permitir que sistemas computacionais reconheçam personagens para além dos nomes próprios, esse procedimento amplia as possibilidades de caracterização narrativa, comparação entre obras e identificação de padrões literários em grandes coleções digitais, contribuindo para o desenvolvimento das Humanidades Digitais e dos estudos literários computacionais em língua portuguesa.

REDES DE CIRCULAÇÃO E DE LEGITIMAÇÃO LITERÁRIAS DA LITERATURA DIGITAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE CASO

Rejane Cristina Rocha

Resumo: Esta comunicação parte do pressuposto de que a emergência e onipresença da tecnologia digital tem alterado os modos como se dá a circulação do texto literário e, desse modo, tem alterado também os modos como tais textos são consumidos e entram em um circuito de legitimação que lhes garante institucionalização e inserção no repertório literário. A esse presuposto une-se a constatação de que, embora a produção literária digital brasileira seja profícua e venha conquistando, paulatinamente, o reconhecimento da crítica e das instâncias legitimadoras, a sua avaliação continua a recorrer a critérios, parâmetros e, mesmo, metodologias analíticas pouco atentas às especificidades de um contexto de cultura em que o experimentalismo assume contornos diferentes daquele que assumiu ao longo da tradição da cultura impressa e pouco competente para descrever e analisar a iminência (Canclini). A proposta deste trabalho é, a partir de uma análise de caso - o da Revista Artéria 8, aqui tomada como objeto metonímico - discutir um funcionamento específico do sistema literário, a partir dos seus fatores consituintes: produtor, consumidor, mercado, instituição e repertório (Even-Zohar). Dessa forma, analisando a Revista e o processo sistêmico que lhe garantiu legitimidade literária, pretende-se apreender os contorno do que, hipoteticamente, pode se configurar como um sistema da literatura digital.

A UTILIZAÇÃO DA INTERMIDIALIDADE ENQUANTO RECURSO NARRATIVO EM PLATAFORMAS DE AUTOPUBLICAÇÃO DIGITAL

Vinícius Carvalho Pereira

Resumo: Nesta comunicação, pretende-se analisar a utilização de imagens e hiperlinks enquanto recursos narrativos intermidiáticos nas obras Whatsapp - Teen Wolf, da usuária @laurenjergue, e Com amor Athena, de Rebeca Alves. Nesse sentido, é necessário apontar que ambas as obras foram escolhidas por

estarem disponíveis em plataformas de autopublicação digital amplamente utilizadas no contexto brasileiro, sendo, respectivamente, o Wattpad, e o Kindle Direct Publishing (da Amazon). Serão utilizadas tanto as subcategorias analíticas para o uso e presença da intermidialidade propostas por Rajewsky (2020), quanto as quatro modalidades para análise de mídias apontadas por Elleström (2017), buscando compreender de que forma as especificidades da utilização da intermidialidade contribuem para a construção de sentido nas narrativas e de que formas cada plataforma de autopublicação possibilita ou restringe o emprego desse recurso. Além disso, objetiva-se compreender de que maneira escritores e diagramadores se apropriam de conhecimentos e convenções digitais para aproximar o leitor do universo narrativo criado na página, bem como de que maneira este fenômeno pode ser observado em ambas as plataformas de autopublicação digital. Por fim, aponta-se a relevância desta investigação para a compreensão de novas configurações do fazer literário em um cenário multimidiático e hiperconectado, no qual as diferentes mídias, e consequentemente seus significados composicionais, encontram-se frequentemente combinadas e entremeadas nas páginas de livros digitais.

ARQUIVOS DE LITERATURA DIGITAL DO SUL GLOBAL: UMA ANÁLISE DE SUAS INTERFACES

Vinícius Carvalho Pereira

Resumo: Enquanto campo de pesquisa recente e transdisciplinar, a Literatura Digital constitui um complexo polissistema, no qual merecem destaque os arquivos que coligem obras literárias de materialidade computacional, condicionando seus fluxos de circulação, institucionalização e interpretação. Por suas múltiplas funções, tais arquivos desempenham um papel capital nas comunidades de autores, leitores, pesquisadores, professores e críticos interessados no tema, seja em comunidades do Norte Global, que em geral ocupam o centro desse polissistema, seja nas do Sul Global, majoritariamente em sua periferia. Ciente da diferença entre esses dois contextos, o presente estudo objetiva examinar como o design de interface de arquivos de literatura digital latino-americanos, africanos e sul-asiáticos convida a certas formas de encontrar, divulgar e ler uma literatura digital produzida, consumida, arquivada e estudada na periferia do tecnocapitalismo. Trata-se, pois, de pensar como o design de tais dispositivos arquivísticos condiciona as disposições de tratamento do material arquivado, considerando as ferramentas usadas para construção dos arquivos, as metáforas subjacentes às suas interfaces e os recursos técnicos disponíveis em sociedades de modernização em geral tardia e demasiado desigual. Quanto à metodologia, partimos de um corpus formado por 38 arquivos do Sul Global e empreendemos análises comparativas de suas interfaces

com base em referenciais teóricos dos Estudos de Mídia, da área de Interação Humano-Computador e da Arquivologia. Como resultados, apontamos pontos de convergência e divergência nos modos de apresentar aos leitores o material arquivado e de navegar dentro das coleções, indicando ainda como as interfaces dos arquivos revelam uma tensão entre projetos inovadores e indisponibilidade de recursos financeiros compatíveis.

POESIA CONCRETA E PROGRAMAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA APRENDIZAGEM CRIATIVA

Vinicius Hartmann Ferreira

Resumo: Diferentes pesquisas têm investigado e proposto metodologias e recursos para a apoiar a aprendizagem de programação, considerada desafiador nas carrerias de Tecnologia da Informação. A aprendizagem Criativa, proposta por Resnick (2020), baseia-se na construção da aprendizagem a partir do fazer, da colaboração e da ludicidade e sua implementação tem apresentado resultados positivos e promissores (Neto, 2022). Assim, abordagens pedagógicas interdisciplinares que aliam a aprendizagem de programação à expressividade e à criatividade através da poesia são encontradas na literatura (Medeiros et al., 2018). Em se tratando de poesia, o movimento do Concretismo, nascido na Europa mas fortalecido no Brasil nos anos 50, se mostra como um campo com potencial para a aprendizagem criativa, porém pouco explorado quando se trata da aprendizagem de programação. No âmbito literário este movimento defende uma poesia em que a própria página é arte, a experimentação tipográfica e semiótica e a concepção da palavra como forma, não apenas sentido (Bohns, 1995). Assim, este trabalho apresenta os resultados de um projeto que tem como objetivo investigar como a poesia concreta pode ser utilizada como contexto para a aprendizagem criativa de programação introdutória. Inicialmente, foi realizado um levantamento sobre obras de poesia concreta no Brasil a fim de criar um repositório que servirá como exemplo nas práticas didáticas. O segundo passo consistiu no mapeamento entre obras e conceitos de programação, ou seja, identificar quais obras podem apoiar a aprendizagem de quais conceitos, e na confecção de material didático. Os materiais produzidos serão disponibilizados de forma gratuita e poderão ser utilizados em oficinas de curta duração ou em disciplinas regulares. Salienta-se aqui que a proposta fomenta não só uma aprendizagem mais lúdicas, mas também o estímulo a expressividade através da tecnologia.

ST: LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS

Coordenação: Marcelo Ferraz de Paula, Marcelo Paiva de Souza e Wilberth Claython Ferreira Salgueiro

Resumo: Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada "literatura do Holocausto", como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalámov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos voltados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Lara de Lemos aos Racionais MC's. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este "gênero", como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; vínculo estreito com a história; etc. A ideia é, portanto, "manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um 'martírio' pode testemunhar" (Seligmann-Silva, 2003, p. 48), entendendo, assim, que "testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro" (Gagnebin, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a existência da "literatura de testemunho", na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo "subalternizado" depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que "o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão" (Ginzburg, 2012, p. 52). O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores e pesquisadoras interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que

discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito primordialmente ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem ou provoquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011, em Curitiba, este Simpósio teve a sua primeira edição. Desde então mantém sua regularidade nos congressos da Abralic, chegando agora à sua décima segunda edição. Nestes encontros, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Aleksander Henryk Laks & Tova Sender, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Élis, Bernardo Kucinski, Boris Schnaiderman, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi, Carlos Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Eduardo Galeano, Ferréz, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lucinda, Ferréz, Franz Kafka, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, João Antônio, Kaka Werá Jecupé, Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Manuel Alegre, Mario Benedetti, Miron Białoszewski, Noemi Jaffe, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Pedro Tierra, Pierre Seel, Primo Levi, Racionais MC's, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Ricardo Piglia, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksiévitch, Tadeus Różewicz, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros artistas e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

UMA POÉTICA DE TESTEMUNHO NAS LETRAS DE CANÇÕES DE FESTIVAL

Abilio Pachêco de Souza

Resumo: A teoria do testemunho tem se assentado desde seus estudos iniciais (seja na Europa, seja na América latina) no estudo de obras narrativas. Há um crescente empenho nos últimos anos à teorização do testemunho (o que inclue um alargamento de seus conceitos iniciais) para obras de outros gêneros literários, como o teatro e a poesia. Estudos de Wilberth Salgueiro (2022) e Marcelo Ferraz (2022), por exemplo, têm apresentado sólidas bases para a compreensão do testemunho na poesia. São estes estudos que nos possibilitam ler também as letras de canção que apresentam especificidade ou teor testemunhal (Pacheco de Souza, 2024; Seligmann-Silva, 2003). Desde antes das 'canções de protesto' ou 'canções de

resistência' - uma das principais formas de resistência política à ditadura civil-militar - , até às canções contemporâneas que trazem pautas reivindicatórias ou assumem um papel de denúncia, a canção popular tem realizado reflexões a contrapelo do hegemônico ou do oficial (como pontuou Nascimento, 2021). Nesta comunicação, pretendemos apresentar uma breve e inicial reflexão teórica para uma poética de testemunho em letras de canção apresentadas em festivais de canções durante a ditadura civil-militar. Metodologicamente nos escapam alguns aspectos da canção (interpretação, arranjo, melodia...), mas é relevante considerar que essas letras trazem em sua gênese a perspectiva de uma apresentação pública e de um alcance mais amplo que o poema. As canções também apresentavam o desejo de responder a uma demanda urgente, num contexto político adverso, envolvendo riscos a integridade física de compositores e intérpretes de maneira imediata. A título de ilustração e exemplo serão analisadas duas letras de canção apresentadas em festivais de canção no estado do Pará. // Pesquisa financiada pelo CNPQ.

CONFISSÃO E TESTEMUNHO EM MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Angélica Fernanda Mondêgo Ramos

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo refletir e analisar a relação entre memória e testemunho na obra Memórias do cárcere de Graciliano Ramos, considerando os episódios de tortura e violência física, moral e psicológica sofrido pelo narrador/ protagonista da obra. O presente estudo enfoca alguns elementos biográficos do autor e tem como aporte teórico o estudo da literatura de testemunho e da memória, levando em conta o contexto social e político do Estado Novo. A perspectiva de memória é pautada nos estudos de Maurice Hallbwachs, a literatura de testemunho nos pressupostos de Márcio Seligmann- Silva, Paul Ricouer e Wilberth Salgueiro e para tratar da trajetória literária do escritor, recorremos aos estudos de Hemenegildo Bastos, Fernando Cristovão e Antonio Candido. Memórias do cárcere constitui-se como uma obra que relata do ponto de vista individual um acontecimento que habita a memória coletiva. Os traumas, angústias e limitações expressos no livro através do testemunho são posicionamentos coletivos. Dessa forma, o relato testemunhal do autor, reflete e expõe as condições degradantes, a miséria humana dos cárceres brasileiros, o enredo os fatos que culminaram na prisão de Graciliano. Aqui destacaremos também a escrita como forma de não silenciamento do trauma vivido, como forma de resgate de uma história não oficial em vias de apagamento, ao mesmo tempo em que é uma tentativa de reconstrução da memória individual do narrador, atormentado por lembranças

traumáticas. A obra traz luz a uma época de autoritarismo testemunhada por quem vivenciou de perto a opressão da era Vargas e a desumanização das prisões.

AUTORREFLEXÃO E ÉTICA: A LITERATURA DE SAMUEL RAWET COMO DIREITO DE EXISTIR

Bianca Iung Bruel

Resumo: "O assunto está esboçado. Talvez isto tenha o mérito de formular novamente a questão. Apenas, enquanto honestamente se reconhece a ignorância, é melhor exigir para as minorias sexuais não compreensão, mas o direito fundamental de qualquer minoria, o direito de ser, de existir. Sem favores." (Rawet, 2008, p. 49). Esse trecho finaliza o ensaio Homossexualismo: sexualidade e valor (1970), do ficcionista, ensaísta e dramaturgo polonês-brasileiro Samuel Rawet (1929-1984). O texto forma o corpus inicial desta comunicação para pensarmos sobre as relações teórico-críticas entre arquivo, memória e trauma, considerando a força de manifestação político-ética da literatura de Rawet. Partimos da hipótese da necessidade do projeto literário do escritor em manifestar o direito de ser e existir de minorias no contexto da sexualidade dissidente, da concepção da loucura, da migração e de experiências de exílio em núcleos judaicos, aspectos presentes na trajetória do próprio escritor, para discorrer sobre arquivo, memória e apagamento; refletir ainda de que modo o trauma faz parte desse campo relacional, que engendra um espaço de resistência frente à marginalização, tema recorrente na obra ficcional e ensaística de Rawet. Nesse sentido, a escrita de si, método explorado nos documentos do arquivo e nos ensaios, ao lado da figura do andarilho, frequente na ficção, elevam-se como elementos literários que servem à autorreflexão e à transformação da subjetividade, componentes fundamentais da escrita rawetiana. O corpus reúne ainda uma caderneta de anotações de Rawet e transcrições, conjunto de documentos presentes no arquivo do escritor, além de textos da coletânea Contos do imigrante (1956) e de ensaios produzidos no final da década de 1960 e início da década de 1970.

O TESTEMUNHO EM TEMPOS TRANSCONTEMPORÂNEOS

Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja

Resumo: O presente trabalho reflete sobre a necessidade de compreender o conceito de testemunho por meio de desdobramentos do conceito em várias experiências autoritárias vividas no século XX e XXI, que associo as transformações estéticas da transcontemporaneidade (Sarmento-Pantoja, 2024). Neste caminho, apoiamo-nos nas reflexões de Jacques Derrida, sobre o mal de arquivo e o anarquivamento

(Derrida, 1995; 2001), como procedimento transcontemporâneo, pois "a perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. (...) pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome 'mal' poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto" (Derrida, 2001, p. 118-119) vinculadas às experiências de testemunho (Benveniste, 1995; 2001) e de teor testemunhal (Seligmann-Silva, 2003; 2010), do ficcional e de teor ficcional (Sarmento-Pantoja, 2021, 2023) presentes nas artes. Para refletir sobre essa guinada, tomaremos as obras de artista como: Adriana Varejão, com Pele Tatuada à Moda de Azulejaria (1995) e Azulejaria Verde em Carne Viva (2000); Berna Reale, nas performances: Palomo (2012) e Quando todos calam (2009); Daiara Tukano, nas obras "Kahtiri wii" (2023) e "Kahtiri Eõrõ – espelho da vida" (2021) ; e Awá Arã Mura (Auá Mendes), com os murais "Ãgawara-Itá Mukaturú - As Encantas Protegem" (2022) e as pinturas Transcentralidade insdígena (2024) as quais perpassam por problemáticas ligadas ao anarquivamento das experiências autoritária, nas várias ações nas ditaduras dos corpos e das culturas.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS NARRADORES DE "É ISTO UM HOMEM?" DE PRIMO LEVI E DE "A NOITE" DE ELIE WIESEL

Christian Marie Victor Simon Dutilleux

Resumo: Estudo comparativo dos narradores de "Isto é um homem" de Primo Levi e "A noite" de Elie Wiesel e seus reflexos na literatura de testemunho. A presente comunicação propõe um estudo comparativo entre os narradores de duas obras fundamentais da literatura de testemunho da Shoah: É isto um homem? de Primo Levi e A noite, de Elie Wiesel. Em ambos os livros, os autores se posicionam explicitamente como narradores dos seus livros de testemunho baseados nas suas vivências em campos de concentração nazistas (Auschwitz, Birkenau...). Como observei num artigo recente intitulado "As comunidades imaginadas da literatura de testemunho", o narrador de Primo Levi faz o uso recorrente da primeira pessoa do plural (o pronome "nós") para descrever sua vida e dos que o cercam no campo como nesse trecho: "Ao nosso redor, tudo é hostil. Sob nossas cabeças, as nuvens desfilam sem interrupção para nos furtar o sol. De todos os lados, o limite sinistro do ferro em tração. Nós nunca vimos onde eles acabam, mas sentimos a presença maligna do arame farpado que nos mantem afastado do mundo" (p.17) O texto de Levi não deve certamente ser considerada como uma escrita de si ou uma escrita do eu. É, de certa forma, uma "escrita de nós" onde o "nós" (ou a primeira pessoa do plural) é o eixo central da

enunciação. Todo o texto, mesmo enunciado por um único autor, parece querer traduzir uma voz coral, descrever um destino coletivo no qual o autor está imerso e do qual ele não busca se diferenciar. A partir desses observações da obra de Levi, a comunicação vai apresentar um estudo comparativo da posição do narrador na obra de Elie Wiesel.

O CANTO DO RIO, O PRANTO DA LAMA: POESIA, TESTEMUNHO E DESASTRES AMBIENTAIS EM BRUMADINHO E MARIANA

Diana Junkes Bueno Martha

Resumo: Esta comunicação busca refletir sobre as relações entre ética e estética, articulando o valor intrínseco da obra artística à sua necessária postura ética, engajada com a linguagem e ao mesmo tempo com o entorno. Partindo de um poema de alto valor expressivo quanto à sua composição poética, tem-se o objetivo de demonstrar que seu tema, a saber, poesia e meio ambiente, situa-se não apenas como uma resposta ou indagação ao contexto em que se insere, mas, caminhando para uma abordagem mais contemporânea, como implicada na própria natureza, sendo, portanto um testemunho. O foco do trabalho é o desastre ambiental de Mariana e o impacto que teve para a vida das populações ribeirinhas de baixa renda. Será analisado o poema de Prisca Agustoni (O gosto amargo dos metais, 2022) que versa sobre os desastres ambientas ocorridos em Brumadinho e Mariana, Minas Gerais/Brasil, em 2015 e em 2019 respectivamente. Transcorridas mais de duas décadas do início do século, em meio a acontecimentos que colocam em xeque o valor do conhecimento científico, atrelado a aspectos do discurso de extrema direita, cabe perguntar qual é o papel da poesia, o que se pode demandar da poesia em tempos tão extremos e em que nos vemos tão frágeis. Para tentar responder a essa pergunta a partir da análise proposta, percorro, brevemente, um caminho de reflexões sobre o planeta e as relações de poder, econômicas sobretudo, que definem as relações humanas, a desigualdade e a opressão.

REFLEXÕES SOBRE AS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS DO CÁRCERE BRASILEIRO: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO

Edmar Neves da Silva

Resumo: Ao longo da história do Brasil existiram algumas produções culturais de e sobre pessoas comuns que por algum motivo foram privadas de liberdade, tornando-se parte da massa carcerária brasileira e trazendo à tona um testemunho dessa vivência, o que grosso modo é chamado de literatura carcerária. Já no início de 2000 houve um certo boom no mercado editorial brasileiro dessas produções,

sendo sua maioria composta por homens que passaram por presídios no estado de São Paulo. Mas apenas essa perspectiva social não dá conta das complexidades de diferentes experiências do cárcere. Nesse sentido, vale uma pergunta importante inspirada no título do livro da jornalista Nana Queiroz: os presos que menstruam têm algo a dizer? Sabe-se que a estrutura e as lógicas das prisões foram feitas e pensadas para punir corpos/performances de gênero masculinos, mas abrigam uma pluralidade enorme de pessoas. Levando em conta que "o tema do testemunho (...) não se limita aos estudos literários e tem sido analisado com relação às artes visuais, incluindo o cinema e as discussões sobre o antimonumento e sobre a relação entre arte e memória" (SELIGMANN-SILVA, 2022, p. 133), busco realizar em meu doutorado uma análise comparativa de obras de diferentes linguagens artísticas, com foco na democracia no Brasil (1985-atualmente), mas que também apresentam vivências de diferentes grupos sociais, com suas diferentes perspectivas sobre o tema, movimento que costuma visibilizar e/ou apagar determinados processos sociais. Ao articular o período democrático com distintas perspectivas sociais, busco refletir sobre como tais produções contribuem para entender as complexidades do próprio processo democrático brasileiro, revelando suas contradições estruturais através do testemunho de diversos grupos marginalizados. Assim, pretendo apresentar de maneira geral algumas reflexões acerca das narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro, reflexões estas oriundas de minha pesquisa de doutorado no tema.

"DO MUTÁ DA EXPERIÊNCIA": HEIMATMUSEUM SOB A ÓTICA DO TESTEMUNHO

Gabriel Alonso Guimarães

Resumo: 2026 marca o centenário de nascimento de Siegfried Lenz, escritor alemão nascido na antiga Prússia Oriental, prolífico autor de mais de 80 volumes, dos quais apenas um se encontra traduzido no Brasil (Schweigeminute, Minuto de silêncio). Lançado em 1978, o romance Heimatmuseum (Museu da terra natal) é a narrativa pessoal da vida de Zygmunt Rogalla, um tapeceiro da Masúria que constrói um museu para celebrar a pátria perdida e, logo na abertura do texto, o destrói propositalmente num incêndio. Relatado ao genro na cama do hospital, o monólogo percorre décadas de história na fronteira entre Alemanha e Polônia, tecendo – nos moldes de um tapete – a memória dos lugares, das relações e dos conflitos. Haja vista o papel que Lenz (1992, p. 7) atribui à literatura enquanto "memória coletiva da humanidade", conferindo à memória, por sua vez, o caráter de tarefa, é nosso interesse mensurar o peso relativo da noção de testemunho na construção desse romance – principalmente, em sua convergência com a noção, tão cara ao esclarecido Lenz, do didático-pedagógico (cf. Poulain, 1994). Afinal, um museu sem visitantes não ensina e, portanto, condena "as testemunhas de nossa vida passada" a uma "segunda

morte representativa" (Lenz, 1980, p. 454). O romance deve ser visto, dessa maneira, como um substituto do museu queimado, como um último recurso contra "a experiência mais anestesiante: a efemeridade" (Lenz, 1980, p. 272), eregido por meio da coleção de "testemunhas genuínas" (Lenz, 1980, p. 120): as personagens na malha da h/História.

NARRATIVAS DE AUTODETERMINAÇÃO. MEMÓRIAS E EGO-DOCUMENTOS DE IMIGRANTES JUDEU-GERMÂNICOS NO BRASIL

Izabela Drozdowska Broering

Resumo: A comunicação investiga representações de crimes e perpetradores em ego-documentos de sobreviventes da perseguição nazista que, nas décadas de 1930 e 1940, seguiram para o exílio no Brasil. A base da análise é um corpus de fontes de caráter autobiográfico das coleções das famílias judaicas Oliven, Veit Simon, Valentin, Goldschmidt, Brill e Bach depositado nos arquivos alemães e brasileiros. Os textos analisados podem ser lidos como tentativas de resistência, em ato de (se)escrever, ao processo de desumanização e determinação externa. Colocando a própria subjetividade no centro, autores e autoras de ego-documentos em questão simbolicamente redimensionam a narrativa histórica sobre os anos de terror nazista. Ainda assim, é possível reconstruir imagens indiretas de perpetradores e vestígios de narrativas históricas que estruturam e marcam a narrativa. Percebe-se um espectro de diferentes formas de tematização de perpetradores: desde nomeação e descrição diretas, passando pela marginalização e referências indiretas, até a ampla repressão/omissão. Analisa-se também o grau de (auto-)ficcionalização e estratégias narrativas para construir a própria trajetória de vida como superação e não como uma história de sofrimento. O trabalho apoia-se em abordagens narratológicas e de estudos da cultura da memória. Com Paul Ricœur, a escrita autobiográfica é entendida como um ato de atribuição de sentido, no qual a experiência é configurada retrospectivamente em narrativa e a identidade é construída na tensão entre memória, narração e autointerpretação. Aderindo ao conceito de espaço autobiográfico de Leonor Arfuch, os ego-documentos são lidos como construções narrativas nas quais posições subjetivas, atribuição de sentido e formas de (auto-)ficcionalização ganham importância central. Com referência às considerações de Ulrike Jureit sobre comunidades e padrões de memória, a comunicação examina por fim em que medida narrativas individuais recorrem a padrões interpretativos coletivos ou deliberadamente deles se distanciam, especialmente no tratamento das configurações agressor–vítima.

AS ESCRITAS DE CÁRCERE DE EGON SCHIELE E OSCAR WILDE

Julia Ribeiro Barandier

Resumo: No dia 13 de abril de 1912, o pintor Egon Schiele (1890-1918), conhecido principalmente por seus quadros eróticos, foi preso na cidade rural de Neulengbach, na Áustria. Acusado pelo rapto da adolescente Tatjana von Mossig, Schiele foi levado de sua casa pela polícia austríaca e, junto com ele, alguns de seus quadros. A acusação de rapto, dias depois, foi retirada, mas ele precisou responder por outra: a de indecência, pelos temas abordados em sua arte, tornando-se assim o primeiro artista austro-húngaro preso por censura. Durante o tempo preso, Schiele teria escrito um diário. No dia 25 de maio de 1895, 17 anos antes, Oscar Wilde (1854-1900), hoje reconhecido como uma das vozes mais importantes da literatura de língua inglesa, também era preso por indecência. O Marquês de Queensberry, pai de Lorde Alfred Douglas, amante de Wilde, deixa um bilhete para Wilde chamando-o de sodomita. Wilde decide, então, processá-lo por calúnia, gerando um problema gigantesco para si mesmo que destruiria a sua carreira e, também, a sua vida. Durante o tempo preso, Wilde escreveu uma carta para seu amante, intitulada De Profundis. Tanto o diário de Schiele quanto a carta de Wilde foram publicados postumamente. Os dois autores morreram poucos anos depois de suas solturas e seus arquivos, assim como suas imagens, ficaram nas mãos de amigos próximos. No caso de Schiele, o crítico de arte Arthur Roessler, e no de Wilde, o crítico de arte Robert Ross. Na apresentação, tenho como objetivo olhar para as circunstâncias que levaram os dois artistas à prisão e traçar semelhanças entre as duas figuras que tinham como ponto principal de encontro suas extravagâncias aos olhos das sociedades de suas épocas. O objeto de estudo aqui são os dois textos de cárcere produzidos por eles e a construção póstuma de suas imagens.

VICTOR HUGO DANDO VOZ AOS CORPOS SEM CABEÇA: O DUPLO DISCURSO TESTEMUNHAL EM "O ÚLTIMO DIA DE UM CONDENADO" (1829)

Laís Marx Umpierre e Robert Ponge

Resumo: Esta comunicação propõe analisar "Le Dernier Jour d'un condamné" (O último dia de um condenado, 1829), romance de Victor Hugo (1802-1885), que colocou diante da sociedade francesa oitocentista a voz de um condenado à morte em sua agonizante espera pelo cadafalso. O estudo, desenvolvido sob a ótica de seu caráter testemunhal, divide-se em duas frentes analíticas complementares: o testemunho ficcional do protagonista e o testemunho pessoal do autor. De um lado, investigamos como o registro autodiegético do condenado anônimo, marcado física e psicologicamente pela execução que o aguarda, deixa de ser um drama individual para tornar-se uma representação da violência institucionalizada do Estado. Do outro lado, importa lembrar que o autor relatou ter sido impelido a escrever ficção

francamente posicionada contra a pena de morte após testemunhar esses "crimes públicos nomeados execuções judiciárias" (Hugo, 1832, p. 18). Sendo assim, o romance é uma expressão de seu testemunho pessoal. À luz das reflexões de Gagnebin sobre a noção ampliada de testemunha, compreendemos que Hugo atua como aquele que "não vai embora" (2006, p. 57), usando de sua escrita em um ato de denúncia, expressando a tensão entre a realidade e a ficção à época, incentivando a reflexão sobre uma verdade oculta pela falácia da morte rápida e humanizada pela guilhotina, com o objetivo de sensibilizar seus contemporâneos a favor da abolição da pena capital. Por fim, o trabalho discute como a obra aproxima-se da realidade vivida (Roman, 2005) e auxiliou no processo de mudança da conjuntura nela descrita e denunciada, pois, segundo Badinter (1989), apenas as palavras de um poeta podem revelar a realidade do outro e permitir-nos experimentar o que ele sente.

"DE ÓBITO EM ÓBITO/O HORROR ASSUNTA OS VIVOS": MEMÓRIA, TESTEMUNHO E DEVIR-NEGRO EM "CEMITÉRIO MARINHO", DE EDIMILSON PEREIRA

Magno Francisco Sátiro Catão

Resumo: A presente comunicação visa a aproximar o poema "Cemitério Marinho", de Edimilson Pereira (2019), à obra Crítica da razão negra e também à perspectiva da memória e do testemunho. No texto de Pereira, seccionado em cenas, conjuga-se ao mar a memória das pessoas negras escravizadas, como na cena 3, em que o sujeito poético parece lidar precisamente com a contradição entre a memória e a história. Ao mencionar que um velho repõe "a cólera", remete ao justo sentimento de indignação perante a opressão sofrida pelos povos negros escravizados. Além disso, enuncia-se, na cena 7: "de óbito em óbito/se calcula a história como/se ao apagá-la/ela se fizesse nova", precisamente criticando o fato de que, na tentativa de apagar a história, procede-se também ao intento de apagar os corpos das pessoas escravizadas, assassinadas durante o tráfico negreiro. À vista disso, busca-se, em um primeiro momento, ler o poema aliado às ideias propostas por Mbembe (2014), ocasião em que recorremos à situação do negro no século XIX, como compreendida pelo autor, e ao seu conceito de "devir-negro do mundo". Posteriormente, entendendo que Mbembe (2014) traça uma distinção entre memória e historiografia oficial, associamos tal distinção às proposições de outros autores: tais como Assmann (2011), Benjamin (2020) e Ricoeur (2011). Em um terceiro momento, tentaremos demonstrar como o poema de Pereira dialoga com as noções de memória anteriormente discutidas e, nessa toada, vinculou-se ao texto a ideia de "local traumático", de Assmann (2011). Seguidamente, retomamos a ideia de testemunho aliada ao fazer literário e à imaginação, proposição de Seligmann-Silva (2022). Por fim, deseja-se concluir mais uma vez

com Mbembe (2014) e a ideia que ele elucida sobre os monumentos dos potentados coloniais. Nesse sentido, Pereira acederia justamente ao caminho contrário: "Cemitério Marinho" seria um antimonumento.

FERREIRA GULLAR E A POESIA DO CÁRCERE

Marcelo Ferraz de Paula

Resumo: Entre dezembro de 1968 e janeiro de 1969 Ferreira Gullar esteve 20 dias encarcerado na Vila Militar, no Rio de Janeiro, por conta de sua oposição à ditadura militar. Embora o autor nunca tenha silenciado sobre este período na prisão, as menções ao evento, seja em sua obra poética, seja em depoimentos e entrevistas, são bem menos abundantes e detalhadas do que os numerosos relatos que deixou sobre os anos de exílio. Com base nessas lacunas, o objetivo do trabalho é refletir sobre a relação entre poesia e prisão em Gullar, especialmente a partir de uma leitura do poema "O prisioneiro", presente em Dentro da noite veloz (1975). Dentro do quadro da poesia escrita por presos políticos, Ferreira Gullar é certamente o poeta mais consagrado, aquele que recebeu maior atenção e reverência da crítica especializada. Seu único poema dedicado ao período na prisão reúne algumas das características mais marcantes desse repertório escrito a partir da experiência carcerária, como a necessidade de inscrição testemunhal, que amarra o poema ao seu contexto, acionando um vínculo ético e histórico entre a criação estética e o evento desencadeador da escrita; certa desrealização da linguagem, cujos recursos formais assinalam uma quebra dos padrões regulares de apreensão do mundo exterior, de modo a revelar uma vida em suspensão, marcada pela fratura; e a evocação do poema como uma necessidade vital, seja para reafirmar ideais, projetar esperanças ou elaborar o saldo das desventuras.

TRANSFER!, DE JAN KLATA: TEATRO PÚBLICO E TESTEMUNHO NO PALCO POLONÊS CONTEMPORÂNEO

Marcelo Paiva de Souza

Resumo: Um dos maiores encenadores poloneses da atualidade, Jan Klata dá perfeito exemplo em suas realizações do que a pesquisadora Joanna Krakowska tem chamado de teatro público, um teatro com empenho declarado – e energia incomum – de intervenção crítica na arena pública, nos focos de conflito mais intensos e intrincados da vida social da Polônia. Para Klata, o palco constitui um espaço disruptivo, um lugar de controvérsia, antagonismo e confronto, seja em razão dos temas ali abordados, como também, e sobretudo, em função dos modos e formas de abordagem cênica desses temas, e do tipo de relação estabelecida entre espetáculo e plateia. Uma criação marcante do diretor estará em foco na comunicação:

Transfer!, que teve sua estreia na Polônia no Teatr Współczesny, de Wrocław, em 18/11/2006, e em seguida na Alemanha, no Theater Hebbel am Ufer, em Berlim, em 07/01/2007. A peça revisitou o trauma histórico dos maciços deslocamentos populacionais decorrentes da redefinição das fronteiras da Polônia e da Alemanha na Conferência de Ialta, pondo em cena um conjunto de testemunhas, de ambos os países, que vivenciaram aqueles processos. A proposta é interrogar, em especial, a dramaturgia do espetáculo, coassinada por Dunja Funke, Sebastian Majewski e pelo próprio Jan Klata, e publicada em livro em 2015. Na partitura de vozes e perspectivas tensionadas no texto, trata-se de examinar um caso paradigmático de teatro público, na referida acepção de Krakowska; um teatro de testemunho e de memória, de lúcida reflexão sobre o passado e franco enfrentamento do presente.

TÍTULO: O TESTEMUNHO DO TERROR: O REAL EM A DOR DE MARGUERITE DURAS

Maria Cristina Vianna Kuntz

Resumo: Resumo: Há trinta anos, faleceu Marguerite Duras (1914 -1996) é considerada hoje uma das mais importantes escritoras da Literatura Francesa da segunda metade do século XX. Em 1980, a autora havia sofrido uma grave crise de saúde e para recuperar-se, volta-se para seu passado. Assim, em 1984, publica O Amante - que lhe valeu o Prix Goncourt; no ano seguinte, publica A Dor. Trata-se de um conjunto de seis narrativas que se passam durante o período de Ocupação na França, durante a Segunda Guerra mundial (1939-1945). A primeira narrativa - "A dor" – é mais extensa e constitui uma espécie de diário em que relata a espera da volta de seu marido que estava preso nos campos de concentração em Dachau. Quando finalmente ele chega, seu estado cadavérico se torna de per si uma prova vívida dos sofrimentos dos campos de milhões de prisioneiros e seu consequente trauma (Freud). Seligman-Silva aponta a dificuldade em escrever-se um relato de testemunho porque ele pode ser verdadeiro ou ficcional. Neste caso, sabemos tratar-se de fatos atestados por seus biógrafos – Laure Adler e Jean Valier, uma vez que Duras realmente viveu em Paris na época da Ocupação nazista. Além da confiabilidade e consideração ante as narrativas, fica claro o pacto autobiográfico (Lejeune), coincidindo autora, narradora e personagem. O tom intimista e confessional mistura-se à objetividade da abordagem das circunstâncias narradas conferindo um tom histórico aos textos. São, pois, elementos testemunhais dessa época. Assim, pode-se afirmar que aos fatos autobiográficos, Duras confere ao texto um cunho memorialístico (Lecarme, 1999). Neste trabalho, pretendemos mostrar de que maneira a escrita fragmentada e subjetiva de Duras brotam

da dor e do estado de desamparo (Pereira, 2008), dentro de um contexto de terror que é a guerra e assim, misturam-se literatura e o mundo real, extraliterário (Seligman-Silva).

"NÃO PENSEIS QUE É PRAZER TESTEMUNHAR O AMARGO": A POESIA DE RENATA PALLOTTINI COMO TESTEMUNHO DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Mariana Link Martins

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo analisar as memórias poéticas da escritora brasileira Renata Pallottini publicadas entre as décadas de setenta e oitenta, sobretudo os poemas presentes nos livros Coração Americano, de 1976, e Noite afora, de 1978. A poeta, também dramaturga e professora, foi uma figura importante no cenário da resistência cultural à ditadura civil-militar instaurada no Brasil com o golpe de 1964 e grande parte de sua poesia escrita na época apresenta as experiências traumáticas que viveu, além de demonstrar oposição ao terrorismo e à violência perpetradas pelo regime autoritário. Dessa forma, pretende-se demonstrar que sua poesia de resistência e denúncia pode ser lida como literatura de testemunho, uma vez que apresenta vivências traumáticas sobre um período autoritário de extrema violência (Seligmann-Silva, 2003). Além disso, levando em consideração que a escrita de Pallottini ainda não foi investigada a partir da noção testemunhal e que a história oficial acerca de eventos políticos e sociais de grande impacto tende a silenciar a produção de memórias de mulheres, este trabalho também objetiva dar destaque ao testemunho da poeta de forma a integrá-la ao discurso histórico oficial a respeito da ditadura brasileira. Para tanto, utiliza-se como base os pressupostos teóricos de Jeanne Marie Gagnebin (2006), Márcio Seligmann-Silva (2003) e Wilberth Salgueiro (2013).

O TRAÇO DO TRAUMA: AS NARRATIVAS GRÁFICAS DO ORIENTE MÉDIO COMO TESTEMUNHO DE GUERRA.

Merenice Merhej

Resumo: As possibilidades da novela gráfica como forma de testemunho do trauma, com foco nas obras Persépolis, de Marjane Satrapi, e O jogo das andorinhas e I remember Beirut, de Zeina Abirached, e ampliando para as narrativas híbridas de Lamia Ziadé, em Bye bye Babilon: Beyrouth 1975/1979. A partir da análise dos recursos visuais e narrativos, mobilizados pelas autoras, com base nos estudos sobre o testemunho de Márcio Seligmann-Silva e na conceituação de narrativa traumática, especialmente em Cathy Caruth, discute-se de que modo a linguagem da novela gráfica é capaz de representar experiências-limite, como a guerra, o exílio e a repressão, sobretudo quando narradas a partir da perspectiva da criança. Ao

compreender a novela gráfica como forma de testemunho do trauma, estabelece-se um paralelo entre os eventos históricos retratados nas obras, a subjetividade dos acontecimentos narrados e a espacialização do trauma. A leitura das obras propõe uma articulação com a noção de dark writing, formulada por Paul Carter, para pensar a representação cartográfica do espaço, e posteriormente ampliada por Jeanne-Marie Viljoen, na análise de narrativas gráficas. Neste trabalho, tal articulação opera como uma leitura do inefável, o trauma como índice do indizível, também em diálogo com as formulações de Hillary Chute, compreendendo a visualidade como forma legítima de testemunho, e Georges Didi-Huberman. Apresentam-se, ainda, os contextos históricos do OrienteMédio, compreendendo essas obras como formas de desmontar estereótipos que representam a região como um bloco homogêneo, apagando sua diversidade étnica, religiosa e ideológica.

MAPA DA POESIA DO CÁRCERE POLÍTICO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA: BALANÇOS

Nelson Martinelli Filho

Resumo: Este trabalho apresenta um mapeamento crítico da poesia produzida por presos políticos durante a ditadura militar brasileira, reunindo autores cujas produções poéticas circularam em meios muito distintos, como manuscritos, datiloscritos, processos jurídicos vinculados à Anistia, fundos documentais, antologias e publicações de circulação restrita. Partindo da constatação de que grande parcela dessa produção permaneceu dispersa, fragmentária ou marginalizada pela historiografia literária brasileira, o artigo investiga as condições materiais de preservação, circulação e transmissão desses poemas, compreendendo o arquivo como elemento constitutivo da própria experiência histórica da violência de Estado. O levantamento foi construído a partir do cruzamento de antologias, acervos digitais, arquivos institucionais, obras publicadas e documentos vinculados à memória da repressão política. A pesquisa propõe uma tipologia provisória da chamada "poesia do cárcere político", distinguindo produções diretamente vinculadas ao cárcere, elaborações retrospectivas da experiência prisional, poemas de resistência marcados pela repressão, materiais documentais fragmentários e casos limítrofes relacionados à repressão moral e cultural. Fundamentado em autores como Aleida Assmann, Georges Didi-Huberman, Paul Ricoeur, Theodor Adorno e Walter Benjamin, o artigo compreende esse conjunto poético como arquivo lacunar e historicamente instável, marcado por disputas entre memória, esquecimento, testemunho e elaboração estética. No lugar de instituir um novo gênero literário, o trabalho busca chamar a atenção para como diferentes formas de repressão reorganizaram tanto a linguagem poética quanto os

modos de circulação e legitimação desses textos. O mapeamento permite observar que a poesia do cárcere político brasileiro constitui um repertório amplo, heterogêneo e ainda insuficientemente incorporado à história da literatura brasileira contemporânea.

DESBORDADO DE SI: A POESIA DE ANDERSON BRAGA HORTA NOS ANOS DE CHUMBO

Rafael Fava Belúzio

Resumo: O escritor Anderson Braga Horta, nascido em Carangola (MG), em 1934, possui uma atividade literária extensa e de fronteiras bastante difusas. Ao longo da vida, soma dezenas de publicações, contemplando crítica, ensaio, crônica, conto, tradução e, especialmente, diferentes modalidades de poemas. Na década de 1960, começa a graduação em Letras na UnB, mas abandona o curso em 1964, devido a questões políticas. Também durante os anos de chumbo, o autor lança vários livros de poesia, cabendo destacar os emblemáticos "Altiplano e outros poemas" (1971), "Exercícios de homem" (1978) e "Cronoscópio" (1983), todos eles contendo composições que discutem problemas diretamente ligados à Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Diante disso, Anderson Braga Horta está catalogado pelo repositório do Memorial Poético dos Anos de Chumbo (www\.mpac.ufes.br), onde constam 34 poemas do escritor. Ademais, o carangolense também segue presente na antologia publicada pelo MAPC sob a organização de Marcelo Ferraz, Nelson Martinelli Filho e Wilberth Salgueiro, obra que traz os textos "Os espantalhos", "Semântica" e "O grilo". Entretanto, a recepção e a discussão acadêmicas de sua obra ainda são relativamente escassas, em especial no que diz respeito às relações estabelecidas com a Ditadura. Observando a multiplicidade formal do poeta, todavia, a leitura das obras permite compreender um potente testemunho de seu tempo e um modo próprio de estabelecer tensões entre ética e estética. Realizando a análise de poemas, levando em conta teorias do testemunho, o trabalho procura evidenciar o que Anderson Braga Horta chama de desbordamento e pensar como essa questão se articula com o enfrentamento de políticas autoritárias.

TRANSAMAZÔNICA DE RUDINEI BORGES: SOBRE VIVER E MORRER ENTRE FANTASMAS

Rainério dos Santos Lima

Resumo: O trabalho é um estudo sobre o texto teatral Transamazônica, do conjunto dramatúrgico Oratório Amazônico de Rudinei Borges. Sem unidade sintagmática, composta por breviários e partes

introdutórias, a peça representa as tensões sociais e políticas da Amazônia – a pistolagem, a crise migratória, a orfandade e o extermínio étnico - a partir desses breves fragmentos dramáticos. Na leitura operada, a escrita de Rudinei Borges figura uma "dramaturgia da catástrofe" fundamentada na iteração, na descrição de imagens fotográficas e na forma-testemunho, produzindo uma textualidade performática, caracterizada por imagens e diálogos reiterativos, sem unidade aparente, mas que, em termos compositivos, representam a repetição do desastre regional e a precarização dos laços comunitários. Na peça, à Amazônia fraturada pelos projetos de ocupação e integração territorial, do período pós-ditatorial, corresponde uma ação dramática sustentada por fantasmas, figuras espectrais e paisagens devastadas que margeiam a rodovia BR-230. A reiteração dos episódios de extermínio étnico e de devastação assinam, na verdade, um princípio de circularidade da violência na Amazônia, isto é, uma violência retornante, que se repete nas imagens cênicas como fantasma, abatendo indígenas, camponeses e migrantes. No entanto, em diálogo com outras peças de Oratório no deserto de sal (2022), na escrita de Rudinei emergem subjetividades ancestrais, o espectro da artista indígena Uýra Sodoma que, mesmo sob o perigo da "floresta em chama", enuncia utopias possíveis para evitar o fim do território. O espectro da artista, mais do que o testemunho do fundamento étnico em risco, aponta uma alternativa ética à ruína da região.

AS BATALHAS DE POESIA, SLAM, COMO TERRITÓRIO DE QUILOMBO E TESTEMUNHO

Renata Menezes Alves

Resumo: O Slam Poetry, também conhecido como Batalhas de Slam, possui teor artístico-crítico-testemunhal, nele a poesia se apresenta além do papel, na declamação e no corpo; na e da periferia, produzido pelos marginalizados, que denunciam as violências diárias, antigas e recentes, que muitas vezes se repetem. A poesia e performance advindas da oralidade se contrapõem aos recursos estéticos tradicionais da arte e o teor testemunhal se apresenta neste lugar onde os não detentores do poder falam, denunciam, questionam e são ouvidos. Além de testemunhal, seria este território de batalha de slam um quilombo? Desde a constituição de 1988, expandiu-se o conceito de quilombo para áreas ocupadas por comunidades remanescentes dos antigos quilombos, sendo sua importância não apenas territorial, mas também histórica e cultural, já que ali se encontram valores e conhecimentos tradicionais e ancestrais de um grupo. Mas o conceito de quilombo que quero tratar aqui é aquele definido por Nascimento (2022) como uma aglutinação cultural de afro-brasileiros dentro deste país multicultural. Para apresentar o Slam como território quilombola e testemunhal, utilizo-me das poetas/slammers, da cidade de

São Paulo, Luz Ribeiro e Ryane Leão com seus poemas/performances "Je ne parle pas bien" e "Não serei anônima", respectivamente. Ambos os textos foram publicados em 2019 no livro "Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta" (editora Planeta) organizado por Mel Duarte. Examinaremos, além dos conceitos de quilombo e trauma e testemunho, as relações com a história, tempo espiralar, memória, reinterpretação do passado, silenciamento/apagamento, o conceito de interseccionalidade e o corpo negro como aglutinador de marcas ancestrais. A partir disso, tentaremos apresentar o Slam como escrita e performance de resistência, que transforma e desloca a poesia tradicional eurocêntrica para a margem que, emancipada, grita sua luta, denuncia e cria espaço de identificação e reescrita da História.

LITERATURA E TESTEMUNHO: NARRAR O TRAUMA E ESCOVAR A HISTÓRIA A CONTRAPELO

Rosicley Andrade Coimbra

Resumo: O objetivo deste trabalho é tecer uma reflexão sobre a narrativa do trauma e sua relação com a tese benjaminiana de escovar a história a contrapelo. Defendermos a hipótese de que a perlaboração do trauma precisa passar por alguma forma de narração e o testemunho do traumatizado pode ser um ponto de partida para a construção dessa história a contrapelo, hoje largamente explorada pela ficção contemporânea. No Brasil, nas últimas décadas, temos visto uma série de obras literárias explorando temáticas relacionadas a eventos traumáticos, enfatizando sobretudo a ditadura civil-militar (1964-1985) e suas consequências, seja pela chave do biográfico seja pela ficcionalização dos acontecimentos. Depois do trauma, é o testemunho a marca mais indelével e impactante do século XX. Após duas guerras mundiais com poder de destruição em massa e de regimes autoritários cruéis, o testemunho surgiu como resistência e alerta ao esquecimento do horror, mas também como fonte para uma narrativa na contracorrente da historiografia do século XIX. Apesar de hoje ser reconhecido pela historiografia, o testemunho ainda enfrenta alguns desafios. As tensões fazem com que ele seja o principal alvo de questionamentos e desqualificações, sobretudo pelos negacionistas. Os debates terminam, na maior parte das vezes, reduzidos a um tipo de binarismo que o desconsidera, ou melhor, que ignora a memória da testemunha como uma forma a mais de questionar a própria história. Ignora-se, portanto, que dar testemunho é um dos caminhos para a perlaboração do trauma e seus sintomas (LaCapra, 2023). Assim, é partindo desses pressupostos que pretendemos pensar como a literatura pós-ditatorial ajuda a refletir sobre os traumas deixados pela ditadura militar no Brasil. Ao mesmo tempo, notaremos que ela conclama

o leitor a se posicionar eticamente diante de uma história feita de lacunas e silêncios, tornando-se ele também responsável por ela.

AOS AFETOS, MESMO ASSIM: QUANDO TESTEMUNHAR É (TAMBÉM) EXUMAR EMOÇÕES

Tânia Maria Pereira Sarmento-pantoja

Resumo: De partida o título desta proposta de comunicação é devedor do ensaio de Sara Gensburger (2020), intitulado "O universo concentracionário: os afetos, mesmo assim", publicado no terceiro volume de História das Emoções. É também profundamente inspirado no poema "Solo", de Liniane Haag Brum (2022), pertencente à coletânea Pós-paisagem, um poema que nos fala da exumação como precipitação aguda diante da necessária reparação e ao mesmo tempo constitui-se como categoria para refletirmos sobre as emoções envolvidas na retomada (ou reapropriação) do corpo desaparecido da vítima, que por si só comparece na simbolização como um testemunho-no-testemunho. Testemunhos são movidos por uma economia arquival e política (Agamben, 2008), muito própria dos processos memorialísticos e penso que as formas de sentir são parte dessa economia, afinal, a narrativa testemunhal não narra apenas "a objetividade da distância, mas a interioridade do acontecimento", dessa forma sendo, sempre "carregada de significação ao ponto de se tornar um prolongamento do fato acontecido" (Ruiz, 2011). Além de iluminar o conhecimento sobre as violências que promovem os "sumidouros humanos", como nos mostra importante passagem do romance K. Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski (2014) e as dimensões da sobrevivência, o testemunho permite ao interlocutor a imersão, ainda que parcial e ainda que arbitrada, em uma certa cultura afetiva sempre em ressignificação. De modo que o estudo que ora apresento tem como ponto de partida o que chamo de testemunho do sentir (Sarmento-Pantoja, 2024): o testemunho dos afetos, que vem ao texto testemunhal ou com teor testemunhal (Seligmann-Silva, 2003), como conteúdo protético (Sarmento-Pantoja, 2022), agregando as experiências afetivas – afetos e afetações – à matéria narrada.

GRANDE ERA A CANUDOS DO MEU TEMPO: O TESTEMUNHO DE UM SOBREVIVENTE SERTANEJO

Tarcisio Fernandes Cordeiro

Resumo: O Memorial de Vilanova (1964), escrito por Nertan Macedo, destaca-se no conjunto das narrativas sobre a Guerra de Canudos por aproximar-se da tradição hispano-americano do testimonio, ao

articular as memórias do sobrevivente Honório Vilanova com a mediação literária do jornalista. A obra combina testemunho, memória coletiva e elaboração poética, conferindo centralidade à experiência dos vencidos e oferecendo uma imagem mais complexa a respeito do conflito bélico ocorrido nos sertões baianos entre 1896 e 1897. Embora parte dos capítulos dedicados a Antônio Conselheiro, sob escrutínio de Macedo, ainda reproduza interpretações patologizantes do fim do século XIX, a maioria dos capítulos, centrados nas memórias do combatente sertanejo, apresentam originalidade dada a perspectiva narrativa do superstes. Neles, a narrativa valoriza o cotidiano do Belo Monte, termo utilizado pelos conselheiristas, sua organização econômica, social e religiosa, bem como a pluralidade de práticas de fé, enfraquecendo leituras que reduzem a comunidade ao fanatismo. O relato também evidencia o papel da família Vilanova na estrutura material do arraial, especialmente no comércio, no abastecimento e na articulação econômica local, sugerindo uma comunidade administrada por lideranças complementares. Além disso, a figura de Antônio Conselheiro surge não como louco ou profeta delirante, mas como líder reconhecido por sua experiência, sua força de persuasão e sua capacidade de aconselhamento, exercendo autoridade moral e prática. A narrativa de Honório, marcada por tom nostálgico e melancólico, reconstrói a guerra e a destruição final sem heroísmo exaltado, privilegiando a dimensão humana da perda e da sobrevivência. Assim, o memorial funciona como denúncia, reivindicação de justiça e preservação de uma memória coletiva silenciada pelos relatos oficiais e expedicionários.

VOZ E VERSO QUE VÊM DO CHÃO DE FÁBRICA: A POESIA DE TESTEMUNHO DE GOLONDRINA FERREIRA (2019)

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro

Resumo: O livro Poemas para não perder (2019), de Golondrina Ferreira, se abre com o poema "Segunda": "As máquinas, mortas. / Nós, vivos. / Logo se inverte a coisa. /// A fábrica tem fome, / passou um dia inteiro / de barriga vazia. /// Então abre suas bocas de catraca / e nos seus dentes vamos passando / um a um. /// Dá o sinal: / nos mastiga /// e joga o bagaço fora / no fim da jornada". Ao longo do livro, dezenas de poemas se distribuem em grupos separados pelos dias da semana – de segunda a segunda. Todos são atravessados por uma perspectiva classista, da luta do trabalhador, de denúncia de explorações, do desejo de transformação. Embora autônomos, os poemas podem ser lidos a partir da voz de uma mulher metalúrgica, batalhadora, solidária e corajosa. Em muito pouco se parecem a certa lírica brasileira contemporânea que privilegia engenhosos jogos de linguagem, metáforas hermetizantes, falas identitaristas, intertextos e citações, formas experimentais e híbridas e que explicita, decerto, uma postura de empatia às

classes oprimidas – uma empatia, contudo, vincada pela distância. Os poemas de Golondrina falam de dentro da opressão e do sufoco de quem conhece as entranhas da fábrica. Para comentar este e outros poemas da poeta operária, vamos partir do conhecido filosofema de Adorno em Teoria estética (1970): "Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes da sua forma" e de reflexões de Heleieth Saffioti, em A mulher na sociedade de classes: mito e realidade (1969).

ST: LITERATURA EM CAMPO EXPANDIDO

Coordenação: Bruna Fontes Ferraz e Maria Elisa Rodrigues Moreira

Resumo: As reflexões contemporâneas sobre a literatura têm aberto espaço para uma série de discussões pautadas em uma ideia que a ela associa a noção de "expansão", estabelecendo assim um diálogo transversal com outros campos do conhecimento e, em especial, com outros campos artísticos, em perspectiva que dialoga de perto com o escopo da Literatura Comparada. Essas discussões começam a ser desenvolvidas em 1970, quando o pesquisador de mídias audiovisuais Gene Youngblood publica o livro Expanded cinema, no qual identifica que ocorria, naquele momento, uma espécie de "alargamento" da concepção mais tradicional de cinema e da própria consciência humana no diálogo com as novas tecnologias. Em 1979, a noção ganha reforço com a publicação de "A escultura no campo ampliado", artigo no qual Rosalind Krauss discute questões similares a partir do campo escultórico: em uma análise de caráter estruturalista, afirma que a diversidade de obras que, desde os anos 1960, passaram a ser identificadas como escultura demandavam que a própria categoria se transformasse em algo "infinitamente maleável" (Krauss, 1984, p. 129). Já no século XXI, a discussão chega mais especificamente aos Estudos Literários, com a publicação, em 2003, de "Meanwhile: Literature in an Expanded Field", pela pesquisadora holandesa Mieke Bal, texto no qual a questão da fronteira é debatida juntamente aos temas da nacionalidade, da interculturalidade e da interdisciplinaridade, uma vez mais ecoando temas caros à Literatura Comparada. Desde então, com o desenvolvimento tecnológico acelerado e o crescimento vertiginoso de novas possibilidades de criação artística, pode-se dizer que o próprio termo tem se expandido. Nos estudos mais específicos da literatura, é possível encontrarmos menções tanto à "literatura em campo expandido", em movimento similar ao de Krauss e recuperado por Bal, quanto à "literatura expandida", dessa vez em diálogo com a terminologia de Youngblood, mas também expressões distintas que, com nuances discretas, apontam para um mesmo cenário, tais como "pós-poesia" (Fernández Mallo, 2009), "literaturas pós-autônomas" (Ludmer, 2010), "literatura fora de si" (Kiffer, 2014) ou "pós-institucionalidade" (Góis; Oliveira, 2025), para citarmos alguns exemplos. Se ampliamos o escopo da

reflexão para a produção estética contemporânea, agregam-se ainda expressões como "arte fora de si" (Escobar, 2004), "pós-produção" (Bourriaud, 2009), "formas mutantes" (Miranda, 2014), "inespecificidade" e "impertinência" (Garramuño, 2014). Todas essas expressões assentam-se sobre a dificuldade de inserção de certas criações artísticas contemporâneas dentro dos limites de um determinado campo artístico, como destacam Moreira e Ferraz (2025, p. 21), ao afirmar que "essas obras têm em comum o fato de que provocam um transbordamento dos limites que se associam às categorias nas quais se inserem (talvez seja mais apropriado falar sobre categorias das quais se aproximam, não mais tomando-as como relação de pertencimento)". Ainda que a "expansão" não constitua um conceito unívoco, acreditamos que a ideia de se pensar a literatura como um "campo expandido" seja um caminho profícuo para que consigamos refletir sobre toda a diversidade de formas pelas quais o literário é hoje criado, posto em circulação e recepcionado pelos leitores, assim como sobre os problemas que essa diversidade coloca à teoria literária, à crítica e, mais especificamente, à literatura comparada, uma vez que, diante desse campo literário que não se limita a si mesmo, leitores e pesquisadores necessitam muitas vezes abandonar um espaço de estabilidade teórica para se lançar em movimentos críticos frágeis, efêmeros e múltiplos. Nesse campo expandido, mostra-se cada vez mais relevante atentar à materialidade do objeto literário, inclusive quando este assume suas formas menos convencionais e mais problematizadoras das diferenciações entre campos artísticos, entre mídias, entre realidade e ficção. Afinal, se o texto impresso em formato de códex continua a ser o modelo predominante de circulação da literatura escrita desde o século III, ele hoje convive com obras que assumem outras formas, impressas e digitais, verbais e imagéticas, criativas ou "não criativas" (Goldsmith, 2011). O espaço literário abriga, pois, uma potencialidade infinita de desdobramentos e cruzamentos que apontam para a pluralidade e inespecificidade do objeto de arte, que ultrapassa fronteiras ao combinar uma série de elementos diversos. Este simpósio acolherá, nesse quadro, comunicações que reflitam sobre a expansão das linguagens artísticas e dos seus meios de produção, em abordagens comparatistas que contemplem, dentre outras possibilidades:

1) aspectos teóricos e metodológicos associados à noção de "literatura em campo expandido";

2) relações entre a literatura e outras artes e mídias;

3) as materialidades do livro, em suas mais diversas perspectivas;

4) as reconfigurações dos processos de escrita e leitura literárias;

5) a literatura digital e suas múltiplas manifestações.

O 'MEIO DO CAMINHO' NA OBRA DE NUNO RAMOS: A EXPANSÃO DO LITERÁRIO NA REFLEXÃO INTERARTÍSTICA SOBRE OS CACHORROS MORTOS NA ESTRADA

Alva Martínez Teixeiro

Resumo: A comunicação pretende analisar a reflexão sobre os cachorros mortos presente na obra de Nuno Ramos, examinando o modo como a partir do texto «Monólogo para um cachorro morto», publicado em Ensaio geral (2007), o tópico é reescrito em textos literários como «Recobrimento, lama-mãe, urgência e repetição, cachorros sonham?», do livro Ó (2008) e o conto «Angenor», publicado na coletânea O mau vidraceiro (2010), mas também ressurge, numa expansão do literário, na instalação com filme Monólogo para um cachorro morto (2008) e, com menor radicalidade, é reformulado no poemário foto-ilustrado Junco (2011). Assim, partiremos da importância do olhar nesses exercícios, que, como procuraremos demonstrar, deriva, em parte, do subtil diálogo intertextual e interartístico estabelecido com a relevância da visão na revelação da Máquina do Mundo em Dante, Camões e, em especial, no drummondiano 'meio do caminho', que nas obras de Ramos se reformula na estrada onde são encontrados os cachorros e, igualmente, da intertextualidade estabelecida com a recusa da 'total explicação da vida' de Drummond, que Ramos reformula ironicamente em Junco: "essa total explicação da vida / — tudo se perdeu, bateu / na trave". Perante a perda dessa revelação totalizante, Ramos parece concentrar-se em trabalhar as incertezas e dúvidas que restaram, associadas a um dos prémios que a Máquina prometia: "tudo o que define o ser terrestre / ou se prolonga até nos animais". Assim, a partir da noção de trauma, isto é, da repetição constante e alucinatória por parte do traumatizado da cena violenta, procuraremos compreender melhor a presença obsessiva da imagem dos cachorros mortos na estrada como instrumento de reflexão sobre a humanidade e a animalidade, assim como o transbordamento dos limites que se associam ao literário, numa (con)fusão e/ou "deslocamento constante entre materiais, formas e procedimentos" identificado por Rodrigo Naves na obra de Ramos.

ERRAR A ESCRITA OU TER A ESCRITA COMO GESTO MENOR: A FORÇA DO QUE AINDA CHAMAMOS LITERATURA?

Ana Gabriella Melo Ribeiro Aires

Resumo: Tenho me interessado, nos últimos quatro anos, por articular criações contemporâneas, buscando entender as poéticas que mobilizam, inventam, quais seus métodos. Nesse sentido, elaboro a hipótese de que as poéticas do presente são poéticas, de algum modo, errantes: trans. Vide a emergência

desse prefixo pelo que significa: para além de. Sendo, assim, 'trans', uma partícula a deslocar, desestabilizar, os substantivos todos – mesmo os mais duros, fechados – aos quais se junta: de \`nação\` à \`fronteira\`, o trans põe em movimento: transnação, transfronteira, transmídia, translíngua, transculturação, transcriação, transgênero, etc. É desse modo que parece pertinente a aproximação de obras que sejam publicadas e, ao mesmo tempo, tenham suas escritas atravessadas por elementos transmídia de forma mais ou menos explícita. Antes, talvez, considerar autorias que tenham trabalhos não restritos à literatura, mas que façam dela uma possibilidade entre outras - sem que isso seja uma desconsideração. Isto é, me anima notar o quão as publicações escritas são mais ou menos atravessadas por outras linguagens com as quais trabalham seus autores: assim, perceber também o quão esses atravessamentos que parecem iniciar aqui pela questão transmídia não encerram aí, mas desdobram-se em outras questões impulsionadas pela errância, pela porosidade, pelo trans. Considerando, então, a escrita como gesto menor (Erin Manning) é que desejo realçar a força da literatura contemporânea: a partir da leitura das publicações mais recentes de Maré de Matos ("pintora da palavra. poeta da imagem" segundo sua bio no instagram), Maria Isabel Iorio ("escritora e roteirista" fonte idem) e Adelaide Ivánova ("comuna deusa. nordestiny child" fonte idem), respectivamente No píer do peito (2023), Tubarão (2024) e Asma (2025). Todos estruturados em versos (o que chama atenção), guardam consigo diferenças e, assim, distintos caminhos na lida com as questões de nosso tempo a serem discutidas aqui então.

INTERFACES ENTRE A MÚSICA POP E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA: A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA E A PERFORMANCE EM ÉDOUARD LOUIS E LANA DEL REY

Angeska Pimentel de Andrade

Resumo: Em Aqui América Latina (2010), a crítica literária Josefina Ludmer reflete sobre alguns textos latino-americanos do ano 2000 a fim de pensar na produção literária contemporânea. A partir da noção de pós-autonomia da literatura, a crítica identificará, nesses textos, uma posição fronteiriça: eles são literatura, mas também não são, "atravessam a fronteira da literatura" (Ludmer, 2013, p. 128). Desse modo, ela propõe novos modos de se olhar para a produção literária de hoje. Nesta comunicação oral, tentaremos expandir o conceito de Ludmer para fora da América Latina, de modo a discutir as relações entre literatura contemporânea e música pop por meio da análise da obra musical da cantora norte-americana Lana del Rey e do livro Mudar: Método, de Édouard Louis. Del Rey é frequentemente citada por Louis como fonte de inspiração. Assim, a literatura dele se deixa atravessar pela música dela. Contudo, a relação entre ambos vai além: ela e ele narram em seus textos de teor autobiográfico a história

de uma trajetória que vai do fracasso ao sucesso, além de construírem, por meio dessas narrativas, um personagem de si mesmos. Assim, a produção cultural de Del Rey e Louis parece sugerir que os dois vivem a vida de modo performático, a partir desse personagem que criaram para si. De certo modo, é como se tivessem transformado a própria vida em literatura, ocupando o território da "realidadeficção" de que trata Ludmer (2013, p. 9). É essa relação entre a narração de uma trajetória pessoal e a construção de um personagem de si mesmo que esta comunicação pretende investigar. Por meio dessa investigação, espera-se refletir sobre os atravessamentos da cultura pop na literatura e vice-versa, a fim de abrir as fronteiras do campo literário.

CRISES DA AUTONOMIA E DA PÓS-AUTONOMIA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Bruna Fontes Ferraz

Resumo: Uma das prerrogativas da expansão do campo literário deve-se à crise tanto da noção de "campo" quanto da noção de "autonomia". A superação desses dois paradigmas que marcaram a modernidade literária demarcaria, assim, uma virada de pensamento e de produção estética, na qual o limiar entre ficção e realidade, bem como o de cultura e economia torna-se esgarçado. Em seu texto manifesto "Literaturas pós-autônomas", a crítica argentina Josefina Ludmer decretou, por isso, o fim da autonomia literária, pois, para ela, seria impossível pensar numa obra de arte que, na contemporaneidade, manteria intactos os pressupostos de independência e de separação social propostos pela autonomia estética. No entanto, num contexto no qual a arte e, no âmbito desta proposta, a literatura parecem submetidas aos desígnios do mercado, pensar a pós-autonomia gera como efeito uma desconfiança, afinal não deveria a literatura suscitar pensamento crítico e resistência a esse mesmo mercado? Nesse contexto, parece que a superação da autonomia literária passa a ser questionável e talvez mesmo indesejável. É com o objetivo de tensionar as noções de autonomia e pós-autonomia no contexto da literatura contemporânea que se estrutura este estudo. Para isso, autores como Adorno, Peter Bürger e Josefina Ludmer serão mobilizados na elaboração de um pensamento crítico sobre o trânsito entre essas duas vertentes teóricas nas quais a literatura parece hoje se situar.

MARÍLIA GARCIA E TAMARA KAMENSZAIN ENTRE O ENSAIO E A POESIA

Emanuelle de Queiroz Oliveira Estiphano

Resumo: Ao refletir sobre as transformações da escrita poética contemporânea, Florencia Garramuño (2015) destaca o poema em prosa como uma das formas que colocaram em crise as definições tradicionais do poético e do lírico. Segundo a autora, a tensão entre prosa e poesia possibilitou a exploração de novos materiais e procedimentos de escrita, abrindo espaço para obras que atravessam as fronteiras dos gêneros literários. Nesse contexto, a produção de Tamara Kamenszain e Marília Garcia evidencia uma aproximação cada vez mais intensa entre poesia e ensaio. A análise toma como ponto de partida El eco de mi madre (2010), de Tamara Kamenszain, e o poema final, "P.S.", de Expedição: nebulosa (2023), de Marília Garcia. Em ambos os casos, a figura materna constitui um espaço de elaboração do luto e de reflexão sobre a linguagem. Enquanto Kamenszain transforma o chamado à mãe em reverberação sonora e investigação da memória, Garcia constrói uma elegia na qual a herança materna permanece inscrita no nome, nos gestos e na própria experiência da escrita. Interessa observar, ainda, como esse movimento ultrapassa os limites do livro. A partir do poema dedicado à mãe, Garcia desenvolve o projeto performático Lia, Mira, Maria, no qual leitura, projeção de imagens, arquivo e experimentação visual se articulam em torno das relações entre luto, memória e criação artística. Nesse deslocamento da página para a performance, o poema amplia seus suportes e procedimentos, aproximando-se de outras práticas artísticas e evidenciando modos contemporâneos de circulação do poético. Desse modo, o diálogo entre Kamenszain e Garcia permite pensar não apenas a presença do ensaio na produção poética contemporânea escrita por mulheres, mas também as formas pelas quais a escrita poética se constitui como prática expandida, atravessando diferentes linguagens para abordar experiências de luto, filiação e memória.

O TEMPO DO LIVRO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E DESDOBRAMENTOS DO LIVRO DE ARTISTA EM VIDEOBOOK

Fabiola Bastos Notari

Resumo: Esta comunicação apresenta reflexões provenientes da pesquisa de pós-doutorado intitulada Videobook: o livro de artista digital/virtual como prática artística do século XXI, desenvolvida no Instituto de Artes da UNICAMP. A investigação parte da materialidade do livro de artista — suas dobras, sequências, ritmos e modos de manipulação — para pensar seus possíveis deslocamentos para o campo digital e audiovisual. Como estudo de caso, analisa-se a experiência do grupo de estudos "Livros de artista, livros-objetos: entre vestígios e apagamentos", ativo desde 2013 e dedicado à investigação prática e teórica desse campo. No grupo, o livro é compreendido não apenas como objeto finalizado, mas como processo em permanente construção, atravessado por experimentações gráficas, narrativas visuais e registros de

percurso. A comunicação discute como a observação desses processos — especialmente os cadernos de artista, os experimentos gráficos e os modos de apresentação das obras — abre caminhos para pensar o videobook como uma possível expansão do livro de artista. Nesse contexto, o videobook não surge como simples documentação, mas como linguagem capaz de explorar tempo, movimento, ritmo e espacialidade, criando novas formas de leitura e circulação das obras. Ao articular prática artística, reflexão teórica e experiência coletiva de pesquisa, o trabalho busca compreender de que maneira o livro de artista continua a se reinventar, produzindo novas formas de presença entre matéria, imagem e temporalidade.

CAMPO EXPANDIDO EM PESSOA

Gabriel Ortiz Voer

Resumo: Ocupando inquestionavelmente um lugar entre os autores de primeira grandeza na história da literatura, a obra de Fernando Pessoa, continuamente revisitada, em virtude da pluralidade que lhe é inerente, tem oferecido respostas (e novas questões) consequentes do interesse e às inquietações de uma diversidade de pesquisadores das mais diferentes áreas. Como parte dessa tendência, a apresentação aqui proposta prevê a abordagem de um dos aspectos de uma pesquisa, atualmente em desenvolvimento, dedicada à análise dos procedimentos de "refuncionalização" (cf. W. Benjamin, 1996) operados in tempore pelo escritor português, i.e., durante seu período de atividade, mais especificamente entre 1914 e 1935. O estudo é dirigido ao âmbito específico do chamado "drama em gente" da heteronímia pessoana e tem como interesse privilegiado os experimentos criativos operados pelo autor. A análise pretendida, então, põe ênfase antes sobre a observação dos aspectos relativos ao "regime discursivo" (cf. M. Foucault, 1998) do que sobre os relativos ao "discurso" (Idem). A proposta de comunicação, nesse sentido, consiste em observar como tais procedimentos de "refuncionalização" afetam a própria estrutura da linguagem criando, no contexto do drama heteronímico, um campo expandido (cf. R. Krauss, 1979; F. Garramuño, 2014) no qual, por um lado, desestabilizam-se as relações entre os "gêneros literários" tradicionais e, por outro, não apenas confundem-se mas também são abaladas as fronteiras entre escrita, processo editorial e encenação ou, ainda mais radicalmente, institui-se um "jogo" (H-G. Gadamer, 1999) que renova a experiência estética – e também política – promovendo, entre arte e vida (cf. A. Kaprow, 1993), vínculo de performatividade até então inauditos.

DENTRO DAS QUATRO LINHAS

Julia Pasinato Izumino

Resumo: Perpassando o campo semântico da negação da poesia - ao qual também incluímos termos como o ódio, a recusa, a resistência - encontramos uma questão latente, que expressa, ao mesmo tempo, uma dificuldade angustiante de expressão e uma busca teimosa pela renovação, a partir da qual surge a possibilidade de expansão dos campos de produção, pegando emprestado o termo cunhado por Rosalind Krauss no seu seminal ensaio "A escultura no campo expandido" (1986). Nesse contexto, partindo de uma reflexão sobre a própria ideia de recusa, gostaríamos de propor para essa comunicação um comentário sobre a forma do quadrado, como uma imagem crítica – tomando emprestado essa compreensão que Georges Didi-Huberman formula a partir do conceito da imagem dialética benjaminiana em O que vemos, o que nos olha (2014). Teremos como ponto de partida a obra do poeta concreto brasileiro, Augusto de Campos, em especial os poemas compostos a partir da década de 1970 em que surge de modo programático a forma dos quadrados pretos. Para desenvolver uma compreensão mais aprofundada das camadas formais da poesia visual, investigaremos as suas relações com a pintura monocromática do Suprematismo russo e algumas esculturas minimalistas dos Estados Unido. Diante da obra de Malevich, Tony Smith e Augusto de Campos, vemos uma multiplicidade de tentativas: de atualizar o campo de produção poética e artística em países em processos revolucionários ou de modernização convulsiva, de produzir uma arte engajada e consumível com uma agenda política determinada, de cumprir com a necessidade programática de operação dos novos procedimentos em um campo ampliado de visualidade e lidar com a própria angústia de uma voz lírica e uma subjetividade que, por princípio engasgada, procura um espaço possível de enunciação.

ORQUESTRAÇÃO DE VOZES NA PEÇA CRAVE DE SARAH KANE

Juliana Siqueira Pamplona

Resumo: À partir da análise da penúltima peça da autora inglesa Sarah Kane, Crave (Ânsia), de 1998, uma dramaturgia que reivindica em sua experimentação formal o campo da música, o artigo focará em como os elementos de tempo, espaço e figuração das personagens se articulam na construção de violências brutais, porém "invisíveis". Tais elementos encontram-se aqui implicados formalmente na experimentação com a musicalidade via a orquestração das quatro vozes (identificadas no texto como A, B, C e M) em tensão com o mote sugerido no próprio título Crave: ânsia, falta em movimento. Numa paisagem que dá ênfase a sonoridade em detrimento da materialidade corpórea ou qualquer espacialidade definida, as figuras cênicas pouco delineadas A, B, C e M acessam seus abismos e impasses transitando entre o desabar em si monológico, tensionamentos dialógicos e despersonalizações corais. Quanto ao processo de escrita de

Crave, a autora afirmava que sabia os ritmos antes mesmo de saber das palavras que usaria e que trabalhou como uma compositora. Através da observação de estratégias rapsódicas (SARRAZAC) de montagem, colagem e redução figurativa das personagens (LEHMANN), o presente estudo pretende contribuir na reflexão sobre temas-procedimentos implicados na dramaturgia kaneana, conhecida na cena contemporânea por suas inigualáveis experimentações com a forma, e em como a premissa da musicalidade como disparadora operou nesta escritura.

EXPERIÊNCIA POÉTICA NA ERA ALGORÍTMICA

Juliana Vanessa Arredondo Gómez

Resumo: Esta proposta convida a uma reflexão sobre a experiência poética no contexto das redes sociais digitais. A partir da análise das formas atuais de circulação da escrita íntima em plataformas como Instagram e TikTok, examina como a poesia contemporânea se configura em um espaço híbrido no qual convergem textualidade, audiovisualidade e performance. Esta reflexão insere-se no campo da literatura comparada contemporânea entendida, nos termos de Tania Franco Carvalhal, como um espaço de relações, deslocamentos e interseções entre linguagens, mídias e práticas culturais. A partir dessa perspectiva, busca-se analisar a expansão do poético para além do texto escrito, considerando as redes sociais como cenários de reconfiguração estética e de produção de novas sensibilidades leitoras. Além disso, dialoga-se com as reflexões de Marshall McLuhan, especialmente com a ideia de que todo meio modifica as formas de experiência, interação e construção da subjetividade. Nesse contexto, a poesia digital contemporânea não constitui apenas uma mudança de suporte, mas uma alteração profunda das condições de circulação, recepção e legitimação da escrita íntima. Em plataformas audiovisuais contemporâneas, o poema deixa de operar exclusivamente como objeto textual e passa a constituir-se como experiência multissensorial e performativa. Nesse cenário, a escrita íntima deixa de funcionar apenas como expressão subjetiva para tornar-se também uma prática atravessada por economias da atenção, afetividade digital e exposição da experiência pessoal. Em síntese, propõe-se uma reflexão sobre a poesia contemporânea e o processo de expansão intermidiática no qual o poema deixa de circular unicamente como texto para constituir-se como experiência audiovisual e afetiva mediada por plataformas digitais, transformando as relações entre literatura e comunidade no século XXI.

ENTRE A ADAPTAÇÃO E A "NOVELIZAÇÃO": COMO A SÉRIE HARRY POTTER NAVEGA A LITERATURA E O CINEMA

Marina Alves da Silva Scarabelli

Resumo: Durante a virada do milênio, a publicação da série Harry Potter abordou vários temas da literatura do século XX. Da retomada do romanesco ao romance de formação inglês, passando pelo romance escolar, a história do jovem bruxo tornou-se um best-seller e, simultaneamente, um caso muito peculiar ao dialogar com dois conceitos da relação literatura e cinema: adaptação e novelização. O primeiro será abordado através de George Bluestone (1966) e a impossibilidade inerente de adaptar o literário em outra mídia. Já o mais recente conceito de novelização é discutido por Jan Baetens (2018) e aponta como a movimentação contrária à adaptação, gerou uma percepção negativa do "livro produto" que permanece por bastante tempo. Ao retratar simultaneamente uma Grã-Bretanha idealizada nas páginas e nas telas, a ideia de "meanwhile" de Benedict Anderson (1983) retomada em Meike Bal (2003), pode nortear a análise da construção deste fenômeno literário que permanece relevante. A narrativa abraça convenções narrativas e, mesmo repleta de elementos nacionais, suas fronteiras não são exatamente claras, o que pode ter influência em seu sucesso: Hogwarts é claramente parte da Grã-Bretanha, mas é tão não-específica que, na era da globalização, pode se tornar universal. Uma comunidade imaginada com um lastro forte na representação britânica, informada pela fantasia de portal (Mendlesohn, 2008), mergulhada na intersecção do analógico com a era digital e construída simultaneamente na literatura e no cinema realmente tem um grau de unicidade que demanda análise. Nesta comunicação, procuro explicar em que medida a concomitância de lançamentos literários e cinematográficos ajuda a moldar globalmente o universo Harry Potter, como uma arte expande e potencializa a outra e, por fim, o que a intersecção dos séculos XX e XXI pode trazer de particular para a consolidação deste mundo mágico.

O LIVRO COMO TELA REDUZIDA: HISTÓRIA(S) DO CINEMA, DE JEAN-LUC GODARD

Mario Augusto Pedrozo Sagayama

Resumo: Elaborada entre 1988 e 1998, a série de televisão História(s) do cinema é comumente encarada como a obra-prima de Jean-Luc Godard. Além da versão audiovisual, a obra também ganhou forma em CD, com lançamento pela ECM Records (1999); contou com uma adaptação abreviada para o cinema, Momentos escolhidos de História(s) do cinema (2004); e foi publicada em livro pela editora Gallimard (1998), versão a ser abordada neste simpósio. O lançamento coroa a longa relação de Godard com a literatura, pois se ela sempre esteve presente em seus filmes, agora ele imprimia seu nome entre as capas da coleção Blanche. Para parte do público godardiano, o livro é mais uma confirmação de que o cineasta também pode ser visto como escritor ou poeta. No Brasil, tal perspectiva se reforça ainda mais, já que a

tradução de História(s) do cinema foi publicada pela coleção Círculo de Poemas (2022). Entretanto, a análise da obra mostra que a poesia é apenas uma das perspectivas que pode visá-la, pois com o livro Godard desejava "retomar três imagens simplesmente e dispô-las de outro modo, acrescentar algo a elas e refazer cinema" (Godard, Ishaghpour, 2000). Sem valer-se do termo, Godard descrevia o livro como meio de um cinema expandido, no qual a projeção na tela se reduz em papel, a imagem em movimento se torna estática e o som se imprime em versos.

WALYRICO, WALYVRE, WALYNDO, EU TE SONHO: A LITERATURA PLÁSTICO-VISUAL DOS -B-A-B-I-L-A-Q-U-E-S- DE WALY SALOMÃO

Maruzia de Almeida Dultra

Resumo: Este trabalho discute a literatura expandida (GARRAMUÑO, 2014; SANTOS; REZENDE, 2011) presente no conjunto de obras chamadas "Babilaques", de Waly Salomão: seus -B-A-B-I-L-A-Q-U-E-S-. São 20 séries fotográficas criadas com cadernos de apontamentos, nos anos de 1974 a 1977, entre Nova Iorque, Rio de Janeiro e Salvador. Valendo-se de humor singular e aliando uma perspectiva plástico-visual ao corpo da palavra poética (PEDRON, 2013), Waly explorou a fisicalidade do caderno enquanto objeto que se traduz em sentidos vários para além da escrita, como livros de artista (CARRIÓN, 2011; PLAZA, 1982), traspassando o alfabeto na criação de imagens e objetos (PATO, 2012), através da bricolagem. Essas composições híbridas são apresentadas como fotografias impressas em grandes dimensões, distinguindo-se tanto dos "cadernos de artista" típicos das artes visuais, quanto do mero registro imagético de trabalhos artísticos. A materialização da escrita de Waly vai, então, da folha de papel à película fotográfica, da caligrafia à fotoinscrição, das tintas coloridas de suas canetas à re(ve)lação luz/sombra dos grãos fotossensíveis, da margem da página ao enquadramento da lente – tudo isso "transforma e ficciona" sua "PERFORMANCE POÉTICO-VISUAL" (SALOMÃO, 2007, p. 21). A articulação indissociável entre os vários elementos dessas obras faz do gênero indecidível (CLÜVER, 2006), por isso o artista adotou um neologismo para designá-lo, abarcando livremente sua característica "MULTILINGUAGEM" (SALOMÃO, 2007, p. 21). Essa condição limiar "(...) é coerente com o tema crucial da poesia e da vida de Waly (1944-2003): a necessária imprecisão de fronteiras." (CARIELO, 2008), assim como tem ocorrido com os meios, suportes e gêneros literários, cujas demarcações se encontram ambiguamente tensionadas (GARRAMUÑO, 2014; LUDMER, 2010). É, pois, no onirismo fronteiriço que insurgem devires e porvires

em formatos que friccionam ficção e realidade, como provocou Waly no filme-documentário a ele dedicado: "Chega desse papo furado de que o sonho acabou. A vida é sonho!".

EXPERIÊNCIA DO REAL ATRAVÉS DA MATERIALIDADE: COMO A FORMA DE D-DAY: THE FILES E QUERIA TER FICADO MAIS CONVIDAM A UM MERGULHO NA HISTÓRIA

Aline Caldas Ribeiro e Mayra Rosseto Pellizzari Ribeiro

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a materialidade do livro enquanto elemento constitutivo da experiência de leitura, compreendendo o objeto-livro não apenas como suporte textual, mas como produtor de sentidos que não se encerra entre duas capas. A partir da análise de duas obras com propostas materiais distintas D-Day: The Files, de Richard Holmes, e Queria ter ficado mais, de 12 autoras distintas, publicado pela editora Lote 42 busca-se investigar como escolhas gráficas, editoriais e táteis participam da construção das experiências de leitura e das relações afetivas estabelecidas com o livro. Enquanto D-Day: The Files aproxima-se de uma estética documental e arquivística, incorporando elementos que simulam registros históricos, fotografias e arquivos físicos, produzindo uma experiência de imersão e contato com a memória histórica, Queria ter ficado mais apresenta uma materialidade marcada por recursos gráficos e afetivos que convocam uma leitura sensível e subjetiva. Interessa observar como aspectos como formato, projeto gráfico, textura, composição visual e manipulação física deslocam a leitura para além de um conjunto de páginas encadernadas, transformando o livro em experiência estética que "interferem diretamente na experiência da produção do sentido" (MOREIRA e FIORINI, 2026, p. 8). O trabalho dialoga com discussões contemporâneas acerca da materialidade do livro, compreendendo a leitura como prática que envolve corpo, memória e interação sensorial e que dialoga com o posto por Chartier (1999, p. 138) de que diversas leituras estão associadas "[...] ao efeito significativo produzido pela forma". Busca-se, assim, discutir de que modo o livro, em sua dimensão material, participa ativamente da produção de significados e da constituição das experiências leitoras.

CARLOS OQUENDO DE AMAT E A NUVEM CINEMÁTICA

Patricia Sofia Martins Lino

Resumo: Carlos Oquendo de Amat publicou '5 Metros de Poemas' em 1927 no Perú. Além do já muito debatido formato quadrado do livro que, ao abrir-se como um acordeão, mede literalmente 5 metros, interessa-me perceber e explicar, com recurso à "infraleitura" — conceito que apresentei e desenvolvi em 'Imperativa Ensaística Diabólica. Infraleituras da Poesia Expandida Brasileira' (2024) —, como Oquendo de

Amat faz espacialmente os seus poemas a partir da tipografia, do enquadramento, do contraste branco # preto e dos cortes próprios do cinema mudo cujo aparecimento e primeiros passos, e sabemo-lo por José Luis Ayala (1998), o autor acompanhava com entusiasmo e admiração. Interessa-me igualmente perceber e explicar como as técnicas cinematográficas trazidas por Oquendo de Amat para o livro de poemas impactam e se alimentam, ao mesmo tempo, da linguagem profundamente visual do texto. Estes meus dois interesses permitir-me-ão ainda continuar a tradução intersemiótica de '5 Metros de Poemas' que terminei e exibi em Lima, Perú durante o mês de dezembro de 2025. 'Pós-Oquendo de Amat' (https\://www\.patricialino.com/pos-oquendo-de-amat) inclui tanto os sons que gravei com um acordeão infantil, papel japonês, ramos ou folhas quanto uma série de desenhos feitos com lápis de cera que se movem de acordo com o som do primeiro.

BAILADO ENTRE DOIS CONTINENTES DÍSPARES: A TRANSESPECIFIDADE EM NUNO RAMOS

Priscila Simeão Silva Maduro

Resumo: Pensar a arte produzida no presente, atravessada por constituições múltiplas e por formas de difícil delimitação, exige considerar as transformações do regime estético e os modos pelos quais os acontecimentos artísticos se tornam visíveis e transmissíveis. As discussões em torno das produções artísticas contemporâneas concentram-se, em grande medida, na tentativa de compreender o estatuto da arte, de maneira que ele possa responder, ainda que parcialmente, às mudanças que atravessam os territórios cada vez mais esgarçados dessas práticas. A porosidade entre meios e linguagens tensiona as categorias e convenções tradicionais da teoria literária, colocando-as sob suspeita, ao mesmo tempo em que o esforço crítico de formulação conceitual busca estabelecer algum ponto de sustentação diante desse cenário. É nesse contexto que se evidencia a proliferação de produções híbridas, isto é, produções que incorporam e articulam formas e especificidades exteriores ao seu campo de atuação. Esta comunicação tem como objetivo propor um diálogo com as postulações de inespecificidade e não pertencimento de Florencia Garramuño (2015), a propósito das produções estéticas do escritor e artista plástico brasileiro Nuno Ramos, em particular da instalação Fruto estranho (2010) e do livro Ó (2008). Propõe-se, em direção distinta da pesquisadora argentina, a noção de transespecificidade entre linguagens heterogêneas, em lugar de um apagamento da especificidade — e até mesmo do campo de atuação — dessas dicções. Com efeito, será também convocado o ideário de pós-autonomia de Josefina Ludmer (2010), que sugere tal diluição. O que se verifica nas práticas de Nuno Ramos é uma mobilização de gestos procedentes de

campos e escalas variáveis (Sussekind, 2022), que tensiona essas linguagens em seus limiares sem, com isso, diluí-las ou desespecificá-las.

FUJA JULIETA!: O DIÁLOGO INTERMIDIÁTICO ENTRE A PEÇA ROMEU E JULIETA E A MÚSICA THE WHATSAPP SHAKESPEARE DE RAYE

Sarah Paro de Morais

Resumo: A peça "Romeu e Julieta" de Shakespeare é um marco para a história da literatura mundial, sendo lida, reconstruída ou adaptada para outras mídias. A atual pesquisa propõe analisar como o personagem Romeu da peça "Romeu e Julieta" é reinterpretado através do diálogo intermidiático na música "The WhatsApp Shakespeare" da cantora britânica Raye. Indica-se que na música de Raye, o personagem Romeu é reformulado como homem manipulador que promete amor verdadeiro para mulheres em mensagens de texto online e termina por iludi-las e feri-las emocionalmente, dialogando de forma contemporânea e intermidiática, com a temática do amor trágico da peça shakespeariana. O trabalho consiste metodologicamente em uma pesquisa bibliográfica das teorias sobre intermidialidade de Claus Clüver e Irina Rajewsky e uma análise dos objetos de pesquisa, com o intuito de responder à seguinte pergunta: como a figura de Romeu é reconfigurada na música "The WhatsApp Shakespeare" de Raye? Como resultados, observa-se que "The WhatsApp Shakespeare" ironiza e critica os relacionamentos da contemporaneidade, remontando a peça trágica de Shakespeare por meio do processo intermidiático e configurando Romeu como um homem que utiliza aplicativos de mensagem ou redes sociais para manipular mulheres emocionalmente. Raye, na música, assume um papel de protetora e aconselhadora, alertando a figura de Julieta, uma representação das mulheres em geral, para se distanciar de relacionamentos com homens manipuladores.

AS AVENTURAS DO "LIVRO BRANCO" OU: QUANDO NÃO SE ESCREVE NADA PARA DIZER MUITO

Sayonara Amaral de Oliveira

Resumo: O conto "Deu branco na literatura?", presente no livro Azar do personagem, de Reginaldo Pujol Filho (2007), narra sobre um acontecimento que causa grande impacto no campo editorial: o lançamento de um livro "em branco", que rapidamente se torna um best seller. Para o espanto de todos, trata-se de um livro desprovido de título, de nome de autor, e que não contém qualquer texto escrito ao longo de suas 324 páginas. No conto, que mescla o discurso ficcional ao ensaístico, o narrador apresenta, de

maneira bem humorada, a recepção controversa do "livro branco" junto à crítica, ao tempo em que parte em defesa da nova obra, levantando argumentos que visam explicitar o seu caráter revolucionário sob a perspectiva da criação literária. Nesta comunicação, pretendo promover um diálogo entre os argumentos do narrador e as reflexões teórico-críticas de Kenneth Goldsmith (2011) acerca da escrita não criativa e da literatura conceitual, contando também com o auxílio de Florência Garamuño (2014), a partir das noções de "inespecificidade" e de "impertinência" na literatura e nas artes da atualidade. Proponho que, ao apresentar e discutir o novo processo de escrita deflagrado pelo "livro branco" – personagem central do seu conto –, Reginaldo Pujol Filho promove a expansão do conceito de literatura e investe na inviabilidade de se fixar um tal conceito diante das práticas literárias contemporâneas.

PARATEXTOS E EXPANSÃO DA NARRATIVA EM UM DEFEITO DE COR E VISTA CHINESA

Thaíssa Gabrielle Ferreira Henrique

Resumo: Esta comunicação propõe discutir como romances brasileiros contemporâneos mobilizam paratextos como espaços de expansão da narrativa, tensionando as fronteiras entre ficção, documento e testemunho. Mais do que elementos exteriores à obra, tais dispositivos participam ativamente da construção de sentidos e da produção de credibilidade narrativa. Como observa Antonio Candido, em "A timidez do romance" (1987), a ficção frequentemente buscou aproximações com discursos históricos, morais ou documentais como forma de legitimação. Na contemporaneidade, entretanto, esses procedimentos parecem responder menos à necessidade de legitimar o gênero romanesco do que às transformações dos regimes de verdade e credibilidade que atravessam a cultura contemporânea. Partindo dessa perspectiva, a comunicação analisa o prefácio de Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, e a nota final de Vista Chinesa, de Tatiana Salem Levy, observando como esses paratextos acionam referências ao arquivo, à memória e à experiência vivida para produzir efeitos de autenticidade. Interessa compreender de que modo tais elementos ampliam o campo de atuação da narrativa ficcional, deslocando-a para uma zona híbrida em que literatura e documento se articulam. Ao investigar essas estratégias, busca-se refletir sobre os paratextos como formas de expansão do romance contemporâneo e sobre os desafios que essas configurações colocam para a leitura e para a teoria literária.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: LITERATURA ESPECULATIVA EM PERSPECTIVA COMPARADA: O HOMEM, O CORPO, A MÁQUINA

Coordenação: Naiara Sales Araújo e Fernanda Alencar Pereira

Resumo: Este simpósio temático convida pesquisadoras e pesquisadores a submeterem trabalhos que investiguem a literatura especulativa em perspectiva comparada, considerando suas múltiplas manifestações em diferentes tradições culturais, linguísticas e midiáticas. Compreendida em sentido amplo, incluindo ficção científica, fantasia, horror, realismo mágico, entre outras vertentes, a literatura especulativa projeta realidades e mundos possíveis, constituindo-se como um espaço de reflexão crítica sobre o presente a partir da fabulação do possível, do alternativo e do ainda não realizado. Interessa-nos refletir sobre como essas narrativas, em distintos contextos geopolíticos, dialogam com questões contemporâneas, tais como colonialidade/decolonialidade, crise ambiental, transformações tecnocientíficas, deslocamentos culturais e reconfigurações do humano. A literatura especulativa, nesse quadro, pode ser compreendida como uma forma de pensamento crítico que, ao imaginar outros mundos, revisita e reconfigura os modos de existência no mundo atual aproximando-se da noção de "antropologia especulativa", conforme proposta por Alexandre Nodari (2015), para o qual a literatura pode representar realidades, mas também experimentar formas de vida, expandindo o campo do possível e interrogando as bases epistemológicas humanas. A partir de uma abordagem comparatista, buscamos trabalhos que explorem aproximações, contrastes e circulações entre obras, autores, tradições e suportes, investigando tanto convergências temáticas quanto especificidades estéticas e epistemológicas. Nesse contexto, torna-se relevante considerar como diferentes matrizes culturais produzem respostas singulares às mesmas inquietações globais. Tal abordagem permite compreender a literatura especulativa como um campo plural e dinâmico, atravessado por disputas e diferentes regimes de imaginação. Serão bem-vindas propostas que articulem literatura e outras mídias, como quadrinhos, cinema, séries e jogos digitais, bem como aquelas que abordem produções periféricas, contra-hegemônicas ou não canônicas, contribuindo para a ampliação do campo dos estudos literários. Aqui, a intermidialidade pode apresentar-se como uma ferramenta da literatura especulativa contemporânea, especialmente em um cenário marcado pela convergência de mídias e pela expansão das narrativas em ambientes digitais. Ao mesmo tempo, tais produções questionam estruturas normativas, abrindo espaço para vozes dissidentes e para a construção de imaginários alternativos. Dentre os eixos sugeridos estão: ficção científica, fantasia e horror em contextos globais; perspectivas decoloniais e pós-coloniais; natureza, ecologia e antropoceno; tecnologia, corpo e pós-humanismo; adaptação, intermidialidade e cultura digital, entre outros. Destaca-se, ainda, o interesse por abordagens que considerem as relações entre literatura especulativa e debates contemporâneos como o ecofeminismo, as políticas do corpo e as violências estruturais bem como o resgate de obras de ficção

especulativa escritas por mulheres como é o caso de Julia Lopes de Almeida. Sua escrita antecipa, em certa medida, estratégias que seriam posteriormente mobilizadas pela ficção especulativa feminista, construindo personagens femininas que desafiam papéis de gênero e sugerindo possibilidades alternativas de organização social, como aponta Carneiro (2026). Escritos como os de Almeida podem ser compreendidos como um ponto de inflexão na tradição literária brasileira, pois articulam crítica social e imaginação transformadora, contribuindo para a consolidação de um campo que, hoje, reconhece na especulação um instrumento de contestação e reinvenção das experiências de gênero. Trabalhos como o de Moreira e Vieira (2022) e Araújo (2025, 2021) demonstram o potencial da ficção especulativa feminista para denunciar e reconfigurar narrativas de violência, especialmente no que diz respeito às experiências de gênero. Do mesmo modo, estudos como os de María Laura Pérez Gras (2023; 2024) mostram como a literatura especulativa recente tem incorporado discussões sobre pós-humanismo, pandemia e crise ecológica, propondo novas formas de pensar as relações entre humanos, tecnologias e meio ambiente. O simpósio busca fomentar o diálogo entre diferentes abordagens teóricas e metodológicas, contribuindo para o fortalecimento dos estudos comparatistas e para a consolidação da literatura especulativa como campo crítico relevante na contemporaneidade. Ao reunir pesquisas que atravessam fronteiras disciplinares, culturais e midiáticas, pretende-se promover um espaço de interlocução capaz de reforçar o papel da imaginação especulativa na leitura das crises e transformações do mundo atual. Como considerações finais, destaca-se que a literatura especulativa é uma via de mão dupla pois reflete o presente e pode intervir criticamente nele, configurando-se como um espaço para a produção de conhecimento e para a elaboração de futuros possíveis. Nesse sentido, este simpósio pretende contribuir para a ampliação e o aprofundamento das discussões no âmbito da Literatura Comparada, incentivando investigações que reconheçam o valor estético, político e epistemológico da literatura especulativa em suas diversas formas de expressão, no Brasil e no mundo.

O QUE SURGE DEPOIS DO FIM? UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O CÉU ENTRE MUNDOS E VIAJANTES DO ABISMO

Alexandre Kirst de Souza

Resumo: Vivemos em um mundo de ficção científica (FC). Entre algumas de suas características, esse gênero ou modo se estabeleceu como uma forma de profetizar o futuro. Extrapolando questões tecnocientíficas, a FC especulou ao longo de seu desenvolvimento tecnologias, estruturas sociopolíticas e econômicas que hoje fazem parte do cotidiano. Quase como andróides, estamos constantemente conectados a uma grande rede; veículos autônomos circulam pelas ruas de algumas metrópoles do Norte

Global; máquinas supostamente inteligentes são acessadas e retroalimentadas diariamente pelos humanos. O custo dessa aparente evolução pode ser nosso planeta e nossa própria existência. Ao mesmo tempo, por conta de seu caráter especulativo, a FC também se apresenta como um espaço de reflexão das margens, conjecturando como o mundo poderia ser de outras formas. Nessa esteira, narrativas do Sul Global têm se voltado de maneira importante a críticas ambientais e climáticas. Com isso, voltamo-nos para a literatura contemporânea de autoria feminina no Brasil. Para tanto, selecionamos as obras O céu entre mundos, de Sandra Menezes, e Viajantes do abismo, de Nikelen Witter. Aquela é uma narrativa afrofuturista, enquanto esta é uma distopia steampunk. O que as aproxima, contudo, é a discussão ambiental e a reflexão que suscitam sobre o antropoceno. Nosso objetivo, portanto, é tensionar como outros mundos podem emergir após a devastação do meio ambiente da Terra. Enquanto na narrativa de Menezes uma frota africana de naves coloniza um exoplaneta, na obra de Witter a civilização segue um ciclo interminável de reflorescimento e autoextermínio da vida. Como referências teóricas, dialogamos principalmente com Sherryl Vint (2021), Veronica Hollinger (2014), Gary Wolfe (2011), Bruno Matangrano e Enéias Tavares (2019) e Elizabeth Ginway (2005). Como resultados, identificamos que, embora se trate de uma estética tecnológica, as obras retornam a predicados humanos para as resoluções de seus conflitos, como amizade, amor, tradições e ancestralidade.

A SIMBOLOGIA DO SANGUE E O GROTESCO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONTOS A NEVROSE DA COR E SANGUE

Anna Karen Soares Nascimento

Resumo: A literatura especulativa projeta realidades e imagina mundos que diferem do nosso, construindo um espaço de reflexão sobre o presente a partir da fabulação do possível. Com isso, este trabalho propõe uma leitura comparada entre os contos A Nevrose da Cor (1889), da autora Júlia Lopes de Almeida, e Sangue (1909), de Domingos Barboza. A análise comparativa será fundamentada nas teorias das estudiosas Sandra Nitrini e Tânia Carvalhal, que oferecem ferramentas metodológicas para a investigação entre os estudos de hematofagia e o desejo presente nesses dois contos. A partir dessa base teórica, traçaremos um paralelo entre a nevrose da cor da princesa Issira, que evolui do sacrifício de animais para o consumo do sangue de escravos, e o instinto do protagonista de Barboza, um magarefe que encontra prazer fisiológico na humanidade vermelha. A pesquisa se justifica pela relevância de estudar a produção literária de dois autores fundamentais que, através do grotesco, desafiaram os padrões da época ao explorar os limites da sanidade e da barbárie. Em suma, o estudo tem por objetivo analisar o

simbolismo do sangue como elemento de êxtase e morte, culminando na análise do ato final de sucção direta da ferida presente em ambas as narrativas. Conclui-se, assim, uma pesquisa que visa expandir os horizontes de investigação da literatura especulativa, demonstrando como o tema central serve como espaço de reflexão entre limite humano e patológico.

NARRAR CONTRA A ORDEM: PODER E IMAGINAÇÃO ESPECULATIVA EM ANGÉLICA GORODISCHER

Clara Elis Requenha

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a obra da escritora argentina Angélica Gorodischer com o objetivo de analisar como a sua produção literária se insere e se destaca no âmbito da literatura hispano-americana, principalmente no que se refere às relações entre gênero e poder. Parte significativa de sua narrativa se introduz nos campos da ficção científica, da fantasia e da ficção especulativa, contribuindo para a consolidação e renovação desses gêneros na Argentina e na América Latina. A sua produção está marcada pelo hibridismo e pela constante interlocução com o fantástico, por meio da qual a autora constrói universos narrativos que tensionam fronteiras genéricas e epistemológicas. Nesse sentido, essa apresentação parte da seguinte questão: de que modo Angélica Gorodischer mobiliza recursos da ficção especulativa para subverter ideologemas associados ao poder, à história e à construção de narrativas oficiais? Para isso, investiga-se a maneira pela qual a autora opera deslocamentos formais e temáticos que desestabilizam estruturas narrativas tradicionais, frequentemente marcadas por perspectivas masculinas, eurocêntricas e lineares, propondo em seu lugar uma lógica fragmentária, plural e aberta em diálogo com as reflexões de Ursula K. Le Guin. Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho insere-se no campo da crítica literária contemporânea, mobilizando contribuições dos estudos de gênero, da crítica feminista e dos estudos da ficção científica e especulativa, com base em uma abordagem analítico-interpretativa do corpus. Além disso, considera-se o contexto argentino do século XX, marcado por instabilidades políticas e regimes ditatoriais, considerado como elemento fundamental para compreender a recorrência de temas como a crítica ao imperialismo, ao etnocentrismo e ao androcentrismo. Por fim, entende-se que as questões de gênero na obra de Angélica Gorodischer manifestam-se na reinvenção do modo de narrar e na subversão de estereótipos de gênero da ficção científica, evidenciando sua relevância para a literatura latino-americana contemporânea.

À SOMBRA DO PREDADOR: DA INOCÊNCIA À VIOLÊNCIA EM BESTIÁRIO, DE JULIO CORTÁZAR

Hiandro Bastos da Silva

Resumo: O presente estudo investiga a presença do animal no conto intitulado Bestiário, escrito pelo célebre prosador argentino Julio Cortázar (1914-1984), e publicado em 1951 no livro que leva o mesmo nome. Fundamentado nas abordagens de Donna Haraway, Gabriel Giorggi, Giorgio Agamben, John Berger, Vinciane Despret, entre outros pensadores contemporâneos, busca-se analisar a trajetória simbólica do tigre no imaginário ficcional latino-americano, culminando em uma leitura do texto supracitado, como expressão de uma estética da pós-natureza, conceito cujo escopo é dar conta deste momento sociocultural, caracterizado pelo apagamento do não humano. Nessa direção, demonstra-se que o tigre, embora ausente dos ecossistemas latino-americanos, consolida-se na Literatura desse continente no século XIX como signo alegórico da barbárie. Em obras como Facundo, Ou Civilização e Barbarie (1845), de Domingo Faustino Sarmiento e O Guarani (1857), de José de Alencar, o grande felino traça o limiar de um território nebuloso não alcançado pela ordem letrada. Adiante, no século XX, contudo, ocorre um deslocamento decisivo: o tigre deixa de funcionar como metáfora da selvageria e passa a atuar como figura espectral desterritorializada, sobretudo na obra de Jorge Luis Borges, na qual o felino se vincula à memória, ao tempo e à metafísica. Tal transformação permite compreender a emergência da pós-natureza, entendida como reinscrição do natural em um regime antropogênico atravessado pela linguagem. A abordagem aproxima essa discussão das formulações biopolíticas de Michel Foucault, particularmente da noção de vidas por abandonar, para interpretar o universo de Cortázar. No conto, o tigre não representa apenas ameaça animal, mas, sim, reorganiza os limites entre humano e não humano. Em suma, a narrativa evidencia a violência doméstica, articulada à animalidade, à vulnerabilidade feminina e ao confinamento dos corpos, especulando a inversão da díade predador-humano e predador-animal.

A PERSPECTIVA DA NÃO-VIOLÊNCIA NA LITERATURA ESPECULATIVA DE URSULA K. LE GUIN: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE FLORESTA É O NOME DO MUNDO (1972) E OS DESPOSSUÍDOS (1974)

Larissa Lacerda de Sousa

Resumo: Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar a forma como o princípio da não-violência aparece nos romances Floresta é o nome do mundo e Os despossuídos, de Ursula K. Le Guin, a fim de entender a

diferença de atitude dessas obras em relação ao elemento da violência. Em ambos os romances, a perspectiva da não-violência é um elemento fundamental para as sociedades alternativas, que se contrapõem à representação do sistema capitalista. No primeiro texto, o mundo dos Athsheanos se desfaz com a chegada dos colonizadores vindos da Terra e a imposição da violência aos nativos que abrem mão do seu pacifismo para vencerem os invasores, enquanto que na segunda obra, uma "utopia ambígua", a sociedade anarresti mantém a rejeição formal da violência. Para tal objetivo, este texto toma como base a análise do crítico literário Fredric Jameson (2005) sobre a recusa da institucionalização da violência na utopia de Le guin, e a noção de violência revolucionária, na filosofia de Frantz Fanon (1962). Além disso, toma-se como suporte teórico a categorização dos gêneros Ficção Científica e Utopia, de Darko Suvin (1998), a categoria de Utopia Crítica, de Tom Moylan (2014), e a análise de Savi (2021) sobre a obra Floresta é o nome do mundo e os dilemas do antropoceno. A metodologia se caracteriza pela análise imanente dos textos em perspectiva comparada, pela investigação do campo teórico e a elaboração de interpretação dos romances. Conclui-se que as obras adotam atitudes distintas em relação ao uso da violência pelas sociedades alternativas, embora partam do mesmo princípio, o que aponta para: a) contradições constitutivas desses romances e b) a legitimidade de diferentes abordagens do texto literário no exercício de imaginar novos mundos. Palavras-chave: Ficção Especulativa; Ursula K. Le Guin; Violência.

O CORPO MONSTRUOSO: DESEJO, TRANSGRESSÃO E FRONTEIRAS DE GÊNERO EM ESFINGE (1908)

Luís Otávio Rocha Nascimento e Natália Gonçalves de Souza Santos

Resumo: Esta comunicação, oriunda da pesquisa de mestrado em andamento intitulada "Criadores e criaturas: o problema da criação em Esfinge (1908), de Coelho Neto, à sombra/luz de Frankenstein (1831), de Mary Shelley", concentra-se no romance brasileiro para explorar como a literatura especulativa de traços góticos projeta um corpo que desestabiliza as normas de gênero. Em Esfinge, o protagonista James Marian é fruto de um experimento que uniu o corpo de dois irmãos acidentados (a cabeça de uma menina e o corpo de um menino), resultando em um ser de sexualidade dividida e aparência andrógina. Diferentemente da criatura de Shelley, cujo drama decorre da rejeição de seu criador, o dilema de Marian nasce da disputa interna entre suas duas sexualidades e da inadequação de seu corpo aos padrões de gênero que regem o ambiente em que se insere. Apoiando-nos na noção de "espaço homossocial" (Sedgwick, 1985 apud Ginway, 2020, p. 211), analisaremos a pensão onde transcorre a maior parte da trama como um território onde "a masculinidade se une por sentimentos intensos de homofobia, medo e

ódio à homossexualidade", avesso a qualquer expressão que embaralhe as fronteiras entre o masculino e o feminino. Nesse contexto, Marian é qualificado até mesmo como monstro, revelando o mecanismo descrito por Julio Jeha (2007, p. 20): a qualificação do monstro é um estratagema para rotular e excluir o que transgride os limites culturais que sustentam a coesão social. Portanto, trabalharemos a hipótese de que Esfinge se configura como uma forma de antropologia especulativa: ao fabular um corpo que escapa às classificações vigentes, interroga as bases do humano. A investigação se justifica por delinear as políticas do corpo em operação no Brasil do início do século XX, que ressoam nos debates contemporâneos sobre gênero, desejo e normatividade.

ANTHROPOS DESTITUÍDO: SOBRE O SUBLIME ANTI-HUMANISTA NO HORROR CÓSMICO DE H.P. LOVECRAFT

Mariana Santos Freitas Martins

Resumo: Nascida do imaginário do fin de siècle como resposta estética à crise da modernidade, a weird fiction de H.P. Lovecraft traduz-se em especulações sobre os limites epistemológicos e ontológicos daquilo que entendemos por realidade. Indissociável de seu lastro no desconhecido e no inefável, seu horror cósmico estrutura-se como uma espécie de cosmografia especulativa que não visa apenas entender a realidade, mas também desconsisti-la, dando forma a outros mundos e universos descobertos — a uma experiência de consistência singular, mas sempre fugidia; a um habitat, sempre precário e finito, no cosmos (Nodari, 2015). Sob a lente da ficção especulativa, no âmbito dos deslocamentos promovidos por essas narrativas, destaca-se o questionamento das prerrogativas ontológicas do anthropos, articulado através do sublime anti-humanista — subversão do sublime tradicional em que o encontro com a natureza, em vez de reafirmar a centralidade e a significância do sujeito no cosmos, o submete ao horror da indiferença e da incognoscibilidade cósmica, destituindo-o de qualquer centralidade ontológica. Tal destituição encontra expressão em procedimentos narrativos, como a descentralização da personagem enquanto força motriz do enredo e a dissolução da agência humana diante de forças irredutíveis, constituindo-se em discurso que opera a desconstrução de ideologias hegemônicas e de estruturas coercitivas que sustentam o domínio civilizacional sobre a natureza (Zapf, 2016). É, por fim, a partir da articulação desses três eixos — a cosmografia especulativa lovecraftiana, o sublime anti-humanista e a crise antropocênica — que esta comunicação busca examinar o sublime anti-humanista como dimensão central da poética lovecraftiana, investigando de que modo os procedimentos narrativos de sua weird fiction — permeada pela resistência à

modernidade urbano-industrial e pela reverência à beleza e grandiosidade da natureza — promovem a destituição do antropocentrismo e a tensão dos ideais finisseculares de progresso.

TECNODIVERSIDADE E FUTURO ANCESTRAL NA SF LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Rodrigo Octávio Águeda Bandeira Cardoso

Resumo: Algumas obras da ficção científica latino-americana contemporânea articulam um imaginário tecnopaganista e pós-indigenista que rompe com a racionalidade instrumental para reintegrar o sagrado e o ancestral à maquinaria futurista, deslocando a lógica primitivista que orientava as vanguardas do século XX. Em obras como La mucama de Omincunlé, da dominicana Rita Indiana, e Ygdrasil, do chileno Jorge Baradit, essa convergência se manifesta na coexistência horizontal entre divindades, rituais xamânicos e o ciberespaço, onde o misticismo opera como uma ferramenta tecnológica eficaz e necessária (Mosquera, 2024). Essa estética se radicaliza em narrativas neo-indigenistas (Alemany, 2023) como Iris, do boliviano Edmundo Paz Soldán, e nos contos de Vocês brilham no escuro, da também boliviana Liliana Colanzi, que abandonam o olhar externo para situar o corpo e a ontologia indígena no centro de distopias políticas, propondo futuros onde a resistência e a sobrevivência dependem da fusão indissociável entre os saberes nativos e o avanço tecnocientífico. Desse modo, a ficção científica latino-americana atual, projetaria um futuro em que o arcaico e o futurístico não são antagônicos. Pelo contrário, ela constrói utopias e distopias cosmotécnicas onde o "bárbaro tecnizado", figura problemática/produtiva proposta por Oswald de Andrade (2011) é o único capaz de sobreviver ao apocalipse colonial, um “futuro ancestral”, como defende Ailton Krenak (2023), armado com uma tecnologia que, finalmente, aprendeu a falar a língua dos deuses e da terra. Articulando o conceito polissêmico sf (science fiction, speculative fiction, speculative feminism, speculative fabulation, string figures, so far...) de Donna Haraway (2016), essa comunicação pretende investigar como essas obras articulam imaginários tecnológicos característicos da ficção científica e cosmopercepções indígenas e afrodescendentes fundamentando uma experiência da tecnologia, ou uma cosmotécnica, que escapa à lógica instrumental, euroantropocêntrica e capitalista do conceito ocidental de técnica, como sugere Yuk Hui em Tecnodiversidade (2020).

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, SIMULAÇÃO NARRATIVA IMERSIVA E DECADÊNCIA HUMANA EM "A FICCIONISTA" (1969), DE DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ, E "TIQUE-TAQUE" (2019), DE XIA JIA

Thalita Ruth Sousa

Resumo: A presente pesquisa visa identificar e analisar as discussões propostas pelos contos "A Ficcionista" (1969), da escritora brasileira Dinah Silveira de Queiroz, e "Tique-Taque" (2019), da autora chinesa Xia Jia, no que tange à relação entre a decadência humana e o uso de simulações narrativas imersivas criadas por inteligências artificiais. No primeiro, um cientista constrói uma máquina inteligente e contrata literatos para ensiná-la a criar ficções, mas o uso das realidades virtuais que ela gera leva as pessoas à alienação. Já no segundo, a sociedade escapa da realidade entrando em sonhos que são personalizados de acordo com os dados dos usuários, e acessados por meio de avatares inteligentes. A análise comparada dos enredos, aliada ao estudo bibliográfico, com o apoio dos teóricos Walter Benjamin (1987), Bruno Latour (2012), Nelson Oliveira (2018) e Mingwei Song (2018), permite observar que ambas as narrativas abordam dilemas sensíveis para a humanidade contemporânea. Entre eles, destacam-se: o uso da simulação imersiva para abstenção de responsabilidades e do tédio cotidiano; o vício na experiência artificial que conduz à degradação física e mental; e a possibilidade da reprodução de emoções por e em seres artificiais. Cabe adicionar, considerando suas relevâncias para as Letras, os processos de aprendizado de máquina e programação algorítmica para a elaboração de narrativas e a substituição de escritores e roteiristas pela inteligência artificial. Logo, ainda que Queiroz e Xia tenham lançado seus contos com 50 anos de diferença, suas reflexões atemporais sobre a relação entre o ser humano e os avanços tecnológicos aproximam-nos e atestam a importância da contribuição dessas autoras para a ficção científica de Brasil e China.

ST: LITERATURA EXPERIMENTAL NO BRASIL E EM PORTUGAL - ESTÉTICA, ÉTICA, POLÍTICA

Coordenação: Gustavo Silveira Ribeiro e Lucia Liberato Evangelista

Resumo: Este simpósio temático parte da hipótese de que a poesia brasileira e portuguesa mantém forte diálogo no campo experimental, o que se deve não apenas no que diz respeito à partilha da língua ou de influências artísticas em comum, ou mesmo da manifestação de afinidades formais quaisquer, mas principalmente pelo caráter político que a poesia e arte de invenção desempenhou em cada país e cada contexto. Sob a perspectiva da experiência estético-política de países que ocupam, cada um a seu modo e no seu espectro, um lugar periférico no desenho geopolítico do capitalismo tardio, a poesia e a arte experimental surgiram em ambos os lados do Atlântico como expressão do inconformismo e de uma

urgência rebelionária que se expressava com igual força tanto no plano estético quanto no plano político. Arte e vida, no âmbito da poesia experimental e de vanguarda, não se separavam. O contexto imediato da eclosão do experimentalismo, ou de sua complexificação e crescimento, se dá em meio ao cerceamento de liberdades dos períodos ditatoriais, mas se extende também ao período do que poderíamos chamar de um 'autoritarismo financeiro', segundo o qual o cerceamento de palavras e ações se dá de forma mais difusa e tentacular, mais invisível e naturalizada. De meados dos anos 1950 à atualidade, pode-se notar um ponto comum entre as duas tradições literárias nacionais: observar como se dá e configura a resistência à poesia (e pela poesia, paradoxalmente) em ambos os países. Um sentido de descompostura diante das formas literárias ditas "sérias" surge e se afirma, junto a um impulso racional e construtivo, impulso que chama à ordem e à forma rigorosa, mas que já se dá sem a grandiloquência das formas estabelecidas do passado. Algo que se possa denominar "desautoritarismo" está na base de tal processo. Tal "desautoritarismo" é a recusa às normas literárias rígidas da tradição classicizante da poesia e da arte, assim como é a recusa terminal em aceitar qualquer forma de controle e regulação estatal ou institucional. Esse fenômeno, o desautoritarismo, pode ser expresso seja através do extravasamento da noção de poético, que passa a nomear expressões não-linguísticas ou não-verbais (a arte da performance, as artes plásticas, o audiovisual); seja através do desvio, apagamento ou sabotagem das formas tradicionais da autoria; seja, ainda, através de uma derrisão da própria noção do que quer que seja poesia ou arte, palavras cujo sentido fechado perde relevância ou significado profundo; seja, por fim, através da convocação e paródia dos próprios discursos de legitimação cultural produzidos nos espaços hegemônicos (museus, universidades etc.). Tudo isso, como se vê, configura a base das operações poético-culturais que vieram a formar grupos de vanguarda e de pesquisa estética como, entre outros, a Poesia Concreta, o Neoconcretismo e o Poema/Processo, no Brasil, e as sucessivas gerações da PO.EX em Portugal. Nesse sentido, este simpósio busca reunir trabalhos e pesquisadores interessados em discutir os laços entre experimentação formal e compromisso político anti-autoritário, abrangendo as múltiplas formas do experimentalismo e das práticas a um só tempo críticas e propositivas das vanguardas no Brasil e em Portugal, desde meados do século XX até aos nossos dias, já transcorrido 25 anos do novo século. As poéticas que interessam a este simpósio procuram abranger a descompostura, o "impróprio" ou a "impropriedade" da forma artística. Desafiando fronteiras de mídias, meios e gêneros artísticos, brincando com as leis da autoria e com as práticas hegemônicas nas instituições culturais, essas poéticas da radicalidade expandem as interseções das esferas pública/privada e dos corpos individuais/políticos. Através delas, propomos trabalhar com as seguintes hipóteses: o campo experimental estende-se para além das neovanguardas, representando uma noção expandida de poesia que subverte convenções e instituições; os discursos autoritários são moldados por "pactos" relacionais dentro de cada ato de comunicação; o "desautoritarismo", entendido como a quebra discursiva desses pactos, serve como força motriz dentro do campo experimental. Posicionado na

interseção da performatividade e da intermidialidade, muitos trabalhos do campo experimental propõe um conceito expandido e intervencionista tanto do poeta quanto do poema. As perspectivas de trabalho abrangem diversas mídias, analisando sua circulação e materialidade. Através de uma abordagem fundamentalmente comparativa, centrada na aproximação e fricção de tradições nacionais distintas, gostaríamos de convidar à reflexão sobre o substrato em comum das experiências poéticas de vanguarda nos dois países, procurando desenvolver, na esteira de pesquisas em andamento dos dois lados do mar, novos referenciais para analisar as dinâmicas políticas nos campos literários experimentais do Brasil e de Portugal - países em que recentemente ressurgiu o lema fascista fascista "Deus, Pátria, Família". Segundo nos parece decisivo, a poesia e a arte experimental ergueram-se e erguem, ainda hoje, contra esse pano de fundo comum de conformismo, obediência e violência conservadora.

VERBO MANIFESTO: A PROPOSTA DE UMA ANTOLOGIA POLÍTICA VANGUARDISTA EM VINAGRE

Amanda de Castro Vital Maciel

Resumo: Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos, nascida das mobilizações de junho de 2013 no Brasil (também conhecidas como Jornadas de Junho, protestos de reivindicações diversas que tiveram como um dos pontos de partida o aumento das passagens dos transportes públicos), compreende uma gama de particularidades que desviam do que se reconhece amplamente do gênero antologia. Entre elas, o compromisso de uma formação de cânone - do que se está "no poder" no meio literário - ou de uma reunião de estilo (como as antologias concretistas, por exemplo) dá lugar a uma obra disruptiva, ligada sobretudo e quase somente ao manifesto coletivo, em uma aproximação intensa entre arte e vida. Sua curadoria, seu formato - que se vincula a um princípio de distribuição de obra livre e gratuita -, sua reedição (esse gesto de continuum) e seu lugar de convívio de poéticas tão distintas entre si, relacionadas pelo mote da denúncia (e) da circunstância política, também dialogam com noções tradicionais de status quo, propriedade e autoridade literária. Soma-se a isso, dentro do campo do experimental e das inovações, a temporalidade ímpar sob a qual foi idealizada: no calor da hora, durante as manifestações, ecoando as vozes que explodiam nas capitais dos estados brasileiros, o que também se traduz em uma poesia de caráter profundamente denunciativo. Apresento, com a seleção e análise de alguns desses poemas e um breve voo sobre alguns aspectos da estrutura editorial da antologia, uma possibilidade de estudo de Vinagre como uma proposta de antologia vanguardista, tendo como base as teorias sobre vanguarda de

Bürger, que inventa e experimenta novas sensibilidades estéticas, literárias, editoriais e artísticas para o momento sociopolítico da época e propõe novas maneiras de comunicação do pensamento.

CORPORALIDADE INSUBMISSA E INESPECIFICIDADE ARTÍSTICA NAS "OUTRADUÇÕES" DE AUGUSTO DE CAMPOS

Ana Maria Ferreira Torres

Resumo: Outro (Campos, 2015) é uma compilação de poemas compostos por Augusto de Campos entre as décadas de 2000 e 2010. O livro traz a seção de "outraduções", que consistem em poemas feitos a partir da colagem, citação ou "remix" de textos de outros autores, brasileiros ou estrangeiros. O trabalho citacional dá destaque à corporalidade subjacente nesses textos mediante uma remodelação visual, porquanto a disposição espacial das letras, as cores utilizadas e o formato do texto tanto visam traduzir semioticamente o corpo humano ou animal por iconicidade quanto implicam uma presença do corpo no trabalho com os significantes no texto, se nos referirmos ao conceito de performance do poema, de Zumthor (2018). Nesta comunicação, busca-se identificar como tais marcas corpóreas dos poemas de Campos podem ser lidas como um gesto de insubmissão artística e política, o qual pode tanto já fazer parte da proposta do texto original – como nos poemas nude soul (erikah badu) e um (euclides da cunha) – quanto ir a contrapelo do texto fonte, tal como ocorre no poema o polvo (vieira). Ademais, pretende-se analisar em que medida esses textos se revelam práticas de uma arte inespecífica (Garramuño, 2014), visto que, além de as outraduções consistirem em citações de textos alheios, esses, por sua vez, não se identificam originalmente como texto lírico ou poema – a exemplo do poema um, formado a partir de citação de Os Sertões (Cunha,). Como entendimento de citação no texto literário, o trabalho se baseia em Derrida (1991) e Perloff (2013). A leitura dos poemas baseia-se no conceito de leitura infrathin de Perloff (2021) e de tradução intersemiótica de Plaza (2008).

NOTAS SOBRE ALGUMAS CARTAS DE ANA HATHERLY A LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

André Luiz do Amaral

Resumo: Durante as décadas de 1960 e 1970, Ana Hatherly manteve constante relação epistolar com poetas ligados ao Suplemento Literário de Minas Gerais e ao grupo Tendência, como Affonso Ávila, Rui Mourão e Murilo Rubião. Além de darem testemunho das impressões da poeta portuguesa sobre o sistema literário brasileiro, esses documentos revelam sua preocupação com o contexto ditatorial daquela altura. Dessas missivas – que compõem o conjunto de 35 cartas da Coleção Ana Hatherly no Arquivo de

Escritores Mineiros da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG) – depreendem-se também certas afinidades literárias entre o projeto da Poesia Experimental Portuguesa (PO.EX) e algumas das experiências que aqui se consolidariam mais tarde, na esteira da Poesia Concreta mas não só. Esses dois polos – o estético e o ético – manifestam-se, em especial, nas correspondências trocadas com Laís Corrêa de Araújo, com quem Hatherly desenvolve uma amizade que admite, em meio a questões poéticas e políticas, certo tom confessional. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos sobre arquivos e epistolografia formulados por Philippe Artières e Jean-François Laé, pretende-se investigar duas cartas remetidas por Hatherly à poeta mineira, datadas de 03 de junho de 1968 e 29 de março de 1970, nas quais concorrem as nuances apontadas, a fim de perceber se e como iluminam a leitura de poemas produzidos no mesmo período, como aqueles dedicados ao Brasil em Itinerários e alguns fragmentos das Tisanas.

EXPERIMENTOS AUGUSTOS NA POESIA BRASILEIRA: CONTRAPONTOS ESTÉTICOS E ÉTICO-POLÍTICOS

Antônio Donizeti Pires

Resumo: Ressonâncias experimentais do Barroco português já aparecem em poemas visuais do Barroco brasileiro, bem como poemas figurados diversos (crucifixos, geometrismos, grafismos) estão presentes em nosso Romantismo (Fagundes Varela), Simbolismo (Hermes Fontes, Da Costa e Silva) e Modernismo (Cassiano Ricardo, Joaquim Cardozo), ao lado de outras formas de experimentação mais propriamente poético-verbais (Oswald de Andrade, Luís Aranha), numa evidência de que o "direito permanente à pesquisa estética" tem norteado nossos poetas. Dos anos 1950 a esta parte, pode-se dizer que tal "direito" transforma-se em "dever", se pensarmos que a pesquisa estética das neovanguardas concretista (esta, sobretudo), neoconcretista, praxista e outras, imbui-se agora de forte carga teórico-conceitual (também crítica, tradutória e revisionista), aguçando o pendor racional-construtivo do poema, o rompimento de fronteiras entre as linguagens tradicionais (artísticas e não-artísticas), a exploração inaudita da tipografia e dos aspectos verbivocovisuais (e cinéticos) do texto, indo de suas unidades mínimas (semema, fonema, grafema) ao todo do poema e suas relações e correlações com o tempo e o espaço. Se tal conjunto de procedimentos evidencia o "desautoritarismo" estético, a contraparte ético-política deste está ressaltada nos modos vários de resistência ao capitalismo, aos costumes, às tradições engessadas, aos desmandos de governos autoritários. Embora não esteja só, penso na obra exemplar de Augusto de Campos, que no presente século XXI é acompanhado por um Ricardo Aleixo, um André Vallias, um

Arnaldo Antunes etc., ao menos em parte de suas produções. Nosso objetivo principal, portanto, é esboçar alguns momentos do percurso augusto.

AS NEO-VANGUARDAS E O ENSAIO DE HAROLDO DE CAMPOS

Bernardo Viana Pinto

Resumo: O discurso do "fim das vanguardas" define parte de uma operação normativo-propositiva pela qual damos sentido ao nosso presente. Após a época das totalizações (vanguardas históricas), do conflito entre diferentes projetos gerais e das utopias da transformação, entramos na época das multiplicidades, isto é, da pluralidade de alternativas estéticas, da desaparição dos antagonismos individuais e normativos dos meios artísticos. Para que o nascimento do paradigma da multiplicidade histórica fosse possível no contexto da literatura brasileira fez-se necessária uma recusa generalizada às opções estéticas por parte do poeta e tradutor Haroldo de Campos a partir de uma leitura sincrônica da história da literatura. O autor reafirma uma possível reinvenção do presente ao reconhecer na eleição de um determinado passado modo à recuperar, para utilidade imediata de um fazer poético da "agoridade", momentos de ruptura de determinado presente com o passado, isto é, aporias históricas. No lugar de uma perspectiva de futuro utópica - explicitamente propositiva - típica das vanguardas, a "agoridade" atribui sentido à época pós-utópica, que tenta superar as antinomias e contradições das vanguardas históricas. A multiplicidade tem como fim a superação das referências que sustentam os limites das opções estéticas e ideológicas do passado enquanto realiza uma leitura contemporânea do fim das vanguardas. Como projeto de investigação comparativa, gostaria de analisar dois artistas brasileiros vivos, são eles: Aline Motta e Nuno Ramos. Percebe-se na obra destes dois artistas a construção de uma dimensão crítica em torno da recusa das fronteiras dos meios artísticos; a diversidade de mídias, por sua vez, aparece como negativo da avidez totalizadora das vanguardas e como intenção de ruptura e inovação técnica.

O ARQUIVO EM ZIG-ZIG-ZÁ: EXPERIMENTOS DA FUGA EM ESCRAVOS DE JÓ, DE ALINE MOTTA

Felippe Nildo Oliveira de Lima

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de Escravos de Jó (2016), de Aline Motta, como livro de artista em que a experimentação formal se articula a uma política de reabertura, desmontagem e remontagem do arquivo da escravidão. A obra se apropria de anúncios de fuga, compra e venda de pessoas escravizadas publicados em jornais brasileiros do século XIX, deslocando palavras, ícones e fragmentos da

imprensa oitocentista para um dispositivo composto por páginas soltas, transparências, sobreposições e recombinações gráficas. Nesse processo, materiais produzidos pela lógica senhorial da captura são convertidos em sinais de evasão, resistência e invenção de liberdade. A comunicação buscará demonstrar como Motta relê a cantiga/brincadeira "Escravos de Jó" a partir de uma constelação visual e sonora marcada pela roda, pela circularidade e pelo legado banto, em especial pelos vocábulos em quimbundo mobilizados na obra. A esse respeito, a aproximação entre "Jó", "dinjó" e "NZO", situados no campo semântico da casa senhorial, tensiona o imaginário doméstico da casa-grande e reinscreve a figura da mulher negra escravizada sob o signo da fuga. Ao mesmo tempo, a produção dialoga com procedimentos da poesia concreta, sobretudo na articulação entre palavra, imagem, espacialidade e gesto, como se observa na transformação do "zig-zig-zá" da brincadeira infantil em diagrama gráfico de deslocamento e esquiva, capaz de atualizar a iconografia do arquivo da escravidão. Ao exigir o manuseio, a sobreposição e o desdobramento das páginas, Escravos de Jó convoca o leitor a participar da construção dos sentidos, convertendo a leitura em prática corporal e performativa, nos termos de uma "leitura gingada". Desse modo, o livro radicaliza uma noção expandida de poesia, na qual arquivo, oralidade, visualidade e participação do leitor se entrelaçam como formas de desautoritarismo estético, ético e político.

A TROVA DE CAETANO

Fernando Velasco

Resumo: Ao mesmo que mantêm intenso diálogo criativo e forte atenção crítica à Música Popular Brasileira em geral e ao Tropicalismo em particular, a Poesia Concreta, manifestação por excelência da Literatura Experimental no Brasil, valoriza, como se assim reivindicasse esse precedente para suas próprias investigações da linguagem e para toda poesia digna desse nome, a tradição trovadoresca: em Traduzir e Trovar (1968), Augusto e Haroldo de Campos elegem a trova provençal como precursora de uma arte que reconheceriam ser também, por exemplo, a de Caetano Veloso. Nessa perspectiva, seria então possível argumentar que a poesia do Caetano dos irmãos Campos não só é uma Gaia Ciência, no sentido de Friedrich Nietzsche, um saber assente na mais forte ligação entre o pensamento e a vida natural, como também, e mais fundamentalmente, que a poesia do Caetano de Augusto e Haroldo reanima no Brasil moderno as potências criativas que na Grécia arcaica teriam para Nietzsche engendrado a lírica de Arquíloco: uma forma artística que daria testemunho de um registro estético em que se sobrepõem poesia e música, poema e canto, palavra e voz. Com Caetano, a MPB se tornaria então também ditirambo dionisíaco, na medida em que devolveria a linguagem à sua raiz sensível, o corpo, elevando-a em relação à

sua função menos natural, a significação: mais do que comunicar ideias ao intelecto, o ditirambo de Caetano Veloso corresponde criativamente às potências gerativas da terra – como sugerem por exemplo letras como "Alguém cantando" (1977) e "Minha voz, minha vida" (1983). E assim Caetano daria sua própria resposta à exigência concreta de radicalização poética da linguagem, situando-a entretanto não em um depois, mas em um antes do poema: não no esgotamento do ciclo histórico do verso, mas em um retorno moderno e renovado à sua pré-história.

A GLOSSOLALIA CONTRA O LOGOS: A POESIA CONTRA O PODER NOS DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

Gustavo Silveira Ribeiro

Resumo: A poesia experimental no Brasil e em Portugal foi marcada, entre outras coisas, por um desejo de destruir a linguagem. Poetas como Haroldo de Campos, António Aragão, Sebastião Nunes, Salette Tavares, Waly Salomão e Alberto Pimenta, entre outros, autores que compuseram parte das suas obras nas décadas de sessenta e setenta do século passado, período em que, nos dois países, estavam instalados governos ditatoriais, procuraram decompor as palavras em seus poemas até o nível das sílabas e das letras, transtornando, assim, o sentido da comunicação e da fluência da linguagem. Seus poemas emperravam a leitura melodiosa e reconfortante do texto, fazendo a língua gaguejar e pôr em xeque a racionalidade da escrita. Em vasta medida, essa operação de sabotagem da linguagem poética não era apenas um aceno antiliterário e contracultural que queria chocar o público e contrariar decoros poéticos tradicionais - era também, e fundamentalmente, um modo político de posicionar a poesia contra os discursos e a língua melíflua do Poder. Diante da tradição retórica e grandiloquente do Estado Novo português e da Ditadura Civil-Militar no Brasil, do seu uso calculado e ideológico da palavra (e mesmo da palavra poética, sobretudo de certas formas canção popular), alguns dos principais poetas ligados às neovanguardas dos lados do Atlântico chamaram para si a tarefa de desfazer os liames convencionais da linguagem: desestruturar a sintaxe, desmantelar a semântica, tornar por vezes irreconhecíveis o léxico e a ortografia. A tarefa da destruição e a perspectiva crítica desses poemas buscou revelar os silêncios, os mal-entendidos e a força de desobediência da linguagem cotidiana - ou até o que havia de problemático e paralisante nos cânones poéticos do idioma. Ao opor a potência desviante do erro e da descompostura contra as certezas da linguagem oficial, a poesia experimental articula um modo subversivo de dizer não.

A POESIA BILINGUE DE RUY BELO: CRISE NOS TEMAS E NAS FORMAS

Isabela Dias Benassi Carvalho

Resumo: "Devo contar que Herberto Helder me convidou para colaborar com o artigo de apresentação no primeiro número de Poesia Experimental. Mas eu andava ocupado a estudar Fonética e Linguística, ainda mandei vir livros, acabei por demorar muito. Só por isso não colaborei. No entanto, estive atento a tudo e o meu último livro, Boca Bilingue, é testemunho disso." Esse relato de Ruy Belo evidencia sua posição em relação ao movimento estético em ascensão na década de 1960 e contribui para situar Boca Bilingue como uma obra que dialoga criticamente com o experimentalismo do período. O livro, que quase recebeu o título de "Alguns poemas menores", reúne uma série de procedimentos formais e de referências laterais, muitas vezes secundárias ou esquecidas, da tradição literária portuguesa, criando um trabalho de deslocamento no interior do próprio cânone. Como afirma Oswaldo Silvestre (1997, p. 9), essa obra "parece inverter a máxima adorniana, acolhendo o Novo sob o manto do inconsumpto de um Antigo que, como o Livro, é sem princípio nem fim, ou seja, 'contínuo'". A partir de uma leitura das séries "Laboratório" e "Variações sobre 'o jogador do pião'", que reúnem sonetos com sutis alterações e modulações de forma e de tema, propomos discutir aquilo que o próprio Ruy Belo identifica como sua "obra de crise". Interessa-nos observar como essas séries exploram a repetição, a variação mínima e a reescrita como procedimentos estéticos numa conjuntura tardo-modernista.

POR UM GENEALOGIA EXPERIMENTAL DO POEMA-ENSAIO ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Jessica Di Chiara Salgado

Resumo: A etiqueta poema-ensaio vem sendo atribuída com alguma frequência pela crítica a textos versificados que carregariam consigo características teóricas, de autorreflexividade, consciência e investigação dos próprios procedimentos de escrita. Tais escritos suportariam um tom de oralidade que passeia indistinta e não hierarquicamente entre os registros acadêmico, biográfico, narrativo e crítico. No caso da poesia contemporânea, o termo passou a ser utilizado pela crítica mais recorrentemente a partir da virada dos séculos XX para XXI, para falar de obras literárias deliberadamente híbridas e experimentais e, por isso mesmo, de difícil classificação pelas teorias dos gêneros. Mesmo sem atribuir essa etiqueta a nenhum de seus poemas, a poeta e tradutora brasileira Marília Garcia tem sido considerada uma poeta-ensaísta (KLINGER, 2021; DI CHIARA, 2024) que cerca o seu tema com indagações, perguntas e dúvidas, com um trabalho que incorpora a forma do ensaio — a procura reflexiva e pessoal do gênero de Montaigne — à forma do verso. Diferindo do caso da poeta brasileira, já em 1981, a escritora e professora

Ana Hatherly tentava pensar algumas "Notas para uma teoria do poema-ensaio" e em 1987, intitula um de seus poemas como "A idade da escrita (poema-ensaio)". Nesta comunicação, propomos traçar uma genealogia experimental do poema-ensaio entre Brasil e Portugal a partir do caso destas duas autoras.

DESAPRENDIZAGEM E DESAUTORITARISMO. A POESIA CONTRA CONVERVADORA EM PORTUGAL.

Lucia Liberato Evangelista

Resumo: argumento elogioso, mas impropério a ser vociferado contra o inimigo: "o Dantas é um habilidoso" (1972: 42). Também em Portugal, nos anos Quarenta e Cinquenta, no espírito surrealista — no qual "o domínio da literatura [fora] explodido de dentro" (Benjamin 1987: 22) — Mário Cesariny enfatiza a distância entre poesia e habilidade, quando afirma que ao dizer "poeta", não diz "fazedor de poemas", diz "poeta, figura bem mais vasta do que andam a ler os tipógrafos" (Cesariny: 2015, 102). Alberto Pimenta e Alexandre O'Neill, por sua vez, irão valorizar a escrita literária enquanto processo de desaprendizagem (cf. Pimenta 1980/ O'Neill 1980). Poetas sem Qualidades é o título da antologia que a editora Averno publica em 2002 — reunindo os poetas (chamados de "puetas") Ana Paula Inácio, Carlos Alberto Machado, Carlos Luís Bessa, João Miguel Queirós, José Miguel Silva, Nuno Moura, Rui Pires Cabral e um Anónimo (todos eles com os nomes escritos em minúsculas). No prefácio à antologia, intitulado "O tempo dos puetas" lemos: "estamos perante o reino do quantitativo, da mercadoria que se assume como tal. Ao homem reificado, cabe um tempo — e também, cada vez mais, um espaço – sem qualidades" (2002: 10). Bem mais recentemente, Adília Lopes, no registro abertamente autobiográfico que lhe é tão peculiar — e que se torna ainda mais evidente nos últimos livros — quebra o primado do logocentrismo ao afirmar: "Aprendo a escrever com os pardais" (2022: 37). Minha comunicação se volta a discutir como a derisão da habilidade ou o elogio da "desaprendizagem" tem sido um tópico estético-político, em Portugal, o "país dos poetas".

ALUSÃO AO CORPO: POESIA E MANUALIDADE

Luís Matheus Brito Meneses

Resumo: Neste trabalho, assumo o poema como imagem, a fim de propor o deslocamento de uma expressão crítica das artes têxteis para a poesia: uma "compulsão à manualidade" no contemporâneo, o que diz respeito, segundo Maria Angélica Melendi, a obras de confecção "quase artesanal" e com traços ingênuos e infantis (2024, p. 123). Aproximo-me do trabalho crítico de Melendi para ler uma série de poemas de "origem-destino", de Alícia Duarte Penna, na qual ela alude ao arquivo materno mediante o

conjunto de títulos: “Por minha mãe”, o nome da série; “Notícias”, “Caderno incompleto” e “Declaração”, os nomes de cada um dos poemas, que — publicados em itálico — reiteram o procedimento de apropriação por meio do qual eles foram criados. As peças recuperam recortes de jornais, listas de leituras e fragmentos de diário, respectivamente. Ao final de cada poema, a autora insere alguns versos entre parênteses, relembrando ora o encontro com o arquivo, ora a materialidade dele. Em “Caderno incompleto”, leio, por exemplo: “(A tinta, em folhas sem pauta,/ sob capa em adamascado/ sobre duro papelão.)” (Penna, 2023, p. 54). No livro, a singularidade caligráfica tanto de mãe quanto de filha se perde por causa da padronização tipográfica. No entanto, a continuidade da grafia antiquada, sobretudo em “Declaração”, faz crer que o corpo materno é conjurado no seio da operação poética. Como signo ínfimo, o corpo resiste ao encobrimento que, desde a máquina de escrever, afeta a escrita. Aqui, assim como recorro às reflexões de Maria Angélica Melendi (2024), recorro às reflexões de Henri Focillon (2025), Friedrich A. Kittler (2019), Roland Barthes (1974), Silvina Rodrigues Lopes (2022) e Viviane Matesco (2009), para que possa pensar em corpo, manualidade e escrita com os poemas de "origem-destino".

O ARQUIVO EM VERSO: MEMÓRIA, VESTÍGIO E EXPERIMENTALISMO EM MAX MARTINS E AGE DE CARVALHO

Mariana de Meira Polli Artigas

Resumo: A presente comunicação analisa a interlocução poética entre Max Martins e Age de Carvalho, tomando a paisagem da praia do Marahu como eixo simbólico para investigar de que modo a poesia constitui um lugar em que memória, imagem e escrita operam como formas de elaboração e permanência diante da morte. O objetivo central deste estudo é propor reflexões sobre o arquivo como materialidade e como tema da arte e da literatura contemporâneas, observando como esses registros transcendem o caráter documental. Para tratar de aspectos ligados à fotografia e à intermidialidade, utilizam-se, respectivamente, estudos de Sontag (2004) e Berger (2023). No que tange ao dialogismo, recorre-se a Clark e Holquist (1998). A metodologia fundamenta-se em uma leitura cruzada de dois poemas e de uma fotografia, sustentada teoricamente pelo pensamento de Derrida (2001), Antelo (2007) e Arfuch (2009), permitindo que o arquivo seja compreendido como um espaço vivo de evocação e de abertura para o experimentalismo poético. Enquanto Martins realiza, em sua cabana no Marahu, um inventário da paisagem e de seus elementos naturais, Carvalho retorna a esse espaço por meio da escrita e de um registro fotográfico de Max Martins, produzindo, a partir dele, uma fotografia-poema, ou uma segunda relação derivada da imagem, estabelecendo um diálogo com as considerações de Paz (2012) acerca da poesia e de

sua relação com a imagem. Conclui-se que a paisagem do Marahu e as marcas dessa interlocução poética inscrevem-se em um território de resistência da memória. Nos poemas "Marahu: primeira relação" e "Marahu: segunda relação (fotografia)", vida, experiência e escrita entrelaçam-se de modo a imortalizar o efêmero, estabelecendo a linguagem poética como o lugar em que o vivido adquire permanência e sentido simbólico.

COMO SE ESTIVÉSSEMOS NUM PALIMPSESTO DE CANTOS: O FIO, A MORTE E AS CARPIDEIRAS DE JUSSSARA SALAZAR

Marina Baltazar Mattos

Resumo: As Parcas são três divindades que controlam o fio da vida, no ritmo da roca de fiá-lo, sorteá-lo e medir seu tempo, para, enfim, cortá-lo. Na mitologia romana, são denominadas Moiras, e têm seus nomes equivalentes à função cronológica deste fiar: Nona, Décima e Morta. Estes nomes aparecem e reaparecem ao longo dos poemas e livros da poeta e artista pernambucana Jussara Salazar. Partindo de pesquisas no Agreste de Pernambuco, ou do interior de Portugal, Salazar estabelece uma poética em palimpsesto: riscando em cima, rasurando, apagando e escrevendo por cima de toda uma tradição. No entanto, a tradição está lá, ainda que apagada, servindo de base, eco, rasura, negação, ampliação e apropriação. É nesse sentido que a poeta vai trabalhar os processos do fiar, desde o vocabulário íntimo e doméstico das rendeiras do sertão brasileiro, como na corruptela do apelido que se chamam, filha, no livro Fia (2016), até as mulheres contratadas para chorar e velar os mortos no interior do Brasil, tradição de rastro lusitano que ela tenta percorrer, no livro Carpideiras (2011). Morte, vida, fiação, canto e choro se fazem presentes nestas viagens que se experimentam a partir dos poemas. Do sagrado ao profano, a poeta que também é pesquisadora e também é artista, dessacraliza, como Duchamp, chamando o poema para o fazer comum, e, ao mesmo tempo, o reinscrevendo, a partir da voz das fiandeiras e das carpideiras, em seu ofício cotidiano – como no trabalho de um poema, em que a única coisa que há a fazer é refazer-se, e isso não é tarefa simples.

ST: LITERATURA NA SALA DE AULA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Coordenação: Ana Carolina Miguel Costa e Gabriela Bruschini Grecca

Resumo: O ensino de literatura nas escolas, particularmente no contexto brasileiro contemporâneo, encontra-se atravessado por tensões constitutivas que envolvem, entre outros aspectos, a relação entre

tradição e inovação, cânone e diversidade, fruição estética e instrumentalização pedagógica. Tais tensões revelam não apenas disputas teóricas e metodológicas, mas também diferentes concepções acerca do papel da literatura na formação dos sujeitos. Nesse cenário multifacetado e, por vezes, contraditório, a escola permanece como um dos principais espaços de iniciação ao universo literário, sendo, para muitos estudantes, o primeiro e, em alguns casos, o único ambiente de contato sistemático com obras literárias. Conforme assinala Teresa Colomer (2024), constitui tarefa social da escola garantir o acesso à literatura ao longo de toda a infância, promovendo experiências de leitura que ultrapassem a mera decodificação e favoreçam a construção de sentidos. Em consonância com essa perspectiva, Marisa Lajolo (1993) destaca que o processo de formação do leitor se inicia na sala de aula, especialmente nos primeiros anos de escolarização, quando se estabelecem as bases para a constituição de práticas leitoras significativas. Nesse sentido, pensar o ensino de literatura implica reconhecer sua dimensão formativa, estética e ética, bem como problematizar as condições concretas em que esse ensino se realiza, uma vez que se, por um lado, o ensino de literatura pode atuar como prática de resistência frente a processos de homogeneização cultural, por outro, também pode, quando reduzido a abordagens normativas, contribuir para a reprodução de hierarquias e exclusões no campo literário Diante desse quadro, o presente simpósio propõe reunir pesquisadores, professores e estudantes de pós-graduação interessados em refletir criticamente sobre o lugar da literatura na sala de aula articulando práticas pedagógicas, teoria literária e contribuições da Literatura Comparada. Entre esses diferentes eixos, torna-se fundamental considerar os modos de mediação que configuram o ensino de literatura, bem como os critérios que orientam a seleção e abordagem dos próprios textos, atentando-se para o papel dos agentes envolvidos nesse processo, isto é, para além dos professores, também há os materiais didáticos e políticas as curriculares, que incidem diretamente sobre as formas de acesso, interpretação e circulação das obras. Tal campo, conforme desenvolvido por estudiosos como Tania Franco Carvalhal (2003), Sandra Nitrini (2010) e Antonio Candido (1995), oferece instrumentos teóricos fundamentais para compreender a literatura como fenômeno histórico, social e estético, intrinsecamente vinculado aos contextos de produção, circulação e recepção. Nesse contexto, ganha relevância a compreensão das dinâmicas que regulam a visibilidade de determinados textos em detrimento de outros, assim como os efeitos dessas escolhas na constituição dos repertórios leitores e nas possibilidades de engajamento dos estudantes com a literatura. Além disso, a perspectiva comparatista possibilita ampliar o horizonte de leitura, promovendo diálogos entre diferentes tradições literárias, linguagens artísticas e matrizes culturais. Ao mobilizar os aportes da Literatura Comparada, busca-se tensionar práticas pedagógicas cristalizadas, frequentemente centradas em abordagens formalistas, historicistas ou excessivamente conteudistas, e fomentar experiências de leitura que valorizem a interpretação, a intertextualidade e a diversidade cultural. Nessa direção, o ensino de literatura pode configurar-se como espaço privilegiado para o desenvolvimento do pensamento crítico, da

sensibilidade estética e da imaginação, contribuindo para a formação de leitores capazes de estabelecer relações entre textos, contextos e diferentes formas de expressão artística. O simpósio convida, portanto, à submissão de comunicações que problematizem o ensino de literatura em suas múltiplas dimensões, com especial atenção às contribuições da Literatura Comparada. Serão bem-vindos trabalhos que abordem, entre outros temas: práticas pedagógicas no ensino de literatura; relações entre literatura e outras artes; leitura comparativa na escola; formação de leitores; revisões e deslocamentos do cânone literário; políticas públicas de leitura; e articulações entre teoria literária e prática docente. Incentivam-se, ainda, investigações que considerem contextos educativos diversos, bem como experiências que dialoguem com perspectivas críticas contemporâneas. Ao promover este espaço de reflexão, debate e intercâmbio acadêmico, espera-se contribuir para o fortalecimento de uma concepção de ensino de literatura que ultrapasse a lógica da mera transmissão de conteúdos e se afirme como prática crítica, dialógica e socialmente situada. Mais do que formar leitores competentes do ponto de vista técnico, trata-se de formar sujeitos capazes de interpretar o mundo em sua complexidade, reconhecendo na literatura um espaço privilegiado de construção de sentidos, de questionamento das realidades instituídas e de abertura para outras possibilidades de existência.

"EU ENTENDI DIREITO ESSA HISTÓRIA? OU SÓ EU ESTOU COM UM POUCO DE DIFICULDADE DE INTERPRETAÇÃO DESSE TEXTO?": A FORMAÇÃO PARA O ENSINO DE LITERATURA PELA VOZ DOCENTE

Ana Carolina Miguel Costa

Resumo: Para Teresa Colomer (2024), é função social da escola garantir o contato das crianças com os livros ao longo de toda a infância. Em perspectiva semelhante, Marisa Lajolo (1993) afirma que a formação do leitor tem início na sala de aula, nos primeiros anos de escolarização. Considerando essas premissas, compreende-se que o professor desempenha papel fundamental na mediação entre os estudantes e a literatura, o que torna imprescindível uma formação consistente para o desenvolvimento desse trabalho. Partindo dessa discussão, o presente trabalho, decorrente de pesquisa de doutorado, teve como objetivo investigar a formação de pedagogos para o ensino de literatura nos anos iniciais da educação básica. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo com professores de uma escola pública municipal do interior do estado de São Paulo. Como procedimento metodológico, foram promovidos encontros de leitura, análise e discussão de textos literários, os quais possibilitaram, simultaneamente, reflexões sobre a prática docente e sobre os processos formativos relacionados ao ensino de literatura. Neste trabalho, apresentam-se e

discutem-se dados produzidos durante a pesquisa a partir das vozes dos professores participantes. Os resultados evidenciam fragilidades na formação inicial e continuada para o trabalho com a literatura na escola. Contudo, os relatos dos docentes apontam que tais dificuldades extrapolam o âmbito individual da formação, revelando problemas de natureza estrutural que afetam as condições de ensino e a efetiva constituição de práticas literárias na educação básica.

ENTRE CICATRIZES E RECONSTRUÇÕES: UMA ANÁLISE DA LEITURA DO LIVRO-IMAGEM "KINTSUGI" NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Elisabeth Maria de Melo

Resumo: Este trabalho apresenta uma experiência de leitura literária com o livro-imagem "Kintsugi" (Watanabe, 2025) realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola pública localizada na periferia do Município de Jaboatão dos Guararapes (PE). O título da obra remete à arte japonesa que repara cerâmicas quebradas com uma mistura de resina e ouro, de modo a destacar as rachaduras restauradas. Inspirada nessa ideia, a narrativa acompanha um coelho que compartilha um café/chá com um pássaro. De forma repentina, uma cor branca envolve a ave, quebra objetos ao redor e provoca sua partida. Em busca do companheiro, o coelho atravessa diferentes espaços até reencontrar essa presença branca. Ao retornar para casa, percebe que nada permanece igual, sendo levado a lidar com as marcas e as 'quebras' deixadas pela experiência dolorosa. "Kintsugi" é estruturalmente complexo e permeado de simbolismo em camadas (Barbuscio, 2025), com uma multiplicidade de dobras narrativas, com a presença de tramas ocultas e cujas reviravoltas evocam significados profundos (Campagnaro, 2017). O livro também articula elementos visuais como cores, formas, páginas duplas, personagens antropomorfizados e metáforas que ampliam a construção de sentidos (Nikolajeva; Scott, 2011; Linden, 2018) - tais aspectos evidenciam o potencial pedagógico dos livros-imagem e de sua multimodalidade (Pereira, Gil & Bunzen, 2023). E a partir desses componentes, o presente trabalho objetiva analisar alguns aspectos que constituem o livro-imagem, nas perspectivas de uma educação dialógica (Freire, 1967); da educação literária (Zilberman, 2004; Medeiros & Ribeiro, 2024); da mediação literária (Bajour, 2023; Munita 2024); da experiência literária (Larrosa, 2025), e de como os estudantes apreciaram as dimensões éticas e estéticas da obra. Assim, com notas de campo e fotografias, foi possível analisar os comentários dos discentes e de como as múltiplas camadas e a profundidade de "Kintsugi" reverberaram nas suas histórias de vida.

LEITURAS, IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES: A LITERATURA DE AUTORIA LGBTI+ NA ESCOLA

Julia Ferri Pinto

Resumo: O presente trabalho é um recorte da investigação de mestrado intitulada "Roteiros identitários: a produção de identidades e a literatura de autoria LGBTI+ na cultura escolar", cujo objetivo foi investigar as conexões entre a literatura de autoria LGBTI+ e a produção de identidades na cultura escolar. Entre as ferramentas metodológicas desenvolvidas ao longo da pesquisa, destaca-se a realização de um grupo focal com pessoas estudantes do IFRS – Campus Osório, com a finalidade de compreender suas percepções acerca da presença da literatura de autoria LGBTI+ nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, bem como suas buscas por essas produções e os efeitos delas na construção de identidades. Por meio do grupo focal, observou-se que a literatura de autoria LGBTI+ é raramente trabalhada em sala de aula. Ainda assim, as pessoas discentes buscam essas produções em diferentes gêneros literários, canônicos ou não, como mangás, fanfics, romances e histórias em quadrinhos. Mesmo sem ampla inserção no currículo escolar, tais produções interpelam os sujeitos e produzem saberes sobre as temáticas que abordam. Além disso, os relatos apontam que essas leituras auxiliam no reconhecimento da própria existência e da existência do outro, evidenciando a importância da representação e do sentimento de pertencimento. As discussões desenvolvidas revelam que as/os estudantes não ocupam um lugar passivo diante das práticas de leitura, mas mobilizam diferentes estratégias de busca e apropriação dessas obras, relacionando-as às suas experiências de vida. Nesse contexto, a pouca circulação da literatura de autoria LGBTI+ nas aulas evidencia tensionamentos relacionados ao currículo, às práticas pedagógicas e aos modos pelos quais determinadas narrativas são legitimadas no espaço escolar. Assim, compreende-se que essa literatura ocupa um papel significativo na produção de sentidos, subjetividades e relações mais plurais e inclusivas no ambiente educacional.

VOZES SILENCIADAS NA SALA DE AULA: LITERATURA SURDA, GÊNERO E PEDAGOGIAS DA ESCUTA

Leonardo Ribeiro de Barros

Resumo: O trabalho em questão discute as possibilidades pedagógicas da peça Vozes Silenciadas para o ensino de literatura surda, especialmente no recorte da educação básica, técnica e tecnológica. Vinculada a uma pesquisa em desenvolvimento sobre literatura surda e formação escolar, a reflexão parte da

compreensão de que a escola constitui um espaço de disputas simbólicas no qual determinadas experiências e narrativas permanecem historicamente invisibilizadas. Nesse contexto, a obra é analisada como uma produção literária e performática capaz de problematizar os silenciamentos que atravessam sujeitos surdos e dissidentes de gênero, produzindo outras formas de escuta, reconhecimento e pertencimento. Baseada em relatos reais e protagonizada por atrizes surdas, a peça aborda questões relacionadas ao diagnóstico, à educação, ao trabalho, à exploração financeira e à discriminação, configurando-se como um manifesto em defesa da justiça, da dignidade e do empoderamento da comunidade surda. O estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e dialoga com as contribuições de Anzaldúa (1987), Arroyo (2007), Butler (1990) e Santos (2007), mobilizando conceitos relacionados às identidades fronteiriças, aos corpos invisibilizados pelo currículo, à performatividade de gênero e à valorização de epistemologias marginalizadas. A análise busca compreender como a peça mobiliza experiências corporais, linguísticas e afetivas que desafiam padrões normativos presentes nos processos educacionais. Argumenta-se que a inserção de obras dessa natureza no trabalho com literatura pode favorecer práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade humana, ampliando repertórios de leitura e promovendo o diálogo entre diferentes modos de existir e narrar o mundo. Desse modo, o trabalho pretende evidenciar o potencial de espetáculos como Vozes Silenciadas enquanto dispositivos formativos capazes de tensionar hierarquias culturais e contribuir para a construção de ambientes escolares mais plurais, democráticos e atentos às múltiplas experiências de seus estudantes.

A PLATAFORMA LEIA PARANÁ É COMPATÍVEL COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES?

Suelen Ariane Campiolo Trevizan

Resumo: Enquanto o número de leitores diminuía em âmbito nacional, segundo a 6° Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024), o Governo do Paraná anunciou que os estudantes da rede estadual haviam lido mais de 1 milhão de livros em 2025. Esse índice foi registrado pela plataforma Leia Paraná, recurso digital adotado compulsoriamente pelas escolas estaduais paranaenses desde 2023. A migração em massa para a leitura digital se efetivou sem plano de adaptação nem avaliação qualitativa, conforme Relatório do Tribunal de Contas do Estado do Paraná (2024). Atualmente, o ensino de literatura está atrelado ao cumprimento de metas dessa plataforma, que conta com apenas 89 obras literárias (abrangendo Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio). Considerando esse cenário, nosso objetivo é analisar se a plataforma Leia Paraná segue as diretrizes estabelecidas pelas políticas vigentes para a formação de leitores. Para isso,

apoiamo-nos na experiência subjetiva de leitura discutida por Petit (2008) e na formação de leitores literários apresentada por Colomer (2007). Como metodologia, faremos a análise documental dos seguintes textos, considerando as reflexões de Ball e Mainardes (2011) sobre os ciclos de políticas educacionais: Base Nacional Curricular Comum (2018); Política Nacional de Leitura e Escrita (2018); Plano Nacional do Livro e da Leitura (2026-2036); Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura do Paraná (2013-2023). Ao comparar as políticas públicas estabelecidas ao longo de diversos governos com a prática de uma única gestão no Estado do Paraná, discutiremos possíveis tensões e lacunas na formação de leitores nas escolas estaduais, em especial: a privatização dos acervos escolares; a desvalorização das bibliotecas físicas; a padronização de repertório, métodos de discussão e avaliação das leituras; e o apagamento de autores locais. Desse modo, espera-se contribuir para o debate sobre a relação entre a plataformização da educação e a formação de leitores literários.

ST: LITERATURA PRODUZIDA POR MULHERES AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS: DIÁSPORAS, MEMÓRIAS, PROCESSOS IDEOLÓGICOS E PROJETOS POLÍTICO-ESTÉTICOS

Coordenação: Aldinida de Medeiros Souza, Cíntia Acosta Kütter e Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Resumo: Este simpósio tem por objetivo refletir como, por meio de suas obras, escritoras africanas e afro-brasileiras constroem uma linguagem literária singular, vetor de memória ancestral e plataforma para a projeção de futuros alternativos. Busca-se compreender como a escrita literária de autoria feminina se torna espaço de poder de fala (Ribeiro, 2017), de reconfiguração histórica, resistência cultural e afirmação das subjetividades negras e/ou afrodiaspóricas. Priorizando um aporte teórico interdisciplinar, que articula os feminismos decoloniais (com destaque para Lélia Gonzalez e Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí), o conceito de Escrevivência (Conceição Evaristo) e a crítica pós-colonial (Achille Mbembe). este espaço de debate visa investigar os modos como essas autoras elaboram narrativas que corporificam, de forma interseccional, as experiências de raça, gênero e colonialidade. Sobre as possibilidades de discussão com as literaturas africanas e afro-diapóricas, Lélia Gonzalez e Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí possibilitam análises que desconstroem a dominância epistêmica do Ocidente, reposicionando o racismo e o sexismo como elementos centrais para entender a produção literária e cultural de mulheres africanas e em diáspora. Ambas as autoras, apesar de suas origens distintas (o Brasil da Amefricanidade e a Nigéria Iorubá), convergem em uma crítica contundente ao eurocentrismo e ao colonialismo, disponibilizando ferramentas para analisar a resistência e a autonomia nas narrativas afro-diaspóricas. Nesse contexto, suas contribuições conjuntas para a literatura

podem originar reflexões que incluem a interseccionalidade e o conceito de "Amefricanidade" (Gonzalez). Gonzalez propõe uma leitura da literatura negro-brasileira como um instrumento de denúncia contra a tripla opressão (raça, classe, sexo) e como uma valorização do "pretuguês" e das influências culturais africanas na América, sugerindo um feminismo afro-latino-americano. Já a desconstrução do gênero colonial (Oyěwùmí) é realizada pela socióloga nigeriana, que questiona a categoria "gênero" na análise de sociedades africanas pré-coloniais (iorubás), evidenciando que o gênero é uma concepção ocidental imposta pela colonização. As análises de Gonzalez e Oyěwùmí possibilitam que se interpretem as literaturas africanas e afro-diaspóricas como produções de contra-narrativa, que desafiam o apagamento histórico e reafirmam a subjetividade e a resistência de corpos negros africanos e afrodiaspóricos. A escrevivência, um conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, é uma ferramenta essencial para realizar uma análise crítica de obras escritas por mulheres, em especial as negras. Essa abordagem propõe uma escrita que se origina do corpo, da memória e da experiência compartilhada. Com ela, é possível desconstruir narrativas dominantes, enfatizando a resistência, a ancestralidade e a denúncia das desigualdades relacionadas a raça, classe e gênero. A relevância da escrevivência na crítica literária feminina pode ser compreendida através de alguns aspectos: a validação das experiências vividas como forma de conhecimento, onde se legitima as histórias e memórias de mulheres marginalizadas como um espaço de produção de saberes; a "Escrita de Nós", que transforma experiências individuais em resistência, mostrando que a trajetória de uma personagem, como em Ponciá Vicêncio ou Olhos d'Água, representa a dor e a força de muitas; a crítica ao "Brutalismo Poético", em que Evaristo aborda temas severos — como racismo, violência doméstica e pobreza — com uma linguagem poética e delicada. Isso permite que a crítica analise como as obras de mulheres retratam a dor sem desumanizar as personagens, inserindo-as em uma tradição de resistência; a descolonização do olhar e do gênero, rompendo com a representação estereotipada da mulher negra que prevalece na literatura brasileira tradicional, conferindo-lhes subjetividade e complexidade. Essa abordagem possibilita uma análise que enfoca o feminismo negro, considerando a intersecção entre racismo e sexismo; a subversão da oralidade, ao incluir expressões populares e a voz de mães e avós, Evaristo valoriza formas de conhecimento que não se submeteram à escrita oficial, oferecendo novos parâmetros para a crítica literária. As concepções de Achille Mbembe enriquecem os estudos literários ao fornecerem ferramentas teóricas e críticas—em especial a necropolítica e a análise da razão negra—que possibilitam examinar de que maneira as narrativas literárias abordam questões como a violência colonial, a administração da morte, o racismo estrutural e a desumanização. A obra de Mbembe é fundamental para a compreensão da literatura contemporânea e pós-colonial, em particular das produções africanas e diaspóricas, que se configuram como espaços de resistência e reinterpretação da história, abordando temas como sobrevivência, memória e o "devir negro" do mundo.

(O simpósio visa evidenciar, coletivamente, que essa escrita não se limita à abordagem de temáticas específicas, mas se constitui como um contundente ato de reexistência.)

Nesse sentido, acolhemos abordagens que contemplem cartografias de escritas literárias de autoria feminina dos países africanos e do contexto afro-brasileiro.

"MEMÓRIA, DIÁSPORA E ESCRITA DE MULHERES NEGRAS EM ÁGUA DE BARRELA E UM DEFEITO DE COR: NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA"

Adriana Aires da Silva

Resumo: O presente trabalho propõe analisar as relações entre memória, diáspora e escrita de mulheres negras nos romances Água de Barrela, de Eliana Alves Cruz, e Um Defeito de Cor, de Ana Maria Gonçalves, compreendendo essas narrativas como espaços de reconstrução histórica e de resistência aos processos de apagamento produzidos pela colonialidade. Partindo da perspectiva de que a literatura de autoria feminina negra tem desempenhado papel fundamental na recuperação de experiências silenciadas pela historiografia oficial, investiga-se como as obras mobilizam a memória ancestral e a experiência diaspórica para construir trajetórias de mulheres negras que desafiam os discursos hegemônicos sobre raça, gênero e pertencimento. Água de Barrela, a narrativa recupera a genealogia de uma família negra desde o período da escravidão até a contemporaneidade, evidenciando a transmissão de memórias, saberes e estratégias de resistência. Já em Um Defeito de Cor, a trajetória de Kehinde articula a experiência da captura, da travessia atlântica, a escravização e a busca por autonomia, configurando uma narrativa que reinscreve sujeitos negros no centro da história brasileira. A análise fundamenta-se nas contribuições dos estudos do feminismo negro e da teoria decolonial, especialmente nas reflexões de Sueli Carneiro (2019) sobre a condição das mulheres negras na América Latina; Maria Lugones (2014) acerca da colonialidade de gênero, e de Gloria Anzaldúa (2012) sobre fronteiras e identidades híbridas.

MOVIMENTOS DIASPÓRICOS LITERÁRIOS EM ANÁLISE: A TERRA NATAL COMO PARTIDA E CHEGADA

André Araujo Pires Ferreira

Resumo: O presente estudo investiga a experiência do deslocamento (displacement) na literatura contemporânea de autoria feminina da diáspora africana, detendo-se na produção literária das escritoras

Yaa Gyasi e Chimamanda Ngozi Adichie. O foco central reside na complexa relação estabelecida entre a movimentação rumo à terra estrangeira e o subsequente retorno à terra natal. O objetivo principal é verificar e problematizar como a mobilidade física e subjetiva das personagens é afetada pelas contínuas heranças históricas e psicológicas do colonialismo. Para viabilizar esta investigação, realiza-se uma análise literária comparativa entre Ifemelu, protagonista do romance Americanah (2013), de Adichie, e Marjorie, personagem que encerra a teia narrativa em Caminho de casa (2017), de Gyasi. O arcabouço teórico-metodológico examina as trajetórias dessas mulheres sob a ótica das políticas de mobilidade expostas por Tim Cresswell, estabelecendo um diálogo crítico com as perspectivas sobre a colonialidade de Frantz Fanon, Albert Memmi e Cláudio Braga. A pesquisa demonstra que as complexas trajetórias de partida, trânsito e retorno das personagens não representam apenas movimentos geográficos, mas rotas ativamente remoduladas e ressignificadas pelos múltiplos vínculos sociais e culturais cultivados antes, durante e após o processo de deslocamento. Dentre os aspectos que formulam essa relação na tessitura narrativa de ambas as obras, o afeto, a memória e o multifacetado sentido de pertencimento emergem como elementos estruturantes nos caminhos percorridos pelas protagonistas, moldando de forma decisiva suas identidades frente aos desafios da mobilidade transnacional.

POIESIS DO CORPO-TELA: ENTRE CANTO E COREOGRAFIA, AS PRÁTICAS ARTÍSTICAS DA ENCRUZILHADA DE NATASHA FELIX E ROSANA PAULINO

Carla dos Santos e Silva Oliveira

Resumo: Nos anos 1980, Leda Maria Martins lançou mão do conceito de encruzilhada, território fundado pela intersecção de distintos caminhos, para conceber um princípio epistemológico imbricado ao movimento. Esse paradigma, comumente relacionado a Exu – orixá da linguagem e da comunicação nas crenças de matriz africana –, foi transportado para o âmbito acadêmico devido à vivência da professora no Congado, manifestação sacro-cultural brasileira composta por elementos cristãos e afrodiaspóricos, o que favoreceu a criação de uma clave teórica firmada a partir do saber transmitido pela corporeidade: ritos, cantos, danças, performances etc. Nessa perspectiva decolonial, cujo cerne é a desestabilização de um modelo eurocêntrico que se estabelece como único, este estudo pretende fazer alguns apontamentos sobre as obras da poeta Natasha Felix, como a plaquete Inferninho e o livro Três vezes Lázaro, e da artista visual Rosana Paulino, como a videoinstalação "Das avós" (2009) e a instalação "Tecelãs" (2003). O objetivo é identificar como as suas práticas poéticas se valem de um pensamento matizado por uma corporeidade constitutiva, expressa pelo corpo-tela – em que as imagens são, também, sonoras e cinéticas

–, para afirmar outros modos de habitar o mundo. O aparato teórico do presente trabalho ficará por conta da obra Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela, da já mencionada professora Leda Maria Martins, especialmente a sua reflexão acerca da poiesis do corpo-tela, que privilegia realizações estéticas cujo convite a ver é precedido pelo convite a escutar.

UMA ENCRUZILHADA DE SABERES E MEMÓRIAS: PERCEPÇÕES ENTRE ORALITURAS, REINADO E MARACATU

Francisco Alisson de Sousa Barbosa

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo dialogar, a partir das percepções da simbologia da memória presentes nas Congadas e nos Maracatus, sobre um percurso de territorialidades e desdobramentos culturais. Para isso, estabelece-se um diálogo entre a obra *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*, de Leda Maria Martins, e a prática da brincadeira de maracatucá. Nesse contexto, a pesquisa toma como objeto as loas temáticas dos cortejos realizados em Fortaleza-CE durante os desfiles carnavalescos, com destaque para a canção *Saberes do Rosário: das congadas ao manto que alumia Fortaleza*, de autoria do Maracatu Vozes da África (2026). Outro elemento que compõe esta investigação é o livro *Um Exu em Nova York*, de Cidinha da Silva, obra que mobiliza narrativas de memória e ressignifica a noção de fala e escuta. A aproximação entre Cidinha da Silva e Leda Maria Martins evidencia a presença da encruzilhada como categoria de leitura, bem como a crítica aos processos de apagamento histórico. Em ambas as obras, a figura de Exu emerge como mensageiro e mediador, articulando memória, ancestralidade e dimensões do sagrado. Desse modo, reflete-se sobre como escrever uma história silenciada pelos mecanismos coloniais. Quando os documentos oficiais excluem as experiências de determinados povos, é pela memória que essas narrativas podem ser reconstituídas. Nesse sentido, o conceito de "afrografias" apresenta-se como instrumento de resgate e valorização das culturas africanas e afro-diaspóricas. A palavra assume um papel fundamental, constituindo-se como poder de revelação diante do esquecimento, enquanto as oralituras tornam-se elementos centrais desse processo.Sob essa ótica, cantos, danças, ritmos e narrativas são compreendidos como formas de transmissão de conhecimento. O corpo torna-se voz e os instrumentos, mensageiros. O tambor representa o axé e a conexão entre os mundos material e espiritual. Por fim, observa-se que as Congadas encontram desdobramentos nos Maracatus Cearenses, cujas agremiações fortalecem identidades afro-brasileiras presentes nas loas e na composição de seus cortejos.

LITERATURA E CULTURA NEGRO-BRASILEIRA: POR UMA MATRIZ CURRICULAR DIVERSA E INCLUSIVA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO NOS INSTITUTOS FEDERAIS DO RS

Gustavo dos Santos Rodrigues

Resumo: O presente projeto de pesquisa, intitulado "Literatura e Cultura Negro-brasileira: por uma matriz curricular diversa e inclusiva no ensino médio integrado nos Institutos Federais do RS", investiga a presença da literatura e cultura negro-brasileira nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) dos 17 campi do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), com foco na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. Parte-se da constatação de que, apesar da obrigatoriedade legal instituída pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, bem como pelo artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, persistem lacunas na inserção dessas temáticas nos currículos. O problema central consiste em compreender como os currículos de Literatura Brasileira incorporam ou negligenciam perspectivas afrodiaspóricas, considerando impactos na formação crítica dos estudantes. A investigação analisa presenças, ausências e formas de abordagem, problematizando silenciamentos e exclusões epistemológicas. O estudo fundamenta-se na Teoria Crítica da Raça, nos estudos sobre branquitude e nos estudos decoloniais, entendendo o currículo como espaço de disputa simbólica e política. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa com análise documental dos PPCs. O objetivo geral é analisar esses documentos considerando a presença ou ausência de perspectiva afrodiaspórica. Como objetivos específicos, propõe-se identificar referências ao pensamento negro-brasileiro e examinar criticamente suas ausências e presenças à luz das Diretrizes Nacionais para as Relações Étnico-Raciais, construindo indicadores analíticos. A relevância reside na promoção de uma educação antirracista e inclusiva. A pesquisa está em desenvolvimento e ainda não apresenta resultados conclusivos.

SILÊNCIO E TRANSLINGUAGEM EM PONCIÁ VICÊNCIO E PERRO VIEJO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA E GLOTOPOLÍTICA

Kelly Menezes Santos

Resumo: Esta comunicação apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que investiga o funcionamento do silêncio e da translinguagem como estratégias discursivas de resistência e reconfiguração identitária em Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo (Brasil), e Perro Viejo (2006), de Teresa Cárdenas (Cuba). O objetivo é analisar de que modo esses operadores discursivos e glotopolíticos

tensionam a normatividade da língua e produzem sentidos sobre a experiência afrodiaspórica. A pesquisa se ancora na Análise do Discurso de linha materialista, em diálogo com a Glotopolítica, e articula as contribuições de Segato (2018) e Andrade (2024) para pensar as relações entre colonialidade e contrapedagogias do literário (PÊCHEUX, 1975; ORLANDI, 2007; LAGARES, 2018) Teoricamente, as obras são lidas na articulação entre a memória discursiva da diáspora, compreendida como interdiscurso, e a formulação na materialidade discursiva, compreendida como intradiscurso. A partir de Orlandi, o silêncio é entendido não como ausência, mas como gesto político de recusa, proteção e produção de sentidos interditados: em Ponciá Vicêncio, o silêncio opera como dispositivo de resistência coletiva e apagamento imposto; em Perro Viejo, emerge como autopreservação diante da violência colonial. A translinguagem, por sua vez, atua como prática epistêmica e decolonial que evidencia a circulação entre repertórios linguísticos e variantes, desestabilizando o paradigma monolíngue (LI; GARCÍA, 2022). Metodologicamente, a investigação baseia-se na leitura de marcas linguísticas e enunciados que evidenciam a eficácia desses operadores. Parte-se da hipótese de que tais recursos não são apenas traços estilísticos, mas formas de intervenção discursiva que configuram práticas contrapedagógicas e antirracistas, em diálogo com a Lei 10.639/2003 e com a perspectiva Sul-Sul entre Brasil e Cuba, além de evidenciar diálogos de resistência, ancestralidade e reconfiguração identitária atravessados pela colonialidade.

QUANDO A TERRA NARRA PELOS CORPOS: ECOFEMINISMO E CORPO-TERRITÓRIO EM MATA DOCE, DE LUCIANY APARECIDA

Laianni Vitoria Cosme e Silva

Resumo: Em Mata Doce (2023), da escritora baiana Luciany Aparecida, acompanhamos trajetórias femininas marcadas por disputas em torno da terra, da memória e da própria existência. Em uma narrativa na qual mulheres e território se apresentam profundamente imbricados, a violência que incide sobre os corpos femininos reverbera sobre a terra, assim como a exploração da terra reverbera sobre os corpos. Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa objetiva analisar a construção do corpo-território na obra, investigando de que maneira as experiências das personagens femininas evidenciam aproximações entre a dominação das mulheres e a exploração do território. Fundamentamos nossa análise nos pressupostos do ecofeminismo de Shiva (1988; 1993), especialmente em suas reflexões acerca das relações entre patriarcado, colonialidade e exploração da natureza, bem como nas contribuições de Cabnal (2010) e Cruz Hernández (2023a; 2023b), que compreendem o corpo-território como espaço de disputa, despossessão, pertencimento e defesa da vida. Metodologicamente, a pesquisa consiste em uma análise bibliográfica e

crítico-interpretativa do romance. A partir da leitura empreendida, observamos que Mata Doce representa a terra não como cenário passivo, mas como território vivo atravessado pelas mesmas dinâmicas de controle, violência e expropriação direcionadas às mulheres. Em contrapartida, as personagens femininas elaboram formas coletivas de cuidado, permanência e resistência que possibilitam a defesa simultânea do corpo e do território. Concluímos que o romance constrói Mata Doce como um território de reexistência feminina, no qual a preservação da vida, da memória e da comunidade emerge como enfrentamento às permanências da colonialidade e às lógicas de exploração que incidem sobre mulheres e natureza.

A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS EM CAROLINAS (2021): REFLEXÕES SOBRE DORORIDADE, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA

Lariza Aparecida Pimentel

Resumo: A literatura negra brasileira contemporânea constitui-se como um espaço de resistência, ancestralidade e construção identitária, especialmente por meio da escrita de mulheres negras, historicamente marcadas pelos discursos hegemônicos. Nesse contexto, a coletânea Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras (2021) atualiza as lutas contra o racismo e o sexismo ao retomar, a trajetória de Carolina Maria de Jesus, cuja produção literária permanece fundamental para a compreensão das desigualdades sociais e raciais no Brasil.Este estudo fundamenta-se em uma análise bibliográfica e interpretativa da coletânea Carolinas (2021) e o uso do termo dororidade, conceito formulado por Piedade (2017), como elo entre memória, ancestralidade e resistência, por meio da escrita das mulheres negras, revelando a potência coletiva que surge das experiências históricas de violência e exclusão, relacionadas às suas vidas e experiências. A pesquisa apoia-se nos referenciais teóricos de Vilma Piedade (2017), Sueli Carneiro (2023) e Lélia Gonzalez (2018 e 2020), Candido (2003), Carine (2024), Collins (2019), Fanon (2020), Kilomba (2021), Lejeune (2008), hooks (2019 e 2021), Evaristo (2005, 2018, 2020 e 2023), dentre outros. Problematiza o racismo estrutural e compreende a literatura como espaço de elaboração política, social ee de reinserção da memória ancestral. As narrativas analisadas demonstram que a dororidade transcende a sororidade, pois se constrói a partir da dor histórica vivenciada por mulheres negras, articulando experiências individuais e coletivas de sofrimento, resistência e potência transformadora. Desse modo, a literatura torna-se espaço de memória, resistência e fortalecimento das lutas antirracistas, e reafirma a potência da escrita negra feminina como instrumento de denúncia. Carolinas (2021) se torna uma obra fundamental para a compreensão do processo de formação e

transformação social, como prática literária capaz de converter dor em resistência, silêncio em palavra e memória ancestral em horizonte de emancipação.

SE ESSA RUA FOSSE MINHA: OS ESPAÇOS POR ONDE CIRCULAM MULHERES NEGRAS NAS NARRATIVAS DE AUTORIA NEGRA FEMININA BRASILEIRAS.

Marcia Cristina Roque

Resumo: A Literatura Contemporânea brasileira conta hoje com um ramo forte e frutífero: a Literatura de Autoria Negra Feminina, cujas autoras têm produzido obras de grande circulação que fazem movimentar vivências de mulheres negras em cenários que vão desde as senzalas do período do Brasil escravocrata até as ruas das grandes metrópoles dos dias atuais. Para Conceição Evaristo, o que essas autoras fazem é escrevivência, pois, como griotes, as narradoras, muitas delas protagonistas, falam não somente de sua trajetória, mas ecoam as vozes de todas as mulheres negras que vieram antes delas e subvertem os papéis, trazendo para suas páginas personagens representadas com agência, subjetividade e dicção próprias. Nessas narrativas, o espaço é um elemento central na construção da vida dessas mulheres, na medida em que ora se apresenta como comunidade, que abraça e é coletivo, ora se faz como espaço hostil, no qual as mulheres negras são o outro que não é bem-vindo. A partir das noções de espaço de Milton Santos e Beatriz Nascimento, o presente estudo analisa como diferentes territórios são representados na Literatura de Autoria Negra Feminina, notadamente nas obras de Lilia Guerra e Eliana Alves Cruz, "O Céu para os Bastardos" e "Solitária", respectivamente. Nas duas obras há um elemento temático em comum: o trabalho doméstico e a odisseia dessas mulheres entre a periferia das cidades e os bairros centrais onde trabalham. A respeito dessa temática, emprega-se a visão de Lélia Gonzalez sobre o papel social da mulher negra. Este trabalho é parte de uma pesquisa intitulada "Abrindo fissuras no cânone literário: práticas pedagógicas com literatura afro-brasileira", na qual já foram analisadas outras obras de autoria negra feminina, nas quais se observa a permanência do tema e a forma como o espaço configura a identidade dessas mulheres.

MULHERES AFRODIASPÓRICAS EM SOLITÁRIA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Chrisllayne Farias da Silva e Maria Gorette de Brito Silva

Resumo: Este artigo analisa o romance Solitária (2022), de Eliana Alves Cruz, com foco nas representações femininas afrodiaspóricas que transitam entre silenciamentos, resistências e estratégias de sobrevivência. A protagonista, Eunice, encarna a mulher negra historicamente relegada ao espaço da

servidão doméstica, marcada pela exploração do trabalho, pela invisibilidade social e pela negação de direitos básicos. Sua filha, Mabel, simboliza a luta pela ruptura desse ciclo, ao aspirar tornar-se médica e libertar a mãe da condição subalterna. A narrativa evidencia como a estrutura social brasileira conserva resquícios da lógica colonial, perpetuando a associação dos corpos negros femininos à subalternidade, à subserviência e ao apagamento histórico. A análise crítico-interpretativa do romance fundamenta-se em referenciais teóricos da crítica feminista, dos estudos afrodiaspóricos e decoloniais, mobilizando autores como: Duarte e Nunes (2020), Lélia Gonzalez (2020), Paul Gilroy (2010), Stuart Hall (2015), Maria Lugones (2014), Françoise Vergés (2020) e Gayatri Spivak(2001), a fim de compreender a obra como denúncia das desigualdades sociais e da herança escravocrata que atravessam a experiência das mulheres negras. Conclui-se que Solitária integra o projeto político de Eliana Alves Cruz, ao revelar as estruturas racistas que persistem no Brasil, além de constituir-se como literatura de resistência, ao expor as tensões entre opressão e emancipação e propor uma reflexão crítica sobre o papel da população afrodiaspórica nos contextos sociopolítico, cultural e econômico.

MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE DE MULHERES NEGRAS EM ÁGUA DE BARRELA, DE ELIANA ALVES CRUZ

Maria Izabel Alves de Oliveira

Resumo: A narrativa de Água de Barrela (2018), de Eliana Alves Cruz, evidencia trajetórias de mulheres negras ao longo de várias gerações, articulando experiências de trabalho, educação, religiosidade e resistência diante das diversas formas de opressão. Tecido pela memória e pela ancestralidade, o romance desloca o olhar da história oficial e reescreve e inscreve sujeitos historicamente silenciados no processo de formação da sociedade brasileira. Ao recuperar experiências e saberes transmitidos entre gerações, a obra evidencia a centralidade das mulheres negras na preservação da memória coletiva e na construção de estratégias de sobrevivência e resistência. Nesse contexto, a interseccionalidade permite compreender como as personagens femininas são atravessadas por múltiplos marcadores de subalternização, decorrentes do entrecruzamento de raça, gênero e classe, os quais produzem formas específicas de discriminação e vulnerabilidade social. Esta comunicação tem como objetivo analisar como a transmissão de memórias e saberes realizada pelas personagens femininas constitui uma estratégia de resistência aos processos históricos de apagamento cultural, social e espiritual produzidos pela colonização. A metodologia de pesquisa adotada caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, articulando análise literária e crítica cultural. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições de Lélia Gonzalez (2020), cujas reflexões

evidenciam a centralidade da memória, da ancestralidade e de aspectos culturais das mulheres negras; de Sueli Carneiro (2005), com discussões sobre a deslegitimação dos saberes produzidos pela população negra; de Carla Akotirene (2019), cuja abordagem interseccional possibilita compreender o entrecruzamento de raça, gênero e classe na constituição das experiências das personagens; e de Djamila Ribeiro (2017), para quem a produção de narrativas próprias constitui uma forma de enfrentamento aos processos históricos de silenciamento. Nesse contexto, Água de Barrela evidencia múltiplas formas de existência, trabalho, cuidado, educação e transmissão cultural, revelando como as mulheres negras, mesmo submetidas a opressões interseccionais, constroem estratégias de sobrevivência, preservação cultural e afirmação identitária.

TÍTULO: "MESMO SEM FALA, A TERRA DIZIA": ESCREVIVÊNCIA E REEXISTÊNCIA AFRODIASPÓRICAS EM TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

Pâmella Flávia de Souza Calaça

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura de Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, a partir do conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo, articulando-o às discussões sobre memória ancestral, oralidade e reexistência afrodiaspóricas na literatura brasileira contemporânea. Nosso estudo busca compreender de que modo a narrativa inscreve experiências negras femininas marcadas pela colonialidade da terra, violência histórica e permanência de estruturas raciais herdadas do sistema escravocrata brasileiro. Partindo de um aporte teórico transdisciplinar, nossa leitura estabelece interlocuções entre a escrevivência (Evaristo), a Amefricanidade (Lélia Gonzalez) e necropolítica (Achille Mbembe), compreendendo a literatura como espaço de elaboração da memória coletiva e de resistência epistêmica. Nesse sentido, acreditamos que as trajetórias das personagens talvez estejam atravessadas pelo silenciamento, pela expropriação e precarização da vida negra rural, ao mesmo tempo em que reafirmam práticas de pertencimento, ancestralidade e insurgência comunitária. A oralidade, os saberes tradicionais e a centralidade das vozes femininas aproximam a obra de uma poética da escrevivência, em que memória e experiência se convertem em gesto ético e político. Assim, pretendemos demonstrar em que medida Torto Arado problematiza as experiências afrodiaspóricas para além da representação da dor, constituindo-se como narrativa de resistência das subjetividades negras na contemporaneidade literária brasileira atual e plural.

ESCREVIVÊNCIAS AMEFRICANAS: GENEALOGIAS FEMININAS NEGRAS E COSMOLOGIAS AFRO-DIASPÓRICAS EM PERSPECTIVA COMPARADA

Rafaela Kelsen Dias

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa de pós-doutoramento dedicada ao estudo comparado das obras de Conceição Evaristo e Toni Morrison, investigando as relações entre ancestralidade, gênero, memória, colonialidade e espiritualidade afro-diaspórica. Para os fins desta comunicação, a análise se concentra em Ponciá Vicêncio e na novela Sabela (de Histórias de leves enganos e parecenças), de Evaristo, tendo os romances Beloved e Sula, de Morrison, como interlocutores comparativos. A análise articula o conceito de escrevivência como categoria crítica organizadora, examinando como as narrativas de Evaristo constroem genealogias femininas negras não lineares, matrifocais e cosmológicas. Tais genealogias configuram formas de continuidade histórica e de reexistência que resistem à violência colonial sobre os corpos, as memórias e as espiritualidades negras. A partir da noção de "amefricanidade" proposta por Lélia Gonzalez, Evaristo e Morrison são situadas como vozes de uma mesma constelação diaspórica africana nas Américas, cujas escritas compartilham gramáticas estéticas e epistêmicas forjadas nas experiências de racialização, colonialidade e resistência. Mobilizando as contribuições de Lélia Gonzalez sobre a amefricanidade e a tripla opressão, de Achille Mbembe sobre a razão negra e a necropolítica, e de Leda Maria Martins sobre temporalidades espiralar e oralituras afro-diaspóricas, a comunicação propõe uma leitura que situa Evaristo no interior de um projeto político-estético afro-diaspórico mais amplo: a reinscrição das subjetividades femininas negras como arquivo vivo da resistência.

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA NEGRA EM OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Raissa Allyne Nascimento Souza

Resumo: A literatura afro-brasileira contemporânea tem se consolidado cada vez mais como um espaço importante de representação das experiências históricas e sociais da população negra, em especial das mulheres negras, as quais tiveram suas vozes silenciadas ao longo dos anos. Dentro deste prisma, a obra “Olhos d’Água” (2025), de Conceição Evaristo, apresenta narrativas marcadas pela memória, ancestralidade e resistência feminina diante das violências sociais e das desigualdades estruturais. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar de que maneira a autora constrói, por meio das

personagens femininas dos contos "Olhos d'Água", "Maria" e "Duzu-Querença", experiências de resistência atravessadas pela maternidade, pela pobreza e pelas relações de afeto e memória, além de observar como as vivências desses personagens tornam claro não apenas as marcas de exclusão social, mas também suas estratégias de sobrevivência e preservação da própria identidade. Para tanto, o trabalho se apoia no conceito de "escrevivência", desenvolvidopela propria autora, como tambem os estudos e reflexões das autoras bell hooks (2015) e Grada Kilomba (2020) acerca da memória, do corpo negro e das vozes historicamente marginalizadas. Além disso, utilizaremos os estudos de Michael Pollak (1989) acerca das intersecção entre memória, esquecimento e silêncio, Stuart Hall (2006), para compreender o conceito de identidade e, por fim, as reflexões de Eduardo de Assis Duarte (2020) sobre a literatura afro-brasileira como campo estético e político de afirmação identitária e resistência cultural. Nesse contexto, este trabalho busca demonstrar que "Olhos d'Água" transforma a experiência cotidiana da mulher negra em um espaço não apenas de denúncia e resistência, mas de reconstrução da memória coletiva, reafirmando a literatura afro-brasileira como instrumento político na valorização das subjetividades negras.

ST: LITERATURA, TERRITÓRIO INDÍGENA

Coordenação: Alexandre André Nodari, Pedro Mandagará e Marina Santos Ferreira

Resumo: A expressão "literatura indígena" tem sido usada para designar seja, em um sentido estrito, 1) a produção poética e ficcional (o que se costuma institucionalmente categorizar como "literatura" na acepção moderna) de autores indígenas, tais como Daniel Munduruku ou Graça Graúna (entre tantos outros); seja, em um sentido amplo que engloba o primeiro, 2) o conjunto dos textos escritos em escrita alfabética pelos povos originários (de teses a romances, de relatos a poemas) – nessa última acepção, a mais utilizada (e que remete ao sentido de "literatura" como o conjunto de escritos), entram não só A queda do céu, de Davi Kopenawa e Bruce Albert e os livros de Ailton Krenak, por exemplo, mas também teses e dissertações escritas por pesquisadores indígenas, e os livros escolares nativos; seja, por fim, em um sentido ainda mais amplo, 3) a totalidade da discursividade indígena, englobando o conjunto referido pela segunda acepção bem como as artes verbais nativas chamadas de orais (cosmologias, cantos rituais, narrativas tradicionais, etc.), publicadas ou não, e mesmo os grafismos e petróglifos indígenas, os quais provam que os povos originários jamais foram ágrafos. Mas, ainda que se possa distinguir tecnicamente os três usos do termo, a bem da verdade, pragmaticamente, eles fazem parte de um contínuo, pois em todos trata-se de nomear discursos nos quais os indígenas são os sujeitos. Afinal, mesmo que tenha havido aqui e ali momentos na história da literatura brasileira de reivindicações (tímidas) do lugar da autoria indígena na

literatura, distinguindo a literatura indígena da indianista (em que os indígenas são assunto – objeto – e não sujeitos), esse gesto quase sempre esteve acompanhado do nefasto procedimento que Ytanajé Cardoso chamou de "lendarização" das poéticas e narrativas indígenas, que reduz ao estatuto de lendas os mitos cosmogônicos, hoje chamados pelos indígenas de "história viva" ou "histórias de origem". Desse modo, dando prosseguimento a Simpósios Temáticos anteriores em eventos da ABRALIC ("A fronteira é dentro: ontocosmologias indígenas e afro-diaspóricas no Brasil", em 2024; "Ontocosmologias indígenas e estudos literários", em 2025) e a colóquios do grupo de pesquisa, registrado no CNPq e homônimo ao título do ST ora proposto ("colóquio literatura, território indígena", na UFC em 2024, e "II Colóquio Literatura: Território Indígena", a ser realizado no final do primeiro semestre de 2026 na UnB), pretendemos refletir sobre as transformações produzidas no campo literário quando ele é pensado e praticado como um território indígena, como um território de agência indígena. Afinal, a literatura indígena coloca uma série de problemas inéditos para os leitores (leigos ou especializados) não-indígenas: convenções e protocolos de leituras tradicionais são tensionados por dicções e recursos os mais diversos, dando a ver que a tradução à instituição literária de outras concepções da palavra, da escrita, da história, torna necessário, como aponta Ana Carolina Cernicchiaro, repensar conceitos e categorias da teoria literária, incluindo "o conceito homogêneo de literatura brasileira", e, mais em geral, "o que entendemos por literatura". Assim, ao assumirmos a literatura como território indígena, mais do que só considerar o histórico silenciamento de vozes, perspectivas e cosmologias originárias, propomos uma escuta ativa dos saberes comunitários e ancestrais, sobretudo dos povos de Abya Yala, como alternativa aos limites inequívocos do pensamento moderno ocidental. Para tanto, propomos três eixos de reflexão, articulados entre si: 1) a investigação de textos de autoria individual ou coletiva indígena, orais ou escritos alfabeticamente; 2) a revisão histórica da literatura brasileira atenta não só aos mecanismos de exclusão, invisibilização e deturpação da agência e autoria indígenas, mas também à reabilitação, a contrapelo da historiografia e mesmo da intencionalidade autoral, de vozes indígenas inscritas em textos de autoria não-indígena; 3) a reflexão teórico-conceitual sobre o impacto no campo literário da insurgência da literatura indígena. Nosso simpósio convida, portanto, pesquisadoras e pesquisadores indígenas e não indígenas à inscrição de comunicações que tenham por horizonte o diálogo com os saberes e as literaturas indígenas, relacionadas a um ou mais desses eixos, ou à proposta geral do Simpósio. Na escolha das comunicações, teremos como princípio basilar a de que o nosso objetivo primeiro é a de constituir um diálogo horizontal entre pesquisadores indígenas e não indígenas, reconhecendo a produção intelectual indígena não apenas como objeto de estudo, mas como fonte legítima de conhecimento e reflexão crítica e integrando, para tanto, diferentes áreas do conhecimento — como Literatura, Antropologia, Artes, História e Ciências Sociais.

LIVROS ORIGINÁRIOS

Alexandre André Nodari

Resumo: Na segunda metade do século XVI, estouraram no litoral tupinambá ocupado pelos invasores portugueses revoltas sócio-cosmológicas chamadas, na língua nativa, karaímonhanga, termo traduzido pelas forças colonizadoras como "santidades". À frente delas estavam indígenas catequizados pelos jesuítas, que passaram a tomar a mensagem cristã ao seu modo, apregoando a subversão da ordem colonial: os pretos, da terra (os indígenas) e de Guiné (as pessoas africanas escravizadas), como se os chamava, se tornariam senhores, e os brancos, escravos. A mais famosa (ou perigosa), um dos alvos da Primeira Visita do Santo Ofício à colônia, foi a Santidade de Jaguaripe, que cometeria uma heresia ulterior: a presença de "livros" numa escrita própria: "Eles têm livros feitos de casca ou de pequenas tábuas, distintos por marcas e letras desconhecidas". Esses livros que se "perderam" são não só os primeiros livros de autoria indígena de que se tem notícia no território que viria a se chamar Brasil, como também, possivelmente, uns dos primeiros confeccionados aqui. Primeiros e já outros, como se a história da literatura (no sentido de conjunto de livros) "brasileira" começasse já com(o) um desvio. Afinal, não se tratavam de livros comuns, mas inscrições num material outro que o papel (cascas de árvore, tábuas de madeira), num material de que o papel é feito, num papel originário, inscrições essas de caracteres desconhecidos: seriam grafismos?, seriam "imitação" da escrita alfabética, "imitação" que não se separa de uma concepção nativa que atribui à leitura de tais linhas-rios a capacidade de acessar e ouvir vozes de outros mundos? Uma outra história - do livro, da escrita em livro - já se armava aí, continuando, por outros meios, a longa história das escritas nativas (como os "letreiros de Makunaimî" nos montes do circum-Roraima), e continuada agora por inúmeros (mas ainda poucos) escritores indígenas.

MAR PARAGUAYO: CARTOGRAFIA DE UMA UMA VOZ QUE DESENHA FRONTEIRAS

Aline Bernardo da Silva

Resumo: Mar Paraguayo, do escritor paranaense Wilson Bueno, foi publicado pela primeira vez em 1992. Nele, acompanhamos a fala da personagem marafona, uma mulher guarani, possivelmente queer, que foi traficada de algum país fronteiriço com o Brasil para ser explorada em Guaratuba. Após a morte do velho, seu abusador e único suporte, ela passa a falar, ao que tudo indica num depoimento, no qual busca provar não ter envolvimento com o falecimento. Todo o dito por ela é um ato de rebeldia contra limites de diversos tipos. Ao produzir seu discurso em três idiomas que se misturam, português, espanhol e guarani,

ela se recusa a encaixar-se num plano criado por outrem: rebela-se contra as fronteiras físicas impostas pelo colonizador; e as menções que faz ao Ayvu Rapta e aos entes presentes nesse texto sagrado invocam não só tal busca por contato com as tradições de seu povo, mas também evocam um esforço de fazer do sagrado algo para si mesma. Ademais, ela luta contra a violência do apagamento da cultura, das crenças e da língua, seus e de seu povo. A fala da marafona, uma voz frequentemente ignorada, ao, enfim ser ouvida, é por si um ato de luta contra um modelo colonial de pensar e de construir uma sociedade, o que inclui a forma como explora os limites da sexualidade e do gênero . A obra de Bueno é reconhecida nacional e internacionalmente pelo lirismo dentro de uma narrativa em prosa, que faz uso de uma série de artifícios para desenvolver um texto capaz demonstrar a dor de viver. Este trabalho busca tratar deste encontro entre o mundo guarani e os dilemas da literatura, que se misturam na voz silenciada da marafona.

LENDAS EM NHEÊNGATÚ E EM PORTUGUEZ: NOVA EDIÇÃO DA OBRA DE BRANDÃO DE AMORIM A PARTIR DE "GUERRA DOS UANANAS"

Amanda da Silva de Melo Faria

Resumo: A coletânea Lendas em Nheêngatú e em Portuguez, de Antonio Brandão de Amorim, foi publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1928, dois anos após o falecimento de seu autor. Desde então, a antologia de mitos indígenas amazônicos, que registra e preserva dezenas de narrativas de diferentes povos da Região do Alto Rio Negro em nheengatu e em português, permanece restrita à sua edição centenária, o que restringe sua circulação e dificulta a difusão desse material de modo mais abrangente. Os textos da literatura ameríndia traduzidos para o português, responsáveis por influenciar diversos autores do Modernismo brasileiro (entre eles, Raul Bopp, que credita a Amorim a ideia germinal para a composição de Cobra Norato), carecem de exposição. Além disso, aspectos fundamentais do trabalho de tradução de Amorim passam despercebidos pelos que acessam a obra digitalizada do IHGB, pela ausência de material complementar que os detalhe. Desse modo, esta comunicação defende a necessidade de uma nova edição da coletânea Lendas em Nheêngatú e em Portuguez. A partir do capítulo "Guerra dos Uananas", ensaia-se uma edição crítica e comentada da obra, a fim de que se possa lançar luz sobre o trabalho de Amorim como etnógrafo e tradutor e sobre os aspectos dessa antologia que terão contribuído para mudar o curso da literatura nacional.

A INSCRIÇÃO TUPI-GUARANI NA LITERATURA BRASILEIRA

Ana Clara Demier

Resumo: Buscamos aqui circunscrever as relações das cosmologias tupi-guarani com a literatura no contexto do Antropoceno. Os textos literários que analisamos são o álbum musical Língua Brasileira (2022), de Tom Zé, e a novela Mar Paraguayo (1992), de Wilson Bueno. Procuramos desenvolver a análise das obras utilizando uma bibliografia teórica composta por textos etnográficos e antropológicos como A fala sagrada, de Pierre Clastres (1991), Terra sem Mal, de Hélène Clastres (1978), As lendas de criação e destruição do mundo de Curt Nimuendaju ([1914]1987) e Ayvu Rapyta: a cosmopoética guarani-mbyá, de Adalberto Müller (2026), a fim de apontar para a presença dos textos mítico-cosmológicos tupi-guarani na composição do disco e da novela. Entendemos que a presença destes saberes ancestrais na literatura contemporânea faz surgir uma brecha na qual a metafísica Ocidental é confrontada a outras concepções cosmológicas reprimidas no processo de colonização. Assim, veremos que o álbum Língua Brasileira é entretecido com canções que apresentam cosmologias indígenas e afrobrasileiras. Um exemplo é a faixa "Gênesis Guarani", que usa elementos das cosmologias tupi-guarani, que já estavam presentes no Mar Paraguayo. Essas duas obras compõem, portanto, um pequeno cânone de literaturas entretecidas pelo originário, o que se torna mais evidente quando se estabelece um diálogo interdisciplinar entre literatura e antropologia.

POÉTICA PAJÉ

André Luís Gardel Barbosa

Resumo: A elaboração de uma Poética pajé visa dinamizar interações entre redes de proposições estético-políticas extraocidentais e ocidentais, especialmente no que diz respeito a sistemas produtivos mitopoéticos - literários, das artes da cena, de performances poético-corporais -, com o intuito de abrir portais para se (re) pensar a produção crítico-criativa atual. Quer, a um só tempo, fortalecer "o encontro entre diferentes saberes e o saber do encontro" (Coccia, 2023, p.16), ao retirar elementos da filosofia prática xamânica do fundo do cenário da floresta e levá-la para a boca de cena de uma configuração plurinacional brasileira, gerando sentidos por meio de copresenças interétnicas, interartísticas, intertextuais. Para tal, se propõe a delinear noções experimentais de uma cosmopoética, esboçadas a partir da complexa concepção onírico-relacional vivenciada pelo pajé, de um "poliglotismo 'humanimal'" (Albert & Kopenawa, 2023, p.136), nos planos visíveis e invisíveis da experiência e da natureza. A figura milenar do xamã, multienunciada e polioutrada, feixe de agências, mestre dos acoplamentos, das traduções intersemióticas, das transduções anímico-virtuais, das negociatas da política cósmica, é compreendida aqui dentro das especificidades próprias às comunidades indígenas brasileiras. E é evocado tanto para

desconstruir, comparativamente, paradigmas logocêntricos ocidentais, como para executar alianças, re-visões e re-ligações estéticas e interculturais. A intrincada teia performático-discursiva em jogo nessa concepção envolve a produção de saberes diversos: de especialistas xamãs "detentores do conhecimento e da saúde", por meio da "manipulação metaquímica e metafísica das coisas" (João PauloTukano); das produções e concepções da Literatura compreendida como sistema mitopoético; dos variados caminhos das pesquisas antropológicas contemporâneas; do universo reflexivo-acionado cênico-performático; dos corpos e vozes indígenas trazendo sua filosofia da terra, do território, do cosmos, sua civilização sem fronteiras para circular pelos limites geopolíticos dos Estados-nações neoliberais.

NARRATIVAS INDÍGENAS DE TERROR E ASSOMBRAÇÃO: UMA CONTRAPOSIÇÃO À COMEMORAÇÃO DO HALLOWEEN NO ENSINO BÁSICO.

Bárbara da Cruz Santos

Resumo: O presente trabalho visa apresentar aos alunos do Ensino Básico as narrativas de terror e de assombração de autoria indígena e contrapor, suavemente, a comemoração do Halloween nas escolas. Visto que cada vez mais a cultura brasileira abre espaço às comemorações e tradições de origens estrangeiras, é necessário que façamos o resgate de rememorar as histórias contadas/escritas pelos os povos originários em sala de aula. O desconhecimento da literatura indígena – em especial à temática que se propõe neste projeto - ainda leva muitos alunos da educação básica a terem um olhar restrito à cultura nativa; a escassez de exemplares nas escolas também é um dos fatores que contribuem negativamente para essa invisibilidade do indígena como autor que busca sua própria voz, manifestando-a, nesses tempos, através dos textos literários. Cabe ao professor apresentar esse universo da literatura nativa aos seus alunos, pois, como mediador de leituras, este exerce um papel crucial para a formação de leitores competentes em temas variados e fazer a inclusão dos temas que abordem essa formação considerada 'nova' para a cultura brasileira. Uma vez que a maioria dos discentes valorizam e gostam de comemorar esse Dia das Bruxas, o intuito é apresentar as obras literárias que decolonizem esta valorização e cujos autores indígenas nos mostrem as visagens, visagentos, enjerados como assombrações reais que vem da floresta, dos rios e faz parte de histórias comuns do caboclo amazônida.

A CARTA GUARANI KAIOWÁ E OS LIMITES DO CONCEITO DE LITERATURA DIANTE DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS

Cecilia Lara da Cruz

Resumo: Este trabalho discute as relações entre literatura e território a partir do debate em torno da Carta Guarani Kaiowá de Pyelito Kue, documento produzido durante a luta pela retomada territorial dos Guarani Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Dialogando com reflexões de Antonio Candido, Marcos Natali, Mariana Ruggieri e, sobretudo, Marília Librandi-Rocha, analiso as tensões envolvidas na atribuição de estatuto literário a um texto cuja finalidade primeira não é estética, mas política: a reivindicação da terra. Argumento que a recepção acadêmica da carta revela um impasse recorrente nos estudos literários contemporâneos, marcado pela tentativa de incorporar ao campo da literatura enunciados que emergem de situações de urgência vital. Embora a leitura da carta como literatura possa ampliar sua circulação e potência crítica, cabe perguntar se essa operação responde às demandas dos próprios Guarani Kaiowá, cuja reivindicação central permanece sendo a demarcação territorial. Em contraste com esse problema, examino a produção de duas poetas indígenas contemporâneas que se inserem deliberadamente no sistema literário brasileiro: Sony Ferseck, do povo Macuxi, e Ellen Pirá Wassu, do povo Wassu Cocal. Em suas obras, território, memória, língua e cosmologia não aparecem como temas externos, mas como princípios organizadores da escrita. Seus poemas deslocam categorias tradicionais da crítica literária ao tensionarem as fronteiras entre mito, política, experiência histórica e criação estética. Defendo que essas autoras não apenas reivindicam um lugar na literatura brasileira, mas transformam o próprio conceito de literatura, produzindo formas poéticas atravessadas por cosmopercepções indígenas e por uma relação indissociável entre corpo, linguagem e território.

PALAVRA COMPOSTADA: CONCEPÇÕES INDÍGENAS DA PALAVRA E DESLOCAMENTOS DA TEORIA LITERÁRIA

Fernanda Gabriela Coelho Silva

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento. Nele, investiga-se como concepções indígenas da palavra podem deslocar categorias da teoria literária moderna, sobretudo aquelas que compreendem a linguagem como representação abstrata, separada do corpo, do território e da vida. Essa compreensão representacional é posta em tensão com cosmologias indígenas e com a pergunta sobre o que pode a literatura para além da representação (Nodari, 2019). Para isso, propõe-se a noção de palavra compostada, forjada no encontro entre a compostagem e práticas criativas, para pensar a palavra como materialidade viva, constituída por composições entre corpos, territórios, ancestralidades e formas coletivas de existência. A noção também dialoga com a perspectiva compostista de Haraway (2023), mobilizada como orientação metodológica para recusar separações entre pesquisador

e campo, teoria e prática, humano e não humano. Em especial, as noções guarani de nhe'ẽ (alma-palavra) e ayvu (som do corpo, fala), articulam palavra, fala, espírito e forças que movimentam o corpo como dimensões inseparáveis (Benites 2022b), convidando a repensar dicotomias entre escrita e oralidade, linguagem e mundo, sujeito e território . Em diálogo com produções literárias de mulheres indígenas contemporâneas, como Graça Graúna, Márcia Kambeba e Ellen Lima Wassu, examina-se como diferentes concepções da palavra atravessam práticas de escrita, criação e existência, reconfigurando noções de literatura, autoria e leitura. A pesquisa articula essas leituras a experiências de criação e escuta desenvolvidas junto à Aldeia Maraka'nã e ao onucleo, Núcleo de Pesquisa, Estudos e Encontros em Dança do PPGDAN/UFRJ. Esses espaços são compreendidos como territórios vivos de experimentação, nos quais palavra, corpo e território se constituem mutuamente. Busca-se, assim, imaginar a literatura não apenas como representação, mas como prática relacional de existência.

ENTRE VOZES E FLORESTAS: REGISTRO, TRANSCRIÇÃO E SALVAGUARDA CULTURAL DAS NARRATIVAS NOKE KOÎ

Juliane Nadal Cavalheiro da Silva

Resumo: As sociedades indígenas são estruturadas pela potência de suas narrativas vivas e histórias ancestrais que explicam a origem do universo, dos seres encantados e das suas relações com a natureza. Este trabalho apresenta as etapas iniciais de uma pesquisa de doutorado dedicada ao registro, gravação e transcrição das histórias vivas do povo originário Noke Koî (Katukina, família linguística Pano), distribuídos nas terras indígenas dos rios Gregório e Campinas, no Acre. O corpus em construção provém de um contato etnográfico sistemático de dois anos ao longo da BR-364, no município de Cruzeiro do Sul - AC. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se na escuta atenta e na etnografia da escrita, operando colaborativamente com lideranças locais, anciões e professores bilíngues da escola indígena para a tradução intercultural das narrativas para a língua portuguesa. O objetivo central nesta fase é documentar a tradição oral frente ao risco iminente de perda de memórias históricas. Teoricamente, o estudo tensiona as categorias da Teoria Literária convencional, historicamente monológicas e eurocêntricas, ao propor uma abordagem que abarque a enunciação múltipla e o perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro. Dialoga-se, assim, com as proposições de Alexandre Nodari sobre o Antropoceno e a virada ecológica, investigando como a oralidade e o mito operam como modos complementares de enunciação na cosmologia Noke Koî, capazes de suspender a barreira ocidental entre humanidade e natureza. Conclui-se que o registro dessas histórias não apenas salvaguarda um patrimônio imaterial urgente, mas redefine a

nossa compreensão contemporânea acerca da literatura e da relação entre as diferentes agências que habitam o mundo.

"SOU KAMBEBA E EXISTO SIM": A POESIA INDÍGENA DE MÁRCIA KAMBEBA COMO PRÁTICA LITERÁRIA DE REEXISTÊNCIA

Julya Sampaio Ribeiro dos Santos

Resumo: Cada vez mais, as literaturas indígenas têm se destacado por possibilitar um amplo espaço literário no qual seus textos são evocados para uma manutenção de luta e uma relação identitária expondo sua cultura. Dentre os autores dessa literatura, Márcia Wayna Kambeba, escritora indígena brasileira do povo Omágua-kambeba, tem se destacado por refratar em suas poesias a luta dos povos originários através dessa identidade cultural e saberes ancestrais. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar a poesia de Márcia Wayna Kambeba, como prática literária de reexistência (Souza, 2011; Amorim e Silva, 2019; Amorim et. al.., 2022). Em vista disso, dialogo, também, com as teorias literárias indígenas (Baniwa, 2019, Dorrico, 2020, 2022; Graúna, 2013, Potiguara, 2024; Munduruku, 2017, Wapichana, 2012, Werá, 2017), os letramentos de reexistência (Souza, 2011; Amorim e Silva, 2019; Amorim et. al.., 2022) e as ideias do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2002, 2010; Volóchinov, 2013). Com base nesse arcabouço, foram analisados quatro poemas da obra Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade, sendo eles: "Ay Kakyri Tama Eu moro na cidade", "Ser indígena, ser Omágua", "Silêncio guerreiro" e "Território ancestral", selecionados a partir da relação entre (re)existência, identidade e território e os saberes ancestrais. Ao final da análise, foi perceptível que os poemas se inscreveram como práticas literárias de (re)existências a partir do modo pelo qual a sua poesia resgata, ressignifica e reafirma os saberes ancestrais e a identidade cultural de seu povo, fazendo do espaço literário um lugar de sobrevivência que (re)existe diante das forças deslegitimadoras e centralizadoras do discurso.

LITERATURA INDÍGENA E COSMOPOLÍTICA DOS CARIRIS DA PARAÍBA

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

Resumo: Este texto traz uma experiência de análise literária, situada na iniciação científica desenvolvida no Ensino Médio do Instituto Federal da Paraíba – Campus Monteiro, voltada à retomada das memórias e dos pertencimentos indígenas no Cariri Ocidental Paraibano. A pesquisa tem como objetivo compreender como a aproximação dos estudantes com as cosmologias indígenas pode contribuir para a construção de uma educação intercultural crítica, comprometida com a valorização dos saberes ancestrais e com o

enfrentamento das epistemologias coloniais que historicamente silenciaram os povos originários. Do ponto de vista metodológico, o estudo adota a autoetnografia como estratégia de produção de conhecimento, entendida como uma ciência do sensível, capaz de articular experiência, memória e reflexão teórica. O diálogo com intelectuais indígenas, como Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Kaká Werá e Graça Graúna, fundamenta a análise e permite tensionar as narrativas hegemônicas da história brasileira, evidenciando a centralidade da oralidade e das histórias de vida como dispositivos pedagógicos. Os resultados indicam que a educação, quando concebida como aprendizagem da cultura, enquanto um exercício de literatura como antropologia especulativa possibilita a reconstituição de vínculos identitários, o fortalecimento dos pertencimentos territoriais e a emergência de práticas educativas cosmopolíticas, orientadas pela relacionalidade entre humanos e não humanos. Assim, o capítulo contribui para repensar o ensino de Antropologia na Educação Básica, afirmando a complementaridade entre ciências indígenas e ciência acadêmica como horizonte para a produção de conhecimentos plurais e situados.

PARA PENSAR A FLORESTA PELOS XAPIRI: A QUEDA DO CÉU COMO UM CONTRADISCURSO AO ETNOCÍDIO YANOMAMI

Marilia Gabriela Alves Oliveira

Resumo: São muitas as formas narrativas que Davi Kopenawa (2015), juntamente com o antropólogo francês Bruce Albert, mobilizam ao longo da obra A queda do céu: palavras de um xamã yanomami para que os brancos, napë, pensem, com retidão, sobre os habitantes da floresta . Uma das manifestações que ecoam ao longo do texto são as vozes dos xapiri, os múltiplos seres que seguram o céu desde sua queda, no primeiro tempo. Acessados em sonho e/ou com a inalação da yãkoana, o xamã faz descer os xapiri, questionando o próprio lugar do humano que atuam como verdadeiros guardiões da vida na floresta, seja ela material, simbólica ou cosmológica (Viveiros de Castro, 2018) . Sabe-se, contudo, que, desde os anos 1970, os Yanomami vêm sofrendo com diversos episódios de genocídio e etnocídio que desestabilizaram seus modos de vida tradicionais e dizimaram centenas de parentes. Nesta comunicação, atenho-me à forma como esses seres nos possibilitam refletir sobre a floresta, a partir de sua articulação como defensores da urihi-a (Kopenawa/Albert, 2023), produzindo um discurso que caminha na contramão destes crimes impostos aos Yanomami. Assim, pode-se perceber que a presença dos xapiri não compete apenas ao plano simbólico, mas são agentes essenciais para que o ecossistema amazônico e seus habitantes existam e que os xamãs possam defendê-lo. Percebo que a ação dos espíritos conflui materialmente nas palavras de Davi e na defesa de seu território; analisando as leis internas da cosmologia Yanomami, expressadas em A queda

do céu, onde os espíritos são encontrados em outros planos, mas são fundamentais para a manutenção da vida. A finalidade deste trabalho é elevar a epistemologia própria de Kopenawa para perceber como essas entidades cosmológicas auxiliam diretamente na percepção de um contradiscurso que se desloca e se contrapõe às práticas etnocidas voltadas às sociedades indígenas.

NARCISA: LITERATURA INDIANISTA E POLÍTICA INDIGENISTA

Marina Santos Ferreira

Resumo: Inicialmente em formato de folhetim, sob o pseudônimo de Indygena do Ypiranga, Ana Luísa de Castro Azevedo publica, em 1859, em edição única, o romance D. Narcisa de Villar. Abordando relações interétnicas no contexto colonial brasileiro, o texto se inscreve no que conhecemos por indianismo romântico, movimento que, em larga medida, nos legou uma imagem idealizada do indígena, alinhado a concepções rousseaunianas do "bom selvagem" ao mesmo tempo em que ressalta aspectos da condição da mulher naquela estrutura patriarcal. Tendo em vista a ausência de escritoras mulheres no movimento, este trabalho é parte de uma pesquisa, ainda em andamento, que busca resgatar e ler publicações de escritoras relacionando-as à produção indianista hegemônica do período. A presente comunicação tem por objetivo explorar a elaboração narrativa de Ana de Castro, evidenciando os pontos de contato e de divergência em relação àquela, tendo em vista a invisibilização do romance pela historiografia literária brasileira. Pretende-se destacar o aspecto narcísico sugerido pelo título e pelo nome da protagonista, bem como os recursos de que se lança mão para reivindicar uma suposta agência indígena tanto na escolha do pseudônimo como no enquadramento narrativo na medida em que se trata de um romance em mise-en-abyme, em que se sugere que a narrativa propriamente dita é uma espécie de "tradução", por parte da narradora, de uma história contada pelas indígenas Mãe Micaela e tia Simôa. Assim, parto da hipótese de que ao inscrever seu romance como obra colaborativa com uma suposta enunciação indígena, Ana de Castro tensiona, já no século XIX, os limites mesmos de uma concepção tradicional e hegemônica de literatura, ainda que atravessada pelas limitações próprias àquele contexto.

EM BUSCA DE UM OBJETO PROPRIAMENTE AMERÍNDIO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O "PADRÃO GRÁFICO DOS BRANCOS"

Miguel Gomes Marquese

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa de mestrado em andamento, financiada pela FAPESP (Processo 2026/01052-4). O trabalho investiga relações estabelecidas com a escrita

"dos brancos" na Amazônia, chamada nas línguas nativas por expressões cujo significado literal é, em geral, "padrão gráfico dos brancos". Seu objetivo é identificar os termos amazônicos da escrita, por meio de um estudo comparativo entre materiais de diferentes sistemas supralocais. A hipótese de pesquisa é a de que a marcação "dos brancos" na expressão traduzida para o português pelos nativos como "escrita dos brancos" guarda menos relações com um caso genitivo, de marcação de domínio, que com casos ablativo e dativo: a escrita tem origem nos brancos e, sobretudo, é devolvida a eles segundo os movimentos de aproximação e afastamento do Outro próprios à cosmopolítica indígena (Kopenawa e Albert 2015, Gallois 2002, Carneiro da Cunha 2009, Macedo 2009). A pesquisa distancia-se, assim, de uma concepção da escrita como objeto branco que acultura o mundo ameríndio e a trata em termos etnológicos, como objeto previsto e integrado aos sistemas amazônicos, tendo em vista a consistência na variação das relações estabelecidas com ela em continuidade a formas comuns e antigas da região (Gow 2001, Cesarino 2011, Souza 2001, Calávia Sáez et al 2003). Por essa reconstituição do conjunto de transformações de que a escrita "dos brancos" participa, busca-se explorar pontos fundamentais à etnologia das Terras Baixas, uma vez que a questão é ao mesmo tempo antiga – presente mesmo nos relatos acerca de povos que cronistas acreditavam serem "sem escrita", pois seu interesse por ela sempre foi manifestado pelos ameríndios (Nodari 2024) – e muito contemporânea, na medida em que os povos indígenas atualizam continuamente suas estratégias políticas no contato com a alteridade radical desses afins potenciais que são "os brancos" (Viveiros de Castro 2000, 2002).

ESCREVER O/AO BRASIL: CARTAS INDÍGENAS NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR (1964-1985) À CONSTITUINTE (1988)

Natália Simões Lima

Resumo: Esta comunicação apresenta correspondências de autoria indígena escritas no Brasil entre a Ditadura Militar e a Constituinte de 1988, em especial as cartas de Daniel Cabixi, Andila Kaingáng e Eliane Potiguara, reunidas no arquivo digital do projeto "As cartas dos povos indígenas ao Brasil" (UFBA). Escritas e encaminhadas a diferentes órgãos do Estado brasileiro e a instituições civis, essas cartas constituem espaços de interlocução política nos quais se articulam denúncia, reivindicação territorial e afirmação de existência diante de políticas de violência, tutela, silenciamento e deslocamentos forçados impostos aos povos originários durante o período. As cartas são território de manifestação política e memória, ancoradas em saberes ancestrais, na experiência histórica compartilhada por cada povo e em modos de expressão atravessados pela oralidade e pela dimensão coletiva da escrita indígena. Conforme afirmam

Suzane Costa e Rafael Xucuru-Kariri (2018, p. 1374), são "cartas para não morrer, cartas como gestos utópicos, como enfrentamento político, como pós-luta e luto". Ao mobilizarem formas próprias de narrar, testemunhar e reivindicar, essas correspondências também tensionam os limites das categorias tradicionais de literatura, arquivo e autoria. A leitura crítica das epístolas permite compreender como as lideranças e comunidades elaboram, por meio da escrita, diferentes imagens de Brasil, construídas a partir de experiências de violência, resistência e luta por reconhecimento. A comunicação busca evidenciar a relevância da presença desse arquivo indígena nos estudos literários, refletindo sobre seus modos de produção, circulação e preservação, e contribuindo para ampliar o diálogo entre literatura, história e memória, a partir de perspectivas comprometidas com os povos originários do Brasil, de modo a pensarmos outros mundos possíveis guiados pelo Bem Viver.

A ONÇA ENTRE O ORAL, O ESCRITO E O VISUAL

Pedro Mandagará

Resumo: "A onça e o pajé" foi o nome de uma performance de Olinda Tupinambá e Ziel Karapotó em 2022, na abertura da exposição de curadoria coletiva Hãhãw: arte indígena antirracista. Na performance, Olinda está coberta de uma pintura corporal que remete à pele da onça. Diversos outros trabalhos, como o vídeo "Colheita maldita" (2021-2022) de Denilson Baniwa, lidam com o ato de se vestir como uma onça, tornando-se uma, o que remete a diversas narrativas ameríndias, como todo o ciclo de narrativas e crenças ligadas à figura do Canaimé/Kanaima no circum-Roraima. Neste trabalho, gostaria de pensar a ambiguidade da figura da onça em narrativas escritas e visuais indígenas, que por vezes coloca o felino na posição de ser enganado por algum animal mais esperto (como o jabuti), por vezes a coloca como ameaça ou fonte de poder. Procuro trabalhar esta ambiguidade a partir de algumas narrativas indígenas vindas da oralidades, como as histórias do Canaimé registradas por Devair Fiorotti em seu projeto Panton Piá, narrativas escritas voltadas a crianças, como "A oncinha Lili", de Cristino Wapichana e "A onça protetora", de Shirley Krenak, em diálogo e comparação com a produção de arte indígena contemporânea que tematiza o trânsito entre onça e humano, como Olinda Tupinambá e Denilson Baniwa, já citados, e Jaider Esbell.

NOTAS SOBRE O FAMIGERADO IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO (2019), DE AILTON KRENAK

Rafael Rocha Pansica

Resumo: Esta comunicação pretende somar indícios que sustentem a seguinte leitura: a anedota por trás da fórmula lapidar que intitula o mais famoso dos livros de Ailton Krenak – Ideias para adiar o fim do mundo (2019) – pode ser lida como uma variação estórica do também famoso conto rosiano, publicado em Primeiras estórias (1962), intitulado "Famigerado". Assim, [1] tanto a anedota krenakiana quanto a estória rosiana colocam em jogo um encontro "equivocante" (sensu VIVEIROS DE CASTRO, 2009) entre personagens originários dos universos contrastantes do sertão e da cidade; [2] esse encontro equivocante, que envolve o risco de extinção de um terceiro ("o moço do Governo", no caso do conto de Rosa; "o mundo", ou as condições de possibilidade de vida no planeta, no caso da anedota de Krenak), se realiza em torno da fixação ou desambiguação do sentido original de um vocábulo ("famigerado") ou de uma fórmula ("ideias para adiar o fim do mundo"). Um dos apelos dessa apresentação é apontar para a complexidade imanente à fina ironia da anedota krenakiana, propondo uma leitura que parta da perspectiva literária e sertaneja do conto rosiano — para fugir, também, de leituras ingênuas ou simplificadoras, como a oferecida por Paulo Arantes (2020) na mesa-redonda de que ele participou com o próprio Ailton Krenak por ocasião da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (2020), a cinco dias do início oficial da pandemia de Covid-19.

VOAR SEM ASAS: XAMANISMO ORNITOLÓGICO E AS AVES EM MACUNAÍMA

Raul de Sá Campos

Resumo: Macunaíma (1928), de Mário de Andrade, encerra-se com a apresentação da sua cena enunciativa, marcada pelo encontro do rapsodo com o "papagaio verde de bico doirado" à beira-rio do Uraricoera. Em contraponto às leituras focadas na identidade nacional, este projeto propõe uma releitura da obra sob a ótica das cosmovisões ameríndias, com enfoque no que denomino "xamanismo ornitológico". Fundamentado no perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro (2017), bem como na noção de mitopoiesis de Peter Gow (2014), analiso a figura do papagaio enquanto instância xamânica de mediação. A hipótese central é que a ave, ao mediar o contato interespecífico entre a língua extinta dos Tapanhumas e o português do rapsodo, opera um "canto-viagem" que suspende a linearidade temporal e transpõe o mito em literatura. A pesquisa se desdobra em uma abordagem qualitativa e interpretativa, articulada a um levantamento quantitativo de dados textuais referentes às aves que povoam a rapsódia. O mapeamento quantitativo busca identificar a frequência das espécies e suas densidades narrativas, permitindo o cruzamento de dados entre a obra e suas fontes etnográficas, a exemplo das coletâneas de Theodor Koch-Grünberg (2022) e João Barbosa Rodrigues (2018). Assim, busco alçar a figura do papagaio

a um novo caminho interpretativo (leia-se: imaginativo), um "voar sem asas", que resgate a obra de Mário de Andrade do domínio da fábula para o horizonte do mito, e amplie o diálogo entre a literatura, a antropologia e o pensamento ameríndio.

ENSINAMENTOS DE OUTRAS GENTES EM TEXTOS INDÍGENAS E COMPOSIÇÕES DE BANDAS CABAÇAIS

Suene Honorato de Jesus

Resumo: Em Memórias do cacique, Raoni (2025, p. 165) diz que "os peixes são pajés, as aves são pajés, as árvores e as pedras também são pajés". Ailton Krenak (2022, p. 14) se refere aos rios como seres que ensinam "[...] a conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra". Ter com esses seres uma relação de parentesco e/ou reconhecer seus saberes e a potência desses saberes para a celebração e continuidade da vida, é algo frequente em textos indígenas. Nas culturas populares, a presença de seres não-humanos como paradigma de beleza e sabedoria também é frequente. Exemplo disso são as bandas cabaçais, cujas composições mais características são aquelas que remetem à fala dos bichos, tais como "Caboré", de Zabé da Loca (2007), "A briga do cachorro com a onça", da Banda de Pífanos de Caruaru (1979), e "Os Capote", da Banda Cabaçal São José (2022). Quais as possíveis conjunções e disjunções entre textos indígenas e composições de bandas cabaçais a respeito da presença de seres não-humanos? Esta comunicação buscará refletir sobre essa pergunta, tendo em vista que a oralidade é o processo dominante na transmissão e atualização de saberes tanto nas culturas indígenas quanto nas culturas populares. Esse processo também indica que a noção de autoria demanda uma reflexão que considere a coletividade das gentes implicadas.

ESTRANHAS ENTRANHAS: LITERATURA, INTIMIDADE ERÓTICA E METAFÍSICAS INDÍGENAS

Thiago Ranniery Moreira de Oliveira

Resumo: Este trabalho percorre o terreno pouco explorado da sexualidades indígenas na literatura, seguindo as pistas de uma economia mítica que envolve alteridade, constituição intersubjetiva e intimidade. Trata-se de um exercício de leitura de contos de "Ficções Amazônicas", de Aparecida Villaça e Francisco Gaspar, e de "Erva Brava", de Paulliny Tort, além dos romances "O boto: um romance gótico amazônico", de Tadeu Sarmento, e "No baile do juízo final", de Suzy Freitas, sobrepostos a mitos eróticos indígenas e obras etnográficas. No gesto explícito de escutar e traduzir poéticas ameríndias, essas ficções brasileiras

contemporâneas de autoria não indígena oferecem uma insólita antropologia especulativa das pulsões. Ora utilizando-se do perspectivismo ameríndio, ora servindo-se do artifício gótico ou distópico, o argumento, sem desconsiderar diferenças, sugere que o plano de mediação ficcional expõe o encontro equívoco entre dois regimes enunciativos que se transformam um ao outro, traçando os contornos de uma cosmoecologia da sexualidade. O paradigma ocidental da sexualidade, tomado tradicionalmente como instaurador de uma relação de si para consigo mesmo, é atravessado por uma perspectiva na qual o erotismo é figurado por um desejo de transformação, desejo de outro e do outro. Contudo, a incorporação de uma ecologia onírica mais-que-humana e extra-mundana ao sexo, à convivialidade e ao parentesco não somente demonstra o porquê da sexualidade ir além da tipificação dos códigos de conduta sexual ou genital. Ao menos três eixos, os saltos espaçotemporais, a transicionalidade interafetiva dos corpos e a promessa agencial de uma natureza que gera seres monstruosos da própria carne como retomada biopolítica diante do extrativismo, indicam que essas transfigurações das metafísicas indígenas através da ficção contemporânea contribuem não somente para repensar as múltiplas ontologias da intimidade erótica, mas também para reabilitar o espaço literário como território de uma ecologia sexual incomum pela sublevação da inconstância cósmica em um planeta danificado.

ST: LITERATURAS ANTROPOCÊNICAS E ECOCRÍTICAS - RUMO A UMA ENVIRONMENTAL WORLD LITERATURE

Coordenação: Fernando Baião Viotti, Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger e Marcus Vinícius Mazzari

Resumo: O neologismo ‘antropoceno’, originalmente cunhado nos anos oitenta do século passado, surgiu como conceito ambíguo e controverso para iniciar um debate dentro das ciências geológicas. Logo na primeira década do século, este termo fez rápida carreira nas humanidades e depois na mídia em geral, mostrando ter vindo para ficar. No nosso entendimento, se refere ao papel devastador do capitalismo global na história mais recente e contemporânea do planeta, causando efeitos destrutivos que continuam a ultrapassar todas as escalas temporais e locais válidas até então. Não se trata simplesmente de uma questão quantitativa: entramos em uma nova era, com consequências materiais de longo alcance, e, simultaneamente em uma nova constelação ontológica e epistemológica. Neste sentido, o termo antropoceno não pode ignorar as enormes disparidades sociais dentro da espécie humana (antropos) e é incompatível com qualquer modalidade de antropocentrismo.

Literatura antropocênica tematiza as interações entre coletivos ou indivíduos humanos e não humanos no contexto de uma nova realidade planetária (para uma descrição mais elaborada do termo v. PROBST et.al.

2022). Obviamente, o modo literário figurativo não pode se esgotar em reflexões de cunho sociológico ou filosófico, exigindo também figurações concretas de seres vivos e não vivos como parte do processo de formalização ficcional ou poética que lhe é peculiar. Ainda que a investigação de figurações literárias do mundo natural seja um dos focos do simpósio, é preciso investigar também os paralelismos formais que vão além da afinidade temática, aparecendo a partir de uma visada comparatista capaz de surpreender interseções entre os discursos ecológicos e literários. Na literatura como na ecologia, "tudo está ligado a todo o resto"; a exemplo dos combustíveis fósseis, um poema também é energia armazenada que, no entanto, não se exaure, na medida em que cada leitor e cada leitura a coloca novamente em modo cinético (RUECKERT, 1978). Em geral, o conceito de literatura como força ecológica (ZAPF 2016) adquire sua potência artística por meio da tradução imaginativa das energias naturais em energias culturais, projetando as forças elementares da vida no espaço comunicacional e autorreflexivo da linguagem e da estética (Zapf 2016, p. 29). O nosso simpósio acolhe leituras de textos literários e/ou visuais, ficcionais e não ficcionais, que se relacionam – das mais variadas formas e maneiras – com aspectos específicos do sistema terrestre; acolhe obras que lidam com a exploração de humanos, animais e meio ambiente na nossa era a partir da chamada "grande aceleração" que se inicia após a Segunda Guerra Mundial. No antropoceno literário assistimos à ascensão de gêneros literários novos, como a climate fiction (cli-fi), que lida com as recentes mudanças climáticas. Seja uma novela cli-fi, um eco thriller empolgante ou uma obra poética que questiona – sem ignorar as peculiaridades de cada campo e suas interpenetrações (DESCOLA, 2006) – a tradicional divisão Cultura/Natureza: a literatura que nos interessa no simpósio pode e deve articular os mais diversos gêneros literários e aportes teóricos, compondo um olhar crítico diante da ameaça humana ao meio ambiente natural e da alienação do homem em relação aos outros habitantes do nosso planeta. Salta à vista que as literaturas antropocênicas e ecocríticas sempre implicam uma dimensão global, pois a agentividade geofísica de coletivos humanos está necessariamente ligada ao uso de combustíveis fósseis e a práticas físico-químicas do capitalismo industrial e das altas tecnologias (PROBST et.al. 2022, p. 19). Na sua influente monografia Sense of Place – Sense of Planet: The Environmental Imagination of the Global, Ursula K. Heise aborda a ideia de um eco-cosmopolitismo, uma consciência ambiental que conecta os problemas locais com aqueles do sistema terra. Heise defende um apego afetivo e ao mesmo tempo crítico à dimensão global (HEISE 2008), uma perspectiva desenvolvida por diversas obras literárias não somente das últimas décadas. A pesquisadora teuto-americana tem sido a voz mais insistente em defesa de uma "environmental world literature" (HEISE 2023; HEISE 2014). Suas análises comparatistas são referência para todo(a) pesquisador(a) que trabalha sob uma perspectiva ecocrítica, embora a ideia de world literature não tenha passado incólume a contestações, principalmente por parte de uma ecocrítica de posicionamento pós ou decolonial, preocupada com a desigualdade global extrema e questões de justiça (HEISE 2023). Assim, o simpósio aqui proposto faz também o convite para se debaterem em seu âmbito

dicotomias como global vs. local, universal vs. particular, antropoceno vs. capitaloceno, ação humana vs. agentividade não humana, entre outras, conforme se manifestam na literatura. Global literature pode ser definida como "um conjunto de obras que é simultaneamente produzido por, e crítico das, desigualdades estruturais engendradas pela disseminação do capitalismo global, que tornou possíveis a globalização, a mercantilização e o neoliberalismo" (WHITTLE/ONG 2024, Kindle edition, pos. 132, tradução nossa). Dessa forma, o termo global literature está em consonância com as características de uma literatura antropocênica e ecocrítica contemporânea.

ENTRE A NATUREZA E O CAPITAL: RESISTÊNCIA ECOLÓGICA EM AVATAR

Aline Barbosa de Almeida

Resumo: Esta pesquisa investiga o filme Avatar, dirigido por James Cameron, sob uma perspectiva ecocrítica, com o objetivo de compreender como a narrativa articula os eixos entre a natureza e o capital na construção de uma crítica ao colonialismo, ao extrativismo e às formas de exploração características do antropoceno/capitaloceno. Inserido no campo das relações entre linguagem, cultura e sociedade, o estudo parte do contexto contemporâneo de intensificação das crises ecológicas globais e das transformações materiais e epistemológicas associadas ao antropoceno, reconhecendo o papel das narrativas de ficção científica e da cli-fi na elaboração de imaginários ambientais e na problematização das relações entre humanos, não humanos e sistema terrestre. O problema de pesquisa consiste em analisar de que modo o filme mobiliza elementos cosmológicos, simbólicos e narrativos para construir uma visão relacional entre seres humanos, seres não humanos e ambiente, contrapondo-se à divisão moderna entre cultura e natureza e aos paradigmas antropocêntricos da modernidade ocidental. Como hipótese, propõe-se que Avatar opera como uma narrativa ecocrítica que evidencia os impactos destrutivos da expansão tecnocapitalista sobre territórios, corpos e ecossistemas, ao mesmo tempo em que projeta formas alternativas de coexistência baseadas na interdependência entre vida humana, vida não humana e espaço planetário. Nesse sentido, o filme dialoga com reflexões do autor Ailton Krenak sobre continuidade da vida e crítica à separação entre humanidade e natureza, bem como com debates contemporâneos acerca da literatura antropocênica, do ecocosmopolitismo e das tensões entre global e local nas produções ecocríticas contemporâneas. Metodologicamente, a pesquisa realiza uma análise interpretativa do filme como texto cultural e visual, articulando aportes da ecocrítica, dos estudos do antropoceno e do

pensamento indígena, com atenção às figurações do ambiente, da agentividade não humana e das relações ecológicas que estruturam a narrativa.

A NATUREZA TEM HISTÓRIA: DA PAISAGEM AO ACONTECIMENTO NA LITERATURA BRASILEIRA

Gabriela Ismerim Lacerda

Resumo: Nunca se discutiu tanto a degradação do meio ambiente e os impactos causados pela humanidade; contudo, mesmo nos discursos contemporâneos, a natureza ainda é frequentemente concebida como exterior ao ser humano. Na visão de Eduardo Galeano, seja como "natureza submetida", recurso a ser explorado, seja como "natureza protegida", objeto de preservação, ela permanece apartada de nós. A presente comunicação pretende observar formas distintas de representação da natureza na literatura, tomando como ponto de partida uma questão, à primeira vista paradoxal, formulada por Lúcia Sá: por que, em muitas narrativas ameríndias, produzidas por povos que mantêm uma relação tão próxima com o mundo natural, parece haver menos descrições da natureza do que na tradição ocidental? Longe de ser ausência, essa aparente falta indica outra forma de presença. Se, em diversos momentos da literatura brasileira, a natureza foi representada como paisagem ou cenário sobre o qual a ação humana se desenrola, nas narrativas orais indígenas ela aparece como agente dos acontecimentos, dotada de história, intencionalidade e capacidade de transformação. Em nosso percurso, lançaremos mão das reflexões de Eduardo Vieira Martins sobre as imagens da floresta em Saint-Hilaire e José de Alencar, passando por Mário de Andrade até chegar a Jaider Esbell. Nosso intento é refletir sobre como diferentes formas de conceber as relações entre humanos e não humanos produzem diferentes modos de narrar: de um lado, descrições que procuram organizar o mundo partindo da observação; de outro, narrativas em que rios, montanhas, pedras, árvores e animais são mais do que o ambiente da ação, intervindo diretamente no desenrolar dos acontecimentos. No fim, interessa-nos pensar como a passagem da natureza de cenário a agente implica uma transformação mais ampla na maneira de compreender a própria noção de existência, tensionando a separação moderna entre natureza e cultura.

"FLORESCES NO MEU VERSO": AS IMAGENS FLORAIS EM BROQUÉIS, DE CRUZ E SOUSA

Iasmyn Soprani Toledo de Paula Moreira

Resumo: A presente comunicação apresenta uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGELIT) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em andamento, cujo objeto de pesquisa são as imagens florais presentes na obra Broqueis (1893). O seu objetivo central é averiguar o modo que o poeta João da Cruz e Sousa, o maior representante do Simbolismo Brasileiro, mobiliza as flores como temas de efemeridade, transcendência espiritual e de crítica ao materialismo moderno. Propõe-se uma nova releitura à ótica da Teoria Contemporânea Ecocrítica, realizando um deslocamento teórico sem que haja anacronismo. Cruz e Sousa articula em seus poemas experiências sensoriais dominadas pela presença de elementos não humanos, de modo que as flores não são meramente ornamentos estéticos, mas presenças que provocam, evocam e transcendem. A partir disso, a ecopoética estabelece uma forte ligação com essa poética, ao propor que a natureza na literatura não é secundária. A pesquisa contribui para uma análise da imagem das flores na poesia cruzesousiana excederem a função estética e simbólica tradicionalmente atribuída pela crítica, operando também como agentes de uma visão de mundo que tensiona o antropocentrismo característico do capitalismo industrial do século XIX, uma vez que Cruz e Sousa filia-se à tradição baudelairiana. A metodologia adotada é de caráter qualitativo e interpretativo, baseada em pesquisa bibliográfica e análise de poemas selecionados do corpus.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS SOB UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA

Irene Bitinas Carvalho

Resumo: A literatura ecocrítica possui foco na natureza ou nas consequências das ações humanas sobre o meio ambiente. Grande Sertão: Veredas (1956) de Guimarães Rosa, nesse sentido, é naturalmente uma fonte rica de estudos ecocríticos acerca do bioma e do espaço do sertão mineiro. Minha proposta é: i. Explorar a representação da natureza a partir de sua relação com os jagunços e por meio do movimento das personagens pelo sertão, sendo esse principalmente motivado por guerras, violência, poder e a dominação da terra. ii. Analisar a natureza não só como uma axe espacial, mas também temporal, pois ela remete a um regresso ao tempo antigo e ajuda a demarcar o tempo presente do passado por meio de suas mudanças. A própria descrição do sertão de Rosa aponta, ao compararmos com o sertão atual, um lugar que está sumindo por conta de transformações ecológicas causadas por ações humanas (Bolle, 2004, p.71). Assim, esse livro ocupa uma posição central no que diz respeito à relação que o homem possui com um mundo que passa pela modernização e ao lugar do homem nesse mundo. iii. Demonstrar como essa natureza não se deixa definir somente pelo meio social - mas é constituída pelo belo e pelo amor. Ela auxilia na construção da subjetividade dos personagens, principalmente a de Riobaldo e Diadorim, bem

como exprime a culpa que Riobaldo sente. Nesse sentido, a natureza possui força ativa ao moldar e direcionar o homem. Tal interpretação buscaria sedimentar a obra de Rosa como uma que retrata a complexa e por vezes ambígua relação do homem moderno com o meio ambiente e como esta remete não só a destruição causada pela mão humana, mas também o papel crucial da natureza no que concerne a identidade do homem e do que é perdido com essa destruição.

ESCREVENDO A NATUREZA DO PARANÁ: A ARAUCARIA BRASILIENSIS NA NATURE WRITING DE JOHN MUIR

Isabelle Maria Soares

Resumo: O objeto deste estudo é o livro John Muir's Last Journey. South to the Amazon and East to Africa. Unpublished Journals and Selected Correspondences, que inclui diários e cartas do escritor naturalista escocês-americano John Muir (1838-1914) durante sua visita ao Paraná em 1911 em busca de conhecer pessoalmente a espécie arbórea que chamava de araucaria brasiliensis (a araucaria angustifolia). A partir dessa obra, que foi organizada pelo historiador estadunidense Michael Branch a partir de escritos da última viagem de John Muir para a América Latina e África, pretende-se analisar a poética de nature writing ("escrita de natureza") de Muir aprofundando-se nas suas observações sobre a natureza paranaense da época com um olhar atento para as araucárias. A pesquisa se justifica pela lacuna na área de Estudos Literários sobre a obra de Muir no Brasil. O fato de Muir ter se interessado em conhecer pessoalmente a araucária brasileira, visitando, para tanto, uma região do Paraná, é muito significativo. Ao deslocarmos esse fato para o tempo presente, no qual nos deparamos com inúmeras notícias de eventos que ameaçam a (r)existência das florestas com araucárias em consequência de ações antropocêntricas, verificamos a força e a urgência de recorrermos ao espírito literário, naturalista e preservacionista de Muir. Conclui-se, dessa forma, que o resgate de sua escrita literária de não ficção sobre o Paraná cumpre uma função ética urgente, oference uma nova perspectiva para a valorização e defesa das florestas com araucárias no Antropoceno.

PAISAGENS COLONIAIS EM RUÍNAS: ECOGÓTICO E DEVASTAÇÃO AMBIENTAL EM HEART OF DARKNESS (1899) E THE PEOPLE IN THE TREES (2013)

Janina Colen Torrens

Resumo: O romance The People in the Trees (2013), de Hanya Yanagihara, apresenta uma narrativa profundamente marcada pelas relações entre colonialismo, devastação ambiental e trauma. Partindo de

uma perspectiva comparatista, o presente trabalho busca analisar o romance em diálogo com Heart of Darkness (1899), de Joseph Conrad, observando como ambas as obras representam o encontro colonial com espaços concebidos como "selvagens", ao mesmo tempo em que revelam os mecanismos de violência e destruição implicados nesse processo. Em Yanagihara, a expedição científica que Norton Perina participa à ilha fictícia de Ivu'Ivu desencadeia a exploração massiva dos recursos naturais locais, e, com isso, a progressiva devastação ecológica e cultural da ilha. A análise toma como eixo principal os conceitos de EcoGótico e slow violence, formulado por Rob Nixon (2011), entendido como uma violência gradual, dispersa e frequentemente invisibilizada, cujos efeitos se acumulam ao longo do tempo. Além disso, é possível explorar o romance como parte da representação literária de dinâmicas características do Antropoceno e do Capitaloceno, nas quais a natureza passa a ser concebida como recurso disponível para exploração científica e econômica. Nesse sentido, argumenta-se que a destruição de Ivu'Ivu ultrapassa o evento imediato da chegada colonial, manifestando-se através da contaminação cultural, da exploração capitalista da natureza, do apagamento das estruturas sociais nativas e dos traumas físicos e psíquicos sofridos pelos habitantes da ilha. A atmosfera sufocante da floresta, as descrições da natureza como força simultaneamente sublime e ameaçadora aproximam o romance de tradições do gótico ao mesmo tempo em que a subvertem criticamente. Ao estabelecer um paralelo com Heart of Darkness, busca-se discutir como ambas as narrativas articulam a relação entre imperialismo, violência epistemológica e degradação ambiental, mas também como Yanagihara tensiona esse imaginário colonial a partir de sensibilidades contemporâneas ligadas ao Antropoceno, ecocrítica e discussões pós-coloniais sobre trauma e destruição ambiental.

NARRATIVAS LITERÁRIAS E DIREITO DO CLIMA: LITERATURA E LITIGÂNCIA SOB A PERSPECTIVA DO PÓS-HUMANISMO CRÍTICO.

Junia Castro Rezende Christiansen

Resumo: A litigância climática brasileira, mesmo quando inovadora em termos jurídicos (como na ADPF 708), ainda se apoia em narrativas predominantemente antropocêntricas, que limitam o entendimento sobre quem pode ser destinatário de proteção legal e sobre o status jurídico de elementos não-humanos de um ecossistema. A literatura pode oferecer repertórios narrativos capazes de tensionar e expandir os conceitos utilizados em decisões judiciais, de modo a assegurar a proteção do meio ambiente exigida pela Constituição Federal de 1988. Obras literárias que representam a complexidade ecológica do Antropoceno, principalmente aquelas narradas a partir de uma perspectiva pós-humanista, iluminam e

ampliam conceitos como sujeitos de direito, tempo não-cronológico, dano, responsabilidade e direitos futuros. Nesta comunicação proponho fazer uma análise pós-humanista crítica de elementos-chave dos romances A trama das árvores, do autor estadunidense Richard Powers e Cidades afundam em dias normais, da autora brasileira Aline Valek. Elementos como a agência de árvores, animais e territórios, a não-centralidade do humano e perspectivas de tempo que extrapolam a vida e o entendimento humanos serão estudados com o intuito de sugerir formas de interpretar situações, contextos e textos que extrapolem o campo literário e subsidiem o direito, particularmente decisões judiciais de cunho climático. O pós-humanismo crítico de teóricos como Rosi Braidotti e teorias que dialogam com esta forma de pensar, a exemplo da cosmologia indígena descrita por Krenak e do pensamento ecológico de Timothy Morton, serviram de base filosófica para o estudo proposto.

MULHERES EM TERRENOS DISTÓPICOS: UMA LEITURA ECOCRÍTICA FEMINISTA DE FICÇÕES CLIMÁTICAS DE AUTORIA FEMININA

Kelma Aparecida Saraiva Lopes

Resumo: O futuro do planeta mediante as consequências da crise climática antropogênica é tema recorrente na literatura contemporânea, especialmente na ficção especulativa com caráter distópico. Essa tendência culminou no agrupamento das obras literárias que tratam das implicações da crise climática sob o termo ficção climática (cli-fi). Os romances cli-fi de autoria feminina apontam para questões de gênero que são agravadas em meio à crise climática, evidenciando como os impactos causados pela degradação do meio ambiente no Antropoceno afetam a sociedade de maneira desigual. Assim, essas obras recorrentemente revelam a estreita relação entre questões de gênero e preocupações ecológicas – relacionando temas como a exploração do corpo feminino e o controle reprodutivo à instrumentalização da natureza, e apresentando críticas ao antropocentrismo e ao androcentrismo. Em meio a busca por um eu-topos, um "bom lugar", protagonistas desses romances dificilmente encontram uma resolução ou fuga ao seu cenário distópico, mas ainda assim abrem espaço para a imaginação de um futuro alternativo e mais esperançoso para as leitoras e os leitores fora desses universos ficcionais. Neste trabalho, analisa-se as obras cli-fi anglófonas The Carhullan Army (2007) de Sarah Hall, Gold Fame Citrus (2015) de Claire Vaye Watkins, e Land of Milk and Honey (2023) de C Pam Zhang. Por meio de um viés ecocrítico feminista, busca-se investigar como os impactos da crise climática antropogênica molda a trajetória das protagonistas mulheres. Além disso, discute-se a respeito das intersecções entre a exploração da natureza e das mulheres nessas obras literárias. Dessa forma, procura-se refletir sobre a potencialidade do gênero cli-fi

em mostrar como diversas questões políticas, sociais e econômicas estão ligadas às preocupações sobre o meio ambiente.

CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS PARA UMA LITERATURA AMBIENTAL GLOCAL

Klaus Friedrich Wilhelm Eggensperger

Resumo: Durante muitos séculos, a literatura ocidental encenava os pequenos ou grandes dramas humanos tendo como pano de fundo a natureza perene. Na época do Antropoceno, porém, estamos lidando com uma natureza instável e incontrolável. O capitalismo global, apoiado por instituições, tecnologias e a ideologia do progresso, está deixando o planeta cada vez mais desnatural e seus habitantes humanos mais alienados. Fenômenos antropogênicos complexos transcendem a capacidade de compreendê-los na sua totalidade e dificultam sua representação em narrativas literárias e audiovisuais. Como a ficção literária pode figurar certas questões ontológicas e epistemológicas fundamentais da nossa época? Na análise de Eva Horn , uma estética antropocênica precisa lidar com os seguintes desafios: "(1) latência, o fato de que a transformação do mundo está acontecendo não na forma de eventos cataclísmicos, mas em processos imperceptíveis e imprevisíveis; (2) emaranhamento, o fato de que a separação moderna entre o humano e 'o mundo' se dissolveu em dependências estranhas, consequências não intencionais e efeitos colaterais imprevisíveis; (3) um choque de escalas, o fato de que a crise ambiental do Antropoceno se desenrola em escalas espaciais, temporais e quantitativas muito diferentes". Discutimos esses e outros fenômenos 'glocais' a partir de três exemplos contemporâneos em língua inglesa: os romances "On such a full sea", de Chang-Era Lee e "Gun Island", de Amitav Ghosh, juntamente com o recente ensaio ecoliterário "Is a river alive?" de Robert MacFarlane. Nossas leituras visam demonstrar como obras literárias contemporâneas atentam para as novas formas de estar-no-mundo e habitar o planeta radicalmente transformado. Trata-se de exemplos de uma prosa literária que apresenta aspectos socioambientais e formas narrativas mais adequadas a nossa realidade antropocênica, rumo a uma 'environmental world literature' multifacetada.

ECOCRÍTICA E IMAGINÁRIOS AMBIENTAIS EM WORLD OF WARCRAFT: NATUREZA, EXTRAÇÃO E ECOLOGIAS DIGITAIS EM UM MUNDO VIRTUAL

Leonardo Gomes Rezende

Resumo: A presente pesquisa propõe uma investigação das diferentes vertentes da ecocrítica representadas em World of Warcraft, considerando o jogo como espaço de construção simbólica de imaginários ambientais contemporâneos. Partindo da consolidação da ecocrítica enquanto campo interdisciplinar voltado às relações entre cultura e meio ambiente, o trabalho busca analisar de que maneira o universo ficcional de Azeroth articula discursos sobre natureza, exploração, tecnologia, espiritualidade e colapso ecológico por meio de suas narrativas, mecânicas e espacialidades digitais. A pesquisa fundamenta-se em autores da ecocrítica clássica e contemporânea, como Lawrence Buell, Greg Garrard e Timothy Morton, articulados a perspectivas pós-humanistas e dos game studies, especialmente as contribuições de Donna Haraway e Ian Bogost. Nesse sentido, compreende-se o MMORPG não apenas como narrativa ficcional, mas como sistema procedural capaz de modelar relações ecológicas e práticas de exploração ambiental dentro do espaço virtual. Metodologicamente, o estudo combina revisão bibliográfica, análise discursiva e análise ludonarrativa, concentrando-se em elementos como zonas devastadas, mecânicas de extração de recursos, cosmologias naturais e narrativas de corrupção ambiental presentes em expansões específicas do jogo. Busca-se demonstrar que World of Warcraft produz uma ecologia contraditória, na qual coexistem discursos de preservação ambiental, espiritualização da natureza e lógicas extrativistas associadas ao capitalismo e ao colonialismo. Como resultado esperado, pretende-se contribuir para os debates contemporâneos sobre ecocrítica digital, antropoceno e representação ambiental em mídias interativas, evidenciando os videogames como importantes dispositivos culturais de imaginação ecológica no século XXI.

A ÚNICA MORADA: NA CASA DA "ÁRVORE YAMA", DE J.M.G. LE CLÉZIO

Lia Araujo Miranda de Lima

Resumo: A árvore Yama, no conto homônimo de J.M.G. Le Clézio publicado em Histórias do pé e outras fantasias (2011), é uma figura que condensa as funções de personagem e de espaço no relato, atuando ainda como elemento de uma percepção cíclica e infinita do tempo. Única remanescente das florestas africanas devastadas pelas guerras, a árvore assume ao mesmo tempo atributos de uma ancestralidade humana, ao receber o nome da avó falecida da menina Mari, e de um espaço no interior do qual Mari vivencia seu percurso iniciático durante as guerras civis na Libéria, em ciclos que têm a árvore como ponto de partida e de chegada. A menina recém-nascida é escondida pela avó Yama dentro do tronco da árvore para escapar à guerrilha. Já adolescente, fugindo de mais um conflito armado, a menina retorna à árvore, trazendo uma amiga, onde permanecem durante um longo tempo e da qual saem com um aspecto

selvagem. A partir de uma abordagem ecocrítica focada na exploração do imaginário botânico contemporâneo (Bouvet et al, 2024a, 2024b), escrutina-se a figuração da árvore no relato, como interlocutora de Mari, que a desperta pela palavra e pelo toque, e como morada mágica, síntese de um mundo paradisíaco no qual se encontram água, alimento, medicina, proteção e beleza. A caraterização da árvore pode ser delineada a partir das súplicas que Mari dirige a ela, em uma linguagem tributária da oração, pelos adjetivos que a qualificam (velha, generosa, poderosa) e pelo vocabulário arquitetônico que descreve o interior da árvore (quarto, tapete, chaminé, paredes). Os elementos que ancoram o relato em uma geografia e uma historicidade precisas coabitam com o tempo e o espaço míticos encontrados no interior desta árvore-mãe. Assim como a escrita, ela oferece uma janela pela qual se pode ver o mundo sem ser atingido pelo mal.

NARRATIVAS DE SUBSTÂNCIAS: A LITERATURA ANTROPOCÊNICA EM SUA MATERIALIDADE E IMAGINAÇÃO PLANETÁRIA

Maria Diovana Rolim Soares

Resumo: Com uma profusão de discussões recentes sobre suas poéticas e gêneros, a literatura antropocênica é associada à representação das mudanças climáticas e da degradação ambiental, desafiando os limites da elaboração ficcional ao entrelaçar a experiência cotidiana imediata a processos biofísicos de magnitude global. A fim de delinear as intrincadas interdependências entre dinâmicas locais e globais na modernidade, um de seus recursos formais mais potentes reside na centralidade das substâncias, em especial as commodities, como elementos estruturadores da própria narrativa, à medida que os fenômenos sociais e as histórias dos seus personagens são impactados pelos percursos dessas matérias. A partir de contribuições da Ecocrítica e das Humanidades Ambientais, este trabalho propõe discutir as narrativas de substâncias a partir da análise de A árvore que chora: o romance da borracha (1943), da austríaca Vicki Baum. Nessa obra, a borracha organiza uma complexa rede episódica e transnacional, de modo a interligar eventos como a exploração nos seringais no século XVIII às crescentes indústrias automobilísticas e bélicas do século XX, e, diferentemente do foco tradicional no sujeito humano individualizado, traz em seu centro um agente material capaz de articular escalas temporais e espaciais discrepantes e revelar os nexos indissociáveis entre exploração ambiental e humana e a circulação mundial de mercadorias. Com isso, questiona dicotomias consolidadas como natureza e cultura, humano e não humano, e torna visíveis os processos sócio-históricos e ecológicos que caracterizam o Antropoceno. Nesse sentido, propõe-se uma leitura teórica que problematize a construção e evidencie a relevância das narrativas de substâncias para a

compreensão das formas literárias do Antropoceno, com destaque para o seu potencial de representação da materialidade dos processos que moldaram a crise ecológica contemporânea.

MATÉRIA(S) DE POESIA: UMA POÉTICA DO ENTRELAÇAMENTO EM MANOEL DE BARROS E ANTÓNIO RAMOS ROSA

Maria Helena Costa Carvalho

Resumo: Nas últimas décadas, temos assistido a uma viragem ontológica que, recorrendo ao conceito de entrelaçamento, tem vindo a propor novas reflexões sobre as noções de matéria, agência e (pós-)humano, contribuindo para problematizar a centralidade do humano e a tradicional separação entre natureza e cultura. Iniciada por filósofos como Merleau-Ponty, esta viragem tem vindo a ser aprofundada pelos novos materialismos e pelo pós-humanismo, defendendo-se frequentemente a capacidade singular do discurso poético para iluminar o entrelaçamento ontológico subjacente ao real. Tendo isso em vista, esta comunicação propõe-se mostrar em que medida as poéticas de dois poetas lusófonos contemporâneos — o brasileiro Manoel de Barros (1916-2014) e o português António Ramos Rosa (1924-2013) — configuram uma poética do entrelaçamento, ao porem em evidência a relação quiasmática entre poema, corpo e mundo, entre matéria verbal e matérias naturais. Procurar-se-á analisar de que modo as duas obras poéticas desestabilizam dicotomias modernas como humano/não humano, sujeito/mundo e natureza/cultura, ao manifestarem formas relacionais de pensar a coexistência entre diferentes matérias e formas de vida. Ao mesmo tempo, pretende-se avaliar em que medida estas poéticas podem contribuir para os debates contemporâneos em torno das noções de matéria, agência e mais-que-humano, sugerindo modos não antropocênicos de perceber a relação entre humanos, linguagem e mundo.

"ELES TENTARAM NOS ENTERRAR, MAS NÃO SABIAM QUE ÉRAMOS SEMENTES": UMA LEITURA COMPARADA DA ESTÉTICA DA NATUREZA NAS HISTÓRIAS ANCESTRAIS DE ROBIN WALL KIMMERER E MÁRCIA KAMBEBA

Marta Botelho Lira

Resumo: Nesta comunicação, questiona-se como ocorre o diálogo entre duas literaturas de duas autoras indígenas de países diferentes,as quais transitam no entremeio do mundo acadêmico-científico ocidental e dos saberes ancestrais de suas nações. Para responder a essa questão, propõe-se uma leitura comparativa baseada na estética da natureza e dos saberes tradicionais, escolhendo como objetos de discussão as obras e as contações de história – histórias narrativas – Saberes da Floresta (2025), de Márcia Kambeba, e A

maravilhosa trama das coisas (2023), de Robin Wall Kimmerer. Nesse contexto, a fundamentação teórica ancora-se, principalmente, em Graça Graúna, em Contrapontos da Literatura Índígena Contemporânea no Brasil (2013), teorizando contações de história e auto-história; Andréia de Aparecida Marin e Kátia Maria Kasper (2009), em A natureza e o lugar habitado como âmbito da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente (2009) e de Scheyla Horst (2025), em No fluxo dos rios, como correntezas: olhares do ensaio de natureza brasileiro contemporâneo. Ademais, na busca por novos olhares ecológicos sobre habitar o mundo – temática presente nos livros comparados –, incorporam-se as compreensões de tempo (presente, futuro, passado) de Ailton Krenak, em A vida não é útil (2020) e em Futuro Ancestral (2022). Dito isso, é esperado que as semelhanças e diferenças entre as duas obras sejam evidenciadas, bem como seja compreendida a maneira como os povos Omágua/Kambeba e Potawatomi ensinam a viver a natureza e coabitar mundos por meio de histórias escritas-oralizadas, permitindo novas perspectivas para um futuro ecológico.

ADIAR O FIM DO MUNDO PELA PALAVRA: COSMOPOLÍTICA E AGENTIVIDADE NÃO HUMANA EM O RIO INFINITO, DE MIA COUTO

Renata de Oliveira Moreira

Resumo: No contexto do Antropoceno, marcado pelo colapso ambiental, ontológico e simbólico, a literatura pode operar como prática de reorganização dos mundos e de resistência. Este trabalho propõe uma análise ecocrítica de O Rio Infinito (2025), livro para a infância escrito por Mia Couto e ilustrado por Danuta Wojciechowska, investigando como a narrativa mobiliza o ato de contar histórias como tecnologia ancestral de cuidado, escuta e continuidade da vida. O objetivo é compreender de que forma a obra articula relações cosmopolíticas entre humanos e mais-que-humanos — animais, a rainha e o rei do fundo do mar, elementos da natureza — em resposta a um colapso que não é apenas ambiental, mas uma crise dos próprios modos de existência. A análise parte da ecocrítica compreendida como abordagem que investiga as relações afetivas, sensíveis e políticas entre humanos e não-humanos na literatura, especialmente em contextos marcados pela crise ecológica. A fundamentação teórica apoia-se em Stengers (2015), Haraway (2016), Danowski e Viveiros de Castro (2017), Valentim (2018) e Krenak (2019), cujos pensamentos convocam a ampliar a escuta para além do humano e a revisar os modos de habitar o planeta. O procedimento analítico articula narrativa verbal e visual, identificando como figuras como a tartaruga, o búzio e a escultura de madeira funcionam como dispositivos de mediação entre mundos e de transmissão de memória ancestral. Ao mobilizar cosmologias africanas e ameríndias — como as referências ao

quimbundo e ao pensamento de Kopenawa e Krenak —, a obra tensiona a tradicional divisão Natureza/Cultura e propõe perspectivas decoloniais para pensar futuros possíveis no Antropoceno, revelando que mundos só se sustentam quando há escuta, reciprocidade e imaginação compartilhada.

ST: LITERATURAS EXPERIMENTAIS: DEFINIÇÕES, TENDÊNCIAS, POSSIBILIDADES E FUTUROS.

Coordenação: Maria Aparecida Oliveira de Carvalho, Adolfo Cifuentes e Luiz Henrique Carvalho Penido

Resumo: Afinal, o que é literatura experimental? Em que se pressente a experimentalidade do experimental? Ainda é possível e relevante, encerrado o primeiro quarto do séc. XXI, falar em experimental e experimentação? De fato, sob esse nome presumivelmente auto evidente de "literatura experimental" se reuniu, ao longo do tempo e com critérios relativamente vagos e flexíveis, um conjunto variado de textos heterodoxos, prototípicos, não-convencionais ou inclassificáveis. A chamada literatura experimental ora acenava para determinadas características inusuais de textos, autores ou grupos – na literatura brasileira o experimentalismo em Oswald de Andrade, Flávio de Carvalho, Osman Lins, Clarice Lispector, Guimarães Rosa etc. – ora conectava aspectos programáticos frequentes nas vanguardas do séc. XX ou em autores contemporâneos – a exemplo das sucessivas explorações da linguagem propostas pelos manifestos futurista, dadaísta, surrealista; as práticas experimentais em torno da revista Noigrandes dos irmãos Campos e Décio Pignatari, ou, por fim, daqueles escritores contemporâneos tributários da autoconsciência "pós-moderna" – ora, ainda, designava determinado processo de escrita que, ao submeter-se a restrições e rigores formais dos mais variados tipos, reorganizava o campo do possível em literatura. Empurrar a fronteira, solapar o campo, inventar um rigor que não totaliza, aspectos tanto da iconoclastia das vanguardas quanto da mania pós-moderna. Há muitas tentativas de definir esse conjunto de práticas literárias heterogêneas e todas parecem insuficientes diante da diversidade vertiginosa de seus objetos. A crítica tem oscilado entre, de um lado, dar ao experimental um lugar de existência bem determinado, uma tradição e uma cronologia, marcada sobretudo por um desejo transgressor e uma potência destrutiva advinda de suas origens em torno de uma estética do novo. De outro, uma outra crítica parece inclinada a abandonar o termo argumentando que o experimental é um tipo de ilusão criadora que cedo ou tarde é reapropriada pela instituição literária – impasse que estaria, de fato, na origem da modernidade. A literatura experimental põe a prova de fato, a sua própria possibilidade de conceitualização, pois, independente de sua vinculação a uma cronologia radical da transgressão ou uma tradição da ruptura e todos seus impasses, permanece uma força de fratura para além de toda periodização interrogando os modelos temporais de inteligibilidade histórico-literária. Permanece, ainda,

frente às instituições literárias e suas pretensas características instáveis, uma margem ou exterioridade solicitando os fundamentos e fragmentando qualquer totalidade. A literatura experimental coloca a prova os limites do legível, não por virtuosismo formal, mas para inventar novos regimes de sensibilidade, novas partilhas do sensível, novas habitações na materialidade. De fato, a definição de John Cage, a mais precisamente experimental, parece recolocar a questão em um equilíbrio frágil e necessário: o experimental "é um ato cujo resultado é desconhecido". A partir disso, convidamos pesquisadores a compartilharem seus trabalhos sobre a literatura dita experimental em suas variadas manifestações e procedimentos. Interessam-nos os processos de fragmentação, montagem, colagem, os procedimentos constritivos e construtivos, a metaficção e a autorreflexividade, os jogos de desagregação sintática e semântica, a escrita automática, a convocação do acaso ou o rigor matemático, a intertextualidade em suas formas radicais e outras apropriações, a serialidade, a permutação, a combinação, a espacialização, os efeitos de arquivo, a performatividade e intermidialidade, a escrita algorítmica, os hibridismos e tantos outros caminhos tomados por uma literatura que convoca a incerteza, a fratura, o erro, mas, principalmente, a ação.

Nesse regime de comunhão de bens, de perdas e desconstruções, buscaremos neste simpósio investigar a (con)tradição literária experimental, para evidenciar sua potência e vivacidade histórica desde a ars latina, ou mesmo antes, com o poema visual o OVO, de Símias de Rodes, feito no ano 325 a. C., até o Ovo novelo de Augusto de Campos, por exemplo, para apreciar tipologias que encerram a ideia de poética experimental, pois a "poesia é risco", perigo, fracasso que remonta a Mallarmé: "Toute l'âme resumée" em confronto com variadas diretrizes literárias observadas ao longo do curso histórico da Literatura ocidental e também oriental. Pensando no contraste entre estéticas dominantes e a experimental, para pôr em relevo a permanência resistente e vigorosa que foram e ainda podem ser alvo de relativa marginalização e a absoluta performance transformadora e revificante. A rasura, enquanto instrumento de transformação dos textos em Despoesia, em arte assimétrica, em "pintura com sombras", que é o trabalho experimental poético de Augusto de Campos, em experimentos em que o poeta não mais se reconhece através do seu discurso, cuja especificidade põe em questão por intermédio do paralelo entre a despintura e a despoesia modernas, em relação com a técnica e os meios de comunicação de massa, entre outras experimentações e viagens galácticas pelo universo da língua e da literatura em fragmentos.

ANCESTRALIDADES REVOLUCIONÁRIAS: VANGUARDAS E OUTRAS DES-EURO-CENTRALIZAÇÕES

Adolfo Cifuentes

Resumo: Quais as denominações que poderiam ter assinalado, nos seus contextos culturais, o campo que denominamos "Literatura" ANTES da invenção da escrita? Práticas xamânicas, celebrações comunitárias, cantos de trabalho, canções de ninar, histórias da vovó, gestas e ciclos heroicos que, através do reconhecimento das narrativas, dos personagens e dos fatos nelas relatados, reforçam identidade e pertença ao grupo. Abro com esse preâmbulo a presente proposta para lembrar que as revoluções estéticas do século XX tiveram as suas origens nas práticas ancestrais de povos e culturas outras. O pintor Picasso e o historiador Carl Einstein colocando no centro do discurso estético europeu a arte negra africana, Antonin Artaud revolucionando as artes cênicas através das suas experiências com os Tarahumara, no México, Gauguin ré-inventando as lógicas e linguagens da pintura a partir da sua convivência com os povos da Polinésia. Ou, então, os estudos de Malinowski e Lévi-Strauss, que revolucionaram as ciências sociais evidenciando a maneira como as práticas culturais e estruturas de pensamento dos povos "primitivos" apresentam uma sofisticação totalmente equivalente àquelas da mentalidade europeia. A diferença radica no fato de que essas formas de saber "outras" possuem estruturas de organização e se exercem sobre campos e objetos diferentes daquelas do pensamento racional: não "inferiores", e sim divergentes das formas hegemónicas do pensamento dito "civilizado". Esta comunicação visa explorar a forma como a experimentação e o olhar para o futuro das vanguardas e pós-vanguardas (literárias e outras) do século XX foram, também, um olhar para o passado pré-racional e as raízes antropológicas da cultura. O "novo" foi possível em diálogo com o ancestral, o velho, o pré-racional e o "antigo", como bem nos lembra, dentre outros exemplos, a neo-língua inventada por Guimarães Rosa: mistura da poli-língua d'O Despertar de Finnegan, de Joyce, e do linguajar dos vaqueiros e jagunços do Grande Sertão.

A FALA DO VÃO: TESTEMUNHO E ILEGIBILIDADE EM A OBSCENA SENHORA D

Brenda Nayara Rodrigues Costa

Resumo: Publicado em 1982, A obscena senhora D, de Hilda Hilst, apresenta a trajetória de Hillé após a morte de Ehud, experiência que a conduz a um intenso confronto com a finitude, a linguagem e os limites da subjetividade. Distanciando-se das convenções narrativas realistas, a obra constrói uma escrita fragmentária, marcada pela oscilação entre monólogo, fluxo de consciência, reflexão filosófica, delírio e interpelação metafísica. Nesse contexto, neste trabalho propomos investigar de que modo a forma experimental do romance se articula à problemática do testemunho. Partimos da hipótese de que Hillé ocupa uma posição singular de testemunha: não de um acontecimento histórico delimitado, mas de uma

experiência-limite que desafia a representação. Na tentativa de enunciar a morte, o vazio, a velhice, a degradação do corpo e a ausência de respostas transcendentais, a narradora confronta a insuficiência da linguagem diante daquilo que excede a significação. A fragmentação da voz narrativa, longe de constituir mero procedimento estético, revela-se como índice de uma subjetividade em tensionada, incapaz de organizar sua experiência segundo formas discursivas estáveis. Nossa análise dialoga com os estudos do testemunho, especialmente as formulações de Giorgio Agamben e Márcio Seligmann-Silva, bem como com reflexões sobre escrita experimental e negatividade literária em Maurice Blanchot. Argumenta-se que a obra de Hilst desloca o testemunho para uma dimensão ontológica, na qual a linguagem busca registrar aquilo que permanece inapreensível. Desse modo, a experimentação formal emerge como tentativa de dar forma ao impossível, produzindo uma escrita que desafia os limites do legível e transforma a própria falência da representação e da linguagem em potência estética. Concluimos que A obscena senhora D inscreve-se em uma experimentação que faz da fratura, da indeterminação e da instabilidade da voz não apenas um procedimento, mas uma forma radical de conhecimento.

REESCRITA E O TEXTO HÍBRIDO DE MARGUERITE DURAS: O ROMANCE E OUTRAS FORMAS EM INDIA SONG

Carolina Azevedo de Oliveira

Resumo: Esta comunicação analisa o processo de reescrita do romance O vice-cônsul (1966) no texto híbrido India Song (1973), de Marguerite Duras, a partir de entrevistas e manuscritos da autora que revelam seu interesse por uma nova forma literária, gestada em diálogo com o cinema, experiência que ela define como a chegada ao "perímetro de antes dos livros" (Duras, 2023, p. 90). Situando India Song no contexto das metamorfoses do romance francês sistematizadas pelo nouveau roman – tal como formuladas nos escritos críticos de Alain Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute, Roland Barthes e Maurice Blanchot, em torno da busca pelo "livro por vir" –, o trabalho sustenta a hipótese de que Duras experimenta uma nova concepção formal centrada na imagem: "Somos sempre transbordados pela linguagem quando se traduz em escrito [...]. Enquanto que na imagem se escreve por inteiro" (Ibid, p. 91). A partir da noção de escritura como ato, na acepção barthesiana, a análise examina os caminhos da escrita e os processos literários que, no encontro com outras formas, notadamente o cinema, engendram a busca por um texto moderno, fragmentado e intermidiático. Em seu projeto de transposição do romance em texto/teatro/filme, Duras retoma e radicaliza as propostas do nouveau roman, cuja concepção de realismo se funda na criação de imagens – traço já presente em O vice-cônsul que se intensifica em India Song, à

medida que a busca pela imagem através do texto se entrelaça com os suportes visuais, sobrepondo as linguagens cinematográfica, dramática e literária.

ESTUDO DO SILÊNCIO NAS PEÇAS TELEVISIVAS DE SAMUEL BECKETT À LUZ DE MAURICE MERLEAU-PONTY

Clara Hasson de Lima Escamilla

Resumo: A presente comunicação propõe-se a partilhar um exame em curso no mestrado acerca da singularidade da produção televisiva de Samuel Beckett, sob a perspetiva da fenomenologia da linguagem de Maurice Merleau-Ponty. A obra audiovisual tardia de Beckett parece inserir-se de modo instigante no escopo da tradição experimental, ao promover o esvaziamento das formas dramáticas convencionais, a fragmentação visual e a interrupção da lógica narrativa. A mobilização de Merleau-Ponty procura justificar-se pelo fato de o filósofo conceber a linguagem não como um mero sistema de tradução de significados pré-existentes, mas como um gesto expressivo opaco e corporificado. A partir dos conceitos de "linguagem indireta" e "vozes do silêncio", procuramos investigar de que modo a recusa beckettiana à mimesis realista pode dialogar com a perspectiva fenomenológica: a palavra e a imagem tenderiam, assim, não a representar diretamente o mundo, mas a instituir novos regimes de sensibilidade através das falhas da sua função comunicativa habitual. Em diálogo com a chamada deste simpósio sobre as estéticas do risco e da fratura, propomo-nos a analisar os procedimentos de silêncio e vazio em curtas-metragens como Eh Joe, Ghost Trio e Quad. Procuraremos evidenciar como o desfazimento (undoing) de elementos realistas parece instaurar frestas e intervalos nos quais o sentido passa a habitar a própria materialidade do meio televisual, sugerindo o colapso da linguagem fabuladora e ilustrando a condição precária da arte moderna: "A expressão de que não há nada a expressar, nada com que expressar, nada a partir do que expressar, nenhum poder de expressar, nenhum desejo de expressar, aliado à obrigação de expressar." (Beckett, 2022, p. 182)

O TEMPO E O ESPAÇO EM "NO FUNDO DO OCEANO, OS ANIMAIS INVISÍVEIS", DE ANITA DEAK

Douglas da Silva Farias

Resumo: Em "No fundo do oceano, os animais invisíveis" (2020), da escritora brasileira Anita Deak, é narrada a história de Pedro Naves, guerrilheiro que fez parte da luta armada contra a Ditadura Militar. Essa vivência traumática gera uma narração repleta de lacunas e sobreposições de tempos e lugares,

entretecendo uma narrativa fragmentada, apesar do esforço do narrador de construir um relato coeso e linear. Dessa forma, o encaixe desses fragmentos produz uma narrativa que encena uma experiência vertiginosa dos acontecimentos, em que a identidade do narrador é diluída no torvelinho espaço-temporal das suas rememorações. Meu objetivo, então, é analisar como a composição do tempo e do espaço se dá nessa narrativa marcada pela fragmentação. A partir disso, busco dimensionar os procedimentos empregados nessa obra dentro de uma tradição que convenciona a dissolução das formas tradicionais do romance. Nesses termos, o referencial teórico dessa análise é composto de autores cujos pressupostos são pertinentes à proposta desse trabalho como György Lukács, Brian McHale, Jacques Rancière, J. Hillis Miller, Luis Alberto Brandão, Eurídice Figueiredo e Regina Dalcastagnè. Longe de um jogo cínico das formas, "No fundo do oceano, os animais invisíveis" lida com o tema da memória sobre um momento da história brasileira marcado por lacunas e apagamentos com o intuito de, por meio da ficção, preencher esse vazio narrativo.

A CITAÇÃO E O ENCONTRO: POÉTICA DA DESTRUIÇÃO EM "IMAGEN DE JOHN KEATS", DE JULIO CORTÁZAR

Gae Breyton Berrutti

Resumo: Em "Imagen de John Keats", de Júlio Cortázar, o autor argentino passeia pelso gêneros literários sem fixar-se em nenhum deles. Embora narre cronologicamente os eventos da vida de uma figura real, "Imagen de John Keats" não se configura propriamente como uma biografia, habitando as zonas cinzentas entre gêneros. A temporalidade não chega a ser linear, pois há pausas, saltos, interpolações e colagens dentro dessa linha condutora. A própria relação com os dados históricos é um tanto opaca, pois ainda que se baseie em cartas, estudos críticos e em biografias bem documentadas há uma leitura altamente pessoal que se faz desse material. Além de misturar estudo crítico e biografia, o texto também se constrói com inserções da vida do próprio autor e a preocupação com a forma do livro é incorporada à própria escrita, esta eivada de humor e de uma ironia aguda contra os clichês da literatura, da academia e da crítica. Para Davi Arrigucci, a coexistência em Julio Cortázar do autor e do crítico determinaria uma tensão constante dentro da obra, pois a sua escrita carrega a marca de uma consciência crítica aguçada e à espreita, criando uma narrativa metalinguística que questiona o próprio ato de narrar. Por isso, seria uma narrativa que se encaracola, que questiona a sua própria natureza, existindo em permanente instabilidade.

AUTOR E "AUTOR": AUTORIA E METAFICÇÃO EM DAVID FOSTER WALLACE

Isabela Correa Nunes

Resumo: Esta comunicação propõe discutir o enlace entre metaficção e autoria no romance "O rei pálido", de David Foster Wallace. Na obra, um narrador interpela o leitor para informá-lo de que o romance não é uma "sacanagenzinha metaficcional gratuita", mas "real de verdade". A voz que dá o aviso também se anuncia como verdadeira: o "ser humano vivo que segura o lápis", "David Wallace". A intromissão parece radicalmente direta; o autor se apresenta com apelos de veracidade e com dados que, supostamente, a comprovam: nome, endereço, cidade natal e RG – dados que, à segunda vista, são falsos. "O rei pálido" parece dar forma a um impasse que também figura na obra de diversos autores contemporâneos, como J. M. Coetzee, Ricardo Piglia e Chico Buarque. Quando o factual se imbrica ao ficcional, quem está dizendo "eu"? Narrador, autor ou personagem? O nome "David Wallace" se refere a quem? No romance, parecem estar em jogo as consequências formais e éticas da impossibilidade de oferecer uma resposta segura a essas perguntas. O referente do nome torna-se instável, ameaçando a capacidade da literatura de falar do "real de verdade". Nos apelos do narrador, parece haver uma concepção de linguagem baseada na correspondência entre nome e sujeito. Em contrapartida, a forma do texto aponta para uma visão cética da linguagem que abre fissuras precisamente entre o nome e seu suposto referente. Com isso, desestabiliza-se não apenas a possibilidade de um sujeito corresponder ao seu nome, mas a moralidade dos apelos factuais na ficção. À vista disso, propomos discutir em que medida "O rei pálido" coloca em cena, a partir da indeterminação da voz narrativa, um embate entre metaficção "gratuita" e literatura comprometida com o real de verdade, entre autorreferencialidade e referencialidade, e entre concepções opostas da linguagem que tensionam a ideia de autoria e de biografia.

EXPERIMENTALISMO E BARBÁRIE NA POÉTICA DO PORTUNHOL SELVAGEM DE DOUGLAS DIEGUES

Josué Ferreira de Oliveira Júnior

Resumo: Resumo: A comunicação tem como objetivo analisar a natureza experimental e bárbara da poética do poeta, editor e agitador cultural fronteiriço Douglas Diegues. Nascido no Rio de Janeiro, filho de pai carioca e mãe paraguaia (hispano-guarani), Diegues se muda ainda criança para Ponta Porã, cidade do Sul de Mato Grosso do Sul localizada na linha de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, cujo limite com Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia, se dá demarcado pela Avenida Internacional. É, pois, nos encontros e desencontros desses mundos cindidos que o poeta será educado e de onde retirará os elementos fundantes de sua poética rebelde, insubmissa e selvagem, denominada por ele mesmo de portunhol

selvagem. O nome, como já se pode prever, advém do fato de que o poeta dá vida à sua literatura numa (não)língua que se constitui a partir da elisão das fronteiras mesmas entre as línguas oficiais dos países em contato: o Português, o Espanhol e o Guarani, dentre outras, numa atitude que aponta para recusa deliberada do poeta em aceitar os limites e as convenções modernamente instituídas quanto às línguas oficiais, às fronteiras territoriais e, por extensão, à noção de literatura nacional. São contra estes pilares da modernidade que sua obra se insurge. O caráter experimental de sua literatura se acentua ainda mais pela adesão do poeta às edições cartoneras, livros artesanais construídos com papelões reutilizados, o que garante ao livro o status de obra única, irrepetível, além de assinalar seu evidente enfrentamento ao mercado editorial tradicional. Mais do que lançar luz sobre o caráter experimental do portunhol selvagem, interessa-nos demonstrar tratar-se de uma poética cujo projeto estético-político se delineia a partir de uma visada marginal-fronteiriça que reclama, por assim dizer, uma abordagem teórico-crítica outra, de natureza epistemológica, fronteiriça e decolonial.

A RETALIAÇÃO OU REMONTAGEM EM EL SISTEMA DEL TACTO (2018)

Larissa Araujo da Cruz

Resumo: A presente comunicação objetiva analisar como o sentido "disforme" se apresenta na obra "El sistema del tacto" (2018) enquanto uma forma que escancara a ausência. O romance, escrito pela chilena Alejandra Costamagna (1970), surgiu através do desejo da autora em realizar um documentário familiar, e se desdobrou em uma obra composta por inúmeros arquivos que se mesclam à ficção da protagonista, ressignificando os limites entre real e ficção. Esse gesto aparece como um empenho em dar sentido às inquietações provocadas por uma relação problemática com o passado (Garramuño, 2026), especialmente no contexto em que emergem Costamagna e outras/os escritoras/es, enquanto crianças que vivenciaram períodos ditatoriais em seus países, como o Chile (1973-1990). Essa geração de escritoras/es, integrantes de uma "literatura das/os filhas/os" (Roos, 2016; Teicher, 2023) apresenta como a repressão e a violência adentraram no espaço íntimo/familiar, desmantelando a memória e a herança. Por esse motivo, suas obras dispõem de interrogações e lacunas, deixando-as sem contorno definido e com uma sintaxe quebrada. Em "El sistema del tacto", a personagem Ania retorna à cidade do pai para enterrar um parente e lá se depara com arquivos soltos, memórias borrosas e fantasmas do passado que a levam a questionar o silêncio e o desconhecimento sobre sua origem. Diante dos fragmentos encontrados pela personagem, é a ruína o mecanismo que Ania possui para remontar sua própria história, feita em uma espécie de colcha de retalhos, em que, mais do que atestar a presença, ratifica a ausência e o passado lacunar daquela família.

Sendo assim, percebe-se como a disposição fraturada, engendrada tanto na narrativa quanto na obra, assinala a proposição dessa geração de tentar esquadrinhar o inexistente, reclamando por aquilo que foi ocultado ou apagado.

EXPERIMENTAÇÕES BARTHESIANAS A PARTIR DO JAPÃO

Laura Taddei Brandini

Resumo: Roland Barthes (1915-1980) é considerado um dos grandes pensadores da literatura no século XX, tendo se indagado sobre o fenômeno da escrita literária desde sua primeira obra, O Grau zero da escritura (1953), até suas últimas reflexões registradas nas anotações para o curso que acabava de ministrar no Collège de France quando de sua morte, A Preparação do romance I e II (1978-1980). Barthes inicia sua carreira refletindo sobre o que se constituiria como ponto de partida para a escrita literária, seu "grau zero", e termina questionando-se sobre o que seria necessário para escrever um romance. Seus últimos manuscritos, inclusive, testemunham uma tentativa de escrita de romance intitulado "Vita Nova". Nessa trajetória, insere-se uma experiência literária sem parentesco com outros textos: O Império dos signos, obra escrita após três temporadas de Barthes no Japão (1968, 1969 e 1969-1970), é considerada pelo escritor como fruto de suas mais felizes experiências de viagem, como ele mesmo afirma em uma entrevista em 1977 (Barthes, 2004). Esta obra, todavia, foi muito pouco discutida pela crítica, incluindo a brasileira. Tal silêncio se deve, talvez, por sua dificuldade de enquadramento em uma categoria como o romance, o ensaio, o relato de viagem e até mesmo o guia de viagem. A presente proposta de comunicação se deterá sobre o caráter experimental de O Império dos signos do ponto de vista formal sem, contudo, deixar de lado seu papel no rol de reflexões barthesianas sobre a escrita literária, tendo em vista o projeto de escrita de um romance, explicitado em 1978 mas, possivelmente, e esta é uma hipótese que pretendo explorar, experimentado por Barthes já em 1970, com esta obra singular.

ESPÉCIES DE ESPAÇOS NA ROÇA BARROCA: GEORGES PEREC E JOSELY VIANNA BAPTISTA

Maria Aparecida Oliveira de Carvalho

Resumo: A proposta deste trabalho é conversar com textos híbridos, poéticos e não, que põem a linguagem em xeque e, a partir daí, provocam (re)leituras de presentes, passados em agoras; espécies de espaços em mutações em experimentos com a linguagem, os tempos, as vozes, como em Roça barroca, de Josely Vianna Baptista, inspirada também na leitura de poesia performativa de Inês Oseki-Depré, em Poesia

Intratável, livro bilíngue francês e português sobre a poesia experimental brasileira contemporânea. Josely tem uma memória formal e transcriadora com uma problemática que vem das lendas ameríndias, que lida diretamente com a história de um povo indígena, os Mbyá-Guarani, e seu mito da criação do universo a partir do Verbo. Sua aventura ao trabalhar a poesia formadora do mundo leva a um rompimento com a poesia reduzida a gênero literário, recuperando-a em sua matéria de vida anterior a funções da literatura, trazendo uma proposta de reflexão criativa, abrangendo traduções e poemas próprios de moradas e espaços nômades, como diz a poeta: "nenhum gesto\sem passado\nenhum rosto\sem o outro". Em Espécies de espaços, Georges Perec, como um Flaubert do último quarto do século XX, examina o espaço cotidiano através de temas como a página, a cama, o quarto, a rua, a cidade, buscando revelar o que não é visto mas que é o espaço que nos cerca e no qual vivemos. Arquitetura, artes visuais, poesia, cinema, antropologia, sociologia, geografia e tantos outros saberes são mobilizados para interrogar as diversas camadas que constroem nossos hábitos e percepções em contínuo labirinto literário na inventividade transbordante que povoa o relato de incontáveis espaços e seres e coisas, desnorteando nossas bússolas, encontrando A filosofia da casa, de Emanuele Coccia, espécie de filosofia experimental, com histórias que falam de ruas, mercados, assembleias em um mapa de espaços migratórios de experimentação e perdas.

ENTRE O ROMANCE CERVANTINO E ARTE CONTEMPORÂNEA: A INTERPROCEDIMENTALIDADE EM BEATRIZ BRACHER, ROSÂNGELA RENNÓ E LEÓN FERRARI

Reginaldo da Luz Pujol Filho

Resumo: É recorrente que Estudos Literários, Comparativos e Interartes ao relacionar literatura com outras artes, o façam pela análise da representação/figuração de temas ou questões. Outra recorrência, especialmente quando a literatura é relacionada com as artes visuais, é que o objeto literário seja obra de poesia. São raros os encontros teóricos que aproximam prosa literária e artes visuais. Quando ocorrem, é usual que se analise como a prosa literária: incorpora imagem e foto; representa a produção artística; ou faz uso da écfrase. A presente comunicação pretende trazer uma abordagem experimental no que diz respeito às fricções entre arte contemporânea e prosa literária. Trata-se da interprocedimentalidade, método em desenvolvimento que aproxima trabalhos de artes visuais e de prosa literária pela via de procedimentos e processos (PUJOL FILHO, 2019, 2021). Aqui, o desafio é aproximar o romance Guerra I (2024), de Beatriz Bracher, com a obra da artista Rosângela Rennó e com Palabras ajenas, collage textual para perfomance do artista argentino Leon Ferrari. Isso se dará a partir de noções como montagem,

colagem, apropriação e sobretudo o trabalho com poéticas de arquivo na arte contemporânea. Como aponta Arantes (2015), "é impossível negar que o contemporâneo tem sido arrebatado por uma compulsão de pesquisas que giram em torno do arquivo. Vivemos uma febre de arquivo". Assim pensaremos se Guerra I, todo composto por colagens e deslocamentos de depoimentos sobre a guerra contra o Paraguai, pode ser visto em seus procedimentos como potencial trabalho de arte contemporâneo em diálogo com Rennó e Ferrari. Como moldura conceitual e política, Manzi (2023) e a ideia da prosa como meio para a arte contemporânea, Camnitzer (2008) e a noção de conceitualismo latinoamericano em contraste com a arte conceitual produzida nos EUA e Europa, e Cesar Aira e a noção arte como procedimento (2007, 2018).

ST: LITERATURAS INSUBMISSAS E SABERES INDISCIPLINADOS: CRÍTICAS, TEORIAS E EXPERIMENTAÇÕES

Coordenação: Fernanda Vieira de Sant' Anna, Randra Kevelyn Barbosa Barros e Edimara Ferreira Santos

Resumo: No horizonte da palavra e nas tessituras do tempo, ressoam, insubmissos e indisciplinados, corpos, vozes e saberes fluindo nas canoas da ancestralidade nos rios das memórias. As literaturas indígenas, de África e afrodiaspóricas, em sua dimensão de vanguarda ancestral, tensionam a ruptura histórica imposta pela colonização, que tentou silenciar o genocídio dos povos indígenas (ainda em curso) e o tráfico de escravizados africanos, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 25 de março de 2026, como o crime mais grave contra a humanidade. São vanguardas ancestrais que (re/ins)escrevem, na tessitura da linguagem, memórias que confrontam os registros históricos considerados oficiais. Ao fazer da palavra (falada, escrita, desenhada, tecida, cantada, performada) um território de retomada, as literaturas indígenas, de África e afrodiaspóricas produzem modos de (re)lembrar, de (re)conhecer e de (re)desenhar futuros, enraizados em cosmopercepções ancestrais orientadas ao futuro. Nesse contexto, a literatura não se limita à autoexpressão, mas se constitui como território de (re)construção de memória cultural, como gesto de (re)existência e como prática de preenchimento das lacunas históricas. Debruçar-se sobre um conceito de Literatura significa compreender suas limitações e possibilidades, especialmente considerando que o termo não inventa a substância. As literaturas de vozes historicamente marginalizadas/subalternizadas sempre ressoaram para além do código do alfabeto latino e para além do início e dos confins de um cânone literário ocidentalizado. Os gêneros textuais e literários identificados e classificados pela monocultura do pensamento eurocentrado, ignoraram, por séculos, as formas de fazer literário e epistemológico de povos indígenas de Abya Yala (continente americano), de África e afro-diaspóricos. Nesse sentido, uma Teoria Indígena da Literatura, (Sant' Anna, 2025) e uma

Teoria Afro-brasileira da Literatura nascem impulsionadas pela própria materialidade literária, que demanda a construção de teorias que contemplem o que foi sufocado pelos conhecimentos ocidentais e ocidentalizados, considerando suas especificidades e projetos estéticos e políticos. Como o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (1996), chave estético-teórica para o estudo da literatura afro-brasileira. Ao abordarmos literaturas indígenas e afrodiaspóricas é imprescindível ter o cuidado com conceitos que devem ser acionados fundamentados em uma construção epistemológica séria e não como um jogo de palavras esvaziadas de sentido em um movimento de um multiculturalismo estéril. Em um mundo febril de urgências, como os desdobramentos da crise climática em desastres, as injustiças social e ambiental, o genocídios de povos ditos "minorizados", o epistemicídio de saberes ancestrais insubmissos, é inadiável que nos voltemos para epistemologias plurais e indisciplinadas (dentro e fora da academia), que desmantelem não apenas a hierarquia ocidental de saberes, mas os sistemas de opressão semeados na colonização e perpetuados na colonialidade. Epistemologias plurais indisciplinadas e insubmissas que possibilitem a emergência de alianças de saberes para a construção de soluções para as questões que atravessam a contemporaneidade, compreendendo que nenhum saber sozinho é capaz de desfazer as quelóides coloniais. Para tal, o campo da Literatura Comparada, enquanto conceito ampliado, não limitado à comparação de literaturas nacionais, mas que abraça em si multiplicidades textuais que interagem como uma variedade de suportes carregada de uma diversidade de significados e temáticas que não se restringem às linhas territoriais imaginárias. Nessa perspectiva, há uma transformação no objeto de estudo da estética contemporânea, visto que analisar a arte deixou de significar apenas o exame das obras em si, passando a envolver também as condições textuais e extratextuais, bem como os contextos estéticos e sociais, nos quais a interação entre os agentes do campo artístico produz e ressignifica sentidos (Canclini, 2000). Neste Simpósio Temático, propomos reunir trabalhos de diferentes áreas do conhecimento, em perspectiva comparada, para a partilha e construção de uma rede de saberes (in)comuns, que possam fluir e transbordar as linhas das disciplinas. Nesse sentido, este Simpósio Temático acolhe trabalhos e se volta para as Literaturas Indígenas, Afro-brasileiras, para os Feminismos não-civilizatórios, como o feminismo comunitário de Abya Yala (Carvajal, 2020), decolonial (Vergès, 2020) e camponês, dos Futurismos Afro e Indígena, das Epistemologias Ancestrais, dos Saberes Indisciplinados e Insubmissos, para Pedagogias Decoloniais, Literatura e educação, Literaturas e outras artes (artes visuais, cinema, slam, performance) e para processos de (re)apropriação e (re)invenção de línguas e conhecimentos na criação de artes e imaginários transgressores capazes de articular uma confluência de saberes (Santos, 2023). Nosso aporte teórico inclui, Carvajal (2020), Evaristo (2020), Graúna (2013), Justice (2018), Ailton Krenak (2019), Márcia Kambeba (2020), Mignolo (2011), Quijano (2010), Rosa (2019), Santos (2023), Tuhiwai Smith (2012) e Vergès (2020).

OS NAVIOS NEGREIROS, AS TUMBAS DO MAR, E OS HORRORES DO TRÁFICO DE ESCRAVOS: DIÁLOGOS ENTRE AS OBRAS DE CASTRO ALVES, MARIA FIRMINA DOS REIS E ANA MARIA GONÇALVES

Alexandre Roberto Camillo Flores

Resumo: O tráfico de escravos para o Brasil teve início no século XVI e durou até o século XIX. Os escravos eram capturados em diferentes regiões da África, mas principalmente ao longo da costa ocidental, entre Senegal e Angola. Muitos também vieram da costa oriental, de Moçambique e da ilha de São Lourenço, atual Madagascar, e até mesmo de regiões no interior do continente africano. Schwarcz e Starling (2015, p. 115) estimam "que, entre 1550 e 1855, entraram pelos portos brasileiros cerca de 4,8 milhões de africanos, na sua maioria jovens do sexo masculino. O Brasil, sozinho, recebeu aproximadamente 40% do total de africanos que atravessaram o Atlântico rumo às Américas". Os escravos eram trazidos pelos navios negreiro ou tumbeiros, que cruzavam o atlântico rumo às américas para garantir a produção e o desenvolvimento do Brasil. Esta comunicação tem a intenção de pensar sobre o tráfico de escravos feito pelos navios negreiros, para isso tem o objetivo de apresentar uma análise comparativa de obras da literatura brasileira que revelem essa realidade, para emergir reflexões de como seus autores a interpretam e de que forma isso pode servir de crítica àquela situação que os negros escravos vivenciaram. Para isso, foram selecionados o poema O navio negreiro de Castro Alves, mais especificamente a IV parte, que trata do espaço do navio e as pessoas que ali estão, o romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis, dando atenção ao capítulo "A preta Susana", que dá voz narrativa à personagem para contar sua história, e o "Capítulo Um" do romance Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves, quando Kehinde narra sua captura para ser traficada para o Brasil.

ESCUCHA COSMOPOLÍTICA DESDE EL TRANCE EN O MANTO DA NOITE (2023), DE CAROLA SAAVEDRA

Caroline Kirsch Pfeifer

Resumo: En los últimos quince años, las narrativas latinoamericanas escritas por mujeres han cuestionado el lugar de lo humano y lo no-humano en las relaciones con la tierra y el planeta, tensionando un pensamiento etnocéntrico. La hipótesis de lectura que guía este trabajo sostiene que estas escrituras, y en particular O manto da noite (2022) de Carola Saavedra, desplazan la voz narrativa hacia otras subjetividades y corporalidades para visibilizar y dar voz a archivos silenciados, proponiendo epistemologías

alternativas para pensar el presente. Desde esta perspectiva, el trance surge como un recurso narrativo, teórico y crítico para problematizar nuevas formas de leer la literatura contemporánea desde saberes situados (Haraway, 1995). En este sentido, este trabajo propone analizar cómo el trance en la novela de Saavedra visibiliza una voz y una escucha cosmopolítica que reconfigura memorias y transforma el cuerpo en un espacio de resistencia frente a la contemporaneidad. Así, este trabajo propone examinar cómo la voz no-humana se desplaza hacia otras subjetividades y reactiva memorias ancestrales para revelar historias borradas, territorizar espacios y entrecruzar diferentes imaginarios, temporalidades y espacialidades. Dentro de este contexto, la lectura crítica parte de los aportes teóricos de la cosmopolítica amerindia (Kopenawa; De La Cadena; Cabnal) y del feminismo decolonial. El análisis se organizará en torno a categorías de como territorio-cuerpo, escritura en trance y pluriverso, situando la obra de Saavedra en un horizonte transdisciplinar y comparativo con otras narrativas latinoamericanas contemporáneas que tematizan la emergencia de nuevas alianzas de saberes para atravesar la contemporaneidad.

LITERATURAS INSUBMISSAS E SABERES INDISCIPLINADOS

Chénara Gonçalves de Araujo

Resumo: Este trabalho analisa o romance Um defeito de cor (2006), de Ana Maria Gonçalves, como escritura afro-brasileira insubmissa que reconfigura memórias da escravidão e da diáspora a partir da voz de uma mulher negra, Kehinde, em chave de vanguarda ancestral. O objetivo é propor um hibridismo biográfico-decolonial que articula o conceito de "espaço biográfico", de Leonor Arfuch, às teorias decoloniais de Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Maria Lugones, interrogando como a narrativa de Kehinde se constitui como território de (re)existência, retomada de memória cultural e enfrentamento da colonialidade do poder e de gênero. Situado no horizonte das literaturas afro-diaspóricas que (re)inscrevem histórias silenciadas, o estudo lê Um defeito de cor em diálogo crítico com o cânone que romantiza ou marginaliza sujeitos negros, bem como com proposições como a escrevivência de Conceição Evaristo, compreendida aqui como chave estético-política para pensar epistemologias afro-brasileiras. A partir de uma análise qualitativa, ancorada em close reading de passagens centrais da trajetória de Kehinde (captura, travessia, leilão, maternidade, retorno à África), o trabalho mapeia como a personagem performa um movimento de delinking em relação às narrativas coloniais, produzindo saberes indisciplinados que desestabilizam o arquivo histórico oficial. Ao deslocar a biografia ficcional de Kehinde para o centro do debate sobre colonialidade, gênero e raça, o artigo argumenta que o romance opera como prática de epistemologia insubmissa: reinscreve memórias negras apagadas, reorienta o olhar sobre a escravidão e a

diáspora e fornece repertório para pedagogias decoloniais e descolonização curricular (Lei 10.639/2003). Pretende-se, assim, contribuir para a construção de uma Teoria Afro-Brasileira da Literatura que reconheça essas escrevivências como lugar de elaboração de futuros outros, enraizados em cosmopercepções ancestrais e em alianças de saberes entre literatura, educação e luta antirracista.

SINESTESIA, CENESTESIA E A LEITURA DO POEMA FRAGRANTE

Débora dos Santos Silva Rosa

Resumo: Muitas vezes despercebida pela sua presença constante, a nuvem olfativa que nos cerca é impregnada por suas relações com o corpo, os tratos e dimensões sociais, as memórias e a melancolia. Neste rastro olfativo, a poesia também se inclui, acrescentando ainda mais uma nota em forma de questionamento: como o cheiro da pele ou do perfume – esta é outra distinção necessária de ser feita – seriam representados na mancha gráfica de um poema por intermédio das palavras? Neste caminho, será cotejada a diluição do sujeito poético que se funde em um diálogo fluido entre o corpo, a natureza fragrante das coisas e os poemas. Também é neste sentido que proponho uma leitura investigativa das figurações olfativas que emanam dos poemas em diálogo com uma série de teóricos de áreas sortidas oferecendo, assim, um estudo por estereoscopia dos fenômenos sinestésicos que partem do nariz do autor em direção ao seu leitor em um movimento estético pouco usual. Indo de discurso e descrição até o que poderia ser, na ordem de pensamento mais platônico, o princípio mediador entre o mundo sensível e o inteligível, a palavra é, de fato, um ambiente favorável para descrever e mediar o que envolve a sensibilidade olfativa e o que entendemos dela. Por isso, considerando sua construção, os poemas são estruturas excelentes para pensarmos as relações entre a palavra e o olfato, o que é sentido e o que é entendido a partir dele.

VOZES QUE VÊM DA SALA DE AULA: LITERATURA NEGRA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM DIÁLOGOS

Edimara Ferreira Santos

Resumo: A importância de desenvolver projetos de pesquisa, extensão e ensino sobre o recorte de gênero e raça é fundamental para desconstruir a ordem posta de que a Literatura Brasileira é formada por homens brancos e héteros e para repensar a construção da História da Literatura Brasileira que esqueceu, apagou e silenciou escritos de autorias de mulheres negras nas ementas do curso de Letras das universidades e nos livros didáticos das escolas brasileiras. Dessa forma, o objetivo central é apresentar as

experiências de leitura literária por meio de oficinas antirracistas desenvolvidas em três escolas do município de Marabá/Pa com alunos dos ensinos Fundamental e Médio, utilizando contos de Cristiane Sobral e de Conceição Evaristo, crônica de Cidinha da Silva. Tais atividades estão inseridas no conjunto de ações propostas pelo subprojeto Práticas de leituras literárias de contos e crônicas de autoras(es) negras(os) contemporâneas(os) como estratégias de iniciação à docência, vinculado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). A utilização de textos literários de autoria negra com alunos da Educação Básica insere-se no debate sobre a Literatura Negra, que, do ponto de vista da produção literária, constitui um espaço de reflexão e de construção identitária do sujeito negro, além de incentivar o fortalecimento de práticas docentes antirracistas, em conformidade com a Lei nº 10.639/03. A metodologia adotada foi: a sensibilização, a antecipação, a leitura e a interpretação, proposta por Michelleti (2000) e Corsi (2015) que defendem a ideia de que é preciso sensibilizar o leitor do texto literário de diferentes maneiras. Propomos como referências teóricas hooks (2017), Bajour (2023), Azevedo (2021), entre outras. Após um ano de desenvolvimento das atividades, foi possível observar avanços nas práticas pedagógicas e reconhecer a relevância do programa para o trabalho com a Literatura Negra e a Educação Antirracista junto aos estudantes da Educação Básica.

"PRETA MÃE": MATERNIDADE NEGRA, ESCREVIVÊNCIA E MATRIPOTÊNCIA EM CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Erica de Souza Oliveira

Resumo: Este resumo apresenta os resultados centrais da tese que defendi recentemente, na qual examino a reinvenção da maternidade negra nas literaturas de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Parto da premissa de que a experiência materna das mulheres negras, tradicionalmente narrada pelo viés da opressão colonial e do estereótipo da mãe preta, é transformada por essas autoras em território de agência e poder. Sustento a hipótese de que elas elaboram outra figura materna que exige uma nova categoria analítica — a preta mãe —, deslocando a maternidade da subserviência para o centro de um projeto intelectual e político de libertação.A pesquisa, de natureza qualitativa, ancora-se metodologicamente no conceito de escrevivência (Evaristo, 2021) e dialoga com um referencial teórico afrocentrado e decolonial: Lélia Gonzalez, bell hooks, Ângela Davis, Sueli Carneiro e o conceito de matripotência (Oyěwùmí, 2016). O corpus é composto por Casa de Alvenaria (1961) e Diário de Bitita (1986), de Carolina Maria de Jesus, e Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016) e Olhos d'Água (2016), de Conceição Evaristo. Os resultados demonstram que a maternidade negra, tal como representada pelas

autoras, é um ato político de resistência e (re)existência. A figura da preta mãe emerge como sujeito complexo, portador de sabedoria ancestral e força criadora que desafia estruturas de opressão. A pesquisa evidencia, por fim, a contribuição dessas escritoras para a descolonização do imaginário social, consolidando a escrevivência como método legítimo de produção de conhecimento.

SABORES DA RESISTÊNCIA E TEXTURAS DA MEMÓRIA: A COZINHA AFRODIASPÓRICA COMO LOCUS DE IDENTIDADE E RESISTÊNCIA EM NARRATIVAS DE AUTORIA NEGRA NO BRASIL

Lorena Duarte Silva

Resumo: Este presente trabalho tem como objetivo geral desenvolver uma análise crítica sobre como a cozinha afrodiaspórica é representada e opera como lócus de memória, resistência e reconstrução identitária em três narrativas brasileiras de autoria negra: Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (2014), de Carolina Maria de Jesus; Ponciá Vicêncio (2003), de Conceição Evaristo; e Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior. A primeira, espacializada em uma periferia do centro urbano; a segunda, localizada no campo; e a terceira, projetada em território quilombola, cujas análises poderão situar a culinária negra como dispositivo político e afetivo que ressignifica experiências de resistência e reexistência negra nas diversas espacialidades do Brasil. A abordagem metodológica é de cunho qualitativo analítico-contrastivo, mobilizando referenciais nos Estudos Afro-Brasileiros, Estudos Culturais e Antropológicos. Deste modo, no decorrer da pesquisa, analisaremos a relação entre a comida afrodiaspórica e a ancestralidade, ligadas, também, com outros subtemas, a fim de que essas temáticas sejam discutidas a partir da compreensão acerca da alimentação como não apenas uma prática biológica, mas como fenômeno cultural e político carregado de sentidos, afetos e disputas, já que a comida, para corpos negros, nunca foi apenas nutrição ou espaço de subsistência. Assim, propondo a cozinha, o alimento, o preparo da comida e os seus espaços de sociabilidade, como dispositivos narrativos que condensam práticas de resistência e transmissão de heranças culturais afrodiaspóricas. Ademais, os resultados deste estudo devem contribuir para a compreensão dos entrecruzamentos entre representações literárias e práticas culturais materiais, onde o alimento, seus ritos culinários e práticas compartilhadas de refeição, se imbricam às formas de pertencimento à terra, à memória corporal e à ancestralidade. Por fim, espera-se que sejam acionadas reflexões e debates acerca de práticas culturais marginalizadas e, recorrentemente, desvalorizadas em meio a enquadramentos neocoloniais presentes na sociedade brasileira.

POESIA, IMAGEM E INVENÇÃO NA BUSCA PELA BISAVÓ DE ALINE MOTTA E PELO AVÔ DE EUSTÁQUIO NEVES

Maria Dolores Sosin Rodriguez

Resumo: Na Teoria da Literatura, o conceito de autoria passou por um deslocamento central. Inicialmente associado ao termo latim auctor, o autor exercia uma função autoritária, impondo um sentido único e promovendo o fechamento interpretativo da obra. A escrita era vista como extensão direta de quem a produzia, fixando o significado a partir de sua biografia. Posteriormente, esse estatuto foi questionado. O Pós-Estruturalismo, como aponta Evelina Hoisel (2019), desvinculou o texto das figuras de controle do "pai" ou de "Deus", afirmando a autonomia da obra e a dispersão de seus sentidos. Paralelamente, vertentes como os Estudos Culturais, o Feminismo, a Teoria Queer, as Teorias Raciais Críticas e a Literatura Negra reconfiguraram o cenário. Nesses campos, a autoria não ressurge como imposição autoritária, mas como emergência política e simbólica de grupos historicamente subalternizados. Contudo, a recepção da Literatura Negra brasileira ainda enfrenta impasses. Frequentemente, a crítica adota um viés biografista e um desejo de hipervisibilidade realista que reduzem essas produções ao estatuto de mero documento do real. Essa postura opera uma violência teórica ao tentar restringir ou impedir o direito dessas autorias à invenção, à criação estética e à articulação do simbólico em sua dimensão mais radical. A partir desse panorama, este trabalho discutirá as formas de produção inventiva e familiar nas obras de Aline Motta e Eustáquio Neves, investigando como suas criações tensionam os limites entre memória, autoria e ficção.

EXPRESSO 2222: POÉTICAS DO RETORNO E LITERATURA INSUBMISSA NA OBRA DE GILBERTO GIL

Matias Corbett Garcez

Resumo: Lançado em 1972, pouco após o retorno de Gilberto Gil do exílio em Londres, o álbum Expresso 2222 constitui uma das mais significativas elaborações artísticas da experiência do deslocamento, da memória e da reinvenção subjetiva durante a ditadura militar brasileira. Este trabalho propõe uma leitura do álbum a partir da perspectiva das literaturas insubmissas, compreendendo a canção popular como uma forma de produção literária capaz de articular poéticas da resistência e saberes que desafiam fronteiras disciplinares tradicionais. Mais do que um simples registro autobiográfico, Expresso 2222 transforma a experiência do exílio e do retorno em uma escrita poética marcada pela experimentação

formal, pela mescla de temporalidades e pela construção de imaginários alternativos para a nação brasileira. A análise concentra-se em canções como "Back in Bahia", "Expresso 2222" e "Oriente", nas quais o sujeito lírico elabora simultaneamente a memória da ausência, a redescoberta do pertencimento e a projeção de novos horizontes culturais. Dialogando com estudos sobre canção popular, literatura, memória e exílio, busca-se compreender como Gil constrói uma narrativa de retorno que não corresponde a uma simples recuperação da pátria perdida, mas à criação de um espaço crítico de negociação entre tradição e modernidade, local e global, experiência individual e história coletiva. Argumenta-se que o álbum opera como uma forma de literatura insubmissa ao deslocar os limites convencionais do literário e ao produzir uma reflexão poética sobre identidade, liberdade e resistência em um contexto de repressão política.

"SOU PALMEIRA, SOU JUSSARA": A POÉTICA DAS ÁRVORES NA OBRA DE ALINE PACHAMAMA

Randra Kevelyn Barbosa Barros

Resumo: No processo de colonização do Brasil, as crônicas quinhentistas revelaram o olhar europeu sobre a paisagem. Ao mesmo tempo que havia o encantamento pela natureza, era evidente o desejo de dominá-la, "civilizá-la" para transformá-la em mercadoria e obter lucro. Com o passar dos séculos, essa mentalidade do desenvolvimento capitalista se intensificou e provocou a devastação da maior parte das florestas do Brasil, com muitas espécies de árvores ameaçadas de extinção. Os textos de autoria indígena criticam esse processo e mostram a relevância das plantas no país. Nesse sentido, este estudo busca analisar a representação das árvores como memória vegetal do Brasil na obra "Meu país é nome de árvore: e território indígena" (2025), da escritora indígena Puri Aline Rochedo Pachamama. O livro é composto de crônica e poemas, entrelaça palavra escrita e imagem, para mostrar o saber das árvores, consideradas gente e parte indissociável da identidade do Brasil. Para realizar a investigação, será necessário dialogar com estudiosos(as) indígenas, que tanto discutem as características das escritas indígenas (Graça Graúna, 2013; Eliane Potiguara, 2023; Márcia Kambeba, 2020) quanto filosofias de ligação com a terra (Geni Núñez, 2020; Ailton Krenak, 2022); com as ideias de "poética da relação" (Édouard Glissant, 2021) e "pensamento vegetal" (Evando Nascimento, 2021). Tendo em vista a dimensão analítico-crítica do estudo, utiliza-se o percurso metodológico de pesquisa bibliográfica, com caráter qualitativo. Assim, este trabalho mostra que

a obra de autoria indígena elabora construções estéticas arbóreas ao revelar a profunda conexão do país e seus habitantes com as plantas, reflorestando a existência humana com palavras.

A TRAVESSIA DE MACABÉA: DE CLARICE LISPECTOR A CONCEIÇÃO EVARISTO

Virginia de Souza Campos

Resumo: Como a Macabéa criada por Conceição Evaristo (2012), em Macabéa, flor de mulungu, conversa com o seu lugar de nascimento, a novela de Clarice Lispector, A hora da estrela (1977)? Para promover esse diálogo, observamos a construção da voz narrativa e da relação da protagonista com o saber, com foco na Macabéa reescrita para talvez encontrar o que na primeira não está em evidência. Quanto à voz narrativa, na novela clariceana observamos um distanciamento e posições hierarquizadas entre narrador e personagem, já que Macabéa não fala, mas é falada por outrem. Já em Flor de Mulungu, Evaristo se aproxima tanto da protagonista a ponto de dizer que é a própria personagem, ela mesma e todos os seus. Quanto às formas de conhecer o mundo, há nos textos perspectivas que ou concordam com a razão ocidental da modernidade ou buscam amplificar suas vozes, em um gesto de distensão do que se sabe e de quem produz tais conhecimentos. Macabéa evaristiana, diferente da primeira, que nada sabe, ocupa o ofício de curandeira, parteira e cerzideira. Como parteira, por exemplo, recebe a vida em suas mãos, reinscrevendo a simbologia da maternidade negra no corpo da literatura brasileira. Também vemos, em Flor de Mulungu, um alargamento da concepção de linguagem, que passa de uma perspectiva antropocêntrica para uma perspectiva biocêntrica: ela passa a escutar os rios, como uma resposta à antiga cisão humanidade-natureza. A Macabéa quase cômica de Lispector renasce no texto de Evaristo cheia de sabedoria e disposta a reivindicar o direito de seu povo reescrever a Literatura e a História, longe das narrativas que enclausuram os corpos negros exclusivamente no sofrimento. Flor de Mulungu é, portanto, parte de uma trama de uma longa "tradição fraturada" (Pereira, 1995) dos Estudos Literários, indubitavelmente pronta para viver, se fazer visível, se fazer ouvida.

ST: MACHADO DE ASSIS: REFLEXÕES ESTÉTICAS, PROCESSO CRIATIVO E RECEPÇÃO

Coordenação: Juracy Ignez Assmann Saraiva, Atilio Bergamini Junior e William Moreno Boenavides

Resumo: Machado de Assis, poeta, dramaturgo, romancista, contista e crítico, revela, em suas produções, reflexões sobre o fazer artístico, permitindo pressupor que a literatura, em suas variadas formas de

expressão, constitui um espaço de validação de suas convicções estéticas. Elas estão presentes em seus primeiros ensaios críticos, publicados em A Marmota, em 1856, "Ideias Vagas: a Poesia"; "Ideias Vagas: a Comédia Moderna" e "Ideias Vagas: os Contemporâneos - Mont'Alverne", que apresentam posicionamentos sobre poesia e teatro (Massa, 1971). Também em suas avalições como censor do Conservatório Dramático, publicadas originalmente entre 1856 e 1879, Machado expõe opiniões, pautando-as em convicções estéticas. Ele se fundamenta no pressuposto de que a arte dramática e, por extensão, a arte literária, deve traduzir o âmbito social; apresentar ações sequencialmente articuladas, privilegiando a concisão nas situações; compor caracteres consistentes e verossímeis; explorar a potencialidade da linguagem verbal, que deve ser eloquente, mas nunca desmedida; atender a uma finalidade moralizadora; promover a adesão do espectador por meio da exposição de minúcias da vida. Em seus julgamentos, Machado demonstra, pois, um "conhecimento profundo da matéria", procede a uma "análise refletida dos aspectos formais" e expõe uma "interpretação arguta das ideias" (Faria, 2004, p. 326), organizando uma espécie de programa, cujos princípios contribuem para sua formação como escritor e se mostram no processo de criação de sua literatura.

No ensaio Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade, publicado em O Novo Mundo, em março de 1873, Machado apresentava possíveis caminhos para a consolidação de uma literatura brasileira, autônoma, independente da valorização da "cor local", em que se articulassem "independência estética, consciência histórica e profundidade ética" (Soares, 2025, p. 493). Ele refere que os dotes de observação do escritor devem possibilitar a pintura dos costumes, a análise das paixões, dos sentimentos e dos caracteres e a exposição de quadros sucintos da natureza. Defende, igualmente, a propriedade das imagens verbais, a clareza de pensamento e a simplicidade.

Em abril 16 de abril de 1878, Machado de Assis publicou, na revista O Cruzeiro, sob o pseudônimo de Eleazar, o artigo intitulado "Eça de Queirós: O primo Basílio", artigo que ele viria a complementar em 30 de abril. Segundo Machado, o escritor português assume, com O crime do Padre Amaro, um realismo sem disfarces, voltando-se para a "reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis" (Assis, 1986, p. 904). Esse argumento baseia a rejeição ao romance O primo Basílio e se estende aos preceitos do Realismo, os quais contesta no ensaio "A nova geração", publicado originalmente na Revista Brasileira, em dezembro de 1879. Visualizando o conjunto das produções literárias brasileiras e a influência da escola realista sobre muitas delas, ele afirma que é a "mais frágil de todas, porque é a negação mesma do princípio da arte" (Assis, 1986, p. 813). Rejeitando a escola realista, o autor de Memórias póstumas recusa, igualmente, a reprodução fotográfica e detalhada da realidade, a representação de comportamentos repulsivos, aspectos enfatizados na narrativa de Eça, em que acusa, também, a falta de unidade dramática e a "concepção inconsistente das personagens" (Assis, 1986, p. 905). Neste mesmo ensaio, Machado refuta a

aliança entre o ideal poético e o ideal político e expõe a necessidade da renovação artística, pois a poesia busca quebrar padrões e substituí-los, e valoriza o fingimento poético que deve estabelecer o "contraste de efeitos entre a realidade e a ficção poética" (Assis, 1994, s/p.).

Segundo afirma José Luís Jobim, é importante "acompanhar a evolução do pensamento crítico de Machado, talvez menos para chegar a conclusões sobre a justeza ou não de suas opiniões do que para entender como se foram estruturando as opções do escritor em sua própria obra, no diálogo com seu pensamento crítico" (Jobim, 2010, p. 75). Este é o foco do presente simpósio que visa estabelecer correlações entre o posicionamento estético de Machado em seus ensaios e críticas com suas produções literárias, bem como abrir espaço para a discussão da recepção de suas obras. Sob esse ângulo, o simpósio acolhe comunicações que enfocam a relação da crítica machadiana com seu processo criativo e com o contexto histórico da produção e da recepção de suas obras. Assim, as comunicações podem tratar da reflexão poética que se inscreve nos textos, a partir da qual Machado compõe a ficcionalização de uma teoria do fazer poético, das remissões autorreferencias, do restabelecimento do diálogo de textos machadianos com outros, da fortuna crítica endereçada à produção do escritor, dos vínculos entre Machado e o público leitor no Rio de Janeiro do século XIX e XX e da transferência de estudos ao sistema educacional. Com esta proposta, o simpósio contribui para a divulgação de pesquisas que adotam o enfoque comparatista e valoriza a obra de Machado de Assis, vinculando-a ao momento sócio-histórico-cultural de sua produção e de sua recepção.

TEATRALIDADE EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: CONFLUÊNCIA ENTRE PROCEDIMENTOS NARRATIVOS E SIGNOS TEATRAIS.

Amanda Santos da Silveira Fernandes e Juracy Ignez Assmann Saraiva

Resumo: O presente estudo objetiva estabelecer articulações entre os procedimentos discursivos da narrativa machadiana e os elementos sígnicos característicos da arte dramática. A análise dos contos Uns braços (1885) e Missa do galo (1872) evidencia uma estreita relação entre a construção narrativa de Machado de Assis e recursos próprios do teatro. Ao transpor para a prosa aspectos de sua experiência como crítico teatral, o autor revela uma intenção estética pautada na teatralidade da narrativa, fazendo de seu processo criativo um gesto artístico que ultrapassa os limites da escrita convencional. Nas duas narrativas, observa-se a elaboração de cenas que conduzem o leitor a uma experiência semelhante à de assistir a um espetáculo teatral, sem que se percam as especificidades da linguagem literária. Machado de Assis mobiliza signos verbais capazes de intensificar a dimensão sensorial do texto, permitindo que o leitor visualize as personagens em cena, perceba movimentos, silencie junto às pausas e até imagine a sonoridade

dos ambientes descritos. Desse modo, para além da palavra escrita, ganham relevância elementos como tom de voz, expressões faciais, gestualidade, movimentação cênica, figurino, penteados, acessórios, iluminação, composição do espaço e ruídos. Tais recursos contribuem para a construção de uma narrativa profundamente imagética e performática, aproximando literatura e teatro na constituição do sentido e na ampliação da experiência estética do leitor.

LEITORAS DA INTERTEXTUALIDADE EM MACHADO DE ASSIS

Ana Carolina Sa Teles

Resumo: A apresentação aborda ensaios de Marta de Senna e Élide Valarini Olivier para refletir sobre as relações intertextuais na obra de Machado de Assis por parte da recepção crítica de leitoras pioneiras da obra do autor. Situado no Projeto "Machado de Assis, leituras críticas de mulheres (Grupo CNPq)" (2025), organizado pelas Profas. Lúcia Granja (Unicamp) e Ana Claudia Suriani da Silva (UCL), esta apresentação sintetiza as primeiras questões em torno da contribuição de críticas machadianas com trabalhos realizados entre 1970 e a atualidade, com destaque para os estudos Alusão e Zombaria: considerações sobre citações e referências na ficção de Machado de Assis (2003) (2008) e Variações Sob a Mesma Luz: Repensando Machado de Assis (2012). No caso das duas pesquisadoras, questiono sobre como o posicionamento pelo gênero levou-as à compreensão das redes intertextuais e de referências letradas para a interpretação e a difusão da obra machadiana, atribuindo, portanto, maior relevância ao contexto e às práticas poéticas no lugar da sacralização do cânone e do mito da originalidade. Essa questão apresenta uma leitura inicial sobre a contribuição das críticas para a recepção de Machado de Assis, deixando um legado referente à intertextualidade, observado também em trabalhos posteriores de Sívia Maria Azevedo e Lúcia Granja, compondo uma rede atual das leitoras críticas da obra em torno do autor.

NOTAS SOBRE O CONTO MACHADIANO: MAIS REALIDADE, SEM PERDER A VERDADE ESTÉTICA

Antonio Marcos Vieira Sanseverino

Resumo: Em 1878, Machado de Assis publicou em O Cruzeiro contos, "fantasias", romance, crítica e crônica, num momento de intensa experimentação formal. Segundo Lúcia Granja e John Gledson, essa experimentação atravessa diferentes gêneros, incluindo a poesia, como em "O Almada" (1879). A presente comunicação investiga as relações entre essas produções para compreender seu papel decisivo na trajetória machadiana e, especialmente, na consolidação do conto. Nesse contexto, destaca-se também a

crítica de Machado ao romance O Primo Basílio, publicada sob o título "Literatura Realista". As reações negativas levaram o autor a retomar sua argumentação em novo texto, formulando uma ideia central para esta pesquisa: "Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo, assim não sacrificaremos a verdade estética". A recusa do realismo associado a Émile Zola não implica rejeição da realidade, mas a defesa de uma representação literária desvinculada das regras rígidas de escola. A partir dessa tensão entre "realidade" e "verdade estética", investigam-se as experimentações formais e os modos de figuração do real na obra machadiana. O estudo concentra-se particularmente no conto, gênero que atravessa toda a produção do autor e ganha relevância entre 1881 e 1885, período de forte dedicação à prosa curta. Como recorte principal, analisa-se Histórias sem data (1884), volume que reúne contos publicadas na Gazeta de Notícias e em A Estação.

O ENREDO DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: FICÇÃO, HISTÓRIA E LITERATURA

Atilio Bergamini Junior

Resumo: As Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, são construídas por um enredo de múltiplas camadas. Análises tão diversas e por vezes discordantes como as de Bosi, Jackson, Duarte, Sá Rego, Guimarães, Martins, Faoro, Zilberman, Schwarz, Chalhoub, Facioli, entre outras, têm considerado o lugar distanciado de Machado em relação ao escravismo e à sociedade de classes; a leitura ficcionalizada na forma; a materialização da "autoria"; a sedimentação na forma de contradições sociais; a perspectiva subalterna que organizaria a fatura; a perspectiva crítica em relação aos processos de racialização dos quais a literatura participava; e a perspectiva da morte como fundamento da ironia do livro. Observado do ponto de vista de seus nós e desenlaces, o enredo dá a ver um Brás Cubas que só age e pensa a partir das ações e pensamentos de outras personagens. O tio o leva para conhecer Marcela; Marcela finge obediência para obter o que quer e se mancomuna com o pai de Brás para enviá-lo a Portugal; o pai envia Brás para Portugal; o pai o traz de volta; o pai arranja uma proposta de casamento com Virgília e um lugar como deputado; Virgília desiste do casamento e organiza o adultério; Prudêncio aproxima Brás de Eugênia; Eugênia decide ir embora; e assim sucessivamente, passando por Sabina, Cotrim, Quincas Borba e por alguns animais e coisas reais e imaginárias que carregam Brás para cá e para lá como um morto em vida: um morto que narra um morto. Com esta hipótese como ponto de partida, em diálogo com a tradição

crítica referenciada, procuraremos elaborar de modo ensaístico a interrogação trazida por este herói que vive um enredo movido pelas demais personagens.

O POETA MACHADO DE ASSIS E SUAS IDEIAS VAGAS

Cristiane Nascimento Rodrigues

Resumo: A primeira produção poética de Machado de Assis, publicada em jornais e revistas entre 1854 e 1860, aproximadamente, configura-se como o produto artístico da fase de formação do poeta. Colaborador assíduo da Marmota Fluminense e participante da Sociedade Petalógica, estudou, com empenho, as referências que lhe foram sugeridas. Embrenhou-se na leitura dos modelos literários facilmente encontrados em periódicos e em manuais e compêndios de retórica, poética e eloquência, que intensamente circulavam no Rio de Janeiro do Oitocentos. Alphonse de Lamartine e Monte Alverne inspiraram a produção de suas Ideias vagas (1856). No primeiro texto dessa série, "A poesia", o jovem crítico, servindo-se de um ensaio do francês, Dos destinos da poesia, construiu a epígrafe e a primeira parte de seu texto crítico, mostrando-se adepto da poesia profundamente sentimental, misteriosa e religiosa. E na segunda parte, fazendo alusão a Homero, Camões, Bocage e a outros escritores menos conhecidos atualmente, de modo eloquente, lamentou o pouco reconhecimento que a figura do poeta recebe em vida. Em "A poesia", o poeta é um vate, isto é, um profeta que ilumina a razão dos demais homens. Assim, o artista da palavra tem uma missão no mundo, como os oradores sacros. Um dos mais aclamados pregadores do início do século XIX no Rio de Janeiro, o frei Francisco do Monte Alverne (1784-1858), recebeu uma dupla homenagem do jovem Machado. Além de inspirar as Ideias Vagas ("Os Contemporâneos. Monte Alverne – Parte I e II"), foi glorificado em uma nênia, o único poema da fase de formação poética a figurar nas Crisálidas (1864). Entretanto, a linguagem familiar à oratória e as concepções de poesia e de poeta das Ideias Vagas atravessam outros poemas machadianos desse período, como "O profeta" e "Minha musa".

UM ESQUEMA DA PRODUÇÃO CRÍTICA E ENSAÍSTICA DE MACHADO DE ASSIS

Daniel Lago Monteiro

Resumo: Machado de Assis escreveu ensaios críticos ao longo de toda a vida. Seu primeiro ensaio é de 1856; o último é uma publicação póstuma de 1910. Se boa parte dos ensaios de Machado pertence ao que se convencionou chamar de sua primeira fase, isto é, anterior à publicação das Memórias Póstumas de Brás Cubas, em 1880, alguns ensaios de vulto são posteriores a essa data. A análise da produção crítica e

ensaística de Machado, em seu conjunto, suscita a questão: será que a divisão entre a primeira e a segunda fase faz sentido quando se considera a ensaística e a crítica machadianas? A rigor, essa divisão refere-se aos romances e cumpre um propósito didático: orientar os leitores na vastidão de sua obra. Por outro lado, ao longo dos cinquenta anos de dedicação à literatura, Machado não foi o mesmo. Não só o estilo, a temática e as referências se alteraram, como também suas opiniões sobre a literatura e sobre a função que ela desempenha na sociedade. A partir da noção de o crítico público de Northrop Frye, nesta comunicação, proponho a divisão em quatro fases para a atividade de ensaísta e crítico do autor: na primeira, de 1856 a 1859, temos o crítico militante, o autor de "Ideias sobre o teatro" e de "A reforma pelo jornal"; na segunda, de 1860 a 1872, o crítico resenhista, a exemplo da coluna que assinou no Diário do Rio de Janeiro, "Semana Literária"; na terceira, de 1873 a 1879, o crítico intérprete da literatura e da cultura, com os seminais "Notícia da atual literatura brasileira", "Literatura realista" e "A nova geração"; e na quarta, de 1880 a 1908, o crítico porta-voz da intelligentsia brasileira, como os prefácios que escreveu de obras canônicas e os discursos que proferiu na Academia Brasileira de Letras.

O ESPELHO MACHADIANO NA ERA DIGITAL: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA O ENSINO MÉDIO

Débora Bender

Resumo: O desafio de motivar estudantes do Ensino Médio à leitura de Machado de Assis revela, frequentemente, abordagens literárias pouco estimulantes, que afastam o leitor por meio de análises superficiais. Entretanto, a leitura literária deve favorecer a empatia e a identificação, permitindo que o leitor ultrapasse a simples compreensão textual e construa sentidos sobre si mesmo e sobre a realidade. Nesse contexto, cabe à escola promover a formação literária dos estudantes, incluindo o contato com autores canônicos por meio de metodologias significativas. Críticos como Alfredo Bosi (2007) e John Gledson (1998) destacam a atemporalidade da obra machadiana, aspecto que deve orientar práticas de leitura relevantes e próximas da experiência dos estudantes. Sob essa perspectiva, o conto "O espelho" (1882), de Machado de Assis, apresenta a teoria de que o ser humano possui duas almas: uma interior e outra exterior. O protagonista da narrativa, Jacobina, ao se afastar do convívio social e observar-se no espelho, percebe sua identidade instável e fragmentada ao tirar a farda de alferes, símbolo do reconhecimento social que recebia (Castro, 2012). Somente ao vestir novamente a farda, recupera sua imagem e sensação de pertencimento, revelando que a consolidação da identidade está vinculada ao olhar do outro e à função social exercida pelo indivíduo. Nesse sentido, as redes sociais podem ser compreendidas como espelhos

contemporâneos, nos quais o perfil digital assume o papel da "farda moderna" e as curtidas funcionam como validação social. A partir dessa relação entre literatura e contemporaneidade, propõe-se, para o Ensino Médio, uma abordagem pedagógica baseada na discussão sobre identidade digital, na leitura integral do conto e na reflexão sobre as "almas exteriores" construídas nas redes sociais. Fundamentada na Estética da Recepção (Jauss, 1994; Iser, 1996), essa proposta busca aproximar os estudantes da obra machadiana por meio de experiências de leitura mais críticas e significativas.

RELIGIÃO E AGÊNCIA FEMININA EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Flávia Santos da Silva

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar as formas de representação da religião e das práticas de crença em contos de Machado de Assis, buscando compreender de que maneira elas se relacionam à construção das personagens femininas. Partindo da análise de "A Cartomante", "Missa do Galo" e "Adão e Eva", o estudo examina como o escritor mobiliza diferentes manifestações da religiosidade — desde o catolicismo institucional até práticas associadas à superstição e à devoção popular — para pensar as relações de gênero e os limites da atuação das mulheres no espaço social. A partir dessa perspectiva, o trabalho centra-se nas personagens femininas e nos modos pelos quais elas recorrem à crença, à devoção ou a saberes marginais como estratégias de interpretação da realidade e de negociação de seus desejos e opiniões em uma sociedade marcada por restrições patriarcais. A análise demonstra que Machado de Assis utiliza a religião não apenas como elemento temático, mas como instrumento de crítica social, revelando as tensões entre autoridade e subjetividade, norma e desejo, fé e conveniência. Inseridas em estruturas sociais que limitam sua autonomia, as personagens femininas encontram nas práticas religiosas e nas formas alternativas de crença espaços de atuação e autoafirmação que, embora pequenos, permitem ações simbólicas que lhes permitem atuar, ainda que de modo restrito, na meio social de seu tempo.

DULCINEIA E CAPITU: PROSOPOGRAFIA E FISIOGNOMIA NO QUIXOTE, DE CERVANTES E DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS

Geovana Barbosa de Almeida

Resumo: O presente trabalho aborda as estratégias de caracterização de Dulcineia del Toboso e Capitu, personagens construídas, respectivamente, em Dom Quixote (1605; 1615), de Cervantes, e em Dom Casmurro (1899), de Machado de Assis. O eixo central da análise reside no fato de que ambas as

personagens são mediadas por narradores não confiáveis (Booth, 1961), o que determina sua inexistência material independente do discurso de quem as narra. Dom Quixote projeta sobre a camponesa Aldonza Lorenzo um corpo idealizado ao qual o leitor jamais acessa diretamente; Bento Santiago reconstrói Capitu de forma retrospectiva, com a percepção filtrada pelo ciúme e pela má memória (Fittipaldi, 2011). Em ambas as obras, observa-se a descrição das personagens dois recursos estilísticos: a prosopografia e a tradição fisiognômica medieval. Esta comunicação tem como objetivo analisar a estrutura prosopográfica e fisiognômica nas descrições das duas personagens e mapear, por contraste comparativo, a especificidade do procedimento machadiano em relação ao modelo cervantino. Nesse sentido, Cervantes e Machado de Assis são compreendidos como integrantes de uma mesma árvore genealógica poliglota (Rushdie apud Figueiredo, 2013), unidos por afinidades eletivas que transcendem imposições geográficas ou linguísticas. Em ambas as obras, tanto Cervantes quanto Machado subvertem o protocolo fisiognômico e prosopográfico: em vez de confirmar a excelência moral pela beleza física, os narradores e suas testemunhas, os personagens secundários Sancho Pança e José Dias, mobilizam-nos para desfigurar, rebaixar ou incriminar Dulcineia e Capitu.

A CORRESPONDÊNCIA DE MACHADO DE ASSIS: REGISTRO DE UM OFÍCIO

Germana Maria Araújo Sales

Resumo: A década de 1860 foi de grande importância para a inserção de Machado de Assis (1839-1908) no mundo literário. Ele, que já participava ativamente na imprensa, deu início às edições com o livro de poemas Crisálidas, em 1864; mas antes disso, algumas das suas peças de teatro já circulavam, como: Hoje Avental, Amanhã Luva, Marmota (1860); Desencantos, publicada por Paula Brito (1861) e O Caminho da Porta, representada pela primeira vez em 1862, no Ateneu e O Protocolo (1863). É deste período também, a tradução de Queda que as mulheres têm para os tolos, de Victor Hénaux (1861). Na mesma época ocorreu a fundação da Arcádia Fluminense (1866), da qual Machado de Assis é um dos sócios fundadores e, no ano seguinte, em 1867, o escritor foi nomeado diretor-assistente do Diário Oficial por D. Pedro II. No final da década, em maio de 1869, Machado assinou um contrato com o editor francês Garnier e em novembro do mesmo ano, casa-se Carolina Augusta Xavier de Novaes (1835-1904). É sobre as ocorrências neste interstício de 1860-1869, a partir da leitura da sua correspondência, que esta comunicação pretende abordar como se deu o contato de Machado de Assis com seus contemporâneos, editores, ou ainda, os leitores prévios das suas obras e com os periódicos que acolhiam suas publicações.

ENTRE SILÊNCIOS E AMBIGUIDADES: O PAPEL DO LEITOR EM "MISSA DO GALO", DE MACHADO DE ASSIS

Jéssica Daiane Levandovski Thewes e Juracy Ignez Assmann Saraiva

Resumo: O conto "Missa do Galo", de Machado de Assis, constitui uma narrativa marcada pela ambiguidade, pelos silêncios e pela abertura interpretativa. Narrado em retrospectiva, o texto apresenta a conversa entre Nogueira e Conceição antes da missa de Natal, episódio aparentemente simples, mas construído de modo a deslocar continuamente os sentidos da narrativa. Nesse contexto, o presente trabalho propõe analisar de que maneira o conto mobiliza o leitor para a construção de sentidos, exigindo uma postura interpretativa ativa diante do não dito, dos gestos sutis e das indefinições presentes no relato. A análise fundamenta-se, sobretudo, nas contribuições teóricas de Wolfgang Iser acerca do leitor implícito e do processo de concretização do texto literário, considerando que os vazios narrativos e as lacunas textuais constituem elementos essenciais para a participação do leitor na obra. Além disso, busca-se compreender como a narrativa machadiana produz um jogo entre memória, desejo e interpretação, sem oferecer respostas definitivas ao leitor. Dessa forma, pretende-se demonstrar que a força estética de "Missa do Galo" reside justamente na sua capacidade de instaurar ambiguidades e de convocar o leitor a participar ativamente da constituição dos sentidos do texto, aspecto que evidencia a atualidade da escrita machadiana e sua relevância para os estudos sobre leitura e recepção literária.

(ENTRE)LINHAS JORNALÍSTICAS: IMAGEM DA ESCRAVIDÃO EM CONTOS MACHADIANOS

Juliana Felizardo da Silva

Resumo: Um dos maiores nomes a contribuir com a literatura veiculada na imprensa brasileira foi Joaquim Maria Machado de Assis, e muitos são os estudos sobre suas obras. No entanto, ainda existem lacunas de pesquisa a serem preenchidas que busquem relacionar seus textos aos periódicos nos quais foram inicialmente divulgados. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é investigar a imagem da escravidão nos contos "Virginius: narrativa de um advogado" (1864), "Mariana" (1871) e "O caso da vara" (1891), sob a ótica da Imagologia, levando em consideração os suportes jornalísticos em que foram publicados: o Jornal das Famílias e a Gazeta de Notícias. Para isso, utilizar-se-á como eixo norteador as noções de Imagologia propostas por Pageaux e Machado (1988), Ribeiro-de Sousa (2004) e Pageaux (2011), os textos de Chartier (2000), Sevcenko (2003) e Ferreira (2009), que versam sobre a relação entre

literatura e história, além de Expilly ([1864], 2021), Malerba (1999), Castro e Alencastro (2008) e Gorender (2016), que abordam a história do Brasil no século XIX, Chalhoub (2007) e França Neto (2008), sobre a escrita machadiana, e, por fim, Sodré (1966), que estudou a imprensa. Desse modo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em uma análise de caráter bibliográfico. Constatou-se que a imagem da escravidão representada por Machado de Assis nos contos citados dialoga tanto com as questões sociais e políticas do Brasil escravista quanto com as demandas editoriais e expectativas dos periódicos em que foram propagados.

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: MEMÓRIA LITERÁRIA E VERTICALIDADE DA LEITURA.

Juracy Ignez Assmann Saraiva

Resumo: Dados da biografia intelectual de Machado de Assis atestam que ele participou ativamente da vida literária, teatral e musical do Rio de Janeiro, a partir do segundo semestre de 1856. Essa experiência, ele a transferiu para a produção estética, em que expressa suas apreciações como leitor, espectador ou crítico por meio de referências intertextuais. Acionados pela memória, autores e obras, personagens e espaços lírico-teatrais são transpostos para a ficção, remetendo a um saber pretérito cuja significação é reativada em consonância com o novo discurso de que passam a fazer parte. Essas transposições introduzem, pois, no mundo que as acolhe, virtualidades semânticas, sugerem apreciações valorativas do escritor e traduzem aspectos socioculturais da segunda metade do século XIX. O procedimento exige uma leitura verticalizada, obrigando o leitor a acionar sua própria biblioteca e a evocar suas lembranças sobre o fazer artístico para integrá-las ao exercício de interpretação que o texto lhe propõe. Além disso, institui, de modo explícito ou implícito, a autorreferencialidade discursiva, que permite depreender que o texto literário resulta de um exercício crítico que traduz a artificialidade do processo de produção e questões estético-culturais que o envolvem. A presente comunicação, atendo-se a esses pressupostos, referendados pela Narratologia, pela Teoria dos Efeitos, pela Literatura Comparada, e tendo como corpus "A cartomante", "Um homem célebre", "O Machete" e "Missa do galo", estabelece suas relações com outras obras literárias, com a arte dramática, pictórica e musical. Nesse sentido, a comunicação visa salientar a ruptura dos limites literários desses textos, elucidar o processo estético do Machado de Assis, valorizar a função formadora das artes e demonstrar que uma leitura crítica pode instituir o prazer estético e enriquecer a experiência de leitura de alunos do Ensino Médio.

A PRESENÇA E OS EFEITOS PRODUZIDOS NO LEITOR A PARTIR DO CONTO UM HOMEM CÉLEBRE, DE MACHADO DE ASSIS

Letícea Maria Alves Braga

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto Um homem célebre, de Machado de Assis, a partir de duas perspectivas teóricas, a produção de presença, proposta por Hans Ulrich Gumbrecht (2010) e a Teoria do Efeito conceituada por Wolfgang Iser (1996). A narrativa do conto, marcada pelo conflito do personagem Pestana diante da angústia que permeia a sua vida, pode ser entendida como um fenômeno que pode produzir presença e efeitos no leitor, visto que, a crítica tecida por Machado de Assis à sociedade e aos padrões artísticos pode provocar inquietações quanto a própria experiência de vida e vivência social do leitor, elemento que Gadamer (1997), denomina como fusão de horizontes. Ao mesmo tempo, segundo Iser, a atmosfera construída no conto, bem como a não concretização do sucesso almejado pelo protagonista e a aceitação de sua vocação associada ao fracasso, também atuam no campo da estética da recepção, mobilizando o leitor a refletir sobre as suas próprias escolhas e caminhos. A dualidade, a ironia machadiana, o tormento do protagonista, o conflito central do conto provocam, por sua vez, uma participação ativa na construção de sentido, em que cada leitor projeta desencadeamentos. Dessa forma, o trabalho em questão busca explorar como o autor Machado de Assis combina a sua crítica à natureza humana com estratégias de linguagem capazes de produzir presença e desencadear efeitos de leitura, aproximando teoria e experiência estética, relacionando a materialidade da obra com os possíveis efeitos provocados no leitor. Portanto, para o desenvolvimento da pesquisa, além dos autores mencionados, serão utilizados os escritos de Candido (2010), Benjamin (1994), Sontag (2020), Perrone-Moises (2016), Zilberman (1989), dentre outros.

LÚCIA MIGUEL-PEREIRA E MACHADO DE ASSIS: CRÍTICA, CRIAÇÃO E LEITURA DAS SOCIABILIDADES FEMININAS

Lucia Granja

Resumo: Machado de Assis foi um escritor singularmente atento à complexidade da interioridade feminina, às ambiguidades das relações afetivas e às formas de poder inscritas no cotidiano. Não surpreende, portanto, que mulheres tenham produzido algumas das leituras mais agudas de sua obra. Este trabalho desenvolve a hipótese de que parte significativa da renovação da fortuna crítica machadiana passou por intérpretes mulheres, cujas contribuições ainda não foram plenamente historicizadas. Gisèle

Sapiro (2020) questiona a possibilidade de separar a obra das condições históricas, éticas e sociais que atravessam a figura do autor. Propõe-se aqui um deslocamento análogo em direção à crítica: se a leitura não é neutra, mas situada, em que medida a posição histórica de quem lê participa do gesto interpretativo? No caso das mulheres, essa questão adquire relevância particular, dada sua inserção historicamente tensionada no campo intelectual. O caso de Lúcia Miguel-Pereira oferece um exemplo privilegiado dessa hipótese. Sua leitura de Machado identificou, com notável precocidade, a centralidade da relação do escritor com as mulheres de seu tempo, articulando análise literária e sociabilidades históricas. Mais do que examinar personagens femininas, Lúcia percebeu a inserção de Machado num universo relacional em que as mulheres figuravam como interlocutoras, presenças sociais e mediadoras culturais, gesto crítico do criador que transbordou no estético. Interessa investigar a experiência como mulher intelectual estudando um leitor de mulheres em contexto determinado, favorecendo formas específicas de atenção interpretativa. Anunciando um novo projeto para os estudos sobre a crítica machadiana escrita por mulheres, este trabalho propõe repensar a história da recepção de Machado de Assis, não para reivindicar uma essência da crítica feminina, mas para investigar como posições históricas específicas podem produzir deslocamentos interpretativos decisivos.

O MISTÉRIO DO FEMININO VISTO POR TRÊS NARRADORES MACHADIANOS: AS MULHERES ENIGMÁTICAS DE DOM CASMURRO, "SINGULAR OCORRÊNCIA" E "MISSA DO GALO"

Luiza Helena Damiani Aguilar

Resumo: A presente comunicação pretende apresentar, de modo sucinto, o modo como três narradores machadianos, de perspectivas diferentes, reagem em face do mistério representado pelas personagens femininas centrais de seus respectivos textos. Por isso, tencionarei comentar os possíveis objetivos de Machado ao compor, levando-se em conta a conjuntura brasileira do século XIX, tais figuras, quais sejam: Marocas, de "Singular Ocorrência" (Histórias Sem Data, 1884); Conceição, de "Missa do Galo" (Páginas Recolhidas, 1899); e Capitu, de Dom Casmurro (1899), mulheres cujos comportamentos não se adequam estritamente aos preceitos morais da sociedade do período. Assim, a apresentação centra foco no olhar desconcertado dos narradores protagonistas e testemunha em relação aos comportamentos difusos das personagens com que interagem, tenham elas cometido ou não adultério. Além disso, no intuito de avaliar os protocolos de leitura engendrados por esses textos, a comunicação trará, ainda que brevemente, informações sobre os outros escritos que circundam os contos nos jornais e nas coletâneas, bem como a

recepção dessas três obras nos círculos intelectuais do período. A partir desse recorte, a exposição terá, portanto, o intuito não só de trazer algumas comparações das obras de Machado com textos de outros autores - Marocas e outras prostitutas literárias oitocentistas; Conceição e outras mulheres maduras que interagem com a iniciação sexual de jovens; Capitu e Desdêmona - como também a comparação de diferentes versões de um mesmo texto, tendo em vista diferentes contextos de publicação.

PENSANDO "AUTONOMIA" E "MEDIAÇÃO" ATRAVÉS DA OBRA CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS

Marcelo Freddi Lotufo

Resumo: Parte da modernidade de Machado de Assis, como apontam, por vias distintas e por vezes conflitantes entre si, críticos como Abel Barros Baptista (2003) e Roberto Schwarz (1977), está na sua capacidade de criar uma literatura que responda também a questões compositórias internas. Isto é, há primeiro que se compreender a relação complexa entre autor, narrador e personagem, por exemplo, para fazermos sentido dos comentários sociais e/ou filosóficos de Brás Cubas ou Bento Santiago. Não por acaso, a compreensão de Machado da literatura como construção e como um objeto complexo a ser interpretado também aflora em suas análises críticas e comentários a obras de outros autores e parece alcançar maior consciência no seu conhecido ensaio "Instinto de Nacionalidade," publicado no ano de 1873, momento quando sua obra ficcional também parece dar um novo salto (LOTUFO). A ideia de "sentimento íntimo" como um espaço onde a questão nacional afloraria dentro da literatura não é mais do que uma maneira de colocar em destaque o aspecto literário e de construção do texto, sem renunciar ao desejo de pensar e escrever a realidade nacional (SENNA). Machado avança nos seus textos críticos e na sua ficção, ainda que obviamente não articulado com o vocabulário crítico do século XX, uma compreensão tanto da autonomia do texto literário como da mediação que há na sua relação com o contexto histórico e social. Proponho aqui, nesta apresentação, buscar pensar como as questões de autonomia e mediação são articuladas pelo autor dentro de seus escritos críticos, aproximando sua concepção de literatura daquela que se consagraria nos debates teóricos do início século XX; assim como buscar entender como estas concepções amadurecidas nos textos críticos do autor também são centrais para a escrita dos seus textos literários mais conhecidos.

"E VEDE SE HÁ ALGUM FUNDAMENTO NA CRENÇA POPULAR": MANIFESTAÇÕES DE CRENÇAS POPULARES EM ROMANCES DE MACHADO DE ASSIS

Márcia Rohr Welter

Resumo: Na ficção machadiana, além de menções a ritos mortuários e à religiosidade, relacionados à Igreja Católica, ocorre, igualmente, a representação de superstições. Conforme Faoro (2001), religião e superstição são duas vertentes distintas, que não resistem à dúvida do adulto em um século descrente. Todavia, em situações extremas, o indivíduo não busca a igreja, mas a "vegetação parasita", que lhe oferece o milagre de, ao menos, ver antecipadamente os acontecimentos (Faoro, 2001). A partir do exposto, o objetivo desta comunicação é analisar manifestações de crenças populares nos romances Memórias Póstumas de Brás Cubas e Esaú e Jacó para explicitar sua contribuição à significação textual, sua correlação com aspectos da cultura e da identidade do século XIX e sua relação com o público leitor do Rio de Janeiro oitocentista. A metodologia utilizada é descritiva, pois parte de estudos bibliográficos e de fontes documentais e primárias, e os pressupostos teóricos que sustentam a comunicação têm base em estudos sobre a concepção de cultura de Clifford Geertz (2011), de Stuart Hall (2016) e de Alfredo Bosi (1992a; 1992b; 1987) e de mimesis e de verossimilhança de Aristóteles (2008) e de Paul Ricoeur (2010). Neste percurso de investigação, constatou-se que as menções a crenças populares são mais que elementos isolados nas narrativas machadianas, pois contribuem para a caracterização das personagens e para a verossimilhança, remetendo à cultura do século XIX. As superstições não se interligam às formas institucionalizadas de religião, mas expõem uma relação intrínseca da sociedade com forças sobrenaturais.

O JOGO INSCRITO NO TEXTO: MACHADO DE ASSIS E O LEITOR-JOGADOR EM A CARTOMANTE

Naiara Chaves de Carvalho

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre a recepção estética da obra de Machado de Assis na cultura digital, tomando como objeto de análise o conto A cartomante. Parte-se da hipótese de que a arquitetura narrativa machadiana inscreve no texto um jogo de pistas, lacunas, ambiguidades e antecipações que tensiona o horizonte de expectativas do leitor e o conduz a uma postura investigativa diante da narrativa. Nesse sentido, o estudo propõe, em caráter preliminar, a formulação da figura do "leitor-jogador", entendida como uma possibilidade teórica de compreensão da experiência estética mobilizada pelo conto. O aporte teórico articula a estética da recepção (Jauss, 1994; Iser, 1996), à noção de leitor-modelo (Eco, 1986) e às reflexões acerca da leitura como experiência subjetiva (Petit, 2009). Dialoga-se, ainda, com a perspectiva da gamificação (Busarello, 2016), dos multiletramentos e das práticas de leitura na cultura digital (Rojo, 2012; 2013), compreendendo

a recepção literária como prática interativa, colaborativa e multimodal. A metodologia fundamenta-se na análise dos mecanismos narrativos que projetam o leitor implícito (Iser, 1996) e organizam percursos de leitura marcados pela inferência, pela dúvida e pela participação ativa do receptor. Embora a investigação não se configure como pesquisa empírica de aplicação didática, o trabalho busca elaborar um modelo teórico-metodológico de mediação literária, construído a partir da abordagem da gamificação, inspirado na própria matriz narrativa machadiana e voltado às dinâmicas contemporâneas de formação de leitores em contextos digitais. Os resultados parciais indicam que a recusa do texto em oferecer sentidos estabilizados favorece experiências de leitura responsivas, interativas e colaborativas, evidenciando a permanência estética de Machado de Assis e sua capacidade de interlocução com modos contemporâneos de recepção literária.

MACHADO DE ASSIS E A INVENÇÃO DO ROMANCE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: DO ENSAIO AO APURO

Nicole Dourado de Morais

Resumo: Na Advertência de seu primeiro romance, Ressureição (1872), Machado de Assis alerta que a obra se trata de um "ensaio" em "gênero novo". A novidade para o autor, o romance, mal havia chegado ao Brasil quando virou forma para sua pena. Algumas décadas após o lançamento daquele "ensaio", Machado já seria o grande romancista brasileiro, e sua obra, um sismógrafo dos eventos do Brasil do século XIX. A isto foi atribuída a capacidade do autor de emular o que havia de melhor nos romancistas já "feitos", que dominavam o gênero como um capital simbólico nos países centrais, especialmente na França. Aliado à importação, estava o apelo da aclimatação, uma vez que as novas formas precisavam ser tencionadas para dar conta da matéria local, conforme a tradição pensada por Candido (1989) e Schwarz (2012). Para além dessa discussão mais sedimentada, nossa proposta pondera que a forma romance, em efeito, naquele momento, estava sendo produzida pela primeira vez em muitas partes do mundo, de modo simultâneo e não condicionado. Se pensarmos assim, vemos que, concomitantemente ao desbalanço produzido pelo centro do mundo em relação à periferia, havia uma verdadeira efusão do trabalho de construção de formas, um processo apagado pelas desigualdades das trocas de bens simbólicos. Este trabalho representa uma provocação a respeito dessa conjuntura, de tal forma que pretende alinhar discussões que pensem a tradição do romance no Brasil, a partir da obra de Machado, como um processo que não pode ser totalmente expresso pela noção de importação. Para isso, são analisados os "primeiros" romances das "duas fases" do autor, Ressurreição e Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881),

considerando neles o que configura ensaio e apuro, assim como o que se construiu e fundou enquanto romance machadiano.

MACHADO DE ASSIS PERSONAGEM

Regina Zilberman

Resumo: A ficcionalização da biografia de Machado de Assis constitui matéria de três romances brasileiros: Memorial do fim, de Haroldo Maranhão, Machado, de Silviano Santiago, e Vida futura, de Sérgio Rodrigues. Dois deles elegem os derradeiros anos do escritor, o último, o Machado já falecido e de volta ao Rio de Janeiro de 2020. Destacam-se aqui as obras de Haroldo Maranhão e Silviano Santiago. Machado situa a narrativa entre 1905 e 1908, enquanto Memorial do fim, também localizado em 1908, apresenta o escritor desenganado e agônico. Desde a cena de abertura do livro de Silviano Santiago, protagonizada por Carlos de Laet, que testemunha crise epilética do escritor, a doença constitui o pano de fundo do relato. Contudo, a obra não tem objetivo biográfico, nem recorre à cronologia para organizar os eventos, que opta pelo vai e vem no tempo, escolhendo os recortes em função do assunto centralizador do capítulo. A publicação do romance de Haroldo Maranhão, Memorial do fim, de 1991, precede a do livro de Silviano Santiago, cuja ação, porém, situa-se em período posterior: os últimos dias do escritor, vividos entre visitas de amigos, delírios e lembranças. No conjunto, o romance caracteriza-se pela colagem entre trechos das obras de Machado de Assis, em desafiador caleidoscópio que, em seu estudo, Lucilinda Ribeiro Teixeira designa como montagem, detendo-se nos capítulos IV, XVII, XXVI e XXXV. Neles, reconhece a apropriação e recriação de fragmentos de Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro e Memorial de Aires, noves fora a circunstância de que o título desse livro e o de Haroldo Maranhão guardam entre si forte similaridade.

ACHOU-SE EUTERPE NAS TERRAS DO NNHONHÔ: O COMPARATISMO DUVIDOSO DE MACHADO DE ASSIS

Renildo Rene de Oliveira Medeiros

Resumo: Em alusão aos quarenta anos de criação da ABRALIC, nesta comunicação pretendo revisitar as relações musicais de Machado de Assis com a temporalidade de sua ficção, em vias de posicionar/contrastar seus processos criativos com as perspectivas tradicionais da Literatura Comparada. Esse contexto interartístico foi apontado anteriormente por Tânia Carvalhal (1991) e desenvolvido de maneira refinada por José Wisnik em seu ensaio "Machado Maxixe: o caso Pestana" (2004), o que me

permite pressupor que diversos aspectos da forma literária machadiana problematizam o Estado brasileiro a partir das configurações de gêneros musicais. Vários dos contos do autor ("Um homem célebre"; "Cantiga de Esponsais"; "Trio em Lá Menor"; entre outros), fazem emergir na superfície textual os pontos de inflexão do desenvolvimento moderno brasileiro, na passagem da monarquia à república, bem como as transformações e permanências do escravismo no chão histórico nacional, por meio de figurações sonoras e instrumentais. Quanto aos romances, basta-me citar Dom Casmurro, que tende a oferecer outra perspectiva das cifradas musicais machadianas ao estruturar o ciúme e o disparate social de Bentinho por Capitu, em seu ponto máximo, pela ópera clássica Otello de Giuseppe Verdi (que, por sua vez, estabelece relação intertextual com o drama de Shakespeare). Meu objetivo central, isto posto, é (1) meditar, nota por nota, sobre algumas dessas relações já apontadas por outros pesquisadores/as, para então (2) apresentar, na Comunicação, uma possível posição preliminar de Machado para os estudos comparados na América Latina, para os quais o processo literário, a forma do ensaio e a pesquisa comparatista constituem pontos de contato dessa eminente dialética musical. Com isso, defenderei a noção de que os contatos do sujeito moderno com o objeto artístico estão nas bases dessa criação literária, constituindo, por sua vez, outro fundamento para o estudo da identidade brasileira.

MACHADO DE ASSIS: REFLEXÕES ESTÉTICAS, PROCESSO CRIATIVO E RECEPÇÃO

Silvia Maria Azevedo

Resumo: Pesquisadora reconhecida pela vasta produção sobre os caminhos do folhetim no Brasil, Marlyse Meyer foi pioneira no estudo de um gênero considerado menor, mal definido, que misturava o jornalístico e o literário, o sério e o cômico, trazendo para o primeiro plano rico material até então rejeitado pela historiografia tradicional. Movida por incansável curiosidade e espírito inovador, Marlyse criou, com alguns alunos da pós-graduação da USP, o "Instituto de Altos e Baixos Estudos", um grupo informal de estudos, responsável pela produção de pesquisas originais sobre a repercussão de folhetins franceses e ingleses nas obras de escritores brasileiros. A inspiração desses trabalhos, como os da própria Marlyse Meyer, veio de Antonio Candido, quando se questiona, em Formação da literatura brasileira, se a leitura dos folhetins europeus (seriados e traduzidos nos rodapés dos jornais) não teria influenciado o romance brasileiro. Nas pegadas dessa indagação a pesquisadora veio a constatar a recusa de alguns dos nossos intelectuais, entre eles, Machado de Assis, em admitir que foram leitores dessa literatura de "segundo time" (Eugène Sue, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas), em que pese a presença da herança do folhetim em sua obra. Um exemplo é o Sinclair das Ilhas ou Os desterrados da Ilha de Barra (1803), romance escrito pela inglesa

Elizabeth Helme, leitura de muitas personagens machadianas, de contos e romances, o que levou Marlyse Meyer a constatar, em ensaios seminais, a intimidade do autor com a referida obra de Mistriss Helme. Com base nessas considerações, o objetivo da comunicação é analisar a interpretação de Marlyse Meyer sobre os motivos que teriam levado Machado a ficcionalizar o "moralíssimo livro", associando o exercício metacrítico proposto à trajetória interdisciplinar da pesquisadora.

MACHADO DE ASSIS "FARMOU AURA": REFLEXÕES SOBRE A RECEPÇÃO DE OBRAS MACHADIANAS POR JOVENS DO ENSINO MÉDIO

Tatiane Kaspari

Resumo: A expressão "farmar aura" está entre as mais representativas da cultura juvenil contemporânea, tendo em vista que resulta da fusão entre a linguagem de jogos eletrônicos e as práticas de autoafirmação nas redes sociais, como o Tik Tok, que popularizou a gíria. A influência das interações digitais na formação da subjetividade dos sujeitos ressoa também no "efeito de legitimidade" (Bordieu, 2011, p. 236) de leituras, como demonstra a repercussão da resenha digital da influenciadora Courtney Novak, que alavancou o livro Memórias Póstumas de Brás Cubas para a 2ª posição de mais vendido em sua categoria em 2024. Compreendendo-se, portanto, a leitura como prática social e, concomitantemente, como "um dos poucos exercícios de liberdade que nos restam" (Perrone-Moisés, 2016, p. 37), esta comunicação objetiva refletir sobre a recepção de obras machadianas por estudantes de Ensino Médio na contemporaneidade. Para isso, coteja estudos teóricos, como os de Iser (1999), Jauss (1994), Jouve (2012), Colomer (2007); práticas de docência e resultados do projeto "Literatura contemporânea na escola: ao sul do cânone" (Parecer CEP 7.608.607-2025). A coleta de dados com 289 estudantes de Ensino Médio aponta que Machado de Assis é o autor mais recorrente em menções à literatura nacional, à semelhança do verificado na pesquisa "Retratos da leitura no Brasil" (2024). Os jovens assinalam preferência pelos romances Memórias póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro e, mesmo inseridos em uma sociedade digital, revelam que a principal forma de acesso às leituras machadianas é o contexto escolar. Assim, compreende-se que a divulgação midiática pode reforçar o interesse por obras, mas a escola ainda configura espaço privilegiado para a efetiva leitura das narrativas machadianas e reflexões sobre seus diálogos com a contemporaneidade do leitor; constitui, portanto, lócus de acesso ao capital cultural, de crítica literária (Bordini, 2017) e de formação identitária (Saraiva; Mügge; Kaspari, 2017).

UM INIMIGO DE MACHADO DE ASSIS

William Moreno Boenavides

Resumo: Este trabalho investiga a recepção crítica da poesia de Machado de Assis no início do século XX, tomando como objeto central o folhetim "Meia dúzia de livros", de Múcio Teixeira, publicado entre os dias 20 de maio e 17 de junho de 1901 no Jornal do Brasil por ocasião do lançamento das Poesias completas (1901) do autor de Ocidentais. Nesse texto, Múcio formula uma crítica severa à poesia machadiana e à autoridade literária do autor, então presidente da Academia Brasileira de Letras. O estudo examina como o crítico acusa essa poesia de pobreza vocabular, excesso de repetições, monotonia imagética e fragilidade sonora. A hipótese é que Múcio usa a crítica poética para atacar simultaneamente a obra, a figura pública de Machado e a Academia Brasileira de Letras, entendida por ele como espaço de consagração indevida. O problema geral a ser abordado é compreender de que modo essa crítica, agressiva e irônica, participa das disputas de consagração literária no Brasil da virada do século, momento em que Machado já ocupava posição central no campo intelectual. Para efeito de contraste, analisa-se também o texto de José Veríssimo, saído no Jornal do comércio 21 de maio de 1901 a respeito das Poesias completas, de Machado. O presente trabalho permite observar uma recepção dissonante da obra machadiana, revelando tensões entre gosto poético, autoridade acadêmica, critérios gramaticais, disputas pessoais e modelos concorrentes de literatura nacional.

O CORREIO MERCANTIL E OS LITERATOS: O CASO MACHADO DE ASSIS E O FIM DO MISTÉRIO BIOGRÁFICO

Wilton Jose Marques

Resumo: A partir de um problema geral, isto é, o das relações entre alguns literatos oitocentistas e o jornal Correio Mercantil (1848-1868), a presente comunicação pretende discutir a suposta passagem de Machado de Assis pela redação do Correio Mercantil, como revisor de provas, e que, até os dias atuais, é cercada por algumas incertezas. De saída, entre setembro de 1856 e janeiro de 1860, o que há de concreto na relação entre a folha liberal e Machado é o fato de ter colaborado de modo esparso, publicando onze poemas e um artigo. Nesse sentido, tendo como fonte primária o artigo do jornalista Artur Barreiros publicado no segundo e último número da revista Galeria Contemporânea do Brasil (1884), o cerne da comunicação é o de demonstrar que, na verdade, o jovem Machado trabalhou apenas e tão somente um mês no cargo de revisor no Correio Mercantil. E, para isso, também demonstrar como o dramaturgo Arthur de Azevedo foi o responsável pelo apagamento histórico de tal informação, uma vez que republicou duas vezes o artigo de Barreiros, com alterações significativas, tanto na revista O Álbum

(1893-1895) quanto no jornal O Paiz (1884-1934). Enfim, o intuito maior da presente comunicação é colocar um fim nesse mistério biográfico de Machado de Assis.

MACHADO E O CANTO SUPLEMENTAR AO POEMA DE DANTE PELO DR. SEMANA

Yuri Brunello

Resumo: Na Semana Ilustrada de 12 de julho de 1874 foi publicado o 'Canto suplementar ao poema de Dante pelo Dr. Semana'. Vários pesquisadores, como Raimundo Magalhães Júnior, consideraram o trabalho como de possível autoria machadiana. O 'Canto suplementar' é uma paródia e faz parte de uma tradição de reescrita da obra-prima de Dante de natureza satírica realizada na França e posteriormente — desde Gonçalves de Magalhães —, no Brasil. A nossa apresentação focará na exegese da paródia, assim como na análise de conceitos como paródia e sátira dentro do próprio texto dantesco. Diante de tal panorama crítico e historiográfico, de fato, a presente comunicação propõe-se a realizar investigar o diálogo entre o 'original' e as 'cópias' oitocentistas, que multiplicaram a significação da Divina Comédia. O necessário mapeamento das referências intertextuais imediatas será acompanhado pelo exame de como as engrenagens formais da paródia e da sátira operam no texto de Dante. Pretende-se, fundamentalmente, desvelar de que maneira esses conceitos teóricos se manifestam esteticamente, deixando espaço para a crítica social realizada na modernidade europeia e brasileira. O esforço interpretativo apoiar-se-á em referenciais teóricos como Mikhail Bakhtin, articulando suas premissas às conceituações filosóficas de devir e metamorfose. Será levado em conta o peculiar interesse de Machado em relação a Dante.

ST: MELANCOLIAS E VIOLÊNCIAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Gabriella Kelmer de Menezes Silva, Sérgio Linard Neiva Pimenta e Tiago Barbosa Souza

Resumo: Partindo do pressuposto bakhtiniano (2017) de que as manifestações literárias são partes integrantes da cultura de uma sociedade e que, sob uma perspectiva comparatista, a apreensão do diálogo entre essas produções configura-se como um caminho profícuo para o aprofundamento crítico do texto, propomos, neste simpósio temático, uma discussão acerca de obras em línguas portuguesa e francesa cujos corpora ensejem a presença — conjunta ou isolada — de manifestações da melancolia e de distintas formas de violência. Entendemos a melancolia não apenas como afeto, mas como uma resposta estética à perda e ao luto não elaborados, recorrendo, principalmente, a uma leitura de base psicanalista. Quanto à

violência, compreendem-se as ações propositadas que geram danos físicos e psíquicos à integridade física e mental dos seres ficcionais, destacando-se, dentro desse contexto, a própria aparição da melancolia como eventual consequência da subjugação corporal ou simbólica. Nesses termos, interessam à proposta articulações possíveis entre literatura e sociedade, no que compete à aparição de elementos históricos e sociais a configurarem as aparições da violência e da melancolia nas obras literárias. Para tanto, perseguimos, especialmente, mas não de forma exclusiva, contribuições teóricas da manifestação da melancolia no texto literário provenientes de postulados de Lima (2016), Freud (2013), Kehl (2009), Scliar (2003), Lages (2007) e outros. Sendo compreendida a violência como uma força motriz que estrutura relações históricas e subjetivas no texto literário, pautamos discussões no âmbito de áreas contíguas acerca da temática, considerando teóricos tais quais Hannah Arendt (2011), Byung-Chul Han (2017) e Marilena Chaui (2017), e, no âmbito das discussões literárias, de considerações como as propostas por autores tais quais Karl Schollhammer (2013) e Jaime Ginzburg (2012, 2017). Por lentes diferentes, esses estudiosos constituem a problemática da violência tendo em vista sua aparição em ambientes políticos, contemporâneos ou nacionais. A respeito do vínculo entre as temáticas, observa Jaime Ginzburg (2012, p. 72), em Literatura, violência, melancolia, que "Uma das principais linhas de configuração da violência na literatura consiste em articular a vivência de episódios de destruição a uma condição precária do sujeito". Esse entendimento propõe, a partir da fragilização subjetiva, que a intensidade do vivido pode gerar dificuldades nas "condições de assimilar ou superar o passado", de maneira que "o sujeito expõe de modo problemático, fragmentário ou incerto o que ocorreu" (Ginzburg, 2012, p. 73). O diálogo entre essas categorias permite investigar como as literaturas lusófonas e/ou francófonas, bem como de outras culturas, processam traumas históricos — como a herança colonial, as ditaduras militares e as fraturas sociais contemporâneas —, transformando as formas de um "malestar" em matéria literária. Consoante os objetivos da literatura comparada, este simpósio busca transcender, pois, as fronteiras nacionais para identificar convergências temáticas, hibridismos de gênero e dissidências formais, articulando conteúdo, material e forma, em prol de verticalização de conhecimentos acerca do objeto literário. Interessa-nos, dessa feita, analisar como o texto artístico, criação que reflete ou refrata em alguma medida a vida social, oferece chaves de leitura para a condição humana e para a resistência política a partir das manifestações da melancolia e/ou da violência. Dessa forma, acolhemos comunicações que explorem o potencial cruzamento de obras, de autores e de contextos distintos, privilegiando abordagens que discutam a figuração do corpo, do espaço e da memória sob a égide dessas tensões estéticas, privilegiando, mas não se limitando, obras lusófonas e/ou francófonas. Também serão preferenciais propostas que trabalhem com textos literários do período contemporâneo, aqui contemplado nas produções publicadas entre 1970 e os dias atuais, com base nos recortes de Agamben (2003) e de Dalcastagnè (2026), com estudos que se debrucem sobre o texto em prosa ou em verso. Assim, ao articular os conceitos de contemporaneidade e representação

social, pretendemos fomentar uma reflexão que não apenas examine as propriedades estéticas das obras, mas que também questione seu papel na construção de novos imaginários coletivos e éticos. Espera-se, portanto, que as discussões transcendam o âmbito estritamente acadêmico, contribuindo para uma compreensão mais densa das tensões que definem o ser e o estar no mundo atual. O cruzamento dialógico proposto a partir de obras em prosa e em verso tem potencial para servir de base para identificar as estratégias formais que conferem visibilidade a sujeitos e a espaços historicamente marginalizados, consolidando a pesquisa literária em torno da temática. Tendo em vista tais discussões, interessam à proposta articulações possíveis entre literatura e sociedade no que tange a contextos violentos, as relações entre violência e melancolia; violência e trauma; melancolia e história; e as aparições de diferentes matizes de experiências melancólicas, vinculadas a catástrofes históricas, à contemporaneidade ou à linguagem dos sujeitos ficcionais.

A VIOLÊNCIA COTIDIANA E A MELANCOLIA NO CONTO "DAVI", DE BEATRIZ BRACHER.

Amabille Netta da Cunha Krefta e Regina Lúcia de Faria

Resumo: O conto Davi, presente no livro Meu amor (2009) de Beatriz Bracher, narra um conflito no trânsito que culmina no espancamento do pai da personagem homônima diante de seus olhos infantis. Esse ato violento desencadeia no sujeito ficcional um estado melancólico marcado pelo trauma e o apego à esposa, Flora, sob o constante medo da perda. Este estudo, parte integrante da dissertação de mestrado em andamento na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), objetiva analisar como a vivência contemporânea é mimetizada formalmente ao tensionar a violência do cotidiano. Para tanto, a análise mobiliza contribuições de Karl Schøllhammer (2009, 2013) acerca da violência como operador estético no realismo contemporâneo; de Jaime Ginzburg (2012, 2017) sobre trauma, melancolia e seus reflexos na voz narrativa; e de Ângela Dias (2007) a respeito da encenação da crueldade cotidiana. Tais pressupostos fundamentam a observação de procedimentos como o uso do clichê em justaposição a uma construção realista e visceral, a manutenção do presente do indicativo, a repetição de termos e a oscilação entre o narrador-personagem e o narrador-observador. Conclui-se que essas estratégias formais traduzem a dificuldade de assimilação do passado pelo sujeito traumatizado, fazendo do conto uma chave de leitura para as tensões sociais contemporâneas e reiterando a literatura como espaço de diálogo crítico com a sociedade.

A VIOLÊNCIA DA TAUROMAQUIA, ENTRE O ESPANTO E O HORROR: OS DISCURSOS DOS PRIMEIROS BRASILEIROS QUE ASSISTIRAM A TOURADAS NA ESPANHA

Ana Clara Silveira Castro e Antón Corbacho Quintela

Resumo: O ponto de partida desta pesquisa foi o reconhecimento documental da primeira narrativa brasileira sobre uma tourada na Espanha: a crônica "O Touro Negro" (Azevedo, 1910). A partir dessa crônica, reuniu-se um corpus da literatura memorialista formado por textos das obras Na Europa (Mesquita, 1937), Caminhos da Europa (Esteves, 1957), Europa e europeus (Duarte, 1961), Amêndoas e mel (Corona, 1969) e Chão galego (Perez, 1972), que encerra o período focado (1910-1970). Acrescentaram-se a essas narrativas os poemas de temática taurina de "Paisagens com Figuras", na coletânea Duas Águas (Melo Neto, 1956). O primeiro objetivo foi ponderar o estranhamento perante a contemplação de um espetáculo – a corrida de touros – alheio à identidade hegemônica do Brasil para, a seguir, analisar as bases do discurso de autores que expressaram aborrecimento e horror diante tanto dos maus-tratos aos animais quanto da estética da tauromaquia como manifestação cultural marcada pela violência. Assim, os limites foram estabelecidos por discursos em que se expressava ou o deslumbramento e a admiração ou o desprezo e o rechaço. Nesse exame, observou-se o habitus de cada autor no seu discurso, a motivação da viagem e da estadia na Espanha que propiciou a ida à corrida e, no conjunto da obra, o teor das representações oferecidas sobre o território espanhol e seus campos sociais. Para a análise, foram aplicadas as noções de artefato e de signo utilizadas por Urry (1995, 2001) em Consuming Places e em O Olhar do Turista. O objeto final da avaliação foi a observação da estrutura dada à expressão do horror enxergada na tauromaquia.

FERIDAS EXPOSTAS: VIOLÊNCIAS CONTRA CORPOS VULNERÁVEIS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

Carlos Henrique Vieira

Resumo: O campo literário brasileiro tem sido reconfigurado, nas últimas décadas, pela diversidade tanto dos perfis dos autores/as publicados/as quanto dos meios utilizados para que essa publicação se realizasse. O que vem promovendo reflexos também nos temas abordados na obra literária e na forma como essa abordagem tem ocorrido. De acordo com Beatriz Resende (2014), uma das tendências da literatura contemporânea é justamente um sistema literário partilhado, que se estabelece pelo reconhecimento e pela valorização de novas subjetividades que conjugam ética, política e literatura. Notadamente, o número

de escritores/as negros/as e de autoras mulheres de diferentes etnias tem sido cada vez mais significativo – bem como os casos de escritores/as periféricos/as, indígenas, com deficiências e/ou LGBTQIA+. Esses/as autores/as têm abordado em suas produções temas sensíveis e socialmente relevantes, como as diversas formas de violência que atingem aqueles grupos socialmente vulneráveis. Em virtude disso, e por meio da análise das obras: O avesso da pele (2020), de Jeferson Tenório, e O peso do pássaro morto (2017), de Aline Bei, pretende-se problematizar nessa comunicação como a violência que atravessa, respectivamente, o corpo negro e o corpo da mulher – tornando-os alvos potenciais do racismo, do assassinato e da violência sexual – é representada de maneira bastante complexa e particular nos textos de Tenório e Bei. Além disso, segundo nossa hipótese tais textos instauraram fissuras e possibilitam o acesso àquelas vozes e perspectivas que foram pouco representadas na produção literária brasileira, mas que continuam sendo socialmente vulnerabilizadas e alvo preferencial de uma série de violências. Rompendo, portanto, com a lógica dos silenciamentos, expondo feridas históricas e humanizando sujeitos reiteradamente coisificados.

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS CRÔNICAS "EXÍLIO" E "SOB O CÉU DE BRASÍLIA", DE MILTON HATOUM

David Costa de Souza e Juciane dos Santos Cavalheiro

Resumo: Analisa-se a representação da violência nas crônicas "Exílio" e "Sob o céu de Brasília", de Milton Hatoum (2013), a partir da noção discursiva de deslocamento proposta por Piglia (2013). Conforme o autor, o discurso literário permite a representação do testemunho da violência com o deslocamento da voz narrativa para um outro (Piglia, 2013, p. 2). Assim, a literatura mantém sua potencialidade estética refratando o "interdito" surgido pelas ações ditatórias opondo-se ao "dispositivo político-repressivo", conforme Finazzi-Agrò (2014, p. 183). Observa-se, por um lado, a dificuldade de narrar eventos de barbárie como aponta Jaime Ginzburg (2012, p. 10) – são, pois, "situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir"; por outro lado, a necessidade de representação narrativa – a literatura se redimensiona para narrar o real traumático, posto o testemunho não ser apenas a "voz de um sobrevivente", mas o "enfrentamento, por assim dizer, 'jurídico' com o real" (Seligmann-Silva, 2003, p. 383). Em um contexto figurativo, as vozes oprimidas ganham múltiplos sentidos por meio da mediação dos narradores, como pontuam Piglia (2013) e Finazzi-Agrò (2014). Esse processo evidencia o potencial refratário dos textos literários, os quais, nas palavras de Finazzi-Agrò (2014, p. 187), "guardam uma vantagem evidente: aquela margem de liberdade que permite aos escritores mergulhar no horror ou se distanciar dele para denunciar o grotesco que muitas vezes se associa ao nefando". Nesse

sentido, a partir dos pressupostos e das noções bakhtinianas de autoria, enunciado concreto, heterodiscurso e cronotopo, busca-se situar as crônicas literárias de Milton Hatoum como produtos estético-literários que refletem e refratam ações violentas perpetradas pelo regime ditatorial civil-militar instituído no Brasil a partir de 1964.

VIOLÊNCIA E HORROR NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS MASCULINAS EM NOSSA PARTE DE NOITE, DE MARIANA ENRIQUEZ

Diego Kiill

Resumo: Na literatura, a conexão entre violência e monstruosidade é explorada desde os clássicos do horror, como Frankenstein, até as novas narrativas latino-americanas que apostam em um insólito tropical. Tendo como base a leitura do romance Nossa Parte de Noite (2021), de Mariana Enriquez, este trabalho tem como objetivo analisar as violências a que os corpos masculinos do romance são sujeitados e o processo de bestialização que as personagens sofrem, tornando-se, inclusive, homens-monstros. A partir de reflexões sustentadas nos estudos queer, nos estudos de gênero, na animalidade, a hipótese que será analisada é como as construções discursivas, que atingem essas personagens subalternas, são marcadas por violência e, ao serem animalizadas, transformam-nas em monstros, ou indesejáveis, tornando-se abjetas e passíveis de morte e abandono. Em relação aos fundamentos teóricos, destacam-se os estudos acerca da animalidade de Gabriel Giorgi (2016), Maria Esther Maciel (2016), estudos de gênero e vida precária de Paul Preciado (2019), Judith Butler (2019), representação da violência de Jaime Ginzburg (2012). A metodologia científica da pesquisa será a análise comparativa do romance, permitindo, assim, a utilização de fundamentos teóricos pertinentes, além dos Estudos Literários, na Antropologia, na Filosofia, como os estudos de Pierre Bourdieu (2002) e de Slavoj Žižek (2014), para a análise da construção da masculinidade e da violência sistêmica, respectivamente.

A DISSOLUÇÃO DA IDENTIDADE E A MELANCOLIA NO CAPITALISMO TARDIO: UMA ANÁLISE DIALÉTICA DE FIGHT CLUB E AMERICAN PSYCHO

Fabiana Vicentim

Resumo: O objetivo desta apresentação mostrar a investigação ainda em andamento das obras Fight Club (1996), de Chuck Palahniuk, e American Psycho (1991), de Bret Easton Ellis, a partir da leitura dialética de Fredric Jameson (1991), tomando como problema central a dissolução da identidade e o mal-estar no contexto do capitalismo tardio. A hipótese parte da premissa que, embora tratem desse processo por vias

narrativas distintas, em ambas as obras os protagonistas – o Narrador sem nome de Fight Club e Patrick Bateman de American Psycho – figuram a fragmentação da identidade, um efeito estrutural do capitalismo tardio, marcado pela alienação, pela melancolia, pelo consumismo e pela violência. A análise abordará como eixo central a questão da identidade e sua dissolução na pós-modernidade e, como objetivos secundários, traçar uma linha interpretativa que articule os principais temas presentes nas narrativas que resultam na ausência da subjetividade. Para a construção do aparato teórico, mobilizam-se autores fundamentais da crítica marxista e pós-marxista para a análise da alienação, do consumismo, da violência e da crise da identidade na contemporaneidade, com destaque para Marx e Lukács; Baudrillard, Debord e Jameson; Žižek, Byung-Chul Han e Raewyn Connell; e Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Herbert Marcuse. A tese proposta nesse projeto é pertinente por se compreender ser um avanço nas leituras atuais das obras que, no geral, apontam apenas a questão da violência, mas que aqui será entendida como uma estratégia de contenção para as outras questões imanentes às obras.

A MELANCOLIA CARNAVALESCA COMO LIMITE DOS TRAUMA STUDIES: UMA LEITURA DE "A MULHER DO FIM DO MUNDO", DE ELZA SOARES

Gabriel Victor Rocha Pinezi

Resumo: Desde os anos 1980, os estudos literários ocidentais viram florescer com bastante sucesso acadêmico o campo dos trauma studies. Especialmente voltados à reflexão sobre a memória e o testemunho da Shoa, mas também adaptados à investigação da realidade das ditaduras latino-americanas e às reflexões sobre a condição pós-colonial, os trauma studies se valeram de um referencial teórico que cruzava teoria crítica, psicanálise e desconstrução para problematizar os limites da representação na literatura. Nesse contexto, embasadas especialmente nas reflexões de autores como Sigmund Freud, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida, Theodor Adorno, Shoshana Felman, Cathy Caruth, Judith Butler, Márcio Seligman-Silva, Jaime Ginzburg e Giorgio Agamben, ganharam destaque abordagens que tentavam identificar, como sintoma da violência traumática, alguns traços retóricos característicos de certa tradição literária europeia, como a tendência ao silenciamento lutuoso, a prevalência da negatividade, a impossibilidade de testemunhar, a fragmentação alegórica, a obscuridade das figuras, etc. A presente comunicação visa a demonstrar, com base em autores que fizeram a crítica do conceito de trauma na contemporaneidade – como Ruth Leys e Didier Fassin –, que tal reflexão não recobre completamente casos da cultura brasileira, na qual o vínculo entre violência e melancolia costuma ser expresso por meio de estratégias retóricas distintas daquelas aviltadas pelos trauma studies. Levando

em conta que há estreito lastro simbólico entre o carnaval e a melancolia – uma vez que, como mostraram Klibansky, Panofsky e Saxl, as saturnálias foram festas regidas pela simbologia de Saturno, astro regente tanto das classes populares quanto dos melancólicos – iremos analisar como violência e melancolia se manifestam, na canção de Elza Soares, "A mulher do fim do mundo", não como silenciamento traumático e impossibilidade de se expressar de um sujeito precário, mas, pelo contrário, enquanto extravasamento dionisíaco de um desejo de cantar "até o fim".

AUTORIAS TRANS/TRAVESTIS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: IMPACTOS E DESAFIOS

Horácio Ribeiro Pires Peixoto

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão acerca da emergência e da consolidação das autorias trans/travestis na Literatura Contemporânea, considerando os impactos que essas produções provocam nos modos de representação, circulação e leitura das experiências dissidentes de gênero. Partindo da compreensão de que, historicamente, corpos trans e travestis foram frequentemente convertidos em objetos de representação por discursos produzidos a partir de lugares externos a essas experiências, busca-se discutir o que se desloca quando essas existências passam a ocupar também o lugar de quem escreve, narra e produz literatura. Para tanto, são mobilizadas obras como Vidas trans: a coragem de existir (2017), de Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e T. Brant, e Velhice transviada: memórias e reflexões (2019), de João W. Nery, em diálogo com outras produções contemporâneas de autoria trans/travesti. A análise considera como essas escritas articulam corpo, memória, identidade, violência, desejo e experiência, tensionando formas historicamente cristalizadas de representação e ampliando os lugares de enunciação no campo literário. Nesse percurso, interessa igualmente observar os desafios que atravessam a produção e a recepção dessas obras, entre eles a permanência de processos de marginalização, o reconhecimento desigual dessas autorias, as disputas por legitimidade e os limites ainda impostos pela tradição literária e pelo mercado editorial. Argumenta-se, assim, que a presença de autoras e autores trans/travestis na Literatura Contemporânea não constitui apenas um fenômeno de representatividade, mas uma intervenção capaz de produzir deslocamentos nos modos de escrever, publicar, ler e legitimar a literatura. Desse modo, pensar essas autorias implica também interrogar quais corpos podem ocupar o espaço da escrita e quais vozes ainda precisam lutar para serem reconhecidas como literatura.

VIOLÊNCIA E MELANCOLIA EM TUDO É RIO E A NATUREZA DA MORDIDA: UMA COMPARAÇÃO PAUTADA NAS DINÂMICAS DE GÊNERO

Júlia Carmelo Barbosa

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo explicitar como as dinâmicas de gênero – entendido, aqui, como um construto social – influenciam e promovem situações de violência, explícita e passiva, e melancolia, marcada pelo trauma psicológico, nos romances brasileiros contemporâneos Tudo é rio (2014) e A natureza da mordida (2018), de Carla Madeira. A partir da análise das narrativas sob uma perspectiva que leva em conta relações temáticas e formais , pretende-se elucidar de que maneira o texto literário é permeável a tensões sociais e denuncia a violência patriarcal promovida pela divisão binária dos gêneros, tendo em vista que tal configuração é entendida como estruturante das interações sociais, e mantida por um pacto masculino que visa manter diferentes formas de poder a partir da opressão da mulher. A análise aqui proposta busca problematizar de que forma tais questões são trabalhadas na diegese a partir da construção das personagens principais – Dalva, Lucy e Venâncio, no primeiro livro; Olívia, Biá e Teo, no segundo – e de suas relações interpessoais. Para tanto, a discussão se pauta nos pensamentos de Saffioti (2015) e Lugones (2018), no que tange às questões de gênero e violência; Lima (2017), Freud (2013) e Lages (2007) para fundamentar a representação da violência e da melancolia em textos literários; e Ginzburg (2017), Agamben (2009), Dalcastagnè (2012) e Schollhammer (2011) com o propósito de unir as discussões do campo literário ao social e expor fraturas que reverberam na contemporaneidade.

CÁRCERE FEMININO E LITERATURA: REGISTROS DA VIOLÊNCIA EM PRESOS QUE MENSTRUAM (2015), DE NANA QUEIROZ, E PRISIONEIRAS (2017), DE DRAUZIO VARELLA.

Laryssa Cavalcanti do Nascimento Coutinho

Resumo: Este estudo faz parte da pesquisa referente à dissertação em andamento intitulada "O encarceramento feminino no Brasil e a literatura: uma análise comparativa entre Prisioneiras (2017), de Drauzio Varella, e Presos que menstruam (2015), de Nana Queiroz, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRRJ, na área de estudos literários. Considerando que a violência é um dos principais elementos presentes nas obras, sendo característica ao universo prisional, o presente trabalho objetiva entender como ela é retratada nas obras, tendo em vista a postura dos autores em relação ao tema, bem como a narração das ocorrências, além de elencar os tipos de violência apresentados. Para tanto,

adotou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, consistindo os procedimentos em leitura das obras e dos textos teóricos, além da articulação entre eles. Deste modo, utilizou-se, enquanto base teórica, a ideia de gênero como construção social, de Beauvoir (1967), e o conceito de performance de gênero, apresentado por Butler (2018), levando em consideração o recorte de gênero da pesquisa. Para amparar o estudo da temática da violência, foram utilizados os escritos de Foucault (1999), sobre a prisão e principalmente sobre o conceito de poder disciplinar, e Bourdieu (2002), levando em conta sobretudo o conceito da violência simbólica aplicado ao gênero. Foram consultados também dados estatísticos de pesquisas do Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ONDH) e da Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN). Assim, verificou-se preliminarmente forte incidência de violência institucional, vicária e de gênero, o que os autores das obras em destaque abordaram com postura crítica e de não naturalização, demonstrando certa sensibilidade, porém sem tentativas de suavização.

A CONFIGURAÇÃO DA(S) MULHER(ES) EM CICATRICES: MISOGINIA, ESTEREÓTIPO E FEMINICÍDIO NA POÉTICA DE UM CORPO APAGADO

Luciana Delgado da Silva

Resumo: O trabalho objetiva analisar a configuração das figuras femininas elaboradas nos relatos conduzidos pelos quatro narradores do romance Cicatrices (1969), do escritor argentino Juan José Saer. Para tal, conta com a reunião do seguinte aporte teórico: Gonzalez (1988) na discussão das sociedades herdeiras das ideologias de classificação social, racial e sexual das antigas metrópoles ibéricas; Welzer-Lang (2001) na articulação das relações do masculino, a opressão de ordem hierárquica exercida contra as mulheres e a homofobia; Lugones (2014) na crítica à missão civilizatória colonial; Segato (2016) em sua formulação teórica do mandato de masculinidade como estrutura basilar da violência de gênero. O percurso metodológico sustenta uma análise de tipologia bibliográfica realizada a partir do diálogo entre produção artística, teórica e crítica. Os resultados parciais destacam a percepção preconceituosa sobre os corpos, as condutas e as funções sociais das mulheres, resultado de uma educação que naturaliza o olhar misógino, a cultura do machismo e o contexto político-social da sobreposição de violências, agravadas pela experiência colonial na fundação das identidades latino-americanas. O sentimento de desespero masculino, consequência das práticas e pressões do mandato de masculinidade vividas pelos narradores, revela homens aprisionados em seus traumas, fracassos, medos e desejos reprimidos ou insatisfeitos. As histórias das mulheres que habitam a diegese falam de uma ordem patriarcal destruidora de vidas através da

normalização da misoginia e do estereótipo como caminho de exploração e aniquilação das suas existências.

A PERMANÊNCIA DA AUSÊNCIA: MATERNIDADE NAS FRONTEIRAS ENTRE LUTO E MELANCOLIA NO ROMANCE ÁGUA FRESCA PARA AS FLORES

Martiele Leal Cassal

Resumo: Este trabalho propõe uma análise do romance Água Fresca para as Flores (2022), de Valérie Perrin, com o objetivo de investigar como a perda da filha reconfigura a experiência materna e a subjetividade da protagonista Violette Toussaint. Construída entre passado e presente, a narrativa revela gradualmente os acontecimentos que culminam na morte da criança e os modos pelos quais essa ausência permanece atuando na vida da personagem. Tomando como referência as reflexões de Sigmund Freud (1917) acerca das distinções entre luto e melancolia, bem como as contribuições de Maria Rita Kehl (2009) sobre a permanência da perda e suas implicações subjetivas, busca-se compreender de que maneira o romance tensiona os limites entre essas categorias. Como apoio à discussão da maternidade, serão mobilizadas reflexões de Adrienne Rich (1976), especialmente no que se refere à maternidade como dimensão constitutiva da identidade feminina. Parte-se da hipótese de que a morte da filha não interrompe a condição materna de Violette, mas a reinscreve em novas formas de relação com a memória, com o espaço e com os vínculos afetivos. Ao reconstruir sua vida no cemitério onde repousam os restos mortais da criança, a protagonista transforma a ausência em elemento estruturante de sua existência. Argumenta-se, assim, que o romance representa uma subjetividade situada nas fronteiras entre luto e melancolia, uma vez que a permanência da perda conduz à reconstrução de uma vida organizada em torno da memória da ausência sem que haja a dissolução da identidade materna.

REAÇÕES LETAIS DE MULHERES OPRIMIDAS PELOS PARCEIROS: UM ESTUDO ACERCA DE DONA GUIDINHA DO POÇO, DE OLIVEIRA PAIVA, E DE CASO PORQUE TE AMO, MATO PORQUE ME AMO, DE ANA MÁRCIA DIÓGENES

Nadya Brito Gurgel Correia Dutra

Resumo: A presente Comunicação Oral visa investigar os crimes cometidos pelas protagonistas das duas obras literárias cearenses, Dona Guidinha do Poço, de Oliveira Paiva (1861-1892), romance realista-naturalista oitocentista, contudo publicado somente em 1952, e Caso porque te amo, mato porque me amo, obra poética de Ana Márcia Diógenes (1963), publicado em 2025. Urge que conheçamos os perfis

dessas personagens, baseadas em mulheres reais, recuperando suas histórias e os porquês das inescapáveis ações cometidas, que se tornaram drásticas e definitivas, após incansáveis revisitações às obras. Serão analisados os autos dos processos, as notícias de jornais referentes aos crimes, as questões cartoriais, os possíveis registros fílmicos, bem como as repercussões de tais ocorrências, nas respectivas ambiências reais e nas obras literárias apreciadas. Também serão realizados agendamentos de entrevistas com mulheres apenadas reais, do Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa (IPF), localizado em Aquiraz-CE. Os estudos da Literatura Comparada, em entrelaçamento com outras áreas, como as Ciências Sociais, a Filosofia e as Ciências Jurídicas e, claro, em consonância com as situações-limite da mente da mulher, em uma sociedade patriarcal, machista, comumente misógina e, assim, violenta - em suas díspares manifestações, quer seja no viés psicológico, sexual, patrimonial, moral, etc. -, nortearão a vigente pesquisa, priorizando reflexões de intelectualidades femininas, em essenciais áreas, como nos estudos da "condição feminina", à luz de Simone de Beauvoir, Djamila Ribeiro e Márcia Tiburi; na "condição humana", à luz de Hannah Arendt; no "histórico das mulheres do Brasil", à luz dos estudos de Mary Del Priore e na ocorrência do "crime no feminino", de Rosemary de Oliveira Almeida.

VERGONHA: HUMILHAÇÕES, RISOS, IMAGENS, MELANCOLIAS EM "MENINA A CAMINHO"

Sérgio Linard Neiva Pimenta

Resumo: Neste estudo, investigamos como a categoria analítica da melancolia foi utilizada artisticamente por Raduan Nassar na construção de personagens, de narrador e de ambientações em seu conto "Menina a caminho". Para fundamentar essa leitura, recorremos a uma concepção da melancolia de base freudiana, utilizando como principais aportes teóricos as formulações de Freud (2013), Kehl (2009) e Starobinski (2016). Metodologicamente, a pesquisa adota uma análise dialógica do texto literário, com embasamento teórico principal nos conceitos de Bakhtin (2023), o que permite compreender as tensões e os discursos subjacentes à narrativa nassariana. Como resultado, constatamos que, diferentemente de uma abordagem puramente individual, a melancolia se manifesta neste conto em um caráter marcadamente social e coletivo. Há um realce evidente para os processos vexatórios e as dinâmicas de humilhação que empurram os protagonistas da história para situações e/ou posturas melancólicas, refletindo o esmagamento do sujeito perante o meio que o envolve, o cerca e, ainda, o oprime. Destacamos, também, que o texto literário em análise deixa clara uma associação entre o movimento corporal de personagens e as representações artísticas comumente relegadas à melancolia desde, pelo menos, o século XVI.

Reafirmamos, dessa feita, a relevância deste estudo ao consolidar a melancolia não apenas como um afeto psicológico, mas como uma chave de leitura com grande potencial para o aprofundamento das compreensões críticas acerca da complexidade estética e política da obra nassariana.

VIOLÊNCIA E CULTURA DE MASSA EM MICHEL HOUELLEBECQ: O FETICHE DO CORPO REIFICADO

Tiago Barbosa Souza

Resumo: No contexto da problematização do capitalismo e de suas consequências práticas na vida social e na produção artística na contemporaneidade, Michel Houellebecq dialoga de forma profunda com a frequente lógica massificada, midiática, moldada pelo consumismo e pela mercantilização de todas as coisas, inclusive o corpo, na cultura ocidental. Nesse sentido, a reificação do humano é um grande tema na obra romanesca do autor, que se utiliza de um estilo em consonância com a linguagem dessa massificação cultural ao expor a extensão do fetiche da mercadoria (Marx, 2013) para as formulações das imagens do corpo, mas também para o seu controle e sua manipulação. A plasticidade e a superficialidade dos corpos são, então, complementadas por um gosto da violência e o apelo midiático que ela representa. O cotidiano passa a se habituar ao horror, à aniquilação do humano, à destruição do corpo e ao sofrimento (Bouchoucha, 2018), buscando valor estético nesses elementos. Pode-se apreender, do projeto romanesco de Houellebecq como um todo, a ideia de que o desajuste do mundo ocidental nele denunciado é a raiz da degradação — psicológica, em seguida moral e, por fim, física — dos personagens, que se destroem em todas as esferas da vida pela incapacidade de suportar a consciência de tal desajuste (Houellebecq, 1994). Para o desenvolvimento desta reflexão comparatista, lançamos mão, além do corpus composto pelos romances de Michel Houellebecq, de teóricos relevantes para pensar o corpo e manifestações da violência na literatura e na cultura de massa, como Arendt (2011), Bardolle (2004), Jourde (2002), Bouchoucha (2018), Lima (2011), entre outros.

HISTORICIDADE DA MELANCOLIA, DO SOFRIMENTO E DO LUTO NA POESIA DE DANTE MILANO

Vanessa Moro Kukul

Resumo: Poeta do Rio de Janeiro, Dante Milano (1899-1991) é conhecido pelos seus pares e desconhecido do grande público. Em 1948, publicou Poesias, reunindo poemas produzidos a partir da década de 1920; depois da primeira edição, a obra ganhou novas edições acrescidas de outros textos

(poemas, textos em prosa, traduções e/ou textos críticos). O poeta carioca explicita em sua poesia a perplexidade individual e coletiva diante do andamento conflituoso da sociedade, das diferentes formas de violência, do descompasso entre o acelerado avanço da modernização e a manutenção das condições de vida precárias. O questionamento a respeito de como agir e enfrentar o mundo desencantado converte-se numa perspectiva hesitante do sujeito lírico que flerta com a autodestruição. É possível perceber, em Poesias, certo "desânimo profundamente doloroso" que caracterizaria o homem melancólico nos termos freudianos. A melancolia é, portanto, um dos traços do sujeito poético milaniano, mas não é o único. As maneiras de sofrer, expressas em alguns poemas, por sua vez, relacionam-se a um estar mal, em razão da perda de um ideal de mundo que foi rompido. Pretende-se compreender, neste estudo, como se configura o luto em poemas selecionados de Dante Milano, bem como intenta-se avaliar a historicidade do sofrimento na poesia milaniana.

ST: MIDIALIDADES, INTERMIDIALIDADES E TRANSMIDIALIDADES

Coordenação: Lis Yana de Lima Martinez, Alisson Preto Souza e Fabian Quevedo da Rocha

Resumo: O simpósio propõe reunir pesquisas que investiguem as dinâmicas contemporâneas das narrativas e das formas culturais em múltiplos sistemas midiáticos, com ênfase nos processos de circulação, adaptação e expansão entre diferentes linguagens. Partindo da compreensão de que a midialidade constitui o conjunto de condições materiais, técnicas e semióticas que configuram os meios de expressão, o simpósio busca explorar de que maneira tais condições não apenas sustentam, mas também transformam a produção, a recepção e a ressignificação das narrativas na contemporaneidade. Nesse sentido, a midialidade deixa de ser entendida como um mero suporte e passa a ser concebida como elemento ativo na construção de sentidos, interferindo diretamente na forma como histórias são estruturadas, experienciadas e compartilhadas. No campo da intermidialidade, mobilizam-se especialmente as contribuições de Claus Clüver e Irina Rajewsky, que oferecem ferramentas conceituais fundamentais para compreender as relações entre diferentes mídias. Clüver (2006) propõe uma abordagem que articula intertextualidade, interartes e intermedia, destacando que os fenômenos culturais contemporâneos frequentemente se constituem em zonas de contato entre linguagens diversas, como literatura, música, cinema e artes visuais. Para o autor, tais interações não são meramente ilustrativas, mas estruturais, configurando novas formas de expressão que emergem justamente do entrecruzamento midiático. Já Rajewsky (2005) sistematiza a intermidialidade em três categorias principais: a transposição midiática, que envolve a adaptação de uma obra de um meio para outro; a combinação de mídias, em que diferentes sistemas semióticos coexistem em uma mesma obra; e a referência intermidiática, quando um meio evoca

outro de maneira indireta. Essas categorias permitem compreender a complexidade das formas híbridas contemporâneas e evidenciam a constante travessia de fronteiras entre sistemas semióticos. Ademais, a noção de remidiação, desenvolvida por Bolter e Grusin (1999), contribui significativamente para o debate ao enfatizar que os novos meios não substituem os anteriores, mas os reconfiguram, incorporando e transformando suas lógicas. A partir dessa perspectiva, pode-se compreender que a intermidialidade não é um fenômeno recente, mas adquire novas configurações no contexto das tecnologias digitais, intensificando os processos de hibridização e circulação cultural. A remidiação, portanto, evidencia a dinâmica de reinscrição dos meios, na qual cada nova mídia se constrói em diálogo com formas anteriores, ao mesmo tempo em que redefine seus modos de presença e de mediação. No que se refere à transmidialidade, o simpósio dialoga com autores como Henry Jenkins, Werner Wolf e Marie-Laure Ryan, que permitem pensar narrativas que se expandem por múltiplas plataformas, configurando ecossistemas narrativos complexos e distribuídos. Jenkins (2003; 2009) define o storytelling transmídia como um processo no qual elementos de uma narrativa são dispersos sistematicamente por diferentes mídias, de modo que cada uma contribua de forma singular para a construção do universo ficcional. Essa perspectiva é ampliada em trabalhos posteriores, como Cultura da conexão (Jenkins, 2014), que introduz o conceito de mídia propagável, enfatizando o papel ativo dos públicos na circulação e ressignificação dos conteúdos. A transmidialidade não se restringe à expansão narrativa, mas envolve também práticas participativas, colaborativas e, muitas vezes, descentralizadas, nas quais os consumidores tornam-se também produtores de conteúdo. Essa dimensão participativa é fundamental para compreender as dinâmicas contemporâneas da cultura digital, nas quais as fronteiras entre produção e recepção se tornam cada vez mais fluidas. Ryan (2004), ao discutir a narrativa através das mídias, reforça a ideia de que cada mídia possui suas potencialidades específicas para contar histórias, o que implica que a transposição ou expansão de uma narrativa exige adaptações que considerem tais especificidades. Wolf (1999; 2002), por sua vez, contribui para o campo ao investigar as relações entre literatura e música, propondo o conceito de "musicalização da ficção" como um caso específico de intermidialidade. Suas reflexões permitem ampliar a compreensão das interações entre diferentes formas artísticas, evidenciando como elementos estruturais de uma mídia podem ser incorporados por outra, gerando efeitos estéticos singulares e novas possibilidades de significação. Ainda, para Murray (2003), as tecnologias digitais possibilitam formas de imersão, agência e transformação que redefinem a experiência narrativa, abrindo espaço para ficções interativas e mundos virtuais complexos, em que o usuário assume um papel ativo na construção do sentido. Diante desse panorama teórico, o simpósio pretende acolher trabalhos que abordem, entre outros temas, storytelling transmídia, adaptações interartes, processos de remidiação, ficções interativas, cultura digital e franquias narrativas. Busca-se, assim, fomentar o debate crítico sobre as reconfigurações da narrativa na contemporaneidade, destacando o papel das interações midiáticas na produção de sentidos e na expansão

das formas literárias e culturais. Ao reunir diferentes perspectivas teóricas e objetos de análise, o simpósio pretende contribuir para o aprofundamento das discussões sobre as dinâmicas intermidiáticas e transmidiáticas, reconhecendo sua centralidade na compreensão das práticas culturais atuais. Trata-se, portanto, de um convite à investigação das múltiplas formas pelas quais as histórias circulam, se transformam e se expandem no mundo contemporâneo, evidenciando a complexidade e a riqueza dos ecossistemas narrativos atuais.

A ESTÉTICA DO HORROR NO SURVIVAL HORROR: INTERMIDIALIDADE NA TRILOGIA INICIAL DE RESIDENT EVIL

Alisson Preto Souza

Resumo: Este trabalho investiga o cruzamento entre literatura/cinema de horror e os vídeo games iniciais da franquia Resident Evil, analisando não só a presença do gótico no jogo como a relação entre o protagonismo feminino e a figura do monstro perseguidor em Mr. X, de Resident Evil 2 (1998), e Nemesis, em Resident Evil 3(1999). O trabalho fundamenta-se nos estudos de intermidialidade e adaptação, provando que o jogo é uma experiência transmidiática. A transposição de atmosferas e tropos do cinema de horror para a cultura lúdica digital gerou uma dinâmica intermidiática singular. A trilogia seminal de Resident Evil (1996, 1998, 1999) destaca-se por incorporar convenções narrativas e estéticas da literatura gótica e do cinema slasher; elementos esses que serão explorados nesse trabalho. Mediada pela interatividade, a apropriação desses elementos redefinem e dão uma contorno distinto a experiência do medo, suspense a ameaça no jogador, diferente daquela vivida pelo leitor ou pelo espectador. Serão analisados respectivamente os elementos góticos que fazem a construção atmosférica no jogo; a construção da protagonização feminina em Jill Valentine e Claire Redfield a partir do arquétipo da Final Girl no horror slasher; e por último, a figura do monstro perseguidor enquanto materialização do declínio do herói na narrativa. Articula-se, assim, os conceitos de intermidialidade de Claus Clüver (2006) e a teoria de adaptação (2013), de Linda Hutcheon, aliada às dinâmicas de engajamento, de Henry Jenkins (2009), para jogos; enquanto a teoria do gótico são apontadas por Daniel Serravalle de Sá (2019); a teoria do male gaze parte do ensaio Prazer Visual e Cinema Narrativo (1975), de Laura Mulvey. Compreender como narrativas de horror operam em videogames é fundamental especialmente, pois, o videogame, conforme Vídeo Game e Violência (2018), de Salah Khaled, além de criminalizado (2018), ainda é concebido como alvo de injusta censura.

GÓTICO E PRÉ-RAFAELISMO: DIÁLOGOS ESTÉTICOS ENTRE AS ILUSTRAÇÕES DE THE TURN OF THE SCREW ([1898], 2010) E THE HAUNTING OF BLY MANOR (2020)

Diana Victória de Carvalho Farias e Luciane Viana Barros Páscoa

Resumo: A primeira publicação de The turn of the screw, de Henry James, se deu, como era costumeiro à época, via folhetins em uma revista literária chamada Colier's Weekly, em 1898. Em cada capítulo, apresentava-se uma ilustração de um trecho do folhetim e os desenhos, assinados por Eric Pape, privilegiavam uma estética semelhante à utilizada pelo movimento pré-rafaelita, trabalhando de modo especial com a luz natural, e debruçando-se sob desenhos florais com precisão botânica. Outro aspecto formal a ser percebido é o uso do chiaroscuro, conforme as proposições de Calabrese (1987), que serve tanto à ilustração e à pintura como à técnica cinematográfica e aos efeitos de sombreamento no texto. Nesse sentido, tecemos um diálogo entre as formas das ilustrações e a narrativa apresentada por James. Além disso, observamos os elementos formais e temáticos, como os efeitos de luz, a atenção à botânica e outras relações com o movimento pré-rafaelita, como o foco em figuras femininas, em cenas de The haunting of Bly manor (2020), de Mike Flanagan, adaptação de The turn of the screw. Nessa revisitação gótica, examinamos os efeitos do chiaroscuro como resultado estético e temático da obra, bem como as transformações da narrativa face ao seu contexto de produção e em diálogo com a estética do diretor e produtor. Nosso objetivo, então, é elucidar sobre os diálogos e modificações da obra de James quando adaptada para o meio audiovisual. Para tanto, partimos de Hattnher (2010) e Stam (2008), para discutir as questões de adaptação e utilizamos o método iconológico de Panosfky (2017) para analisarmos as ilustrações e os fotogramas selecionados da série, e, por fim, Botting (2024) para tratar do gótico lítero-visual.

TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E RESISTÊNCIAS PÓS-COLONIAIS: LITERATURA, CINEMA E DESCOLONIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Francisco Ewerton Almeida dos Santos

Resumo: A pesquisa investiga o filme Deixe-me pelo menos subir ao Palmeiras (1974), de Lopes Barbosa, adaptação do conto "Dina" do livro Nós Matamos o Cão Tinhoso (1964), de Bernardo Honwana. Ambas as obras denunciam as violências do colonialismo em Moçambique, como trabalho forçado e segregação racial, e apresentam contranarrativas ao discurso colonialista. Honwana, preso por ativismo político, trouxe uma linguagem literária que mescla o português padrão com elementos moçambicanos. Já Lopes

Barbosa, ao contrário de outros cineastas do período, adotou uma estética anticolonial em seu filme, que acabou censurado pelo governo salazarista. Com base em autores como Jackobson, Plaza, Hutcheon e Perdikaki a pesquisa utiliza conceitos de tradução intersemiótica, que examinam como diferentes sistemas semióticos recriam significados, e adota uma perspectiva crítica pós-colonial. Referenciais teóricos como Said e Stam fundamentam a análise das relações entre literatura, cinema e imperialismo. A abordagem também considera narrativas e estratégias estilísticas específicas do cinema e da literatura, como ponto de vista e construção narrativa. Assim, esta pesquisa se propõe a ampliar o diálogo sobre tradução intersemiótica e contranarrativas pós-coloniais, examinando as especificidades históricas, culturais e ideológicas das obras em foco. Ao fazê-lo, contribui para a valorização das expressões artísticas da periferia e para a reinterpretação de narrativas hegemônicas.

PALIMPSÉSTICO OU NÃO: PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS ENTRE A LITERATURA E O STREAMING SOB A ÓTICA DE LINDA HUTCHEON

Gabrielle Cardoso Alaniz

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise da obra Percy Jackson e o Ladrão de Raios, de Rick Riordan, em sua transposição da literatura para a primeira temporada da série produzida pela Disney+. Inserido nos debates contemporâneos da Literatura Comparada, o estudo articula as reflexões de Tânia Franco Carvalhal, presentes em O próprio e o alheio (2003), com os postulados de Linda Hutcheon em Uma Teoria da Adaptação (2013). Para contemplar as características do objeto audiovisual e sua circulação digital, a pesquisa utiliza o conceito de mise en scène (OLIVEIRA JR., 2013) em diálogo com a teoria da remidiação de Bolter e Grusin (1999) e as análises de Jennifer Van Sijll (2017). Investiga-se como a série não apenas transpõe o texto-fonte, mas o recria por meio de recursos técnicos voltados à imersão do espectador no universo mítico. O foco analítico reside na experiência palimpséstica do público conhecedor, conceito fundamental de Hutcheon para descrever a sobreposição da memória da leitura à nova materialidade imagética. Observa-se, assim, como a passagem do "contar" literário para o "mostrar" audiovisual exige reconfigurações narrativas e visuais que configuram significados estéticos singulares pertencentes à nova obra. Por fim, para debater as transformações socioculturais entre a publicação do livro e o lançamento da série, o artigo mobiliza as reflexões de Zygmunt Bauman (2001) sobre a modernidade líquida. Busca-se analisar as alterações na caracterização e nos posicionamentos dos

personagens que refletem a fluidez das demandas sociais contemporâneas, reafirmando a adaptação como um espaço de atualização e ressignificação contínua.

AS "INADAPTAÇÕES" CINEMATOGRÁFICAS DA OBRA DE MARCEL PROUST

Guilherme de Almeida Gesso

Resumo: No último quartel do século XX, os cineastas Volker Schlöndorff, Raúl Ruiz e Chantal Akerman lançaram-se na desafiante tarefa de adaptar para o cinema Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. Como ocorre em todo processo de adaptação, cada diretor abordou o material proustiano a partir de certo prisma, preferindo este ou aquele aspecto do roman-fleuve proustiano, e impondo-lhe, no mesmo ímpeto, uma interpretação particular com inegável poder renovador. Assim, Schlöndorff enfoca, nas entrelinhas de Un amour de Swann (1984), as tensões entre uma aristocracia parasitária e a classe dos criados que deve servi-la incansavelmente; em Le Temps Retrouvé (1999), Ruiz explora as convergências estéticas entre a noção de "memória involuntária" e a técnica cinematográfica do raccord; Akerman, por fim, opera em La Captive (2000) um estudo feminista sobre o ciúme que Albertine suscita no protagonista Marcel. A lista de filmes realizados tende, porém, a obliterar aquilo que Jean-Louis Jeannelle chama de "inadaptações", isto é, a série de tentativas de transposição audiovisual que acabaram interrompidas, não gerando filme. É o caso, notadamente, dos projetos de adaptação empreendidos por Luchino Visconti e Joseph Losey. Em ambos os casos, o que chama atenção não é somente a estatura dos diretores envolvidos, mas o fato de se terem produzido, a despeito da interrupção, roteiros com enorme unidade dramática e complexidade formal. O objetivo desta comunicação será, pois, examinar a feitura estética de tais roteiros. Por meio desse gesto, lançamos luz sobre um material pouco abordado pelos estudiosos comparatistas, tomando o roteiro como "obra" autônoma, e não como mero documento de trabalho com vistas à realização cinematográfica.

O PENSAMENTO EM CENA: UMA ANÁLISE DA INTERIORIDADE NA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA "JOJO RABBIT"

Ingrid Caroline Benatto

Resumo: O romance O Céu que nos Oprime (Leunens, 2020) conta a história de Johannes Betzler, garoto austríaco que abraça o sonho nazista. O romance foi adaptado para o cinema pelo diretor Taika Waititi com o título Jojo Rabbit em 2019. O romance e sua adaptação apresentam abordagens distintas para a construção da subjetividade do protagonista. Narrado em primeira pessoa, o romance permite que

o leitor tenha acesso aos pensamentos, preconceitos e angústias do protagonista. A interioridade está relacionada à concepção de Cohn (1983) de que a ficção narrativa constitui espaço privilegiado para a representação da consciência, pois permite a exposição de pensamentos e percepções. Assim, este trabalho se propõe a investigar de que modo a interioridade, elemento central da narrativa literária, é recriada na adaptação cinematográfica. Este trabalho fundamenta-se nos estudos da adaptação e da intertextualidade de Kristeva (1974), Hutcheon (2011) e Stam (2006), cujos pressupostos entendem a adaptação como um processo que envolve uma reinterpretação e recriação, indo além de uma transposição cujo valor estético se dá pela fidelidade ao texto-fonte. A adaptação cinematográfica consiste em uma nova configuração audiovisual capaz de transformar, ampliar e ressignificar elementos narrativos da obra de origem. Ao transpor a narrativa do modo contar para o modo mostrar (Hutcheon, 2011), o filme transforma o acesso à consciência do protagonista através de recursos da linguagem cinematográfica. Entre eles, destacam-se a criação do personagem Hitler, amigo imaginário de Jojo, que surge como forma de exteriorização de conflitos internos. Além disso, a atuação do ator Roman Griffin Davis, a trilha sonora e a fotografia são elementos que compõem a construção visual dos estados emocionais da personagem. Assim, a adaptação não elimina a interioridade presente no romance, mas a reconfigura por meio de estratégias audiovisuais, produzindo uma nova experiência de subjetividade e confirmando o caráter criativo e transformador do processo adaptativo.

TRADUZINDO MUDE: ESPAÇOS DIGITAIS E DESAFIOS DA RETEXTUALIZAÇÃO EM JOHN REDMOND

Jorge Luiz Adeodato Junior

Resumo: O presente trabalho apresenta a proposta de tradução para o português brasileiro da primeira parte de MUDe, longo poema do escritor e acadêmico irlandês John Redmond. A pesquisa parte de um alinhamento crítico estabelecido em interlocução direta com o autor, investigando como o ritmo poético e o léxico contemporâneo incorporam linguagens e discursos inerentes à cibercultura e ao universo dos jogos eletrônicos. O modelo centrado nos media de Lars Elleström (2018, 2023) permite afastar o texto traduzido da rigidez do impresso, posicionando-o também como um produto de infraestruturas digitais onde convergem distintos códigos e espacialidades semióticas (Mencía, Pold e Portela, 2018), o que possibilita encarar a tradução poética de um texto fundamentado no ambiente digital como um processo de composição em campo expandido. MUDe tensiona as fronteiras literárias tradicionais ao hibridizar reflexões sobre a suburbanização e o alheamento contemporâneo junto ao léxico dos MUDs (Multi-User

Dungeons), em meio a referencialidades intensas às mídias digitais. O presente relato de pesquisa analisa os desafios práticos de transpor os cenários virtuais e as paisagens geográficas da República da Irlanda para a dicção e o repertório cultural do público brasileiro, consolidando uma abordagem que posiciona a tradução poética contemporânea como um campo de experimentação.

DO RELATO AO RETRATO DE UM CERTO ORIENTE: DO LITERÁRIO AO FÍLMICO. UMA LEITURA SEMIONARRATOLÓGICA.

Josmar de Oliveira Reyes

Resumo: Propomos investigar os processos semióticos e narratalógicos da leitura do literário para o fílmico a partir do romance de Milton Hatoum, Relato de um Certo Oriente, para o filme Retrato de Um Certo Oriente de Marcelo Gomes (2024). Observaremos os processos enunciativos, notadamente o papel do narrador literário e das instâncias enunciativas fílmicas. Observaremos igualmente, ainda enquanto investigação enunciativa, questões relacionadas ao ponto de vista literário e fílmico, à construção espaço-tempo, levando em conta as especificidades do discurso narrativo literário e fílmico. A metodologia se estabelecerá através do confronto dos dois textos em uma perspectiva comparatista sem, no entanto, estabelecer uma hierarquização, entendendo o processo transformacional como uma leitura subjetivada, uma nova recepção textual, em uma perspectiva interpretativa, dialógica, intertextual e intermidiática. Isto nos levará, em última instância, a uma reflexão sobre a adaptação literária que nos conduz a pensar de forma diversa sobre o fenômeno semionarratológico transformacional da transição da literatura para o cinema. O que é adaptação? Por que a necessidade de transformar o texto? Como se dá essa transformação, essa transição de um meio para outro? Como podemos abordar o problema da transformação? Onde e quando ele atua em suas reconstruções, como reelabora o material que toma emprestado? Qual é o resultado disso? Qual é o significado?

DO FENÔMENO LITERÁRIO AO ECOSSISTEMA TRANSMÍDIA: REMIDIAÇÃO E EXPANSÃO NARRATIVA EM DAISY JONES & THE SIX

Júlia Soares de Borba

Resumo: Este trabalho propõe compreender de que maneira a narrativa ultrapassa os limites da obra literária e se reorganiza em múltiplos sistemas transmídia presentes em daisy Jones and the six, de Taylor Jenkins Reid (2019), considerando a análise da organização da obra que remidia o gênero televisivo documentário, a adaptação cinematográfica da narrativa e a expansão do universo através do lançamento

do álbum musical da banda na plataformas digitais. Nesse sentido as narrativas contemporâneas têm construído um ecossistema midiático complexo, articulando diferentes mídias e estratégias de circulação cultural. Partindo das formulações de Henry Jenkins (2013) de storytelling será analisado como as diferentes mídias contribuem para a construção e expansão do universo ficcional da obra. Serão mobilizados as contribuições de Marie-Laure Ryan (2004) sobre as narrativas através das mídias, buscando compreender como cada suporte reconfigura a experiência narrativa da obra, desenvolvido por Jay David Bolter e Richard Grusin (1999), a fim de investigar a estética documental simulada pela narrativa, após reconfigurada pela linguagem audiovisual da série e posteriormente como se expande para as plataformas musicais. Nesse sentido, a hipótese central sustenta a ideia que a adaptação seriada não seria apenas uma transposição da narrativa literária, mas sim um mecanismo de ampliação da obra a partir desse ecossistema de mídias para a construção de uma imersão do público na obra. Portanto pretende-se discutir como os processos contemporâneos de transmidialidade transformam a relação entre ficção, mídia e consumo cultural, evidenciando as novas formas de engajamento e participação do leitor/público.

DUBPLATES, REMEDIAÇÃO E AURA: A RECONSTITUIÇÃO SOCIAL DA AUTENTICIDADE NA CULTURA DIGITAL DO SOUND SYSTEM

Julio Jimenez

Resumo: O artigo examina as Dubplates (gravações exclusivas encomendadas pelos Sound Systems da cultura Reggae/Dancehall jamaicana), como objeto de estudo no campo da cultura digital e dos estudos de mídia. Com base na teoria da remediação de Jay David Bolter e Richard Grusin (2000) e no conceito de aura de Walter Benjamin (1936, 2003), argumenta-se que a transição dos suportes analógicos para os formatos digitais não destrói a aura das Dubplates, mas a submete a um processo de remediação no qual os próprios atores culturais reconstituem ativamente novas convenções de autenticidade. Para compreender esse processo, o artigo traça primeiro o percurso histórico que vai do Ska ao Rocksteady e ao Reggae, e deste ao Dub, situando as Dubplates dentro da infraestrutura social e tecnológica da cultura do Sound System jamaicano e sua expansão diaspórica (Gilroy, 1993; Henriques, 2011; Bradley, 2000). A análise articula a dupla lógica de imediação e hipermediação de Bolter e Grusin (2000); as categorias de distância, valor de culto e originalidade extraídas de Benjamin (1936, 2003); e a teoria da mediatização de Philip Auslander (1999, 2008), segundo a qual a autenticidade não precede a mediação tecnológica, mas é produzida por ela. O artigo parte do trabalho de Kim Ramstedt (2015), cujos estudos buscam demonstrar que a aura benjaminiana não é uma categoria nostálgica aplicável apenas a objetos analógicos, mas um

processo social rastreável nas práticas culturais de atores que operam em ambientes completamente digitalizados. Conclui-se que a remediação não é um processo de perda cultural, mas uma estratégia ativa de reconstituição de autenticidade, com implicações metodológicas para o estudo das práticas culturais da diáspora caribenha na era digital.

O RETRATO FEMININO EM RELEITURAS DE PERSONAGENS HISTÓRICAS: A RECEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DE ANA BOLENA NA MÍDIA

Larissa Rumiantzeff

Resumo: Quando se trata das seis mulheres desposadas por Henrique VIII, há uma discrepância nos dados disponíveis sobre algumas delas, que podem ter influenciado a forma como ainda são retratadas nos livros didáticos e na mídia. A maior parte dos dados biográficos a partir dos quais ficções históricas e adaptações foram criados bebeu em algum momento da primeira biografia conjunta dessas rainhas, escrita no século XIX por Agnes Strickland. Embora tivesse méritos, a obra da autora, preocupada em escrever para um público-alvo, estava sujeita aos anseios, desejos e preconceitos de seu tempo, o que resultou na disseminação de dados tendenciosos e imprecisos em livros didáticos e na mídia, um problema com o qual biógrafos posteriores tiveram que lidar. Esta comunicação visa apresentar e contrastar algumas amostras de retratos de Ana Bole e, a partir dos Estudos de Recepção, examinar a subjetividade da representação dessa personalidade histórica em diferentes mídias, inclusive textos biográficos levando em conta a época e o público-alvo. Tal análise tomará como arcabouço teórico Ika Willis (2018) e Stephanie Russo (2024), com Estudos de Recepção, e Linda Hutcheon (2013) e Julie Sanders (2015) com Estudos de Adaptação. O corpus abarcará materiais lançados no século XXI, como o musical SIX (2017), as séries The Tudors (2007-2010), Wolf Hall (2015-2024) o filme A Outra (2008) além dos dados biográficos apresentados por Agnes Strickland, Antonia Fraser e Lucy Worsley.

ITCHY, ITCHY: VESTÍGIOS DE MEMÓRIA EM RESIDENT EVIL I E A TRADIÇÃO GÓTICA

Lis Yana de Lima Martinez

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise dos diários, cartas, relatórios e manuscritos encontrados durante a exploração em Resident Evil Remake (Capcom, 2002). A narrativa emoldurada constitui um dos recursos mais característicos da tradição gótica. Conforme observam Punter e Byron (2004), o gótico estrutura-se a partir de uma instabilidade narrativa na qual diferentes vozes disputam a interpretação dos acontecimentos, sem que se estabeleça uma perspectiva definitiva. Igualmente, Hogle

(2002) argumenta que documentos e lembranças herdadas funcionam como vestígios de conflitos reprimidos que retornam ao presente. Para Sedgwick (1986), as convenções góticas organizam-se em torno de estruturas de ocultamento e confinamento, nas quais narrativas encapsuladas são fundamentais para a produção de um efeito de verdade inacessível. Em Resident Evil Remake, os relatos dispersos retomam esse procedimento ao reconstituírem os acontecimentos de forma fragmentária e lacunar. O objetivo consiste em demonstrar que esses fragmentos textuais operam como expressões de memória e de escrita de um passado a ser recuperado, mobilizando um procedimento narrativo consolidado pela tradição gótica inglesa e reconfigurado pelo suporte videointerativo. Essa transposição é compreendida à luz do conceito de remidiação, de Bolter e Grusin (2000), segundo o qual novos meios reapropriam convenções de mídias anteriores. Rajewsky (2005), por meio da noção de intermidialidade, permite reconhecer nesses documentos uma referência intermidiática à escrita gótica. Em Foucault (2004), os escritos configuram tecnologias de si que registram dilemas éticos e processos de deterioração subjetiva. Finalmente, a partir de Ricoeur (2007), escritos são interpretados como vestígios que demandam do jogador um trabalho hermenêutico de reconstrução. Propõe-se, assim, que os documentos de Resident Evil Remake inscrevem o jogo em uma tradição gótica de longa duração, convertendo a Mansão Spencer em um espaço de escrita de si e de memória fragmentária. Ao mesmo tempo de desvenda o passado, o jogador escreve sua própria história.

DOS PORTOS CINZENTOS A SOUSOU NO FRIEREN: MELANCOLIA ÉLFICA E TRANSMÍDIA NA FANTASIA CONTEMPORÂNEA

Mateus Bottaro de Souza

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura comparatista inicial de Sousou no Frieren (Frieren: Beyond Journey's End), tomando a personagem Frieren como herdeira contemporânea da tradição élfica formulada por J. R. R. Tolkien. A partir das discussões em literatura comparada, intermidialidade e narrativas transmidiáticas, a pesquisa investiga de que modo a melancolia élfica (vinculada à experiência da imortalidade, da memória e da percepção ampliada do tempo histórico) é retomada e ressignificada na circulação da narrativa entre mangá e anime. Na obra de Tolkien, os elfos são associados à consciência do declínio do mundo e ao progressivo desaparecimento do elemento mágico da Terra-média, processo intensificado ao final de O Retorno do Rei, quando o retorno dos hobbits ao Condado evidencia a dissolução definitiva de uma era heroica e o afastamento irreversível dos elfos rumo aos Portos Cinzentos. O chamado "anseio pelo mar" élfico manifesta, nesse contexto, uma nostalgia metafísica ligada à partida, à

perda e à impossibilidade de permanência no mundo. Tal sentimento produz também no leitor uma experiência de saudade estética diante do desaparecimento do encantamento e da transcendência associados aos elfos tolkenianos. Em Sousou no Frieren, esses elementos são deslocados para uma sensibilidade contemporânea centrada no luto, na rememoração tardia das relações humanas e na elaboração afetiva da memória. A hipótese inicial do trabalho é que Frieren atualiza, em chave transmidiática, a melancolia presente na tradição tolkeniana, convertendo a longa duração temporal da existência élfica em um dispositivo narrativo de introspecção emocional. O foco principal da análise recai sobre os processos de remidiação envolvidos na adaptação entre mangá e anime, observando como recursos específicos de cada mídia intensificam a representação da melancolia na narrativa contemporânea.

A PRESENÇA DA ORALIDADE AFRICANA E AFRO-DIASPÓRICA NA SERIALIDADE AUDIOVISUAL CONTEMPORÂNEA

Maysa Xavier dos Santos

Resumo: Este trabalho discute a integração entre narrativas da oralidade de tradições africanas e afro-diaspóricas e a serialidade audiovisual contemporânea. O estudo propõe analisar como essas narrativas são mobilizadas, aludidas, adaptadas e remidiadas na série animada americana Tomb Raider: The Legend of Lara Croft, considerando especialmente as cosmologias, mitos e arquétipos dos Orixás e em que medida esses elementos são trabalhados. A série, pertencente à franquia de mídia originada pelo jogo videointerativo de mesmo nome, foi produzida e roteirizada por Tasha Huo como coprodução entre Legendary Television, Powerhouse Animation Studios e Crystal Dynamics, e é transmitida pela Netflix. Como objeto de análise, o estudo vale-se da segunda temporada da série, na qual a protagonista Lara Croft tenta recuperar itens designados miticamente aos Orixás para impedir o fim da humanidade com a ajuda de sua equipe, bem como dos próprios Orixás, enquanto o audiovisual explora a potencialidade de seus arquétipos e narrativas nesse sentido. A tradição oral e o culto ligado aos Orixás se difunde pelo Ocidente visto que, em diáspora, oralidade é motor e memória. Em meio à escravização e o tráfico transatlântico entre os séculos XVI e XIX, diferentes povos da África Ocidental, quando levados às Américas, carregaram consigo essas práticas e sistemas simbólicos. Logo, essas construções da cultura oral passam a operar em meio ao ecossistema transmidiático marcado pela convergência e pela circulação digital de conteúdos. A pesquisa justifica-se na possibilidade de abordar a circulação contemporânea de narrativas afro-diaspóricas da oralidade em produtos midiáticos globais, sabendo que as novas mídias genealogicamente agregam as anteriores. Dessa forma, ao evidenciar processos mencionados,

característicos das produções midiáticas contemporâneas, busco refletir de que forma a série desloca o imaginário africano e afro-diaspórico no escopo da mediação tecnológica e da indústria cultural.

SELVAGEM: TRADUZINDO MUNDOS PARA A ANTI-COLONIALIDADE

Alisson Preto Souza e Paloma de Melo Henrique

Resumo: Este trabalho investiga como o projeto "Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida" mobiliza narrativas audiovisuais indígenas para ampliar e expandir perspectivas anti-coloniais, além de fortalecer modos outros de produção de conhecimento. A partir das séries "Nhe'erỹ" e "Ayvu Pará", produzidas por Carlos Papá e Cristine Takuá, analisa-se de que maneira os filmes articulam linguagem, espiritualidade e território por meio das cosmovisões guarani, evidenciando relações entre humanos e não-humanos. Um assunto que é iniciado pelo antropólogo no ensaio "Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio.Reconhecido como o ensaio mais famoso do autor (originalmente publicado em 1996), Castro postula que, no pensamento indígena, a humanidade é compartilhada por diferentes espécies, que se veem como humanas e veem os humanos como animais ou espíritos. Em diálogo com os Estudos Culturais e as concepções de transmídia Cultura de Convergência(2009),de Henry Jenkins, compreende-se que o ambiente digital interconectado do projeto favorece a circulação de saberes indígenas em múltiplas plataformas, expandindo experiências narrativas e formas de participação cultural. As obras analisadas apresentam a língua guarani como expressão cosmo-poética capaz de produzir imagens e sensibilidades descolonizadoras, tensionando epistemologias coloniais e modos hegemônicos de representação. Além disso, os filmes promovem processos de escuta intercultural e valorização das memórias ancestrais, reafirmando o audiovisual como instrumento pedagógico, político e artístico. Conclui-se que os recursos midiáticos utilizados pelo projeto constituem práticas de resistência simbólica e política, criando espaços de tradução entre mundos e fortalecendo cosmologias indígenas contemporâneas.

AS FACES DO "CHANGELING": RESGATANDO O PASSADO E ATERRORIZANDO O PRESENTE

Sanio Santos da Silva

Resumo: O changeling, ou criança trocada, é um personagem recorrente na literatura fantástica irlandesa. Trata-se de uma criatura que assume o lugar de um bebê humano, raptado por atrair a atenção das fadas (Nicodemo, 2019). A lenda popular é remediada desde a era da oralidade até as mídias digitais, figurando em diversas produções contemporâneas que buscam atualizar e apresentar personagens ancestrais às

novas gerações por meio de expressões escritas, radiofônicas, entre outras. No cinema, realizadores irlandeses buscam inspiração em narrativas folclóricas, sobretudo no gênero terror (Silva, 2024). Lee Cronin é um cineasta irlandês que alcançou reconhecimento através de The Hole in The Ground (2019), uma história sobre uma mãe cujo filho é substituído por um impostor, trama também presente em seu filme The Mummy (2026). Nesse contexto, a presença recorrente de tema, estética ou discurso através de diferentes mídias configura a transmidialidade (Rajewsky, 2002). A partir do modelo de Elleström (2010), pretende-se investigar essa relação transmidial através da modalidade semiótica, que negocia a criação de significados entre mídias a partir de semelhança, contiguidade e convenção. Nesse sentido, este trabalho busca responder ao seguinte questionamento: como Cronin resgata e explora a lenda do changeling nas produções supracitadas? O objetivo geral é mapear as características da lenda em The Hole in The Ground e The Mummy, buscando compreender como Cronin representa a figura do changeling e estabelece uma assinatura estética reconhecível no contexto do cinema de terror. A metodologia adotada é a análise de conteúdo (Bardin, 1977). Assim, o estudo investiga a transferência de valores cognitivos entre mídias em suas representações semióticas. A justificativa envolve a necessidade de ampliar discussões sobre cinema irlandês, campo pouco explorado no cenário acadêmico brasileiro. Ademais, este estudo pretende explicitar a relevância do imaginário popular, relevante mesmo em mídias de circulação em massa.

RETRATO DE ATOR QUANDO POEMA: UM CASO DE REMEDIAÇÃO NA POESIA BRASILEIRA

Saulo Lopes de Sousa

Resumo: Esta comunicação lança olhar crítico sobre as potencialidades da poesia em consonância com a performance atorial no contexto das midialidades contemporâneas, tomando como corpus de análise a obra audiovisual (em construção) InterPoemas (2015), de Luiz Fernando Carvalho. Trata-se de um projeto cuja estética "[...] é hiperrealista e remete a uma fotografia de documento de identidade. Uma espécie de hiper-retrato, revelando o Ator como Poema de si próprio – não apenas um intérprete, mas, sim, constituindo-se, através da poesia, sua identidade própria" (Carvalho, 2015, online). Ancorados no âmbito da Teoria Literária e dos Media Studies, buscamos compreender o trabalho de Carvalho como dispositivo intermidiático, em que poesia, teatro e audiovisual se combinam e se transformam mutuamente. Servem-nos, para esse intento, os aportes teóricos de Elleström (2017), para quem a medialidade é um agrupamento de modalidades material, sensorial, espaço temporal e semiótica das mídias, bem como noção de intermidialidade como zona de cruzamento entre sistemas semióticos, conforme Clüver (2006).

Enquanto procedimentos metodológicos, adotamos a técnica do close reading e analisamos dois exercícios do projeto, com foco na performance do ator como remediação do poético no audiovisual (Zumthor, . Ao dialogarmos com Martinez (2021), que traça formulações atuais acerca de transmídia storytelling, dilatação de mundos midiáticos, compreendemos que o projeto InterPoemas remedia e reconfigura a leitura lírica ao dispersar a experiência do poema por diferentes suportes (site, vídeo, fotografia de cena), produzindo um microcosmo performativo. Como resultados obtidos, compreendemos que InterPoemas configura um caso de "literatura em campo expandido" (Moreira, 2025, online): a poesia, encarnada no corpo do ator e atravessada por variações mediáticas, potencializa regimes de presença, subjetivação e participação do espectador, reposicionando a leitura poética no interior das dinâmicas inter e transmidiáticas da cultura digital.

CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA E COMUNIDADE EM FINAL FANTASY XIV

Gabriela Rolim Cavalheiro e Vinícius de Moraes

Resumo: Este estudo visa discutir como a relação leitor-autor se expande quando se trata do consumo de jogos multijogador, partindo do exemplo de Final Fantasy XIV e como a sua comunidade constrói, através da memória cultural, uma nova narrativa sobre trechos inacessíveis de sua história. O objeto de estudo é a memória coletiva construída ao redor da primeira versão do jogo, indisponível desde 2013. Por se tratar de uma narrativa que não existe mais, sendo seu conteúdo acessível somente por intermédio de outros jogadores, via fóruns, vídeos e discussões online, a experiência da obra se dá através do filtro de uma comunidade, como o conceito de Halbwachs, que reconhece a memória como uma construção de um grupo. Assim, a inacessibilidade da obra provoca o nascimento de um outro tipo de consumidor, que já não pode se dar como jogador e precisa entender o passado pelos olhos da sua comunidade. Considerando a ideia de jogos como um palco, segundo Laurel, e de que videogames costumam se construir como narrativas ergódicas, percebe-se aqui um fenômeno intensificado pelas idiossincrasias midiáticas dos MMOs. Similarmente, Coleman também aponta que ambientes digitais podem operar como espaços de experiência coletiva e memória compartilhada. Essa memória, dada na materialidade de um mundo ficcional alicerçado em regras e comunidade reais, convida jogadores a serem leitores e historiadores simultaneamente, reconstruindo uma jornada majoritariamente memorial. Adicionalmente, como toda comunidade buscando transformar em narrativa sua história, também se nota o surgimento das memórias prostéticas de Landsberg, memórias recebidas de uma comunidade, tão fortes que se sobrepõe mesmo às memórias autênticas daqueles que as viveram, reproduzindo via ficção fenômenos sociais reais. Sendo

assim, o colapso da versão original deixa de ser apenas um fracasso técnico e passa a funcionar também como marco narrativo coletivo, transformando a memória dos jogadores em parte constitutiva do jogo.

ST: MITOPOÉTICA - INTERFACES ENTRE LITERATURA, TEOLOGIA E RELIGIÃO

Coordenação: Carlos Ribeiro Caldas Filho, Cássio Selaimen Dalpiaz e Diego Genu Klautau

Resumo: A μυθοποιία (mithopoiia) ou μυθοποίησις (mitopoíesis), literalmente, "criação de mitos" é uma das atividades literárias mais antigas que se tem notícia, além de desfrutar de grande apelo popular. Como a própria palavra indica, trata-se de um esforço para criar narrativas míticas, ou seja, uma tentativa de explicar a origem do mundo – cosmogonia (no rastro de Mircea Eliade) mas também questões existenciais, como o sentido da vida, comportamentos, ações e reações humanas, além de questões éticas (Tzvetan Todorov). A criação de mitos, tal como acima afirmado, tem uma popularidade constante ao longo da história humana, pois trabalha com arquétipos aos quais todos somos sensíveis. Em outras palavras, os mitos tocam no imaginário por meio da metáfora (Paul Ricoeur), o que nos ajuda a entender por que são tão atraentes. Isto porque somos homo sapiens, seres racionais, mas não deixamos de ser homo religiosus, pois buscamos algo acima e além da natureza material que nos cerca. O transcendente, o mistério – numen, mysterium tremendum et fascinans – exposto por Rudolf Otto continua a nos assustar e a nos atrair. Em Platão (A República), a dimensão mitopoética aparece na relação entre o mundo sensível e o mundo das ideias, sendo o mito um recurso para expressar verdades que ultrapassam o discurso puramente racional. Já em Aristóteles (De Anima; Poética), a imaginação (phantasia) assume papel central como mediação entre percepção e intelecto, permitindo a elaboração de imagens que fundamentam tanto o conhecimento quanto a criação poética. Assim, a fantasia se vincula diretamente aos processos cognitivos. Na tradição cristã, Agostinho (A Trindade) compreende o imaginário como espaço interior onde a alma se orienta em direção a Deus, sendo a verdade iluminada por uma fonte transcendente. Em Tomás de Aquino (Suma Teológica), essa perspectiva se sistematiza: a imaginação participa do conhecimento e a arte é entendida como uma virtude intelectual produtiva (recta ratio factibilium), orientada à realização do belo como uma atividade racional que reflete, de modo analógico, a ordem divina. Desse modo, a mitopoética articula filosofia e teologia, revelando a fantasia como um campo onde o imaginário humano se conecta à busca pelo divino e pela verdade última. Na contemporaneidade, quando se fala em criação de mitos é comum lembrar-se de nomes como J. R. R. Tolkien, que deu justamente o título Mythopoeia, de 1931, publicado em Tree and Leaf, em 1964. De fato, Tolkien ajudou a popularizar o conceito, que lhe era anterior (conforme o dicionário Merriam-Webster, a primeira referência à palavra

mythopoeia em inglês é datada de 1864). Tolkien popularizou o conceito em termos teóricos e "práticos", por assim dizer, com seu legendarium (composto principalmente por O Silmarillion, O Hobbit, a trilogia d'O Senhor dos Aneis, e obras complementares como Contos inacabados, A queda de Númenor e a História da Terra-média), sua obra literária na qual criou toda uma mitologia. Outros autores sempre lembrados quando se fala em mitopoética são C. S. Lewis (especialmente por suas Crônicas de Nárnia) e Robert Howard (criador de personagens como o Rei Kull e Conan, o Bárbaro). A mitopoética é por demais "polivalente" e multifacetada, abrangendo possibilidades estéticas e narrativas tão diversas uma da outra como literatura de fantasia (Tolkien e Lewis), o gênero Sword and Sorcery ("espada e feitiçaria", Howard), literatura fantástica (conforme a descrição de Tzvetan Todorov) e ficção científica. Partindo deste pressuposto, propõe-se para o XX Congresso Internacional da ABRALIC o simpósio MITOPOÉTICA - INTERFACES ENTRE LITERATURA, TEOLOGIA E RELIGIÃO. A ideia é estabelecer um "triálogo" entre estes três saberes, quais sejam, a literatura (através da teoria literária e/ou da literatura comparada), a reflexão teológica e os estudos de (ou ciência[s] da) religião (ou das religiões). Considerando que na sociedade contemporânea a mitopoética se expressa não apenas por meio do texto literário, mas também pelo cinema e pela paraliteratura das HQs (histórias em quadrinhos), o simpósio pretende acolher propostas de comunicação que tenham como objetos de estudo e análise crítica peças literárias (romances ou poesias), filmes e HQs, sempre em interface com a perspectiva da teologia e dos estudos de religião. Ao se propor este simpósio há a expectativa de acolher trabalhos de pesquisadores das três áreas anteriormente mencionadas (estudos literários, estudos teológicos e estudos de religião), por saber que há no país grupos de pesquisa que se dedicam a um ou mais destes temas.

ESPERANÇA - UM PERCURSO ENTRE A MITOLOGIA GREGA, A BÍBLIA E NEIL GAIMAN

Carlos Ribeiro Caldas Filho

Resumo: O tema da esperança, que não deve ser confundida com otimismo nem com poder do pensamento positivo, percorre as culturas humanas, por ser uma força motora que impulsiona a humanidade em sua marcha na história. Na tradição cristã, a esperança é uma virtude teologal (São Tomás, seguindo o ensino bíblico paulino em I Coríntios 13.13). A presente proposta de comunicação propõe um "triálogo" entre três perspectivas sobre a esperança, a saber, no ensino bíblico, na mitologia grega e na cultura pop contemporânea. Quanto ao ensino bíblico, a comunicação apresentará um estudo da ἐλπίς (elpis) – esperança, em perspectiva teológica. Quanto à mitologia grega, a comunicação apresentará o tema a partir da conhecida lenda da Caixa de Pandora. E na perspectiva da cultura pop contemporânea, a

comunicação tratará especificamente do arco Uma esperança no inferno ("A Hope in Hell"), da série de quadrinhos Sandman, do autor inglês Neil Gaiman (n. 1960). O objetivo da comunicação é estabelecer uma comparação crítica entre estas três abordagens à esperança, duas da antiguidade (sendo uma pré-cristã e a outra cristã) e outra contemporânea. A partir daí, pretende-se estabelecer convergências e divergências, aproximações e distanciamentos, semelhanças e diferenças entre as mencionadas compreensões do tema da esperança. FRYE

A LITURGIA DE PEDRA: A ENTRADA EM MINAS TIRITH COMO EXPERIÊNCIA PRÉ-RELIGIOSA DO SAGRADO

Cássio Selaimen Dalpiaz

Resumo: O presente trabalho investiga em que medida a experiência literária de "entrar em Minas Tirith", em O Senhor dos Anéis, constitui um exercício de formação pré-religiosa — uma ativação da imaginação que dispõe o sujeito ao Mistério. Parte-se de um diagnóstico contemporâneo: a cidade funcional e fragmentada produz uma crise da experiência do sagrado, esvaziando os signos de seu lastro simbólico. A hipótese é que a Subcriação tolkieniana, ao operar segundo uma gramática moralmente qualificada e teologicamente orientada — em que espaço, luz, verticalidade e memória se organizam em relações de significado —, desperta disposições de reverência, pertencimento e esperança correspondentes ao que Gallagher e Monda denominam formação do pré-religioso. O arcabouço teórico articula três eixos. No plano fenomenológico, Aidan Kavanagh Seasoltz define o espaço sagrado por três funções teológicas: encontro com o Divino, manifestação salvífica do poder divino e orientação cósmica, enquanto Josef Pieper defende a integridade do signo contra a arbitrariedade moderna. No plano estético-hermenêutico, a "presença real" de George Steiner fundamenta a literatura como lugar onde o sensível hospeda o que o supera. Na teoria literária tolkieniana, a Subcriação e a religião "absorvida na história e no simbolismo" autorizam uma hermenêutica que busca o sagrado onde ele não se nomeia. A análise centra-se na entrada de Gandalf e Pippin em Minas Tirith (Livro V, cap. 1), lida como procissão narrativa quase litúrgica. Examinam-se os sete níveis ascendentes, a Árvore Branca, a Torre luminosa e o trono vazio como topografia hierofânica que reeduca o desejo. Mobiliza-se ainda a gramática da cidade bíblica — de Babel à Nova Jerusalém — e a tensão agostiniana entre civitas terrena e civitas Dei, reconhecendo em Minas Tirith uma Jerusalém ferida, fiel e ameaçada.

POR QUE CONTAMOS HISTÓRIAS?

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann

Resumo: De acordo com a "Poética" de Aristóteles, mito ("mythos") significa "enredo", o ponto central da tragédia contada. A etimologia do termo remete também a "narrativa", "fábula", "conto", "relato" e até mesmo "palavra". Assim, o filósofo se refere ao poeta como "artífice de enredos", fundamento da criação poética, a partir de "mythos" e "poiesis". Durante a Antiguidade, o mito era verdadeiro, fazendo parte da realidade cotidiana dos povos, como uma forma de interpretar o mundo tanto natural quanto sobrenatural. Ao longo da História, esse conceito foi perdendo força, ganhando um viés meramente ficcional, muitas vezes, como um antagonista da Razão e da Verdade ("Logos"). Como contraponto, autores da contemporaneidade, como C.S. Lewis e J.R.R. Tolkien, passaram a resgatar o mito como porta-voz e intérprete da Verdade, por meio da arte, da literatura, desenvolvendo conceito de mitopoética contemporânea. Segundo Tolkien, "assim como a fala é uma invenção sobre objetos e ideias, assim também o mito é uma invenção sobre a verdade" (apud Carpenter, 2018, p. 202–203) e, conforme Mircea Eliade, "o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira porque sempre se refere a 'realidades'" (2016, p. 12). Assim, o "mito transformado", ou seja, a narrativa de fantasia literária, faz essa busca do entendimento do real que a razão humana nem sempre dá conta de explicar. Nesse viés, Arte e Palavra (Literatura), Razão e Fé (Religião) se fundem pela Narrativa (Mito) em busca de questões fundamentais do anseio humano: nossa origem, nossa identidade e nosso destino. A comunicação pretende, portanto, discorrer sobre a importância da fantasia literária contemporânea, trazendo as obras dos já citados Tolkien e Lewis, como "O Senhor dos Anéis" e "As Crônicas de Nárnia", bem como outros pertinentes ao tema como proposta de reconciliação entre Fé, Mito, Razão e Verdade.

O FLUXO DO SAGRADO: MITOPOÉTICA E PLURALISMO RELIGIOSO EM RIO PROFUNDO (FUKAI KAWA), DE SHŪSAKU ENDŌ

Débora Cristina Dal Prá

Resumo: O presente trabalho propõe analisar o romance Rio Profundo (Fukai Kawa, 1993), de Shūsaku Endō, uma das principais vozes da literatura católica japonesa do século XX, publicado no Brasil como Rio Profundo - Ganges (1995). A análise será feita sob a perspectiva da mitopoética em diálogo com a literatura, a teologia e as ciências da religião. A narrativa acompanha um grupo de japoneses que viaja à Índia em busca de respostas para perdas, culpas e inquietações existenciais. Às margens do rio Ganges, encontram a personagem Ōtsu, que rompe com os limites do cristianismo institucional ao desenvolver uma compreensão inclusiva do divino. O objetivo é investigar como Endō constrói uma mitopoética

contemporânea. Parte-se da hipótese que o escritor produz uma visão do sagrado que transcende fronteiras confessionais ao reelaborar símbolos e narrativas de diferentes tradições religiosas, especialmente do cristianismo e do hinduísmo. A análise fundamenta-se no conceito de mysterium tremendum et fascinans, de Rudolf Otto, articulado à noção de yūgen formulada por Ōnishi Yoshinori, a fim de aproximar a experiência religiosa do numinoso de uma sensibilidade estética japonesa para compreender a vivência do sagrado suscitada pelo Ganges. Em diálogo com Paul Ricoeur, examina-se a função simbólica do rio e das referências à deusa Chamunda como metáforas vivas que ampliam os sentidos do transcendente. Recorre-se ainda a Northrop Frye para compreender como a obra reorganiza arquétipos e estruturas míticas em uma narrativa centrada na compaixão. Além disso, as contribuições de Mircea Eliade permitem interpretar o Ganges como espaço hierofânico, capaz de ressignificar a experiência humana na perspectiva do tempo mítico. Argumenta-se que Rio Profundo constrói uma mitopoética ao articular elementos de diferentes tradições religiosas em uma estrutura simbólica unificada. Desta forma, a obra demonstra o potencial da literatura como espaço de criação mítica, reflexão teológica e elaboração das questões últimas da existência.

GINÁSIO DE DISCERNIMENTO E O REINO PERIGOSO - UM DIÁLOGO ENTRE PAPA FRANCISCO E J.R.R. TOLKIEN

Diego Genu Klautau

Resumo: Esta comunicação propõe um diálogo entre o ensaio On Fairy-Stories de J.R.R. Tolkien e a Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da literatura na educação. O texto do escritor inglês foi escrito entre 1939 e 1943, sendo publicado em 1947, e trata de suas investigações sobre o Reino Perigoso, a Terra das Fadas, o mundo de Feéria. Para Tolkien, esse lugar metafórico é o mundo da fantasia inventado - ou descoberto - pelos poetas e criadores de fábulas, que se situa ente o mundo dos sentidos e o mundo das ideias, em uma evocação da concepção platônica da realidade. Nesse mesmo sentido da imaginação como espaço da possibilidade humana que transcende a banalidade cotidiana, a Carta do Papa Francisco, publicada em 2024, nos indica a literatura como um ginásio do discernimento, um ambiente no qual podemos expandir nossas experiências, exercitando nossa alma para os dilemas essenciais da vida: moralidade, amor, espiritualidade, busca da verdade, enfrentamento do sofrimento e do mal. Em ambos os textos, é possível identificar algumas consonâncias, tais como uma antropologia subjacente que entende a imaginação humana como expressão concretizada das potências da alma humana, ou seja, como uma (sub) criação (Tolkien) artística que evidencia aquilo que pode ser, tal como Aristóteles nos propõe em sua

Poética. Ademais, tendo em si a capacidade de experimentar a transcendência em Deus como mistério, a alma humana necessita de símbolos, metáforas e analogias para se aproximar desse excesso de sentido que é a divindade. É daí que surge a necessidade da fabricação de mitos (mitopoética), desenvolvida por Tolkien em seu ensaio, e também é daí que a a literatura encontra sua força espiritual libertadora, conforme exposto por Papa Francisco. Assim, é por meio da liberdade da linguagem em sua tratativa com a realidade que nos livramos dos ídolos.

DO BARRO AO SILÍCIO: O MITO DO GOLEM COMO CHAVE HERMENÊUTICA PARA A VIGILÂNCIA ALGORÍTMICA NA FICÇÃO JUDAICA CONTEMPORÂNEA

Eduardo Neri

Resumo: O Golem, figura da tradição cabalística judaica, talvez continue tão presente porque toca em uma questão que hoje voltou a ser urgente: o que acontece quando o ser humano cria algo que executa tarefas, mas não compreende exatamente o mundo em que atua? A antiga criatura de barro parece ganhar novos sentidos diante das tecnologias digitais e dos sistemas de vigilância contemporâneos. A proposta desta comunicação é aproximar o mito do Golem das discussões sobre vigilância algorítmica e identidade judaica contemporânea a partir de dois romances: O Golem e o Gênio, de Helene Wecker, e O Sindicato dos Policiais Ídiche, de Michael Chabon. No romance de Wecker, Chava vive quase sobrecarregada pelos pensamentos e desejos das pessoas à sua volta. Essa experiência lembra, em certa medida, o sujeito contemporâneo descrito por Shoshana Zuboff, constantemente atravessado pela coleta de dados e pela exposição permanente. Já em Chabon, a comunidade judaica de Sitka depende ao mesmo tempo da convivência coletiva e da preservação do segredo, algo que atravessa a própria experiência histórica da diáspora. O trabalho dialoga com autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Sarah Bunin Benor para discutir como o Golem pode ser relido hoje não mais como criatura de barro, mas como metáfora das estruturas algorítmicas que organizam a vida contemporânea.

ENTRE O MITO E A LINGUAGEM POÉTICA: POESIA, ANIMALIDADE E CONTINUIDADE DO SER EM MARÍLIA KOSBY

Elizabete Farias de Castro

Resumo: Partindo das reflexões sobre mito, linguagem e animalidade desenvolvidas no ensaio “Peles, pêlos e penas”, esta comunicação propõe investigar como a poesia contemporânea de Marília Kosby articula uma experiência mitopoética capaz de tensionar as fronteiras entre humano e não humano. A

análise concentra-se especialmente nos livros Mugido e Os Baobás do Fim do Mundo, nos quais o corpo feminino, o animal e a paisagem rural aparecem atravessados por processos de objetificação, violência simbólica e deslocamento identitário. O trabalho dialoga com a proposta do simpósio ao estabelecer interfaces entre literatura, mito e religião, compreendendo a poesia como espaço de reatualização de estruturas míticas e de experiências do sagrado. Para isso, mobilizam-se contribuições teóricas de Mircea Eliade, Octavio Paz, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari, sobretudo no que se refere à relação entre linguagem poética, subjetividade e devir-animal. A hipótese central é que a poesia, ao recuperar uma dimensão imagética, simbólica e rítmica anterior à racionalidade utilitária moderna, possibilita vislumbrar uma continuidade do ser obscurecida pelo humanismo ocidental. Nesse sentido, o mito e a poesia funcionam como linguagens de desestabilização ontológica: ao invés de reafirmarem a separação entre homem, animal e natureza, instauram zonas de indeterminação nas quais corpos, afetos e vozes se contaminam mutuamente. A comunicação também examina a presença de elementos mítico-religiosos afro-brasileiros, como expressão de uma cosmologia em que humano e não humano coexistem em continuidade simbólica e espiritual. Tal perspectiva aproxima a experiência poética de uma linguagem ritualística e cosmofônica, conforme sugerido por Octavio Paz, permitindo compreender a mitopoética não apenas como criação de narrativas míticas, mas como experiência estética de reinvenção do mundo e do sujeito.

ENTRE O SAGRADO E A MAGIA: DA COMPROVAÇÃO CIENTÍFICA À PERMANÊNCIA DO IMAGINÁRIO DA ARCA DE NOÉ

Fabiana Dias Klautau

Resumo: Inúmeras adaptações da narrativa bíblica de Noé e o Dilúvio, tradicionalmente presente no Antigo Testamento (Gênesis 6-8), retomam constantemente o imaginário da Arca e da grande inundação, evidenciando a permanência do tema no imaginário cultural e educativo contemporâneo. No entanto, durante o segundo quartel do século XVII, tentativas para provar cientificamente a ocorrência do dilúvio tornaram-se uma obsessão entre os estudiosos da natureza, que optaram mais pela investigação racional do que pela revelação supernatural. Uma dessas iniciativas foi proposta pelo jesuíta Athanasius Kircher (1602-1680), através da publicação de sua obra Arca Noë in tres libros digesta (1675), na qual ele discorre acerca do local da construção da embarcação, das medidas utilizadas para sua fabricação, a disposição das jaulas, o formato e o material utilizado em sua confecção (Gen 6, 14-16). Kircher também se dispõe a explicar o processo de inundação através das águas das chuvas e das águas emergentes dos grandes

abismos subterrâneos (Gen 7, 10-18), o critério para a seleção das espécies que seriam salvas (Gen 7, 2-3), a dispersão dos animais pela face da Terra e por fim, mesmo tendendo para uma interpretação literal do episódio bíblico, o jesuíta demonstra, além dos seus conhecimentos da filosofia natural, uma visão alegórica da Arca. Assim, Kircher defendeu que a narração bíblica do Dilúvio universal poderia ser explicada tanto pela religião quanto pela complexidade cultural presente nas origens da ciência moderna, o que poderia justificar o sucesso das aproximações do tema que marcaram obras da literatura infantil e infantojuvenil ao longo do tempo. Nesse ínterim, esse trabalho se propõe a analisar as interpretações dessa narrativa, propostas pelo jesuíta, investigando a articulação dos conhecimentos de teologia, filosofia natural e estudos sobre os animais, bem como discutir a permanência do imaginário da Arca de Noé na literatura infantil e infantojuvenil contemporânea.

EXPERIÊNCIA MÍSTICA E LIMITE DA LINGUAGEM NA POÉTICA DE JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA.

Kingsley Morais Resplandes de Araujo

Resumo: José Tolentino Mendonça, poeta do Funchal, tem contribuído de maneira ativa para a construção do imaginário religioso do século XXI, seja desde sua já consolidada obra teológica, ou por seu aparato poético ainda inédito no Brasil. No prefácio O Património da Sede (2014), Jerónimo Pizarro pontua que na poesia de Mendonça "convivem transcendência e imanência, misticismo e materialismo, lirismo e prosaísmo", servido dessa dualidade, o poema Revelação, presente na sua poesia reunida, A Noite Abre Meus Olhos (2024), publicada pela Assírio&Alvim, apresenta em seu eu-lírico uma jornada em que a percepção do material serve de meio para o transcendental e ainda que tente representar o transcendental sua poesia esbarra no limite da representação conceitual, em que a palavra não é o suficiente para desvelar o que é mistério. Pensando na relação da Mística com a Poesia, a obra Poesia e stupore: Antiche e nuove esperienze (2024) pontua que a "A mística talvez não seja simplesmente uma variante ou um gênero da literatura, mas esteja oculto em seu âmago pulsante, onde a ferida e a maravilha habitam, em sua fronteira, onde o indizível toca o indizível, deixando o mistério intacto, a chave hermenêutica para o enigma da poesia" (tradução própria). Busca-se, então, compreender aquilo que Bolzoni e o próprio Mendonça denominam "enigma da poesia", examinando como a experiência mística não apenas se apresenta como tema, mas opera como princípio formal da criação poética.

CONVERGÊNCIAS METODOLÓGICAS ENTRE J. R. R. TOLKIEN E LUIGI GIUSSANI: A MITOPOÉTICA & O SENSO RELIGIOSO

Luana Maíra da Silva

Resumo: O Objetivo desse trabalho é analisar as convergências metodológicas entre J. R. R. Tolkien e Luigi Giussani a partir de suas obras "Tree and Leaf, including Mythopoeia" e "IL SENSO RELIGIOSO". Para o teólogo Luigi Giussani os 'Mitos' têm a função de despertar e manter a consciência de um mundo diferente do mundo profano, i.e., o mundo divino. Com isso, os mitos são capazes de superar a aparência e a contingência para tentar atingir a vida no que ela tem de mais incorruptível, original e misterioso, então, fazendo parte dos mais nobres esforços humanos. Eles tocam as estruturas da vida e revelam uma dimensão que transcende a natural e humana. O senso religioso, captado na existência e na vida do 'homo religiosus', assim, possui uma função própria de revelação como ocorre na mitologia. Para J. R. R. Tolkien, o elemento da "subcriação" dentro da Mitologia - em vez da representação ou interpretação simbólica das belezas e terrores do mundo - atinge seu aspecto 'superior' a partir de três faces: (i) a Mística, voltada para o sobrenatural; (ii) a Mágica, voltada para natureza; e (iii) o Espelho, voltado para o homem. Dessa forma, como ressalta Tolkien, mitologia e religião (no sentido estrito da palavra) são duas coisas distintas que se tornaram inextricavelmente emaranhadas, embora a mitologia seja, em si mesma, quase desprovida de significância religiosa. Não obstante, é justamente nesse sentido que paradoxalmente a faceta essencial mitológica do meio, a Mágica, pode se tornar um veículo do Mistério. Portanto, como será observado nessa análise comparativa, tanto para Giussani, como para Tolkien, a estranheza arrebatadora dos mitos (que mais se afastam do mundo real) é a maior e a mais potente virtude da Arte contemporânea.

A METÁFORA COMO RECURSO LITERÁRIO DO INDIZÍVEL

Lucas Torres Dias

Resumo: Nesta pesquisa, buscamos relacionar a teoria linguística da metáfora com a teoria literária. Apesar do paradigma aristotélico de metáfora ter se sustentado por muito tempo, entendendo a metáfora como uma substituição de termos ou mero recurso estilístico, houve no século XX uma revisão deste conceito. Max Black é um dos primeiros a fazer a virada: propõe que a metáfora não exprime apenas o que a linguagem literal poderia fazer, mas cria um sentido a partir da interação entre os termos. George Lakoff e Mark Johnson, décadas depois, revolucionam a linguística cognitiva ao propor que as metáforas são estruturantes do pensamento. O memso Lakoff, desta vez com Mark Turner, ainda destrinchará sua teoria

voltada para a literatura. Já autores como Octavio Paz e Paul Ricoeur vão ratificar a irredutibilidade metafórica: a imagem como não redutível ao conceito ou palavra. Assim, a metáfora passa a servir como um recurso criativo, irredutível e portadora de um significado próprio. A partir dessas discussões, este trabalho faz um estudo comparativo entre esses novos entendimentos de metáfora e sua relação com o campo literário, evocando exemplos ilustrativos em prosa brasileira. Ao se sobrepor esse conceito de metáfora e o conceito de imagem poética da teoria literária, a proposta é estudar como essa figura de linguagem, quando usada artisticamente, pode tratar daquilo que escapa à linguagem puramente referencial.

A LITERATURA COMO SUBCRIAÇÃO E O TÓPOS RENASCENTISTA POETA-DEUS: DE CRISTOFORO LANDINO A J. R. R. TOLKIEN E C. S. LEWIS

Pietro Dri Marchiori

Resumo: A comunicação se relaciona com a pesquisa de doutorado em Letras Clássicas "Criação secundária, imitação e ficção: a influência de Plutarco na conceituação renascentista de poesia" (USP), que versa sobre a reinterpretação renascentista do poeta (partindo do grego, "poietés", entendido como "feitor" ou "criador") não mais como artesão de palavras como na visão antiga e medieval, mas como criador de um mundo fictício analogamente à relação de Deus com o mundo real, interpretação que começa a ganhar fôlego com Cristoforo Landino e gérmen do que se tornaria, no Romantismo, a conceituação do escritor como criador de uma expressão ou visão única e original. A relação de Tolkien e Lewis com esta discussão se dá através de fontes diretas, como Philip Sidney, autor renascentista que compara o poeta a Deus e a sua criação com a Sua Criação, e fontes indiretas, como George MacDonald, que retrabalha as palavras de Philip Sidney. Porém, nos ensaios de Tolkien e Lewis o escritor é dito criador tanto no sentido renascentista, como subcriador, isto é, criador de um mundo fictício, quanto no sentido antigo, como criador de uma narração com início, meio e fim, de um mito. Assim, a comunicação tem por problema compreender o percurso dessas duas noções de poeta até Tolkien e Lewis; por metodologia a revisão e análise dos tratados que sabemos terem conhecido e daqueles que sabemos terem influenciado estes últimos; e por objetivos a apresentação e discussão com o público presente das hipóteses e resultados parciais, os quais apontam para um retrabalho dos conceitos antigo e renascentista de poeta por estes autores.

"PARA ESPERAR É PRECISO TER RECEBIDO UMA GRANDE GRAÇA": ENCARNAÇÃO E ESPERANÇA NO PÓRTICO DO MISTÉRIO DA SEGUNDA VIRTUDE, DE CHARLES PÉGUY

Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Resumo: O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude, obra do escritor francês Charles Péguy, publicada em 1911 e recentemente traduzida no Brasil, é um longo poema que, como sugere o título, tematiza a virtude da esperança (Péguy, 2025). Trata-se da segunda parte de um tríptico composto por três "mistérios" (gênero de teatro sacro medieval), cada um deles dedicado a uma das virtudes teologais. Não é sem importância o fato de o Pórtico ocupar posição central no conjunto, visto que para o autor a esperança constitui não só a virtude "mais difícil", mas também a "mais agradável" a Deus. Escrita às vésperas da Primeira Guerra – conflito no qual o poeta perderia a vida – a peça tem como primeiro mérito o fato de não associar a esperança a um vago otimismo quanto ao futuro, evitando abordagens fáceis ou superficiais de tema tão delicado. Sem negar as dificuldades e contradições da vida, Péguy enfrenta corajosamente a pergunta acerca de como é possível manter a esperança viva num mundo como o nosso e, assim, oferece uma resposta original e profunda ao convite formulado por São Pedro, dando as razões de sua esperança. O objetivo deste trabalho é destacar em que medida a reflexão que o poema propõe sobre a esperança está baseada na percepção da centralidade do mistério da encarnação: afinal, para o autor, a esperança não diz respeito apenas ao futuro, mas transforma também o presente e o modo como enfrentamos as circunstâncias concretas em que somos chamados a viver (Prosperi, 2022; Bento XVI, 2007). Por isso, para Péguy o tema da encarnação é central quer do ponto de vista teológico, quer do ponto de vista poético, visto que conforma também a linguagem, a estrutura e o estilo do poema.

ENTRE O EU E O TU: O ENDEREÇAMENTO POÉTICO E A CONSTRUÇÃO MITOPOÉTICA DE LAURA NA LÍRICA DE FRANCESCO PETRARCA

Viviana Maria Vieira

Resumo: Este artigo, pretende-se verificar o conceito de endereçamento da teoria literária contemporânea, analisando suas implicações, especialmente, na poesia de Francesco Petrarca e sua idealização à figura de Laura com um olhar "mitopoético" e arquetípico da mulher. Pretende-se, igualmente, mostrar que, embora Petrarca pertença a uma tradição lírica do século XIV, seus modos de construção do destinatário poético continuam iluminando a compreensão da lírica, inclusive na contemporaneidade. Para

o aporte teórico usaremos o livro, Indicionário do contemporâneo, uma obra organizada por Celia Pedrosa, Diana Klinger, Jorge Wolff e outros, a obra O Arco e A Lira, de Octavio Paz que aborda a respeito da comunicação que o poema pode estabelecer entre o leitor e o poeta. O leitor é visto por PAZ (1982) como participante ativo na criação e sentidos do texto literário. Estudaremos também os textos Endereçamento Lírico de Joëlle de Sermet e para dialogar com o conceito de mito recorreremos a Micea Eliade, o texto Mito e realidade e Northrop Frye nos textos, Fábulas de Identidade, Anatomia da Crítica. Segundo Sermet, o discurso lírico se caracteriza pela construção de um "tu" — um destinatário explícito ou implícito — que é fundamental para o próprio funcionamento do poema. Sermet dialoga com Frye quando discute a relação fictícia entre o eu e o tu na poesia lírica. Frye aborda sobre o conceito dos gêneros literários, do mito, o autor é fundamental para entendermos o conceito de poesia lírica e a visão mitopoética na literatura.

ST: MITOS JUDAICOS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Lyslei de Souza Nascimento, Nancy Rozenchan e Gerson Luiz Roani

Resumo: Jorge Luis Borges afirmou que "en el princípio de la literatura está el myto, y asimismo en el fin". Sinônimo de "palavra", "discurso", "narrativa" (e até de "mentira"), o mito, com a diversidade de seus significados, não deixa dúvidas quanto ao seu papel fundador na literatura. Na literatura, a reelaboração de mitos judaicos e bíblicos produz uma rede infinita de referências e citações. A Criação em O lustre, de Clarice Lispector; A mulher que escreveu a Bíblia, de Moacyr Scliar; Judas, de Amós Oz; a poesia de Yehudá Amichai e Chaim Nachman Bialik; o dilúvio, Esaú e Jacó, entre outras histórias bíblicas que povoam a obra de Machado de Assis, são alguns desses autores e obras que reelaboram os mitos judaicos, pondo-os em circulação na contemporaneidade. Em "O mito e o homem moderno", Raphael Patai dedica-se não só a definir, mas a estudar alguns deles. Nesse livro, estão presentes temas como a religião como mito da vida moderna, o mito nazista e a interpretação dos mitos através dos séculos. Em "O livro do Gênese: mitologia hebraica", que publica com Robert Graves, investiga da Criação aos patriarcas, passando pela queda de Lúcifer e do homem, Adão e Eva, pela descrição dos monstros primevos (Beemot, Leviatã), pelo relato sobre a Torre de Babel e a multiplicidade das línguas, pela narrativa da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, pela história da escravidão dos hebreus no Egito e sua libertação, bem como as histórias dos juízes como Débora e Sansão, dos profetas como Isaías, Jeremias e Oséias, os relatos da consolidação das 12 tribos e a constituição do reino de Israel, seus reis, como Davi e Salomão, entre outros temas caros à narrativa bíblica. e também à literatura. Na obra de Borges, personagens como Caim e Abel, Esaú e Jacó, Davi, Moisés e José, além da referência a Adão, Eva e o Paraíso, além de Lilith e o

Golem, que também aparecem na obra de Machado de Assis, Thomas Mann, Virgínia Wolf entre outros grandes escritores, que revelam, num entretecer de fios, a apropriação de mitos judaicos como estrutura e estratégia de enunciação. Vale lembrar, ainda, as citações implícitas e explícitas aos Salmos e a O cântico dos cânticos, ao livro de Jó e Provérbios, bem como ao Eclesiastes, tanto na poesia quanto na prosa contemporânea. Quando Sócrates, no II livro da República, aproxima os mitos à mentira e exige sua censura, o parentesco entre mito e literatura se revela, também, pelo lado negativo, isto é, pela crítica dos aspectos supostamente fantasiosos que atentariam contra o postulado de verdade ou dos bons costumes. As cenas violentas da Teogonia, de Hesíodo, chocavam os leitores da Grécia clássica, assim como o Cântico dos cânticos chocava os leitores da Bíblia pelo seu erotismo, fazendo com que se optasse por uma leitura alegórica. Com Dante, porém, o "sentido alegórico" foi muito além de um mero ato de censura, pois marcou um processo de recepção das narrativas míticas que não parou com o iluminismo do século XVIII, quando se achava que a razão iria acabar de vez com as fabulações do mito. O romantismo não apenas retomou o interesse pelos mitos, mas o ampliou pelas narrativas nórdicas e asiáticas, mostrando que a literatura moderna não apenas se alimenta de mitos, mas, pelo seu caráter alegórico, é, ela mesma, da ordem do mítico. Além disso, a Filosofia, a Antropologia e a Teoria da Literatura, entre outras disciplinas, abandonam as doutrinas positivistas do século XIX, contribuindo não apenas para uma valorização do pensamento mítico (Ernest Cassirer), como também para a emancipação das culturas ditas "primitivas" (Claude Lévi-Strauss). Nesse sentido, a proposta de estudo no biênio é analisar, nas literaturas contempladas no GT, a presença do mito em suas múltiplas acepções e, a partir dessa constatação, problematizar a permanência ou não de sua enunciação na contemporaneidade. O século XX, após se aproximar das ciências em suas vertentes mais realistas e naturalistas, ratifica, de certa maneira, o fracasso da razão quando promove uma atualização dos mitos judaicos. Esta proposta de simpósio objetiva, no amplo escopo da literatura comparada, investigar as estratégias de construção do texto que se utiliza da mitologia judaica para se inscrever na modernidade, problematizando ou reafirmando sua forma e sentido.

O GOLEM DE JORGE LUIS BORGES

Estevan de Negreiros Ketzer

Resumo: Nossa pesquisa apresenta algumas interpretações cabalísticas a partir da leitura do poema de Jorge Luis Borges intitulado "El Golém". publicado em 1959, e lançado em seu livro El otro, el mismo, de 1964. A intrincada história do golem também indica algo sobre a Cabala em um tempo que a ciência está a plenos pulmões criando os mais diversos experimentos com a ascensão da alquimia no ocidente, fato tão propalado pelo filósofo Gershom Scholem em suas pesquisas. O experimento alquimista, mistura de

bruxaria com eucaristia, passa a ser observados em condições científicas, com causa e consequência, ainda que possua uma certa ilusão de que mesmo em elementos da natureza há vida da mesma maneira que a cada ser vivo. A história do golem é tão justamente o encantamento de um famoso rabino a dar vida ao barro com a palavra EMET (verdade em hebraico) escrita na testa da criatura antes de receber o indulto dos seres vivos. Me escuso de escrever vida como algo "divino" aqui, pois justamente a vida dos cabalistas e alquimistas opera de forma diferente ao processo sagrado encontrado na ordem dos céus. Sendo assim, o trabalho mostra o quanto certas referências estão presentes no texto de Borges: 1) a matemática; 2) a guemátria judaica; 3) as interpretações do livro Sefer Ietsirá. Nossa pesquisa está galgada em certos desenvolvimentos de Borges com a literatura e como sua criação parte de pressupostos filosóficos e cabalísticos para a recriação do mito do golem, algo presente em toda a sua obra surrealista como parte também de uma reflexão a percorrer seu tempo presente e a finitude do ser humano diante de uma iminente evasiva transcendental.

GOLEM E LILITH: A MITOLOGIA JUDAICA REVISTA NOS CONTOS DE PRIMO LEVI

Filipe Amaral Rocha de Menezes

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das releituras de mitos ligados à tradição judaica presentes na obra ficcional de Primo Levi (1919-1987), com foco especial nos contos que integram as coletâneas Vício de Forma e Lilith. A investigação parte da premissa de que Levi utiliza o mito como uma ferramenta para a explicação do mundo ou, ao menos, como uma tentativa de organização do cosmos. A análise prioriza a discussão de figuras centrais do imaginário judaico, como, no conto "O servo", a lenda do Golem é relida criticamente. Destaca-se a humanização da criatura de barro, que manifesta paixões, opiniões próprias e uma resistência intrínseca à servidão. No conto "Lilith", a presença desta figura mítica é explorada numa nova roupagem e lembrada em um ambiente completamente inóspito, em Auschwitz. A fundamentação teórica utiliza conceitos de autores como Junito Brandão e Mircea Eliade, definindo o mito como o relato de acontecimentos primordiais que dão origem à realidade. Argumenta-se que a reescrita desses mitos por Levi é influenciada por um prisma multifacetado que concatena sua experiência concentracionária, sua formação como químico, a cultura judaica e uma sólida base clássica. O objetivo final é observar como o autor tributa e transforma essas tradições milenares na construção de suas personagens e tramas contemporâneas.

URIEL DA COSTA - UM MITO LITERÁRIO JUDAICO EM UM "UM BICHO DA TERRA", DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Gerson Luiz Roani

Resumo: Um mito literário é uma figura, história ou personagem que transcende o seu contexto original e passa a fazer parte do imaginário coletivo de uma cultura. Nessa perspectiva, a figura de Uriel da Costa (1585–1640), pensador judeu portuense, foi recriada nos textos literários de vários autores, dentre os quais Karl Gutzkow, Irvin D. Yalom e Agustina Bessa-Luís. Nessa comunicação, focalizamos o romance Um Bicho da Terra (1984), de Agustina Bessa-Luís. Em tal obra, Uriel da Costa transfigura a situação existencial do sujeito marrano, cuja construção da identidade se processa na oscilação entre o cristianismo e o judaísmo. No caso da personagem, o marranismo suscitou uma postura de dúvida e de rejeição do corpus dogmático das duas religiões. Exilado em Amsterdam, as dolorosas dúvidas de fé vivenciadas pelo refugiado português ocasionaram o seu rompimento definitivo, tanto com o cristianismo, quanto com o judaísmo. Tal ruptura manifesta a oposição da personagem a qualquer dogmatismo religioso, sublinhando a sua saga de estrangeiro, excomungado e perseguido. No romance da grande romancista portuguesa, Uriel da Costa transformou-se em um mito literário que simboliza o livre-pensamento, a crise de identidade religiosa e a tragédia do indivíduo esmagado pelas perseguições e intolerância. No âmbito do projeto ficcional da autora, que consiste em revisitar figuras emblemáticas da história portuguesa, Agustina Bessa-Luís tenta romper com o silêncio histórico acerca desse judeu-português, criando a biografia romanceada de Uriel da Costa com seu trágico destino, mas também com a sua obstinada luta pela liberdade de pensamento e de expressão.

O MITO DO ESCRITOR JUDEU EM PLACE DE L'ÉTOILE, DE PATRICK MODIANO, E A ORGIA DE PRAGA, DE PHILIP ROTH

Isadora Goldberg Sinay

Resumo: Em "Place de L'Étoile", Patrick Modiano conta a história de Raphaël Schlemilovitch, um judeu nascido logo após a Segunda Guerra e assombrado pelo medo do antissemitismo que deve realizar uma missão de espionagem em Nova York. Ao longo do romance, Modiano movimenta referências da cultura judaica, especialmente a figura de importantes escritores, como Marcel Proust. Já em "A Orgia de Praga", de Philip Roth, um escritor judeu, Nathan Zuckerman, precisa viajar a Praga para resgatar o manuscrito de um outro escritor, assassinado no Holocausto e que é representado por Roth como uma figura próxima

de Bruno Schultz. Em ambos os casos, os protagonistas possuem um vínculo ambivalente com a religião judaica que se reflete em uma relação complexa também com a cultura e história judaicas. Essa comunicação busca analisar como os dois escritores movimentam a tradição da literatura judaica de modo a dar a ela um aspecto mitológico e quase religioso. Ambos os protagonistas são judeus seculares que, as voltas com suas identidades e questões de pertencimento, retornam à literatura como uma tradição judaica possível, portanto, essa análise se focará em como os fantasmas da cultura judaica reaparecem e são retrabalhados por escritores contemporâneos e como os escritores do passado assombram a literatura contemporânea.

O MITO DE SANSÃO NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA DE DAVID GROSSMAN

Karla Louise de Almeida Petel

Resumo: Em Dvash arayot: sipur Shimshon (2005), lançado no Brasil com o título Mel de leão: o mito de Sansão (2006), David Grossman (1954-] revisita a narrativa de uma das figuras mitológicas mais emblemáticas da tradição hebraica. O autor propõe uma leitura acurada da história do célebre juiz nazireu, conhecido por sua força extraordinária simbolicamente associada aos cabelos. Ao reinterpretar sensivelmente esse personagem bíblico, Grossman combina reflexão crítica e imaginação literária, elaborando hipóteses e preenchendo silêncios deixados pelo relato original das Escrituras. A obra também se aproxima do exercício dialógico da chavruta, prática rabínica baseada na leitura compartilhada e na discussão analítica de textos fundamentais do judaísmo. Desse encontro entre ensaio e reescrita da narrativa mitológica emerge um texto marcado pela densidade interpretativa, pela criação literária e com ares prédica judaica. Segundo Raphael Patai (1974), as manifestações contemporâneas das forças mitopoéticas não devem ser entendidas como meros vestígios de um passado distante, mas como expressões de um dinamismo psicossocial ainda ativo na subjetividade moderna. Partindo dessa perspectiva, este trabalho objetiva investigar o mito de Sansão a partir da releitura proposta pelo escritor israelense, observando de que maneira sua escrita contemporânea reconfigura os capítulos 13, 14, 15 e 16 de Sêfer Shoftim, o Livro de Juízes da Bíblia Hebraica.

A BÍBLIA E O ROMANCE HISTÓRICO: "A SAGA DO MARRANO", DE MARCOS AGUINES

Lyslei de Souza Nascimento

Resumo: Esta comunicação analisará o romance La gesta del marrano, do escritor argentino Marcos Aguinis (1935-), foi publicado em 1991. No Brasil, A saga do marrano sai em 1996, com tradução de Hugueta Sendacz, e em 2005, com tradução de Henrique Monteiro. Considerado pela crítica como um romance histórico, ele se inscreve numa vertente de narrativas contemporâneas que promovem um discurso interdisciplinar entre a narrativa histórica e a construção de cenários e vozes pela ficção. Por isso, o trabalho fabulador do ficcionista passaria por uma espécie de ambivalência na qual o romancista-historiador construiria sua trama a partir de elementos factuais apropriados da história. Armado sob a égide do Pentateuco, a narrativa romanceada da história, se estrutura em cinco partes: Gênese, brasas da infância; Êxodo, o trajeto da perplexidade; Levítico: a cidade dos reis; Números, Chile: a breve Arcádia e Deuteronômio, abismo e cume. Por intermédio dos cinco livros bíblicos, o romancista trança a história dos judeus perseguidos pelo Santo Ofício na América Latina no século XVI e XVII com a ficção. A narrativa buscaria, assim, reconstruir a saga de Francisco Maldonado da Silva, cristão-novo, cognominado "marrano", como todos os judeus e mouros da Península Ibérica que, embora professando abertamente o cristianismo para evitar perseguições, continuam ocultamente fiéis à primitiva religião. De acordo com o narrador: "O efeito é trágico: somos católicos na aparência para sobreviver na carne, e somos judeus por dentro, para sobreviver no espírito"

MITIZAÇÃO E DESMITIZAÇÃO DO "SABRA" NA LITERATURA ISRAELENSE

Nancy Rozenchan

Resumo: O pensamento e o fazer sionistas do século XX, que conduziram à criação do Estado de Israel e continuaram a ser linha mestra na vida daquela nação, sustentaram-se em vários eventos e desenvolvimentos que se transformaram em mitos fundadores do país. Diversamente do que se tem como mito fundador em outros lugares, eles não se formaram em passado distante: surgiram e cresceram concomitantes com a recente consolidação nacional. Para a sua disseminação, sendo os próprios autores agentes de vários dos mitos, coube à literatura um papel substancial. Destacaremos o mito do "sabra" (tsabar, em hebraico), que moldou a imagem do "novo hebreu" – robusto, pragmático, corajoso e, muitas vezes, emocionalmente opaco, em contraste com judeus provenientes de diversas diásporas, na maioria das vezes, ali indesejados. Inicialmente pejorativo e, depois, assumido de forma ampla, o termo refere-se ao fruto de um cacto, de interior doce e casca espinhosa, que pareceu definir o caráter do israelense nato. O auge da expressão da imagem do sabra deu-se na geração literária conhecida como "geração da terra", cujos principais representantes foram S. Yizhar e Moshê Shamir. Passando por obras de Amós Oz e A. B.

Yehoshua, onde a desmitização começa a ganhar realce, abordaremos o tema em obras recentes de Israel Hameiri e Assaf Gavron.

O MITO DO JUDEU ERRANTE

Saul Kirschb Aum

Resumo: Basicamente, o Mito do Judeu Errante consiste no seguinte: no caminho de Jesus para a crucificação, arrastando a cruz, algo teria acontecido - Jesus caiu, ou pediu um copo de água, e um judeu recusou-se a ajudá-lo. Em consequência, Jesus teria condenado aquele judeu a não morrer e a vagar pelo mundo sem poder fixar-se em parte alguma, até o retorno de Jesus. O judeu objeto da maldição se chamaria Ahasverus, Aasvero, Asveru ou Ashver, e trabalharia em um curtume ou oficina de sapateiro em Jerusalém, em uma das ruas por onde passavam os condenados à morte por crucificação, carregando suas cruzes. Ao longo da história, a partir da Idade Média, o mito foi adquirindo natureza cada vez mais antissemita, legitimando situações de opressão sobre o povo judeu, tais como expulsões, proibição do exercício de determinadas atividades econômicas, limitação de acesso a universidades.Os efeitos danosos do mito pareciam ter atingido seu ápice na primeira metade do século XX, com a catástrofe nazista, que começou com tentativas de expulsão do povo judeu e evoluiu para a grande tragédia do Holocausto. Entretanto, o mito se mantém atual em nossos dias nas manifestaçoes de repúdio ao Estado de Israel. Quem afirma não ter nada contra os judeus mas apenas contra Israel está aderindo à ideia de que os judeus deveriam "voltar para a Europa", ou seja, continuar vagando pelo mundo numa errância sem fim.

ST: NARRADORES E NARRADORAS DA GEOPOESIA: LETRAS E ARTES, PASSAGENS E ALETRIAS

Coordenação: Ana Flávia de Andrade Ferraz, Augusto Rodrigues da Silva Junior e Willi Bolle

Resumo: No ano dos 70 anos de Grande sertão: veredas (Rosa, 1956), este Simpósio propõe reunir pesquisas que, no campo da Literatura Comparada, busquem a figura dos narradores e narradoras (Der Erzähler; Walter Benjamin, 1936) como paradigma crítico-literário e ensaístico, criador e criativo para pensar a geopoesia em diálogo com literaturas e outras artes em espaços de travessias e encruzilhadas. A nossa proposta nasce das raizamas entre o narrador (de livro; impresso) e o contador de histórias e suas técnicas de composição nas eras das reprodutibilidades técnicas e digitais. Geopoetizar é inscrever e escrever, traduzir e retraduzir de uma voz a outra, de um corpo a outro, de um território a outro –

sempre na luta contra o esquecimento e apagamento do outro. Nessa direção, o narrador/contador de histórias benjaminiano (leskoviano/machadiano/rosiano), como figura que condensa memória e recordação, passagens e etnoflâneries, conselhos e conhecimentos conversáveis, torna-se decisivo para reler produções literárias e artísticas que emergem de zonas liminares. Das raízes dialógicas do Brasil e dos rizomas polifônicos, a história comparativista da literatura "a contrapelo". As territorialidades, por muito tempo lidas apenas como margens, neste Simpósio partem da hipótese de que a geopoesia pode oferecer à Literatura Comparada uma chave de leitura capaz de deslocar os lugares e os fazeres tradicionais do comparatismo. Em vez de pensar a comparação apenas entre autores, obras, línguas ou sistemas nacionais, interessa-nos compreender como vozes, comunidades, paisagens, imaginários, arquivos e formas artísticas entram em relação e produzem constelações críticas. A geopoesia não designa apenas uma poesia da terra, nem uma simples tematização do espaço: ela busca modos de ler e de fazer em que as passagens e as paisagens se convertem em banzeiros pensamentais e remansos sentimentais. Um campo de vocalidades e de estilizações nos leva a narradores e narradoras da geopoesia, reconhecendo que eles/elas não apenas contam o mundo, mas o reinventam (entre a hermenêutica e a aletria) sob a forma de experiências estéticas: orais, corporais, escritísticas, cinêmicas, digitais e outras mais. O subtítulo "letras e artes, passagens e aletrias" nomeia método e mobilização: "Letras e artes" assinala a abertura para um campo interartístico em que literatura, teatro, cinema, artes visuais, canto, performance, oralidade, escuta e tradução coletiva se tocam, sem que uma linguagem se imponha sobre a outra. Nossas "Passagens" convocam, em diálogo com Benjamin, uma crítica atenta aos percursos, liminaridades, montagens, fisionomias e aos modos pelos quais a história se deposita em ruínas, rastros, cenas, objetos, ruas – com nomes e sem nomes. Das "aletrias" rosianas, nosso Simpósio convida trabalhos e pensamentos que busquem invenções hermenêuticas, reinvenções epistemológicas. Entre os eidos geralzeiro, centroestino, norte-nordestino, a geopoesia reconfigura "Corredores", "Entornos" e Zonas de influência. Em diálogo com Willi Bolle e Niemar, Ferraz e Cabral, interessa-nos acolher trabalhos que repensem a formação cultural e literária brasileira – que continuam em formação. Em diálogo com Benjamin, desejamos pesquisas que interroguem a sobrevivência da experiência em tempos de dispersão e navegação (digital). A potência crítica da memória e a figura de narradores/narradoras, ensaístas e pesquisadores surgem como portadores de historicidade, literariedade e "perguntabilidade". Em diálogo com Carlos Rodrigues Brandão, queremos abrir espaço para leituras em que cultura, educação, partilha, escuta, comunidades e saberes se articulem de modo vivo, em contextos em que a palavra guarde vínculo com o chão, a festa, a roda, o canto, a dança. É uma pedagogia da convivência, que pensa a literatura de campo na sala de aula, na tela, na performance. Serão bem-vindos para nosso encontro trabalhos que abordem geopoesia e literatura de campo; narradores e narradoras em contextos quilombolas, indígenas, ribeirinhos, sertanejos, amazônicos, cerradeiros e periféricos; crítica polifônica em comparatismo: Walter Benjamin, Guimarães

Rosa e as reescritas do espaço brasileiro que vão de Cora Coralina a Astrid Cabral, de Godoy Garcia a Cassiano Nunes, de Vicente Cecim a Dalcídio Jurandir, de Tião Pinheiro a Itamar Vieira Junior, de Socorro Acioli a Verenilde Pereira, dentre tantos. Convocamos cartografias afetivas e imaginários territoriais que priorizem passagens entre literatura, cinema, teatro e tantas artes, e que se constituem de recriações literárias brasileiras, afro-brasileiras, quilombolas e originárias. Formas e desformas narrativas de rexistência nascidas de experiências éticas e estéticas em que o narrar enforma gestos de transmissão e reinvenção comunitária (communitas). Por fim, neste redemunho pensamental, nos perguntamos: quem narra a geopoesia, desde onde o mundo e a palavramundo são narrados? Por quais formas a palavra se deixa ouvir, se deixa conversar, se deixa escrever, digitalizar? Entre letras e artes, entre passagens e aletrias, o que está em jogo geopoético é uma crítica capaz de ler os Brasis liminares em movimento, de reconhecer seus geopoetas, e de escutar, nas ampliações dialógicas de tantas outras literaturas, aquilo que ainda insiste em ser partilhado como experiência, vivência e escrevivência.

TEATRO E CENSURA: A MONTAGEM DE PATÉTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Ana Flávia de Andrade Ferraz

Resumo: O trabalho tem como proposta apresentar fragmentos da montagem do texto Patética: a verdadeira história de Glauco Horowitz, realizada em 2025 por alunos do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. A montagem dialogou com o conceito de Arte Crítica, de Miguel Chaia (2007) e Cena Expandida de Gabriela Lírio Monteiro (2016). A escolha da obra se deveu a dois fatores: 2025 marca os 50 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog e os 40 anos do processo de redemocratização brasileira. Escrita pelo cunhado do jornalista um ano após seu bárbaro assassinato nos porões Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações de Informações (DOI-CODI) em 1975, durante a ditadura civil militar brasileira, Patética, texto de João Ribeiro Chaves Neto, conta, através da personagem Glauco, a história do jornalista Vladimir Herzog desde sua chegada em terras brasileiras, fugindo, ainda criança, da perseguição nazista na lugoslávia, até sua morte. Inscrito no VIII Concurso Nacional de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro (SNT) de 1977 ganhou, por unanimidade, o primeiro lugar, mas teve a premiação suspensa (Garcia, 2003). O texto foi confiscado pelos órgãos de segurança e o dramaturgo impossibilitado de usufruir dos prêmios que deveria receber. A peça só foi liberada em 1979 e na década de 1980, dirigida pelo famoso encenador Celso Nunes, foi finalmente

apresentada. Até os dias atuais a peça recebeu poucas montagens e se constitui em um dos textos mais emblemáticos do teatro de resistência brasileiro.

A MULHER-RAINHA PROCÓPIA DOS SANTOS ROSA: A GEOPOESIA KALUNGA NOS CANTOS E BENDITOS

Augusto Rodrigues da Silva Junior

Resumo: A presente comunicação analisa a condição geopoética da "Mulher-Rainha" quilombola Procópia dos Santos Rosa, grande liderança da comunidade remanescente Kalunga. Morando na "comunidade" Riachão, em Monte Alegre de Goiás, aos 93 anos, Procópia constitui-se como maior representante de sabedoria e ancestralidade. Mobilizando na geopoesia oralidade e vocalidade (Zumthor, 2001) como formas de preservação cultural, religiosa e territorial sua atuação articula liderança comunitária, rexistência histórica e enfronteiramento (na luta por direitos básicos e pela terra). Como matriarca e guardiã da memória, sua presença viva preserva tradições orais e reafirma a identidade coletiva de um povo marcada pela diáspora africana e pela permanência da luta territorial. Reconhecida pela Universidade Estadual de Goiás com o título de Doutora Honoris Causa, Iaiá Procópia sintetiza, em sua trajetória, o matriarcado e o importante papel das mulheres na tradição dos quilombos de Goiás. Nosso objetivo central é analisar sua constante performance cultural ligada aos cantos e rezas do catolicismo afro-festivo. Mesmo não estando em romarias e festejos, mas em situações solenes, ela entoa "benditos" e cantos responsoriais – em que ela "puxa" os versos "como mote" e o grupo à sua volta "responde" desenvolve o rito dialogicamente (Bakhtin, 1996). Neste momento, pretendemos apresentar reflexões e análise dos seguintes benditos: "O Bom Jesus" e "O Espírito Santo". Em "O Bom Jesus", a voz clama por misericórdia, aproximando o sofrimento de Cristo das dores históricas do povo quilombola, marcado por violência, luta e rexistência. Em "O Espírito Santo", a devoção à Santíssima Trindade se articula às imagens do cerrado, da luz, da pomba, do fogo e da força ancestral. A cantoria (o cantorio) reúne corpo, comunidade, e a bendizer, natureza e espiritualidade, convertendo tudo em presença. Assim, os benditos operam como raizama: oração cantada, geopoesia coletiva e a permanência ancestral Kalunga.

KALUNGA ORIGINÁRIA, GEOPOESIA IMBONDEIRA: TEATRO, CINEMA E EDUCAÇÃO NO SUMBE (ANGOLA) E NO CORREDOR DA GEOPOESIA (GOIÁS/TOCANTINS/BRASIL)

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Gerlanea Taísa Toledo da Silva

Resumo: O objetivo desse trabalho é estabelecer relações entre Angola e Brasil a partir da teoria da geopoesia. Mais especificamente aproximar metodologias teatrais e cinêmicas utilizadas nas Escolas do Sumbe (Cuanza Sul/Angola) e no cinema literário construído pelos artistas e professores da Comunidade Quilombola Kalunga (Goiás/Tocantins). Para esta comunicação, traremos um panorama de obras e grupos da sumbelitratura, tais como: Chiteculo Art; Jackson Chiteculo/Augusto José Fazenda (Isced Sumbe); Kuxi Xima teatro (Artur Campos) e Companhia de Teatro Experimental do Actor Cristão (Noé Ganga). Nos concentraremos nas peças tanatográficas do diretor Mário Kissaba (que tem seu grupo ligado ao Complexo Escolar 14 de Abril no Sumbe), mais especificamente utilizaremos: O caixão (2011); A Mulher do Falecido (2017); O pedido no cemitério (2021); e Kapulungo (2026). Traçaremos paralelos nessa tetralogia sepulcral, que movimenta a cultura popular da angolanididade, com prosódias liminares e o batuque-em-cena como direção, atuação e ancestralidade. Também buscaremos elementos do que denominam de "kimbuelela", uma mistura de danças, músicas, marcas de cerimônias tradicionais e outros elementos performáticos e que compõem desde a preparação de ator/atriz, ao andamento e ritmo de cada cena. Utilizando os conceitos geopoéticos de teatro de terreiro, línguas nacionais (Umbundo; Kimbundo); hífen-colonial (e a língua do colonizador/Portuguesa), performance raizamática (raizamas), decomposição biográfica, pretendemos mostrar a importância da cena nessa cidade em que, ao menos, 10 grupos operam em Universidades, Escolas e Igrejas – compondo um pungente caldeirão dramático que reverbera nos processos de educação literária (nem sempre emancipada nos/dos livros didáticos). Por fim, também traremos essas questões traduzidas na peça Mákua Kalunga (Kissaba; Niemar, 2026) como uma síntese dos processos sentimentais e pensamentais nesse imbondeiro ("baobá") que vive e sobrevive somente nas terras da "geopoesia kalunga", "geopoesia angola".

GEOPOETAS KALUNGA: NARRADORES E NARRADORAS DA MEMÓRIA, DA ORALIDADE E DAS TERRITORIALIDADES NO CORREDOR DA GEOPOESIA

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Elizeth da Costa Alves

Resumo: Este trabalho apresenta narrativas orais produzidas por narradores e narradoras da Comunidade Rural Quilombola Kalunga do Mimoso, localizada entre os municípios de Arraias e Paranã, no sudeste do Tocantins – corredor da geopoesia, como resultado da tese de doutoramento: Geopoesia Kalunga: identidades territoriais da Comunidade Quilombola do Mimoso – Tocantins (Alves, 2020). A pesquisa fundamentou-se na noção de geopoesia (Silva Junior, 2018) como categoria de articular espaço, memória, oralidade e cultura, compreendendo o território como construção simbólica produzida por

narrativas, performances culturais e manifestações festivas. Ancorado nos estudos da geopoesia, da geografia cultural, da oralidade e da performance, o trabalho considera as narrativas orais, os causos, as rezas, as folias e outras manifestações como formas de elaboração estética do mundo vivido e de inscrição da memória coletiva no espaço. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, interdisciplinar e etnográfica, utilizando observação participante, história oral, entrevistas, registros audiovisuais e análise discursiva das narrativas e performances culturais. O corpus é constituído por narrativas de moradores, foliões, lideranças comunitárias e demais guardiões da memória coletiva da comunidade. As análises evidenciaram que os narradores e narradoras produzem cartografias simbólicas que entrelaçam passado e presente, ancestralidade e experiência cotidiana, fortalecendo sentimentos de pertencimento e reafirmando identidades historicamente construídas em contextos de resistência. Mais do que relatar experiências, essas narrativas interpretam o território e transmitem valores culturais, saberes, histórias e práticas comunitárias. Nesse sentido, o trabalho contribui para ampliar os estudos sobre literatura, oralidade e territorialidades negras, evidenciando o papel das narrativas na preservação da memória e na continuidade dos modos de vida quilombolas. No contexto da Abralic, pretendemos ampliar o campo empírico dessa pesquisa, para as regiões do Albino e das Matas, integrantes da Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso. Isso porque, acreditamos que essas regiões também produzem geopoesia, mas marcada por singularidades simbólicas e territoriais.

A TRAMA DO AMOR E DA MEMÓRIA EM GUIMARÃES ROSA

Giovana Barros Andrade

Resumo: Esta comunicação propõe analisar as relações entre amor, memória e narração em Sagarana (1946) e Grande Sertão: Veredas (1956), de João Guimarães Rosa, investigando de que maneira essas categorias estruturam a experiência das personagens e constroem o sertão como espaço simbólico de reflexão sobre a condição humana. Partimos da compreensão de que a obra rosiana ultrapassa o regionalismo ao transformar o sertão em um território de vivências existenciais, no qual afetos, lembranças e trajetórias individuais se articulam a questões universais como tempo, identidade e pertencimento.A hipótese que orienta o trabalho é a de que amor e memória constituem elementos centrais da poética rosiana, sendo elaborados e ressignificados pelo ato de narrar. Em Grande Sertão: Veredas, a voz de Riobaldo organiza-se a partir do exercício da rememoração, convertendo a experiência amorosa com Diadorim em reflexão sobre destino, perda e existência. Já em Sagarana, a multiplicidade de narrativas e personagens evidencia a memória como preservação de saberes, valores e experiências,

enquanto o amor se manifesta em diferentes configurações, revelando conflitos e encontros que atravessam o cotidiano sertanejo.A análise estabelece diálogo com as reflexões de Walter Benjamin acerca do narrador como transmissor de experiências e com os estudos de Paul Ricoeur sobre memória e identidade narrativa. Sob essa perspectiva, os narradores rosianos não apenas relatam acontecimentos, mas transformam vivências em experiência compartilhável, articulando recordação, conhecimento e reflexão. Assim, o sertão deixa de ser apenas cenário para constituir-se como território simbólico onde se inscrevem memórias individuais e coletivas.A proposta dialoga diretamente com o simpósio "Narradores e Narradoras da Geopoesia: Letras e Artes, Passagens e Aletrias", ao compreender a narrativa rosiana como uma forma de geopoesia em que memória, experiência e território se entrelaçam, reafirmando sua relevância para a compreensão das relações entre literatura, experiência e espaço.

GEOPOESIA DE A A Z: MAPA GOIANO NA POÉTICA POPULAR DE PAULO NUNES BATISTA

Gláucia Mendes da Silva

Resumo: A Literatura de Cordel movimenta a escrita em sua pluralidade de vozes e estilos, bem como nos diversos modos de versificar e de publicar. Nos campos da Geopoesia, trata-se de matéria "invisível – num mapa para-além dos mapas topográficos" (SILVA JUNIOR, 2022), pois expressa as mazelas sociais com proeza e sonoridade. O objetivo desse trabalho é pensar o cordel centroestino. Nessa migração do gênero e do folheto para o Centro-Oeste são evocadas as características do povo brasileiro na malandragem do homem simples do Cerrado goiano que segue, viajante, redescobrindo o mundo, vencendo homens, mulheres e até o diabo. É nesse movimento que "Zé Bico Doce – o rei da malandragem" se faz presente: livreto que inaugura a trajetória de Paulo Nunes Batista como cordelista e que faz do paraibano-goiano uma figura marcante do cordel brasileiro. O poeta-cordelista dedicou mais de seis décadas de sua vida à arte literária, à militância em meio aos versos populares e eruditos, buscando preservar a tradição e tendo a palavra como forma de (sobre)vivência. Sua trajetória representa bem um dos preceitos deste simpósio temático, que é discutir as raízes culturais que figuram nas tradições as suas reverberações Brasil afora, o caráter de resistência da Literatura de Cordel e sua dimensão estética e ideológica. Refletir sobre as escrevivências de PNB, escrevivências em territórios goianos, por meio dos seus cordéis em ABC, é traçar um mapa geopoético das cidades goianas, historiografadas em versos populares. Destacar esse legado é o foco desta comunicação.

REGIÕES DO EXISTIR EM NARRATIVAS DE PAISAGENS AFETIVAS NO SUDOESTE AMAZÔNICO

Karolaine da Silva Oliveira

Resumo: A presente pesquisa, intitulada de "Entre cidades-florestas-campos: linguagens, culturas, memórias e narrativas em paisagens afetivas no Sudoeste Amazônico", investiga as trajetórias de Antônio Paiva de Oliveira e seus irmãos, José Tarciso e Francisco, sujeitos que transitaram entre seringal, cidade e área rural, reinventando suas regiões de existência. A pesquisa parte do entendimento de que os deslocamentos vividos por esses trabalhadores não se reduzem a movimentos geográficos, mas constituem práticas de construção de sentido, de pertencimento e de invenção do cotidiano. Ao articular memórias individuais e coletivas às narrativas orais, o estudo busca compreender de que modo esses sujeitos imaginaram a cidade de Rio Branco como espaço de oportunidades, deslocaram-se posteriormente para o Ramal Mário Lobão e, nesse trânsito contínuo, produziram territórios afetivos e modos de existir. Do ponto de vista teórico-metodológico, o trabalho dialoga com autores como Ecléa Bosi (2023), Walter Benjamin (1987), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2019, 2025), Michel de Certeau (2007), Raymond Williams (1989) e Portelli (2016). As categorias de linguagens, culturas, memórias e narrativas orientam a análise das trajetórias, considerando que as lembranças, sempre atravessadas pelo coletivo, constituem modos de interpretar o passado e de inscrever experiências no presente. A oralidade é tomada como documento sensível, no qual corpo e voz carregam afetos e marcas de experiências. Conclui-se que as histórias desses sujeitos integram processos mais amplos que marcaram o sudoeste amazônico, especialmente o êxodo rural, a expropriação dos trabalhadores, a construção da cidade e a contínua busca por condições dignas de vida. Suas narrativas demonstram que não há fronteira rígida entre campo e cidade: ambos são espaços continuamente reinventados pelos sujeitos. Ao valorizar essas vozes frequentemente invisibilizadas, a pesquisa contribui para ampliar as narrativas sobre a região, abordando existências que, embora cotidianas, são fundamentais para compreender a história social e afetiva da Amazônia acreana.

GEOPOESIA E EDUCAÇÃO LITERÁRIA AFROGOIANA NO CORREDOR DA GEOPOESIA

Larissa Cardoso Beltrão

Resumo: Esta proposta visa abordar a relação entre a Geopoesia e a educação literária desenvolvida no Nordeste de Goiás e Sudeste do Tocantins, especialmente em territórios marcados pela presença das comunidades quilombolas Kalunga. Nessa perspectiva, compreende-se a literatura como prática de pertencimento, memória e resistência, em que a oralidade, os saberes ancestrais e as experiências territoriais constituem importantes formas de produção estética e formação humana. A partir do conceito de geopoesia — compreendida como "escrita da terra", conforme propõe Augusto Silva Júnior (2018) — busca-se analisar de que maneira a articulação entre território, sensibilidade, paisagem e escrita, presente nas produções afrogoianas e nas narrativas locais, pode contribuir para uma educação literária comprometida com a valorização das identidades negras e dos sujeitos historicamente marginalizados. Para tanto, considera-se a escola como espaço de mediação cultural e fortalecimento de práticas pedagógicas antirracistas, capazes de ampliar o repertório literário dos estudantes e promover reconhecimento sociocultural. O trabalho dialoga com perspectivas da educação das relações étnico-raciais e da literatura decolonial, defendendo a inserção de produções afrogoianas, sobretudo de poetas orais, nos processos formativos da Educação Básica. Adotando o conceito de narrador pensado por Walter Benjamin (1994), segundo o qual a narrativa se constrói na interação entre narrador e ouvinte, marcada pela oralidade e pela experiência humana, reportamo-nos aos geopoetas da região, responsáveis por recolher e transmitir, por meio de cantos, rezas, folias, benditos e curraleiras, as memórias e tradições de seu povo. Assim, a geopoesia apresenta-se não apenas como categoria estética, mas também como estratégia educativa de resistência, afirmação identitária e reexistência cultural, propondo uma ressignificação simbólica da região historicamente denominada "corredor da miséria", agora compreendida como "corredor da geopoesia", espaço fértil de memória ancestral e potência literária afrogoiana.

QUEM NARRA AS ÁGUAS DE MANAUS? GEOPOESIA AMAZONIAL EM VISGO DA TERRA, DE ASTRID CABRAL

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Ligia Dutra Carneiro

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar como Astrid Cabral escreve Manaus a partir do rio, da bilha e da cheia. Para tanto, propomos uma leitura da seção Água de Visgo da Terra (2005), com foco nos poemas "Por toda parte o rio", "A bilha encantada" e "A cheia". A pergunta que orienta nossa análise é: como a água, enquanto composição estética, faz Manaus ser lembrada e narrada nos poemas? O recorte desta pesquisa se justifica pelo modo de representação da água em três campos da experiência: o território, a casa da infância e a cidade tomada pela cheia. Candido (2006) orienta nosso procedimento de

análise, com atenção à organização interna dos poemas. No campo da Literatura comparada, a crítica polifônica orienta a escuta das vozes, memórias e territorialidades ligadas à geopoesia amazonial. A base teórica desta pesquisa reúne a geopoesia amazonial de Silva Junior, Rabelo e Paula Neto (2021), pela relação entre palavra, corpo, água e território. Benjamin (1994) contribui para pensar a transmissão da experiência; em Visgo da Terra, uma vez que essa questão desloca-se para a voz poética, que transforma lembranças vividas em palavras partilháveis. Já Halbwachs (1990) contribui para compreender a memória como reconstrução ligada aos espaços e às relações coletivas. Nesse sentido, os resultados apontam que em "Por toda parte o rio", a água marca a percepção de uma Manaus cercada pelo rio; em "A bilha encantada", guarda a infância no barro, na mesa e na água fria; e em "A cheia", altera cais, soleiras, ruas, flutuantes e pontes. Desse modo, o estudo mostra como Astrid Cabral escreve Manaus por imagens concretas da água, aproximando rio, casa e cidade da geopoesia amazonial.

GEOPOESIA AMAZONIAL E OS DIÁLOGOS POLIFÔNICOS NA LITERATURA AMAZONENSE

Mario Antonio Paixao

Resumo: Esta comunicação analisa Um rio sem fim, romance de Verenilde Pereira, a partir da formulação do conceito de cipoal amazonial, compreendido como categoria geopoética de multiplicidade de vozes e modos de saber que estruturam a vida de povos indígenas, afro-amazônicos e ribeirinhos. Em articulação com a noção de raizama, entendida como memória subterrânea que sustenta o visível e o invisível, o estudo demonstra como a narrativa converte a experiência histórica da violência missionária, marcada por etnocídios, renomeações e apagamento linguístico, em geopoesia. O romance é lido como escrita de rexistência, na qual silêncios, hesitações e cosmologias confrontam o monologismo colonial. A apresentação dialoga com o dialogismo de Bakhtin, com a reflexão de Davi Kopenawa sobre a memória viva e com a cosmopoética do refúgio de Dénètem Touam Bona, argumentando que a articulação entre cipoal e raizama constitui uma arquitetura relacional de opacidade e sobrevivência. Para ampliar essa análise, estabelecem-se diálogos polifônicos com A caligrafia de Deus, de Márcio Souza, e Órfãos do Eldorado e Dois irmãos, de Milton Hatoum. A comparação entre as trajetórias de Rosa Maria e Maria Assunção e as personagens Izabel Pimentel, Dinaura e Florita e Domingas evidencia como as missões religiosas e a servidão urbana impõem processos de mutilação ontológica. Diante desse apagamento, as mulheres nativas acionam táticas de evasão e marronagem, que variam do alheamento e da loucura

protetora à insurgência. A partir desse chão dialógico, a literatura inscreve uma Amazônia plurivocal, operando como arquivo sensível de corpos e ancestralidades diante da barbárie.

MIA COUTO, NA LINHAGEM "NGANG" DE GUIMARÃES ROSA

Maryllu de Oliveira Caixeta

Resumo: Em declarações, Mia Couto tem manifestado ter descoberto que queria traduzir mundos lendo Guimarães Rosa. Proponho uma reflexão sobre essa afinidade entre esses escritores, entendendo que suas traduções transcendem aquilo que Rosa chamava de "megera cartesiana", cujo principal dano é separar e hierarquizar todas as coisas. No prefácio intitulado "Ngang", de seu recente Modernismos Múltiplos, Raúl Antelo teoriza o feitiço da imagem, traçando uma linhagem prolífera dentro de um conceito moderno e modernista de arte múltiplo, equívoco. "Ngang" nomeia uma concepção bantu da duplicidade das forças que funciona como operação epistemológica infamiliar ao cartesianismo. Pressupondo a materialidade de todas as coisas, essa duplicidade "ngang" causa estranheza por misturar, infiltrar e ressignificar. Nessa chave, proponho uma reflexão sobre as traduções de mundos, em Mia Couto e em Rosa, assinalando o modo como o autor moçambicano estrutura a narração de uma cosmopercepção bantu, no A cegueira do rio, de 2024. Nesse romance, a cosmopercepção dos personagens bantus é comunicada: nos quatorze cosmogramas que antecedem/prenunciam os 14 capítulos; na narração clássica entremeada de episódios narrados pelos personagens; e particularmente nas perspectivas de personagens como o padre Sisnando Baião e a sacerdotisa Aluzi Msafiri, destacadas pela narração clássica. A intercalação da narração clássica a falas de personagens com perspectivas muito distintas já demarca a distinção entre os mundos em contato, o que se aprofunda quando entendemos como enigmas cada um dos 14 cosmogramas impressos nas páginas iniciais de cada capítulo. A intenção declarada de traduzir mundos tem ressonância no fato das ações decisivas serem protagonizadas por personagens multilíngues capazes de traduzir e de escrever em línguas alfabéticas como a língua franca kiswahili e a língua portuguesa. Simultaneamente apresentando as demarcações de mundos infamiliares e gestos de tradução, de transcendência, Mia Couto refunda na contemporaneidade a derivação rosiana do conceito moderno e modernista de estética.

VELEJAR NO TEMPO DE PARAGENS SEGURAS

Miriam Monaco Mota e Rosa Amélia Pereira da Silva

Resumo: A travessia de Hilda Lontra nos traz à memória quanto a sociedade nos últimos anos, sobretudo a partir da atuação política, tem elevado o ataque à atuação das mulheres nos diversas setores sociais.

Instituições de ensino e de saúde, por serem setores com maior atuação feminina, têm sofrido retrocessos quanto a direitos já adquiridos ao longo da História. Diante desse cenário nacional, é importante dar visibilidade a ações de mulheres que contribuíram para fortalecer a política dos direitos humanos na Educação. Assim, nasce o projeto de resgatar a História de Hilda Lontra dentro da Universidade de Brasília, a partir de narrativas contadas por colegas de trabalho e por estudantes que cresceram intelectualmente sob a sua orientação. Hilda Lontra teve a história de sua atuação no departamento de Literatura desvalorizada quando teve, no livro de homenagem de XX anos do Instituto de Letras, o apagamento dos seus feitos, os quais não foram contados de acordo com as suas realizações. Foi coordenadora de setor e trabalhou para ampliar o número de servidores e a oferta de cursos do departamento de Teoria Literária, incluindo a institucionalização do Programa de Mestrado em Teoria Literária. Contudo sabe-se que sobre ela há diferentes narrativas as quais, às vezes, conflitam. Destaca-se, nesta reflexão, a necessidade de ouvir narradores que informam sobre a atuação política, didático-pedagógica, poética e inclusiva de Hilda Lontra. Nesse sentido, tal reflexão centra-se em descrever os desafios de selecionar as Histórias contadas sobre ela. E os desafios de atender a todos que querem, por meio de um relato, longo ou extenso, deixar uma palavra de reconhecimento por toda a sua atuação como professora do departamento de Letras da Universidade de Brasília.

LITERATURA NO MAPA DO CICLO DA BORRACHA

Natália Oliveira Jung

Resumo: Com o intuito de relacionar dados literários ao mapeamento geográfico do Brasil, surgiu o projeto Literatura no Mapa. A iniciativa conta com o apoio do Brazil LAB, da Universidade de Princeton, da rede MapBiomas e com a parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é possibilitar aos usuários a exploração de cenas, reflexões e vivências registradas em romances, contos, poemas, crônicas, ensaios e memórias, associadas a diferentes biomas, localidades, acidentes geográficos e cursos d'água. Uma das linhas de pesquisa do projeto dedica-se ao levantamento e à revisão histórica da produção literária brasileira ambientada nos ciclos econômicos da borracha na Amazônia. A partir da identificação das obras, são selecionados e georreferenciados trechos que fazem referência a espaços específicos da região, compondo um mapa literário digital que relaciona narrativas e territorialidades. A proposta busca evidenciar que, para além dos estereótipos que a descrevem como um território inóspito, selvagem e folclórico, a Amazônia abriga uma ampla produção literária e intelectual, marcada por imaginários e subjetividades diversos. Além de ampliar o acervo do mapa literário amazônico, o

levantamento permite identificar padrões de representação do território e de seus habitantes. Os resultados preliminares apontam para: (1) a constituição de um memorial literário marcado pela recorrência da ideia de ocupação de um território supostamente vazio; (2) a reduzida presença de populações indígenas como personagens e, sobretudo, como narradoras; e (3) a necessidade de incorporar à investigação narrativas orais e registros dispersos em documentos históricos e etnografias. Dessa forma, o projeto recupera um acervo frequentemente ignorado pela historiografia da literatura nacional e amplia o acesso a obras produzidas por diferentes sujeitos históricos, incluindo tanto aquelas que reproduzem discursos coloniais quanto aquelas que evidenciam as vozes e a agência dos povos autóctones.

ENTRE RIOS E FLORESTAS: A GEOPOESIA AMAZONIAL EM A ASA E A SERPENTE, DE VICENTE CECIM

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Raimunda Thamires Moura Maquiné

Resumo: O objetivo desse estudo é analisar a geopoesia amazonial presente na obra A asa e a serpente, que compõe o primeiro volume de Viagem a Andara, do autor Vicente Cecim. Por essa razão, é importante explorar os elementos dialógicos que compõem a fluência de sua prosa para, então, compreender como tal processo é construído. A escolha desse viés de análise, em diálogo com as teorias, justifica-se pelo fato de que a obra de Cecim é norteada pela presença da geopoesia amazonial, responsável pela transfiguração amazônica proposta por Cecim. Em relação a metodologia, este trabalho é fundamentado na teoria da geopoesia que discute os elementos geopoéticos-amazoniais da literatura produzida no norte do país. Trabalharemos com a Geopoesia e sua relação com a literatura de campo (Silva Junior, 2021), e a Geopoesia amazonial em seu diálogo com raizamas e livros invisíveis (Silva Junior; Rabelo; Paula Neto, 2021. Além disso, também serão utilizadas as obras de Antonio Candido, O discurso e a cidade, (1993) e Walter Benjamin, Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (1987). Como ponto de fuga, traremos elementos narrativos do trabalho de coleta de Yara Cecim, intitulado Lendário: contos fantásticos da Amazônia (2004) e os manifestos escritos por Vicente Cecim, conhecidos, como "Manifestos Curau". Esses encontros teóricos, nos ajudarão a compreender como a geopoesia amazonial norteia a prosa de Vicente Cecim e modificam a forma de pensar a Literatura, em diálogo com o real e o imaginário.

A GEOPOESIA AMAZONIAL RIBEIRINHA NA "ROMARIA DAS ÁGUAS": CARNAVALIZAÇÃO RELIGIOSA NA TOADA DO BOI GARANTIDO

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Tamhara Aguiar Costa

Resumo: O Festival Folclórico de Parintins traduz em seu espetáculo a arte e a vida ribeirinhas em suas nuances culturais, religiosas e performáticas. No contexto da geopoesia, a toada de boi-bumbá faz-se letra, canção, espetáculo e o caboclo ribeirinho se apresenta como portador criativo da tradição. A realidade amazônica transforma-se numa grande festa de profusão artística em Parintins (Amazonas/Brasil). Mais especificamente, este estudo faz a leitura da toada "Romaria nas águas" (2000), de Cyro Cabral, compositor do Boi-Bumbá Garantido (das cores vermelho e branco), sob a perspectiva da teoria polifônica de Bakhtin (2002), em conjunção aos aspectos metodológicos da geopoesia de Silva Junior (2021). O propósito desta análise é refletir sobre a religiosidade dos ribeirinhos, presente em seu cotidiano, destacando a presença do catolicismo carnavalizado Bakhtin (2002) no festival folclórico de Parintins. Na toada "Romaria nas águas", observamos que a devoção a São Pedro (santo dos pescadores) compõe-se em: convocação, pedido e agradecimento. Nos primeiros versos há a chamada dos ribeirinhos para a tradicional procissão fluvial; a segunda parte é composta de preces por sustento e amparo espiritual, materializadas nos clamores por "fartura em piracema" (momento em que os peixes ficam mais visíveis e abundantes, gerando sucesso na pesca). Na condição de toada-oração, o ato de acender velas em forma de gratidão ratifica sua dimensão sacro-festiva, simbolizando a fé na intercessão divina e sugere que o sustento, que provém das águas, resulta da convergência entre trabalho e devoção. A representação de "Romaria nas águas" integra-se ao boi-bumbá, bem como à procissão fluvial de Nossa Senhora do Carmo e ao Círio de Nazaré. Estas são manifestações sacro-populares da Região Norte que envolvem elementos festivos de performance cultural de cores, música, esperança e comunhão (communitas) que reverberam nas toadas e no espetáculo de terreiro que se espraia pelas ruas e pelo bumbódromo parintinense.

GEOPOESIA E RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA EM "TORTO ARADO", DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Augusto Rodrigues da Silva Junior e Thaís Coelho Oliveira

Resumo: Este estudo propõe uma análise da representação da religiosidade afro-brasileira presente na obra de Torto Arado (2019), de Itamar Viera Junior, a partir da teoria da geopoesia. A trama retrata as práticas rituais do Jarê, religião de matriz africana presente na Chapada Diamantina, sertão baiano, mais especificamente na comunidade quilombola fictícia da Fazenda Água Negra. Nossa análise se concentrará em dois pontos: a) o personagem Zeca Chapéu Grande, principal mediador espiritual na comunidade, que evidencia a relação do sagrado como equilíbrio entre a mente, o corpo e o espírito; b) e a manifestação da

encantada do Jarê, Santa Rita Pescadeira, expressão simbólica da memória coletiva e cultural. Na perspectiva da teoria da geopoesia, proposta por Augusto Silva Junior (2015), as práticas religiosas e culturais circulam na relação intrínseca com o território, evidenciando saberes tradicionais e populares que se amalgamam na produção de sentido e constituição identitária de povos historicamente silenciados (etnocídio). É nesse sentido que a obra Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior, preserva elementos da tradição oral afro-brasileira: na imagem de trabalhadores rurais que, mesmo após a escravidão, ainda viviam em condições análogas: dedicando a força de trabalho em troca de moradias feitas de barro (adobe). É nesse cenário que a obra evidencia a profunda relação dos seres com a terra, ancestralidade e memória. Em diálogo com aportes teóricos sobre cosmogonia, de Mircea Eliade (1979), a Religião Jarê, de Gabriel Banaggia (2016), e contribuições sobre a religiosidade carnavalizada, de Mikhail Bakhtin (2008), realizamos uma análise interpretativa acerca do tema do Jarê –atravessado por conexões afro-indígenas, especialmente pela centralidade dos caboclos, encantados e entidades territoriais. Por fim, acreditamos que esse debate contribui com os estudos de constituição identitária, rexistência e enfronteiramento, encetadas pelos narradores e narradoras orais e da literatura contemporânea brasileira.

UM FAZER POÉTICO: REFLEXÕES SOBRE OS POEMAS TOCANTINESES DE WALACE RODRIGUES

Walace Rodrigues

Resumo: Este trabalho coloca-se como uma tentativa de compreensão do fazer poético em relação aos imaginários territoriais em relação ao viver no Estado do Tocantins e as cartografias afetivas que podem ser lidas a partir da poesia de Walace Rodrigues. Este poeta, natural do Rio de Janeiro, nascido em 1969, fixou-se no Tocantins em novembro de 2011 até março de 2026, para ser professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), criando poemas desde os seus deslumbramentos e sentires em relação às paisagens, pessoas, animais, coisas etc. encontradas no Tocantins. Desde sua chegada neste Estado, Rodrigues publicou os seguintes livros de poesia: “Alma Viajante”, CBJE, 2013; “Terra entre rios”, EdUFT, 2014; “Interiores”, EdUFT, 2017; “Experimentos de ser e estar” (e-book), EDUFT, 2018; “Tempos e Coisas” (e-book); Cia do e-Book, 2018; "Meus Poemas Luso-Tocantinenses" (e-book), Editora Dialética e EDUFNT, 2024; "Poemas amazônicos abandonados = Poèmes amazoniens abandonnés" (e-book), EDUFNT e Editora Literacidade, 2025; "A (in)utilidade do poema = The use(lessness) of the poem" (e-book), EDUFNT e Editora Literacidade, 2026. Como podemos verificar, o poeta segue produzindo uma prolífera obra literária a partir do lugar onde vive. Muitos são seus livros e sobre uma variedade de temas, que se

alargam para uma tentativa de criar um jogo (geo)poético que dê conta de compreender o Estado do Tocantins e para além dele, pelo menos a partir de pensares, sentires, escritas, leituras, vivências, lugares, desejos etc. Isso pode revelar que a literatura produzida no Tocantins cresce e se expande numa linha constante, revelando autores ainda pouco conhecidos em outras partes do Brasil e que revelam outros Brasis em suas obras literárias.

A BERLIM DE WALTER BENJAMIN, 1892-1933

Willi Bolle

Resumo: A capital da Alemanha será estudada com base na biografia e na obra de um dos principais críticos da literatura e da cultura do século XX. O livro de Walter Benjamin Infância em Berlim por volta de 1900 e o livro preparatório Crônica de Berlim serão analisados e comentados como meios de percepção da metrópole alemã. O motivo para o crítico escrever esses dois livros foi o contexto político no início dos anos 1930: a ascensão do nazismo, com o crescente antissemitismo, que ameaçou seriamente a vida de judeus como Benjamin. O retrato da capital alemã que ele elaborou foi deixado como legado para o seu filho Stefan. Em termos de informações sobre a biografia do autor e sobre a topografia geográfica, histórico-política, social e cultural de Berlim, a Crônica é mais abrangente que a Infância. O livro preparatório nos possibilita traçar um mapa detalhado de bairros centrais da capital alemã entre 1892 (ano do nascimento de WB) e 1933 (ano do seu exílio) e situar com maior precisão os locais evocados por ele na obra final. Por outro lado, os quadros de memória que compõem a Infância são poeticamente mais elaborados e fazem o leitor mergulhar intensamente nas sensações da experiência (por volta de 1900) e da rememoração (em 1932/1933) da infância vivida em Berlim. Nesta apresentação da Berlim de Walter Benjamin, os dois livros, Crônica de Berlim e Infância em Berlim por volta de 1900, serão utilizados alternadamente. A análise e interpretação desses textos serão acompanhadas de recortes de mapas de Berlim e de fotografias tiradas numa pesquisa de campo realizada em junho de 2024, juntamente com Chantal Benjamin (a neta do escritor) e Maria Thereza Didier de Morais (professora titular de história e literatura na UFPE-Recife).

ST: NATURALISMO/NATURALISMOS

Coordenação: Leonardo Mendes, Haroldo Ceravolo Sereza e Claudia Barbieri

Resumo: O Simpósio propõe discutir os princípios da estética naturalista e debater suas principais manifestações literárias, de qualquer nacionalidade, tanto no século XIX, quando ela surge, quanto nos séculos XX e XXI. Os princípios deste movimento estético, popular e democrático, que ousava nos temas e apresentava novos procedimentos discursivos, garantiram sua difusão pelo mundo, atraindo escritores de diversos países que adotavam o naturalismo como forma de se alinhar à modernidade industrial, numa geografia que transborda as fronteiras das literaturas nacionais. Tal força de representação ultrapassou seu tempo histórico e sobrevive até hoje, mostrando que a temporalidade literária obedece a regras específicas dos campos literários (Casanova, 1999). Tendo como princípio fundamental retratar "a vida como ela é", o naturalismo estuda personagens de diversas classes sociais, retratando seus cotidianos sem excluir o fisiológico, o desprezível ou o abjeto. Este método de observação e de criação deu origem a críticas tanto à brutalidade e à imoralidade do naturalismo quanto à pretensão ingênua de representar fielmente a realidade. Entretanto, em vários textos-chave da estética, como o prefácio da segunda edição de Thérèse Raquin (1868) e o ensaio "O romance experimental" (1880), de Émile Zola, fala-se que o objetivo era criar uma "ilusão" da realidade, pois, se o romance naturalista adotava procedimentos científicos como reação a um romantismo esgotado, cabia a cada artista, em seu "temperamento" individual, o ato da criação. Daí que não se deva falar de "escola naturalista" e de "mestres" e "discípulos", pois cada escritor tomou e moldou os princípios da estética à sua maneira – o que nos permite, hoje, falar de "naturalismos" (Becker & Dufief, 2017). Destacamos esse equívoco historiográfico como um dentre vários reducionismos impostos ao naturalismo, retratado pela historiografia tradicional brasileira como uma estética menor, obscena, falsa e ingenuamente científica, muitas vezes reduzida a uma caricatura. Estudos recentes vêm desvendando um quadro mais sofisticado e complexo, capaz de acomodar uma gama variada de vertentes naturalistas nos séculos XIX, XX e XXI, em suas relações com o gótico, a prosa decadente, o romance popular, a literatura marginal e a literatura pornográfica, privilegiando ora uma visão trágica da existência, ora uma perspectiva "cômica" e desiludida (Baguley, 1995). Na literatura brasileira oitocentista, esses desdobramentos parecem capazes de abarcar uma gama mais ampla de autores e textos do que a historiografia tradicional conseguiu identificar. A voga naturalista do século XIX deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram retomadas por escritores nos séculos XX e XXI. A abordagem da realidade "sem filtros" como elemento constitutivo da obra se adaptará a novas tecnologias e servirá a escritores, pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela, que nela verão um modo contundente de falar sobre o mundo e as sociedades. Brito Broca (1961) chama de "movimento neonaturalista" os romances carnais e eróticos da década de 1920 de Benjamin Costallat, Théo Filho e

Romeu Avelar. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro da segunda metade do século XX, refere-se às vogas naturalistas nas décadas de 1930 (romance de 30) e 1970 (romance-reportagem). Também aponta, nos temas tratados na obra de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins, nos anos 2000, para uma retomada dos postulados centrais do naturalismo. O desejo de expressar dimensões pouco atraentes da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, os temas do preconceito racial e da dissidência sexual, assim como o desejo de documentar situações de opressão e exclusão de sujeitos subalternizados, constituem elementos do pacto naturalista de leitura que se renova e se reproduz na contemporaneidade. São obras que se posicionam como retratos do real, dialogam com o tempo imediato e sugerem posicionamentos sobre situações cotidianas de opressão e violência. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica ou jornalística. Essa dimensão política do naturalismo encontra respaldo teórico em Rancière (2009), que aponta que, ao abolir hierarquias e criar obras que não respeitavam a organização até então vigente, o naturalismo do século XIX criou, por meio do "efeito de realidade", o "efeito de igualdade", que, para ele, está diretamente ligado à possibilidade de associação livre de imagens. Rancière dirá ainda que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o "aristocrático emprego da ação" seja "bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens". Com a perspectiva renovada de um naturalismo democrático, múltiplo, erótico e desordenado, reconhecível nos séculos XIX, XX e XXI, convidamos pesquisadores a enviar propostas de trabalho que incorporem novas questões de pesquisa e estudos de caso ao debate sobre o naturalismo.

PREFÁCIOS NATURALISTAS: ESTÉTICA, LEGITIMAÇÃO E DISPUTA SIMBÓLICA NO CAMPO LITERÁRIO FRANCÊS

Ana Carolina Moraes da Natividade

Resumo: Na entrada de quatro de março de 1883 de seu diário pessoal, o escritor naturalista francês Edmond de Goncourt (1822–1896) afirma: "Definitivamente, essa palavra romance já não nomeia os livros que fazemos". Muito antes do final da década de 1880, o naturalismo se impõe no campo literário francês (Bourdieu, 1992) como uma estética que desafia as normas vigentes e propõe novos contornos ao gênero romanesco, ainda instável e dotado de pouco prestígio simbólico (Noiray, 2012). Um meio privilegiado para avaliarmos as proposições estéticas do grupo naturalista é o espaço associado às obras (Maingueneau, 2006), que tende a se multiplicar em momentos de instabilidade no campo. Em seus abundantes prefácios, os naturalistas expõem suas concepções de literatura, posicionam-se em oposição à crítica e estabelecem novos paradigmas para o romance; contudo, como o naturalismo não constituiu uma doutrina homogênea,

esses textos também se tornam espaços de divergência teórica entre os próprios membros do movimento. Propomo-nos a analisar prefácios escritos nos momentos iniciais da estética, anteriores à sua fase de maior popularidade na França (Becker, 1998), examinando a tensão em meio ao estabelecimento de uma nova poética para o gênero romanesco, a negociação de inserção de uma obra no campo literário, a formação de legado e disputa pelo papel de fundador da estética. Os prefácios analisados são os de quatro romances escritos por alguns dos maiores teóricos da estética (Baguley, 1995): Germinie Lacerteux (1865), de Edmond e Jules de Goncourt; Thérèse Raquin (1867) e L'Assommoir (1876), de Zola e Les Frères Zemganno (1879), de Edmond de Goncourt. Eles se revelam documentos indispensáveis para compreender o naturalismo em sua complexidade interna, pois operam simultaneamente como espaços de elaboração conceitual dos autores sobre o papel da literatura e do romance no século XIX, como estratégias de autolegitimação e como instrumentos de disputa simbólica.

A FOME DE RODOLFO TEÓFILO: A CONSTRUÇÃO DO ROMANCE NATURALISTA NO CEARÁ

Charles Ribeiro Pinheiro

Resumo: Em 1890, o escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo chocou o Ceará e o Brasil com a publicação do romance A fome, com fortes denúncias sociais e uma narrativa crua e atroz sobre os eventos da Grande Seca de 1877-1879. Teófilo não foi apenas testemunha da seca, pois atuou como sanitarista no auxílio dos flagelados e doentes e na aplicação de vacinas contra varíola. A fome narra o aflitivo êxodo de uma família em direção à Fortaleza, na tentativa de fugir da seca e fome que assolavam o interior do Ceará. Na capital, a família encontra um perturbador quadro de miséria, degradação e epidemia de varíola. São diversas cenas narradas de pessoas alucinadas pela fome, atingindo um estado de irracionalidade extrema, guerreando por comida e, inclusive, recorrendo ao canibalismo. Pelo seu teor polêmico, o romance teve críticas desfavoráveis pelos excessos da linguagem cientificista e pelas representações tétricas e brutais dos retirantes mortos pela fome e pela varíola. O objetivo desse trabalho é verificar as tensões entre história, literatura e ciência para a construção do primeiro romance naturalista das secas no Ceará. Para o estudo crítico e comparativo, foram empregadas as categorias estilo e escritura, por Roland Barthes, em O grau zero da escritura (1974). Consultado o conceito de estilo tropical, pelo crítico cearense Araripe Júnior, no ensaio "Estilo tropical. A fórmula do naturalismo brasileiro" (1888). Além disso, as obras O romance experimental (1882), de Émile Zola; e Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1991), de Roberto Ventura. Após a investigação, consideramos que Rodolfo Teófilo empreendeu uma

desapropriação ficcional da escola naturalista e atingiu uma escritura singular, recriando o regionalismo no Ceará. Apesar das polêmicas e dos excessos cientificistas, literariamente, o maior mérito de A fome foi o de ser um dos paradigmas dos romances da seca no Brasil.

A CARNE EM REVOLTA: AUTONOMIA FEMININA E NOVOS NATURALISMOS EM JÚLIO RIBEIRO E JUDITH TEIXEIRA

Claudia Barbieri

Resumo: Esta proposta estabelece um diálogo analítico entre as personagens Lenita, de A Carne (1888), romance brasileiro de Júlio Ribeiro, e Maria Margarida, de Satânia (1927), novela da poetisa e escritora portuguesa Judith Teixeira. O objetivo é investigar a construção de suas identidades em meio à tensão do alvorecer do desejo sexual. Ambas as figuras são moldadas por uma instrução acadêmica invulgar, o que as leva a crer em uma soberania da razão sobre as inclinações físicas, contudo, as narrativas convergem no momento em que a realidade material se impõe ao intelecto, gerando nelas um estranhamento interno por se perceberem sujeitas a impulsos biológicos que desafiam suas autoimagens racionalizadas. Afastando-se de visões críticas tradicionais que classificavam tais obras como meros estudos clínicos malogrados ou manifestações de obscenidade (Veríssimo, 1894; Silveira, 2010), esta comunicação busca compreendê-las como projetos que visam a emancipação do sujeito feminino (Moisés, 2016). Fundamentada na ideia de que a luxúria atua como uma força motriz que exige reconhecimento (Pazos-Alonso, 2015), argumenta-se que a crise enfrentada pelas protagonistas não as reduz a uma condição puramente animal, mas funciona como um instrumento de dessacralização da feminilidade idealizada (Mendes, 2014). Situando o texto de Teixeira no contexto do Neonaturalismo, a comunicação almeja demonstrar como o reconhecimento da dimensão carnal atua no desvendamento dos duplos padrões morais impostos à mulher, transformando o mal-estar inicial em um questionamento contundente das proibições sociais e das normas de gênero estabelecidas, revelando a complexa busca por uma subjetividade autônoma.

OS PRIMEIROS LIVROS DE FERRÉZ E O NEONATURALISMO DOS ANOS 2000

Haroldo Ceravolo Sereza

Resumo: A publicação de "Capão Pecado" (Labortexto, 2000) e "Manual Prático do Ódio" (Objetiva, 2003), de Ferréz, nome literário de Reginaldo Ferreira da Silva, consolidou uma nova vaga naturalista no romance brasileiro. Desta vez, o autor não era oriundo de grupos intelectuais progressistas, sobretudo jornalistas, como nos momentos anteriores (final do século XIX, Romance de 1930, Romance-Reportagem

dos anos 1970, para usarmos a cronologia proposta por Flora Sussekind, mas um jovem trabalhador da periferia de São Paulo. Diferentemente dos momentos anteriores, o discurso legitimador desta literatura não estava atrelado sobretudo ás ciências duras e sociais e ao jornalismo, mas principalmente à ideia de vivência que explicaria a capacidade de produzir o efeito de real e, ao mesmo tempo, justificar uma luta por reconhecimento (Axel Honneth) e por direitos. Este trabalho buscará reconstituir, a partir de textos e relatos, os movimentos que permitiram a Ferréz se posicionar desta forma, ao mesmo tempo em que analisará proximidades com o discurso naturalismo, de modo apontar como o discurso crítico e democratizante do naturalismo mais uma vez foi entendido como capaz de expressar literariamente o país, abrindo espaço para debates em torno de identidades raciais (sobretudo negra) e territoriais (periférica especialmente) que marcam o debate político e intelectual do país neste momento.

NEONATURALISMO E PORNOGRAFIA NA DÉCADA DE 1920: MADEMOISELLE CINEMA, DE BENJAMIN COSTALLAT

Leonardo Mendes

Resumo: A hipótese de que o naturalismo e a literatura pornográfica partilhavam um mesmo regime textual e editorial na Belle Époque é confirmada — e ampliada — pelo surgimento, no Brasil dos anos 1920, de uma nova série de "livros para homens": romances carnais, escandalosos e "imorais", que alcançaram ampla circulação. Brito Broca denominou esse movimento "neonaturalismo". Nesta comunicação, analisa-se o romance Mademoiselle Cinema, de Benjamin Costallat, publicado no Rio de Janeiro em 1923, como exemplo paradigmático de obra naturalista tardia, bem-sucedida comercialmente em função de seu teor erótico, embora legitimada pelo autor por meio de intenções supostamente moralizadoras. Nesse quadro, a protagonista Rosalina pode ser compreendida como herdeira das "moças histéricas" do naturalismo — como Magdá, de O homem (1887), de Aluísio Azevedo, e, sobretudo, Lenita, de A carne (1888), de Júlio Ribeiro. No imaginário do período, personagens femininas cujo desejo sexual se equiparava ao masculino eram frequentemente associadas à figura da cortesã, e suas narrativas eram lidas por públicos diversos como "histórias de prostituta", aproximando-se, assim, do campo de recepção da literatura pornográfica. Mademoiselle Cinema radicaliza esse modelo: ao final, Rosalina reconhece-se como "prostituta", enquanto o romance se apresenta como uma versão mais ligeira, de feição quase picaresca, da trajetória da "moça histérica", esvaziando a densidade científica característica do naturalismo oitocentista. Além disso, o romance de Costallat foi um dos primeiros, nesse filão, a ser apreendido pela polícia sob acusação de imoralidade — o que contribuiu para ampliar sua circulação —, levando à abertura de

processo judicial contra o autor (posteriormente absolvido), com base em legislação recente voltada ao controle de impressos eróticos, impulsionada pela atuação de grupos católicos e pela Liga pela Moralidade, criada em 1917. Nesse sentido, Mademoiselle Cinema assinala, simultaneamente, a culminância e o esgotamento do ciclo dos "livros para homens" inspirados pelo naturalismo no Brasil.

PARALELOS ENTRE AS POESIAS NATURALISTA E PARNASIANA NO CAMPO LITERÁRIO FRANCÊS DO FINAL DO SÉCULO XIX

Nicolas Alves Henriques

Resumo: O campo literário francês do final do século XIX constituiu espaço privilegiado para o aparecimento de diferentes estéticas, resultantes das disputas simbólicas ali efetuadas (Bourdieu, 1996). O surgimento da fotografia, o desenvolvimento industrial e o aumento por vezes descontrolado das grandes cidades são elementos que impactaram frontalmente a literatura finissecular. Ainda pouco estudada e, por vezes, de difícil caracterização, pode-se dizer que a poesia naturalista contemplou alguns desses elementos. Escritores como François Coppée, Jean Richepin, Paul Bourget e Émile Verhaeren tiveram como motivos centrais em parte de suas obras poéticas a figura do flâneur e as personagens ditas menores, típicas do novo espaço urbano (Hamon, 2007; Murphy, 2007; Abid, 2014; Cabanès, 2017). Mesmo a poesia de cunho científico de Sully Prudhomme (Desprez, 1884) e alguns poemas pornográficos de Guy de Maupassant e Joris-Karl Huysmans (Cabanès, 2017) foram considerados por parte da crítica especializada como característicos daquilo que se denominou poesia naturalista. Com efeito, chama a atenção que escritores tão diversos possam ser contemplados a partir de uma mesma estética literária. Coppée e Sully Prudhomme, por exemplo, constituíram também importantes nomes do movimento parnasiano, usualmente associado ao ideal da Arte pela Arte e visto, por parte da crítica tradicional, como alheio aos problemas do mundo contemporâneo. Brunetière (2006 [1893]), em uma de suas palestras, vai mesmo considerar que o parnasianismo constituiria uma continuação do naturalismo, chegando a aproximar dessa estética um poeta tão tipicamente parnasiano como José-Maria de Heredia. Tal aspecto evidencia possíveis pontos de contato, no verso, entre naturalismo e parnasianismo, bem como o trânsito desempenhado por certos poetas entre as duas estéticas, então à disposição no campo literário. Nesta comunicação pretendemos analisar paralelos entre as poesias naturalista e parnasiana produzidas na França. Adotamos, para isso, o referencial teórico da sociologia da literatura desenvolvido por Pierre Bourdieu (1996).

ENTRE CRIMES E PECADOS: ROMANCES NATURALISTAS DE PADRES SEM FÉ

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

Resumo: As narrativas sobre religiosos devassos e sem fé inserem-se numa longa tradição literária, na esteira de O Decamerão, de Boccaccio, e dos romances libertinos/pornográficos ingleses, franceses e portugueses dos séculos XVIII e XIX (Mendes, 2017). No século XIX, ganha a atenção da literatura romântica, em contos de Théophile Gautier ou em narrativas de Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco (Marinho, 2005), ressignificando o tema numa sociedade moderna em suas novas configurações políticas. A literatura naturalista, ateia por excelência e filtrada por uma ótica materialista de ver o mundo, ao sublinhar o caráter anticlerical de certas histórias, atualiza a questão no final do Oitocentos, discutindo o celibato e a própria fé religiosa, tensionado espírito e matéria. São emblemáticos dois romances, lançados em 1875, respectivamente na França e em Portugal: La Faute de l'abbé Mouret, de Émile Zola, e O crime do Padre Amaro, de Eça de Queirós. Nesta comunicação, propomos revisitar a figura do padre em romances naturalistas (Santos, 2014), em especial aqueles produzidos por "pequenos naturalistas" (Becker; Dufief, 2000). Certas produções, anticlericais, podem representar o padre como figura lateral, criticada, caso de O aborto (1893), de Figueiredo Pimentel. Outras, como O Padre Euzébio (1897), de Antônio Celestino, o colocam no centro da narrativa, a exemplo do que fizeram Zola e Eça de Queirós. Ambas estabelecem um jogo de referências internas à biblioteca pornográfica naturalista, também anticlerical, como um dispositivo textual próprio da estética dos "pequenos", signo de autorreferenciação e, por conseguinte, de autonomização do campo literário. Nessa rede de referências, vê-se claramente uma literatura naturalista marcando o trânsito entre França, Portugal e Brasil.

ENTRE HOMENS GASTOS E DECADENTES: MASCULINIDADES EM CRISE NO ROMANCE NATURALISTA BRASILEIRO

Thales Sant'Ana Ferreira Mendes

Resumo: Tradicionalmente, a historiografia literária brasileira do século XX privilegiou, em relação à representação masculina nos romances naturalistas, figuras de homens robustos, com potência física e sexual, especialmente o trabalhador braçal. Veja-se o prestígio dado às tramas de personagens como o varonil Jerônimo, de "O cortiço", forte e proativo, ou o cavouqueiro Luiz, de "O homem". Já em "Bom-crioulo", salienta-se o vigor e a musculatura excepcional de Amaro. Por trás de tal prestígio, buscava-se um modelo de herói e um triunfalismo que, por sua vez, compunham o ideal maior de construção de um imaginário coletivo do Brasil. Porém, o Naturalismo não viveu só disso; tratou, também, das crises da modernidade, incluindo a da diferenciação sexual, do casamento e dos papéis de gênero.

Nesta comunicação, analisarei representações de homens que, na contramão do habitual final trágico do Naturalismo em que a heroína é punida, morrem e são retratados como "frouxos" ou "gastos", conforme a ciência oitocentista. Tais homens fazem parte de enredos maiores, que exploram a sexualidade e a realização da mulher, de modo que eles funcionam como objetos do prazer feminino. Sem ignorar outros exemplos possíveis, focarei em: "Parisina" (1878), em que Alexandre é um advogado pedante e sem atitude, enquanto o filho, Raul, é um adúltero que se suicida; ao suicídio também recorrerá Manuel, de "A carne" (1888), traído e abandonado pela parceira; já o influenciável Fidêncio, de "O urso" (1900), entregar-se-á ao alcoolismo e ostracismo. Nos três casos, leitores contemporâneos condenaram esses personagens e se incomodaram tanto com o fato de estes não atenderem a expectativas de gênero, quanto o de as heroínas serem "irreais". A análise desses itinerários de decadência masculina evidencia que, ao converterem o homem em objeto e ressaltarem sua pusilanimidade, esses romances operavam dupla transgressão: desestabilizavam a autoridade patriarcal e as expectativas do público.

A FISIOPATOLOGIA DA DOR NA ESTÉTICA NATURALISTA FRANCESA: GERMINIE LACERTEUX (1865), DOS IRMÃOS GONCOURT, E AS REPRESENTAÇÕES NEUROPATOLÓGICAS DA DEGENERESCÊNCIA MORAL E CORPORAL

Vanessa Costa e Silva Schmitt

Resumo: A dor, hoje entendida como manifestação de disfunções orgânicas e psíquicas, constitui um dos principais operadores de leitura do corpo na estética naturalista francesa do século XIX. Embora atualmente seja concebida pela fisiologia como mecanismo neurobiológico de defesa e preservação do organismo, sua representação literária ultrapassa o campo estritamente médico, articulando sintomas físicos, sofrimento moral e condicionamentos socioculturais. Alain Corbin define a dor como um desequilíbrio do sistema sensitivo, sem dúvida, mas também como uma "construction sociale, psychoculturelle, formalisée dès le plus jeune âge", de modo que o sentido que lhe é conferido preexiste à sensação experimentada (Alain Corbin, dir., Histoire du corps, 2005). No romance Germinie Lacerteux (1865), de Edmond e Jules de Goncourt, a protagonista epônima é construída segundo uma lógica atrelada à observação clínica. A narrativa organiza-se como descrição semiológica de um corpo progressivamente degradado, no qual alterações fisiológicas e distúrbios psíquicos convergem para um quadro de exaustão patológica exacerbada pela dor intrínseca e extrínseca. As manifestações somáticas de Germinie, tais como fadiga extrema, desordens nervosas, compulsões afetivas, crises emocionais e deterioração física, são elencadas como indícios de um organismo em colapso funcional. A presente comunicação propõe analisar

a fisiopatologia da dor em Germinie Lacerteux, considerando a personagem como objeto de investigação quase experimental. Busca-se compreender de que modo os irmãos Goncourt incorporam procedimentos descritivos inspirados no discurso médico do século XIX para representar a degenerescência corporal e mental trespassada pelo abandono impingido pelo quadro doloroso experimentado pela protagonista. A hipótese central é que o romance transforma o sofrimento em evidência clínica, convertendo o corpo de Germinie em espaço de observação da histeria, da desregulação nervosa e dos efeitos fisiológicos da miséria social, trazendo à lume o entendimento da Clínica, dos quadros neuropatológicos e da anatomia moral.

AS CRÔNICAS DE VIAGEM DE JOSÉ DO PATROCÍNIO E O PRINCÍPIO DE INVESTIGAÇÃO NATURALISTA

Vitor Lima de Oliveira

Resumo: Conhecido por sua atuação como político e jornalista influente no ativismo contra a manutenção da exploração de escravizados no Brasil, José do Patrocínio realizou uma menos conhecida pequena incursão na escrita de romances na segunda metade do século XIX. O autor escreveu um primeiro romance intitulado Motta Coqueiro ou a pena de morte (1877), em seguida Os Retirantes (1879) e por fim Pedro Espanhol (1884), todos os três livros tendo como tema principal algum fato ou personagem real, retratados ficcionalmente. No ano de 1878 Patrocínio enviou matérias ao jornal Gazeta de Notícias acerca da sua viagem ao Nordeste brasileiro, investigando os resultados e consequências de uma severa estiagem, sobretudo ao Estado do Ceará. Esse estudo foi depois retomado como assunto de seu segundo romance. A partir das crônicas que iniciaram a reflexão de José do Patrocínio sobre a seca no Ceará, pretendemos observar como o escritor naturalista – apoiando-se na tese a qual defendemos de tratar-se de um autor naturalista – sonda os fenômenos geradores de desordem a fim de compreender a natureza social de seu objeto de observação. O fenômeno presente no século XIX denominado por Dominique Kalifa como "cultura de investigação", no qual "prefeitos, médicos, viajantes e 'antropólogos' construíram seu objeto de estudo como um enigma e sua descrição como uma exploração" parece dialogar com a busca de Patrocínio pela compreensão do espaço e dinâmicas sociais do Nordeste transformado pelos eventos extremos da seca, sendo esta o enigma a ser desvendado e o jornalista fazendo a etnografia possível. Pretendemos nessa comunicação evidenciar possibilidades de diálogo entre a atuação jornalística de José do Patrocínio com a atividade literária que o autor desenvolve em suas

crônicas, que culmina posteriormente na criação de seu segundo romance, demonstrando como essa produção híbrida fundamentou a construção estética e social de sua ficção.

ZOLA ANTES DO NATURALISMO: A RECEPÇÃO DE ESTREIA E AS TOMADAS DE POSIÇÃO POR UMA NOVA ESTÉTICA

Zadig Gama

Resumo: Esta comunicação propõe o cotejo entre a recepção crítica de Contes à Ninon (1864) –coletânea de estreia de Émile Zola marcada por procedimentos e temas associados ao romantismo, ao conto fantástico e à escrita poética (Becker, 1993, Van Tooren, 1998) – e as críticas literárias redigidas pelo próprio Zola no mesmo período (Mourad, 2003), a fim de reconstituir a elaboração de seu posicionamento estético antes da formulação explícita do projeto naturalista. O exame dos valores identificados e atribuídos a Zola pela crítica publicada por ocasião do lançamento de Contes à Ninon, em outubro de 1864, indica uma recepção elogiosa que inscreve a obra em uma linhagem literária vinculada aos séculos precedentes. Por outro lado, o exame da crítica redigida por Zola a Germinie Lacerteux, publicada em fevereiro de 1865 no Salut public de Lyon, permite observar a valorização pelo escritor de procedimentos de escrita que serão mais tarde sistematizados em seus textos críticos. O cotejo entre os dois conjuntos evidencia uma dinâmica de reposicionamento de Zola no campo literário francês: os aspectos literários elogiados pela crítica em Contes à Ninon são precisamente aqueles que Zola recusará ao defender o romance Germinie Lacerteux, dos irmãos Goncourt. Esse deslocamento sugere o reconhecimento, por parte do escritor, de um novo elemento no espaço dos possíveis estéticos (Bourdieu, 1996) que lhe permite redefinir e radicalizar suas próprias tomadas de posição no campo literário francês.

ST: O COMPARATISMO NA LITERATURA: DA PRÁTICA À FORMAÇÃO LEITORA

Coordenação: Monica Assunção Mourão, Márcio Araújo de Melo e Tereza Ramos de Carvalho

Resumo: Reflexões sobre letramento, letramento literário, usos da literatura e seu processo de escolarização são temas recorrentes no trabalho do professor, que deve desenvolver e apresentar atividades variadas que ampliem a metodologia para escolarização literatura. Nesse sentido, as leituras, discussões e atividades práticas são de fundamental importância ao processo de formação do leitor de literatura que, se não começa no ambiente familiar, deve se iniciar no espaço escolar. Quando se deseja

promover o letramento, deve-se considerar a afirmação de Barthes de que "ler implica encontrar sentidos", não só entre escritor e leitor, mas também entre textos e contextos nos quais estão inseridos. Conforme o dialogismo bakhtiniano "um texto só ganha vida em contato com outro texto, com o contexto" (1986). Nesse dialogismo é possível perceber como cada texto é concebido: como um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos. Para Bakhtin, o acontecimento na vida do texto sempre sucede nas fronteiras entre a consciência do autor e a do leitor. E o sentido do texto só se completa quando estamos abertos à multiplicidade do mundo e a capacidade de a palavra dizê-lo. Sabemos que o que dá sentido à obra é sua totalidade orgânica; a articulação e mediação entre os elementos que a compõe e muitas vezes o "não-dito", a subjetividade do leitor (Melo, Lima e Carvalho, 2023). Portanto, o letramento que se faz por meio de textos literários, além de empreender uma dimensão diferenciada no uso da escrita é uma forma de assegurar, sobretudo, seu efetivo domínio. Por ser a literatura uma maneira diferente de utilização da linguagem (Candido, 2006), não podemos esquecer que a língua é sua própria substância e que a literatura existe para fazer a língua funcionar. Nesse sentido, o letramento literário deve se integrar numa prática de leitores sujeitos do dizer e do pensar, pois, como já afirmado em outras palavras por Barthes (1987), é confirmado por Candido (2006) que a literatura veicula toda área do conhecimento, toda área da intuição, toda área da aspiração e faz com que o homem veja a língua não apenas como valor de comunicação, mas como valor em si. Uma vez que a língua no texto literário pode ser entendida como uma série de sinestesias pelos sons, os sabores, as cores e os corpos com que se apresenta, vale pelo significado e deveria estar no topo de nossas preocupações pedagógicas. Nosso objetivo, neste Simpósio, é acolher propostas e reunir pesquisadores e trabalhos que dialoguem com o ensino de literatura, apontando para alguns conceitos da literatura comparada enquanto campo de estudo que se dedica a analisar e interpretar obras literárias inseridas em diferentes contextos, que identifiquem semelhanças e /ou diferenças entre elas e o labor com o texto literário no espaço escolar. Sabemos que essa abordagem teórica surgiu no século XIX, com o intuito de superar as limitações da crítica literária tradicional, que se concentrava em obras individuais ou em contextos nacionais específicos. Ademais, as discussões acerca do espaço da literatura na escola não são recentes e, mesmo assim, os debates seguem seja na educação básica seja na educação superior. Nesse constructo, encontramos referências teóricas, datadas desde a década de 70, de autoria de pesquisadoras como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Glória Bordini, Lígia Chiappini, dentre outras, que já sinalizavam a difícil relação entre literatura e escola. Nos últimos anos, entretanto, essa discussão esteve mais acalorada, especialmente, depois da publicação de textos de teóricos conhecidos nos estudos literários, como Tveztan Todorov e Antoine Compagnon que, ao tratarem da realidade francesa, parecem ter diminuído a obnubilação que atingia os meios acadêmicos nesta área. No que tange ao cenário de teóricos brasileiros, temos os estudos desenvolvidos por Rildo Cosson, onde "pode-se associar a prática da leitura literária à apreensão da

literatura enquanto linguagem e refletir sobre seu ensino e aprendizagem como ações relativas ao letramento literário" (COSSON, 2016), ou seja, não há necessidade de haver um hiato entre o ensino de literatura, sobretudo, nas escolas visto que as competências leitoras e de escrita estão diretamente relacionadas ao contexto social como pontuou, por diversas vezes, Paulo Freire em suas teorias sobre o processo de alfabetização e (Soares, 2009), ao afirmar que "letramento é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social". Isto posto, pontuamos que a prática do letramento literário, na escola, desenvolvimento de inúmeras competências indispensáveis aos indivíduos, não apenas em termos pedagógicos, como também enquanto processo de formação humana, cultural e social. Propiciar, portanto, um ensino contextualizado, fomentado pela reflexão e pelo diálogo, permite aos alunos a posição de protagonismo, de produtor de argumentos, assim como o insere em redes discursivas cada vez mais relevantes.

O ENSINO MÉDIO E A LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE AS DIRETRIZES EDUCACIONAIS NO CONTEXTO DO TOCANTINS.

Ellyzandreia Alves de Sousa e Sara Cristina da Silva Ribeiro

Resumo: Este trabalho aborda o ensino de literatura no Ensino Médio, tomando como objeto de análise a Matriz de Recomposição Curricular de Língua Portuguesa do Estado do Tocantins (MRCLP, 2026). Trata-se de uma pesquisa documental de abordagem qualitativa que examina os objetivos, as habilidades e as orientações curriculares destinadas ao trabalho com o texto literário, considerando suas implicações para as práticas pedagógicas de letramento literário. A análise da matriz indica que seus objetivos e definições, bem como as orientações curriculares, tendem a reforçar práticas voltadas à contextualização histórica e à classificação de obras e movimentos literários. Diante desse cenário, apresentamos a leitura subjetiva como um caminho para o ensino de literatura, visando a (re)aproximação dos estudantes com o texto literário, tomando como referência os pressupostos teóricos de Rezende, Rouxel e Langlade (2013). Nessa perspectiva, a literatura é concebida como espaço de experiência estética e de construção de sentidos, valorizando a participação ativa do leitor em seu encontro com o texto. Assim, o trabalho tem como objetivo analisar as concepções de literatura presentes no documento e apresentar uma proposta pedagógica que favoreça a aproximação dos estudantes com a obra literária, priorizando a experiência e a fruição dos sentidos. Para a aplicação e demonstração da proposta, partimos de uma atividade concreta extraída do objeto em análise, sobre a qual aplicamos os princípios da leitura subjetiva. Com a aplicação prática buscamos evidenciar como é possível (re)orientar o foco do ensino para a experiência estética e a

produção de sentidos, distanciando-nos de uma abordagem meramente informativa ou histórica. Com isso, esperamos contribuir para a discussão pedagógica, oferecendo subsídios que rompam com a mera reprodução das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio no que tange à prática do ensino de literatura.

REMIÇÃO DE PENA POR MEIO DA LEITURA-LITERÁRIA: UM ESTUDO COMPARADO COM REEDUCANDOS/AS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO DISTRITO FEDERAL

José Vicente Rodrigues da Silva

Resumo: A literatura é compreendida não apenas como um bem cultural, mas como um direito humano, diante das complexidades emergentes. É nesse sentido que Antonio Candido (2011), em seu ensaio Direitos Humanos e Literatura, defende que o acesso à literatura é essencial e deve ser assegurado a todas as pessoas, pois, segundo esse crítico, a literatura desempenha um papel fundamental na humanização. Por isso, pretende-se com este estudo acompanhar 10 reeducandos que participaram da Política de Remição de Pena por meio da Leitura no Distrito Federal (DF), grupo (a) e o grupo (b), 10 egressas/as do Sistema Prisional do DF que não participaram de nenhuma Política de Remição de Pena para entender como esses grupos se desenvolvem fora da prisão. Esta pesquisa é de natureza empírica, ancorada nas vivências do pesquisador e na observação sistemática das práticas de acolhimento aos egressos/as do Sistema Prisional do DF e usuários/as da Biblioteca Livro Livre do Centro de Referência em Assistência Social para Pessoas em Situação de Rua do DF (centro Pop-Brasília), onde a maioria do grupo (a) busca livros para dar continuidade às leituras, apoio para trabalhar e políticas de benefícios sociais. Resultados parciais: o grupo (a) demostra estarem mais motivados a desenvolverem projetos de recomeçar a vida em liberdade, enquanto o grupo (b) necessita de mais apoio para dar continuidade à vida pós-cárcere. Com essa pesquisa busca-se entender as contribuições da política de remição de pena por meio da leitura para o processo de reintegração social do sujeito encarcerado. Segundo Petit (2009) "para além do universo carcerário, muitas gerações roubaram versos de poetas para encantar seus amores", curar dores subjetivas que, consoante a Paulino (2005) a leitura-literária envolve um pacto entre o leitor e o livro em um diálogo secreto, que, por vezes, faz-se esquecer dos muros e grades da prisão.

ST: O EXPERIMENTALISMO ESTÉTICO NO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

Coordenação: Luciana Molina e Rogério Rufino de Oliveira

Resumo: Embora o cânone literário brasileiro seja frequentemente associado a uma estética tradicionalista e estável, muitos de seus representantes construíram suas obras a partir da diferença e da ruptura em relação aos modelos importados da Europa. Ao contrário do que por vezes ocorre com outras tradições latino-americanas quando circulam globalmente, a exemplo do realismo fantástico e do surrealismo desenvolvidos na Argentina, na Colômbia e no México, a literatura brasileira parece ser mais reconhecida pela representação social do que pela produção de formas literárias idiossincráticas e originais. Essa leitura talvez se revele com maior clareza a partir da obra de Machado de Assis, que, conquanto seja comumente associado ao realismo, demarca diferenças importantes em relação ao romance europeu do século XIX, desmanchando seus modelos a partir da ironia e da digressão. Além disso, em Memórias póstumas de Brás Cubas, por exemplo, o autor flerta com o fantástico na figura do defunto-autor e, ainda, fragmenta os capítulos do livro em episódios, situações e pensamentos curtíssimos, além do manuseio de sinais gráficos incomum para narrativas contemporâneas, traços não convencionais para a tradição realista que também influenciou Machado. A partir da Semana de 1922, a Antropofagia tornou a "inspiração infiel" princípio e modelo do experimentalismo brasileiro: embora bebessem das vanguardas europeias, Oswald e Mário de Andrade pretendiam tomá-las apenas como inspiração para uma estética brasileira, que colocasse para si seus próprios termos, a partir de uma linguagem mais próxima da experiência e da fala cotidianas do país. Clarice Lispector, por sua vez, é tantas vezes comparada com autores europeus que exploraram o fluxo de consciência e o monólogo interior, e pouco reconhecida por aquilo que, em sua escrita, demarca diferenças em relação a Woolf ou Joyce: o fato de empurrar o texto para zonas limítrofes do poema em prosa e do ensaio, isto é, formas que desestabilizam o enredo a ponto de torná-lo quase inexistente em romances como Água viva, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres ou no conto "O ovo e a galinha". Além disso, explora a metaficção irônica e situada histórica e socialmente a partir do narrador pequeno-burguês Rodrigo S.M. em A hora da estrela. Guimarães Rosa assimilou tópicos relevantes da tradição da literatura europeia, algumas características dos romances de cavalaria, o pacto fáustico e o tema do duplo, sempre de acordo com seu projeto de estilo. Grande sertão: veredas comprova essa mediação crítica, juntamente com a variedade de formas dentro da unidade de Corpo de baile. Seus contos se posicionam com irreverência criativa frente ao conto clássico e até mesmo às experimentações modernistas da narrativa breve, vistas em Joyce e Kafka, lidas em Borges e Cortázar. Fator primordial em Rosa, a representação explora e produz linguisticamente para com isso fazer da linguagem um mundo próprio. Na poesia, vale lembrar novamente de Mário e Oswald, que não apenas se

posicionaram criticamente em relação à tradição, mas projetaram influência futura. Os modernistas são lembrados pelos concretistas, que romperam com o verso, fundiram os códigos verbal e não verbal rumo ao ícone, trouxeram para o Ocidente algo do ideograma oriental e contextualizaram a agência espacial presente já em Mallarmé. Seu antilirismo de verbivocovisualidade estende a variedade da produção brasileira em comparação com a poesia marginal, que fez outro caminho: com produção independente e por vezes artesanal, com coloquialidade, deboche e atribuição de dignidade ao trivial, fez do "relaxo" capricho estilístico. Se se quer falar em poesia e experimentalismo no Brasil, é pertinente comparar Drummond, Cabral e Bandeira, a variedade formal entre eles e aquela que se espalha, diversificada, dentro de suas produções, ainda que em menor medida, no sentido da elasticidade formal, em João Cabral de Melo Neto. Este simpósio questiona em que medida o experimentalismo no cânone brasileiro levou a literatura mundial para lugares pouco explorados. A intenção é a de jogar outra luz ao cânone mediante o reconhecimento de sua inovação, mas também dar oportunidade para que autores disruptivos e de fortuna crítica limitada sejam mais discutidos e reconhecidos. Além das menções feitas, há interesse por trabalhos sobre Gilka Machado, Carolina Maria de Jesus, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Wilson Bueno, Manoel Carlos Karam, Osman Lins, José Agrippino de Paula, Lúcio Cardoso, Paulo Leminski, Ana Cristina Cesar, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Régis Bonvicino, a Bossa Nova, a Tropicália, o Cinema Novo (ou exemplos de cinema na fase posterior à retomada) etc. Pretende-se discutir experimentalismo linguístico; dissolução, reformulação e fundação de gêneros e subgêneros literários; hibridismo formal e cultural; valorização da aleatoriedade como elemento construtivo; dentre outros. Procura-se por inscrições que comparem o experimentalismo literário brasileiro ao europeu, a outras modalidades artísticas como cinema, pintura, música etc., e trabalhos que explorem hipóteses teóricas e comparativas em torno da experimentação do cânone brasileiro em relação com outras tradições nacionais e com a literatura dita “mundial”.

A CRÍTICA E A TRANSFORMAÇÃO DO CÂNONE TRADICIONAL: REVISÃO DE SOUSÂNDRADE.

Átila Silva Arruda Teixeira

Resumo: Esta comunicação tem como principal objetivo discutir as formas que O Guesa, principal obra de Sousândrade, foi recuperada nos trabalhos críticos Haroldo e Augusto de Campos e para isso utilizaremos como principal objeto de estudo a obra ReVisão de Sousândrade desses últimos, publicada em 1964. Compreender o processo de apagamento ao qual o poeta maranhense foi vítima também constitui importante reflexão sobre a maneira como o cânone é constituído. Assim, espera-se debater a relevância e

a importância da obra crítica dos irmãos Campos para o resgate de Sousândade, uma vez que após a publicação dessa, o poeta de Harpas Selvagens foi visto a partir de outra perspectiva pela crítica literária nacional: a produção de Sousândrade não é mais marginalizada, mas principalmente é questionado como o poeta foi mal interpretado, mal lido e mal compreendido. Diante disso, busca-se compreender Sousândrade além dos limites do Romantismo Brasileiro, escola literária imposta ao poeta, mas que se mostra uma arbitrariedade teórica e cronológica, a qual faria parte. Sua escrita, em muitos aspectos, aponta muito mais para elementos do Modernismo, tornada mais corrente a partir da segunda década do século XX. O Guesa, mais popular obra sousandradina, é o principal trabalho literário a ser analisado nesta pesquisa.

ESTÉTICA DA MÍMICA ANTROPOFÁGICA: OS CAMINHOS DA SUBJETIVIDADE EM ROMANCE D'A PEDRA DO REINO

Andrea Teresa Martins Lobato e Everaldo dos Santos Almeida

Resumo: Ariano Suassuna já não cabe mais na leitura simplista de um autor regional ou folclórico. Seu gesto criativo é, antes, um ato de mímica antropofágica: ele devora as tradições do teatro barroco europeu e as regurgita no sertão nordestino brasileiro, criando um entrelugar onde o erudito e o popular se fundem em tensão literária. Longe de ser mero receptor da cultura europeia, Suassuna a subverte e a reconstrói a partir de seus próprios códigos de humor, religiosidade e vida social. Ao deslocar personagens e estruturas dramáticas do cânone clássico europeu para a cultura popular, ele promove uma inversão radical: não é mais o europeu quem define o colonizado, mas o colonizador é que se expõe à ótica sertaneja. Nesse processo, Suassuna desconstrói estereótipos religiosos, satiriza o trágico sacro e profano e (re)desenha novas fronteiras estéticas e de subjetividade. Por isso, Suassuna precisa ser lido de outra forma: como um autor antropofágico cuja invenção do entrelugar armorial inaugura um novo palimpsesto e projeto estético político de representação. Suas obras são um convite a experimentar o sertão como espaço de reinvenções, onde o passado europeu e certas tradições nordestinas coexistem para reformular quem somos e quem podemos vir a ser. Portanto, este estudo bibliográfico propõe uma releitura do Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai e Volta (2017), de Ariano Suassuna, como proposta de construção de uma arte erudita brasileira forjada em raízes populares nordestinas, unindo manifestações culturais com elementos da tradição clássica, buscando valorizar a cultura nacional, criando uma identidade artística singular, enraizada no sertão e no imaginário popular.

A VONTADE DE ENCHER-SE: COMPOSIÇÃO SIMBÓLICA E CONSTRUÇÃO DE PERSONAGEM EM "DEVANEIO E EMBRIAGUEZ DUMA RAPARIGA", DE CLARICE LISPECTOR

Isabela de Brito Uchôa Araújo

Resumo: Este trabalho analisa o conto "Devaneio e embriaguez duma rapariga", publicado originalmente na coletânea Laços de Família (2020), de Clarice Lispector, a fim de investigar como o discurso narrativo constrói um conjunto simbólico ligado à corporeidade e à fartura, capaz de articular aspectos significativos da caracterização da personagem principal. A partir da análise de reiterações semânticas e figurativas utilizadas pelo narrador para referir-se à protagonista, propomos uma leitura que apura como o nível simbólico aferível do discurso narrativo funciona como elemento estrutural organizador do conto, articulando continuamente, ao longo da narrativa, experiências perceptivas, atos e pensamentos da personagem. A hipótese central da pesquisa é de que a recorrência de um plano metafórico do "inchaço" constitui um elemento instituidor da narrativa e da construção da personagem, tornando sensíveis tanto o estado físico de euforia corporal quanto às necessidades espirituais de auto elevação vivenciadas pela protagonista. Por este ângulo, projetamos, ainda, que a saturação do plano metafórico como estratégia de construção de elementos constitutivos da narrativa renova esteticamente os procedimentos estéticos convencionalmente utilizados no gênero conto, demonstrando uma importante distinção da prosa de ficção clariceana. O estudo realiza uma leitura cerrada da obra, analisando os pormenores da narrativa, e, para tanto, articula teoria literária a uma abordagem narratológica semiótica, fundamentando-se, principalmente, nas lições de Umberto Eco (2024) e Antonio Candido (2023) no que tange à investigação estética do texto narrativo. Além disso, para aprofundar a análise literária e a compreensão do tratamento simbólico presente na obra de Clarice Lispector, também realizou-se a leitura da fortuna crítica da autora, destacando-se Benedito Nunes (1973) como parte do aporte teórico.

A CRISE DO ESCRITOR: RODRIGO S. M. E A METAFICÇÃO IRÔNICA EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

Joanne Silva Nascimento

Resumo: Compondo a fortuna crítica de Clarice Lispector, este estudo volta o esforço de análise para A hora da estrela, com interesse especial em Rodrigo S. M., narrador do romance. Escritor de profissão, Rodrigo assume três papeis primordiais na narrativa: ele é narrador, personagem e também escritor da história. Tais modulações são possíveis graças ao exercício metaficcional, que faz com que o

narrador-personagem ponha-se na condição de escritor e teça reflexões sobre a história no momento em que esta é escrita. Enquanto compõe Macabéa, protagonista que viria a ser uma das personagens mais emblemáticas da literatura brasileira, Rodrigo S. M. experimenta o que pode ser entendida como crise da criação literária: esbarra no desafio de representar uma jovem pobre, quase que alheia ao mundo e aparentemente em condições opostas as dele, um representante da classe média e intelectualidade brasileira. A representação acontece, mas Rodrigo S. M. indica sofrer, inclusive fisicamente, para montar sua personagem, sobretudo no que diz respeito ao que a diferencia enquanto indivíduo. A crise evidenciada por Rodrigo é aqui lida como uma provocação irônica que Clarice Lispector faz aos seus pares, ao apresentar um escritor que escorrega em um dos fundamentos do fazer ficcional: o tornar-se outro. Além disso, a dificuldade apresentada pelo narrador em construir a individualidade da personagem que cria, é também um jogo irônico de Clarice, a fim de expor os limites de algumas narrativas, sobretudo aquelas denominadas sociais, populares dentre as décadas de atuação da escritora. Os efeitos da ironia clariceana são analisados neste estudo, pondo em destaque diálogos entre as provocações suscitadas a partir de A hora da estrela, em comparação com a literatura do período de sua publicação. Para tanto, considera-se a relação da ficção com o tornar-se outro, pensada por Wisnik (2018) e as reflexões sobre ironia, propostas por Hutcheon (2000).

O IMPACTO DE QUARTO DE DESPEJO NA TCHECOSLOVÁQUIA DOS ANOS 1960: RECEPÇÃO MIDIÁTICA, IDEOLOGIA E RELAÇÕES BILATERAIS

Karolina Válová

Resumo: A obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, foi publicada no Brasil em 1960 e, apenas dois anos depois, ganhou sua primeira tradução para a língua tcheca. Naquela época, a antiga Tchecoslováquia vivia sob um regime comunista que, embora herdeiro de sua fase mais repressiva, mantinha um rígido controle sobre a produção cultural. A publicação de livros provenientes de fora do bloco socialista europeu, liderado pela União Soviética, era escassa. Quando uma obra estrangeira era editada, vinha invariavelmente acompanhada de um posfácio ideológico, cujo objetivo era induzir uma leitura alinhada à cartilha política vigente. Esse fenômeno ocorreu com o livro Smetiště (Lixão) , título da tradução tcheca de Quarto de Despejo , apresentado ao público como uma contundente crítica ao capitalismo e às injustiças sociais dele decorrentes. Jornais e revistas tchecoslovacos retrataram o livro como um testemunho chocante e autêntico da miséria no mundo capitalista latino-americano. Assim, o diário de Carolina Maria de Jesus foi instrumentalizado como prova propagandística das profundas

disparidades sociais no Brasil e do fracasso de seu sistema de assistência às populações marginalizadas. Por outro lado, os críticos da imprensa destacavam a crueza e a veracidade do texto. Carolina era percebida como a voz dos oprimidos, desprovida de adornos literários. O fato de a autora possuir apenas o ensino primário e trabalhar na coleta de papel e lixo para sustentar os filhos, sendo ainda capaz de produzir uma obra de tamanha força, gerou grande fascínio na imprensa da época. Esta comunicação, além de analisar o posfácio da edição tcheca e cerca de uma dezena de resenhas e menções na imprensa periódica, examinará o panorama das relações tcheco-brasileiras na década de 1960. Investigam-se, assim, dois países situados em espectros políticos opostos, mas que mantiveram um intenso e pragmático intercâmbio comercial ao longo daquele período.

O QUE É ISSO, "ÁGUA VIVA"? CLARICE LISPECTOR E O ENSAIO LÍRICO-FILOSÓFICO

Luciana Molina

Resumo: Embora haja uma ampla fortuna crítica abordando os pontos de contato entre a obra de Clarice Lispector e a literatura estrangeira associada ao fluxo de consciência e ao monólogo interior, pretende-se mostrar que, ao contrário de Joyce e Woolf, que quase nunca abandonam a narrativa como acontecimentos que se sucedem temporalmente, alguns momentos e obras de Lispector, a exemplo de Água viva, pulverizam a narração através de uma abordagem que lembra o ensaio filosófico. Quanto a isso, talvez o paralelo mais próximo seja com as digressões ensaísticas de Marcel Proust, que sistematicamente abordou em sua literatura problemas de estética e filosofia da arte. Ainda assim, o gosto de Lispector por questões relacionadas ao ser e à linguagem confere às suas elucubrações ensaísticas algo de muito próprio, que diverge significativamente da filosofia europeia à qual comumente a autora é associada, seja essa existencialista, fenomenológica ou mesmo feminista. Sua prosa se distancia dessas correntes não apenas por questões de perspectiva, mas também por meio de sua construção verbal, que explora recursos típicos da poesia, como o ritmo, a invenção sonora, imagética, metafórica e alegórica, bem como a construção de atmosferas e de pequenas impressões sensórias. Com isso, a literatura de Lispector produz um entrelugar formal em que o problema filosófico, embora passível de ser tratado discursivamente, é simultaneamente encenado como um acontecimento na própria carne da linguagem.

UM LEITOR PARA AH, É?

Renata Esteves

Resumo: A obra de Dalton Trevisan (1925-2024) apresenta formas várias de organização, conforme seus críticos e estudiosos. Isso mostra que o escritor inovou ao longo de sua vasta e longeva produção literária, com ênfase no conto. Esse gênero passou por vários experimentalismos nas mãos do autor, radicalizando-se nos anos 1990, quando Ah, é? é publicado em 1996. Há estudiosos que consideram Ah, é? o início da minificção no Brasil. De fato, a partir dele, o subgênero se destaca e ganha espaço nas editoras, embora Cechinel (2017) mostre haver alguns predecessores canônicos e não canônicos entre nós. Na literatura latino-americana, porém, essa forma breve se consolidou mais cedo com autores de destaque, como Piglia, na Argentina. Trevisan entrega ao leitor uma obra que não aceita a leitura fácil do entretenimento sobre o quê da narrativa; ao contrário, o leitor precisa se engajar no como da narrativa para que o sentido se perfaça, como aponta Eco (1989) ao tratar sobre o "leitor modelo". Schollhammer (2004), ao tratar sobre essa fase de Trevisan, menciona a concepção do haikai em prosa pelo escritor e afirma que ela resulta no abandono de "qualquer possibilidade de totalidade, deixando o texto estilhaçado em ruínas, com uma unidade irrecuperável", diferentemente do haikai no contexto budista. Na obra Ah, é? , as sugestões, evocações e elisões na narrativa apelam para a participação do leitor no jogo da ficção para a construção do sentido, conforme os termos de W. Iser. Trabalhos como o de B. Waldman (2007, 2014, entre outros) e B. Zeni (2024) tratam, em Trevisan, sobre o envolvimento do leitor como participante no jogo da ficção, juntamente com o narrador e os personagens. Proponho discutir Ah, é? nesses termos, visto que a obra não recebeu a devida atenção, apesar de ser um marco na literatura brasileira.

A HORA DO LIXO DE CAIO FERNANDO ABREU

Ricardo Costa

Resumo: Este artigo analisa Onde andará Dulce Veiga? (1990), de Caio Fernando Abreu, como uma obra que reelabora o estatuto do literário no contexto da redemocratização brasileira e da crise social dos anos 1980. O estudo argumenta que a novela rompe com o realismo tradicional ao incorporar elementos considerados "menores" ou "trash", como telenovelas, cinema B, cultura pop kitsch e referências camp, construindo aquilo que o autor denomina "trasheo maricón". Em diálogo com reflexões críticas de Luz Horne, o texto sustenta que Abreu produz um "realismo ostensivo, porém inverossímil", marcado pela fragmentação, pela performatividade e pela mistura entre literatura e outras linguagens artísticas. A análise relaciona a narrativa ao contexto histórico da transição democrática brasileira, marcado pela herança da ditadura militar, pela ascensão do neoliberalismo e pela epidemia de HIV/AIDS. A busca da cantora desaparecida Dulce Veiga simboliza, assim, uma investigação da memória reprimida dos anos de chumbo.

Contudo, em vez de recorrer ao testemunho documental, a obra privilegia o nonsense, o onírico e a superstição popular, criando uma estética da ilusão como forma de sobrevivência diante da violência social. O artigo também interpreta a novela como expressão de uma nova sensibilidade homoafetiva, chamada ironicamente de "lirismo aviadado", vinculada ao excesso sentimental, ao artifício e ao feminino. Nesse sentido, a obra de Abreu propõe uma crítica à ideia monumental de brasilidade, substituindo-a por "futuros menores", baseados na coletividade, na experiência sensível e em formas alternativas de coexistência. A espiritualidade ligada ao Santo Daime e o universo das divas aparecem, assim, como figuras simbólicas de resistência ao capitalismo neoliberal e à estética masculinista associada ao progresso e à violência.

O HIBRIDISMO NEGATIVO DOS GÊNEROS ÉPICO, LÍRICO E DRAMÁTICO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Rogério Rufino de Oliveira

Resumo: O solilóquio de Riobaldo em Grande sertão: veredas trouxe para dentro do monólogo o diálogo entre o narrador-personagem e seu interlocutor, instituindo a fala que é, ela toda, todo o romance. A performance dialógica se faz presente e possui traços próprios, identificáveis no texto, mas a sua manifestação está completamente mediada pelo jogo unilateral. Por constituir todo o romance, a fala de Riobaldo estende e reconstrói a história de sua vida, às vezes com e noutras sem preferência por linearidade. O protagonista se converte em narrador extradiegético em relação à sua história do passado, pondo no relato dela feitio épico, sem, no entanto, desmanchar a condição do drama. O que compreende e o que não do sertão, do mundo, do amor, do medo e de sua vida faz Riobaldo inventar com a linguagem para que ela atribua vitalidade às suas inquietações de homem humano. Esse viço, por via linguística, renova vocábulos, sentimentos, mistérios e dados empíricos. O teor vital depositado na face lírica está formalmente atribuído através de um recurso de representação que se põe "antes uma atitude em face da linguagem e da realidade, da relação entre as duas, que uma arquitetura narrativa" (SCHWARZ, 1981, p. 38). Todo esse arranjo estabelece uma poesia na materialidade da prosa. Na interação entre épica, lírica e drama, o que se observa em Grande sertão é que não há uma experimentação positiva em que traços formais desses gêneros dividem espaços manifestos e estruturalmente autônomos como, por exemplo, nos diálogos de "Cara-de-Bronze", do próprio Guimarães Rosa. No caso do seu romance, o hibridismo propõe uma mediação experimental posta a serviço da representação do mundo, "muito misturado", e das pessoas, que "ainda não foram terminadas".

"EU SOU UM QUE SABE": POESIA COMO FORMA DE CONHECIMENTO EM ANA CRISTINA CESAR

Sofia de Almeida e Mello

Resumo: No ensaio "Pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir", Ana Cristina Cesar reflete a respeito de um poema de John Donne, traduzido por Augusto de Campos e cantado por Caetano Veloso. O poema sobrepõe o despir-se da amada e o abrir de um livro, figurando o amor como forma de conhecimento e questionando os limites do amor físico e do espiritual, procedimento comum em poetas metafísicos. O que interessa à Ana C. é a "tradução" de Caetano, que retira alguns dos últimos versos de Donne e termina com o enfático, mas também alusivo, "Eu sou um que sabe". Esse "saber", afirmado pelo intérprete, remete ao conhecimento do corpo feminino, mas também ao conhecimento de um livro e do amor. Ana Cristina Cesar coloca em questão essa possibilidade de conhecimento ao evidenciar que a ambiguidade do verso final abre para um segredo ou mistério. A questão, tanto de seu ensaio, quanto em outros de seus poemas, marcados por uma "poética do segredo", em que há um jogo entre intimidade e ficção, parece ser a cognoscibilidade total de um outro, texto ou pessoa amada. Para amarmos precisamos conhecer o outro em sua totalidade? Só amamos um texto através de sua compreensão? É possível compreender e, dessa forma, apreender um outro? Talvez o poético seja, como afirma Derrida, "aquilo que desejas aprender, mas do outro, graças ao outro e sob ditado, de cor: imparare a memoria". Em vez de saber o poema, ser atravessado por ele, sabê-lo de cor, com corpo e coração. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é vislumbrar de que modo Ana Cristina Cesar mobiliza a sua poética como um modo de conhecimento porvir, em construção com o leitor, ainda que sempre suponhamos que o autor de um poema detenha um "suposto saber" (Lacan) ao qual não temos acesso.

CLARICE LISPECTOR DEVORA A FOME

Susana Souto Silva

Resumo: Movida por uma contínua busca, Clarice Lispector reinventa gêneros, já bastante abertos a múltiplas possibilidades: a crônica e o romance, mesmo quando fala da fome, um tema tão duro e já de larga tradição na literatura brasileira. Este breve estudo pretende investigar, de modo comparativo, algumas figurações da fome em A hora da estrela (1977) e em duas de suas crônicas, inicialmente publicadas no Jornal do Brasil e depois no livro A descoberta do mundo (1984), "As crianças chatas" e "Daqui a vinte e cinco anos", na qual lemos: "[...] a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um

brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome" (LISPECTOR, 1999, p.33). A escrita clariceana interpela a tradição e inventa novas possibilidades, apagando, muitas vezes, as fronteiras entre ensaio e narrativa, devorando a fome, "mastigando" o papel, assim como Macabéa, que inventa/enfrenta, com o que tem à disposição, o cotidiano duro, "numa cidade toda feita contra ela": "Às vezes, antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio era mastigar papel bem mastigadinho e engolir" (LISPECTOR, 1995, p. 47). A fome, tema urgente ainda hoje, no Brasil, é pensado e narrada nesses textos de modo inusitado, nos convocando a experimentações e invenções, da literatura, do país, do mundo.

ST: O INSÓLITO FICCIONAL NA LITERATURA PARA JOVENS

Coordenação: Daniela Maria Segabinazi, Pedro Afonso Barth e Valnikson Viana de Oliveira

Resumo: Este simpósio temático propõe um espaço de debate e reflexão acadêmica voltado às múltiplas facetas do insólito ficcional nas produções literárias contemporâneas e canônicas destinadas ao público jovem. A proposta parte da necessidade premente de desconstruir a visão difundida de que os gêneros que compõem o imaginário são formas de escrita inferiores ou voltadas exclusivamente a um público invisibilizado, reafirmando que a fantasia, o fantástico, o maravilhoso e a ficção científica são essenciais no processo de formação leitora. Assim, o simpósio busca consolidar redes acadêmicas nacionais e internacionais interessadas em discutir como essas narrativas subvertem a realidade convencionada e oferecem novos olhares sobre o mundo. O insólito ficcional é aqui compreendido como uma tentativa epistemológica de abarcar literaturas que retratam, em diversos níveis, uma distorção ou subversão do mundo empírico, servindo de contraponto às literaturas miméticas. Conforme define Lenira Marques Covizzi (1978), o fenômeno caracteriza-se por uma inadequação essencial, uma disfunção que transcende os conceitos de realidade. A relevância do tema justifica-se pela onipresença dessas obras nas listas de mais vendidos e pelo seu papel fundamental no despertar do encantamento do leitor jovem. Nelly Novaes Coelho (2000) destaca que a atração pelo imaginário resulta de uma intencionalidade de descobrir o "outro lado" da realidade, transfigurando-a através do processo metafórico. Nesse sentido, o simpósio acolherá comunicações que analisem obras que transitam entre a realidade concreta e a imaginada, explorando como essas narrativas conquistam e desafiam os leitores jovens em formação. Dentro do campo da fantasia, o foco pode recair sobre a criação de mundos secundários e a utilização de seres e elementos imaginários (Fritsch; Rocha; Zilberman, 2022). Serão discutidas narrativas e sagas literárias que apresentam uma consistência interna de realidade, permitindo que o leitor adentre universos regidos por leis próprias, quer se trate de histórias de portal, narrativas imersivas ou invasões de elementos intrusivos

no mundo real, levando em consideração as perspectivas teóricas de J. R. R. Tolkien (2010) e Farah Mendlesohn (2008). Além disso, o conceito de fantasy fiction, trazido por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017), permite investigar o hibridismo e a intertextualidade em obras do final do século XX e início do XXI, povoadas por seres sobrenaturais e poderes mágicos. No que tange ao fantástico, sob a ótica de Tzvetan Todorov (2004), Julio Cortázar (2006) e David Roas (2014), as discussões podem abordar a hesitação diante do sobrenatural e do surreal, em obras que estabelecem um pacto de verossimilhança com o leitor sem necessariamente se desassociar da experiência do real. O simpósio acolherá estudos sobre como o elemento fantástico pode surgir de forma a despertar a imaginação, oferecendo novas sensações que não excluem a realidade, mas a expandem através do inusitado. Ademais, serão bem-vindas análises de obras que transitam entre o estranho e o maravilhoso, desafiando as leis conhecidas do nosso mundo familiar. O gênero maravilhoso será contemplado através de estudos de narrativas que não buscam explicações racionais, servindo como contrapeso à banalidade do cotidiano. Podem ser analisadas histórias enraizadas em culturas de tradição oral, lendas e contos populares que compreendem a existência de regras naturais distintas da normalidade, de acordo com pressupostos de Jacques Le Goff (2010). A presença desses elementos na cultura literária juvenil, como em produções contemporâneas que revitalizam fadas, dragões e reinos encantados, oferece um campo fértil para a investigação da permanência do imaginário ao longo das gerações. Por fim, a ficção científica poderá ser abordada sob a perspectiva do progresso científico e das invenções humanas, focando em como o gênero utiliza o especulativo para refletir sobre a sociedade, seguindo as concepções de Ernani Ssó (1987). Viagens extraordinárias, mundos alternativos, distopias, tecnologias avançadas e futuros possíveis são temas que permitem ao jovem leitor processar os impactos da ciência no mundo contemporâneo. O simpósio busca entender como esses elementos, ao evitarem o puramente sobrenatural em favor da extrapolação científica, mantêm uma conexão vital com os questionamentos humanos mais profundos. Além das discussões centradas estritamente no texto escrito, a proposta também abarcará o estudo comparativo de obras literárias com suas respectivas adaptações para outras mídias, como o cinema, as séries de televisão e os jogos digitais. Ao analisar como os elementos imaginários transitam entre diferentes linguagens artísticas e performances, pretende-se ampliar significativamente a compreensão do universo juvenil e dos seus processos de recepção. O simpósio objetiva, portanto, reunir pesquisadores/as interessados/as em analisar como essas categorias do insólito propõem eventos singulares que desestruturam a lógica física e empírica, instaurando novos sentidos ao que conhecemos como real.

A (RE)CRIAÇÃO DA CARNE: A TRANSMUTAÇÃO HORRENDA EM FRANKENSTEIN, DE JUNJI ITO

Bruna Pascoal Correa

Resumo: O presente trabalho busca compreender a (re)criação de Frankenstein, de Mary Shelley, uma literatura oitocentista com foco nas atuações do terror, para o mangá contemporâneo de Junji Ito, de título homônimo, debulhado na estética do horror, sendo esta metamorfose modulada pelo suporte midiático, contexto de produção e a distância temporal. Amparado pela teoria de Linda Hutcheon (2013) e Robert Stam (2000), a adaptação de Ito avança para além da cópia, atuando enquanto (re)criação intertextual alimentada pelas ansiedades e medos contemporâneos. Conforme apontado por França (2022) e Botting (2022), as poéticas do mal estruturam-se em angústias morais e socioculturais de seu período. Dessa forma, colaborando com a leitura de Cohen (2000), o monstro expressa as crises de sua época, corporificando, em Shelley, o desconhecido evidenciado pela tecnologia e a ciência, mas, transmutando-se em Ito para o horror manifesto na carne da fragmentação identitária. Neste recorte, a transição do corpo horrendo do mangá emerge (re)criado o choque da criatura costurada de Shelley. O foco no tormento explícito e visceral busca provocar, ao (re)criar o mito shelleiano por meio da cultura japonesa e da saturação visual causada pelo horror gráfico, o desmonte do indivíduo contemporâneo em sua identidade fragilmente estabilizada. Desse modo, a alteração geográfica, midiática e poética transmuta o quadrinho japonês em uma (re)criação da criatura de Frankenstein enquanto uma dissolução do sujeito contemporâneo em detrimento da crise sustentada pelo medo da ciência de Shelley.

ASSOMBRAÇÕES DA INFÂNCIA: INSÓLITO E HORROR EM COMO NASCEM OS FANTASMAS (2025), DE VERENA CAVALCANTE

Eloisa Buzelatto

Resumo: A literatura brasileira contemporânea tem apresentado um número crescente de obras que mobilizam o insólito para representar experiências individuais e coletivas. Considerando que o horror não se constitui como um gênero rigidamente delimitado, mas como uma categoria que pode atravessar diferentes modos narrativos, como o fantástico e o insólito, por meio de recursos formais e estilísticos voltados à produção do medo e da inquietação, este trabalho tem como tema a construção do imaginário do medo em Como nascem os fantasmas (2025), de Verena Cavalcante. O objetivo é analisar como a obra articula elementos fantásticos e sobrenaturais a horrores cotidianos, investigando de que modo a perspectiva de uma protagonista pré-adolescente contribui para a construção do insólito. A narrativa acompanha uma protagonista cuja percepção do mundo é atravessada por fantasmas, assombrações, crenças populares e experiências que desafiam explicações racionais, ao mesmo tempo em que convive

com formas concretas de violência, perda e vulnerabilidade. A casa, a família, a cidade e o próprio corpo tornam-se espaços de ameaça, produzindo uma atmosfera em que o sobrenatural e o cotidiano coexistem. A pesquisa adota uma metodologia bibliográfica e analítico-interpretativa, baseada na leitura crítica do romance e na análise de seus procedimentos narrativos. Como referencial teórico, mobilizam-se as contribuições de David Roas (2014), para quem o fantástico desestabiliza as certezas do real, e de Noël Carroll (1999), que compreende o horror como uma forma estética capaz de expressar ansiedades individuais e coletivas. Além disso, Oscar Nestarez (2022) e Júlio França (2012) contribuem com reflexões sobre o medo na literatura brasileira. Argumenta-se que o romance constrói o medo tanto pela presença do sobrenatural quanto pela exposição de horrores cotidianos, evidenciando a potência do insólito como forma de compreender a experiência humana e social.

UM PACTO NADA TÁCITO: ÀS MARGENS DO MANGUE, UMA LEITURA FANTÁSTICA

Israel de França Monteiro

Resumo: A presente comunicação analisa a obra Meninos do Mangue (2001), de Roger Mello, sob a ótica do insólito ficcional, investigando como o elemento fantástico atua enquanto instrumento de denúncia social e letramento literário. A narrativa estabelece um pacto de verossimilhança que, ao retratar a exploração do trabalho infantil nos manguezais e toda relação de convivência de uma comunidade ribeirinha, expande a experiência do real a partir das personificações da Sorte e da Preguiça, personagens. Metodologicamente, configura-se como um estudo qualitativo de intervenção, desenvolvido a partir da leitura integral da obra por jovens leitores do Ensino Fundamental II, em uma unidade de ensino pública que está localizada às margens de uma área de mangue e que tem no seu quadro discente adolescentes que experienciam justamente essa realidade. O aporte teórico metodológico ancora-se na tipologia do fantástico de Tzvetan Todorov, nas discussões sobre o insólito de David Roas, nas premissas de Nelly Novaes Coelho sobre a função social e humanizadora da literatura infantojuvenil, e no conceito de letramento literário de Rildo Cosson. Os resultados demonstram que o estranhamento provocado pelo insólito faz com que a percepção crítica e a empatia dos jovens leitores tornem-se patentes durante os debates. Conclui-se que o fantástico desafia o horizonte de expectativas do público jovem, configurando-se como perspectiva de leitura imprescindível para a consolidação da formação do leitor literário na Educação Básica.

A FANTASIA REINVENTADA NA NARRATIVA DE AVENTURA PARA JOVENS: UM ESTUDO DAS OBRAS DA COLEÇÃO "FEROZ", DA BAIÃO/TODAVIA

Fernando Rodrigues de Oliveira e Larissa Santos Cordeiro da Silva

Resumo: Na formação da literatura juvenil brasileira, a aventura ocupa lugar importante na consolidação desse sistema literário, de modo a se constituir como um tipo de "fórmula" infalível para se alcançar o público leitor jovem. Muito dessa visão decorre de uma tradição difundida no país na segunda metade do século XX, em que se propunha o "ajustamento" dos gêneros literários ao desenvolvimento racional e psicológico das crianças e adolescentes. Defendia-se a ideia de que entre os 10 e 16 anos de idade, os livros mais apropriados às necessidades formativas desses leitores era a aventura, enriquecida de ação, drama e o fantástico. Essa "fórmula" literária, embora não se explique nem se sustente mais nessas bases teóricas, permanece como um tipo de identidade da literatura juvenil, como força de uma "tradição inventada". Tanto o é, que em abril de 2026, almejando atingir os "pré-adolescentes", a Baião/ Todavia lançou no mercado a coleção "Feroz", focada em autores nacionais, com textos que envolvem aventura, suspense, humor e mistério no tratamento de temas atuais e em linguagem despojada. Para isso, a coleção investe na fantasia como elemento central de estímulo à imaginação do leitor jovem, com uma proposta que busca dialogar com as culturas juvenis contemporâneas. Em face disso, objetiva-se aqui compreender de que modo os elementos fantásticos se fazem presentes nas duas narrativas de aventura que inauguram essa coleção e de que maneira esses elementos do fantástico expandem ou não o processo mimético do real e estabelecem um tipo de renovação estética nos modos de se produzir e se conceber a narrativa de aventura voltada ao público jovem. Para isso, tem-se como aporte teórico o método crítico de Auerbach (1971), a fim de se interpretar algumas das características estilísticas das obras em sua relação com as representações fantásticas da realidade.

ENTRE PRINCESAS MORTAS E CASAS DEVORADORAS: O INSÓLITO MARAVILHOSO NAS RELEITURAS PÓS-MODERNAS DE ROBERT COOVER

Margarete Afonso Borges Coêlho

Resumo: Este trabalho analisa as reconfigurações do insólito maravilhoso nos contos "The Dead Queen" e "The Gingerbread House", de Robert Coover, investigando como o autor revisita narrativas tradicionais dos contos de fadas para desestabilizar estruturas simbólicas consolidadas pela tradição feérica moderna. Inseridas no contexto da literatura pós-moderna, as releituras de Coover deslocam o maravilhoso do

campo da harmonização narrativa para zonas de ambiguidade, estranhamento e grotesco, produzindo narrativas em que o insólito atua como forma de subversão estética e crítica cultural. Em "The Dead Queen", a figura da princesa idealizada é submetida a um processo de decomposição corporal e simbólica que tensiona modelos tradicionais de beleza, pureza e feminilidade. Já em "The Gingerbread House", o espaço fantástico assume contornos inquietantes e labirínticos, instaurando uma atmosfera marcada pela instabilidade perceptiva, pela ameaça e pela devoração. Nesses contos, o maravilhoso aproxima-se do grotesco e do estranho, rompendo com a previsibilidade conciliatória das versões escolarizadas e mercantilizadas dos contos de fadas difundidas ao longo dos séculos XIX e XX. A análise fundamenta-se nas reflexões de Tzvetan Todorov e David Roas sobre o insólito e a ruptura das categorias do real, bem como nos estudos de Jack Zipes, Marina Warner e Wolfgang Kayser acerca do maravilhoso, do grotesco e das reconfigurações contemporâneas do imaginário feérico. Desse modo, pretende-se demonstrar como as releituras pós-modernas de Coover convertem o maravilhoso em espaço de deformação do imaginário tradicional, no qual o grotesco, o estranhamento e a instabilidade narrativa atuam como instrumentos de crítica cultural.

O MONSTRUOSO ATRAVÉS DO TEMPO: HEREDITARIEDADE E ANCESTRALIDADE NO HORROR LATINO-AMERICANO

Maria Luiza Correa da Silva Staut

Resumo: Essa pesquisa tem o intuito de observar as relações familiares presentes no horror contemporâneo, investigando como a valorização geracional, a ancestralidade e os afetos familiares influenciam a construção da monstruosidade. Para isso, toma-se como objetos de análise o romance Como Nascem Os Fantasmas, de Verena Cavalcante, e o conto "Sangue Coagulado", incluído no livro Voladoras, de Mónica Ojeda, buscando compreender como as relações familiares reorganizam as convenções clássicas do horror, que tradicionalmente são associadas à melancolia e ao isolamento. Partindo da ideia de que atualmente os vínculos afetivos familiares ocupam um papel central na cultura latino-americana, configurando formas de sociabilidade marcadas pela proximidade geracional e que difere das estruturas associadas às famílias europeias e norte-americanas, caracterizadas por ideais mais individualistas e menos centralizadas no núcleo familiar, compreende-se fazer uma comparação das duas obras e como essas relações se manifestam a partir do insólito e do horror. Partindo disso, destaca-se também como a monstruosidade e o feminino-monstruoso, conceitos que tem se difundido na literatura jovem contemporânea, podem ser percebidos dentro desse formato familiar e podem funcionar como

mecanismos de violência e perpetuação de trauma. A pesquisa utiliza como base teórica estudos do gótico de Fred Botting (1996), o conceito de feminino-monstruoso de Barbara Creed (1993) e as discussões sobre narrativas fantásticas de David Roas (2014). Assim, pretende-se observar como o modelo familiar latino-americano, ainda que marcado pelo afeto e pela coletividade, também pode se desdobrar em manifestações monstruosas que atravessam gerações.

MARIE, ALICE E DOROTHY: O ESPAÇO DO PROTAGONISMO FEMININO

Paulo César Ribeiro Filho

Resumo: A presente comunicação propõe uma leitura comparatista de três protagonistas centrais da literatura fantástica infantil e juvenil: Marie, de "O Quebra-Nozes" (1816), de E. T. A. Hoffmann; Alice, de "Alice no País das Maravilhas" (1865), de Lewis Carroll; e Dorothy, de "O Mágico de Oz" (1900), de L. Frank Baum. Parte-se da hipótese de que o protagonismo feminino nessas narrativas somente se torna possível mediante o deslocamento das personagens para mundos secundários, espaços fantásticos nos quais as restrições impostas às meninas no mundo primário são temporariamente suspensas. Diferentemente dos protagonistas masculinos de romances juvenis oitocentistas, cuja formação frequentemente ocorre em espaços concretos e públicos (ruas, mares, florestas e territórios de aventura), as protagonistas femininas analisadas acessam experiências de autonomia e mobilidade apenas por meio da fantasia. A análise dialoga com reflexões de Henri Lefebvre (2006) e Iuri Lotman (1978) acerca do espaço como estrutura simbólica e social, bem como com estudos sobre socialização infantil e gênero desenvolvidos por Florestan Fernandes (1979). Busca-se demonstrar que o espaço narrativo, longe de funcionar como mero cenário, opera como dispositivo de distribuição de possibilidades de ação e circulação. Assim, o País das Maravilhas, o Reino dos Brinquedos e Oz configuram-se como territórios simbólicos de experimentação do protagonismo feminino, permitindo às personagens ocupar posições de agência vedadas no cotidiano social representado pelos textos. Desse modo, a comunicação evidencia como a literatura juvenil do século XIX e início do XX constrói uma relação estreita entre gênero e espacialidade, revelando que a emancipação feminina, nesses clássicos, ainda depende do afastamento do mundo real e de suas estruturas normativas.

ST: O ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO, TEMAS E FORMAS

Coordenação: Juliane Vargas Welter e Mariana Figueiró Klafke

Resumo: Este simpósio se propõe a ser um espaço de discussões sobre a produção romanesca brasileira no século XXI. Tendo em vista esse recorte, interessa-nos refletir sobre os temas e as formas engendradas por uma produção que lida com esse novo tempo no mundo (Arantes, 2014), explorando, metodologicamente, as relações entre a literatura e a sociedade (Candido, 1993; 2006). Assim, entende-se a contemporaneidade brasileira tensionada pelo grande trauma de nascimento, o golpe civil-militar de 1964, lidando com um horizonte de expectativas reduzido: a miragem do país do futuro é cada vez mais uma ilusão (Arantes, 2004; 2014). Assim, são questões norteadoras deste simpósio: que elaborações narrativas emergem de um mundo em estado constante de exceção e emergência (climática, sanitária, política, social, econômica), em que, se a História não acabou, ao mesmo tempo não se identifica um projeto compartilhado de futuro e o conceito de progresso perdeu força e sentido? Como o romance contemporâneo tem dado forma à experiência regressiva de uma sociedade assombrada pela constante iminência do colapso? Concomitantemente, em diálogo com a teoria literária que vem refletindo sobre o narrador contemporâneo, partimos dessas investigações para pensarmos essa posição na atualidade. Dessa forma, pretendemos problematizar o narrador a partir de duas proposições centrais para a crítica recente: a) o narrador descentrando, conforme Ginzburg (2012), ou seja, o narrador que se coloca em antagonismo com o campo dominante (qual seja: o patriarcado, o autoritarismo etc) - esse narrador confrontaria tradições conservadoras, propondo renovações; e b) o personagem-autor, a partir de Dalcastagné (2012), aquele que narraria sua história como forma de agência de sua própria vida, seja o passado, presente e talvez futuro, ainda que não se saiba que futuro seria esse. Este simpósio almeja, dessa maneira, discutir questões que atravessam essas formalizações, tanto aquelas que correspondem às leituras críticas aqui citadas quanto as que divergem dessas leituras, apontando outros caminhos. Se, como afirma Walter Benjamin (1987) em "Sobre o conceito de História", "A tradição dos oprimidos nos ensina que o 'estado de exceção' em que vivemos é na verdade a regra geral" (p. 226), a presença de um narrador descentrado e de experiências narrativas mais variadas na contemporaneidade nos apresentam ricas possibilidades de entendimento de nossa sociedade e cultura e do momento histórico que vivemos. Em um contexto em que o debate público apresenta frequentemente questões relacionadas aos conceitos de lugar de fala, representatividade e legitimidade, de que forma a narrativa se apresenta como discurso? Se as tensões externas são incorporadas internamente na forma literária como impasse (Candido, 2006), como as crises (estéticas, políticas e ideológicas) estão sendo formalizadas pela literatura brasileira contemporânea? Por um lado, trata-se de analisar questões referentes ao narrador contemporâneo - qual a sua posição?, para

pensarmos nos termos de Adorno (2012) -, e à estrutura literária construída, buscando refletir sobre as formalizações que o romance contemporâneo tem apontado como tendência. Por outro lado, e de forma inseparável e dialeticamente intrincada, é imprescindível refletir também sobre a emergência de temáticas tais como a centralidade dos regimes autoritários, as violências sofridas pelos povos originários e escravizados, as violências de gênero e sexualidade, entre outros conteúdos que, nos moldes benjaminiano, contam a história a contrapelo (Benjamin, 1987). Seguindo um ponto de vista materialista, consideramos aqui que a forma literária não pode ser separada de seu tempo histórico, ou seja, não somente os temas e conteúdos das obras literárias expressam seu tempo, mas também as formas e gêneros que elas assumem dão testemunho do horizonte e das elaborações possíveis em um determinado momento histórico (Lukács, 2000). Nesse sentido, a literatura oferece ao pesquisador e ao crítico a oportunidade de avaliar "como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária" (Candido, 1993, p. 9-10). Ou seja, a partir da articulação entre o texto, em sua integridade, e seu contexto, em seus processos, este simpósio objetiva ser um espaço de reflexão sobre as formas e os temas que vem sendo trazidos pelo romance recente, almejando assim discutir essa literatura em compasso com a tradição crítica brasileira. Desse modo, pretende ser um espaço de ampliação do debate sobre o romance recente e sobre os caminhos de análise a partir da Literatura Comparada, entendendo a diversificação do seu escopo de ação na atualidade.

VOZES E FRAGMENTAÇÃO NO ROMANCE O SOM DO RUGIDO DA ONÇA, DE MICHELINY VERUNSCHK

Alexandra Cristina de Moura

Resumo: Este trabalho busca analisar a função da multiplicidade de vozes e da fragmentação narrativa no romance O som do rugido da onça, de Micheliny Verunschk. A obra denuncia as marcas do colonialismo europeu sobre os povos originários brasileiros e é construída sob diversas vozes e temporalidades descontinuadas, apresentando uma fragmentação que rompe com o modelo narrativo tradicional. A partir disso, observa-se que há uma tendência na literatura brasileira contemporânea em adotar formas estéticas e de narração cada vez mais fragmentadas, assim como discutido por Leyla Perrone-Moisés (2016). Para ela, "o romance tem a função de dizer o não dito do discurso da informação e da política" e que "ele não mostra nem demonstra o mundo, senão acrescenta algo ao mundo". (Perrone-Moisés, 2016, p. 40). Assim, ao inserir a literatura contemporânea no campo crítico, a teórica chama a atenção para a reestruturação do romance contemporâneo e seu papel em dar voz àqueles que foram silenciados, assim como ocorre na

obra de Micheliny Verunschk. Propõe-se, portanto, neste estudo, traçar uma análise crítica quanto à perspectivação e os efeitos da fragmentação do ponto de vista em O som do rugido da onça, investigando como sua estrutura narrativa articula memória histórica e colonialismo, e situando esta obra em diálogo com uma tendência crítica mais ampla da produção literária contemporânea. Nesse sentido, também se discutirá as condições históricas que influenciaram a construção deste romance e as estratégias formais por meio das quais a literatura contemporânea confronta as tradições dominantes e exalta vozes marginalizadas.

A ESCRITA E DEMANDAS DE GÊNERO NA FICÇÃO DE LILIA GUERRA E JULIA DANTAS

Ana Beatriz Matte Braun

Resumo: Esta comunicação apresenta uma leitura comparada de dois romances recentemente publicados: "O céu para os bastardos" (2023), da paulistana Lilia Guerra, e "A mulher de dois esqueletos" (2024), da gaúcha Julia Dantas, duas jovens ficcionistas que vêm acumulando reconhecimento crítico nos últimos anos. Ainda que parte de projetos literários com diferenças consideráveis, as duas obras aqui analisadas compartilham o fato de serem narradas por mulheres que escrevem: em "O céu para os bastardos", a narradora, vivendo em contínuo deslocamento entre o centro e a periferia pelo trabalho como empregada doméstica, cultiva um caderno vermelho onde registra suas memórias, pensamentos e histórias do "fim do mundo" onde reside. Em "A mulher de dois esqueletos", uma escritora em isolamento durante a pandemia está imersa em seu próprio fazer literário, questionando, entre outros pontos, os limites e a ética da ficção. Em ambas, a escrita se manifesta como resistência (ARFUCH, 2022; KILOMBA, 2019; LUGONES, 2014) pelos questionamentos das narradoras sobre as políticas de gênero no mundo contemporâneo, com destaque ao tema da maternidade, central em ambas as narrativas. A partir desses pontos de convergência, o objetivo deste trabalho é examinar os percursos espaciais, políticos, íntimos e cotidianos empreendidos pelas narradoras, tal como proposto por Dalcastagnè (2026), de modo a evidenciar demandas em comum, e, ao mesmo tempo, tensionar as diferenças manifestas entre mulheres de contextos e circunstâncias diversas, tarefa já assinalada por Heloísa Teixeira (1990) e confirmada por Conceição Evaristo (2020) ao afirmar a impossibilidade de desvincularmos o texto literário de suas clivagens de raça, classe e vivência social.

NARRATIVIDADE, MEMÓRIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO MELHOR NÃO CONTAR

Christiane Silveira Kammsetzer

Resumo: Esta comunicação apresenta a pesquisa de doutorado em curso "Narrar em estilhaços, contar outra História", que investiga a narratividade diante da violência em romances brasileiros contemporâneos de autoria de mulheres e seus efeitos formais e críticos. Discutiremos a construção narrativa autobiográfica no romance Melhor não contar (2024), de Tatiana Salem Levy, em que a narradora explora as possibilidades de escrever sobre um assédio sexual sofrido na adolescência, pelo padrasto, e sobre o qual não pôde contar para a mãe, que vivenciava uma doença terminal. O romance inscreve-se no campo literário das escritas de si ressoando experiências de muitas mulheres brasileiras como o pouco acolhimento na puberdade, a violência sexual no espaço familiar, o desamparo na gestação não-planejada. Assim, discute o tratamento do corpo e da subjetividade feminina no campo social e cultural no Brasil. No romance, o ideal emancipatório aparece como um valor que constitui a narradora, cuja mãe resistiu à ditadura civil-militar no Brasil. No entanto, a narrativa revela que a violência de gênero persiste mesmo em contextos progressistas. Além do enredo, que inova ao abordar o assédio sexual desde a perspectiva da vítima, nos aspectos formais o impasse da narradora se mostra, ao constituir uma montagem-mosaico de capítulos curtos, monólogos interiores, cartas e diários maternos. Melhor não contar é um romance de formação que se volta para as experiências íntimas que transformam a narradora, que vai recolhendo os restos de memória e os rearranja. Nessa recomposição de si, a narradora traz para o texto interlocuções com autoras que a precederam em gestos de leitura que trazem densidade à espiral de perguntas que mobilizam o enredo em direção à construção de um contorno do trauma por meio da escrita literária. Dessa forma, inscreve a obra em um campo literário e artístico de autoria de mulheres.

REMINISCÊNCIAS PRESENTES: A MEMÓRIA NA VOZ NARRATIVA DO ROMANCE SALITRE (2023), DE DANIELLE SOUSA

Clarice Mariz Ribeiro

Resumo: O romance brasileiro contemporâneo tem provocado uma série de debates orbitando a dicotomia forma e conteúdo. Murro em ponto de faca, publicado na Revista Piauí por José Falero, assim como a réplica de Fernando Baldraia no mesmo veículo, exemplificam como o assunto opera na crítica. No entanto, ao trazerem à superfície do texto discussões sociais, as obras não são – ou não podem ser –

apartadas do aspecto formal, compondo dialeticamente materialidade literária e contexto social (Candido 2006). Nesse sentido, eleger a categoria do narrador para pensar tais relações é essencial para esclarecer os caminhos que toma a ficção ao se apropriar desses temas, afinal, mapear as movimentações do narrador contemporâneo é também compreender o atual estado das coisas no tempo em que vivemos (Adorno, 2003). Distante dos centros culturais do país, propomos olhar para o romance de estreia da escritora potiguar Danielle Sousa, Salitre (2023), que versará sobre a experiência da mulher no patriarcado, propondo uma narrativa interpolada de memórias sob uma composição temporal oscilante. A narradora-protagonista (Friedman, 2002) investiga o mistério da trama, combinando recursos caros à memória, que também alcançam os modos do romance policial – a investigação e o rastro – para desvelar as violências da comunidade de Costa Branca. Propomos, portanto, investigar os artifícios dessa voz narrativa memorialística ao trabalhar tensões inerentes ao tema mobilizado (misoginia, estupro e feminicídio). Com o intuito de fundamentar a discussão do narrador, seremos respaldados por Friedman (2002), Dalcastagnè (2012) e Adorno (2003), para as reflexões em torno da memória, recorreremos a Gagnebin (2006) e Ricoeur (2007), e por fim, considerando a categoria de gênero, as discussões serão feitas a partir de Federici (2019) e Saffioti (2015). Assim, compreendendo o comportamento da narradora, será possível perceber as soluções do texto literário para as temáticas evidenciadas.

AS VEREDAS DA CIDADE DE DEUS: VIDA E PRODUÇÃO LITERÁRIA DE PAULO LINS

Eliane Aparecida Dutra

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo refletir a vida e a produção literária do romancista, Paulo Lins, que ao publicar o livro, Cidade de Deus, saiu do anonimato, marcou a Literatura Contemporânea, alcançou prestígio e reconhecimento. O livro é considerado pelo autor como romance, mas um romance feito de memórias alheias, personagens e fatos reais. Lins apresenta um "olhar de dentro", de alguém que não foi apenas ao campo pesquisar para construção de um livro, mas que cresceu lá, com todas as intempéries da violência, da pobreza. Cidade de Deus repercutiu internacionalmente, foi traduzido para o inglês, francês, espanhol, italiano, entre outras línguas e, também foi adaptado para o cinema. Vale ressaltar que, foi após a adaptação cinematográfica, realizada por Fernando Meirelles, que a obra de Lins se tornou ainda mais conhecida. Enfim, o objetivo desta apresentação será pesquisar e analisar a vida do autor e seu romance, já que Paulo Lins é considerado por alguns estudiosos da literatura como autor de um único livro, mas não um livro qualquer, e sim uma obra-prima. Para o renomado crítico

Roberto Schwarz (1997), o romance é fruto de uma pesquisa ampla e relevante, trabalho em equipe, pesquisa histórica e de linguagem, à maneira da sétima arte.

"QUERIA PARAR DE PENSAR NO ACRE": HETEROIMAGENS AMAZÔNICAS NO ROMANCE DE LUCRÉCIA ZAPPI

João Marcos Cilli de Araujo

Resumo: O trabalho busca fornecer uma leitura do romance "Acre" (2017), de Lucrécia Zappi, a partir de uma perspectiva imagológica, visando entender como a obra constitui uma imagem do estado que a denomina e, de maneira geral, da própria Amazônia. Assim, muito embora seu enredo transcorra na Vila Buarque, bairro da região central de São Paulo, o Acre representa uma força fantasmagórica que assombra o narrador, Oscar. Esse assombro, anunciado já pelo ambíguo título do livro, encontra Oscar no momento em que ele recebe a notícia de que Nelson, ex-namorado de sua esposa, Marcela, e com o qual tivera uma violenta desavença na adolescência, muda-se para o apartamento vizinho, após décadas no estado da região Norte. Nesse contexto, as imagens acerca desse espaço amazônico aparecem de maneira multifacetada e dúbia, impulsionando as reflexões do narrador: o Acre como sonho (de riqueza, de liberdade), como isolamento, como espaço estrangeiro, como antítese da vida paulistana. Se, na definição de Hugo Dyserinck (2005, p. 26), a imagologia teria "por objetivo estudar as imagens existentes na literatura, o modo como se formam e as repercussões que produzem", além de pretender contribuir "para aclarar o papel desempenhado por tais imagens nas diferentes formas de contato entre culturas específicas", é possível complementar, com Van Doorslaer (2019, p. 62), que a origem da imagologia na investigação de estereótipos nacionais não impede que, nesse campo de estudos, também seja uma constante o contraste entre regiões de um mesmo país. Trata-se de um contraste que, na obra de Zappi, parece conduzir a narrativa, contribuindo para a construção de uma verdadeira heteroimagem da região amazônica. Desse modo, a presente reflexão insere-se num projeto mais amplo do autor, orientado para a investigação imagológica a respeito de como a Amazônia aparece representada na literatura contemporânea brasileira escrita por autores não amazônidas.

"BRUXAS SECRETAS DESTA NOITE NEGRA, O QUE ESTÃO FAZENDO?": NARRADORA E MEMÓRIA EM CAMINHANDO COM OS MORTOS (2023), DE MICHELINY VERUNSCHK

Juliane Vargas Welter

Resumo: O presente trabalho investiga o romance Caminhando com os mortos (2023), de Micheliny Veruscnhk, tendo em vista a voz narrativa a partir de dois motes: sua variação e as memórias mobilizadas para a construção literária. Para tanto, analisa o uso da 1ª e da 3ª pessoa, e as onisciências estetizadas na obra, assim como perscruta as diferentes rememorações rastreadas ao longo do texto. A partir disso, pretende-se articular questões do campo da teoria literária com dados mobilizados ao longo do enredo, a saber: a violência de gênero em seu grau extremo, o feminicídio. Como aparato teórico central utiliza-se de Friedman (2002), Ginzburg (2012) e Dalcastagné (2012) para pesquisar o narrador; Benjamin (1999), Hallbwachs (1990), Pollack (1989), Jelin (2002) e Bosi (2003) para a reflexão sobre memória; Federeci (2019) e Saffioti (2015) para a articulação com o gênero; junto a isso, o trabalho tem em Candido (2006) seu aporte metodológico central. A hipótese defendida é que a narradora, uma perita policial, almeja assumir uma posição de bruxa-ancestral: aquela que pericia e registra um passado o deixando como legado para um futuro, contando assim as histórias nunca antes contadas. Ou seja, aquela que narra intenta contar a história a contrapelo (Benjamin, 1994). Assim, nosso intuito aqui é delinear esse caminho tendo em vista também os limites estéticos da proposição política.

ESCREVER O TERRITÓRIO: UM OLHAR SOBRE TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Liliane Vasconcelos

Resumo: O presente trabalho busca discutir, através da literatura contemporânea produzida por Itamar Vieira Junior em Torto Arado (2019), questões voltadas ao território, mais precisamente ao direito à terra e ao direito à moradia. A literatura, nesta pesquisa, configura-se como práxis social para perceber questões estruturais da formação territorial brasileira, qual seja, a falta de acesso à terra pela população negra e, consequentemente, a luta por moradia digna em espaços que a mantêm cativa, como os representados na obra de Itamar, a exemplo do espaço ficcional da fazenda Água Negra, localizada na Chapada Diamantina (BA). Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa qualitativa e explicativa, que utiliza o método sócio-histórico de Antônio Candido, propondo a literatura como objeto para versar análises sociológicas e territoriais. Posto isso, a pesquisa tem como problema central discutir como a literatura contemporânea brasileira se coloca como espaço para tensionar e esgarçar as questões territoriais brasileiras que circundam as noções de terra, território e raça. Ademais, o arcabouço teórico é constituído por autores como Milton Santos (1996), José de Souza Martins (2010), Regina Dalcastagnè (2012; 2026), Beatriz Resende (2012) e Jorge Augusto (2025), dentre outros. Como resultado, foi possível perceber que a literatura contemporânea, há

muito inserida nos dramas e agruras da grande cidade, vem cada vez mais se apropriando, em um movimento de retomada, das bases discursivas que estabeleceram os imaginários sobre o território brasileiro (Dalcastagnè, 2026) e, desse modo a obra Torto Arado é um dos escritos que representa este fluxo.

UM CADERNO DE MULHERES MORTAS: ESTUDO SOBRE O REAL E O IMAGINÁRIO NA VIOLÊNCIA EM MULHERES EMPILHADAS.

Lorraine Ramos Assis Nunes

Resumo: A pesquisa tem como intuito investigar os efeitos do real em "Mulheres Empilhadas", de Patrícia Melo, com foco na temática da violência contra a mulher e novas configurações do fenômeno e seus recursos estéticos, sociais e literários no romance brasileiro contemporâneo. Será investigado o tratamento da narrativa e da autora sobre casos reais de feminicídio no Acre, tendo em vista que não somente influenciaram, mas foram inseridos na construção ficcional do livro, lançado no ano de 2019, tornando-se constitutivos para a investigação teórico metodológica em questão ao unir fato e ficção, arquivo e literatura. As hipóteses sobre procedimentos comuns encontrados nas temáticas e seus tópicos serão testadas, partindo da possibilidade de se pensar novas abordagens para se analisar os elementos intra e extra literários da trama, sendo escolhida a crítica dialética, materialista. A escolha se faz presente diante do contexto das atualidades na literatura brasileira, que parece não reservar tanto espaço para o pensamento, como apontado por Corpas (2025) e Durão (2024) em seus estudos, cogitando novas reflexões sobre os impasses da tradição crítica de Candido e Schwarz, além de novos métodos de leitura na relação entre forma e conteúdo. Pretende-se, assim, articular os aportes que focam na análise da narrativa como um todo, apontando os fatores que compõem sua estrutura, unindo texto e contexto, em particular da narradora em primeira pessoa e seus testemunhos. Por fim, serão consideradas as formas com que a autora trabalha a violência contra a mulher, seja apresentando de forma expositiva sobre um problema de política pública ou como se transforma a partir de seções específicas do livro em uma nova realidade, com elementos do inóspito, e se há de fato um retorno crítico de temas eminentemente sociais e políticos que estão em alta no mercado editorial.

FIM DO MUNDO E REGRESSÃO HISTÓRICA NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UMA LEITURA DE O RISO DOS RATOS, DE JOCA REINERS TERRON (2021)

Lucas José de Mello Lopes

Resumo: Este trabalho analisa o romance O riso dos ratos (2021), de Joca Reiners Terron, a partir das categorias de cronotopo (Bakhtin, 2018) e cronotopografia (Silva, 2022), com o objetivo de compreender como a obra formaliza a experiência de colapso social e histórico do Brasil contemporâneo. Inserido em um movimento recente da ficção brasileira que tematiza o fim do mundo e a crise dos horizontes de futuro, o romance acompanha um homem de meia-idade que, ao sair de casa em busca de vingança por uma violência cometida contra sua filha, atravessa um país dominado por milícias e por formas de organização social e do trabalho que ressurgem do passado nacional. Amparados pelos pressupostos da crítica integrativa de Antonio Candido (2019) e da estilística sociológica de Bakhtin (2018), observamos que a narrativa constrói um cronotopo da regressão histórica, sintetizado pela afirmação recorrente de que "o passado é imprevisível". Nesse universo ficcional, o futuro deixa de operar como promessa de progresso e passa a ser ocupado por temporalidades pretéritas que persistem e se reatualizam na formação social brasileira formalizada pelo romance. Em diálogo com Silva (2022), propomos compreender O riso dos ratos como uma cronotopografia, isto é, uma ficção que cria um cronotopo tensionador do mundo real. Ao radicalizar tendências já presentes na sociedade brasileira, o romance não apenas representa o colapso, mas mobiliza o poder inventivo da literatura para experimentar configurações alternativas do mundo. Interessa-nos, nesse sentido, pensar o poder de produção da realidade pela própria forma literária, observando-a como um modo de elaboração crítica do presente que permite compreender as forças que o estruturam e, sobretudo, rearticular os limites do futuro que ele parece anunciar.

UMA LEITURA DE O AVESSO DA PELE, DE JEFFERSON TENÓRIO, A PARTIR DE WALTER BENJAMIN E ACHILLE MBEMBE

Lucas Toledo de Andrade

Resumo: O romance "O avesso da pele" (2020), de Jefferson Tenório, tem como premissa a tentativa de Pedro de elaborar o luto após a morte brutal do pai. Sendo assim, a história contada se faz enquanto um resgate da narrativa familiar, enfatizando, sobretudo, à figura paterna. Desse modo, em termos formais, esse romance se constrói enquanto um emaranhado de narrativas, elaboradas por vários tipos de narradores e focos narrativos, que se atravessam e se entrelaçam, compondo-se, então, enquanto um texto fragmentado e com limites espaciais e temporais estilhaçados. A história paterna recriada, principalmente, pela imaginação do filho se mistura com a própria história do Brasil, enfocando, especialmente, nas questões referentes às vivências da população negro-brasileira. Dessa forma, este

trabalho se propõe a realizar uma leitura do texto literário em questão a partir de reflexões trazidas por Walter Benjamin em "Sobre o conceito de história" (1940); a perspectiva de "história aberta", trazida por Jeanne Marie Gagnebin (1985), a partir de estudos de textos benjaminianos; e a noção de "identidade em devir", desenvolvida por Achille Mbembe em "Crítica da razão negra" (2018). Pretende-se, assim, observar de que forma a relação entre tema e forma estabelecida na construção desse romance, especialmente, por meio das múltiplas vozes narrativas, nos possibilita pensar na ideia de escrita de uma história a contrapelo e nos percursos identitários de indivíduos negros no cenário literário brasileiro contemporâneo.

ERRÂNCIA E DESCAMINHOS EXISTENCIAIS EM TRÊS ROMANCES BRASILEIROS DA ATUALIDADE

Madalena Aparecida Machado

Resumo: A errância e o descaminho existencial são uma configuração muito relevante em três romances de destaque na literatura brasileira contemporânea: O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam (2014) de Evandro Affonso Ferreira, Quarenta Dias (2018) de Maria Valéria Rezende e A cabeça do santo (2014) de Socorro Acioli. Nossa comunicação pretende discutir a construção estética dos personagens marcados com o traço da errância, desde a figura do mendigo-filósofo, despossuído e intelectual, que personifica uma errância de natureza existencial e geográfica. Seu constante movimento não é apenas uma condição material, mas um modo de vida que lhe permite uma observação aguda, crítica da sociedade, em contraste com a estaticidade moral e social dos que o cercam em O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam. Já em Quarenta Dias, Alice, a professora aposentada sai numa busca aparente por Cícero, mas é impelida à errância após ser destituída de sua realidade conhecida, procura sua identidade após se decepcionar com a filha. Por fim, em A cabeça do santo, a errância de Samuel, ao buscar cumprir a promessa feita à mãe no leito de morte, adquire um sentido místico e de busca. O seu percurso errante é uma jornada de fé e autodescoberta, na qual o deslocamento físico se torna metáfora para a busca de um lugar no mundo e o encontro com a religiosidade popular e suas contradições. Nessas obras, os personagens errantes são catalisadores da narrativa, utilizando o movimento como ferramenta para expor e questionar as normas sociais, a política e a própria condição humana no contexto brasileiro. Nosso aporte teórico é encaminhado pelo pensamento de Ginzburg (2012), quanto à importância do narrador; Adorno (2016), sobre a errância do herói moderno e Derrida (2005) para a ideia da errância da escrita/sentido.

A TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO DOS DIFERENTES: PRÊMIO JABUTI E A CATEGORIA ROMANCE LITERÁRIO

Maíra Silva da Fonseca Ramos

Resumo: Com a presente comunicação, pretende-se responder à indagação "para que serve um prêmio?", pensando especialmente no Prêmio Jabuti, que é o mais longevo do país e de maior reconhecimento. Sabe-se que o prêmio serve para divulgar as obras eleitas, além de ter o relevante papel para a consolidação de uma crítica sobre os romances, gênero escolhido para análise. Permitindo visibilidade para além dos meios acadêmicos, a resposta à indagação proposta não parece ser simples. Ainda, com esta comunicação, propõe-se uma tentativa de aproximação de obras tão diferentes entre si, mas que tentam traduzir uma imagem do que é – ou do que pode ser – o Brasil e de quem são seus escritores/romancistas na contemporaneidade. Algumas questões decorrentes do questionamento inicial podem ser assim traduzidas: muda a trajetória de um escritor ter sido finalista do prêmio ou ter sido, de fato, premiado? E mais, livros como Viva o povo brasileiro (Darcy Ribeiro, 1984) ou como Torto arado (Itamar Vieira Júnior, 2019) caminhariam por si sós ainda que sem o prêmio? Essas são algumas das indagações que a apresentação levará em conta. Para pensar nas obras vencedoras dos últimos dez anos, da categoria Romance Literário, recorrer-se-á às lições de Eduardo Mahon (2024), Ieda Magri (2023) e Pedro Kalil (2025), na tentativa de aproximar romances tão diversos. Sobre o campo literário, serão válidos os conceitos trazidos por Pierre Bourdieu (1996) e sua atualização dada por Gisèle Sapiro (2016).

MÃES, FILHAS, RUPTURAS - MATERNIDADE NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Maria Regina Soares Azevedo de Andrade

Resumo: No Brasil, estudos sobre a Literatura Brasileira Contemporânea têm apontado uma vasta representação de personagens femininas nos papéis de mãe e de filha, sobretudo de forma idealizada (Dalcastagnè, 2010; 2021), ainda repercutindo ideias como o instinto materno, a docilidade e o parentesco como garantias de relações familiares harmoniosas. Esta comunicação objetiva apresentar uma pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração de Literatura Comparada, tendo como objeto de análise romances brasileiros contemporâneos de autoria feminina que promovem novas representações de mães e filhas, ora deslocando de forma mais contida essa chamada idealização, ora

promovendo rupturas mais radicais. Na oportunidade, serão apresentadas análises sobre três livros que integram o corpus da tese: A pediatra (2021), de Andréa Del Fuego, Três camadas de noite (2024), de Vanessa Bárbara, e Horas azuis (2025), de Bruna Dantas Lobato. A pesquisa é de cunho bibliográfico, com caráter qualitativo e analítico. Visto que tais paradigmas em relação a mães e filhas guardam semelhanças com os estereótipos e as expectativas relacionados à mulher, ao feminino e à feminilidade, a fundamentação teórica inclui, dentre outras, as obras O conflito: a mulher e a mãe, de Elisabeth Badinter (2024); Deslocamentos do feminino, de Maria Rita Kehl (2016); e a coletânea O corpo feminino em debate, de Maria Izilda Matos e Rachel Soihet (2003). A hipótese é de que os romances criam novas representações de mães e filhas ao trazer à cena personagens que se contrapõem a normas e discursos patriarcais presentes em diferentes instituições, e também na Literatura. Guardadas as suas particularidades, eles são representativos do que parece ser um novo movimento na Literatura Brasileira Contemporânea, em que se sobressai a liberdade das autoras de promover outras representações de maternidade.

FIGURAÇÕES DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE AUTORIA FEMININA: ENTRE PREDADORES E CORPOS EMPILHADOS

Mariana Figueiró Klafke

Resumo: Esta proposta de comunicação apresenta uma reflexão sobre a representação da violência de gênero em duas obras literárias contemporâneas, "Mulheres empilhadas" (2019), de Patrícia Melo, e "Predadores" (2022), de Clara Corleone. Dois fenômenos da atualidade nos dão lastro para olhar para estes romances: 1) a literatura de autoria feminina nunca esteve tão em voga no debate público quanto hoje; 2) a violência contra a mulher, ainda que antiga e onipresente na sociedade humana (Saffioti, 2015), é tema incontornável do cotidiano midiatizado contemporâneo. Entre esses dois fatos, uma relação curiosa e nada surpreendente: a preponderância do tema da violência nas narrativas escritas por mulheres, seja, por exemplo, no que se convencionou chamar de "novo gótico latino-americano", com autoras como a argentina Mariana Enriquez e a equatoriana Mónica Ojeda, seja em narrativas mais realistas e até mesmo de tom documental, como no caso das autoras brasileiras supracitadas. Se é verdade que a expressão máxima da soberania consiste no poder de definir a vida e a morte (Mbembe, 2018), o que a profusão de discursos sobre a violência na literatura de autoria feminina nos diz sobre um tempo de extrema ofensiva contra a vida das mulheres? Ainda que, sem dúvida, literatura não seja documento (Cesar, 1980), a produção literária de um tempo nos permite reconstruir o tecido de diferentes discursos socialmente

relevantes, muitas vezes desnudando aspectos do real que o compromisso com a verdade factual não alcança.

AS MARGENS COMO ESPAÇO DE ENUNCIAÇÃO EM VERA, DE JOSÉ FALERO

Paloma Stein

Resumo: No contexto contemporâneo, podemos observar a crescente publicação de narrativas ficcionais que trazem o indivíduo excluído socialmente como protagonista. O romance Vera (2024), de José Falero, objeto deste estudo, ilustra esse movimento, explorando a rotina diária de uma empregada doméstica e de seus pares, que experimentam mundos distintos com diferentes realidades sociais e permeados por conflitos e preconceitos. A vivência das personagens retratadas por Falero, não difere muito da sua própria experiência enquanto sujeito marginalizado, uma vez que o escritor cresceu às margens da capital do Rio Grande do Sul e, portanto, enuncia a partir desse espaço. Tal movimento nos apresenta, além da representatividade de diferentes públicos na narrativa brasileira, a chegada da voz narrativa de figuras que ocupam espaços fronteiriços – são eles as divisas sociais postas no interior das grandes cidades, segregando os diferentes indivíduos a partir de sua realidade financeira e vivência social. A partir disso, a escrita de textos literários é descentralizada, ou seja, foge à mão daqueles que historicamente a detêm, e passa a ser enunciada de espaços e contextos ditos como marginalizados. Nessa perspectiva, objetivamos refletir sobre como as diferentes temáticas vivenciadas por sujeitos marginalizados se apresentam na narrativa contemporânea a partir das vozes das personagens e do narrador da obra Vera, de Falero. Assim, uma de nossas hipóteses de leitura considera o modo pelo qual a literatura marginal, a representação da violência nas periferias, o papel da mulher na sociedade periférica contemporânea e o consórcio de vozes dialogicamente entretecidas no texto literário contribuem para reafirmar o caráter social assumido pela literatura periférica e o importante papel de denúncia que ela assume no contexto atual.

O JABUTI NA SALA: TONY BELLOTTO

Paulo Vítor Coelho

Resumo: No fim da década de 1990, Tony Bellotto apresentou-se ao meio literário com sua primeira obra Bellini e a esfinge (1995). O romance virou uma quadrilogia, na qual Bellotto desenvolveu aventuras policiais para seu personagem Remo Bellini. Ao longo da série, que se estendeu até a primeira década dos anos 2000, a estrutura detetivesca é a principal cartada de uma bibliografia discreta para a crítica acadêmica e para a jornalística. O ato mais recente da carreira de Bellotto nas letras veio com o romance Vento em

setembro, de 2024, alçando-o ao prêmio mais relevante da literatura brasileira: melhor romance literário de 2025. Essa láurea foi concedida sem que se notassem alterações na continuidade da forma literária do último romance em relação aos primeiros, que poderiam ser encaixados em grupos de obras comerciais, o que o Jabuti contempla desde 2020 na categoria "Romance de entretenimento". Diante desse cenário, a presente comunicação partirá da comparação da obra de 2024 com as linhas gerais da quadrilogia Bellini, avaliando que noções as obras podem esclarecer em uma leitura da própria crítica. Isto é, ainda que focalizada em um caso específico como o de Bellotto e o do prêmio Jabuti, impõe-se a problemática do estudo: ao longo desses anos, mudou o autor, a crítica ou o prêmio? Portanto, interessa uma investigação que vasculhe as mudanças notadas no campo literário, em um cenário que demonstra alguma penetração de linguagens comerciais em círculos mais restritos, sem que tal caráter seja explicitado, e que entradas analíticas possíveis colocam-se nessas circunstâncias.

A FIGURAÇÃO DO OUTRO E O NEORREGIONALISMO DE "TORTO ARADO"

Rafhael Borgato

Resumo: Luis Bueno, em "Uma história do romance de 30" ressalta a dificuldade do intelectual em pensar o Brasil criticamente no florescer do romance social: encontrar formas de figuração do outro, dos indivíduos não pertencentes à mesma classe social e cultural do intelectual. Houve tentativas desde o romance coletivo de representação do proletariado, como em Jorge Amado, até a simultaneidade do foco narrativo de Érico Veríssimo, passando pelas formas de representação da mulher e pela busca de uma compreensão dos aspectos da pobreza e desigualdade no Brasil sem uma reificação do indivíduo das classes baixas . Tratou-se de uma questão nem sempre bem resolvida, que talvez tenha encontrado melhor acabamento na figuração estética do outro em Graciliano Ramos, ao incorporar a subjetividade e a força do discurso do outro na forma da narrativa. Em "A configuração do neorregionalismo literário brasileiro", Herasmo de Oliveira Brito identifica as mudanças na ficção de proposição regionalista no cenário contemporâneo. Em um país de população majoritariamente urbana, a representação sai do espaço do campo e se volta para a cidade, mantendo-se a preocupação com o aspecto social de identificação crítica da desigualdade, que se dá por meio do reconhecimento de um deslocamento da antiga questão agrária para o surgimentos de zonas periféricas urbanas por meio do processo acelerado e desenfreado do êxodo rural. Assim, há uma continuação da dicotomia centro-periferia e da ideia de figuração do outro, das minorias sociais. Nesse contexto, proponho uma leitura de "Torto Arado", de Itamar Vieira Junior, como recuperação contemporânea do espaço agrário, com a periferia urbana atuando como pano de fundo. A

chave de leitura é a da representação das identidades como figuração do outro sem afastamento, dando-lhe voz. É fundamental, portanto, analisar quais são as questões identitárias e sua relação com o componente de representação social.

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E COMPOSIÇÃO DO NARRADOR NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: UMA LEITURA DE ANA E A MARGEM DO RIO

Felipe Augusto Chagas Nacif de Moraes e Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes

Resumo: Embora identificada, à primeira vista, como "literatura infantojuvenil", Ana e a Margem do Rio, de Godofredo de Oliveira Neto, não se limita a uma obra voltada apenas ao desenvolvimento cognitivo, ao estímulo da imaginação e à formação do hábito da leitura. Ao acompanhar a trajetória de Ana, jovem indígena de dezessete anos pertencente à etnia Nauá, educada em um colégio religioso na Amazônia e dividida entre a tradição oral de seu povo e a formação cristã recebida no ambiente escolar, o romance suscita reflexões acerca da articulação entre forma literária e contexto histórico-social na produção brasileira atual. De fato, ao registrar por escrito as lendas e memórias transmitidas por sua mãe, a protagonista empreende um processo de construção identitária marcado pelo contato entre distintos universos culturais. Nesse percurso, a obra problematiza a experiência da alteridade e evidencia processos históricos de violência e silenciamento impostos aos povos originários. A experiência vivida por Ana permite ainda pensar fenômenos de desculturação e aculturação que não se realizam de maneira totalizante, mas culminam em processos de transculturação e hibridização cultural. Embora incorpore novos códigos culturais, a personagem preserva vínculos com sua tradição de origem, construindo uma identidade em permanente transformação. Além disso, a obra apresenta uma elaboração formal particularmente significativa: ao alternar capítulos em primeira e terceira pessoas e articular elementos do diário, da fábula e da tradição oral indígena, constrói uma estrutura híbrida que aproxima o leitor das experiências da protagonista. Tal procedimento pode ser relacionado às discussões sobre o narrador contemporâneo e o narrador descentrado, uma vez que desloca o foco para sujeitos historicamente marginalizados. Desse modo, o romance constitui um espaço privilegiado para refletir sobre as formas pelas quais a literatura brasileira recente incorpora e formaliza conflitos históricos, sociais e culturais ainda presentes na sociedade.

ST: PERSONAGENS ERRANTES NA LITERATURA BRASILEIRA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Eduardo da Rocha Marcos, Sandro Roberto Maio e Sergio Manoel Rodrigues

Resumo: A literatura brasileira moderna e contemporânea apresenta personagens que transitam à margem de estruturas sociais, simbólicas e existenciais estáveis. Esses sujeitos, aqui considerados "personagens errantes", caracterizam-se pela ausência de um horizonte definido e pela instabilidade de seu lugar no mundo, constituindo elementos que tensionam as noções tradicionais de identidade, pertencimento e finalidade narrativa. Nesse contexto, a errância não deve ser compreendida apenas como deslocamento físico, mas afirma-se, sobretudo, como uma condição existencial e histórica que revela fissuras profundas nos sistemas de organização da vida "administrada". A falta de destino desses seres ficcionais implica uma ruptura com trajetórias lineares, frequentemente associadas à ideia de progresso, ascensão social ou realização individual. Ao contrário, os personagens errantes movem-se em circuitos fragmentados, descontínuos e, muitas vezes, reiterativos, sem um objetivo claramente delineado, evidenciando a precariedade de suas existências e a fragilidade dos vínculos que estabelecem com o mundo ao seu redor. Paralelamente, a ausência de inserção em estruturas sociais e simbólicas reforça sua condição de deslocamento permanente. Esses sujeitos não apenas caminham sem rumo, mas também não encontram reconhecimento em instâncias que lhes atribuam sentido duradouro, o que os coloca em uma posição de constante desajuste. Nesse cenário, o conceito de limbo torna-se central para a compreensão dessas figuras. Entendido como um espaço intermediário entre pertencimento e exclusão, o limbo designa a posição simbólica ocupada por esses seres ficcionais, que não se encontram plenamente integrados nem totalmente apartados da ordem social. Trata-se de um estado de suspensão no qual não há consolidação identitária nem estabilidade social, mas sim uma permanente oscilação entre possibilidades não realizadas. Esse espaço liminar permite que a literatura explore zonas de indeterminação e ambiguidade, nas quais os sujeitos vivem sob a marca da transitoriedade e da incerteza, frequentemente impostas a eles por meio de um convívio pouco amistoso com outros indivíduos ou pela tentativa frustrada de realização das próprias vontades. Frequentemente categorizados pela crítica literária como malandros, vagabundos, marginais (ou marginalizados), periféricos ou anti-heróis, os personagens errantes representam camadas sociais historicamente excluídas ou invisibilizadas. Sua errância assume, assim, uma dimensão política significativa, ao evidenciar desigualdades estruturais e denunciar processos de exclusão que atravessam a sociedade brasileira em diferentes momentos históricos. Ao mesmo tempo, esses sujeitos desafiam normas e expectativas sociais, recusando — de maneira consciente ou não — os papéis que lhes são impostos.

Nesse sentido, desestabilizam o centro e deslocam o olhar para as margens, conferindo, portanto, outras possibilidades de leitura, interpretação e análise literária.

Em diálogo com reflexões de pensadores como Giorgio Agamben, Walter Benjamin, Bronislaw Geremek, Antonio Candido, entre outros, este simpósio temático propõe reunir pesquisas que investiguem a figura do personagem errante na literatura brasileira moderna e contemporânea, articulando-a a perspectivas teóricas diversas e a diálogos com outras tradições literárias. Pretende-se, assim, promover um espaço de reflexão crítica acerca das formas pelas quais a errância se configura como categoria estética, ética e política, contribuindo para a compreensão de subjetividades em deslocamento no contexto da modernidade e da contemporaneidade. Serão acolhidos trabalhos que abordem, entre outros aspectos: a construção narrativa da errância e suas implicações formais, como a fragmentação do enredo ou a descontinuidade temporal; a relação entre errância, marginalidade e exclusão social; os vínculos entre errância e processos históricos, como urbanização, migração e precarização do trabalho; a representação de sujeitos liminares em diferentes gêneros literários, como romance, conto e dramaturgia; diálogos comparativos entre a literatura brasileira e outras literaturas nacionais ou transnacionais no que concerne à figura do errante; e a interlocução com teorias críticas que problematizam a experiência moderna, como as considerações teóricas sobre flânerie, subalternidade, despossessão e vida precária. Ao propor a errância como eixo de investigação, o simpósio busca não apenas mapear a recorrência dessas figuras na literatura, mas também compreender como elas tensionam modelos narrativos tradicionais e revelam modos alternativos de existência. Interessa, ainda, examinar de que maneira tais personagens, ao habitarem zonas de indeterminação, instauram formas — por vezes frágeis, contraditórias ou ambíguas — de resistência às lógicas normativas que regem a vida social, seja na busca (ou recusa) de identidade, seja na construção de relações com o outro e com o mundo. Desse modo, pretende-se contribuir de maneira significativa para o campo da Literatura Comparada ao evidenciar como a errância, longe de ser um fenômeno isolado ou restrito a um contexto específico, apresenta-se como um traço recorrente em diferentes tradições culturais e literárias. Tal perspectiva permite estabelecer aproximações, contrastes e redes de sentido entre obras, autores e contextos históricos distintos. Espera-se, por fim, fomentar debates que ampliem o entendimento das relações entre literatura, sociedade e formas de subjetivação, destacando o papel dos personagens errantes como operadores críticos privilegiados na leitura do mundo moderno e contemporâneo, bem como na problematização de suas tensões e impasses.

VIDAS (IN) VISÍVEIS: A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM ERRANTE EM AS BATALHAS DO CASTELO, DE DOMINGOS PELLEGRINI

Clarice Calista Dutra

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura crítica do romance As batalhas do castelo, do escritor Domingos Pellegrini, a partir do conceito de personagem errante. A narrativa centraliza-se nos dilemas e luta por sobrevivência de um grupo de sujeitos marginalizados no contexto de uma sociedade violenta e desigual do período medieval. Ao longo da trama, liderados por um Bobo da Corte, que surpreendentemente recebe o título de Duque, vidas consideradas sem valor na sociedade monárquica seguem rumo ao Castelo do Canto, um lugar insalubre e segregado, em condições desfavoráveis para habitação. Com efeito, esse lugar representa alegoricamente uma espécie de limbo, que coloca os referidos indivíduos entre um estado conflitante de negligência pelo regime social dominante e a busca pelo pertencimento e direito de existir. Isto posto, o objetivo geral do estudo é analisar como a representação do personagem errante é construída na obra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa embasada em teóricos como: Agamben (2002), Candido (2011), Deleuze e Guattari (1996), Foucault (2014) e Pellegrini (2013). No romance corpus de estudo, o Castelo do canto simboliza um espaço de exceção, o limbo no qual as vidas nuas e marginalizadas de Bobuque e seus companheiros são segregadas pelo Rei. Com efeito, o movimento de desterritorialização destes personagens não se limita a um deslocamento físico, uma postura errante, mas remonta a um movimento de fuga da reificação que lhes é dada pelas instituições dominadoras da Idade Média. Sob esta ótica, a visibilidade que o romance contemporâneo de Pellegrini concede a estes sujeitos veicula uma crítica à sociedade moderna e suas desigualdades, embora o romance seja ambientado no período medieval.

ERRÂNCIA E INSTABILIDADE DOS SUJEITOS EM SABIUS, OS MOLEQUES, DE GERALD THOMAS

Eduardo da Rocha Marcos

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma leitura da encenação Sabius, Os Moleques, do diretor Gerald Thomas, a partir da noção de errância como condição existencial dos sujeitos. Na peça, após o suicídio do planeta Terra, cinco sábios, provenientes de diferentes épocas, passam a ocupar uma zona de suspensão marcada pelo contínuo deslocamento, pela fragmentação discursiva e pela impossibilidade de estabilização dos sujeitos. A pesquisa busca investigar de que maneira a errância transforma os personagens da peça em sujeitos instáveis, incapazes de consolidar pertencimentos, sentidos ou temporalidades estáveis. Mais do que representar personagens em trânsito, a dramaturgia de Thomas elabora figuras submetidas a uma experiência permanente de desenraizamento, oscilando entre ruína,

repetição e descontinuidade. Nesse contexto, a fala dramática frequentemente rompe nexos lógicos e causais, deslocando continuamente os sentidos e produzindo uma linguagem igualmente errante, fragmentada e descontínua. Tal instabilidade aproxima-se da noção derridiana de différance, entendida como adiamento contínuo da significação, e dialoga com uma tradição dramatúrgica marcada pela fragmentação existencial do sujeito, particularmente presente em Samuel Beckett. A análise pretende demonstrar que, em Sabius, Os Moleques, a errância não se limita ao deslocamento físico ou social, mas constitui o próprio modo de existência dos sujeitos, configurando uma dramaturgia da instabilidade e da suspensão.

ANDANÇAS PICARESCAS E QUIXOTESCAS: O ROMANCE NEOPICARESCO COMO PROJETO ESTÉTICO E POLÍTICO DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA

Hudson Oliveira Fontes Aragão

Resumo: O objetivo desta comunicação será apresentar os conceitos de romance neopicaresco e de quixotismo, tal como postulado por Mario M. González (1994), a fim de perceber a relação entre a formulação do pícaro na literatura brasileira e a urgência da(s) utopia(s) latino-americana(s). O percurso a ser realizado diz respeito à consideração sobre o "modelo" intertextual de romance picaresco, tal como proposto por M. González (1994), com a consideração de que o pícaro é uma espécie de personagem trapaceiro, andarilho, em situação de marginalidade social; por outro lado, o Dom Quixote (Saavedra, 2007; 2008) engendra a utopia, ou seja, o desejo de um porvir melhor para a América Latina, dentro do quadro dos romances brasileiros que recuperam a estética do Siglo de Oro. Partiremos da ideia de que a América Latina é um projeto político e social, tal como previsto por autores como Antonio Candido (2017), Darcy Ribeiro (2010) e Eduardo Galeano (2025), assim como perceberemos a construção do neopícaro brasileiro a partir da série histórica proposta por M. González (1994): a série se inicia com Memórias de um sargento de milícias (2005), prossegue com Macunaíma (2012), o que fará emergir a discussão do "malandro" como identidade ou "entidade" nacional, via Candido (2004) e L. Perrone-Moisés (2007), até chegarmos às considerações sobre os romances "contemporâneos" da literatura brasileira, a saber, foram relacionados oito romances neopicarescos brasileiros (González, 1994). Da discussão, espera-se perceber como a literatura brasileira marcou a diferença com a estética europeia (Schwarz, 2002) e perceberemos como o pícaro mesclou-se ao Dom Quixote e consolidou – no Brasil – a formação estética dos romances neopicarescos, cujas marcas centrais são a denúncia social das condições de vida das

classes populares e marginalizadas, além de postular, como projeto político e ideológico, a utopia de um porvir melhor para os brasileiros/latino-americanos.

ENTRE A CASA E A RUA: PENSANDO AS ERRÂNCIAS EM LYGIA FAGUNDES TELLES

Jamilly Bianca de Sá dos Santos

Resumo: Partindo de Um Teto Todo Seu, de Woolf, esta comunicação propõe refletir sobre as relações entre mobilidade, espaço e subjetividade feminina na literatura. No ensaio, a narradora aborda o tema "mulher e ficção" a partir de um movimento de deslocamento. Enquanto caminha, observa a cidade, estabelece associações e reflexões sobre as condições necessárias para a produção literária escrita por mulheres. A conhecida formulação de que uma mulher precisa de "um teto todo seu" e de uma renda fixa não surge como resultado de um raciocínio abstrato, mas como efeito desse pensar em movimento. A centralidade dessa figura da mulher produz pensamento a partir de sua circulação pelo espaço urbano tem orientado minha pesquisa sobre os romances de Lygia Fagundes Telles. Um ponto de partida importante para essa investigação é a tese de Martins que, ao analisar os romances de Telles, chama atenção para a recorrência do espaço doméstico. Martins aproxima essa questão dos estudos de Dalcastagnè, que identificam, nos romances brasileiros contemporâneos, uma predominância de personagens femininas vinculadas ao espaço doméstico. Mesmo quando deixam a casa, essas personagens aparecem como "mulheres em trânsito": deslocam-se pela cidade, mas raramente estabelecem com ela uma relação de pertencimento. O espaço público surge como lugar de passagem e estranhamento. É justamente a tensão entre movimento e imobilidade que interessa a esta comunicação. Ao colocar em diálogo a figura da caminhante de Woolf com as protagonistas de Telles, pretendo investigar de que modo a experiência feminina do espaço é representada nesses romances. Interessa-me compreender em que medida essas personagens podem ser aproximadas da figura da flâneuse, concebida aqui como uma forma específica de errância feminina. Seus deslocamentos revelam uma oscilação entre o desejo de circulação e as forças de confinamento que as reconduzem ao espaço doméstico.

FRATURAS TRANSOCEÂNICAS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E INTERTEXTUAL DA(S) INFÂNCIA(S) EM OS MISERÁVEIS (1862), VIDAS SECAS (1938) E O BEIJO NA PAREDE (2013)

Marco Antônio Nunes Júnior

Resumo: Escritores de diversas épocas e localidades representam, em suas obras, as questões que os permeiam, sendo este o caso de autores como Victor Hugo, Graciliano Ramos e Jeferson Tenório. Separados temporal e geograficamente, os autores que compõem o corpus da presente comunicação tematizaram as mazelas sociais dos séculos XIX, XX e XXI, enfatizando os preconceitos e os valores desses períodos. Tomemos a infância representada nos romances Os miseráveis, Vidas secas, e O beijo na parede. Ao ganharem destaque nas obras, seja como narrador de sua própria história – como acontece no romance em primeira pessoa de Tenório, seja tendo sua história contada por um narrador em terceira pessoa – como nos romances de Hugo e Ramos, as personagens crianças ou as suas respectivas infâncias, chamam a atenção principalmente por serem representadas em contextos marginalizados e de vulnerabilidade sob a fome, a pobreza ou o preconceito racial. Nesse sentido, nossa hipótese é de que, pelo viés da literatura comparada e buscando pensar um diálogo intertextual, poderemos estabelecer pontos de aproximação ou distanciamento entre as diferentes representações de infância na literatura, possibilitando, dessa forma, uma reavaliação do lugar da criança na sociedade e quais lugares ela ocupou e ocupa. Para tanto, a partir da perspectiva intertextual Samoyault (2008), nos apoiaremos em teóricos como Antonio Candido (2014) e Forster (1974), para pensarmos a construção das personagens, além de historiadores como Philippe Ariés (2022) e Mary Del Priore (2024) para pensar o espaço limiar que a infância ocupa na sociedade. Ao analisar a(s) infância(s) e sua(s) representação(ões) na literatura, em três contextos e épocas distintos buscaremos, avultar o impacto da literatura no imaginário social que pode tecer uma consciência crítica no leitor(a) quanto aos indivíduos persistentemente marginalizados ao deslocá-lo(a) para um lugar em que ele(a) poderia não experienciar senão por meio da literatura.

"AVE SEM ASAS OU ROTAS": A ERRÂNCIA MIGRANTE NA POESIA DE RODRIGO LOBO DAMASCENO

Marinna Silva Santos

Resumo: Esta comunicação propõe analisar Casa do Norte (2020), de Rodrigo Lobo Damasceno, a partir da figura do personagem errante. Organizado em três partes, o livro desenha uma cartografia poética do deslocamento entre o Nordeste e São Paulo, dando voz a um sujeito migrante que se reconhece "sem bandeiras ou brasões". Investiga-se como a errância, na obra, não se reduz ao trânsito geográfico e se firma como experiência subjetiva e histórica, ligada ao êxodo nordestino, mantendo o sujeito numa zona indefinida, longe da integração plena e do desligamento total. A precarização do trabalho atravessa o conjunto, dos familiares que se esgotam em fábricas e feiras aos motoboys, garçons e desempregados da

capital, ameaçados de terminar a vida pobres e exaustos. A própria Casa do Norte, nome dos bares e empórios de produtos nordestinos frequentados por migrantes na metrópole, funciona como ponto de travessia entre o Norte deixado para trás e o Sul que não o recepciona. Com a leitura da malandragem de Antonio Candido (1970), em que o malandro circula entre a ordem e a desordem, e a noção de limbo de Giorgio Agamben (2013), figura que não alcança salvação nem condenação, pretende-se mostrar que o sujeito lírico errante de Lobo Damasceno funciona como uma instância crítica, pois, ao recusar emblemas e filiações fixas sem abrir mão da fidelidade à terra de onde veio, abala as ideias de origem estável e de destino adequado. A dispersão formal dos poemas, que passam por sambas, modinhas e cantigas e por referências brasileiras e latino-americanas, replica, no plano da estrutura, a errância que tematizam. A obra, portanto, elabora esteticamente formas de habitação e resistência em um território que, ao mesmo tempo que incorpora o sujeito migrante à dinâmica urbana, nega-lhe qualquer acolhimento.

FUGAS PROVISÓRIAS. TRÂNSITOS SOCIAIS NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E LUIZ RUFFATO

Raphael Luiz de Araújo

Resumo: A urbanização e o êxodo rural da segunda metade do século XX são temas centrais da literatura brasileira contemporânea (Dalcastagné, 2026, p. 22). De Quarto de despejo (1960) e A hora da estrela (1977) a Ponciá Vicêncio (2003) e Inferno provisório (2005-2011), multiplicam-se narrativas sobre os efeitos do desenvolvimento desigual do país e da industrialização tardia na vida de indivíduos que projetam na cidade grande a promessa de ascensão social. Entre os autores que enfrentaram esse problema sem sucumbir ao exotismo ou ao paternalismo, destacam-se Conceição Evaristo (1946-) e Luiz Ruffato (1959-). A memória surge para eles como espaço comum e matéria de criação, ainda que as distâncias geográficas, sociais e temporais de hoje os separem de suas origens. Assim, após deixar seu povoado, Ponciá preserva, por meio de pensamentos-lembranças, os vínculos com a família e a ancestralidade; já Sandra e Luís Augusto, de Inferno provisório, empenham-se em superar a pobreza de Cataguases, mas permanecem presos às marcas do passado. De forma análoga, Evaristo e Ruffato situam-se entre posições internas e externas ao campo literário e buscam "recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo" (Evaristo, 2009). Desse modo, esta apresentação aborda os efeitos formais que as vozes cindidas desses seres errantes têm sobre o gênero romance. Também serão discutidos os alcances e limites de conceitos de Bourdieu, como "habitus", "reprodução social", "distinção" e "trânsfuga de classe", em diálogo com a noção de transclasse proposta por Chantal Jaquet em Les transclasses ou la

non-reproduction (2014). Como afirma a autora, "a não-reprodução nunca é uma simples aventura individual: é uma expulsão ou uma propulsão pelo meio". Seria a escrita, então, uma forma de encenar essa condição ambivalente e preservar o laço comum?

PERSONAGENS ERRANTES NA DRAMATURGIA BRASILEIRA

Sabrina de Oliveira Moura

Resumo: Doreen Massey (2026) compreende o espaço como uma dimensão da coexistência com o outro. Trata-se de uma elaboração que, menos do que áreas demarcadas, concebe o espaço como uma superfície de encontro entre pessoas e histórias, onde se articulam estruturas sociais. Pensar em confluências de sujeitos implica, nesse sentido, considerar a errância como uma forma de existência, marcada pelo deslocamento desses corpos, suas permanências e trânsitos. Ao refletir sobre a literatura contemporânea, Maria Zilda Ferreira Cury (2021) afirma que o "imaginário da mobilidade" é uma tendência, principalmente em cenários urbanos, apresentando figuras marginalizadas. Tais produções vinculam os deslocamentos a uma busca pessoal, colocando em "circulação memórias individuais e coletivas, 'espaços de linguagem', para onde convergem a infância, a busca das origens e do espaço identitário, o mundo dos afetos" (p. 117). A movência espacial assume uma dimensão coletiva, simbólica e estrutural. Assim, esta comunicação detém-se em três dramaturgias brasileiras que, entre outros textos, integram a tese da autora, em fase inicial, refletindo sobre como o deslocamento das personagens opera como vetor de suas histórias e como forma dramatúrgica: Morte e Vida Severina (1955), João Cabral de Melo Neto, apresenta a trajetória do retirante Severino; em Maria Peregrina (1999), Luís Alberto de Abreu, a personagem Mulher, desmemoriada, erra pelas estradas em busca de seu passado perdido; e Buraquinhos ou O vento é inimigo do picumã (2018), Jhonny Salaberg, narra a tentativa de um menino negro de escapar da violência policial. O arco temporal é proposital. Os textos, em comum, apresentam transeuntes à margem, em situação de violência e precariedade (Cury, 2013), migrando, perambulando ou fugindo. Estruturalmente, o enredo se desenvolve à medida que essas figuras se movimentam e se relacionam, em trajetórias fragmentadas. Seus deslocamentos operam como gestos de resistência, fissurando narrativas oficiais e instaurando outros modos de contar a história.

ERRÂNCIA E DISSOLUÇÃO DA EXPERIÊNCIA EM NARRATIVAS DE JOÃO GILBERTO NOLL

Sandro Roberto Maio

Resumo: Na obra de João Gilberto Noll, o personagem errante toma a radicalização da crise da experiência moderna para si. Em diálogo com as reflexões de Walter Benjamin, Noll constrói sujeitos destituídos de pertencimento, memória estável e continuidade narrativa, marcados pelo "divórcio da experiência" e pela impossibilidade de converter o vivido em saber compartilhável. Seus personagens atravessam espaços transitórios e desertificados, movendo-se numa temporalidade suspensa, em que "tudo está em fluxo", mas nada efetivamente muda. Assim, a literatura deixa de restaurar sentidos e passa a operar como processo de dissolução: fragmenta identidades, desmonta progressões causais e expõe restos de experiência em cenários sem historicidade. O errante em diferentes narrativas do autor vive uma espécie de exílio permanente. Sem passado capaz de oferecer reconhecimento, ele surge como sujeito anônimo, inadaptado e incompleto, cuja trajetória não conduz à transcendência nem à formação. A banalidade dos acontecimentos, a ausência de rastros e a repetição automática do cotidiano revelam a crise da narrabilidade contemporânea. Nesse universo, a alteridade rarefaz-se, e a experiência assume a forma de vertigem, choque e vazio. A escrita acompanha esse movimento por meio de lapsos, silêncios e descontinuidades, instaurando uma linguagem inoperante, desvinculada da função comunicativa tradicional. Aproximando-se da figura do "qualquer" e dos seres liminares do limbo, os personagens de Noll existem como pura potência: seres sem essência fixa, suspensos entre o ser e o não ser. Dessa forma, sua literatura transforma a errância em expressão extrema da precariedade contemporânea e da impossibilidade de retorno a qualquer origem estável.

REPRESENTAÇÕES DO PÍCARO ESPANHOL EM DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA, DE PLÍNIO MARCOS

Sergio Manoel Rodrigues

Resumo: Na obra Os filhos de Caim (1995), Bronislaw Geremek estuda a inserção do excluído social na literatura europeia, enfocando a prosa popular da Espanha entre os séculos XVI e XVII, na qual são observadas as particularidades do personagem marginal ou marginalizado. Tratado como pícaro por Geremek, alguns caracteres desse ser ficcional são retomados no célebre ensaio Dialética da malandragem, incluído em O discurso e a cidade (2015), de Antonio Candido, que abrange a trajetória do anti-herói na literatura brasileira. A partir desse embasamento teórico, tendo como base a pesquisa bibliográfica e o método indutivo, esta comunicação possui como objetivo apresentar os personagens Tonho e Paco, da peça teatral Dois perdidos numa noite suja (1966), do dramaturgo Plínio Marcos, estabelecendo uma leitura comparativista entre eles e a figura do pícaro espanhol. Desse modo, propõe-se a abordagem das

principais características desses seres fictícios plinianos e a análise das relações estabelecidas entre eles. Além disso, pretende-se compreender de que maneira a construção dramatúrgica de Plínio Marcos evidencia sujeitos compreendidos como representantes de uma marginalidade moderna, uma vez que transitam à margem das estruturas sociais e morais dominantes e estão marcados pela precariedade material, pela ausência de perspectivas e pela constante luta pela sobrevivência em um espaço urbano hostil.

ENTRE O PERTENCIMENTO E O ABANDONO: ERRÂNCIA E LIMINARIDADE DA PERSONAGEM MARIA NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Thalisson Pereira dos Santos

Resumo: A literatura negra contemporânea brasileira tem ampliado os debates acerca das múltiplas formas de exclusão, precarização e não pertencimento que atravessam a população negra no contexto urbano contemporâneo. Nesse cenário, o conto "Maria", presente em Olhos d'Água (2014), de Conceição Evaristo, apresenta uma protagonista marcada por deslocamentos contínuos, instabilidade social e vulnerabilidade cotidiana, configurando-se como uma figura errante atravessada pela violência estrutural e pela precariedade da vida negra feminina. A errância da personagem não se manifesta apenas enquanto deslocamento físico pela cidade, mas sobretudo como condição existencial e social marcada pela ausência de estabilidade, reconhecimento e pertencimento pleno. Assim, este trabalho objetiva investigar como a errância da personagem Maria tensiona as noções de identidade, pertencimento e estabilidade social no contexto urbano contemporâneo. Paralelamente, busca-se compreender como a protagonista ocupa um espaço liminar entre pertencimento e exclusão social ao longo da narrativa, vivendo em constante estado de suspensão social e simbólica. A pesquisa possui abordagem qualitativa, bibliográfica e interpretativa, fundamentando-se em discussões teóricas relacionadas à precarização da vida, marginalidade, liminaridade e exclusão social, dialogando com autores como Achille Mbembe (2006), Judith Butler (2003) e Leda Maria Martins (2021). Os resultados apontam que Maria configura-se como sujeito atravessado pela impossibilidade de inserção plena na ordem social, evidenciando como a cidade contemporânea produz corpos negros permanentemente deslocados, invisibilizados e vulnerabilizados. Conclui-se, portanto, que o conto transforma a errância em categoria estética e política capaz de denunciar permanências coloniais e tensionar modelos tradicionais de pertencimento, estabilidade e reconhecimento social na literatura brasileira contemporânea.

ERRO E ERRÂNCIA EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

Tomás Brena Sertã

Resumo: Um dos mais conhecidos romances de Clarice Lispector, A paixão segundo G.H. é a narrativa, em primeira pessoa, daquilo que a personagem caracteriza como a perda de sua "montagem humana". Esse acontecimento, vivido como uma "desorganização profunda", consiste no abalo profundo de sua forma de vida. Ao procurar relatá-lo, G.H. descreve seu novo estado como uma errância inquietante: trata-se de não mais "pertencer a um sistema", da imperiosa necessidade de "ir apenas indo", de uma condição de estrangeira em sua própria casa. Sem jamais deixar seu apartamento, a personagem experimenta a perda das referências de seu mundo – das partições ontológicas e políticas que o organizavam. Essa errância existencial exigirá uma forma particular de escrita: a narrativa se dá de modo fragmentário e conduz ao que chama de "fracasso" da sua linguagem. Tal situação de instabilidade, porém, não implica, no romance, em uma condição meramente paralisante, mas é vivida como um promissor estado de abertura ao advento de algo novo, outro. O objetivo desta comunicação será refletir acerca de alguns sentidos da errância neste romance de Clarice Lispector, no qual essa condição é articulada à questão do erro, e é entendida como a ocasião de liberar possibilidades inauditas em um mundo fechado à alteridade.

CHICÓ E A ERRÂNCIA SERTANEJA EM ALDEOTA, DE JÁDER DE CARVALHO

Wescley Santos da Costa

Resumo: O romance Aldeota (1963), de Jáder de Carvalho, importante nome da literatura cearense ainda pouco explorado pela crítica acadêmica, apresenta personagens cujas trajetórias são marcadas pelo deslocamento, pela precariedade e pela instabilidade social no sertão nordestino da primeira metade do século XX. Este trabalho propõe analisar a trajetória de Chicó a partir da categoria da errância, compreendida não apenas como mobilidade espacial, mas como uma condição histórica e existencial associada à ausência de pertencimento estável. Desde a infância, o personagem acompanha o comboio de Zé Vicente por diferentes localidades do interior cearense, como São Mateus, Saboeiro, Iguatu e Assaré, vivenciando experiências de trabalho precoce e sucessivos deslocamentos. Mais do que simples trânsito geográfico, esse percurso revela uma existência marcada pela transitoriedade e pela adaptação constante às adversidades do sertão. A análise fundamenta-se nas reflexões de Stuart Hall sobre a identidade como construção histórica e cultural, de Raymond Williams acerca das relações entre espaço e experiência social, bem como nos estudos de Euclides da Cunha, Djacir Menezes e Ivone Cordeiro Barbosa sobre a

formação sociocultural do Nordeste. Metodologicamente, realiza-se uma leitura interpretativa de trechos selecionados do romance, observando-se as relações entre deslocamento, trabalho e constituição subjetiva. Como resultado, verifica-se que Chicó ultrapassa a condição de personagem individual para representar, no plano literário, a experiência histórica de sujeitos sertanejos submetidos à mobilidade forçada e à precariedade social. Conclui-se que sua trajetória configura uma forma de errância sertaneja que simboliza a condição dos retirantes nordestinos e evidencia modos de existência marcados pela instabilidade, pelo não pertencimento e pela permanente busca de inserção social.

ST: POESIA E FABRICAÇÃO DE FORMAS-DE-VIDA

Coordenação: Paula Glenadel Leal, Celia de Moraes Rego Pedrosa e Maria José Cardoso Lemos - Masé Lemos

Resumo: Desde há muito, a discussão das relações entre poesia e filosofia como meios de conhecimento do mundo vem se revelando intrigante e apresenta, por isso, grande interesse para os estudos de literatura comparada. Questionando a tradicional separação entre as duas, que reserva exclusivamente à segunda o caminho cognitivo, em busca de outros movimentos, mais porosos, para tratar da relação entre poesia e filosofia, a principal questão que gostaríamos de abordar, dentro desse contexto, consiste no enfrentamento da vida pensável. Essa cognoscibilidade pode ser concebida, remetendo-nos a "sua natureza de relação fenomenológica, isto é, ao particularíssimo nexo, e quase harmonia, entre uma coisa e seu aparecer, entre um ente e seu dar-se a conhecer" (Agamben, 2018, p. 4), como um gesto que reúne o mundo e sua figuração, em uma espécie de fabricação mútua. Tocamos aqui, novamente, a raiz da poiesis como movimento produtor daquilo que, neste caso, queremos pensar como formas-de-vida, "uma vida – a vida humana – na qual cada um dos modos, dos atos e dos processos do viver nunca são simplesmente fatos, mas sempre e sobretudo são possibilidades de vida, sempre e sobretudo potência" (Agamben, 2017, p. 233). Para além do humano, contudo, haveria também nessas formas-de-vida, abertas sempre a novos usos, uma tensão constituinte com modelos de subjetivação que vedam a possibilidade de considerar a coexistência de sujeitos humanos e não humanos, em nós e no mundo. Atravessando diferentes linhagens da poesia contemporânea, essa perspectiva se manifesta na consideração poética das animalidades e vegetalidades – um trabalho renovado sobre o partido das coisas pelo viés do que se poderia considerar como naturezas-mortas contemporâneas (ressaltando a noção de vida em termos que designam o gênero, como o inglês still life ou o alemão Stilleben, vida estática). Outro exemplo de forma-de-vida poética é fornecido pelas saxífragas (Marie-José Mondzain), cuja vitalidade política, desafiadora dos territórios improváveis para seu surgimento, figura a quebra de discursos totalizantes, identificados como a pedra em

que é gravada a lei. Nessas produções, encontramos também uma meditação sobre algo de um real enigmático que tentamos capturar em um dito que o abranja, para tentar pensar na linguagem o que significa estar vivo, ainda que esta seja, paradoxalmente, uma tarefa da ordem do "impossível" (Georges Bataille). Há nessa tarefa, em uma circulação incessante, a passagem do informe à forma e vice-versa, assim formulada por Jean-Marie Gleize (2025, p. 11) em relação ao desafio de expressão do real na poesia: "O que se passa é sem nome". Ele prossegue: "Escrever, nesse sentido, talvez não pertença à literatura. Ou seria aquilo que, na literatura, não pertence à literatura. Ou aquilo que, na poesia, 'não tem nada a ver com a poesia'" (Gleize, 2025, p. 17). Assim, aprendemos com essa poesia que, "[s]e a democracia tem algum sentido é por possibilitar a partilha resistente de dinamismos singulares que oferecem a todos a mesma possibilidade de viver e de ser reconhecido em sua capacidade de construir futuro. E isso em qualquer que seja o domínio onde se exerce sua própria existência. É isso que significa pertencer a uma cultura e não, como nos fazem crer, o consumo barato e institucionalizado de obras-primas" (Mondzain, 2026, p. 176). Também uma pedagogia do aberto envolvendo a literatura, a poesia incluída, se depreende dessa questão. No caso da aula sobre literatura, "mais do que transmitir informação, o que se faz é criar novas combinações e interlocuções, indicando a existência de diferentes maneiras de pensar, que são também diferentes formas de estar no mundo" (Natali, 2024, p. 3). Essas combinações entreabrem a possibilidade de surgimento de novas formas-de-vida suscitadas pela leitura da poesia que responderiam, cada uma a sua maneira, às perguntas postas pelo poema com respostas que são novas perguntas. Nesse processo, em que são testados os vínculos entre a leitura de uma obra e a vida social, "[n]ão se trata [...] de assegurar a coerência entre pensamento e vida, mas de pensar as formas de contaminação recíproca entre essas esferas, em relação que inclui dissonâncias e convergências" (Natali, 2024, p. 9), mantendo a abertura que impede que cada forma-de-vida se converta em nova imobilidade.

TRÂNSITO, TRANSMISSÃO E TRANSGRESSÃO NA POÉTICA DE JOSELY VIANNA BAPTISTA

Aline Leal Fernandes Barbosa

Resumo: Com uma atuação bastante intensa no campo da tradução, a também poeta paranaense Josely Vianna Baptista publica, em Roça Barroca (2012), traduções para o português de cantos da cultura Mbya-Guarani, provenientes majoritariamente de comunidades do Paraguai. O livro se desdobra, em uma segunda parte, em poemas da própria autora/tradutora em diálogo com os cantos traduzidos e com elementos do passado colonial. Alguns desses poemas voltam a aparecer, em parte, no videopoema Nada

está fora do lugar (2017), no qual são exploradas sobreposições de sons, línguas e imagens para tratar das migrações guarani em busca da "terra sem mal", paraíso mítico dos guarani. A presente comunicação pretende explorar o caráter transversal e de trânsito — transnacional, translinguístico, transcultural — da poética de Vianna Baptista, investigando um modo de fazer situado entre línguas, culturas, temporalidades e formas de inscrição. Para tanto, além do videopoema, se debruça sobre poemas guiados pelo sentido de trânsito, deslocamento e migração, como "moradas nômades" e "guirá ñandu". O prefixo trans aparece, nesse contexto, ligado também à noção de transmissão, promovida tanto pela tradução das textualidades guaranis quanto pela sua ressonância nos poemas autorais. Transmissão entendida não somente como passagem de guarda de materiais, documentos e sentidos em uma perspectiva linear e sucessiva, mas como gesto simultâneo de contato, criação e destruição. Além disso, a dissolução que essa poética propõe, como observa Celia Pedrosa, de dicotomias entre mítico e histórico, primitivo e civilizado, próprio e estrangeiro, além da articulação entre poesia e antropologia, permite pensar a transgressão - isto é, a diluição provisória de fronteiras - como vetor primordial do fazer poético.

ENTRE CARCAÇA E PROMESSA: O FUTURO DA/NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Celia de Moraes Rego Pedrosa

Resumo: PROPOSTA DE COMUNICACAÇÃO ABRALIC 2026 Entre carcaça e promessa: o futuro da/na poesia brasileira contemporânea Este trabalho tem como proposta a avaliação do modo de presença em alguma poesia brasileira contemporânea da imagem da carcaça. Nosso ponto de partida será a focalização do duplo valor dessa imagem em sua relação com as ideias de vida e morte, tal como colocada na poética baudelaireana e discutida em sua recepção crítica. E se desdobrará, em princípio, na focalização dessa imagem na poesia de Rodrigo Lobo Damasceno, Edimilson Almeida Pereira, Édipo Ferreira, Josoaldo Lima Rego e Regina Vieira. Levaremos em conta em nossa abordagem que a poesia baudelaireana performa, principalmente através do olhar, uma dupla relação com a experiência da cidade moderna. Por um lado, porque esse olhar, fático, configurado sinestesicamente, relaciona sensibilidade e reflexão, sobre a vida e sobre a própria poesia como forma-de-vida, situando a ambas ao rés do real. Por outro lado, porque, voltado para o rés-do-chão, para a lama que ao mesmo tempo obscurece e ilumina sua visão do presente, e motiva sua memória, ele sempre se coloca, endereçado, como interrogação, provocação, a um leitor-escritor-cidadão que ainda está por chegar. É nesse sentido que propomos que a poesia contemporânea que recolhe da memória e do presente a imagem da carcaça pode funcionar como signo

de perda e de promessa, que trama e é tramado por uma subjetividade vulnerabilizada, e fabrica um modo de historicidade feita mesmo de restos a partir dos quais podem ser vislumbrados futuros menores e precários.

PENSAR O PENSAMENTO DA POESIA COM ADÍLIA LOPES

Clarisse Lyra Simões

Resumo: No prefácio à edição brasileira de Um jogo bastante perigoso, primeiro livro da poeta portuguesa Adília Lopes, Adelaide Ivánova faz a seguinte anotação: "Estudou Física […]. Abandonou a faculdade por conselho médico, devido a uma psicose esquizo-afectiva, episódio provavelmente gerado pelas questões filosóficas dentro do estudo da Física." (Ivánova, 2018, p. 14). A informação biográfica sobre a desistência do curso é bastante conhecida, tendo sido referida pela própria Adília em muitas ocasiões. O que chama a atenção no trecho é a inferência sobre o motivo para o quadro clínico, o impacto psíquico das "questões filosóficas". Em crônica publicada no jornal Público em 2001, Lopes afirmava: "Eu, apesar de ter tido 20 a Matemática no primeiro exame do Ano Propedêutico, achava que era atrasada mental". Neste trabalho, gostaríamos de alinhavar esses dados (vendo alguns momentos em que eles se refletem em seus poemas) com a seção final de seu penúltimo livro, Pardais (2022), intitulada "Desenhos feitos com a mão esquerda", na qual um novelo, uma linha emaranhada, é seguido, dia após dia (as inscrições são datadas), pela frase: "Penso, logo existo". Passando por uma discussão sobre a possível distinção singular entre filosofia e pensamento (Derrida, 1999; Bernardo, 2009), bem como pelo personagem conceitual de Deleuze, o Idiota, aquele que diz "Eu penso" (Deleuze; Guattari, 2010, p. 76; Vinci, 2017), e concentrando-nos na leitura do poema "Os botões" (Lopes, 2014, p. 143-144), no qual se tece uma meditação humorada sobre a existência do acaso, intentamos colocar a hipótese de que a obra de Adília Lopes, como fabricação de um modo de vida, configura uma prática de escrita que lhe permitiu pensar pela poesia aquilo que não lhe foi possível pensar pela filosofia.

UM ESTUDO DA ZOOPOÉTICA EM MUNDO, DE ANA LUÍSA AMARAL

Cláudia Mentz Martins

Resumo: Ana Luísa Amaral é uma das vozes mais significativas da poesia portuguesa contemporânea. Pouco antes de seu falecimento, publicou, em 2021, a obra Mundo. Chama nossa atenção, nesse livro, o fato de iniciar com uma série de poemas voltados a diferentes animais: formiga, centopeia, pega, peixe, aranha, abelha, pavão e pássaros; possuindo cada um deles um poema dedicado a si, em uma seção

denominada "Quase em écloga, gentes". Ao longo da análise dos poemas, procuraremos refletir como a poeta, por meio de sua voz lírica, constituiu um bestiário particular e afetivo, e busca se aproximar das mundividências do mundo animal. Para isso, teremos como foco algumas das considerações de Maciel (2011) sobre a importância de haver um compromisso ético por parte dos autores ao poetizar o animal de modo que esse não seja "mero construto, [...] uma coisa a ser manipulada para atender a propósitos exclusivamente estéticos" (p. 94-95); bem como a necessidade de compreender a 'outridade' que os animais representam para o pensamento humano (Maciel, 2012, p.200). Por estarmos no espaço do poético e ele ser o caminho pelo qual conseguimos acessar o mundo incógnito da animalidade, é importante trazer à discussão as ponderações de Bataille (1993) sobre o tema. Da inquietação - ou atordoamento, segundo Agamben (2017) – ocasionada pela proximidade entre a condição humana e a do animal, também as reflexões desse filósofo italiano estarão em pauta. Assim como as de Foucault (2002) por realizar uma discussão inerente à modernidade sobre a capacidade da linguagem de nomear as coisas e os seres viventes do mundo.

ECOLOGIA DO VERSO NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Gabriel Martins da Silva

Resumo: Este comunicação investiga certa presença ecológica na poesia brasileira contemporânea, tomando, como ponto de partida, poemas dos livros O gosto amargo dos metais (2022) e Quimera (2025), de Prisca Agustoni, bem como Dança para cavalos (2022) e Fazer círculos com mãos de ave (2025), de Ana Estaregui. Se, por um lado, a crise climática emerge como referente explícito, ligado às catástrofes ambientais e à experiência do colapso, por outro, esses poemas também podem deslocar o foco para as relações ecológicas que persistem e proliferam nas ruínas do capitalismo. Mais do que representar um "fim do mundo", tais obras procuram os emaranhados entre humanos e não-humanos, as conexões simbióticas e os modos de coexistência. Trata-se, portanto, de compreender o poema não apenas como representação, mas como uma forma de vida capaz de produzir relações, vínculos e modos de atenção ao mundo. Partindo da hipótese de que a ecologia atravessa não apenas os temas, como mencionado, mas a própria forma do poema, a comunicação propõe pensar o verso como espaço de relações, aproximações e coexistências, solicitando uma leitura também ecológica. Nesse sentido, busca-se construir um vocabulário crítico que leve em conta as frases como ecossistemas de ligações, compreendendo quais vínculos são criados, com atenção às categorias sintáticas, uma maneira de perceber como determinadas formas de vida se articulam e se tensionam no interior do poema. Assim, a "ecologia do verso" designa uma prática de

linguagem capaz de qualificar relações e imaginar modos de partilha entre os viventes. Portanto, o poema e a crítica aparecem como formas de escuta e elaboração de um mundo comum (mesmo que na linguagem), no qual os não-humanos permanecem presentes como interlocutores que atravessam a experiência, a percepção, o verso e a própria voz poética.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA INFAME DA TRAGÉDIA EM MONODRAMA DE CARLITO AZEVEDO

Gabriel Mattos Gonzalez

Resumo: O livro Monodrama (2009), e, em menor medida, O livro das Postagens (2016), de Carlito Azevedo foram recebidos, em grande parte, por seus aspectos trágicos. Segundo o próprio autor, o primeiro deles, por exemplo, comporia um inventário das catástrofes pessoais e coletivas de uma época. Críticos analisaram a presença dessa 'tragédia' a partir de perspectivas diversas: a referência e descrição do corpo dilacerado de Pasolini como uma forma de resistência (Sterzi); da melancolia e do desencanto com um mundo em ruínas, comparados ao de Drummond (Silveira); da perda de ideia de mundo (Lima); dentre outros. Entretanto, creio, a dramaticidade da poética daquele livro refaz algo que a própria tragédia, por mais alto que já a tenham posta em conta, não consegue de todo circundar, certo aspecto burlesco. Em primeiro lugar, podemos pensar na figuração dessa "espécie de alter-ego do poeta" (Silveira), o Anjo Boxeador. Tomam-no como uma figura limiar, entre o profano e o sagrado, entre o terreno e o celeste, mas apenas porque recorrem a estruturas míticas do anjo que lutou com Jacó, por exemplo. No entanto, ela também comporta a de um anjo, em suas túnicas brancas, com uma luva de boxe vermelha e um protetor bucal percorrendo aeroportos e ruas, as coisas mudam de figura. Não pretendo, com esta comunicação, ridicularizar o espetáculo da páginas de Monodrama, mas lembrar que ao lado da morte de Pasolini é colocada a de Chaplin, o palhaço triste, com suas maneiras e desmaneiras. Em resumo, pretendo apontar a existência do fantasma "dessas pessoas que fazem pirueta no ar", e que se escondem em elementos pontuais do livro do poeta carioca como "uma vida infame" da tragédia. Parafraseando Apollinaire, diante de um mundo em escombros, pouco a pouco, os saltimbancos, antes habituais das ruas, estão sumindo. Basta nos perguntar: será?

A NECROMANCIA DE HAROLDO DE CAMPOS: POESIA, PERVIVÊNCIA E HISTÓRIAS DE FANTASMAS

Guilherme Conde Moura Pereira

Resumo: Jacques Derrida (1993) condiciona os modos "d'être-avec" a um ser-estar-com os espectros, como se toda relação fosse, de saída, uma relação com os fantasmas. Mas, mais do que isso, a espectralidade aí configura-se como uma condição de possibilidade do próprio ser. No que tange à poesia, afunilamos a proposta do filósofo francês para pensar que todo texto é-está com os fantasmas que habitam as ruínas da história. Em uma combinação do pensamento de Derrida com aforismos críticos de Carl Einstein (2019) e Aby Warburg (2015), é possível concluir que a história da literatura é a luta incessante dos fantasmas das experiências discursivas, enunciativas e textuais. Essa pervivência das formas de vida da literatura (Campos, 1969), no entanto, não se restringe apenas ao discurso historiográfico, manifestando-se também na própria criação poética. Diante desse feixe teórico, a comunicação propõe uma análise do livro "Signantia quase coelum = Signância quase céu" (1979), de Haroldo de Campos. Trata-se de uma longa série de poemas simultaneamente cosmogônica e de viagem, em que a tríplice dantesca é invertida, ou seja, passa-se do paraíso ao purgatório para, enfim, chegar ao inferno. A última parte do poema intitula-se, auspiciosamente, "Esboços para uma nékuia". Na Grécia Antiga, "nékuia" era um ritual de necromancia, retratado no Canto XI da Odisseia, quando Ulisses desce ao reino dos mortos para se consultar com Tirésias. No ritual de Haroldo de Campos pulsa o fantasma do poeta simbolista baiano Pedro Kilkerry, de modo que convém realizar uma leitura conjunta com o estudo assombrológico de Augusto de Campos (1985) sobre o poeta, "ReVisão de Kilkerry", de 1968. A literatura como forma de necromancia é um modo de indagar constantemente seus próprios fantasmas em sua luta constante na história.

A VIDA DO POEMA: EXPANSÕES SIMBIOGENÉTICAS E ENDEREÇAMENTO

Helena Nazareno Maia

Resumo: Na teoria da simbiogênese desenvolvida por Lynn Margulis (1991), a relação entre espécies distintas é considerada um mecanismo relevante para a emergência de novas formas de organização biológica e para a diversificação da vida. Conforme observa Francisco Carrapiço (2012; 2015; 2010), essa perspectiva sobre a evolução nos leva a uma complexificação da própria noção de organismo, na qual este deixa de ser percebido como um indivíduo fechado em si (autopoiesis) mesmo para ser compreendido como um complexo ecossistema composto de partes (simpoiesis). Ao expandirmos essa problemática para o campo da teoria literária, somos levados a confrontar as maneiras pelas quais os textos se relacionam com outras alteridades e com o seu fora. Ou, dito de outro modo, a repensar a separação do texto em relação à realidade, nos diferentes enquadramentos que tal problema recebeu ao longo do século XX, seja a partir da noção de autonomia (Clement Greenberg), de poema monológico (Hugo Friedrich) ou de

"poésie pure". Esta apresentação ensaia uma reflexão em torno dessa questão, valendo-se do cruzamento entre biologia, antropologia e crítica literária. Conforme pretendo argumentar, se o fechamento do poema sobre si mesmo retira dele a possibilidade de constituir relações com o seu entorno, então esse fechamento se configura também como uma denegação da vida do poema. Contrapor-se a esse paradigma implica, portanto, não apenas desconstruir uma certa concepção do texto, mas também avançar na compreensão daquilo que pode ser a vida do poema, aqui entendida, nomeadamente, como sua capacidade de falar ao outro, de endereçar-se.

MEIA-LUA E POESIA: TRANSE E LINGUAGEM

Jeean Karlos Souza Gomes

Resumo: Ler poemas da literatura negro/afro-brasileira com a temática da capoeira requer acessar sabedorias ancestrais e corporais. Nesse aspecto, esse trabalho investiga como a linguagem corporal, escrita e transe se articulam nos poemas e deslocam os discursos logocêntricos (Derrida, 2017). Os objetos de análise são o poema "O poemanto: ensaio para escrever (com) o corpo" (Aleixo, 2018, p. 112), textos da primeira parte do livro Poemas para ler com palmas, de Edimilson Pereira (2017) e o poema "Visitação", publicado na obra Livro de falas (Pereira, 2008). A primeira parte daquela obra homenageia a capoeira, trazendo temas como roda, berimbau, destreza corporal, resistência e ancestralidade. De acordo com Paz (1982, p. 15): a poesia é "exercício muscular", portanto, poemas como "A roda" (Pereira, 2017, p. 19), "Som dos sons" (Pereira, 2017, p. 16) têm a capoeira como universo criador e são, consequentemente, atravessados pela linguagem corporal. Aí tanto o eu lírico quanto o leitor trocam os pés pelas mãos e plantam uma bananeira: o transe acontece, o poeta é, em última instância, um kumba encantador que faz magia com as palavras (Simas; Rufino, 2018). Conforme Collot (2004) o sujeito lírico está fora de si na modernidade, a linguagem lírica é soberana, o poeta é o cavalo que é tomado pelo transe. Essa possessão se manifesta no poema "Visitação" e em "O poemanto", nesse último o próprio poeta se veste com o manto e performa uma possessão. Como fulcro teórico, Sodré (2017) assinala como o transe e a linguagem se mesclam ritualmente, possibilitando leituras deslocadas da razão. Dessa forma, o transe não é uma metáfora para esses poemas mas sim parte dos processos da escrita verbal e corporal. Se na linguagem lírica, o sujeito está fora de si, o encontro de si ocorre na capoeira (Jarrão, 2023).

AS VERTIGENS DA ANIMALIDADE EM LUIZA NETO JORGE E FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

Júlio César de Araújo Cadó

Resumo: O horizonte contemporâneo é marcado pelo despovoamento das paisagens acústicas da Terra, devido ao acirramento da crise climática e à extinção avassaladora das espécies, processos intensificados pela atividade antrópica. Contrapondo-se a esse cenário, a poesia apresenta-se como ferramenta para a sondagem das formas de alteridade radical representadas pelos seres não humanos, muitos em vias de desaparecer. Nesta investigação, tencionamos averiguar os procedimentos mobilizados por escritores a fim de instaurar o poema como habitat possível para uma animalidade que, simultaneamente, nos constitui e da qual, sem cessar, procuramos alargar as distâncias. Com especificidade, interpelamos duas poetas-irmãs, ambas agrupadas, no espaço português, em torno de Poesia 61: Luiza Neto Jorge (1939-1989) e Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007). Para isso, aliamos a análise detida das poéticas em foco ao cotejo dos recursos estéticos e valorativos articulados na escritura de formas de vida animal, em especial a figura caprina. Subjazem esta leitura as considerações de George Bataille (1993) e Dominique Lestel (2007, 2009), acerca da animalidade, e os estudos de Maria Esther Maciel (2016, 2023) e Anne Simon (2021), acerca da Zoopoética. Quer pela emergência da corporeidade nos versos de Luiza, quer pela atenção sensível ao mundo circundante nos de Fiama, as duas poetas friccionam a lógica especista antropocêntrica e redimensionam o lugar da animalidade nas práticas com a linguagem humana, convocando essa dimensão silenciada para o âmago do processo de criação.

DEPOIS DA QUEDA: A REINSCRIÇÃO DA EXISTÊNCIA NA POESIA DE CLÁUDIA R. SAMPAIO

Karine Rodrigues de Oliveira

Resumo: Pedro Mexia, no texto de apresentação de Ver no escuro, salienta que, ao lermos os poemas de Cláudia R. Sampaio, "nos deparamos com relâmpagos, brasas e incêndios, detectamos igualmente uma ideia de restabelecimento ou terapia, que se parece, aliás, com seu avesso: uma doença febril, convulsiva e violenta" (MEXIA, 2021). Essa percepção se deve ao fato de a obra de Sampaio ser construída por vozes líricas em descompasso com um dito discurso normalizante. Vozes marcadas como "loucas", mas que se servem "do poema para arrumar/ loucuras e quebrar prantos" (SAMPAIO, 2021, p. 65). Em Loucura, linguagem, literatura, Michel Foucault salienta que, para a literatura, "representar a loucura, ou se constituir a partir de uma experiência da loucura, no fundo é apenas mostrar o que ela é, enunciar sua verdade" (FOUCAULT, 2024, p. 91). Assim, a literatura, ao representar a loucura, revela sua própria condição de linguagem situada nos limites do dizível, capaz de acolher o excesso, a ruptura, a fragmentação

e a multiplicidade de sentidos. Ao percorrermos a obra de Sampaio, enxergamos um conglomerado de vozes criadoras que se utilizam da linguagem para deslocar a loucura da condição de marca identitária, da "função geral de divisão" (FOUCAULT, 2024, p. 94), e reinscrever a existência depois da queda, refazendo seus horizontes de vida por meio da arte poética. Posto isso, delimitamos como objetivo desta apresentação expor o percurso desenhado por essas vozes nos poemas "Uma vez quiseram-me louca, a arder", "Que despropósito, esta ausência" e "Este poema não tem cura", reunidos em Ver no escuro (2021). As análises do corpus dialogam com Michel Foucault (2024), Giorgio Agamben (2009; 2012; 2018), Octavio Paz (1982), Gaston Bachelard (2006; 2008), Maurice Blanchot (2011) e Lucia Castello Branco (2011; 2024).

POESIA E COMUNIDADE A PARTIR DE BELLEZA Y FELICIDAD

Larissa Drigo Agostinho

Resumo: O objetivo dessa comunicação é analisar certas características da poesia latino americano contemporânea, em particular na experiência de escrita que surge no seio da galeria de arte e editora independente Belleza y Felicidad, dirigida por Fernanda Laguna e Cecilia Pavón em Buenos no fim dos anos 90. Para isso, partiremos do que Tamara Kamenszain chamou de poesia anti-vate, para definir os traços patriarcais de poesia moderna e assim em oposição pensar a tarefa de sua geração e o papel de uma poesia feminista em particular. Trata-se aqui de escrever uma outra história da poesia, onde o prosaísmo, além de operar uma dessacralização da poesia adquire uma dimensão feminista, por isso, exploraremos também um outro conceito de Kamenszain, a saber, o de intimidade com o intuito de exploraremos a natureza da subjetividade que essa poesia encena. Em seguida, utilizaremos os conceitos criados por Cecilia Palmeiro, como a de "língua das locas", para pensar essa poesia como herdeira da geração dos anos 1970 brasileira, mais particularmente do Desbunde. E por fim, buscaremos compreender de que forma essa poesia, com sua editora e espaço independente, busca criar uma comunidade e qual a sua natureza, nas palavras de Cecilia Pavón, o que está em questão aqui é uma poesia que visa: "criar um público, fazer da poesia um meio de sociabilidade, um meio de criar um vínculo, um espaço de coexistência. Pois em uma sociedade diferente da capitalista, é preciso inventar outra cultura. A poesia é um pouco a cultura do olhar diferente sobre si mesmo e sobre o mundo".

FAZER DAS SEPULTURAS LIVROS: A POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA APRENDE A CONVIVER E A ESCREVER COM OS FANTASMAS

Luis Felipe Silveira de Abreu

Resumo: “Eu era a filha do funeral e escrevia meu próprio obituário /Convertia sepulturas em livros” são versos presentes em A água é uma máquina do tempo, livro de Aline Motta publicado em 2022. Ali, Motta fabula a história de uma antepassada, assombrada por fantasmas, como modo de lidar com o próprio luto pela morte da mãe. Nesse cruzamento entre assombrações, se traça um retrato familiar – da família que se pode fazer com os que já não estão. Neste trabalho, tomamos A água é uma máquina do tempo como ponto de partida para uma investigação de certa presença espectral na poesia brasileira contemporânea – ela própria já herdeira do Mário Quintana que tomava chá com seus fantasmas, do Carlos Drummond de Andrade que carregava seus mortos no bolso. Propomos que essa presença, ela própria obsidente, pode ser lida sob a chave da convivência: a morte, então, como uma questão de reorganizar as formas e companhias da vida. O problema, nesta poesia, parece ser o de rearranjar o espaço do comum de modo dar lugar a esses fantasmas insistentes – e frequentemente registrados como signos das disfunções sociais nacionais, como a violência política e o preconceito racial. Assumimos como matrizes críticas a espectrologia de Jacques Derrida — que, em Espectros de Marx, declara o "aprender a conviver com os fantasmas" como questão política urgente — e as investigações de Vinciane Despret em torno da agência dos mortos e as práticas de endereçamento que não apenam convocam, mas tornam possíveis suas formas de existência. A partir disso, leremos versos de Motta, Leonardo Gandolfi, Mariana Godoy e Tarso de Melo, investigando como esses textos constroem a poesia como prática simultânea de acolhimento e invenção de formas de coexistência — e mesmo de resistência — com os que já não estão.

PROCESSOS DE CRÍTICA: A ANTOLOGIA DE TRADUÇÃO COMO FORMA-DE-VIDA

Luisa Foltas Arnaud

Resumo: Este trabalho tem por objetivo propor uma breve reflexão teórica a respeito da antologia (em especial, mas não somente, a antologia de tradução de poesia) para além de uma tradicional caracterização como produto comercial ou editorial (o objeto, o livro “antologia”) reprodutor de juízos hegemônicos da historiografia literária, como um processo que, posto em movimento através de gestos críticos e criativos de seleção, leitura, recorte, colagem e montagem, instaura uma forma-de-vida, inventora e reinventora de textos, recepções e cânones, sob os mais diversos regimes. A pesquisa é atravessada pelos modos singulares e (por vezes) disruptivos de produção antológica de Augusto e Haroldo de Campos na cena da poesia brasileira e está alicerçada de forma mais central em um determinado recorte dos estudos da tradução, que passa principalmente pelo pensamento relacional de Mauricio Mendonça Cardozo e as

reflexões em torno de crítica de Antoine Berman, não apenas pelo escopo específico do trabalho, mas também por uma possível aproximação teórica entre antologia e tradução como processos de crítica. Dessa forma, o trabalho aponta, de forma preliminar, para a antologia como processo instaurador (e evidenciador) de uma cadeia complexa de relações textuais e produtor de sentidos e para o modo como antologia, crítica e tradução, dentro de uma antologia de poesia traduzida, mais do que se "acumularem" ou se "sobreporem" como funções, se relacionam, se complexificam e se transformam de modos singulares a cada projeto.

FORMAS-DE-ÁGUA NA POESIA DE LEONARDO FRÓES

Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa

Resumo: Provocado pelo convite do simpósio e provocando a linhagem das animalidades e vegetalidades na poesia contemporânea, gostaríamos de considerar certa poética da mineralidade que encontra nas águas um cerne do problema da voz e da forma do poema. As águas em movimento incessante de chuvas e rios comparecem com frequência na obra de Leonardo Fróes como questão para o surgimento de poemas e, pelo menos desde os livros dos anos 1990, envolvem textos em que a abstração e o desaparecimento enunciativo de quem fala são figurados ou desfigurados pela instabilidade das marolas ou pelo fluxo das correntezas. Propomos nesta comunicação uma leitura do poema "Dia de dilúvio" (1995), em diálogo com os poemas "O rosto da água" (2005) e "Colar de algas" (2021), em que a figura da "onda inconstante" onde flutua um sujeito que não se acha "enquanto solidez" (Fróes, 2021) torna indecidível os fluxos de água e linguagem. Verso e poema, assim, podem nomear, nesses poemas de Fróes, o lugar onde a vida biológica, em situação de "desproteção total violenta" (Fróes, 2021), pode se metamorfosear numa espécie de pensamento, lugar de "uma vida que jamais pode ser separada da sua forma" (Agamben, 2015), lugar de uma forma-de-vida. As águas assumem, dessa maneira, uma metáfora de dimensão "cósmica" (Bachelard, 2018), e a voz no poema figura, em vez de um autor, a possibilidade do "rosto do elemento" e, então, a conversão da metáfora em metonímia do mundo e seus limites: "Espelho da natureza, o pensamento/ flui e, enquanto eu penso, ele se foi.// Espelho, não; parte integrante/ da mesma imagem do horizonte" (Fróes, 2021). Nos limites da filosofia, com Tales de Mileto, ou do literário, com Água viva, de Clarice Lispector, a relação entre água e vida se transforma, e em Fróes convida o poema a testar-se como forma-de-água.

SENTIDOS E FRASES: SUBITAMENTE, COM MICHEL DEGUY E PHILIPPE LACOUE-LABARTHE

Marcelo Jacques de Moraes

Resumo: Ao evocar o relato de Primo Levi sobre a insuficiência da linguagem para expressar a experiência dos campos, Michel Deguy afirma: "...é precisamente porque não há nenhuma palavra para dizer esta coisa incontestável na experiência que precisamos de frases, língua, até que se configure aquilo que se subtrai." Até que nos cheguem as "frases", vivemos, portanto, em dívida com o que nos acontece, aquilo que, por ora, se aponta como inassimilável, intraduzível, "subtraído", ao menos em parte, à dimensão do(s) sentido(s). Para refletir sobre a chegada do sentido em sua iminência significante, isto é, enquanto o reconhecimento de uma experiência como acontecimento compartilhável, tornado assim comum, como sua ressonância concertada por meio de frases, como seu despertar, por assim dizer, concomitante ao despertar dos sentidos e da língua em que estes se traduzem, pretendo partir da leitura de dois poemas: "Qu'est-ce que tu sens", do próprio Deguy, em que se figura a abertura do "coração sensível" para a "vida súbita", abertura que se deflagra desde aquilo que se "sente", aquilo que é sentido a partir dos sentidos sensíveis, ensejando a possível partilha do comum; e "Phrase XXI", de Philippe Lacoue-Labarthe, que performa o começo de uma escrita como a escuta "quase inaudível,/ vinda sabe-se lá de onde, de nenhuma voz distintamente/ pronunciada, [de uma] língua desconhecida de que sequer uma palavra é identificável mas/ que tem todo o ar de uma língua possível", que "[será] preciso imperiosamente traduzir". Essas leituras serão permeadas de comentários de autores como Jacques Derrida (sobre o "coração", e o modo como "o poema [o] aprende"); Pierre Alferi (sobre a "frase" e a "meteorologia do sentido"); e Jean-Christophe Bailly (que define o poema como "a situação de estar no mundo com a linguagem e sem nada além dela, isto é, no absoluto da possiblidade do sentido").

LINHAGENS SAXÍFRAGAS: POESIA E EXPRESSÃO VEGETAL

Maria José Cardoso Lemos - Masé Lemos

Resumo: Esta comunicação pretende traçar possíveis linhagens saxífragas na poesia, que atravessariam diferentes poetas, desde Victor Hugo, passando por William Carlos William, René Char, Francis Ponge, Josely Vianna-Baptista e Claudia Roquette-Pinto, entre outros. Entendo que essa perspectiva possibilite pensar certa escrita poética como expressão vegetal (Ponge), como ecologia de coabitação multi-espécies (Donna Haraway) e ainda como possibilidade de revitalização política, pois como a saxífraga, que quebra pedras, essas escritas irrompem em territórios improváveis, através do desafio constante que fazem frente aos discursos totalizantes (Marie-José Mondzain). Ao interrogarem sobre a capacidade da linguagem em nomear o mundo, as coisas, o real, ou seja, aquilo que não fala e que não se deixa capturar, essas práticas

poéticas privilegiam uma aproximação erótica entre linguagem e coisas, pois não visam a aprisionar e a desnudar o mundo. Assim, percebo a importância dada ao gesto que, como explica Giorgio Agamben, pode reunir o mundo e sua figuração, dar a conhecê-lo, ou ainda, comunicar o desejo de comunicar o comum e de inventar possíveis coabitações do mundo. As linhagens saxígrafas da poesia não retomam a flor apenas como símbolo ou metáfora gasta, mas a devolvem como força real de ação. Nesse sentido, Ponge entende que a poesia deve se aproximar do modo de escrita vegetal, de seu modo de pensar e expressar. E em « A opinião mudada quanto às flores », nos convoca a libertar as flores das amarras do símbolo e do conceito. A flor, como a poesia, irrompe com força vital, mas também se desfaz na putrefação que transforma sua matéria orgânica (Bataille). Assim, é a partir dessas questões saxífragas que pretendo ler alguns poemas de Claudia Roquette-Pinto.

LUÍS MIGUEL NAVA E ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE: A POESIA PORTUGUESA NOS CONFINS DO HUMANO

Maria Silva Prado Lessa

Resumo: Um estudo da poesia lírica passa, necessariamente, por uma investigação dos modos de aparecimento e apresentação da primeira pessoa do singular. Trata-se duma análise quer dos contornos duma personagem dotada de voz poética que diz de si e do mundo a partir de si, quer da potência da linguagem, como anunciado desde Almada Negreiros, na sua Invenção do dia claro. Propomos, aqui, um deslocamento para o campo hipotético de estudo da poesia lírica não-humana, apostando na defesa da ficção na poesia conforme feita por Silvina Rodrigues Lopes (2019). Nosso corpus é composto por obras nas quais o "eu" se confunde com animais não-humanos, plantas, organismos híbridos e máquinas. O impacto da sua presença requer um outro modo de ler, num pedido que é feito pelos poemas, convertidos em artes poéticas nas quais a reflexão sobre o corpo do poema e sobre a constituição da identidade poética se fazem em transfusão de imagens com o campo do não-humano, com um recurso frequente seja à prosopopeia, seja à hipálage. Percebendo que uma lírica não-humana pressupõe uma reavaliação dos limites mesmos da humanidade e da cisão ocidental entre Natureza e Cultura (Descola, 2014), seguiremos de perto as propostas de cruzamento entre a literatura e a antropologia feitas por Alexandre Nodari (2015; 2024), as aproximações de Eduardo Viveiros de Castro (2024) ao perspectivismo ameríndio, e a concepção defendida por Silvina Rodrigues Lopes (2019) do sujeito enquanto devir. A partir da análise de poemas de Luís Miguel Nava e de António Franco Alexandre, nosso objetivo será mostrar como a

hipótese ficcional e crítica de uma lírica não-humana revela outras respostas para a crise do sujeito e ilumina outra linhagem por dentro da poesia lírica portuguesa.

TRADUÇÃO, POESIA, NO POSSIVELMENTE

Mauricio Mendonça Cardozo

Resumo: Com Walter Benjamin aprendemos a pensar a tradução em sua relação com a vida da obra original. E como bem lembra o pensador alemão em seu clássico ensaio "A tarefa do tradutor", não se trata, nesse caso, de um uso metafórico do termo. É de vida objetivamente que ele afirma estar falando, de uma compreensão particular da noção vida, de uma forma de vida em particular, nos moldes da vida humana ainda que inumana: de uma vida que logra se inscrever num outro plano que não apenas o de sua expressão estritamente biológica, de uma forma de vida capaz de se inscrever no plano da história, na expressão de sua pervivência (Benjamin, 2011). Contudo, numa perspectiva relacional da tradução, disposta a tirar consequências de questões levantadas pelo pensamento contemporâneo, não poderemos deixar de lembrar que, para além de alimentar uma forma de vida alheia (a do original), o texto traduzido, em sua condição inalienável de alteridade, também constitui uma forma singular de vida. E, como tal, o texto traduzido também é passível de inscrição no tempo, nos seus tempos, nos tempos de sua recepção e, assim, a seu modo, também faz obra, faz mundo. Ou, para dizê-lo de outro modo: se lembrarmos, com Derrida, que só há invenção se a invenção é impossível (Derrida 2012), então a tradução, acontecendo ainda que considerada impossível (como decretará o senso comum), também acontece como invenção. Assim, partindo de uma compreensão da tradução – em especial da tradução de poesia, nos termos em que costuma ser praticada no Brasil – como invenção e como acontecimento da relação, bem como do texto traduzido como uma forma singular de vida, este trabalho se propõe a ensaiar a ideia de que a tradução, no horizonte do possível, é um bicho-vivo, faz-mundo, prenhe de futuro.

ENTRE A SOMBRA, O NOME E O INDIZÍVEL MANIFESTO DO FOGO: A POÉTICA ESPELHAR DE LONGARINAS

Mercia Pessôa

Resumo: O livro de Ana Maria Vasconcelos, ganhador do prêmio Oceanos no ano de 2025, categoria poesia, apresenta-se a partir de uma singular arquitetura das palavras e da própria poesia a que se propõe. O poema Longarinas, que dá título à obra premiada, já enuncia o ato da criação "fazer de cada linha/uma viga/ roer até que sobrem apenas as longarinas". Este paradigma nos coloca diante da diferenciação do que

é ser viga e do que é ser longarinas, entre um fazer e um percurso maquínico. Um roer que pode desconstruir e corroer a fina tessitura poética inicial. Tanto, que evoca uma série de indagações: "percebeu que limiar significa entrada/ e limite indica sempre o fim? Seguindo essa proposição, a presente comunicação pretende explorar o ato da criação e ato poético, no sentido de "poiein", de produzir, como uma forma de resistência, assim como um campo de forças tensionadas entre potência de vida e impotência, explorando desta forma as ferramentas filosóficas de Deleuze e Agamben. O objetivo principal é demarcar a linha indizível do nome, do manifesto, do fogo e da sombra na poética espelhar de A. M. Vasconcelos, que se recusa à repetição, ao eco, mas falha ao enxergar-se na moldura e nas ranhuras do vidro: "dentro do espelho/ há uma queda/ que não acaba".

UMA COSMOLOGIA DO TALVEZ: CONSTELAÇÃO, VIDA E POESIA EM A MÁQUINA DO MUNDO REPENSADA

Nicollas Ranieri de Moraes Pessoa

Resumo: No texto "Das Estruturas Dissipatórias à Constelação: a transcriação do 'Lance de Dados' de Mallarmé", Haroldo de Campos revisita sua tradução do emblemático poema de Stéphane Mallarmé por meio de uma "translação científica", ao recorrer à discussão desenvolvida por Ilya Prigogine e Isabelle Stengers em La nouvelle alliance. A partir da sugestão de que a própria vida só é possível graças à emergência de uma ordem singular advinda das flutuações e da desordem da matéria, o poeta pode conceber a própria tradução no interior de uma dinâmica capaz de adiar "a fatalidade entrópica da morte". Essa referência científica retorna em A Máquina do Mundo Repensada (2000). Entre os demônios de Laplace e Maxwell, experimentos mentais da física articulados pelo poema como metáforas do desafio cósmico, a obra realiza uma investigação que requisita à poesia um saber a respeito do universo. Nesse sentido, o trabalho propõe uma leitura de A Máquina do Mundo Repensada como resposta ao lance de dados mallarmaico. Na poética de Haroldo de Campos, o racionalismo construtivo associado ao domínio do acaso, presente em uma leitura inicial do Un coup de dés, dá lugar a uma abertura ao acaso que concebe a constelação, a vida e o poema como configurações provisórias da entropia. Essa possibilidade de leitura, ao retomar o parentesco do último poema de Haroldo de Campos com o Un coup de dés de Stéphane Mallarmé, recupera também a hipótese do poema cibernético, formulada por Jean Hyppolite e retomada pelo poeta brasileiro, buscando extrair consequências do contínuo interesse cosmológico de

Haroldo de Campos. Dessa forma, a hipótese sugere que está em questão uma ontologia agnóstica do talvez: a constelação, a vida e o poema só se realizam por meio da possibilidade não garantida da forma.

GESTOS DE PRATA, DESATES DA PALAVRA: POTÊNCIAS TÁTEIS NA POESIA DE CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

Paula Glenadel Leal

Resumo: Concorrendo com a visão no processo de conhecimento do mundo, a dimensão tátil se caracterizaria por uma afetação de quem se encontra com as coisas. Contração e expansão, golpe e carícia são duas direções afetuais que se cruzam em diversas combinações, as quais podemos pensar com Michel Deguy. Em La vie subite, livro dedicado a articular as possibilidade do poema – e de sua expansão em uma poética – frente a "o vivaz, o belo e o insensato Hoje" (2016, p. 9), ele propõe uma experiência sublunar de coexistência dinâmica de contrários, que traduz a antiga experiência do sublime como campo da ação poética: "Enfim, Purgatório e Paraíso, contemporâneos, coextensivos e cruzados como os dedos das mãos; mesmo mundo, aqui abaixo" (Ibidem). Ao rés do real, então, o toque guia o conhecimento do mundo e institui o regime de uma espécie de sensível-inteligível, como na poesia de Claudia Roquette-Pinto, em que as coisas são concebidas e apresentadas principalmente em função do seu grau de aspereza ou de suavidade. Sublinhando múltiplas gestualidades possíveis, como arranhar, furar, agarrar, deslizar, entre concreto e abstrato, o tátil atravessa os poemas, onde mãos, dedos, unhas, são presenças recorrentes, numa perspectiva atenta a "Visão e tato", expressão que dá nome a uma seção de Os dias gagos (1991). Em Saxífraga (1993), os "gestos de prata" (p. 39) são indícios dessa concepção inscrita no "particularíssimo nexo" da cognoscibilidade, "quase harmonia, entre uma coisa e seu aparecer, entre um ente e seu dar-se a conhecer" (Agamben, 2018, p. 4), explorada nos poemas que implicam o mundo e sua figuração em uma espécie de fabricação mútua, que a noção de "desates da palavra" (Ibidem) evoca bem. O tátil vem, assim, compor com a visão, em tensão com o inteligível, uma exploração do dizer sobre o real na poesia.

VIDAS DESMEDIDAS EM ANNE CARSON: ANACRONISMO, CORPOS ESTRANHOS E LÍNGUAS DA BARBÁRIE

Rafael Zacca Fernandes

Resumo: Helenista e escritora experimental, Anne Carson ficou conhecida pela criação deliberada de anacronismos que produzem fricções críticas entre o passado clássico grego e o século XXI. Em "Autobiografia do vermelho", fabrica um garoto-monstro, Gerião, que é ao mesmo tempo a criatura do

poema épico "Gerioneida", de Estesícoro, morta por Hércules em um dos seus doze trabalhos; em sua reescrita de "Héracles", de Eurípides, o herói clássico retorna da Guerra do Iraque com traumas irrecuperáveis; em sua recomposição da tragédia sobre Helena de Troia, a imagem da heroína cede lugar à imagem desmedida de Norma Jeane Baker, ou seja, Marilyn Monroe. Em todos esses casos, Carson combina uma atitude filológica, que recupera o contexto e o sentido das obras citadas, a uma linguagem experimental que as desloca para um presente sem repouso. Por que uma helenista se dedica justamente a personagens que, de alguma maneira, feriram as leis da civilização grega? O que há, em suas formas desmedidas, que aponta para uma outra vida possível, que merece não apenas ser narrada como também pensada? Interessa-me, sobretudo, investigar como a desmedida dessas vidas exige uma língua que, mesmo colada à letra grega, aparece, ao fim e ao cabo, como língua bárbara – isto é, como zona de contato entre monstruosidade e ilegibilidade, em que a estranheza do corpo se converte em estranheza literária. Nesta apresentação, veremos como a ideia de desmedida atravessa essas três obras de Carson em pelo menos três planos: 1. a produção deliberada de anacronismo, que rompe os limites de tempo-espaço das obras; 2. a invenção de corpos estranhos, de difícil descrição; e 3. a fabricação de uma língua que se volta sobre si até produzir a própria ilegibilidade.

A ESTREIA AFRO-SURREALISTA DE ADÃO VENTURA E A DIFÍCIL INSTAURAÇÃO DE PAISAGENS INTERIORES

Ricardo Luiz Pedrosa Alves

Resumo: O livro de estreia do poeta Adão Ventura, Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul, publicado em 1970, constitui uma das únicas experiências afro-surrealistas da poesia brasileira. Diferentemente do engajamento na causa coletiva da negritude, explícita no muito mais saudado pela crítica A cor da pele, de 1980, Ventura apresenta na sua primeira publicação uma espécie de releitura do "emparedamento" do poema de Cruz e Sousa, na medida em que o discurso antirracista se vê ele também enredado pela experiência estética de cariz sensorial, marginal no cânone poético nacional, e pela constatação estarrecida de uma crise da modernização que se fez justapondo herança colonial e fechamentos autoritários, como o dos anos 1970. Nesse ponto, Ventura antecipa a caracterização de Miller do afro-surrealismo como "future-past called RIGHT NOW" (Miller, 2013, p. 114). Ventura também se antecipa, como outros poetas negros daquelas décadas (como Oliveira Silveira e Paulo Colina), numa busca inglória por um "modo de existência" (Pelbart, 2013) que poderíamos ler como o da conquista da interioridade discutida por Djaimilia Pereira de Almeida, quando afirma que é tarefa do artista negro a

reconstituição de "paisagens interiores" (Almeida, 2023, p. 64). Se, como em Pelbart, é necessária a instauração do "modo de existência" para sua legitimação, é evidente nos poemas da estreia de Ventura que tal instauração esbarra em constrições que são tanto as da cartografia colonial e as da modernização falha e difícil como também as das estéticas legitimadas. Esta comunicação pretende discutir a poesia do livro de estreia de Adão Ventura a partir da compressão temporal caracterizada pelo afro-surrealismo e suas implicações para que os poemas possam ser lidos simultaneamente como um "estado do pensamento" e uma "possível respiração", como definiu Ricardo Aleixo (2018) a experiência coletiva dos poetas negros e pobres no Brasil.

A FORMA IMPOSSÍVEL: NUDEZ ENTRE RITMO, DESLIZAMENTO E DISRITMIA

Sergio Alexandre Novo Silva

Resumo: "(...) o impossível meditado por Bataille terá sempre essa forma: como, depois de ter esgotado o discurso da filosofia, inscrever no léxico e na sintaxe de uma língua, a nossa, que foi também aquela da filosofia, o que, porém, excede as oposições de conceitos dominados por essa lógica comum?" A instigante pergunta, deixada por Jacques Derrida em seu texto sobre Georges Bataille (1967), se mostra ainda mais relevante quando se leva em conta a crítica dos anos 1970 que ele mesmo faria à noção de "forma". Segundo o filósofo, "forma" seria a tradução de uma série de palavras gregas que comporiam o vocabulário circular da metafísica (1972), dentre as quais estaria a palavra "ritmo", estranhamente não comentada por ele até aquele momento, cujo sentido no grego antigo, nos lembrava Émile Benveniste, indica uma "forma do movimento" ordenado e harmonioso (1966). À sua própria pergunta, Derrida respondia dizendo que, "[n]ecessário e impossível, esse excesso devia submeter o discurso a uma estranha contorção"... Teria sido o que Bataille realmente teria feito quando ele meditava sobre a forma da "nudez", parte maldita ou informe do corpo humano, ou, nas suas palavras, uma "maneira de ser irregular", cujo "sentido", ele diria em alguns cadernos, seria "senão da plena obscenidade, de um deslizamento". Formulações bem estranhas, mas prolíficas o suficiente para que, já nos anos 1990, um poeta como Jean-Marie Gleize conseguisse, através delas, refletir sobre a "nudez integral" da poesia, o que seria uma "impossível" e contorcida saída da poesia pela poesia (1995). Nesta comunicação, pretendo discutir tal forma impossível, levando em conta a reflexão sobre a questão feita por Bataille e alguns outros escritores que o sucederam. Minha leitura será ensaística, e buscará formular o que, à guisa de contorção filosófica, eu gostaria de chamar uma forma "disrítmica".

INFÂNCIA, POESIA E FORMAS-DE-VIDA: O POEMA A CAMINHO

Thiago Ponce de Moraes

Resumo: Nesta comunicação, pretendo pensar algumas articulações entre poesia, infância e formas-de-vida, trazendo à interlocução Paul Celan, Jacques Derrida, Hélène Cixous, Giorgio Agamben e Jeanne Marie Gagnebin. Em diálogo com a perspectiva do simpósio, interesso-me por investigar a maneira pela qual a poesia pode operar como fabricação de formas-de-vida ao acolher aquilo que, na linguagem, permanece em estado de abertura e deriva. A infância se articula, nesse contexto, como essa força especulativa e intempestiva capaz de impedir a fixação definitiva das formas, dos sentidos e dos modos de subjetivação e de cognoscibilidade. Especialmente com Derrida e Cixous, procuro trazer a noção de infans como figura daquilo que ainda não se submeteu inteiramente à autoridade da língua e do logocentrismo, deslocando ininterruptamente a origem e perturbando a suposta ordem das coisas. Com a noção de infans, ademais, é possível entreouvir uma linguagem antes da linguagem, uma fala em estado de surgimento, prestes a se erguer, ainda (e sempre) a caminho; portanto, em movimento. Nesse sentido, a infância aparece como movimento contínuo de desvio e reinscrição, semelhante ao traçado dos meridianos evocados por Paul Celan no discurso O Meridiano: linhas que, ao atravessar os polos, retornam a si mesmas e impedem a imobilização da experiência em um ponto fixo. O poema seria, então, esse gesto que mantém o vivo em circulação entre forma e informe, entre o "já-não" e o "ainda-e-sempre". Como as saxífragas evocadas por Marie-José Mondzain, a infância talvez opere poeticamente como força que fissura superfícies endurecidas e restitui movimento ao que parecia imóvel. Assim, a poesia pode ser pensada como espaço privilegiado de sobrevivência do infans: um campo em que a linguagem permanece ainda em estado de abertura, jogo e errância, resistindo à imobilidade dos discursos e repondo continuamente novas possibilidades de vida e de relação com o mundo.

ABERTURA E MOLDURA: A POSTURA COMO CATEGORIA POÉTICA (A PARTIR DE UM POEMA DE MARIA LÚCIA ALVIM)

Tiago Guilherme Pinheiro

Resumo: A versatilidade da palavra postura exibe, ela mesma, uma certa dinâmica que não se permite enrijecer, a despeito de todos os esforços. É empregada tanto para descreve o modo como um corpo produz o seu espaço vital, sua extensão (excedendo seu próprio contorno, tocando e se confundindo com outros corpos), ao mesmo tempo em que aponta para certa disposição mental. Denuncia certa

instabilidade na separação entre corpo e mente, ao mesmo tempo em que não presume uma concordância ou o domínio de uma instância sobre outra. Dessa maneira, a postura consegue perturbar divisões tidas como fundantes entre natureza e cultura, de tecnologias e humanidades, do simbólico e do corporal, do ser e do aparecer, que organiza a partilha dos saberes que estrutura a universidade (ao menos, a de matriz europeia) em termos de hard ou soft science – o que confere a essa noção um teor político, ético e epistemológico que não pode ser subestimado. Performar a leitura de um poema encena por si só esse caráter duplo e dúbio da postura: a posição de nossos braços e pernas, do nosso rosto, a impostura da voz, de nossa coluna não é a tradução imediata daquilo que atravessamos através do vai e vem dos versos, assim como o inverso também é verdadeiro. A postura muda conforme o evento do poema avança, sem nunca se conformar com aquilo que está diante de si. A partir dessas considerações iniciais, discutiremos a "postura" como operação da poesia na linha de tensão entre o (im)pensável e o vivível, tomando como ponto de partida a obra de Maria Lúcia Alvim (em especial, o poema "A incisiva postura", do livro Pose, de 1968).

ST: POR UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA: ESTUDOS DE PAISAGEM, ECOCRÍTICOS E GEOPOÉTICOS

Coordenação: Ida Maria Santos Ferreira Alves e Márcia Manir Miguel Feitosa

Resumo: Que relações podemos traçar entre Literatura e Geografia? Se, do ponto de vista de áreas de conhecimento, trata-se de dois domínios distintos, na perspectiva da criação literária, há trajetos comuns os quais podem servir de aproximação entre essas grafias do mundo. Não é tema inédito, mas, no Brasil, esse ângulo de apreciação não tem merecido uma atenção mais detida, pelo menos na área dos estudos literários comparados. Por isso, nos últimos anos temos procurado, em nosso campo de produção reflexiva, demonstrar a produtividade desse encontro interdisciplinar, pensando a relação entre espaço, território, lugar e natureza, a partir de perspectivas contemporâneas dos estudos globais de paisagem, ecocrítica e geopoética. Defendemos a compreensão de que muitos textos literários (prosa e poesia) podem ser discutidos como uma geo-grafia, na medida em que se configura no espaço textual um pensamento inquieto sobre a experiência de espaços naturais ou citadinos e um pensamento estético sobre o habitar o mundo e a linguagem, formulando uma po-ética, como pensa Michel Deguy. Nas últimas décadas, a consciência ecológica tem se desenvolvido de forma acentuada frente aos mais diversos problemas provocados por ações humanas em relação ao espaço circundante. As ações predatórias contra a natureza, a sua rarefação frente a expansão cada vez maior da malha urbana, tem fomentado uma

discussão ampla sobre a proteção e a resistência das paisagens. Renomados geógrafos, antropólogos e sociólogos, desde os anos 70 do século passado, vêm publicando trabalhos fundamentais a respeito, renovando o modo de considerar e compreender as representações e percepções da natureza e a relação com a cultura. Em decorrência, o conceito de paisagem foi retomado por diferentes áreas, para além da geografia humana e cultural, sob os pontos de vista morfológico, funcional e simbólico. Essa diversidade vem permitindo uma abertura crítica bastante instigante entre geografia e literatura, considerando ainda filosofia, estética, história, ecologia e antropologia, o que permite trajetos convergentes de pensar como o homem constitui seus lugares de existência, de memória e de criação. Tais abordagens propõem, naturalmente, modos próprios de debate, mas há um ponto comum na diversidade: observar a relação entre subjetividade e natureza, envolvendo percepção, concepção e ação, para demonstrar estruturas de sentidos e articulações éticas, sociais, culturais e estéticas. Questionar hoje a paisagem é debater a relação transitiva que o homem mantém com o mundo por meio da experiência do olhar e do domínio da linguagem. Nos estudos literários, o espaço tem sido categoria tradicional de análise e muitas literaturas produziram obras emblemáticas em torno de espaços geográficos referenciais ou imaginados. Mas, sob a percepção da paisagem como processo relacional entre sujeito, palavra e mundo, como defende Michel Collot, só mais recentemente vem se constituindo de forma mais sistematizada uma produção analítica brasileira, assumindo novos contornos e possibilitando outras relações analíticas e interpretativas. O desenvolvimento da ecocrítica e da geopoética vem ampliando teoricamente esse quadro analítico. Afirma-se a importância desse caminho reflexivo, ainda mais se considerarmos que estamos vivendo em um tempo de urbanismo veloz que vai, inexoravelmente, engolindo a natureza. As obras literárias do presente, como contemporâneas que são, não evitam de questionar a questão urbana, a aceleração cotidiana, o espaço virtual dominante e, em decorrência, de refletir sobre as figurações ou desfigurações da natureza frente a experiências de sujeitos fortemente marcados por novas relações com o espaço e a visualidade. Não é de agora que nos interessamos por essa temática. Há alguns anos, também num simpósio da Abralic (2008), as discussões então realizadas fomentaram a criação do Grupo de Pesquisa UFF /UFMA/ CNPq Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa, sob nossa coordenação, e a ampliação de uma rede de interesse sobre a questão paisagística em diferentes direções. Interessa-nos, por exemplo, o Grupo da Universidade Nova de Lisboa que vem elaborando um Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, o Seminário Permanente, coordenado por Michel Collot, na Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, intitulado Vers une géographie littéraire, no âmbito de Programme de Recherche "Écritures de la Modernité", o Grupo Paisagem e Património – Seminário Interdisciplinar de Investigação – CHAIA – Centro de História da Arte e de Investigação Artística, na Universidade de Évora, entre outros que dialogam conosco. Em 2023, ocorreu a publicação do número 61 da revista Gragoatá (PPG Estudos de Literatura da UFF) que deu relevo à ecocrítica e à geopoética, demonstrando a produtividade desses

campos de investigação, sob o ponto de vista comparativo, com problematização contemporânea em torno da experiência da natureza nos textos literários, em tempos do antropocentrismo. Portanto, com linhas temáticas derivadas da percepção e representações da natureza e do espaço geográfico na contemporaneidade, convidamos pesquisadores a participarem deste simpósio com trabalhos de cunho comparativo sobre abordagens teóricas e analíticas próprias à geografia literária, com foco em narrativa ou poesia, especialmente de língua portuguesa, mas não só, para ampliação reflexiva desse campo de estudo.

"I THINK YOUR HOUSE IS HAUNTED": TOPOANÁLISE E A ESTÉTICA DA SAD GIRL EM SYLVIA PLATH E TAYLOR SWIFT

Barbara Damicia Carvalho de Oliveira

Resumo: Este trabalho investiga a dimensão espacial na poesia confessional de Sylvia Plath e na discografia de Taylor Swift, concentrando-se na consolidação da estética da "Sad Girl". O objetivo é analisar de que forma ambas as autoras mobilizam a paisagem e o espaço doméstico não como meros cenários passivos ou molduras ornamentais, mas como extensões constitutivas e formadoras da subjetividade feminina em sofrimento. Afastando-se de leituras estritamente biográficas, a investigação demonstra como estas escritoras operam como arquitetas das suas próprias narrativas espaciais, subvertendo a tradicional falácia patética romântica e recusando a vitimização passiva. O referencial teórico-metodológico articula a Narratologia Lírica de Peter Hühn, a Topoanálise de Gaston Bachelard, o conceito fenomenológico de Erlebnis (Wilhelm Dilthey) e a Teoria da Coisa (Thing Theory) de Bill Brown. A análise centra-se em leituras cerradas (close readings) dos poemas "The Moon and the Yew Tree" e "Elm" (Plath) em diálogo com as canções "Clean" e "hoax" (Swift). Através deste corpus, mapeia-se como o ambiente físico se torna indissociável do eu lírico em vetores opostos: "Clean" caminha para uma libertação catártica; "hoax" evoca um enclausuramento geográfico estagnado onde o relacionamento se converte em matéria inerte e hostil; "The Moon and the Yew Tree" afirma a agência da voz ao eleger ativamente a natureza como figura materna; e "Elm" promove a dissolução absoluta das fronteiras entre o sujeito e o mundo natural. Conclui-se que a espacialização do Erlebnis nestas obras funciona como um dispositivo formal indispensável para conter e materializar a imediaticidade avassaladora da dor. Ao transmutar o confinamento e a topografia numa densa cartografia afetiva, Plath e Swift apropriam-se do sofrimento, transformando a vulnerabilidade num potente lócus de agência literária.

UMA PERFORMANCE DA PAISAGEM: A ESCRITA ENTRE HUMANOS, DANÇAS E CAVALOS NA OBRA DE ANA ESTAREGUI

Beatriz Lopes Prats

Resumo: Na obra Dança para cavalos (2022), da poeta contemporânea Ana Estaregui, o próprio título do livro enuncia o desejo de uma escrita que quer se realizar enquanto performance de dança com (e a partir de) elementos da paisagem. Os cavalos aos quais a obra faz referência, por exemplo, não aparecem como simples imagens decorativas, mas como presenças fundamentais com as quais o eu lírico aprende a viver, mover-se e se transformar. Vale ressaltar que, em entrevista, Estaregui afirma desejar "escrever como alguém que aprende a pescar ou a dançar" (Estaregui apud Luz; Silva, 2024, p. 3), indicando uma concepção de poesia vinculada a práticas corporais performáticas e a modos de enunciar o mundo para além de um exercício puramente visual e contemplativo. Neste contexto, partindo também das reflexões de Michel Collot (2015) acerca da paisagem como relação entre sujeito e mundo, procuraremos ler, no texto estareguiano, a paisagem construída como experiência relacional, capaz de desvelar formas de existência que escapam às dinâmicas automatizadas da vida contemporânea. Mais do que espaço observável, a paisagem se configura como campo de interação entre humano e não humano, entre gesto e meio natural, entre formas de vida, especialmente quando atravessada por alguns fundamentos da performance de dança, sobretudo no seu imbricamento com as noções de tempo e de espaço. Nesse sentido, é nosso objetivo pensar como a poética estareguiana constrói um espaço limiar entre dança e escrita, e entre sujeito e paisagem, no qual a integração performática permite desvelar modos harmoniosos de habitar o mundo. Afinal, segundo Leda Maria Martins (2021, p. 86), "o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas fundamentalmente performativo (...) como uma poiesis do movimento e como forma mínima, pode suscitar os sentidos mais plenos". A dança estareguiana ensaia, em sua interação literário-gestual com a paisagem, uma forma de plenitude.

CARLOS DE OLIVEIRA E A "FISIONOMIA FAMILIAR DA PAISAGEM"

Bruna Carolina Domingues dos Santos Carvalho

Resumo: No epílogo de "El Hacedor", Jorge Luis Borges apresenta uma personagem que se impõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo do tempo, povoa um espaço "com imagens de províncias, reinos, montanhas, baías, navios, ilhas, peixes, instrumentos, estrelas, cavalos e pessoas", para, "pouco antes de morrer", descobrir que "esse labirinto paciente de linhas traça a imagem de seu rosto". Na tentativa de

representar objetivamente o mundo, ao justapor os elementos que dele fazem parte, a personagem não escapa de si mesmo. Mais do que uma composição formada pela soma de elementos justapostos, a paisagem seria, portanto, uma produção subjetiva. A coincidência entre paisagem e fisionomia apontada por Borges engendrará, nesta comunicação, uma leitura do poema em prosa "Insónia", do escritor português Carlos de Oliveira. Tal leitura terá como suporte as reflexões em torno da paisagem produzidas por Eric Dardel, Georg Simmel e Walter Benjamin. O poema "Insónia" é exemplar de um procedimento comum em Oliveira: o de reescrever seus textos, com ligeiras ou profundas alterações, ou com enxertias de publicações anteriores. Nesse caso, os versos, quase integralmente, foram retirados de uma crônica publicada dois anos antes. No poema e na crônica, a frase "esqueci a fisionomia familiar da paisagem" têm consequências hermenêuticas distintas, mas fornece uma chave de leitura para a paisagem da Gândara, locus primordial e ubíquo em Oliveira, espécie de autobiografia telúrica. Como o próprio autor escreve em carta localizada em seu espólio, a Gândara é uma região "areenta e pobre", localizada "na faixa litoral portuguesa entre a Figueira da Foz e Aveiro". É também a terra onde Oliveira viveu a infância, cujas "lagoas pantanosas, desolação, calcário e areia", bem como a "grande pobreza dos camponeses" e a "mortalidade infantil enorme" tatuaram seus poemas, romances, contos, crônicas.

RELAÇÃO COM O MUNDO NATURAL EM TEMPOS DE GUERRA: A SCOTS QUAIR, DE LEWIS GRASSIC GIBBON, E THE CONE-GATHERERS, DE ROBIN JENKINS

Carolina de Pinho Santoro Lopes

Resumo: A natureza é um componente central da literatura escocesa, como explorado por Louisa Gairn em Ecology and Modern Scottish Literature (2008). Em A Scots Quair (1932-1934), de Lewis Grassic Gibbon (1901-1935), e The Cone-Gatherers (1955), de Robin Jenkins (1912-2005), o impacto da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, respectivamente, alcança as regiões rurais, com a derrubada das florestas para o uso da madeira na indústria bélica. Em A Scots Quair, essa ação, determinada pelos proprietários de terra em busca de lucro imediato, contribui para a ruptura do tecido social no vilarejo ficcional de Kinraddie. Com a mudança climática decorrente do desmatamento, a terra torna-se infértil e passa a ser utilizada para a criação de ovelhas, o que decreta o fim do modo de vida tradicional dos camponeses da região. Dessa forma, há o rompimento dos estreitos laços entre esses trabalhadores e a terra. Já o romance de Jenkins acompanha dois irmãos cujo trabalho é coletar pinhas para o replantio da floresta, que está prestes a ser derrubada. Um deles sente uma conexão profunda com a natureza, marcada pela compaixão para com os outros seres, o que é visto com desconfiança e incompreensão pelos demais

personagens. Essa visão, que vai contra o dualismo entre humano e natureza, entra em conflito com os valores de uma aristocracia que tem a caça como passatempo e entende a natureza como um recurso ao seu dispor. Assim, ambas as obras abordam a conexão dos personagens com o mundo natural e o impacto de questões de classe e de interesses econômicos nessa relação.

SEDIMENTOS DE SÍLABAS EXTINTAS: JOSELY VIANNA BAPTISTA NA PAISAGEM MESOZOICA

Dennis Lauro Radünz

Resumo: Os devires e as derivas do sistema geofísico da Terra encontram, no debate público do presente, duas formulações teóricas em disputa: o Antropoceno – a possível nova era geológica em que o "sinal humano" é o agente determinante das alterações da Terra (na proposição de Crutzen e Stoerner) – e Gaia, possível era a vir em que o ente Terra, apesar dos humanos, fará a sua autorregulação inclusive termodinâmica (Lovelock e Margulis). Entre o natural (o físico) e o ideacional (o semiótico), a literatura mais contemporânea tem reverberado essa escala do tempo aiônico ao enunciar os espaços fora da duração humana, como na expedição-arte "Na tela rútila das pálpebras: uma topografia dos Campos Gerais do Paraná" (2015-2016), da poeta Josely Vianna Baptista e grupo de pesquisadores nas áreas de Geografia e Artes Visuais, e na metafórica geomorfológica de seu livro-poema "Nada está fora do lugar: poema arborescente" (2017). Em uma poética em que a espacialidade configura a própria mancha gráfica, a exemplo dos poemas 'aerados' de sua primeira fase neobarroca/concretista, Josely Vianna Baptista encontra a cataclismologia ao revisitar as paisagens vividas na infância e dilapidadas no presente do Antropoceno. Sua experiência do espaço natural, do território, do lugar e da paisagem de formações rochosas do período Mesozoico compõem as interrogações do poema dialógico "Fábula". Cumpre investigar esses mundos torrentes - em temporalidades que incluem o não-humano e mais-que-humano - e relacioná-los aos conceitos-chave de Auguste Berque, de Jean-Marc Besse e de Michel Collot, entre outros autores contemporâneos, à procura da leitura talvez geopoética que, ao modo de uma Estratigrafia, revele as camadas dessa paisagem terreal e dessa Terra à deriva que a sua poesia evoca, situa e (re)enuncia no poema "Fábula": "uma sílaba guarda em si / sedimentos de mares extintos".

A HISTORIOGRAFIA PESSOAL DE CARLOS DE OLIVEIRA: FRAGMENTOS DE PAISAGEM DA AMAZÔNIA E DA GÂNDARA NAS EDIÇÕES DE TURISMO

Francisco Santos Borges

Resumo: Esta comunicação foca nos escritos do autor português, Carlos de Oliveira, trazendo como objeto de análise as diferentes edições da obra Turismo do escritor e, como tema, a construção das paisagens amazônica e gandaresa em sua escrita. O estudo tem como objetivo principal traçar uma linha histórico-comparativa das paisagens rememoradas da infância do escritor nas edições da obra referida, salientando as mudanças ocorridas na escrita até a última versão publicada. Para fundamentar inicialmente os estudos de literatura comparada na perspectiva desejada, far- se-à a sustentação em Guillén (1984) e para abordagem dos estudos de paisagem e literatura, o diálogo será com Ida Alves (2002, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019), Marleide Anchieta (2015) e Telles (2013). Sobre o processo de reescrita na obra de Carlos de Oliveira, consideraremos fundamentalmente o trabalho analítico de Rosa Maria Martelo (1998). Em nossa comunicação, discutiremos a percepção da paisagem amazônica em contraste com a gandaresa, percebendo o lugar do sujeito no meio social e a convivência deste com essas diferentes paisagens descritas em seu trabalho poético que rememora sua infância, cruzando imagens advindas de uma experiência vivida (a Gândara) e certamente ouvida /lida e imaginada (a Amazônia). Observe-se que o autor nasceu em Belém do Pará, de pai português e mãe brasileira, mas foi levado para Portugal aos dois anos de idade e nunca mais esteve no Brasil.

NOTAS PARA A INVESTIGAÇÃO DE UMA PAISAGEM TEXTUAL A PARTIR DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Gabriela Cristina Carvalho Gonçalves dos Santos

Resumo: Proponho uma reflexão sobre a ideia de paisagem textual, em investigação em minha tese de doutorado, não como representação de um espaço exterior, nem como figuração do mundo na escrita, mas como um modo de organização do próprio texto enquanto experiência de espacialidade. Parto da leitura de "Onde Vais, Drama-Poesia?", de Maria Gabriela Llansol, movida pela pergunta sobre o que se transforma quando a paisagem deixa de ser aquilo de que o texto fala para tornar-se aquilo que o texto faz, isto é, seu próprio regime de relações, sua forma de composição, seu modo de existir. Nesse deslocamento, a paisagem deixa de coincidir com cenário, natureza descrita ou referente geográfico. O que se anuncia é um campo de coexistências no qual corpos, vozes, espécies, temporalidades e formas de vida heterogêneas não apenas aparecem, mas se afetam mutuamente na tessitura da escrita. A paisagem não precede o texto nem lhe serve de objeto; ela se produz na circulação entre elementos que a linguagem faz entrar em relação. Em diálogo com os estudos contemporâneos da paisagem, aproximo-me da ideia de paisagem textual como espacialidade que não se dá fora da escrita, mas se atualiza na leitura como

experiência. Contudo, interessa-me menos a estabilização conceitual dessa noção do que seu caráter de passagem: texto que opera como paisagem, instaurando regimes de vizinhança, fricção e contaminação entre formas de existência. Na escrita llansoliana, figuras como a árvore, a clorofila, o sopro, os animais e múltiplas presenças históricas e ficcionais não constituem inventário do mundo, mas uma economia de sobreimpressões em que diferentes mundos se atravessam sem se resolverem numa totalidade. Talvez não se trate de pensar a paisagem como tema, mas como inflexão do pensamento sobre a linguagem, em que já não se distingue o que é mundo e o que é escrita.

METRÓPOLES, ARRABALDES E CREPÚSCULOS NO MODERNISMO BRASILEIRO

Gabriela Lopes de Azevedo

Resumo: A lírica da cidade goza de algum prestígio nos estudos da poesia moderna, dado que a Revolução urbana e as sociabilidades específicas dos espaços da urbe transformaram radicalmente a vida social e suas representações artísticas. Nos estudos da poesia brasileira, a imagem da cidade moderna é bastante explorada na bibliografia sobre o Modernismo, basta lembrar de Pauliceia desvairada ou de Pau-Brasil e de seus respectivos estudos críticos. Contudo, desde os primeiros anos do século XX até a segunda metade da década de 1920, esse Modernismo difundido e estudado convivia de perto com uma outra poesia da modernidade, chamada no Brasil de Penumbrismo, uma vertente nacional do Decadentismo. O espaço da cidade na poesia penumbrista é uma espécie de negativo da fotografia da metrópole vertical, eufórica e barulhenta que costuma ser apontada na produção lírica de estética vanguardista: a cidade penumbrista é horizontal, brumosa e crepuscular; trata-se de uma imagem gerada de uma perspectiva aristocrática e melancólica sobre as transformações materiais e imateriais engendradas no espírito do "progresso". Além disso, a cidade penumbrista é circunscrita em um local específico da urbe moderna — o arrabalde. Como as "orillas" da poesia do jovem Jorge Luís Borges, exploradas pela crítica argentina Beatriz Sarlo, ou a "banlieue" dos quadros de Édouard Manet, Van Gogh, Luigi Loir e Jean-François Raffaëlli, estudados por T. J. Clark, o arrabalde também fez parte do imaginário literário-cultural da cidade moderna e foi extremamente produtivo na pena de autores como Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e Sérgio Milliet. A leitura proposta, portanto, afasta-se da visão etapista que, até então, envolveu o Penumbrismo e pretende discutir essa outra poesia da modernidade como parte do Modernismo brasileiro.

HABITAR A TERRA, ESCREVER O MUNDO: A ESPACIALIDADE FUNDAMENTAL EM TORTO ARADO (2019), DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Isadora Zurlo Nogueira

Resumo: Há muito, uma questão se instaura no cerne de todo indivíduo: "quem sou?". A pergunta torna-se complexa à medida em que se desdobra em infinitas outras: "sou alguém?", "com quem ou com que local me identifico?". Pensar a identidade é um caminho movediço. Afinal, como pensar a identidade de um sujeito arrancado violentamente de seu local de origem, de suas raízes culturais e históricas? Ou de um sujeito impelido a viver num eterno deslocamento, vagando à procura de trabalho, de pertencimento e de um solo em que possa assentar sua existência? Estas são questões caras à Literatura que, se não com a pretensão de respondê-las, promove sua problematização. É o caso de Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior. Mais que uma temática tão só, os aspectos identitários presentes na narrativa aparecem por meio da construção singular de um dos elementos: o espaço. O autor parece desdobrar a pergunta inicial, que só se responde a partir dos laços que as personagens desenvolvem com a terra, revelando uma intensa conexão de seres que atravessam o mundo, e que são por ele atravessados. Nesta perspectiva, as ações do romance não só se passam na fazenda de Água Negra como uma espécie de pano de fundo; o que ocorre é uma fundamentalidade do espaço na obra, de modo que seja possível pensar neste elemento como dinamizador das demais instâncias narrativas. A espacialidade aqui é entendida por uma perspectiva relacional própria do conceito de paisagem difundido por autores como Eric Dardel (2015) e Michel Collot (2013), que consideram a relação indissociável entre o sujeito e o lugar. Na obra de Itamar, a paisagem parece revelar todo o universo narrativo, uma vez que é a partir de sua construção que o leitor vai desvendando o correr dos acontecimentos, as temporalidades envolvidas e, principalmente, as personagens

POESIA E NATUREZA EM POEMAS DE À L'ÉQUILIBRE (2018), DE JUDITH CHAVANNE: ENTRE O ANIMAL, O VEGETAL E O HUMANO

Janaina Jenifer de Sales

Resumo: Nascida em 1967, a poeta e professora de literatura Judith Chavanne possui cerca de uma dezena de livros de poesia publicados na França entre 1997 e 2023. Além disso, é pesquisadora da obra do poeta suíço Philippe Jaccottet, sobre a qual também possui publicações importantes, inclusive pela editora Seuil. Em À l'équilibre, lançado em 2018 pela editora Le Bois d'Orion, uma antologia que resgata alguns

poemas de publicações anteriores, entre revistas literárias e livros de poesia, Chavanne se serve dos elementos da natureza para uma composição poética tanto original quanto contemplativa, flertando, muitas vezes com a reflexão filosófica. Este trabalho dedica-se à investigação das representações da natureza presentes na obra, tanto em termos de paisagem, com aparições de espécies vegetais, quanto de espécies animais, sobretudo na representação de pássaros, e sua possível correlação com o humano. Para tanto, partiremos do estudo analítico de poemas escolhidos da obra À l'équilibre (2018), apoiados em noções como as de natureza e paisagem, discutidas por Anne Cauquelin (2000) e Philippe Descola (2016), e sua relação com a poesia, presente nos estudos de Michel Collot (2005, 2015), além da noção de animalidade, cunhada por Jacques Derrida (2006). O intuito deste trabalho, para além do exercício da análise crítica, é também o de contribuir para os estudos centrados na geopoética no Brasil e justifica-se pela lacuna encontrada na crítica referente à obra de Judith Chavanne tanto no Brasil quanto no exterior.

A PAISAGEM ESPESSA VISTA EM FLUXO DE O CÃO SEM PLUMAS

João Cicero Teixeira Bezerra

Resumo: Em O Cão sem Plumas, de João Cabral de Melo Neto, a paisagem do Recife e do rio Capibaribe surge como matéria viva e inseparável da experiência humana, animal e urbana. O poema dissolve as fronteiras entre homem, lama, rio, mangue e cidade, produzindo uma percepção ecológica avançada – antes das discussões serem lidas por um caminho ecocrítico, em que a degradação ambiental coincide com a degradação social: sem separar a vida do homem, do animal, do rio e da cidade. O Capibaribe não é apenas cenário: ele encarna uma forma de vida espessa, precária e ferida, aproximando-se do cão, do mangue e dos homens "sem plumas", despojados de qualquer idealização ornamental – também não é estático, mas segue na compreensão de que a paisagem pode ser apresentada em fluxo poético crítico, navegando, sem o conceito pictórico ou fotográfico de que uma paisagem como um horizonte visual limitado, mas passa a ser uma viagem de um poema por um rio. A metáfora do "cão sem plumas", que está interligada ao rio e toda a cidade e ao modo de vida, recusa o decorativismo lírico e constrói uma poética árida, seca e material, marcada pela lama, pela ferrugem e pela fome. A arquitetura verbal cabralina — feita de repetição, cortes abruptos, densidade imagética e rigor construtivo — espelha a própria estrutura da cidade e do rio. Forma e sentido tornam-se indissociáveis: a materialidade do poema reproduz o fluxo viscoso do Capibaribe e a geografia social em colapso. Assim, a poesia de Cabral antecipa discussões ecocríticas contemporâneas ao compreender a paisagem como campo de tensão entre natureza,

urbanização, miséria e violência histórica. Como observa Benedito Nunes, a poesia cabralina produz uma "imaginação concreta" que transforma o espaço em experiência ética e histórica.

PAISAGEM À JANELA: INCIPIT E NATUREZA EM RESSURREIÇÃO (1872), DE MACHADO DE ASSIS

Marcos Roberto Flamínio Peres

Resumo: Esta comunicação pretende-se um close reading do capítulo inicial de Ressurreição (1872), primeiro romance de Machado de Assis, procurando discutir não apenas a maneira como a natureza é ali representada mas também como ela se distancia da estética romântica a que muitas vezes esse romance foi associado. Críticos importantes como Gilberto Freyre, Roger Bastide e, pioneiramente, João Ribeiro diagnosticaram a quase ausência da paisagem em suas obras, em contraste com o "paisagismo eloquente" (Freyre) de um escritor como José de Alencar. O próprio Machado de Assis, de resto, ajudou a criar e orientar essa interpretação já no ano seguinte à publicação de sua obra, através do célebre artigo "Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade". Ali defende a prevalência da análise psicológica no romance brasileiro em detrimento da pintura de costumes, da representação da história ou da natureza (tropical) que tanto caracterizaram a ficção romântica. Em Ressurreição, contudo, a natureza não apenas marca presença como o faz já nos trechos de abertura, ou naquilo que a poética narrativa denomina incipit (Lungo). Operando tanto sobre o registro estilístico quanto na caracterização de personagens e na composição da intriga, o narrador mobiliza no "horizonte de expectativa" (Iser) do leitor da época a figuração romântica da natureza à qual ele se habituara, para, no entanto, esvaziá-la logo em seguida. Desse modo, o posicionamento específico da natureza no interior da intriga - no incipit - indica que Machado estava, já em sua primeira prosa de ficção, perseguindo um outro tipo de poética romanesca, em muito diferente daquela praticada por seus antecessores.

O CORPO E O MUNDO NAS POÉTICAS DE ANA LUÍSA AMARAL E CONCEIÇÃO LIMA

Mayara Gonçalves Marques da Silva

Resumo: O presente trabalho propõe uma investigação sobre os entrelaçamentos entre corpo, paisagem e memória nas poéticas da autora portuguesa Ana Luísa Amaral e da são-tomense Conceição Lima, compreendendo a literatura como um campo de produção simbólica que tensiona as relações entre sujeito, território e natureza. A análise fundamenta-se na ecopoética de Michel Collot (2012, 2020), especificamente na tríade ego-éco-géo, e na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) sobre a corporeidade,

articulando-as centralmente ao ecofeminismo na perspectiva de Mies e Shiva (1993) e às reflexões de Michel Deguy (2010) sobre o vínculo entre pensamento ecológico e gesto poético. Esta lente crítica permite evidenciar como a exploração dos corpos femininos e dos territórios naturais obedece a uma mesma lógica patriarcal, colonial e capitalista, propondo, em contrapartida, uma ética da interdependência, da reciprocidade e do cuidado. O estudo examinará, por meio de uma pesquisa qualitativa e interdisciplinar, poemas selecionados das obras E todavia (2015), de Amaral — como "Das alcalinas soluções ou brilhos", "Pequena ode, em anotação quase biográfica" e "Reciclando o mundo: revoluções" —, e O útero da casa (2004), de Lima — contemplando "Mátria", "A casa" e "Seiva". Através destas poéticas, investiga-se como a linguagem das poetas, embora situadas em contextos geográficos e históricos distintos , se enraíza na terra e transforma o espaço em experiência sensível, reinscrevendo o sujeito na paisagem como parte pulsante do mundo, em um espaço de denúncia, pertença e (re)existência.

POR TERRITÓRIOS DO FIM: O ESPAÇO NA NARRATIVA DE ANA MARGARIDA DE CARVALHO

Monica do Nascimento Figueiredo

Resumo: A partir da leitura da narrativa de Ana Margarida de Carvalho, o presente trabalho objetiva mapear o modo como o espaço é tratado pelas linhas ficcionais de uma autoria que parece ter declarada predileção por 'lugares mal situados", estabelecendo, em seu processo criativo, uma certa escatologia que, antes de apostar em um apocalipse divino, crê no devir histórico e no reconhecimento da catástrofe como sinal de redenção da História. Interessa aqui perguntar, como os lugares criados pela ficção da autora apontam, benjaminiamente, para uma paisagem em ruínas que convém à memória cultural resgatar. Num diálogo comparatista que deseja por em diálogo literatura, geografia e história, pretende-se ressaltar a importância do espaço na obra de uma Autora que, privilegiadamente, construiu um universo ficcional erguido a partir da premência de fronteiras, de limites, de relevos e de territórios inóspitos (marcados pela violência das águas, pela dureza da terra, pelo assédio do vento e pela ameaça do fogo), capazes de não só exilar e degredar a experiência humana; mas também de potencializar o impedimento de uma forma de vida comunitária, onde a compaixão pudesse ser experenciada. Resta à "paisagem apocaliptica" criada pelo trabalho de ficção de Ana Margarida de Carvalho apostar na capacidade de resistência daquilo que é humano e que só persiste porque é guardado em pequenos gestos, que tentam enfrentar a dureza de "realidades" que reproduzem o fim.

OS LUGARES DO REAL, DA MEMÓRIA E DA IMAGINAÇÃO: A PAISAGEM NA POESIA DE ASTRID CABRAL

Regina Célia dos Santos Alves

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo uma leitura de poemas do livro Intramuros (2008), da escritora amazonense Astrid Cabral, a partir da perspectiva da paisagem. Em praticamente toda a produção da autora, tanto na poesia quanto na prosa, a paisagem ocupa um lugar central, expressando uma forma singular de perceber, imaginar e habitar o mundo, seja ele familiar ou estrangeiro. A obra mencionada está dividida em três partes: "Intramuros", "Jaula" e "Extramuros". Para a abordagem aqui proposta, interessa-nos a última parte, "Extramuros" que, como o próprio nome indica, aponta para fora, para um olhar que se lança à vivência do entorno, materializado em paisagens que se conformam na apreensão da concretude dos lugares – como as Sete Quedas, Bariloche, Mérida, Petrópolis e diversos lugares de Paris e Roma, por exemplo -, e no exercício da memória e da imaginação. O movimento instaurado por sua poesia é fenomenológico, tornando-se, assim, o responsável por paisagens que carregam uma visão particular da realidade, cuja força expressiva é alcançada pelo domínio da palavra poética, dinamizada em suas mais diversas possibilidades, sobretudo, imagéticas. Desse modo, a paisagem na poesia de Astrid Cabral adquire a potência de revelação de uma subjetividade que se coloca como parte integrante e integrada ao mundo e à natureza, sendo que as imagens resultantes dessa experiência, desse encontro com o meio, evidenciam a transitividade, a reciprocidade e a imersão como condição fundamental do ser no e com o mundo.

GEOPOÉTICA E ESPACIALIDADE: A EMANCIPAÇÃO DO OLHAR

Susana Maria Loureiro da Silva Matos Antunes

Resumo: A presente proposta visa apresentar a geopoética como uma lente teórica capaz de renovar a crítica e a compreensão da espacialidade na literatura. Idealizada pelo escritor franco-escocês Kenneth White (1936-2023), este campo transdisciplinar assente na ideia de "superintellectual nomads" (White, 1992, 175), estabelece ligações com a ideia de movimento espacial e intelectual, motivando a reinvenção de saberes multidisciplinares que enriquecem os nossos territórios físicos e mentais. Presente nas ciências humanas e sociais, a ideia de relativização espacial imprime um novo elemento à ideia de geopoética, proporcionado o restabelecimento e o enriquecimento da relação Homem-Terra desde há muito interrompida, provocando graves consequências a nível ecológico, psicológico e intelectual. No contexto

errático proposto por White, a geopoética permite desenvolver novas perspetivas existenciais num mundo reimplantado onde o espaço aberto para a experimentação permite romper com entendimentos magistrais do conhecimento e contrariar uma narrativa unívoca e universal do mundo. Por outro lado, a geopoética permite ainda que o pensamento se estabeleça numa relação direta com a Terra e o território, em vez de ser representado por uma relação mediada entre o sujeito (cognoscente) e o objeto (conhecido), produzindo-se, simultaneamente, o deslocamento de um paradigma epistemológico para um paradigma geo-poético. Induzindo à pluralidade de vozes na exploração de diferentes teorias procedentes de diversos lugares geográficos, disciplinares e culturais, e à valorização da relação homem-Terra em espaços fecundados pela ideia de errância, movimento espacial e nomadismo intelectual, a geopoética acomoda e estabelece o princípio que Kenneth White advoga: "Disons, avec un rire cosmique, que le troisième millénaire sera nomade et geopoétique ou ne sera pas" (White, 2014, s/p.).

"UM SEGREDO BOTÂNICO / DA LUZ": A CONSTRUÇÃO DE UMA ECOPOÉTICA DO COMUM EM POEMAS DE ANA LUÍSA AMARAL

Tamara Roza Campos Amaral

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura ecopoética da poesia de Ana Luísa Amaral, centrada na recorrência de um campo lexical ligado à natureza, aos animais, às plantas e aos pequenos gestos do cotidiano. Em diálogo com as reflexões de Jean-Claude Pinson e Michel Collot, a análise compreende que esses elementos constituem formas de pensamento e de percepção do mundo. Na poesia de Ana Luísa Amaral, a linguagem aproxima humano, animal, vegetal e matéria, instaurando uma experiência de coexistência e de abertura ao vivo. Assim, a natureza deixa de ocupar o lugar de cenário para tornar-se espaço de partilha, escuta e convivência, em que o sujeito se percebe como parte de uma mesma comunidade sensível e cósmica. Nessa perspectiva, o gesto poético de Ana Luísa Amaral inscreve-se como prática de reconciliação e resistência: reconciliação, porque procura reatar os vínculos entre palavra, corpo e mundo; resistência, porque afirma, diante da violência, da destruição e da indiferença contemporâneas, a permanência da delicadeza, do cuidado e da atenção como formas éticas de habitar a Terra. Desse modo, flores, jardins, animais e imagens do cotidiano configuram uma ecopoética do comum, na qual vulnerabilidade, afeto e coexistência tornam-se modos de relação entre os seres e o mundo.

ESPAÇO E LINGUAGEM - GEOGRAFIA LITERÁRIA E ECOCRÍTICA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Vanja Ramos Vieira de Campos

Resumo: A literatura, ao oferecer múltiplas formas de narrar e imaginar o mundo, amplia o horizonte interpretativo do aprendiz e o coloca em contato com diferentes modos de sentir, perceber e construir paisagens culturais. No ensino de línguas, ela constitui um espaço privilegiado de encontro entre linguagem, sensibilidade e alteridade, permitindo que o estudante compreenda não apenas estruturas linguísticas, mas também universos simbólicos, valores, memórias e visões de mundo. Nesse contexto, a geografia literária contribui para compreender como os textos constroem espacialidades e configuram lugares, revelando modos diversos de habitar e representar o mundo. Perceber como diferentes culturas organizam seus territórios materiais e imaginários, enriquece o estudo da língua ao articular linguagem, espaço e experiência humana. A ecocrítica amplia essa reflexão ao problematizar as relações entre sujeito, ambiente e linguagem. Sob esta ótica, no presente trabalho reconheceu-se a importância de investigações sobre o ensino de idiomas, especialmente em contextos neoliberais, marcados por desigualdades e colonialidades historicamente reconhecidas.. Ao articular língua, literatura, geografia literária e ecocrítica, o processo pedagógico desenvolve competências críticas e interculturais, permitindo ao aprendiz reconhecer a pluralidade de vozes e a complexidade das relações entre sujeito, espaço e linguagem. A literatura torna-se, assim, instrumento de deslocamento e reflexão, intensificando a experiência do olhar e enriquecendo a construção de sentidos. Neste sentido, dominar uma língua estrangeira não implica, necessariamente, em concordar com os valores dominantes de uma cultura hegemônica, mas pode significar a apropriação de ferramentas discursivas que permitam ao sujeito transitar por diferentes espaços, estabelecer conexões interculturais em um ato de resistência e de emancipação — e não de submissão à hegemonia. Trata-se, portanto, de um processo que pode rechaçar modelos de dominação ao propor caminhos alternativos de expressão, de pertencimento e de transformação social.

PAISAGEM TANGÍVEL: TATO E EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO URBANO EM "PARANOIA" DE ROBERTO PIVA

Yu An

Resumo: A presente comunicação procura articular geografia e literatura a partir da problemática da sensorialidade, a fim de investigar as possibilidades de uma escrita poética da experiência e da imaginação sensoriais — sobretudo táteis — do espaço urbano no livro de estreia de Roberto Piva, “Paranoia” (1963), bem como refletir sobre o que essa escrita revela acerca do viver corporal e espacializado no mundo. Em primeiro lugar, o trabalho examina as formulações sobre a paisagem háptica nos estudos da geografia

sensorial de Paul Rodaway, em diálogo com a crítica geopoética de Michel Collot, que problematiza a dimensão sensorial na relação entre espaço e forma literária. Parte-se da hipótese de que o tato, enquanto interface entre o corpo e o mundo, não constitui apenas um tema representado na poesia piviana, mas também desempenha uma função estruturante na escrita do espaço urbano. Em seguida, procura-se revisitar a relativamente vasta fortuna crítica sobre "Paranoia", buscando traçar uma correlação entre palavra, toque e espaço, marcada pela abertura perceptiva e existencial, bem como pela transgressão estética e política, em interlocução com leituras centradas na estética surrealista (Gambardella & Castral, 2018) e nos Night Studies (de Andrade, 2025). Por fim, a partir da interpretação de alguns poemas de "Paranoia", pretende-se analisar a mobilização das sensações táteis na escrita da experiência urbana de Roberto Piva, levando em conta a recorrente articulação sinestésica das sensações, os procedimentos retóricos e as influências literárias assumidas, que desempenham um papel importante na constituição da sensibilidade háptica urbana em Roberto Piva, tanto em termos estéticos quanto políticos.

ST: POÉTICAS DA RELAÇÃO: LITERATURAS E ORALITURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Jucelino de Sales e Cacio José Ferreira

Resumo: A crise da literatura comparada (Wellek, 2011), reconfigurada com a virada epistemológica dos anos 1960/70, impactou significativamente os estudos literários contemporâneos reorganizando os paradigmas explicativos da realidade. A reordenação de modelos de compreensão, interpretação e análise literária passa diretamente pela renovação da teoria literária, com a absorção de conceitos, ideias, dispositivos de análise, como intertextualidade – efeito palimpsesto, memória de literatura – (Samoyault, 2008) e estratégias narrativas como parasitismo ou vampirização literária (Pauls, 2004), autoficção (Colonna, 2014), escrevivência (Evaristo, 2020), oralitura (Martins, 2003), etc. Samoyault traça um amplo estudo recompilando diversos teóricos que trataram do mecanismo em suas pesquisas, abordando a circulação de uma vasta memória de literatura, isto é, dos procedimentos intertextuais na diegese, gerando o "efeito palimpsesto" (2008, p. 139), acumulador de intertextos, recorrente na literatura de segunda mão, ou melhor, de um "texto derivado de outro texto preexistente" (Genette, 2010, p. 18). A transformação, anunciada por teóricos como Roland Barthes (1984), no ensaio seminal A morte do autor, Maurice Blanchot (2011), que em seus escritos elevou aos estertores a discussão sobre o desaparecimento da autoria, Michel Foucault (2016), que salientou na formação discursiva da instituição literária sua condição de repetição infinita, entre outros, e que robusteceu o seu vigor nas décadas posteriores, exerce hoje uma

expansão efervescente não apenas no terreno puramente teórico, como também, e vertiginosamente, no bosque profundo da ficção. Na guinada da teoria pós-colonial, nas últimas décadas os estudos literários contemporâneos atravessam loquaz revisionismo de posições refratárias ao cânone literário ocidental (Bloom, 1995), contradizendo as epistemologias eurocêntricas com refutações criativas contra o perigo de uma história única (Adichie, 2019, p. 10). Na vertigem de reconstrução do debate sobre o fenômeno literário, as literaturas e oralituras afrodescendentes, também as literaturas marginais e periféricas com suas escrevivências, em ampla medida subsidiadas pela força da tradição viva (Bâ, 2010), comportam um limiar produtivo de manifestações estéticas irradiadas com os desdobramentos de uma deriva de insatisfações, questionamentos e denúncias desencadeadas ao longo do século XX e consolidadas no limiar do século XXI. Quando o olhar atravessa detidamente o caso do Brasil cuja literatura nacional no esteio do sistema de pensamento ocidental, canônico e tradicional, vigora sob o horizonte de um sistema literário periférico quando tomado o cânone ocidental e a visão eurocêntrica como precedente analítico, a hipótese de um trânsito literário e cultural articulando as relações literárias sob o cálculo de uma rede mundial de conexões intertextuais transitando de texto para texto, no seu espaço literário de convergência, se acresce de consignada pertinência na medida em que uma visão anticolonialista e anti-imperialista da visada teórica mais recente abre um leque de compreensões no que tange aos relacionamentos interculturais. Os apontamentos do teórico israelense Itamar Even-Zohar (2013) sobre polissistemas literários em circulação num mesmo território e/ou em confluência em territórios distintos, sustentam uma dimensão de pertinência basilar para o crivo da questão. É nesses termos que o Edouárd Glissant pensa em uma poética da relação, cujo drama é observar o mundo pelas lentes do pensamento rastro/resíduo frágil, intuitivo, ambíguo (2005, p. 30). Para Glissant, a literatura sempre defendeu uma concepção de mundo. O polissistema literário ordena esse pensamento através do caos-mundo, "sob o poema aparentemente mais claro, pulsa em surdina uma visão do mundo" (idem, p. 42), capaz de desentranhar a realidade difratada no discurso histórico. Modelos como, o de Edouárd Glissant que aponta uma poética da relação como instrumento para interpretar a diversidade das culturas do mundo, o de Itamar Even-Zohar que descentra a relação secular centro-periferia por uma teoria dos polissistemas fundamentada na dinamicidade múltipla do repertório literário cujas forças vetorizam a transição entre o canonizado e o não-canonizado, o pensamento de Tiphanie Samoyault que enxerga a rede de relações literárias a partir de uma memória de literatura, ascendem como projetos bastante atuais que além de provocadores tomam como plenitude uma razão que não limita a teoria a um método único e exclusivista. Suas abordagens muito mais se baseiam numa dinâmica transdisciplinar do que se encerram na aposta de um método limitado. Em confrontação aos epistemicídios, e em consonância com abertura do cânone, esse simpósio propõe reflexões com recepção de trabalhos sob o viés comparatista que encampem estratégias narrativas recorrentes na prosa e na poesia (romance, poema, performance oral), que versem sobre efeito palimpsesto, vampirização

literária, autoficção, escrevivência, oralitura, etc., e principalmente partam: (i) das literaturas e oralituras afro-brasileira; (ii) das literaturas e oralituras marginais e periféricas; (iii) das literaturas e oralituras regionais (amazônica, do cerrado e quilombola). Assim, são bem-vindas investigações no recorte descrito, muitas vezes deixado fora da página da dita literatura canônica, doravante representam um caudaloso, multifacetado e plurissignificativo manancial de textualidades, as quais manifestam poeticidades riquíssimas e generosas, e acumulam em suas partituras universos mentais carregados de força simbólica e de qualificada diegese literária.

ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: A PRESENÇA DAS NARRATIVAS ORAIS NOS SÉCULOS XX E XXI NA REGIÃO DE SOROCABA (SP)

Alex de Oliveira Santos

Resumo: A pesquisa visa identificar semelhanças e diferenças entre os temas, as estruturas narrativas e as funções sociais de contos populares coletados por Aluísio de Almeida (1969) e Waldemar Iglésias Fernandes (1978) no século XX na região de Sorocaba, interior de São Paulo, e outras narrativas orais contadas na atualidade, sob o mesmo recorte geográfico. Para isso, serão colhidas histórias de diversos municípios da região, e a partir desse corpus será realizado um estudo comparativo pautado por relações comunitárias, como propõe Abdala Junior (2012). Nesse sentido, o estudo propõe a realização de um comparatismo diacrônico, utilizando as histórias coletadas no século XX e as coletadas no século XXI (em ambos os casos, na região de Sorocaba). Com isso, o acervo de narrativas orais do interior de São Paulo será ampliado, em continuidade ao trabalho de Almeida, Fernandes e outros autores, e haverá uma contribuição com a inserção de narrativas da oralidade nos estudos comparados de literaturas de língua portuguesa. Esse viés parte do entendimento de que pesquisar narrativas orais do estado de São Paulo é fundamental para a preservação de memórias coletivas e saberes ancestrais muitas vezes ausentes dos registros oficiais, garantindo a salvaguarda de histórias, experiências e visões de mundo transmitidas entre gerações. O estudo, portanto, contribui para a valorização de identidades culturais e de modos de vida tradicionais, fortalecendo o patrimônio imaterial do interior paulista e buscando sua valorização no meio acadêmico.

POÉTICAS E CARTOGRAFIAS DO CERRADO NAS OBRAS HAICAÍSTAS CONTEMPORÂNEAS DO DISTRITO FEDERAL

Cacio José Ferreira

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a produção haicaísta contemporânea do Distrito Federal, investigando de que maneira a forma poética de origem japonesa é redimensionada no contexto cultural do Planalto Central brasileiro. Parte-se da hipótese de que o haicai ultrapassou a condição de gênero transcriado para constituir-se como manifestação literária vinculada às experiências locais, articulando tradição e inovação, memória e contemporaneidade, natureza e urbanidade. A relevância da pesquisa reside na escassez de estudos voltados à produção haicaísta da região, apesar da significativa atuação de autores que vêm contribuindo para a renovação da poesia breve brasileira. A investigação fundamenta-se nos estudos de Cacio Ferreira, Roland Barthes (2007), Reginald Horace Blyth (2025) e Haroldo de Campos (1996), cujas reflexões permitem compreender os princípios estéticos do haicai, a circulação transnacional e as transformações em diferentes contextos culturais. Metodologicamente, adota-se a abordagem qualitativa, baseada em levantamento bibliográfico, mapeamento de autores e análise literária de obras representativas produzidas no Distrito Federal. O corpus contempla escritores como Lílian Saeko Taba, Jorge Kuzman, Jorama, Reinaldo Cruz, Ana Rossi, Carlos Viegas, Roberto Xavier, Stéfane Silva e Delores Pires. Os resultados parciais indicam que os haicaístas do Distrito Federal preservam características fundamentais da tradição japonesa, como a brevidade, a condensação imagética, a valorização do instante e a sugestão poética, ao mesmo tempo em que incorporam elementos relacionados à paisagem do cerrado, aos espaços urbanos de Brasília e às múltiplas identidades culturais da capital federal. Observa-se que o cerrado emerge como espaço simbólico recorrente, funcionando como marca de pertencimento e identidade regional. Além disso, os poemas ampliam os horizontes temáticos do gênero ao incluir questões relacionadas à memória, ao afeto, à urbanização e à experiência contemporânea. Portanto, o haicai produzido no Distrito Federal constitui a poética híbrida, reafirmando a vitalidade da forma breve na literatura brasileira contemporânea.

ESCREVIVÊNCIA: A ARTICULAÇÃO ENTRE O FICCIONAL E O FACTUAL, ENTRE A ARTE E A VIDA

Caroline da Conceição Barbosa da Purificação

Resumo: O termo escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo (2020), busca ler a produção literária que traz o sujeito negro no centro da cena, investindo em sua subjetividade e na complexidade de suas vivências, contrapondo representações estereotipadas da comunidade negra em diversas esferas da sociedade. Uma das estratégias utilizadas pelos autores de obras que podem ser lidas na clave

escrevivencial é o movimento de aproximação e distanciamento da perspectiva autobiográfica, pois há o desejo de valorizar a experiência individual em consonância com a coletividade, a comunidade negra. Nesse sentido, as obras transitam pela ficção como forma estética, seleção narrativa, mas também no terreno do factual por evocar a primeira pessoa próxima ao autor, a documentação da vida, a discussão de temas do espaço público e a tensão com a narrativa oficial. No entanto, a aproximação do factual na escrevivência feita pela crítica tradicional remete a uma desvalorização dessas obras, sendo lidas como mero relato transparente da realidade, permeada de uma veridição do que seria a experiência total do sujeito negro. Nessa comunicação, busca-se pensar o componente factual da escrevivência à luz das discussões empreendidas pela pesquisadora Luciene Azevedo (2024). Para ela, há uma "guinada documental" em curso na literatura contemporânea, que não pensa o documento como comprovação da verdade, mas mobiliza seus contornos para a "produção de uma inquietude" que possibilita imaginar presentes e futuros possíveis. Assim, esse trabalho busca investigar o componente factual da escrevivência como possibilidade de desestabilizar verdades oficiais e elaborar outras formas de ler a comunidade negra na sociedade através do investimento em sua multiplicidade. Para realizar essa investigação serão analisadas as obras Cartas a uma negra (2021) , da escritora martinicana Françoise Ega, e Stardust(2024), da escritora camaronesa Leonora Miano, que partem do autobiográfico para pensar a experiência de mulheres negras da diáspora na sociedade francesa.

REDENÇÃO, A ERRÂNCIA NO ENTRE-LUGAR DO POETA: OTACÍLIO DE AZEVEDO (1892-1978)

Celso Chagas de Freitas

Resumo: Esse trabalho visa apresentar a obra e o poeta cearense neoparnasiano Otacílio de Azevedo, autor autodidata e pobre, que foi, na recepção de seu tempo, erroneamente interpretado como poeta "alienado". Pretendemos contrariar tal avaliação por meio da relação do poeta com as cidades de Fortaleza e Redenção, inscritas em sua obra – coloca-se em evidência seu entre-lugar à elas, considerando a fragmentação do Eu nos termos de Hall (2006). Nesse sentido, em Da poesia à prosa (2007), Berardinelli estabelece que a relação do poeta com as cidades reverbera em uma "sensibilidade moderna". Em Azevedo, essa sensibilidade revela tensões entre o campo e a cidade, sintetizadas na destruição de mundos determinados; a ameaça à sua memória, pela modernização de Fortaleza do início do século XX, reforça a volta à sua cidade natal, que só é possível no esforço, vezes nostálgico, em sua infância, memorialístico ou histórico, de reconstruir Redenção, "refazendo zonas sagradas que o sistema profana" (BOSI, 1990, p.

146). Considerando os poemas "Dentro do Passado" (1916); "Musa Risonha" (1920); "Saudade" (1942) e "Redenção" (1944) como parte do proposto "projeto poético redencionista", aponta-se a preocupação constante do escritor em restabelecer sua origem. Com as contribuições de Adorno (2012) e Candido (2006), para nós, o poeta encontra uma forma poética nas tensões de ordem e progresso do início do século XX, isolado de Redenção e não-integrado satisfatoriamente à cidade de Fortaleza. Pela perspectiva de Édouard Glissant (2023) sobre o pensamento da errância, a identidade de Azevedo pode ser reafirmada apesar do exílio, que desgastaria o sentido da identidade, mas que o pensamento errante, que é o pensamento da relação, a reforça, garantindo a estrutura expressa no projeto poético redencionista. A errância, nesse sentido, é distinta de uma fuga, recusa, ou abandono de origem, o que indica a falácia do dito poeta "alienado".

PELA VOSSA PATERNA SAGRAÇÃO: OS MOVIMENTOS DE TRADIÇÃO E RUPTURA NO CONTO "PAI ABENÇOA FILHO", DE RONALDO CORREIA DE BRITO

Guilherme Mateus Maniçoba Formiga

Resumo: Como mecanismo de reflexo crítico, a literatura registra marcas que são, em muito, custosas às múltiplas dinâmicas de disposições e estruturações sociais. Este artigo analisa criticamente como os conceitos de tradição e ruptura se manifestam na narrativa de Ronaldo Correia de Brito, especificamente no conto "Pai abençoa filho", presente no livro Retratos imorais (2010). A partir de referenciais teóricos como Ecléa Bosi (1994), Gerd Bornheim (1997), Eric Hobsbawm (1997) e Gaston Bachelard (2008), o texto investiga o papel da memória, dos ritos religiosos e das práticas familiares como instrumentos de conservação de valores e hierarquias, sobretudo na relação entre pai e filho. O conto, narrado em primeira pessoa, articula um percurso de deslocamento geográfico e simbólico: a partida da personagem protagonista do interior do Ceará para a cidade do Recife, que, ao mesmo tempo em que reafirma tradições patriarcais — como a lei do silêncio e da repressão emocional —, também instaura rupturas, especialmente na conquista da autonomia do protagonista. A análise evidencia como símbolos narrativos — a casa paterna, a bênção, as asas teatrais, o pranto — condensam essa dialética entre permanência e transgressão, configurando o sertão nordestino como espaço de tensão entre herança cultural e desejo de liberdade. Percebemos que o conto de Ronaldo Correia de Brito materializa a interdependência entre tradição e ruptura, mostrando que ambas se refletem mutuamente na constituição da identidade individual e coletiva.

"SALVADOR POSTA COMO UMA VARANDA SOBRE AS ÁGUAS": REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM EM "CALEPINO", DE PAULO TEIXEIRA

Gustavo Machado Costa

Resumo: Natural de Moçambique, mas radicado, há muitos anos, em Portugal, onde licenciou-se em Geografia e Planejamento Regional pela Universidade Nova de Lisboa, Paulo Teixeira é considerado um dos principais poetas revelados nos anos 1980. Desde as primeiras publicações em verso, notabiliza-se tanto pelo uso do monólogo dramático — procedimento mediante o qual representa uma diversidade de vozes ficcionais, provenientes do cânone literário ocidental — quanto pela dimensão escatológica adotada para tratar do declínio da Europa e da falência dos valores que enformaram a Civilização Ocidental. Apesar de pouco conhecido no Brasil, tem uma forte ligação com a cidade de Salvador, que conhece por meio de um período de residência literária na Fundação Sacatar e na qual permanece por uma década para realizar mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Desse contato com a capital baiana resultam duas publicações que trazem uma nova faceta à sua produção: "Calepino", livro inédito que integra a obra poética reunida, intitulada "O último poeta romano" (Teixeira, 2020); e "Não dias o que a baiana tem", primeira incursão do escritor no âmbito da prosa de ficção. Tomando Calepino como objeto de estudo, a presente comunicação busca analisar o modo pelo qual a paisagem é representada em alguns de seus poemas. Para tanto, parte de uma reflexão sobre paisagem a partir de seu teor de culturalidade (Cauquelin, 2015), valendo-se, igualmente, de estudos situados, interdisciplinarmente, no campo fenomenológico (Collot, 2013, 2018).

DO MIMEÓGRAFO À DIVERSIDADE LGBTQIAPN+ NO DISTRITO FEDERAL: CONCEPÇÕES DE MARGINAL NAS EDITORAS INDEPENDENTES - EDITORA SEMIM E PADÊ EDITORIAL

Jhenifer Emanuely Rodrigues dos Santos

Resumo: Esta comunicação propõe uma análise comparativa entre dois perfis de editoras independentes situadas no Distrito Federal: a Editora Semim e a Padê Editorial. Por um lado, a Editora Semim ergue-se em meio às dificuldades enfrentadas pelos poetas marginais vinculados à geração mimeógrafo da década de 1970, atuando como espaço alternativo de circulação literária. Por outro, a Padê Editorial, fundada em 2016, consolida-se contemporaneamente como uma das principais editoras voltadas à autoria LGBTQIAPN+, ao ampliar e potencializar a visibilidade e circulação dessas vozes historicamente

marginalizadas no sistema literário brasileiro. Apesar da distância temporal de quarenta anos, observa-se que ambos os veículos editoriais compartilham o interesse por produções consideradas marginais em seus respectivos contextos históricos. Para realizar este trabalho, tomou-se como fundamentação teórica a teoria dos polissistemas literários de Itamar Even-Zohar (2013), para compreender como os agentes disputam simbolicamente posições no sistema literário dinâmico composto por diversos subsistemas em disputa. Nesse sentido, busca-se investigar de que modo o conceito de marginal se transforma ao longo do tempo e como diferentes agentes editoriais disputam posições dentro do sistema literário. Dito isso, espera-se que esse trabalho possa contribuir para ressaltar a diversidade do conceito de marginal, bem como para a compreensão da diversidade das práticas editoriais independentes e das ressignificações da literatura marginal no/do Distrito Federal.

A POÉTICA DE GONÇALVES CRESPO: ENTRE A LÍRICA PARNASIANA E A MEMÓRIA CULTURAL AFRODESCENDENTE.

João Pedro da Silva

Resumo: Este trabalho busca analisar as representações memorialísticas de herança afro-brasileira na poesia parnasiana do escritor luso-brasileiro Gonçalves Crespo, à medida em que será explorado sua atitude ideológica como intelectual negro em uma sociedade escravista oitocentista, bem como garantir uma articulação de fundo com o pensamento de errância e de forma com a poética da estrutura, à luz dos preceitos de Édouard Glissant (2021). O poeta afrodescente, nascido no Rio de Janeiro, ocupa uma posição singular no sistema literário de língua portuguesa, sobretudo devido ao impacto de suas duas obras poéticas, intituladas Miniaturas (1871) e Nocturnos (1883), publicadas em Coimbra, no campo literário lusitano e brasileiro. Conforme a crítica literária, as poesias crespianas iluminaram os rumos do movimento parnasiano, devido ao descritivismo poético em retratar o cotidiano e o passado rural vivido no Brasil, de maneira a rejuvenescer o lirismo pela "dialética entre a intimidade e o mundo objetivo" (Saraiva, 2001, p. 924). Para além de um poeta precursor de vanguardas, Gonçalves Crespo é reconhecido por sua assumida posição de escritor negro em um cenário hegemonicamente branco, no qual refletia, em certos poemas, sobre a condição do negro nas fazendas brasileiras, e de certa forma sobre sua condição de "mulato inadaptado ao meio Português" (Oliveira, 2011, p. 192). Dessa forma, será realizado um recorte analítico comparativo dos poemas "Na roça" e "As velhas negras", a fim de apurar como a poética da estrutura de Crespo, com a presença dos aspectos memorísticos das figuras negras, subverte o sistema literário do período, e manifesta o pensamento de errância (Glissant, 2021, p. 44), ao tratar de sentimento diaspórico

negro. Assim, este trabalho está fundamentado em autores como Bastide (1943), Camargo (1987) e Oliveira (2011), que situam a trajetória de Crespo em uma tradição literária afrodescendente; e Bosi (1992) para as compreensões simbólicas de memória.

A LITERATURA COMPARADA COMO UMA POÉTICA DA RELAÇÃO: TRANSDISCIPLINARIDADE TEÓRICA E TRÂNSITO INTERTEXTUAL ENTRE POLISSISTEMAS LITERÁRIOS

Jucelino de Sales

Resumo: Com a crise da literatura comparada (Wellek, 2011), e os desdobramentos de sua reconfiguração entre os anos 1960/70, em que a renovação as epistemologias impactou os estudos literários contemporâneos por meio da reorganização dos paradigmas explicativos da realidade, novas abordagens comparatistas vêm significativamente alargando o campo. Modelos de compreensão, interpretação e análise literária abastecidas pela transdisciplinaridade teórica e pelo trânsito intertextual revitalizam a teoria, com a absorção de conceitos, ideias, dispositivos de análise, como intertextualidade – efeito palimpsesto, memória de literatura – (Samoyault, 2008) e estratégias narrativas como parasitismo ou vampirização literária (Pauls, 2004), autoficção (Colonna, 2014), escrevivência (Evaristo, 2020), oralitura (Martins, 2003), etc. Propomos como meta dessa abordagem algumas considerações de caráter reflexivo e teorético em torno dos aportes teórico-metodológicos da literatura comparada que encampam uma poética de relação (Glissant, 2005) que na guinada da teoria pós-colonial tensiona posições refratárias ao cânone literário ocidental (Bloom, 1995), contradizendo as epistemologias eurocêntricas com refutações criativas contra o perigo de uma história única (Adichie, 2019, p. 10). Refletiremos sobre o legado transdisciplinar do método comparativo nos termos de uma intertextualidade crítica de seu percurso teórico como espaço de experiência precioso para a interpretação de polissistemas literários (Even-Zohar, 2013). Na reconstrução do debate sobre o fenômeno literário a partir do horizonte teórico da literaturas comparada, está em disputa a sensibilidade comparatista voltada para as literaturas e oralituras afrodescendentes, também as literaturas marginais e periféricas com suas escrevivências, em ampla medida subsidiadas pela força da tradição viva (Bâ, 2010). Nosso horizonte especulatório compreende tanto perquirir a validade do método, como também apresentar algumas reflexões sobre o seu redesenho em nossa contemporaneidade.

TODOS OS ONTENS DE NATALIA GINZBURG

Lilian Monteiro de Castro

Resumo: Esta proposta tem por objetivo analisar como a escritora italiana Natalia Ginzburg estabelece relações de intertextualidade em seus romances Todos os nossos ontens (2020) e Léxico familiar (2018) e no ensaio "Inverno em Abruzzo" – publicado na coletânea Pequenas virtudes (2020). Utilizando como estrutura de enredo uma passagem autobiográfica, sua experiência como prisioneira de guerra do regime fascista de Benito Mussolini em um campo de concentração, a autora transforma uma mesma memória em um trecho de um romance ficcional, um trecho da biografia coletiva de sua família e um ensaio autobiográfico. Além da transformação do gênero, há ainda a transformação dos modos narrativos: em Todos os nossos ontens, a narração é feita por heterodiegese, em modo trágico; em Léxico familiar, por homodiegese, em modo tragicômico; em "Inverno em Abruzzo", por autodiegese, em modo confessional. Natalia Ginzburg replica sua memória de uma experiência pessoal experimentando com a linguagem. Como aporte teórico, serão utilizadas as obras Palimpsestos: a literatura de segunda mão e a coleção Figuras I (1972), II (2015) e III (2017), de Gérard Genette; A intertextualidade (2008), de Tiphaine Samoyault; Uma teoria da parodia (1989), de Linda Hutcheon; Autobiografia como des-figuração (1979), de Paul De Man; Ensaios sobre a autoficção (2014), com ensaios de Philippe Lejeune e Vincent Colonna.

RASTROS DE UM FEMININO MENOR NA MANDÍBULA DE MONICA OJEDA

Luana Vargas Aquino e Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

Resumo: Esta escrita se dedica a cartografar as expressões do feminino que circulam em Mandíbula (2018), romance de Monica Ojeda. Propomos uma leitura da literatura latino-americana contemporânea escrita por mulheres, especialmente a de Ojeda, como superfície sensível na qual forças históricas e micropolíticas se agenciam, produzindo narrativas nas quais a construção de personagens e suas relações não apenas ressoam ou representam tais agenciamentos, mas produzem outras linhas de experimentação, aqui corporificadas nas trocas entre personagens femininas. Mandíbula aparece como um laboratório micropolítico privilegiado, no qual a história só ganha corpo no entrecruzamento das transmissões entre mães, filhas, amigas, alunas e professoras. Por transmissão, entendemos aquilo que se passa, certa repetição não destituída de diferença e que carrega em si a possibilidade permanente do dissenso. Se essas trocas podem operar como dispositivo de reprodução de formas-estanque, elas também podem produzir vias de liberação, justamente por sua porosidade. Em consonância com Cixous (1980/2022), compreendemos o feminino como um fluxo que pode estar interditado ou liberado, capturado ou em devir. Não o limitamos à condição de "ser mulher", mas tampouco ignoramos que as mulheres, historicamente, experimentam de

modo particular os dispositivos que interditam essa potência. Se o feminino é fluxo, ele existe situado, atravessado por regimes que organizam e fundam modos – sempre provisórios – de experienciá-lo. Entendemos que a escrita de Ojeda atua em um plano que provoca ranhuras nas formas estabilizadas e nos dá notícias de outras sensibilidades no discurso literário. Ainda, que em Mandíbula atuam determinadas forças que, ao comporem o texto, reinscrevem certo feminino desobediente, radicalmente menor (Deleuze; Guattari, 1975/2025), e que opera nos esburacamentos do tecido dominante, costurando outros litorais na literatura e nas existências femininas.

POÉTICAS DO DUPLO EXÍLIO: MARGINALIZAÇÃO ESTÉTICA E ESCREVIVÊNCIA NA POESIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Nina Maria Silva da Conceição

Resumo: A recorrente marginalização da produção poética de Carolina Maria de Jesus no campo dos Estudos Literários evidencia um processo de canonização seletiva que privilegia sua prosa testemunhal em detrimento de sua lírica. Esta comunicação analisa a experiência do duplo exílio na poesia da autora, compreendido como uma manifestação simultânea da exclusão racial e da marginalização estética no sistema literário brasileiro, a partir dos poemas "Poeta", "A rosa" e "Quadros", reunidos na antologia pessoal da autora, publicada postumamente pela Editora UFRJ, em 1996. Desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PROGEL/UEFS), o estudo investiga como Carolina constrói uma subjetividade poética deslocada tanto da ordem social quanto das formas hegemônicas de legitimação do cânone literário brasileiro. Em diálogo com conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo (2020), o trabalho compreende a escrita como espaço de elaboração estética das experiências históricas de mulheres negras. A partir dessa perspectiva, busca-se compreender a transformação de experiências racializadas em elaboração estética e política, além de tensionar os mecanismos de canonização do sistema literário brasileiro. A comunicação adota uma abordagem bibliográfica e analítico-interpretativa, articulando pressupostos da crítica literária afro-brasileira e da literatura comparada na leitura dos poemas selecionados. Argumenta-se que a dinâmica literária, sustentada por instituições conservadoras, frequentemente reduziu Carolina Maria de Jesus à condição de objeto de curiosidade social. Como resultado parcial, o estudo evidencia que a leitura da poética carolineana exige um deslocamento de perspectivas críticas que a confinam à escrita testemunhal, reconhecendo-a como elaboração estética consciente e como intervenção política no campo literário.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

DA MARGEM AO HORIZONTE: REEXISTÊNCIA, AFETO E DESLOCAMENTO EM LAS AVENTURAS DE LA CHINA IRON, DE GABRIELA CABEZÓN CÁMARA

Vanessa Ferreira de Andrade

Resumo: Este trabalho propõe analisar o romance Las aventuras de la China Iron (2017), de Gabriela Cabezón Cámara, a partir das relações entre literatura de mulheres, ecocrítica e permaescrita. Reescritura contemporânea do clássico Martín Fierro (1872), de José Hernández, a obra desloca o foco narrativo do herói nacional argentino para a personagem conhecida apenas como China, figura historicamente silenciada pela tradição literária. Ao acompanhar sua travessia pela pampa ao lado da inglesa Liz, a narrativa questiona os discursos patriarcais, coloniais e nacionalistas que sustentaram a construção da identidade argentina, conferindo centralidade a sujeitos historicamente marginalizados, como mulheres, indígenas, mestiços e dissidências sexuais. O objetivo desta comunicação é investigar de que modo a trajetória da protagonista produz uma poética de reexistência baseada na transformação das relações entre corpo, território, linguagem e comunidade. Ao longo da narrativa, a pampa deixa de funcionar como espaço vazio ou fronteira da civilização para tornar-se um território vivo, marcado pela interdependência entre humanos e não humanos. Nesse sentido, a análise dialoga com os conceitos de permaescrita, permatexto e permaliteratura, formulados por Carola Saavedra (2021), compreendendo a escrita como prática capaz de imaginar formas sustentáveis de coexistência e de produção de sentido. A leitura articula ainda as reflexões de María Lugones (2014) acerca da colonialidade de gênero, de Gloria Anzaldúa (2022) sobre identidades fronteiriças e de Florencia Garramuño (2014) sobre formas expandidas. Em diálogo com a ecocrítica contemporânea, busca-se compreender como o romance desloca perspectivas antropocêntricas e propõe modos alternativos de habitar o mundo, nos quais natureza, afeto e diferença constituem dimensões inseparáveis. Ao reinscrever no centro da narrativa sujeitos tradicionalmente excluídos dos relatos nacionais e ao imaginar comunidades fundadas na diversidade e na reciprocidade, a obra configura uma poética insurgente que articula estética, ética e política, contribuindo para a reflexão sobre outras formas de existência no presente.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: POÉTICAS DO PRESENTE: LITERATURA DE MULHERES NA AMÉRICA LATINA

Coordenação: Daisy da Silva César, Isabel Cristina Jasinski e Cinara Antunes Ferreira

Resumo: Falar sobre literatura de mulheres permite pensar sobre dinâmicas de relação e sentido na atualidade, que implicam a saída de si e o reconhecimento da diferença do outro, desde muito debatida no campo da filosofia e dos estudos de linguagem. Porém, agora como nunca antes, se faz necessário pensar sobre o estar-em-comum, sobre a indissociabilidade entre ética e política, sobre os afetos que movem as ações e sobre modos de uso da linguagem. Sob este prisma, a literatura de mulheres oferece abordagens privilegiadas para a reflexão. A escrita literária é uma prática que responde às demandas do presente pela sua capacidade de resistência à instrumentalização da linguagem, lembra Cristina Rivera Garza em Muertos Indóciles (2013, p. 43). A escritora considera a linguagem como um bem comum, uma forma de partilhar experiências, "invocar, conmover, alertar, participar, ofrendar, acompañar, abrazar a otros" (em "Nadie escribe en soledad", 2023). Nessa linha, escrever é um ato político, defende Jacques Rancière, não por ser um instrumento de poder nem de saber, mas porque "seu gesto pertence à constituição estética da comunidade" (2017, p. 07). Tradicionalmente, o poder se fundamenta como um lugar de fala autoritária, que domina o discurso da realidade, dos fatos, da História, da memória e da sensibilidade. Contudo, as partes que constituem a partilha do sensível são capazes de constituir outros "lugares de fala", antes obstruídos, e propor "políticas da sensibilidade" diferenciadas (RANCIÈRE, 2005), como é o caso da escrita literária elaborada por mulheres. Deste modo, propomos refletir sobre a literatura de mulheres na América Latina enquanto "poéticas do presente" para a construção de novas políticas do afeto e da sensibilidade, ao explorar a multiplicidade de modos de ser mulher. O simpósio pretende abarcar as muitas práticas de expressão das mulheres, que permitam considerar suas singularidades estéticas, existenciais e plurais. Nas últimas décadas, a literatura de autoria de mulheres na América Latina consolidou-se como campo de investigação, ao tensionar gêneros literários e afirmar subjetividades plurais. Essas produções frequentemente exploram corpo, identidade, violência de gênero e história, e trazem uma perspectiva que alia escrita e experiência. María Lugones, em Colonialidade e Gênero (2014), expande a análise sobre as identidades de gênero, ao propor que as mulheres latino-americanas resistam às estruturas coloniais e "reexistam" por meio de práticas criativas que subvertam identidades fixas. A escrita de mulheres é compreendida, nesse sentido, como uma forma de deslocamento, na qual a experimentação se torna ferramenta de questionamento e redefinição de normas de gênero, território e linguagem. Entre inúmeras escritoras contemporâneas, Gloria Anzaldúa, em Borderlands/La Frontera (2022), revisita o conceito de "nepantla", um estado de entre-lugar que traduz as identidades híbridas e fronteiriças. Ainda no contexto latino-americano, Rita Segato (2016) explora como a violência de gênero está vinculada às estruturas

coloniais e patriarcais na obra La Guerra Contra las Mujeres, sugerindo que a experimentação narrativa pode reconfigurar relações entre corpo, poder e território. Na mesma linha, Cristina Rivera Garza (2013) discute a escrita como uma prática que desafia as fronteiras tradicionais e se alinha ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995), no qual a literatura não tem um centro fixo, mas se expande em múltiplas direções. Nessa perspectiva, o simpósio acolherá comunicações que problematizem as escritas de mulheres, em diferentes aspectos, contemplando: os feminismos na América Latina, com atenção ao feminismo decolonial, que desloca o foco para produções literárias de sujeitos historicamente subalternizados, sobretudo mulheres negras e indígenas; estudos sobre subjetividades dissidentes, com atenção às experiências trans; a literatura insólita de autoria de mulheres, como prática que desestabiliza percepções naturalizadas, expressa experiências silenciadas e subverte normas hegemônicas; e abordagens que tomem as fronteiras — geográficas, linguísticas, culturais e simbólicas — como espaços de tensão, trânsito e criação, vinculadas a experiências situadas e corporificadas. Incluem-se ainda análises da experimentação formal como gesto que tensiona normas da linguagem e da representatividade. Interessa-nos, sobretudo, trabalhos que examinem como essas escritas reconfiguram o sensível, instaurando outras formas de partilha, de resistência e de existência, em diálogo com perspectivas como as de María Lugones, Gloria Anzaldúa, Rita Segato e Cristina Rivera Garza. Ao reunir tais abordagens, o simpósio busca não apenas mapear um campo em expansão, mas contribuir para a construção de leituras críticas capazes de reconhecer, nessas poéticas, práticas de reexistência que articulam estética, ética e política no presente.

MONSTRUOSIDADES: ENTRE O HORROR SOBRENATURAL E O HORROR VISCERAL EM MÓNICA OJEDA E VERENA CAVALCANTE

Bianca Mamona Abdallah Gharib

Resumo: Este trabalho apresenta dados preliminares de uma pesquisa em andamento que investiga como a figuração do monstruoso se desvincula de sua matriz sobrenatural, tradicionalmente ligada a figuras como o espectro, o vampiro ou o horror cósmico, para se manifestar na forma humana. Questiona-se de que maneira essa transição desloca o eixo do horror da alteridade física para a transgressão comportamental, transformando a abjeção das ações cotidianas no principal motivador da repulsa. O foco da análise está na mudança estética do monstro literário nos contos das obras "Voladoras" [2024 (2020)], de Mónica Ojeda, e "Inventário de predadores domésticos" (2021), de Verena Cavalcante. Diferentemente do horror clássico, a produção latino-americana contemporânea, predominantemente escrita por mulheres, aborda violências domésticas, abusos sexuais, feminicídios e incestos, articulados pelo olhar da vítima. Nesse contexto, o

monstro passa a ser visto como o próprio ser humano, e o que era camuflado e posto em um plano não terrestre passa a estar em todos os lugares. O monstro deixa como herança a monstruosidade. O referencial teórico fundamenta-se em teorias primordiais, como "A Filosofia do Horror, ou Paradoxos do Coração" (1999), de Noël Carroll, e "A cultura dos monstros: sete teses" (1996), de Jeffrey Cohen. Além de estudos mais recentes com foco no horror latino-americano, como a historiografia brasileira do horror de Nestarez (2022) intitulada "Uma história da literatura de horror no Brasil: fundamentos e autorias", o conceito de "Horrorismo: Nombrando la violencia contemporánea", proposto por Cavarero (2009), e as reflexões de Sandra Gasparini (2022) em seu trabalho "Aquí no me escucharán gritar: violencia y horror en la narrativa latinoamericana recente escrita por mujeres".

O CUIDADO DO LAR: DINHEIRO E VIDA DOMÉSTICA EM DIARIO DEL DINERO (2023), DE ROSARIO BLÉFARI

Chiara Abiuso

Resumo: Rosario Bléfari (Mar del Plata, 1965-Santa Rosa, 2020) é uma figura inescapável dentro do campo cultural indie da Argentina pela influência que exerceu como atriz, música e poeta em outros artistas. Publicou diários, livros de contos e poesia em diversas editoras independentes e seus textos foram reproduzidos por inúmeros projetos de edição alternativa em livros e fanzines artesanais. Na presente comunicação e em linha com a proposta do simpósio, analisaremos uma elaboração particular que faz Diario del dinero (2023) em torno daquilo que denominamos, dentro das dinâmicas domésticas, o "lugar do feminino" entendido como tudo o que diz respeito às tarefas ligadas à condução de uma família. Em que momento uma artista pode se dedicar à arte se, além de trabalhar, deve administrar o lar? Neste diário, dá-se especial ênfase em narrar o tocante à administração econômica do lar familiar, historicamente colocada sobre as figuras femininas, o que contribui para perpetuar a desigualdade estrutural de gênero que supõem os trabalhos de cuidado não remunerados (Federici, 1975; D'Alessandro, 2017). Tradicionalmente ligado ao confessional e à esfera do privado (Giordano, 2006, 2008, 2017) −e, portanto, à mulher−, o diário se configura como o gênero ideal para colocar em tensão, através da prática da escrita, dinheiro, vida doméstica e vida artística porque permite a entrada dessas questões que não costumam ser expostas ou abordadas de forma tão exaustiva em outros gêneros literários (Blanchot, 1969; Pauls, 1997). Este texto evidencia uma figura de mulher que não busca construir-se oposta a um estereótipo − apesar de seguir os mandatos sociais, propõe uma ressignificação ao dar-lhes lugar na literatura. Bléfari dedica sua

vida à arte enquanto administra, organiza e sustenta a vida de sua família. Por isso, sem chegar a ser um texto combativo ou de denúncia, subjaz nele uma crítica aos papéis estabelecidos.

FABULAÇÃO FEMINISTA E POÉTICAS DO PAVOR: MITO ANCESTRAL E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM MÓNICA OJEDA

Cinara Antunes Ferreira

Resumo: O presente trabalho analisa a coletânea de contos Voladoras (2020), da escritora equatoriana Mónica Ojeda, sob a perspectiva da fabulação feminista e do gótico andino no âmbito da literatura contemporânea de autoria de mulheres na América Latina. Fundamenta-se na premissa de que a escrita literária elaborada por mulheres atua como uma prática estética e política de resistência, capaz de desestabilizar a instrumentalização da linguagem, reconfigurar a partilha do sensível e tensionar as estruturas patriarcais e coloniais. Investiga-se o modo como Ojeda recupera e recria o mito ancestral andino das "voladoras" — mulheres mensageiras que se untam de mel para voar —, desnudando o imaginário folclórico de romantismos para vesti-lo de insólito, violência doméstica, abuso e alteridade abjeta. Nessa abordagem, o corpo feminino consolida-se como um território liminar de trânsito, trauma e grotesco, no qual a imaginação e a experiência estética operam como ferramentas incisivas de questionamento das normas hegemônicas e de afirmação de subjetividades dissidentes e plurais. A análise problematiza as manifestações da violência de gênero corporal, psicológica e simbólica na contística da autora, demonstrando como a monstruosidade, o tabu corporal e a bruxaria são ressignificados como signos de insubmissão e práticas de reexistência contra dinâmicas sistêmicas de dominação patriarcal e colonial. Ademais, examina-se a dimensão acústica e sensorial da narrativa de Ojeda, na qual murmúrios, gritos, composições ruidosas e a exploração do medo sonoro funcionam como uma experimentação formal rigorosa que desestrutura os limites lógicos do significado semântico e evoca a percepção corporificada do pavor. Conclui-se que, ao entrelaçar mito, trauma corporal e criação imagética, a obra de Mónica Ojeda articula ética, estética e política, instaurando novas políticas do afeto e da sensibilidade frente aos silenciamentos históricos impostos às mulheres no continente latino-americano, em permanente diálogo com o horizonte da escrita insólita contemporânea.

LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, GÊNERO E VIOLÊNCIA: INTERFACES POSSÍVEIS PARA SE PENSAR A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DE MULHERES.

Cláudia Carneiro Peixoto e Kelley Duarte

Resumo: No contexto da literatura contemporânea escrita por mulheres, a interface transdisciplinar é necessária para visibilizar e denunciar, no campo da linguagem, a violação de direitos humanos de mulheres, bem como a existência de vidas historicamente silenciadas, expostas à violência, à perda e à morte não enlutável (BUTLER, 2015). A violência de gênero emerge, na literatura, como fato-tema que articula subjetividades e experiências, expondo personagens que, simultaneamente, encarnam a condição de vítimas e agentes de re-existências. Ao romper o silenciamento, essas narrativas convocam a pessoa leitora e a sociedade a um posicionamento ético e político diante de violências estruturais. O romance Mulheres empilhadas, de Patrícia Melo (2019) é um exemplo de como a literatura recompõe a história de mulheres, vítimas de feminicídio, enquanto o poder judiciário reduz a existência da mulher em situação de violência, a termos técnicos e jurídicos: "O promotor lê o laudo como quem lê uma lista de compras. [...] As Palavras técnicas servem para limpar o sangue da sala. O direito é uma máquina de lavar: ele pega a dor, a vida interrompida [...] e transforma tudo em um processo frio [...] Ninguém ali vê a mulher." (p. 21) Escrita em um gênero literário híbrido, por sua vez, a obra Doze narrativas para uma História da violência obstétrica (2024) literaturiza narrativas de violência obstétrica interseccionadas para denunciar a violência institucional no atendimento obstétrico. Essas narrativas produzem sentidos, articulam subjetividade, corpo e resistência, evidenciando o caráter estruturante da violação dos direitos humanos das mulheres. A presente comunicação propõe um estudo comparado das obras supracitadas para evidenciar que a abordagem literária é capaz de assumir dimensões decoloniais (LUGONES, 2019), despatriarcais (VERGÈS, 2020), em um apelo ético-político, que possibilita desnormalizar a opressão e problematizar o debate sobre a promoção dos direitos humanos das mulheres.

O PROTAGONISMO FEMININO E O INSÓLITO FICCIONAL NO CONTO 'RUINAS', DE LAURA BAEZA: A EXPERIÊNCIA DA PERDA E DO LUTO

Daisy da Silva César

Resumo: Em sua poética, Cristina Rivera Garza reconstrói sua trajetória pessoal e denuncia a violência territorial exercida sobre os corpos femininos por meio de experimentações linguísticas. Em El invencible verano de Liliana (2021), a autora revisita a memória de sua irmã para narrar a dor profunda e persistente provocada por seu feminicídio. A partir das contribuições da autora, nesta investigação, será estudado o conto "Ruinas", publicado na coletânea traduzida como Uma fenda na noite (2024), pela premiada escritora mexicana Laura Baeza. A obra trata de uma mãe que desloca-se até a Cidade do México em busca dos pertences de sua filha assassinada, na tentativa de esclarecer as circunstâncias de sua morte e de

encontrar formas de lidar com a perda e o luto. Na obra, Laura Baeza faz uso do insólito ficcional, a fim de abordar as formas de enfrentamento da dor, além de aprofundar o tema da violência territorializada que afeta diretamente os corpos e as vidas das mulheres. Dessa maneira, a presente análise leva em consideração a forma como o insólito apresenta o protagonismo das personagens mulheres diante das estruturas de controle patriarcal presentes; também examina a importância do espaço ficcional na construção dos sentidos da obra e do universo interior das personagens, bem como a importância de suas vozes e dos posicionamentos que assumem frente às circunstâncias que as cercam. Além da perspectiva do insólito ficcional, descrita por Flavio García (2019), com base nos estudos da pesquisadora brasileira Lenira Marques Covizzi (1978), este estudo faz uso da teoria narrativas de lo inusual, de Carmen Alemany Bay (2017) e das reflexões de Gloria Anzaldúa (2016), com relação às fronteiras e os corpos em disputa, o que contribui para a compreensão das dinâmicas de violência e resistência que atravessam as experiências das mulheres na narrativa analisada.

A VIDA MENTIROSA DOS ADULTOS DE ELENA FERRANTE E A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Daniela Severo de Souza Scheifler

Resumo: A filósofa, escritora e pesquisadora feminista, antirracista e decolonial Yuderkys Espinosa Miñoso no livro "Escritos de uma lésbica escura", publicado em 2022, em diálogo com o feminismo radical italiano de Carla Lonzi e com a poeta e escritora Adrianne Rich, vai refletir sobre a natureza obrigatória da heterossexualidade compulsória. Lonzi, com o livro "Sputiamo su Hegel", (1970) ou "Cuspamos em Hegel", numa tradução livre, vai debater sobre a forma como o comportamento heterossexual se tornou uma das principais instituições do patriarcado. Rich (2012), por sua vez, com o artigo "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica", reflete a respeito das formas como os homens exercem poder sobre as mulheres. Uma dessas formas de poder passa pela negação da sexualidade das mulheres e se desenrola a partir de inúmeras práticas, uma delas é a negação psicanalítica do clitóris. A partir dessas considerações, o objetivo deste trabalho é mostrar como a heterossexualidade compulsória se mostra no romance "A vida mentirosa dos adultos" de Elena Ferrante, publicado em 2020 e traduzido por Maurício Santana Dias, no qual temos por protagonista a adolescente Giovanna. Ao longo da narrativa, dos seus 12 aos 16 anos, a adolescente se contrapõe ao poder masculino e patriarcal – a começar pelo pai, e pela contestação dos evangelhos. Giovanna encena o repertório do que se espera de uma adolescente numa iniciação sexual com os homens, mas de uma forma totalmente às avessas, Tudo se desenrola numa Nápoles que situo

neste trabalho como pertencente ao sul global, com seus inúmeros conflitos entre dialeto e língua nacional, um território colonizado pelo norte considerado verdadeiramente europeu e branco, em contraposição ao sul pobre, racializado e degradado.

UMA POÉTICA DA FRONTEIRA: A POESIA EM PORTUNHOL DE ISADORA BARCELOS

Eduarda Rocha Góis da Silva

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura das obras Diente de leche (2022) e Dente de leite (2025), de Isadora Barcelos, com o objetivo de analisar como a passagem entre espanhol e português não configura um processo de tradução convencional, mas um gesto de reescrita que implica mudanças de registro, ritmo e posicionamento subjetivo. Escrito inicialmente em um portunhol mais próximo do espanhol, durante a chegada da autora em Buenos Aires, Diente de leche apresenta uma voz poética atravessada pela experiência da estrangeiridade, marcada por um gesto de aproximação tateante com a língua. Já em Dente de leite, uma tentativa de "autotradução" da obra para publicação no Brasil, observa-se uma inflexão significativa: o portunhol se reorganiza, aproximando-se mais do português, ao mesmo tempo em que certos poemas são suprimidos e outros transformados, enquanto alguns permanecem em espanhol. A comparação evidencia uma mudança de registro que afeta diretamente a construção da voz poética. No espanhol, há uma maior exposição ao risco da língua outra, com soluções que tensionam norma e uso. No português, por sua vez, percebe-se um trabalho de decantação: a experiência anterior da poeta-tradutora não desaparece, mas é reorganizada, incorporando o estranhamento como parte constitutiva da escrita. Esse movimento sugere que a travessia entre línguas não é apenas um trânsito, mas um processo que deixa marcas duráveis. Como fundamentação teórica, mobiliza-se, entre outras, a reflexão de Silvia Molloy em Viver entre línguas, sobretudo no que diz respeito à compreensão da experiência multilíngue como um deslocamento que afeta identidade, corpo e linguagem. Em diálogo com essa perspectiva, a obra de Gloria Anzaldúa, especialmente em Borderlands/La Frontera (1987), permite pensar a fronteira como um espaço produtivo de tensão e invenção, no qual línguas híbridas, como o portunhol, deixam de ser vistas como desvio e passam a operar como prática estética e política.

VENENO, BRUXAS E FURACÕES: FERNANDA MELCHOR E A LITERATURA LATINO-AMERICANA NO SÉCULO XXI

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro

Resumo: Observa Cecil Zinani no livro História da Literatura. Questões Contemporâneas (2010, p. 151-152) que: "Se a negação do acesso ao cânone é verdadeira em relação ao Primeiro Mundo, na América Latina, dada a situação cultural em que predomina uma sociedade de características androcêntricas e patriarcais tipificada pelas figuras do coronel e do caudilho, essa situação só tende a exacerbar-se". Assim, os mecanismos de marginalização das vozes dissidentes – especialmente das mulheres – tendem a se aprofundar e a perpetuar desigualdades no campo literário e cultural, conforme notamos durante muitos anos. Felizmente, vê-se surgir no ocaso do século XX um conjunto expressivo de escritoras em diferentes países do cone sul-americano que começa a desestabilizar essas estruturas de poder, reivindicando espaços de fala e de representação por meio de narrativas marcadas pela reformulação de espaços culturais historicamente ocupados por homens, e aqui citamos o romance Temporada de Furacões (2020), da escritora mexicana Fernanda Melchor (1982), objeto de estudo deste trabalho. A investigação parte da associação entre mulheres e bruxaria – o romance tem como protagonista uma bruxa trans – construída ao longo da tradição ocidental, para refletir sobre a maneira como tal vínculo continua a operar na contemporaneidade por meio de práticas discursivas marcadas pela misoginia, pelo colonialismo e pela violência de gênero. Ainda que a bruxaria tenha adquirido, em determinados contextos, estatuto de prática cultural legítima, a figura da bruxa permanece socialmente associada ao perigo, ao desvio e à perversidade, revelando a permanência de discursos patriarcais profundamente enraizados. Objetiva-se, portanto, uma leitura da figura da bruxa como expressão das múltiplas formas de violência dirigidas a mulheres marginalizadas, sobretudo mulheres pobres, periféricas, trans e socialmente invisibilizadas.

QUIABO COMO CAFÉ: A GAMBIARRA NA COZINHA MÁGICA DE RAI SOARES

Gabriela Maria Hollanda Ferreira de Farias

Resumo: O presente trabalho se propõe a investigar como a prática da gambiarra se apresenta na construção das crônicas literárias da escritora contemporânea Rai Soares, enfatizando sobretudo o texto "Café de semente de quiabo", do livro Memórias da cozinha de vovó (2024), no qual a existência de mulheres de uma mesma família atravessa gerações, da oralidade à escrita literária. Para tanto, o estudo leva em consideração a noção de "tática" de Michel de Certeau (2003; 2025) e as pesquisas que articulam gambiarra, comida e literatura, de Sabrina Sedlmayer (2017; 2025). Rai Soares além de escritora é também neta de Severa Rosa, mulher que é ficcionalizada pelas lentes do afeto familiar nessas crônicas que exploram o cotidiano, sobretudo no contato com atividades relacionadas ao espaço doméstico, muitas vezes atribuído ao feminino. Sob essa ótica, articulam-se comida, afetividade, pertencimento e formas de

sobreviver diante da escassez, do quintal à cozinha. É nesses espaços, em que pode haver tanto o confinamento de mulheres quanto suas articulações sócio-políticas (Machado, 2022), que a prática literária nasce, marcando a expressão e a expansão de singularidades existenciais de mulheres são somente da mesma família, mas também da mesma vizinhança. As práticas de improvisação de mulheres como Rosa se tornam, nestas páginas, personagens principais: tanto a comida está na ordem do improviso quanto a própria escrita. É a partir da articulação entre cozinha e escrita que Soares, uma mulher negra maranhense, resgata as memórias que ela guarda de sua relação com sua ancestral, Rosa, para quem os ingredientes do quintal eram tão mágicos quanto as palavras passam a ser para a cronista. Avó e neta, historicamente subalternizadas, tal como o ambiente da cozinha e a escrita do gênero cotidiano crônica, encontram forças para resistir justamente na interseção da comida com a palavra.

ENTRE O CORPO E O SAGRADO: EROTISMO E RELIGIOSIDADE NA POESIA DE JACINTA PASSOS

Giulia Souza Leal

Resumo: Esta comunicação propõe analisar a relação entre erotismo e religiosidade na poesia de Jacinta Passos, tomando como foco poemas da fase inicial da autora reunidos em Jacinta Passos: coração militante. O trabalho parte da observação de que, em diversos textos, o desejo amoroso e a experiência espiritual não aparecem como dimensões opostas, mas como experiências que se aproximam por meio de imagens de entrega, fusão, plenitude e transcendência. Para investigar essa questão, se estabelecerá um diálogo entre a poesia de Jacinta Passos e a tradição da mística cristã, especialmente a partir de obras de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz. Nas escritas desses autores, a relação com o divino é frequentemente expressa por uma linguagem marcada pelo desejo, pelo ardor e pela busca de união com o absoluto. A hipótese do trabalho é que parte da poesia de Jacinta recupera elementos dessa tradição, mas os reinscreve em uma voz lírica feminina situada em outro contexto histórico e social. A comunicação baseia-se no close-reading de poemas como Cântico de exílio, Consagração e O momento eterno, buscando compreender de que forma o corpo, o desejo e a espiritualidade são articulados na construção do sujeito poético. Interessa observar como a experiência feminina é representada nesses textos e como a aproximação entre erotismo e religiosidade produz modos particulares de expressão do afeto, da subjetividade e da existência. Ao investigar uma autora ainda pouco estudada pela crítica literária, o trabalho contribui para as discussões sobre literatura de mulheres na América Latina, destacando como a

poesia de Jacinta Passos tensiona fronteiras entre corpo e espírito, desejo e transcendência, e amplia as possibilidades de representação da experiência feminina.

POLÍTICAS DO AFETO NAS REDES LITERÁRIAS DA REVISTA PUÑADO

Isabel Cristina Jasinski

Resumo: A revista Puñado foi lançada em 2017 pela Editora Incompleta e se propôs a publicar autoras latino-americanas e caribenhas pouco conhecidas pelo público brasileiro, traduzidas para o português. Em suas oito primeiras edições, já publicou contos, ensaios e entrevistas de cinco autoras brasileiras e sessenta e duas autoras provenientes de vinte e nove países. Essas edições foram organizadas em torno a eixos temáticos, exílios, delírios, família, rituais, limbo, jornada, instinto, no escuro, aos quais se vincularam os textos publicados. A plataforma da revista na internet oferece acesso às biografias das autoras e às entrevistas, um trabalho de edição que pretende elaborar uma "arquitetura do presente" a respeito da produção literária de mulheres e promover a interação com seus leitores. Em 2022, a editora apresentou uma coletânea de 12 contos publicados na revista entre 2017 e 2019, chamada Apañado. A obra se apresenta como uma via de construção de pontes e redes, indica Letícia Pilger na apresentação, desenhando uma dinâmica translocal que constitui uma comunidade. Deste modo, a revista Puñado é uma rede literária cujo intuito é mapear autoras contemporâneas na região, publicar suas obras traduzidas, colocar em contato essas escritoras entre si e com os leitores, promover uma discussão sobre a condição da escrita de mulheres e suas múltiplas estéticas no presente. Esta comunicação pretende refletir sobre o projeto editorial da revista Puñado, focando principalmente na coletânea publicada em 2022, para avaliar se suas redes literárias pautam "políticas do afeto" que evidenciam novas práticas escriturais, fundamentado nos debates sobre "políticas da estética" de Jacques Rancière (2004) e "teoria dos afetos", em autores como Baruch Espinosa (1677) e Gilles Deleuze (1993), entre outros.

POÉTICAS DA VIOLÊNCIA EM SILVINA OCAMPO

Ivan Rodrigues Marinho

Resumo: Silvina Ocampo (1903-1993) figura no panteão da literatura argentina do século XX. Sua produção, porém, não participou da dimensão global do boom latino-americano nos anos 1960. Por meio de reedições, traduções e estudos críticos no Brasil (Hosiasson, 2017; Machado, 2020; Melo, 2022; Ribeiro, 2022; Carniel, 2023; Paula, 2024) e no exterior (Molloy, 1969, 1978; Pezzoni, 1984; Podlubne, 2004; Domínguez; Mancini, 2009; Fernández, 2017; Enríquez, 2022), a autora já conquistou seu lugar na crítica e

na academia latino-americanos, ampliando seu sistema literário mundo afora. Ambicionado fazer coro à fortuna crítica ocampiana produzida no Brasil, o presente estudo se debruça sobre as poéticas da violência que perpassam as antologias A Fúria (2019) e As Convidadas (2022), de Silvina Ocampo, a fim de se compreender como o discurso da violência atravessa o corpo feminino e que desdobramentos políticos, sociais, identitários e emancipatórios são engendrados pela escritura literária no contexto latino-americano contemporâneo. Objetivamos investigar as representações de violência na contística ocampiana a partir de uma análise que contempla os elementos narrativos e discursivos do texto, bem como suas formações ideológicas subjacentes. Nossa metodologia centrar-se-á na revisão bibliográfica de autores como Kristeva (1982), Lauretis (1994), Bonnici (2009), Escosteguy (2010), Spivak (2010), Bourdieu (2019), Butler (2020) e Segato (2025), filiados ao campo dos estudos culturais, da teoria crítica e dos estudos de gênero.

GUARDAR PEDRAS, REESCREVER A HISTÓRIA: A ANTROPOFAGIA FEMINISTA EM LUIZA ROMÃO

Júlia Genehr Santana

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura do livro Também guardamos pedras aqui (2021), de Luiza Romão, investigando como a autora reconfigura o projeto antropofágico em uma perspectiva feminista e decolonial. Ao revisitar personagens e episódios do clássico de Homero, a Ilíada, a poeta desloca o olhar da tradição épica para os corpos historicamente marginalizados, expondo a violência patriarcal e colonial como elemento constitutivo da cultura ocidental. Nesse processo, a pedra emerge como imagem central da obra, condensando memória, trauma, ruína e resistência. Partindo das contribuições de Oswald de Andrade, Tânia Rivera, Rita Segato e Judith Butler, argumenta-se que a poética de Luiza Romão realiza um gesto antropofágico que devora a tradição literária ocidental e metaboliza criticamente os vestígios da violência inscritos nos corpos e nas narrativas. A releitura de figuras como Ifigênia, Cassandra, Andrômaca e Polixena permite evidenciar continuidades entre os massacres fundadores da épica clássica e formas contemporâneas de violência de gênero, autoritarismo e apagamento histórico. Desse modo, ao transformar a pedra em arquivo da memória coletiva e, simultaneamente, em instrumento de insurgência, a obra produz uma política da sensibilidade que desloca o protagonismo do herói épico para uma voz coletiva feminina. Nesse sentido, a escrita de Luiza Romão constitui uma prática de reexistência que desafia narrativas hegemônicas e reinscreve experiências historicamente silenciadas. Assim, busca-se demonstrar como Também guardamos pedras aqui articula estética, ética e política ao construir uma poética da

memória e da resistência capaz de reimaginar a história a partir das margens e de instaurar novas formas de partilha do sensível.

AS MULHERES E A REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA: TEORIA E CRÍTICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO PERIÓDICO

Julio Cesar Larroyd de Barros e Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Resumo: Considerando as relações entre ética e política, a partir da produção literária de mulheres, examinamos alguns artigos de mulheres que publicaram na Revista Brasileira de Literatura Comparada na sua primeira década (1991 a 2000). Partimos da hipótese de que ao comentar a literatura, a crítica produz uma outra escrita - não ficcional, não criação literária, em sentido estrito, e não uma linguagem estritamente técnica – produzindo textos mais híbridos, entre ficção teórica e/ou teoria ficcional (Bittencourt, 2005). Partindo de perguntas como: que autoras publicaram? Que teorias e conceitos foram mobilizados? Como se percebe essas características nos textos? propomos um gesto metodológico que considera estes textos como prática discursiva dotada de uma poética singular, que produzem formas de sensibilidade e intervenções políticas, acionando a "partilha do sensível" (Rancière, 2009) e colocando em cena um "formato mulher" (Anna Klobucka, 2009). Ao publicarem seus textos, essas autoras, além de produzirem conhecimentos sobre literatura comparada, crítica literária ou teoria da literatura, no mesmo movimento, estavam inserindo a crítica cultural, definindo posicionamentos políticos e articulando estética e política de modos específicos. Apresentar a escrita de mulheres comparatistas como uma espécie de poética da crítica é problematizar certo modo pelo qual elas produziram saberes, sensibilidades e formas de intervenção cultural em um momento fundamental para a Literatura Comparada: a recente fundação da ABRALIC e a constituição de um periódico dedicado aos temas e debates da disciplina.

OS HORRORES DE SER MULHER: O INSÓLITO NA ESCRITA DO TRAUMA

Letícia Damáris Alves Ferreira Gomes e Thays Keylla de Albuquerque

Resumo: Neste trabalho investigaremos como a literatura contemporânea escrita por mulheres utiliza o insólito para elaborar a violência de gênero enquanto uma experiência traumática. O corpus de análise é composto por um conto, "Kamyla com Ýpsilon", do livro Sangue de cabra (2025), da escritora pernambucana Mylena Queiroz, no qual se observa o uso de elementos do horror para dar contorno ao indizível. A problemática central questiona de que maneira essa estética rompe com a passividade tradicionalmente imposta às personagens mulheres na literatura, ao mesmo tempo que dialoga com

questões da sociedade brasileira no que concerne à violência contra as mulheres. O referencial teórico é interdisciplinar com nomes como: Joan Scott (1995) e Eurídice Figueiredo (2020), no campo da crítica feminista; Simone de Beauvoir (1970) e Heileieth Saffioti (2015), dos estudos de gênero; Sigmund Freud (2019) e Jacques Lacan (2003), na área da psicanálise, especificamente para discutir os conceitos de infamiliar e trauma, além da função da linguagem na subjetividade; e Ana Lúcia Trevisan (2023) e Oscar Nestarez (2023) para refletir sobre insólito e horror. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter analítico-interpretativa, centrada na leitura detalhada do conto para identificar como através dos artifícios do insólito, da constante sensação de horror e das rupturas do real operam, analogamente, às rupturas subjetivas causadas pelo trauma. Os resultados parciais indicam que o uso do insólito funciona como uma "arma de combate" política possibilitando que as mulheres enquanto escritoras e personagens saiam do lugar de subalternidade e se inscrevam enquanto sujeitas dotadas de voz e de autonomia. Ao transpor o "sangue" do sacrifício para um símbolo de resistência, a obra de Queiroz negocia sentidos entre a tradição e a construção de novas formas de subjetividade e convivência.

A POESIA AMEFRICANA DO SUL DA AMÉRICA DO SUL: VIRGINIA BRINDIS DE SALAS

Liliam Ramos da Silva

Resumo: Com o crescente interesse das universidades pelas pesquisas de obras poéticas, ficcionais e ensaísticas examinadas pelo viés decolonial objetivando a abordagem de perspectivas teóricas baseadas em epistemologias de restrita circulação no ambiente acadêmico (Segato, 2018; Segales, 2014; Restrepo, 2018), a presente reflexão apresenta a categoria da amefricanidade como metodologia de análise das produções de autoria negra na América Latina. O estudo se divide em duas partes: na primeira, será analisado o conceito de amefricanidade da intelectual brasileira Lélia Gonzalez como possibilidade de aplicação no campo dos Estudos Literários; na segunda, será apresentada a poeta Virginia Brindis de Salas (1908-1958) nascida em Montevidéu, Uruguai e será realizada uma análise sobre a obra poética da escritora. Pela escassa fortuna crítica acerca da produção da poeta, é consenso que se trata de uma escritora invisibilizada e, mais ainda, com controvérsias sobre seus livros de poemas publicados: Pregón de Marimorena (1947) e Cien cárceles de amor (1949), ao longo de muitos anos, foram considerados plágios e, ainda, há a possibilidade de existência de um terceiro poemário, Cantos de Lejanía, que nunca foi confirmada. Trata-se, portanto, de um momento de viabilizar a circulação da obra da poeta, já traduzida ao português por Eliane Marques e publicada no Brasil pela editora Figura de Linguagem em 2020 bem como de promover estudos mais aprofundados de seus poemas. O livro Pregón de Marimorena (1947) será analisado sob a ótica da

amefricanidade Nesse sentido, é possível concluir que, a partir das experiências e dos princípios comuns das populações de origem africana, a amefricanidade desponta como um conceito de aplicabilidade nas obras ao evidenciar características comuns nos diálogos identitários entre as autorias negras no espaço latino-americano.

ENTRE OS RESTOS DO REAL E A PARTILHA DO SENSÍVEL: ALTERIDADE E POLÍTICA EM O INVENCÍVEL VERÃO DE LILIANA

Liz Basso Antunes de Oliveira

Resumo: Em O Invencível Verão de Liliana (2022), Cristina Rivera Garza ficcionaliza a vida de sua irmã, interrompida em 1990 pelo feminicídio do qual foi vítima. A partir do arquivo pessoal de Liliana, a escritora mexicana recupera a voz da irmã, de forma que a personagem narre a própria experiência de vida, sem permitir que sua lembrança se resuma ao fim que tomou. Simultaneamente, as entrevistas realizadas com familiares e amigos da irmã reconstituem a sua singularidade em um processo de alteridade. Assim, este trabalho tem o objetivo de analisar as estratégias estéticas e éticas utilizadas por Garza em O Invencível Verão de Liliana (2022), por meio das quais percorre por entre fronteiras para narrar não apenas a violência cometida contra sua irmã, mas também a coletivização de mulheres de maneira coercitiva, ressignificada no presente em atos políticos que recobram as vozes femininas antes silenciadas sistematicamente. Diante de tal propósito, selecionou-se um referencial teórico interdisciplinar para estabelecer um diálogo entre história, filosofia, literatura, teoria literária e estudos de gênero, dentre os quais se destacam as perspectivas de Florencia Garramuño em Los restos de lo real (2009), de Maria Rita Kehl em Deslocamentos do Feminino (2016), de Viviane Mosé em A Espécie que Sabe (2019), e de Jacques Rancière em Mal-Estar na Estética (2003). A análise examina, então, os recursos mobilizados por Garza em O Invencível Verão de Liliana por meio dos quais a indissociabilidade entre o individual e o coletivo se manifesta.

AFETOS, AMOR E REBELIÃO: OS 13 NUDES, DE ADELAIDE IVÁNOVA

Lorena Luana Dias da Silva

Resumo: O presente trabalho investiga a poética desenvolvida pela poeta brasileira contemporânea Adelaide Ivánova. O corpus desse estudo é o livro de poemas 13 nudes (2021), publicado pela editora independente Macondo. O objetivo principal é compreender como a criação literária de Ivánova tensiona os afetos na contemporaneidade, além de refletir sobre a construção do amor enquanto uma forma de

expressar a liberdade criativa da autora, que dedica os poemas para cinco meninos, e, questiona a estrutura heteronormativa e a monogamia. Para tanto, o estudo dialoga com bell hooks (2021); Audre Lorde (2021); Adrienne Rich (2019); Gloria Anzaldúa (2021); Florencia Garramuño (2014), dentre outras. A partir da crítica literária feminista é possível vislumbrar na poesia de Ivánova uma autocrítica sobre a liberdade criativa ao que se refere aos afetos e ao amor. A poeta que tem uma longa vivência no cenário da militância política, principalmente no direito à moradia digna, propõe em 13 nudes uma tentativa de "(...) busca por um alívio existencial (...)" (Ivánova, 2021, p.52), que ocorre através de um processo criativo que utiliza ferramentas digitais e tecnológicas para compor os poemas também chamados de "recibos". A Literatura no campo expandido (Garramuño, 2014) de Adelaide configura outras possibilidades de criação literária feita por mulheres. Nesse sentido, refletir sobre outras formas de produções poéticas, nas quais os afetos e o amor são questionados e desejados, corrobora para uma Literatura brasileira contemporânea que amplia visões de mundo e sensibilidades.

SUBJETIVIDADE NÔMADE E DISSIDÊNCIA DE GÊNERO EM LAS NIÑAS DEL NARANJEL (2024): TRAVESSIAS

Luana Paiola

Resumo: O romance Las niñas del Naranjel, publicado em 2023 pela escritora e jornalista argentina Gabriela Cabezón Cámara, revisita a autobiografia Historia de la Monja Alferes (2015) de Catalina de Erauso, personagem histórica que participou da invasão europeia às Américas após fugir do convento de San Sebastián aos 15 anos. Sua trajetória é marcada pela fuga que instaura uma performance de gênero masculina: no continente americano, seus encontros militares desafiam os papéis socialmente atribuídos ao feminino, entendido como "segundo sexo", em "una oposición dicotómica del varón como representante de lo universal" (Braidotti, 2000, p. 192). A presente comunicação objetiva analisar a dissidência de gênero do protagonista, cujo deslocamento desafia o entendimento binário de gênero desde o período colonial. A escrita de Cabezón Cámara desponta como possibilidade de revisitar a história a partir de uma visada decolonial, questionando o Sistema Moderno/Colonial de Gênero (Lugones, 2020). Em diálogo com autoras como Butler (2017), Braidotti (2000) e Bernd (2013), observamos o trânsito geográfico e epistemológico do personagem que, ao entrar em contato com a cultura Mbyá-Guarani, desloca seu posicionamento colonial. Antonio/Catalina passa por sucessivas transformações que desestabilizam a lógica binária: torna-se anjo, pássaro e árvore. Mesmo assim, no início de sua jornada, ao assumir uma identidade majoritariamente vinculada ao masculino, o protagonista acessa uma liberdade que antes lhe era

impensável: "conocía una libertad que me estaba, me estuvo siempre, ¿estaráme negada aún? No puede estarme vedada. [...]. ¿Podría no serme propio lo que soy?" (Cabezón Cámara, 2024, p. 75). Portanto, a partir de um posicionamento para além do gênero, verifica-se que, em sua trajetória pela selva missioneira, Antonio emerge como representação da dissidência de gênero, evidenciando a potência da literatura na elaboração de identidades múltiplas que coincidem com a subjetividade nômade proposta por Braidotti (2000).

GENEALOGIAS PARA UM BARROCO FLORAL: NO INÍCIO ERA CLARICE LISPECTOR

Luciana Abreu Jardim

Resumo: Ao escrever sobre as vidas-obras de uma escritora, Sidonie Colette, de uma jornalista-filósofa, Hannah Arendt, e de uma psicanalista, Melanie Klein, Julia Kristeva propõe não apenas chamar à cena o legado dessas mulheres excepcionais, mas também instiga a crítica de teoria literária a produzir novas formas de pensar a escrita e suas genealogias. Nesse contexto do pensamento de Kristeva, tenho desenvolvido uma pesquisa sob o nome de Barroco Floral, cuja inspiração parte de sua trilogia do gênio feminino, reconhece outras vidas-obras que antecedem e sucedem essa tríade genial, incluindo os enigmas de uma estética da encarnação de medusa; os discursos esquecidos sobre a maternidade paradoxal da Virgem Maria; outras leituras do gozo místico de santa Teresa d'Ávila; as florações desmedidas e cromáticas de Georgia O'Keeffe, e os próprios arranjos conceituais de Kristeva, que se esculpem ao mesmo tempo em que ela escreve sobre essas outras e o impacto de suas heranças para os nossos dias. Nesse arabesco formado de teoria e existências, nem sempre em evidência, nasce a sugestão de um Barroco Floral que se encontra com a vida-escrita de Clarice Lispector – escritora que ultrapassa tanto fronteiras espaciais quanto de gêneros textuais. A partir dessa escolha, esse trabalho pretende apresentar um recorte acerca de imagens relacionadas às florações propostas por Lispector, seguindo a sugestão do item "a relação entre linguagem poética e o nascimento das imagens no cruzamento com possíveis discursos sobre a maternidade", desenvolvido em nosso Barroco Floral. Para tanto, recorro a fragmentos de Água viva, recriando colagens visuais da pintora-narradora sobre a experiência dessa escrita marcada por expansões afetivo-cromáticas, gesto que se aproxima também das florações da pintora Georgia O'Keeffe.

ESCRITA, MEMÓRIA E MATERNIDADE NO CONTEXTO DA DITADURA BRASILEIRA: UM OLHAR NO MURO DA NOSSA CASA, DE ANA KIFFER (2024)

Nilcéia Valdati

Resumo: Esta comunicação parte de uma constatação: é crescente o número de mulheres que escrevem no campo literário e crítico sobre as memórias da ditadura no contexto latino-americano. Quando observamos as publicações, especialmente, das duas últimas décadas, encontramos na ficção nomes como os de Adriana Lisboa, Liniane Haag Brum, Paloma Vidal, Carola Saavedra, Maria Valéria Rezende, Guimar Grammont, Maria Pilla, Luciana Hidalgo, Cláudia Lage, Ana Kiffer, assim como ganham destaque estudos sobre mulheres e ditadura, como o faz Eurídice Figueiredo, só para citar algumas autoras brasileiras. O que também se nota é que o exercício da memória se constrói junto ao exercício da escrita, como vemos no livro de Ana Kiffer No muro da nossa casa (2024). O enredo se coloca a partir da conversa entre mãe e filha e é nesse encontro que afetos e política vêm à tona para montar e remontar o passado e o presente daquela família que também é de um país marcado pela violência do estado. Assim, interessa-nos investigar no romance de Kiffer de que maneira o gesto da escrita em diálogo com a figura materna entrelaça memória afetiva e política e elabora efeitos da história política brasileira do período ditatorial, dos anos 1960 e 1970.

O PROJETO LITERÁRIO DE ELIANE MARQUES EM LOUÇAS DE FAMÍLIA

Nôva Marques Brando

Resumo: Na perspectiva de uma literatura marcada pela presença de mulheres negras, enquanto autoria e fabulação, e de uma textualidade decolonial, transformo em objeto de análise o romance Louças de Família, de Eliane Marques, publicado em 2023. A obra vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Melhor Romance de Estreia em 2024 conta a história de tia Eluma, empregada doméstica na cidade de Uruguaiana, fronteira sul do Brasil com o Uruguai. Partindo da morte da tia, a narradora Cuandu percorre um caminho por onde encontra as ancestrais e expõe o pacto da branquitude. Para se aproximar do passado marcado pelo racismo, desigualdades, violências, incluindo aquelas perpetradas no âmbito da família, a narradora recorre a memórias e a registros diversos, tais como recortes de jornais de época, cartas, mensagens de celular, contos e histórias orais da tradição iorubá. Reconstrói a história da família e a própria por meio da apropriação de uma herança não inventariada – a escrita, fato utilizado pela autora como forma compositiva própria à construção do seu projeto literário. Para elaborar a argumentação, recorro aos Estudos Decoloniais e Feministas dos campos da Teoria da Literatura e da Sociologia, tomando como ferramentas os conceitos de escrevivência de Conceição Evaristo (2026; 2020, 2007), de pensamento de fronteira, Catherine Walsh (2013), de nepantla (Anzaldúa, 2022) e a categoria de

amefricanidade de Lélia Gonzalez (2020) para pensar no foco narrativo, na estrutura compositiva, na construção da intertextualidade e no redimensionamento do lugar do sujeito negro a partir da escrita.

POÉTICAS DE REEXISTÊNCIA E ENTRE-LUGAR: NÃO FOSSE AS SÍLABAS DE SÁBADO, DE MARIANA SALOMÃO CARRARA.

Patrícia Ribeiro Brasil

Resumo: A presente comunicação propõe uma análise do romance Não fosse as sílabas do sábado, de Mariana Salomão Carrara (2023), sob a perspectiva das poéticas do presente, na literatura de escrita feminina na América Latina. A obra retrata o encontro entre duas mulheres, Ana e Madalena, cujas vidas são entrelaçadas após uma tragédia comum: um acidente que mata seus esposos. Esse encontro traumático converge suas trajetórias e altera de forma pungente as suas subjetividades. A partir da escrita feminina, Carrara utiliza-se deste cenário violento de experiência da dor e do luto para discutir uma possível formação de identidade feminina, por meio de uma relação "travada nas periferias da amizade". A escrita feminina é uma ferramenta potente para se deslocar e questionar normas, comportamentos e relações. A partir de María Lugones e seu conceito de reexistência, é possível perceber que as mulheres da obra em análise criam redes de solidariedade, constroem táticas de sobrevivência para manterem-se vivas. A narrativa de Carrara explicita uma forma de resistência às estruturas que impõe identidades estáticas para as mulheres, pois há algo consolidado que se espera socialmente de mulheres viúvas. O conceito de nepantla, desenvolvido por Glória Azaldúa a partir de um vocábulo náhuatl, nos permite observar o entre-lugar que as personagens se localizam: um espaço de fronteira entre a vida, o luto e a reconstrução de suas identidades. Um lugar de múltiplas possibilidades em que a identidade se reconstrói entre o perder e o permanecer, entre o silêncio e a fala. Não fosse as sílabas de sábado é uma obra que promove a prática da reexistência, desafia fronteiras culturais e simbólicas e afirma a agência na multiplicidade de ser mulher no presente.

APRESENTAÇÕES/REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE MULHERES EM O MANTO DA NOITE, DE CAROLA SAAVEDRA

Raquel Holstein da Silva dos Santos

Resumo: O feminismo integra rupturas provocadas por questionamentos ligados às práticas de manutenção do silenciamento de grupos marginalizados especialmente a partir da segunda metade do século XX. Com isso, as transformações propostas por tais movimentos insurgentes passam por processos

de efetivação, impulsionando a produção de obras literárias de autoria feminina com base nas especificidades de suas trajetórias. Volta-se, pois, a atenção à escrita literária vinculada aos sujeitos femininos em movimentos performativos constantemente (re)elaborados no domínio das experiências humana e estética, considerando outras genealogias e futuros possíveis a partir da (re)visitação de tempos pretéritos, de modo especial no contexto latino-americano. Este, por sua vez, encontra-se marcado pela necessidade de (re)contar e (re)escrever a(s) história(s), voltando-se às trajetórias individuais, as quais inevitavelmente se mesclam com as coletivas. Nesse sentido, propõe-se uma análise voltada das apresentações/representações dos percursos identitários de mulheres em O manto da noite (2022), de Carola Saavedra, com foco na trajetória da personagem central, assim como nas intersecções entre memória e história, sob o viés dos estudos culturais de gênero e decoloniais. Verifica-se, pois, que os percursos subjetivos da personagem central possibilitam a ressignificação das mulheres apresentadas/representadas a partir das identidades que as atravessam em diálogo com os recursos narrativos imprescindíveis às movimentações da protagonista não nomeada.

CONFIGURAÇÕES DE VIOLÊNCIA EM LADRILLEROS E NO ES UN RÍO, DE SELVA ALMADA

Regina Kohlrausch

Resumo: As literaturas produzidas na América Latina têm se ocupado em configurar tanto as violências fundacionais advindas dos processos de colonização quanto aquelas operadas contemporaneamente pelo Estado contra grupos sociais, em geral, vulneráveis e/ou desprivilegiados. Formas violentas de conviver extrapolam fronteiras geográficas alicerçadas em discriminação racial, de classe social, de gênero e sexualidade, de posicionamento ideológico, criando barreiras político-culturais em sintonia com o projeto colonial moderno de exploração e controle na promoção de relações sociais baseadas na distribuição desigual de poder em torno do trabalho e do sexo. Partindo dessas premissas e levando em consideração a escrita literária de autoria de mulheres, a presente comunicação visa a apresentar configurações dessa violência nas obras Ladrillero (2013) e No es un río (2020), da escritora Selva Almada, nascida na província de Entre Ríos, Argentina. Para isso, busca-se apoio em Segato (2003), quem traz à luz as estruturas elementares da violência de gênero em sociedades marcadas pelo mandato de masculinidade; em Crettiez (2011), levando em conta sua discussão acerca da violência e de sua busca pela possibilidade de verificar

tipologias dessas violências, tendo como indicação que, para definir violência, deve ser levada em conta "a intenção da vontade do outro, geradora de violência" (2011, p. 11).

O PÁSSARO, A PALAVRA E GAIOLA: RASTROS POLÍTICOS NA OBRA DE ORIDES FONTELA

Renata Nunes Pereira

Resumo: Orides Fontela inicia a sua carreira como escritora em um dos períodos mais sombrios da história do país. Em 1969, cinco anos após o golpe militar, ela publica o seu primeiro livro "Transposição". No ano anterior, depois de um período de greves estudantis contra a ditadura, o governo decretou o AI-5 (inaugurando os chamados "Anos de Chumbo"), ato que viria a alterar radicalmente a vida cultural e política brasileira. Diferente de muitos de seus contemporâneos, Orides nunca adereçou questões políticas de forma aberta ou concreta em sua obra, característica que não passou despercebida por seus críticos. Apesar de sua recusa intencional de escrever sobre temáticas "sociais", seria incorreto dizer que sua obra não dialoga de forma crítica com o período no qual foi escrita. O objetivo deste estudo é analisar alguns dos seus poemas publicados durante o regime militar e neles buscar traços de referência ao estado do mundo da época. Ainda que não trabalhe com referências e citações diretas, Orides Fontela pensa na poesia como "um instrumento altamente válido para apreender o real", o que sugere que a autora considera a realidade externa ao arquitetar seus poemas, contrapondo a ideia de que seu processo criativo era meramente espontâneo e abstrato. A partir da pesquisa, conclui-se que Orides, ao criar o seu universo imaginário de palavras, reage ao contexto em que vive, seja pela fuga ou pelo reconhecimento da brutalidade do mundo.

VOZES DA ILHA DA MARTINICA: O MADRAS E A QUADRILHA COMO PRÁTICAS CRIATIVAS FEMININAS EM FRANÇOISE EGA E INA CÉSAIRE

Samanta Siqueira

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura comparada de Le temps des Madras (1966), de Françoise Ega, e Zonzon Tête Carrée (1994), de Ina Césaire, investigando como essas duas autoras martinicanas fazem emergir, por meio de suas vozes femininas, símbolos e práticas culturais da ilha que subvertem simultaneamente o olhar colonial e o cânone masculino da literatura caribenha de expressão francesa. Em Ega, o tecido madras — cujas amarrações comunicavam sentimentos e status social das mulheres — não é apenas elemento descritivo, mas princípio estruturante da narrativa: uma linguagem feminina que organiza a

memória autobiográfica da infância em Morne-Rouge e faz das personagens femininas o centro vivo da história da ilha. Em Césaire, a dança da quadrilha antilhana — que rege corpos, regula relações e transmite a memória coletiva — estrutura o próprio romance, organizando as histórias dos passageiros do "taxi-pays" entre as cidades de Gros-Morne e de Fort-de-France em uma coreografia narrativa que preserva a voz e o movimento de um povo. Nas obras analisadas, o madras e a quadrilha funcionam, portanto, como marcadores simbólicos da Martinica e como práticas criativas que habitam a diferença colonial pelo corpo, pelo tecido e pelo movimento — expressões do que Lugones chama de resistência infrapolítica, ou seja, gestos que se articulam fora da esfera pública hegemônica, no cotidiano e na performance, revelando a subjetividade ativa das mulheres martinicanas diante da colonialidade de gênero (LUGONES, 2019). A análise ancora-se ainda no conceito de amefricanidade de Lélia Gonzalez (2020), enxergando a Martinica como território constitutivo do espaço político e geográfico da Améfrica Ladina. Desse modo, essas autoras amefricanas, ao fazerem emergir tais símbolos, afirmam o protagonismo das mulheres negras diaspóricas na construção de uma história e de uma literatura latino-americana.

ALGO RESTA DO PASSADO NA MEMÓRIA COLETIVA: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA NA LITERATURA DE MULHERES LATINO-AMERICANAS

Vitor Felix do Vale

Resumo: As análises dos textos epistolares produzidos no contexto da colonização pelo historiador mexicano Enrique Dussel e pelo filósofo búlgaro Tzvetan Todorov evidenciam a prática violenta contra mulheres e suas subjetividades, sendo este um dos pontos inaugurais da sociabilidade nos territórios que mais tarde seriam compreendidos como "América Latina". Nas diferentes tradições literárias que se desenvolveram nos países latino-americanos observamos narrativas em que a violência contra mulheres é, quase sempre, um elemento desses textos de ficção, como os clássicos "Iracema", de 1865 e "El gaucho Martín Fierro", de 1872. Ao longo do século XX, diversas ficcionistas produziram novos modos de abordagem ao problema da violência contra mulheres, com perspectivas distintas, tal como a argentina Silvina Ocampo com "La furia", de 1959; a mexicana Elena Garro, com "Los recuerdos del porvenir", de 1963; e a brasileira Clarice Lispector, com "A hora da estrela", de 1977. Ao considerarmos a extensa tradição literária latino-americana e as obras que abordam personagens mulheres violentadas em diversos aspectos da forma como são construídas em cada texto, percebemos que os textos contemporâneos prolongam na literatura a abordagem desse problema como foco e força central da literatura escrita atualmente. Neste sentido, a presente proposta de comunicação busca evidenciar alguns dos processos

estéticos da literatura escrita por mulheres latino-americanas no século XXI e suas abordagens específicas ao fenômeno da violência contra as mulheres. A partir dos textos de "Pássaros na boca" (2008), de Samanta Schweblin; "Sacrifícios humanos" (2001), de María Fernanda Ampuero; e "Cometierra" (2019), de Dolores Reyes, é possível ensaiar propostas de leitura que destaquem alguns dos mecanismos estéticos construídos por essas autoras nas cenas de violência apresentadas nessas obras, nos diversos contextos sociais dessas personagens: mulheres imigrantes; escritoras; meninas órfãs; mães; mulheres abandonadas por seus maridos; entre outros contextos determinantes para a sociabilidade de mulheres.

ST: POÉTICAS INSURGENTES NAS LITERATURAS (HIPER)CONTEMPORÂNEAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Cinthia da Silva Belonia, Paulo Ricardo Kralik Angelini e Mauro Dunder

Resumo: Uma das marcas da contemporaneidade, a convivência simultânea de diferentes regimes temporais assume conotações peculiares quando analisada a partir das diversas expressões literárias em língua portuguesa - sejam as manifestações em questão aquelas produzidas em Portugal, sejam as expressões literárias brasileiras ou as provenientes dos diferentes países africanos de língua portuguesa. Segundo Agamben (2010), a contemporaneidade "é uma singular relação com o próprio tempo", uma ligação que envolve, simultaneamente, uma adesão e um distanciamento em relação ao presente, ou ainda, uma "relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo" (2010, p. 59). Distanciar-se do presente, reconhecer os seus descompassos, para, de fato, integrar-se a ele, são estratégias particularmente relevantes para a ficção portuguesa contemporânea, sobretudo para as manifestações dessa literatura que, atentas à relação entre o passado colonial e a atualidade, parecem comprometidas com a construção de uma memória responsável para o futuro. A respeito da relação entre ficção e historiografia no processo de construção da memória, convém ainda recordar o fenômeno que Ribeiro (2007) aponta como uma espécie de "divórcio" entre a memória "colectiva", constituída pela narrativa predominante no senso comum e pelo discurso historiográfico, e aquela que, por oposição, pode se chamar "privada" (p.15), na medida em que é constituída pelas percepções daqueles diretamente envolvidos nas vivências implicadas em momentos históricos que, na construção da historiografia, ganham relevo e passam a fazer parte da "verdade dos fatos". Nesse movimento, é preciso então que o discurso literário (da prosa de ficção ou da poesia) sirva como espécie de complexificador crítico da forma como o discurso historiográfico mobiliza os elementos que escolhe para a construção desse registro memorialístico. Por outras palavras, um dos papeis assumidos pelo texto ficcional como instrumento daquele processo de reconhecimento dos "descompassos" do presente pode ser o de registrar matizes

dos eventos históricos que o discurso da historiografia não pode (ou não quer) apreender, fazendo o que Lídia Jorge descreveu como lavar "com lágrimas ardentes os olhos da História". Aparentemente paradoxal, a projeção e a formulação, na circunstancialidade do presente, de uma memória para a posteridade, talvez sejam o "ato de coragem" referido por Agamben, uma possível exemplificação do que o teórico define como a necessidade de "ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar" (p. 65). Reconhecer a presença do passado no presente, identificar as irresoluções pretéritas que desafiam a experiência do hoje são posicionamentos que parecem dinamizar também a literatura brasileira contemporânea, especialmente, se considerarmos a atenção e a incisividade que as manifestações em questão dispensam às problemáticas da misoginia, do racismo, das desigualdades socioeconômicas. Onipresentes e irresolvidas, ao serem tratadas literariamente, as violências citadas oportunizam reflexões de natureza interseccional que permitem não apenas o estabelecimento de análises inter-relacionais das categorias de "raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária" (Collins; Bilge, 2020, p. 17), mas que também possibilitam a articulação entre essas categorias e as especificidades da experiência histórica brasileira – que inclui a exploração (neo)colonial, as cicatrizes ditatoriais, as reincidentes ameaças à soberania e à democracia. Especialmente dolorosa para os países africanos de língua portuguesa, a ferida colonial parece ter legado às literaturas dos diferentes países possibilidades temáticas pungentes. Frequentemente abordada a partir do registro lírico, a tensão passado-presente, que movimenta as literaturas em questão, longe de disfarçar a violência colonial e o seu legado, parece mimetizar a complexidade dos desdobramentos da colonialidade, como o fato de a ex-metrópole não se responsabilizar pela subjugação e de, entre os ex-colonizados, haver aqueles nostálgicos do domínio – já que a colonização foi a responsável, por exemplo, pelo desenvolvimento da infraestrutura urbana das cidades coloniais. Além da colonialidade presente no cotidiano dos países africanos de língua portuguesa, essas literaturas apontam também para outro problema não resolvido no pós-independência, como a redefinição da identidade em países que, agora, vão se reconstruir como nação. Diante do exposto, neste Simpósio serão bem-vindas propostas que reflitam sobre (possíveis) reverberações da intempestividade contemporânea sobre o arranjo narrativo das manifestações literárias em língua portuguesa – ou em diálogo com as literaturas expressas no idioma. Os cruzamentos temporais, seja na relação passado-presente, seja na prospecção de futuros imaginados, ganham particular relevância em casos que levem em consideração os modos como a colonialidade do poder (Quijano, 2005) pode ser expressa nas manifestações literárias, a que aqui damos o nome de "poéticas", no sentido amplo que o termo adquire quando se refere a como se constroem diferentes manifestações literárias, sejam coexistentes em tempos e espaços ou não. Nesse sentido, são também convergentes análises voltadas para as relações entre o cânone e as literaturas (hiper)contemporâneas (Taylor-Collins, 2021), uma vez que o diálogo com a(s) tradição(ções) pode(m) oportunizar a contemporização de elementos que, como afirma Agamben,

permitam "[p]erceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo" (p. 65).

ESCREVER COM OS OLHOS POSTOS NA ESCURIDÃO: UMA LEITURA DE O QUARTO DO BEBÊ

Alessandra Magalhães

Resumo: Para Agamben (2009), o contemporâneo é aquele que, ao olhar para o seu tempo presente, percebe não aquilo que ilumina ou brilha, mas a escuridão, desse modo escreve mergulhado nas trevas do presente. A partir dessa reflexão, é possível pensar no romance "O quarto do bebê", da escritora portuguesa Anabela Mota Ribeiro (2025), como uma obra que lança o seu olhar para a obscuridade dos nossos tempos, trazendo, por meio da escrita de um diário, a narrativa da experiência da pandemia de covid-19. Ao longo do romance, o contexto pandêmico não se limita à condição de pano de fundo histórico, mas atua como elemento que intensifica a percepção de crise do contemporâneo, através da vivência do isolamento, reconfigurando a noção de corpo e acentuando a consciência da morte. Esse livro não apenas inscreve a trajetória subjetiva da personagem, mas também leva a refletir sobre o sentimento compartilhado de instabilidade que nos atravessou, tensionando as fronteiras entre o privado e o público. Nesse sentido, este trabalho se propõe a fazer uma leitura do modo como a pandemia de covid-19 é representada nesse livro, compreendendo-o como um lugar de confrontação entre a elaboração subjetiva e a representação da crise coletiva. Portanto, observaremos como a literatura portuguesa (hiper)contemporânea vem dialogando de maneira crítica com a contemporaneidade.

ENTRE A CONSTRUÇÃO DE UMA PONTE E A DE UM PALÁCIO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS PÉS DE BARRO, DE NUNO DUARTE, E MEMORIAL DO CONVENTO, DE SARAMAGO

Ana Maria Coelho Silva Wertheimer

Resumo: É inevitável a comparação entre o vencedor do Prêmio LeYa 2024, Pés de barro, romance de estreia do escritor português Nuno Duarte, e a célebre obra Memorial do Convento, de José Saramago, publicada pela primeira vez em 1982. O cotejo entre os romances transcende a evidente referência à construção de dois marcos da engenharia portuguesa, a saber, a Ponte 25 de abril e o Palácio Nacional de Mafra. Para além da ponte e do palácio, as semelhanças incluem questões relativas à dimensão estética das

duas narrativas; críticas de ordem social e política contra o regime monárquico, na obra de Saramago, e o Estado Novo português, no romance de Nuno Duarte; e o dom sobrenatural comum às personagens Dália e Blimunda, companheiras dos protagonistas Victor Tirapicos e Baltasar Sete-Sóis, respectivamente. Por fim, mas não menos importante, ambos os romances parecem compartilhar uma mesma intencionalidade: dar voz aos oprimidos. O objetivo do presente estudo, portanto, é desenvolver, à luz da teoria do dialogismo de Mikhail Bakhtin, uma análise acerca do processo criativo do premiado romance da ficção portuguesa contemporânea, a história de um jovem operário que trabalha na construção da ponte cujo nome original presta homenagem ao ditador português António de Oliveira Salazar. As relações dialógicas identificadas na esfera da forma e do conteúdo dos dois romances portugueses podem caracterizar aquilo que muitos identificam como o estilo irônico ou alegórico do único escritor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

LER O PASSADO-PRESENTE DA VIOLÊNCIA JUNTO AO ARQUIVO E À IMAGINAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CRIME BÁRBARO (IEDA MAGRI) E O INVENCÍVEL VERÃO DE LILIANA (CRISTINA RIVERA GARZA)

Bianca Magela Melo

Resumo: A proposta foca os romances Um crime bárbaro, de Ieda Magri (Brasil, 2022), e O invencível verão de Liliana, de Cristina Rivera Garza (México, 2021), ambos baseados em feminicídios reais ocorridos, respectivamente, 38 e 29 anos antes. Em especial interessam o momento escolhido para narrar, em que memórias subterrâneas (Michael Pollak, 1989) emergem, e ainda a relação estabelecida entre a imaginação e os arquivos. Tendo em vista a hibridez discursiva das duas ficções – entre ensaio, autoficção e metaficção – e as reflexões diretas ou sugeridas pelas autoras (também ensaístas e professoras universitárias), pretende-se pensar a partir, mas também junto a elas. As publicações, distantes dos fatos motivadores, ocorrem após uma série de campanhas e ações que levaram Heloísa Teixeira (2018) a sugerir uma quarta onda feminista. Como outros, esses textos passaram a tratar no espaço público temas não ditos e antes tidos como privados. A fala individual aí aponta para a impessoalidade ao reportar a um comum politicamente sustentado (Garramuño, 2017). As narrativas do corpo e da sexualidade, mais presentes na literatura de autoria feminina atual em relação às predecessoras (Figueiredo, 2020), estão associadas nas ficções ao risco de exposição social da mulher. Em seu livro não ficcional Os mortos indóceis: necroescritas e desapropriação (2024), Cristina Rivera Garza questiona o papel da escrita frente ao horror e toca em uma questão afeita aos dois romances focados: como escrever com os mortos? Sem interesse

em resposta conclusiva, podemos afirmar que os livros em perspectiva incorporam o "deslocamento do império da autoria" (Garza, 2024), ousando se desapropriar do lugar de controle e de produtor solitário de sentido, ao mostrar oscilações, lacunas e a delicada implicação do eu.

SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS: O INSÍLIO NO ESPAÇO ANGOLANO

Cinthia da Silva Belonia

Resumo: Após o fim da colonização portuguesa, Angola enfrentou mais 27 anos de guerra civil (1975-2002). Esta foi marcada pela disputa de poder entre os ex-movimentos de guerrilha anticolonial, MPLA e UNITA, já transformados em partidos políticos no país. Quinze anos após o fim do conflito armado, o autor angolano Pepetela publica o romance Se o passado não tivesse asas (2017), cruzando passado e presente a partir da perspetiva das personagens Himba e Sofia. O que aproxima as duas, em um primeiro momento, é o deslocamento do interior do país para a capital Luanda, fugindo da guerra. É a partir dos espaços que ocupa, em uma contante mobilidade interna, que Himba constrói sua identidade, encontrando-se, ao fim da guerra, com Sofia. Os estudos acerca dos movimentos migratórios apontam para diversas classificações dos perfis de migrantes, sendo o refugiado de guerra um destes. No entanto, no caso do romance aqui analisado, o que há são deslocados internos, visto que seus personagens não saem do país. Portanto, partindo da leitura de Nazir Can sobre o espaço literário moçambicano, esta comunicação pretende abordar o deslocamento interno pela lente do insílio (Benedetti (1976); Volpe (2005)), essa espécie de exílio interno que compreende o estranhamento vivido dentro do próprio país, para analisar a construção da identidade de Himba e Sofia no espaço angolano durante e após a guerra civil.

OS VESTÍGIOS DO MEDO EM LEME, DE MADALENA SÁ FERNANDES

Isabelle Bertaco

Resumo: O medo figura entre os afetos mais expressivos da literatura hipercontemporânea, especialmente em narrativas que exploram experiências de violência, vulnerabilidade e insegurança. Assim, nota-se que, ao transformar emoções em matéria narrativa, a literatura registra vestígios das sensibilidades de seu tempo e possibilita a observação de conflitos que ultrapassam a esfera individual, de modo que a representação do medo torna-se uma via de acesso privilegiada para compreender tanto as marcas subjetivas do sofrimento quanto as tensões sociais que atravessam o presente. Tendo isso em vista, analisa-se o romance Leme (2025), de Madalena Sá Fernandes, investigando de que modo a narrativa

constrói os vestígios do medo a partir da experiência de uma infância marcada pela violência doméstica. Nessa perspectiva, busca-se compreender como o medo se manifesta não apenas como emoção individual, mas também como sintoma de tensões sociais características da hipercontemporaneidade, revelando marcas de insegurança, vulnerabilidade e violência que atravessam o presente. Para tanto, a análise mobiliza as contribuições teóricas de Jacques Rancière (2009), Walter Benjamin (1994), Georges Didi-Huberman (2016) e Byung-Chul Han (2023), a fim de discutir como a obra supracitada transforma o medo em matéria narrativa e faz dele um vestígio legível das sensibilidades contemporâneas, em suas dimensões subjetivas e coletivas.

"NARRAÇÃO CORPORIFICADA": ESTRATÉGIAS DE CRIAÇÃO E INTERPELAÇÃO DE MUNDO NO ROMANCE LÚCIALIMA, DE MARIA VELHO DA COSTA

Lara Trevisan e Raquel Trentin Oliveira

Resumo: Escritora de grande mérito, mas pouco estudada, Maria Velho da Costa delegou-nos uma obra rica e diversa, pautada sobretudo na sofisticação formal e no engajamento político-social. Nesta comunicação, propomos um exame crítico daquilo que, no âmbito ficcional da autora, chamaremos "narração corporificada" e que se caracteriza pela imbricação entre corpo, sensorialidade e instância narrativa. Partindo do romance Lúcialima (1983), texto extremamente sinestésico que aborda a complexa vivência de personagens em meio a um Portugal pré-revolução, pretendemos evidenciar de que maneira a corporificação do ato de narrar implica um novo modo de formulação e de entendimento de mundo, configurando, assim, uma poética dissidente e intempestiva. Nesse sentido, nossa intenção é estabelecer um diálogo entre a escrita de Maria Velho da Costa e as reflexões contemporâneas acerca das formas de representação e de percepção do mundo (diegético e extraliterário). Para isso, recorreremos à noção de contemporaneidade de Agamben (2010), enquanto forma de interpelação do tempo presente; aos pressupostos teóricos de Merleau-Ponty (2004), no que se refere à criação de um mundo pela experiência perceptual; e às contribuições de Daniel Punday (2003) sobre a abordagem do corpo como uma categoria narratológica. Esperamos, portanto, demonstrar como a diegese emerge da exploração, pela narração, dos sentidos corporais e quais são os efeitos miméticos, interpretativos e, sobretudo, epistemológicos dessa construção narrativa.

O RAPAZ-PÁSSARO E O POEMA: ÍCARO É UM MÉTODO DE ESCRITA

Letícia Nery

Resumo: Ícaro aparece na poesia de Ana Martins Marques em discursos amorosos, aparece como analogia para os fumantes, como uma retomada dessa voz de um passado helênico que encontra eco em reflexões presentes. Um rapaz não inteiro homem, mas parte pássaro, amado pelo seu voo e pela sua queda. Não à toa, em diversos livros da autora, o jovem filho de Dedalus desponta no decorrer dos versos. O universo helênico é tema central da obra de Tatiana Faia. Doutora em literatura grega clássica, Faia retoma personagens e temas da antiguidade em toda a sua poesia. Em "A morte de uma arquivista", poema de Um Quarto em Atenas (2018), recupera a imagem de Ícaro, estabelecendo uma relação entre ele, o "rapaz-pássaro", e o próprio fazer poético: "eu trago-te na minha concentração/ e reconheço a impaciência da tua fome". Vemos algo parecido em Marques. Faia coloca em diálogo o voo/queda desse personagem com a ideia mesma de um desastre criador. A aventura de Ícaro, em sua já conhecida "trajetória mirabolante", instala-se como procedimento poético e crítico, sugerindo certa positividade inesperada do "desvario e do desarranjo", nos termos de Maurice Blanchot, em A escritura do desastre. Somamos à reflexão do filósofo sobre o desastre como metodologia e forma de escrita o entendimento do "verso livre como uma experiência violenta de ruptura linguística", como escreve a crítica literária Shoshana Felman, para quem o poema se torna a "arte do acidente". Propomos, assim, uma aproximação da poesia brasileira de Ana Martins Marques com a dicção lusitana de Faia, a partir desta imagem mitológica, tendo o desastre e o acidente como fios condutores, considerando-os como potência fundadora para a poesia.

O ESPANTO COMO POÉTICA DO FLUXO EM "M", DE MATILDE CAMPILHO

Lívia da Silva Perenha

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do poema "M", de Matilde Campilho, a partir da noção de "poética do espanto", entendida como procedimento estético capaz de deslocar a percepção ordinária do mundo por meio da intensificação da linguagem e da proliferação imagética. Partindo da concepção grega de θαῦμα (thauma) — associada ao assombro e à admiração diante do real —, investiga-se como a escrita de Campilho produz uma experiência poética fundada menos na interpretação racional do texto do que em sua capacidade de ressoar afetivamente no leitor. O poema é analisado como fluxo de imagens, sensações e deslocamentos linguísticos, aproximando-se da perspectiva de Gilles Deleuze acerca da leitura em intensidade e da escrita como circulação entre múltiplos fluxos. Discute-se ainda a presença de uma dicção plural e errante, marcada pela mistura de registros linguísticos, referências culturais e imagens fragmentárias, bem como a dissolução do sujeito autoral a partir das reflexões de Michel Foucault, Roland

Barthes e Julia Kristeva. Em diálogo com Octavio Paz, argumenta-se que a poesia de Campilho opera através de "saltos" da linguagem, convertendo o cotidiano em experiência de estranhamento e maravilhamento. Assim, conclui-se que o poema "M" constrói uma poética fundada na ressonância, na mobilidade e na potência de fazer a linguagem — e o leitor — se espantarem novamente diante do mundo.

VESTÍGIOS DA VIAGEM: ESCRITA E MATERIALIDADE NA OBRA DE TAMARA KLINK

Lucas da Cunha Zamberlan

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura dos livros Nós e Bom dia, inverno, de Tamara Klink, a partir da noção de (hiper)contemporaneidade proposta por Ana Paula Arnaut. Parte-se da hipótese de que a obra da autora constitui uma manifestação significativa da literatura (hiper)contemporânea, tanto pelos problemas que mobiliza, entre eles a crise ambiental e as transformações da subjetividade, quanto pela atenção concedida à dimensão material da escrita. Mais do que organizar um relato de viagem, os livros elaboram uma tessitura fundada na articulação entre palavra, imagem, manuscrito e documento. Nessa perspectiva, as complexidades do antropoceno e a figura da mulher viajante apresentam-se como manifestações de uma sensibilidade característica do presente. Ao incorporar desenhos, mapas, cadernos de bordo, anotações manuscritas, diagramas e fontes documentais, os livros deslocam a narrativa para além do domínio estritamente verbal. As páginas reúnem diferentes modalidades de construção da travessia, aproximando diário, caderno de campo, cartografia e desenho. O percurso marítimo reaparece nos traços da caligrafia, nos esboços produzidos ao longo da viagem e nos documentos incorporados à composição do livro. Mais do que ilustrar o relato, esses elementos participam da construção de sentido e transformam a configuração material do livro em um aspecto decisivo da leitura. A análise dialoga com as contribuições de Anne-Marie Christin acerca das relações entre escrita e imagem, especialmente sua compreensão da escrita como fenômeno visual. Em aproximação com Roland Barthes, observa-se como o manuscrito, a caligrafia e o traço gráfico funcionam como marcas corporais que excedem a função comunicativa da linguagem. Tal perspectiva permite compreender os livros de Tamara Klink também à luz dos estudos da intermidialidade. Assim, busca-se demonstrar que a singularidade dessas obras reside na elaboração da viagem por meio da materialidade do registro, revelando como a literatura hipercontemporânea continua a reinventar seus suportes, linguagens e formas de presença.

PAI E FILHA EM CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS, DE ISABELA FIGUEIREDO

Luciana Guirland Vieira

Resumo: Caderno de memórias coloniais (2009), da portuguesa Isabela Figueiredo, relata a história de uma menina, da infância à pré-adolescência, que viveu este momento no período turbulento do final do império colonial português, nos anos de 1970. O cenário é a cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, capital de Moçambique, onde se movem os dois personagens em luta: pai e filha. A figura paterna simboliza o próprio colonialismo: um velho mundo que chegou ao fim, confrontado por uma nova era que desponta. O pai integra a última geração de colonos portugueses na África, enquanto a filha faz parte da geração que viveu a independência das colônias ainda na infância – a primeira geração pós-colonial. O presente trabalho trata do conflito entre a narradora, ainda menina, e seu pai, marcado pelas percepções político-sociais das personagens, que se chocam, em sentidos opostos. O pai, muito amado pela filha, transpira a ideologia colonialista por todos os poros, sendo absolutamente racista e machista. A narradora, situada no polo oposto em termos ideológicos, divide-se entre o amor e o ódio por essa figura. Como suporte teórico, utilizo os conceitos de Margarida Calafate Ribeiro (2004) e Paulina Chiziane (2015) sobre o olhar europeu em direção à África e seu povo.

O RASTRO DOS MORTOS: ESCRITA E MEMÓRIA EM O QUARTO DO BEBÊ

Marlon Augusto Barbosa

Resumo: A partir de O quarto do bebê (2023), da escritora portuguesa Anabela Mota Ribeiro, proponho pensar como uma narrativa escrita sob o signo da precariedade — entre o luto, o confinamento e a doença — elabora criticamente as crises do presente (pessoais e coletivas). O livro acompanha uma mulher que, após a morte do pai psicanalista, encontra o manuscrito de uma paciente. O que começa como curiosidade transforma-se em leitura obsessiva e, sobretudo, em um dispositivo de identificação e trabalho de luto. Interessa-me observar como, a partir desse encontro com um texto alheio, a narrativa articula experiências íntimas — isolamento, corpo, escrita, maternidade, infertilidade, filiação e morte — a um horizonte coletivo mais amplo, atravessado pela memória da guerra, pela pandemia e pela persistência da violência patriarcal. O que me parece importante destacar é que em meio ao precário, o livro passa então a funcionar como um espaço de acolhimento de vestígios — documentos, vozes, narrativas —, convertendo o "quarto do bebê", inicialmente marcado pela falta, em um lugar de criação. Uma questão se impõe: o que fazer com aquilo que resta? Ao transformar materiais herdados em matéria literária, a escrita não apenas reinscreve o passado, mas cria um espaço em que os mortos continuam a falar por meio dos rastros que deixaram.

A RUÍNA DO APRENDIZADO: A FORMA DA ERRÂNCIA EM A CÉU ABERTO, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Lucas da Cunha Zamberlan e Matheus Lenarth Cardozo

Resumo: O presente trabalho analisa a composição da narrativa de errância em A Céu Aberto (2008) [1996], de João Gilberto Noll, propondo que a obra exerce uma desconstrução das formas romanescas tradicionalmente associadas ao aprendizado e à formação do sujeito. Partindo das reflexões de György Lukács sobre o romance moderno, investiga-se como a narrativa recupera elementos do romance de formação (Bildungsroman) e do romance de viagem, mas esvazia suas funções totalizantes. Diferentemente da tradição representada por Goethe, na qual o deslocamento conduz à aquisição de experiência, ao autoconhecimento e à integração social, o protagonista de Noll atravessa espaços, situações e relações sem que esses encontros resultem em desenvolvimento pessoal ou em uma compreensão mais ampla do mundo. Para compreender esse processo, o estudo mobiliza a distinção formulada por Walter Benjamin entre experiência (Erfahrung) e vivência (Erlebnis). Argumenta-se que a trajetória errante do protagonista é marcada pela impossibilidade de converter vivências fragmentárias em experiência compartilhável e inteligível, revelando uma subjetividade atravessada pela crise da experiência e da narrabilidade característica das ficções pós-modernas. Os deslocamentos constantes, as rupturas narrativas e a instabilidade identitária impedem a construção de uma narrativa coerente de formação. O estudo dialoga com as formulações de Idelber Avelar sobre a literatura latino-americana contemporânea e o esgotamento das grandes narrativas de sentido. Assim, defende-se que, em A Céu Aberto, a errância deixa de ser um caminho para o aprendizado e se torna a expressão formal de um mundo em que as promessas modernas de formação, pertencimento e totalidade se encontram em ruínas.

DA VIDA SE FEZ O VERSO: A INSURGÊNCIA DE SER MULHER NO PORTUGAL SALAZARISTA E A ESCRITA DE NATÁLIA CORREIA E MARIA TERESA HORTA

Mauro Dunder

Resumo: Até os anos 1950 e 1960, fortalece-se e predomina na crítica literária a noção de uma leitura "abiográfica" do artefato literário, ao ponto de se recusar, programaticamente, a própria entidade do "autor", seja decretando sua "morte", como o fez Roland Barthes, seja reconfigurando sua presença no ato de criação, como propõe a leitura de Michel Foucault em "O que é um autor?". É, talvez, a partir dos anos 1980 , com o fortalecimento da crítica feminista e a criação, por Elaine Showalter, da noção de

"ginocrítica", que a compreensão fundamental de que o repertório de criação literária está diretamente ligado ao repertório pessoal de quem escreve, o seu "lugar de fala", expressão corrente no meio acadêmico hoje, constitui também instrumento válido para a leitura da obra de determinado artista. Não a toa, Natália Correia abre um de seus mais conhecidos poemas com a declaração inequívoca de sua condição ("Senhores jurados, sou um poeta"), e Maria Teresa Horta nomeia um de seus livros com a declaração peremptória dessa mesma condição: "Eu sou a minha poesia". Assim, esta comunicação propõe cometer um dos pecados mortais da crítica literária: a leitura das biografias "O Dever de Deslumbrar", de Filipa Martins, acerca da vida e da obra de Natália Correia, e "A Desobediente", de Patrícia Reis, sobre a vida e a obra de Maria Teresa Horta, duas mulheres, duas poetisas portuguesas que constituem perfeitos ícones da noção de "insurgentes" que nomeia este simpósio. A partir da reflexão sobre alguns episódios das vidas das biografadas, este trabalho propõe compreender o rastro (no sentido benjaminiano) que as experiências de serem mulheres no patriarcado, em um país historicamente conservador e em um momento de absoluto sufocamento das liberdades, deixaram no fazer poético de dois dos maiores nomes da literatura portuguesa de autoria de mulheres do século XX.

A FIGURAÇÃO DO FRACASSO NA NARRATIVA PORTUGUESA HIPERCONTEMPORÂNEA

Paulo Ricardo Kralik Angelini

Resumo: Os sonhos abandonados de futuro; a aceitação do fracasso; as distopias tornando-se realidade; as guerras e os governos de um novo fascismo; as fake-news; a perseguição aos imigrantes e refugiados; o homem esmagado pelo empilhamento de tarefas; as violências atravessadas pelo corpo que resiste. É num mundo já sem grandes sentidos que o sujeito cria, e a "sua criação é um testemunho de uma evolução, tecnológica, econômica, social, que o obriga a encontrar novas formas de dizer o indizível, de ordenar o caos, de adivinhar o homem do futuro que ele é já" (Binet; Angelini, 2016, p. 447). Esses são alguns dos temas frequentes percebidos na literatura hipercontemporânea. Teóricos como Giles Lipovetsky, Byung-Chul Han, Nicholas Taylor-Collins, Ana Paula Arnaut, entre outros, sublinham a potencialização da experiência nos nossos dias, aludindo a esses tempos hiperbólicos na urgência da prefixação do híper. É a demarcação de novos modos de ler, de pensar e de analisar essa literatura muito recentemente produzida: novos temas e novos cenários exigem uma nova postura e uma nova instrumentação crítica. Desse modo, essa comunicação pretende abordar a conceituação do hipercontemporâneo na urdidura de uma dessas tendências recorrentes, perceptível no apagamento do humano e na aceitação da própria condição do

fracasso. O protagonista hipercontemporâneo, de acordo com Ana Martins (2018, p. 248), "é solitário, herdeiro da destruição e dos seus resultados, preferindo o exercício do esquecimento ao da lembrança, num frio conflito com o mundo". A nossa sociedade do desempenho, seguindo o raciocínio de Han, cria um cansaço que é também "solitário". Nesta literatura hipercontemporânea, portanto, o que não faltam são exemplos de personagens em condição de abismo, vazios, desfibrados, fracassados, mergulhados na mais pura solidão. No repertório literário, autores como Djaimilia Pereira de Almeida, Dulce Maria Cardoso, Manuel Bivar, João Tordo, H. G. Cancela, entre outros.

TATIANA FAIA E A SOBREVIVÊNCIA DA LÍNGUA

Raphael Felipe Pereira de Araujo

Resumo: O livro Adriano, da poeta portuguesa Tatiana Faia, se constitui como um exercício de entrelaçamento entre tempos: a contemporaneidade do gesto de escrita se inscreve como recuperação de uma figura do passado, o imperador romano Adriano, e numa sobreposição entre o discurso literário e o discurso histórico, a investigação de dados factuais e a imaginação crítica que cabe na medida do verso, na medida do exercício da voz lírica. Esse jogo entre tempos, discursos e linguagens tem interessado outras leitoras da poesia de Tatiana Faia, como Mônica Genelhu Fagundes e Letícia Nery, e chega a ser assumido pela própria poeta num posfácio escrito como uma filosofia da composição desse livro de poemas. O objetivo dessa proposta de comunicação é investigar de quais modos esse jogo se relaciona com o jogo do trânsito entre as línguas, realizando a leitura cerrada do quarto e último poema do livro, "italiano na grécia", cujo título por si só é já tradução e citação do título de outro poema, "italiano in grecia", de Vittorio Sereni, com quem a poeta irá dialogar ao longo dos versos. Interessa pensar como a tradução se torna tanto um tema quanto uma operação interna do poema, uma operação a partir da qual a poeta irá inscrever na língua – portuguesa, grega, latina, inglesa, italiana – uma "forma de sobreviver" (Faia, 2026, p. 76) que é afinal o desejo declarado de sua urdidura poética, seu modo de insurgir contra a morte.

A POÉTICA INSURGENTE DE MARIA VELHO DA COSTA

Raquel Trentin Oliveira

Resumo: Proponho-me a tratar do romance Lucialima (1983), de Maria Velho da Costa, investigando o modo aparentemente discreto de problematizar o sistema colonial de poder (QUIJANO, 2009; LUGONES, 2020) vigente na sociedade portuguesa contemporânea. Para isso, articulo teorias pós-coloniais propostas no contexto português (RIBEIRO, 2004; SANTOS, 2010; LOURENÇO, 2014) com

o pensamento decolonial latino-americano, assumindo uma perspectiva descentrada que transcenda binarismos e fronteiras artificiais entre "o colonizador" e "o colonizado". Tal abordagem se relaciona como o projeto "Inflexões-pós-coloniais no romance português contemporâneo", desenvolvido na UFSM, cujo problema central é pensar o modo como (parte da) a narrativa literária produzida desde a década de 1960 em Portugal, reage, ficcionalmente, ao colonialismo, ou de modo mais amplo, à colonialidade do poder. Eduardo Lourenço (2014), ao ler esse contexto, ao mesmo tempo em que constata a ausência de um traumatismo nacional por ocasião do fim do império, identifica no "plano do nosso imaginário profundo", o início da consciência de que "se passou alguma coisa de decisivo" que pede um "novo olhar"; e exemplifica vestígios dessa consciência inicial justamente em Lucialima (1983) de Maria Velho da Costa, sem, no entanto, demonstrar como isso efetivamente se desenvolve no romance. Na contramão de estudos apenas temáticos dessa vertente pós-colonial, procederei uma análise narratológica de Lucialima (1983), ciente de que, sem ela, aquela abordagem corre o risco de ser, na melhor das hipóteses, imprecisa e, na pior, inadequada (DWIVEDY; NIELSEN; RICHARD, 2018). Busco com isso demonstrar de que maneira a estética disruptiva de Maria Velho da Costa colabora para a projeção de temáticas pós-coloniais/decoloniais, potencializando a crítica do romance à persistência de importantes assimetrias de poder nas configurações sociais, políticas e culturais da sociedade portuguesa que viveu o fim do Estado Novo e o início dos processos de descolonização das ex-colônias portuguesas em África.

FICÇÃO (PRÉ)HISTÓRICA: FIGURAÇÕES INSURGENTES NAS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS CONTEMPORÂNEAS

Renata Farias de Felippe

Resumo: O renovado interesse pela produção de escritoras dos diferentes países latino-americanos que tratam sobre os enfrentamentos recentes (tais como o feminicídio, o racismo, a discriminação de classe, a homofobia, a transfobia, a exploração das espécies) a partir do extraordinário/inusual/inexplicável tem despertado um questionamento instigante: estaríamos diante de um novo boom? Se, até o momento, a pergunta tem se mostrado retórica do ponto de vista crítico, nesta exposição nos deteremos sobre a abordagem ficcional da pré-história ensaiada por duas escritoras, a boliviana Liliana Colanzi (no conto "A caverna", publicado em 2022) e a brasileira Paulinny Tort (no romance Os imortais, de 2026), autoras que, ao se voltarem para o passado imemorial, parecem acenar para mais uma variante do denominado insólito. Mais do que uma reflexão a respeito dos gêneros, o que se pretende discutir é o modo como as narrativas citadas promovem uma espécie de "meditação simbólica sobre o destino da comunidade" (Jameson, 1992),

especialmente, a respeito da situação das mulheres latino-americanas, sobre as quais incidem não apenas assujeitamentos de gênero, mas também de classe e de natureza étnico-racial. Nesse sentido, a ficcionalização do passado remoto realizada por Colanzi e Tort nos parece uma estratégia reveladora, não só por permitir que olhemos a origem comum por um outro viés, mas também por permitir que, pela via alegórica, analisemos quais dos anacronismos ainda existentes cerceiam as experiências femininas situadas ao Sul global.

POR ENTRE A MEMÓRIA E O ENVELHECIMENTO DA CARNE: ESPAÇOS DE SUBJETIVAÇÃO DA VELHICE NA LITERATURA (HIPER)CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA

Verônica Farias Sayão

Resumo: O corpo é um tema complexo e amplo de estudo, principalmente atrelado às múltiplas facetas e discursos que existem sobre ele. Ainda que o corpo seja uma temática vasta de diferentes áreas, ele muitas vezes é circunscrito dentro dos moldes de um corpo jovem e cheio de promessas e vitalidades. Minha proposta para esta comunicação parte de um movimento contrário ao pensar o corpo envelhecido como eixo articulador nas obras Misericórdia (2022), de Lígia Jorge, e Planeta desconhecido e romance da que fui antes de mim (2000), de Luísa Dacosta, a fim de remontar as perspectivas das narradoras Alberti e Luísa, respectivamente. Assim, o corpo desenhado em ambas as obras traz as dificuldades inerentes ao envelhecimento, como a solidão, a perda da independência e a aproximação da morte, enquanto articula as experiências vividas e o valor da memória. Desta forma, meu intuito é delinear como cada narradora lida com o envelhecimento do seu próprio corpo, expondo a importância da memória como alicerce da vida. Para tanto, o aporte desenvolvido para este estudo envolve teorias de corporeidade como David Le Breton (2010), Gonçalo Tavares (2021), Maurice Merleau-Ponty (2006), Guacira Lopes Louro (2003), Silvia Federici (2023) e Hélène Cixous (2023), mas também teorias sobre espaço e memória como Otto Friedrich Bollnow (2019), Michelle Perrot (2011), Juhani Pallasmaa (2017), Gaston Bachelard (1978; 2003) e Paul Ricoeur (2007). Consequentemente, busquei desenvolver uma análise literária e bibliográfica a respeito da influência do espaço e da memória na própria noção de corporeidade das narradoras anteriormente citadas.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: QUESTÕES DE HISTÓRIA DA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

Coordenação: Mario Tommaso Pugliese Filho e Luiz Alberto de Souza

Resumo: A história da crítica literária brasileira constitui um processo de longa duração iniciado com as formulações românticas de Gonçalves de Magalhães e Ferdinand Denis, voltadas à constituição de uma literatura nacional, e se desdobra por diferentes matrizes teóricas, institucionais e discursivas desde o século XIX. Tomando como referências núcleos institucionais e configurações históricas (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Escola do Recife, Academia Brasileira de Letras, imprensa, crítica universitária, entre outras), o simpósio pretende reunir trabalhos que investiguem a crítica literária como prática social, histórica e institucionalmente situada. Busca-se discutir como diferentes correntes críticas e instituições disputaram, ao longo do tempo, a definição da literatura brasileira e seus regimes de leitura. Esse percurso atravessa momentos e autores-chave: a crítica "científica" de Sílvio Romero; o naturalismo de José Veríssimo e o psicologismo de Araripe Jr., bem como as ponderações de Machado de Assis; a contribuição dos simbolistas como Nestor Vítor e Gonzaga Duque; as inflexões modernistas em Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda; o ensaísmo periodista dos "rodapés" das décadas de 1930 e 1940; a centralidade da literatura em um projeto de modernização nacional em Antonio Candido; a institucionalização de uma ciência da literatura sob influência do new criticism, com Afrânio Coutinho; as disputas entre estruturalistas e marxistas; as contribuições teóricas dos concretistas (Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari) e de Luiz Costa Lima; os estudos da materialidade na obra de pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa; os estudos comparativistas; os estudos das práticas poéticas e retóricas em João Adolfo Hansen; até desenvolvimentos mais recentes, com a diversificação impulsionada pelos Estudos Culturais e por novos meios e suportes. Evidentemente, esta lista não é exaustiva e permanece aberta a complementações e a diferentes possibilidades de rearticulação. A história da crítica, assim, abrange um conjunto de discursos sobre objetos e práticas de escrita, publicação e leitura, performados como atividade especializada de autorregulação e de regulação sobre a leitura literária, incorporados de modo mais ou menos explícito a dados de seus contextos enunciativos, em que diferentes grupos instituídos produzem diferentes vocabulários, conceitos, repertórios de eleição, projetam no horizonte diferentes "tarefas" e fundamentam-se em diferentes concepções – que coincidem com as diferentes tomadas de posição – de literatura, crítica, história, nacionalidade etc. Nesse quadro, seu objeto último é a própria leitura – sua materialidade (seus suportes em circulação e suas práticas socialmente compartilhadas); os significados dos textos (o modo como se concebe que os textos literários se referem a conhecimentos pressupostos e os realizam em seu espaço próprio de ação); seus sentidos (o que os textos literários veiculam como ideias ou noções) e seus valores (que peso, que uso ou dimensão são atribuídos às obras declaradas relevantes). Propõe-se pensar a crítica literária não como sequência linear

de ideias, mas como conjunto de práticas discursivas historicamente situadas, produzidas sob condições materiais, institucionais, políticas e sociais concretas. Apoiado em perspectivas como a história dos conceitos (Reinhart Koselleck; J. G. A. Pocock), a sociologia dos intelectuais (Pierre Bourdieu; Sergio Miceli; Mary Douglas), a história intelectual (José Murilo de Carvalho; Roberto Ventura; Nicolau Sevcenko), a história cultural e da leitura (Roger Chartier; Robert Darnton; Hans-Robert Jauss; Michel de Certeau; Raymond Williams) e os estudos pós-coloniais e decoloniais (Edward Said; Aníbal Quijano; Gayatri Chakravorty Spivak), entre outras afins, o simpósio concebe o campo crítico como "poliglota": constituído por múltiplos discursos que se articulam, confrontam e redefinem-se mutuamente em disputas por legitimidade, autoridade e espaço institucional. O simpósio articula a história da crítica aos estudos comparativistas, com base na formulação de Sandra Nitrini, para quem "o fenômeno da recepção encontra-se no âmago dos estudos de literatura comparada" (1997, p. 168). Nesse quadro, a crítica é compreendida como instância específica de mediação, articulada às dinâmicas de emissão, transmissão e recepção, responsável por regular, reconfigurar e historicizar os modos de leitura e circulação das obras literárias.

Serão bem-vindas propostas que contemplem, entre outros, os seguintes focos:

• estudos sobre recepção comparada de autores, obras ou tradições literárias;

• análises da produção crítica de autores ou grupos específicos;

• estudos sobre marcos teóricos específicos e polêmicas, como eventos que problematizam e redefinem tomadas de posição;

• estudos sobre a construção e institucionalização de diferentes histórias literárias, seus pressupostos e efeitos no campo intelectual;

• reflexões teóricas, historiográficas, sociológicas ou estéticas sobre práticas críticas;

• investigações sobre práticas de produção, circulação e leitura literária, em suas dimensões materiais e simbólicas;

• estudos sobre formações ou grupos culturais, instituições, periódicos, agremiações e outros espaços de legitimação crítica;

• abordagens interdisciplinares relacionadas à crítica literária, incluindo perspectivas pós-coloniais e decoloniais.

O CONCEITO DE ALEGORIA EM ROBERTO SCHWARZ

Ana Karla Carvalho Canarinos

Resumo: Esta comunicação objetiva analisar uma duplicidade a respeito do conceito de alegoria na crítica de Roberto Schwarz. Uma primeira acepção estaria presenta na sua análise sobre a obra de Machado de Assis, em Ao Vencedor as Batatas (1977) e Um mestre na periferia do capitalismo (1990) e se aproximaria do conceito de alegoria defendido por Fredric Jameson. Por outro lado, a sua análise sobre o modernismo e o tropicalismo, em "O psicologismo na poética de Mário de Andrade" (1995), "Cultura e política, 1964-69" (1975), "A carroça, o bonde e o poeta modernista" (1987) e "Verdade tropical: um percurso de nosso tempo" (2012), o crítico brasileiro se aproximaria das definições de Walter Benjamin e Gyorgy Lukács. Nossa hipótese é de que ao considerar o tropicalismo uma alegoria do Brasil, o crítico brasileiro se aproximaria da definição de Walter Benjamin, em Origem do drama trágico alemão e de Gyorgy Lukács, em sua Estética. Em contrapartida, nas suas análises de Machado de Assis, o princípio da volubilidade, bem como o da desfaçatez de classe, podem ser analisados enquanto alegorias no sentido defendido por Fredric Jameson, em Allegory and Ideology (2021) e "Third-World Literature in the era of Multinational Capitalism". Sob este aspecto, primeiramente mapearemos brevemente a compreensão de alegoria para Lukács, Benjamin e Jameson, num segundo momento, analisaremos como a crítica de Schwarz se relaciona com as diferentes possibilidades semânticas deste conceito.

UM OLHAR SOBRE OS JUÍZOS CRÍTICOS DE OS SERTÕES

Andressa Marzani

Resumo: A obra Juízos críticos, publicada pela primeira vez em 1904, pela editora Laemmert, traz algumas das primeiras apreciações feitas ao "livro vingador" de Euclides da Cunha, Os sertões (1902). São contribuições de nomes conhecidos do período, como Araripe Júnior, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Múcio Teixeira, José Veríssimo e outros. Posteriormente foi reeditada com o nome de Juízos críticos: Os sertões e os olhares de sua época, em 2003, em publicação da editora da Unesp e da Nankin Editorial, e organização de José Leonardo do Nascimento e Valentim Facioli. Aos textos originais, se somam a transcrição do discurso de recepção a Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, por Silvio Romero, em dezembro de 1906; e o artigo do botânico José de Campos Novaes, originalmente publicado na Revista do Centro de Ciências e Artes de Campinas, em janeiro de 1903. Tratam-se de textos escritos "no calor da hora" (uma referência ao estudo de Walnice Nogueira Galvão, de 1977), que além de apresentarem as primeiras impressões sobre o magnum opus de Euclides, nos permitem esboçar um panorama histórico da construção de um cânone e da consagração de um autor, visto que englobam um

período que vai dos primeiros meses após a publicação do livro, até a eleição de Euclides da Cunha para a principal instituição literária do período. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo fazer uma leitura atenta dessa fortuna crítica d'Os sertões, refletindo sobre a trajetória intelectual de seu autor, as redes de sociabilidade (Sirinelli, 2003) e o papel das instâncias de consagração (Bordieu, 1974) nesse processo. Pretende-se também abordar as inevitáveis relações entre Os sertões e questões políticas e sociais de seu tempo, visto a obra ser vista como uma denúncia contra o massacre cometido pela então jovem república contra as comunidades sertanejas em Canudos.

MODERNIDADE DESLOCADA: A GERAÇÃO 65 E A REINVENÇÃO PERIFÉRICA DA POESIA BRASILEIRA

Emanuel Goulart Gonçalves

Resumo: Esta comunicação propõe uma intervenção na história da crítica literária brasileira, questionando os fundamentos epistemológicos que sustentaram, no pós-guerra, a equivalência naturalizada entre modernidade poética e ruptura vanguardista. O argumento central é o de que a crítica mais influente do período — tributária de um paradigma metropolitano cujos polos simbólicos gravitavam em torno do concretismo paulista e da poesia confessional e marginal carioca — produziu um horizonte interpretativo restritivo, pelo qual a inovação emanaria quase exclusivamente de centros dotados de maior aparato editorial e institucional. É nesse horizonte que se situa o caso da chamada Geração 65, agrupamento surgido em Recife em torno do I Festival de Poesia do Recife (1965) e integrado por Alberto da Cunha Melo, Ângelo Monteiro, Marcus Accioly, Jaci Bezerra e Lucila Nogueira, entre outros. Embora tenha alcançado reconhecimento expressivo no âmbito regional e produzido reflexão consistente sobre os rumos da poesia brasileira, essa formação ocupou, durante décadas, posição periférica na historiografia literária nacional, figurando de modo episódico ou residual nas grandes sínteses críticas do período. A análise de sua produção poética e ensaística permite interrogar as categorias por meio das quais tal marginalização foi historicamente construída. Longe de representar variante tardia ou provinciana de modelos consagrados, a Geração 65 formulou resposta estética singular aos impasses da modernidade literária brasileira, convertendo a condição periférica em princípio de observação crítica e transformando o que a historiografia registrou como atraso em fundamento de experiência estética própria. Argumenta-se que esses poetas desenvolveram uma poética fundada na lentidão, na concentração formal e

na espessura simbólica da linguagem — prática que não recusa a modernidade, mas a reinterpreta a partir de coordenadas distintas daquelas sancionadas pelos centros hegemônicos de legitimação cultural.

CRÍTICA LITERÁRIA E HISTORIOGRAFIA: PRESSUPOSTOS E IMPASSES NA INTERPRETAÇÃO DO ESCRAVISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Fernando Cambauva Breda

Resumo: A comunicação procura debater os pressupostos historiográficos da tradição de crítica literária associada a Antonio Candido e Roberto Schwarz. Analisa-se como essa vertente, partindo do método da redução estrutural, estabeleceu um modelo interpretativo de indiscutível vigor analítico e inventividade metodológica ao ler de forma articulada capitalismo e escravidão. Todavia, argumenta-se que essa operação crítica se estruturou por meio da centralização da figura do homem livre pobre, operando uma marginalização teórica dos sujeitos escravizados enquanto elemento estruturante da vida social, e, por consequência, também da forma literária. Tal dinâmica produz um efeito duplo: preserva o escravismo como princípio organizador da sociedade, mas, ao deslocar a participação dos escravizados na vida ideológica, repõe uma perspectiva histórica que obscurece a centralidade das dinâmicas de opressão e resistência, próprias à dominação escravista, na organização social brasileira. Longe de invalidar esse legado crítico indispensável, o estudo propõe tensionar seus impasses historiográficos e conceituais para além da mera oposição entre estrutura e agência. Busca-se, pois, recolocar no centro da análise as formas concretas pelas quais a constituição da vida social e da forma literária contou efetivamente com a participação de sujeitos escravizados na vida mental e cultural do país. Desse modo, o trabalho pretende contribuir para o adensamento da crítica literária, procurando elucidar o caráter mais radicalmente contraditório da sociedade oitocentista e promovendo a dialética ao centro da análise literária.

O GLOSSÁRIO DE DERRIDA E A CENA TEÓRICO-CRÍTICA DE 1970

Henrique Julio Vieira

Resumo: O Glossário de Derrida (1975–1976), projeto coordenado por Silviano Santiago no mestrado em Letras da PUC-Rio, é um objeto privilegiado para a compreensão da cena teórico-crítica brasileira da década de 1970 e da atuação de escritores-teóricos-críticos brasileiros na organização de informações. Uma década após a institucionalização da Teoria da Literatura nos cursos de Letras e no contexto de circulação internacional do pós-estruturalismo, o volume disseminou conceitos-chave do pensamento de Jacques Derrida, como différance, suplemento, desconstrução e logocentrismo. Analisamos o Glossário

enquanto dispositivo arquivístico (Cámara, 2021), observando como a obra tensiona a sua própria ordenação alfabética através de uma complexa rede de remissões entre verbetes, instaurando uma lógica não hierárquica que materializa as questões teóricas da Desconstrução em sua composição editorial. Adotando a perspectiva comparatista, junto aos estudos das materialidades, aproximamos o Glossário de Derrida a outros dispositivos de organização do conhecimento feitos por escritores com atuação teórica ou docente na literatura brasileira: a Teoria da Poesia Concreta (Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, 1965), o Arquivo de Teoria da Literatura de Judith Grossmann e a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana (Nei Lopes). A imagem do escritor em trabalho de documentação constitui uma ponte metafórica (Souza, 2011) que permite aproximá-los em encontros inesperados (Souza, 2011), a partir das materialidades e das questões teóricas que mobilizam cada projeto intelectual. Se não é possível comparar o que é totalmente idêntico, como alertava Tânia F. Carvalhal (1997), "a literatura comparada encontra seu desígnio de favorecer os contatos e facilitar a convivência".

O COMPARATISMO COMO CIRCUNSTÂNCIA OPERATÓRIA: FLORA SÜSSEKIND E A LEITURA TÉCNICA EM CINEMATÓGRAFO DE LETRAS

Julia Fonseca Gomes

Resumo: A proposta discute a crítica realizada em Cinematógrafo de Letras (1987), de Flora Süssekind. No ensaio, a prática comparatista distancia-se do cotejo disciplinar entre tradições nacionais para atuar como circunstância do próprio exercício crítico, expandindo também a análise da circunstância estética. A partir do confronto entre a prosa brasileira da virada do século XIX para o XX e o horizonte técnico do período — a imprensa, a fotografia e o cinema —, a análise de Süssekind recai sobre a relação entre diferentes meios e formas de comunicação. A obra em questão operou uma inflexão metodológica no campo da recepção ao afastar-se do hegemônico eixo sociológico, antecipando o interesse acadêmico pela intermidialidade. Ao direcionar o foco analítico para a materialidade dos suportes, a autora tipifica as respostas literárias às tecnologias da época segundo uma tríade: "imitação", "estilização" e "deslocamento" (Süssekind, 1987, p. 90). O estudo expõe como escritores como Lima Barreto e João do Rio lidaram com o aparato técnico na esfera da forma, separando os textos que apenas figuram a máquina daqueles que incorporam seus procedimentos à própria técnica literária. Esta comunicação propõe examinar como Süssekind se insere e intervém na tradição da crítica literária brasileira. A fim de situar os pressupostos institucionais dessa leitura, a comunicação recupera o deslocamento ocorrido nos anos 1940, quando Afrânio Coutinho buscou afastar a crítica do jornalismo para consolidá-la sob critérios de cientificidade

universitária. Escrevendo na década de 1980, Süssekind problematiza essa dupla herança. A ensaísta assimila o rigor analítico acadêmico, porém recusa o isolamento do texto, operando exatamente na fricção entre a efemeridade da imprensa e a reflexão da universidade. Nesse contexto, o cruzamento de linguagens não é um enquadramento disciplinar prévio, mas uma exigência material e histórica imposta pelo próprio objeto, enriquecida pelo próprio comparatismo e seus avanços no século XX e XXI.

A CRÍTICA COMO FORMAÇÃO NACIONAL: NOTAS SOBRE A DIMENSÃO METACRÍTICA EM MACEDO SOARES

Juliane de Sousa Elesbão

Resumo: O presente trabalho investiga a dimensão metacrítica presente nos escritos de Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838–1905), tomando como eixo principal o ensaio "Da crítica brasileira" (1860), a fim de discutir a constituição da crítica literária brasileira como prática discursiva historicamente situada no contexto oitocentista. Mais do que exercer a atividade crítica, Macedo Soares formula uma reflexão sobre as funções, os limites e a legitimidade da própria crítica no interior do processo de consolidação da literatura nacional. Nesse sentido, a comunicação busca compreender como determinados discursos críticos participaram da construção de regimes de leitura, critérios de valor e formas de mediação intelectual no Brasil do século XIX. Para tanto, dialogamos com Antonio Candido, especialmente no que concerne à formação do sistema literário brasileiro, bem como com Roberto Ventura e Pierre Bourdieu, cujas reflexões sobre história intelectual, imprensa e campo cultural permitem pensar a crítica como espaço de disputa simbólica e institucional. Em meio às tensões entre nacionalidade, imprensa e modernização cultural, Macedo Soares compreende a crítica como instância pedagógica e reguladora, responsável pela orientação do gosto e pela legitimação de uma literatura nacional. Assim, pretende-se demonstrar que sua reflexão ultrapassa a apreciação circunstancial das obras, configurando uma prática metacrítica voltada à institucionalização da crítica literária brasileira e à definição de seus protocolos de autoridade, circulação e validação no espaço intelectual oitocentista.

QUANDO "NASCE" A POESIA MODERNA NO BRASIL: O SIMBOLISMO E A RECEPÇÃO CRÍTICA (1890-1950)

Júlio Cezar Bastoni da Silva

Resumo: Esta comunicação, cujo título é uma alusão ao ensaio "Quando nascem os poetas modernos na Itália", de Alfonso Berardinelli (2007), visa revisar, por meio da história da crítica, uma questão um pouco

diversa da investigada pelo crítico italiano: em vez do período de nascimento dos poetas modernos daquele país, que fariam carreira a partir da primeira metade do século XX, trata-se, aqui, de como pensar, no Brasil, um possível início do que se poderia chamar de poesia moderna. Dadas, por exemplo, as recentes revisões ocorridas a partir do centenário da Semana de Arte Moderna (Fischer, 2022; Hardman, 2022), que, de modo geral, questionam o estabelecimento do marco da literatura modernista como ponto de partida de uma poética moderna no país, talvez seja possível indagar, nesta senda, outras contribuições que contrariam a ideia de uma suposta e radical clivagem entre a poesia posterior a 1922 e a que a precedeu. Desde a década de 1890, na recepção imediata dos "novos" – como ficaram conhecidos os realizadores das primeiras tentativas simbolistas –, até a década de 1950, período no qual Andrade Muricy (1952) elabora vasta recensão do simbolismo brasileiro, há uma linha que corre paralela à hegemonia do pensamento de extração modernista, não surpreendentemente realizada por intelectuais que não possuíam compromissos com a Semana paulista e seus herdeiros: pensamos, aqui, em especial, em Nestor Vítor e no próprio Andrade Muricy. Para muito além, portanto, de pesquisar possíveis aspectos de novidade enquadráveis em um suposto "pré-modernismo", faz-se necessário verificar, na recepção crítica da poesia finissecular brasileira, a identificação de traços de uma "tradição da ruptura" (Paz, 2013), porventura em progressiva tomada de consciência. A despeito de já investigada por estudiosos da literatura entresséculos, a exemplo de Flora Süssekind (1987) e Vera Lins (2009), a questão, a nosso ver, permanece aberta.

COSTA LIMA, LEITOR DE GUIMARÃES ROSA

Lucas Branco de Araujo Motta

Resumo: A crítica e a teorização de Luiz Costa Lima (1937 -) são expoentes do contexto literário brasileiro. Dentre sua vastíssima produção teórico-crítica, um autor analisado se destaca: João Guimarães Rosa. A figura do escritor mineiro é fundamental na obra de Costa Lima, sendo objeto de uma de suas primeiras publicações (Lima, 1957), com certo cunho comparatista. Ao longo das décadas seguintes, Costa Lima (1963; 1966; 1968; 1974) também fará outras leituras detidas da obra de Rosa. O que se destaca em suas primeiras abordagens críticas é o trato que o crítico confere a Rosa quanto à sua posição frente aos problemas suscitados pela teorização do "realismo", fazendo com que a alocação de Rosa por Costa Lima seja predicada a fim de demonstrar o ponto de fuga representado pela obra. A ocupação crítica se desdobra, a partir de Os Eixos da Linguagem (2016), em autêntica preocupação teorética, que visa entrever na obra rosiana o paradigma da mímesis de produção, aproximada da metáfora absoluta de Blumenberg. Ora, tal passo leva Costa Lima a empreender um debate com a tradição filosófica, em cujo

cerne está o problema do real. Tendo isto em vista, o presente trabalho objetiva identificar, do ponto de vista da literatura comparada e da teoria literária, como a metamorfose da abordagem crítica costalimiana à teorização explicita a estrutura de um realismo possível, que encontraria na estrutura epistêmica da metáfora absoluta sua expressão. Para isso, diagnosticamos um conjunto de argumentos hermenêuticos, a fim de enuclear como a problemática da mímesis se apresenta na condição de exigência teórica. Em segundo momento,rearticulamos as premissas ontológicas relativas à tardia teorização, aproximando mímesis à metáfora absoluta. Concluímos sugerindo como o realismo possível, anunciado nos textos críticos centrados em Rosa, encontra ressonância na mais recente teorização da metáfora, empreendida pelos realismos contemporâneos (Harman, 2008).

MODOS DE SER ESCRITOR LATINO-AMERICANO: OS PROJETOS LITERÁRIOS DE JORGE AMADO E JOÃO GUIMARÃES ROSA E A "CONSCIÊNCIA DO SUBDESENVOLVIMENTO"

Luís Fernando Portela

Resumo: Em "Literatura e subdesenvolvimento", Antonio Candido considera a produção literária latino-americana a partir de duas etapas de sua vida intelectual às quais corresponderia a "consciência amena de atraso" e a "consciência catastrófica de atraso", equivalente à "consciência do subdesenvolvimento" enquanto aspecto singular do potencial criativo na periferia do capitalismo. Ao mesmo tempo em que Candido perfila nomes como Graciliano Ramos, Jorge Luís Borges, Mario Vargas Llosa e Juan Rulfo, a linha de afinidade traçada entre Jorge Amado e Guimarães Rosa, como autores de dois momentos desse mesmo processo de tomada de consciência, não deixa de chamar atenção pelo que de desconforme parece avultar quando aproximadas suas obras e sua apreciação crítica ao longo do tempo. Se Amado, com seu engajamento político revolucionário nos anos 1930 e 1940, entre outros, prefigura essa nova mentalidade, e Rosa, com seu atestado conservadorismo, é sua realização brasileira mais bem acabada desde o profícuo 1956, elevando sua obra ao "super-regionalismo", como essa aparente incongruência não impede seu alinhamento dentro de um mesmo princípio de consciência criadora? Considerado o debate sobre dependência cultural e as relações de influência, também encampado por Candido em seu ensaio, cabe, nesse sentido, a remissão a "O entre-lugar do discurso latino-americano", de Silviano Santiago, e a "Dez problemas para o romancista latino-americano", de Ángel Rama, seus contemporâneos. Faz-se importante, além disso, a perspectiva de Roberto Schwarz e a atual leitura candidiana de Cairo de Souza Barbosa, para a sondagem da questão. Bem como a fortuna crítica dos

autores, representada centralmente por Eduardo de Assis Duarte e Davi Arrigucci Jr.. Ainda que suas similitudes não estejam, por certo, acima de suas diferenças, Amado e Rosa se aproximam, cada um a seu modo, da "dimensão autêntica" de "escritor latino-americano", nas palavras de Rama, e convergem talvez mais do que se possa supor.

"SER ARTISTA COM ESTA COR": GÊNIO E RAÇA EM CRUZ E SOUSA E GAMA ROSA (BRASIL, 1879-1897)

Luiz Alberto de Souza

Resumo: Esta comunicação analisa o tenso diálogo entre dois intelectuais brasileiros sobre o caráter da excelência intelectual humana e suas condições de possibilidade no Brasil do final do século XIX. Seus interlocutores foram o político liberal e médico higienista Francisco Luiz da Gama Rosa (1851-1918) e o escritor negro e militante abolicionista João da Cruz e Sousa (1861-1898). Partindo da máxima atribuída ao naturalista francês Georges Louis Buffon (1707-1788) ("o gênio é uma longa paciência"), Gama Rosa, em seu programa reformista, o ensaio "A educação intelectual" (1879), propôs a "atenção persistente" como fundamento de uma aristocracia intelectual baseada no mérito ilustrado para modernizar o país. No entanto, seu projeto era limitado por uma visão social darwinista e proto-eugenista ("fortes criam fortes"). O escritor negro Cruz e Sousa, um de seus principais interlocutores e herdeiros intelectuais, filho de escravos alforriados, tornou-se, no final da vida, o crítico mais radical dessa teoria. Em "Emparedado" (1897), poema que fecha o livro Evocações (1898, póstumo), ele ataca, através de linguagem metafórica e alegórica de estilo simbolista, a ciência positivista e biologizante que lhe invalidou até o fim a sua humanidade e valor intelectual. A hipótese central deste trabalho é que, enquanto o mestre estabelecido Gama Rosa via a "genialidade cultivada" como ferramenta para uma reforma nacional de cima para baixo, o discípulo marginalizado Cruz e Sousa a viveu como uma força de ruptura existencial de baixo para cima, expondo as contradições do reformismo liberal diante das heranças estruturais da escravidão.

A RECEPÇÃO DE BERNARDO GUIMARÃES EM PERIÓDICOS OITOCENTISTAS DA IMPRENSA ACADÊMICA PAULISTA

Luiz Henrique Diniz Filho

Resumo: Dispensada das legislações do período clássico, a crítica literária a partir do século XIX tornou-se autônoma. Isso significa que, ao se aliar aos pressupostos românticos, ela foi concebida a partir da subjetividade do crítico. Diante do contexto oitocentista brasileiro, o discurso crítico constava entre os

métodos imperiais para a formação de uma ideia de nacionalidade. Dessa forma, ele se constituiu através de avaliações de obras literárias que intencionavam buscar a cor local ou a originalidade literária que melhor representasse o Brasil. À medida que instruía os futuros escritores, a crítica traçava os preceitos para a formação de uma história literária nacional. De forma a atingir o maior número de leitores e tornar eficaz a disseminação de um discurso de enaltecimento de um país que se constituía, a crítica literária era veiculada na imprensa periódica, comandada por círculos intelectuais. Um dos ambientes que fizeram parte do debate literário era a Faculdade de Direito de São Paulo, na qual os bacharéis do curso das Ciências Jurídicas e Sociais discutiam as formas de se pensar o Brasil em comentários judicativos de obras literárias. Em meio a este contexto, estudou na Faculdade de Direito o escritor Bernardo Guimarães (1825 – 1884), que ao final de sua graduação, publicou o livro de poemas Cantos da Solidão (1852). Figura ímpar do meio estudantil, Guimarães foi tema de comentários literários, realizados pelos seus pares acadêmicos. Desse modo, o objetivo deste trabalho é comparar os posicionamentos críticos recebidos por Bernardo Guimarães após a publicação de seu primeiro livro, para que, então, possamos compreender como o poeta foi lido e avaliado pelos seus colegas de graduação. Entrevê-se na comparação da recepção de Guimarães uma divisão entre uma imagem de poeta nacionalista e outra de poeta ultrarromântico. Por fim, este estudo integra um projeto maior de dissertação financiada pela CAPES.

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL HOJE

Mario Tommaso Pugliese Filho

Resumo: A fala busca situar o momento atual da crítica literária brasileira, marcadamente no período pós-2010, a partir de concepções em história das ideias presentes em autores como Koseleck (2007; 2020) e Pocock (2003); em história e sociologia dos intelectuais segundo autores como Bourdieu (1996; 2025), Carvalho (2000), Miceli (2008), Capelato (2022), Sapiro (2019; 2025) e Pinto (2022); e em história cultural e da leitura de acordo com Chartier (1988), Darnton (1990), Douglas (2007), Jauss (1991) e Hansen (2005). Procura problematizar como diferentes regimes de leitura compreendem as dimensões discursivas, sociais e históricas do texto literário nas práticas críticas, levando em conta os espaços institucionais, meios e suportes em que ela hoje se realiza (entre a universidade, a imprensa e as redes digitais), bem como a intensificação recente de discursos anti-intelectualistas correlatos à atual guinada autoritária. A partir desse quadro, propõe-se um mapeamento provisório de três agrupamentos, compreendendo suas práticas e representações. Em uma hipótese expressiva, o texto é lido e valorado como expressão de distinções positivas de etnia, classe e gênero, enquanto seus elementos propriamente estéticos tendem a

aparecer como distinções negativas. Em uma hipótese instrumental ou analógica, a literatura é compreendida sobretudo como veículo de ideias políticas, sociológicas ou filosóficas. Já em uma hipótese estética, o texto é lido e valorado prioritariamente como objeto ficcional e simbólico. Tais regimes não são mutuamente excludentes: articulam repertórios, procedimentos interpretativos, estilos e projetos diversos, atravessados por valores e práticas historicamente constituídos.

ENTRE A UNIDADE E A DISPERSÃO: MARGINÁLIA NAS OBRAS DE LIMA BARRETO.

Patricia Fabro Barbosa

Resumo: A edição das Obras de Lima Barreto (Editora Brasiliense, 1956), organizada por Francisco de Assis Barbosa, consolidou o acesso à produção do autor sob o aval de intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima. Essa publicação de vulto tornou-se a base a partir da qual a fortuna crítica subsequente foi constituída. Embora esse esforço editorial tenha sido fundamental para legitimar o escritor, a organização, pautada no estatuto formal dos textos, resultou na fragmentação de estruturas originalmente concebidas como unidade. O caso específico que aqui se observa é o volume Marginália, publicado em 1953 pela Editora Mérito, reunião de textos da imprensa distribuídos em uma estrutura tripartida coesa, arquitetada por Lima Barreto: crítica sociopolítica ("Marginália"), crítica literária ("Impressões de leitura") e cultura popular ("Mágoas e sonhos do povo"). Ao promover um novo arranjo em 1956, a Brasiliense separou o projeto inicial do autor, dispersando esses escritos em diferentes unidades da coleção. O objetivo desta comunicação é analisar a reorganização editorial e identificar possíveis efeitos da fragmentação na compreensão da unidade de pensamento de Lima Barreto, cuja apresentação em três seções revela uma maturidade intelectual e um possível projeto de interpretação nacional que perderam visibilidade com a divisão proposta na edição barbosiana.

MODOS DE LEITURA EM DESLOCAMENTO: O CORPO DA ESCRITA CRÍTICA DE ANA CRISTINA DE REZENDE CHIARA

Rachel Esteves Lima

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva bibliográfica e comparativa, o exercício ensaístico de Ana Cristina de Rezende Chiara, mediante o levantamento de suas produções publicadas nas últimas décadas, com vistas à abordagem dos recursos retóricos e teóricos agenciados em uma produção crítica que dramatiza a presença do sujeito e de recursos literários em sua formulação. Busca-se com a investigação desse corpus sublinhar e ilustrar os deslocamentos textuais,

discursivos, temáticos e metodológicos no proceder da respectiva ensaísta, apontando-se os principais elementos que constituem seus escritos. Para tanto, foram empregados operadores de leitura fundamentais para o desenvolvimento das investigações da crítica, tais como as noções de ensaio, performance e afeto, discutidos por pesquisadores como Paulo Roberto Pires (2018), Paul Zumthor (2018), Marvin Carlson (2009, 2010), Gonzalo Aguilar e Mario Cámara (2017), José Gil (2002), Luciana di Leone (2014), Patrícia T. Clough (2010), dentre outros. O trabalho também almeja situar essas produções em um contexto pós-moderno ou contemporâneo, tal como analisado por Linda Hutcheon (1991), Stuart Hall (2005), Giorgio Agamben (2009), Ieda Magri (2020) e Lionel Ruffel (2014), em diálogo com o que se denominou de espaço biográfico, definido pela exibição de si nas humanidades, segundo as pesquisadoras Leonor Arfuch (2010), Ana cláudia Viegas (2010) e Eneida Maria de Souza (2011). A atividade crítica exercida por Chiara pode ser caracterizada pelo compromisso em desestabilizar hábitos rotineiros ao universo intelectual e a experimentar, de forma criativa, o espaço aberto da página, promovendo uma interface com outras esferas do conhecimento e das artes.

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR: EXERCÍCIO CRÍTICO E HISTORIOGRÁFICO DO MODERNISMO BRASILEIRO

Regina Lúcia de Faria

Resumo: No último parágrafo do Prefácio que orienta o plano geral de De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira, José Guilherme Merquior acena para a escrita e publicação do segundo volume de seu estudo historiográfico, projeto que nunca se realizou. Entretanto o artigo "Crítica, razão e lírica – ensaio para um juízo preparado sobre a nova poesia no Brasil", escrito em 1962 e reunido no livro Razão do poema: ensaios sobre crítica e estética, cuja primeira edição é de 1965, e sua colaboração na seleção da lírica nacional da fase moderna, isto é, do simbolismo até João Cabral de Melo Neto, que comporia a antologia Poesia do Brasil, de Manuel Bandeira, vinda a lume em 1963, sugerem que Merquior já teria um esboço teórico a respeito da poesia modernista para a elaboração de sua obra historiográfica. Entretanto, a conclusão do segundo doutorado na London School of Economics, em 1979, pode ser visto como um indício de mudança de seu interesse intelectual que se volta cada vez mais para política e economia. Nessa comunicação, pretendemos mostrar que, apesar de ter todos os elementos para a publicação do volume II de sua obra historiográfica, Merquior optou por não levar adiante o projeto, sugerindo que tal mudança estaria de acordo com certa prática dos escritores brasileiros, conforme já

apontou Mário de Andrade, por exemplo, em "A poesia em 1930", que o interesse pela literatura seria uma coisa de jovens.

"EMBORA QUASE NADA TUPIS": A QUESTÃO DA NACIONALIDADE NA ATIVIDADE CRÍTICA DE DRUMMOND NOS ANOS 1920

Sara Meynard Begname

Resumo: Esta comunicação parte da análise de artigos críticos publicados por Carlos Drummond de Andrade em jornais e revistas durante os anos 1920, especificamente aqueles em que discute a produção literária modernista, postos em diálogo com alguns poemas anteriores à publicação de Alguma poesia (1930). A hipótese central é que, nesse período, Drummond elaborou uma reflexão crítica sobre as categorias de "nação", "nacionalidade" e "tradição literária", recusando concepções fixas de nação e de literatura nacional. Pretende-se demonstrar, ainda, como essa posição não se confinou à atividade de crítica literária nem à produção poética, mas se configurou no trânsito entre essas duas frentes, cujo cotejo permite compreender melhor a atuação do jovem Drummond como poeta-crítico. Em artigos críticos sobre a produção de modernistas como Graça Aranha, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, o escritor demonstrou desconfiança em relação a noções estabilizadoras de tradição literária e a interpretações unificadoras de nação, pondo também em xeque uma compreensão unívoca de literatura brasileira. Nesse contexto, Drummond estava atento às disputas modernistas em torno de uma ideia de literatura nacional, mas também se mostrava resistente a programas que reduzissem a poesia à afirmação de uma suposta identidade nacional. Nota-se, ainda, como essa tensão sobre a nacionalidade é uma das questões centrais de sua primeira produção poética, como em "Eu protesto" e "Explicação". Assim, em vez de compreender a crítica como comentário externo à poesia, ou o poema como resultante do posicionamento crítico, busca-se compreender a atividade crítica a partir de uma leitura integrada desses textos. Interessa observar como, nesses materiais, a defesa da liberdade criadora, a ironia diante dos programas literários e o ceticismo em relação às soluções totalizantes compõem uma posição crítica própria, irredutível a uma noção estabilizada de país e de literatura nacional.

ST: RESSIGNIFICAÇÕES DO PASSADO HISTÓRICO NA AMÉRICA LATINA: OS DESAFIOS DA FICÇÃO PARA RECONTAR E DECOLONIZAR OS SABERES

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

Coordenação: Phelipe de Lima Cerdeira, Cristian Javier Lopez e Gilmei Francisco Fleck

Resumo: O presente simpósio tem por objetivo reunir pesquisas que se interessem pela discussão entre os diferentes caminhos tomados a partir das interseções dos discursos ficcional e histórico, tendo como disparador inicial a consolidação do romance histórico no início do século XIX por sir Walter Scott, segundo a crítica desenvolvida por Georg Lukács em seu ensaio seminal O romance histórico (1937). Não há dúvidas de que ficção e história apontam um marco comum, submetido aos anseios do homem para descrever os eventos da natureza ou, tal como postulado por Linda Hutcheon, estabelecer as chamadas "construções de realidade" (Hutcheon, 1991, p. 89). Das relações simbióticas em tempos clássicos – que lhe apregoava ao poeta as atividades verbais baseadas na imitação, enquanto ao historiador a tarefa de "testemunho ocular" – a tempos da transmodernidade em que ficção e história voltam a ser entendidos não como polos refratários, mas como discursos atravessados pela interpretação de quem narra determinada história (Menton, 1993; White, 1998), não é de se espantar que a ficção histórica venha (re)escrevendo os interesses da recepção e da crítica. A necessidade de apregoar uma possível diferenciação entre história e ficção (ou, especificamente, a literatura) acaba por estar atrelada a uma necessidade de se pensar o próprio passado. Tal ideal de passado, aliás, parece ser subsidiado por um interesse que é fruto das esferas social e cultural. Se, como sublinhado pela crítica espanhola Celia Fernández Prieto (1998), cada época acaba reescrevendo o passado a partir de uma eleição, uma escolha por narrativizar preferências e privilegiar certos interesses, coube – e segue cabendo – também ao literário promover eventuais fissuras diante de discursos hegemônicos, recalibrando olhares monológicos e abrindo, via ficção, espaço(s) para abordar as histórias não apenas dos vencedores, mas também as dos vencidos. Ademais, a proposição de friccionar os múltiplos espaços de enunciação latino-americanos, a partir dos horizontes de recepção e de crítica estabelecidos em universidades e grupos de pesquisa, amplia a busca pela fissura de determinado campo de poder (Bourdieu, 1990, 2002), permitindo-nos ressignificar o passado e, ao mesmo tempo, decolonizar os saberes (Sousa Santos, 2010). Ainda no que diz respeito ao espaço latino-americano, compreende-se que produções ficcionais atravessadas pelos discursos históricos acabam se transformando também em uma chave para a proposta de giro decolonial (Quijano, 2014), uma oportunidade de que, via literatura, sejam (des)estabilizadas as perspectivas dos ditos vencedores, (re)ssignificando os passados e criando novas poéticas para constructos como o "descobrimento" (Fleck, 2008, 2019, 2022). Tal processo reverbera conjuntos de epistemologias outras (Mignolo, 2003), capazes de escapar de hipertrofias e ideias de literaturas nacionais sistematizantes, que pouco parecem dialogar com as expectativas e exigências trabalhadas via Literatura Comparada, há muito, libertas do estigma do texto devedor (Coutinho, 2004). Portanto, este simpósio, cujo eixo parte da premissa de estabelecer os diferentes encontros e desencontros levados a cabo pela ficção ao friccionar literatura e história, receberá propostas de trabalhos inseridos nas seguintes temáticas: a) reflexões diretamente atreladas às

transformações ocorridas pelo romance histórico desde a sua consolidação no início do século XIX (Lukács, 1966) até as suas novas possibilidades nas literaturas contemporâneas, com destaque para críticas voltadas aos caminhos outros escolhidos pela ficção histórica (Weinhardt, 2006, 2010; Esteves, 2017; Cerdeira, 2015, 2019) e a sistematização do romance histórico a partir do estudo de sua trajetória diacrônica, com destaque para os seus 2 grupos, 3 fases e 5 modalidades (Fleck, 2017); b) leituras de poéticas que discutam os múltiplos encontros e desencontros dos discursos ficcional e histórico; c) estudos tradutórios de obras publicadas a partir do século XIX que tenham suas diegeses arquitetadas a partir da interseção entre os discursos histórico e ficcional; d) estudos e pesquisas que expandam as lacunas e silenciamentos sistematicamente perpetrados pelas historiografias literárias, valorizando produções de romance histórico não contemplados pelos cânones literários; e) estudos sobre produções de história e ficção voltados à literatura infantil e juvenil; f) estudos sobre produções de história e ficção que podem se inserir em produções lidas como dramas históricos; g) processos memorialísticos e de arquivamento em ficções que podem ser lidas como romances históricos; h) ficcionalizações e ressignificações de escritores e escritoras, discutindo o papel metaliterário para as produções de ficção histórica nas últimas décadas; i) interpretação e divulgação de autores contemporâneos que desenvolvam poéticas inseridas no contexto da ficção histórica: temas e metodologias de pesquisa comparatista; j) "Poética do 'descobrimento'" como fissura do campo de poder e (re)elaboração do passado histórico a partir da ficção; l) o papel do campo editorial e da crítica literária para a recepção de obras que tenham em sua gênese o desafio de ressignificar, via ficção, o passado histórico.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA BELA VISTA (2018), DE JOTA MENEZES: UM ROMANCE HISTÓRICO PERNAMBUCANO

Cristian Javier Lopez

Resumo: A presente proposta de comunicação encontra-se vinculada ao projeto de pesquisa intitulado Literatura comparada e Estudos Culturais: Literatura, História, Memória e Cultura – diálogos transdisciplinares – Segunda fase, da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina. A partir desse contexto, temos por objetivo compartilhar com a comunidade acadêmica algumas considerações gerais sobre a escrita do gênero romance histórico pernambucano. Para a efetivação da nossa apresentação de trabalho, tomamos como base a leitura e a análise da obra Bela Vista, publicada em 2018, de autoria do petrolinense Jota Menezes. A narrativa faz parte de uma trilogia, intitulada Borboletas azuis, na qual o

escritor explora eventos marcantes da história do país, como a que aparece na obra selecionada para esta comunicação, com um Brasil ambientado na época da escravatura, ou a Guerra do Paraguai, que é o evento da segunda obra que compõe a trilogia. Partimos da importância sobre o conhecimento dos autores que, na atualidade, cultivam esse tipo de gênero híbrido de história e ficção e as possíveis categorizações nas quais a mencionada obra possa ser classificada. O nosso intuito é o de entender que tipo de produção literária híbrida está sendo produzida no contexto do sertão pernambucano e suas possíveis projeções no cenário literário híbrido de história e ficção. São parte do nosso apoio teórico as proposições conceituais de Fleck (2017), Estevez (1998), Márquez Rodríguez (1991), entre outros.

FICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM LADO SUL DO MAPA: O HORROR COMO CONTRA-ARQUIVO DA MEMÓRIA

Fiama Pereira da Silva

Resumo: Lado Sul do Mapa é uma obra publicada em 2025, que reúne seis alegorias costuradas pelo horror e pela herança latino-americana. No oceano, caravelas rompem o desconhecido encontrando um ruído ancestral que devora a razão; em terras sangradas pela fome, guerrilheiros lutam contra mortos-vivos; no silêncio de uma casa antiga, espíritos vigiam e punem os que ignoram a hospitalidade; numa fábula grotesca, um gato aristocrático manipula ratos em uma corrida mortal e, à beira de uma cachoeira, Mike é engolido por algo mais velho que a memória. No Sul do mundo, a história é arrancada a sangue e o passado nunca morre, apenas sangra, se contorce e retorna faminto de lembrança. Diante desse corpus, o presente trabalho apresenta uma pesquisa em andamento, que se propõe analisar a obra em questão como arquivo de protesto contra mazelas estruturais do capitalismo e da colonização. Metodologicamente, o trabalho ampara-se na Literatura comparada de viés materialista, utilizando o método comparativo para articular filosofia e estética. A análise investiga o texto a partir da "historiografia dos vencidos", conceito de Michael Lowy e Walter Benjamin, operando o gesto de escovar a história a contrapelo. Para dar conta do tecido intertextual e transcultural da antologia, mobilizam-se os conceitos de pontes intertextuais de Tânia Carvalhal, a transculturação narrativa de Angel Ramá, as discussões acerca do arquivo e releitura, de Derrida e Eneida de Souza, bem como noções sobre infamiliaridade e abjeção, conceitos abordados por Freud e Julia Kristeva. Compreendendo-se que arquiva-se para resguardar-se do esquecimento, assim, a ficção de horror presente no livro atua como uma fonte de rememoração de traumas coloniais recalcados. Buscar-se-á compreender, através desse mapeamento, as

intersecções entre ficção de horror, cinema de gênero e as fraturas históricas que configuram o objeto literário como um "fruto estranho" (Florencia Garramuño) da contemporaneidade.

AHORA SOY YO QUIEN RELATA EL TIEMPO: A ARQUITETURA DA NARRAÇÃO E AS TEMPORALIDADES NO PROJETO FICCIONAL DE CRISTINA BAJO

Filipe Alves Bezerra Falcão

Resumo: Esta comunicação visa apresentar as investigações desenvolvidas na iniciação científica e as pesquisas em torno do tropo literário Argentum Córdoba, postulado por Phelipe Cerdeira (2019). Essa entrada epistemológica se volta como uma escolha de leitura de ficção histórica argentina contemporânea que escapa da lógica cêntrica de um campo de poder (Bourdieu, 2002). Baseia-se numa leitura comparativa das obras: Como vivido cien veces (1995) e En tiempos de Laura Osorio (1998), de Cristina Bajo; onde o tecido diegético se utiliza do espaço-tempo do interior do país austral para construir tessituras que valorizam de diferentes maneiras uma perspectiva não cêntrica de construção romântica argentina. A base metodológica toma como ponto de partida entender a configuração da taxonomia "novela histórica" (Lukács, 1966) e como as produções de romances que tensionam os encontros entre ficção e história sofrem transformações (Jitrik, 1995) no contexto de enunciação latino-americano (Tacconi, 2013), assinalando as preocupações de resgatar um passado que dialogue com o presente e, ao mesmo tempo, a partir do presente, (re)pensar o passado (Weinhardt, 1995). E com os aportes da Narratologia, tendo como base Discurso del Relato, de Gérard Genette (1989), entender as categorias narrativas "relato", "narração" e "história" e ingressar nos estudos da duração variável, expandindo os estudos dessa categoria com a leitura de Blanco Barros e Rubio Montaner (1996-1997) para pensar a temporalidade no texto narrativo a partir do ponto de vista, dimensionando o jogo entre sujeito focalizador e objeto focalizado. Os elementos cardinais são: a temporalidade no texto narrativo e a compreensão das obras enquanto ficções que podem ser lidas como históricas. Para, então, entender como os jogos temporais e as escolhas da voz narrativa para arquitetar a narração (Genette, 1989) dialogam com a interpretação de tempos históricos (re)visitados para esclarecer enigmas e (re)leituras desde um presente de enunciação.

CRÔNICA, CIDADE, CORPO E ESPAÇO URBANO EM AGUAFUERTES PORTEÑAS E AGUAFUERTES CARIOCAS.

Gabriel Calvano Marques da Silva

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão acerca das fronteiras entre ficção e história (Cerdeira, 2015, 2019; Fleck, 2017) a partir da análise de um recorte de crônicas presentes nas obras "Aguafuertes porteñas" (1933) e "Aguafuertes cariocas" (2013), de Roberto Arlt. Partindo de um interesse particular em Literatura de crônica e publicada em periódicos, a pesquisa busca compreender de que maneira a escrita arltiana mobiliza elementos do cotidiano urbano para construir narrativas que oscilam entre o registro documental, a observação jornalística e a elaboração ficcional. Nesse sentido, toma-se a crônica como um gênero a parte, marcada pela tensão entre testemunho histórico e criação literária. O corpus da pesquisa inclui crônicas como "Los chicos que nacieron viejos", "El placer de vagabundear", "Ni los perros son iguales", "Terrible sinceridad", dentre outras, onde serão cuidadosamente destrinchadas para que o olhar crítico venha à margem. Tais textos, onde Arlt elabora retratos irônicos e críticos da vida moderna, nos mostram relações sociais e subjetividades urbanas. Tendo como enfoque a relação cidade - corpo - espaço, a análise pretende ainda observar como o autor constrói tipos sociais, utiliza a oralidade e incorpora elementos da experiência cotidiana para representar Buenos Aires e Rio de Janeiro. Lugares vistos como cartões-postais de seus respectivos países, mas também descritos como espaços atravessados por desigualdades, deslocamentos e contradições da sociedade latino-americana. Ademais dos estudos ligados à ficção histórica, fazem parte da nossa fundamentação teórica contribuições sobre o espaço literário (Brandão, 2013) e da crônica enquanto lugar de presentificação do intelectual e sujeito social (Benjamin, 1975; Villoro, 2005; Falbo, 2007; Lago, 2014).

A LITERATURA FEMININA DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR: UMA LEITURA DAS PERSONAGENS BIBIANA E BELONÍSIA SOB A PERSPECTIVA DECOLONIAL

Geraldo Brandão Neto

Resumo: Este artigo propõe uma análise acerca da construção das personagens Bibiana e Belonísia, protagonistas do romance Torto Arado (2019), de Itamar Vieira Junior. Tem-se como objetivo central compreender como as personagens são trabalhadas no romance à luz da perspectiva decolonial. Deste modo, o presente texto tem como aspecto metodológico as leituras realizadas por Maria Lugones, Rita Segato e Gloria Anzaldúa. No caso da primeira, é possível compreender a dinâmica presente em Torto Arado (2019) como o imbricamento de raça, classe e gênero por meio dos alicerces de resistência às estruturas patriarcais herdadas do período colonial, ou seja, estruturas que apagam da história oficial a presença feminina. Por sua vez, também será elucidado neste trabalho, a crítica formulada por Rita Segato, referência que ajuda a perceber a violência simbólica presente no romance como um princípio de

dominação dos corpos subalternizados em espaços devidamente marcados por uma tradição patriarcal, isto é, o sertão brasileiro. Por fim, Gloria Anzaldúa permite refletir sobre as identidades fronteiriças das personagens Bibiana e Belonísia, destacando suas trajetórias como experiências de superação da violência e resultando na ideia de trânsito, identidade e construção subjetiva que formam o caráter de ambas. A obra de Itamar Vieira tece narrativamente histórias marcadas por uma oposição às relações entre raça, gênero, classe e a colonialidade do poder, aspectos que são possíveis perceber na essência do romance. Logo, as personagens femininas são construtos que visam um enfretamento deste contexto de exploração histórica e silenciamento, pois desenvolvem estratégias de afirmação identitária por meio das resistências estabelecidas ante o contexto de dominação.

ENTRE ARQUIVOS E FABULAÇÕES: REESCRITAS DO PASSADO EM UM DEFEITO DE COR

Lílian Isabel Gome dos Santos Miranda

Resumo: Partindo das discussões acerca das intersecções entre ficção e história no romance histórico contemporâneo, esta comunicação analisa Um Defeito de Cor (2006), de Ana Maria Gonçalves, obra que reconstrói o passado colonial brasileiro a partir da trajetória de Kehinde, mulher africana escravizada que narra sua própria história. Ao reelaborar experiências marcadas pela violência da escravidão, pelo deslocamento e pela diáspora africana, o romance tensiona os limites entre literatura, memória e historiografia, inserindo-se nos debates contemporâneos acerca da ficção histórica. Esta comunicação busca comentar os processos de seleção, desmontagem e remontagem de documentos de diferentes origens mobilizados pela autora na composição do romance. Tal dinâmica, compreendida como gesto curatorial (Azevedo, 2019; Obrist, 2010), articula-se à criação ficcional a partir das lacunas produzidas pela violência colonial, podendo ser lida como exercício de fabulação crítica (Hartman, 2020), ao atribuir voz e corpo a indivíduos e acontecimentos silenciados pelos arquivos históricos. Para a discussão sobre o arquivo, mobilizam-se as reflexões de Jacques Derrida (2001) e Arlette Farge (2022), além da reconstrução de uma breve genealogia da noção de fabulação, partindo da filosofia de Henri Bergson (1978, 2004) até Saidiya Hartman (2020, 2022, 2024). Ao final da pesquisa, verifica-se um estreitamento das fronteiras entre literatura e história, uma vez que a ficção é compreendida como discurso capaz de elaborar aquilo que permanece lacunar na historiografia. Desse modo, o romance histórico contemporâneo configura-se como espaço de disputa narrativa e de ressignificação do passado colonial brasileiro.

BARTHES E PIGLIA DIANTE DO REAL: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA EM DIFERENTES CONTEXTOS POLÍTICOS

Lucas Guastini Loureiro dos Santos

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo principal discutir possíveis relações entre literatura e história. Para isso, foca em dois autores: o crítico francês Roland Barthes e o escritor argentino Ricardo Piglia. Em primeiro lugar, busco refletir sobre algumas das ideias barthesianas que articulam literatura e história. Essas ideias surgem, principalmente, de textos sobre o discurso histórico e sobre o papel do real (tanto no texto histórico quanto no texto ficcional). São textos nos quais Barthes, ao elaborar sua análise por um viés semiológico, acaba nublando os limites entre os dois tipos de discurso – o histórico e o ficcional. A partir dessa discussão, e ressaltando o fato de que tais análises foram feitas em um contexto histórico europeu – o francês, neste caso –, estabelecerei um contraste com as relações entre literatura e história formuladas e exploradas por Ricardo Piglia em um contexto totalmente diferente, o contexto político argentino, conturbado e repressivo. Para isso, poderão ser analisadas obras do escritor e crítico argentino que se situam no limite entre o ficcional e o histórico, como seu romance Respiração Artificial e Os diários de Emilio Renzi. Assim, busco não apenas discutir, brevemente, as complexas relações entre a história e a literatura, mas também refletir sobre como essas relações podem se transformar quando alterado o contexto político no qual elas foram produzidas. Espera-se, então, levantar uma discussão sobre a potência de uma literatura que reflita sobre períodos ditatoriais e que dê voz a narrativas deixadas de fora pelo discurso oficial do Estado.

METAFICÇÃO, HISTÓRIA E CRÍTICA: UMA RECONFIGURAÇÃO DO ROMANCE HISTÓRICO EM QUATRO SOLDADOS, HOMENS ELEGANTES E HOMENS CORDIAIS, DE SAMIR MACHADO DE MACHADO

Luiza Prates dos Santos

Resumo: O período entre os anos 1754 e 1762 foi turbulento e marca o final do século XVIII com episódios significativos no contexto colonial. Em Portugal, na Inglaterra e no Brasil, houveram acontecimentos como a Guerra dos Sete Anos, a Guerra Guaranítica e o terremoto de Lisboa. É neste cenário político e temporal que três romances escritos por Samir Machado de Machado se desenvolvem. Quatro Soldados (2017), Homens Elegantes (2016) e Homens Cordiais (2021) são obras contemporâneas que utilizam a história como pano de fundo para as narrativas que podem ser lidas como romances

históricos de cunho crítico ao passado e às convenções vigentes no período. Oriunda de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2020, esta exposição tem como objetivo apresentar as obras por uma perspectiva da literatura comparada ao analisar os elementos que compõem uma forma narrativa a qual contempla elementos intertextuais (Samoyault, 2008), metaficcionais (Hutcheon, 1991), fantásticos (Todorov, 2010) e históricos. Há ainda o diálogo consigo mesmo (Genette, 1989), com o contexto histórico e a ideia de espelhamento (Gide, 1948; Dallenbach, 1977). Como sugere o resultado preliminar da pesquisa, as obras de Samir Machado de Machado não são únicas em seu gênero, mas se sobressaem em meio à produções que dialogam mais com o presente, principalmente na literatura brasileira contemporânea. Assim, parte dessa pesquisa é também situar a produção do autor em um contexto Latino Americano, pois relaciona-se com tradições literárias vistas em outros países, não apenas em sua referencialidade interna, mas também em sua forma narrativa. Elementos insólitos, personagens que rompem com alguns construtos sociais da época, narradores não confiáveis críticos a seu tempo histórico, diálogo com a cultura pop em efervescência nos anos 80, são alguns do elementos a serem apontados como significativos nas obras que transitam entre gêneros literários, tempos históricos e formas narrativas.

MARTÍN FIERRO, CHINA IRON E UMA NAÇÃO QUE PODERIA TER SIDO: A RELEITURA DE UM MITO

Ana Carolina Teixeira Pinto e Marcos Roberto da

Resumo: El gaucho Martín Fierro (1872), de José Hernández, é uma obra literária que transpassou os limites da ficção. O personagem, gaúcho pobre, que sofre a violência do Estado argentino, contra o qual ele se rebela, é obrigado a lutar contra os povos autóctones, vistos como entraves para a modernização do país. A caracterização do personagem como indivíduo injustiçado moldou o imaginário argentino e se converteu em símbolo da Argentina rural do século XIX. Leopoldo Lugones impulsionou esse movimento entre 1913 e 1916. Considerando a obra um poema épico, elevou Martín Fierro a herói nacional, exaltação moral e patriótica. Jorge Luis Borges via como um absurdo cultuar uma figura moralmente tão baixa e desagradável. O poema de Lugones foi/é constantemente revisitado. Alguns descontraem sua forma, como, por exemplo, Pablo Katchadjian em El Martín Fierro ordenado alfabéticamente (2007). Como recriação, Oscar Fariña desloca Martín Fierro dos pampas argentinos para o contexto da marginalidade urbana contemporânea com sua versão de El guacho Martín Fierro. Mais recentemente, em 2017, Gabriela Cabezón Cámara lançou Las aventuras de la China Iron. Em seu romance, o foco não é o personagem gaúcho, ainda que tudo derive dele. A história é narrada por China Iron, esposa de Martín Fierro. A autora

desmonta o mito de Fierro, da masculinidade gauchesca, apresenta uma leitura queer da obra, mas vai além. Cabezón Cámara ressignifica também a história da nação argentina ao vislumbrar, de maneira aristotélica, aquilo que poderia ter sido. Não é apenas a voz do gaúcho, mas também a voz das mulheres, e principalmente, a dos indígenas e seus corpos conformando uma possibilidade de futuro, movendo-se para um lugar que nunca tem chegada, que não teve chegada, a não ser por intermédio da ficção, mas com o valor de fazermos pensar as reescrituras de vidas, de memórias, de nação.

NO SE TRATA DE UNA CRÓNICA DEL DESCUBRIMIENTO MÁS: UMA LEITURA DE LAS NIÑAS DEL NARANJEL (2024), DE GABRIELA CABEZÓN CÁMARA

Phelipe de Lima Cerdeira

Resumo: Ao considerar as fricções e os choques causados pelo intricamento entre os discursos histórico e ficcional na Argentina, passa a ser verossímil entender como um país cerceou diferentes espaços de enunciação em prol de um porto-cidade. Partindo desse pressuposto e viabilizando uma maneira para pensar as produções de ficção histórica, chega-se à criação do tropo literário Argentum Córdoba (CERDEIRA, 2019), uma epistemologia de leitura criada para responder os estudos da ficção histórica no País do Prata mediante à observação de diferentes escritores que enunciam a partir do campo intelectual cordobês (BOURDIEU, 2002). Partindo de tais balizas fundantes, esta comunicação tem como objetivo oferecer uma leitura possível para o romance Las niñas del naranjel (2024), da escritora Gabriela Cabezón Cámara. Como fundamentação teórica, destaca-se a incursão não apenas no que diz respeito à lógica de hipertrofia crítica argentina desenvolvida desde a geração de 1837, valorizando discussões sobre o rumo da ficção histórica (WEINHARDT, 2010; 2011) (ESTEVES, 2008) (FLECK, 2017, 2018) (AÍNSA, 1991) e o consequente impacto causado por um (re)alinhamento do que pode ser entendido como histórico (BURKE, 1993), tomando como eixo de argumento a memória individual e as memórias coletivas (HALBWACHS, 1990) enquanto arquitetura narrativa possível de construção do coletivo.

REENCENAR A BRUTALIDADE PARA INTERCEPTAR A HISTÓRIA: FICÇÃO COMO ESCAVAÇÃO ESPECULATIVA DO PASSADO EM ESTRELA DISTANTE, DE ROBERTO BOLAÑO

Rafael Valadares Summers Albuquerque

Resumo: Publicado em 1996, Estrela distante (2009) é orientado por um retorno ficcional ao Chile de pretensões vanguardistas que formou a geração de Roberto Bolaño (1953-2003). O romance rearticula o

cenário historiográfico do Chile de 1973, momento da fratura democrática do golpe civil-militar (1973-1990) que submergiu a geração de Bolaño na longa noite pinochetista (Costa, 2023), e, seguindo o rastro do tempo histórico, reencena essa ruptura política para reencontrar o fôlego necessário para narrá-la dentro de uma orientação ficcional. Adotando inicialmente a cidade de Concepción como palco, o exame laborado por Bolaño inaugura-se, em larga escala, pela exploração da vida literária local, espaço de encontro dos jovens poetas no díptico das oficinas literárias da cidade. Nesse contexto, somos introduzidos ao difuso grupo de figuras que compõe o elenco de uma juventude embebida no contexto de efervescência cultural dos anos de 1970, rostos e silhuetas de uma geração galvanizada em territorioafeto pelas utopias possíveis (Ludmer, 2013). Da mesma forma, somos apresentados à figura enigmática de Alberto Ruiz-Tagle, poeta-assassino, piloto e tenente infiltrado do projeto nacional pinochetista que, após a eclosão do golpe, passa a adotar a alcunha de Carlos Wieder. Personagem que encarna a violência como procedimento historicizante, Wieder é um esforço literário, dentre outros semelhantes feitos pelo autor, de estetizar e reencenar um tempo da barbárie (Pinto, 2024). Através da exploração e escavação dos crimes de seu poeta-assassino contra a juventude de Concepción, Bolaño promove a reabertura do tempo histórico por meio da atividade conjectural e detetivesca da fabulação. Dessa forma, esta apresentação objetiva discutir como, perseguindo os terríveis atos de Wieder, a ficção de Roberto Bolaño aposta em um esforço de legibilidade dos espaços (Perec, 2025) do passado nacional chileno como exercício de reelaboração crítica do fascismo latino-americano do século XX.

RAPSÓDIA DOS EXCLUÍDOS: OS DISCURSOS HISTÓRICOS EM O TEMPO E O VENTO, DE ERICO VERISSIMO

Ulisses Stefanello Karnikowski

Resumo: O romance O Tempo e o Vento, de Érico Veríssimo, consolida-se como um dos maiores monumentos da literatura brasileira, sendo fundamental para a compreensão da formação identitária, social e política da região sul do país. No âmbito desse vasto painel histórico, o primeiro tomo da saga, O Continente, estrutura-se a partir de duas camadas narrativas profundamente tensionadas. Por um lado, os capítulos convencionais fazem uso de uma estética realista para acompanhar a epopeia da família de estancieiros Terra-Cambará, cuja trajetória de ascensão socioeconômica, disputas de poder e feitos militares opera como um fiel representativo da historiografia hegemônica e oficial do Rio Grande do Sul. Por outro lado, fraturando essa linearidade oficial, emergem os interlúdios líricos alocados estrategicamente entre os episódios da narrativa principal. Nesses fragmentos, Veríssimo adota uma

estética experimental, polifônica e vanguardista para dar voz aos sujeitos sistematicamente silenciados e excluídos dos discursos tradicionais, representados magistralmente pela linhagem dos Carés e pelos gaúchos despossuídos. Este trabalho defende que tais interlúdios funcionam como uma rapsódia poética, cujo propósito central é valorizar a tessitura social e a formação do estado sob a ótica popular e marginalizada. Ao costurar lirismo, memória e a vivência dos subalternos, o autor descentraliza o olhar monológico do vencedor. Dialogando diretamente com as propostas deste simpósio sobre as interseções entre ficção e história na América Latina, a presente comunicação objetiva investigar como O Continente utiliza a arte literária para expor as lacunas do registro histórico hegemônico. Dessa forma, mesmo escrita sob a égide estética do romance regionalista de 30, a obra promove uma fissura crítica de natureza decolonial nas estruturas de poder, capaz de recontar o passado a partir também dos vencidos e excluídos, ressignificar as memórias regionais e, consequentemente, questionar os saberes e os mitos fundacionais consagrados pela tradição.

A PERMANÊNCIA DO ROMANCE HISTÓRICO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA EM O CRIME DO CAIS DO VALONGO, DE ELIANA ALVES CRUZ

Paulo Davi Galdino Souza e Vanessa Bastos Lima

Resumo: Este trabalho visa discutir, através da análise do Romance Histórico contemporâneo afro-brasileiro, produzido por uma escritora negra, O crime do Cais do Valongo (2018) de Eliana Alves Cruz, um pouco da história da constituição do Romance Histórico enquanto gênero, a partir, inicialmente, dos postulados de Lukács (2011), desenvolvidos no século XIX. E, posteriormente, a partir das mudanças ocorridas por esse gênero ao longo do tempo, quando passa a relacionar história e ficção de forma diferente, assumindo os moldes da metaficção historiográfica, conceito criado por Linda Hutcheon (1991), o qual será relacionado com os postulados teóricos de Marilene Weinhardt (1994), Keith Jenkins (2004), Esteves (2010) e Bastos (2007), entre outros teóricos estudados ao logo dessa pesquisa. Nesse sentido, este estudo também estabelece uma comparação entre o modelo tradicional de Romance Histórico e as novas configurações assumidas pelo gênero na contemporaneidade, especialmente no contexto da literatura afro-brasileira, buscando compreender as rupturas em relação à perspectiva clássica. Para além disso, também nos interessa investigar por que a memória dos que vieram antes de nós ainda continua a nos seduzir, como nos mostra a produção histórico-ficcional, lócus desta pesquisa, que assinala a permanência da escrita de Romances Históricos na contemporaneidade, sobretudo para tratar da história

da cultura e da população negra no Brasil, quase sempre invisibilizadas pelos documentos históricos considerados como oficiais.

ST: REVISÃO DA HISTORIOGRAFIA TEATRAL: LER E RELER FONTES PRIMÁRIAS, VISÕES CRÍTICAS E JUÍZOS ESTÉTICOS

Coordenação: Carlos Gontijo Rosa, Esther Marinho Santana e Maria Clara Gonçalves

Resumo: Proposto pelo grupo de pesquisas Estudos do Teatro Ex-Cêntrico - ETEx (CNPq/ UFAC), o simpósio "Revisão da historiografia teatral: Ler e reler fontes primárias, visões críticas e juízos estéticos" vem, desde 2020, consolidando-se nos encontros da ABRALIC como um frutífero espaço de debates em torno do universo cênico. As reflexões se dedicam tanto ao exame de peças, autores, gêneros, repertórios ou círculos teatrais de pouca visibilidade na historiografia teatral quanto ao questionamento de discursos hegemônicos no campo. Os textos dramáticos constituem um componente de inegável relevância para o teatro, na medida em que apresentam expressões estéticas que, tal qual na literatura, utilizam-se da matéria verbal para concepções da experiência humana, justificando-se assim o seu comum estatuto estrutural e estruturante nos estudos da área. Os pesquisadores devem compreender que "a peça teatral, considerada literatura, é um dos elementos mais importantes do teatro; todavia, não o constitui, não lhe é condição indispensável" (ROSENFELD, 2008, p. 35). Isto é, em sua natureza multifacetada, o teatro afirma-se como um objeto de análise dos mais complexos, que convida à consideração de outros fatores para além do material textual. Tal desafio é possivelmente um dos principais motivos pelos quais as obras teatrais tendem a receber menos atenção na crítica literária consagrada. Ademais, as leituras estabelecidas refletiram e parecem seguir ecoando critérios de interpretação e apreciação pautados em dinâmicas de poder e preferências coetâneas aos momentos de concepção da crítica. Em geral, "ao observarmos as premissas estéticas e culturais que impulsionaram as criações artísticas, constatamos que as reflexões construídas sobre as mesmas foram elaboradas a partir de ideias que, ao serem, sistematicamente, defendidas, tornaram-se referências para as práticas teatrais transformadas em marcos ordenadores da temporalidade que conhecemos como História do Teatro Brasileiro" (GUINSBURG; PATRIOTA, 2012, p. 23). Se o olhar avaliativo está ligado às ideias estéticas valorizadas quando de sua realização, então "o valor é uma atribuição historicamente construída. Frases como 'esta obra tem densidade' não são objetivas, e evocam primariamente os interesses dos sujeitos que as enunciam" (GUINZBURG, 2008, p. 103). Para que sejam construídas análises que ampliem e nuancem o entendimento sobre o teatro, é necessário reavaliar as concepções estéticas que orientam as apreciações estilísticas das dramaturgias; a importância de determinados autores para a compreensão da cena teatral na qual estavam inseridos; a perspectiva

valorativa da crítica, pautada na hierarquização dos gêneros; e os círculos teatrais de menos prestígio – que, por sua vez, permitem adensar as informações sobre o fazer teatral e as relações entre o repertório de companhias/teatros e o gosto de uma época. Torna-se imperativo, portanto, questionar a cristalização de determinados juízos nos estudos críticos e historiográficos, responsáveis pelo obscurecimento de produções e pela sugestão de uma evolução cênica baseada em parâmetros que, em nossos dias, devem ser revisitados. Há que se repensar também a questão do "valor" artístico através do qual peças, autores, gêneros, repertórios e/ou círculos teatrais obtiveram maior consagração em detrimento de outras criações, deixadas à margem. Os padrões norteadores de aclamações e exclusões convidam à reavaliação a partir de urgências e epistemologias diversas da contemporaneidade. Ou seja, novos interesses mobilizarão novas avaliações, que fomentarão novas informações sobre a cena teatral como um todo. Contudo, não se trata de desconsiderar a relevância de produções, autores ou movimentos teatrais já prestigiados pelos estudiosos. Trata-se, antes, de empreender um exercício reflexivo que permita problematizar lugares-comuns da crítica, realizados em outros tempos e em outras circunstâncias, em um movimento de exploração de manifestações teatrais múltiplas. Por fim, a investigação de fontes primárias e de materiais que ultrapassam a dramaturgia – como anúncios de espetáculos; programas e publicidades de peças; registros audiovisuais; cadernos de atores, empresários e diretores; desenhos de cenografia e demais documentos utilizados em processos de criação – ilumina aspectos da cena para além da dimensão estritamente literária, abrindo caminhos para o pensamento na literatura comparada e em horizontes intra e transdisciplinares mais amplos. Em consonância com iniciativas para a pluralização de diálogos e saberes, este simpósio busca reunir e criar uma rede ativa entre os pesquisadores dos palcos. Trabalhos que explorem textos desprezados pelos cânones ou que inaugurem novos olhares sobre os já desgastados lugares-comuns da crítica e da historiografia teatrais contribuirão sobremaneira às discussões, assim como conexões com campos variados do conhecimento.

UMA GRANDE DRAMATURGA INVISIBILIZADA - ALFONSINA STORNI

Alfonso Ricardo Cruzado

Resumo: Alfonsina Storni (Capriasca, Suíça, 1892- Mar del Plata, Argentina, 1938) é internacionalmente conhecida como poeta no âmbito da literatura hispano-americana. Mas poucas pessoas conhecem seu interesse pelo teatro, expressado tanto no âmbito da produção criativa quanto nos âmbitos da declamação e da pedagogia dramatúrgica. O objetivo deste trabalho é explorar essa faceta fundamental na modernização do teatro latino-americano, apagada por diferentes fatores que tentaremos abordar enquanto discorremos, brevemente, sobre suas peças concluídas. Num período em que era usual que os

dramaturgos defendessem suas peças, pela imprensa, em função das alterações introduzidas nos textos pelas companhias, a crítica oficial não concedeu esse direito a Alfonsina Storni. Assim, o fracasso na estreia de sua peça El amo del mundo (1927) significou o apagamento da poeta como dramaturga. Entretanto, Storni continuou escrevendo e desenvolvendo seu labor docente teatral. No ensejo das releituras de fontes primárias que renovem os critérios que orientam uma revisão da historiografia teatral, propomos uma reflexão sobre as quatro peças concluídas para público adulto (El amo del mundo, Cimbelina en el 1900 y pico, Polixena y la cocinerita e La debilidad de Mister Dougall), que integram o projeto dramatúrgico de Alfonsina Storni; como aporte para a restituição de sua produção no marco da historiografia latino-americana do gênero.

DO MINOTAURO À GOTA D'ÁGUA, RELEITURAS NOVECENTISTAS SUL-AMERICANAS DA MITOLOGIA GREGA

Carlos Gontijo Rosa

Resumo: Esta comunicação visa analisar duas narrativas mitológicas elaboradas em dois contextos específicos no século XX: Os reis, de Julio Cortázar, publicado na Argentina em 1949; e Gota d'água, de Paulo Pontes e Chico Buarque, publicada pela primeira vez no Brasil em 1977 – respectivamente, releituras do mito do Minotauro e o labirinto de Creta e do mito de Medeia e Jasão. Nosso objetivo é analisar como as duas obras adaptam narrativas da mitologia grega para suas respectivas audiências. Pontes e Buarque buscam ambientar a narrativa no subúrbio carioca, transmigrando a história clássica para o Rio de Janeiro; já Cortázar vai elaborar sua narrativa a partir de alguns pressupostos que depois desembocariam na estética neofantástica que desenvolve com Borges na Argentina – autor que, inclusive, também lançou mão do mito do Minotauro no conto "A casa de Astérion", que serve de comparação para elaboração de uma leitura portenha do mito. Assim, porque já Aristóteles propõe que os principais aspectos da elaboração teatral estão centrados no mythos e ethos, analisamos estes dois aspectos nas obras: em primeiro lugar, a construção da narrativa, em sua relação intertextual com os mitos clássicos, identificando acréscimos, supressões e outras alterações na estrutura geral do mito; em segundo lugar, miraremos a composição das personagens, também naquilo que convirjam ou divirjam das constituições clássicas. Como resultados, esperamos poder demonstrar duas abordagens diferentes na elaboração de releituras mitológicas na contemporaneidade calcadas em poéticas distintas, mas como semelhanças no mecanismo de acesso ao público seu coetâneo.

DE FORA PARA DENTRO: UMA OUTRA MIRADA PARA AS ARTES DA CENA NO BRASIL DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR

Esther Marinho Santana

Resumo: Em 1979, Yan Michalski diagnosticava que as artes da cena no Brasil haviam sido encantoadas e amordaçadas pela ditadura civil-militar em curso. Combinadas sistematicamente, a vigilância ideológica, as práticas institucionais de censura e a perseguição a movimentações dissonantes do ideário do regime provocaram profundas limitações para os palcos. Assim, as décadas de 1960 a 1980 foram e seguem interpretadas pelos discursos hegemônicos nos campos da crítica e história teatrais sob o prisma da contenção. Registros documentais do período, como programas de espetáculo, anúncios, resenhas, artigos jornalísticos e correspondências, revelam, por sua vez, um intenso fluxo de artistas e repertórios estrangeiros em São Paulo e no Rio de Janeiro. Vindas de todos os cantos do mundo, tais atrações articulavam, nos dois maiores cenários urbanos do país, redes transcontinentais e imaginários dos mais diversos, tanto aliados aos interesses que serviram de sustentáculo para os golpes e governos autoritários desenrolados no Cone Sul – como, em particular, no caso de certos espetáculos estadunidenses –, quanto opostos – como em obras soviéticas ou da China maoísta. Ainda, estão longe de possuírem pouca relevância iniciativas de países de descolonização e fundação recém conquistadas, proponentes de novas vias de diálogo e agência entre os seus representantes e os públicos visitados. Esta comunicação propõe, pois, uma outra mirada para os palcos do Brasil nesse contexto: não por uma perspectiva apenas interna, circunscrita a um panorama regional, mas também externa, ampliada para a consideração das disputas, negociações, barreiras e trânsitos da Guerra Fria (1945 – 1989) e da formação de uma cartografia de irradiações e intercâmbios globais.

DRAMATURGIAS CONTEMPORÂNEAS: FRAGMENTOS DE UMA CENA

Evelina de Carvalho Sa Hoisel

Resumo: Esta comunicação pretende abordar a produção dramatúrgica de escritores múltiplos (Hoisel, 2019), isto é, de atores culturais que, além de ficcionistas – dramaturgos / encenadores - desenvolvem atividades docentes, teóricas e críticas no cenário cultural baiano, primordialmente, na Escola de Teatro e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia-UFBA, considerada nesta proposta como inventivo laboratório de criação artística. A partir do recorte das produções dos dramaturgos-professores selecionados – com foco nas produções de Cleise Mendes, Gil Vicente Tavares, João Sanches e Luiz Marfuz

-, objetiva-se verificar em que medida este laboratório inventivo se constitui como um espaço no qual a dramaturgia assume diferentes formatos e vocações, abrindo possibilidades de realizações capazes de renovar e enriquecer a dramaturgia contemporânea. Embora não se trate de um estudo de teor historicista, pressupõe-se que, ao efetuar a genealogia das práticas pedagógicas instituídas na Escola de Teatro da UFBA, desde a sua fundação, poder-se-á contribuir para a compreensão de sua força inventiva na atualidade. A metodologia para esta abordagem é a da Literatura Comparada, vez que serão postos em comparação materiais produzidos pelos dramaturgos acima referidos – textos dramáticos, teóricos e críticos, depoimentos, entrevistas, aulas públicas, linhas de pesquisa às quais eles estão vinculados na atividade docente, com o objetivo de flagrar (ou não) os trânsitos discursivos - migrações de ideias, temas, procedimentos, concepções artísticas - que constituem o projeto intelectual desses dramaturgos. Métodos de descrição da crítica literária e da crítica cultural irão respaldar a abordagem e a avaliação dos materiais selecionados, à luz da fundamentação teórica transdisciplinar que tem alicerçado as pesquisas do projeto O escritor e seus múltiplos: dramaturgias em cena. (CNPq, março 2024/ fevereiro2028).

DESCORTINANDO O CONFLITO DE PERSONAGENS EM KINGDOM OF EARTH, DE TENNESSEE WILLIAMS

Fabiano de Cássio Borges Gois

Resumo: Durante a década de 1960, Tennessee Williams, longe dos aclamados palcos da Broadway, flertou com Ionesco, Genet, o teatro Kabuki, com a black comedy e com a representação camp e explícita de homossexuais e seus conflitos. É nesta fase que Williams apresenta Kingdom of Earth (The Seven Descents of Myrtle) (1967) – uma complexa peça cuja ação dramática é composta de sete cenas que descortinam a performance por sobrevivência de seus personagens. A saber: O tubérculo Lot entre ilusão e drag performa para manter a memória da mãe aristocrata viva. Myrtle, a noiva, entre moralidade e desejo, performa para resistir em um mundo misógino, enquanto Chicken, o irmão mestiço de Lot performa entre virilidade e violência para não ser rejeitado socialmente. Todos esses personagens, numa perspectiva hegeliana, "sentem, sofrem suas paixões, perseguem uma vontade claramente expressa e caminham para cumprir um fim" (Pallottini, 2015, p. 42). Desta forma, o presente trabalho procurará analisar a construção dos três personagens com base em suas caracterizações sociais, físicas e psicológicas para que se possa delinear o conflito dramático proposto por Williams (1967) no que Raymond Williams (2002) interpreta como tragédia privada. Como arcabouço teórico sobre teatro, drama, personagens e

crítica de Tennessee Williams, utilizamos as contribuições de: Rosenfeld (2013), Williams (2002), Pallottini (2015), Prado (2013), Brait (2017), Saddik (2015), Murphy (2014), e Pavis (2008).

SAMUEL BECKETT DRAMATURGO-ENCENADOR: O PROCESSO DE ENCENAÇÃO DE EH JOE A PARTIR DOS MANUSCRITOS ORIGINAIS INÉDITOS E DO REGISTRO AUDIOVISUAL

Felipe Augusto de Souza Santos

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão inédita acerca do processo de criação e encenação de Samuel Beckett (1906-1989) relativo à sua peça televisual Eh Joe. A partir dos manuscritos e datiloscritos inéditos de Beckett relativos ao processo de criação do texto dramatúrgico, escrito no ano de 1965 e encenado sob sua direção na emissora de TV alemã Süddeutscher Rundfunk, no ano de 1966, procuraremos refletir acerca da prática do dramaturgo-encenador dentro da seara audiovisual. Eh Joe representa a segunda incursão de Beckett dentro do campo audiovisual, após sua emblemática estreia como co-diretor de cinema com a criação de Film (1963), obra de referência dentro dos estudos beckettianos e dirigida pelo encenador norte-americano Alan Schneider (1917-1984), tendo o emblemático ator do cinema mudo Buster Keaton (1895-1966) como protagonista. Em Eh Joe, Beckett avança alguns passos além de sua primeira incursão audiovisual, criando uma obra complexa, ainda pouco estudada no Brasil por especialistas do campo das artes cênicas, onde além de iniciar sua carreira como encenador teatral, cria uma linguagem híbrida entre teatro e cinema que excede os parâmetros do teatro televisual. O que Beckett propõe não se resume a uma espécie de teleteatro, mas sim procura expandir os limites tanto da linguagem teatral e da linguagem cinematográfica quanto da linguagem televisual, criando uma nova forma de arte altamente minimalista que evidencia as potencialidades relativas a texto, atuação e encenação. Para conduzir esta reflexão, analisaremos tanto os manuscritos e datiloscritos inéditos de Beckett desta telepeça, quanto o filme original exibido em 1966 na SDR alemã, a partir de nossa pesquisa desenvolvida durante dois estágios de pós-doutorado no Samuel Beckett Research Centre da Beckett International Foundation, localizados na University of Reading, realizados nos anos de 2024 e 2026, com o apoio da FAPESP.

LORRAINE HANSBERRY E O SUL GLOBAL: UM CONTATO FRÁGIL A SER DESCOBERTO

Fernanda Sales Rocha Santos

Resumo: A comunicação visa apresentar uma incipiente investigação sobre a relação entre a dramaturga estadunidense Lorraine Hansberry e a América do Sul. Nunca traduzida para o português brasileiro e sem traduções para o espanhol com registro bibliográfico consolidado, Lorraine Hansberry, autora canônica do teatro moderno e negro estadunidense, ainda é pouco conhecida no sul global. Em março de 1952, a autora viajou para Montevidéu, Uruguai, para participar de uma conferência, quando escreveu reflexões sobre a América Latina e criou uma pequena história ficcional inspirada em sua viagem (Perry, 2018). Já em 1962, o TENSP – Teatro Experimental do Negro de São Paulo –, em parceria com o Teatro Oficina, planejou montar "A Raisin in the Sun", sob direção de José Celso Martinez Correia, projeto que não se concretizou (Silva, 2022). Inspirados pela noção de Paul Gilroy (1993) sobre o Atlântico Negro, na qual a arte e a cultura negras de diferentes nacionalidades se conectam pela experiência colonial compartilhada, sabemos que as peças e os escritos políticos e culturais de Hansberry ressoam profundamente com a experiência negra continental. Assim, na busca por fazer presente a obra dessa autora na língua portuguesa e no Brasil, achamos pertinente entender o legado da autora à luz de uma América Negra para além dos EUA. Desta forma, este trabalho exibirá um panorama dessa relação, focando no Brasil e em sua visita ao Uruguai, apresentando e debatendo alguns materiais de arquivo, especialmente os disponíveis no acervo da autora no Schomburg Center for Research in Black Culture (NY), como a já mencionada narrativa inédita inspirada em sua estadia no Uruguai.

PARTITURAS E CONSTELAÇÕES - REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DE PARTITURAS DA LIRA SANJONENSE.

Flora Cunha Lucena

Resumo: A presente comunicação apresenta o objeto de pesquisa de doutoramento intitulada "O caleidoscópio: a tensão entre memória e esquecimento na construção da cultura sanjoanense", que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei, desde agosto de 2025. A pesquisa investiga o ritual "Encomendação das Almas" e sua partitura, de autoria de Manoel Dias de Oliveira, preservada pela Lira Sanjoanense, além de partituras do século XIX relacionadas diretamente ao teatro. Um dos pontos de partida desta pesquisa é investigar questões acerca da partitura originalmente utilizada no ritual, bem como realizar uma revisão historiográfica das informações existentes sobre ela, observando, assim, a relação entre memória e esquecimento e sua dialética na arte. Além disso, nesse acervo existem partituras relacionadas ao teatro, principalmente ao teatro de revista, gênero muito popular no século XIX na cidade de São João del-Rei, mas também a

outros gêneros dramatúrgicos, que ainda não estão organizados e catalogados e que serão selecionados e analisados para esta pesquisa. Ao observar esses acervos é necessário refletir sobre o lugar da Orquestra Lira Sanjonanense nesse espaço teatral. A pesquisa dialoga com Walter Benjamin e Paul Ricoeur, articulando reflexões sobre a seleção e o apagamento de memórias no processo histórico. Como metodologia foi escolhida a análise de documentos primários no acervo da Lira Sanjoanense e o método dialético, em diálogo com a história cultural, permitindo examinar as partituras e seu contexto como expressão da complexidade entre preservação e apagamento cultural.

ROTAS TEATRAIS NO NORTE DO BRASIL OITOCENTISTA

Jacqueline Silva Mendes

Resumo: Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito de minha tese de doutorado, na Universidade de São Paulo, onde analisamos a trajetória de três empresários do teatro oitocentista — Germano Francisco de Oliveira, Vicente Pontes de Oliveira e Antônio Gomes Rodrigues Sampaio — com o objetivo de identificar e compreender as rotas teatrais por eles percorridas a partir do acompanhamento de suas companhias dramáticas pelos teatros do Norte do Brasil, na segunda metade do século XIX. As rotas teatrais foram compreendidas não apenas como deslocamentos geográficos entre diferentes províncias, mas como percursos estruturados por relações profissionais, estratégias empresariais, condições econômicas e dinâmicas próprias do mercado teatral oitocentista. A pesquisa fundamentou-se na análise de periódicos, relatórios provinciais, contratos, almanaques e bibliografia especializada, permitindo mapear a circulação das companhias dramáticas, identificar os artistas que as integravam e analisar os repertórios que percorreram diferentes palcos e públicos. Os resultados evidenciaram que os deslocamentos dessas companhias obedeciam a circuitos relativamente estruturados, capazes de garantir condições mínimas de sobrevivência e continuidade das atividades teatrais. Verificou-se ainda que a intensificação dessas circulações contribuiu para a formação de redes profissionais, para a ampliação do repertório encenado e para o processo de profissionalização do teatro no Norte do Brasil durante o século XIX.

A FEBRE DOS BENEFÍCIOS: UMA GENEALOGIA DO ARTISTA FILANTROPO EM MEIO AO ABOLICIONISMO E A DISPUTA POR NOVAS JUSTIFICATIVAS SOCIAIS DO TEATRO BRASILEIRO (1870-1890)

Luiz Paulo Pimentel de Souza

Resumo: Entre as décadas de 1870 e 1890, o teatro brasileiro assistiu ao aumento da realização das chamadas noites de benefício, apresentações cuja renda era destinada a artistas, instituições ou causas consideradas socialmente relevantes. Se a historiografia costuma tratar essa prática como marginal ou como gestos isolados de benevolência ligados à sociabilidade teatral oitocentista, esta comunicação propõe considerá-la como um observatório privilegiado para diagnosticar uma importante transformação no teatro brasileiro, culminando na emergência de novas justificativas sociais para a atividade teatral. A partir da análise de periódicos ao longo do arco temporal, investigamos aquilo que alguns cronistas nomearam como "febre dos benefícios": a expansão intensa dessas práticas, a saturação de seu modelo e as controvérsias produzidas em torno delas. Nossa hipótese é a de que a associação crescente entre espetáculos e causas filantrópicas, sobretudo ao longo do período abolicionista, colaborou para o surgimento de uma nova figura pública: o artista filantropo ou artista cidadão, artista esse implicado com a transformação política e engajado em causas coletivas. Ao longo desse processo, artistas passaram a ser convocados a demonstrar utilidade moral e compromisso público, vinculando a legitimidade de seu trabalho artístico a gestos de generosidade e ações de interesse comum. Dialogando com debates sobre historiografia teatral, emergência da cultura de celebridade e expansão da imprensa, a comunicação busca demonstrar que a "febre dos benefícios" constitui um momento privilegiado para compreendermos novas condições históricas de legitimação do teatro, cujos efeitos seguem presentes também na cena contemporânea. Trata-se, portanto, de interrogar a genealogia de uma expectativa que ainda atravessa os discursos sobre arte: a de que o fazer artístico necessita justificar sua existência mediante benefícios e contrapartidas oferecidos à sociedade.

ENTRE A CONSAGRAÇÃO POPULAR E A MARGINALIZAÇÃO HISTORIOGRÁFICA: O CASO DE FORROBODÓ (1912)

Maria Clara Gonçalves

Resumo: A comunicação pretende compreender como o apagamento – ou a importância secundária atribuída a Forrobodó pela crítica e pela historiografia teatral – contribuiu para a produção de lacunas significativas na compreensão do teatro brasileiro das primeiras décadas do século XX. Embora tenha sido um dos maiores êxitos de público de seu tempo, a peça permaneceu à margem de grande parte das narrativas historiográficas, que privilegiaram obras consideradas mais literárias ou artisticamente elevadas. Tal exclusão torna-se particularmente relevante porque Forrobodó mobiliza elementos frequentemente associados à construção de uma identidade nacional, como a linguagem popular brasileira, a música

nacional, a representação dos subúrbios e das camadas populares urbanas, além de influenciar uma série de peças do teatro musicado voltadas à tematização do cotidiano urbano. Ao recuperar essa obra, busca-se refletir sobre os critérios de valor que orientaram a constituição do cânone teatral brasileiro e investigar por que manifestações culturais tão amplamente acolhidas pelo público foram frequentemente desconsideradas pelos estudos históricos. Mais do que analisar Forrobodó em si, o objetivo é discutir o que sua marginalização revela sobre as concepções de teatro nacional defendidas pela crítica e pela historiografia do período, evidenciando as tensões entre sucesso popular, legitimação crítica e construção da memória teatral brasileira.

O TEATRO PRODUZIDO NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO DA CIDADE DE PELOTAS/RS EM 2025: INVESTIGAÇÃO ESTÉTICA DO CÂNONE E PROPOSTAS AUTORAIS

Marina de Oliveira

Resumo: Há uma vertente historiográfica teatral que prevê a releitura de juízos estéticos e a ampliação acerca da compreensão de quem produz teatro no Brasil, considerando-se outros sujeitos e lugares de enunciação. Se o teatro brasileiro não pode ser reduzido às produções comerciais do Sudeste do país, em que outros espaços estão os fazedores de teatro? Certamente ele é praticado de Norte a Sul, em diferentes lugares, contextos e culturas. Nesse sentido, o presente texto propõe uma análise das produções teatrais geradas no âmbito do curso de Teatro da Universidade Federal de Pelotas, localizada na região Sul do Rio Grande do Sul, no ano de 2025. Serão contextualizadas e observadas de modo crítico as produções oriundas das disciplinas de Montagem e Encenação Teatral, abertas ao público, assim como as propostas cênicas advindas de projetos de pesquisa de docentes, através de duas indagações: quais temas, dramaturgias e estéticas moveram os discentes e docentes do curso em 2025? Essas produções alinharam-se a investigações estéticas vinculadas a cânones dramatúrgicos ou representaram a exploração de tendências em que a dramaturgia se construiu pari passu com a criação da cena? Amparam a discussão e análise as noções de história cultural do teatro (Mostaço, 2018), dramaturgia (Danan, 2019), pedagogia do teatro (Koudela, 2021) e o projeto pedagógico do curso.

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO E WILLIAM BUTLER YEATS - RELEITURAS DO TEATRO NŌ EM TEMPOS DE CRISE POLÍTICA

Robin Driver

Resumo: Reunidas em "Four plays for dancers" (1921), as peças curtas que o poeta e dramaturgo irlandês, William Butler Yeats, escreveu com inspiração no teatro nō são consideradas exemplos importantes de inovação modernista e marcos significativos na recepção do teatro japonês no ocidente. Baseadas nas leituras de Yeats de obras como "'Noh', or, Accomplishment", de Ernest Fenollosa e Ezra Pound, e em intercâmbios com profissionais de teatro japoneses, como Michio Itō, as peças não buscavam recriar o nō, mas formular uma nova forma teatral "digna, indireta e simbólica", entretecendo narrativas colhidas da mitologia irlandesa com referências à situação política de uma Irlanda que reivindicava a sua independência. Em contrapartida, "Em cada pedra um voo imóvel" (1958), uma obra dramática igualmente inspirada no teatro nō, escrita pela portuguesa Fiama Hasse Pais Brandão, é relativamente pouco estudada. Desenvolvida muito provavelmente com referência a "Nō – teatro lírico japonês" (1954), de Armando Martins Janeira, e produzida quando Brandão ainda se iniciava na escrita dramatúrgica, a peça tem sido desconsiderada, em grande parte, pela crítica e até foi menosprezada pela própria autora, que não a incluiu em nenhuma das antologias posteriores da sua obra. No entanto, uma análise atenta da peça, que pode ser lida como uma série de críticas veladas ao regime ditatorial do Estado Novo português, nos revela uma perspectiva valiosa sobre as reinterpretações criativas do teatro japonês por dramaturgos ocidentais. Ao comparar as obras de Yeats e Brandão nos seus respectivos contextos históricos e com referência a textos teóricos como "O teatro no cruzamento de culturas", de Patrice Pavis, esta apresentação busca debruçar-se sobre as formas diversas com que os dois dramaturgos reimaginam elementos do nō para articular os seus próprios posicionamentos políticos. Simultaneamente, objetiva-se dar a devida atenção crítica a uma peça negligenciada, mas fundacional, na obra dramática de Brandão.

O ADVENTO DE UMA CRÍTICA TEATRAL PROPRIAMENTE DITA NO BRASIL

Rodrigo Morais Leite

Resumo: A apresentação versa sobre o advento de uma crítica teatral propriamente dita no Brasil, a partir do momento em que, com a chegada da família real portuguesa (1808), é facultado à colônia o direito de possuir imprensa, fator decisivo para a divulgação e o desenvolvimento da crítica, gênero textual jornalístico por excelência. O conceito de crítica teatral propriamente dita seria um correlato do conceito de literatura propriamente dita, elaborado por Antonio Candido em "Formação da Literatura Brasileira" (1959). A exposição se inicia, em termos cronológicos, no Período Joanino, que viu surgir a primeira polêmica da história de nossa crítica teatral, propalada pelo periódico O Patriota. Passando, na sequência, para o Primeiro Reinado, observa-se o aparecimento nos jornais da corte de uma crítica operística,

atrelada, portanto, ao teatro lírico. Mais tarde, no Período Regencial, na esteira das reformas liberais então implementadas, irrompe a crítica de teatro dramático, que teve na figura de Justiniano José da Rocha o seu principal cultor. Por intermédio das páginas de O Cronista e O Brasil, e sob forte influxo folhetinesco, Rocha se notabilizou como um crítico conservador, cuja práxis em tal "métier" se atrelava diretamente ao seu posicionamento e à sua atividade de jornalista político. Não por acaso, ele costuma ser apontado, por diversos autores e autoras, como o primeiro crítico teatral brasileiro.

LAS PANTOMIMAS DEL CIRCO CRIOLLO RIOPLATENSE Y DEL CIRCO TEATRO BRASILERO: ESTUDIO COMPARATIVO DE UN REPERTORIO REGIONAL COMÚN (FINES DEL SIGLO XIX- INICIOS DEL XX).

Silvia Antunez Rodriguez-Villamil

Resumo: El presente estudio retoma un aspecto de mi tesis doctoral que reconstruye el circuito teatral montevideano entre 1880 y 1910. Allí demuestro que teatro, ópera y circo estaban fuertemente interrelacionados. Sin embargo, en la historiografía teatral rioplatense, estas expresiones se estudian tradicionalmente por separado (historia del teatro, de la ópera, del circo), dejando de lado una visión de conjunto. En este contexto, el llamado "circo criollo", considerado primitivo o rudimentario, ha sido siempre desprestigiado y subestimado en comparación con las demás artes del espectáculo. La ausencia de la voz era interpretada como una carencia grave, asimilada al pobre y al oprimido, señal de una expresión incompleta. Pero este tipo de espectáculo no era solo un fenómeno local sino regional, ya que el "circo criollo" era idéntico al llamado "circo-teatro" en Brasil; ambos incorporaban, después de las destrezas y acrobacias, una obra de teatro en su segunda parte. Estas obras eran inicialmente pantomimas. Interesa, en el marco de este trabajo, promover una visión regional más abarcativa y supraterritorial -en términos del Teatro comparado (Dubatti)- de una manifestación teatral profundamente arraigada en nuestra historia aunque ferozmente invisibilizada. Proponemos realizar una primera aproximación a un repertorio común y regional dentro del corpus de las pantomimas presentadas en los circos de nuestra región, en el período de pasaje de un siglo a otro (XIX a XX). La crítica argentina Beatariz Seibel ha demostrado la importancia de estos circos itinerantes que llevaban al teatro al interior del país mientras que la crítica brasilera Erminia Silva ha estudiado el papel ineludible del circo-teatro en Brasil en variadas dimensiones, así como dejado en claro la movilidad y el cruce de estos artistas de un país a otro entre Brasil, Uruguay y Argentina. Proponemos revisar este tema desde la prensa de Montevideo, Uruguay.

O EXÍLIO FRANCÊS DE AUGUSTO BOAL E A CONSOLIDAÇÃO DO TEATRO DO OPRIMIDO: UM ESTUDO DE OITO PEÇAS INÉDITAS

Stephanie da Silva Borges

Resumo: Este trabalho deriva da tese de doutorado "Um caro amigo: dramaturgia, circulação e impasse em oito peças inéditas do exílio francês de Augusto Boal", defendida em 2025, e investiga oito peças inéditas escritas em francês por Augusto Boal durante seu exílio em Paris (1978–1986), período decisivo para a consolidação internacional do Teatro do Oprimido, método criado pelo teatrólogo. A partir da disponibilização dos textos pelo Instituto Augusto Boal, a pesquisa organiza, traduz e analisa criticamente essas dramaturgias, situando-as no contexto sociopolítico francês dos anos 1980 e nos processos de desenvolvimento da técnica Teatro Fórum e da forma cênica espetáculo-fórum. Considerando a dimensão dialética e pragmática do trabalho de Boal no exílio, a tese articula esse corpus ao processo histórico, examinando como as peças abordam temas centrais, como mundo do trabalho, imigração – especialmente de populações oriundas de ex-colônias francesas – e emancipação feminina, refletindo impasses do cotidiano europeu. O estudo acompanha ainda a adaptação do Teatro do Oprimido ao contexto europeu, no qual as formas de opressão se apresentavam de maneira menos explícita do que na América Latina, e discute as aproximações críticas entre o teatro de Boal e o teatro brechtiano, bem como as tensões entre a difusão internacional do método e a possível perda de sua força política e popular diante de processos de institucionalização e profissionalização na França. Ao explorar as relações entre criação artística e militância política, a pesquisa destaca também aspectos do humor e do manejo linguístico característicos do autor, além do papel do grupo francês (CEDITADE/CTO) na expansão do Teatro do Oprimido. Sustentado por amplo levantamento documental em acervos franceses, como o do Théâtre de l'Opprimé de Paris, e por entrevistas com colaboradores diretos de Boal, o trabalho culmina na proposta de edição e tradução comentada das peças inéditas.

ST: SABERES DA EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: ENTRE A TRADIÇÃO E AS NOVAS SUBJETIVIDADES

Coordenação: Caroline Valada Becker, Marcos Vinicius Scheffel e Victor Figueiredo Souza Vasconcellos

Resumo: A formação de leitores de literatura na escola, como entendemos nos dias de hoje, tem uma história relativamente recente. A constatação generalizante de que as crianças e os jovens "leem menos" que as gerações anteriores por conta de novas tecnologias (o cinema, a televisão, as redes sociais) criou

uma nova demanda para os professores de língua materna ao redor do mundo: incentivar / fomentar a leitura de obras literárias na escola. Em termos didáticos, o ofício docente é determinado por um objeto de estudos e, ao mesmo tempo, por uma caixa de ferramentas (artefatos) que acompanha o fazer do/a professor/a, tais como a própria sala de aula, o quadro para escrever, a tela para projetar, as palavras a serem ditas, escritas e lidas, os materiais criados/elaborados pelo/a docente (LARROSA, RECHIA, 2019). Sem dúvida, "sou professor/a" é uma oração cujo verbo é conjugado em primeira pessoa, mas abarca a coletividade, principalmente o encontro com os/as estudantes. É nesse espaço coletivo e com contornos socialmente negociados que se faz a sala de aula enquanto um tempo destinado ao ler, ao falar, ao ouvir e ao conversar. Essas ações, quando em prática, são apresentadas enquanto estratégias pedagógicas ou, como explica Jorge Larrosa, são artefatos idealizados e engendrados pelos/as docentes: "para compreender um professor é preciso perguntar-se quais artefatos usa e quais não usa, porque o faz e o que mobiliza desses artefatos" (LARROSA, RECHIA, 2019, p. 61). Um/a docente de Literatura e Língua Portuguesa acrescenta mais um item à lista de artefatos: livros. A (inevitável e adequada) escolarização da leitura literária implica seleção de obras e de autores/as e elaboração de situações de leitura que incorporem os/as estudantes "à cultura do escrito" e os/as tornem "membros plenos de uma comunidade de leitores e escritores" (LERNER, 2006). Nesse processo, torna-se fundamental reconhecer, à luz das contribuições de Julia Kristeva, que todo texto é um espaço de múltiplas vozes e diálogos, constituído por relações com outros textos anteriores e contemporâneos. Assim, formar leitores implica também desenvolver a capacidade de perceber essas redes de sentidos — isto é, compreender a literatura como um campo intertextual, em que ler é sempre relacionar, reconhecer ecos e produzir novas interpretações. Em outras palavras: o que e como ler? Enquanto docentes, podemos (e devemos) eleger como critério de seleção a palavra diversidade, que nos leva à pluralidade de gêneros, de autores/as, de editoras e de linguagem. Tal escolha será potente, também, para a elaboração dos dispositivos pedagógicos (MUNITA, 2025), isto é, tudo aquilo que será realizado, em sala de aula, a partir da e na experiência de leitura (LARROSA, RECHIA, 2018). O próprio texto literário indica quais caminhos percorrer no jogo interpretativo, e a função professor/a-mediador/a convoca a criatividade (MEDEIROS, RIBEIRO, 2024) para que dispositivos didáticos sejam elaborados — inclusive aqueles que favoreçam a leitura relacional entre textos. Historicamente, a leitura literária foi associada ao imaginário do silêncio, do isolamento e da trajetória solitária de leitura. Uma vez em sala de aula, especialmente na educação básica, ganham fôlego a coletividade e o ruído — ou seja, muitos sujeitos, muitos dizeres. Dessa forma, a leitura literária implica, também, sociabilidade. Ao ler, ouço minha voz, mas convivo com outras vozes, como a do autor empírico e a dos seres de papel (as personagens); à medida que realizo a leitura ou ao finalizá-la, posso conversar e, assim, "[...] ler faz com que as crianças, os adolescentes, as pessoas idosas falem por si mesmos, ou uns com os outros" (PETIT, 2009, p. 103). Nesse horizonte, também se insere a reflexão de Roland Barthes, para quem o texto não é

um objeto fechado, mas um tecido de citações provenientes de múltiplas culturas. Como afirma o autor, "o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura" (BARTHES, 1973, p.62). Tal perspectiva desloca o foco da autoridade do autor para a atividade do leitor, reforçando a ideia de que o sentido se constrói na leitura, em um processo ativo, plural e aberto — aspecto central para a formação de leitores críticos na escola. Este simpósio pretende reunir reflexões sobre o ofício docente, elegendo como mote estes questionamentos: enquanto docente de Literatura e Língua Portuguesa, quais textos e quais autores/as seleciono para compor minhas aulas? A partir da leitura escolhida, quais experiências são propostas aos/às estudantes e quais estratégias (dispositivos) são (re)criados? De que modo essas escolhas contribuem para desenharmos uma educação literária comprometida com a democratização do acesso ao livro e com o respeito à diversidade? Todas essas ações (escolher, propor, criar, comprometer-se) evidenciam o protagonismo docente, cujas filiações teóricas — incluindo a perspectiva intertextual e a centralidade do leitor — são traduzidas para o fazer pedagógico de modo criativo e subjetivo; é da proposição pedagógica — do ofício docente — que caminhos possíveis para a educação literária, na educação básica, poderão ser desenhados.

ENTRE LÍNGUA E LITERATURA: O LETRAMENTO LITERÁRIO NOS MATERIAIS DE ESPANHOL DO PNLD 2026-2029

Beatriz Quaresma de Souza

Resumo: O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) constitui uma das principais políticas públicas voltadas à distribuição de materiais pedagógicos no Brasil, influenciando diretamente tanto a produção editorial quanto as práticas escolares. Com a retomada da língua espanhola no programa, após edições em que esteve ausente, torna-se relevante investigar as obras aprovadas para o ciclo 2026–2029, especialmente no que se refere ao trabalho com a literatura.Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo analisar os materiais didáticos de língua espanhola aprovados pelo PNLD 2026–2029, considerando as possibilidades de desenvolvimento do letramento literário, ainda que este não figure explicitamente entre os critérios avaliativos do programa para o Ensino Médio. Busca-se compreender de que maneira as obras articulam o ensino da língua à experiência literária e à formação do leitor, observando se há, por parte dos autores, uma preocupação que ultrapasse o caráter estritamente instrumental da literatura.Parte-se da compreensão de que linguagem e literatura são dimensões indissociáveis no processo de ensino-aprendizagem de línguas, sobretudo quando se considera a leitura literária como espaço de construção de sentidos, sensibilidades e subjetividades. Para tanto, o trabalho

dialoga com os estudos sobre literatura e letramento literário em Cosson (2020), Santos (2005) e Mendoza Fillola (2008). No campo dos materiais didáticos e do ensino de espanhol, mobilizam-se Duboc (2012), Barros e Costa (2010) e Eres Fernández (2012). Já para a discussão sobre o PNLD, recorremos a Costa (2011), Costa e Vita (2018), Rosa e Matos (2018), Rodrigues-Martins (2018) e De Nardi e Amendola (2018).

LER E ESCREVER AO RÉS DO CHÃO: A CRÔNICA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Carla Cristiane Martins Vianna

Resumo: Embora o ensino de língua portuguesa e literatura resista a definições, pode-se compreendê-lo, sobretudo, como um campo orientado à formação literária de jovens, por meio do incentivo à leitura e à produção de textos de diferentes gêneros e temáticas. Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar uma prática didática desenvolvida com estudantes do primeiro ano do ensino médio integrado ao técnico, centrada no estudo do gênero crônica, mediado por textos de José Falero publicados na obra Mas em que mundo tu vive?. A metodologia será constituída por uma discussão sobre o gênero crônica e seu papel na formação literária, seguida de uma apresentação dos textos selecionados para a leitura com os estudantes e, por fim, pela reflexão sobre duas crônicas autorais das/os estudantes produzidas a partir da leitura em sala de aula. As produções serão analisadas à luz de estudiosas/os como Antonio Candido, Teresa Colomer, Annie Rouxel, Ana Crélia Dias, Sílvia Castrillon e Regina Zilberman, nomes que se dedicaram a pensar a crônica e a importância do trabalho com/para a escrita literária no ensino de língua e literatura da educação básica. Espera-se que os resultados contribuam para os estudos da educação literária no ensino médio, especialmente no que se refere à escrita criativa como fator de envolvimento dos estudantes na aprendizagem e como dimensão relevante de uma formação humanística, crítica e cidadã.

PARA LER COM O CORPO - UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA NO SÉTIMO ANO

Caroline Valada Becker

Resumo: Tanto o acesso aos livros quanto o ato de ler literatura representam um "direito histórico e cultural" (Castrillón, 2011, p. 16). Por isso, refletir sobre a prática e a circulação social da leitura convoca ponderações sobre a escolarização do ler e sobre o ofício docente. Professores/as de Literatura e Língua Portuguesa ofertam livros, cenas, modelos de leitura, estímulos (Cf. Montes, 2020, p. 263), ou seja,

democratizamos o acesso e estabelecemos pontes entre livros e leitores/as em formação, assumindo a função de mediadores/as. Neste cenário, este trabalho apresenta um projeto de leitura que elege narrativas gráficas como protagonista: a coleção Graphic MSP elabora releituras dos personagens de Mauricio de Sousa. Enquanto docente-inventora que pretender "ler e dar a ler" (Larrosa, 2019, p. 57), elaborei um projeto capaz de "celebrar a brincadeira, as partilhas poéticas, a curiosidade, o pensamento, a exploração de si e daquilo que nos rodeia" (Petit, 2019, p. 13), e o faz por meio da recriação do clube do livro TAG. Ser um/a docente "inventor de exercícios" (Larrosa, 2019, p. 173) mobiliza criatividade, a qual vem traduzida em tarefas que dão "vazão à imaginação dos alunos e ao livre exercício de sua sensibilidade, para impulsioná-los a ser recriadores dos textos" (Reyes, 2012, p. 26). A Caixa TAG dos romances gráficos MSP funcionou como alargador de sentidos, pois, a partir do enredo, estudantes inventaram objetos multissensoriais - algo para ver, algo para ouvir, algo para tocar, algo para cheirar. Assim, a experiência de leitura foi ampliada, sempre pensando a circulação do livro e a figura do/a leitor/a. Por meio deste projeto de leitura experimentado na educação básica, fica evidente uma "lógica brincante das linguagens" e um "processo lúdico de mediação" (Medeiros; Ribeiro, 2024, p. 83), os quais, acredito, contribuem para a educação literária.

ENTRE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: INTEGRAÇÃO DE FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS EM UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO

Eduardo Ogliari Boaria

Resumo: O presente trabalho analisa uma sequência didática (SD) desenvolvida em aulas de Língua Portuguesa (LP) com uma turma de 2º ano do Ensino Médio. A proposta teve como objetivo promover a reflexão dos estudantes sobre sua relação com o espaço em que vivem, culminando em uma coletânea de contos produzida pela turma. Examina-se como o planejamento e a execução da SD favoreceram a integração entre conteúdos de LP e Literatura, tensionando suas fronteiras historicamente estabelecidas (Apple, 2006). Parte-se das premissas de que: a) o texto literário não se restringe ao cânone e à escrita (Candido, 2004); b) lemos e escrevemos para participar na sociedade (Garcez e Schlatter 2009); c) o texto é o ponto de partida e de chegada em aulas de português e literatura (Simões, 2012). Premissas basilares para uma prática de leitura e escrita voltadas à formação de leitores e escritores de textos literários, que exigem modos de ler e escrever próprios, e conhecimentos e aprendizagens específicas (Sesc, 2025). As tarefas foram analisadas quanto aos objetivos de aprendizagem e de que modo integraram conteúdos dos componentes, entendendo que a integração de conteúdos de LP e Literatura na SD apontam que o

currículo é produzido pelos docentes e estudantes a todo momento na escola (Traversini e Mello, 2020) e de que a relação entre conteúdos curriculares, território e experiência dos estudantes pode tornar a aprendizagem mais significativa em comunidades periféricas (Santos, Moreira e Gandin, 2018). Os resultados apontam que as orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) sobre saberes e às necessidades locais favorecem o diálogo entre componentes curriculares e a reflexão sobre suas fronteiras. A integração de conteúdos e sua vinculação à realidade dos estudantes contribuem para a constituição de uma comunidade de leitores (Cosson, 2008) e para a ampliação dos repertórios mobilizados na produção de sentidos.

LEITURA LITERÁRIA E SUBJETIVIDADES: COMO LER O SENSÍVEL

Jaciene de Andrade Santos

Resumo: Neste trabalho, investigamos a relação entre a leitura literária e a constituição de subjetividades, a partir da compreensão de que o ato de ler ultrapassa a decodificação técnica e alcança dimensões humanas como a experiência sensorial e ontológica. Inseparável no processo da leitura, a subjetividade ainda é uma questão nos estudos sobre leitura literária, quanto ao lugar que ocupa em metodologias de formação de leitores na escola, por conta da dificuldade de circunscrevê-la a análises, dada a sua natureza fluida e instável. Nosso objetivo é examinar como o encontro com o texto literário mobiliza nos leitores o sensível, caminho a ser também percorrido pelo professor mediador da leitura, na exploração da própria subjetividade. A análise fundamenta-se em Wolfgang Iser (1996), quanto à leitura como interação e criação; Vincent Jouve (2013) e Michèle Petit (2010), quanto à presença da subjetividade na leitura; Roland Barthes (1987), para discutir o texto como deriva, prazer e fruição; e Deleuze e Guattari (2010), tomando dos autores a visão da obra literária como um "bloco de sensações" para aplicá-la à relação de construção subjetiva de si que o leitor estabelece com o texto literário. Portanto, o trabalho com as subjetividades implicadas no processo de formação de leitores amplia a percepção e recepção da literatura como potencialidade transformadora, acontecimento que nos atravessa em um movimento de mútua criação.

O "LIVRO DE COMPOSIÇÃO" DE BILAC E BOMFIM: A ESCRITA LITERÁRIA NA ESCOLA, ONTEM E HOJE

Júlio de Souza Valle Neto

Resumo: O "Livro de Composição para o curso complementar das escolas primárias" (1899), de Olavo Bilac e Manuel Bomfim, integra um conjunto de obras que o poeta escreveu, sozinho ou em parceria,

visando ao uso propriamente escolar. Certamente, a obra mais famosa e longeva desse grupo, também concebida com Bomfim, é "Através do Brasil", de 1910. Embora bem menos estudado, o "Livro de Composição" também se reveste de interesse, dentre outras razões, por seu caráter um tanto inovador. É o que se depreende, pelo menos, do "Parecer" anexado à publicação, no qual o avaliador refere que, à época, "nenhum guia" de "composição" estava à disposição de alunos e professores (p. VII, 1937). O fato é reforçado pelos próprios autores, que qualificam a referida lacuna, no "Preâmbulo" da publicação, como francamente "incrível" (p. XI, 1937). Num arco histórico mais amplo, a situação remete a um relativo desprestígio, como lembra Clécio Bunzen, do ensino da escrita no período compreendido entre "o final do século XVII até meados do século XX" (apud Silva, 2016, p. 120). Ainda hoje e no caso da escrita literária, a situação não parece muito diferente: "ensinar a escrever literatura" constitui responsabilidade "secundária" frente "à leitura literária, essa sim considerada matéria escolar por excelência" (Rezende, 2018, p. 93). Frente a este cenário, Rildo Cosson afirma que a escrita literária, "hoje uma atividade marginal, (...) não se ajusta bem à lógica utilitarista da produção de texto que atualmente domina a escrita na escola" (2026, p. 21-22). Articulando passado e presente, "entre a tradição e as novas subjetividades", esta comunicação pretende a) descrever como a escrita literária era concebida, pedagogicamente, naquela publicação algo inaugural de Bilac e Bonfim e b) discutir em que medida as práticas e concepções ali referidas ajudam a (re)pensar a escrita literária, na escola, hoje em dia.

POMBA ENAMORADA OU UMA HISTÓRIA DE COMPARTILHAR LEITURAS

Marcos Vinicius Scheffel

Resumo: Um conto com várias vozes, escrito em um único parágrafo, acompanhado a trajetória de uma jovem apaixonada que ao longo de décadas apela para todas superstições possíveis para estar ao lado do homem amado. Pomba enamorada ou uma história de amor é um dos trezes contos do livro Seminário do Ratos (1977), de Lygia Fagundes Telles. Trata-se de um conto que costuma figurar em antologias direcionadas ao leitor escolar – muito provavelmente pelo tema amoroso do interesse dos leitores nesta faixa etária. Mas como abordar o conto além do tema de uma perseguição amorosa (stalking) e focar nas aprendizagens literárias? Como adverte Cecilia Bajour sobre os textos literários: "Antes de tudo, porém, eles são construções artísticas, objetos que dizem, mostram, calam e sugerem de um modo e não de outro." (BAJOUR 2012, p.26) A presente comunicação relata a leitura compartilhada deste conto em uma turma de graduação em Letras Português Literaturas, no curso de Didática de Português e Literatura, em que procurei refletir sobre algumas teorias de Teresa Colomer na obra "Andar entre livros – a leitura

literária na escola" (2007). Segundo Colomer, na leitura compartilhada os estudantes podem beneficiar-se das leituras dos outros, buscar por significados coletivos, comparar a recepção individual com a valorização social das obras e entender a literatura como um jogo. O presente trabalho retoma os procedimentos de aula, registrados em diários de aula, para discutir aspectos como a seleção (de obras difíceis), a roteirização (aberta) e o foco nas leituras a serem construídas pela comunidade de leitores.

O CLUBE DA LEITURA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO LITERÁRIA: DA LEITURA COMPARTILHADA À PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO

Mônica do Socorro de Jesus Chucre

Resumo: A leitura literária constitui um importante instrumento de formação humana, pois as possibilidades promovidas pela literatura, quando bem mediada, ultrapassam o prazer de ler e favorecem, a ampliação de repertório cultural, o desenvolvimento crítico e reflexivo e a promoção do exercício da cidadania pelos alunos. Desse modo, trazemos a questão norteadora: como um Clube da Leitura pode promover um espaço de letramento literário e produção escrita no Ensino Médio Técnico? Temos aqui um relato de experiência de atividade realizada com uma turma de 40 alunos do primeiro ano do ensino médio técnico do curso de Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP, na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. Ancorado no referencial teórico de Petit (2019) sobre os méritos do imaginário proporcionado pela literatura, da promoção do espaço-tempo de leitura na sala de aula (Rezende, 2013) e a educação literária em Leahy-Dios (2004), esse trabalho está diluído ao longo do ano letivo de 2026 e objetiva promover uma experiência de educação literária que permita aos alunos a autonomia das escolhas das obras a serem lidas, da partilha e da produção escrita. As etapas estão organizadas em: 1) escolha dos livros (fevereiro); 2) Partilha dos livros (junho); 3) produção: cartas aos personagens, e-book coletivo e podcasts literários (agosto / setembro); 4) criação de cards digitais para o Instagram da turma (agosto) e 5) Seleção das leituras para o segundo semestre (agosto); 6) Partilha 2 – Literatura da Amazônia afrodescendente e indígena (outubro); 7) das produções pós-leituras (novembro). Os resultados parciais observados pelos registros em forma de diário de leitura da professora regente apontam para adolescentes interessados e curiosos em dialogar sobre suas produções de sentido, trazendo para eles o contato com diferentes vozes, experiências e perspectivas de vida por meio da leitura literária.

LEITURA NA VARANDA: EDUCAÇÃO LITERÁRIA E REINVENÇÃO CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO

Rodrigo Vieira Ávila de Agrela

Resumo: Este trabalho apresenta uma reflexão narrativa sobre a disciplina eletiva "Leitura na Varanda", desenvolvida em uma escola pública da rede estadual do Espírito Santo entre os anos de 2023 e 2025. O estudo parte da compreensão de que os currículos escolares são permanentemente atravessados por tensões entre as prescrições das macropolíticas educacionais e as invenções produzidas nos cotidianos escolares. Nesse contexto, a eletiva é analisada como um espaço de experimentação pedagógica voltado à formação de leitores, à ampliação das sociabilidades e à construção de experiências significativas com a literatura; ou, em outras palavras, a disciplina é orientada por uma educação literária comprometida com a democratização e a diversidade. Metodologicamente, a pesquisa fundamenta-se na perspectiva da pesquisa narrativa, inspirada em Clandinin e Connelly, articulada às discussões sobre cotidiano escolar e educação literária. A experiência relatada evidencia como a disciplina foi se consolidando como um espaçotempo de encontros entre estudantes, professores e livros, promovendo rodas de leitura, debates, exibição de filmes, escrita criativa, saídas pedagógicas, diálogos interdisciplinares e aproximações com diferentes manifestações culturais. A oferta de espaçostempos para experiências de leitura possibilitou, por exemplo, a construção de um repertório artístico-literário, a valorização da escuta e da oralidade e o fortalecimento de vínculos afetivos com a leitura. A literatura, quando vivenciada para além das exigências avaliativas e burocráticas da escola, favorece processos de humanização, imaginação, pertencimento e produção de sentidos.

DA RESPONSIVIDADE DE SABER A UTILIDADE DO ENSINO DE LITERATURA

Thomas Alves Häckel

Resumo: A partir de questionamentos próprios, relacionados à relação entre eficácia, mensuração e importância do ensino de literatura, discuto a leitura literária a partir de uma pergunta, que me assombra (Macedo; Silva, 2021): para que serve a leitura literária na escola? Parto do pressuposto de que, em um contexto curricular marcado pela busca por evidências de aprendizagem e pela avaliação constante, a literatura ou tende a ser reduzida a instrumento para finalidades externas, perdendo força como experiência estética, ética e subjetiva, ou é afastada do cotidiano escolar. Por isso, construir um debate sobre o servir/a utilidade do ensino de literatura tem por objetivo defender a noção de inutilidade indispensável da leitura literária, compreendida como prática que não se submete integralmente à lógica da

utilidade, mas sustenta processos de simbolização, de demora, de escuta e de abertura ao outro. Para tal, mobilizo contribuições da leitura subjetiva (Rouxel, 2012a, 2012b, 2013a, 2013b), da antropologia da leitura literária (Petit, 2009, 2013) e dos estudos educacionais (Biesta, 2012, 2013). Para conduzir esse trabalho, o texto assume forma ensaística e autobiográfica (Miller, 2021; Santos, 2023), articulando conceitos teóricos a textos literários e a experiências de sala de aula como reflexão sobre o próprio fazer da educação literária e sua contribuição para o campo do servir/da utilidade na educação. Argumento que o ofício docente em literatura consiste em criar dispositivos de leitura que preservem tempos e espaços não inteiramente didatizados, nos quais os estudantes possam ler, dizer de si, confrontar e dialogar com interpretações e com conhecimentos literários a partir da responsividade com e no mundo (Bakhtin, 2010, 2015). Meu desejo, dessa maneira, é contribuir para uma educação literária voltada ao saber da literatura como democratização de seu ensino, de sua formação crítica e do reconhecimento da teia de vozes presentes na escola.

CONTOS LATINOS E UMA IDENTIDADE POSSÍVEL

Victor Figueiredo Souza Vasconcellos

Resumo: O presente trabalho buscará apresentar os resultados da mediação de um clube do livro chamado Contos Latinos no Colégio Pedro II, campi Tijuca II, de Educação Básica. A investigação sobre uma possível identidade latinoamericana que esteja explícita na Literatura Latina contemporânea e que fique evidente também no Brasil motivou a constituição do projeto. O método construído para a escolha das obras lidas se deu, a partir dos pressupostos apresentados por Colomer (2009), pela identificação teórica da relevância estética dos contos latinoamericanos contemporâneos escritos por mulheres e suas variadas temáticas em diálogo com a história comum dos países retratados, além de seu alcance possível para leitoras e leitores típicos da Educação Básica de uma escola de classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro. Para a constituição dos diálogos nos encontros, os pressupostos de Bajour (2012) foram adotados para que os debates ocorressem com a formulação (quase) livre de hipóteses de leituras, posterior mediação e busca de pontos comuns em sínteses possíveis. No decorrer dos encontros, a hipótese de uma identidade comum latinoamericana tem se confirmado a partir dos temas da violência contra minorias, do histórico de autoritarismo e das possíveis saídas estéticas de representação e resistência. Essa identidade também inclui o Brasil, apesar de, muitas vezes, isso não se mostrar consciente e explícito nos discursos apresentados pelos estudantes de Educação Básica presentes nos encontros.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: TEMAS, FORMAS E OBSESSÕES DO ROMANCE PORTUGUÊS

Coordenação: Pedro Fernandes de Oliveira Neto, Jonas Jefferson de Souza Leite e Maria Aparecida da Costa

Resumo: Desde a progressiva renovação da prosa romanesca em Portugal, seja na tentativa de dinamização dos protocolos criativos oitocentistas ou mesmo na sua negação e afastamento, desenvolveu-se uma variabilidade de formas, expressões, estéticas, temas e obsessões. Entre as águas da ficção de viés ou teor mais social advindas do que foram as produções do chamado Neorrealismo (e mais distante, do Realismo) e as da ficção mais preocupadas com o trato estético, eivadas dos resquícios das vanguardas, o romance nesse cenário contemporâneo, por assim dizer, se assume em feições plurais e ingressado no que poderíamos designar como uma literatura de corte universal ou cosmopolita, para citar um termo de Barrento (2016). Isto é, em parte, o romance se distancia dos localismos e se interessa pelas transformações e variações comuns a toda comunidade humana e isso tem sido observado ora como uma força marcadamente típica do post-modernismo (cf. Arnaut, 2002), ora como fluxo comum dado a uma época de dinamizações e integrações, afinal toda literatura é sempre um "modelo orgânico, vivo" (cf. Real, 2012). Nesse caso específico, as circunstâncias históricas que parecem influenciar os escritores advêm, dentre outras, do reconhecimento de Portugal numa dinâmica político-geográfica da Europa e das contínuas trocas culturais favorecidas em momentos pouco depois do fim das obstruções impostas ao largo de mais de quatro décadas pela ditadura do Estado Novo e a possibilidade de integração do país para as correntezas das globalizações, que, positiva ou negativamente têm assumido o protagonismo de novos valores contrários aos estilemas da opressão. Independente de qual perspectiva teórica nasça uma compreensão sobre as modificações no âmbito do romanesco, o fato é que se cobra dos investigadores maneiras de pensarmos sobre e com intuito de construir detalhadamente suas implicâncias seja para com o cânone, a forma, seja para com as questões sociais, culturais e políticas, estéticas porque, no fim de tudo, o que todas as mudanças favorecem, numa dialética, são também novas formas de ser e estar no mundo (cf. Seixo, 1984). O produto das transformações por que passa o romance, sabemos, se faz de motivações de ordem diversa e a principal delas responde pela presença de como os sujeitos se relacionam com as novas posições assumidas nos contextos pelos quais transitam; ao mesmo tempo, a literatura tece uma participação na variabilidade das forças reinauguradas no mundo fora do tecido textual. O que marca este período, então, no romance português, é o desenvolvimento de novas práticas e experiências com a narrativa e a ficção, a proliferação das inquietações tornadas em matérias temáticas dos novos escritores — ora afastando-se do conteúdo histórico-social e de uma reflexão sobre os modos de ser e estar português para se aproximar de preocupações a um só tempo interior e exterior ao indivíduo do seu país (nativo ou ingresso) ora reinventando os mananciais de criação, tais como a guerra colonial, os transes da

imigração, outros episódios da história dos povos (as conflitos, os regimes despóticos, as violências explícitas ou encobertas), as crises do sujeito, a diversidade das relações humanas desencadeadas no extenso e complexo jogo social etc. No caso da ficção romanesca, do ponto vista estético-formal, cite-se a diversidade da composição, acentuada na valorização da escrita e suas implicações na tessitura textual (das quais as intersemioses, o ready-made, a autoficção e os procedimentos metaficcionais são apenas alguns exemplos), nas relações entre os modos escriturais e orais, no uso de novos recursos estilísticos, de criação, recriação e interpenetração das formas discursivas, na diversidade de registro e conformação da narrativa seja decorrentes das constantes infiltrações dos tons subjetivos (cf. Cerdeira, 2020), marcados pelo recurso de intromissão lírica, seja o desenvolvimento da reflexão sobre o cotidiano, a rotina íntima, no sentido de interior, dos sujeitos agora olhada como mundividências de interesse ao literato. Ainda, o que seduz a escrita é um tipo de interesse por formas ficcionais diversas — tais como uso recorrente das chamadas narrativas marginais (em desordem, cf. Barrento, 2016), os gêneros de primeira pessoa, os relatos, os diários, as crônicas etc. Os rumos, portanto, são muitos e vastos; "o romance português sofreu, no seu todo, uma profunda rutura" (Real, 2012, p. 22). No interesse de apontar, descrever, discutir, relacionar, construir diálogos com a pluralidade de eventos situados no âmbito da ficção romanesca, sua dinâmica geral, ora reafirmando essa tendência à dispersividade, ora estabelecendo uma busca por uma unidade dialética que possa compreender sujeitos e mundos na sua pluralidade, é que se constitui este simpósio — também em continuidade às discussões levantadas noutras ocasiões de encontros da ABRALIC. Vinculadas às discussões desenvolvidas no âmbito do Grupo Estudos Sobre o Romance, nosso intuito é, a partir da leitura de crítico interpretativa de corte comparatista de/ entre romances publicados em Portugal a partir dos anos pós-Revolução dos Cravos, abrir algumas coordenadas úteis crítica, teórica e metodologicamente para pensar as feições do romanesco em curso.

PARA ALÉM DE AGUSTINA BESSA-LUÍS: UMA NOVA BIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA

Jonas Jefferson de Souza Leite

Resumo: Após 1930, ano da morte de Florbela Espanca, dezenas de biógrafos escreveram biografias acerca da vida da poetisa. A maioria desses textos tem em comum o fato de apreender a escritora através de uma lente maniqueísta: uma parte a retratou como uma criatura excepcional, quase divinal, e outra como uma mulher devassa e doente. Desse conjunto de pieguices biográficas, destaca-se a obra "Florbela Espanca" (1979), de Agustina Bessa-Luís, na qual a célebre escritora portuguesa apresenta uma Florbela humana, no fulgor de suas contradições. No que pese a crítica especializada considerar o texto de Agustina

a melhor biografia feita até hoje da poetisa alentejana, do ponto de vista do estatuto biográfico, Agustina subverte-o, transformando a sua Florbela em uma personagem de ficção, em um texto que, a bem da verdade, é muito mais um romance do que uma biografia, conforme pontua Leite (2021). Dessa forma, a presente comunicação visa discutir o biografismo sui generis de Bessa-Luís e, noutra visada, apresentar uma nova proposta para a constituição de uma nova biografia de Florbela Espanca, respaldada pelas discussões acerca do fazer biográfico, conforme apontam Dosse (2009), Castro (2022), Mourais (2025) e Cavarero (2025), na tentativa de apresentar ao leitor uma Florbela mais condizente com a sua história vivacional.

"A PÁTRIA CHAMA OS SEUS FILHOS": A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO EM O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS E LEVANTADO DO CHÃO, DE JOSÉ SARAMAGO

Luzia Regina Alves Regis e Maria Aparecida da Costa

Resumo: Neste artigo, pretendemos discorrer sobre a influência salazarista na constituição da identidade masculina em duas obras do escritor José Saramago, com particular enfoque na figura de Ricardo Reis, protagonista de O ano da Morte de Ricardo Reis (1984), e nos homens da família Mau-Tempo, em particular João Mau-Tempo e António Mau-Tempo, de Levantado do Chão (1980). Assim, na perspectiva de compreender como as personagens analisadas encenam masculinidades complexas que, por meio de seus modos de agir, pensar e se relacionar, provocam rupturas em relação as ideologias heteronormativas idealizadas pelo regime de António Oliveira Salazar, partimos de um estudo interpretativo de base comparatista que objetiva analisar as condições históricas e políticas que, maior ou menor intensidade, influenciam os padrões de masculinidade hegemônica representados nas obras selecionadas, ambas ambientadas em um mesmo contexto. Assim, com vistas a conferir solidez teórica a este trabalho, ancoramos nossas análises nos estudos de gênero empreendidos, sobretudo, por Gerda Lerner (2019), Elisabeth Banditer (1993) e Pierre Bourdieu (2019). Além disso, contamos com as discussões teóricas de pesquisadores como Teresa Cristina Cerdeira (2018) e Ana Paula Arnaut (2008), que fornecem um escopo crítico para compreender os muitos diálogos que permeiam a representação da história na obra de José Saramago.

DAS AMANTES E DOS AMORES NO MANUAL DE PINTURA E CALIGRAFIA DE JOSÉ SARAMAGO

Maria Aparecida da Costa

Resumo: No romance Manual de Pintura e Caligrafia, publicado em 1977, José Saramago traz um escritor em construção, ou um homem em formação, conforme aponta Carlos Reis (1998). Embora o protagonista seja um homem maduro na idade, ele ainda segue em busca de se encontrar na profissão e na vida, assinalando o cariz autobiográfico do referido texto, uma vez que sabemos, Saramago publica o romance que o eleva a categoria de escritor renomado, depois dos seus cinquenta anos de idade. Assim, enquanto artista, a personagem procura encontrar sua verdadeira arte/profissão, pintor ou escritor; enquanto homem, avalia suas relações de amizade e de amor. Portanto, é uma personagem que mesmo não tendo pouca idade, anda às voltas com questões metafisicas sobre sua existência e seu valor enquanto sujeito social, lidando com dúvidas "básicas" como, qual profissão seguir, como agir diante do comportamento dos amigos, bem como deve se portar em sua relação com as mulheres. Nesta comunicação, portanto, vamos focar em como se desenvolve a relação do narrador com as mulheres, especificamente com a namorada Adelina, a amante Olga e o seu grande amor, M. Tendo em vista que ocorre uma importante mudança no discurso amoroso quando o protagonista se vê amando a mulher que considerada seu verdadeiro amor.

O AMOR E A SOLIDÃO EM "O FILHO DE MIL HOMENS"

Maria Aparecida da Costa

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar como figuram o amor e a solidão no romance O filho de mil homens (2016), do escritor Valter Hugo Mãe. Para isso, buscamos observar como se configura a relação amorosa entre as personagens Crisóstomo e Isaura a partir do sentimento amoroso e da solidão. Na narrativa, o protagonista se sente solitário quando percebe que com quarenta anos, ainda segue a vida sozinho. Além disso, ele nutre o sentimento de que tudo lhe faltava a metade. Por outro lado, a personagem Isaura também vivencia essa solidão, já que, devido aos fracassos amorosos, ela era desprezada pela família e pela sociedade, sendo destinada a vier à revelia da felicidade, sob os olhares do julgamento social. Para fundamentar nosso estudo, recorremos aos escritos teóricos de Platão (2003), que afirma que o amor acontece mediante a falta; Anthonny Giddens (2003), no que se refere ao modo como as relações amorosas foram modificadas com o tempo, e Aparecida da Costa (2025) para tratar sobre o amor no romance contemporâneo. Com isso, as figuras centrais do romance O filho de mil homens experenciam amores fracassados, mas conseguem romper com o estado solitário para vivenciarem a tentativa de um amor feliz e romper com a solidão.

UMA SÍNTESE DA PRIMEIRA CONTÍSTICA DE JOSÉ SARAMAGO

Pedro Fernandes de Oliveira Neto

Resumo: Embora as publicações tenham sido esparsas, firmando-se com frequência apenas a partir dos anos 1970, a literatura de José Saramago organizou-se de forma irregular, mas constante, desde três décadas antes. A partir da exposição organizada por Fernando Gómez Aguilera em Lanzarote, em 2007, e da qual resultou um robusto catálogo editado pela Fundación César Manrique três anos depois, conhecemos um inventário mais completo dessa época e nele se destaca uma significativa produção de contos; alguns desses textos jamais passou do manuscrito, do datiloscrito ou, apesar de publicados, permaneceram restritos às páginas dos arquivos de imprensa da época. Nosso intuito é oferecer uma síntese acerca dos dezessete contos até agora mapeados no arquivo da Biblioteca Nacional de Portugal, não sem deixar de considerar alguns textos fora dos registrados por Aguilera (2010) ou por outros autores, como Real e Oliveira (2022), assentes no espólio do escritor e o conto "O Sr. Cristo", que já estudamos de maneira mais detida em outra ocasião. A proposta é discutir a constituição e organização desse novo corpus no âmbito dos estudos saramaguianos com vistas para a narrativa (e seus aspectos) e os temas constituintes. Até o presente, o já designado período formativo (cf. Costa, 2020), é um dos mais profícuos para o projeto criativo de José Saramago.

ST: TRADUÇÃO DE LITERATURA GERMANÓFONA PARA O PORTUGUÊS E DE LITERATURA LUSÓFONA PARA O ALEMÃO EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: IMPLICAÇÕES ESTÉTICAS, ÉTICAS, TÉCNICAS, LEGAIS E EPISTEMOLÓGICAS

Coordenação: Ebal Sant'Anna Bolacio Filho e Tito Lívio Cruz Romão

Resumo: O avanço recente das tecnologias de Inteligência Artificial (IA) tem impactado significativamente o campo da tradução, inclusive o da tradução literária (TL). Vista como uma prática interpretativa enraizada em competências linguístico-culturais, estilísticas e estéticas, a TL enfrenta, hoje, novos desafios e possibilidades decorrentes da automação e da mediação algorítmica. Este simpósio temático propõe reunir tradutores, pesquisadores, críticos literários, editores etc., para discutir as implicações da IA na tradução de literatura germanófona para o português e lusófona para o alemão, enfatizando questões estéticas, éticas, epistemológicas, tecnológicas e legais. Nossa reflexão dialoga com marcos teóricos fundamentais dos estudos da tradução. A célebre formulação de Walter Benjamin (2012), segundo a qual a tradução não visa simplesmente à comunicação, mas à revelação de uma "língua pura" subjacente às línguas

históricas, oferece um ponto de partida produtivo para questionar até onde sistemas de IA conseguem operar nesse nível de complexidade estético-filosófica. Antoine Berman (2007) também destaca a importância da alteridade e da "estrangeirização" como princípios éticos da TL, que tendem a ser neutralizados por modelos automatizados orientados à fluência e à padronização. A escolha do eixo germano-lusófono justifica-se pela tradição de intercâmbio literário entre essas línguas-culturas e pelas assimetrias histórico-culturais que marcam seus fluxos de tradução. Autores como Goethe, Kafka, Thomas Mann, Max Frisch ou Ingeborg Bachmann, e escritores germanófonos contemporâneos têm sido traduzidos para o português em contextos diversos; similarmente, a recepção de autores lusófonos no espaço germanófono apresenta especificidades dignas de análise. O simpósio estrutura-se em três eixos principais. O primeiro aborda as implicações estéticas da TL assistida por IA. Em que medida sistemas automatizados conseguem lidar com estilo, ritmo, ambiguidade semântica e intertextualidade? De que forma ferramentas de IA reconhecem e reproduzem rima, métrica e cadência, respeitando recursos próprios de uma escola literária? Que influência a IA tem sobre escolhas lexicais, idiomáticas, estilísticas e gramaticais em textos de prosa marcadamente autorais? Como a "voz" do tradutor é afetada quando algoritmos passam a intermediar/produzir versões preliminares de textos literários? A crítica de Lawrence Venuti (2008) à "invisibilidade do tradutor" mostra-se particularmente relevante: a automatização pode intensificar a domesticação textual e obscurecer ainda mais a mediação tradutória, como ressaltam Costa e Silva (2026). Nesse cenário, a introdução de ferramentas de IA — como discutido por Kenny e Winters (2020) — levanta questões sobre a transformação das práticas tradutórias e dos próprios critérios de avaliação da TL. Esse eixo convida a reflexões sobre a possibilidade/impossibilidade de uma TL plenamente automatizada e sobre o papel da criatividade humana dialogando com a máquina. O segundo eixo enfoca as dimensões éticas e políticas da utilização de IA na TL. Autoria, propriedade intelectual e reconhecimento do trabalho tradutório são particularmente relevantes num contexto em que textos podem ser gerados/adaptados por sistemas automatizados. A dependência de grandes corpora de dados, frequentemente desbalanceados em termos linguístico-culturais, pode reproduzir ou intensificar assimetrias já existentes no campo da TL alemão-português. Os modelos de contratos atualmente propostos pelas editoras para TL também são pontos de discussão. As reflexões de Michael Cronin (2013) sobre a tradução na era digital já destacavam como as tecnologias podem tanto ampliar quanto restringir a diversidade linguística. O terceiro eixo propõe uma reflexão de natureza epistemológica: de que maneira a IA redefine/recria o próprio conceito de tradução? A emergência de modelos capazes de produzir textos "verossímeis" desafia concepções tradicionais baseadas em equivalência, fidelidade ou interpretação. Nesse contexto, a tradução pode ser pensada menos como transferência de sentido e mais como produção de efeitos discursivos, aproximando-se de perspectivas como a de Anthony Pym (2013), que propõe abordagens mais pragmáticas e interculturais do fenômeno tradutório. Como sugere Minako O'Hagan

(2020), é necessário reconsiderar os próprios limites dos estudos da tradução diante das transformações tecnológicas atuais. Metodologicamente, o simpósio incentiva abordagens interdisciplinares que articulem teoria da tradução, estudos literários, linguística, filosofia da tecnologia e humanidades digitais. Serão particularmente bem-vindas comunicações que incluam análises comparativas de traduções humanas e automatizadas, estudos de caso envolvendo obras específicas, reflexões sobre práticas editoriais e relatos de experiências pedagógicas com o uso de IA na tradução. Mediante o diálogo entre diferentes perspectivas, pretende-se contribuir para uma compreensão mais ampla e crítica das transformações em curso na TL, no estilo do discutido por Walter (2025). Longe de adotar uma postura tecnofóbica ou tecnofílica, busca-se problematizar as condições sob as quais a IA pode ser integrada de maneira ética e produtiva às práticas tradutórias e à formação de tradutores, preservando a complexidade estética e cultural característica da literatura.

REGULARIDADES E LIMITES DE FORMALIZAÇÃO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM NA TRADUÇÃO DE DER ZAUBERBERG: UM CONTRASTE ENTRE A AGÊNCIA HUMANA E A ALGORÍTMICA

Ana Carolina Cardoso Cezimbra

Resumo: A tradução literária mobiliza competências estéticas e interpretativas que os sistemas de IA, orientados à fluência e à padronização, tendem a neutralizar. Investiga-se esse descompasso a partir das figuras de linguagem – a metáfora, mas também a metonímia, a personificação e o símile –, não como ornamento, mas como estrutura conceitual (Lakoff; Johnson, 1981) que organiza a arquitetura narrativa e o debate filosófico de Der Zauberberg, de Thomas Mann. O objetivo é descrever as transformações figurativas na tradução de Herbert Caro (A Montanha Mágica, 2016) e contrastá-las com as produzidas por grandes modelos de linguagem (LLMs) sobre os mesmos segmentos. Constitui-se um corpus paralelo de cerca de 500 ocorrências figurativas, organizadas em pares acoplados (coupled pairs) sob postura retrospectiva e descritivista (Toury, 2012). A anotação segue um procedimento human-in-the-loop: múltiplos LLMs, orientados por prompting, atuam como primeira instância de triagem e a pesquisadora valida cada ocorrência (protocolo MIPVU), com triangulação entre modelos. A análise descreve como a imagem literária é retida, tem seu domínio conceitual substituído ou se dissolve em formulação literal – isto é, reduzida ao sentido denotativo, sem o cruzamento de domínios que a constituía como figura. A IA ocupa dois lugares distintos: instrumento de anotação, sob controle crítico humano, e objeto de contraste como agente tradutório. O confronto entre a solução de Caro – historicamente situada e autoral – e a

saída probabilística dos modelos permite examinar o que se perde ou se aplaina quando a decisão literária é delegada ao cálculo estatístico. Ao articular Estudos Descritivos da Tradução, Linguística Cognitiva e Humanidades Digitais, o estudo busca evidenciar as regularidades que distinguem a sensibilidade da decisão humana da padronização algorítmica, iluminando o debate sobre autoria, invisibilidade e domesticação do tradutor (Venuti, 2008) e sobre os limites epistemológicos da tradução diante da mediação algorítmica.

LIMITES DA TRADUÇÃO POR IA? O CASO DAS PARTÍCULAS MODAIS DO ALEMÃO EM TEXTOS LITERÁRIOS.

Ebal Sant'Anna Bolacio Filho

Resumo: As partículas modais (PM) da língua alemã - um fenômeno especialmente, mas não somente, da linguagem oral - são uma grande dificuldade não apenas para aprendizes desse idioma, mas também para tradutores e tradutoras do idioma alemão Fischer (2007), Nunes (2008), Aquino (2017) e Laurer (2020) . Ainda que não se possa dizer hoje em dia que esse seja um tema que carece de pesquisas - tanto no campo do ensino de línguas, quanto na área da tradução - o tema ainda é fonte de muita discussão. Enquanto os trabalhos que tratam da tradução das PM no par de línguas alemão-português se concentra em como traduzir as PM DO alemão para o português, propomos, a partir de uma discussão levantada já há algum tempo por O'Sullivan e Rösler (1989), analisarmos o que acontece com o uso de PM em traduções do português PARA o alemão. A proposta é analisar a tradução das crônicas de João Ubaldo Ribeiro escritas entre 1990 e 1991 durante sua estada em Berlim, as quais foram traduzidas na mesma época pela tradutora Ray-Güde Mertin e publicadas primeiramente em alemão no jornal Frankfurter Rundschau e posteriormente em livro. Essa tradução foi feita muito antes de todas as recentes evoluções da tradução automática e apresentam PM onde no texto de partida frequentemente não há uma "correspondência" clara para elas no texto de partida. Nosso objetivo foi analisar os mesmos textos traduzidos por IA (ChatGPT e DeepL) e compará-los com a tradução de Mertin, a fim de verificar a presença ou não de partículas modais no texto de chegada. Os resultados são bastante interessantes e apontam para um avanço significativo na tradução automática mesmo no caso de tradução de termos considerados mais fluidos, mesmo em textos literários.

TRÊS POEMAS DE CHRISTIAN MORGENSTERN TRADUZIDOS POR FERRAMENTA DE IA: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE SERVIÇOS AUTOMÁTICOS PARA A TRADUÇÃO POÉTICA

Tito Lívio Cruz Romão

Resumo: Nos últimos anos muito se tem especulado sobre os limites e as possibilidades das ferramentas de tradução em plena era da Inteligência Artificial (IA). Já se tem notícia do amplo potencial semântico-lexical e sintático-gramatical de que algumas ferramentas já dispõem para a tradução de textos técnicos, especializados ou mesmo de prosa literária simples. Porém, ainda pairam muitas dúvidas sobre a performance dessas ferramentas no campo da tradução literária mais complexa, notadamente no tocante a textos poeticamente exigentes, por exemplo, com métrica, rima, ritmo marcado, assonâncias, aliterações, metáforas, dentre outros elementos formais, estéticos e estilísticos. Nesta comunicação, apresentaremos o resultado de uma experiência de tradução feita através do DeepL, um serviço de tradução impulsionado por IA, atualmente considerado uma das mais eficazes ferramentas de tradução automática. Em dois momentos diferentes, num intervalo de seis meses, foram apresentados ao DeepL, para tradução, três textos (Das ästhetische Wiesel, Der Papagei e Der Werwolf) do escritor, poeta e tradutor alemão Christian Morgenstern (1871-1914). O objetivo da tradução mediante o DeepL foi verificar que destaques positivos e/ou negativos se poderiam depreender dos resultados obtidos nos dois momentos de uso do serviço automático de tradução. A ideia de fazer o trabalho em duas etapas distintas visou a verificar que modificações possivelmente surgiriam nos resultados fornecidos pela máquina num espaço de seis meses, pressupondo-se que os bancos de informações do DeepL atualizam-se constantemente. Além disso, também se fez a submissão das traduções, a cada vez, tanto na ferramenta disponibilizada gratuitamente quanto em sua versão paga, para averiguar possíveis diferenças entre ambas. Como resultado, apresentaremos uma discussão sobre acertos e/ou falhas das traduções nos campos gramatical, sintático, semântico, lexical, idiomático, estético, estilístico, formal etc. No final, também serão feitos cotejos com possíveis traduções já existentes dos três poemas de Morgenstern.

ST: TRADUÇÃO DE POESIA: TRANS-FORMAÇÕES

Coordenação: Marlova Gonsales Aseff e Vitor Alevato do Amaral

Resumo: Nos anos 1960, o poeta-tradutor Haroldo de Campos justificou sua proposta de recriação para a tradução de poesia como uma resposta à ideia predominante na época de que a poesia seria intraduzível. Ora, se era intraduzível, disse ele, ainda assim poderia ser recriada. O conceito de intraduzível advinha de uma concepção do campo da Linguística (e, devemos logo admitir, bastante estreita) do que deveria ser uma tradução de poesia. Nesse contexto em que a tradução poética ainda se pautava quase

exclusivamente numa noção platônica de ideal – ou seja de equivalência perfeita --, a possiblidade da recriação expandia a percepção do que poderia ser considerado tradução poética. Ao mesmo tempo, trazia mais liberdade para a tarefa, aproximando-a de uma arte e afastando-a de um fazer apenas técnico. Ao longo do tempo, o conceito foi se transformando: da recriação, o poeta chegou à transcriação e seguiu na direção de "uma progressiva reelaboração neológica", adotando termos como reimaginação, transtextualização, transparadisação (transluminação), transluciferação", entre outros (Campos, 2015, p. 78). Conforme Jones (2024, s/p), "como as características textuais da poesia geralmente dependem do som e das nuances da língua, ela é popularmente considerada um gênero de difícil tradução. Isso dá ensejo a um discurso crítico centrado na perda [...]". Basta nos lembrarmos da famigerada máxima do poeta estadunidense Robert Frost: "Poesia é o que se perde na tradução". Por isso, algo louvável na teoria haroldiana é a retirada do foco da perda e a valorização da transformação. Essa transformação, no entanto, para Campos, deverá levar em conta a iconicidade do signo e uma atenção à forma do original. Outro aspecto de transformação relativo à poesia, ao menos no Brasil, é a questão da ética da tradução. Antoine Berman definiu radicalmente a ética da tradução literária como a abertura ao Outro, ao estrangeiro. No entanto, no Brasil, novas formas de encarar essa tarefa foram formuladas nos últimos anos. São propostas como as reunidas em Traduções canibais (Faleiros, 2019), mais abertas a encampar projetos de tradução ou reescrita que passam pela transcriação, imitação e outras experiências, ou em Tradução-Exu (Capilé e Flores, 2022), que põe em cheque a divinização do original e os modelos colonizados de saber. Essas abordagens se caracterizariam por não exigir uma identidade estrita, ou baseada em noções de total equivalência, entre original e tradução. Na teoria de Henri Meschonnic (1999), a tradução se apresenta como uma escrita (écriture) que não diz, mas faz alguma coisa, assim como o original. Para ele, a tradução desprende-se do signo e passa ao discurso, no qual os seres humanos se firmam como sujeitos históricos na operação de um transnarcisismo. É no discurso, inclusive no discurso da tradução, que nos transformamos em sujeitos. Entrar em contato com outras tradições por meio da tradução pode ter um efeito libertador para o trabalho autoral criativo, conforme atesta o poeta-tradutor Nelson Ascher. Ele dizia que "[..] muitos poetas aprendem línguas e leem autores estrangeiros justamente para tentar sair da camisa-de-sete-varas em que nossos antecessores nos colocaram. Um poeta como Drummond fez tanta coisa – e tão bem – que, para quem quer escrever seus próprios poemas, isso se torna quase assustador, castrante mesmo. [...] Quando parece não haver mais saída, visitar outras épocas ou lugares é sempre refrescante (Ascher, s/d). O fato é que a tradução de poesia é um território de muitas experimentações e liberdade e que a relação do poeta-tradutor com o 'original" pode se dar de múltiplas formas, desde a busca por correspondências mais "fiéis" ao original (como nas teorizações de José Paulo Paes, Paulo Henriques Britto ou Mario Laranjeira), passando pelas formulações de Haroldo de Campos e outros,

centradas na recriação da forma, até chegarmos a concepções tradutórias que aceitam e incentivam o distanciamento em relação à fidelidade. Enfim, como notou o poeta espanhol Jordi Doce:

Si echamos la vista atrás, advertimos que escribir poemas ha sido durante mucho tiempo sinónimo de traducirlos. Hoy la historia de la poesía occidental es un palimpsesto de continuas reescrituras que han oscilado entre la traducción filológica y la versión libre, pero que en ningún caso han sabido resistirse a la tentación del hurto y el contrabando fronterizo (2008, p. 13). Tendo passado pelos anos da virada cultural da tradução (década de 90) e chegado ao que se discute como tempos de pós-tradução, que sentido tem o trans- (além de, para lá de; depois de) presente em translatio? Não faria amais sentido falarmos em muitas formas de trans-formações textuais operadas dentro do que se chama tradução? Neste simpósio queremos abordar as muitas maneiras pelas quais o ato tradutório pode transformar o poema original e, indo além, transformar o próprio sistema literário pela via da importação de temas, estilos e procedimentos poéticos, além da própria obra do(a) poeta-tradutor(a) que se lança à tarefa da tradução/ transcriação/ transformação.

EMILIO VILLA E A FILOSOFIA DA TRADUÇÃO

Andrea Lombardi

Resumo: Emilio Villa (1914-2003), poeta italiano de vanguarda, traduziu, entre outros, as tabuletas mesopotâmicas, fragmentos do Gênesis bíblico e a Odisseia integralmente (do grego para o italiano, 1964), acrescentando uma Nota del traduttore: um texto crítico, hermenêutico e poético, situado no "expressionismo plurilinguístico", que representa uma ruptura radical com a tradição idealista crociana, a qual privara a Odisseia de sua dimensão ritual e cultual originária. Sua hermenêutica animista e pré-helenística identifica os personagens homéricos como representantes de divindades pré-olímpicas, com traços de natureza animal — uma "hermenêutica animalista" inscrita na linhagem de estudiosos como Jane Harrison (1850-1928), que sublinhara a existência de raízes primitivas e pré-olímpicas da religião antiga. Villa converteu esta concepção em ato poético. Sua tradução da Odisseia é assim concebida como operação arqueológica sobre aspectos "fundamentalmente perdidos": um "desespero como método", no dizer dele, incorporando porém firmemente essa ideia à sua visão futurista. Em "Lingüística", poema de 1941, Villa antecipa sua visão: "Não há mais origens... Nem mais / a fé, ídolo de Amorgos! [...]" — referindo-se ao ídolo cicládico de Amorgos (arte cicládica, 2800-2300 a.C.). Uma visão da literatura e da arte que ecoa e se radicaliza após a viagem ao Brasil de 1951-1952, como se evidencia na carta-poema em "língua brasileira" "Mata-borrão para Flavio Motta": "[...] palpitantes gengivas, cenouras / africanas,

paleoafricanas, protoafricanas, coxas / rasgadas ou abertas, polpas de abóboras [...]", incorporando o substrato africano, ameríndio, neologístico e popular, e produzindo assim uma visão surrealista e expressionista com aproximação evidente à produção de Haroldo de Campos e dos poetas concretos. A tensão entre arqueologia das origens e projeção futurista — com o Brasil como laboratório de novidades "estonteantes" — revela o duplo impulso de Villa: um gesto que se dirige rumo ao irrecuperável para fundar, nessa procura e perda, uma linguagem radicalmente nova.

A TEORIA E PRÁXIS POÉTICO-TRADUTÓRIAS DA POETA-TRADUTORA ULJANA WOLF: UMA PREFERÊNCIA PELO BLENDLING

Daniel Martineschen

Resumo: Nesta comunicação abordo a teoria e práxis poético-tradutórias da poeta-tradutora alemã Uljana Wolf (Berlim, 1979). Com publicações de poesia própria e traduzida desde 2005, Uljana Wolf aborda a tradução (em especial de poesia) a partir da ótica da mistura: em vez de escolher entre domesticação e estrangeirização, ou lamentar a melancolia da impossibilidade, valoriza o contato, a riqueza dos "falsos cognatos" ("falsche Freunde" título de uma série de poemas), a fronteira, a mestiçagem dos textos. Esse último conceito é especialmente caro a ela: em 2019, quando deteve a cátedra de poética da tradução na Universidade Livre de Berlim, apresentou sua palestra inaugural, Bring your own blendling (Traga o seu próprio blendling), na qual trabalhou a famosa dualidade de Schleiermacher defendendo a tradução como texto "bastardo", aquele que emerge híbrido da mistura e do contato, mais do que da escolha entre dois extremos. Sua escrita é marcada pela forma impura do guessay, uma espécie de ensaio que subverte e potencializa a lógica do experimento por meio da especulação e da miscigenação (ex. Etymologischer Gossip, Wolf 2022). É nesse movimento que gostaríamos de apresentar e discutir as reflexões poético-tradutórias de Uljana Wolf, sempre no diapasão da poesia translinguística e da poesia como forma de tradução. Fonte principal serão os trabalhos reunidos no recente volume Poetry, Translation, Contestation (2026) sobre a poética translinguística de Wolf, incluindo a palestra sobre o blendling e a laudatio de Yoko Tawada para o prêmio de Poesia como Tradução de Erlangen de 2015. No Brasil, a obra de Wolf teve alguma recepção em tradução: a coletânea de poemas Nosso amor de trincheira, nosso trânsito de fronteira (2013), e Matriochkas (2025), este com poemas do livro muttertask (2023) e a palestra Bring dein Blendling.

INTRODUÇÃO À CANÇÃO DAS CABRAS: TRADUÇÃO COMENTADA DE TRÊS POEMAS DE YAGI NO UTA, DE NAKAHARA CHÛYA

Diovana da Silveira Baldez

Resumo: O presente trabalho busca apresentar propostas de traduções para o português de três poemas de autoria do poeta japonês Nakahara Chûya (1907-1937), constituintes da coletânea "Yagi no Uta" (1934). A partir das discussões e perspectivas sobre tradução de poesia apresentadas principalmente por autores como Britto (2002; 2006; 2012) e Laranjeira (2003; 2012), objetivou-se elaborar uma tradução para os poemas tendo em vista a possibilidade de recriar em português os elementos estéticos mais centrais às obras de partida, como as imagens evocadas e os aspectos sonoros que as compõem. A partir da literatura referenciada, compreende-se que a tradução de poemas, embora deva tentar incorporar todos os mecanismos poéticos integrantes à obra, dificilmente pode ser desempenhada de modo a reproduzir todos os efeitos que constituem a versão de partida; contudo, é possível ao tradutor delimitar quais componentes são mais elementares ao projeto estético que constitui o poema e buscar recriá-los na língua de chegada, produzindo assim uma tradução que se estabelece como um poema autossuficiente, mas que remete ao conjunto de características que compõem o texto de partida. Para a elaboração do trabalho, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica acerca da produção literária de Nakahara Chûya e suas respectivas propriedades poéticas, de modo a localizar análises e comentários acerca da obra, enriquecendo assim as possíveis leituras e relações estabelecidas entre os poemas selecionados. Por fim, destacam-se como dificuldades encontradas na tradução a manutenção do ritmo do poema em português, considerando as diferenças rítmicas entre as línguas japonesa e portuguesa, bem como a tradução de onomatopeias, que constituem papel central na sonoridade dos poemas.

LEITURA E TRADUÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DE TRANSBLANCO, DE HAROLDO DE CAMPOS E OCTAVIO PAZ

Fernanda Goya Setubal

Resumo: A presente comunicação pretende apresentar algumas reflexões sobre como a tradução se constitui como uma atividade intrinsecamente vinculada à leitura textual e aos efeitos produzidos por ela. Parte-se do pressuposto de que traduzir não significa apenas transpor palavras de uma língua para outra, mas também interpretar sentidos, reconstruir experiências e recriar efeitos estéticos e culturais. Nesse contexto, recorre-se inicialmente à estética da recepção, sobretudo às contribuições de Hans Robert Jauss

(1979) e Wolfgang Iser (1976), para discutir a participação ativa do leitor na construção do significado do texto literário. Na sequência, mobiliza-se a noção de performance elaborada por Paul Zumthor (2014), especialmente no que se refere à dimensão sensível e corporal da leitura, especialmente do texto poético. Para trazer um exemplo desta abordagem, será apresentada uma análise da comunicação entre Haroldo de Campos e Octavio Paz a respeito da tradução do poema "Blanco". O poema em sua versão hispânica, juntamente de sua tradução "Branco", realizada por Haroldo de Campos, e as correspondências entre o autor e o tradutor encontram-se no livro Transblanco (1986; 1994). A leitura destas cartas permite encontrar algumas justificativas tradutórias de Haroldo de Campos que dão indícios sobre o modo como o texto de partida foi lido por ele, a exemplo da ênfase dada à sonoridade e a rítmica do poema em espanhol, que o tradutor busca manter em português.

A TRADUÇÃO COMO NATUREZA

Gilles Jean Abes

Resumo: Proponho aqui, a partir de uma analogia entre a tradução e a natureza, uma reflexão sobre a tradução como transformação continuada, fundada na combinação, variação e mutação, elegendo a criatividade da natureza por modelo. Não se trata de debater ou de abordar a natureza pelo viés da ecotradução, conforme discutido por Marie-Hélène Torres (2023): quer seja a relação que estabelece com questões do meio ambiente; quer seja para descrever a tradução num sistema que compreende texto traduzido, contexto e agentes, a exemplo do conceito de ecotranslatologia; quer seja envolvendo questões éticas (impacto da tradução na natureza); quer seja a tradução interespécies. Procura-se, nesta proposta de comunicação, circunscrever o ato de traduzir e o objeto traduzido numa dinâmica movida pela metáfora da deglutição enquanto centro da poética da emulação (Faleiros, 2023). A cópia (o ato de imitar, de emular) atuaria como força motriz de uma transformação, como expandir revivescente da arte (pintura, poesia, ficção etc.). Com isso, não haveria mais espaço para uma suposta natureza restritiva da tradução, constrita a ser tão somente o mesmo que o original. O exemplo da natureza, sua capacidade em criar a vida a partir da reprodução variativa (Han, 2023), nos leva a repensar a tradução como dom de vida (Cardozo, 2017). Ao invés de ser uma representação da natureza, antes, em sua capacidade de metamorfose de outros textos e linguagens, fundaria novas vidas, comunicando, não uma similaridade essencial, mas diferenças. A tradução operaria como a natureza.

EROTO-TRANS-CRIAÇÃO: DOIS POEMAS DE CELIA DROPKIN

Luci Rivka Ramos Mendes

Resumo: Apresento neste trabalho propostas de tradução de dois textos da poeta iídiche Celia Dropkin que nasceu em Bobryusk, no Império Russo, mas viveu a maior parte de sua carreira literária nos Estados Unidos, estando em contato com os principais movimentos literários iídiche da época. Os poemas são intitulados zoyg oys (chupe) e un verter vunderlekh (e palavras maravilhosas). São, como grande parte da obra da autora, poemas eróticos que apontam para uma sexualidade desviante das normas de sua época e que, até hoje, podem ser lidos de forma dissidente. Na época de sua publicação causaram reações críticas intensas e nem sempre elogiosas. Eu os traduzo como eroto-transcriação, derivado de uma aplicação da ideia de erotohistoriografia, cunhado pela teórica norte-americana Elizabeth Freeman, e que consiste de uma abordagem interdisciplinar que utiliza o desejo erótico e o afeto queer como ferramentas para reinterpretar a história, a literatura e práticas culturais. Para executar uma tal tradução, penso no ato tradutório/transcriador como uma forma de performance, na qual o corpo é essencial para a recepção do texto, e as respostas prazerosas causadas pelo poema são centralizadas como sendo aquilo que se busca na tradução como aquilo que está para além do que é comunicável.

TRADUZINDO O CINQUAIN DE ADELAIDE CRAPSEY PARA O PORTUGUÊS: UM PERCURSO POÉTICO

Luiza Leite Ferreira

Resumo: Esta comunicação propõe-se a apresentar o percurso tradutório percorrido por esta pesquisadora na tradução do cinquain, forma poética concisa em língua inglesa cunhada pela norte-americana Adelaide Crapsey (1878-1914) no início do século XX, conforme apresentado na dissertação de mestrado "O vestígio imortal de Adelaide Crapsey: retradução como modo de leitura poética". Com apenas um volume de poemas publicados postumamente, Verse¸ Adelaide Crapsey, pouco conhecida e estudada no Brasil, é reconhecida nos Estados Unidos por sua contribuição para a poesia minimalista em língua inglesa com a criação do cinquain, forma que guarda semelhanças com o tanka japonês e se apoia na fórmula de cinco versos com 2, 4, 6, 8 e 2 sílabas, cada, sem rimas, para expressar impressões sobre a natureza, a passagem do tempo e a finitude da vida. A fim de combater algumas ideias preconcebidas sobre a insuficiência e a impossibilidade da tradução de poesia, apoiada nos princípios da retradução como modo de leitura poética expressados por Antoine Berman (2013; 2017), Henri Meschonnic (1999), entre outros, apresento uma proposta de retradução de cinco cinquains de Crapsey para o português, conciliando o esquema métrico inovador proposto pela autora para produzir cinquains

que espelhem os originais em inglês ao mesmo tempo em que reflitam um brilho próprio em português, tensionando as próprias definições de tradução, retradução e criação poética.

PARA ALÉM DA TRANSCRIAÇÃO: NOVAS PROPOSTAS ÉTICAS E ESTÉTICAS PARA A TRADUÇÃO DE POESIA NO BRASIL

Marlova Gonsales Aseff

Resumo: Antoine Berman (2002) definiu a ética da tradução literária como a abertura ao Outro, ao estrangeiro, e, segundo sua tese, isso se manifestaria numa tradução orientada ao texto-fonte. Benedetti (2022), por sua vez, questionou o que significa a tradução estrangeirizante em uma cultura como a brasileira, que já é bastante aberta e que traduz massivamente literatura do inglês, língua e cultura hipercentral em nossos dias. Portanto, pensar a ética da tradução é também questionar quem é esse "Outro" a quem nos abrimos via tradução e com quais objetivos. No Brasil, no caso específico da tradução de poesia, novas formas de encarar essa tarefa têm sido formuladas a partir de uma tradição que começou com Haroldo de Campos e sua metáfora antropofágica. Para ele, nossa literatura é ex-cêntrica, fora do centro, por isso propôs a devoração crítica do legado cultural universal. No entanto, em sua prática transcriadora, H. de Campos ainda mantém uma estreita correspondência com o original, privilegiando, desta vez, a tradução da forma, do som e a recriação de efeitos poéticos. Por outro lado, nos últimos anos, nomes como Álvaro Faleiros, Rodrigo Gonçalves, Guilherme Gontijo Flores e André Capilé têm trabalhado na elaboração de novas propostas teóricas de tradução de poesia, propostas essas que, assim como a de H. de Campos, partem de uma epistemologia brasileiras, pois partem de um pensamento ameríndio ou afro-americano. Trata-se das traduções canibais e da tradução-exu. Faleiros (2019) diz buscar uma teorização mais abrangente, aberta a encampar projetos de tradução ou reescrita que passam pela transcriação, imitação e outras experiências. Já a tradução-exu questiona a "divinização do original" e os "modelos colonizados de saber" (Flores, 2022). Nesta comunicação, proponho pensar essas novas teorizações, relacionando-as com a transcriação e refletindo sobre as implicações éticas e estéticas dessas propostas.

CLAUDE CAHUN: SURREALISMO E TRANSCRIAÇÃO

Nathália Dias Maciel

Resumo: Este trabalho propõe uma tradução da obra Aveux non avenus, de Claude Cahun. Publicado em 1930, o livro ocupou uma posição marginal no surrealismo. Trata-se de um objeto híbrido que articula

fragmentos poéticos, aforismos e fotomontagens, produzindo uma escrita marcada pela descontinuidade, pela instabilidade do sujeito e pela recusa da transparência da linguagem. O livro desestabiliza noções tradicionais de identidade, gênero e linguagem por meio de uma escrita fragmentária, marcada por ambiguidades, jogos sonoros e visuais. Ele traz o seguinte problema para a traduçãp: como traduzir um texto que opera por meio destes deslocamentos? Este trabalho propõe pensar a tradução como recriação de um dispositivo estético e subjetivo. Para isso, mobiliza-se o conceito de significância, de Mário Laranjeira, entendido como produção de sentido que excede a dimensão referencial e envolve a materialidade do significante, e a noção de transcriação, de Haroldo de Campos, que concebe a tradução poética como ato crítico e criador. Metodologicamente, realiza-se uma análise qualitativa de trechos da obra, com foco em escolhas tradutórias que evidenciam os desafios colocados pela polissemia, pelos jogos sonoros, pela fragmentação enunciativa e pelas ambiguidades na construção do sujeito. No plano tradutório, a tentativa de preservar esses efeitos implica deslocamentos inevitáveis, entendidos como condições de possibilidade de uma recriação. A tradução emerge, assim, como um espaço de invenção, no qual se busca reativar, na língua-alvo, a dinâmica de instabilidade que estrutura a obra. Ou seja, a tradução enquanto transcriação é também um prolongamento do surrealismo. Nesse sentido, traduzir Cahun consiste em sustentar sua opacidade e suas rupturas. Argumenta-se, por fim, que tal gesto possui também uma dimensão crítica e feminista: ao traduzir e analisar Cahun hoje, contribui-se para sua reinscrição no campo literário e para a revisão de uma historiografia que marginalizou determinadas formas de escrita e de subjetividade.

PROPOSTA PARA UM PROJETO DE TRADUÇÃO DE ROSÁRIO CASTELLANOS NO BRASIL

Marlova Gonsales Aseff e Paloma Caroline Varjão dos Santos

Resumo: As poetas mulheres ainda são muito pouco traduzidas no Brasil. Dados da publicação de poesia de autoria feminina entre 1920 a 2023, extraídos do Catálogo Poesia Traduzida no Brasil em dezembro de 2023, indicam que apenas 14% da poesia traduzida no Brasil é assinada por mulheres (o número refere-se a edições em volumes únicos, sem contar publicações em antologias mistas). Segundo Aseff (2023), "as hispano-americanas são ainda menos traduzidas do que as de língua inglesa". Entretanto, podia-se notar que no campo específico da poesia hispano-americana, começava a ser sentida uma nova onda de traduções dessas poetas. Nesse panorama, um nome que ainda não recebeu a devida atenção do campo editorial é a mexicana Rosario Castellanos (1925-1974), que até o momento só teve um romance

traduzido para o mercado brasileiro. Nascida em Chiapas, Castellanos tem-se destacado na literatura latino-americana do século XX por suas reflexões sobre linguagem, identidade e representação cultural. A autora, que era graduada em Filosofia pela Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), abordava questões relacionadas à mulher, às desigualdades étnicas e às relações de poder. Por meio de poemas como Malinche, Kinsey Report, Lamentación de Dido y Meditación en el umbral, bem como outros que pertencem à obra Poesía no eres tú: obra poética 1948-1971, Rosario Castellanos expôs sua preocupação com a representação de sujeitos historicamente excluídos, demonstrando o papel da linguagem na construção das identidades femininas e na reprodução de estruturas sociais. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo propor um projeto de tradução para alguns poemas de Castellanos, com a finalidade de serem publicados em revistas ou, quem sabe, em livro. Queremos trabalhar com a questão da aparente facilidade da tradução do espanhol que, por vezes, resulta em traduções de poesia excessivamente aderidas ao original, limitando a liberdade do tradutor para criar. Para isso, selecionamos poemas que apresentem algum grau de dificuldade que abra espaço à criação.

TRADUZINDO A POETICIDADE DE "GRANDE SERTÃO: VEREDAS" PARA O ALEMÃO: BERTHOLD ZILLY E A DIMENSÃO POÉTICO-EXPERIMENTAL DA TAREFA DO TRADUTOR

Susana Kampff Lages

Resumo: No célebre ensaio "A tarefa do tradutor", de Walter Benjamin, evocado na chamada para este simpósio, a frase "tradução é uma forma" é uma verdadeira declaração de princípio e um modo de alçar a atividade tradutória e seu produto, a tradução, a um patamar mais elevado no âmbito da criação intelectual humana, retirando-as do enredo de perdas e danos em que tradicionalmente são inseridas. O trabalho de tradução e, sobretudo, a concomitante reflexão sobre o processo e o produto de suas próprias traduções levou os poetas do movimento concretista brasileiro, como é sabido, a realizarem uma reflexão sobre a poesia e a literatura na qual o dispositivo tradutório é central. Berthold Zilly, tradutor de Machado de Assis e Euclides da Cunha para o alemão, decidiu, há cerca de quinze anos, entregar-se à aventura de transpor o romance de Guimarães Rosa para o alemão. Em 2026 deu o trabalho por encerrado e divulgou generosamente a versão acabada entre amigos e colegas para apreciação, enquanto finaliza os paratextos que acompanharão o volume a sair em 2027. Minha comunicação pretende ser um tributo à excepcional metamorfose operada por Zilly com sua laboriosa transposição da multiforme língua rosiana para o alemão. Para isso, pretendo partir da ideia do poético-lírico na obra de Rosa, relembrar a interlocução de

Zilly com Haroldo de Campos, remeter às próprias reflexões de Zilly sobre suas propostas e dificuldades, chegando, finalmente, a prestar-lhe o merecido tributo.

ESCRITOS SOBRE JADE: REIMAGINAR É TRADUZIR

Ticiane Flavia Martins da Cruz

Resumo: No prefácio de "Escritos sobre Jade" (2009), Haroldo de Campos comenta o processo de traduzir uma língua ideogramática para uma língua alfabética, em que o poeta concretista assume a reconfiguração do espaço gráfico do poema como modo tradutório para ressaltar a visualidade da língua chinesa em português. Ao refletir sobre sua prática, Haroldo reconhece a influência de Ezra Pound para a construção de seu pensamento ideogramático sobre o ato tradutório. Para este trabalho, pretendo analisar os poemas chineses Ode 20, Ode 42, Ode 72 e Ode 93, publicados em "Escritos sobre Jade" (2009), considerando as reflexões de Haroldo em "A quadratura do círculo" (2010) sobre a inspiração no processo tradutório de Pound para verter esses poemas para o inglês, compreendendo, a partir de comparação entre as diferentes soluções encontradas pelos poetas-tradutores, como Haroldo estruturou seu pensamento sobre um modo ideogramático de traduzir chamado por ele de "reimaginação". Para tanto, serão analisadas ainda as reflexões de Ernest Fenollosa em seu ensaio "Os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a poesia" (2000) e textos ensaísticos de Ezra Pound que discutem a crítica e o "make it new" como possibilidades tradutórias — perspectivas que reverberaram no pensamento sobre tradução de Haroldo. Por fim, o trabalho se propõe a refletir sobre o pensamento ideogramático da prática de "reimaginação" e a incorporação do espaço gráfico como procedimento poético no ato tradutório.

JOYCE E BECKETT: TRADUÇÃO COMO CRIAÇÃO

Vitor Alevato do Amaral

Resumo: As vidas dos dublinenses James Joyce (1882-1941) e Samuel Beckett (1906-1989) se encontraram de muitas formas, inclusive na tradução. Ambos foram tradutores de textos de outros escritores e de seus próprios, nesse caso, Beckett em especial. Esta comunicação visa a discutir o resultado de algumas traduções realizadas pelos dois escritores. Joyce envolveu-se diretamente nas traduções de "Anna Livia Plurabelle", o capítulo 8 de Finnegans Wake (1939), para o francês e para o italiano. Sua participação não foi de mero fiscal do processo, mas de tradutor e interlocutor com os demais participantes. Já Beckett traduziu "Le bateau ivre" ("Drunken Boat"), de Arthur Rimbaud, poemas de Paul

Éluard e André Breton (todas de 1932) e aforismos de Nicolas Chamfort. Queremos demonstrar que os dois tradutores não se acanharam diante da possibilidade de transformar os textos traduzidos, permitindo que a tradução se tornasse uma verdadeira forma de criação por meio da escrita poética. As traduções realizadas por Joyce e Beckett desafiam as metodologias de tradução e a noção segundo a qual traduzir é uma busca pelo apagamento da subjetividade do tradutor. Acreditamos que a leitura da escrita tradutória desses dois dublinenses, incontornáveis da literatura do século XX, tem muito a contribuir para a necessária ruptura com os preconceitos que amordaçam a tradução.

ST: TRADUÇÃO, MÚSICA E LITERATURA: MEDIAÇÕES INTERSEMIÓTICAS E CIRCULAÇÃO CULTURAL

Coordenação: Sheila Maria dos Santos e Cassiano Teixeira de Freitas Fagundes

Resumo: Este simpósio convida pesquisadoras e pesquisadores a submeterem trabalhos que investiguem as relações entre tradução, música e literatura a partir de perspectivas interdisciplinares, com ênfase nas mediações intersemióticas e nos processos de circulação cultural em escala transnacional. Partindo da concepção de literatura como sistema global (MORETTI, 2000), o simpósio busca reunir reflexões sobre os modos pelos quais textos, formas e gêneros circulam, se difundem e se transformam ao atravessarem fronteiras linguísticas, culturais e midiáticas. Nesse contexto, interessa-nos particularmente a canção como objeto híbrido, situado na interseção entre o verbal e o sonoro, e como espaço privilegiado de circulação literária e cultural. A noção de literatura mundial (DAMROSCH, 2003) e a perspectiva crítica sobre o espaço literário global (CASANOVA, 2004) fornecem ferramentas relevantes para entendermos essas dinâmicas, sobretudo no que se refere às assimetrias que regulam a visibilidade, a consagração e a tradução de obras em diferentes contextos. Tais discrepâncias de capital simbólico entre centro e periferia implicam hierarquias linguísticas, desigualdade de circulação e processos de invisibilização ou marginalização de determinadas produções culturais. As canções traduzidas podem, assim, ser entendidas como formas específicas de circulação literária, operando como objetos móveis que transitam entre culturas e que, ao serem reconfigurados, produzem novos sentidos e efeitos estéticos. Adicionalmente, a noção de polifonia, desenvolvida por Mikhail Bakhtin (2021), oferece um aporte teórico fundamental para compreender a canção traduzida como espaço de coexistência e tensão entre múltiplas vozes, discursos e sistemas de valor. Nesse sentido, a aproximação entre música e tradução, sugerida por Dennys Silva-Reis e Daniel Padilha Pacheco da Costa (2019), dá-se no paralelo entre contraponto musical e a polifonia literária, que os autores estendem à coexistência, no texto-alvo, das vozes do autor e do tradutor. É importante salientar que o contraponto musical é a técnica, enquanto a polifonia musical corresponde à textura sonora

resultante, composta por duas ou mais linhas melódicas independentes (LATHAM, 2002). A polifonia constitui, assim, um princípio epistemológico para compreender a convergência entre tradução, música e literatura, na medida em que essas práticas se configuram como formas intrinsecamente relacionais, dependentes da interação de múltiplas vozes e sistemas de significação. A canção traduzida é, então, compreendida como um espaço de polifonia expandida, no qual se articulam vozes do autor, do tradutor e do intérprete, evidenciando o caráter intertextual, intermedial e situado das manifestações artísticas. Por outro lado, a polifonia também envolve conflito de vozes e tensão ideológica, o que sugere que a canção traduzida pode ser compreendida como um espaço de disputas discursivas e reconfiguração de sentidos. Partimos, assim, do princípio de que a tradução musical, longe de se restringir à transposição linguística de letras, envolve processos complexos de adaptação cultural, reconfiguração semiótica e negociação estética. Trata-se, portanto, de uma prática que evidencia a interdependência entre diferentes sistemas de significação e desafia fronteiras disciplinares. Isso exige abordagens que articulem estudos da tradução, estudos literários e estudos culturais. O caráter prático da tradução de canções e os estudos sobre a aplicação de estratégias descritas por Peter Low (2017) e outros autores constituem também foco deste simpósio. Privilegiam-se, igualmente, investigações sobre adaptação musical. A partir da noção de "parentesco entre as artes" (SOURIAU, 1969), interessa-nos refletir sobre como a poesia é transposta em música, considerando as técnicas tradutórias envolvidas nesse processo. Como exemplo, pode-se mencionar as adaptações musicais dos poemas de Louise de Vilmorin realizadas por Francis Poulenc. Não obstante, o simpósio também propõe tensionar abordagens centradas exclusivamente na circulação e na transformação cultural, incorporando perspectivas críticas que compreendem a tradução como prática ideologicamente situada e atravessada por relações de poder. Nesse sentido, dialoga-se com autores como Lucile Desblache (2019), que analisa a tradução musical como prática de mediação cultural em contextos globais, e com abordagens críticas da tradução (VENUTI, 1995; SPIVAK, 1993), que evidenciam suas implicações ideológicas e políticas. São abordagens que investigam a tradução musical a partir do impacto da ideologia na circulação global, problematizando a ideia do tradutor como agente cultural e evidenciando seu papel ativo na reconfiguração de sentidos e na mediação entre contextos culturais distintos. Serão aceitos trabalhos que dialoguem com os seguintes eixos temáticos: (1) tradução intersemiótica e adaptação musical; (2) canção como forma de circulação literária; (3) tradução e versão de canções; (4) refração, reescrita e retradução; (5) mediações entre literatura, música e mídia; (6) estudos de caso em tradução e/ou adaptação de canções; (7) políticas da tradução e mercados culturais; (8) tradução audiovisual e música.

NEGRO AMOR: TRADUÇÃO E MATERIALIDADE SONORA NA MPB PÓS-TROPICALISTA

Cassiano Teixeira de Freitas Fagundes

Resumo: Este trabalho busca compreender a canção Negro Amor (1977), gravada por Gal Costa e escrita por Caetano Veloso e Péricles Cavalcanti, como um processo de reconfiguração material da canção It's All Over Now, Baby Blue (1965), de Bob Dylan. Muito além de ser meramente uma transposição verbal dessa gravação para a língua portuguesa, a investigação entende essa obra fonográfica brasileira como uma tradução concebida como rede material de criação sonora. Dessa forma, a presente investigação focaliza como elementos como arranjo, performance vocal, instrumentação, espacialidade sonora e produção fonográfica operam como movimentos tradutórios intersemióticos historicamente situados. Ela dialoga com a pesquisa de Demirse Ruffato (2012) acerca das versões brasileiras de Dylan, bem como com investigações sobre crítica genética, redes de criação e processos intersemióticos em fonogramas musicais (FAGUNDES, 2014; FAGUNDES; ROMANELLI, 2017). Propõe-se expandir a noção de tradução musical para além da letra, compreendendo a canção gravada como objeto híbrido e materialmente produzido, atravessado por mediações tecnológicas, estéticas e ideológicas. A comunicação articula a crítica genética de Cecília Almeida Salles (1998; 2006) à noção de relações intersemióticas entre sistemas sígnicos proposta por Nicholas Cook (1998), aproximando-as do materialismo cultural de Raymond Williams (1977) e da Análise do Discurso Crítica de Norman Fairclough (1992). Busca-se demonstrar que a tradução de Dylan na MPB também ocorre na materialidade sonora da gravação, por meio de escolhas de timbre, ambiência, interpretação e gênero musical que posicionam historicamente a canção no contexto da modernização cultural brasileira dos anos 1970, no contexto de um país periférico do capitalismo mundial. Por fim, o argumento é que Negro Amor também traduz estruturas estéticas e formas historicamente situadas de sensibilidade associadas ao pós-tropicalismo, à contracultura e à inserção periférica da música popular brasileira nos circuitos globais da indústria cultural.

A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA COMO REESCRITA CRIATIVA: A ADAPTAÇÃO MUSICAL DOS POEMAS DE LOUISE DE VILMORIN POR FRANCIS POULENC

Catarina Junges e Sheila Maria dos Santos

Resumo: O trabalho aqui apresentado insere-se nos Estudos da Tradução com foco na tradução intersemiótica, investigando a adaptação musical dos poemas de Louise de Vilmorin por Francis Poulenc. A

partir da noção de "parentesco entre as artes", conforme Étienne Souriau, o projeto questiona como a poesia é transposta em música, buscando compreender as técnicas tradutórias envolvidas nesse processo criativo. A análise se fundamenta na Tradução Intersemiótica, na teoria da imitação e na Estética Comparada, disciplina que confronta obras e procedimentos das diferentes artes. Louise de Vilmorin, escritora francesa de sensibilidade lírica e estilo elegante, teve treze poemas musicados por Poulenc, grande nome da música francesa do século XX e mestre da mélodie. Desses, seis integram o ciclo Fiançailles pour rire (1939) e três o ciclo Métamorphoses (1943), além de quatro peças avulsas. Nessas obras, Poulenc não apenas musicou versos, mas traduziu suas nuances afetivas e estéticas em linguagem musical, ampliando o alcance expressivo da poesia de Vilmorin. A proposta da pesquisa visa refletir sobre como a música, ao associar-se à poesia, intensifica suas paixões e sentidos, funcionando como um terceiro meio de expressão, um canto que, por sua natureza sonora, aproxima-se do sentimento com maior imediaticidade. A pesquisa considera a música como linguagem autônoma e, ao mesmo tempo, como tradução da palavra poética, em um jogo de equivalências expressivas. Assim, o trabalho busca lançar luz sobre a colaboração Poulenc - Vilmorin como exemplo paradigmático da tradução entre artes, revelando como a intertextualidade sensível entre música e poesia pode ser compreendida, analisada e valorizada sob o olhar da tradução intersemiótica.

TÍTULO: "POÉTIQUE, COMME DIRAIT WISNIK!" OU A CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA PARA FRANCESES: PREPARAÇÃO, BASTIDORES E TRADUÇÕES PARA UMA AULA-SHOW DE JOSÉ MIGUEL WISNIK EM BORDEAUX

Ilana Heineberg

Resumo: Em abril de 2025, no âmbito da temporada cruzada França-Brasil, o professor, músico, escritor e curador José Miguel Wisnik ofereceu duas aulas-shows em Bordeaux, uma na Université Bordeaux Montaigne, voltada ao público universitário, e outra no cinema Utopia, aberta a um público amplo. Wisnik fez questão de transmitir suas reflexões em francês no espetáculo La troisième rive du fleuve: poésie et chanson brésilienne. Proponho me debruçar sobre questões de tradução que vieram à tona durante a preparação do evento, sobretudo quando fomos confrontados à tradução da própria aula para o francês: tradução cultural, idiomatismos e nossas percepções da sonoridade da língua francesa, que Wisnik tão bem expressa na letra da canção "Como diria Satie", que ele compôs em francês (e que parodiei no título desta comunicação). Também comentarei algumas escolhas para as traduções de seis canções do show ("Retrato em branco e preto", de Tom Jobim e Chico Buarque; "Garota de Ipanema", de Tom Jobim e Vinícius de

Moraes; "A terceira margem do rio", Milton Nascimento e Caetano Veloso; "Drão", Gilberto Gil et "Mortal loucura", José Miguel Wisnik sobre poema de Gregório de Matos) realizadas com colegas. Assim, embora a aula-show fosse sobre poesia e canção brasileira, acredito que o cenário francês acabou por impor a fricção entre as duas línguas como um dos temas dominantes. É sobre algumas dessas fricções que eu gostaria de me aprofundar nessa comunicação.

TRADUÇÃO E ESCRITA DA HISTÓRIA: MEDIAÇÕES, CIRCULAÇÕES E DESAFIOS ÉTICOS

Jairo Paranhos da Silva

Resumo: Há desafios em comum na teorização da tradução e da história? Nesta proposta de comunicação defende-se a hipótese da existência de algumas dificuldades similares na reflexão teórico metodológica dos dois campos (tradução e história). Também supõe-se que a atenção a estes dilemas em comum pode contribuir no desenvolvimento de uma teoria e um método de pesquisa para escrita histórica, mais atento a dificuldades como: contextos da época; polissemia de palavras; anacronismos e alteridades. Deseja-se testar a correlação entre os desafios impostos pela distância entre línguas e sentidos atribuídos a palavra em idiomas distintos, e a prática da reflexão social, cultural e política sobre períodos históricos e situações da experiência humana em um tempo que desconhecemos em parte ou completamente. A partir dessas questões a escrita da história e a teoria da tradução serão objetos de escrutínio. Como elementos complementares a reflexão estão: o reconhecimento do texto como um mediador cultural, seja o texto a ser traduzido (romance, poesia, letra da música), seja a escrita da história que propõe uma espécie de "tradução" do passado para o público leitor; o desafio ético de escrever e traduzir levando em consideração as distinções entre sistemas linguísticos, a inexistência de equivalência para certas palavras e expressões, somado a impossibilidade de alcançar o passado e a subjetividade presente no ofício do historiador. É a partir destas e de outras constatações que se tenta apontar as aproximações presentes no traduzir e no escrever a História.

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA TRADUZIDA EM ENREDOS E SAMBAS

Leonardo Augusto Bora

Resumo: O trabalho, em um mergulho inicial, se propõe a analisar os processos intersemióticos de adaptação e tradução de dois textos da literatura brasileira contemporânea para enredos e sambas de

enredo do carnaval carioca: "Um defeito de cor", de Ana Maria Gonçalves, desdobrado em enredo e samba pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, no carnaval de 2024; e "Meu destino é ser onça", de Alberto Mussa, cuja expansão gerou o enredo e o samba do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Grande Rio, no mesmo ano de 2024. Nesse movimento, fundamental é o diálogo com os conceitos de "polifonia" e "carnavalização", de Mikhail Bakhtin (2008), e com as teorizações acerca do complexo cultural sambista tecidas por autores como Lélia Gonzalez (2024) e Simas e Mussa (2023). Ainda que sem pretensões conclusivas, objetiva-se, por meio de leituras transdisciplinares, a observação de estratégias narrativas empreendidas pelos autores dos textos explicativos dos enredos (os "carnavalescos" das referidas agremiações, responsáveis pela síntese poética das páginas literárias em textos que servem de base para as composições – as chamadas "sinopses", segundo a linguagem do campo) e pelas alas de compositores de ambas as escolas (músicos que transformam os textos-base em versos e melodias que atravessam as fronteiras do tempo e do espaço, sendo gravados em disco e mobilizando diferentes atores sociais, altas cifras e conflituosos territórios físicos e simbólicos). Diante desse movimento duplo, o estudo abre caminhos para debates maiores, que problematizam definições de "autoria", "cultura popular" e "memória". Defende-se, por fim, que os textos explicativos dos enredos e os sambas que deles florescem são representativos de um fazer literário ainda pouco estudado nos espaços acadêmicos, atuando os casos de adaptações de textos que já figuram no palco "canônico" enquanto dispositivos capazes de acionar reflexões críticas (e criativas) bastante ramificadas.

QUANDO A LITERATURA CANTA: VERLAINE TRADUZIDO EM MÚSICA POR DEBUSSY

Sheila Maria dos Santos

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre tradução intersemiótica e pastiche a partir das adaptações da poesia de Paul Verlaine realizadas por Claude Debussy, investigando de que maneira a passagem do texto poético para a linguagem musical produz novas formas de significação, recepção e performance da obra literária. Partindo da noção de tradução intersemiótica formulada por Roman Jakobson (1959), e de pastiche por Paul Aron (2008) a comunicação busca compreender como as transformações no ritmo, prosódia, silêncio, melodia e interpretação vocal decorrentes dessa operação atuam na recriação estética da poesia simbolista francesa. A análise concentra-se especialmente no ciclo composto por Debussy intitulado Fêtes galantes, dividido em duas partes, "Premier livre" (1891-1892) e "Deuxième livre" (1904), inspirado na coletânea homônima de Verlaine publicada em 1869, observando como a musicalidade já presente na escrita verlainiana favorece sua transposição para a música. Nessa

adaptação, a composição musical opera como leitura crítica e sensível do texto poético, transformando a voz em espaço privilegiado de mediação entre literatura e música. Nesse processo, a ambiguidade, a delicadeza melancólica e as sugestões sonoras características da poesia simbolista são reinterpretadas por meio da relação entre voz e piano. O trabalho articula estudos da tradução, intermidialidade e teoria literária, dialogando com Paul Aron, Julio Plaza, Irina Rajewsky, Claus Clüver, entre outros. Ao investigar a relação entre Verlaine e Debussy, pretende-se evidenciar como a musicalização da poesia constitui uma forma de pastiche capaz de ampliar os modos de circulação e recepção da literatura para além do espaço verbal.

A "CANÇÃO DE MAIO" DE HEINE MUSICADA POR SCHUMANN E O PARADOXO DA TRADUÇÃO ROMÂNTICA

Simone Maria Ruthner

Resumo: O Livro das Canções de Heine, publicado em 1827, resultou até 1900 em mais de 4.500 composições musicais (Gesse-Harm, 2006). Dentre as mais conhecidas está "Im wunderschönen Monat Mai" ["No maravilhoso mês de maio"], a primeira do ciclo Lyrisches Intermezzo. Também conhecida por "Canção de maio", ela já foi musicada mais de 130 vezes por diferentes compositores. O que mais brilhou nesta tarefa foi Schumann, que em 1840 traduz os versos de Heine em "Kunstlied" ["Canção artística"], forma que hoje se reconhece como um gênero particular da canção, o lied. Ao mesmo tempo, nesta época, poetas e filósofos do Romantismo alemão refletiam sobre teorias da tradução a partir de suas próprias experiências, como é o caso da famosa conferência de Schleiermacher, proferida em 1813 em Berlim e publicada em 1838. No contexto destas teorias, além da ideia de fidelidade ao conteúdo e à língua do texto de partida, a atenção às formas poéticas ganha relevância, o que, segundo o tradutólogo Siever (2015), teria levado a um paradoxo: Como seria possível transmitir o conteúdo de um texto de partida, mantendo-se a exata forma do texto de partida? Para Siever, os românticos teriam encontrado a resposta "através de criatividade e infinita aproximação!". Durante as pesquisas de doutorado que resultaram na tese A emergência da música a partir da poesia no lied alemão do séc. XIX (Ruthner 2023) foi possível observar o quanto os compositores do lied alemão foram, musicalmente criativos, mas em fidelidade ao texto poético, à intenção do poeta e à própria língua. Schumann, que era um amante da língua e da literatura (Rosen, 2003), ficou conhecido por suas inovações na música. Partindo da "Canção de maio",

nesta comunicação nos propomos a observar como e até que ponto o paradoxo da tradução apontado por Siever, encontrou em Schumann também uma resposta.

A MÉLODIE FRANÇAISE ENTRE A TRADUÇÃO E A CRÍTICA

Yuri Amaury Pires Molinari

Resumo: A mélodie française é uma forma musical erudita surgida no século XIX com o propósito de trazer para o âmbito da música vocal textos poéticos que não foram originalmente concebidos para o canto. Sua preocupação fundamental consiste em uma "invenção musical" que leve em conta o significado do texto poético tanto na instrumentação, cujos meios expressivos evocariam o significado do poema, quanto na voz que, ao cantar o texto do poema, completaria o acompanhamento por meio de sua dicção (ANGER, 2015). Esses aspectos postos em jogo pela mélodie suscitam alguns questionamentos: o que é o significado de um poema, e como ele pode ser evocado pela música instrumental? O que vem a ser a prosódia do poema no contexto de uma música vocal que hesita entre palavra falada e palavra cantada? Constituindo-se como forma artística nascida da crise na qual o esgotamento do projeto romântico acarretou o esvaziamento de forma e sentido nas artes, a mélodie desenvolve-se como "elegia crítica" que elabora um "luto" pelo sentido unívoco do poema e pelas formas bem-definidas, e que se lança em uma "aventura do material" poético (VIVÈS, 2022). O gesto criativo que, assim, constrói uma "nova paisagem poética" permanece atado à concretude do poema e assume, com isso, um caráter analítico e interpretativo. Tais aspectos da interação entre poesia e música, e do processo criativo alicerçado em relações entre diferentes linguagens artísticas, ecoam alguns dos pressupostos principais da Tradução Intersemiótica, vislumbrada por Jakobson (1968) e elaborada por Plaza (2013) na esteira das reflexões de Campos (2013). A comunicação aqui proposta pretende discutir as afinidades entre o projeto estético da mélodie française e o projeto teórico da Tradução Intersemiótica, bem como os modos como a Tradução Intersemiótica pode ajudar a esclarecer os procedimentos da mélodie, especialmente no que tange ao seu caráter crítico.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

ST: USOS POLÍTICOS DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Daniel Marinho Laks, Renata Flavia da Silva e Roberta Guimarães Franco Faria de Assis

Resumo: As relações entre memória, história e literatura sempre foram objeto de análise e de debate acerca das especificidades de cada campo e das possibilidades de diálogos interdisciplinares, especialmente dentro do campo conflituoso da Literatura Comparada. Obras literárias que dialogam de forma próxima com a história, seja pelo gênero literário, pelo tema e/ou personagens escolhidos, ou que apresentam um caráter (auto)biográfico, podem funcionar como base para a organização de arquivos públicos ou particulares, monumentos e museus, os quais têm como objetivo mediar o estabelecimento de uma memória coletiva sobre acontecimentos transcorridos. A possibilidade de curadoria dos episódios que devem ser rememorados ou comemorados sob uma perspectiva nacional está intimamente ligada à afirmação dos interesses de grupos que estabeleceram sua hegemonia e, nesse sentido, o processo de produção de uma memória coletiva pretende funcionar como ferramenta política de legitimação de estruturas específicas de poder. Debate também presente na formação dos cânones literários, questionados por correntes críticas mais contemporâneas pelo seu caráter fragmentário e centralizador, que atenderia a perspectivas e interesses específicos. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Ao longo do tempo, a análise literária foi ganhando contornos que incluem, desde a possibilidade de pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades de acordo com o leitor, advinda através da Estética da Recepção, até os mais recentes Estudos Culturais e Póscoloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo à luz questões que a dita história oficial silenciou. A memória, por sua vez, seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção, ou ainda estabelecendo fronteiras entre as perspectivas individuais e coletivas, se configurou como instância que permite pensar a literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formas variadas de diálogo entre memória, história e literatura. No Brasil, tais diálogos podem apontar desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em propor limites e questionamentos a este conceito – basta lembrar das ideias de Silviano Santiago em Uma literatura nos trópicos (1978) –, chegando a manifestações mais recentes, ou a recuperação de obras/escritores apagados/silenciados, que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura portuguesa

ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o reverso dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), ao apontar a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida pelo olhar exógeno, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais. Portanto, as literaturas de língua portuguesa formam um extenso objeto de análise, comparadas entre si ou dentro de um único espaço, para o antigo e ainda necessário debate entre Literatura, História e Memória. Este simpósio, continuidade da proposta de edições anteriores, pretende, assim, acolher trabalhos que discutam as relações entre memória, história e literatura. Para isso, sugerimos, entre outros possíveis, alguns eixos de articulação: a literatura como arquivo; representação do trauma na narrativa e na poesia; vertentes políticas das escritas de si; memória coletiva e espaços públicos; relações entre os espaços de língua portuguesa.

CONTESTANDO O CONTESTADO: USOS POLÍTICOS DA MEMÓRIA EM GERAÇÃO DO DESERTO, DE GUIDO WILMAR SASSI, SOB AS LENTES DE WALTER BENJAMIN

Aline Majolo

Resumo: A Guerra do Contestado (1912–1916), conflito que mobilizou milhares de caboclos no planalto catarinense contra o avanço do capital estrangeiro e do Estado republicano, permanece como uma das páginas mais violentamente silenciadas da historiografia brasileira. É nesse vazio de representação que se inscreve Geração do Deserto (1964), romance do escritor catarinense Guido Wilmar Sassi: a primeira obra de ficção a dar voz aos vencidos daquele conflito, reconstituindo, pela via literária, uma memória coletiva que a narrativa oficial deliberadamente apagou. Este estudo analisa o romance a partir de Walter Benjamin, especialmente do texto “Sobre o conceito de história” (1940), com enfoque nos conceitos de messianismo, mônada e na tese do "escovar a história a contrapelo". Argumenta-se que Sassi realiza, no plano estético, o gesto epistemológico que Benjamin propõe para o materialismo histórico: narrar a partir

dos vencidos, interromper o continuum do progresso e resgatar a força redentora de uma geração sacrificada. A análise centra-se em dois movimentos: o messianismo como força política de resistência, encarnado na figura do Monge José Maria; e a estrutura do romance como mônada benjaminiana, que cristaliza um instante histórico, a destruição dos posseiros, de modo que passado e presente se constelam em tensão, exigindo do leitor contemporâneo o reconhecimento de uma dívida memorial não saldada. A pesquisa contribui para o debate sobre os modos pelos quais a literatura brasileira articula memória coletiva, trauma histórico e resistência estética.

"NUM PASSEIO SEM CHEIRO PELO FUTURO": MEMÓRIAS DA COLONIZAÇÃO EM A VISÃO DAS PLANTAS, DE DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

Allysson Augusto Silva Casais

Resumo: Em 2021, ao republicar A visão das plantas (2019) e Maremoto (2021), juntamente com uma terceira novela inédita, "Bruma", numa única coletânea intitulada Três Histórias de Esquecimento, Djaimilia Pereira de Almeida indicava a composição de certo projeto literário. Nas três narrativas, o fio condutor é o questionamento de uma identidade nacional portuguesa hegemônica, formada por processos de esquecimento daquilo considerado indesejado. Nesta comunicação, toma-se como objeto a primeira dessas histórias, A visão das plantas, para investigar como Almeida traz à tona elementos de uma memória incômoda do passado colonial português. A obra narra os últimos anos da vida de Celestino, ex-capitão e traficante de escravos. No cerne da narrativa está a justaposição entre a brutalidade do passado do personagem e o cuidado pelas plantas de seu jardim. Por meio desse contraste, Almeida explora as tensões entre memória e esquecimento. A indiferença das plantas perante o passado abominável de Celestino diverge, num primeiro momento, da repulsa e desconfiança do povo do vilarejo. Contudo, logo a visão das plantas torna-se regra, as histórias do protagonista ganhando contornos épicos para as crianças à sua volta, representantes de futuras gerações. Nesse sentido, nesta comunicação busca-se analisar como, a partir das memórias de Celestino, Almeida problematiza certa identidade portuguesa ligada às navegações marítimas, expondo como as aventuras do além-mar que compõem tal identidade são, na verdade, relatos de uma violência abjeta.

IDENTIDADE NACIONAL E CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA: O ROMANCE BRASILEIRO EM TEMPOS DE VIOLÊNCIA

Ana Beatriz Demarchi Barel

Resumo: Na literatura brasileira podemos identificar um fio que aproxima romances produzidos em momentos de grande violência simbólica, como os anos 60 e 70 do século XX e as primeiras décadas do século XXI. Desde Pessach: A Travessia (1967), de Carlos Heritor Cony, Quarup (1967), de Antonio Callado, Incidente em Antares (1971), de Érico Veríssimo, A Festa. Romance: Contos (1976), de Ivan Ângelo, Quatro-Olhos (1976), de Renato Pompeu, até chegarmos a O Lugar mais sombrio (2017-2025), trilogia de Milton Hatoum, o romance é a forma privilegiada por escritores brasileiros para realizar a reflexão estética sobre a ditadura de 64, o dilacerante fato histórico e as feridas que deixou. O romance se volta, ainda, para tempos mais remotos, quando o mineiro de Juiz de Fora, Rubem Fonseca, vasculha a memória nacional na ditadura de Getúlio Vargas, em seu Agosto (1990), e o fecho dramático de seu paladino. E, ainda que eleja outra forma épica, para sua coletânea de contos, Feliz Ano Novo (1975), para tematizar a violência da sociedade brasileira, é o romance que se impõe como forma dileta dos escritores para tecer a história brutal do país. Neste trabalho, abordaremos pontos de convergência formal presentes nesta genealogia da violência brasileira e pontos de divergência formal entre os membros desta família de grandes e tristes épicos, cujo objetivo é registrar no leito da história o fundo trágico de nossa existência nacional.

AS FACES DA MEMÓRIA: FAMÍLIA, IDENTIDADE, RAÇA E HIBRIDISMO NA AUTOFICÇÃO DE A TUA MELANINA DE STEPHANIE VASCONCELOS

Bruna da Silva Otto de Oliveira

Resumo: O presente artigo analisa o romance A tua melanina, de Stephanie Vasconcelos, a partir das noções de autoficção, memória e escrita de si no contexto da novíssima literatura portuguesa. A obra, publicada em 2024, constrói uma narrativa fragmentada que entrelaça memórias familiares, experiências históricas e imaginação literária, tensionando as fronteiras entre ficção e realidade. Partindo de estudos sobre a novíssima ficção portuguesa, especialmente de Gabriela Silva e Jorge Valentim, o trabalho propõe uma leitura da narrativa como um exercício autoficcional que ultrapassa o "eu" autoral para dar centralidade a vozes familiares e marginalizadas. Além disso, a narrativa evidencia a relação entre memória, ancestralidade e pertencimento, articulando experiências íntimas e coletivas na construção de identidades diaspóricas. Em diálogo com teóricos da autoficção e da memória, como Anna Faedrich, Beatriz Sarlo e Paul Ricoeur, discute-se o caráter fragmentário da rememoração e a narração da experiência como forma de elaboração do passado. O artigo dedica atenção especial às questões raciais e identitárias presentes na obra, analisando o corpo e a pele como arquivos simbólicos e históricos, a partir de Frantz Fanon, Achille

Mbembe e Diana Taylor. Por fim, compreende-se a escrita de Vasconcelos como um gesto político e ético, que inscreve experiências silenciadas na literatura contemporânea e contribui para a renovação temática e formal da ficção portuguesa atual.

QUANDO A GÓRGONA FALA: TESTEMUNHOS COLONIALISTAS NO ROMANCE PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Daniel Marinho Laks

Resumo: Márcio Seligmann-Silva, no capítulo "Narrar o trauma", do livro A virada testemunhal e decolonial do saber histórico (2022), propõe que a centralidade do testemunho a partir de meados do século XX, que trouxe atenção a tantos eventos de violência extrema ocorridos em diferentes conjunturas, gerou uma reconfiguração epistêmica, nomeada por ele de "virada testemunhal", que alterou a relação dos indivíduos com o saber produzido pelas ciências humanas. O efeito de verdade configurado na relação do sujeito com o depoimento alterou a lógica positivista de um investigador neutro e afastado do seu objeto de análise. Para Seligmann-Silva, a construção de conhecimento na contemporaneidade se dá, nas ciências humanas, pela inscrição do indivíduo no evento. Mas o que acontece quando aquele que testemunha não é, de fato, a vítima da violência, mas o algoz? O objetivo do presente trabalho é discutir a literatura de testemunho produzida por antigos colonos, seus filhos e ex-combatentes da guerra colonial na África de cariz laudatório ao colonialismo português. Este tipo de literatura teve o seu boom a partir de 2008 em Portugal, com romances de altíssima vendagem, constituindo aquilo que tenho tratado como "ecos coloniais na literaturas portuguesa contemporânea". Para empreender a análise, pretendo suscitar teóricos como Márcio Seligmann-Silva, Primo Levi, Margarida Calafate Ribeiro, entre outros.

ENTRE A CIDADE E O ARQUIVO: LITERATURA, IMAGEM E MEMÓRIA EM TALES OF LISBON, DE MÓNICA DE MIRANDA

Danila da Silva Gonzaga

Resumo: Busca-se intercalar uma discussão que tome como princípio a costura do texto-imagem na obra-instalação Tales of Lisbon, da artista visual e pesquisadora Mónica de Miranda. Suas produções perpassam temáticas como estudo da cidade, migração, memória, arqueologias e geografias urbanas. Este trabalho busca discutir a potencialidade das imagens retratadas nessa exposição diante da literatura e da memória, refletindo sobre a relação entre arquivo, imaginação e colonialidade. A partir da análise online da exposição, disponível no site da artista, observam-se maquetes de casas e fotografias de pessoas em

terrenos de um bairro periférico de Lisboa, onde antigas moradias foram demolidas, além de imagens de objetos encontrados nos escombros das demolições. Tais registros remetem à Estrada Militar, espaço historicamente compreendido como local de moradia de populações migrantes de origem africana, afastadas do centro urbano. Este trabalho de cunho ensaístico procura compreender como esses vestígios materiais, transformados em fotografias, constituem uma espécie de arquivo visual capaz de evocar memórias individuais e coletivas, bem como narrativas silenciadas da história portuguesa. Nesse sentido, além da análise das obras visuais, pretende-se discutir, principalmente, os textos literários escritos por Djaimilia Pereira de Almeida, Telma Tvon, Kalaf Epalanga, Ondjaki e Yara Monteiro, que compõem a exposição. Para isso, utiliza-se como principal referencial teórico Roland Barthes, Walter Benjamin, Donatella Di Cesare, Georges Didi-Huberman, Roberta Guimarães Franco e Jennifer A. González.

ENTRE O RISO E A MEMÓRIA: IRONIA, HISTÓRIA E CRÍTICA SOCIAL NAS CRÔNICAS DE PAULO MENDES CAMPOS

Erica Lima Moreira dos Santos

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das crônicas de Paulo Mendes Campos, com foco na ironia e no humor como procedimentos de mediação entre literatura, história e memória social. A partir de textos selecionados das obras o cego de Ipanema (1960), rir é o único jeito: supermercado (1976) e os bares morrem numa quarta-feira (1980), busca-se compreender de que modo a escrita cronística do autor transforma episódios cotidianos, cenas urbanas e comportamentos sociais em matéria de reflexão crítica sobre o Brasil da segunda metade do século xx. Parte-se da hipótese de que, nas crônicas de campos, o riso não se limita ao entretenimento, mas atua como recurso de interpretação do real, permitindo evidenciar contradições políticas e históricas de seu tempo. Nesse sentido, a crônica é compreendida como forma literária capaz de arquivar experiências do cotidiano e de reelaborar, pela linguagem, aspectos da memória coletiva brasileira. A pesquisa dialoga com as reflexões de Linda Hutcheon (2000)sobre a ironia como prática discursiva situada e politicamente marcada, bem como com Henri Bergson ([1900] 2018), para quem o riso possui uma função social. Ao articular leveza, lirismo e crítica, a obra de Paulo Mendes Campos permite pensar a crônica como espaço de construção de sentidos históricos e de questionamento das formas de vida social. Assim, o estudo busca contribuir para a ampliação da fortuna crítica do autor e para os debates sobre crônica e história na literatura brasileira.

ARQUIVOS ESTÉTICOS DA MEMÓRIA: ORALIDADE E EXPERIÊNCIA HISTÓRICA NAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Eusébio Djú

Resumo: Este trabalho investiga as relações entre memória, oralidade e experiência histórica nas literaturas africanas de língua portuguesa, partindo da hipótese de que a memória coletiva atua como princípio formal de estruturação da linguagem literária e como dispositivo de refiguração do passado. O estudo analisa No fundo do canto (2007), de Odete Semedo, Terra sonâmbula (1992), de Mia Couto, Niketche: uma história de poligamia (2002), de Paulina Chiziane, e Ritos de passagem (1985), de Ana Paula Tavares, reunidas em um corpus comparativo no qual a tradição oral participa da organização da escrita e da elaboração da memória histórica. Procedimentos como repetição, circularidade narrativa, polifonia e pluralização enunciativa reinscrevem experiências coletivas frequentemente ausentes dos discursos historiográficos, produzindo modos alternativos de compreensão do passado. Busca-se compreender como essas obras constituem sistemas de organização da memória que reconfiguram as relações entre literatura, história e memória cultural em diferentes contextos africanos de língua portuguesa, funcionando como arquivos estéticos da memória. A reflexão teórica articula Halbwachs (1990), Ricoeur (2007), Assmann (2011), Hampâté Bâ (2010), Padilha (2007) e Brugioni (2016; 2022). Adota-se uma abordagem qualitativa, interpretativa e comparativa, centrada na análise dos procedimentos formais que articulam voz, temporalidade e memória. A pesquisa contribui para o debate sobre literatura, memória e história, evidenciando o papel da forma literária na elaboração e transmissão das experiências históricas coletivas.

OS INDESEJADOS DO IMPÉRIO: INQUISIÇÃO, MEDO E CONTRAMEMÓRIA NO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Everson Nicolau de Almeida

Resumo: Este trabalho vincula-se à pesquisa de doutorado intitulada O medo como sombra do Império: ressonâncias de imaginários e memórias nas literaturas contemporâneas de língua portuguesa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de concentração Teoria da Literatura e Literatura Comparada e na linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural (LHMC). A pesquisa propõe uma análise comparada de quatro romances históricos contemporâneos de língua portuguesa: Oríon (2003), de Mário Cláudio (Portugal); A rainha Ginga (2015), de José Eduardo Agualusa (Angola); Sodomita (2023), de Alexandre Vidal

Porto, e A noite do Cordeiro (2023), de Daniel Gruber (Brasil), examinando como cada obra constrói narrativas de contramemória ao tematizar os dispositivos ideológicos, simbólicos e punitivos do Império Português, nos quais o medo opera como formador de mentalidades no espaço atlântico. A análise parte do pressuposto de que a narrativa oficial do Império mobilizou símbolos, mitos e mecanismos de terror, especialmente por meio do Santo Ofício, para silenciar os indesejados: judeus deportados, soberanas africanas, dissidentes sexuais e mulheres acusadas de feitiçaria. Dialogando com Jean Delumeau (2009), Giorgio Agamben (2009), Hutcheon (1991) e Pierre Bourdieu (2005), propõe-se que o medo não foi apenas um efeito colateral da repressão, mas um dispositivo político deliberado de colonização do imaginário. Produzidas em espaços geográficos distintos do Atlântico lusófono, as quatro obras subvertem, por meio de estratégias polifônicas propostas por Mikhail Bakhtin (1993; 2013), a narrativa hegemônica do Império, convertendo a língua portuguesa, outrora instrumento de dominação, em recurso de contramemória e resistência. A análise comparada busca compreender como a literatura contemporânea reinscreve as identidades silenciadas, tensionando a mítica imperial e atualizando suas ressonâncias nas práticas de exclusão do presente.

"UMA MENINA ESTÁ PERDIDA NO SEU SÉCULO À PROCURA DO PAI": A QUEM PERTENCE A MEMÓRIA?

Fernanda Duduch

Resumo: De acordo com Márcio Seligmann-Silva (2003), a memória e a história estão constantemente atravessadas por disputas políticas e simbólicas, sobretudo em contextos marcados por violência e trauma coletivo. Para o autor, recordar não significa apenas recuperar o passado, mas também disputar narrativas, sentidos e formas de representação. Nesse sentido, a memória deixa de ser exclusivamente individual para se constituir como prática social e política, vinculada aos modos pelos quais uma coletividade interpreta sua própria experiência histórica. Nesse cenário, a literatura desempenha um papel fundamental ao recuperar narrativas silenciadas e reinscrever no espaço cultural memórias que foram reprimidas, além de expandir seu campo simbólico para os constantes e incessáveis traumas causados pelo autoritarismo. Dentro dessa ressignificação literária, é onde podemos encontrar o autor português contemporâneo Gonçalo M. Tavares, já reconhecidamente inserido na busca de compreensão do Mal na História. Em "Uma menina está perdida no seu século à procura do pai" (2015), o escritor nos coloca como parceiros de peregrinação de Marius e Hanna. Em uma tentativa de achar os pais de Hanna, ambos partem para uma Berlim pós-guerra, encontrando personagens enigmáticas que, de formas inusitadas, lidam com o trauma e

o pertencimento da memória, como é o caso de Rafaella e Moebius, donos de um hotel no qual os quartos levam os nomes dos campos de concentração, além que criarem uma "geografia do mal" ao reconstruir seus mapas. Essas personagens, com a proposta de pertencer nesta memória, instauram a indagação: a quem pertence a memória do trauma? Portanto, nesta comunicação, pretendemos uma leitura-chave da memória e seu pertencimento, compreendendo seu quadro social e expansão subjetiva.

AS VOZES DE TORTO ARADO E DE SALVAR O FOGO: PONTO(S) DE VISTA E MEMÓRIA(S) NOS ROMANCES DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Giovanna Oliveira da Cruz

Resumo: Neste trabalho, parte da nossa pesquisa de mestrado em andamento, propomos analisar Torto arado e Salvar o fogo, de Itamar Vieira Junior, obras nas quais os narradores recuperam simbolicamente suas vozes, por meio da rememoração de vivências, que refletem a história do país. Objetivamos traçar as configurações dos narradores, a fim de compreender as diferentes formas de narrar e os pontos de vista mobilizados nas obras, e verificar a materialização da memória no discurso dos narradores, para elucidar a rememoração como fio condutor das narrativas. Tal abordagem se justifica pela presença de múltiplas vozes narrativas em diálogo, complementação e contraposição em ambos os romances: em Torto arado, narram Bibiana e Belonísia, protagonistas, e Santa Rita Pescadeira, testemunha onisciente; já em Salvar o fogo, Moisés e Luzia, também protagonistas, e uma onisciência seletiva se configuram como narradores. Para discutir a figura do narrador na literatura contemporânea, nos embasamos em Dalcastagnè (2001, 2012), Cury (2007) e Ginzburg (2012). A partir de Bakhtin (2015), exploramos a noção de voz narrativa nos romances. Com Friedman (2002), caracterizamos os narradores quanto ao ponto de vista pelo qual se manifestam, e, com Adorno (2003), descrevemos os procedimentos por eles utilizados. Ainda, em Halbwachs (2003), Gagnebin (2006), Assmann (2016) e hooks (2019), fundamentamos as discussões acerca da memória coletiva, individual, cultural e comunicativa, bem como sobre a importância do rememorar no presente. Nossos resultados indicam que os narradores constituem-se de modos distintos, cada um com um propósito específico e com um procedimento diferente ao assumir a narrativa. Apontam, também, que os romances são construídos pelos narradores em movimentos de retorno ao passado para a compreensão e ação no presente. Assim, vozes, pontos de vista e memórias se interrelacionam de modo que não é possível organizar histórias paralelas, dependem uns dos outros para constituir o todo.

COMBATENDO O SILENCIAMENTO FEMININO: ROMANCES DE ESCRITORAS DA IMPRENSA QUE DESAFIAVAM A CENSURA NA DITADURA MILITAR EM PORTUGAL

Gizelda Ferreira do Nascimento Lima

Resumo: Em mais de quatro décadas do século XX de retrocesso na democracia, na cultura e na sociedade Portuguesa, a ditadura militar imposta por António de Oliveira Salazar e Marcello Caetano criou um sistema de censura que estendeu suas corrosivas "mãos de tesoura" sobre as obras literárias de diversos escritores, em Portugal. Numa sociedade cujo regime governamental não reconhecia a mulher como um sujeito ativo e com direitos iguais aos dos homens, era perigoso e passível de censura abordar certos temas nas artes e na Literatura. Todavia, muitas escritoras que atuavam na imprensa periódica, sobretudo em revistas como a Eva e a Modas & Bordados publicaram romances de Carmen de Figueiredo, Aurora Jardim Aranha, Maria Lamas e muitas outras, atravessando o período ditatorial. Nosso estudo é sobre a atuação de duas mulheres romancistas e periodistas, cujos romances tratavam de temas como trabalho da mulher, educação e maternidade, sem obedecerem ao sentido moralista e, em diversos aspectos, reconstruindo o tom conservador que era imposto pelos rigores da censura. Com o objetivo de apresentar uma leitura de como os temas maternidade e trabalho podiam ser abordados, apresentaremos uma leitura dos romances Feia, de Isaura Correia Santos (1955) e Vida de Mulher (s.d.), de Carmen de Figueiredo, numa perspectiva comparatista, com a finalidade de discutir como as romancistas tratavam estes temas e como era esta escrita, naquele contexto histórico. Considerando que este contexto histórico coibia posturas progressistas em qualquer segmento da sociedade e abominava o termo feminismo, recorremos ao texto de historiadores e sociólogos que escreveram sobre o período histórico da ditadura, bem como aos estudos sobre o feminismo em Portugal, a fim de observarmos as estratégias de escrita da duas autoras em pauta.

ACORDES QUE SILENCIAM HISTÓRIAS, SILÊNCIOS QUE QUEBRAM PARADIGMAS: UMA LEITURA DE "MESTRE DOS BATUQUES", DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA .

João Gabriel Pereira Nobre de Paula

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma possibilidade de leitura do romance Mestre dos Batuques, escrita no ano de 2024 pelo autor angolano José Eduardo Agualusa , finalista do Prêmio Oceanos e vencedora do Prêmio Literário Manuel de Boaventura . Configurando-se, em certa medida, como um romance histórico, mas aproximando-se da designação de uma metaficção

historiográfica(Hutcheon, 19991)a narrativa agualusiana traz como pano de fundo a trajetória amorosa do tenente Jan Pinto , filho de um conhecido comerciante, e Lucrécia Van Dúnen, angolana filha de uma das famílias mais tradicionais e influentes , e revisita um acontecimento histórico importantíssimo conhecido como Revolta do Bailundo", entre 1902 e 1904, conflito na região do planalto angolano , símbolo de resistência ao projeto imperialista lusitano. Narrado por Leila Pinto, neta do casal Jan e Lucrécia, a trama apresenta, em seu introito, a misteriosa morte de 25 soldados brancos que não apresentam uma única ferida. Jan é enviado para descobrir informações que podem mudar o rumo da guerra instaurada, e nesta viagem, depara-se com sombras de seu passado e com a valoração dos saberes ancestrais materializados nos batuques dos guerreiros de Henjengo. Nossa proposição é de que Agualusa, valendo-se de aparentes dicotomias(silêncio da morte dos combatentes e silenciamento histórico dos povos africanos, pretensa e utópica grandiosidade do império português frente à selvageria nações colonizadas) problematiza e questiona conceitos como nação e identidade, apresentados sob viés de construção e perspectiva.

OLHARES PARA UMA MESMA VERDADE: UMA ANÁLISE DAS OBRAS "RETORNADOS - E A VIDA NUNCA MAIS FOI A MESMA" DE MARTA MARTINS SILVA E "GENTE FEITA DE TERRA" DE CARLA M. SOARES

Letícia Alves Franzini

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo analisar os espaços de verdade e os discursos dos portugueses sobre seu retorno após a independência africana a partir das obras Retornados – e a vida nunca mais foi a mesma, publicada em 2023, pela jornalista Marta Martins Silva e Gente Feita de Terra, publicada em 2021, pela professora e romancista Carla M. Soares. Distintas em sua forma - visto que na primeira encontramos relatos de retornados e na segunda um romance que aborda a vida de uma família em África e seu retorno para Portugal – ambas as obas se tornam semelhantes em sua temática e em seus pontos de vista. Ao colocarmos as duas obras em comparação pode-se pensar que sua única relação sejam seus personagens, em ambos os casos retornados, mas o que se propõe aqui é olhar além, entendendo o modo como esses textos se constroem a fim de propor uma verdade, consolidar uma narrativa. Assim, o propósito é analisar essas obras enquanto espaços onde se podem observar dinâmicas de memória e a sua relação com uma disputa política, a partir de textos como Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural (2016) de Aleida Assmann. Portanto, entendemos e buscamos aqui explicitar como essas obras caminham entre historizar e ficcionalizar esse acontecimento e, ao fazer esse movimento, pretendem disputar um espaço na memória histórica, se utilizando de estratégias de efeito de

verdade, como, por exemplo, o depoimento. Nesse sentido, ao historizar, a primeira obra de forma mais evidente, ambas colocam seus textos em um patamar de veracidade, ao mesmo tempo em que, ao ficcionalizar, aqui a segunda de maneira mais clara, buscam apelar para a empatia do seu leitor e aproximá-lo das famílias e do ponto de vista que ali se propõe.

ECOS DO AUTORITARISMO NO ESPAÇO DOMÉSTICO: UMA LEITURA COMPARADA DE AS HORAS NUAS E NAS TUAS MÃOS

Lisa Galvão Elisei

Resumo: Este trabalho procura realizar uma leitura comparada dos romances As horas nuas (1989), da autora brasileira Lygia Fagundes Telles e Nas tuas mãos (1997), da autora portuguesa Inês Pedrosa. Nas narrativas, os traumas da Ditadura militar no Brasil (1964-1985) e do Estado Novo em Portugal (1933-1974), pairam sobre o passado e o presente das personagens, ocasionando traumas e fissuras entre as relações familiares. Existem ainda semelhanças entre personagens que foram perseguidas pelas ditaduras, relacionamentos amorosos violentos ou conflituosos, problemáticas familiares e questões de raça, classe e gênero. Nos romances, o cenário predominante é o espaço familiar e doméstico, que permite um ângulo privilegiado sobre os desdobramentos dos traumas dos períodos políticos de exceção de forma intimista (Rago, 1998 e Perrot, 1995). Dessa forma, questões políticas transparecem e podem ser recuperadas a partir das relações familiares, amorosas e de amizade, bem como suas problemáticas e ausências, que são pontos centrais em ambas as narrativas. Diante disso, objetivamos analisar a especificidade das relações interpessoais, em especial as relações maternas, que nos romances ocupam um espaço conflituoso, e paternas, quase sempre representadas pelo abandono ou ausência (Cavalcante, 2002, e Silva, 2013). Observaremos, também, como a vivência pós-traumática de certos personagens impactou nas suas relações familiares, e como estas foram irreversivelmente transformadas pelo trauma (Herman, 1992). Além disso, buscamos analisar a relação das protagonistas com os ambientes domésticos em que estavam inseridas, e como a saída ou permanência desses locais influencia cada narradora (Bachelard, 1978). Para essa análise, pretendemos utilizar os estudos de teóricos como Gaston Bachelard (1978), Judith Herman (1992), Pierre Bourdieu (2002), Michelle Perrot (2006 e 2007) e bell hooks (2021), entre outros.

DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA E AS CONTRA-IMAGENS DO COLONIALISMO PORTUGUÊS

Luciana Teixeira Martinez

Resumo: Partindo do princípio de que a literatura pode ser vista como um arquivo de imagens – n imagens que são elas mesmas afirmações de certas visões de mundo (Didi-Huberman), esta comunicação vai analisar a obra de Djaimilia Pereira de Almeida como uma espécie de contra-imagem da história dita oficial, a história com agá maiúsculo, de Portugal. Em Maremoto (2021a), A visão das plantas (2019) e Bruma (2021b) (reunidos na coletânea Três histórias do esquecimento [202c]), a escritora revela o negativo da história portuguesa, unindo a história de um combatente negro da Guerra Colonial a um escudeiro brasileiro e um mercador de escravos. Os fantasmas da história portuguesa nas páginas da ficcionista portuguesa mais importante de sua geração. Nesta comunicação, vamos analisar como os recalques da história portuguesa aparecem na obra de Almeida, olhando especificamente para Celestino, protagonista de A visão das plantas, e para a maneira como a doença e o jardim tomam conta do corpo do capitão e vingam o passado do pirata. Do ponto de vista teórico, o esforço é unir a crítica da história de Walter Benjamin e sua teoria da memória a partir sobretudo de suas Teses sobre o conceito de história (1940/2020), por um lado, e as perspectiva pós-coloniais, por outro.

MEMÓRIAS COSTURADAS NO TECIDO DA HISTÓRIA NA NARRATIVA DE ÁGUA DE BARRELA (2018) DE ELIANA ALVES CRUZ

Marcella Mesquita Granatiere

Resumo: Esta comunicação analisa os entrecruzamentos gerados pelo campo expandido (Krauss, 1984) entre a Literatura e a História. Partindo da obra Água de barrela (2018), da jornalista e escritora Eliana Alves Cruz, a investigação centra na experiência do sistema escravista no Brasil Monárquico (1822-1889) e seus espectros no pós-abolição do Brasil República (1889-1959), ficcionadas sob a ótica do ser humano delimitado à condição de 'outro'. A fabulação é o lugar dos incômodos encontros entre os espectros do presente e passado em uma temporalidade que remete ao oriki de Exu, que diz: "Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje"; tempo entendido enquanto espiralar (Martins, 2021), em que passado-presente-passado se entrelaçam. O encontro incômodo dos espectros dos passados – escravidão e monarquia – com as temporalidades do presente – abolição e república – permeiam as histórias em vidas na fabulação de Cruz. A memória familiar e os arquivos documentais das bibliotecas públicas sobre a diáspora no Brasil, fonte de pesquisa historiográfica para Eliana Alves Cruz, são a base para a construção da narrativa e dos personagens do livro. O processo de seis anos de construção dessa fabulação crítica assemelha-se ao trabalho feito pelos arqueólogos: Eliana Alves Cruz escova as memórias para revelar os vestígios da história em vidas das temporalidades passadas, velados nos arquivos historiográficos. As

fronteiras híbridas entre Literatura e História são as linhas utilizadas para analisar a desconstrução e a reconstrução do passado a partir do presente na narrativa de Água de barrela.

RECONSTRUÇÃO DIALÓGICA DA(S) MEMÓRIA(S) DA DITADURA EM NO MURO DA NOSSA CASA (2024), DE ANA KIFFER, E LADY TEMPESTADE (2025), DE SÍLVIA GOMEZ

Mariana Rezende de Souza Pinto

Resumo: Esta comunicação pretende analisar os usos políticos da memória em duas obras contemporâneas brasileiras: o livro No Muro da Nossa Casa (2024), de Ana Kiffer, e a peça Lady Tempestade (2025), de Sílvia Gomez. Ambas, estruturadas dialogicamente, se relacionam numa tentativa de enfrentar o silenciamento produzido pela ditadura civil-militar brasileira, mobilizando a escrita como dispositivo de elaboração memorialística e resistência política. No livro de Kiffer, a narrativa se constrói como um diálogo epistolar com a mãe já falecida, Cléa, que calou as experiências de perseguição e prisão vividas por ela e pelo marido durante aquele período. Já a peça de Gomez recria, ficcionalmente, a trajetória de Mércia Albuquerque, advogada pernambucana que atuou na defesa de presos políticos e deixou um diário escrito entre 1973 e 1974. Analisada aqui textualmente, a peça apresenta um diário misterioso que surge como arquivo vivo e entra em diálogo com a atriz que o recebe. Em ambos os textos, a escrita aparece como meio de preencher lacunas deixadas pela máquina política de repressão, por meio da dimensão dialógica criada pelas autoras entre vivos e mortos, presente e passado, aqui analisada em conversa com as noções de heteroglossia, espectralidade e arquivo em Mikhail Bakhtin e Jacques Derrida. Mais do que reconstruir uma verdade histórica factual, os textos exploram o caráter vicário da memória, como debatido por Marianne Hirsch e Beatriz Sarlo, evidenciando tanto suas impossibilidades quanto seus terrenos férteis. Por fim, as obras oferecem caminhos para pensar sobre como a escrita contemporânea pode operar nos espaços de disputa simbólica, reativando experiências traumáticas e questionando os mecanismos de esquecimento que estruturam a memória coletiva no Brasil pós-ditadura.

A RECONSTRUÇÃO DE UM BRASIL ANTERIOR À COLONIZAÇÃO EM "O KARAÍBA", DE DANIEL MUNDURUKU

Marina Almeida Simoes do Nascimento

Resumo: "O Karaíba", romance juvenil do autor indígena Daniel Munduruku, narra a vida e os desafios de um grupo de indígenas que vivia no Brasil antes do contato com o europeu, colocando em palavras a história de um Brasil que, como pontua Saavedra, “para nós nunca existiu”. (2021, p. 171) A obra

apropria-se dos relatos coloniais sobre os indígenas que viviam aqui quando da chegada dos portugueses para construir uma narrativa não apenas descolonial, mas pré-colonial, já que reconstrói um horizonte histórico anterior à invasão portuguesa e às categorias coloniais que organizaram a narrativa nacional. Por meio da ficção, o romance recupera experiências historicamente silenciadas, realizando o gesto benjaminiano de escovar a história a contrapelo. (Benjamin, 1993, p. 225). E se é preciso completar as lacunas dos registros oficiais, o ponto de vista indígena da narração constrói essa história recorrendo a recursos como premonições e sinais da natureza, elementos que constituem outras formas de conhecimento e memória histórica. Destaca-se, ainda, a construção das subjetividades e dos pontos de vista desses personagens, primeiros habitantes do Brasil, que até então, quando retratados, eram apresentados sem agência, autonomia ou sentimentos. Portanto, ao deslocar o marco inicial da história nacional e revelar um passado ausente das narrativas, o romance promove uma reinterpretação também do presente e de suas ausências, questionando os modos pelos quais a nação continua a ser narrada e construída.

A HISTÓRIA EM TOM DE GARGALHADA: MEMÓRIA POLÍTICA E SUBVERSÃO NO TEATRO DE ABDULAI SILA

Michael de Assis Lourdes Weirich

Resumo: De que maneiras a cena dramatúrgica pode atuar como um espaço de dissidência capaz de tensionar as fraturas históricas e as representações hegemônicas de uma nação? A partir desse questionamento, esta comunicação investiga como a produção teatral do escritor guineense Abdulai Sila problematiza o tempo presente ao confrontar a história recente e a memória coletiva do país, especificamente por meio das peças As orações de Mansata (2007) e Dois tiros e uma gargalhada (2013). Frente a uma fortuna crítica tradicional que privilegia suas obras narrativas, esta abordagem se volta para o teatro como lugar de reinterpretação do cotidiano contemporâneo da Guiné-Bissau, marcado por heranças coloniais e persistentes instabilidades institucionais. Sob o aporte teórico dos estudos pós-coloniais e da crítica cultural, investiga-se como o autor mobiliza o riso incômodo, a paródia e a sátira para desestabilizar o discurso dominante e a herança autoritária do Estado atual. Apoiando-se nas formulações de intelectuais como Achille Mbembe, Wole Soyinka, Linda Hutcheon, Stuart Hall e Amílcar Cabral, demonstra-se que, longe de operar como mero entretenimento, a comédia configura-se como um dispositivo ético-político de agenciamento. Ao recorrer ao grotesco e ao exagero escatológico, Sila expõe o descompasso entre a racionalidade formalista europeia da história oficial e a memória viva dos

homens-grandes, que resguarda a legitimidade comunitária no dia a dia. Tal articulação estética recusa a catarse trágica em favor de um caráter pedagógico e memorialístico, no qual as dinâmicas de poder vigentes cedem lugar à responsabilidade coletiva de narrar as dores do passado. Desse modo, o trabalho propõe discutir como a estética do escárnio no teatro de Sila opera como linguagem de rememoração e questionamento político, abrindo caminhos para pensar a palavra encenada como instrumento de reparação histórica e emancipação da consciência pública.

DEPOIS QUE O MUNDO ACABOU...: MEMÓRIA, FUTURIDADE E POTENCIALIDADE EM DOIS ROMANCES ANGOLANOS

Renata Flavia da Silva

Resumo: Esta comunicação pretende analisar as obras O quase fim do mundo, de Pepetela, publicado em 2008, e A vida no céu, de José Eduardo Agualusa, publicado em 2013. Os dois romances exploram as consequências da brutal depleção dos recursos naturais e humanos para todo o planeta. Na semântica empregada por Achille Mbembe, em Brutalismo (2022), como casos de "metástases criativas", a possibilidade de redenção virá, em ambas as narrativas, de uma presença africana capaz de regenerar a humanidade, unindo "memória, potencialidade e futuridade", também em suas palavras. O ensaísta defende, ainda, um "devir -africano do planeta" — ou seja a adoção de uma ideia acerca do continente africano como potência e conservação da humanidade — em contraponto a um "devir-negro" — a universalização da condição negra em escala planetária, o esgotamento de corpos e mentes de grande parcela da humanidade, reduzida a matéria pura e simples. Vertentes estéticas como afrofuturismo, afropessimismo, afropolitanismo, africanfuturism, e congêneres, integram a cena cultural contemporânea, tensionando o lugar que o continente e os africanos têm/terão na nova ordem mundial. Para alicerçar nossa investigação, além da obra já indicada de Achille Mbembe, recorreremos aos estudos Toyin Falola (O Poder das culturas africanas [2020], e Espiritualidade, política e sistemas de conhecimento africanos [2025]); Giorgio Agamben (O que é o contemporâneo? e outros ensaios [2009]; Stuart Hall (Cultura e representação [2016]); Judith Butler e Frédéric Worm (O vivível e o invivível [2025]); e Boaventura de Sousa Santos (O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul [2019]).

O REPERTÓRIO DAS PERSONAGENS FEMININAS EM ETERNA PAIXÃO DE ABDULAI SILA.

Roberta António Ampessa

Resumo: Abdulai Sila manifesta, em seus textos, forte ligação com temas relacionados ao colonialismo e ao pós-colonialismo, bem como às dimensões social, política, econômica e cultural. Recriando as vivências e as memórias de seu povo, ele expõe conflitos que afligem ou colocam em causa a sociedade, sem desconsiderar os tópicos que permeiam sua obra, sobretudo a representação feminina no panorama literário bissau-guineense. O propósito desta pesquisa orienta-se pela tentativa de compreender se as representações das mulheres atuam como crítica social ou como reforço dos estereótipos presentes nas diversas manifestações culturais e sociais. Com critério metodológico, situamo-nos em Patrícia Godinho Gomes (2016) ao observar, em seus estudos, que entre os historiadores houve um interesse crescente por identificar figuras femininas africanas com passados gloriosos, enquanto a literatura tendia a silenciar as vozes das protagonistas principais. Por outro lado, Ruth Silviano Brandão (1989) sustenta que o foco e as metáforas da ficção literária são produto do imaginário de quem escreve; portanto, as personagens femininas criadas por autores masculinos são elaboradas a partir de perspectivas masculinas e das concepções que estes têm sobre o ser feminino. Discute-se a razão de o autor, sendo homem, optar por uma obra que aborda as questões relativas aos papéis femininos no contexto guineense, como justificativa para compreender sua produção literária; entende-se que seus textos não se restringem à narração dos acontecimentos ou à denúncia, mas adotam também um olhar atento sobre a nação, reconhecendo o papel crucial que a mulher desempenha em diversas dimensões sociais. Assim, dialogaremos com outras leituras como Percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau (2016), de Patrícia Godinho Gomes; e entre outros, para subsidiar nossa pesquisa e contribuir para a divulgação da literatura bissau-guineense.

"UM CÃO NO MEIO DO CAMINHO", DE ISABELA FIGUEIREDO: VIVÊNCIAS SOLITÁRIAS NO PÓS-25 DE ABRIL

Roberta Guimarães Franco Faria de Assis

Resumo: Em 2022, após sete anos de hiato, Isabela Figueiredo publicou Um cão no meio do caminho. Embora o romance se afaste dos temas tratados nas obras anteriores, especialmente dado o significativo distanciamento de aspectos autobiográficos/autoficcionais, alguns elementos da sociedade portuguesa pós-25 de abril têm o seu lugar. As histórias de solidão de dois vizinhos, José Viriato e Beatriz, cruzam-se em 2018 e a perspectiva em primeira pessoa, conduzida pelo primeiro, é responsável por dar a conhecer sobretudo a sua própria história, mas também a do encontro entre os dois. José Viriato vive com seus dois cães e trabalha garimpando lixo e vendendo os objetos recolhidos na Feira da Ladra. Beatriz vive só,

cercada por um incontável número de caixas que guardam todos os tipos de objetos. Grande parte do livro é formada pelas retrospectivas da infância de José Viriato, que mostram um Portugal logo após a Revolução dos Cravos, mas sem grandes enfoques em episódios históricos. A escrita de Isabela Figueiredo não se afasta do recorte temporal pós-25 de abril que marcou as obras anteriores. No entanto, ao distanciar-se de memórias específicas que envolviam o trânsito Moçambique-Portugal e evidenciavam dinâmicas familiares extremamente afetadas pelo contexto do "retorno", a escritora destaca a solidão de uma sociedade ainda bastante fechada. A desestruturação familiar, dentre vários motivos, também uma consequência da migração, permanece como um tema e, se não podemos olhar Portugal e a literatura portuguesa contemporânea apenas pelo recorte da Revolução dos Cravos e do contexto mais amplo que a envolve, tampouco é possível ignorar os vários segmentos da sociedade portuguesa afetados por essa história recente. Este trabalho, parte da pesquisa financiada pelo CNPq, pretende discutir a abordagem da solidão e do afeto como elementos que conferem densidade às questões históricas que, por sua vez, não configuram o plano central do romance.

O TESTEMUNHO DE SATÃ: A MEMÓRIA EM "APARIÇÃO", DE VERGÍLIO FERREIRA

Sidney Prando Lindini

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância do processo da escrita testemunhal e mnemônica no romance Aparição de Vergílio Ferreira. O personagem do livro, o professor e poeta, Alberto Soares, é lido como um melancólico quando se mobiliza a longa tradição ocidental a despeito do acidioso. Visto de forma crítica, as reflexões do melancólico mimeticamente representado no romance provocam um abalo no status quo da cidade de Évora que, por sua vez, serve de metáfora para um Portugal salazarista. Não por isso, escrito em 1959, o romance reflete o período ditatorial português onde, estabelecidas ideologias que escreveram o modo de ser e pensar no país, a influência das ideias metafísicas promovidas por Alberto confrontam os valores autoritários da época. Por sua vez, o poeta irá desestabilizar a normatização ética e moral das demais personagens e, assim sendo, os leva a refletir sobre a própria alienação social. Estando o Estado e sua soberania vigente sob perigo de ser transgredidos pela presença do melancólico que às abala, é necessário transformar esse em um inimigo, um monstro: Satã. Para tanto, a demonização do melancólico por um sistema autoritário o leva a tecer o seu testemunho, prova de sua sobrevivência frente a tentativa de extermínio/expulsão social, anos após os eventos que o inscreveram como monstro.

XX ABRALIC
40 ANOS DEPOIS
COMPARATISMOS, PERMANÊNCIAS E RENOVAÇÕES

KAKOMBOLA: A SILHUETA KUVALE REFLETIDA SOBRE A NAÇÃO ANGOLANA

Taiana de Araujo Machado

Resumo: Em "Tempo de ouvir o 'outro' enquanto o 'outro' ainda existe, antes que haja só o outro…" (2010), conferência proferida por Ruy Duarte de Carvalho em 2008, o autor estabelece três categorias de outridade analisadas à luz da crítica ao colonialismo eurocêntrico. Em sua leitura, o "Outro", entre aspas, são os sujeitos marcados por práticas e comportamentos menos ocidentalizados, que exercem sua outridade em consonância com hábitos e tradições mais ou menos pré-coloniais e sofrem pressão cotidiana pela ocidentalização. Visto que o modelo ocidental se encontra em decadência, o autor aponta para a necessidade de ouvir o "Outro" como forma de enfrentar a crise global. Em sua obra Vou Lá Visitar Pastores (2000), o autor comenta o olhar angolano sobre os Kuvale, grupo étnico-linguístico que habita o sul do território: "Portanto, para já, os Mucubais são gatunos [...]. Algo entre a estigmatização, o desprezo e o fascínio do exótico" (CARVALHO, 2000, p. 29). Essa projeção compõe uma progressão histórica de silenciamento que culmina na Guerra dos Mucubais, também chamada Kakombola. Expressão final dos embates com o regime colonial, o conflito, cujo auge ocorre entre 1930 e 1943, produziu reflexos sociais com os quais os Kuvale ainda precisam lidar. A independência de Angola, em 1975, e o consequente projeto de nação angolana não recuperaram as memórias desse massacre nem incorporaram esse grupo à matriz nacional. Assim, os Kuvale sofrem um duplo apagamento: o das violências coloniais e o da negligência do projeto nacional. A presente comunicação parte da narrativa de Vou Lá Visitar Pastores para localizar a imagem dos Kuvale no projeto nacional pós-independência, sublinhando a potência da escrita de Ruy Duarte de Carvalho como resgate de eventos históricos deixados à margem da história oficial e destacando a narrativa literária como arquivo e instrumento de recuperação das memórias.